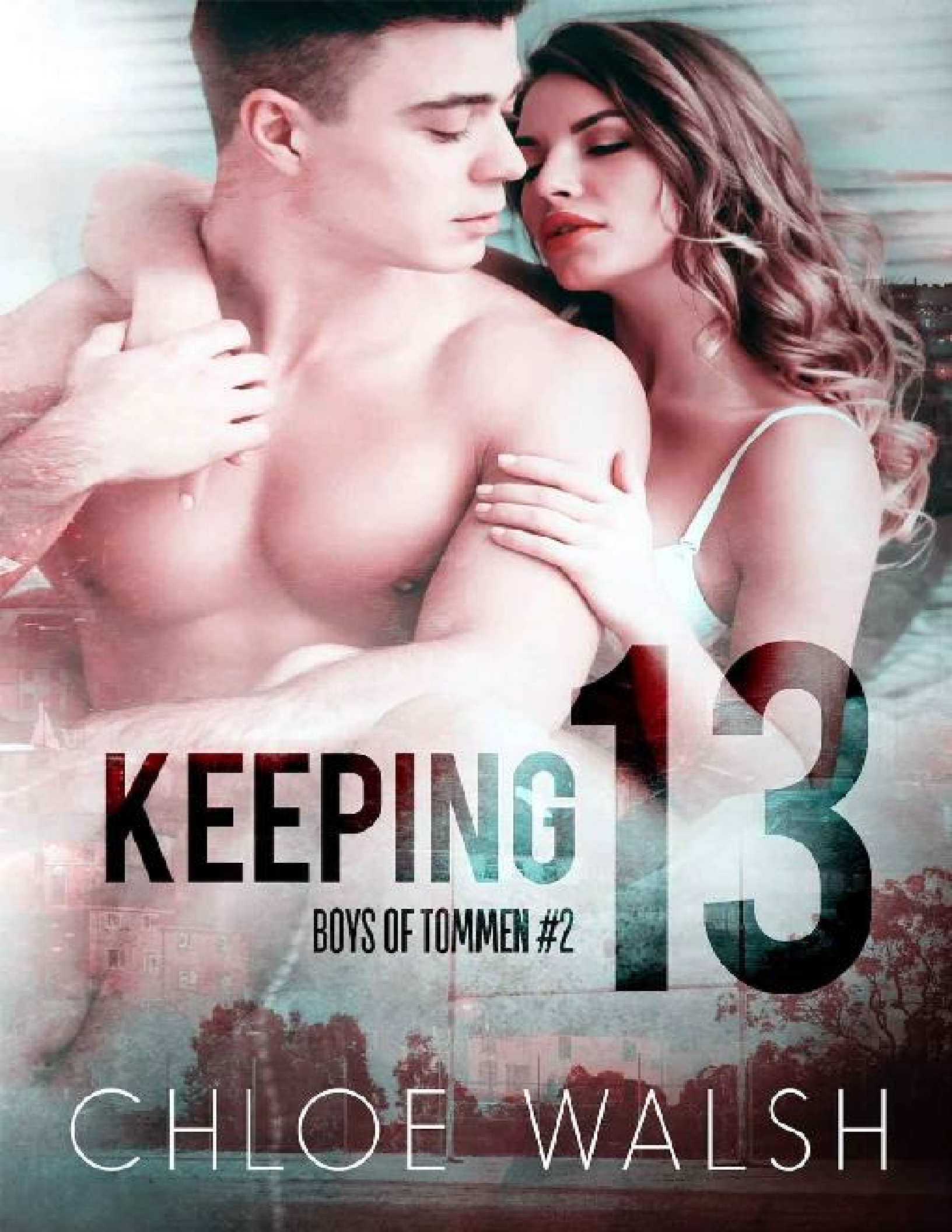

KEEPING 13
BOYS OF TOMMEN #2
CHLOE WALSH


MONDAYS ARE FOR FRESH STARTS
BOOKWORM'S CAFE
1 ANO

Nota da autora

Situado em Cork, na Irlanda, e repleto de personagens irlandeses jovens, a série *Boys of Tommen* é baseada nas vidas de Johnny Kavanagh, Shannon Lynch, o adorável Gibsie e seus amigos enquanto eles navegam pela vida em sua prestigiosa escola particular, Tommen College, e se preparam para a vida adulta. Cheios de humor e mágoa, rúgbi e romance, *Boys of Tommen* certamente conquistarão seu coração.

Keeping 13 é o segundo livro de Boys of Tommen. Espero que você goste de ler sobre esses personagens tanto quanto eu gostei de escrevê-los. Observe que há um glossário no final deste livro para definições de gírias irlandesas e pronúncias.

Obrigada por lerem. xox

Dedicatória

Para Nikki Ashton, uma amiga preciosa para a vida.

Tabela de Conteúdos

Nota da autora

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51

52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79

80
81
82
Agradecimentos
Cena bônus
Glossário
Pronúncias
Playlist para Shannon
Playlist para Johnny
Cenas e momentos das músicas

AVISO — BWC

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Bookworm's Cafe. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- **Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);**
- **Não comente com o autor que leu este livro traduzido;**
- **Não distribua este livro como se fosse autoria sua;**
- **Não faça montagens do livro com trechos em português;**
- **Se necessário, finja que leu em inglês;**
- **Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.**

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos exclui-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

I
Ele ou Nós
Shannon

— Faça uma escolha, mãe — Joey diz. — Ele ou nós?

Entorpecida até os ossos, me sento na cadeira frágil da mesa da cozinha, com um pano de prato pressionado na bochecha, e prendo a respiração por dois motivos.

Primeiro, meu pai está a menos de um metro de distância de mim, e esse conhecimento em particular faz meu corpo desligar.

Em segundo lugar, dói respirar.

Largando a toalha encharcada de sangue na mesa, viro para o lado e tentei descansar meu corpo contra o encosto da cadeira, apenas para gemer de agonia quando uma onda de dor percorre meu corpo.

Minha carne parece ter sido mergulhada em gasolina e incendiada.

Cada centímetro do meu corpo está *queimando*, gritando em protesto cada vez que eu inalo muito profundamente. Eu estou em apuros, percebo. Algo estava seriamente errado comigo e ainda assim, eu permaneço exatamente onde estou, exatamente onde Joey me colocou, sem um pingo de luta dentro de mim.

Isto é ruim.

Isso é muito ruim, Shannon.

Os sons dos soluços e fungadas dos meus irmãos mais novos enquanto eles se amontoam atrás de Joey são quase demais para suportar.

Eu não consigo olhar para eles, no entanto.

Se eu olhasse, eu sei que vou quebrar.

Em vez disso, concentro minha atenção em Joey, tirando força de sua bravura enquanto encara nossos pais e exige *mais*.

Enquanto ele tenta nos salvar de uma vida da qual nenhum de nós está escapando.

— Joey, se você se acalmar por um momento... — mamãe começa a dizer, mas meu irmão não a deixa terminar.

Totalmente enfurecido, Joey entra em erupção como um vulcão bem ali no meio da nossa cozinha decadente.

— Não se atreva a tentar escapar dessa porra! — Apontando um dedo acusador para nossa mãe, ele rosna: — Apenas faça a coisa certa por uma vez na porra da sua vida e coloque-o para *fora*.

Eu posso ouvir o desespero em sua voz, as últimas faíscas de sua fé nela, desaparecendo rapidamente, enquanto ele implora que ela o *ouvisse*.

Mamãe apenas senta no chão da cozinha, seu olhar piscando sobre cada um de nós, mas nunca se movendo para ir até nós.

Não, ela permanece exatamente onde está.

Ao lado *dele*.

Eu sei que ela tem medo dele, eu entendo como era ficar petrificada com o homem em nossa cozinha, mas *ela* era a adulta. Ela deveria ser a adulta, a mãe, a protetora, não o garoto de dezoito anos em cujos ombros esse papel havia caído.

— Joey — ela sussurra, dando-lhe um olhar suplicante. — Podemos apenas...

— Ele ou nós — Joey repete a mesma pergunta várias vezes, o tom ficando mais frio. — Ele ou nós, mamãe?

Ele ou nós.

Três palavras que deveriam ter mais significado e importância do que qualquer outra pergunta que eu já ouvi. O problema era que eu sabia em meu coração que qualquer resposta dada, qualquer mentira que ela dissesse a si mesma e a nós, o resultado final seria o mesmo.

Sempre era o mesmo.

Acho que nesse momento meus irmãos percebem isso também.

Joey certamente percebe.

Ele parece tão desapontado consigo mesmo enquanto está na frente de nossa mãe, esperando por uma resposta que não mudaria nada, porque as ações falam mais alto que palavras e nossa mãe era uma marionete viva, vivendo sob as rédeas que nosso pai segura.

Ela não pode tomar uma decisão.

Não sem a permissão *dele* primeiro.

Eu sei que, embora meus irmãos mais novos estivessem orando por uma solução, esse seria o momento anticlímax.

Nada mudará.

Nada será consertado.

O kit de primeiros socorros será trazido, o sangue será enxugado, as lágrimas serão enxugadas, uma história de acobertamento será inventada, nosso pai

desaparecerá por um ou dois dias, e então tudo voltará a ser do jeito que sempre foi.

Promessas feitas, promessas quebradas – o lema da família Lynch.

Estávamos todos acorrentados a esta casa como um grande carvalho às raízes. Não há como escapar disso. Não até que todos atingíssemos a maioridade e fossemos embora.

Muito exausta para pensar nisso, eu me afundo na cadeira, absorvendo tudo e não absorvendo nada. Era quase como uma sentença de prisão sem liberdade condicional.

Caindo para a frente, eu agarro minhas costelas e espero que tudo acabe. A adrenalina dentro de mim está se dissipando rapidamente, substituída por mais dor do que eu posso suportar conscientemente. O gosto de sangue em minha boca é espesso e potente, a falta de ar em meus pulmões está me deixando com vertigem e tontura. Meus dedos oscilam entre dormentes e formigando.

Tudo dói e eu estou farta.

Eu estou completamente farta da dor e dessas merdas.

Eu não quero essa vida em que nasci.

Eu não quero essa família.

Eu não quero essa cidade ou as pessoas nela.

Eu não quero nada disso.

— Eu quero que você saiba de uma coisa — Joey finalmente fala quando ela não responde. Seu tom é frio como gelo quando ele cospe as palavras que eu sei que estão girando dentro dele como veneno que precisava ser exorcizado das profundezas de seu coração fraturado. Eu sei porque sinto o mesmo. — Eu quero que você saiba que eu te odeio mais agora do que eu *já* odiei ele. — Seu corpo está tremendo, suas mãos fechadas em punhos ao seu lado. — Eu quero que você saiba que você não é mais minha mãe, não que eu já tenha tido uma dessas para começar. — Ele aperta a mandíbula, se esforçando para evitar que a dor dentro dele fosse expelida. Seu orgulho se recusa a permitir que ele mostre emoção na frente dessas pessoas. — A partir deste momento, você está *morta* para mim. Todas as suas merdas? Cuide disso sozinha. Da próxima vez que ele bater em você? Eu não estarei lá para protegê-la. Da próxima vez que ele gastar todo o dinheiro e você não puder alimentar as crianças ou ligar a energia de novo? Encontre outro idiota para conseguir dinheiro. Da próxima vez que ele te jogar escada abaixo ou quebrar a porra de seu braço em uma de suas birras de bêbado? Eu vou fechar os olhos como você fez aqui nesta cozinha. A partir deste

dia, eu não estarei lá para protegê-la dele, assim como você não está aqui para nos proteger.

Eu me encolho com cada palavra que sai de seus lábios, sentindo sua dor na parte mais profunda da minha alma enquanto se mistura com a minha.

— Não fale com sua mãe assim — nosso pai rosna, em tom ameaçador, enquanto se levanta, todos os seus um metro e noventa e os cem quilos dele. — Seu pequeno ingrato...

— Nem pense em falar comigo, seu pedaço de merda nojento — Joey avisa, olhando carrancudo para papai. — Eu posso ter seu sangue, mas é só isso. Você e eu terminamos, velhote. Você pode queimar no inferno que eu não ligaria. Na verdade, eu sinceramente espero que vocês dois o façam.

Sinto uma mão apertar suavemente meu ombro então, me assustando e me fazendo gemer de dor.

— Está tudo bem — Tadhg sussurra, mantendo a mão no meu ombro. — Estou aqui.

Fecho os olhos enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Você acha que pode falar assim comigo? — Papai enxuga o rosto com as costas da mão e, ao fazê-lo, deixa um rastro de sangue no braço. — Você precisa se acalmar, garoto...

— Você está *me* chamando de garoto? — Joey joga a cabeça para trás e ri sem humor. — Eu? Aquele que cuidou da porra dos seus filhos a maior parte da minha vida? Aquele que está limpando as bagunças de ambos, cuidando de ambas as suas responsabilidades, suprindo a ausência de dois pais inúteis e de merda? — Joey joga as mãos para cima em indignação. — Eu posso ter apenas dezoito anos, mas sou mais homem do que você *jamais* será!

— Não abuse da sorte — o pai rosna, com os olhos vermelhos e sóbrio rápido. — Estou te avisando...

— Ou o quê, porra? — Joey provoca com um dar de ombros descuidado. — Você vai me bater? Me espancar? Me chutar? Me bater com seu cinto? Jogar um hurley para minhas pernas? Rebentar uma garrafa na minha cabeça? Me aterrorizar? — Ele balança a cabeça e zomba. — Adivinha só? Eu não sou mais um garotinho assustado, velhote. Não sou uma criança indefesa, não sou uma adolescente assustada e não sou sua esposa maltratada.

Estreitando os olhos verdes, ele acrescenta:

— Então, o que quer que você faça comigo, posso prometer que vou retrucar dez vezes mais.

— Saia da minha casa — papai sussurra em um tom mortalmente quieto. — Agora, rapaz.

— Teddy, pare! — Minha mãe lamenta, correndo para ele. — Você não pode...

— Cala a boca, mulher! — Papai ruge, voltando sua fúria para nossa mãe. — Eu vou quebrar sua cara! Você está me ouvindo?

Estremecendo, mamãe olha para Joey, com expressão desamparada.

Joey permanece rígido, claramente travando uma batalha interna, mas não vai até ela.

— Você não pode expulsá-lo... — As palavras de mamãe se vão enquanto ela olha com puro medo para o homem com quem se casou. — Por favor. — Lágrimas escorrem por suas bochechas pálidas. — Ele é meu filho...

— Ah, então agora eu sou seu filho? — Joey joga a cabeça para trás e ri. — Não me faça nenhum favor.

— Isso é culpa sua, garota — nosso pai late então, virando-se para me encarar. — Se prostituindo pela porra da cidade, causando problemas para esta família! Você é o problema daqui...

— Nem pense nisso — Joey avisa, a voz subindo. — Mantenha seus malditos olhos longe dela.

— É a verdade — papai rosna, mantendo seus olhos castanhos fixos no meu rosto. — Você é um desperdício de espaço e sempre foi.

Com uma expressão cruel gravada em seu rosto, ele acrescenta:

— Eu contei à sua mãe sobre você, mas ela não quis ouvir. Eu sabia, no entanto. Mesmo quando você era pequena, eu sabia que tipo você era. Uma maldita insignificante. — Furioso para mim, ele cospe: — Não sei de onde você veio.

Olho de volta para o homem que passou minha vida inteira me aterrorizando. Ele está no meio da cozinha, uma força formidável a ser considerada, dois braços fortes presos a punhos que causaram mais danos ao meu corpo do que eu consigo me lembrar. Mas foram suas palavras, sua língua, que me danificaram muito mais profundamente.

— Isso é mentira, Teddy! — Mãe solta — Shannon, querida, isso não é...

— Nós nunca quisemos você — papai continua a me atormentar com suas palavras. — Você sabia disso? Sua mãe deixou você por uma semana no hospital, debatendo se deveria ou não desistir de você até que a culpa a dominasse. Mas eu nunca mudei de ideia. Eu não podia olhar para você, muito menos te amar.

— Shannon, não dê ouvidos a ele — Joey ordena, o tom cheio de emoção agora. — Não é verdade. O bastardo está desequilibrado. Apenas bloqueie. Você está me ouvindo, Shan? Bloqueie *ele*.

— Eu também não queria você — papai rosna, virando seu olhar para Joey.

— Meu coração está sangrando — Joey retruca zombeteiramente.

— Bem, nós sentimos o mesmo por você — Tadhg rosna, a mão tremendo no meu ombro enquanto ele olha para o nosso pai. — Nenhum de nós quer *você*!

— Tadhg — Joey diz em um tom baixo de advertência, pânico iluminando seus olhos. — Fique quieto. Eu cuido disso.

— Não, eu não vou ficar quieto, Joe — Tadhg exclama, cheio de mais raiva do que qualquer menino de onze anos deveria carregar. — Ele é a porra do problema nesta família e ele precisa ouvir isso.

— Suma com ele da minha vista! — Papai ruge, voltando sua atenção para mamãe, que paira um pouco afastada dos dois. — Agora, Marie! — Papai grita, apontando um dedo para ela. — Tire-o antes que eu acabe com o pequeno bastardo.

— Eu gostaria de ver você tentar porra — Joey zomba, afastando Ollie e Sean, que estão agarrados lado a lado, atrás dele.

— Não! — Fungando, mamãe se move para ficar entre nosso pai e Joey. — *Você* precisa ir.

Papai dá um passo em direção a ela e mamãe automaticamente se encolhe, as mãos se projetando na frente do rosto.

É o epítome do patético.

Nenhum de nós teve uma chance de lutar com essas pessoas.

Como o amor e o medo podem coincidir em um coração humano?

Como ela pode *amar ele* quando o teme tanto?

— O que você disse para mim? — ele sibila, voltando sua fúria para nossa mãe. — O que *diabos* você disse para mim!

— Vá embora — mamãe engasga, tremendo da cabeça aos pés, enquanto dá alguns passos para trás. — Terminou, Teddy. Eu terminei, nós terminamos. Eu não posso... eu preciso que você *vá embora*!

— Você terminou? — Papai zomba, olhando para ela. — Você acha que está me deixando? — Ele ri cruelmente. — Você é minha, Marie. Você me ouve? Você é minha, porra. — Ele dá outro passo em direção à minha mãe. — Acha que pode me expulsar? Se afastar de mim?

— Apenas vá — mamãe exclama. — Eu quero que você vá, Teddy! Saia de nossas vidas.

— Você acha que tem uma vida sem mim? Você não é *nada* sem mim, vadia! — Papai ruge, os olhos selvagens e cheios de loucura desenfreada — A única maneira de você me deixar é em uma caixão, mulher! Eu vou te matar antes de deixar você me deixar. Você está me ouvindo? Eu vou queimar essa porra de casa com você e sua buceta antes que eu te deixe ir.

— Pare. — Um pequeno grito sai da garganta de Ollie quando ele agarra a perna de Joey. — Faça-o parar — ele soluça, agarrando-se ao nosso irmão como se ele tivesse todas as respostas. — Por favor.

— Você é uma garota agora? — Papai exige, parecendo enojado. — Seja homem, Ollie, seu maricas!

— Já chega, Teddy! — Mamãe grita, apertando o peito. — Saia!

— Esta é a porra da minha casa — papai ruge de volta. — Eu não vou a lugar nenhum!

— Tudo bem — Joey declara em um tom frio antes de se virar para olhar para nossos irmãos. — Ollie, vá para fora e leve Sean com você. — Deslizando a mão no bolso da calça jeans, Joey tira o telefone e entrega a ele. — Aqui, pegue isso e ligue para Aoife, ok? Ligue para ela e ela virá nos buscar.

— Não, não, não! — Mamãe começa a entrar em pânico. — Joey, por favor, não os tire de mim.

Assentindo uma vez, Ollie segura a mão de Sean e sai correndo da cozinha, passando reto pelos braços estendidos de nossa mãe sem hesitar.

Aos nove e três anos, eles não confiam nela. Porque eles sabem, mesmo em suas tenras idades, quer ela quisesse ou não, sua mãe inevitavelmente os decepcionaria.

— Eu disse a ele para ir... eu disse a ele, Joey. Por favor, eu escolho vocês. Claro, *claro*, eu escolho vocês! — Correndo na direção do meu irmão, mamãe agarra o moletom de Joey em suas mãos frágeis e olha para ele. — Por favor, não faça isso... por favor, Joey. Não leve meus filhos.

— Como você é boa para eles quando você não pode nem mantê-los seguros? — Joey exige, imóvel. Sua voz está tremendo, porém, enquanto nossa mãe se agarra a ele, implorando por mais uma chance de nos decepcionar. — Você é a porra de um fantasma nesta casa — ele diz. — Você é o papel de parede, mãe. Um rato. — Ele passa a mão trêmula pelo cabelo loiro e sibila: — Você *não é boa* para nós!

— Joey, espere... espere! Por favor, não faça isso. — Agarrando as mãos do meu irmão, ela cai de joelhos e começa a implorar. — Não os tire de mim.

— Eu não posso deixá-los aqui — Joey exclama, com o peito arfando. — E você fez sua escolha.

— Você não entende — ela grita, balançando a cabeça. — Você não vê.

— Então se levante, mãe — Joey engasga, tom suplicante. — Levante-se e *saia* desta casa comigo.

— Não posso. — Balançando a cabeça, mamãe exala um soluço quebrado. — Ele vai me matar.

— Então morra — é tudo que Joey responde, tom vazio de qualquer emoção.

— Deixe-o ir, Marie — papai late, o tom misturado com malícia. — Ele vai voltar com o rabo entre as pernas. Essa escória é inútil. Não vão sobreviver um dia sozinhos...

— Cale-se! — Mamãe grita, mais alto do que eu já a tinha ouvido. Fungando, ela fica de pé e se vira para encarar papai. — Apenas cale a boca! Isso é tudo culpa sua. Você arruinou minha vida. Você destruiu meus filhos. Você é um maldito louco–...

Pow.

As palavras de nossa mãe se transformam em um choro lamentoso quando o punho de nosso pai se conecta com força total em seu rosto. Ela cai no chão como um saco de pedras.

— Acha que você pode falar comigo assim? — Papai rosna, olhando carrancudo para mamãe. — Você é a pior de todos, sua puta de merda!

Leva dois segundos para Joey voltar atrás em tudo o que acabou de dizer, porque suas mãos disparam quando ele empurra o nosso pai para longe dela.

— Mantenha suas malditas mãos longe da minha mãe. — Ele o empurra com força novamente. — Não toque nela! — Agachando-se, Joey tenta colocar mamãe de pé. — Mãe, por favor... — Sua voz falha quando ele se ajoelha no chão e tira o cabelo do rosto dela. — Apenas *se afaste* dele. — Ele segura o rosto dela com as mãos ensanguentadas. — Vamos dar um jeito, ok? Vamos resolver isso, mas não podemos ficar aqui. Eu vou cuidar de você...

— Quem diabos você pensa que é? — Papai ruge ameaçadoramente, avançando para Joey. — Acha que sabe tudo, garoto? Acha que é melhor que eu? — Apertando sua mão enorme em volta do pescoço de Joey, ele o força a ficar de joelhos. — Acha que pode tirá-la de mim? Ela não vai a lugar nenhum! — Papai pressiona mais forte, empurrando a testa de Joey para o chão de

ladrilhos. — Eu disse que colocaria boas maneiras em você, seu ingrato, seu pequeno bastardo. — Ele pressiona o joelho na parte inferior das costas de Joey, deixando-o indefeso. — Acha que você é um homem agora, garoto? Mostre a sua mãe que tipo de homem você é, chorando de joelhos como uma putinha.

— Pare com isso! — Mamãe grita e puxa os ombros do meu pai. — Saia de cima dele, Teddy.

— Eu sou mais homem do que você — Joey sibila, a voz abafada pela força que está levando para se sustentar com o peso de nosso pai pairando sobre ele.

— Ah, você acha? — Papai agarra um punhado do cabelo de Joey, puxa para trás e então bate com o rosto dele nos ladrilhos. — Você é um pedaço de merda, garoto.

Cuspindo um bocado de sangue, Joey planta as mãos nos ladrilhos mais uma vez e ergue o corpo, tentando desesperadamente e não conseguindo se libertar do aperto de nosso pai, enquanto continua a bater o rosto contra os ladrilhos. O som de osso sendo esmagado enche meus ouvidos e meu estômago revira, mas Joey se recusa a ceder.

— Isso é tudo que você tem? — Ele mostra os dentes, o sangue brilhando sobre o branco, enquanto rosna e luta loucamente contra o aperto de papai. — Você está perdendo o jeito, velhote!

— Saia dele! — A mãe continua a gritar enquanto puxa os ombros do pai. — Teddy, você vai matá-lo!

— Bom! — Papai ruge, jogando um braço para trás e derrubando mamãe mais uma vez. — E você é a próxima, sua puta traíra!

Tremendo violentamente, me movo para fazer alguma coisa, mas não *consigo.*

Eu não consigo fazer meus membros se *moverem*.

Eu não tenho forças dentro de mim para voltar.

Anos de maus-tratos, misturados com a surra que eu acabei de levar, me levam ao ponto em que, aos dezesseis anos, eu não consigo ficar de pé sozinha.

Patética, eu permaneço caído na cadeira que Joey tinha me colocado, com sangue fluindo livremente pelo meu rosto, e meu coração desacelerando no meu peito.

Eu estou morrendo, percebo. Isso, ou meu corpo entrou em choque. De qualquer forma, algo está muito errado comigo, e eu não posso ajudar a única pessoa que nunca deixou de me ajudar.

Com minha cabeça girando descontroladamente, eu assisto com os olhos vidrados enquanto Joey consegue torcer seu corpo para o lado, apenas para

ambos acabarem lutando no chão.

Meu coração despenca na boca do estômago quando nosso pai ganha mais uma vez. Com a mão enrolada na garganta de Joey, ele fecha o punho e começa a bater-lhe repetidamente no rosto. Joey corcoveia freneticamente debaixo dele, tentando desesperadamente sair debaixo dele, mas não adianta. Nosso pai tinha pelo menos uma vantagem de vinte quilos a mais com ele.

Ele vai morrer, o fogo em meu coração grita, *salve-o.*

Eu tento.

Em pânico, tento chegar até Joey, mas simplesmente não consigo me mexer.

Sinto como se tivesse ficado paralisada.

— Ajude-a — eu posso ouvir Joey exclamar, tossindo e cuspindo. — Porra, ajude-a!

Ajudar quem?

Ajudar quem, Joe?

A cada poucos segundos minha visão fica em branco e eu sei que isso significa que eu devo estar entrando e saindo da consciência. Eu também sei que isso era um mau sinal, alertando-me para o fato de que ele havia me machucado mais do que antes.

Muito pior.

Com o canto do olho, noto Tadhg se movendo para o armário. Abrindo uma das gavetas, ele saca uma faca e, sem hesitar, ataca.

Faça isso, envio um apelo silencioso aos céus para dar ao meu irmão a coragem de *fazer isso.*

— Saia de cima do meu irmão! — Tadhg grita enquanto segura a ponta da faca na garganta de nosso pai, a mão firme como uma rocha, os olhos fixos em nosso pai.

— Tadhg, abaixe a faca — mamãe grita, movendo-se lentamente em direção a ele. — Por favor, bebê.

— Foda-se — Tadhg retruca, sem tirar os olhos de nosso pai. — Sai. De. Cima. Do. Meu. Irmão.

Faça isso, Tadhg, rezo silenciosamente, *faça-o parar para sempre.*

— Não seja estúpido, garoto — papai ri, mas não há humor em sua voz agora, apenas apreensão.

Bom.

Tenha medo.

— Eu não sou estúpido — Tadhg responde, a voz mortalmente fria. — E eu não sou Joey. — Ele se aproxima, pressionando a ponta da faca que mordia mais perto. — Eu não vou parar porque Shannon diz isso.

Meu coração se parte.

Ele tem onze anos e é nisso que o transformaram.

Eu estou rezando para ele matar nosso pai, para acabar com isso.

O que diabos isso me torna?

Uma parte de mim quer implorar ao meu irmão para enfiar aquela faca em mim para que eu possa acabar com tudo.

Todos são tão fortes e eu era fraca.

Eu não sou forte o suficiente.

Eu não posso me recuperar como o resto deles.

Eu sou o defeito.

— Tadhg — Joey ofega do chão, peito subindo e descendo rapidamente enquanto ele respira fundo após respiração desesperada em seus pulmões, a mão de nosso pai ainda em volta de sua garganta — Está tudo bem. — Seu rosto está coberto de sangue, seu nariz claramente quebrado novamente. Ambas as mãos estão em volta da mão que papai segura em sua garganta. — Apenas vá com calma...

— Não está tudo bem, Joe — Tadhg responde, a voz vazia de qualquer emoção. — Nada disso está bem.

— O que você vai fazer, garoto? — Nosso pai zomba, ainda montado em Joey, mas seus olhos injetados de sangue estão cheios de ansiedade e travados em meu irmãozinho. — Me esfaquear?

— Sim.

Achando que ele blefava, papai estende a mão para pegar a faca, mas rapidamente recua quando um fio de sangue escorre pelo lado de seu pescoço.

— Jesus Cristo, Tadhg! — ele grita, a garganta balançando nervosamente. — Você me cortou.

— Isso acaba agora — responde Tadhg, dando mais um passo à frente. — Saia de cima do meu irmão e saia desta casa para sempre, ou eu vou cortar sua garganta e você pode morrer.

Eu não tenho certeza se era um alívio imenso ou um arrependimento amargo que sinto quando vejo meu pai soltar Joey e ficar de pé.

Uma mistura de ambos, eu suspeito, embora fosse difícil formar pensamentos coerentes, então eu não posso ter certeza.

Cansada demais para suportar meu próprio peso corporal, me inclino para frente e descanso meu rosto na mesa. Tomando respirações rápidas e curtas, tento ficar parada, não me mover e empurrar meus ossos.

Tudo dói muito.

O gosto de sangue na minha boca, escorrendo no fundo da minha garganta, me faz engasgar.

Estremecendo, eu choramingo com o reflexo e simplesmente paro de me mover completamente.

Aceito a sensação dele deslizando pelo fundo da minha garganta, ao gosto metálico de cobre na minha língua.

Sentindo-me tonta e desconectada, permito que minhas pálpebras se fechem, bloqueando suas vozes enquanto gritam umas com as outras, concentrando-me na batida irregular do meu coração que troveja em meus ouvidos.

— Porra, ajude-a, por favor!

Tum, tum, tum.

— Eu vou te matar, Marie.

T-tum... tum, tum, tum.

— Vaza daqui!

Tum..... tum..... tum... tum.....

— Você é uma mulher morta andando.

Tum..... tum.....tum...tum....

Porta batendo.

Tummmmm.... tum.... tum..... tum...

— *Eu te amo, Shannon como o rio...*

Tum, tum, tum, tum...

A devastação inunda meu corpo, acompanhada por um profundo arrependimento. O rosto de Johnny é um farol de esperança perdido por trás das minhas pálpebras fechadas, enquanto eu aceito a mão que recebi.

Lágrimas quentes de amargura e arrependimento escorrem de meus cílios, espirrando em minhas bochechas e se misturando com o sangue seco.

Eu me sinto tão triste, como se tivesse sido roubada.

Talvez em outra vida as coisas pudessem ter sido diferentes.

Eu poderia ter sido feliz.

— *Acho que preciso de você para sempre...*

— O que há de errado com ela? — Ouço alguém exigir então, alguém que parecia muito com a namorada de Joey, Aoife. — Por que ela está sangrando pela

boca?

— *Não fique tão assustada. Eu não vou te machucar...*

— Shannon! Shannon! Jesus Cristo, faça alguma coisa!

— *Diga-me quem colocou as mãos em você e eu vou melhorar isso...*

— Olhe o que você fez! — Ouço minha mãe gritar.

— *Eu vou cuidar de você...*

— Chame uma ambulância.

— *Você está segura comigo...*

— Ela está morrendo. Ele matou minha irmã. E você não está fazendo nada!

— *Eu não vou deixar você cair... está tudo bem, eu te peguei...*

— Chame a porra de uma ambulância!

— *Fique comigo...*

Eu posso sentir o calor de duas mãos contra meu rosto e me deleito com o toque suave.

— Você pode me ouvir? — A voz de Joey enche meus ouvidos. — Eu vou tirar você daqui, ok?

— *Apenas continue me beijando...*

— Shannon, você pode me ouvir?

— *Eu te amo, Shannon como o rio...*

— Shan? — Sinto algo cutucar meu globo ocular então, os dedos de Joey, percebo, enquanto ele levanta minhas pálpebras. — Shannon, vamos, fale comigo.

Pálpebras se abrindo, eu me forço a me concentrar em seu rosto aterrorizado enquanto ele olha de volta para mim.

— Eu vou te ajudar, ok? — Ele exala uma respiração irregular. — A ambulância está a caminho.

Abro a boca para responder, mas nada sai.

Meus lábios não conseguem formar as palavras que eu preciso.

— Shannon, respire. — Minha mãe se agacha na minha frente então, ajoelhada ao lado dos pés de Joey, tocando meu rosto com uma mão enquanto segura um saco de ervilhas congeladas no meu peito com a outra. — Respire, Shannon — ela continua repetindo. — Respire, querida.

Está ajudando?

Está piorando?

Eu não sei.

Eu só sei que não *consigo* respirar.

A coisa mais assustadora era que eu não me importo.

Eu não estou em pânico.

Eu não estou com medo.

Eu estou... acabada.

— Shan — Joey repete, a voz subindo enquanto o medo envolvia suas feições. — Shannon, por favor. — Agachando-se na minha frente, ele coloca as duas mãos em meus ombros e me sacode suavemente. — Jesus Cristo, Shannon, fale comigo!

Tento, mas não sai nada.

Tossindo, eu começo a engasgar com o gosto estranho do metal quando ele sai da minha boca em um jorro grosso e gosmento.

Minha cabeça pende para um lado, trazida de volta à posição vertical quando Joey segura meu rosto em suas mãos.

— Aoife, me dê suas chaves — ele exclama, os olhos verdes colados aos meus. Soltando meu rosto, ele sai de vista. — Eu vou levá-la eu mesmo.

— Joey, não a mova. Ela pode ter problemas internos...

— Dê-me a porra das chaves, baby!

Sem a força de suas mãos me segurando, eu automaticamente caio para frente, apenas para cair pesadamente contra minha mãe.

— Está tudo bem — ela sussurra, envolvendo seus braços em volta de mim, os dedos movendo-se pelo meu cabelo. — Tudo vai ficar bem.

Eu gostaria de poder segurar meu próprio peso e não me apoiar em minha mãe. Eu não quero seu toque, mas não tenho mais nada dentro de mim.

A última coisa que me lembro antes que a escuridão me envolva é o toque do meu irmão quando ele me envolve em seus braços, seguido pelo som de sua voz enquanto ele sussurra as palavras “não me deixe” em meu ouvido.

2
Bolas chapadas
Johnny

Nada de rúgbi por pelo menos seis semanas.

Pai.

Repouso na cama por sete a dez dias.

Pai.

Seus pés não tocarão a grama até maio.

Pai.

Adutor rompido, aderências e hernia atlética.

Pai.

Reabilitação.

— Porra! — Agarrando os cobertores em volta do meu corpo, eu jogo minha cabeça para trás e abafo um rugido, sabendo que se eu tivesse outra explosão, eu ficaria sangrando sedado novamente. Eu estou por um triz com as enfermeiras paradas no corredor do meu quarto. Sair da cama para mijar e cair no chão ao lado da minha cama me colocou na lista negra. Eu recebi uma enorme bronca por não pedir ajuda, fui lembrado que eu tinha um cateter no lugar, e então ganhei outra injeção de seja lá o que diabos que eles continuam injetando no meu acesso intravenoso. Me disseram que era para dor, mas desconfio. Eu estou chapado demais. Ninguém precisa daquele volume de drogas em seu sistema. Nem eu, o idiota autoproclamado, com o pau quebrado. — Jesus Cristo, porra!

Piscando para afastar o borrão, tento me concentrar na parede oposta à minha cama com a televisão montada nela, e Pat Kenny apresentando o The Late Late Show, mas não adiantou. Continuo me distraindo, meus pensamentos me levando de volta para aquela palavra que está me assombrando, brincando no meu cérebro como um disco quebrado.

Pai.

Pai.

Pai.

— Pare! — Eu rosno com raiva, mesmo estando sozinha na sala. — Apenas pare de falar, porra.

Minha mente está pregando peças em mim, me deixando ansioso e no limite, e eu tenho a pior sensação na boca do estômago.

Minha ansiedade está tão forte que eu posso sentir o gosto.

Analgésicos, minha bunda.

Isso foi algo que fodeu com a minha cabeça.

Ninguém está me ouvindo.

Eu continuo dizendo a todos que algo não está certo e eles respondem me dizendo que está tudo bem e então me enchendo com mais do que diabos está correndo pelas minhas veias.

Eu sei que eles estão errados, mas eu não consigo enxergar direito, muito menos entender minha preocupação.

Quanto mais eles não me levam a sério, mais ansioso eu fico até me afogar em preocupação com algo que eu não consigo identificar.

É uma sensação horrível.

Minha mente está cambaleando, apenas uma palavra tocando dentro da minha cabeça como um disco arranhado.

Pai.

E apenas uma voz repetindo a mesma palavra várias vezes.

Shannon.

Eu não tenho ideia do por que estou reagindo do jeito que estou, mas meu coração está a noventa por hora. Eu sei disso porque toda vez que eu penso nela, a máquina em que eu estou ligado começa a apitar e piscar.

Não lido bem com a ansiedade. Simplesmente não tenho isso dentro de mim. Adrenalina, absolutamente, mas medo? Não, eu não me lido bem com medo. Especialmente quando o medo em meu coração era por outra pessoa.

Quando consigo treinar meus olhos na televisão, fiquei pensando "o que diabos Pat está fazendo na televisão?". O Late Late Show é um programa de sexta à noite, mas ei – o que diabos eu sei? Não muito, aparentemente, já que eu não consigo distinguir entre que noite da semana era.

Afundando no colchão, eu pisco para afastar a sonolência e tento pensar com clareza.

Furioso, eu viro minha cabeça de um lado para o outro, procurando mais.

Algo não está certo.

Na minha cabeça.

No meu corpo.

Eu sinto como se estivesse preso, um prisioneiro desta maldita cama, e é péssimo.

Furioso com o mundo e todos nele, bato meus dedos contra o colchão e faço uma recontagem dos painéis do forro.

Cento e trinta e nove.

Cristo, eu preciso sair desse quarto.

Eu quero ir para casa.

Para *Cork*.

Sim, eu estou tão desesperado que não quero mais estar em Dublin. Eu estou tendo um momento de recorrer a Jesus e não quero nada mais do que voltar para casa em Ballylaggin, cercado por tudo o que me é familiar.

Voltar para casa com Shannon.

Jesus, eu errei muito com ela.

Eu reagi horrivelmente.

Eu era um idiota.

A raiva cresce dentro de mim novamente, junto com a depressão e a devastação que seguem toda vez que eu penso no que o meu futuro reservava, que era a cada minuto do dia.

Dor? Eu estou com muita dor, mas meu corpo era a menor das minhas preocupações agora. Porque eu tinha perdido meus malditos sentidos. Minha cabeça está perdida, perdida, de volta a Cork com uma porra de uma garota.

Entediado e inquieto, olho pela janela do hospital para o céu escuro e depois de volta para a tela da televisão.

Foda-se isso.

Alcançando meu telefone, percorro trêmulo meus contatos, lutando para distinguir os nomes através da neblina, até encontrar o número que havia discado pelo menos doze vezes no passado sabe Deus quantas horas ou dias, e pressiono ligar.

Com muito esforço, consigo segurar o telefone no ouvido e espero, com a respiração suspensa, ouvindo o som desagradável da *chamada*, até ser recebido por sua mensagem de voz monótona.

— Joey. — Sentado para frente, tento colocar meu corpo na posição vertical, apenas para terminar puxando alguns fios presos ao meu corpo que não tinham nada que estar lá. — Me ligue de volta. — Exalando um grunhido de dor quando sinto uma sensação de ardor subir pelas minhas pernas, me concentro em obter a próxima frase sem enrolar. — Eu preciso falar com ela. — Eu tenho quase certeza

de que embolei minhas palavras de qualquer maneira, considerando que minha voz soa estranha para mim. — Eu não sei o que está acontecendo, Joey. Talvez eu esteja fodido da cabeça, estou chapado, mas estou preocupado. Estou com esse maldito pressentimento...

Bip.

— Bem, merda. — Me sentindo completamente derrotado, encerro a ligação e deixo cair meu telefone ao meu lado antes de cair de volta nos travesseiros.

Eu estou alucinando essa coisa toda?

Não, eu sei que estou no hospital.

Eu sei que ela esteve aqui para me ver.

Mas talvez eu estivesse me concentrando na palavra pai porque fiquei tão surpreso ao ver meu próprio pai aqui quando abri os olhos.

Pressionando meus lábios, ignoro a sensação de formigamento e entorpecimento e tento pensar com clareza.

Eu estou perdendo algo.

Quando se trata de Shannon Lynch, eu sinto que estou sempre três passos atrás.

Sonolento, tentei manter minha cabeça limpa, mas é impossível com a sensação quente e formigante dentro de mim exigindo que eu feche os olhos e absorva a sensação do nada.

— ... Se você quer saber o que se passa dentro dessa cabeça dela, então vale a pena...

— Foda-se, Joey, *o arremessador* — eu gaguejo, jogando as cobertas do meu corpo. — Eu *valho* a pena. — Colocando meus pés no chão, agarro o suporte de soro e me puxo para uma posição de pé. Todos os músculos do meu corpo protestam dolorosamente contra o movimento, mas eu o forço para baixo e cambaleio em direção à porta.

— Johnny! — Mamãe exclama quando me encontra no corredor alguns minutos depois. Ela está segurando dois copos de plástico em suas mãos e olhando para mim com um olhar horrorizado em seu rosto. — O que você está fazendo fora da cama, amor?

— Eu preciso ir para casa — eu grunho, arrastando meu acesso intravenoso junto comigo, enquanto eu mostro minha bunda para o mundo na camisola de hospital de pano presa apenas pelos meus ombros largos. — Agora mesmo, mãe — acrescento, enquanto me empurra para fora da parede contra a qual estou

descansando temporariamente, ignorando a dor lancinante percorrendo meu corpo e cambaleando desajeitadamente pelo corredor. — Eu preciso ir.

— Ir? — Mam recusa. — Você acabou de fazer uma cirurgia. — Correndo para me interceptar, mamãe coloca as mãos no meu peito e olha para mim. — Você não vai a lugar nenhum.

— Eu vou. — Eu balanço minha cabeça e tento dar um passo ao redor dela. — Vou voltar para Cork.

— Por que? — Mamãe exige, enquanto ela mais uma vez intercepta meu movimento e bloqueia meu caminho. — Qual é o problema?

— Algo está errado — eu digo, me sentindo tonto e vacilante. — Shannon.

— O que? — A preocupação brilha nos olhos de mamãe. — O que há de errado com Shannon?

— Eu não sei — eu rebato, me sentindo agitado e impotente. — Mas eu *sei* que algo está errado.

Franzindo a testa, tento procurar em meus pensamentos, para entender o que estou sentindo, mas só consigo dizer:

— Tenho que ajudá-la.

— Amor, são os remédios — ela responde, olhando para mim com a porra de um olhar simpático. — Você não está se sentindo bem.

Eu balanço minha cabeça, completamente perdido.

— Mãe, — eu resmungo com a voz rouca — eu estou te dizendo, tem algo *errado.*

— O que te dá tanta certeza?

— Porque... — Exalando pesadamente, eu caio contra a parede e dou de ombros impotente. — Eu posso *sentir* isso.

— Johnny, amor, você precisa se deitar e descansar.

— Você não está me ouvindo — eu rosno. — Eu sei, mãe. Eu sei, porra, ok?

— O que você sabe?

Eu caio em derrota.

— Eu não sei o que eu sei, mas eu sei que *deveria* saber! — Frustrado e confuso, eu solto — Mas ela sabe, e eu sei, e ela não vai me dizer, mas eu juro que todos eles sabem, mãe!

— Ok, amor — mamãe concorda, envolvendo seu braço em volta de mim. — Eu acredito em você.

— Você acredita? — Eu murmuro, me sentindo sonolento, mas um pouco saciado. — Graças a Jesus, porque ninguém está me ouvindo por aqui.

— Claro que acredito em você — ela responde, dando um tapinha no meu peito enquanto me leva de volta para o meu quarto. — E eu estou sempre ouvindo você, querido.

— Está?

— Mmm-hum.

— Eu odeio ser enganado, mãe — eu acrescento, descansando muito do meu peso em seu corpo esguio. — E ela está sempre mentindo para mim. — Meu nariz se contrai e eu aperto meus lábios, tentando lutar contra a dormência no meu rosto enquanto um cheiro familiar flutuou pelas minhas narinas. — Eu gosto do cheiro vindo de você, mãe. — Cheiro novamente, inalando o cheiro. — Cheira a casa.

— Jean Paul Gautier — mamãe responde, empurrando a porta do meu quarto para dentro. — O mesmo que eu sempre uso.

— É um cheiro bom — concordo, acenando para mim mesmo, enquanto mamãe me arrasta de volta para o meu quarto.

— Estou feliz que você aprova — mamãe ri.

— O que eu devo fazer agora? — Eu faço uma careta para minha cama, observando através de uma névoa turva enquanto minha mãe puxa os lençóis e acaricia o colchão. — Dormir?

— Sim, você deveria ir dormir, amor — mamãe encoraja, com um tom de persuasão. — Tudo ficará muito mais claro pela manhã.

Eu torço meu nariz para cima.

— Eu estou com fome.

— Vá dormir, Jonathon.

— Eu não gosto mais de Dublin — eu murmuro, caindo de volta na minha cama. — Eles estão me matando de fome neste lugar. — Fecho os olhos, o corpo afundando no colchão. — E todas as malditas drogas..

Sinto as cobertas sendo estendidas sobre meu corpo mais uma vez e, em seguida, um beijo suave na minha testa.

— Vá dormir, amor.

— Pai — eu murmuro, adormecendo. — Eu odeio essa palavra.

3
Continue respirando
Shannon

— Shan, você pode me ouvir?

Joey?

— Eu estou bem aqui.

Eu não posso te ver.

Sinto uma mão escorregar na minha.

— Apenas fique comigo, ok?

Eu estou assustada.

— Por favor, não me deixe.

Eu não quero.

— Estamos quase lá, Shan.

Quase lá onde?

— Apenas continue respirando, ok?

Não me deixe morrer aqui, Joey.

— Ela está respirando? Aoife... ela está respirando, baby?

Por favor...

— Eu não sei, Joe... tem muito sangue.

Me ajude!

— Apenas ajude ela... — ele soluça. — Faça ela respirar, porra!

Eu não quero morrer...

4

Jogando centavos e notícias bombásticas

Johnny

Quando acordo na segunda-feira de manhã, estou com a cabeça limpa e um tsunami de dor.

Independentemente de quanta dor eu esteja sentindo, eu sei que não vou reclamar disso. Não quando há uma grande chance de eles injetarem mais drogas em mim novamente.

O alívio da dor do tipo líquido que corre em suas veias é uma má ideia.

Não é brincadeira, eu estou chapado para cacete na maior parte do meu tempo desde a minha cirurgia, porque toda vez que um maldito médico ou enfermeiro me examina, eles consideram necessário mexer na porra do botão anexado ao acesso na minha mão e liberar mais loucura em meu sistema.

De acordo com a equipe de médicos que conheci esta manhã, além dos buracos em meu corpo pós cirurgia, eu estava tão angustiado e nada cooperativo no sábado, puxando meus fios e tentando sair do hospital, que foi mais seguro me manter parcialmente sedado para que eu pudesse descansar e me curar.

Meus pais e Gibsie entraram e saíram durante todo o fim de semana, visitando meu eu chapado, mas eu estava completamente fora de órbita, reclamando e delirando como um lunático desvairado, gritando sobre pais e bolas de rúgbi.

Sim, isso foi muito embaraçoso.

Eu estava grato por não conseguir me lembrar.

Me sentindo consciente pela primeira vez em mais de quarenta e oito horas, eu me puxo para uma posição vertical, ignoro a dor aguda nas minhas coxas e pego meu telefone na mesa de cabeceira. Felizmente, alguém teve o bom senso de colocá-lo para carregar para mim.

Ignorando o prato de comida que as enfermeiras tinham deixado na bandeja da minha cama, pisco para tirar o sono dos meus olhos e percorro as milhões de chamadas perdidas e mensagens de texto que recebi desde que minha vida desmoronou na sexta-feira à noite.

Quatro chamadas perdidas e uma mensagem de voz do treinador Dennehy.

Jesus...

Estremeço ao pensar no que ele tinha a me dizer.

Decidindo não ser masoquista, eu rapidamente sigo em frente, verificando as outras notificações em vez disso.

Três mensagens de Feely. Cinco ligações de Hughie. Algumas dúzias de mensagens no grupo de bate-papo dos caras da Academia. Mais um milhão dos caras da escola. Meu fisioterapeuta. Um de Scott Hogan, um dos meus amigos em Royce. Meu personal trainer. Vários outros rapazes com quem joguei no clube em Ballylaggin. Muitos mais de números desconhecidos ou números que não salvei na minha lista de contatos. Dois do Sr. Twomey, o diretor da Tommen. Um do treinador Mulcahy. Sete mensagens de texto e doze chamadas perdidas de Bella.

— Maldita Bella. — Frustrado, ignoro as mensagens de voz e leio as inúmeras mensagens de *melhoras*, excluindo cada uma à medida que avançava até ficar com uma tela em branco.

Nada de Shannon.

Nem uma mísera mensagem de texto.

Para ser justo, ela não tinha telefone agora, mas Joey tinha e ele tinha o meu número.

Irritado, rolo para baixo a lista de meus contatos, encontro o nome *Joey, o arremessador,* e aperto em ligar. A raiva dentro de mim aumenta a cada toque sem resposta. Quando cai na caixa postal dele, sinto como se estivesse a dois segundos de explodir.

Drogado ou não, eu sei que tinha ligado para ele pelo menos uma dúzia de vezes no fim de semana – eu me lembrava disso – e ser ignorado não me cai bem.

— Joey. — Agarrando meu telefone com mais força do que o necessário, me esforço para manter meu tom neutro, embora estivesse cheio de raiva. — Eu preciso falar com ela. — Eu não dou a mínima para como ele interpreta isso. Eu não dou a mínima para o que alguém pensa mais. Eu tenho uma sensação mesquinha na boca do estômago, que nenhuma quantidade de sono ou drogas hospitalares pode dissipar. — Ouça... — Fechando os olhos, tento ser diplomático e falho miseravelmente. — Eu sei que há algo fodido acontecendo. — *Que legal, Johnny.* — Isso soa maluco. Eu sei. Eu *sei*, tudo bem. Mas estou com uma sensação terrível. — Jesus, eu era uma dor de cabeça. — Shannon disse algo para mim, ou eu sonhei que ela disse algo para mim, mas está preso na

minha cabeça e eu não consigo... olha, eu nem tenho mais certeza, mas preciso falar dessa merda com ela, ok? Então apenas atenda a porra das minhas ligações.

Um bipe soa no meu ouvido, me deixando saber que eu tinha ficado sem tempo.

— Idiota — eu resmungo e depois deixo cair meu telefone no meu colo apenas para vacilar de dor com o contato. Cuidadosamente, eu removo meu telefone, colocando-o de volta na minha mesa de cabeceira antes de levantar as cobertas, puxando meu vestido de hospital, e dando meu primeiro olhar sóbrio e lúcido para o dano.

Hum. Inclino a cabeça para um lado, estudando a mim mesmo. *Nada mal.*

Meus quadris, ambas as coxas e virilhas estavam todos inchados, feios e machucados, com bandagens cobrindo as partes de mim que haviam sido cortadas, mas minhas três partes favoritas do corpo ainda estavam muito inteiras, por assim dizer. Meu pau estava lá e minhas bolas faziam companhia.

Franzindo a testa, eu me estudo, me sentindo estranhamente violado por alguém ter raspado minhas bolas sem permissão, mas decidi não ficar chateado com isso. Eu estava ostentando uma impressionante semi ereção, provavelmente devido à emoção de ainda vestir apenas uma peça, então eu estava levando isso como uma vitória.

Obrigado, Jesus.

Me cobrindo de volta, exalo um suspiro de alívio e puxo a bandeja carregada de comida para mim, sentindo meu apetite voltar com força total.

Você está bem, continuo a cantar mentalmente para mim mesmo enquanto mastigo uma fatia, *você vai se curar, vai voltar ao campo e tudo ficará bem.*

Mas ela não vai ficar, uma pequena voz na parte de trás da minha cabeça sibila, *e você sabe por quê.*

Rasgando viciosamente em outra erupção, continuo a pensar em cada momento que passei com Shannon Lynch, desde o dia em que a nocauteei com minha bola até o momento em que a mandei embora dessa sala.

Acho que era um mecanismo de defesa. Evitando meus sentimentos sobre minha terapia iminente e a perspectiva de perder os sub-20. Eu não consigo pensar em rúgbi agora. Se eu pensasse, havia uma chance muito boa de eu ter um colapso, então eu prendo meu foco em Shannon Lynch, obcecado com cada pequenino, minúsculo e insignificante detalhe até que eu tenha certeza que vou explodir.

Algo está errado.

Algo está errado e você sabe disso.

Abra a porra da sua mente e pense!

Largando meu garfo e faca, empurro a bandeja para longe e pego meu telefone novamente. Rediscando o número de Joey, eu agarro o telefone e rezo por uma resposta. Minha ansiedade está apodrecendo dentro de mim a ponto de eu não conseguir pensar em nada além dela. Quando sou recebido com sua caixa postal novamente, perco a cabeça.

— Ouça, filho da puta, eu sei que você está recebendo minhas mensagens, então você pode atender o seu telefone ou me mandar uma mensagem de volta. Eu não vou desistir até falar com ela. Você está me ouvindo? Eu não vou desistir, porra...

— Bom dia, amor — mamãe gorjeia enquanto entra no meu quarto de hospital, me interrompendo da conversa unilateral que eu estou tendo com a caixa postal de Joey Lynch. — Como está seu pênis hoje?

Me dê força...

— Me ligue de volta — eu murmuro antes de encerrar a ligação e ficar boquiaberto para minha mãe.

— Eu trouxe algumas flores para você — ela continua sem esperar por uma resposta, colocando um buquê que eu não tinha ideia de como diabos elas eram chamadas na minha bandeja da cama. — Você ficou tão chateado. — Sorrindo, ela caminha até a minha cama e mexe nos meus cobertores. — Eu pensei que isso poderia animá-lo.

— *Como está meu pênis*? — Agarrando os lençóis ao meu redor, eu os puxo até o meu peito, não confiando que ela não iria retirá-los e verificar por si mesma. — Você acha que é uma coisa normal perguntar ao seu filho?

Mamãe deu de ombros.

— Você prefere que eu chame de bilau, amor?

Jesus Cristo.

— Bem, eu não tenho seis anos, mãe, então não, eu não prefiro isso — eu disse, olhando-a com cautela enquanto ela pairava ao lado da minha cama. — E está tudo bem.

Minha mãe morde o lábio.

— Tem certeza...

— Tenho certeza! — Eu dou um tapinha, afastando sua mão quando ela, como eu havia previsto, tenta puxar meu cobertor. — Cristo, mãe, já conversamos sobre isso antes. Você precisa começar a respeitar meus limites!

Suspirando, minha mãe afunda na beirada da minha cama e dá um tapinha na minha bochecha.

— Você vai pelo menos mostrar ao seu pai? — Ela me dá um maldito olhar. — Eu estou tão preocupada.

— Não há nada para se preocupar — eu resmungo. — Está tudo bem. Eu estou bem. Nós dois estamos muito bem, mãe. Estou em um hospital, você sabe.

— Sim, mas...

— Confie em mim, eu estou bem. — Eu dou a ela um joinha. — Está tudo bem, mãe.

Mamãe suspira pesadamente.

— Honestamente, eu não sei se vou confiar em outra palavra que sai da sua boca. — Ela morde o lábio e me dá aquele olhar horrível de mãe ferida, aquele que sempre me cortava profundamente, projetado para fazer um filho se sentir um pedaço de merda. — Você realmente me decepcionou, Johnny.

Cristo, torça a faca, por que não...

— Eu sei, mãe. Cristo. — E eu sabia. — Eu realmente sinto muito. — Sabendo que ela não deixaria ir até que eu me comprometesse, eu forço — Então, se isso vai fazer você se sentir melhor, eu vou mostrar ao meu pai quando ele passar por aqui.

Mamãe sorri, apaziguada, e eu me afundo nos travesseiros, grato por desviar daquela bala em particular.

— Os médicos passaram esta manhã?

Eu balanço a cabeça.

— Sim, eles passaram aqui de primeira.

Ela olha para mim com expectativa.

— E?

— Eles vão me deixar ir para casa de manhã.

— Tão cedo?

Reviro os olhos.

— Já se passaram três dias e eu não fiz uma cirurgia cardíaca.

— Eu sei, mas... — Preocupação esvoaça em suas feições. — Eu acho que você deveria ficar mais alguns dias, amor. O repouso vai te fazer muito bem. — Ela se inclina e acaricia minha bochecha. — Você está parecendo muito mais descansado do jeito que está. Imagine o que mais alguns dias podem fazer por você?

— Vai ficar tudo bem — eu digo a ela, me sentindo um merda por colocar estresse desnecessário em seus ombros. — Eu conheço as regras.

— Mas você vai segui-las? — ela murmura baixinho.

— Eu não vou estragar isso — eu digo a ela, olhando-a diretamente nos olhos. — Eu não vou, mãe. Eu vou fazer o repouso na cama. Eu vou fazer a reabilitação. Mas depois eu vou voltar.

Seu rosto cai.

Eu endureço minha espinha, sabendo que não posso ceder aos olhos de cachorrinho que caiu da mudança.

— Eu não acho que você deveria jogar mais, Johnny.

— Eu vou jogar, mãe — eu respondo baixinho.

— Não.

— Sim, mãe.

— Johnny, por favor.

— Estou jogando.

— Eu não posso suportar a ideia de você se machucar novamente.

— Mãe, isso é o que eu vou fazer. — Explico, tentando manter meu tom suave. — Eu sei que não é o que você escolheria para mim, mas é o que eu escolhi para mim, ok? Estou bem, mãe. Estou melhor que bem. Eu não posso deixar de *jogar* porque você tem medo que eu me machuque. — Dou de ombros. — Isso pode acontecer atravessando a rua.

— Mas não aconteceu atravessando a rua — mamãe retruca. — Cada cama de hospital que você já ocupou, e houve mais delas do que posso contar em duas mãos, foi um resultado direto de você jogar rúgbi. — Ela balança a cabeça. — Eu não entendo por que você está tão empenhado em se machucar.

— Você não tem que entender — eu respondo, sabendo que não fazia sentido tentar explicar isso quando ela estava decidida a me impedir de jogar. — Você só tem que me apoiar.

— Por que você não pode jogar golfe? — A mãe soluça, deixando cair a cabeça nas mãos. — Você é bom em golfe, amor. Ou natação, ou tênis?

Estendo a mão e dou um tapinha em seu ombro.

— Porque eu sou um jogador de rúgbi.

— Ah, Johnny...

— Apenas me apoie, mãe — eu digo rispidamente. Sentando-me em linha reta, eu a puxo para um meio-abraço desajeitado. — E eu prometo, vou deixar você orgulhosa.

— Eu já estou orgulhosa de você, seu grande idiota — ela funga, enxugando as lágrimas. — E isso não tem nada a ver com o maldito rúgbi.

— Bom saber — eu murmuro. — Eu acho?

— Agora, chega de fazer sua mãe chorar — mamãe diz enquanto força um sorriso e se levanta. — Me diz como você está se sentindo.

— Eu estou bem — eu respondo, cauteloso novamente. — Eu acabei de te dizer.

— Emocionalmente — ela responde, empurrando a bandeja com minha comida de volta para mim. — Eu quero saber como você está se sentindo em seu coração. — Abrindo um guardanapo, ela o coloca no meu colo e serve uma xícara de chá do bule. — Coma, Johnny, amor. Coma para ficar fortinho.

— Assustado — eu engasgo, pegando meu garfo. — Eu me sinto emocionalmente assustado para cacete, mãe.

— Olha a língua — ela repreende, golpeando a parte de trás da minha cabeça com a mão esquerda que eu tentei evitar como o maldito Matrix durante maior parte da minha vida. — Você foi não foi criado por lobos.

Mordendo minha língua, eu enfio uma fatia fria como pedra em minha boca e mastigo violentamente.

— Bom menino — mamãe elogia, despenteando meu cabelo.

Querido Jesus, me salve.

Por favor, me salve dessa porra de mulher...

— Como está o homem do momento? — A voz familiar de Gibsie enche meus ouvidos, me dando um alívio muito necessário da mulher pairando ao meu redor como um maldito helicóptero.

— Tudo bem, cara — eu respondo, fixando os olhos no idiota loiro que tem sido meu melhor amigo e parceiro no crime desde a infância, parado na porta do meu quarto de hospital.

— Bom dia, Gerard — mamãe gorjeia alegremente. — Você dormiu bem, amor? Deixei uma muda de roupa limpa do lado de fora da sua porta esta manhã... — Mamãe faz uma pausa e dá uma rápida olhada em Gibsie antes de sorrir em aprovação. — Ah, bom, você as encontrou. O bege fica lindo com sua pele, querido.

— Eu fiz, mamãe K. — ele responde com um sorriso de manteiga que não derrete. — Você é boa demais para mim.

Reviro os olhos.

— Bem, eu vou deixar vocês dois garotos para... dar a vocês uma chance de botar o papo em dia. — Dando um beijo no topo da minha cabeça, mamãe caminha até a porta, onde recebe um beijo na bochecha de Gibsie. — Estarei na cantina se vocês precisarem de mim.

— Eu amo essa mulher — Gibsie anuncia quando mamãe se vai.

Eu estreito meus olhos.

— Garfos são boas armas, sabe.

— Porra, ela é tão...

— Você não terá mais olhos em sua cabeça se terminar essa frase — eu aviso, manejando meus talheres como uma arma.

Gibsie ri.

— Como você está se sentindo?

— Como se eu tivesse sido atropelado por um caminhão na sexta à noite — eu resmungo, abaixando meu garfo.

— Que bom, hein?

— Não comece, Gibs. — Relaxando meus ombros, eu pego uma salsicha e dou uma mordida. — Estou com muita dor e sinto que não durmo há um mês. Não posso fazer gracinhas hoje.

— Bem, pelo menos seu apetite ainda está intacto — ele oferece, olhando para o enorme prato de fatias, salsichas e torradas que eu estou inalando.

— Não me julgue — eu resmungo. — Eu levei uma faca nas bolas para isso. — Engolindo um bocado de carne de porco, pego uma assadeira. — Eu mereço as besteiras.

Ele faz uma careta.

— Ponto justo.

— Sim — eu brinco. — Eu sei.

— Então? — ele pergunta, me olhando com excitação mal contida. — Você diria que está de volta aos seus sentidos agora?

Dou de ombros.

— Infelizmente.

Gibsie assente.

— E o seu coração?

Eu estreito meus olhos.

— Que que tem?

— Não vai ter bum, bum, bum, porra hoje?

— Não — eu respondi lentamente, sabendo que eu estou de alguma forma entrando em uma armadilha, mas sem saber como. — Está bem.

— Excelente — ele responde. — Porque eu tenho segurado mais material do que posso lidar. Está queimando um buraco dentro de mim, rapaz. Sério, não consigo dormir à noite de tão animado. Esperar você ficar sóbrio era como esperar para a manhã de Natal, e você sabe o quanto eu amo o Natal, Capi.

Porra, porra.

— Vamos. — Acenando com a mão, eu gesticulo para ele desembuchar. — Acabe com isso.

Claramente encantado com a vida, Gibsie entra no quarto, não parando até que ele está sentado no pé da minha cama. Limpando a garganta, ele diz:

— Antes de começar, preciso perguntar suas preferências sobre onde devemos fazer sua despedida de solteiro.

Eu fico boquiaberto para ele.

— *O quê*?

— Eu estava pensando em Kilkenny — ele explica, tom leve e cheio de humor. — Mas podemos fazer em Killarney se você preferir ficar mais perto de casa.

— Que porra você está falando?

— Bem, engraçado você perguntar isso. — Sorrindo, ele se acomoda na minha cama e começa a jogar mais merda em mim do que posso absorver. — Você está noivo, ou talvez você está prometido. Eu não tenho certeza da terminologia... de acordo com você, você já é casado.

Eu olho fixamente de volta para ele.

— Volta um pouquinho?

— Ah, cara. — Ele joga a cabeça para trás e riu. — Você realmente não se lembra?

— Olhe para mim. — Largando meu garfo no prato, aponto para o meu rosto. — Isso parece o rosto de uma pessoa que sabe o que está acontecendo?

Minha resposta só o faz rir ainda mais.

— Eu amo isso — ele ri, apreciando completamente o meu desconforto. — A espera valeu a pena. Este é o melhor dia.

— Explique, Gibs — eu rebato, nervoso. — Agora, antes que eu te espete com uma dessas malditas agulhas no meu braço.

— Shannon — ele ri. — Veio comigo para vê-lo sexta-feira à noite.

— Sim, eu sei — eu rosno, esfregando minha testa. — Eu me lembro muito disso.

— E você se lembra da conversa que teve com ela? — ele responde, os olhos dançando com malícia. — Com alguém que falou com você?

— Não — eu mordo. — Tudo daquela noite é uma névoa.

Eu só consigo me lembrar de pequenas partes da manhã de sábado. Partes em que agi como um completo idiota com Shannon. Deixei meu orgulho tirar o melhor de mim e mandei-a embora. Depois disso, perdi a cabeça e entrei em pânico, eu exigi ser levado para casa. Minha dor tinha sido tão forte que me deram remédios suficientes para me nocautear.

— O que eu fiz?

— Não é o que você fez — ele ri. — É o que você *disse.*

— Gibs, eu juro por Cristo, se você não me contar o que está acontecendo...

— Cara, você disse a ela que estava apaixonado por ela — ele ri, batendo a mão contra a coxa. — Logo antes de você pedir a ela para ter seus bebês.

Meus olhos se arregalaram.

— Não!

Seu sorriso se aprofunda.

— Sim!

— Jesus Cristo, Gibs — eu assobio, a voz subindo mais alto que o normal. — Por que você não me *parou*?

— Porque foi brilhante. — Rindo, ele acrescenta: — Eu pensei que você ia fazê-la assinar algo do jeito que você estava tão inflexível sobre isso.

Eu deixo minha cabeça cair em minhas mãos.

— O que diabos há de errado comigo?

— Não faço ideia — Gibs ri. — Mas se eu tivesse que apostar dinheiro nisso, eu diria que você está falando seus verdadeiros sentimentos.

— Do que você está *falando*? — Eu fico boquiaberto para ele, horrorizado. — Eu não quero nenhum maldito bebê.

Gibsie pisca.

— Poderia ter me enganado.

— Pare com isso — eu resmungo, suprimindo um estremecimento. — Você sabe que eu não quero.

— Você implorou a ela.

Minha boca se abre.

— Eu não implorei.

— Shannon, por favor, tenha meus bebês! — ele imita. — Eu estou te implorando, Shannon. Tenha minhas crias e toque meu pau...

— Pare — eu imploro. — Por favor. Não me diga mais nada.

— Você disse à enfermeira que ela era sua esposa — ele acrescenta sal às minhas feridas, dizendo. — Você contou a sua mãe tudo sobre como os peitos dela eram bonitos e como você não podia esperar para fu...

— Oh, Jesus — eu engasgo, cortando-o antes que ele possa arruinar minha vida ainda mais. — É por isso que ela está me evitando, não é? — Eu exijo, horrorizado. — Ela provavelmente pensa que eu vou tentar engravidar ela na primeira chance que eu tiver.

— Bem, seu pau *está* funcionando agora — Gibsie oferece, desfrutando completamente do meu tormento. — Um pequeno trecho de informação que você decidiu anunciar a ela, *garanhão*.

Não admira que Joey não estivesse atendendo minhas ligações.

Se Shannon contasse a seu irmão metade do que eu aparentemente disse a ela, não havia dúvida de que ele estaria esperando por mim em Ballylaggin com uma vingança e uma maldita espingarda de cano serrado.

— Estou tão fodido — eu resmungo, deixando cair minha cabeça.

— Não. — Dando um tapa no meu ombro, Gibsie diz: — A garota te ama. Ela te disse sexta à noite.

Eu gemo alto, sentindo vergonha nas partes mais profundas da minha alma.

— Porque eu a coagi.

— Não, porque ela simplesmente ama — ele corrige.

— Duvidoso — eu resmungo. — Muito duvidoso para caralho, cara.

— Ouça, Johnny, eu vou ser direto aqui, cara — Gibsie adiciona, tom um pouco mais sério agora. — Você passou meses mentindo para si mesmo e para todos os outros sobre seus sentimentos. Foi demais. Toda essa frustração reprimida teve que sair de você mais cedo ou mais tarde.

Dando de ombros, ele acrescenta:

— A anestesia e a morfina apenas ajudaram no processo... forçaram a verdade a sair de você.

— Eu não estou apaixonado — eu nego, sabendo que é inútil, mas sentindo que precisava de algo para me agarrar. — Eu não quis dizer nada disso.

Gibsie arqueia uma sobrancelha.

— Não mije nas minhas costas e me diga que está chovendo.

Meus ombros caem em derrota.

— Sim, tudo bem, eu quis dizer isso. Feliz agora?

— Você *está*? — ele pergunta, sem piscar.

— Eu estou o que?

— Feliz?

— Não, eu não estou *feliz*, Gibs. — Eu olho para ele. — Olhe para mim — eu exijo, batendo no meu peito para dar ênfase. — Estou malditamente *aterrorizado*!

— Sobre o seu pau?

— Meu pau, minhas bolas, a garota, o jogo... — eu faço uma pausa e exalo uma respiração trêmula — Eu estou perdendo a porra da minha mente aqui. — Empurrando a bandeja para longe, eu caio de volta em meus travesseiros e suspiro. — E eu estou preocupado.

— Compreensível — ele concorda. — Mas você vai ficar bem...

— Com *ela* — eu reitero com um grunhido de dor. — Estou preocupado com *ela*, Gibs.

— Por que?

— Ela me disse algo na outra noite — eu admito, me sentindo perdido. — E eu não consigo me lembrar. — Passando a mão pelo meu cabelo, confidencio ao meu melhor amigo as dúvidas que estava tendo. — Era algo sobre o pai dela, cara. — Fazendo uma careta, tento puxar a memória, mas ela continua flutuando fora do meu alcance. Frustrado, solto um suspiro. — Eu acho... — Parando de repente, eu belisco a ponta do meu nariz, sabendo que uma vez que foi dito, eu não posso voltar atrás.

— Você acha? — Gibsie continua.

— Isso fica entre nós — Eu o aviso.

Ele assente.

— Sempre, cara.

Soltando outro suspiro, me sento e escovo meu cabelo para trás com as duas mãos, sentindo-me inquieto e incomodado.

— Eu tenho visto coisas... — Eu começo lentamente, observando-o cuidadosamente, testando sua lealdade mesmo sabendo que não preciso.

— Pessoas mortas?

— Foco, porra!

— Ok, ok, me desculpe — ele fala, deixando suas feições sérias. — Diga-me.

Olho duro para ele, esperando até que seu rosto fique vazio de diversão antes de continuar.

— Nela.

Suas sobrancelhas franzem.

— Nela?

Soltando minhas mãos no meu colo, eu me mexo inquieto.

— No corpo dela. — Culpado, olho para ele e solto: — Muitas coisas que aconteceram muitas vezes e são coincidências demais para serem explicadas como um acidente.

Os olhos de Gibsie se estreitam quando a consciência o atinge.

— Coisas como hematomas?

Eu balanço a cabeça lentamente.

— Onde?

— Em toda parte. — Solto um suspiro de dor. — Por todo o corpo dela, Gibs.

— Merda.

— No começo, eu pensei que ela estava sofrendo bullying de novo... — Faço uma pausa e torço o nariz, me sentindo um merda por quebrar sua confiança, mas isso está me comendo vivo. — Ela teve um tempo ruim na BCS, Gibs. Um tempo ruim para caralho, cara. Então, eu consertei, ou pelo menos eu pensei que tinha, mas...

— Mas?

— Mas eu sei que é mais que isso, Gibs. Eu sei que estou parecendo um louco, mas isso é real para mim. Eu sei que há algo acontecendo. Eu me lembro dela me dizendo algo na outra noite — eu rosno, furioso comigo mesmo por não reter a peça crucial do quebra-cabeça. Porque eu sabia em meus ossos que estou perdendo algo de importância vital. — E agora acho que descobri.

— Você descobriu? — Gibsie pergunta, soando mais sério do que eu já o ouvi falar. — Você tem um nome?

Assentindo lentamente, olho ele nos olhos, implorando para que não me julgue por dizer o que estou prestes a dizer. Havia uma chance de eu estar errado – uma chance enorme, colossal, do tamanho do Grand Canyon, mas eu acho que não, e o risco vale a segurança dela.

— Eu acho que é o pai dela, Gibs. — Engolindo minha incerteza, olho meu melhor amigo diretamente nos olhos e digo: — Acho que o pai de Shannon está abusando dela.

Eu era um matemático por natureza e o denominador comum em todos os problemas que tento resolver sobre Shannon Lynch era o pai dela.

Ela disse pai.

Ela me disse isso.

Eu *sabia* que ela tinha.

Ela me contou algo sobre a porra do pai dela.

Eu simplesmente não consigo ter certeza.

Por dias, minha mente vacilou, voltando a cada conversa que tive com ela, tentando encontrar algo que eu sei que estou perdendo.

Não importa o que eu faça, ou o quanto eu pense sobre isso, minha mente continua voltando para aquele primeiro dia, para a conversa que tivemos quando ela estava apenas semiconsciente do que estava dizendo:

— Aqui. — Eu arrasto meu dedo sobre a marca antiga. — O que é isso?

— Meu pai — ela responde, soltando um suspiro pesado.

— Meu pai vai me matar — ela continuou a soltar, segurando sua saia rasgada. — Meu uniforme está arruinado.

— Johnny — ela geme e então estremece. — Johnny. Johnny. Johnny. Isso é ruim...

— O quê? — eu falo. — O que é ruim?

— Meu pai — ela sussurra.

Se eu estiver errado sobre isso, e há uma grande chance de estar, ela nunca me perdoaria. Acho que já estou com problemas sobre a maneira como agi, mas acusar o pai de abusar dela seria o prego no caixão em potencial para nós.

Você provavelmente já fodeu isso também, Johnny, cara...

Porra.

Eu estou perdendo minha maldita mente enquanto meu cérebro inventa os pensamentos mais depravados, repugnantes, desumanos e induzidos por drogas.

O pai de Shannon a está machucando?

Eu estou sendo ridículo?

Eu tenho vergonha de pensar os pensamentos que eu penso, mas eles estão lá, na minha cabeça, altos e orgulhosos e me deixando louco de ansiedade.

Ele está abusando dela?

É isso que estava acontecendo?

Eu nunca conheci o cara, mas certamente seu irmão ou mãe teria intervindo.

Eu conheci a mãe de Shannon uma vez, admito que não foi o mais amigável dos encontros, mas a mulher genuinamente parecia amar sua filha.

Ela parecia bem.

Saudável e grávida.

Seu irmão era forte e em forma.

Seus outros irmãos eram praticamente bebês.

Isso resta o pai.

— Porra. — Gibsie balançou a cabeça. — Essa é uma grande acusação, Johnny, cara.

— Eu sei — eu gemo, sentindo-me completamente enojado. — E eu sei que se estiver errado, vou criar mais problemas, mas eu só... — Balanço a cabeça e cerro os punhos. — Não consigo tirar isso da minha cabeça. Acho que foi isso que aconteceu comigo — eu acrescento. — Por que eu perdi a cabeça durante todo o fim de semana. Eu estava tentando ir para casa *para ela*, Gibs. Porque estou com medo *por ela*. — Dou de ombros, me sentindo impotente. — Eu sei que é um palpite, mas eu não posso ficar de braços cruzados, Gibs. Eu não posso ignorar isso ou fingir que não está acontecendo. Algo está acontecendo com ela e eu não estou preparado para sentar e não fazer nada. — Eu exalo uma respiração irregular. — Ela significa muito para mim para jogar isso debaixo do tapete. Mesmo se eu estiver errado, vale a pena verificar, certo? Essa é a coisa certa a fazer aqui, não é?

— Apenas me dê um minuto para processar isso. — Inclinando-se para frente, Gibsie pressiona os dedos nas têmporas. — Isso é muito para absorver, cara.

Não brinca.

Enquanto isso, eu não consigo ficar parado. A dor está me consumindo, mas meus pensamentos são piores, me atormentando a ponto de eu ser um feixe inquieto de nervos e ansiedade.

Algo está errado.

Eu posso sentir isso.

— Eu preciso ir — eu anuncio, não querendo esperar que ele processe porra nenhuma. — Estou falando sério, Gibs. Você precisa me tirar daqui, cara. Eu preciso ir para casa e verificar ela.

— Você não pode sair do hospital por causa de um palpite — Gibsie atira de volta, olhando para mim. — Cristo, Johnny, você não pode nem andar sem

ajuda. Como você propõe que eu o leve até Cork, com você enfaixado? Sob a porra do meu suéter?

— Algo está acontecendo com ela, Gibs — eu solto, sentindo meu coração martelar contra meu peito. — Eu posso sentir isso em meus ossos.

— Espere um segundo, eu tenho uma ideia... — Fazendo uma pausa, Gibsie puxa o telefone do bolso e clica alguns botões antes de colocá-lo no alto-falante e colocá-lo na cama entre nós.

— Olá? — A voz de Claire preenche o silêncio após três toques curtos.

— Claire-ursinha — Gibsie responde, estendendo a mão para mim, gesticulando para eu ficar quieto quando abro minha boca para perguntar o que diabos ele pensa que está fazendo.

— Gerard. — Alívio enche seu tom enquanto ela fala. — Você está bem? Como está Johnny?

Mantendo os olhos em mim, Gibs ignora suas perguntas e pergunta:

— Por que você não me contou?

— T- te contar o quê? — Claire pergunta, parecendo preocupada.

— Sobre o pai de Shannon.

— Que porra! — Eu murmuro, pronto para matá-lo.

— Espere — ele murmura de volta, segurando uma mão para me segurar de volta. — Confie em mim.

— Do que você está falando? — foi a resposta hesitante de Claire.

— Você sabe exatamente o que quero dizer — ele blefa, batendo a mão na minha boca.

— Ela disse a Johnny, não foi? — Claire soluça. — Oh Deus, e ele disse a você.

Meu coração para morto no meu peito.

Meu mundo inteiro desaba.

Eu tinha razão.

Eu estou fodidamente certo!

— Sim, ela disse a ele — Gibsie diz, parecendo furioso. — O que eu quero saber é por que *você* não contou a ninguém, Claire?

— Eu não tinha certeza — ela se apressa a dizer, parecendo devastada. — Ela nunca confirmou nada, mas todos os hematomas... eu sabia que ele estava fazendo algo com ela. Eu estava com medo, Gerard. Eu estava com medo, ok?

E então me atinge como um maldito trem de carga.

— *Quem está machucando você, baby? Eu vou consertar isso.*

— É segredo.

— Eu não vou contar.

— Meu pai.

Se movendo por instinto, pego meu telefone da mesa de cabeceira e arranco minhas cobertas. Deslizando para fora da cama, manco em direção à porta do banheiro com 999 já discado.

— Johnny, o que você está fazendo, cara? — Gibsie me chama.

— A coisa certa — eu sibilo, furioso.

— Devemos falar com o seu pai primeiro? — ele pergunta. Saindo da cama, ele se moveu em minha direção. — Ele é o advogado, cara, e não sabemos o que é...

Segurando uma mão para afastar Gibs, eu pressiono meu telefone no meu ouvido e me concentro na voz do operador.

— 999, qual é a sua emergência?

— Minha namorada está em perigo — eu sussurro na linha, perdendo a luta para controlar minhas emoções. — Ela tem apenas dezesseis anos. Ela é menor de idade e precisa de sua ajuda. Ela mora em 95 Elk Terrace em Ballylaggin, cidade de Cork, ok? Você entendeu? 95 Elk Terrace. Ela é muito pequena, ok? Fodidamente pequena. Ela não pode se defender e não posso chegar até ela... — Tremendo da cabeça aos pés, eu pressiono minha testa contra os azulejos frios do banheiro, cerro minha mandíbula e rosno: — Eu preciso que você mande alguém para a casa direto porque o pai desprezível dela está dando uma surra nela.

— Bem — Gibsie diz severamente da porta do banheiro quando eu termino a ligação. Cruzando os braços sobre o peito, ele me deu um aceno de aprovação. — Você é a definição de um gato entre pombos.

— Cristo, Gibs. — Exalando uma respiração irregular, eu pressiono a palma da minha mão na minha testa e assobio: — Como eu não vi isso?

— Com toda franqueza, cara, como você deveria?— Gibsie oferece com um suspiro. — Olhe para seus pais, Johnny. Inferno, eu apostaria dinheiro em John nunca ter levantado a mão para você antes.

Verdade.

— Exatamente — Gibsie completa, lendo meus pensamentos. — É difícil imaginar algo assim acontecendo quando está tão além da escala normal para você que é praticamente incompreensível.

— Não batia — eu engasgo, lutando com o enorme tsunami de culpa crescendo dentro de mim. — Eu só... eu não vi isso na minha cabeça.

— Ouça, eu mandei uma mensagem para o seu pai — ele responde. — Ele está a caminho, Johnny, cara. Ele vai nos ajudar.

— Bom — eu respondo, o tom cortante, enquanto eu tento recuperar o fôlego e processar isso. — Vou precisar que ele assuma o meu caso quando eu for preso por assassinato.

— Acha que ele vai me representar também? — pergunta Gibis. Dando de ombros, ele acrescenta: — Quando você está embarcando no inferno, é sempre bom ter um amigo.

5
Eu sou seu irmão
Shannon

Quando abro os olhos novamente, a primeira coisa que invade meus sentidos é a luz do sol entrando pela janela, misturando-se com o som de monitores apitando, e trazendo com ele uma pulsação no meu cérebro.

Baque. Baque. Baque.

Confusa, procuro Johnny, mas não encontro nada.

Ele não está aqui.

Em pânico, dou um tapinha no colchão, torcendo minha cabeça de um lado para o outro enquanto tento localizar o Sr. e a Sra. Kavanagh ou Gibsie.

— Ei... ei, está tudo bem. — Uma grande mão envolve a minha. — Estou aqui.

— Joe? — Eu murmuro ansiosamente, sentindo meu coração acelerar a cem milhas por hora, enquanto eu desesperadamente o procuro. — Joe?

— Shh, vá com calma — uma voz masculina vagamente familiar responde. — Estou bem aqui, Shannon.

Rejeitando a voz do estranho, balanço a cabeça e alcanço os fios no meu nariz.

— Joey? — Eu murmuro, a voz pouco mais do que um sussurro rouco. Puxando os fios livres, eu inalo uma respiração profunda, ofegando por ar precioso, algo que meu cérebro exige que eu faça. No minuto em que o faço, a dor percorre todo o meu peito e grito, minhas mãos se movendo automaticamente para minha cintura.

Minha cintura enfaixada?

Assustada com o contato, eu puxo o vestido que eu estou envolta para revelar uma bandagem branca amarrada entre o lado esquerdo da minha caixa torácica e meu peito. O que diabos está acontecendo comigo?

— Oh Deus, Joey...

— Relaxa. — Uma mão se move para segurar meu queixo e eu aperto meus olhos fechados, o corpo virando pedra na cama, enquanto o medo roda dentro de mim. — Tome algumas respirações agradáveis e lentas.

Relaxe, é um toque suave, registro lentamente, mas não posso ter mais certeza de nada.

Lutando para permanecer no controle e não deixar o pânico me consumir, respiro curta e lentamente, vacilando quando meu peito queima em protesto. Minha cabeça lateja tanto que parece que vai explodir. Eu levanto minha mão livre para segurar minha testa, apenas para congelar quando meus dedos roçam o que parecia ser uma gaze na minha bochecha.

E então me lembro.

Pai.

O pavor toma conta do meu coração, meu pulso subindo de forma irregular, enquanto as lembranças de meu pai me batendo, batendo em Joey, batendo em Tadhg, machucando mamãe, tudo isso preenche minha mente de uma só vez.

Ele está aqui?

Ele está por perto?

Eu estou em apuros?

— Está tudo bem — a voz continua a dizer, tom suave e persuasivo. — Você está no hospital, mas você está segura agora, ok? Ninguém vai te machucar.

Segura agora.

Sinto vontade de rir da promessa vazia.

Palavras.

Tudo palavras.

Relutantemente, eu abro meus olhos e apenas deito lá, gelada e com o coração congelado, enquanto eu olho para o homem olhando para mim.

— Ei, criança — ele diz, a voz familiar e calorosa como a manhã de Natal. — Faz algum tempo.

Eu não respondo.

Eu não posso.

Em vez disso, eu apenas olho para ele.

Exalando uma respiração trêmula, ele solta meu queixo e pega minha mão novamente.

Eu rapidamente a afasto, não querendo seu toque.

Não querendo nada com seu toque.

— Onde está Joey? — Eu pergunto quando finalmente encontro minha voz novamente. Não parece que pertence a mim. Está rachada e rouca, mas as palavras saem dos meus lábios, então continuo. — Eu preciso falar com Joey. — Eu preciso saber o que eu devo dizer se alguém me perguntar o que aconteceu.

Eu não sei a história. — Ele está aqui? — Chutando as cobertas que me prendem à cama, subo no colchão até que minhas costas estejam alinhadas com a cabeceira de metal, e respiro dolorosamente. Ignorando o fogo em meu peito, olho ao redor da sala iluminada, cautelosa e com medo. — Eu realmente preciso do Joey, por favor.

— Shannon, você precisa se acalmar...

— Eu preciso de *Joey* — eu resmungo, recuando quando ele tenta me tocar.

— Eu estou aqui, Shannon. — Olhos azuis tão parecidos com os meus imploram para que eu entenda algo que nunca consegui. — Estou voltando para casa. Para sempre.

— Eu não me importo — eu digo, a voz vazia de qualquer emoção, enquanto eu luto com minha ansiedade. — Eu preciso do meu irmão.

— Eu também sou seu irmão — ele diz tristemente.

— Não. — Eu balancei minha cabeça, refutando suas afirmações. — Você nos deixou lá. Você não é meu...

— Shan! — A voz de Joey enche meus ouvidos, seguida pelo som de uma porta batendo forte. — Eu disse para você ficar longe dela. — Entrando no quarto como alguém conectado à NASA, Joey empurra Darren para fora do caminho e afunda na beirada da minha cama. — Ela acabou de acordar, idiota. — Ele acrescenta, joelhos balançando inquietos enquanto ele mexe com os cobertores em volta dos meus pés, cobrindo minhas pernas nuas. — A última coisa que ela precisa é de outro drama fodido.

— Joe. — Minhas mãos disparam por vontade própria, firmando seu braço trêmulo. — O que está acontecendo?

No momento em que meus olhos pousam em seu rosto, eu solto um soluço de dor. A pele abaixo de seus olhos está preta e azul, seu nariz está claramente quebrado de novo e seu lábio inferior cortado e inchado.

— Oh, Joe — Estendendo a mão, tiro o cabelo de seu rosto, revelando dois olhos vermelhos com pupilas tão dilatadas que o verde em seus olhos está quase ausente. O medo me envolve. Eu sei o que aqueles olhos injetados e enegrecidos representam e não era uma das surras do nosso pai. Representam algo muito pior, algo que eu achava que ele tinha superado no ano passado. — Diga-me que você não...

— Não se preocupe com isso — ele se apressa a dizer, tom áspero, enquanto pega minha mão e a coloca de volta no meu colo. — Estou bem.

Não, ele não está bem.

Ele está drogado.

— Eu estou *bem*, Shannon — Joey repete, me dando um olhar que me diz para *parar*.

Apertando minhas mãos, permaneço em silêncio, engolindo um milhão de palavras não ditas para me juntar às outras inflamadas dentro de mim.

— O que está acontecendo?

— Você está bem — Joey diz, virando-se para me encarar, dando-me toda a sua atenção. — Você esteve inconsciente por dois dias. Os médicos lhe deram algo para que eles pudessem colocar o... — suas palavras são interrompidas e ele balança as mãos, tremendo da cabeça aos pés — O... — passando as mãos em seu cabelo, ele balança a cabeça, e estala os dedos — Porra, eu não consigo lembrar as palavras.

— Você foi levada ao hospital no sábado à noite — explica Darren em um tom de voz muito mais sóbrio. — Hoje é terça-feira, Shannon. Você ficou inconsciente por alguns dias.

— Sim, por mim — Joey rosna, enrijecendo os ombros. — Ela foi trazida aqui por *mim*. Onde diabos *você* estava, *menino de ouro*?

— Você foi tratada por uma concussão grave e um trauma no pneumotórax traumático — Darren continua a explicar, ignorando os comentários de Joey. — Você estava muito machucada quando chegou aqui. Você levou alguns pontos na bochecha para fechar um corte e teve algumas costelas quebradas.

— Costelas quebradas — Joey zomba zombeteiramente. — Abra os olhos, Darren. Ela está *toda* machucada!

— O que diabos está errado com você, Joey? — Darren exige, olhando para meu irmão com os olhos apertados. — Você está chapado? É isso? Você tomou alguma coisa?

— Sim, eu tomei alguma coisa — Joey retruca, voltando sua raiva para Darren. — Eu tomei um monte de surras. Foi o que eu tomei, idiota.

— Joe, relaxe. — Ansiosa, coloco a mão na mão de Joey para acalmá-lo e olho para Darren. — O que significa um trauma no pneumotórax?

— Isso significa que aquele bastardo chutou você com tanta força que ele prejudicou seu pulmão — Joey completa, pulsando de raiva. — Isso significa que eles tiveram que enfiar uma porra de um cano no seu corpo para ajudá-la a respirar.

— Oh, Deus. — Em pânico, olho para o meu corpo e gemi. — Eu estou bem? — Coloco uma mão trêmula sobre a ferida. — Isso é ruim?

— Não é sério — Darren apressa-se a consolar. — Você não fez cirurgia, eles foram capazes de aliviar a pressão e ajudá-la a respirar inserindo um pequeno tubo em seu...

— Não é sério? — Joey exige. — Você está *brincando* comigo?

— Joey — Darren rosna. — *Calma.*

— Tem um buraco? — Eu estrangulo, espiando por baixo do meu vestido. — Ainda está dentro de mim?

— Não, Shannon — Darren acalma. — Eles o removeram ontem de manhã. Você fez radiografias de tórax e tomografia computadorizada. Tudo parece ótimo, ok?

Eu balanço a cabeça, sentindo-me entorpecida.

— Mas você vai ficar dolorida por algumas semanas — acrescenta com uma careta. — E você está tomando antibióticos para prevenir a infecção.

Balançando a cabeça, Darren acrescenta:

— As enfermeiras vão explicar tudo melhor do que eu.

— Sério? — Joey dispara. — Achei que você era ótimo em tudo.

— O que quer que eles prescreveram para sua dor, considere isso fora dos limites — Darren rosna, olhando para Joey. — Eu estou parando você.

Joey ri.

— Paracetamol?

— Você não está enganando ninguém — Darren retruca em tom uniforme.

— Por quê você está aqui? — Eu resmungo, sentindo o pânico se instalar no meu peito.

— Estou aqui para ajudar, Shannon — Darren responde. — Estou aqui para cuidar de vocês, todos vocês. — Ele lança um olhar na direção de Joey e suspira. — Até você.

— Não me faça nenhum favor — Joey cospe.

— Por que? — Juntando minhas mãos, eu exalo lentamente e pergunto: — Como você soube do que aconteceu?

— Mamãe ligou para ele — Joey responde, lançando outro olhar ameaçador na direção de Darren. — Aparentemente, a cadela tinha o número do bastardo o tempo todo. — Seu tom está gotejando com sarcasmo venenoso. — Eles mentiram para nós, Shan. Imagina isso?

Darren solta um gemido de dor.

— Vamos, Joey, não diga isso. — Beliscando a testa, ele acrescenta: — Essa é a nossa mãe que você está falando...

— Nossa mãe? — Joey ri sem humor, os pés balançando inquietos. — Nós temos uma dessas? Porra, e aqui estou eu pensando que mães eram criaturas míticas como unicórnios, porque eu com certeza nunca conheci uma em carne e osso.

— Você esteve em contato com mamãe o tempo todo? — Eu resmungo, cambaleando. — Por cinco anos e meio?

— Ele com certeza esteve — Joey completa antes que Darren pudesse. — Não foi possível pegar o telefone e verificar como estávamos, mas ele estava em contato próximo com a mamãe querida.

Darren balança a cabeça.

— Você precisa acalmar a angústia, Joe. Não está funcionando para você.

— E você *não* precisa voltar para nossas vidas e pensar que pode dar as ordens — Joey retruca, tremendo com o que eu sabia que era uma raiva mal contida. — Não funciona assim. Você não pode ir, Darren, você não pode entrar e sair de nossas vidas!

Dar ordens?

— Que ordens?

— Meu querido irmão acha que está no comando agora. — Levantando-se bruscamente, Joey anda de um lado para o outro na pequena sala, parecendo um animal selvagem enjaulado. — Acha que pode sair pela porta, nos abandonar por meia década e depois voltar com seu carro chamativo e carteira gorda e baixar a lei.

Darren olha para nosso irmão.

— Isso não é justo, Joey.

— O que você esperava, *Darren*? — Joey rebate, fulminante. — Uma festa de boas-vindas? Alguns balões e bolo? Você volta para a cidade e acha que vamos cair aos seus pés porque você está *nos salvando*? — Ele balança a cabeça e zomba — Você se esqueceu de nós. Você deu o fora. Nos deixou com eles. Então, no que me diz respeito, você pode continuar andando. Eu resolvo isso.

— Você não resolve merda nenhuma, Joey — Darren retruca. — Olha para ela.

— Olhe para *você* — Joey retruca, furioso.

Batendo palmas, ele acrescenta:

— Bela porra de terno, Darren. Você parece bem. Bem arrumado e bem alimentado. Bom para você. — Carrancudo, ele levanta a mão e gesticula para si mesmo e depois para mim. — Parabéns pelo sucesso, irmão mais velho.

— Eu tinha dezoito anos — sussurra Darren, passando a mão pelo cabelo escuro. — Eu não podia lidar.

— Sim, bem, eu também tenho dezoito anos, idiota — Joey cospe sem simpatia. — E adivinhem? Eu assumi a frente e *lidei com isso*. Eu fiquei!

— Então você é um homem mais forte do que eu.

— Eu não sou mais forte do que você — Joey solta, com a voz embargada. — Acontece que eu possuo uma consciência.

— Parem — eu imploro, segurando minha cabeça com as mãos. — Por favor, parem de brigar. Eu não posso lidar com isso.

— Eu sinto muito — Darren passou a mão pelo cabelo, claramente exasperado. — Você pode diminuir o tom pelo bem dela, Joey? Precisamos explicar isso para ela e brigar um com o outro não vai ajudar.

Joey mostra os dentes e mostra o dedo do meio para Darren, mas ele consegue manter suas opiniões para si mesmo.

— Papai se foi, Shannon — Darren explica em um tom calmo.

Uma emoção que parece suspeitosamente como esperança passa por mim.

— Ele se foi?

— Ele não se foi — Joey fala. — Ele está se escondendo. Grande diferença.

E lá se foi minha esperança.

— Você pode dar uma pausa? — Darren rosna.

— Você não pode dar a ela falsas esperanças? — Joey rebate com veemência. — Isso não vai fazer nenhum bem para ela a longo prazo.

— Por enquanto — Darren é rápido em acrescentar, lançando um olhar de advertência na direção de Joey. — A polícia vai encontrá-lo e ele vai cair por isso, pessoal. Eu vou me certificar disso.

— Claro, você vai — Joey zombou. — O *Santo Darren* para o resgate. — Torcendo o pescoço de um lado para o outro, ele tamborila os dedos no colchão, claramente frustrado. — O sistema de justiça é uma piada do caralho neste país e todos nós sabemos disso. Mesmo quando eles o encontrarem, as chances são de que ele pegue uma pena pequena, um tapinha no pulso e uma garrafa de uísque, cortesia do bem-estar social, pelos problemas dele e você está mentindo para si mesmo se acredita em algo diferente.

— Fui ao tribunal com mamãe ontem — continua Darren, ignorando os comentários de Joey. — Nós solicitamos uma ordem de restrição contra ele. Haverá uma audiência em três semanas, uma em que ele deve comparecer, mas

nós recebemos uma ordem de proteção temporária contra ele. Ele é barrado de casa, de tentar contato com qualquer um de vocês.

— Ele deveria ser condenado por tentativa de assassinato — Joey cospe.

— Eu concordo — responde Darren. — Eu também quero que ele vá embora, Joe. Eu o odeio tanto quanto você.

— Duvido — Joey zombou. — Duvido pra caralho.

Darren suspira pesadamente.

— Você quer fazer isso, Joe? Ter uma competição sobre quem teve mais dificuldade? Ou você quer colocar essa família de volta nos trilhos?

— *Não* há família — Joey rebate acaloradamente. — Isso é o que você está perdendo.

— Nós ainda somos uma família — Darren diz calmamente. — E seremos mais fortes se estivermos todos unidos.

— Com ela — Joey solta, parecendo realmente angustiado. — Termine o que você começou — ele exige. — Nós seremos mais fortes com *ela*. — Joey balança a cabeça e ri sem humor. — Que piada de merda.

— Onde ela está? — Eu pergunto nervosamente.

— Em casa com a vovó e seus irmãos.

Meu coração afunda.

— *Por quê?*

— Por que?— Darren franze a testa. — Como assim por quê?

— Quero dizer, por que ela ainda está *aqui*? — Eu solto, apertando os lençóis debaixo de mim.

— Finalmente! — Joey disse em coro, jogando as mãos no ar. — Finalmente, alguém entendeu!

— Ela é uma vítima como qualquer um de nós — Darren diz lentamente. — Eu sei que vocês não se sentem assim agora, e eu entendo completamente isso, mas vocês têm que entender que ela passou por...

— Besteira — Joey zomba. — Puta merda, Darren! Ela não é uma vítima. Ela é uma facilitadora. Ela permitiu que ele fizesse isso. — Ele aponta para onde eu estava sentada. — Ela é tão culpada por Shannon estar aqui quanto ele.

— Joey, vamos lá.

— Não. — Joey balança a cabeça. — Talvez ela tenha sido uma vítima na primeira vez que ele colocou as mãos sobre ela. Inferno, talvez as primeiras dez vezes. Eu vou dar a ela isso. Ela era jovem e burra. Mas vinte e quatro *anos*? — Ele

balança sua cabeça. — Não, ela fez isso conosco, Darren. Ela teve uma participação nisso.

— Você já pensou por que há tantos de nós? Por que ela continuou tendo filhos com aquele homem? Por que ela não ia embora?— Darren dispara, olhando para nós dois. — Ou por que ela está toda fodida da cabeça como está? Você já pensou que talvez ela tenha ficado porque estava com medo de que ele cumprisse suas ameaças? Todos nós já ouvimos o discurso de "eu vou matar você e as crianças se você me deixar" ele a alimenta, desde que ela tinha *quinze* anos! Pelo amor de Deus, aquele homem passou duas décadas quebrando-a e dizendo a ela que a mataria se ela fosse embora! Você não acha que isso poderia ter fodido a cabeça dela? Você já considerou que ela estava lá contra sua vontade? Ter filhos contra sua vontade? Ser estuprada, espancada e abusada mentalmente a ponto de perder o contato com a realidade? Ela tinha quinze anos quando me teve... quatorze quando ela estava grávida! — ele adiciona. — Pense nisso por um minuto. Pense em como ela deve ter ficado assustada quando foi jogada em uma vida com aquele monstro. Ela não teve mãe ou pai para lhe mostrar o caminho. Tudo o que ela tinha na porra do mundo inteiro era ele. Ela era um bebê tendo bebês e isso a quebrou!

— Eu não quero ouvir isso — Joey late. — Eu não estou ouvindo mais desculpas.

— Algum de vocês já pensou por que ela voluntariamente nos colocou sob cuidados? — Darren pressiona, tom duro. — Bem, você pensou?

— Ela estava *doente* — Joey zomba.

— Ela não estava doente — Darren rosna. — Ela estava tentando nos afastar dele. Ela estava tentando nos salvar de algo que ela não podia salvar a si mesma.

— Então por que ela não nos deixou lá? — Joey ruge. — Talvez nós tivéssemos tido uma fodida chance de lutar.

— Você *sabe* por quê — Darren atira de volta, tremendo agora. — Você sabe! — Ele inalou várias respirações calmantes antes de continuar. — Ela estava com medo de que isso acontecesse com vocês também. Ela estava com medo e grávida de Tadhg...

— Então, porque você foi estuprado, fomos levados para casa para ser torturados? — Joey exige. — É isso? Dois errados fazem um certo? Porque isso é uma lógica fodida, se você me perguntar.

— Joey! — Eu solto. — Não!

— Eu sinto *muito* pelo que aconteceu com ele — Joey retruca, tremendo. — Eu sinto muito pelo que aconteceu com você, Darren, eu realmente sinto. Mas eu fui punido por isso. — Ele acena com a mão entre nós. — Todos nós fomos.

— Está tudo bem, Joe — eu falo, desesperada para confortá-lo. — Não fique chateado.

— Não está bem! — ele solta. — Jesus Cristo, eu deveria ter tirado todos vocês daquela casa anos atrás. Eu deveria ter chamado a polícia. Eu sabia que isso iria acontecer... — Sua voz falha e ele arrasta uma respiração áspera. — Mas eles me *assustaram,* me fizeram duvidar de mim mesmo! — Ele olha para Darren. — Você me *aterrorizou* em acreditar que viver com ele era melhor que o que estar lá fora. — Lágrimas queimam em seus olhos verdes, mas ele pisca para afastá-las. — Eu tive os melhores seis meses da minha vida com aquela família. Ela também... — ele aponta um dedo para mim. — Estávamos felizes com aquela família. Estávamos seguros! Mas você e mamãe me convenceram de que havia perigo, que era mais seguro ficar em casa.

Batendo a palma da mão contra a testa, ele sussurra:

— Eu tinha seis anos e você fodeu minha cabeça tanto que eu não posso confiar em *nada* agora. Eu não posso nem confiar na porra dos meus próprios instintos.

— Eu estava com medo de que isso acontecesse com você — Darren solta. — Eu pensei que estava fazendo a coisa certa. Eu estava tentando mantê-lo *seguro...*

— Me *aterrorizando*! Você me fez acreditar em você e *foi embora*!— Joey ruge, tremendo da cabeça aos pés. — Você me fez confiar em você! Eu tinha doze anos e você saiu por aquela porta e jogou tudo nos meus ombros. E então *eu* os aterrorizei! Eu disse a eles a mesma merda que você me disse, os enchi com todos os mesmos medos e paranoias, porque isso é tudo que eu sabia. E olhe para nós agora!

— Sinto muito por deixá-lo, Joe. — Tremendo, Darren abaixa a cabeça. — Mas eu tive que ir...

— Sim, e eu sinto muito por acreditar em você! — Tremendo violentamente, Joey sibila: — Eu não vou cometer o mesmo erro duas vezes.

Há um longo período de silêncio antes de Darren falar novamente.

— Olha — ele diz rispidamente. — Eu não tenho todas as respostas para vocês, mas eu sei que não posso virar as costas para nossa mãe.

— Eu posso — Joey ofereceu concisamente. — Facilmente.

— Pela primeira vez em sua vida, ela está revidando — Darren retruca. — Ela está *tentando* fazer a coisa certa por nós. Ela não é uma pessoa ruim e vocês dois sabem disso. Ela é uma mulher assustada que deixa seus medos tomarem decisões terríveis por ela.

— As más decisões dela quase nos mataram — Joey retruca. — Eles colocaram minha irmã em uma cama de hospital.

— Nosso *pai* colocou nossa irmã em uma cama de hospital — Darren corrige. — Não deixe sua raiva obscurecer sua lógica, Joey.

— Eu não vou fazer isso — Joey sibila, jogando as mãos para cima. — Eu não vou. Eu não vou ouvir você justificar as razões dela para deixar aquele bastardo fazer isso conosco.

— Tudo o que estou dizendo é que não é tudo preto e branco — responde Darren antes de se voltar para mim. — Os policiais estarão aqui mais tarde para recolher o seu depoimento. Você vai precisar que mamãe ou eu estejamos com você quando isso acontecer.

— Não. — A ansiedade se agita dentro de mim, apodrecendo tudo o que era bom e puro até que eu não sou nada além de uma bagunça trêmula. — Eu não quero fazer isso.

— Está tudo bem — Darren diz gentilmente. — Vamos conversar sobre isso e você não terá nada com que se preocupar.

— Pode ser eu, se você quiser, Shan — Joey interrompe. — Não tem que ser eles.

— A última coisa que você precisa é estar perto da polícia em sua condição — rosna Darren. — O que foi desta vez? Você voltou a...

— Fico feliz em saber que seus telefonemas especiais com mamãe manteve você no círculo familiar — Joey cospe — Pena que ela não lhe contou sobre os problemas *reais* que estávamos tendo, oh espere, ela provavelmente contou, e você simplesmente foi em frente e bloqueou. Deve ser bom ter uma consciência com um interruptor. Audição seletiva parece fabuloso.

— Parem — eu gemo. — Por favor.

— Tem uma assistente social à espreita lá fora — Darren anuncia, virando-se para mim e obedientemente ignorando Joey. Ele puxa sua gravata azul e abre o botão de cima de sua camisa branca antes de continuar — Você vai ter que falar com ela sozinha, é claro, mas uma vez que todos nós temos nossa história acertada, deve ser bastante simples.

— Nossa *história* acertada? — Qualquer grama de autocontrole que Joey estava se agarrando evapora no momento em que essas palavras saem da boca de Darren. — Foda-se isso! — Levantando-se bruscamente, ele começou a andar pela sala. — Chega de malditas histórias. — Passando a mão pelo cabelo loiro, ele puxa as pontas e rosna. — Não mais.

— Eu não estou pedindo a nenhum de vocês para mentir — responde Darren. — Estou simplesmente dizendo que precisamos nos unir em torno de mamãe...

— Você está pedindo a ela para omitir a verdade — Joey rebate. — Para deixar de fora as partes em que mamãe encobriu o que ele fez conosco, onde ela ficou parada e assistiu. Onde ela não fez *nada*. E no meu livro, uma omissão da verdade é uma mentira do caralho.

— Bem, se vocês querem ficar juntos, então eu sugiro que você a aceite e entre na porra da história — Darren late, perdendo a calma. — Porque é assim que eu mantenho vocês juntos, ok? Tadhg e Sean podem fazer as malas agora. E Deus sabe para onde eles vão te mandar. Serão novas escolas, novas casas, novos amigos, novos estranhos. Se você quer isso, então vá em frente e lute comigo sobre isso, mas não tem que ser assim. Nós podemos fazer isso funcionar, pessoal.

— Não posso. — Joey se aproxima e agarra o parapeito da janela com tanta força que fico surpresa que ele não o arranca. — Eu não posso mais *fazer isso* — ele murmura para si mesmo. — Eu não posso continuar vivendo assim.

— Joe — eu resmungo. — Está bem...

— Não — sua voz falha. — Não, Shan — ele sussurra, mantendo as costas para mim. — Realmente não está.

— Temos outro problema — acrescenta Darren, quebrando a tensão palpável.

Tirando meus olhos das costas de Joey, olho de volta para Darren.

— O quê?

— Johnny Kavanagh.

Joey grunhe no que soa como aprovação.

— O-o quê? — Balançando a cabeça, luto contra o tsunami de borboletas que tentam sair da minha garganta. — O que Johnny tem a ver com isso?

— O filho da puta descobriu sozinho — Joey murmura para si mesmo, mantendo-se de costas para nós. — Deve valer alguma coisa, afinal.

— Ele está causando um incômodo por si só — confirma Darren severamente. — Ligando para polícia de manhã, ao meio-dia e à noite. Ele levou quatro carros da polícia até a casa desde ontem.

— O-o quê? — Agora eu aperto minhas têmporas quando o latejar em meu cérebro ameaça me matar. — Como ele sabe?

— Não se preocupe, Shan. É bom ele saber — Joey fala. — Você não tem mais que mentir para essas pessoas.

— Você pode simplesmente calar a boca? — Darren dispara. — Estou tentando consertar isso e você não está ajudando.

— Porque isso não tem conserto — Joey responde. — Eu sei disso, Shannon sabe disso, Cristo, até Sean sabe disso, e ele tem três anos!

— Eu não sei o que você disse ao seu namorado, Shannon, mas você precisa fazê-lo parar — afirma Darren, voltando sua atenção para mim. — Ele está interferindo em algo sobre o qual não sabe nada.

— Eu não disse nada a ele — eu respiro, o coração acelerado ao pensar em Johnny. — E ele não é meu...

— Você está latindo para a árvore errada se você acha que vai manter o cara dela quieto — Joey zomba. — Nem todo mundo pode ser colocado em uma caixa, Darren.

— Joey, pelo amor de Deus, você pode parar de falar! — Darren rosna. — Se você não está aqui para ajudar, então vá para casa.

— Tudo bem, eu vou — Joey sibila. — Porque eu não estou fazendo nenhuma parte nisso. — Virando-se, ele olha para Darren. — Se você quer mentir e foder essas crianças ainda mais mantendo essa mulher em suas vidas, então vá em frente, eu claramente não posso impedi-lo, mas estou farto de ser um peão neste jogo. Sem tempo para isso.

— Não é um jogo, Joey — Darren rosna. — Esta é a nossa vida.

— Então eu não quero esta vida — Joey solta, o rosto corado. — Se é assim que temos que viver, então eu não quero estar *aqui*.

— Joe...

— Te vejo mais tarde, Shan — Joey murmura antes de caminhar em direção à porta. — Estou fora.

Eu assisto, congelada na cama, quando Joey sai, deixando a porta bater atrás dele. Eu não queria que ele se fosse. Ficar sozinha com Darren era a última coisa que eu queria que acontecesse, não porque eu o temesse, mas porque eu não o

conheço. Ele era um homem agora, um homem que, pela aparência de seu terno de grife e relógio de aparência cara, eu tinha muito pouco em comum.

— O que você é agora? — Eu pergunto, desapontada comigo mesmo por permitir que minha curiosidade tome o melhor de mim. Com minha mão revestida de arame, gesticulo para suas roupas. — O que você faz?

Darren se recosta na cadeira, os olhos fixos nos meus.

— Eu trabalho para uma empresa internacional de TI. — Movendo-se na cadeira, ele puxa a gravata novamente. — Estou ficando em sua filial em Belfast.

— Então, é onde você esteve? — Eu respiro, engolindo a dor. — Todo esse tempo e você estava a seis horas de carro?

— Sim. — Ele assente lentamente e então para. — Bem, não, passei os primeiros quatro anos em Birmingham, obtendo meu diploma e trabalhando como aprendiz. Me mudei para Belfast no final de 2003.

— Oh. — Eu não tinha certeza do que dizer, então fico quieta. Na verdade, eu não tinha certeza se havia mais alguma coisa *a* dizer. Ele saiu. Nós ficamos. Sua vida melhorou. A nossa piorou. Fim da história.

— Eu tive que sair, Shannon — ele adiciona calmamente.

Eu sei.

Mas nós também.

— Melhorou para você? — Eu me ouço perguntar. Olho para ele. — Você encontrou paz?

Darren hesita antes de dizer:

— Encontrei uma maneira de lidar com isso.

Exalando trêmula, eu assinto.

— Bom.

— Eu tenho um parceiro — ele oferece, soando um pouco incerto. — O nome dele é Alex. Estamos juntos há três anos. Compartilhamos um pequeno apartamento nos arredores do centro da cidade.

— Ele te ama? — Eu pergunto.

Darren assente.

— Sim, ele me ama, Shan.

— Estou feliz. — Abaixando meu olhar para minhas mãos, estalo meus dedos e tentei encontrar as palavras certas. — Eu sempre estive do seu lado. — Minha voz está baixa. — Eu queria que você fosse feliz, que encontrasse alguém que te amasse. Eu nunca me importei se era um menino ou uma menina. Eu sempre

quis que você soubesse disso. — Eu dei de ombros impotente. — Eu estava com medo que você não tivesse encontrado.

— Shannon — Darren diz com um suspiro. — Eu não queria te deixar para trás.

— Mas você deixou, Darren — eu sussurro, me forçando a não piscar. — Você *nos* deixou para trás.

— Você me odeia?

— Não. — Suspiro. — Mas eu não sei mais quem é você. — Eu levanto meu olhar para encontrar o dele. — E você também não me conhece.

— Eu sei quem você é, Shannon — ele diz, a voz trêmula. — Você é minha irmãzinha que adora cantar e dançar e ler, e você é inteligente. Você é tão inteligente, Shannon. Você tem as melhores notas escolares de todos nós. Você adora jogar basquete. Você ama os animais. Sua cor favorita é rosa. Você está sempre trazendo para casa animais e pássaros feridos e cuidando deles de volta à saúde. Você quer ir para o University College Dublin para estudar veterinária, e sua maior ambição na vida sempre foi viajar pelo mundo.

— Não canto mais e não danço. Minha cor favorita é verde e não pego uma bola de basquete desde que ele enfiou uma faca na minha por jogar com ela na lateral da casa. Parei de trazer animais para casa há muito tempo, porque percebi que não queria que eles fossem enjaulados comigo... quando percebi que eles estavam mais seguros na natureza do que comigo. Não vou para a faculdade e me tornar uma veterinária porque falhei cada uma das minhas aulas nos últimos três anos. — Eu mantenho meu olhar vidrado no dele enquanto falo. — Mesmo que, por alguma intervenção milagrosa, eu consiga melhorar minhas notas escolares e passar nos exames, não sou ingênua o suficiente para acreditar que poderia me dar ao luxo de ir para a faculdade. Não quero mais viajar pelo mundo, e minha ambição final é sobreviver. — Ele se encolhe, mas eu me forço a terminar. — A garota que você se lembra se foi, Darren. Eu não sou mais ela. Seja lá o que eu costumava ser, ele tirou ela de mim na surra há muito tempo.

— Sinto muito, Shannon — é tudo o que ele diz.

— Sim. — Suspiro. — Sinto muito, também, Darren.

— Precisamos conversar sobre o que vai acontecer a seguir — ele diz após uma longa pausa. Seu tom era hesitante, seus olhos cautelosos. — É importante.

Engolindo profundamente, eu assinto.

— Ok.

— Você confia em mim?

— Não.

Darren se encolhe.

— Eu mereço isso.

— Não é sobre o que você merece — eu resmungo, a voz rouca. — É como eu me sinto.

— Justo — ele murmura, esfregando o queixo. — Mas os serviços sociais estão respirando no pescoço da mamãe. Você sabe o que isso significa.

Sim, eu sei.

Eu não tinha certeza se me importo mais, mas eu definitivamente sei o que isso significava para *nós*.

— Estou preparado para voltar para casa e cuidar de vocês até a mamãe se recuperar e resolvermos toda essa bagunça. Os assistentes sociais envolvidos no caso apoiam esse arranjo e estão confiantes o suficiente para permitir que vocês voltem para casa para nós — continua Darren. — Falei com Alex e ele entende, e meu chefe está disposto a me deixar trabalhar principalmente de casa. Serei obrigado a aparecer no escritório uma vez por semana, mas podemos resolver isso assim que vocês voltarem para a escola depois das férias da Páscoa. Mas nada disso funciona sem mamãe. Sem um responsável na mistura. Precisamos apoiá-la também, Shan. Independentemente do que Joey diga, precisamos mostrar uma frente unida.

— Quando você diz apoiá-la, o que você quer dizer? — Eu não tenho certeza por que faço essa pergunta quando a resposta é óbvia.

— Basicamente, quando eles perguntarem sobre seu relacionamento com mamãe, você precisa lembrá-los de que ela é uma boa mãe que fez o melhor para você, forneceu um lar o mais estável possível e apoiou financeiramente vocês cinco sozinha. Conte a eles sobre como ela a matriculou em Tommen quando descobriu que você estava sofrendo bullying na BCS, e como ela a ama muito.

— Então, você quer que eu minta? — Eu sussurro.

— Não é mentira. Ela é uma vítima também, Shannon — ele diz com um suspiro cansado. — E agora, ela é tudo o que está entre você e o sistema de assistência social. — Seus olhos escurecem então e ele desvia o olhar. — E o que quer que Joey diga, confie em mim quando digo que você não quer isso.

A dor se agita dentro de mim por tudo que ele passou.

— Você está bem?

Ele pisca para mim, parecendo um pouco assustado com a minha pergunta.

— Eu?

Eu balanço a cabeça.

— Estou bem. — Ele solta um suspiro áspero. — Eu só estou preocupado.

— Eu também — eu solto.

— Eu não quero que você vá para o sistema de assistência — acrescenta ele, a voz rasgada. — Além de todos os meus próprios problemas, não é um bom lugar para nenhum de vocês. Você está indo bem em Tommen. Se eles a levarem, você será transferida para uma nova escola e terá que começar tudo de novo.

Meu coração se apodera de pavor.

— Eu quero ficar em Tommen — eu solto.

— Eu sei — ele concorda. — E eu vou me certificar de que você faça isso. Eu vou cobrir as mensalidades. Eu vou fazer o que for preciso, mas eu preciso que você me apoie nisso.

— Joey não vai. — Minhas mãos tremem enquanto eu falo. — Ele não vai viver sob o mesmo teto que ela, Darren. Você não sabe como tem sido para ele.

— Joey é irrelevante nisso — murmura Darren, apertando as têmporas. — Ele tem mais de dezoito anos.

— Isso não o torna irrelevante — eu rebato, olhando para meu irmão mais velho. — Ele é a coisa mais relevante em nossas vidas, *Darren.*

Ele suspirou pesadamente.

— Eu sei, eu sei. Eu não queria que saísse assim...

— Você sabia que Sean chamava Joey de "Papai" até os dois anos? — Eu interrompo bruscamente. Meus olhos estão arregalados e cheios de lágrimas não derramadas, minhas mãos fechadas em punhos e tremendo ao meu lado. — Sean realmente achava que seu irmão era seu *pai*. Acho que seria um erro fácil de cometer, sabe, considerando que Joey ficava acordado na maioria das noites lhe dando de mamar e trocando suas fraldas quando mamãe estava trabalhando à noite ou se afogando em sua depressão. Então, vá em frente e diga a Sean como Joey é irrelevante. Ou melhor ainda, diga a Ollie e Tadhg que toda vez que Joey dormia do lado de fora da porta do quarto deles, por medo de que nosso pai fosse atrás deles, foi irrelevante. Conte a eles sobre como todas as surras que Joey levou por eles são irrelevantes. Diga-me o quão *irrelevante* é o irmão que nos alimentou quando estávamos famintos, nos defendeu quando não tínhamos ninguém, nos deu dinheiro quando precisávamos para a escola... — minha voz falha e eu arrasto várias respirações profundas antes que eu possa continuar — Fale para *mim* o quão irrelevante ele é, Darren — eu solto, sentindo o protesto ardente dos meus pulmões pelo esforço repentino. — Vá em frente e faça isso!

— Você sabe que eu não quis dizer isso — ele suspira. — Claro que ele não é irrelevante. Isso foi uma coisa ruim de se dizer.

— Sim — eu solto, o peito arfando. — Foi.

— O que eu estava tentando dizer é que Joey tem mais de dezoito anos. Legalmente, ele é um adulto e os assistentes sociais não estão interessados nele. Eles estão se concentrando nos filhos menores de idade – você, Tadhg, Ollie e Sean. Ele não está no radar deles.

— Você já conheceu Sean? — Eu me ouço perguntar, tom mais duro do que eu sabia que era capaz. — Ollie ficou grande, não foi? Tadhg também. Que idade eles tinham quando você os viu pela última vez? Três e seis, não foi? — Eu sei que deveria parar e me controlar, mas não consigo. Eu estou tão furiosa que ele possa ser tão irreverente com suas palavras. Dói ouvi-lo chamar Joey de *irrelevante* porque eu sei que era exatamente assim que Joey estava se sentindo quando ele saiu mais cedo. — Eu tinha dez anos. Joey tinha doze... pouco mais velho do que Tadhg é agora. Você acha que nós mudamos, Darren?

— Muita coisa mudou — ele sussurra.

— Sim, mudou — eu concordo, a voz trêmula. — E a mãe que foi tão boa para *você*, a mãe que *você* lembra, não é a que *nós* experimentamos.

— Ela ainda é sua mãe.

— Veja, você continua chamando ela assim, mas eu só me lembro de ter *um* desses.

— Shannon...

— Seu nome é *Joey* — eu solto, agarrando os lençóis. — O *irrelevante*. *Ele* tem sido nossa mãe, Darren, quando a nossa verdadeira estava por fora. — Lágrimas rolam pelo meu rosto enquanto eu falo, me forçando a deixá-las saber para ele ouvir: — Quando você foi embora, algo *morreu* dentro dela. Ela não era a mesma. Tudo ficou escuro. Você acha que sabe, mas você não sabe. Você não pode saber porque você não viu...

— Eu já vi o suficiente, Shannon — ele responde cansado. — Acredite em mim.

— O que quer que você tenha visto, foi durante um momento em que ela estava *presente* — eu digo. Eu não estou dizendo nada disso para machucá-lo. Eu só preciso que ele *entendesse.* — Ela não está presente há muito tempo.

— Olha, eu não vou forçar sua mão aqui — ele finalmente responde. — O que você quiser fazer é sua escolha.

Mas...

— Mas isso não é apenas sobre você — ele completa. — Os futuros de Tadhg, Ollie e Sean também estão em jogo aqui.

Então você não tem escolha...

— Mamãe está tentando, Shan — ele fala. — Ela está disposta a fazer o que for preciso para fazer isso funcionar.

Você está presa...

— Ela só precisa de alguma orientação — ele sussurra. — Então, se você apenas confiar em mim e seguir minha liderança nisso, eu prometo a vocês que posso dar a vocês uma vida melhor. Vocês não terão que se preocupar com a volta dele porque eu não vou deixar isso acontecer novamente. E assim que os policiais receberem sua declaração e isso for para o tribunal, você nunca mais terá que se preocupar com...

— O-o quê? Eu não vou ao tribunal — eu solto, correndo para falar primeiro. — Eu não vou falar contra ele, Darren. — Eu balanço minha cabeça, corpo tremendo violentamente. — De jeito nenhum.

— Shannon, ele não pode mais te machucar — insiste Darren. — Eu juro, isso vai ser...

— Você acabou de me dizer que ele não foi preso por isso — eu digo. — Isso significa que ele está lá fora. — Eu mordo a vontade de gritar e agarro o colchão. — Isso é ruim, Darren. Você não entende, mas eu entendo. *Entendo*. — Fungando, estendo a mão e enxugo as lágrimas do meu rosto. — Joey está certo; não há justiça para pessoas como nós. Ele vai levar um sermão – e isso se tivermos muita sorte. Não, não estou dizendo nada sobre ele.

— Ele tem que pagar, Shannon.

— Fácil para você dizer — eu atiro de volta, tremendo. — Quando você não é o preço.

— O quê?— Darren franze a testa. — Shannon, isso não faz sentido.

— Tanto faz, Darren, você não entenderia — eu fungo. — Ele te amava mais.

Darren hesita como se não pudesse acreditar nas palavras que acabaram de sair da minha boca.

— Você não poderia estar mais errada — ele solta. — Você está tão errada, Shannon.

— Você tem *palavras* — eu sibilo defensivamente. — Palavras cruéis, palavras horríveis, coisas que nunca deveriam ter sido ditas a você, e eu sinto muito por isso, mas você não teve o que tivemos... — Eu tenho que parar e respirar algumas vezes antes que eu possa terminar. — Por mais ruim que você pense que era

quando morava em casa, por mais tapas que você *acha* que levou, eu juro que ficou um milhão de vezes pior depois que você partiu. Eu juro a você que Joey e eu apanhamos *mais.*

— E nenhum de vocês tem o que eu tenho — ele rosna, perdendo a calma comigo. — Vocês tiveram uma pequena família legal por seis meses. Vocês tiveram sorvetes e abraços de merda. Vocês não tiveram o que eu tive, Shannon, e fique muito feliz por isso!

Eu vacilo com suas palavras.

Darren abaixa a cabeça entre as mãos.

— Eu sinto muito.

— Sim — eu sussurro. — Eu também.

6
Eu não sou um mentiroso
Johnny

Eu tinha sido atraído para uma falsa sensação de segurança ontem pelas mesmas pessoas que me trouxeram a este mundo com promessas de ação. No entanto, no minuto em que fui ajudado a voltar para minha cama e a enfermeira foi chamada, ficou bem claro para mim que eu havia sido enganado. Ficou ainda mais claro quando me disseram que uma *boa noite de sono na minha própria cama limparia meus pensamentos malucos.*

Filhos da puta.

O sono não aliviou nada em minha mente. Quando acordei esta manhã, foi pensando em Shannon e uma raiva tão quente no meu estômago que tive certeza de que desenvolveria uma úlcera.

Meu corpo está inquieto, minha mente dispara para o inferno, todo o caminho para casa de Dublin. Quando finalmente cruzamos a fronteira e entramos novamente em Cork, eu juro, nunca estive tão feliz em retornar ao país rebelde, o que é além de irônico, considerando que passei os últimos sete anos planejando e tramando para sair deste lugar.

Mas as coisas eram diferentes agora.

Eu era diferente.

Eu tinha pessoas para ver e merda para resolver.

Minha primeira prioridade é Shannon.

Nas últimas vinte e quatro horas, liguei para a estação local da polícia em Ballylaggin mais vezes do que posso contar. Depois do sétimo ou oitavo telefonema sem nenhuma informação enviada para mim, as relações entre mim e o policial Daly se romperam, que me avisou que eu estava "patinando em gelo fino" e para "ligar mais uma vez se quisesse passar a noite na delegacia".

Eu tinha muito que queria dizer a ele, mas meus pais confiscaram o meu telefone e o de Gibsie antes que eu pudesse causar mais danos.

Ninguém estava me dizendo porra nenhuma e esse era o problema. Tudo o que eles tinham a dizer era "nós a verificamos e ela está bem". É isso. Isso é tudo que eu queria ouvir e eu teria sido apaziguado. Em vez disso, recebi o padrão de

“estamos investigando” e “receio que não tenhamos a liberdade de discutir isso com você” repetidas vezes.

Era uma bobagem completa.

— Isso é besteira — eu verbalizo meus sentimentos em voz alta quando meu pai para a Mercedes do lado de fora de nossa casa e *não* da de Shannon como me foi prometido, antes de desligar o motor. Eu deveria ter pensado melhor do que confiar em um advogado, especialmente quando o referido advogado deixou Gibsie em casa e então começou a pegar a estrada de volta para nossa casa e *não* a estrada principal para a cidade de Ballylaggin. — Eu preciso vê-la.

— Não — mamãe responde por ele enquanto se vira no banco do passageiro para me dar um olhar severo. — Você precisa deitar e descansar. Ordens do médico.

Resistindo à vontade de rugir, agarro o interior de couro embaixo de mim e sibilo:

— Estou bem.

— E nós queremos que você fique assim, — mamãe concorda — e é por isso que você está indo direto para a cama.

— Vocês não estão me ouvindo. — Esfregando o rosto com as mãos, eu balanço a cabeça e olho pela janela para a chuva martelando lá fora. — Por que ninguém está me ouvindo?

— Porque você esteve sob um mundo de estresse, Johnny — papai explica calmamente. — Sem mencionar um mundo da medicação.

— Exatamente. — Sorrindo simpaticamente para mim, mamãe acrescenta: — Você teve um revés terrível com o rúgbi, amor. Tudo bem se você não estiver se sentindo bem agora.

— Eu sei o que estou dizendo — eu atiro de volta, furioso. — Eu sei que ele está machucando ela.

Mamãe geme alto e papai se vira em sua cadeira, me nivelando com um olhar duro.

— Johnny, você está fazendo muitas acusações e precisa se acalmar antes de se meter em problemas.

— Não são acusações quando há provas — eu cuspo, olhando para ele. — Eu tenho provas.

Meu pai revira os olhos, literalmente revira os olhos para mim.

— Sexta-feira à noite, você estava tão delirante que estava convencido de que Pat Kenny estava no quarto com você. Sábado à noite, era o russo do filme

Rocky.

— Domingo à noite, você acusou as enfermeiras de tentar envenená-lo — mamãe oferece com uma careta.

— Agora, é o pai de Shannon? — Papai termina e solta um suspiro frustrado. — No que devemos acreditar?

— Você deveria *acreditar em mim* — eu rosno. — Porque eu estou dizendo a maldita verdade, pai.

Papai arqueia uma sobrancelha incrédula.

Eu jogo minhas mãos para cima, exasperado.

— Obviamente, eu estava errado sobre Pat Kenny e o russo, embora a enfermeira tentando me envenenar ainda esteja em debate. — Eu balanço minha cabeça, me forçando a ficar no caminho certo. — Mas estou lúcido agora, e estou lhe dizendo que estou certo sobre isso, estou certo sobre *ele.*

— Tudo bem. — Papai assente rigidamente. — Você diz que tem provas. Mostre para mim.

— Ah, sim — eu zombo. — Apenas deixa eu tirar o corpo da Shannon para fora do bolso para você.

— Abaixe o tom, Jonathon — mamãe avisa. — Estamos tentando ajudá-lo.

— E quem está ajudando Shannon? — Eu exijo, a voz embargada. — Quem está ajudando *ela*?

— Johnny...

— Estou dizendo a vocês dois que, se não me levarem até lá, encontrarei meu próprio caminho.

— Você não está...

— Eu não sou uma criança — eu rosno, desafivelado meu cinto de segurança e abrindo a porta do carro. — Eu tenho quase dezoito anos, caramba! Então não me empurre para um canto e espere que eu não empurre de volta.

Agarrando minhas muletas, manobro desajeitadamente para fora do carro.

— Você pode não ter certeza, mas eu *sei* — insisto. — Porra, eu sei! E se você não me ajudar, eu mesmo resolvo isso.

— Onde você está indo? — ambos exigem em uníssono enquanto saem do carro atrás de mim.

Ignorando os dois, me apoio pesadamente em minhas muletas e luto com meu bolso para pegar meu telefone. Puxando-o para fora, desbloqueio a tela e disco o número de Gibsie.

— Nem pense nisso — mamãe avisa. — Você não vai a lugar nenhum...

— Eu preciso que você venha me buscar — eu digo no segundo que Gibsie atende, não dando a ele a chance de me cumprimentar. — Por favor?

— Não diga mais nada — é sua resposta automática. — Já estou a caminho.

— Obrigado, cara.

Encerrando a chamada, agarro meu telefone com mais força do que o necessário e olho de volta para meus pais que estão boquiabertos para mim em descrença. Eu sei por quê. Este não era eu. Eu não ajo assim. Não falo com meus pais como acabei de falar.

— Eu não sou um mentiroso — eu digo a eles. — Nunca fui, nunca serei.

Tremendo, acrescento:

— Sei o que vi, o que ouvi. Estou certo sobre isso e você está cometendo um erro muito perigoso por não me ouvir.

— Não achamos que você seja um mentiroso, Johnny — mamãe soluça. — Mas estamos *preocupados* com você.

— E eu estou preocupado com *ela* — eu retruco, a voz cheia de emoção. A chuva está martelando sobre todos nós, mas eu não estou me movendo. Eu *não posso*. — Estou apavorado por ela.

— Tudo bem, eu vou te fazer uma oferta — papai diz, limpando a garganta. — Vá para dentro e deite-se, e eu vou fazer algumas ligações e ver o que posso descobrir.

Eu caio de alívio.

— Sério?

Meu pai assente e afasta o cabelo úmido dos olhos.

— Se você está tão preocupado, eu mesmo vou até à delegacia e faço algumas perguntas.

— Você não está brincando comigo? — Eu pergunto, espelhando suas ações. — Você vai checar ela?

Papai assente rigidamente.

— Mas eu sinceramente espero que você esteja errado, filho.

— Sim — eu resmungo, sentindo o braço da minha mãe em volta da minha cintura. — Eu também...

O som do meu telefone tocando me faz parar no meio da frase. Olhando para o meu telefone, leio o identificador escrito *Joey o arremessador* na tela e meu sangue começa a ferver.

— Onde diabos você esteve? — Exijo no minuto em que atendo sua ligação. — Eu tenho ligado para você sem parar por dias, Joey. Jesus Cristo!

— Sim, eu sei — ele responde no que soa como um tom abafado. — Tem sido alguns dias complicados aqui

— *Complicado*?

Eu recuo e quase quebro meu telefone.

— Sim, veja que essa palavra não funciona para mim — eu rosno. — *Complicado* não explica nem desculpa as marcas no corpo de sua irmã.

Cambaleando em direção ao carro, ignoro os olhares horrorizados gravados nos rostos dos meus pais e continuo a reclamar:

— *Complicado* não explica por que ela constantemente foge e se encolhe diante do confronto na escola. E *complicado* não explica por que, quando eu perguntei a ela quem estava dando uma surra nela, ela disse que seu *pai!*

— Johnny...

— Você me disse para dizer a sua irmã que havia uma emergência familiar no dia em que você a deixou em minha casa. — Eu continuo, interrompendo-o, incapaz de me conter enquanto minha raiva me consome. — Você se lembra disso? Você me disse para dizer a Shannon que o *pai* dela estava de volta. E você sabe o que aconteceu, Joey? Você sabe que ela fez...

Eu tenho que inalar várias respirações calmantes antes de continuar:

— Ela desmoronou e chorou. Ela tremeu tanto que eu não sabia o que fazer para melhorar! Eu *não podia* melhorar! Porque você mentiu para mim. Eu perguntei na sua cara quem estava machucando ela e você mentiu para mim!

— Eu não menti — é sua resposta curta, e isso só me enfurece ainda mais.

— Você não me disse a verdade — eu rosno, furioso. — Eu estava bem ali, perguntando a você, *implorando* para você me dizer o que estava acontecendo com ela e você não disse!

— Eu não podia...

— Você me pediu para cuidar dela, e então você a tirou de mim! Você a levou de volta para *ele* — eu rosno, o peito arfando.

— Porque eu não tive escolha — ele sibila. — Você não tem ideia com o que eu tenho lidado.

— Essa é uma resposta culposa — eu cuspi, passando a mão pelo meu cabelo. — Todo mundo tem uma escolha.

— E cada filho da puta tem uma resposta para o problema de todos os outros filhos da puta, até que é a porra do seu próprio problema e então eles estão fodidos — Joey zomba. — Você acha que sabe, mas não tem ideia.

— Isso vem acontecendo há anos, não é? — eu exijo — E todos vocês simplesmente... enterraram.

— Não era uma coisa cotidiana — ele rosna na linha. — Nosso velho tem um problema com a bebida. Eu geralmente estou lá para evitar que a merda aconteça. Eu tento! Eu tento, porra, ok? Mas eu não estava no sábado. Eu estava no treino. Eu não sabia, eu não sabia Não esperei que algo acontecesse. Como eu podia saber? Achei que ela estava segura. Achei que ela estava em Dublin com *você*! O dia ruim dele é quarta-feira...

— Oh, *me desculpe* — eu zombo, afundando no banco de trás do carro. — Eu não sabia que ele tinha um horário para dar uma surra! É só às quartas-feiras que ele gosta de bater nela? Devo buscá-la às terças e deixá-la de volta nas quintas? Isso serviria para ele?

— Escute-me...

— Onde ela está agora? — eu exijo. — Você está com ela? Na sua casa? Ele está lá também?

Eu sabia que ia perder a cabeça se ele me desse a resposta errada. Na minha mente, havia apenas uma resposta para essa pergunta fodida. O pai deles precisava *não* estar lá. Ele precisava estar tão longe dela quanto humanamente possível. Eu não podia suportar o pensamento disso. Colocando as mãos sobre ela. Olhando para ela. *Tocando-a...*

— Ele está perto dela? — Eu falo. — Ele a tocou?

— Você poderia apenas parar de falar e *ouvir*...

— Eu deveria ter confiado no meu instinto — eu cuspo, interrompendo-o novamente. — Eu sabia que havia algo errado sobre sua família. Eu sabia disso. Naquela noite você veio e a pegou? Tudo dentro de mim estava gritando para mantê-la comigo. E em vez de ouvir as bandeiras vermelhas subindo na minha cabeça, em vez de abrir meus malditos olhos, eu empurrei para baixo do tapete. Porque eu ficava pensando "não, não, esse cara ama sua irmã. Ele não iria ficar parado e deixar que nada acontecesse com ela." — Eu tenho que morder meus dedos para me impedir de dirigir meu punho pela janela do carro do meu pai. — Me engana mais!

— Vai se foder, menino rico! — ele solta. — É fácil para você me julgar. Você nunca viu dificuldades um dia em sua vida. Eu fiz tudo o que pude pela minha família.

— Exceto pela coisa certa — eu atiro de volta, lívido. — Você está ciente que é assim que ele tem tanto poder sobre você, certo? — Seguro o telefone com mais

força. — Ficar quieto não resolve *nada* para você e *tudo* para ele!

— Ela tem dezesseis anos, idiota! — Joey ruge na linha. — O que você acha que teria acontecido com Shannon se eu fosse correndo para a polícia? Ela teria sido jogada no sistema de adoção, só isso! E há mais do que apenas ela para pensar. Eu tenho três irmãos menores para cuidar.

Abro minha boca para protestar e então paro rapidamente.

Ele estava certo.

Eu abaixei minha cabeça.

— Porra.

— Sim. Porra — Joey zomba. — Isso não é um filme, Kavanagh. Esta é a nossa vida. É real, é uma droga, e você não sabe nada sobre isso. Nós estivemos sob cuidados. Nós vivemos isso. Pelo amor de Deus, nosso irmão foi...

Ele para e exala uma respiração irregular.

— Estivemos no sistema, sabemos como funciona, então antes que você me culpe por não fazer algo, pergunte a si mesmo por que preferimos ficar com ele do que voltar!

Levo um momento para absorver suas palavras antes de falar novamente.

— Bem, aqui está o que eu sei. Eu sei que estou a caminho de sua casa agora, e eu sei que se eu encontrá-lo lá, se ele estiver em algum lugar perto de sua irmã, eu vou trazer o mundo de problemas à porta do canalha...

— Ela não está em casa, idiota — Joey explodiu no meu ouvido. — Isso é o que eu tenho tentado te dizer. Ela está na porra do hospital!

Meu coração para morto no meu peito.

— Eu mesmo a levei lá no sábado à noite — ele solta. — Depois que nosso velho bateu nela a ponto de deixá-la a um fio de vida por ser pega com *você*. Um professor idiota de Tommen ligou para a casa e relatou que a encontrou ficando com você em um vestiário, então vá se foder, Johnny Kavanagh. Se isso é minha culpa, então é sua também!

A linha fica muda e eu apenas sento lá, entorpecido até os ossos, sentindo um milhão de emoções diferentes invadirem meu corpo, e olho fixamente para o telefone em minhas mãos.

Eu podia ouvir meus pais conversando rapidamente um com o outro, mas não consigo entender o que eles estão dizendo. Alguns segundos depois, meu pai sobe no banco do motorista e liga o motor.

— Eu te disse — eu digo, os olhos presos na parte de trás de sua cabeça enquanto o carro parte pela garagem. — Eu não sou um mentiroso.

7
Hoje não
Shannon

Passo o resto do dia em um estado de pânico mal contido. A dor de cabeça que eu vinha sentindo desde que abri os olhos se intensificou em proporções épicas, agravada pelo fluxo constante de perguntas sendo lançadas em meu caminho. Primeiro, pela polícia e depois pela Patricia, uma assistente social que queria que eu pensasse nela como uma *amiga.*

Sim, *com certeza,* ela é minha amiga. Eu sabia o que sua amizade me trará. Eu não sou tão *ingênua*.

Darren havia permanecido na sala o tempo todo em que os policiais estiveram presentes, uma coruja de guarda silenciosa, vigiando minha língua, certificando-se de que eu não estragasse tudo. Essa não era a primeira vez que eu estava nessa posição, enfrentando a ameaça de autoridade com um membro da família à espreita por perto, certificando-me de saber qual era o meu papel nisso. Normalmente, era meu pai ou minha mãe de prontidão para ter certeza de que eu me lembraria de colocar os pingos nos is. Hoje, foi Darren.

Ele não precisa se preocupar. Eu sabia o meu papel. Eu o havia aperfeiçoado ao longo dos anos. Eu disse todas as coisas certas, escondi todas as coisas ruins e permaneci em silêncio para as que eu sabia que eram perguntas capciosas – as que eu sabia que eram armadilhas.

Médicos e enfermeiras iam e vinham do meu quarto o dia todo, me cutucando e tocando, e me fazendo perguntas para as quais não queriam as respostas. Desanimada, fiz o que tinha que fazer para manter nossa mãe longe de problemas, querendo nada mais do que ser deixada sozinha. Quando finalmente terminaram de me interrogar e as enfermeiras desistiram de me sondar, me senti pior do que há muito tempo.

No meio de tudo isso, apenas uma coisa se destaca para mim, e tudo que eu consigo pensar é: eu espero que Tadhg, Ollie e Sean encontrem os ovos de Páscoa na minha mochila no domingo de Páscoa. Eu sabia que eles não ganhariam nenhum de outra forma. Papai havia gasto o dinheiro do auxílio no início do mês. Não há dinheiro sobrando para os ovos.

Joey não voltou naquela noite para me visitar, mas mamãe sim.

Meu coração afunda ao vê-la.

Porque eu sei o que está por vir.

— Olá, Shannon. — Com os olhos marejados e o rosto manchado, ela caminha até minha cama e me envolve em seus braços, me segurando como se eu fosse algo importante para ela. De certa forma, eu sei que sou, porque ela precisa me manter quieta. Ela está me mimando porque está com medo do que eu posso fazer.

Ela não precisa se preocupar. Não era a vida dela que estaria arruinada se o serviço social se envolvesse. Seria a nossa.

Quando eu não retribuo ou faço qualquer movimento para retribuir seu abraço, mamãe me solta e ocupa o lugar que Darren havia desocupado quando ele saiu uma hora atrás.

— Como você está se sentindo?

Recusando-me a responder, permaneço rígida e imóvel, meus olhos percebendo o leve hematoma em sua bochecha em seu rosto magro. *Por que você faz isso consigo mesma?* Eu queria perguntar, *por que você deixa ele te tratar assim?*

— Falei com seus médicos — mamãe diz em um tom trêmulo enquanto brinca com as mangas de sua capa de chuva enorme. — Eles estão falando sobre deixar você voltar para casa depois de amanhã, ou talvez até amanhã se sua próxima rodada de exames estiver boa.

— Casa? — Eu pergunto, dando-lhe um olhar vazio. — Ou o sistema?

— Casa, Shannon. — Mamãe exala uma respiração irregular e assente. — Você está voltando para casa.

Lágrimas enchem seus olhos enquanto ela fala.

— Eu sinto muito, querida. Por tudo isso.

Abaixo meu olhar para encarar meus dedos. O que ela espera que eu diga? Que está tudo bem e eu a perdoo? Nada sobre nossas vidas está *bem.*

— E o pai? — Eu me forço a perguntar, mantendo meus olhos fixos em minhas unhas aparadas. — O que acontece agora?

— Seu pai não vai voltar.

Mentiras.

— Sim — eu murmuro baixinho. — Claro.

— É verdade — mamãe insiste, a voz cheia de emoção. — Eu fui ao tribunal. Há uma ordem de proteção temporária em vigor para impedi-lo de entrar em

contato com qualquer um de nós. Eu volto ao tribunal em três semanas. Meu advogado nos garantiu que não teremos nenhum problema em obter uma ordem permanente contra ele.

Mais mentiras.

— Até que você decida que não quer um pedido permanente — eu atiro de volta, me sentindo vazia por dentro. — Até que você decida que quer varrer isso para debaixo do tapete, como sempre faz.

— Eu falo sério desta vez — ela assegura, a voz rouca e quebrada. — Eu não vou aceitá-lo de volta novamente. Eu não vou. Cristo, olhe para o que ele fez com você...

— O que ele *fez comigo*? — Eu solto, indignada. — O que ele fez comigo *desta vez*, mãe.

Pisco para conter as lágrimas traiçoeiras que estão embaçando minha visão.

— O que ele fez comigo *desta vez*!

— Querida, eu sinto muito.

Eu não respondo.

— Tudo vai ser diferente daqui para frente. — Sua voz soa fraca, assim como ela é. Fraca e quebrada e nada confiável. — Darren está em casa agora e ele vai nos ajudar a ficar de pé. Eu prometo que vai melhorar.

Eu balanço minha cabeça, furiosa com suas palavras.

— Eu não dou a mínima para o seu precioso *Darren* — eu cuspo, me odiando por chorar na frente dela. — Ele não significa *nada* para mim.

— É a sua raiva falando — mamãe solta. — Você se importa.

— Minha raiva falando? — Piscando minhas lágrimas, eu olho para ela. — Em que planeta você está vivendo, mamãe? Eu não conheço Darren. Não tenho nada a ver com ele e não quero.

— Shannon — mamãe soluça. — Isso não é justo.

— Não é *justo*? Você já checou Joey? — Eu exijo, a voz rouca. Ela sempre foi sobre Darren. *Darren isso e Darren aquilo.* Joey nunca foi visto. Nosso pai era aquele que ficou obcecado por Joey, mas, novamente, essa noção só acendeu *depois* que Darren foi embora. Joey foi simplesmente jogado em um papel que ninguém queria que ele desempenhasse, muito menos Joey. — Você não checou, não é?

Eu continuo.

— Você acabou de deixá-lo fora disso. Você foi em frente e tomou decisões sobre nossas vidas com Darren – uma pessoa de quem nenhum de nós ouviu

falar em mais de meia década – e você nunca pensou em perguntar o que seu filho que *realmente* tomou as rédeas e nos criou pode pensar! — Soluçando, limpo o nariz com as costas da mão e me forço a continuar. — Eu posso ser a que está em uma cama de hospital, mamãe, mas é Joey que você e papai quebraram.

— Ele não quer falar comigo — ela funga. — Ele não volta para casa a dias.

— Eu me pergunto por que — é tudo que eu respondo.

— Eu não sei o que fazer — ela engasga. — Como posso consertar isso se ele não fala comigo?

— Você não pode consertar isso, mamãe — eu respondo, tremendo. — É como aquela história sobre Humpty Dumpty[1]. Nada vai juntá-lo novamente. Papai o empurrou contra parede e você perdeu os pedaços para juntá-lo novamente.

— Oh Deus. — Ela abaixa a cabeça entre as mãos e soluça. — Eu sinto muito.

— Você deveria tê-lo visto hoje — eu digo, estremecendo quando uma pontada de dor passa por mim. — Ele estava completamente destroçado.

— Shannon — mamãe soluça. *Fraca, fraca, fraca pra caralho.* — Apenas me dê uma chance de fazer isso direito, querida, por favor.

Você não pode. Você nunca vai consertar isso.

— Eu sei que posso mudar isso para todos nós.

— Veja, você está falando, você está dizendo todas as coisas certas, mas são apenas palavras. — Balançando minha cabeça, eu levanto meu olhar para ela. — É tudo palavras com você — eu murmuro amargamente. — Todas as mesmas palavras que ouvi um milhão de vezes antes, com todas as mesmas promessas que você quebrou repetidamente.

— Então o que você está dizendo? — ela grita, enxugando as bochechas com um lenço amassado. — Você não quer mais ficar comigo?

— Estou dizendo que vou fazer o que for preciso por Ollie, Tadhg e Sean — eu solto, me afogando em meus sentimentos. — Para mantê-los seguros e sem entrarem no sistema, vou dar uma chance a esse plano de Darren. E espero que você esteja certa, mamãe. Eu realmente espero que você esteja dizendo a verdade desta vez, mas espero que para os meninos. Eu *rezo* para que você possa mudar isso para eles e ser a mãe que eles merecem, mas é tarde demais para mudar isso para nós.

— Eu não sei o que dizer — ela soluça. — Eu sinto muito, Shannon. Eu sei que não posso consertar isso, mas eu... Deus, eu não sei mais o que fazer.

— Eu sei que você não é uma pessoa ruim, mamãe — eu sussurro, pegando minha mão traidora de volta quando ela se moveu por vontade própria para confortá-la. — E eu sei que ele machucou você também, de maneiras que eu não entendo, e eu sinto *muito* por isso. Aconteceu com você. Eu sei que você estava com medo, e eu sinto muito que você teve que viver com medo por todos esses anos, — furiosa comigo mesma, eu enxuguei minhas lágrimas com raiva e exalo lentamente antes de continuar — mas isso não significa que você tem passe livre conosco.

Eu fungo e limpo meu nariz com as costas da minha mão.

— Não faz tudo ficar bem porque você *sabia* o que ele estava fazendo, você *viu*, e você não fez *nada*. Você apenas permitiu, mãe. Você estava lá, mas não estava. Joey estava certo quando te chamou de fantasma. E eu não sei, talvez fosse sua maneira de sobreviver, passando por cada dia inteiro, mas você tinha mais poder do que nós. Você era a adulta. Você era nossa *mãe*. E você apenas... — Eu dou de ombros impotente. — Você se retirou.

— Você acha que, com o tempo, você vai me perdoar? — ela sussurra, olhando para mim com olhos azuis solitários e cheios de lágrimas. — Você acha que conseguiria?

— Talvez? — Eu dou de ombros novamente. — Mas eu sei que não te perdoo hoje.

8
Demolidor
Johnny

— Eu preciso que você mantenha a cabeça — meu pai instruí enquanto caminha pelo corredor do Hospital Universitário de Cork para a ala 1A com a mão presa na parte de trás do meu braço. — Sem explosões — acrescenta em um tom baixo. — E pelo amor de Deus, sem acusações.

— O que há para acusar? — Eu rosno, mancando junto com minhas muletas. — Nós dois sabemos o que aconteceu com ela. — Como eu disse a ele. Como eu disse a *todos*. — Jesus, ele a colocou na porra do hospital, pai!

— Johnny... — Me parando no meio de um corredor movimentado, papai franze a testa e então se vira para olhar para mim. — Você está chateado, eu entendo. Eu entendo. Desculpe por duvidar de você, ok? Você estava certo e eu estava errado, mas *isso,* — ele acena com a mão, gesticulando para onde estávamos — é uma situação sensível, uma que você não tem experiência. Isso é uma questão de violência doméstica, Jonathon. A polícia e o serviço social já estarão em tudo isso. Você entende? Vai haver uma investigação criminal, na qual você não pode interferir. Emoções estarão em alta e a última coisa que você precisa fazer é correr para lá com todas as armas em punho. Pode parecer bom e justificável, mas não ajudará Shannon a longo prazo. Por tanto, se você quiser vê-la, então eu sugiro fortemente que você guarde suas opiniões e sentimentos para si mesmo, e me deixe falar.

Eu olho boquiaberto para ele.

— Eu *vou* vê-la, não há se sobre isso. — Meu pai me dá um olhar que dizia *pouco provável*. — Eu vou vê-la, pai — eu repito, furioso.

— Então mantenha sua cabeça e *não* surte. — ele responde antes de soltar meu braço e andar na minha frente.

Olhando para a parte de trás de sua cabeça, ajusto minhas muletas e corro para alcançá-lo.

— Eu não estou surtando, porra.

Eu dobro a esquina, caçando a silhueta do meu pai enquanto ele desliza por outro conjunto de portas duplas e some de vista.

Foda-se meu pau e essas malditas muletas.

Ele está claramente andando na minha frente de propósito. Ele queria chegar lá antes de mim para que pudesse avaliar a situação daquele jeito frio, insensível e calculista dele sem seu filho teimoso lá para fazer confusão.

Quando finalmente o avisto novamente, parado no posto das enfermeiras no final do longo corredor, eu acelero o passo, usando a força da parte superior do corpo para me apoiar nas hastes de metal, espiando pelas janelas de vidro de cada porta enquanto eu passo.

Eu estou passando pela sexta porta à esquerda quando meu corpo para abruptamente e meu coração dispara no meu peito.

Shannon está deitada na cama com os olhos fechados e as mãos debaixo da bochecha.

Ela está de frente para a porta e, ao vê-la, tenho que parar e recuperar o fôlego.

Um milhão e uma emoções me atinge enquanto meus olhos observam os hematomas em seu rosto. Ela estava com manchas pretas e azuis a ponto de ser quase irreconhecível. Quase. Eu reconheceria aquele rosto em qualquer lugar.

Eu sinto isso agora; o profundo sentimento de culpa me afogando. A tristeza em seu rosto toda vez que eu a deixava naquela casa. O medo em seus olhos quando bati na porta pela primeira vez, na segunda e na terceira também. Ela sempre foi tão arisca, tão recatada e prestativa. Ela pede permissão para quase tudo. Ela não tem permissão para ir a lugar nenhum. Ela me disse isso uma vez – disse que seus pais eram protetores. Mas ela foi comigo mesmo assim.

"Você pode me salvar?"
"Você precisa de mim para salvá-la?"
"Hu-hum."

"O que aconteceu aqui? De onde é isso?"
"Meu pai."

Os sinais estavam lá, estavam há meses, e eu simplesmente passei por eles. Meus olhos estavam abertos, mas eu estava olhando na direção errada. Eu não a ouvi. Eu não escutei. Não prestei atenção suficiente. Não entendi, não vi as dicas, não consegui ouvir os gritos de socorro, mas agora estou ouvindo e vendo.

E agora? Ela está deitada nesta cama de hospital porque eu a beijei. Porque eu a beijei para caramba e isso a colocou em apuros. Foi o que Joey disse. O pai deles fez isso porque ela estava *comigo.*

Minha mente vaga para Joey. Toda vez que eu encontrei o irmão de Shannon, ele estava ostentando algum hematoma fresco no rosto. Eu nunca pensei duas vezes sobre isso, no entanto. Eu apenas coloquei isso na conta do Hurling e varri para debaixo do tapete. Deus sabe que passei a maior parte do tempo cuidando de feridas. Mas isso? Meu pai estava certo. Eu nunca poderia entender *isso.*

Meu coração galopa descontroladamente no meu peito, minha mão se move por conta própria, quando estendo a mão e abro a porta. Lançando um rápido olhar para meu pai, que ainda está no posto de enfermagem, falando com quem eu presumo ser a chefe da ala, empurro a porta e entro.

9
Não me decepcione
Shannon

O som de metal batendo alto me faz acordar de um sono irregular. Uma cadeira raspando contra o piso de ladrilhos vem em seguida. Por alguns momentos incertos eu não tenho certeza de onde estou. Uma parte de mim parece que está de volta à minha cozinha, então mantenho meus olhos fechados e me preparo para o impacto. Quando vem na forma de uma mão cobrindo a minha, olho para cima e me encontro olhando para um par de olhos azuis dolorosamente familiares.

— Oi, Shannon.

Isso era real?

Eu estou imaginando isso?

A batida selvagem e errática do meu coração e o calor de suas mãos nas minhas me garantem que eu estou bem acordada.

Atordoada, olho para baixo para onde minha mão está presa com fios e enrolada firmemente nas suas antes de retornar meu olhar para encontrar o dele.

— Oi, Johnny.

— Quando de repente trocamos de lugar? — Johnny brinca. Seu tom era leve, mas seus olhos estavam escuros e tempestuosos. — Você está tentando me copiar, Shannon *como o rio*?

Eu abro um sorriso.

— Acho que queria algumas daquelas drogas para mim.

— Fique longe dessas drogas. Elas vão foder com sua cabeça. — Ele me dá um sorriso triste antes de olhar ao redor. — Então, você está aqui sozinha? — Uma carranca profunda está gravada em seu rosto. — Sozinha?

Eu balanço minha cabeça.

— Minha mãe está por aqui em algum lugar. Ela pode estar lá fora fumando.

Johnny se inclina para frente e abre a boca para falar, apenas para se conter. Soltando um suspiro, ele morde o lábio entre os dentes e pergunta:

— Então, quando você recebe alta?

— Talvez amanhã — eu respondo com um pequeno sorriso. — Ou no dia seguinte.

Johnny assente rigidamente e eu sei que ele quer dizer mais, mas ele se contém.

— Eu não deveria estar aqui — ele diz então, mudando seu olhar de volta para mim. — Pelo menos, eu não acho que deveria.

— Estou feliz que você esteja — eu sussurro. Tê-lo aqui, ouvir sua voz e ver seu rosto, estabelece algo dentro de mim. Algo muda no lugar, uma sensação quase de alívio vibra sobre minha pele, acalmando algo dentro de mim. Eu me sinto como se estivesse em casa. Eu sei que isso parece loucura. Era mais que louco. Era absolutamente insano, mas eu sinto isso. Era real, cru, e me leva a me aproximar, estar mais perto, mantê-lo.

Neste momento, sinto algo se alinhar profundamente dentro do meu corpo, e quando isso acontece, o peso que eu estava sentindo, o peso no meu coração e a pressão nos meus ombros, simplesmente desaparecem.

— Eu também — ele responde bruscamente.

— Então, quando você chegou em casa? — Eu pergunto, me sentindo rouca e desequilibrada.

— Esta noite. — Ele levanta minha mão e dá um beijo em meus dedos. — Demorei uma eternidade para voltar para você.

Suas palavras fazem um arrepio percorrer meu corpo.

— Estou feliz que você está de volta para mim. — Eu sei que estou me abrindo para uma decepção, para não mencionar o mundo de dor se ele me rejeitasse novamente, mas eu tinha que dizer isso. — Eu realmente senti sua falta, Johnny.

— Cristo, Shannon, eu não sei o que... — Johnny exala uma respiração enorme, e então começa a levantar minha mão para sua boca. — Você está bem — ele sussurra, dando um beijo nas costas da minha mão, fios e tudo. Inalando profundamente, ele coloca minha mão em sua bochecha e se inclina para o toque. — Você vai ficar bem, não vai?

Assentindo, eu embalo sua bochecha na minha mão e sussurro:

— Você *está* bem?

— Não me pergunte isso. — Seus olhos azuis queimam buracos tão profundos dentro de mim que eu sinto como se nunca pudesse ser reparada quando ele diz: — Não quando é você quem está deitada aí.

— Eu sinto muito.

— Não se desculpe. — Fechando os olhos com força, ele inclina a cabeça, ainda segurando minha mão em seu rosto. — Sou eu que devo pedir desculpas. — Ele solta um gemido de dor e empurra o rosto em meu toque, esfregando sua bochecha contra minha palma. — Eu só preciso que você fique bem — ele murmura. Seus cílios eram tão grossos e cheios que eu mal posso ver o azul escondido embaixo deles. — Eu sei que fui um idiota completo quando acordei depois da cirurgia e sinto muito. Sinto muito por te afastar. Eu estava apenas envergonhado e constrangido... e estava petrificado a ponto de assustar você, mas eu deveria ter impedido você de ir embora. Eu deveria ter me *comportado* melhor. Eu deveria ter pedido que você ficasse comigo. — Torcendo o rosto, ele dá um beijo na palma da minha mão e sussurra: — Eu queria que você ficasse comigo.

Meu coração pula uma batida.

— Você queria?

— Eu sempre quero que você fique comigo, Shannon — ele responde, claramente agitado. — E se eu tivesse apenas me comportado com meus sentimentos e te pedido para ficar, eu poderia ter impedido que isso acontecesse...

— Não, você não poderia — eu o interrompo, tremendo. — Eu teria que ir para casa em algum momento. Ficar um ou dois dias a mais só tornaria as coisas um milhão de vezes piores.

— Pior? — Ele aperta a mandíbula e balança a cabeça. — Shannon, olhe onde você está. Como pode ficar *pior*?

— As coisas sempre podem piorar, Johnny — eu sussurro.

— Então, ele fez *isso* com você? — ele vai direto e me pergunta. — Seu pai?

Abro a boca para responder, mas Johnny fala primeiro.

— Antes que você diga qualquer coisa, eu quero que você saiba que Joey me ligou e me disse tudo o que eu precisava saber — ele diz, olhando nos meus olhos. — Não que eu precisasse dele. Eu descobri por conta própria. — Sua mão aperta a minha. — Todas aquelas vezes que você veio para a escola com manchas pretas e azuis e toda ferrada... — sua voz para e eu vejo como uma veia em seu pescoço inchar e pulsar. — Todas aquelas vezes que você mentiu para mim? Foi para proteger *ele*?

— Eu não quero falar sobre isso — eu sussurro, caindo no meu padrão de evitação aprendido ao longo da vida.

— Não, não, nós não vamos fazer isso. — Johnny olha duro para mim, me chamando imediatamente. — Você não pode me deixar de fora, Shannon. Você

não pode fazer isso comigo de novo, porque eu não irei deixar para lá desta vez. Você está me ouvindo? Eu estou aqui, estou dentro, eu me importo, e eu não vou embora.

Minha mente está cambaleando, lutando para entender o que ele está dizendo. Ele quis dizer...? Ele...? Ele queria...?

— Você se importa?

Um gemido de dor rasga de sua garganta.

— Sim, eu me importo. — Ele se inclina para mais perto. — Eu me importo tanto que mal consigo respirar.

Minha respiração engata.

— O que você quer saber?

— Que tal você começar me dizendo o que há de errado com você — ele sugere, olhos azuis colados aos meus. — Qual é o dano?

— Alguns cortes e contusões — eu admito. — E um pulmão com problema.

— Jesus Cristo. — Eu assisto com meu coração na minha boca enquanto o rosto de Johnny perde a cor antes de retornar com um vermelho-sangue, sede de vingança. — Porra.

Soltando minha mão, Johnny se recosta na cadeira e pressiona as palmas das mãos contra a testa, colocando espaço entre nossos corpos e seu temperamento. Ele não diz uma palavra. Ele apenas fica sentado lá por vários momentos, respirando fundo e com dificuldade, obviamente lutando com suas emoções.

Seu cabelo escuro está arrepiado em quarenta direções diferentes e ele ostenta uma barba por fazer de vários dias em sua mandíbula. Sem surpresa, o olhar desgrenhado funciona para ele. Ele veste uma calça de moletom cinza solta e um moletom azul-marinho. A faixa de admissão do hospital que ele estava usando da última vez que o vi ainda estava presa à mão esquerda, e um conjunto de muletas de metal estava a seus pés.

— Você deveria ter me contado a verdade — ele finalmente diz. — O que estava acontecendo com você... — Soltando as mãos do rosto, ele se inclina para frente e pega minha mão de volta. — Eu podia ter ajudado você.

— Você não podia — eu suspiro. — E eu não podia.

— Não? — Sua voz está triste, combinando com seus olhos. — Por que não?

— Porque... — Meu coração está batendo violentamente contra minhas costelas. — Porque...

— Porque? — Johnny oferece, a voz suave e persuasiva enquanto se aproxima para descansar os cotovelos na borda do colchão. — Você achou que eu não

acreditaria em você? — Ele se inclina para mais perto, colocando o queixo em cima de nossas mãos unidas. — Porque eu acreditaria. Todas as vezes.

— Porque ele é um alcoólatra — eu digo, sentindo-me subitamente sem oxigênio. — E eu estava tentando manter minha família segura.

— Segura? — ele continua a investigar, atraindo-me para a segurança com sua persuasão irresistível, com a promessa de *segurança*. — Dele?

Eu balanço minha cabeça, olhos arregalados e cheios de medo não dito.

— Do sistema de adoção. — Meu coração parecia ter subido na minha garganta, dificultando conseguir dizer a próxima parte — Já estive lá antes — Soltando uma expiração dolorosa, eu seguro sua mão, me confortando com a forma como ele me fez sentir em terra firme. — Não quero voltar.

— Quando?

— Quando eu era pequena. — Engulo profundamente, sentindo a queimadura. — Não foi... bom.

Johnny assente, e o interesse acalorado em seus olhos me diz que ele está memorizando minhas palavras. Tudo sobre esse menino é intenso e maior que a vida. Ele é inteligente demais para insultá-lo com mais mentiras ou verdades diluídas, então não as digo.

Em vez disso, eu vou com a verdade.

— Eles não querem que eu fale sobre isso com ninguém. — *E especialmente não com você.*

— Quem são eles?

— Minha mãe — eu digo a ele, me sentindo insegura e cautelosa. — E Darren.

As sobrancelhas de Johnny franzem em confusão.

— Darren, como o irmão que não mora mais em Cork?

Eu balanço a cabeça.

— Ele voltou.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Desde quando?

— Desde isso. — Gesticulo para mim mesma, sentindo-me envergonhada. — Ele diz que está em casa agora, e que vai ajudar mamãe com as crianças e, ah, e meu... meu p-pai. — Eu me encolho na última parte – a parte do pai.

— Ele diz? — Johnny estreita os olhos. Veja, muito intuitivo para seu próprio bem. — Então, você não acredita nele?

— Eu não sei mais no que acredito. — Dou de ombros cansada, cansada demais para colocar uma barreira entre nós. — Muitos adultos estão dizendo muitas coisas, todos estão falando ao meu redor e sobre mim, e eu estou apenas...

— Farta da besteira? — ele oferece, apertando minha mão.

— Sim. — Eu balanço a cabeça, grata por suas habilidades agudas de interpretação. — Estou tão farta da besteira, Johnny.

— Onde está seu pai agora?

Dou de ombros.

— Não sei.

— O que você quer dizer com não sabe? — Seu tom é afiado, até mesmo indignado. — Ele não foi preso?

— Ele está desaparecido, escapou depois que aconteceu e não foi visto desde então — eu sussurro, sentindo pânico com o pensamento de meu pai estar lá fora em algum lugar. — Darren diz que ele será encontrado e acusado, mas Joey não tem tanta certeza. Ninguém está me dizendo nada... bem, exceto Joey. Joe deduz que nosso pai está ficando com algum de seus amigos em Waterford, ficando fora do radar até a poeira baixar e minha mãe... — solto um suspiro derrotado e murmuro — aceitá-lo de volta.

— De volta?

Entorpecida, eu dou de ombros.

— Eu realmente não deveria falar sobre isso com...

— Sou eu — ele me diz, levantando meu queixo com os dedos. Encontrando meu olhar, ele acrescenta: — Você pode me dizer qualquer coisa, ok?

— Estou com medo — confesso, mordendo meu lábio inferior. — E eu não quero ir para casa.

— Com sua mãe?

Eu balanço a cabeça rigidamente.

— Porque ela te decepcionou — ele diz calmamente. — Porque você não confia nela.

— Ela faz promessas, mas isso é tudo o que são; promessas *vazias.* — Tremendo, me movo para envolver meus braços em volta de mim, apenas para pensar melhor e agarrar seu braço quente em vez disso. — Nós devíamos sentir *pena* dela por causa do que ela passou, porque ela é uma vítima também, e eu sei disso, eu realmente sei, mas eu só... eu não consigo me *sentir* assim.

O medo e a incerteza habituais que me consomem sempre que eu estou em sua presença estão ausentes agora. Eu me sinto nua até os ossos e exposta a esse

garoto, e ele ainda está aqui, ainda me olhando com os mesmos olhos, ainda querendo *mais* de mim.

— Ela está recebendo apoio agora, e a polícia e os Serviços Sociais estão obviamente confiantes em sua capacidade de cuidar de nós, é por isso que eles estão trabalhando com ela. Eles estão entregando a ela todos os tipos de serviços e aconselhamento.

— Mas você não? — Johnny pergunta. — Você não acha que ela pode?

— Eu sei que ela nunca nos machucaria — eu sussurro. — Não de propósito, pelo menos. Ela não é violenta, Johnny, e ela não é cruel. Ela é apenas *fraca*. Darren continua dizendo que precisamos ter paciência e dar uma chance a ela, mas eu só... não consigo criar esperanças. — Agarrando seu antebraço com ambas as mãos, eu aperto. — Porque eu já vi tudo isso antes. Ela vai aceitá-lo de volta, eu sei que ela vai, e depois? O que acontece então, hein? — Balançando a cabeça, luto furiosamente com minhas emoções, piscando para afastar as lágrimas traidoras. — *Nada*. Nada vai acontecer como sempre, e eu estou farta de tudo isso, Johnny. — Eu exalo uma respiração irregular. — Quero sair desta cidade, ir muito, muito longe e *nunca* mais voltar.

— Você pode dizer a eles? — ele pergunta. — Que você não quer voltar com ela?

— E para onde eu iria? O que aconteceria com meus irmãozinhos se eu fizesse isso? Eles *querem* ficar com ela.

— Tem certeza?

— Ollie e Sean sim. Eu não sei sobre Tadhg, ele não está falando muito, e Joey tem mais de dezoito anos, então ele pode viver legalmente onde quiser. — Eu suspiro em derrota. — Se eu insistir nisso, se eu disser a eles que não me sinto segura com ela, eles vão nos colocar no sistema e seremos separados.

Minhas sobrancelhas franzem e eu me encolho antes de admitir:

— Eu conto mentiras como eu respiro ar. Até para mim mesma. Na metade do tempo, eu nem sei o que é verdade ou mentira. Eu tenho que pensar muito sobre isso porque isso é tudo que eu sei. Venho encobrindo as coisas há tanto tempo que nem tenho certeza se *estou* pensando com clareza. E agora estou duvidando de mim mesma porque continuo pensando e se estiver errada sobre ela? E se eu estiver errada em pensar mal dela?

Johnny fica em silêncio por um longo tempo, sem fazer barulho, apenas estando lá, ficando comigo, dividindo o peso, suportando a dor com apoio silencioso. E acho que o amo mais pelo que ele *não* diz nesse momento. Ele não

faz promessas que não pode cumprir. Ele não oferece mais do que pode dar. Ele apenas *fica*.

Vários minutos se passaram antes que ele fale novamente.

— Quando isso começou?

— Não me lembro de uma época em que não fosse assim — admito, me sentindo exposta e impotente.

— E eu? — Johnny engole profundamente. — Quando começou por minha causa?

— Ele sempre foi paranoico — eu digo a ele, decidindo que não tinha mais nada a perder. — Mas quando aquela foto nossa foi publicada no jornal, ele teve sua própria versão de prova.

Johnny abaixa a cabeça.

— Porra, Shannon, isso foi meses atrás.

— Eu sei — eu suspiro cansada.

— Eu tornei isso pior para você — ele engasga.

— Você tornou suportável — eu sussurro.

— Onde mais? — Duas palavras que parecem ter sido arrancadas de dentro dele. Seu olhar vaga sobre mim lentamente, descaradamente, escurecendo, até finalmente voltar para o meu rosto. — Há mais? — Seus dedos percorrem minha bochecha. — Mostre-me onde ele te machucou.

Hesito em responder, sentindo-me cautelosa e incerta.

— Você pode confiar em mim — ele diz em uma voz tão baixa que era quase inaudível. — Eu não sou como ele, Shannon. Eu nunca vou te machucar, eu não conseguiria. Não de qualquer forma ou jeito.

Eu sabia disso.

Além de Joey, Johnny Kavanagh era a única outra pessoa em quem confiava.

Foi com esse conhecimento que lentamente puxo meu corpo dolorido para uma posição sentada.

— Vai com calma — ele fala, inclinando-se para me ajudar a sentar. — Você está bem?

— Sim. — Deixando minhas pernas penduradas ao lado da cama, me sento de frente para ele, e pego a barra da minha blusa de pijama que eu troquei mais cedo. Cuidadosamente, levanto o tecido para revelar o lado esquerdo das minhas costelas em tons pretos e azuis.

Johnny respira fundo com a visão.

— Filho da puta maldito — ele rosna e então parece se conter porque engole tudo o que está prestes a dizer, cerra a mandíbula e sussurra: — Eu preciso ver tudo. Me mostre tudo. Eu preciso ver tudo.

Então eu mostro.

Mostro a ele meus braços e pernas, meu pescoço e coxas, e com cada hematoma e corte que revelo, sinto um peso sair dos meus ombros.

— E eles fizeram um buraco aqui — eu explico com uma voz trêmula, desajeitadamente desabotoando minha blusa de pijama para revelar o curativo fresco amarrado ao meu peito e ao lado. Tremendo, eu seguro meus seios minúsculos e afasto o lado para mostrar a ele. — Para me ajudar a respirar.

Os olhos de Johnny são para o curativo e eu vejo seu corpo inteiro endurecer. Ele não estava olhando para mim de uma forma sexual. Não, era um olhar de puro horror.

— Jesus Cristo. — Ele arrasta sua cadeira para mais perto da cama até que minhas pernas estejam aninhadas entre seus joelhos. — Está dolorido? — Descansando uma mão na minha coxa, ele gentilmente roça o curativo com a mão livre. — Você está com dor?

Sim.

— Eu vou ficar bem — eu respondo, virando-me para encará-lo. — O médico me disse que vai curar em uma semana ou duas.

— Ele fez isso com você por minha causa... — pausando, Johnny pega o tecido em cada lado do meu peito e começa a encaixar os botões de volta no lugar, mantendo os olhos nos meus o tempo todo. — Por causa do que aconteceu no vestiário? — Quando ele termina de abotoar minha blusa, ele balança a cabeça, a expressão dilacerada. — Porque você não deveria estar comigo?

Eu dou de ombros impotente. Eu não podia mais mentir. Não para ele, pelo menos. Ele viu de qualquer maneira, a verdade em meus olhos, e isso faz com que um gemido baixo e doloroso saia de seu peito.

— Eu sinto muito, Shannon. — Descansando sua testa contra o meu estômago, ele coloca seus braços enormes em volta da minha cintura e sussurra: — Eu sinto muito.

Meu corpo está tremendo tanto, eu estou lutando para segurar tudo, para manter meus sentimentos enterrados, quando tudo que eu queria fazer era me dobrar nesse garoto e nunca mais voltar para respirar. Tremendo, eu embalo seu rosto no meu estômago e exalo um soluço quebrado.

— Não é sua culpa — eu engasgo, sentindo a picada de lágrimas quentes e salgadas enquanto elas escorrem pelo meu rosto. — Não é. Se não fosse você, ele teria encontrado outra coisa para me odiar. É assim na minha família. Meu pai não precisa de uma razão para fazer as coisas que ele faz, Johnny. Ele simplesmente precisa de uma *ideia*. — Tremendo, eu arrasto meus dedos por seu cabelo, me forçando a manter meu toque suave e não me agarrar a ele e implorar para que ele me leve como eu desejo desesperadamente fazer. — Não fique triste por mim.

— Triste? Eu não estou triste, Shannon. Estou fodidamente devastado. — Ele solta, levantando a cabeça. — Eu tinha certeza que era alguém na escola. Porra, eu estava obcecado em descobrir isso e estava olhando na direção errada o tempo todo.

— Johnny...

— Eu te levei de volta para aquela casa — ele geme, angustiado. — Eu assisti você entrar naquela maldita casa e fui para casa para uma cama quente e segura, sabendo em meu coração que algo não estava certo, mas não abrindo minha mente o suficiente para ver isso! — Balançando a cabeça, ele solta um grunhido frustrado. — Eu sinto muito. Você não merecia ter outra pessoa te decepcionando.

— Está tudo bem — eu murmuro.

— Não, não está. Não está *tudo* bem. — Ele exala um suspiro pesado e sussurra — Shannon, ele...

Johnny solta um suspiro e balança a cabeça antes de tentar novamente.

— Ele... — Recuando, ele fecha os olhos. — Ele machucou você. — Era uma afirmação, não uma pergunta. — Fisicamente. — Ele abre os olhos e olha para mim mais uma vez. — Ele fez mais alguma coisa com você?

— O que você quer dizer?

— Eu preciso saber se ele... — sua voz é dolorida enquanto ele luta para pronunciar as palavras. — Ele... alguma vez fez você fazer coisas que você não queria fazer?

— Como o quê? — Eu solto, em pânico.

— Ele já tocou em você? — As palavras saem de sua boca com pressa. — Sexualmente. — Ele fecha os olhos quando um gemido de dor o atravessa. — Ele fez isso com você?

Abrindo os olhos, ele olha para mim, expressão dilacerada, e diz: — Ele estuprou você, baby?

— Não.

— Não? — Alívio inunda seus olhos por um breve momento antes que a dúvida volte. — Você não pode mentir para mim, ok? Não sobre isso. Eu preciso que você me diga a verdade.

— Ele não me tocou assim — eu murmuro, o coração batendo descontroladamente no meu peito. — Nada assim *nunca* aconteceu comigo.

Johnny me encara por um longo momento antes de soltar um suspiro trêmulo.

— Ok.

Assentindo para si mesmo, ele sussurra:

— Ok — várias vezes enquanto seus ombros caem. — Desculpe por perguntar isso, mas eu *precisava*.

— Está bem.

— Mas eu preciso que você saiba que você não está sozinha nisso. Não mais. — Sua voz era firme e forte agora. — Você me tem.

Meu coração salta no meu peito.

— Eu tenho?

— Absolutamente. — Sua testa tocou a minha então, dolorosamente suave, e seus olhos azuis perfuram os meus, silenciosamente pedindo permissão. Para fazer o quê, eu não tenho ideia, mas estou disposta a dizer sim a qualquer coisa que ele me pedisse. — Estou aqui — ele sussurra, acariciando meu nariz com o dele. — E eu não vou a lugar nenhum.

Oh Deus...

— Johnny?

Minhas mãos se movem por vontade própria, atando o tecido de seu moletom.

— Se você vai me decepcionar, — abaixando minha cabeça, eu fecho meus olhos e inalo várias respirações trêmulas antes de levantar meu queixo e abrir meus olhos — então eu preciso que você faça isso agora, ok? Não espere até que seja tarde demais, e *por favor*... por favor, não faça isso doer...

Johnny me silencia colocando seus lábios nos meus. Atordoada, não posso fazer nada além de ceder contra ele, dando-lhe todo o meu peso e confiando nele para não me quebrar.

É um beijo suave, inocente, quase como uma pena nos lábios, mas era tudo neste momento, e significa *tudo* para mim porque é dele. Porque pela primeira vez ele me beijou *primeiro.*

— Eu não vou — Johnny sussurra, sobrancelhas se tocando, lábios deslizando contra os meus enquanto ele fala. — Eu sempre terei cuidado com você, Shannon *como o rio*. — Exalando uma respiração trêmula, ele coloca meu cabelo atrás das orelhas e segura meu rosto em suas mãos. — Eu prometo.

— Eu vou ter cuidado com você também — eu digo a ele, tremendo da cabeça aos pés.

Ele sorri.

— É bom saber, porque tenho a sensação de que você pode causar sérios danos ao meu...

— Eu não tenho certeza de onde ele está agora, ele *estava* bem atrás de mim, mas se ele pudesse ter apenas um minuto com ela... não importa — diz uma voz familiar. — Eu o encontrei.

— Merda — Johnny murmura. Soltando meu rosto, ele se recosta na cadeira e oferece uma saudação sem entusiasmo com a mão. — Oi, pai.

— Fico feliz em ver que você e seus ouvidos tão ausentes como sempre, filho — responde o Sr. Kavanagh em um tom suave. — Shannon. — Ele me dá um sorriso triste. — É adorável ver você de novo, embora as circunstâncias não sejam ideais.

— Oi, Sr. Kavanagh — eu sussurro, sentindo minhas paredes subirem em um ritmo rápido. Eu não tenho certeza se foi a visão do pai bem-educado de Johnny que causa essa reação ou o olhar furioso no rosto da minha mãe enquanto ela está na porta ao lado dele.

— Bem — mamãe solta, claramente chateada. — Eu acho que ele teve mais de um minuto.

— Mãe... — começo a protestar, mas o Sr. Kavanagh me interrompe.

— Compreensível. — Ele olha para Johnny e inclina a cabeça. — Vamos, filho.

— O quê? — Olho horrorizada para minha mãe. — *Por quê*?

— Porque eu disse — mamãe responde, em tom trêmulo.

— Não. — Eu balanço minha cabeça e olho para Johnny. — Não, você não tem que ir a lugar nenhum.

— Sim, ele tem, Shannon — Sr. Kavanagh intervém. — Vamos, Johnny.

Johnny parece como eu me sinto, completamente dividido, enquanto olha de seu pai para mim. Vários longos momentos passaram em silêncio tenso antes de Johnny finalmente assentir em derrota. Meu coração afunda enquanto eu o observo pegar suas muletas e se levantar, cambaleante.

— Eu estarei de volta, Shannon.

— Eu preferiria que não — mamãe é rápida em dizer. — Voltasse, quero dizer. Pelo menos por um tempo. Estamos passando por um problema profundamente pessoal, é um assunto de família, e eu realmente não sinto que seja apropriado você estar aqui.

Meu queixo cai.

— Mãe!

— Oh não? — Johnny atira de volta, sem mascarar a raiva em sua voz. — Bem, eu *preferiria* que você enfiasse seus *sentimentos* no meio do seu...

— Jonathon! — Sr. Kavanagh lati. — Hora de *ir*.

— Você já causou danos suficientes a esta família — mamãe retruca, tremendo. — Se você percebe ou não, então não mostre seu rosto por aqui novamente. Você não é bem-vindo.

— Sra. Lynch — Sr. Kavanagh intervém calmamente. — Eu acho que todos nós precisamos nos acalmar...

— Mantenha seu filho longe da minha filha — mamãe retruca. — Ela tem dezesseis anos e eu não quero que ela perca tempo com ele. Ela está aqui por causa dele! Porque ele não se afastava. Então, o *mantenha longe*. Você me entende? Mantenha esse menino *longe* da minha filha!

— Do que você está *falando*? — Eu solto, sentindo meu coração galopando ao ponto de me sentir tonta. — Ele não fez nada de errado.

— Estou voltando para ver sua filha — Johnny rosna, os olhos fixos em minha mãe. — Eu joguei por suas regras uma vez antes e veja onde isso a levou. Então, você pode ter certeza de que eu não farei isso novamente.

— Johnny, vamos — Sr. Kavanagh ladra. — Agora.

— Jesus Cristo, pai!

— Agora!

Arrancando seu olhar fervente de minha mãe, Johnny se vira para olhar para mim. Ignorando nossos pais, ele fecha o espaço entre nós, segura a parte de trás da minha cabeça com uma mão e se inclina.

— Eu vou voltar — ele sussurra antes de dar um beijo demorado na minha testa. Endireitando-se, ele olha para mim e pisca. — Eu prometo.

De olhos arregalados, olho para ele e sussurro:

— Estarei esperando.

Johnny volta-se para minha mãe e sussurra:

— Estou de olho em você.

— Vamos. — O Sr. Kavanagh suspira cansado e coloca a mão na nuca de Johnny. — Saia do quarto antes que eu pegue sua muleta e bata em você com ela.

— Boa escolha de palavras, pai — Johnny geme, permitindo que seu pai o leve para fora da sala. — Muito tato pra caralho.

— Oh Jesus — Sr. Kavanagh murmura, virando-se na porta. Seu rosto está em um tom profundo de vermelho quando ele diz, antes de fechar a porta atrás deles: — Minhas mais sinceras desculpas pelo comentário de mau gosto.

— O que foi *isso*? — Mamãe pergunta, em tom acusador, os olhos semicerrados em mim.

— Aquele era Johnny — eu respondo, desafiando-a de volta com meus olhos. — O que foi *isso*? — Eu pergunto a ela de volta. — Que diabos, mamãe? Ele veio me ver e você o expulsou.

— Ele não tinha nada que estar aqui.

— O que? — Eu fico boquiaberta para ela. — Ele é meu *amigo!*

— E seu *amigo* está planejando criar o hábito de beijar você? — ela exige. — Na frente de sua mãe?

Deus, eu espero que sim. Eu dou de ombros evasivamente.

— Ele é muito velho para você.

— Ele tem dezessete — eu retruco desafiadoramente. — Eu tenho dezesseis anos.

— Eu não gosto disso, Shannon — ela murmura, parecendo preocupada. — Dele. Eu não gosto *dele*. Há algo sobre ele. Ele é muito... ele é muito...

— Ele é muito o quê, mãe?

— Muito para você — ela completa. — Ele é muito velho e muito experiente e definitivamente muito arrogante.

— Bem, ele não é sua escolha — eu digo a ela. — Ele é minha escolha.

— Ele sabe? — Mamãe sussurra, me olhando com extrema cautela. — Sobre a nossa família?

— Ele sabe tudo — eu confirmo baixinho, sentindo um tsunami de culpa extraviada crescer em mim. A lógica me diz que eu não preciso me sentir mal, mas meu coração está confuso. Meu coração me chama de traidora. — Eu tive que dizer a ele — eu engasgo, me explicando. — Ele viu as marcas.

— Jesus, Shannon — mamãe solta. — Não. — Ela balança a cabeça. — Não, não, não, isso não está certo.

— Olhe onde estou. — Minhas bochechas queimam. — Eu não posso continuar mentindo para ele.

— Não isso! — Mamãe dispara. — Quero dizer você e ele. — Ela balança a cabeça novamente. — Não, você está vulnerável e ele está se aproveitando de uma situação ruim.

— O que? — Eu fico boquiaberta para ela. — Eu não posso acreditar que você acabou de dizer isso.

— Você está dormindo com ele?

— *O quê?*

— Você está fazendo sexo com aquele garoto?

— Oh meu Deus! Você está tão incrivelmente desconectada. — Eu mordo de volta um grito. — Darren está certo. Você precisa de *ajuda.*

— Ele *machucou* você, Shannon — mamãe engasga. — Ele nocauteou você, colocou você no hospital.

— Acidentalmente — eu cuspo. — Ao contrário do homem que você deixou em nossas vidas, que gosta de nos machucar de *propósito.* — Eu gesticulo loucamente para mim mesma. — Estou no hospital de novo, mamãe. Você vai culpar Johnny também?

Mamãe se encolhe.

— Se ele tivesse deixado você em paz em primeiro lugar, então seu pai não teria motivos para...

— Não! — Eu aviso, com a voz embargada. — Não ouse me culpar pelo que ele fez comigo.

— Eu não estou — ela soluça, chorando novamente. — Desculpe... estou apenas *apavorada* por você.

Correndo em minha direção, ela afunda na cama ao meu lado.

— Seu pai sabe sobre ele. E se ele tentar encontrar você através dele? E se ele ver você com ele e isso piorar as coisas?

— Ele já sabe onde moramos, mamãe — eu digo com um suspiro cansado. — Se papai quiser me pegar, ele vai.

— Shannon... — Mamãe soluça alto. — Não diga isso.

— É a verdade — eu respondo, sentindo-me emocionalmente esgotada. — Se ele quer nos machucar, ele não precisa passar pelos meus amigos para fazer isso. Tudo o que ele tem que fazer é bater na porta e você vai recebê-lo de braços abertos.

— Não — ela funga. — Eu não vou fazer isso de novo.

— Veremos.

— Eu sabia que isso iria acontecer — ela sussurra, pegando minha mão.

— Você sabia o que aconteceria? — Eu pergunto, pegando minha mão.

— Eu vi o jeito que ele olhou para você naquele dia. Na escola quando eu fui te buscar? — Ela exala um soluço quebrado. — Eu sabia que ele ia ser um problema.

— Ele não é problema — eu insisto. — Ele é uma boa pessoa, mamãe, uma ótima. Ele está treinando para ser um jogador profissional de rúgbi, pelo amor de Deus. Ele já joga por seu *país*. Ele é inteligente, motivado e gentil. Ele é tão gentil, mamãe. Ele não aceita drogas ou festeja como todo mundo da idade dele. Ele não é o monstro que você inventou na sua cabeça.

— Você acha que eu não sei como é virar a cabeça de um menino assim? — ela pergunta. — Seu pai era todas essas coisas. Ele não era um homem ruim quando eu o conheci. Ele era maravilhoso. Ele era uma estrela por conta própria com o hurling. Todos queriam conhecê-lo. Ele era adorado, você sabe. O menino de ouro de Ballylaggin.

— Não é a mesma coisa — eu solto, sentindo meu corpo ficar quente e em pânico. — Nada *disso* é o mesmo.

— É *tudo* a mesma coisa — ela retruca entrecortada. — E olhe para mim agora, Shannon.

Ela acena com a mão sem rumo ao redor da sala.

— Olha onde garotos assim conseguem garotas como nós. Basta um erro. Um deslize e sua vida acaba. Você terá mais responsabilidades do que pode suportar e ele a culpará por tudo. Ele vai te culpar por tirar o futuro dele. Por mudar o curso da vida dele. Por fazer dele um pai quando ele ainda é um menino. Repita meus erros, Shannon, e aquele menino vai te culpar, se ressentir e te quebrar até não haver mais nada de você para machucar.

— Eu não sou você — eu engasguei. — E ele não é meu pai.

— *Ainda* — ela responde tristemente. — Ainda não.

— Pare de falar.

Mamãe hesita.

— O-o quê?

— Você não pode fazer isso comigo — eu digo, tremendo. — Você não pode me assustar com a única coisa *boa* da minha vida.

— Eu não estou tentando te assustar, Shannon. Eu estou tentando te ajudar — ela implora. — Tentando te *proteger*.

— Sim, da pessoa errada.

— Não. — Ela balança a cabeça. — De cometer os mesmos erros que eu.

— Bem, você me perguntou mais cedo se havia uma chance de eu te perdoar? — Engolindo em seco, agarro a borda do colchão, olho minha mãe nos olhos e sussurro: — Afaste ele de mim e a resposta será *nunca mais.*

10
Acusações
Johnny

— Sinto muito, Johnny — meu pai diz quando estaciona o carro nos fundos de nossa casa ao lado do meu Audi mais tarde naquela noite. — Eu deveria ter ouvido você.

— Eu sei, pai. — Exausto, solto o cinto de segurança e abro a porta. Ele deveria ter me ouvido, mas eu não podia falar sobre isso agora. Eu estou lutando com meus sentimentos, tentando desesperadamente segurar minhas emoções e não perder a cabeça. Não era fácil, porém, e toda vez que eu penso em Shannon deitada naquele hospital, quando eu penso naquelas marcas em seu corpo, eu me inclino mais perto da borda.

Eu não conseguia tirá-la da minha cabeça, o que, para ser justo, não era nada novo, mas agora era diferente. Eu estou confuso, meus sentimentos todos fodidos e atados com um desespero nervoso. Eu não queria deixá-la lá atrás. Se eu pudesse, eu a roubaria dessa família horrenda e a manteria só para mim.

Me ajudando a sair do banco do passageiro, meu pai fecha a porta atrás de mim e engancha um braço em volta da minha cintura. Fico feliz com a ajuda dele. Minha cabeça está em pedaços, meu corpo cansado e dolorido, e eu não acho que tinha um pingo de energia em meu corpo.

— Eu não vou cometer esse erro novamente, filho.

Agradecido pelo impulso, desisto de usar minhas muletas e jogo meu braço direito ao redor de seus ombros, apoiando-me fortemente contra ele.

— Estou em pedaços, pai — eu admito com os dentes cerrados, sentindo a queimadura em minhas coxas e abdômen inferior. — Meu corpo está destruído.

— Bom rapaz — papai fala enquanto coloca minhas muletas debaixo do braço e me guia até a porta. — É isso, cuidado com o passo, filho.

— Consegui — eu digo, forçando um grito enquanto luto com a porta. — Estou bem.

Quando entramos na cozinha, mamãe está de pé ao lado do fogão com o avental e uma colher de pau em mãos. No minuto em que ela nos nota, ela deixa

cair sua colher na panela de ensopado, esquecendo de mexer a comida, e corre para mim.

— Você está bem, amor? — ela pergunta, segurando meu rosto em suas mãos, olhos castanhos quentes e atados com preocupação maternal. — Você está dolorido? E quanto a Shannon? Você a viu? É verdade? Você conseguiu falar com ela...

— Edel, amor — papai interrompe com um pequeno aceno de cabeça. — Não esta noite. O rapaz está morrendo em pé.

A expressão de mamãe cede.

— Oh Deus. — Suas mãos caem para os lados enquanto ela olha para mim e papai com horror. — É verdade, não é?

— É verdade, amor — papai confirma severamente. — Ele estava certo o tempo todo.

A mãe cobre a boca com as mãos.

— O pai dela?

Papai assente rigidamente.

— Ah, John. — Lágrimas enchem os olhos de minha mãe. — Aquela pobre criança.

— Mas não é só ela, é? — Eu falo, eriçado de agitação. — Há uma porra de um oceano de crianças naquela casa.

Mamãe se encolhe.

— E você acha...

— Eu não sei mais o que acho. — Engolindo uma onda de raiva pela completa injustiça de ser um adolescente neste mundo, eu tiro minhas muletas do meu pai e rosno — Eu não tenho nenhuma ideia. — Passando por eles, manco até a porta. — Eu vou para a cama.

— Você quer falar sobre isso? — Mamãe chama por mim. — Johnny?

— Eu preciso de um pouco de espaço — eu murmuro, sem olhar para trás. — Eu preciso de algum tempo para processar essa... tempestade de merda.

— Johnny, amor...

— Edel, deixe-o em paz.

— Mas, John, ele não consegue subir as escadas sozinho...

— Edel, deixe o menino em paz.

A passo de caracol, desço o corredor até a escada, ignorando meus pais enquanto eles discutem entre si. Minha respiração está ofegante devido ao puro esforço necessário para que meu corpo obedeça e *se mova*.

Quando finalmente chego ao topo da escada, depois de abandonar minhas muletas depois três degraus, me sinto fraco. Cavando fundo no tanque de armazenamento de vontade dentro de mim, eu endureço minha espinha e continuo. Não é até que eu esteja dentro do meu quarto, com a porta fechada atrás de mim, que eu deixo sair.

Cambaleando até minha cama, afundo na beirada e deixo cair minha cabeça em minhas mãos. Sookie, minha labradora, levanta-se de seu poleiro ao pé da minha cama e salta em minha direção, fechando o espaço entre nós, claramente emocionada por me ver novamente.

— Como está meu bebê, hein? Mamãe deixou você aqui? Boa menina. — Exausto, coço suas orelhas e pescoço, enquanto minha atenção se volta para o jornal aberto na minha mesa de cabeceira. Me inclinando sobre minha cachorra, pego o jornal e o viro para a página em que estava aberto.

No minuto em que meus olhos pousaram no rosto sorridente e sem marcas de Shannon enquanto ela se aconchegava ao meu lado, eu sinto como se tivesse levado um soco no peito.

— Eu fodi tudo, Sook. — Envolvendo um braço em volta da minha cachorra, eu enterro meu rosto em seu pescoço. Exalando um rosnado de dor, eu pisco para afastar as lágrimas enquanto minha mente freneticamente passa por todas as memórias ruins que eu tenho de Shannon até que eu sinto que vou explodir. — Eu fodi tudo, garota — eu confesso, cerrando meus olhos enquanto um soluço áspero rasga do meu peito. — Cristo.

Uma batida baixa soou na porta do meu quarto.

— Johnny, posso entrar?

— Não — eu digo, ficando tenso. Fico surpreso que minha mãe está realmente pedindo minha permissão pela primeira vez em sua vida. — Apenas... me deixe em paz, mãe. *Por favor.*

Há uma longa pausa e, em seguida, o som de passos recuando preenche o silêncio, ficando cada vez mais silencioso, antes de girar em volume. A porta do meu quarto voa para dentro e mamãe entra.

— Desculpe, amor, mas não posso fazer isso.

E eles *me chamaram* de demolidor.

— Eu sei que você está com raiva de mim — ela diz, fechando o espaço e sentando ao meu lado. — E você tem todo o direito de se sentir assim. Estou com raiva de mim também. — Estendendo a mão, mamãe acaricia as orelhas de Sookie antes de tirá-la do caminho e se aproximar de mim. — Mas você passou

pelo inferno nos últimos dias. — Colocando a mão no meu ombro, ela acrescenta: — Eu preciso que você saiba que eu estou *aqui*. Eu *preciso* estar aqui para *você.*

— Eu sei que você está aqui, mãe — eu murmuro, focando meu olhar na porta do meu banheiro privativo. — Nunca pensei que você não estivesse.

— Eu conversei com seu pai sobre o que aconteceu com Shannon — ela acrescenta gentilmente, apertando meu ombro. — Eu sei que você deve estar se sentindo confuso agora.

Eu suspiro pesadamente.

— Essa é uma maneira de colocar isso.

— Está *tudo bem* se sentir desequilibrado sobre isso.

— Eu não sei mais como estou me sentindo — eu murmuro, apertando a ponta do meu nariz. — Tudo é apenas... uma incógnita. — Abaixando a cabeça, inalo várias respirações calmantes, me perguntando como diabos minha vida tinha tomado essa rota fodida. — Eu sinto que estou me afogando na dor deles, mãe — eu admito com a voz rouca. *Eu sinto que estou me afogando* nela.

— Você é um menino esperto, Johnny, mas você não está emocionalmente equipado para lidar com o que você foi exposto esta noite, e *tudo bem.*

— Não há nada bem sobre *nada* disso — eu digo com os dentes cerrados. — Um homem adulto bate a luz do dia em sua filha, a aterroriza por *anos,* a coloca em uma cama de hospital e simplesmente se esconde? — Eu jogo minhas mãos para cima em frustração. — Você acha que *Shannon* está emocionalmente equipada para lidar com isso? Porque eu honestamente não consigo ver como. — Eu inclino minha cabeça para trás, mais chateado do que eu posso suportar. — Eu não entendo, mãe — eu assobio, sentindo a raiva crescer em mim mais uma vez. — Eu não entendo como um homem pode fazer isso com um filho... — Eu aperto minha mandíbula e inalo pelo nariz, precisando manter a calma mais do que qualquer coisa agora. — Como alguém poderia fazer isso com *ela.*

— Às vezes as pessoas fazem coisas horríveis e inexplicáveis, amor — mamãe responde suavemente. — Não há uma maneira sã de entender a loucura, amor, então não enlouqueça tentando.

— Mas eu só...

— Se importa com ela? — Minha mãe intervém suavemente. — Nós sabemos, Johnny, querido.

— Meses, mãe — eu engasgo, me sentindo ansioso. — Eu conheço Shannon há *meses*, e sabendo que todos os dias desses meses ela estava indo para casa da

escola para aquele pedaço de... — Eu balanço minha cabeça e respiro fundo várias vezes antes de continuar — Eu a decepcionei. Eu sou apenas mais um em uma longa lista de pessoas que a decepcionaram.

— Você não a decepcionou, Johnny. Você não sabia.

— Eu sabia que *algo* estava errado — argumento. — Eu sabia disso!

— Porque você sempre teve uma boa noção do que era certo e errado — mamãe responde. — Isso é o que te torna especial, amor. Você sempre fez as coisas do seu jeito. Defendeu os indefesos. Você nunca foi de entrar na linha ou seguir a multidão. Mesmo quando você era pequeno, você andava na sua própria linha, Johnny.

— Isso não está ajudando muito, mãe — eu resmungo.

— O que estou tentando dizer é que você obviamente viu algo em Shannon. Algo que você queria proteger. Mas não é seu trabalho salvar o mundo, Johnny. Você não deveria saber o que estava acontecendo com ela, então não coloque isso em seus ombros.

— Sim, bem, aparentemente, ele é um *alcoólatra* — eu zombo. — Como se isso fosse uma desculpa para usar seus filhos como saco de pancadas.

— Não é uma desculpa — mamãe concorda. — É um crime.

— Eu o *odeio* — eu cuspo, praticamente engasgando com a minha indignação. — Eu quero caçar o filha da puta e causar sérios danos a ele.

— Mas você não vai.

— Não, eu não vou. — Eu olho para as minhas pernas. — Porque eu mal posso mijar sozinho agora.

— Não — mamãe corrigi, esfregando minhas costas. — Porque você está à beira de uma carreira que trabalhou a vida inteira para ter, e isso não vale a pena jogar fora por um soco, não importa o quão satisfatório possa parecer no momento.

— Sabe, mãe, eu *sabia que* algo estava errado desde o primeiro dia que conheci Shannon. Eu sabia que algo não estava certo, como se ela tivesse segredos, mas eu só... — Deixo minhas palavras sumir e dou de ombros. — Eu não pensei que os segredos fossem *isso.*

— Como você pode saber, Johnny?

— E *ela* — eu continuo, olhando para nada em particular. — Eu não confio *nela.*

— Nela?

— A mãe de Shannon — eu cuspo. — Há algo seriamente *errado* sobre ela. Tipo como, *como* em nome de Deus você deixa seus filhos viverem em uma casa como essa? — Olho para minha mãe para as respostas. — Como, mãe? Como isso funciona?

— Eu não sei, Johnny.

— Ela não deveria estar em algum tipo de problema? — Fecho minhas mãos em punhos com o pensamento. — Por não intervir? Isso não é negligência... ou falha em dar a porra de um passo à frente?

— Cuidado com a linguagem.

— Sério? — Eu arqueei minha sobrancelha. — Você vai me dar um sermão logo hoje à noite de todas as noites? *Sério?*

Mamãe suspira pesadamente.

— O que Shannon disse sobre isso? Sobre sua mãe?

— Coisas — eu murmuro, abaixando meu olhar para o meu colo.

— Coisas?

— Não estou falando sobre o que ela me diz, mãe — respondo. — É privado. Mas eu tenho um mau pressentimento sobre aquela mulher. — Deixando cair minha mão na minha coxa, começo a suavizar a dor que está crescendo em meu corpo. — Ela deve voltar para casa amanhã ou quinta-feira, mas isso significa que ela vai voltar para lá. Para aquela casa. Com aquela *mulher*. — Olho para minha mãe e pergunto: — Como diabos isso acontece?

— Eu não sei, amor — mamãe responde, a voz ficando dura. — Mas seu pai me contou como aquela mulher falou com você esta noite. Ela não tinha o maldito direito!

— Jesus — eu murmuro, mentalmente amaldiçoando meu pai por contar a ela. — Isso nem importa.

— Isso *importa* — ela corrige com veemência. — Ela não tem o direito de olhar com desprezo para o *meu* filho.

— Ela não estava olhando com desprezo — eu murmuro. — Ela está chateada que eu estava lá.

Dando de ombros, acrescento:

— A mulher não gosta de mim. Ela nunca gostou. — Expirando pesadamente, eu me mexo, tentando ficar um pouco confortável. — Não desde que eu bati em Shannon com aquela maldita bola. — Eu me encolho com a memória, ainda me sentindo culpado. — Ela não me quer perto de sua filha.

— Bem, ela precisa se afastar do *meu* filho, porra — mamãe rosna, visivelmente tremendo de raiva. — Eu não vou aceitar, Johnny. Você está me ouvindo? Eu não vou aceitar*!* Ela é uma senhora de muita sorte que era seu pai com você esta noite e não eu!

— *Afastar, porra*? — Minha boca se abre. — Você está planejando atacar, mãe?

— Ela tentou suspendê-lo em janeiro — mamãe rosna, as bochechas ficando rosadas. — Ela colocou as mãos no *meu* filho menor, no terreno da escola, algo que o Sr. Twomey convenientemente esqueceu de revelar quando falei com ele sobre isso. — Ela estreita os olhos. — Ninguém mexe com o meu filho.

Eu faço uma careta.

— Quando você falou com Twomey sobre isso?

Mamãe se eriça.

— Eu liguei para ele depois que Shannon me contou o que aconteceu, antes de eu voltar para Londres.

Eu olho boquiaberto para ela.

— *Por quê*?

— Porque eu sou sua mãe e eu tinha o direito de ser notificada de qualquer problema envolvendo meu filho na escola — ela retruca bruscamente. — Eu sei que aquela mulher está causando problemas para você. Eu também sei que eles te ameaçaram com suspensão iminente porque ela pressionou por isso, que eles fizeram você parecer um *valentão*! — A mãe cerra os punhos com as mãos pequenas. — Eu posso não gostar do rúgbi, mas como alguém ousa colocar tudo pelo que você trabalhou em risco por causa de um acidente? É completamente inaceitável. A escola não tinha o direito de fazer isso com você, e sem motivos. Eu deixei isso perfeitamente claro ao seu diretor.

Sorrindo, ela acrescenta:

— Antes de eu ameaçar tirar você e as generosas doações de fundos de nossa família, de Tommen.

— Ah Jesus, mãe. — Passando a mão pelo meu cabelo em exasperação, olho para o teto e gemo. — Só para você saber, ela mal me tocou.

— Ela *colocou as mãos em você* — mamãe repete com raiva. — Ela *empurrou* você. Ela *ameaçou* você. Ela atacou você com raiva. Isso pode ser ok na casa dela, Jonathon, mas com certeza não na minha.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Diz que a mulher sempre me dá um tapa na orelha.

— São tapas de amor — corrigi mamãe. — E você está perdendo o ponto.

— Tudo bem. — Dou de ombros em derrota. — Qual é o ponto?

— A questão, amor, é que ela não tinha o direito de tratar meu filho do jeito que tratou. Ela não tem o direito divino de estabelecer a lei no que diz respeito a você. Esse é o meu trabalho. Ela precisa fazer um teto e paredes de vidro ao redor da casa dela antes de atirar pedras na minha. Seu pai deveria ter dito isso a ela, mas ele é muito diplomático. — Suspirando, ela acrescenta: — É o culchie nele.

Eu sorrio com o comentário dela.

— Eu acho que é o advogado nele, mãe.

Mamãe bufa novamente.

— Bem, se seu pai tivesse passado trinta e seis horas deitado de costas, tentando empurrar todos os 3,5 quilos de você para fora de sua vagina, ele poderia se sentir diferente.

— Jesus Cristo. — Estremeço com o visual glorioso da minha entrada no mundo. — Obrigado pela imagem mental.

Mamãe sorri.

— Eu sei que você pensa que eu sou uma chata arrogante, mas eu não posso evitar. É isso que as mães fazem. Nós reclamamos e nos preocupamos e pairamos até até irmos pro cemitério. — Ela se inclina e descansa a bochecha no meu ombro. — Você é meu menino, Johnny. — Ela suspira pesadamente. — Você pode estar me dominando agora, mas não importa o que aconteça, ou o quão longe você vá na vida, você sempre será *meu* bebê.

— Você sabe que eu te amo também — eu murmuro, embaraçado e desconfortável. — Você pode me deixar doido na maioria dos dias, mas eu estaria perdido sem você.

— Eu sei amor. — Mamãe suspira e dá um tapinha na minha mão. — Eu sei.

— Mãe, por favor, não odeie Shannon por isso — acrescento, minhas palavras pouco mais do que um murmúrio. — Eu sei que você está chateada com a mãe dela, mas não use isso contra ela.

— Oh Deus, eu não odeio Shannon, amor — ela se apressa em me acalmar. — Ela é uma garota sensacional e eu nunca julgaria uma criança com base nos meus sentimentos em relação aos pais. — Estendendo a mão, ela pressiona a mão nas minhas costas. — Afinal, sua avó e seu avô Kavanagh nunca me julgaram e veja de onde eu vim.

— Verdade.

O lado da minha mãe da família era pitoresco para dizer o mínimo. Ela foi arrastada, literalmente arrastada de um lado para o outro e passada entre vários parentes até que, aos dezesseis anos, ela finalmente se cansou e saiu de Dublin. Sem um centavo no bolso e apenas sua inteligência para sobreviver, ela entrou clandestinamente em um ônibus da Bus Eireann sem destino em mente e desembarcou em Cork. Pegando uma carona para Ballylaggin, ela desembarcou na fazenda de meus avós com um sério problema de atitude e uma vontade de ganhar seu sustento. Quatro anos depois, ela estava morando em Londres, frequentando a faculdade e casada com meu pai.

— Mas eu vou dizer isso — mamãe acrescenta, cutucando meu ombro com o dela. — Se Marie Lynch quer criar problemas com você, ela terá que passar por mim primeiro.

— Mãe... — Eu balanço minha cabeça e suspiro pesadamente. — Estou defendendo a mulher, mas ela provavelmente está apenas projetando.

Dando de ombros, acrescento:

— Eles estão todos passando pelo aperto agora.

— Eu entendo isso, Johnny — mamãe concorda. — Sim, amor. Não consigo compreender como seus pobres filhos devem estar se sentindo.

Se levantando, mamãe alisa o avental antes de acrescentar:

— Mas ela não vai se projetar em você — Seus olhos se estreitam. — Só sobre o meu cadáver.

— Eu preciso voltar amanhã. — Observo minha mãe enquanto ela perambula pelo meu quarto, varrendo as roupas do chão. — Ao hospital.

Mamãe não responde.

— Mãe — eu pressionou. — Eu preciso voltar.

Mamãe suspira pesadamente.

— Eu não quero que você chegue perto daquela mulher, Johnny. Não quando ela está lançando acusações sobre você.

— Eu não vou por causa dela — eu rebato, eriçado. — Eu estou indo para ver Shannon, espere. — Eu estreito meus olhos. — O que você quer dizer com acusações? Você está falando sobre a porra da bola de novo? Porque eu já expliquei que foi um maldito acidente.

Mamãe balança a cabeça.

— Não, amor.

— Então, o quê? — Eu rebato, eriçado. — O que ela está dizendo sobre mim?

— Ela disse algumas coisas para o seu pai — ela responde. — Algumas coisas que deixam seu pai e eu desconfortáveis em deixar você ir até lá.

— Como o quê?

— Olha, Johnny, você precisa se afastar um pouco — ela diz finalmente, sem dar mais detalhes. — Não estou dizendo para sempre, mas até a poeira baixar, seria melhor se você desse algum espaço a essa família.

Porra, ela disse o quê sobre mim?

— Eu não fiz nada, mãe — eu rosno, me sentindo na defensiva e no limite. — Então, o que quer que ela esteja dizendo sobre mim, é uma completa besteira.

— Olha, apenas durma um pouco e falaremos sobre isso de manhã. — Ela responde, sem encontrar meus olhos. — Você ainda precisa descansar, Johnny. Você está correndo no vazio.

Eu estou correndo no vazio mesmo; um tanque vazio de paciência.

— Mãe? — Observo minha mãe enquanto ela caminha até minha porta. — Mãe, o que ela disse?

— Durma um pouco, amor — é tudo o que ela responde. Ela se move para fechar a porta atrás dela apenas para parar em seu caminho. — Oh, eu quase esqueci... — Deslizando a mão no bolso da frente do avental, ela pega um pequeno pedaço de papel dobrado. — Encontrei isso quando estava lavando suas roupas em Dublin. — Caminhando de volta para mim, ela me entrega o papel. — Você é um menino doce. — Sorrindo, ela acaricia minha bochecha com a mão antes de voltar para a porta. — Estou orgulhosa de você — mamãe acrescenta antes de fechar a porta do meu quarto atrás dela.

Confuso, desdobro o pedaço de papel e olho para baixo, sentindo uma onda de emoção me atingir direto no peito.

Shannon como o rio, por favor, seja minha amiga?

O contrato de amizade.

Porra.

Redobrando cuidadosamente a carta, eu a enfio no armário de cabeceira e suspiro.

Fique bem, eu rezo mentalmente. *Por favor, fique bem, Shannon como o rio.*

II
Volta para casa
Shannon

Eu sempre me senti instável. Durante a maior parte da minha vida permaneci em um estado de constante desconforto, tentando e falhando em prever o próximo movimento ruim, o movimento que traria dor e sofrimento.

Enquanto eu estou na porta do meu quarto de infância na tarde de quinta-feira, eu me sinto mais nervosa e duvidosa do que nunca, porque eu não posso prever o perigo. Eu só sei que está à espreita em algum lugar.

Meu corpo está em alerta máximo, o instinto de sobrevivência dentro da minha cabeça está gritando para mim que eu não estou segura. Sentindo-me impotente, olho ao redor do meu quarto e noto que parece exatamente o mesmo de sempre; pequeno, limpo e arrumado.

— Vou pegar algumas coisas novas para você aqui. — Darren anuncia enquanto passa por mim e coloca minha bolsa de hospital no pé da minha cama de solteiro. — Uma nova pintura e cortinas. Uma nova colcha. O que você quiser, Shannon. Apenas me diga quais cores você gostaria e eu farei.

Que tal uma nova vida? Ou uma nova família? Ou apenas alguma paz interior?

— Eu estou bem — eu respondo, a garganta ainda ferida e rouca. — Eu não preciso que você me compre nada.

Forçando minhas pernas a se moverem, algo que eu estou achando difícil desde que entrei pela porta da frente mais cedo, caminho até minha cama e me sento.

Minha mente muda automaticamente para a memória de Johnny esparramado no meu colchão, me ensinando matemática, e meus lábios se curvam. Mas então eu cometo o erro de olhar para a parede ao lado da porta e minha única boa lembrança nesta casa foi apagada no ar, substituída pela lembrança de meu pai me jogando contra a parede com tanta força que minha cabeça fez um amassado no gesso. Eu tinha sete anos na época e me recusei a entregar o dinheiro da minha comunhão. Isso tinha sido um erro. Um que eu paguei com meu dinheiro e meu corpo.

— Você está bem? — Darren pergunta, me arrastando de meus pensamentos sombrios. — Shannon?

— Onde está todo mundo? — Eu pergunto, forçando as memórias de volta.

— Os meninos estão na casa da vovó — explica ele. — Eu não podia levá-los comigo para buscá-la, e mamãe está naquela aula que Patricia organizou.

Patricia, sendo a assistente social designada para nossa família, e a aula, sendo um grupo de habilidades parentais.

Quase reviro os olhos com a ideia. O que eles iriam ensinar a ela lá? Não deixar o marido bater nos filhos? Não fugir por dias e deixar seus filhos sem comida? Não ficar na cama por semanas a fio e nos deixar à nossa própria sorte?

O bom senso deveria ter dito a ela tudo isso.

É claro que os assistentes sociais não sabem de tudo isso. Eles foram alimentados com a frase "pobre esposa espancada tentando desesperadamente manter seus filhos seguros" que Darren nos fez ensaiar até ficarmos sem fôlego. Eu me encolho com o pensamento de como ele expressou esse discurso para os meninos mais novos. Eles devem estar se sentindo tão confusos.

Ela é tão vítima quanto o resto de nós, Darren disse. Até certo ponto, eu concordava com ele, ou pelo menos, eu costumava concordar. Mas chegou um momento na vida em que parei de dar desculpas para minha mãe, e esse momento chegou e foi a meses atrás.

— Você quer conversar? — Darren pergunta, pairando na porta agora. — Sobre o pai?

Eu balanço minha cabeça.

— Tem certeza?

Eu dou a ele um olhar vazio. Eu não tinha certeza do que ele estava esperando que eu fizesse. Confiasse nele? Eu acho que não. Ele era tão estranho para mim quanto as inúmeras figuras de autoridade com quem fui forçada a falar. *Para mentir.*

— E quanto a Joey? — Faço a pergunta que era mais importante para mim. — Onde ele está?

Darren suspira pesadamente.

— Não sei.

— Bem, ele esteve em casa? — Eu pergunto, meu tom endurecendo com minha indignação. — Ele dormiu aqui desde que você voltou?

Ele balança sua cabeça.

— Não o vejo desde o hospital.

— Você ligou para a namorada dele? — Eu exijo, sentindo meu pulso vibrar descontroladamente. — Você sabe se ele está com Aoife?

— Joey é dono de si mesmo — Darren responde responde. — Ele é um adulto. Maior de idade...

— Recentemente quase — eu solto. Convinha a eles que Joey tivesse ido embora. Sem Joey, tudo voltaria ao lugar. Joey era uma complicação com a qual nem mamãe, nem Darren pareciam querer lidar. — Ele fez dezoito anos no Natal, e ainda está na escola. Isso dificilmente o torna um adulto.

— Shannon, se ele quiser ficar de fora, não há nada que eu possa fazer.

— Ele não quer ficar de fora, Darren — eu rebato. Todos nós éramos o produto do nosso ambiente. E Joey? Joey estava *com raiva*. — Ele não quer ficar em uma casa com ela!

— Bem, quer ele goste ou não, ela é a mãe dele — Darren retruca. — Ele tem um quarto nesta casa se ele quiser. A porta estará sempre aberta para ele. É sua escolha se ele quer agir como criança e não cooperar. Eu não posso fazê-lo ficar.

— Como criança? Não cooperar? — Eu estreito meus olhos e seguro seguro a vontade de gritar. — Ele está fazendo isso porque está machucado e ninguém o está ouvindo.

E especialmente não você!

— Então ele precisa se sentar e falar sobre como está se sentindo — Darren geme. — Não andar por aí batendo os punhos na porra do peito.

Ele passa a mão pelo cabelo escuro, claramente frustrado.

— Eu quero ajudá-lo, Shannon. Eu quero. Mas eu não posso fazer isso se ele não me *deixar*..

Abro a boca para responder, mas apenas balanço a cabeça.

Não há sentido em continuar com essa conversa. Darren não entende. Ele não pode ou não quer ver isso da perspectiva de Joey, e eu não estou desperdiçando mais minha energia tentando fazer ele ver. Entender.

— Você está falhando com ele — eu sussurro, incapaz de impedir que as palavras saiam — Assim como eles falharam.

— Shannon. — Darren se encolhe como se eu tivesse batido nele fisicamente, e acho que bati, com a verdade. — Estou aqui para todos vocês — ele solta — Para o que você precisar. Dia ou noite.

Sim, todos nós, exceto Joey.

— Então posso usar seu telefone? — Eu pergunto, já sabendo a resposta antes de perguntar. Estreitando meus olhos, eu acrescento: — Você disse que estaria lá para o que eu precisasse. Bem, agora eu preciso fazer um telefonema.

Meu irmão endurece.

— Se for para ligar para ele, então não. Você ouviu mamãe.

Eu não preciso dele para elaborar sobre quem ele está se referindo. Nós dois sabemos que ele se refere a Johnny.

— Então eu posso ter um telefone para mim?

Darren solta um suspiro exasperado.

— Shannon, precisamos nos concentrar na família agora. Temos assistentes sociais respirando em nossos pescoços e a polícia em nossas bundas. Não precisamos de mais problemas. Eu sei que você acha que estamos sendo injustos, mas será assim por enquanto.

— Então eu não preciso de nada de você — eu respondo friamente. — Exceto para fechar a porta quando sair.

— Shannon...

— Ela está errada sobre ele — eu sibilo, tendo ouvido tudo isso antes. Faz três dias desde que eu tinha visto Johnny. Três dias desde que ele foi ao hospital para me ver. E três dias desde que minha família decidiu que ele era uma má ideia. Mamãe nunca gostou de Johnny e agora eu sabia por quê. Ele a deixa nervosa. Ele sabe demais e isso a assustava. *Deveria.* — E você está dando ouvidos a isso.

— Eu não estou dando ouvidos a nada — ele responde, com um tom cansado. — Eu nem conheço o cara.

— Exatamente — eu sibilo. — Você não o conhece.

— Eu sei que mamãe está certa sobre você estar em um estado de espírito vulnerável agora — ele interrompe. — Não é saudável se apegar a ele.

— Oh meu Deus. — Fecho os olhos e luto contra a vontade de estender a mão e quebrar alguma coisa. — Vocês dois são nojentos. — Abrindo meus olhos, eu olho para o meu irmão. — Ele é meu *amigo*, Darren. Eu posso ter amigos, sabe!

— Um amigo que você foi pega se beijando e se agarrando, com sua saia na cintura, em algum vestiário por seu professor?

Eu fico da cor do vermelho beterraba. *Maldito seja, Sr. Mulcahy.*

— Nós estávamos nos beijando — eu solto. — Só *isso*..

— Eu não estou *julgando* você, Shannon, estou questionando seu julgamento. Há uma diferença — ele é rápido em dizer. — Seria muito fácil para

alguém na sua posição, que passou por um trauma grave e negligência, mergulhar de cabeça em algo para o qual você não está emocionalmente pronta porque você sentiu o gosto do afeto. E... — ele acrescenta cautelosamente, — seria muito fácil alguém tirar vantagem de uma pessoa nesse estado de espírito também.

— Você está tão errado sobre ele...

— Apenas me ouça sobre isso, ok? — ele interrompe novamente. — Eu não estou dizendo isso para te machucar. Eu só estou tentando te deixar *ciente.*

Seu tom de voz é suave e gentil, mas suas palavras são condescendentes e fazem me sentir doente.

— Você tem dezesseis anos — ele continua. — Você passou pelo inferno, e de repente há um cara passando por aí, dizendo todas as coisas certas, fazendo você se sentir adorável e viva. Eu entendo, Shannon, eu entendo. Todos nós já estivemos lá. Mas você precisa dar um passo para trás, pensar no que está fazendo e *por que* está se sentindo do jeito que está antes de pular de um ponto do qual não pode voltar. Eu não quero você fazendo algo de vai se arrepender mais tarde.

— Você não entende — eu sussurro.

— Eu entendo. Todos na história do mundo entendem. Você acha que está apaixonada. Você está convencida de que esse menino será o menino que te salvará. Mas não é real. É tudo hormônios e dores de crescimento. — Darren suspira cansado. — Suas emoções são intensificadas quando você é adolescente, e as suas são especialmente por causa do que você passou.

— Eu não posso acreditar que essas palavras estão realmente saindo da sua boca. — Eu sibilo, sentindo como se estivesse sendo atacada. — Você de todas as pessoas.

— É uma ligação traumática — ele continua — Talvez não completamente, mas você definitivamente está se apegando a ele.

— Porque eu o amo — eu rebato, perdendo a calma. Piscando loucamente quando percebo o que disse, penso em retirar minhas palavras antes de fortalecer minha determinação. — Eu o amo — repito isto, mais firme dessa vez. — E isso não tem *nada* a ver com trauma ou minha família e tudo a ver com *ele*!

— Você é um bebê, Shannon — Darren suspira, menosprezando-me mais uma vez. — Você nem sabe o que o amor significa ainda.

— Você já terminou? — Eu brinco, sentindo a picada quente das lágrimas. — Porque você pode ir agora.

Darren fica parado na porta por mais um sólido minuto, olhando para mim como se quisesse dizer alguma coisa, mas não o faz. Eventualmente, ele balança a cabeça e se vira para sair.

— Eu estarei lá embaixo se você precisar de mim.

12
Estou sozinha
Shannon

Eu tinha saído do hospital há menos de uma semana e as rachaduras já estavam começando a aparecer em nossa unidade familiar recém-formada. A mãe estava retraída e, quando não estava no trabalho, passava a maior parte do tempo trancada no quarto ou sentada à mesa da cozinha como um zumbi, fumando cigarros e olhando para o nada. Isso não era novidade para nós, mas sem Joey por perto para compensar, a casa estava caindo em um estado de anarquia.

Não parecia importar o que Darren dizia ou fazia, Ollie e Tadhg não ficaram impressionados e o desafiaram constantemente. Até o pequeno Sean está resistindo à nossa nova configuração. Ele não tinha falado com ninguém desde que nosso pai foi embora. Eu sabia que Darren está tentando, e uma parte de mim se sente mal pelo meu irmão mais velho, mas uma parte maior de mim mantém uma lealdade infalível por Joey.

Joey não volta para casa há dias e com sua notável ausência da rotina diária de nossos irmãos mais novos, algo a que estavam acostumados, veio a confusão e a rebelião. Eu tenho a sensação de que Darren está se arrependendo de ter voltado para casa. Ele estava crescendo sob a pressão do papel que assumiu, afogando-se nas contas e dívidas que nossos pais acumularam de forma imprudente e sufocando na responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos e de uma mãe fraca.

Além de reuniões com advogados, sessões com conselheiros e visitas domiciliares do serviço social e da polícia, os meninos ainda tinham treinamentos e jogos na maioria das noites. Eles tinham rotinas para manter e mesmo com a vovó ajudando, era muito para uma pessoa gerenciar.

A pressão é imensa e sem Joey por perto para suavizar tudo como ele costuma fazer, e orientar Darren na direção certa, as rachaduras estão aparecendo e os ânimos estão subindo.

A única parte boa de toda aquela confusão é que nosso pai ainda está desaparecido. A parte ruim é que eu sei em meu coração que minha mãe está

ansiando por ele. Ela está ansiando pelo homem que tornou nossas vidas uma miséria. Isso me dá pouca esperança de um futuro de longo prazo sem ele.

Sem telefone ou Joey, eu não tenho como entrar em contato com o mundo exterior. Quatro meses atrás, isso não teria me incomodado nem um pouco. Quatro meses atrás, eu teria ficado grata por me enroscar debaixo do edredom e me esconder do grande e ruim mundo. Mas isso foi antes de Tommen. *Isso foi antes de Johnny.*

Algo está acontecendo comigo, percebo, algo está mudando profundamente dentro da minha mente, e pela primeira vez na minha vida, me senti *inquieta*. Eu sinto como se quisesse puxar as correntes que me acorrentam a esta casa e me *libertar*. Eu não tenho ideia de onde essa noção tinha vindo, mas está lá, é real, e está me encorajando a me sacudir e *lutar*. Para ser corajosa e mudar esta vida para mim.

Nem mesmo os avisos dos policiais, encorajando-me a ficar em casa enquanto eles procuram meu pai, ou os sussurros constantes em meu ouvido de mamãe e Darren, podem dissuadir o desejo que eu tenho dentro do meu coração de me libertar.

Acho estranho que agora, com mais hematomas no meu corpo do que nunca, eu queira ultrapassar os limites, mas é isso que está acontecendo.

— Você teve notícias de Joey? — A voz de Tadhg corta meus pensamentos, me trazendo de volta ao presente.

Eu me viro para encontrá-lo encostado na parede do banheiro, os braços cruzados sobre o peito, me observando.

— Não — eu respondo, virando-me para o espelho que eu estava olhando antes que ele me distraísse. — Eu não tive.

Usando minha mão livre, corro meus dedos pelo meu cabelo, estremecendo quando a dor ricocheteia no meu couro cabeludo.

— Eu não o vejo desde o hospital. Você sabe disso.

— E você não está preocupada? — ele pressiona, endurecendo o tom. — Ou você não dá a mínima como o resto deles?

— Você sabe que eu me importo, Tadhg. — Forçando minha mão a se firmar, estendo a tesoura que estou segurando e tento novamente. — Eu me importo pra caralho.

— Por que ele não está voltando para casa, Shan?

Eu quero gritar *porque ela está aqui*, mas eu seguro e, ao invés disso, forço um:

— Eu não sei, Tadhg.

— O que você está fazendo? — ele pergunta então, parecendo distraído.

Colocando a tesoura na pia, eu me viro e dou a ele minha atenção.

— Estou tentando arrumar meu cabelo.

Ele arqueia uma sobrancelha de forma sarcástica.

— Cortando-o?

— Eu não estou cortando, Tadhg.

— Então o que você está fazendo? — ele repete, tom desafiador.

Solto um suspiro pesado.

— Eu tenho falhas.

— Como você descobriu isso? — Suas sobrancelhas franziram. — Seu cabelo parece o mesmo de sempre para mim.

Caminhando até o banheiro, fecho a tampa e me sento.

— Venha aqui.

— Por que?

— Para que eu possa te mostrar.

Parecendo um tanto hesitante, Tadhg se aproxima de mim.

— Tudo bem. Me mostre.

— Aqui. — Abaixo a cabeça. — Vê a parte lateral?

Sinto seus dedos roçarem meu couro cabeludo antes de parar.

— Há um espaço — ele brinca, puxando sua mão. — Do tamanho de um punho.

— Eu sei. — Engolindo profundamente, luto contra minhas emoções e seguro o lado da minha cabeça. — Eu estava *tentando* trazer um pouco de cabelo do outro lado da minha separação para cobri-lo, mas é tudo desigual nas pontas.

Ele fica em silêncio por um longo tempo antes de perguntar:

— Você tem um pente?

Eu balanço a cabeça.

— Na pia.

Sem dizer uma palavra, Tadhg vai até à pia e pega o pente e a tesoura.

— Wow — eu gaguejo, olhando para a tesoura com cautela. — O-o que você está fazendo?

— Consertando isso — ele rosna. — Você quer minha ajuda ou não?

Eu debato os perigos de deixar meu irmão de onze anos solto com uma tesoura no meu cabelo por um breve momento antes de encolher os ombros em resignação.

— Vá em frente. — O que quer que ele faça não pode parecer pior do que andar por aí com todo o meu cabelo jogado para um lado. — Estou confiando em você.

A resposta de Tadhg a isso foi um cortante "*Hmm*", mas seus dedos são dolorosamente gentis enquanto trabalha.

— Você acha que ela vai aceitá-lo de volta? — ele pergunta depois de um longo período de silêncio. — Quando a poeira baixar?

Sim.

— *Não.*

— Mentirosa — foi tudo o que ele respondeu.

Vinte minutos depois e eu estava olhando no espelho e admirando seu trabalho prático.

— Eu mudei de lado — ele explica, ainda carrancudo, enquanto ele está atrás de mim e olha para o espelho. — E então eu apenas igualei as pontas dos dois lados para que você não pareça estúpida.

Em vez do meu cabelo na altura do cotovelo repartido no meio do meu couro cabeludo como sempre, ele agora se dividia à direita, com o cabelo extra escondendo o espaço de onde meu pai havia arrancado mechas do meu cabelo.

— Obrigada — eu aperto, sentindo uma enorme onda de emoção surgir dentro de mim. Eu me viro para encará-lo. — Eu te devo uma.

Tadhg se mexe, parecendo desconfortável.

— Sim, bem, se você quer me fazer um favor, então encontre meu irmão.

Meu coração racha.

— Ele vai voltar, Tadhg. — Lágrimas enchem meus olhos quando eu digo: — Joey nunca nos deixaria.

— Estamos sozinhos — ele sussurra, abaixando o olhar para os pés.

— Não. — Eu balanço minha cabeça e vou em direção a ele. — Não estamos.

— Você ainda não entendeu? — ele cospe, afastando-se de mim. — Você *ainda* não descobriu? Estamos sozinhos.

Ele balança a cabeça e olha para mim.

— Todos nós. Por conta própria. Por nós mesmos. E é isso.

— Tadhg, isso não é verdade...

— Ninguém se importa, Shannon — ele me diz, a voz monótona e vazia de qualquer emoção. — Não sobre nós. Se eles se importassem, eles teriam vindo agora. E Joey também não se importa! — Ele exclama antes de ir embora.

13
Lucrando com favores
Johnny

Dias se passaram sem uma palavra de Shannon e eu estou enlouquecendo de preocupação.

Entre isso e ser suspenso dos treinos e da academia, eu estou completamente perdido. Sério, eu não tenho a porra da ideia do que fazer comigo mesmo. Participo de minhas sessões de fisioterapia e terapia ocupacional, mas sem a distração da minha agenda lotada habitual, meu humor está piorando.

Eu também recebo uma enorme bronca, via telefone, dos meus treinadores da Academia por colocar meu corpo em risco do jeito que eu tinha feito. O que parecia uma boa ideia na época voltou para me morder na bunda. Meus médicos e treinadores não confiam mais em mim, e eu sei que levará muito tempo até que eles confiem novamente.

Era deprimente.

A única vantagem do meu tempo de inatividade, e eu admito isso a contragosto, é que meu corpo parece estar prosperando com o resto, se recuperando em um ritmo muito mais rápido do que eu esperava. Eu consigo me mover mais livremente agora, e os hematomas e inchaços nas minhas bolas e virilhas que me atormentavam desde o Halloween estão lentamente começando a desaparecer. Também não dói mais para mijar. Eu ainda não estou me arriscando a bater uma, mas a ereção matinal que eu ostento diariamente não me causa o desconforto que uma vez causou.

Nada disso me consola porque todo o meu foco está em *Shannon*.

Por causa de meu pai e sua atitude de idiota em relação ao cumprimento da lei, não pude vê-la. Aparentemente, o irmão de Shannon, Darren, ligou para meus pais, deixando claro, em termos inequívocos, que eu não deveria voltar ao hospital.

Eu entendo que meu pai lida com esse tipo de coisa diariamente, ele está acostumado a ver a disfunção se desenrolar ao seu redor, mas eu não. Isso era pessoal para mim – *ela* era pessoal para mim – e ser mantido no escuro está me deixando louco.

Minha mãe, a vira-casaca, está do lado do meu pai, mas ela tinha seus próprios objetivos. Ela não quer que eu chegue perto da Sra. Lynch. Ela está contra toda a ameaça de suspensão e ela não quer que eu fique perto ou próximo *de uma mulher assim* – palavras dela, não minhas.

Por causa da minha incapacidade de ir para lá e para cá desde a minha cirurgia, não consigo chegar lá sem a ajuda dos meus pais, me deixando chateado e sem carro.

Traído e de mau-humor, permaneci na cama a maior parte da semana, ignorando minha mãe toda vez que ela colocava a cabeça pela porta para me checar, o que acontecia a cada vinte minutos, e remoendo meu mau-humor.

Eu estou sufocando dentro da minha casa. Porra, perdendo a cabeça com a inquietação dentro do meu corpo. Eu não estou acostumado a ficar parado e não fazer nada. Eu estava mal-humorado e no limite, me enfiando mais fundo da minha própria cabeça a cada dia que passava e nenhuma palavra de Shannon.

Na segunda-feira seguinte, eu estou resignado ao meu mau-humor.

Depois de uma intensa sessão de fisioterapia com Janice esta manhã, seguida de mais duas horas na piscina, eu estou deprimido e agitado. Deitado de costas, com Sookie ao meu lado, desperdiço o resto do dia jogando uma bola de rúgbi no ar e pegando-a, o tempo todo contemplando os piores cenários possíveis que me atormentam implacavelmente.

E se o pai de Shannon voltar e ele não for processado?

E se meu corpo não se curar a tempo da campanha de verão?

E se ele voltar e sua mãe o aceitar de volta?

E se os treinadores me esquecerem por causa daquele Danny Miller de Galway?

E se ela não voltar para a escola na próxima semana?

E se isso for por minha causa?

E se ela for colocada no sistema e tiver que mudar de escola?

E se eu joguei meu último jogo em Dublin?

E se ela se machucar de novo?

E se, e se, e se...

— Eu deveria tê-la mantido nesse quarto conosco, Sook — eu murmuro. — Eu deveria tê-la mantido, ponto final!

A resposta da minha fiel labradora foi se aninhar no meu lado e resmungar baixinho.

— Sim, eu sei, querida. — Expirando pesadamente, eu jogo a bola do outro lado da sala e passo meu braço ao redor dela. — Eu fodi tudo tanto.

— Johnny, algo aconteceu e seu pai teve que voltar para Dublin — a voz de mamãe enche o cômodo momentos antes de ela chegar na minha porta. — Cillian ligou... você se lembra de Cillian, não é, amor? Cillian Moore?

Um dos advogados sedentos de sangue que trabalham com meu pai?

— Sim, eu me lembro dele. — *Um pequeno figurão filho da puta.*

— Bem, houve algum problema com a audiência de fiança de um cliente e seu pai precisa estar lá para esclarecer isso. Cillian estava cuidando do caso, mas algo apareceu e seu pai está em melhores termos com o juiz Ó Leary.

Eu bufo alto.

— Fico feliz em saber onde estão suas prioridades. Como sempre.

— Não seja assim — mamãe diz com um suspiro. — Ele passou metade da noite no telefone ontem à noite – *novamente* – ligando para o seu benefício.

Arqueando uma sobrancelha, eu a nivelo com um olhar.

— E?

— E nada — mamãe responde. — Ele não tem liberdade para discutir nada que descobriu conosco, se é que descobriu alguma coisa. — Ela suspira novamente. — Você sabe de tudo isso, Johnny.

Sem me preocupar em responder, viro meu olhar para o teto acima de mim.

— Ele deixou alguns papéis no escritório e eu preciso entregar para ele — mamãe continua a dizer. — Vou demorar apenas algumas horas... com certeza estarei de volta hoje à noite, mas por precaução, liguei para Gerard para vir e fazer companhia a você enquanto eu estiver fora. Ele sabe que você não deve deixar a casa, amor, então nem tente convencê-lo a fazer a coisa errada ou haverá consequências para vocês dois.

Meus ouvidos se animam ao som do nome de Gibsie e, instantaneamente, eu estou planejando um motim.

Eu me importo com um grande total de duas coisas na minha vida. Rúgbi e Shannon. E agora, ambas foram tiradas de mim sem aviso prévio. Eu estava perdendo o controle das rédeas da minha própria vida e isso está me deixando louco. O que diabos eu deveria fazer? Ficar na minha cama e tomar meu remédio como um bom menino com um pau quebrado? *Eu acho que não, porra.*

— Fique na cama — minha mãe acrescenta severamente. — Gerard pode entrar, então não se incomode com as escadas, amor. E eu sei que você disse que

não está com fome, mas há uma panela de sopa no fogão e alguns pãezinhos frescos na mesa se você quiser dar uma beliscadinha mais tarde.

Sim, minha mãe pode não ter conseguido o que ela queria com meus papéis de alta do hospital, mas ela ganhou mais controle sobre minha vida do que ela teve em anos e ela está exercendo esse poder recém-descoberto. Eu estou fora de serviço e ela está emocionada por me ter sob sua vigilância materna 24 horas por dia, 7 dias por semana.

— Você está me ouvindo, Johnny? — Minha mãe pergunta. — Você ouviu uma palavra do que eu acabei de dizer?

— Eu te ouvi — eu murmuro. — Gibsie está vindo para tomar conta de mim porque eu, aparentemente, não posso confiar em ficar sozinho por uma hora. — Reviro os olhos. — Mesmo que eu tenha cuidado de mim por meses a fio sem nenhum dos meus pais por perto.

Minha mãe revira os olhos para mim.

— Não seja uma rainha do drama.

Olho boquiaberto para ela, resistindo à vontade de gritar e provar que ela está certa.

— Aproveite sua *viagem* — eu digo em vez disso.

Minha mãe arqueia uma sobrancelha.

— Aproveite seu *mau-humor.*

Me dê força...

— Tchau, mãe — eu digo

Mamãe sorri.

— Tchau, meu bebê jogador.

Jesus.

Espero até que mamãe feche a porta do meu quarto antes de tirar as cobertas de cima de mim.

Vinte minutos depois, eu tinha acabado de tomar banho e luto com um par de meias quando a porta do meu quarto voa para dentro.

— Estou tão entediado — Gibsie anuncia, entrando no meu quarto. — Estamos nas férias de Páscoa e como estou passando isso? Trancado no meu quarto, estudando para uma prova que nem sei se consigo soletrar, muito menos fazer ano que vem, e tudo porque *você* decidiu quebrar seu pau e me deixar

sozinho. — Largando sua mochila no chão, ele se joga na minha cama e exala um suspiro dramático. — Você é tão egoísta.

— Desculpe por incomodar você. — Eu resmungo enquanto me equilibro contra o batente da porta do banheiro e tento me mover sem causar danos. Meus pontos estão cicatrizando bem, mas eu ainda estou dolorido e machucado. — Eu esqueci que é tudo sobre você, Gibs...

— *Uau*, isso é um pau bem inchado! — Gibsie geme, colocando a mão sobre o rosto. — Você está todo aí, não está, cara! Meio que gostaria de não ter vindo agora. Me sentindo meio castrado. E um pouco duro. Talvez eu devesse aprender a bater...

— Pare de falar — eu murmuro, colocando o cós em meus quadris. — Você está fodido de novo e eu preciso que você seja normal por uma hora.

Ele arqueio uma sobrancelha.

— Só uma hora?

— Gibs! — Eu bato, impaciente.

— Ok! — Ele ergue as mãos. — Estou sendo normal.

— Bom. — Suspiro. — Porque eu preciso que você me leve a algum lugar.

— Ah, não, não, não. — Ele se senta ereto e aponta para mim. — Repouso, Johnny. Por sete a dez dias, rapaz.

— Sim, e já se passaram dez dias — eu retruco.

— Nove dias, se estamos sendo técnicos — ele bufa enquanto se levanta e começa a andar. — E sua mãe mencionou especificamente dez dias de repouso quando ela me ligou mais cedo... para não mencionar a séria dor física que ela me causará se eu pensar em ajudá-lo e incentivá-lo a sair de casa!

— Bem, eu preciso vê-la. — Vestindo a calça de moletom mais folgada que eu tenho, pego uma camiseta limpa e rapidamente a visto. — Eu não posso dirigir por pelo menos mais uma semana, e eles levaram as chaves do meu carro, então eu preciso que você me leve.

— Não posso — Gibs dispara de volta com um aceno firme de sua cabeça. — A mamãe Kavanagh vai arrancar minhas bolas e eu vou acabar compartilhando um cirurgião com você.

Ele balança a cabeça novamente para enfatizar seu descontentamento.

— Eu te amo, amigo, mas não tanto.

— Vamos, Gibs — eu rebato, frustrado. — *Me ajude.*

— Eu estou sempre ajudando você, porra — ele geme.

— Sim — eu brinco. — Porque eu estou sempre ajudando você de volta.

— Você precisa deixar a família dela lidar com isso, cara — ele diz, em tom sério. — Eu não estou brincando aqui, Johnny. Você precisa dar um passo para trás aqui. Você me contou o que eles disseram... como a mãe dela o *avisou* para ficar longe.

Ele joga as mãos para cima em desespero.

— Então fique longe por um tempo. Eles obviamente querem lidar com isso sozinhos. Dê a ela algum espaço, e você a verá quando voltarmos para a escola.

— E se eu não a vir? — eu exijo. — E se ela não voltar para Tommen?

— Claro que ela vai voltar.

— Como você sabe?

Gibsie revira os olhos.

— Talvez porque ela estuda lá!

Afundando na cama, exalo uma respiração dolorosa e tento lutar contra minhas emoções antes de falar novamente.

— Ouça — eu começo, um pouco mais calma agora. — Eu não estou pedindo para você me levar para a academia. Eu não vou chegar perto de uma maldita bola de rúgbi, e eu não estou pedindo para você mentir por mim.

Olhando-o nos olhos, eu digo:

— Eu estou pedindo para você me levar até ela porque eu não posso chegar lá sozinho. E eu preciso... e ela precisa que eu... — minhas palavras se interrompem e eu belisco a ponte do meu nariz. — Se você não me ajudar e algo acontecer com ela, eu juro, eu nunca vou te perdoar por isso, Gibs. — *Eu nunca vou me perdoar.*

— Isso é chantagem emocional.

— Essa é a única mão que eu tenho — eu respondo firmemente.

— Ela vai me matar — Gibsie aponta. — Você entende isso, não é? Sua mãe vai me *matar*.

— Eu vou assumir total responsabilidade — eu retruco. — Apenas faça isso por mim, Gibs.

— Tudo bem — ele retruca, jogando as mãos para cima. — Ligue para a porra dos seus médicos. Pergunte a eles se eles estão familiarizados com a cirurgia que envolve a remoção do salto alto de uma mulher do cu de alguém, porque é isso que vai acontecer comigo quando eu tirar o bebê dela desta casa, Johnny. Ela vai *me machucar*.

Gemendo, ele acrescenta:

— Diga a eles para me reservarem uma maldita maca. Vou precisar de uma.

14
Fuga da cadeia
Johnny

— Ok, precisamos pensar sobre isso — Gibsie anuncia enquanto entra na estrada principal perto da minha casa. — Traga algum tipo de fuga conosco – uma cenoura para balançar no caso de eles nos mandarem embora.

— Uma cenoura? — Viro a cabeça e olho para ele. — Que porra você está falando? Não precisamos de cenouras e fugas, Gibs. Vamos dirigir até a casa dela, estacionar o carro e bater na maldita porta.

Gibsie revira os olhos.

— Você não tem tato. Aqui, pegue meu telefone... está no meu bolso.

— Eu não preciso de tato — eu resmungo, mas faço o que ele pede. Ele pega o telefone das minhas mãos e eu dirijo enquanto ele digita. — Você vai ganhar pontos na sua licença por isso — eu murmuro, grato por estar no controle de algo pela primeira vez, mesmo que fosse apenas um volante.

Gibsie sorri e pressiona o telefone no ouvido.

— Só se eu for pego – ei, como vai, querida? Eu preciso que você esteja aí fora em cinco, sim, cinco minutos. Por quê? Porque eu estou te buscando, é por isso. Sim, não perca tempo perguntando. Apenas coloque seu casaco e me encontre na entrada da sua garagem. Está frio lá fora, então use o vermelho. — Ele sorri, claramente de boca cheia antes de dizer: — Eu sei que você está em casa porque eu vi você me observando da janela do meu quarto mais cedo – sim, eu sei que você me stalkeia também. Sim, você me odeia. Eu já ouvi tudo isso antes, querida. Eu também te amo.

— Estamos levando Claire? — Eu pergunto quando ele termina a ligação.

Gibsie assente.

— Faz mais sentido do que dois rapazes aparecendo sozinhos. — Dando de ombros, ele acrescenta: — Shannon é a melhor amiga dela, cara. Ela não consegue fazer contato com ela desde Dublin. A garota está uma pilha de nervos com tudo isso.

Dou de ombros.

— Justo.

Cinco minutos depois, paramos na rua de Hughie e Gibsie e fomos recebidos por uma Claire carrancuda, que está parada na entrada de sua garagem, segurando um guarda-chuva rosa neon para se proteger da chuva de março.

— O que é isso, Gerard? Qual é a grande emergência? — ela pergunta, subindo no banco de trás quando Gibsie para ao lado dela. — Oh, ei Johnny — ela acrescenta, suavizando um pouco o tom. — Eu espero que você esteja se sentindo melhor.

— Tudo bem — eu respondo, me sentindo desconfortável sabendo que ela sabe.

— Kav aqui, me coagiu a dirigir até a casa de Shannon — Gibsie diz. — Pensei que você gostaria de vir junto.

— Eu quero. — Inclinando-se para frente, Claire enfia a cabeça entre nossos assentos. — Mas eles não vão deixar você passar pela porta da frente. Eu pedi para Hughie me levar até lá na sexta-feira para vê-la, mas a mãe dela me disse que ela estava na cama.

Claire torce o nariz enquanto fala.

— Ela nem me ouviu, gente. Ela disse que Shan estava muito cansada para receber visitas e simplesmente me dispensou.

A fúria corre através de mim.

De jeito nenhum eu seria dispensado por aquela mulher ou qualquer membro de sua família.

— Acalme-se, Capi — Gibsie instrui calmamente. Foi só então que eu noto que meus dedos ficaram brancos com a força de apertá-los. — Nós a veremos.

— Pode ter certeza que nós vamos, porra.

— Eu sei que ela mora em Elk Terrace — disse Gibsie. — Mas isso é um terraço enorme...

— 95 – ela vive no n° 95 — Claire e eu dissemos em uníssono.

— Toquei no verde — Claire ri.

— Sabe, Claire-ursinha, se você quiser se livrar da maldição, você sempre pode bater na minha madeira — Gibsie oferece.

— Não, obrigada, eu não gosto de madeira — Claire retruca. — Ou paus.

— Eu me lembro — Gibsie ri. — Espere... esse é o plural para pau? Paus?

— Provavelmente — Claire responde, colocando uma mão em seu ombro. — Quero dizer, o plural de vagina é vaginas, então meio que tem que ser, não é?

— Eu pensei que o plural de vagina fosse vaginais — ele oferece, e depois de uma pausa pensativa, acrescenta: — Sabe de uma coisa, eu acho que plural de

pau é paos.

— Oh meu Deus, Gerard, literalmente ninguém diz paos ou vaginais — Claire zomba — São paus e vaginas.

— Hmm — ele medita. — Soa estranho, no entanto.

— Quando se trata de genitália humana, acho que tudo soa um pouco estranho, Gerard.

Eu me afasto da conversa deles, preocupado demais com Shannon para entreter qualquer um deles. Em vez disso, ligo o som e afogo meus pensamentos com um dos ecléticos CDs de mixagem de Gibsie. Mantenho meus olhos fixos no para-brisa, sem piscar e mal respirando até que subimos a enorme colina e entramos na rua dela.

— Merda — Gibsie murmura quando paramos do lado de fora de sua casa decadente em Elk's Terrace. — Azar, hein?

— Sim, cara — eu murmuro. — Você não tem ideia.

— Abaixe a música, Gerard. — Claire repreende quando Gibsie para do lado de fora da casa.

— O que há de errado com a minha música? — Gibsie pergunta, parecendo comicamente ferido.

— *Knockin' On Heaven's Door*? — Encarando, Claire dá um tapa em seu ombro. — Sério? Depois do que aconteceu com ela? — Se inclinando entre os assentos, ela desliga o som. — Isso é tão insensível.

— Mas... mas ela não está aqui? — Desligando o motor, Gibsie vira-se para olhar para ela. A confusão está estampada em seu rosto quando ele diz: — E é o Guns N' Roses.

— É uma má escolha de música.

— Espera aí, e essa... — Suas palavras vão sumindo enquanto ele liga o aparelho de som novamente e muda para a faixa 7. A guitarra do *Jailbreak* de *Thin Lizzy* explode nos alto-falantes.

— Melhor? — Gibsie pergunta, balançando as sobrancelhas. — Mais adequado para a ocasião, ervilhinha?

— Muito — Claire responde, em tom de aprovação. — Bom trabalho, coelhinho.

— Obrigado, querida.

— Vocês dois são ridículos. — Balançando a cabeça, empurro a porta do carro e uso minhas muletas para sair. — Isso é sério.

— Eu sei, cara — Gibsie responde, juntando-se a mim na trilha. — Eu sei.

— Então qual é o plano? — Claire pergunta, saindo atrás de nós. — Nós apenas vamos... — Ela dá de ombros, impotente. — Entrar lá?

— Bem, eu vou lá — eu digo a ela. Sem esperar que nenhum deles responda, contorno o muro que separa o jardim cheio de mato da trilha e pulo desajeitadamente até a porta. A tensão está emanando do meu corpo em ondas enquanto eu tiro minha mão de uma das minhas muletas e bato meus dedos contra a porta.

— Mantenha a cabeça, Capi — Gibsie instrui baixinho no meu ouvido. Chegando ao redor dele, ele pega Claire e a empurra na frente de nós dois. — Sorria, Claire-Ursinha — ele fala, mantendo a mão no quadril dela. — Ninguém pode dizer não ao sol.

Finalmente, depois do que parece uma eternidade, a porta da frente se abre e somos recebidos pelo que eu só poderia descrever como a versão masculina de Shannon. Cabelo castanho escuro, penetrantes olhos azuis da meia-noite cheios de segredos.

— Sim? — ele pergunta educadamente. — Posso ajudar?

— Quem é você? — Resolvo entrar na frente e perguntar. Eu já sei que é o Darren, mas quero que ele confirme.

— Você está na minha porta — responde o homem. — Quem é você?

Lutando contra o desejo de alcançá-lo e arrastá-lo para fora do meu caminho, pergunto:

— Shannon está aqui?

Darren encosta-se no batente da porta e cruza os braços sobre o peito.

— Quem quer saber?

— Eu.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— E quem é eu?

— Eu sou seu...

— Ele é o Johnny dela — Claire deixa escapar.

— Legal — Gibsie ri, colocando-a debaixo do braço. — E já que estamos fazendo as apresentações, ela é minha Claire-Ursinha e eu sou seu Flanker.

— Eu me lembro de você — Darren diz, dando a Claire um olhar curioso. — Você cresceu.

— Olha, Shannon está aqui ou não? — Eu bato, agarrando a minha paciência pela pele dos meus dentes. — Eu preciso vê-la.

— Não.

Droga!

— Bem, você pode me dizer quando ela estará de volta? — Eu falo com os dentes cerrados. — Então eu sei quanto tempo estarei esperando no meu carro. — *Porque eu não vou a lugar nenhum, filho da puta.*

— Não.

Furioso, eu me apoio na minha muleta e sibilo:

— Onde ela está, Darren?

Ele balança a cabeça e alcança a porta.

— Vá para casa, Johnny.

— Não faça isso, Capi — Gibsie avisa, colocando a mão no meu ombro. — Não destrua a porra toda.

Eu o ouço. Eu realmente ouvi. Mas eu não consigo ver além da névoa vermelha em minha mente, me sufocando, tornando difícil pensar com clareza.

— Não — eu rosno, sacudindo sua mão. — Eu não estou indo a lugar nenhum.

Enfio uma muleta na porta para impedir que Darren bata a porta na minha cara.

— Eu sei tudo sobre sua família. — Eu olho atrás dele. — Sobre a merda que acontece nesta casa, e se você acha que estou indo embora sem vê-la, então você está bem enganado!

— Você não tem a menor ideia — ele rosna. — Você *acha* que sim, mas não faz a menor ideia!

— Johnny, talvez devêssemos ir...

— Eu não vou a lugar nenhum! — Eu rujo, me sentindo furioso e dolorido por estar de pé. — Vou ficar aqui, porra, até que ele me deixe entrar ou a chame!

Endireitando-me, olho-o nos olhos e digo:

— Você decide. Eu estou de boa com qualquer um.

— Você tem alguma ideia do que minha família está lidando aqui? — ele exige então, sua fachada fria escorregando. — O que todos nós estamos passando agora? Tentando passar?

Ele olha para mim antes de continuar:

— Estou segurando minha família pelos meus dentes aqui, garoto. Passei a maior parte de uma semana ao lado da cama do hospital da minha irmã, tentando administrar a tempestade de merda para qual voltei. Minha família tem problemas suficientes agora, questões mais complicadas do que você jamais

poderia entender, então eu preciso que você segure sua merda e nos dê algum espaço para respirar.

— Eu vou te dar todo o espaço que você precisa — eu retruco com veemência. — *Depois* de ver Shannon.

— A última coisa que Shannon precisa é de você enrolando e *confundindo* ela — ele retruca. — Ela passou por um inferno. Ela precisa de descanso e paz. Estou tentando dar isso a ela. Estou tentando melhorar a vida dela, e você invadindo-a e bombardeando-a com perguntas só vai traumatizá-la ainda mais.

— Então Shannon pode me dizer isso ela mesma — eu rebato, sem vontade de ceder um centímetro. — Na minha cara.

Darren balança a cabeça.

— Jesus Cristo, Johnny, minha mãe já explicou isso para você. Falei com seu pai e expliquei isso para ele. O que você não está entendendo aqui? Por que você não consegue entender que o que está acontecendo em nossa família é privado e precisamos de tempo para processar tudo?

— De que você tem tanto medo? — eu provoco. — Que ela vai falar comigo? Confiar em mim? Dizer-me todas as merdas que ela *deveria* estar dizendo às autoridades, mas *não está* porque você a está mantendo trancada como uma maldita prisioneira?

Olho-o de cima a baixo e zombo:

— Sim, eu sei que há mais. Eu sei muito. E também sei que você pode ser capaz de controlá-la, mas você não pode me controlar, e eu não tenho nenhum problema com explodir o teto de vidro dos seus segredinhos sujos. E aqui está outra coisa que você não pode fazer. — Endireito minha coluna. — Você não pode me fazer sair.

— Você precisa se acalmar — ele instrui. — Pare de estufar o peito e procurar briga, Johnny. Minha irmã está bem e você precisa ir embora.

— Ela foi negligenciada e abusada em sua própria casa. Ela foi torturada fora dela. É um milagre que ela ainda esteja de pé. Então não, eu não vou me *acalmar*! — Eu rosno. — Eu quero vê-la e eu não vou embora até que eu a veja.

— Se você não sair, vou ligar para a polícia — responde. — Eu não quero, mas eu vou se você não for embora.

— Então vá em frente, porque eu não vou a lugar nenhum, idiota! — Eu rujo, perdendo todo o contato com meu autocontrole. — Vá em frente e ligue para os malditos policiais, porque, francamente, eu adoraria falar com eles.

— Oh Jesus, a mãe dele vai me matar — Gibsie geme. — Já é ruim o suficiente eu ter tirado ele de cada pelas costas dela, mas agora ele vai ser preso, e então eu vou ser preso porque eu sou um bom amigo e é uma falta de educação deixá-lo ir para a prisão sozinho, mas ela não vai ver dessa forma. Não, ela vai ver seu bebê em uma cela e eu serei o idiota morto e sem as bolas ao lado dele. Ugh!

— Cala a boca, Gibs! — eu lato.

— Pare o mundo — Gibsie geme. — Eu quero descer.

— Gerard, se acalme. Ninguém vai para a prisão. Johnny... — Claire coloca a mão no meu braço — Vamos. Vamos.

— Eu não vou a lugar nenhum — eu sussurro pela quinquagésima vez, mantendo meus olhos fixos em Darren. — Não até que eu a veja.

— *Viu*? — Gibsie murmura. — Você o ouviu. Ele não vai a lugar nenhum, e eu vou para o céu.

— O que você está escondendo? — Eu pergunto, estreitando meus olhos.

— Nada.

— Então por que ela não pode me ver? — eu exijo. — Por que eu não posso vê-la? Qual é a porra do seu problema comigo...

Minhas palavras foram interrompidas quando uma pequena figura sai de debaixo do braço de Darren e salta em minha direção. Meu cérebro mal tem chance de processar que a figura que eu estou vendo é a Shannon antes que ela se lance em mim, envolvendo os braços em volta do meu pescoço e me fazendo cambalear um passo para trás.

— Oi, Johnny — ela sussurra, caindo do degrau da porta enquanto se agarra a mim. — Você voltou.

— Oi, Shannon. — Minhas muletas caem no chão enquanto eu envolvo meus braços ao redor de seu corpo, segurando-a no lugar. — Eu prometi que voltaria — eu respondo, mantendo meus olhos estreitos e travados em seu irmão.

15

Meninos bonitos e irmãos quebrados

Shannon

A princípio, eu ignoro as vozes raivosas que penetram na bolha silenciosa do meu quarto, presumindo que Darren e Tadhg estavam brigando novamente, mas então me lembro que Tadhg e Ollie estão em uma festa de aniversário. Sean está com a vovó, Joey está ausente e mamãe está no trabalho. Isso deixa Darren e...

Pai?

Minha respiração fica presa na garganta e eu deixo cair a caneta que estou usando para rabiscar algumas notas de revisão em meu caderno.

Por um momento, eu apenas sento lá na minha cama e prendo a respiração, esperando a porta do meu quarto voar para dentro e meu pai aparecer. Quando isso não acontece, minha ansiedade diminui a ponto de poder mover meus membros novamente.

Enervada, eu saio da cama e caminho até minha janela para investigar. Empurrando-a aberta, eu me inclino, descanso meus cotovelos no parapeito e procuro por problemas.

A visão do familiar Ford Focus prateado estacionado do lado de fora da minha casa faz meu coração bater rapidamente.

Eu conheço aquele carro.

Pertence a Gerard Gibson.

E onde quer que Gibsie está...

— Então vá em frente, porque eu não vou a lugar nenhum, idiota! — uma voz dolorosamente familiar com um forte sotaque de Dublin explode. — Vá em frente e ligue para os malditos policiais, porque, francamente, eu adoraria falar com eles.

Johnny.

Por causa da varanda sob minha janela bloqueando minha visão da porta da frente, eu não posso vê-lo, mas eu posso ouvi-lo, e oh Deus, meu coração troveja violentamente ao som de sua voz.

Por um longo momento eu fico ali, em estado de choque, absorvendo sua voz e percebendo que ele está realmente *aqui* antes de meu cérebro entrar em ação e minhas pernas começarem a se mover.

Cada centímetro do meu corpo está doendo, e os hematomas no meu rosto estão mais escuros agora, mais roxos e proeminentes, mas eu não me importo. Supero minha dor, forço minhas inseguranças e me visto em tempo recorde. Os jeans que visto estão folgados e precisam do suporte de um cinto, mas eu sei que não encontrarei um no meu guarda-roupa, então uso meu elástico de cabelo para segurá-los. Deslizando meus pés em meus tênis, pego um dos moletons de Joey na parte de trás da minha porta antes de correr para a entrada.

Me sentindo nervosa, eu agarro o corrimão e meio que tropeço escada abaixo na minha pressa para chegar até ele. Quando chego ao último degrau, tenho que parar por um momento e recuperar o fôlego; meus pulmões protestando contra o movimento repentino.

Darren está parado na porta, obstruindo minha visão dele, enquanto ambos discutem.

Me movendo puramente por instinto, corro até a porta e deslizo sob o braço de Darren. As sobrancelhas de Johnny se erguem de surpresa ao me ver, mas não lhe dou a chance de dizer nada. Em vez disso, eu praticamente caio do degrau da porta enquanto jogo meus braços em volta do pescoço dele e me agarro a ele, sentindo uma rápida sensação de alívio instantâneo se espalhar pela minha pele como um calor me absorvendo.

— Oi, Johnny. — Apertando meus olhos fechados, eu seguro em seu corpo como um bote salva vida. — Você voltou.

— Oi, Shannon. — Ouço suas muletas baterem no chão quando seus braços me envolvem e então sou envolvida pelo calor e segurança que sinto como se tivesse perseguido isso toda a minha vida. — Eu prometi que voltaria.

Isso não é seguro para você, minha mente protesta, *você sente muito por esse garoto, muito profundamente. Apegar-se a ele é uma má ideia...*

— Shan! — A voz de Claire enche meus ouvidos e minha cabeça levanta. Foi só então que eu noto ela e Gibsie parados um pouco atrás da porta. Ela olha de volta para mim, olhos castanhos cheios de lágrimas, e acena sem jeito. — Oi!

Ao vê-la, algo estala dentro de mim e um soluço rasga da minha garganta.

— Oi — eu solto, enquanto me desvencilho de Johnny e me movo para ela.

— Deus! — Ela me encontra no meio do caminho, me envolvendo em um abraço tão apertado que eu vacilo. — Você está bem? — ela exige.

Fungando alto, ela me solta e dá um passo para trás, deixando seu olhar percorrer meu corpo.

— Oh meu Deus, Shan, o que aconteceu... eu não posso... eu nem sei o que... garota, é melhor você ficar bem! — Agarrando meu moletom, ela me arrasta de volta para um abraço monstruoso. — Estou tão brava com você — ela sussurra enquanto as lágrimas escorriam livremente por suas bochechas. — E eu estou tão brava comigo, e ele... — Ela olha para Darren, que ainda está de pé na porta. — Ele não é tão bom quanto eu me lembro.

— Eu estou bem — eu aperto, dando um tapinha nas costas dela. — Apenas, por favor, seja gentil.

— Claro — ela soluça, soltando seu aperto mais uma vez. — Oh Deus... — suas palavras são interrompidas e seu rosto se contorce de dor. — Seu rosto.

— Eu estou *bem,* Claire — eu gentilmente a lembro. — Estou aqui. — *Eu estou viva.*

— Eu simplesmente te amo tanto — ela chorou. — Você nem percebe o quão importante você é para mim!

— Posso entrar nessa ação? — Gibsie pergunta e então passa os braços em volta de nós duas. — Abraços em grupo — ele medita, agitando nossas cabeças antes de dar um passo para trás e tirar uma caixa de cigarros do bolso de sua calça jeans. — Bom para a alma.

Sorrindo para si mesmo, ele coloca um cigarro entre os lábios e acende uma faísca.

— Oi, Gibsie — eu fungo, enxugando os olhos com a manga.

— Pequena Shannon — ele responde com uma piscadela. — Você está bem?

Eu balanço a cabeça fracamente.

— Certamente que você está — ele disse, em tom encorajador. — Pequena lutadora.

— Você parece um urso panda — Claire resmunga, tocando as olheiras sob meus olhos. — Você está dormindo?

Nem uma piscadela porque estou torturada com pesadelos.

— É apenas hematomas.

Ela se encolhe.

— Eu sinto muito.

— Está tudo bem — eu sussurro, oferecendo-lhe um sorriso aguado. — Eu ficarei bem.

— Pergunte a ela agora — Johnny late, chamando toda a nossa atenção de volta para onde ele ainda está preso em uma troca de olhares com meu irmão. — Pergunte à sua irmã o que ela quer. Pergunte a ela se ela quer que a gente vá embora. Vá em frente. Porra, pergunte a ela!

— Eu já te disse — Darren rosnou. — Ela não está...

— Eu quero ficar com meus amigos por um tempo — eu murmuro, surpreendendo a todos. Sinto quatro pares de olhos pousarem no meu rosto e minhas bochechas queimarem. Enrijecendo minha coluna, olho para meu irmão e digo: — Vou passar um tempo com meus amigos.

Darren olha para mim em derrota.

— Você não deveria estar do lado de fora após o procedimento. — Ele passa a mão pelo cabelo e abafa um gemido. — Você não deveria ir a lugar nenhum sem mim ou Joey. — Ele me dá um olhar significativo. — Pense sobre isso.

Eu não preciso pensar sobre isso. Eu já sei ao que ele se referia.

Pai.

Ele está lá fora em algum lugar e Darren está apavorado que ele pegue um de nós.

Meu velho amigo medo ruge para a vida, me dando um soco no estômago, e eu me encolho fisicamente.

E se ele te encontrar?

E se ele voltar?

E se ela o aceitar de volta enquanto você estiver fora e ele estiver em casa quando você chegar?

E se...

— Vou cuidar dela — Johnny anuncia em um tom tão sincero que não deixa margem para dúvidas.

Darren não responde a ele, então Johnny volta seu olhar acalorado para mim.

— Eu vou cuidar de você — ele repete, olhos azuis fixos nos meus. — Eu vou.

Exalando uma respiração irregular, eu assento.

— Ok.

Alívio inunda suas feições.

— Ok?

— Sim — eu suspiro, nervosamente juntando minhas mãos. — Eu quero ir com você.

Viro meu olhar de volta para Darren e vejo a decepção em seus olhos, mas seguro minha coragem.

— Eu vou com ele, Darren.

Darren balança a cabeça, murmura algo ininteligível em voz baixa, e então sai. Recuperando as muletas de Johnny do chão, Darren as entrega a ele e sussurra antes de voltar para dentro:

— É melhor você falar sério sobre isso porque isso não é um jogo, garoto. Lembre-se do que eu disse, Shannon.

Quando a porta da frente se fecha atrás dele, solto a respiração que não tinha percebido que estava segurando.

Claire sorri para mim.

— Garota, meus níveis de orgulho estão tão altos agora que não podem ser medidos. — Ela pega minhas mãos nas dela e aperta. — Como é a sensação de finalmente se defender e *vencer?*

Dou de ombros, me sentindo confusa.

— Enervante?

— Eu sei a música apropriada para isso — Gibsie diz, colocando um braço sobre o ombro de Claire.

Jogando a ponta do cigarro no jardim do vizinho, ele acena com a mão na frente deles e diz:

— Bon Jovi, *It's My Life.*

— Perfeito! — Claire gorjeia, envolvendo um braço em volta da cintura dele enquanto caminha pelo caminho do jardim em direção ao carro dele. — Sabe de uma coisa, Gerard? Você pode ser bem esperto quando não está sendo tão estúpido.

Rindo, ele a puxa para seu lado.

— Eu sei, certo?

— Shannon. — A voz profunda de Johnny vem de trás de mim, causando um arrepio percorrendo meu corpo. — Você está bem?

— Não tenho certeza — admito baixinho, resistindo à vontade de me inclinar para trás e sentir seu corpo pressionado ao meu.

— Você ainda quer vir comigo? — ele pergunta, ficando tão perto de mim que eu posso sentir o calor que emana de seu corpo. — Está tudo bem se você não quiser. Estou apenas feliz por ter te visto.

Assentindo, eu me viro para olhar para ele.

— Essa é a única coisa que eu tenho certeza.

O som de pneus de carro cantando alto me faz assustar e eu enrijeço, instantaneamente em pânico e no limite. Johnny se aproxima de mim e eu

automaticamente me enterro ao seu lado.

— Está tudo bem — ele persuade, franzindo a testa para algo sobre a minha cabeça. — Eu acho que é seu *irmão.*

— Meu irmão? — Franzindo a testa, me viro para ver Joey tropeçando de cara para fora da parte de trás de um carro em movimento. — Joey? — Eu chamo, correndo em direção a ele. — Joey!

O carro que havia deixado meu irmão buzina duas vezes antes de sair em alta velocidade pelo terraço. Eu estreito meus olhos e olho para o Honda Civic preto e turbinado enquanto ele some de vista.

A consciência me ocorre, fria e feia, enquanto registro a quem aquele carro pertence e o que aquela pessoa representa para meu irmão.

Nada bom.

— Aquele era Shane Holland? — Eu exijo quando o alcanço, sem fôlego e ofegante. — Que diabos, Joey! Achei que você tinha deixado isso para trás.

— Shan — Joey balbucia, rindo para si mesmo, enquanto rola de costas e suspira de contentamento. — Como tá indo?

— Saia da estrada, seu idiota — eu rosno, sentindo uma mistura de alívio e terror me percorrer. — Joey, levante-se agora!

Ele aperta os lábios e suspira.

— Eu senti sua falta.

— Você vai ser morto — eu sibilo, olhando para o meu irmão. — Levante-se antes que alguém passe por cima de você!

— Deixe eles — ele ri. — Eu não dou a mínima mais.

— Claramente — eu resmungo, caindo de joelhos ao lado dele. — Aoife sabe disso?

— Shh — ele geme, cobrindo o rosto com as mãos. — Não.

— Não, claro que não. — Estendendo a mão, verifico seus bolsos e gemo em desespero. — Bem, sua carteira se foi — eu o informo. — E seu telefone!

— Eu fodi tudo, Shan — ele sussurra então. — Eu estou sempre fodendo tudo.

Meu coração racha no meu peito.

— Joe, apenas saia da estrada e eu te ajudo, ok?

Gemendo, ele balança a cabeça.

— Estou farto.

— O que você tomou? — Eu pergunto em um tom abafado, inclinando-me perto de seu ouvido. — O que foi, Joe? O que eles te deram?

— Ele está chapado? — Johnny pergunta, de pé sobre nós.

Eu debato entre negar e mentir, mas depois penso melhor. Qual era o ponto? Meu irmão está deitado no meio da estrada em plena luz do dia. Eu dificilmente poderia passar isso como um acidente.

— Sim — eu solto, ombros caídos em derrota.

Suspirando pesadamente, Johnny me entrega suas muletas e se abaixa.

— Você vai ter que me ajudar aqui, cara — ele resmunga enquanto pega a mão de Joey e o puxa para uma posição sentada. O movimento faz Johnny assobiar alto e soltar a mão de Joey. No momento em que o faz, Joey cai de volta na pista. — Porra.

— Senhor rúgbi — Joey fala arrastado.

— Joey, *o arremessador* — Johnny reconhece enquanto pega a mão de Joey novamente.

— Joey, levante-se! — Eu ordeno, sentindo-me perturbada e envergonhada. Eu tinha tentado tanto manter nossos demônios escondidos e agora aqui estão eles, em plena exibição. Eu não consigo lidar com isso. Era demais. Eu me sinto muito exposta. — *Por favor.*

— Vamos, cara — Johnny grunhe enquanto tenta e não consegue puxar Joey de pé mais uma vez. Ele está vendo a pior parte da minha vida e está entrando, jogando-se na mistura, com muletas e tudo. — Você precisa trabalhar comigo aqui.

— O que temos aqui? — perguntou Gibsie.

Ajoelhando-se ao meu lado, ele estende a mão e abre as pálpebras de Joey.

— Woo, você está bem chapado, não é, Lynchy? — ele medita e então dá um tapinha no peito.

— Ah foda-se — Joey geme, se afastando de nós. — Não aquele idiota doido.

Gibsie ri.

— Fico feliz em ver que causei uma boa impressão.

— Eu preciso tirá-lo daqui — eu falo, em pânico. — Esses caras podem voltar, e eu não confio em Darren para não ligar para...

— Não se preocupe, pequena Shannon. Eu estou com ele. — Agarrando os ombros de Joey, Gibsie o arrasta do chão em um único movimento. — Agora é a *sua* vez de não vomitar no meu carro — ele diz a Joey enquanto o carrega até o carro e o coloca no banco de trás.

Mortificada, eu envolvo meus braços em volta de mim e apenas fico ali, congelada até os ossos, e me afogando em minhas emoções.

— Ele faz muito isso? — Johnny pergunta, vindo para ficar ao meu lado.

Eu balanço minha cabeça e entrego suas muletas de volta para ele.

— Normalmente não.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Normalmente não?

Solto um suspiro áspero.

— Não há muito tempo.

Assentindo em compreensão silenciosa, Johnny ajusta suas muletas e gentilmente cutuca meu ombro com o dele.

— Vamos, Shannon *como o rio.*

16
De volta à Mansão
Shannon

Sentindo-me completamente exposta, sento-me no banco de trás do carro de Gibsie com Johnny e Gibsie na frente e Claire e Joey ao meu lado. O rádio está desligado, nenhuma palavra havia sido pronunciada desde que nos afastamos da minha casa, e se eu tivesse uma faca à minha disposição, eu tinha quase certeza de que poderia ter cortado a tensão que envolve nós cinco.

Joey está esparramado no banco de trás, com as pernas em cima de Claire e a cabeça no meu colo. Para seu crédito, Claire não reclamou ou o empurrou para longe dela. Em vez disso, ela provou a teoria que eu tinha de que ela era a pessoa mais gentil do mundo, tirando o casaco e colocando-o sobre o corpo trêmulo dele.

Entorpecida, mantenho meus olhos colados em seu rosto, observando como suas feições se contorcem toda vez que Gibsie caia em um buraco ou fazia uma curva fechada.

— Você é tão estúpido — eu sussurro, gentilmente empurrando seu cabelo loiro de seus olhos. — Você está me ouvindo? Andando com Shane Holland e seus amigos de novo? Você sabe que ele é uma coisa ruim para você. Eles não se importam com você, Joey. Eles nunca se importaram. Eles só se importam com o que podem *obter* de você. Eles vão sugar você até secar.

Acaricio sua bochecha, meus dedos traçando a descoloração em seu rosto.

— Deus, eu estou tão brava com você, Joey.

— Shan. — Gemendo, ele cerra os olhos e enrijece. — Porra.

— Sim, porra — eu murmuro, envolvendo um braço em volta dele quando Gibsie pega o desvio para a casa de Johnny. — O que você tomou? — Inclino-me mais perto, mantendo minha voz baixa. — Eu sei que você está bêbado, e eu posso sentir o cheiro de maconha em você, mas tem mais, não é? O que foi? O que eles te deram?

Ele geme novamente e agarra seu estômago.

— Desculpe.

— Pare de pedir desculpas e comece a me dizer o que você tomou! — eu sibilo. — Foram comprimidos ou algo mais? Joey, me diga, caramba!

— Por favor, não me odeie — É tudo o que ele responde, suas palavras, um insulto abafado, enquanto ele treme violentamente em meus braços.

Devastada, olho ao redor do carro e sinto minhas bochechas queimarem de vergonha. Gibsie e Johnny estão olhando para frente e Claire está olhando obedientemente pela janela, mas eu sei que eles estão nos ouvindo. Eles não podiam *não ouvir*.

Apertando meu irmão, permaneço em silêncio pelo resto da jornada, segurando as emoções que ameaçam me dominar, enquanto debato o futuro sombrio que está à nossa frente.

Sem dinheiro.

Pais de merda.

Memórias dolorosas.

Medo e ressentimento.

Sempre o medo...

No momento em que paramos do lado de fora da casa de Johnny um pouco depois, eu estou completamente desanimada e começando a entender a necessidade do meu irmão de *esquecer* por um tempo. Eu sei que era por isso que ele fazia isso. *Fuja e esqueça...*

Desligando o motor, Gibsie sai e caminha até a porta de Claire.

— Kav, dê a Claire suas chaves para destrancar a porta — ele instrui, ajudando Claire a sair debaixo do corpo do meu irmão. — Você está bem, Claire-ursinha?

— Tudo bem, Gerard.

Johnny, que está do lado de fora do carro lutando com as muletas, enfia a mão no bolso e pega um molho de chaves antes de jogá-las por cima do capô e abrir minha porta.

— É a de prata, no meio.

— Pode deixar — Pegando as chaves no ar, Claire corre na frente de Gibsie para destrancar a porta.

— Obrigada — eu murmuro, enquanto saio do carro e fecho a porta atrás de mim.

— Você está bem? — Johnny pergunta baixinho, observando cada movimento meu com olhos afiados e inteligentes.

— Onde estão suas cachorras?

— Huh?

— Bonnie e Cupcake?

— Ah, certo, sim, elas estão brincando no espaço delas. — Ele gesticula para suas muletas e fez uma careta. — Não posso exatamente me defender delas no momento.

Dou de ombros, incapaz de formar uma resposta, e volto minha atenção para Joey.

— Ok, amigo, vamos fazer isso. — Chegando lá dentro, Gibsie arrasta Joey para fora do carro. Jogando-o por cima do ombro, Gibsie começa a carregar meu irmão para a casa. — Não vomite nas minhas...

As palavras não saem da boca de Gibsie quando Joey começa a vomitar profusamente o que eu só poderia descrever como uma substância preta de carvão.

— Costas. — Gibsie geme em derrota. — Não vomite nas minhas *costas.*

— Isso é uma coisa boa — Johnny diz, claramente percebendo minha expressão horrorizada. — É melhor fora do que dentro.

— Eu sinto muito por isso. — Balançando a cabeça, envolvo meus braços em volta de mim e caminho ao lado dele enquanto ele manca em direção à casa. — Eu pareço trazer um fluxo constante de problemas em sua vida.

— Não se preocupe com isso. — Pressionando uma muleta contra a porta para mantê-la aberta, ele gesticula para que eu entre. — Estou gostando do seu problema.

— Você não deveria. — A tristeza está florescendo dentro de mim; a realidade fria e dura da situação atual do meu irmão, eclipsando a excitação que senti quando o vi na minha porta mais cedo. — Não é uma coisa boa.

Johnny franze a testa, mas não se opõe.

— Vamos — ele diz em vez disso, inclinando a cabeça em direção ao hall de entrada.

Corro para dentro, fugindo da chuva, exausta demais para me preocupar ou fazer perguntas para as quais não preciso de respostas. Não importa se seus pais estão em casa ou não. Não importa se minhas inseguranças me fazem questionar se ele realmente me quer aqui ou não.

Os fatos eram que meu irmão havia ingerido algum tipo de droga ilegal, provavelmente uma quantidade obscena de drogas ilegais, e estava sendo carregado pelas escadas da casa de Johnny. Se eu estava brava com ele ou não, era francamente irrelevante. Ele precisa de mim e eu estarei lá.

Deus sabe, eu devia uma a ele.

— Você quer me contar sobre isso? — Abandonando as muletas, Johnny agarra-se ao corrimão e sobe as escadas a passo de lesma. — Joey, quero dizer? — ele acrescenta, parando no meio do passo. — O que aconteceu lá atrás?

— Não sei.

— Não minta — Johnny diz calmamente. — Não para mim

Amassando o nariz, eu solto:

— Ele estava indo por um caminho ruim no ano passado. Andando por todos os lugares errados com as pessoas erradas e aceitando todos os tipos errados de coisas.

— Ano passado?

Eu balanço a cabeça.

— Antes de Aoife aparecer.

— Ela o estabilizou?

Aparentemente não. Eu dou de ombros impotente.

— Eu pensei que sim?

— O que ele estava fazendo?

— Eu não sei — eu respondo, e desta vez era a verdade. — Ele definitivamente estava saindo para beber com seus amigos, e eu sei que ele estava fumando maconha, mas não tenho certeza sobre o resto. Talvez crack? Como ecstasy ou algum tipo de comprimido? Eu ouvi meus pais falando sobre isso uma vez, e não tenho certeza de como ele colocaria as mãos em qualquer outra coisa. Ele não teria dinheiro.

Dou de ombros, me sentindo perdida.

— Mas eu sei que ele costumava sair daquele carro durante o intervalo da escola e voltar para as últimas três aulas com os olhos injetados de sangue e um olhar distante — eu me ouço explicar. — Eu acho que ele está tentando escapar? As coisas não estavam ótimas, e era sua maneira de lidar com o que estava acontecendo em... uh... em... bem, você sabe. — Colocando meu cabelo atrás da orelha, deixo meus ombros caírem em derrota. — Não é como se tivéssemos alguém para conversar sobre esse tipo de coisa.

Johnny me observa atentamente enquanto eu falo, absorvendo cada palavra que eu falo.

— Foi um problema?

— Eu não sei — eu respondo, mantendo a verdade. — Joey não *fala*. Com ninguém. Nem mesmo comigo. Tudo que eu sei é que as coisas estavam ruins para ele, pior do que o normal, e ele estava se envolvendo em mais brigas na

escola. — *Mais brigas em casa.* — Ele estava tendo problemas no treinamento. Nosso p-pai... — minha garganta balançou e eu tenho que engolir várias vezes antes que eu possa continuar — bem, ele estava furioso porque havia rumores de Joey ser expulso do time. Mas então Aoife apareceu e dentro de algumas semanas ele se ajeitou. Ele não estava andando por aí com os olhos injetados de sangue ou caindo nas paredes. Ele não estava brigando tanto na escola. Ele estava apenas...

Eu balanço minha cabeça, tentando encontrar as palavras para explicar tudo isso.

— Ela estabeleceu algo dentro dele. Foi como se ela o prendesse de alguma forma, deu a ele algo que ele claramente não estava recebendo em nosso... — Eu deixo minhas palavras morrerem.

Eu não preciso terminar essa frase. Os olhos de Johnny estão fixos nos meus e a palavra *lar* paira pesadamente entre nós, silenciosa e dolorosa. Sentindo-me exposta e vulnerável, desvio os olhos e subo o resto dos degraus.

Preocupação ruge para a vida dentro de mim enquanto eu observo Johnny lutando para subir os degraus restantes.

— Ei... *você* está bem? — Eu pergunto quando ele finalmente me alcança, mandíbula apertada e ombros rígidos.

Ele enrijece e, por um momento, eu espero a mesma resposta fria que eu estou acostumada a receber quando pergunto sobre sua dor. Mas ele me surpreende ao se virar para mim.

— Estou bem. — Seu tom é suave, olhos gentis. Inclinando-se contra o corrimão, ele solta outro suspiro pesado. — Estou dolorido — ele oferece com um pequeno e vulnerável encolher de ombros. — Estou tenso, e desprezo ser lento, mas estou me recuperando, ok?

Estudo seu rosto, procuro as mentiras e, quando não encontro nenhuma, assinto.

— Sim, ok.

— E você?

— Eu?

— Sim, você. — Estendendo a mão, ele traça o polegar pela minha bochecha. — Como você está *se* sentindo?

— O mesmo que você — eu ofereço em voz baixa, incapaz de suprimir o arrepio que percorre pelo meu corpo quando ele coloca as mãos em mim. — Tensa e dolorida, mas em recuperação.

Faço uma pausa, pensando em algo positivo para dizer.

— Eu posso respirar de novo — eu solto e depois me encolho quando digo isso. — Desculpe.

A dor cintila em seus olhos azuis.

— Está me matando — ele admite, a voz baixa e áspera. — Saber o que aconteceu com você, ver o que aquele bastardo fez toda vez que olho para o seu rosto, e não ser capaz de consertar.

Solto um suspiro trêmulo.

— Johnny.

— Passei dias esperando por isso — ele rapidamente se apressa, suas palavras vindo rápido, seu sotaque engrossando enquanto ele fala. — Para ter tempo com você. Para apenas *estar* com você, e agora que eu tenho você aqui?

Sua mão serpenteia e se entrelaça com a minha.

— Onde eu sei que você está segura? Tudo que eu quero fazer é... — Balançando a cabeça, ele me puxa para mais perto. — Manter você aqui comigo e nunca te devolver.

Oh Deus, eu quero isso também.

Eu quero que você me mantenha.

— Eu sei que você tem um monte de coisas acontecendo em sua vida agora com sua família, e há uma tempestade caindo ao nosso redor — acrescenta ele, a voz rouca. — Eu sei que há uma conversa que precisamos ter, Shannon, uma importante, mas eu só quero que você saiba, não, eu *preciso* que você saiba que eu...

— Uma ajudinha, Kav! — A voz de Gibsie ressoa no patamar. — Temos uma situação para código de vômito acontecendo aqui.

— Jesus Cristo — Johnny assobia, jogando a cabeça para trás. — Eu não posso ter uma maldita pausa.

— Desculpe — Claire resmunga enquanto corre em nossa direção, segurando seu estômago. — Mas eu sou sensível para vômitos e aquele garoto está vomitando suas tripas lá dentro.

Aturdida, ela engasga antes de acrescentar:

— Honestamente, eu adoraria ajudar, realmente gostaria, mas tive uma refeição pesada antes de vir aqui e se eu ficar naquele quarto, será uma *carnificina*.

— Oh Deus. — Virando-me, me movo para verificar meu irmão, mas Johnny segura a minha mão e me puxa de volta para ele.

— Não entre aí — ele diz, soltando minha mão. — Ele não precisa que sua irmã o veja assim.

— Sim, Shan — Claire concorda, vindo para ficar ao meu lado. — Deixe os meninos cuidarem dele.

— Ele é meu irmão — eu respondo trêmula.

— Seu irmão *nu* — Claire atira de volta. — Gerard teve que tirar a roupa porque ele está coberto de...

Ela fez uma pausa para ficar boquiaberta.

— Ugh, cheira tão mal. Ele precisa de um banho e você não pode fazer isso em sua condição.

— Você se lembra do layout do andar de baixo? — Johnny pergunta, dirigindo sua pergunta para mim. — Onde está tudo?

Eu balanço a cabeça, confusa.

— Eu acho que sim?

— Leve Claire para baixo com você — ele instrui calmamente. — Faça o que quiser na cozinha ou relaxe na sala de estar. O que quiser. Gibs e eu vamos dar um jeito nele.

— Tem certeza? — Eu pergunto, não me sentindo muito segura.

— Positivo. — Ele me dá um último olhar final e então caminha rigidamente na direção de seu quarto. — Eu consigo.

— Sabe — Claire medita. — Quando me inscrevi para esta fuga da prisão, não antecipei o vômito.

Envolvendo um braço em volta dos meus ombros, ela me conduz pela impressionante escadaria até o hall de entrada.

— Ou pau.

— Paus — eu corrijo com um suspiro derrotado.

— Huh?

— A Sra. O Leary, nossa professora de ciências, diz que esse é o plural apropriado. — Não que isso importasse.

— Oh. — Ela torce o nariz com a ideia. — Bem, eu não sei nada sobre *paus*, eu devo ter saído durante a aula, mas esta casa é *incrível*. É como... uma Muckross[2] ou algo assim.

— Isso é o que eu disse — eu sussurro, me confortando em tê-la comigo.

— Ele vai ficar bem, Shan — ela acrescenta calmamente. — Vocês dois vão.

— *Sim.* — *Espero que sim.*

— Agora, vamos lá — ela diz, me apertando. — Eu quero saber tudo.

17
Boceta Perigosa
Johnny

Eu não tinha nenhuma explicação para como minha vida se desfez a ponto de eu dar banho em um arremessador de hurley drogado e meio em coma, além disso: eu me apaixonei por uma garota que tinha mais camadas e complicações ligadas à sua vida do que um cubo mágico.

Um cubo mágico eu poderia resolver.

A vida de Shannon Lynch, nem tanto.

— Você pegou debaixo dos braços dele? — Gibsie pergunta enquanto ele está totalmente vestido no meu chuveiro, segurando um Joey, o arremessador, muito nu. — Certifique-se de pegar as axilas.

— Como isso está acontecendo conosco, Gibs? — Pergunto ao meu melhor amigo. — Em um minuto, estamos jogando rúgbi para Tommen, indo ao Biddies com os rapazes e fazendo exercícios, e no próximo, estamos tirando o vômito de um arremessador da BCS.

Balançando a cabeça com a absoluta loucura da situação, eu esguicho outra gota de sabonete líquido no peito de Joey e aponto a mangueira do chuveiro, com cuidado para evitar os hematomas.

— Como caímos nessa, cara?

— Você ama a irmã dele, e eu amo a melhor amiga da irmã dele — Gibsie responde, esfregando Joey com uma esponja. — É seguro dizer que bocetas nos colocaram nisso, Kav.

Era essa a porra da verdade...

— Aqui — Gibs diz enquanto vira Joey em seus braços. — Certifique-se de pegar as costas dele novamente.

A bile sobe na minha garganta quando meus olhos veem hematomas após hematomas descoloridos, e cicatriz após cicatriz desbotada em seu corpo.

Suas costas inteiras estavam *cheias* de uma mistura de manchas, linhas fracas e cicatrizes.

Jesus Cristo.

Estudo sua pele nua com olhos frios e calculados. Não era preciso ser um gênio para descobrir quem havia colocado aquelas marcas em seu corpo.

Aquele pedaço de merda do seu pai.

Talvez ele tenha usado um cinto, ou talvez tenha usado algo pior. Porra, eu não sei. Mas ele tinha cicatrizes *em todos os lugares.*

Como diabos isso passa despercebido?

E a namorada dele? Ou sua mãe? Seus treinadores?

Ninguém o *viu*?

— Isso é tão errado — Gibsie resmunga, expressando meus pensamentos em voz alta. Ele o vira de volta para mim e passa um braço em volta do peito para segurá-lo. — Errado para caralho, Johnny.

— Sim, cara — eu digo, tomando cuidado para não borrifar as áreas em seu estômago com hematomas recentes. — Eu sei.

— Pare — Joey geme, tremendo violentamente, enquanto empurra o braço que Gibsie tem em volta dele. — Eu vou...

Gibsie gira os dois bem a tempo de Joey cobrir a parede com uma nova camada de pedaços.

— Cara — Gibs diz enquanto esfrega a esponja no rosto de Joey. — Você nunca mistura suas drogas.

— Como você soubesse — eu zombo.

— Bem, eu presumo que seja semelhante a misturar sua bebida — Gibsie retruca. — Um grande e gordo não-não!

— É melhor que ele tire tudo de seu sistema. — Inclinando-me em torno de ambos, eu lavo o vômito na parede antes de enfrentar o fluxo interminável de vômito vindo de Joey. — Eles só iriam fazer ele colocar para fora no hospital, de qualquer maneira.

— Exatamente — Gibsie concorda, dando um tapinha na bochecha de Joey. — Considere esta sua própria sessão de bombeamento de estômago ao ar livre – estilo Gibsie.

— Foda-se, seu bastardo louco — Joey geme, tremendo da cabeça aos pés.

— Normalmente, eu ficaria ofendido com isso — Gibsie bufa. — Mas considerando que estamos tomando banho juntos e sua bunda nua está pressionada no meu pau, vou deixar esse comentário passar, porque eu também acho essa situação um pouco assustadora.

— Ele está salvando sua bunda — eu rosno. — Nós dois estamos, então por que você não mostra seu apreço calando a boca e vomitando tudo?

— Foda-se, Kav...

Mais vômitos.

— É isso — Gibsie incentiva, enxugando sua boca mais uma vez. — Jogue fora todas as drogas caras, nota 10. Bom trabalho. Deixe a água lavar seus pecados e preços a serem pagos pelo ralo.

Meu telefone começa a tocar alto no meu bolso e eu faço uma careta, meus olhos virando para Gibsie.

— Você está aqui.

Gibsie revira os olhos.

— Eu não sou o único com o seu número.

Limpando minha mão na minha camiseta, enfio minha mão no bolso e tiro meu telefone.

— Merda. — Olho para o nome piscando na tela e gemo. — É minha mãe.

— Oh, Jesus — Gibsie se junto a mim gemendo. — Ela sabe, não é? Claro que ela sabe.

Ele continua a esfregar Joey enquanto ele reclama.

— Ela provavelmente tem um rastreador na sua bunda.

— Saia de cima de mim — Joey gagueja, batendo na mão de Gibsie. — Cristo.

— Mantenha-o quieto — eu aviso, olhando Gibsie enquanto eu clico em atender e coloco o telefone no alto-falante. — Mãe, como vai?

— Johnny, amor — mamãe suspira ao telefone. — Você está bem? Você demorou muito para me responder.

— Estou ótimo, mãe. E aí?

— Ah, amor, eu estava ligando para avisar que talvez eu não...

— Pare! — Joey geme alto. — Queima.

Gibsie e eu congelamos e nos encaramos horrorizados.

— O que queima? — Mamãe exige. — Você está bem?

— Foda-me! — Joey continua a se encolher e sibila: — Está muito quente.

Encarando Gibsie, eu murmuro:

— *Cala a boca dele.*

Gibsie olha para mim boquiaberto, sussurrando:

— *Como?*

Dá-me força... Aponto a mangueira para o rosto dele e balbucio:

— *Com a mão, gênio*!

Com água cuspindo de seus próprios lábios, Gibsie coloca a mão sobre a boca de Joey e eu balanço a cabeça em aprovação. Inclinando-me sobre a banheira, ajusto a configuração do chuveiro e baixo a temperatura da água.

— *Feliz agora*? — Eu murmuro, olhando para Joey enquanto eu o molho.

— Johnny? Gerard está mexendo com o fogão de novo? — mamãe pergunta, parecendo nervosa. — Diga a esse menino que é melhor ele não tocar nos fósforos. Há um buraco derretido no exaustor de seu último passeio com o fogo.

— *Foi* você*!* — Gibsie murmura, indignado.

— Não, mãe, ele não está cozinhando. — Balançando a cabeça, olho para o teto e solto a primeira coisa que me vem à mente: — Aquele era apenas um cara na televisão.

— Na televisão?

— Sim, nós estamos, ah... — Estreitando meus olhos, eu aponto a mangueira para um pedaço de vômito no ombro do teimoso do Joey. — Estamos assistindo a um filme.

— Ah, Johnny — mamãe resmunga. — Não um daqueles sujos. Os médicos o alertaram para evitar interferir em si mesmo até que seus pontos cicatrizassem completamente.

Gibsie ri.

Jesus Cristo. Eu deixo minha cabeça cair para trás em desespero silencioso.

— Não, mãe, estamos assistindo...

— Você está assistindo o que, Johnny?

— Meu Pé Esquerdo! — Gibsie deixa escapar alto. — Para o certificado de conclusão, Mamãe K!

— *Eu escolhi Gatsby, seu idiota* — eu murmuro, encarando.

— Ah, isso é adorável — mamãe balbucia, apaziguada. — Bom menino, Gerard! Muito educativo.

Gibsie arqueia uma sobrancelha e sorri.

— Você precisava de algo? — Eu pergunto, voltando ao ponto. — Porque eu estou tentando assistir Christy Brown aqui.

— Ah, certo, bem, aqui está a coisa, amor — mamãe diz, em tom hesitante. Reviro os olhos com impaciência e espero que ela chegue ao ponto. — Eu posso não voltar para casa esta noite.

Obrigado, Jesus!

— Que pena.

— O trânsito está insano subindo aqui e o pensamento de dirigir de volta em um engarrafamento é mais do que posso lidar.

Gibsie brilha em aprovação.

— Então você definitivamente deveria parar na casa velha com meu pai — eu respondo, em um tom calmante. — Você está cansada, mãe... cansada demais para fazer essa viagem.

— Sozinha no escuro — Gibsie oferece. — *Sozinha e mulher.*

— Gibs — eu aviso.

— Parece muito perigoso se você me perguntar, mamãe K — ele continua, me ignorando. — Dirigir pela cidade de Dublin à noite, sozinha.

— Ela é de Ballymun, seu idiota — eu resmunguei. — Ela chutaria sua bunda culchie em um piscar de olhos.

— Rapazes! — Minha mãe retruca e depois suspira pesadamente na linha. — Estarei em casa o mais tardar na hora do almoço amanhã para levá-lo à sua consulta de fisioterapia... se você tiver certeza de que ficará bem sem mim...

— Tenho certeza — eu interrompo-a rapidamente, deixando de fora o trecho de que eu estou bem sem nenhum deles por anos. — Eu vou ficar ótimo.

Inclinando-me sobre a banheira, estendo a mão e desligo o chuveiro.

— Nós dois vamos. — Agarrando duas toalhas da prateleira, jogo uma para Gibs e enfio a outra debaixo do braço. — Sem problemas.

— Eu te amo, Johnny — mamãe finalmente diz

— Sim... — Equilibrando meu telefone na lateral da banheira, eu coloco a toalha sobre os ombros de Joey antes de pegar meu telefone de volta. — Também te amo, mãe.

— Ah, antes que eu esqueça...

— Tenho que ir, mãe. Tchau, tchau, tchau... — Encerrando a ligação, eu coloco meu telefone de volta no bolso e solto um suspiro enorme. — Graças a Deus por isso.

— Eu vou dizer — Gibsie concorda, tirando a mão da boca de Joey. — Eu diria que estamos livres, cara.

— Jesus — Joey sibila, batendo os dentes. — Você é um filhinho da mamãe, não é?

— Você quer ser amordaçado de novo? — Eu estreito meus olhos. — Porque isso pode ser arranjado.

— Vão se foder vocês dois — Joey murmura, respirando com dificuldade. — Não me façam nenhum favor.

Minha boca se abre.

— Você está de sacanagem comigo agora, Joey?

— Eu acho que a palavra que você está procurando é *obrigado* a ambos — Gibsie interrompe alegremente. Ele me lança um olhar significativo e balança a cabeça em advertência. — E *de nada*, Joseph.

Segurando minha língua e controlando meu temperamento, dou um passo para trás e observo enquanto Gibsie o ajuda a sair da banheira.

— Não me toque porra! — Empurrando Gibsie para longe, Joey cambaleia para trás e cai no chão. — Eu não preciso de sua ajuda.

— Bem, que pena, porque você está recebendo — eu rebati. — Quer você queira ou não.

— Você está um pouco fodido, Joey, o arremessador — Gibsie medita. — Você sabe disso, certo?

— Sim, eu estou fodido — Joey zomba, tremendo da cabeça aos pés. — E você está simplesmente fodido da cabeça.

— De fato — Gibsie concorda solenemente.

Respirando com dificuldade, Joey deixa cair a cabeça entre as mãos e puxa o cabelo.

— Onde está meu telefone? — Exalando uma respiração sufocada, ele sussurra: — Eu preciso do meu *telefone*. Eu preciso ligar para a minha... porra!

— Você não tem mais telefone, cara... ou carteira — Gibsie responde calmamente. — Sua irmã disse que você vendeu, junto com sua dignidade, por essa dor horrível que você está sentindo.

Agarrando outra toalha do cabide, Gibsie a joga no colo, cobrindo-o.

— Toda essa merda saindo do seu sistema agora? Tudo que você vomitou do seu corpo? Custou exatamente uma carteira, um telefone e uma alma. Preço muito alto, hein? Espero que tenha valido a pena. — Ele dá um tapinha em seu ombro. — Agora, se vocês dois me dão licença, eu preciso de meu próprio banho.

Tirando a camisa encharcada sobre a cabeça, Gibsie a joga no cesto de roupa suja ao lado da porta antes de sair do banheiro.

Eu meio que espero que Joey Lynch exploda bem ali no meio do meu banheiro, mas ele não faz nada. Em vez disso, ele passa os braços em volta dos joelhos e abaixa a cabeça.

— Porra. — Segurando a nuca com uma mão, ele balança para frente e para trás, murmurando a palavra "porra" repetidamente.

— O que você tomou?

Silêncio.

— *Ok.* — Abaixando-me na borda da banheira, esfrego a mão na minha coxa e tento uma abordagem diferente. — Por que você fez isso?

— Não me julgue — ele sussurra, balançando seu olhar para me encontrar. — Não se atreva a me julgar...

Apertando os olhos fechados, ele fecha as mãos em punhos e faz um som engasgado em sua garganta enquanto seu corpo treme violentamente.

— Não até que você esteja no meu lugar. Ver o que eu vi. Ouvir o que eu ouvi.

Eu permaneço imóvel como uma estátua e resisto à vontade de alcançá-lo e estabilizá-lo.

— Eu não estou julgando você, cara.

— Não? — Olhos verdes torturados travam nos meus. — Você a viu. Viu o que *ele* fez com ela. E eu não... eu não posso...

Suas palavras são interrompidas e ele deixa cair a cabeça entre as mãos.

— Foda-se. Qual é o ponto?

— Não é sua culpa — eu respondo lentamente, franzindo as sobrancelhas. — Você tem que saber disso.

Mais silêncio.

— Eu não quis dizer isso — eu tento novamente. — O que eu disse ao telefone? Era meu pânico falando, cara.

Nada.

Sua falta de resposta causa um fio de inquietação subindo pela minha espinha.

— Você não é responsável pelas ações de seu pai — eu repito, lutando contra a enorme onda de simpatia inundando meu corpo. — Você não é, então não estrague sua vida e seu futuro pensando que você é.

Abaixando o olhar para os joelhos, ele sussurra:

— Eu não pude protegê-la. — Balançando a cabeça, ele exala um soluço quebrado. — Eu não pude proteger nenhum deles.

— Esse não é o seu trabalho. — Meu coração bate descontroladamente no meu peito. *Jesus*. Eu sinto como se estivesse me afogando em sua dor. — Você não deveria protegê-los. *Eles* deveriam protegê-los. Eles deveriam proteger a *todos* vocês, cara. Incluindo você.

— Eu pensei que ela estava morta — ele confessa em uma voz tão baixa que é quase inaudível. — Todo o sangue? No chão? Nas paredes? Nas minhas roupas? Saindo da boca dela? Aqueles sons de engasgo que ela estava fazendo porque não conseguia respirar? Porque ela estava *morrendo*! E então o silêncio? O som de absolutamente *nada*?

Ele pressiona as palmas das mãos contra os olhos e sussurra:

— Eu não consigo tirar a imagem da minha cabeça – e acredite, eu tentei.

Jesus Cristo.

Cambaleando, me sento ali, frio até os ossos, e escuto sua verdade.

— Eu não consegui tirá-lo de cima de mim — ele solta, o peito arfando. — Eu sabia que ela precisava de ajuda – eu *sabia* disso – mas eu não podia lutar contra ele. Eu não pude fazer *nada*!

Balançando a cabeça, ele solta uma risada sem humor enquanto as lágrimas escorrem por suas bochechas.

— E meu irmão, *meu irmão caçula de onze anos*, teve que tirá-lo de cima de mim. — Fungando, ele limpa o nariz com as costas da mão e sufoca um soluço áspero. — Enquanto *ela* ficou parada e não fez *nada*.

— Sua mãe?

— Quem mais?

Eu deixo isso afundar por um momento antes de perguntar:

— E agora? — Minha voz está cheia de emoção, mas me forço a manter minha merda e continuar. — O que acontece agora?

— A mesma coisa que sempre acontece — ele murmura. — Nada.

— Com sua mãe? — Eu pergunto, pressionando minha mão no meu joelho para impedi-lo de tremer. — Quero dizer, os policiais obviamente sabem o que seu pai estava fazendo com vocês, e eles vão prendê-lo quando o encontrarem, mas ela?

Eu balanço minha cabeça, lutando para entender tudo.

— Não há consequências por ser cúmplice? Você só deveria voltar e morar com ela?

Engulo minha raiva e sussurro:

— Naquela casa?

Joey dá de ombros.

— Você não ouviu? Ela é uma vítima também. Ela precisa ser *apoiada*.

— Shannon me disse — eu murmuro, esfregando minha mandíbula. — Isso é tão confuso, cara.

— Sim, bem, depende de Darren agora — Joey cospe, piscando para conter as lágrimas. — Ele pode descobrir o que fazer porque eu estou cheio. Eu n-não posso p-porra...

Suas palavras são interrompidas e ele exala outro soluço engasgado.

— F-fazer mais isso — ele termina com uma fungada. — Eu n-não consigo esquecer e *nunca vou* perdoar.

Eu não sei o que dizer sobre isso. Eu não sei o que dizer sobre nada disso. Nada na minha vida havia me preparado para essa conversa. Para essas pessoas e suas dores.

— Sua irmã te ama — eu digo a ele, sentindo a necessidade de dizer isso a ele, para que ele saiba que pelo menos uma pessoa em seu mundo se importa.

— Minha irmã *te* ama — ele responde cansado.

— Ela precisa de você — acrescento, ignorando a forma como meu coração bate descontroladamente no meu peito. — E pelo que ouvi, seus irmãos mais novos também precisam de você, cara.

— Porque eu sou a estrutura — ele solta. — É isso, isso é tudo que eu sou para eles.

— Estrutura? — Eu faço uma careta. — O que isso significa?

— Isso significa que eu sou o cara que sai por aí limpando a merda de todo mundo da minha família. — Ele abaixa a cabeça e aperta a parte de trás de seu pescoço. — Isso significa que eu sou a porra da mãe.

— Bem — eu exalo pesadamente e estico minhas pernas, tentando aliviar a queimação em minhas coxas. — Você é uma mãe e tanto, Joey, o arremessador.

— Alguém tem que ser — ele murmura enquanto passa a mão pelo cabelo.

— Bem, você fez um bom trabalho — eu digo a ele. — E você chegou muito longe para jogar tudo fora em um momento temporário de drogas, cara.

— Como caralhos você saberia sobre isso? — ele zomba.

— Eu sei que você está tentando escapar — eu atiro de volta. — Isso está perfeitamente claro. Você quer esquecer a merda por um tempo – e Jesus, eu não o culpo – mas é temporário. Não é *real,* Joey. E não vai consertar nada. Todos os seus problemas ainda estarão lá esperando por você, independentemente de quanto pó você cheirar no nariz ou quantos comprimidos você jogar na garganta. Você pode fumar toda a maconha que quiser, se afogar em uma garrafa de uísque, se injetar com todas as drogas conhecidas pela humanidade e isso não vai mudar nada, porque a vida *ainda* estará esperando nos bastidores para chutar sua bunda quando você voltar. Eu também sei que se você continuar seguindo

esse caminho, você chegará a um ponto onde você não será capaz de encontrar o caminho de volta.

— Fácil para você dizer — ele atira de volta, tom amargo. — Você nunca viu um dia difícil em sua vida.

— Você está absolutamente certo — eu concordo — Eu não sei o que você está passando. Eu não tenho a menor ideia de como é ser você, e eu estou muito feliz por isso. Mas eu tenho meus próprios demônios, cara. Minhas próprias escolhas que eu tive que fazer, em que teria sido muito mais fácil tomar alguns comprimidos para matar a dor quando meu corpo está caindo aos pedaços de dentro para fora, ou usar esteróides para construir meu corpo em vez de treinar na academia seis horas por dia. Eu sei que isso não parece nada no grande esquema das coisas, não comparado à merda da sua família, mas eu não fiz isso, Joey, nem uma única vez. Porque eu *sei* que colocar aquela merda no meu corpo seria apenas uma escolha temporária antes de *deixar* de ser uma *escolha* e começar a ser uma *necessidade.*

— Merda — ele engasga, e então ri sem humor. — Onde diabos você estava quando eu tinha dezesseis anos, Kavanagh?

Fungando, ele enxuga os olhos e suspira desanimado.

— Poderia ter tido essa conversa estimulante naquela época.

— Escola errada — eu ofereço com um encolher de ombros desanimado.

— Vida errada — ele sussurra.

Eu suspirei pesadamente.

— Sim.

Há um longo período de silêncio antes de eu falar novamente.

— Posso ajudar? — Eu finalmente pergunto, me sentindo como um idiota sobressalente. — Posso fazer algo por *você*?

— Sim. — Com as mãos trêmulas, Joey agarra a bacia da pia e se levanta. — Você pode me emprestar algumas roupas.

Nós dois sabíamos que as *roupas* não eram o que eu queria dizer, mas eu não o pressiono – não quando ele parece estar se agarrando à borda.

Sem dizer outra palavra, me levanto e volto para o meu quarto. Puxando peças aleatórias de roupa da minha cômoda, eu as jogo no banheiro e o deixo lá.

Confuso e no limite, caminho rigidamente até minha janela e olho para a escuridão enquanto espero que ele saia, observando as gotas de chuva baterem contra o painel de vidro.

Então esta é a vida deles, penso comigo mesmo, *é isso que ela estava escondendo de você.*

Agarrando o parapeito da janela, ignoro a dor em meu corpo e me concentro em meus pensamentos rodopiantes, tentando desesperadamente encontrar uma solução para algo que eu não tenho certeza de que possa ser resolvido. Uma coisa que eu sabia com certeza era que eu nunca poderia me desvencilhar dessa garota. E o pior, eu não queria.

Eu sei que isso não era bom. Jesus, um cego podia ver que eu precisava correr para muito, *muito* longe dessa situação, mas não *posso*. Fodido como tudo parece, eu estou bastante contente em permanecer aqui, envolto em seu colapso pessoal. Mais do que isso, eu quero entrar e fazer alguma coisa, qualquer coisa, para ajudar seu irmão. Não era mais apenas sobre Shannon para mim. Era sobre Joey e três outras crianças que eu nem tinha visto. Eu queria ajudar todos eles. Minha consciência não exigia nada menos de mim.

Vários minutos se passam antes que a porta do banheiro se abra e Joey apareça na porta. Ele está vestido com um par do meu moletom cinza e uma camiseta branca, e parece uma merda absoluta. *Merda limpa*, reconheço mentalmente, *menos o vômito e o cheiro.*

— Obrigado pelas roupas — ele murmura, os olhos injetados de sangue, rosto mortalmente pálido. — Você tem um telefone que eu possa usar?

Meu maxilar trava. Eu não tenho certeza sobre isso. Ele está planejando sair daqui?

— Por que?

— Porque eu preciso ligar para minha namorada.

Eu o olho com cautela.

— Sua namorada?

— Sim, minha namorada — ele sussurra. — Posso usar seu telefone ou não?

Incerto, pego meu telefone e entrego a ele.

— Você não tem que sair. Você pode ficar, cara. Pelo tempo que você precisar.

Me ignorando, Joey se inclina contra a cômoda e aperta o dedo trêmulo contra o teclado do meu telefone, bagunçando repetidamente a ponto de jogar a cabeça para trás e rugir.

— Vamos porra!

— Qual é o número dela? — Eu pergunto, pegando o telefone dele. — Fale e eu ligo para você.

— Eu a avisei, sabe — ele diz, entregando o telefone de volta para mim. — Disse a ela que você iria embora, disse a ela para não colocar suas esperanças em você.

Dei de ombros, nem um pouco surpreso, dado o meu status de popularidade atual com sua família.

— Qual é o número dela?

Ele murmura uma série de números antes de dizer:

— Não a decepcione. O que quer que você esteja fazendo, Kavanagh, não foda minha irmã.

Eu digito o número e aperto para ligar antes de devolver a ele e dizer:

— Eu não vou.

Com olhos cautelosos e desconfiados, Joey coloca o telefone no ouvido, o corpo tremendo e sacudindo violentamente.

— Aoife? — ele sussurra alguns segundos depois. — Sou eu.

O que quer que sua namorada diz em resposta a isso faz Joey estremecer.

Como a porra de um *estremecimento* visível.

— Eu sei — ele sussurra, cerrando os olhos. — Eu sei, ok? Eu *sei* que prometi. Eu fodi tudo.

Virando as costas para mim, ele passa a mão pelo cabelo e solta:

— Eu sinto muito, baby.

Sentindo-me desconfortável, eu decido descer em busca dos outros e deixar Joey Lynch com seu telefonema/se rastejando. Eu não tinha certeza se queria ouvir de qualquer maneira, não quando minha cabeça já estava explodindo com mais informações do que eu posso processar.

Gibsie está jogando carvão em uma fogueira já crepitante quando entro na sala de estar, e as meninas estão enroladas no sofá. Correção: Claire está enrolada no sofá com as pernas dobradas embaixo dela. Shannon, por outro lado, está sentada tão reta quanto um atiçador na beirada do assento ao lado de sua amiga. Gibsie tinha obviamente arrastado o sofá até o fogo, algo que sempre fazíamos quando o tempo estava ruim, e eu estou grato. Eu queria que ela estivesse quente. Eu *precisava* da paz de espírito.

Limpo a garganta antes de entrar, fazendo um esforço consciente para não assustá-la. Ela pula para fora de sua pele de qualquer maneira e salta do sofá, mas o pequeno sorriso que ela me dá me garante que eu sou uma surpresa bem-vinda.

— Ele está bem? — ela pergunta, de olhos arregalados e em pânico.

Nem mesmo perto. Assentindo, forço um sorriso.

— Oh! Graças a deus. — Seus ombros pequenos caem e ela pressiona a mão no peito. — Tem certeza?

Não.

— Ele tem certeza — Gibsie responde por mim. Colocando a pá de volta no balde de carvão, ele se levanta, estica os braços sobre a cabeça e pisca para mim. — Tudo está bem no mundo novamente.

— Viu? — Claire acrescenta, dando-lhe um sorriso encorajador. — Eu disse que você não tinha nada para se preocupar.

Shannon não parece tão convencida. Seu olhar passa entre Gibs e Claire antes de retornar para mim.

— Você *tem* certeza? — ela pergunta, olhando para mim com aqueles olhos azuis assustadores.

Abro a boca para mentir, para dizer a ela o que ela precisa ouvir, que está tudo bem e que ela não tem nada com que se preocupar, mas as palavras que saem são:

— Não, não tenho certeza — Eu fodo com tudo ainda mais dizendo: — Ele está em um mau caminho, na verdade. Um caminho muito ruim — e então completo com: — Estou preocupado com ele.

O rosto de Shannon cai e Claire e Gibsie gemem em uníssono.

— Boa, Cap — Gibsie murmura. — Nós só passamos a última hora dizendo a ela algo diferente.

— Sim, muito reconfortante, Johnny — Claire acrescenta emburrada.

— Bem, eu não vou *mentir* para ela — eu rebato. Passando a mão pelo meu cabelo em frustração, eu olho para Shannon. — Eu não vou fazer isso, ok?

Shannon assente rigidamente.

— Eu deveria ir vê-lo. — Ela passa correndo por mim, apenas para parar na porta. — Está tudo bem se eu subir e verificar...

— Vá — eu digo a ela antes que ela termine. — Não peça minha permissão, Shannon. Você não precisa disso.

Ela assente mais uma vez antes de sair da sala.

— Talvez de vez em quando, você possa tentar distorcer a verdade — Gibsie oferece, acenando um dedo ao redor sem rumo. — Você sabe, romantizar uma situação um pouco para poupar sentimentos e *estresse desnecessário.*

— Mentindo para ela? — Eu estreito meus olhos para ele. — Sim, cara, isso soa como um conselho muito sólido. Diga-me como isso vai funcionar para

mim?

Gibsie dá de ombros.

— Foda-se se eu sei, cara, mas essa garota está cedendo sob o peso de algumas questões muito pesadas agora, então estou pensando que algumas mentirinhas podem ser mais fáceis de aceitar do que a verdade contundente.

Abro a boca para protestar, mas me contenho.

— Você tem razão.

— Sim, eu sei — Gibsie medita. — Ao contrário da crença popular – principalmente da minha mãe – isso acontece às vezes.

A música *Crazy Frog/Axel F* explode pela sala então, alta e irritante para caralho, e fazendo Gibsie pegar seu telefone e eu gemer de puro desespero.

— É meu — Claire gorjeia, segurando seu telefone. Ela olha para o telefone e faz uma careta. — É minha mãe de *novo.*

— Não diga a ela que você está comigo — Gibsie avisa. — Faça o que fizer, querida, *não* diga a essa mulher que estou com você.

Claire olha para ele.

— Com quem mais eu estaria? Além disso, não faz sentido desde que ela me viu entrando no seu carro!

Ele dá de ombros desconfortavelmente.

— Ela vai te matar.

— Sim, Gerard, eu sei — ela sussurra antes de clicar em atender e colocar o telefone no ouvido. — Oi, mãe – sim, eu sei o que você disse... sim, eu sei, mãe, mas não é o que você pensa...

Abaixando a cabeça, Claire passa correndo por mim, falando tão baixo e rápido que eu não consigo entender uma palavra.

— Por que mãe dela vai matá-la? — Eu pergunto, olhando Gibsie com suspeita. — O que você fez que não me contou?

Olhando em todos os lugares, menos no meu rosto, Gibsie murmura algo sobre "*um grande erro do caralho"* antes de correr atrás dela.

Eu espero pelo bem de Gibsie que ele não cometesse *esse* tipo de erro com Claire porque Hughie Biggs tem um temperamento com ele quando a ideia o leva, e eu não estou em condições de impedir que eles se matem.

— Bem, merda — eu murmuro, olhando para os dois. — O drama continua vindo.

18
Fique comigo
Shannon

Eu não tinha certeza do que esperava encontrar quando eu entro no quarto de Johnny, mas meu irmão desmaiado na cama, não era. Ele está deitado diagonalmente ao pé da enorme cama de Johnny, mas seus pés ainda estão plantados no chão.

Deslizando para dentro, silenciosamente caminho até a cama e olho para a forma adormecida de Joey. Seus lábios estão ligeiramente separados e sua respiração era profunda e uniforme. Eu caio de alívio. Por um momento, eu temi que ele estivesse morto.

Meu olhar foi para onde ele ainda está segurando o telefone de Johnny. Estendendo a mão, eu gentilmente a tiro de sua mão, tomando cuidado para não acordá-lo. Eu estou apavorada com o que acontecerá quando ele acordar. Aonde ele iria? Ele voltaria para casa? Irá para a Aoife? Voltará para Shane Holland e seus amigos canalhas?

Eu, honestamente, não sei e a incerteza me preocupa mais do que o desaparecimento do meu pai. Porque eu me importo com Joey. Ele é importante para mim. Durante a maior parte da minha vida, ele foi a pessoa mais importante nela. O pensamento de algo acontecendo com ele é insuportável. É demais para aguentar, e eu honestamente não acho que posso aguentar muito mais de qualquer coisa.

Me lembro de como foi no ano passado. A luta em casa tinha sido terrível – o clima excepcionalmente ártico. Nosso pai passou o tempo todo no pub, e mamãe alternava entre trabalhar até a exaustão e desmoronar no quarto.

Veja bem, nosso pai estava tendo outro caso com uma das garçonetes, um caso que veio à tona de uma forma gloriosa poucos meses depois, e mamãe soube. Ela soube e em vez de colocá-lo para fora, ela foi para a cama. Sean ainda não tinha feito dois anos, e dava muito trabalho. Entre o cortar da gengiva com o nascimento dos dentes de trás e berrar durante a noite, todos nós estávamos exaustos.

As coisas estavam piorando para mim na BCS, e Joey estava perdendo a paciência com mais frequência. Respondendo aos professores, entrando em brigas na escola e brigas ainda maiores em casa, até que um dia ele teve um novo grupo de *amigos*. Amigos que eram velhos demais para andar com um colegial. Amigos que não tinham nada a ver com a escola para cabular.

Depois disso, Joey começou sair. Ele se tornou reservado e desconectado. Ele não se importava com nada. Nem com a escola ou com o hurling. Ele estava apenas desaparecendo.

Até que um dia na escola, uma das garotas de sua classe, a loira bonita que sempre o observava, uma garota que eu tinha certeza que Joey nunca tinha falado mais do que duas palavras, o perseguiu até o pátio da escola e o impediu de subir naquele carro. Eu sabia disso porque eu também tinha o seguido à distância. A garota causou uma cena impiedosa no estacionamento e acenou com o telefone para os meninos mais velhos no carro. E então ela fez algo que me chocou. Ela agarrou seu suéter da escola com as duas mãos e arrastou o rosto dele para o dela, beijando-o ali mesmo, sem pensar em suspensão se eles fossem pegos.

Eu nunca descobri o que Aoife disse naquele dia, mas o que quer que tenha sido, isso fez com que Joey se afastasse do carro e entrasse no dela.

Depois disso, as coisas lentamente começaram a mudar para ele. *Ele* começou a voltar para nós, pedaço por pedaço. Porque Aoife lhe deu algo naquele dia, algo para se agarrar. Esperança para o futuro.

E então meu pai tirou essa coisa dele novamente.

Ele levou sua esperança.

Eu vi isso em seus olhos quando ele me visitou no hospital; a lâmpada que Aoife acendeu dentro dele havia sido apagada lentamente até o ponto em que ele estava de volta à escuridão.

Se ele pudesse apenas dormir, dormir o que quer que ele tivesse tomado de seu sistema, então talvez ele acordasse com alguma clareza. Uma cabeça clara e a capacidade de pensar com calma e racionalidade. Talvez ele pudesse...

— Shan? Minha mãe ligou e eu preciso ir para casa. — A voz de Claire corta meus pensamentos e eu me viro para encontrá-la parada na porta. Pressionando meu dedo em meus lábios, eu imploro a ela com meus olhos para não fazer um som enquanto eu lentamente rastejo para fora da sala.

— Desculpe — ela sussurra quando nós duas estávamos paradas no patamar com a porta do quarto fechada atrás de nós. — Eu não percebi que ele estava dormindo.

Eu não respondo até que estamos no topo da escada e longe da porta.

— Está tudo bem. Nem eu. — Com as pernas trêmulas, desço os degraus, sentindo o ardor em meus pulmões enquanto me movo. Desde que saí do hospital, eu passei a maior parte do meu tempo escondida no meu quarto. Toda a caminhada de hoje tinha causado esse ardor no meu corpo. Dores incômodas ressurgem e sem o analgésico prescrito que eu havia esquecido de tomar antes de sair de casa, eu estou sentindo cada uma delas.

— O que você ia me dizer?

— Eu preciso ir para casa — Claire responde em um tom irritado. — Minha mãe está ligando sem parar.

Ela revira os olhos para dar ênfase.

— Ela diz que se Gerard não me trouxer para casa até às dez, ela vai me trancar fora de casa. — Suspirando, ela acrescenta: — São quinze para as dez agora.

— Isso seria uma coisa tão ruim? — Gibsie balança as sobrancelhas, juntando-se a nós no corredor. — Você sempre pode ficar comigo.

Claire revira os olhos novamente.

— É uma ameaça vazia, ela nunca me trancaria, mas *ele* precisa me levar para casa — continua ela, sabiamente se abstendo de continuar discutindo com Gibsie. — E eu queria saber se você quer dormir aqui?

— Dormir aqui? — Eu solto.

— Sim. — Claire assente. — Quero dizer, está tudo bem se você preferir ir para casa ou algo assim.

Ela torce o nariz para isso, deixando muito claro que ela acha que eu ir para casa era tudo menos *bem*.

— Mas eu posso fazer minha mãe ligar para sua mãe se você preferir ficar comigo?

— Eu não tenho permissão — eu admito com um suspiro. Ir para casa é a última coisa que eu quero fazer agora, mas eu também *não* posso. — Eles vão surtar se eu não voltar.

Penso em todos os problemas que estamos passando com as autoridades e, embora ninguém tenha dito que eu não posso passar a noite na casa de uma amiga, sei que não ia cair bem com mamãe. Não, porque ela passaria a noite inteira acordada, fervendo em sua própria paranóia em pânico até que eu voltasse.

— Provavelmente é mais fácil para todos se eu for para casa.

— Com todo o respeito, Shan, fodam-se eles.

Meus olhos se arregalam.

Era muito raro ouvir Claire xingar e *nunca* sobre pais.

— *Fodam-se. Eles* — ela adiciona com um olhar significativo.

— Sim! Fodam-se eles — Gibsie aplaude. — Você diz a ela, querida.

— Shiu, Gerard — Claire diz antes de voltar sua atenção para mim. — Você tem dezesseis anos, *estamos* em nossa última semana de férias de Páscoa da escola, e *você* deveria estar tendo experiências normais de adolescente, como ficar na casa de sua melhor amiga. Em vez disso, você passou a primeira semana de férias deitada em uma cama de hospital e lidando com mais porcaria do que qualquer pessoa da nossa idade deveria.

— Darren vai ficar chateado. — Eu não concordo com muito do que ele diz, e eu não estou feliz que ele sinta que pode me dar ordens, mas eu sei que o coração de Darren está no lugar certo. E eu não quero machucá-lo. Eu não quero machucar ninguém. Esse é o problema.

— Darren vai superar isso — Claire retruca, revirando os olhos. — Ele é seu irmão, não seu guardião. Você tinha um desses e veja onde isso o levou. Veja o que ele fez com você!

Eu faço uma careta e Claire se encolhe.

— Ok — ela se acalma. — Talvez eu tenha falado errado e tenha sido um pouco insensível dadas as circunstâncias, mas você sabe o que quero dizer. Estou dizendo isso porque me importo com você, porque eu te amo, Shan, e estou cansada de ver as pessoas te pressionando. E, francamente, você deveria estar farta também. Pare de se preocupar com os outros e pense em si mesma para variar. *Viva* sua vida.

Ela está certa, mas é difícil quebrar o hábito de uma vida inteira. Especialmente quando as consequências sempre resultam em dor.

Fui programada para fazer o que me foi dito. Era uma habilidade básica de sobrevivência que eu havia aprimorado até a perfeição.

Foi o que me manteve viva até este ponto.

— E quanto a Joey? — Eu pergunto, olhando nervosamente para a escada atrás de mim. Excitação misturada com uma enorme dose de ansiedade cresce dentro de mim; a perspectiva de não ir para casa esta noite tornava-se mais tentadora a cada segundo. — Ele está dormindo e eu não acho que devo deixá-lo...

— Ele pode ficar aqui — anuncia Johnny, juntando-se a nós no corredor. — Vocês dois podem. — Seus olhos azuis travam nos meus. — Se você quiser?

— Ei, garanhão — Claire diz, acenando com a mão no ar. — Acalme-se. Eu disse que ela precisava de experiências normais de adolescente, mas não vá se precipitando aqui.

Gibsie ri.

— Boom.

— Eu não estou malditamente me precipitando — Johnny atira de volta, em um tom defensivo. — Meus pais estão em Dublin, e eu tenho uma casa vazia. O irmão dela já está aqui. Ela já está aqui.

Suas bochechas ficam com um tom profundo de rosa quando ele dá de ombros.

— Eu estava oferecendo a solução óbvia.

— Solução. — Claire arqueia. — Uh-huh. Sim, se é assim que você está nomeando.

— Eu estou — Johnny responde com uma carranca.

— Sim — Claire zombou. — Você está se *precipitando.*

— Não, eu não estou, porra. — Johnny olha para mim pedindo ajuda. — Eu juro, eu *não estou.*

— Eu acredito em você — eu ofereço.

— Claro — Claire fala lentamente. — Continue dizendo isso a si mesmo.

— Por que não ficamos todos aqui? — Gibsie dispara. — Chame isso de solução, ou um compromisso, ou uma festa do pijama, ou o que diabos você quiser. Podemos até pedir uma pizza. Apenas parem de confundir meu cérebro com todo esse vai e vem.

— Eu não posso — Claire diz com um suspiro pesado. — Não desde que mamãe descobriu que você...

Ela fecha a boca. Seu rosto fica com um tom profundo de vermelho e ela dá a Gibsie um olhar que dizia "*e você sabe por quê*" antes de se apressar a falar:

— Eu simplesmente não posso.

Fico surpresa ao ver que Gibsie realmente cora também.

— Bem, bem, bem — Johnny medita, a voz cheia de sarcasmo. — Parece que outra pessoa... — ele faz uma pausa para fazer aspas no ar — se precipitou.

— Eu certamente não — Claire bufa, cruzando os braços sobre o peito. — A única coisa que eu me precipito, Johnny Kavanagh, é em pular corda.

— Uh-hum. — Johnny arqueia uma sobrancelha e imita suas palavras anteriores de volta para ela. — Você continua dizendo isso a si mesma.

— Nem todos nós pensamos com nossos órgãos genitais — ela rebate.

— Considerando *que meus* genitais foram recentemente costurados com agulha e linha, eu diria que isso é verdade — ele retruca.

— Agulha e linha — Gibsie ri. — Bela visão, cara.

— Cala a boca, Gerard! — Johnny e Claire rosnam em uníssono.

— Sabe, se você está procurando por um garanhão, você sempre pode me montar — Gibsie retruca.

— *Cala a boca*, Gerard!

— Calando a boca, Claire-ursinha.

— Acho que vou ficar aqui — deixo escapar, em parte porque quero acalmar a situação e em parte porque quero ajudar minha amiga. O que quer que estivesse acontecendo com ela e Gibsie, Claire era profundamente reservada sobre isso. Ela falaria quando quisesse. Até então, eu não ia forçar. Afinal, eu devia a ela anos por não me pressionar por informações.

Johnny fica visivelmente relaxado.

— Você vai ficar?

Eu balanço a cabeça lentamente.

— Se você quiser?

— Eu quero você aqui — ele me diz, sem tirar os olhos dos meus. — Quero que fique comigo.

Oh Deus.

Meu coração.

Essas palavras.

Este menino.

— Tem certeza? — Claire pergunta, me dando um olhar que transmite que ela está agradecida pela minha intervenção e desapontada pela minha resposta.

— Eu prefiro ficar e ter certeza de que Joey está bem. — Viro-me para Johnny e meu batimento cardíaco dispara. *Mentirosa, mentirosa. Você quer ficar com ele.* — Se você tiver certeza que está tudo bem?

Johnny está sorrindo triunfantemente para Claire, mas rapidamente suas feições ficam sérias para um aceno sombrio quando ele percebe que eu estou olhando.

— Absolutamente — ele responde. — Quero você.

Gibsie ri.

— Boom, boom.

— *Aqui* — Johnny rapidamente emenda, lançando um olhar de advertência na direção de Gibsie. Ele olha de volta para mim. — Eu quero você aqui comigo.

Minha frequência cardíaca salta para fora da escala Richter.

— Obrigada.

— Tudo bem — Claire bufa, me puxando para um abraço. — Mas você me liga se precisar de mim, ok?

— Ok — eu respondo, não me incomodando em dizer a ela que eu não tinha mais telefone. Conhecendo Claire, ela sairia amanhã e gastaria todo o dinheiro que ganhou como babá para me comprar um novo, e eu não quero esse tipo de relacionamento com ninguém.

Por mais deprimente que soe, eu prefiro ficar sozinha do que estar com as pessoas simplesmente porque elas sentem pena das minhas circunstâncias. Eu ainda não tenho certeza de quem eu sou como pessoa, ou onde eu me encaixo no mundo, mas eu sei que preciso que meus amigos gostem de mim por mim e não porque sentem pena de mim.

— Vejo você em breve, ok? — Soltando-me, ela caminha até Gibsie, que está de pé na porta da frente com ela aberta para ela, apenas para parar em seu caminho. — E você...

Voltando-se para Johnny, ela dá a ele um olhar mordaz.

— Pular cordas, não na cama.

— Não vou pular nisso também — Johnny retruca sarcasticamente. — Agulha e linha, lembra?

— Sim, bem, apenas mantenha seu pênis em suas calças — ela responde, nervosa. — E não tenha nenhuma ideia... é tudo o que estou dizendo.

Tendo dito isso, ela se vira e praticamente flutua para fora da porta da frente com Gibsie em seus calcanhares.

A porta se fecha atrás deles e eu estou sozinha pela primeira vez no que parecia uma eternidade com Johnny Kavanagh.

— Oi, Shannon — ele diz com um meio desajeitado encolher de ombros, dando-me toda a sua atenção.

Sentindo-me tímida, coloco meu cabelo atrás da orelha e sorrio de volta para ele.

— Oi, Johnny.

— Então... — Deslizando as mãos nos bolsos, ele olha ao redor brevemente antes de travar os olhos comigo. Meu coração acelera quando a consciência do

nosso entorno me consome. Eu posso senti-lo no ar; a eletricidade crepitando ao nosso redor. — O que você quer fazer?

Tudo.

— O que você quiser fazer. — Lembrando que eu ainda estou segurando o telefone de Johnny na minha mão, fecho o espaço entre nós e o empurro contra seu peito. — Eu, ah, obrigado por ajudar meu irmão.

Minhas bochechas queimam quando ele estende a mão para pegá-lo e seus dedos roçaram nos meus.

— E a mim. — Dando um passo para trás, junto minhas mãos na minha frente e exalo um suspiro de dor. — Por me ajudar também.

É doloroso porque eu sou tão socialmente desajeitada, eu mal posso suportar.

— E por nos deixar ficar aqui — acrescento, dando outro passo incerto, desta vez para o lado. — Então, uh, sim, obrigada.

Johnny olha para mim com um olhar de perplexidade.

— Você está bem?

Eu balanço a cabeça ansiosamente.

— Está bem.

Ele sorri.

— *Está* bem?

— Eu — eu corrijo com um suspiro pesado e abaixo minha cabeça. — Estou bem.

— O que você está pensando?

Dou de ombros e mantenho meu olhar treinado em meus tênis.

— Não sei.

Johnny suspira pesadamente.

— O que eu vou fazer com você, hein? — Alcançando uma mão, ele aperta minha cintura e me puxa contra ele. Minha cabeça se levanta por conta própria, minha respiração escapando dos meus pulmões com pressa. — Mantenha erguida essa sua cabeça bonita, Shannon *como o rio*.

Colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, ele roça minha bochecha com os nós dos dedos.

— É meio difícil para mim saber o que fazer quando não posso te entender. — Ele traça meu queixo com o polegar, olhos azuis aquecidos fixos nos meus. — Eu não posso ler você se você não olhar para mim.

— Ok — eu concordo e então recuo. — Espere... hein?

— Seus olhos — ele diz, em tom áspero. — Eu preciso deles em mim.

Solto um suspiro trêmulo.

— Você precisa?

Johnny assente lentamente, apertando minha cintura.

— De que outra forma eu posso saber o que você está pensando?

— Eu não sei — eu respiro, peito subindo e descendo um pouco mais rápido agora, sua proximidade causando estragos na minha fiação interna. Incapaz de me conter, estendi a mão e coloquei-a em seu peito, resistindo à vontade de amarrar meus dedos no tecido de seu moletom. — Você poderia apenas me perguntar?

— Eu perguntei *a* você, mas você não me disse — ele corrige, tom gentil e persuasivo. — Eu perguntei o que você queria fazer, mas você também não me disse isso.

Meu pulso galopava descontroladamente quando ele se inclina para mais perto e abaixa a testa para descansar contra a minha. O contato leve como uma pluma era demais e não o suficiente de uma só vez.

— Eu preciso que você assuma a liderança aqui, Shannon — ele sussurra. — Você precisa me dizer o que você quer de mim.

Eu posso sentir seu coração batendo forte em seu peito. O ritmo parece combinar com o meu.

— Porque eu não vou cometer nenhum erro com você.

Me beije, Johnny.

Me beije.

Eu quero que você me beije!

Quando eu não respondo, porque francamente, eu não consigo fazer as palavras que eu tinha formado na minha cabeça saiam da minha boca, Johnny sorri e dá um passo para trás.

— Vamos — ele diz com um pequeno e pesaroso aceno de cabeça. Pegando minha mão na dele, ele me leva para a sala de estar. — Não há pressa.

Seus movimentos eram rígidos e lentos sem as muletas.

— Você pode me dizer quando estiver pronta. — Empurrando a porta da sala de estar aberta, ele gesticula para que eu fosse na frente dele. — Eu não estou indo a lugar nenhum.

Sentindo-me tonta, um pouco sem fôlego e muito desapontada, solto sua mão e entro, sentindo a ausência de seu toque até os dedos dos pés.

— Você pode se sentar, Shannon — Johnny diz quando eu pairo perto do sofá. Ele caminha rigidamente até a janela e puxa as cortinas, cobrindo-nos na

meia escuridão antes de se mover para a televisão. — Está bem.

Sem dizer nada, eu me jogo no sofá e mantenho meu olhar fixo no fogo crepitante, absorvendo o calor, a paz e o silêncio.

— Qual é o seu sabor de pizza favorito?

Eu olho para ele.

— Huh?

— Pizza — ele repete enquanto tira o telefone do bolso e bate na tela. — Qual é o seu sabor favorito?

De pé na frente do fogo, ele liga a enorme TV e depois se vira para mim com o telefone pressionado no ouvido.

— Uh, abacaxi — eu murmuro. — Por que?

Ele me olha com horror.

— Você está falando sério?

— O que? — Eu coro. — É delicioso.

Suprimindo um estremecimento, ele começa a falar ao telefone.

— Ei, posso fazer um pedido para entrega?

— O que – espera, você não tem que fazer isso...

— Escolha um filme — ele murmura, apontando para o controle remoto na mesinha de centro, antes de continuar falando seu pedido de comida para a pessoa na outra linha.

Atordoada, pego o controle remoto e faço exatamente o que me foi dito, percorrendo os zilhões de canais que ele tinha e decidindo pelo primeiro filme que encontro.

— A comida estará aqui em meia hora — Johnny anuncia quando seu telefonema termina.

— Você não tinha que fazer isso — eu sussurro, mortificada. — Me comprar comida, quero dizer.

Johnny me encara por um longo momento antes de soltar um suspiro.

— Sim, não vamos mais fazer isso.

— Huh? — Eu o encaro, com os olhos arregalados e petrificados. — O... o que você quer dizer?

— Eu vou te pagar o jantar, Shannon. — Fechando o espaço entre nós, ele se abaixa no sofá e se vira para mim. — Às vezes comemos aqui e às vezes saímos, mas vai ser uma ocorrência regular, então não pense demais, ok?

Eu não tenho ideia de como responder a isso, então apenas assinto.

— Ok.

— Esta noite, é uma pizza de merda — ele suspira. — Porque não posso dirigir e todos os bons lugares da cidade fecham cedo às segundas-feiras, mas farei melhor da próxima vez.

— Eu não preciso de algo melhor — eu digo suavemente. — Eu gosto de pizza.

Mas eu amo *você*.

— Talvez não, mas você merece melhor — ele diz calmamente.

— Eu não posso te dar nada de volta — eu solto, sentindo o calor subir pelo meu pescoço. — Eu não posso pagar o jantar para você ou pagar o cinema — acrescento, pensando no filme que ele me levou para ver. — Eu quero. — Eu abaixo minha cabeça, muito exposta neste momento para manter seu olhar. — Mas eu simplesmente não posso.

— Se você tivesse um milhão de libras no bolso da calça, eu não faria você pagar por mim — Johnny interrompe, levantando meu queixo com os dedos. Seus olhos azuis cavam buracos nos meus enquanto ele fala. — E você pode chamar isso de uma maneira sexista ou antiquada de pensar, mas com toda a honestidade, eu não dou a mínima. Se estamos comendo juntos, eu estou alimentando você.

— É um pouco — eu ofereço baixinho. — Antiquado, quero dizer.

— É? — Johnny dá de ombros. — Então você pode culpar minha mãe por isso.

— Eu diria que ela fez um bom trabalho — eu respiro, tremendo quando ele acariciou meu queixo com o polegar.

— Sim? — Ele sorri e se inclina para mais perto. — Quão bom trabalho, você diria?

— Eu daria nota máxima a ela — eu sussurrei. — Definitivamente dez de dez.

Seus olhos brilham.

— E eu daria a *você* nota máxima.

— Eu?

— Sempre você — ele sussurra, os olhos passando rapidamente para a minha boca. — Eu amo isto. — Seu polegar traça a pequena covinha no meu queixo. — É adorável pra caralho.

Seu olhar volta para a minha boca e ele arrasta o lábio inferior entre os dentes, mordendo com força, antes de soltá-lo com um gemido e se inclinar para trás.

Eu sufoco um gemido meu, devastada por perder seu toque.

Tirando os olhos dos meus, Johnny volta sua atenção para a televisão montada acima da lareira.

— *Simplesmente Amor*? — O fantasma de um sorriso surge em seu rosto. — Sério?

— Esse foi o primeiro filme que encontrei — eu digo, agitando minhas mãos nervosamente. — Você pode mudá-lo se quiser.

Colocando meu cabelo atrás das orelhas, arregaço as mangas apenas para assistir com desânimo quando elas rolam para baixo.

— Eu não vou me importar.

— Não, é ótimo — ele ri, recostando-se no sofá. — Você já viu?

— Não. — Eu balanço minha cabeça e sigo seu exemplo, recostando-me no banco. — E você?

Johnny assente, ainda sorrindo.

— Gibsie me fez ir ver isso com ele no cinema quando saiu pela primeira vez.

Desta vez eu sorrio.

— Você está falando sério?

— Seríssimo. Parecíamos dois idiotas sentados no cinema cercadas por casais. — Alcançando atrás de nós, ele puxa um cobertor do encosto do sofá e o coloca sobre minhas pernas. — Ele estava passando por sua fase de crush na Keira Knightly na época e ficou tão chateado quando percebeu o quão pouco ela aparece nisso.

Ele ri baixinho, claramente pensando em algo divertido.

— Ele se envolveu tanto que chorou durante a parte com o colar... — ele para antes que pudesse terminar. — Desculpe. — Ele me dá um sorriso tímido. — Eu quase dei spoiler.

— Por que você foi com ele? — Sorrindo de volta para ele, eu deslizo minhas mãos sob o cobertor de lã e me aconchego mais no sofá. — Se você não gosta desse tipo de filme?

— Porque ele é meu melhor amigo — ele responde, rindo para si mesmo, enquanto estica as pernas na mesa de centro. — E ele já fez pior para mim.

— Como o quê?

— Como sair de quartos de hotel no meio da noite para vir me ver. — Johnny vira-se para olhar para mim então. — Como me levar para ver você hoje.

— Obrigada — eu respiro, sentindo algo mudar dentro de mim, me puxando para ele. — Por voltar.

— Shannon, eu... — Ele para e solta um suspiro pesado. — Venha aqui — ele diz, levantando o braço. — Deixe-me mantê-la aquecida.

Desesperada por contato físico, fecho o espaço entre nós e me enterro em seu lado. Seu braço vem ao meu redor e um arrepio rola por mim quando sinto seus lábios roçarem o topo da minha cabeça.

— Vamos fazer isso — ele sussurra, aumentando o volume da televisão.

Não dissemos mais nada depois disso.

19
Você vai me beijar ou não?
Johnny

Eu ganhei a batalha da melhor amiga contra o namorado, e me sinto fabuloso pra caralho.

Primeira rodada para mim.

Exceto que eu nem tinha certeza se eu sou o namorado dela.

Namorado; essa era uma palavra estúpida.

Jesus, eu preciso me controlar.

Agora eu que *finalmente* tenho Shannon sozinha, não sei o que fazer. Ela parecia tão incerta mais cedo que lascou minha consciência a ponto de eu me afastar. Eu *queria* beijá-la, mas não sabia se *ela* queria, e isso é um problema para mim. Porque ao contrário das suposições de Claire, eu *não* queria me precipitar. Eu não queria despejar meus sentimentos em cima dela e tirar vantagem.

Tudo na vida de Shannon mudou tão drasticamente e em uma sucessão tão curta de tempo, que eu não quero cometer um erro com ela. Acima de tudo, eu não quero que ela se arrependa de *mim*.

E agora aqui estávamos nós, de volta ao meu sofá, sem segredos entre nós ou treinamento para eu ir correndo. Não, tudo o que havia entre nós agora era o medo do desconhecido.

Pela primeira vez em quase dezoito anos, sinto que estou em uma encruzilhada crucial na minha vida. Não precisava me perguntar qual caminho iria tomar, meus pés já estavam se movendo em direção a ela, mas estou em conflito porque sei que o caminho era curto. Se meu pai e os médicos estiverem certos, e eu conseguir entrar na equipe em junho, isso significa que eu tenho dois meses com ela. Dois meses e eu estarei longe daqui. Em junho, eu desviarei desse caminho.

De repente, a perspectiva do sub-20 não é tão atraente quanto antes. A visão de túnel que eu vivi toda a minha vida, aquela com apenas rúgbi à vista, está nublada e embaçada agora. Tentar fazer a coisa certa para o meu futuro e fazer o que era certo para o meu *presente* é a razão pela qual eu me sinto tão infernalmente dilacerado por essa garota.

Eu só quero um *tempo* com ela. Longe de sua família e do rúgbi. Longe de tudo. Só eu e ela. Eu queria dar uma pausa na minha vida e apenas *mantê-la*. Palavras fortes para uma pessoa da minha idade, mas confio nos meus instintos e na minha coragem. Tudo isso está me encorajando, me assegurando que eu estou absolutamente certo porque essa garota é a garota para mim. A que eu devo manter. Eu posso passar por uma montanha de bocetas e isso não significaria nada, porque eu tenho sentimentos por ela.

— Você está bem? — A voz de Shannon corta meus pensamentos e desvio meu olhar das chamas crepitando na lareira para seu rosto. Ela está sentada com as costas apoiadas no braço do sofá, enterrada sob o cobertor que eu joguei em cima dela horas atrás. Ela tem seus braços enganchados frouxamente em torno de seus joelhos e está olhando para mim com expectativa.

Incapaz de lembrar uma palavra do que ela tinha acabado de me dizer, passo a mão pelo meu cabelo e me espreguiço.

— Desculpe, o quê?

— Você se levantou para colocar carvão no fogo há uma hora e está olhando para a lareira desde então — explica ela naquela sua voz suave. — O filme acabou, Johnny, e a televisão ficou em branco.

— Merda, é? — Olho em volta e noto que estávamos sentados na escuridão com apenas o fogo iluminando a sala. — Desculpe. Eu devo ter ido para o mundo da lua.

Shannon franze a testa em preocupação e eu sinto seu pé acariciar o lado da minha coxa.

— É a medicação que você está tomando? — Sua voz está cheia de simpatia, os dedos dos pés acariciando minha coxa suavemente. — Isso te deixa sonolento?

— Não, não são os remédios. — *É o fato de que passei dias ensaiando o que quero dizer para você na minha cabeça e agora não consigo dizer as palavras.* — Eu não sei o que aconteceu comigo. — *Você aconteceu comigo, e agora estou completamente fodido.* — Estou apenas esgotado, eu acho. — *Porque estivemos sentados aqui a noite toda e ainda não falamos com o elefante na sala.* — Desculpe, Shan.

Tudo o que eu disse a fez sorrir e eu arqueio uma sobrancelha.

— Algo engraçado sobre isso?

— Você me chamou de Shan — ela diz, sorrindo.

— *Sim*... — Eu sorrio de volta para ela. — E?

— Meus amigos me chamam de Shan — ela explica. — Bem, as meninas e Joey.

— Eu não sou seu amigo? — Eu provoco, me virando para encará-la. — Ou esse apelido é reservado apenas para membros do seu *círculo íntimo*?

— Não, não, você é meu círculo — ela deixou escapar e então fez uma careta. — Eu quis dizer que você está *no* meu círculo. *No* meu círculo... não que *é o* meu círculo.

Ela deixa cair a cabeça entre as mãos e geme.

— Ugh, eu sou ruim com as pessoas.

Rindo, eu chego debaixo do cobertor e pego seu pé. Foda-se o por que eu faço isso, mas eu tinha seu maldito pé na minha mão agora, então eu vou em frente. *Gibsie estava certo; eu tenho um problema em pegar coisas que não são minhas*.

— Relaxe — eu digo, colocando o pé dela no meu colo. — Eu sei o que você quis dizer.

Os olhos de Shannon vão para onde eu estou segurando seu pé no meu colo, e espero para ver o que ela fará em seguida.

Se ela se afastar, eu a deixaria. Mas ela *não* se afasta.

Em vez disso, ela tira o outro pé de debaixo do cobertor e o coloca no meu colo com o outro. Seus olhos voltam para os meus, claramente esperando para avaliar minha reação.

Eu reajo colocando meu braço sobre suas pernas e apertando seu joelho frouxamente, mantendo meus olhos nos dela o tempo todo, observando o menor indício de qualquer coisa que pudesse parecer dúvida.

— Posso te fazer uma pergunta? — Tomo coragem para dizer. Quando ela assenti, eu forço as palavras para fora. — Como você está se sentindo... sobre mim?

Seus olhos se arregalam.

— Sobre você?

— Sim. — Eu engulo profundamente. — Sobre mim.

Shannon fica em silêncio por tanto tempo que eu temo que ela não vá me responder, mas então ela começa a falar.

— Às vezes eu sinto que estou presa — ela confessa em voz baixa, baixando o olhar para onde eu estou segurando suas pernas. — Como se eu estivesse presa no mesmo lugar e estivesse me afogando.

Apertando as mãos, ela continua a falar, para me estripar com sua verdade.

— É como se eu estivesse vendo a água subindo e subindo cada vez mais. Posso vê-la se aproximando de mim, me levando para baixo. — Tremendo, ela morde o lábio. — É assustador.

— Eu aposto — eu respondo bruscamente, arrastando meus dedos para cima e para baixo em seu joelho vestido de jeans, sem saber o que dizer, e com medo de dizer a coisa errada.

— E então você entra e recua. — Inclinando o queixo para cima, ela me olha nos olhos e exala uma respiração trêmula. — Você aparece e tudo de ruim simplesmente... vai embora por um tempo.

Eu posso sentir seus olhos em mim, e isso causa uma lenta queimadura dentro de mim. Minha pele está quente, meu corpo está enrolado em frustração e excitação.

Eu estou tão *fodido*.

— É assim que você me faz sentir — ela sussurra, olhos azuis queimando seu caminho até a minha alma. — Melhor. Viva. Livre. Segura. Importante. Eu sinto que posso respirar pela primeira vez em dias e isso é só porque você está aqui... porque eu estou com *você.*

Ela faz uma careta então, como se um pensamento doloroso tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Mas estou atrapalhando sua vida, — acrescentou ela, a voz baixa. — Eu arrastei você para a bagunça da minha família e eu sinto muito por isso.

Cuidado, Johnny.

Tenha muito cuidado com suas palavras aqui, cara.

Ela era um livro fechado que eu milagrosamente consegui abrir. Eu não estou prestes a cometer um erro e ter as páginas fechadas na minha cara.

— Eu não consigo me lembrar como isso começou ou quando eu me envolvi em você a ponto de eu sentir que estou estrangulando em sua dor. — Eu finalmente digo quando as palavras me encontram novamente. — Mas eu sei que eu não quero voltar a ser como era antes de você.

Ela é tão forte, tão resistente, e ela nem sabe disso. Eu não posso imaginar passar pelo que ela passou e apenas voltar a se levantar novamente. Mas aqui está ela, pronta para confiar em mim, deixando sua casa esta noite, embora seu pai ainda estivesse por perto. Quero dizer, isso tinha que foder com a cabeça dela, certo? Mas ela não deixou que isso a derrubasse. A garota era a definição de cair sete vezes e levantar oito. Não importa o que é jogado em seu caminho, ela sempre se limpa, volta a ficar de pé e tenta novamente.

— Estou tão cansada de estar aqui — ela confessa em voz baixa. — Eu estou tentando, você sabe... apenas seguir em frente. Não insistir, e apenas ser grata, mas eu *não* sou grata e *não consigo* seguir em frente. Eu sinto que ainda estou presa, e a cada dia, estou chegando mais perto do dia em que não estarei mais aqui.

Eu não entendia, então não ia dizer a ela que entendia. Eu não tenho ideia sobre com o que ela está lidando ou como ela está lidando. Tudo o que posso dizer é:

— Estou aqui — E eu estarei.

— Ele está me dando regras, Johnny.

Shannon franze o nariz, respira fundo algumas vezes, e então solta:

— Mais regras. Mais leis... — ela exala pesadamente e acrescenta — Mais ordens para obedecer.

Sim, eu ia perder a cabeça.

Respire, Johnny.

Respire fundo, cara.

Levo um momento para processar o que ela diz, e muito mais para dominar minhas emoções e a necessidade repentina e desesperada que eu tenho dentro de mim de atacar.

— Darren? — Eu finalmente consigo perguntar.

Ela assente fracamente.

— E eu sei que ele tem boas intenções, mas eu só... estou cansada de ser controlada. — Tremendo, ela acrescenta: — Quando acordei naquela cama de hospital, viva e respirando, prometi a mim mesma que não deixaria ninguém me controlar como ele fez. *Jurei* que nunca deixaria isso acontecer novamente.

— Você não deixou acontecer em primeiro lugar, Shan — eu digo a ela, a voz rouca. — Estava fora de seu controle.

— Essa é a coisa — ela responde. — Estou cansada das *coisas* estarem fora do meu controle, Johnny.

— Sim. — Eu suspiro pesadamente. — Eu aposto.

— Sabe, ainda me lembro de como me senti na primeira vez que tomei banho nesta casa — ela diz então, sorrindo suavemente para si mesma. — Eu só fiquei no seu banheiro por muito tempo e escutei.

— O quê?

— O silêncio.

— Shan...

— É difícil de explicar — ela se apressa para explicar. — Mas eu nunca quis sair daquele banheiro, porque me senti segura... me *sinto* segura com você.

Balançando a cabeça, ela solta um suspiro trêmulo e diz:

— E isso é horrível porque coloca pressão em você.

Cambaleando, começo a quebrar meu cérebro para as palavras que eu sei que preciso para deixar sua mente à vontade. Para juntá-la novamente. Eu não sabia. Eu só tinha sentimentos. Enormes sentimentos fodidos que estão me sufocando e me afogando em um padrão simultâneo de destruição viciante.

Minhas paredes desmoronam. Tudo que eu construí em minha tentativa de me proteger da garota que eu *sei* que me derrubaria se desintegra.

— Ninguém está me obrigando a fazer nada — eu finalmente digo, me sentindo perdido. — Você está na minha casa porque eu quero você aqui.

— É?

— Cem por cento — eu digo a ela. — E isso não tem nada a ver com nada além do fato de que eu só *quero* você aqui comigo, Shannon.

— Tem certeza? — ela sussurrou.

— Ouça — eu digo, virando meu corpo para dar a ela toda a minha atenção. — Há algo que você deveria saber sobre mim, e é que eu não tenho sentimentos fugazes. Eu não sou dessas merdas passageiras, não é assim que eu funciono. Então, quando eu te digo algo, ou quando eu faço algo, eu quero dizer isso – eu pensei sobre isso. E eu estou dizendo a você que eu *quero* você aqui comigo.

Sua boca se abre, seus lábios carnudos formando um pequeno O perfeito.

— É. — Eu sorrio, resistindo ao desejo de estender a mão e inclinar seu queixo para cima. — Oh.

— Johnny? — ela pergunta então, se aproximando. — Posso te perguntar mais uma coisa?

— Sim... — a palavra sai toda áspera e eu tenho que limpar minha garganta antes de tentar novamente — Sim, Shan. Você pode me perguntar qualquer coisa.

— Você nunca vai me beijar?

Puta merda.

Mantenha a cabeça, Kav.

Mantenha a calma e não a assuste.

Você a tem de volta, agora mantenha-a aqui.

Não se jogue, cara. Segure-a de volta...

Levo alguns segundos para processar suas palavras antes que eu possa falar.

— Você *quer que* eu te beije?

— Seria bom não ter que dar o primeiro passo e depois fugir. — Sua voz é pouco mais que um sussurro e ela abaixa o rosto por um breve momento antes de olhar de volta para mim, aqueles olhos azuis me sugando. — É isso que eu quero... não ter que entrar em pânico. — Ela morde o lábio inferior por um momento antes de continuar — Por saber onde estou com você.

— Eu quero te beijar, Shannon. — Ignorando a dor na minha virilha, eu viro meu corpo para encará-la. — Eu *vou* te beijar — eu emendo, me sentindo todo quente e nervoso. — Se é o que você quer?

Shannon solta um suspiro trêmulo.

— Ok.

Eu a olho com cautela.

— Ok.

Ela permanece perfeitamente imóvel, olhos fixos nos meus, bochechas coradas, expressão de *expectativa*?

— O que... como agora? — Eu pergunto, sentindo um pouco de pânico por ter me situado. — Você quer que eu faça isso agora?

Cristo, eu estou fazendo uma confusão disso.

— Eu só pensei que você poderia, você sabe, querer conversar um pouco mais.

— Eu não quero mais falar, Johnny — ela sussurra. — Eu falei o suficiente para durar uma vida inteira.

— Eu só não quero pressioná-la. — Eu solto, ouvindo o nervosismo em minha própria voz maldita. — Toda a merda que você passou com seu pai, e agora Joey. E sua mãe e seu drama. E Jesus, seu rosto está todo machucado e dolorido, e seu corpo — Dou de ombros, completamente perdido. — Eu só... acho que devemos continuar conversando? Porra, Shannon, eu não quero que você sinta que estou tirando vantagem de você...

— Você vai me beijar ou não? — Shannon me surpreende perguntando.

— Eu só... eu não... estou tentando... — Minhas palavras são interrompidas e eu exalo um suspiro de dor enquanto a observo me observar, aqueles olhos azuis arregalados e acolhedores. — Foda-se...

Incapaz de aguentar mais um segundo disso, eu seguro sua nuca, fecho o espaço entre nós e esmago meus lábios nos dela.

Gemendo em minha boca, suas mãos se movem para a frente do meu suéter, os dedos atando no tecido enquanto ela puxa e puxa e me encoraja a chegar mais

perto.

Ah, foda-se.

Capturando suas mãos com as minhas, reprimo cada desejo fodido dentro de mim e apenas a beijo de volta, tentando desesperadamente manter a calma e não forçar muito. Tudo o que eu quero fazer é pegá-la e envolver seu corpo em volta do meu, fazer um ângulo melhor para mim, mas eu não posso fazer nada disso.

Vá devagar, meu cérebro, nublado pelos hormônios, avisa. *Não foda isso, cara.*

No entanto, no minuto em que sinto sua língua dar um golpe hesitante contra a minha, eu sei que estou completamente fodido.

Eu não aguento.

Eu honestamente não posso *aguentar* a pressão no meu peito. Isso faz com que um circuito vital ligado ao meu autocontrole trave e queime.

Meu cérebro desliga e meu corpo assume.

Meu pau está sentado firmemente no banco do motorista, e eu estou me movendo puramente por instinto, beijando-a profundamente de volta, sabendo que há uma razão para eu parar, mas não encontrando força de vontade para pisar no freio.

Minhas mãos se movem para emaranhar em seu cabelo e *suas* mãos se movem para minha cintura, puxando minha carne e me encorajando a ir com ela enquanto ela cai de costas. E Cristo, se eu não estivesse ali com ela, mergulhando como um maldito maníaco, desesperado pelo sabor dela enquanto nossas línguas duelam juntas pelo que foi, sem dúvida, o melhor beijo da minha vida.

Beijá-la era diferente porque há sentimentos envolvidos.

Sentimentos grandes, enormes e aterrorizantes que eu sei que ela sente também.

É diferente porque *importa* – porque importamos um para *o outro.*

Meu corpo está queimando, em parte pela dor agonizante que piora com cada impulso imprudente dos meus quadris contra os dela, mas principalmente pela pura fodida excitação de ter suas mãos na minha pele.

Eu sinto como se ela tivesse pegado uma faca no meu peito, me aberto, e cada pedaço de mim está sangrando dentro dela.

Eu estou duro, dolorosamente duro para caralho, e não do jeito bom que poderia ser aliviado, mas agora, não importa.

Eu não me importo se eu estou quebrado.

Eu nem me importo se eu estourar um ponto.

Eu não me importo com nada além da garota gemendo e se contorcendo no sofá embaixo de mim.

20

Uma quantidade louca do caralho

Shannon

Johnny me disse para dizer a ele o que eu queria. Levei quatro horas para dizer as palavras, e quando finalmente consegui, surpreendi a nós dois com minha franqueza.

A mortificação que eu senti sobre o quão estranhamente atirada eu tinha sido desbotava cada vez mais com cada impulso de sua língua enquanto ele me beija profundamente.

Eu mal consigo respirar, meus pulmões gritam em protesto, mas eu sei que prefiro morrer a subir para respirar. Eu sinto como se estivesse faminta por ele e as emoções me impulsionando para frente são esmagadoras.

Ele era muito maior do que eu, muito mais largo, e isso me excitou. O peso do corpo dele em cima do meu é demais e não o suficiente ao mesmo tempo. Toda vez que eu penso que não posso aguentar a pressão, minhas mãos o puxam para baixo com mais força.

Quebrando o beijo, ele se apoia no cotovelo.

— Você está bem? Eu sou muito pesado? — Seu peito sobe e desce rapidamente, sua respiração ofegante espelhando a minha. — Eu estou machucando você?

Estendendo a mão, eu passo uma mão em volta de seu pescoço e puxo seu rosto de volta para o meu. Minhas mãos estão tão apertadas em volta de seu pescoço que eu tenho certeza de que estou cortando a circulação em algum lugar, mas não posso soltá-lo.

Eu fisicamente *não posso* deixá-lo ir.

Eu estou assustada, insegura e *dolorida*.

E a única coisa verdadeira que eu sei neste momento era que eu *confio* nesse garoto.

— Não fale — eu imploro. — Apenas continue me beijando.

Agarrando-o como uma tábua de salvação, prendo minhas pernas em volta de sua cintura e imploro:

— Apenas *fique* comigo.

— Foda-se... — Ele geme profundamente em sua garganta. — Eu vou.

Exalando uma respiração instável, ele pressiona seus lábios nos meus.

— Vou ficar. — Seus lábios roçam contra os meus enquanto ele fala e a sensação causa um arrepio de prazer em mim. — E eu estou com você, porra — ele sussurra antes de afundar de volta em mim, me pressionando mais fundo nas almofadas do sofá, enquanto ele se acomoda pesadamente entre as minhas pernas.

Minha respiração engata na minha garganta quando seus lábios pousam de volta nos meus, quentes e explorando quando ele abre os lábios e explode minha mente com sua língua habilidosa.

Fechando os olhos, aperto minhas pernas que estão ao redor de sua cintura, agarrando-me a ele o máximo possível. O movimento faz um rosnado de dor irromper do peito de Johnny. Eu sei que o estava machucando e que deveria deixá-lo ir, mas fisicamente não consigo me desvencilhar dele.

Meu corpo parece ter se ligado ao dele e, com exceção de um tornado soprando pela sala, eu duvido que algo possa me erguer dele.

Ele tem uma mão emaranhada no meu cabelo e a outra presa no meu quadril, os dedos flexionando contra a minha carne toda vez que eu encontro seu hábil impulso com uma tentativa minha. Seus quadris estão se movendo em um ritmo lento e viciado contra minha virilha, circulando e balançando contra mim, me fazendo doer e ansiar por algo escondido dentro de mim, algo que com cada roçar de seus lábios e cada golpe de sua língua, se aproximava do meu alcance.

— Eu apenas sinto que deveríamos ter uma conversa... — Johnny tenta novamente, respirando com dificuldade contra meus lábios. — Sobre onde nós dois estamos.

Descansando sua testa contra a minha, ele me beija levemente novamente antes de terminar

— Só para estarmos na mesma página.

— Sério? — Eu suspiro, deslizando minhas mãos sob a bainha de sua camiseta e tremendo quando sou recebida com carne quente e tonificada. Eu tenho que abafar um gemido quando sinto seus músculos abdominais apertarem e se contraírem sob meu toque. — Eu, uh... eu acho...

Distraída e superaquecida, eu balanço minha cabeça, desesperadamente tentando limpar meus pensamentos cheios de luxúria.

— Tem certeza?

— Não — ele geme, parecendo dolorido e em conflito. — Eu só acho que talvez devêssemos?

Ele continua a roçar contra mim enquanto fala, inclinando aqueles quadris mágicos para causar o máximo de dano aos meus nervos.

— Falar, isso — Ele olha duro para mim por um longo e tenso momento antes de exalar pesadamente. — Sobre nós.

Um enorme tremor percorreu seu corpo poderoso.

— Ah, foda-se... — e então ele está de volta; me beijando, movendo-se contra mim, me fazendo estremecer e me arrepiar.

Ficamos assim pelo que parecem horas, totalmente vestidos, apenas beijando e moendo, tocando e sussurrando, até que eu honestamente não tenho um pingo de energia sobrando no meu corpo.

— Você está bem? — ele sussurra, acariciando minha bochecha com o nariz.

Assentindo, suspiro de contentamento e flexiono meus dedos contra sua cintura, querendo nada mais do que mantê-lo aqui comigo para sempre.

— Só cansada.

Enterrando o rosto no meu pescoço, Johnny respira fundo antes de se afastar para se ajoelhar entre as minhas pernas. Um calafrio me percorre com a súbita falta de contato. O fogo está quase apagado agora, apenas a brasa alaranjada permanece, e o ar da noite está penetrando em meus ossos.

Inclinando-se para o lado, ele pega o telefone da mesa de café, derrubando a caixa de pizza vazia no processo.

— Merda — ele murmura, e vira a tela para mim. — São três e meia da manhã. Ele acende a lanterna em seu telefone para podermos ver na escuridão antes de colocá-lo de volta na mesa e sair rigidamente do sofá. — Eu não notei a hora.

Eu me sinto dolorosamente tímida quando me levanto e o observo esticar seus braços poderosos sobre a cabeça antes de descaradamente deslizar a mão dentro de sua calça de moletom para *se reajustar.*

— Você quer subir? — ele pergunta, bocejando sonolento. — Há meia dúzia de quartos vagos. Posso colocar você em um?

Não, eu quero ficar com você.

Eu me mexo desconfortavelmente, passando de um pé para outro.

— Eu não me importo.

— Você quer ficar aqui embaixo comigo? — ele pergunta então, tom um pouco mais áspero agora. — Joey está no meu quarto, então eu ia dormir no sofá

e eu...

— Com você — eu murmuro, já concordando com a cabeça. — Prefiro ficar com você.

— Só para dormir — acrescenta Johnny, a voz tensa. — Ok?

— Ok.

— Ok. — Assentindo para si mesmo, ele coloca a mão atrás da cabeça e tira o moletom e a camiseta.

Eu estou feliz com a escuridão neste momento porque eu sei que minhas bochechas estão brilhando em um vermelho brilhante ao vê-lo.

Ele é tão bonito que dói olhar.

Todos os músculos finamente esculpidos e carne tonificada...

— Eu não estou tendo nenhuma ideia, eu prometo — ele me diz enquanto abaixa sua calça de moletom e saí dela, deixando-o de pé em suas cueca boxer ajustada que foi elevada na frente. — Eu simplesmente não consigo dormir com minhas roupas ou vou virar uma fornalha.

— O-ok. — Ele não ia receber nenhuma reclamação de mim. — Eu entendo.

Presa ao local, eu observo enquanto ele pega o telefone e o cobertor e depois sobe desajeitadamente no sofá, estremecendo com cada movimento rígido até que ele está deitado de lado contra o encosto do sofá com o cobertor cobrindo sua cintura.

— Você vem? — ele pergunta, segurando o cobertor com uma mão e batendo no espaço à sua frente com a outra.

Cautelosamente, eu me abaixo para deitar de costas para ele.

Johnny desliga a lanterna de seu telefone e o joga no chão antes de colocar o cobertor em volta de nossos corpos.

— Relaxe — ele sussurra, me puxando para mais perto com a mão que ele tinha dobrado debaixo de mim. — Estamos apenas dormindo.

Ele passa o outro braço em volta de mim então, me envolvendo no casulo mais apertado.

— Você está segura. — Sinto seus lábios roçarem na parte de trás da minha cabeça e um arrepio percorre meu corpo. — Eu prometo.

Eu enrolo minhas duas mãos ao redor de seu antebraço e apenas o seguro, absorvendo a sensação de seu corpo alinhado com o meu. A força dele, seu cheiro, seu toque, o som de sua respiração... Eu devoro cada segundo deste momento e o tranco em uma cápsula do tempo no fundo da minha mente, mantendo-o seguro com todos os outros e rezando para ter mais a acrescentar.

— Não me solte, ok?

— Eu não vou — ele promete, apertando seu abraço em mim.

Eu sei que terei problemas amanhã. Quando eu chegar em casa, será para expressões impassíveis e palestras acaloradas, mas esta noite eu não consigo encontrar lugar no meu coração para me importar.

Johnny arrasta a mão ao meu lado, para frente e para trás, de novo e de novo, seu toque leve como uma pluma.

— Como se sentiu? — ele pergunta, os lábios roçando o lóbulo da minha orelha enquanto ele fala. Seus dedos se demoram ao meu lado. — Aquele dia?

Eu sei exatamente a que ele estava se referindo, naquele dia na cozinha.

— Hum... — Fecho os olhos e penso muito antes de responder. — Parecia... injusto.

— Injusto?

Eu dou um pequeno aceno de cabeça e aperto meu abraço sobre ele.

— Porque eu pensei que tinha acabado e eu não estava pronta para isso acabar.

— Isso?

— Minha vida.

Ele respira fundo.

— Não acabou, Shannon.

— Não. — Fecho os olhos com força e luto contra uma onda de tristeza, sabendo em meu coração que estávamos pensando em duas coisas opostas. — Não acabou.

— Sinto muito que isso tenha acontecido com você — ele sussurra. — Eu sei que isso não significa nada, e provavelmente é a pior coisa que eu poderia dizer a uma pessoa na sua situação, mas eu estou dizendo.

Ele enterra o rosto no meu pescoço e sussurra:

— Eu sinto muito por você ter recebido essas pessoas como pais.

Uma lágrima traidora escorre pelo meu rosto, seguida por outra e depois outra.

— Eu pensei em você quando isso estava acontecendo — confesso, mordendo meu lábio com tanta força que sinto o familiar gosto metálico na minha boca.

— Em mim?

Assentindo, eu enxugo minha bochecha manchada de lágrimas contra seu antebraço.

— Eu sabia o que estava acontecendo comigo, eu sabia que não podia parar isso, então eu apenas pensei na minha memória mais feliz e me agarrei a ela.

— O que foi isso?

— Você e eu — eu sussurro, tremendo. — Essas coisas que você me disse no hospital. Todas aquelas outras vezes também. Eu conjurei você em minha mente e me concentrei em seu rosto. Imaginei sua voz na minha cabeça e apenas mantive você lá, em minha mente. Falando para mim. Mantendo-me calma. Fazendo-me sentir... — Minha respiração acelera e eu tenho que respirar firme antes de terminar — segura.

— Jesus, Shannon — ele fala apertado, me agarrando ainda mais forte. — Você nunca saberá o quanto eu gostaria de ter estado lá.

O silêncio cai ao nosso redor então, mas não foi tenso ou estranho.

Em vez disso, era reconfortante.

Profundamente reconfortante.

Johnny demora para processar o que eu disse a ele. Ele não me bombardeia com perguntas. Ele apenas *fica* ali ao meu lado, fazendo uma pergunta de cada vez e, em seguida, dando a si mesmo tempo para processar minha resposta e tempo para processar minha vida.

— Tudo o que me lembro é dos gritos constantes e do medo da dor — respondo, várias horas depois, quando Johnny pergunta sobre minha infância. O amanhecer está chegando do lado de fora, iluminando a sala em um tom acinzentado assustador, e nenhum de nós tinha fechado um olho. A luz que entra gradualmente pelas enormes janelas me ajuda a ver as sardas em seu antebraço, as cicatrizes nos nós dos dedos e as veias que parecem saltar de sua pele esticada e bronzeada. — E aquela sensação na boca do estômago, o pavor... é a sensação mais familiar que tenho. Quase sinto que não estou bem quando não estou preocupada. Não estou bem em me sentir bem.

Suspiro pesadamente e me concentro em seus dedos. Ele tinha dedos longos, com pontas ásperas e calejadas e eu não consigo parar de tocá-los.

— Estou constantemente no limite, o tempo todo, esperando a tristeza porque é com isso que estou acostumada... o que estou programada para sentir, esperar e viver. — Fazendo uma careta, passo meu dedo sobre a ponta de seu polegar e acrescento: — Bem, pelo menos é o que Patricia e Carmel dizem.

— Patricia, a assistente social — Johnny diz, lembrando o nome dela de uma de suas perguntas anteriores, enquanto ele pega minha mão na dele e entrelaça nossos dedos, me *firmando*. — E Carmel é a...

— Conselheira do hospital — eu completo, acariciando meu nariz contra seu braço. — Embora, eu só a encontrei duas vezes e não vou voltar.

A mão que ele está arrastando para cima e para baixo na minha caixa torácica para.

— Por que não?

— Porque eu devo confiar em alguém que só está lá porque ela está sendo *paga* para me ouvir? Alguém que, depois das 17h, não dá a mínima para mim ou meus irmãos? — Eu balanço minha cabeça. — De jeito nenhum.

Johnny suspira e volta a arrastar o dedo. Ele fica quieto por um longo tempo antes de dizer:

— Acho que você deveria conversar com alguém sobre o que aconteceu naquela casa.

— Eu acabei de fazer — eu sussurro.

— Não, Shan, não eu — ele responde tristemente. — Um profissional com os certificados para fazer a diferença na sua vida.

— Não há nenhum sentido — eu sussurro.

— Eu acho que há.

— Eu acho que você está errado.

— E quanto a Joey? — Johnny pergunta então, mudando as coisas.

Eu congelo por um momento antes de me virar para encará-lo.

— O que você disse?

— Eu disse e quanto a Joey? Quem está ajudando ele? — Johnny pergunta, passando o polegar na minha bochecha. — Você disse que as crianças estão fazendo terapia e aconselhamento. Sua mãe está em seu próprio aconselhamento de trauma e fazendo algum curso de maternidade. Darren está fazendo o que Darren faz, e o pedaço de merda do seu pai está fugindo. Mas e quanto a Joey? Ele está vendo alguém? Se ele estiver, então eles precisam encontrar um novo terapeuta para o cara, porque ele está totalmente a merda antes.

E quanto a Joey.

Ele perguntou sobre Joey!

Três palavras que significam mais para mim do que qualquer outra coisa que ele pudesse ter dito neste momento.

Puxando-me para cima em meu cotovelo, eu me inclino e pressiono meus lábios nos dele.

— Obrigada — eu sussurro, me afastando para olhar para ele.

Johnny franze a testa em confusão.

— Pelo o quê?

— Fazer as perguntas certas.

— Ah, sem problemas?

Algo acende na minha cabeça então, uma pergunta que vinha me torturando há dias. Rolando de volta para o meu lado, eu volto a segurar seu braço enquanto luto para reunir coragem para perguntar.

— Posso te fazer outra pergunta? — Eu posso ouvir o tremor em minha voz, mas me forço a não recuar.

— É claro. — Eu o ouço bocejar atrás de mim, sinto o calor de sua respiração no meu pescoço enquanto ele aperta seus braços em volta de mim, aconchegando-se em minhas costas. — Pergunta à vontade.

Aqui vai...

— Por que você gosta de mim?

Johnny endurece atrás de mim.

— Por que eu... *o quê*?

— Gosta de mim — eu completo, minha voz pouco mais que um sussurro. — Por que?

Eu preciso saber. Eu não quero que ele pense que eu sou um caso de caridade, ou pior, que fique comigo porque ele sente pena de mim. A perspectiva deixa um gosto amargo na minha boca.

— Isso é um... — Suas palavras vão sumindo e ele sai de trás de mim, mudando para uma posição sentada no sofá. — Você está falando sério?

Eu balanço a cabeça, desejando não estar falando sério, querendo mais do que tudo fazer disso uma piada, mas sabendo que nunca poderia porque a resposta era muito importante para mim.

— Sim. — Puxando-me de joelhos, viro-me para encará-lo e digo: — Eu preciso saber.

— Eu não *apenas* gosto de você, eu, porra... — Balançando a cabeça, Johnny esfrega o queixo antes de olhar para mim. — Shannon, eu amo você.

Eu paro de respirar.

— Você me ama?

Ele assente lentamente, olhos azuis fixos nos meus.

— Tipo uma quantidade louca do caralho.

— Sério?

— Sério — ele confirma. — E eu pediria sua permissão, mas eu nem pedi a minha.

— Oh... — Eu exalo trêmula e assinto. — Ok.

Johnny arqueia uma sobrancelha.

— *Ok*?

— Eu só... eu pensei que você estava chapado quando disse isso naquela noite. — Eu solto, me aproximando até meus joelhos roçarem sua coxa nua. — Eu não achei que você quis dizer isso.

— Eu estava definitivamente chapado naquela noite — ele concorda, virando-se para me encarar. — E eu definitivamente quis dizer isso naquela noite.

Meu coração galopa descontroladamente.

— Você quis?

— Eu te *amo* — ele vai em frente e abala meu mundo dizendo novamente. — No presente... como em: eu quero dizer agora. E talvez eu não devesse estar dizendo isso – talvez eu esteja fodendo tudo dizendo isso quando você está no meio de suas coisas de família, mas é a verdade.

Ele dá de ombros impotente.

— Eu *estou* apaixonado por você. Eu acho que estou assim há um tempo... há um longo tempo, porra, se estamos sendo totalmente honestos. — Exalando trêmulo, ele acrescenta: — E isso me assusta mais do que o pensamento de não fazer o sub-20. *Você* me assusta mais do que qualquer um que eu já enfrentei em um campo.

— Uau. — Solto um suspiro trêmulo. — Eu não posso acreditar que você acabou de dizer tudo isso.

— Eu sei. — Ele parece um pouco doente quando diz: — Atitude idiota, hein?

— Eu te amo também — eu solto, sentindo uma enxurrada de calor correr pelo meu corpo. — Tipo, uma quantidade louca do caralho — acrescento, devolvendo suas palavras a ele.

— Sim? — O sorriso de Johnny era de tirar o fôlego, cheio de covinhas, e tira o ar dos meus pulmões. — Sério?

Eu balanço a cabeça solenemente.

— É verdade.

Ainda sorrindo, ele balança a cabeça como para limpar seus pensamentos, e diz:

— E voltando à sua pergunta anterior, eu gosto de você porque você é você, Shannon. Eu nunca conheci outra garota como você.

Eu torço meu nariz para cima.

— Você quer dizer outra garota tão ferrada quanto eu.

— *Não*, quero dizer uma garota tão gentil, carinhosa, confiável e leal como *você* — ele responde rispidamente. — E linda? Jesus Cristo, você é tão linda que é *doloroso* olhar para você. Eu nunca vi nada como você na minha vida.

Sinto vontade de derreter no sofá.

— Johnny...

— Não, não, apenas deixe-me colocar isso para fora antes que eu perca a coragem, ok? — ele se apressa a dizer, parecendo confuso.

Fecho a boca e assinto.

Exalando outra respiração trêmula, Johnny continua:

— É como se você me *visse,* e eu visse você. Cristo, acho que você viu através de mim naquele primeiro dia em campo na escola, porque com certeza não tenho sido o mesmo desde então, Shannon. Você não dá a mínima para o rúgbi. Isso nunca te incomodou e isso me *surpreendeu* porque eu não estou acostumado com isso. Eu não estou acostumado a ter alguém me querendo por... bem, por mim – mas você quer. E você teve tempo para me notar. Para ver coisas que ninguém mais estava vendo... coisas que eu não queria reconhecer para mim mesmo. — Ele passou a mão pelo cabelo e cai, seus ombros largos se curvando. — E eu estava com medo, Shannon. Eu estava com tanto medo de como eu me sentia por você. Eu ainda estou. Você me assusta pra caralho, por razões que eu ainda não tenho certeza, porque com toda a honestidade, eu não sei o que diabos está acontecendo aqui. Minha cabeça está em pedaços e estou tão fora da minha zona de conforto que sinto que estou me equilibrando em gelo fino, mas sei que não há outra pessoa que eu gostaria de *querer* me expor como eu quero com você.

Ele dá de ombros impotente.

— Como estou fazendo agora.

— Johnny, eu... — Abro a boca para dizer alguma coisa, *qualquer coisa*, mas não consigo falar. Sinto como se estivesse me afogando em meus sentimentos. Eu *sei* que estou me afogando *nele*. — Eu...

— E eu sei o que você está pensando — ele acrescenta, parecendo agitado. — Você acha que eu vou ficar por causa do seu pai. Você acha que eu sinto pena de você.

Minha respiração engata na minha garganta.

— Não.

— Sua pequena mentirosa. — Inclinando-se mais perto, ele segura minha bochecha com sua mão grande e pressiona sua testa na minha. — Eu posso ler você como um livro.

— Sim — eu admito. — Mais ou menos.

— Bem, você está errada. — Sua respiração abana meu rosto enquanto ele fala, me fazendo sentir tonta. — Eu quero você porque você me deixa louco pra caralho. E sim, eu não vou mentir, eu sinto pena de você. — Ele acrescenta rispidamente. — Eu seria um bastardo de coração frio se não o fizesse, mas isso não tem nada a ver com o motivo de eu querer estar com você. Estou ficando por aqui porque preciso de você.

Meu coração bate tão rápido que eu temo que fosse explodir.

— Você precisa de mim?

— Você acha que é o contrário, mas não é — ele me diz. — Eu preciso de você também, porque você acalma algo dentro de mim. Você me faz sentir *bem*. Como se eu não precisasse...

Sua voz some por um momento enquanto ele claramente pondera o que está tentando dizer.

— Você me faz sentir como se eu fosse o suficiente — ele finalmente admite. — Tipo, se isso for o mais longe que eu vou, se eu não fizer parte do time, então está tudo bem.

— Você *é* o suficiente — eu suspiro, envolvendo minha mão em seu pescoço. — Assim como você está agora.

Desesperada para confortá-lo, coloco uma perna sobre a dele e subo em seu colo, sabendo que não devo, ele ainda estava se curando, mas não tendo o autocontrole para parar.

— Você é tão bom — eu digo a ele, atando meus dedos em seu cabelo e puxando-o para mais perto de mim. — Você é uma pessoa tão *boa*, Johnny Kavanagh, e nem sabe disso. Você não vê o quão pouco o rúgbi tem a ver com o quão especial você é. Mas eu sei. Eu vejo e sei.

— Viu? — Ele aperta as mãos em meus quadris e exala trêmulo. — Você diz isso e eu acredito em você.

— Porque é *verdade* — eu solto, respirando forte e rápido. — Eu só... Deus, você não tem ideia de como você é adorável.

— O que você precisa de mim, Shannon? — ele resmunga, a voz grossa e rouca. — Eu vou te dar qualquer coisa que você precisar, baby.

Balançando a cabeça, ele geme como se estivesse com dor.

— Eu só... eu quero te fazer feliz.

— Você — eu sussurro. — Todo você.

— Eu já sou seu — ele geme, antes de cobrir meus lábios com os dele.

Meu coração bate forte no meu peito e meu corpo dói e pulsa. Era uma dor profunda dentro de mim que só ele pode saciar. Na verdade, eu tenho quase certeza de que nunca irei saciar a necessidade que eu tenho de *apenas estar* com ele. Fechando meus olhos, eu seguro seus braços e o beijo de volta, me afogando nas sensações que me rasgam.

Talvez Darren estivesse certo e eu estivesse muito envolvida, mas não consigo encontrar algo em meu coração para me importar.

Tudo dentro de mim foi cativado por ele, e eu não consigo ver além disso – eu não consigo pensar além da onda de sentimentos que eu tenho por ele. Até meu cérebro, a parte de mim que deveria prestar atenção à cautela, está me encorajando a ser imprudente com meu coração; jogar tudo com esse garoto e confiar nele para não me quebrar.

E eu estou totalmente dentro.

21
Lágrimas, ameaças e bules de chá
Johnny

Eu sabia que estava em apuros antes mesmo de abrir uma pálpebra.

O tom de voz da minha mãe enquanto ela gritava meu nome aos quatro ventos era prova disso.

— Jonathon Kavanagh! — Sua voz corta o silêncio, seguida por saltos altos batendo nos azulejos. — É melhor você sair de onde quer que esteja se escondendo e explicar o que diabos está acontecendo!

Assustado, me levanto, ainda meio adormecido, e pisco rapidamente enquanto tento processar o que diabos está acontecendo.

— Aí está você! — Mamãe late. — O que você está fazendo dormindo na sala de estar?

Eu estava na sala de estar?

Descansando um braço no encosto do sofá, olho para ela, me sentindo perdido.

— Eu, ah... — Eu bocejo alto e movimento meus ombros. — Huh?

— Você tem alguma ideia de por que Marie Lynch deixou uma mensagem no telefone de seu pai logo de manhã procurando por sua filha? — mamãe exige, de pé na porta com as mãos nos quadris.

— *O quê*? — Coçando meu peito, pergunto: — Marie quem?

— Marie Lynch! — Mamãe disparou. — A mãe de Shannon.

Oh merda.

— Bem? Estou esperando uma explicação aqui, Johnny!

A pequena bola de calor pressionada ao meu lado começa a se mexer e um par de olhos azuis da meia-noite espiam debaixo do cobertor.

Merda dupla.

Os eventos da noite passada voltam rapidamente, trazendo uma onda de calor direto para o meu pau.

— *Oi* — Shannon murmura, parecendo com os olhos arregalados e aterrorizada, enquanto ela aperta o cobertor entre os dedos e olha para mim. — *Ajuda.*

Do ponto de vista da minha mãe, ela só pode ver o encosto do sofá. Eu poderia ter chorado pelo alívio momentâneo que me inunda.

— *O que eu faço?* — ela murmura, respirando com dificuldade. — *Devo me levantar?*

Porra, não!

— Você acreditaria em mim se eu dissesse que não sei? — Falo para minha mãe enquanto puxo o cobertor de volta sobre a cabeça de Shannon e desajeitadamente subo em cima dela, reprimindo a vontade de gritar quando a dor no meu pau me atravessa como uma bala.

Fique abaixada, imploro mentalmente a Shannon enquanto me levanto, *por favor, fique abaixada.*

— Nem um pouco — mamãe retruca, me observando como um falcão. — Por que você está nu?

Olho para minhas meias e dou de ombros, fingindo indiferença.

— Eu não estou nu.

Seus olhos se estreitam.

— Então por que você está descansando no meu bom couro em suas calçolas?

— Calçolas? — Eu dou a ela um olhar indignado. — Eu tenho dez anos?

— Não, você tem quase dezoito anos e está parcialmente nu — mamãe retruca com raiva. — E há uma garota que eu não consigo explicar onde está... uma que você particularmente gosta, e uma cuja mãe está me ligando constantemente.

Coço minha cabeça, sabendo que estou completamente fodido, mas lutando por uma saída do mesmo jeito.

— Eu pensei que você disse que ela ligou para o telefone do pai.

— E seu pai deu a ela *meu* número — mamãe fala, ficando roxa agora.

Jesus, eu estou tão fodidamente morto.

— Eu estive no telefone, ouvindo aquela maldita mulher zunindo em todo o caminho de Dublin, exigindo que eu devolva sua filha de dezesseis anos antes que ela chame a polícia para você.

— Você não deve atender o telefone quando estiver dirigindo, mãe — eu cutuco a onça com vara curta dizendo. — É imprudente.

— Conexão Bluetooth, Jonathon — mamãe rosna. — Agora, você sabe onde ela está ou não?

— Não faço ideia — eu minto por entre os dentes. — Desculpe.

— Se você sabe onde ela está, você precisa me dizer agora — mamãe retruca, me dando um daqueles olhares de "não brinque comigo".

— Nenhuma ideia — eu atiro de volta. — Desculpe.

— Você sabe o que é estupro estatutário[3], Johnny? — ela rosna, parecendo furiosa. — Porque Marie Lynch falou muito sobre isso no telefone para mim! E se você esteve com Shannon... se ela está aqui agora e você está mentindo para mim, então você vai ter sérios problemas, rapaz.

— Que *porra é essa*? — Eu ladro, horrorizado. — Ela disse isso? Você está falando sério?

— Sim, ela disse isso, e não é a primeira vez — mamãe diz, com a voz trêmula. — Você tem alguma ideia de como uma acusação como essa pode ser prejudicial para o futuro de um menino, e especialmente um em sua posição?

Ela ergue as mãos para dar ênfase.

— Você poderia dizer adeus a uma carreira no rúgbi, com certeza!

— Eu *não* fiz *nada* — eu engasgo.

— Ela é *menor de idade*, Johnny — mamãe rosna de volta. — O irmão dela jurou que ela deixou a casa dela com você ontem e ela convenientemente não voltou para casa ontem à noite.

Encarando, ela acrescenta:

— Você é o matemático da família, então faça as malditas contas!

Eu olho de volta para ela, furioso.

— Então, porque o irmão dela pensa que ela está comigo, isso me torna um estuprador do caralho?

— Significa que se ela não aparecer em casa, a mãe dela vai mandar a polícia até essa casa e você vai ser o primeiro...

— Não a deixe chamar a polícia, Sra. Kavanagh.

Eu abaixo minha cabeça.

Foda-se. Minha. Vida.

Saltando debaixo do cobertor, Shannon salta para seus pés.

— Estou aqui. — Respirando um pouco mais forte do que o normal, Shannon faz uma careta e agarra seu lado. — E eu sinto muito. Eu sei que não deveria estar, mas eu só... eu não queria... nós não...

A boca de mamãe se abre de horror.

— *Shannon*?

— Não é o que parece — eu me apresso para desarmar a situação, se isso fosse possível. — Adormecemos assistindo a um filme. Não fizemos nada, mãe...

— Shannon — minha mãe solta, movendo-se em nossa direção.

— Nós estávamos dormindo — eu repeti, entrando na frente de Shannon. — Apenas dormindo. Eu não toquei nela. Eu juro, eu não coloquei um dedo...

— Cala a boca, Johnny! — Minha mãe solta.

Eu rapidamente fecho minha boca e olho minha mãe com cautela enquanto ela se aproxima de nós.

Com as pernas trêmulas, mamãe vai até à peça da lareira e apoia a mão nela. Ela ainda está com a outra mão pressionada contra a boca e lágrimas enchem seus olhos.

— Nós não fizemos nada — eu ofereço mais uma vez, sobrancelhas franzidas. — E olhe...

Eu aponto para o jeans azul e ligeiramente torto, o colete branco que Shannon está usando.

— Ela está completamente vestida, então apenas relaxe, ok? — *E não me mate muito.*

Balançando a cabeça, mamãe vai até à mesa de centro e se abaixa.

— Oh Deus — ela solta, deixando cair a cabeça entre as mãos, a voz tensa. — Jesus, Maria e José.

Levo alguns momentos para descobrir o que diabos estava acontecendo, e por que minha mãe não está me arrastando pela orelha, quando me dou conta de que esta é a sua primeira vez vendo Shannon desde o ataque. Sim, eu estava chamando isso de ataque porque isso é exatamente o que diabos é. Um *ataque.*

Todo o rosto de Shannon era um mapa de hematomas e descoloração, e estava atingindo minha mãe com força.

Bom, penso comigo mesmo, *coloque-se no meu lugar e me diga o que você faria. Diga-me como você a levaria de volta para aquela casa?*

— Eu sinto muito, Sra. Kavanagh — Shannon engasga, se debatendo ansiosamente ao meu lado.

— Ei... — Eu pego uma de suas mãos na minha e aliso um polegar sobre seus dedos, desesperado para acalmá-la. — Shh, está tudo bem.

Shannon olha para nossas mãos unidas e então olhou para mim.

— Sinto muito, Johnny.

— Você não fez nada de errado — eu digo a ela, tom áspero.

— Eu só... eu não queria ir para casa ontem à noite — ela continua, respirando com dificuldade, enquanto olha para minha mãe. — Sinto muito por causar problemas, Sra. Kavanagh. Eu não queria chateá-la...

— Eu não estou chateada com você, amor — mamãe interrompe, soando um pouco mais composta, enquanto se levanta. — Não se preocupe.

— Eu vou indo — Shannon se apressa em dizer. — Agora, eu prometo.

Mamãe suspira pesadamente.

— Você não tem que fazer isso, Shannon, amor.

— Ela não precisa?

— Eu não preciso?

— Vamos todos tomar uma xícara de chá primeiro. — Enxugando as bochechas com as costas da mão, mamãe sorri calorosamente para Shannon. — E então vamos resolver isso, ok, amor?

— Sim. — Shannon solta um suspiro trêmulo e assente. — Ok.

— Agora... — Virando-se para mim, mamãe diz: — Você tem mais alguma surpresa para mim?

Há uma cadência provocante em sua voz.

— Você não tem mais filhos dela escondidos na minha casa, não é?

Eu me mexo desajeitadamente.

— Ah, talvez um ou dois.

Mamãe ri.

Eu não.

— Obrigado pela cama, Kavanagh — uma voz familiar grita do corredor, escolhendo a pior hora possível para acordar de seu sono chapado. — Posso pegar emprestado um moletom?

Porra, porra.

Os olhos de mamãe se arregalam em sua cabeça.

— E quem é esse?

— Ah, esse seria Joey — eu murmuro, esfregando minha mandíbula.

— E quem é Joey?

— Meu irmão — Shannon oferece fracamente.

— Há mais crianças Lynch em minha casa, Jonathon?

— Não — eu murmuro, não encontrando seus olhos. — Eu só peguei dois.

— Jesus, Maria, José e jumento — mamãe lamenta enquanto salta para o corredor. — O que eu vou fazer com você?

— Ela está brava? — Shannon pergunta, chamando minha atenção de volta para ela. Seus olhos estão arregalados e cheios de pânico. Todo o seu corpo tinha endurecido como pedra. — Você vai ter problemas por minha causa?

Provavelmente.

— Não — eu respondo, mantendo meu tom gentil. — Ela só está preocupada.

— Você está? — Ela engole profundamente. — Bravo?

Minhas sobrancelhas franzem.

— Contigo?

Shannon assente, parecendo doente agora.

— Não, Shan — eu digo lentamente. — Eu não estou bravo com você.

— Eu não vou deixar minha mãe fazer nada com você — ela desabafa então, apertando minha mão com força nas suas. Seu peito sobe e desce rapidamente enquanto ela fala e eu tenho a sensação de que ela ia vomitar ou ter um ataque de pânico. — O que quer que ela diga... eu juro, Johnny, eu não vou deixar ela te colocar em apuros... eu prometo, vou consertar isso... Só por favor, não me odeie...

Me inclino e a beijo, não sabendo outra maneira de aliviar seu pânico.

Shannon relaxa em meus braços, eu posso sentir a tensão deixando seu corpo enquanto seus membros se soltam e suas mãos descansam na minha cintura.

— Eu não tenho medo de sua mãe — eu digo a ela, descansando minha testa contra a dela. — E eu nunca poderia te odiar. — Eu escovo meus lábios contra os dela novamente. — Nem em um milhão de anos.

— Mas ela está...

Eu a beijo novamente, mais forte desta vez, fazendo meu argumento com a minha língua.

— Sua mãe pode dizer o que ela quiser. — Endireitando a minha altura total, coloco uma mecha rebelde de cabelo atrás da orelha e descanso minhas mãos em seus ombros magros. — Ela pode fazer todas as ameaças que quiser. Isso não muda nada para mim.

Suspirando em sua expressão desamparada, eu seguro seu rosto em minhas mãos e me inclino para perto.

— Porque eu não vou a lugar nenhum.

— Sério? — Shannon sussurra, olhando para mim com aqueles olhos solitários. Seus dedos estão cavando em meus lados com tanta força que eu tenho a sensação de que ela ia deixar uma marca em mim. — Você promete?

Lá vai ela pedindo promessas que eu não tinha certeza se poderia cumprir, e lá vai eu prometendo-as mesmo assim.

— Sim, Shan — eu murmuro. — Eu prometo.

Nossos lábios se tocam novamente, roçando suavemente, e eu soube ali mesmo que estava acabado. Foi um beijo suave, gentil e inocente que embala o soco de uma vida, porque com aquele contato mínimo, ela liberta meus hormônios fora de controle e nocauteia meu coração.

Sabendo que eu preciso parar enquanto ainda posso, eu quebro o beijo, respirando com dificuldade, e pego minhas roupas, decidindo que seria mais seguro encarar seu irmão com minhas calças.

— Vamos — eu digo, pegando a mão de Shannon quando eu estou vestido. Puxando suavemente, eu a levo para fora da minha sala de estar e direto para o meu abate – que por acaso é minha cozinha. *Onde minha mãe tinha uma grande variedade de facas e outros aparelhos afiados...*

Porra.

Alcançando a porta da cozinha, paro quando o som de vozes ecoa por trás da porta parcialmente fechada.

— Oh meu Deus, ele está falando com ela? — Shannon sussurra, de olhos arregalados, quando ouve a voz de Joey.

Bem, ele não estava gritando, o que era uma coisa boa, porque por mais que eu sentisse pelo irmão de Shannon, se ele planejasse falar com minha mãe do jeito que ele falou comigo e Gibsie ontem, eu ia perder a cabeça. Havia uma linha na vida de um homem que ninguém cruza. Essa linha para mim era minha mãe. Ninguém fode com ela.

Empurrando a porta da cozinha para dentro, entro com Shannon segurando minha mão como uma tábua de salvação.

Meus olhos imediatamente procuram e pousam em Joey, que está encostado na porta da despensa, parecendo encurralado e selvagem, e ainda assim, ele estava observando minha mãe com uma curiosidade quase relutante.

Ele está claramente todo fodido, vindo do que quer que ele tivesse tomado, e lá está minha mãe, aquecendo bolinhos e falando com ele sobre Deus sabe o quê.

A coisa mais chocante de tudo isso foi que eu tenho a nítida impressão de que Joey realmente está ouvindo ela.

Franzindo a testa, eu o estudo mais de perto. Jesus, ele está *absolutamente* ouvindo-a.

Mamãe está de costas para a porta, sem perceber a minha presença e a de Shannon, e está tagarelando sobre uma coisa ou outra. Joey, por outro lado, está tão concentrado no que quer que minha mãe esteja falando que parece alheio a tudo ao seu redor.

— Sabe, amor, tenho certeza de que já ouvi falar daquela garagem — mamãe diz enquanto coloca um prato de biscoitos no micro-ondas e o liga. — Definitivamente vou deixar o carro lá na próxima vez que precisar de um serviço.

— Sério? — ele pergunta a ela, a voz baixa e incerta. Ele puxa as mangas, se contorcendo nervosamente. — Você não precisa.

— Eu gostaria — mamãe responde enquanto tira vários potes de geléia do armário superior. — Há quanto tempo você trabalha lá?

— Desde que eu tinha doze ou treze anos — ele murmura, movendo-se desconfortavelmente, os olhos cautelosos ainda fixos em minha mãe. — Estive trabalhando desde o terceiro ano.

Minha mãe congela por um momento antes de se recuperar rapidamente.

— Tão jovem?

Ele dá de ombros sem pedir desculpas.

— Precisava do dinheiro.

— E você gosta? — ela pergunta, pegando a chaleira. — Mecânica? Isso é algo que você pode estar interessado em seguir depois de terminar a escola?

Ele dá de ombros rigidamente.

— O dinheiro é decente.

— Bem, eu acho que você faz jus a si mesmo, Joey Lynch — mamãe fala, colocando alguns saquinhos de chá na panela. — Trabalhando todas aquelas horas depois da escola.

Ela enche o bule com água fervente.

— E no seu ano de conclusão. — Ela larga a chaleira e sorri para ele. — Você deve estar tão orgulhoso de si mesmo.

As sobrancelhas de Joey franzem tão profundamente que ele parece estar sofrendo de uma enxaqueca.

— Por que?

— Por quê o quê, amor? — Mamãe pergunta gentilmente.

— Nada. — Ele se mexe novamente, puxando as mangas para baixo sobre os nós dos dedos apenas para enrolá-las de volta alguns momentos depois. — Nem mesmo importa.

— Eu acho que sim — mamãe responde suavemente. — Diga o que você ia dizer, amor. Estou ouvindo.

— Eu, uh... eu... — os olhos verdes selvagens de Joey se voltam para mim então, antes de rapidamente mudar para Shannon. Alívio instantâneo envolve suas feições. — Tudo bem, Shan? — ele murmura, mostrando o primeiro sinal de afeto genuíno que eu tinha visto desde ontem. — Como tá indo? — Eu o observo observá-la, seus olhos vagando pelo rosto dela e uma mistura de culpa e dor cintila em seus olhos. — Você está bem?

— Ei, Joe — Shannon responde em um tom cheio de emoção. Ela assente antes de acrescentar: — E você?

— Tudo bem — foi sua resposta, sua resposta cheia de mentiras porque o rapaz estava tão longe de ser *bom* quanto qualquer um poderia conseguir. — Kavanagh — ele diz então, me oferecendo um aceno rígido. — Obrigado novamente.

— Joey — eu respondo — A qualquer momento.

Sentindo a necessidade de fazer alguma coisa, solto a mão de Shannon e caminho em direção a minha mãe, pegando o prato para os bolinhos do micro-ondas enquanto vou.

— Estes estão com um cheiro insano, mãe.

Pegando um do prato, eu o enfio na boca, ignorando a queimadura que escalda minha língua, enquanto me movo para a ilha. Os bolinhos cheiram muito bem, mas não era por isso que eu estou me sufocando tentando engolir um. Era porque eu queria que esses dois comessem alguma coisa.

— Boas maneiras, Johnny — mamãe repreende, e então, em um tom muito mais suave, disse: — Joey, Shannon, por que vocês dois não se sentam e tomam café da manhã?

Nenhum deles se move.

Olho para o rosto cauteloso de Shannon e depois para seu irmão, e meu sangue aquece a ponto de virar lava em minhas veias.

Jesus Cristo, o que diabos essas pessoas fizeram com essas crianças?

Largando o prato no tampo da ilha de mármore, puxo um banquinho, sento-me com cuidado, dou um tapinha no banquinho ao meu lado, e então conto mentalmente até cinco.

Quatro, três, dois, um...

Como um potro assustado, Shannon move suas pernas em minha direção, como eu esperava que ela fizesse, e senta-se ao meu lado. Ela precisa de três

tentativas para subir no banco, mas ao contrário da última vez, quando estávamos sozinhos, eu não me movo para levantá-la por duas razões muito óbvias.

Primeiro, minha mãe está aceitando isso incrivelmente bem, dadas as circunstâncias, e eu não quero abusar da sorte.

Segundo, seu irmão está me observando como se não soubesse se queria confiar em mim ou me estrangular.

Quando Shannon finalmente consegue se sentar, eu sorrio para ela. Ela cora um tom de rosa-brilhante e abaixa o olhar para o balcão, os ombros juntos com força.

Cristo, ela está voltando a ficar nervosa.

Era como se a noite passada não tivesse acontecido, e se ela não estivesse sentada bem aqui ao meu lado, eu teria pensado que tinha conjurado a coisa toda na minha cabeça.

Joey espera mais um minuto antes de soltar um suspiro e caminhar até a ilha. Puxando um banquinho ao lado de sua irmã, ele afunda e descansa os cotovelos no balcão, balançando a cabeça para si mesmo e tamborilando os dedos inquietos.

— Agora. — Colocando um bule de chá na nossa frente, mamãe vai e volta até os armários, colocando xícaras e pratos laterais na nossa frente até que a ilha da cozinha parece um chá da tarde em um maldito hotel. — Comam — ela encoraja, afundando no banco à nossa frente.

Não precisando de nenhum incentivo, eu alegremente encho meu rosto, me afogando em comida que eu nunca tocaria durante a época de treinamentos, mas eles não fazem nenhum movimento.

— Vamos. — Empurrando o prato na direção de Shannon e Joey, mamãe sorri encorajadoramente. — Eu ficarei insultada se vocês não experimentarem um.

Com o canto do olho, observo enquanto eles se comunicam silenciosamente. Nenhuma palavra foi dita, mas eu sei que algo está acontecendo entre eles.

E então ambos se movem em sincronia para os bolinhos.

Agradeça a Cristo por isso.

Alívio cintila nos olhos da minha mãe enquanto ela observa os Lynchs devorando os bolinhos por trás da borda de sua caneca de café. Seus olhos cheios de lágrimas se voltam para mim e eu dou a ela um olhar de *"eu sei"*.

Com um pequeno aceno de cabeça, mamãe abre um sorriso brilhante e começa a fazer o que sabe fazer melhor: conversar e se intrometer. A mulher fala pelos cotovelos, e pode conversar sobre qualquer coisa. Eu não tenho a menor ideia de onde eu errei ou por que aquele gene em particular me pulou, mas enquanto observo minha mãe conversar com os dois, eu fico grato.

Grato por ela estar aqui.

Grato por ela não estar perdendo a cabeça comigo por ter uma garota dormindo aqui.

Grato por *ela* ser minha mãe.

— Johnny — minha mãe diz depois do que deve ter sido uma hora de conversa fiada. — Nós vamos ter que ir logo. Você tem fisioterapia em uma hora, amor.

Meu coração despenca na minha bunda.

— Eu... — Pausando, olho para Shannon e depois para minha mãe. — Eu não tenho que ir.

As sobrancelhas da mamãe se erguem de surpresa.

— Não?

Eu hesito por uma fração de segundo e isso é o suficiente para Shannon pular do banco e anunciar:

— Devemos ir, Joe.

— Sim. — Com um aceno de cabeça, Joey se levanta. — Deveríamos.

— Você não precisa — eu me apresso a dizer, me sentindo em pânico com a perspectiva de deixá-la ir. — Eu não tenho que ir à fisioterapia. Não é tão importante. Eu posso perder um dia. Isso não vai me matar.

— Não, você precisa ir — responde Shannon. — E nós precisamos ir para casa. — Ela olha para seu irmão. — Certo?

Agora é Joey quem hesita enquanto está parado no meio da minha cozinha, parecendo estar travando uma batalha interna.

— Certo — ele finalmente responde, em tom firme. — Casa.

— Eu levo vocês dois — minha mãe interrompe, balançando a cabeça para mim quando eu abro minha boca para protestar.

Passo a mão pelo meu cabelo em agitação.

— Mas eu só...

— Está ótimo, Kavanagh — Joey diz, me dando um olhar significativo. — Você já fez o suficiente, cara.

Não, eu não fiz.

Eu não tinha feito nem metade do suficiente.

22
Engolindo
Johnny

Segurei a mão dela com mais força do que sei que devo, mas não posso evitar. Levá-la de volta para lá parece totalmente errado. Mesmo agora, sentado na parte de trás da Range Rover da minha mãe com Shannon ao meu lado e Joey na frente, eu estou lutando para lidar com os sentimentos que me atormentam. *Errado, errado, errado.* Era tudo o que eu consigo pensar enquanto mamãe pega o caminho familiar para a propriedade do estado.

Suor escorre pela minha testa enquanto meu corpo literalmente vibra com mais emoções do que eu sei como lidar. Eu sentia que ia explodir e eu queria gritar *não volte*. Eu quero implorar para minha mãe *fazer alguma coisa*. Para *parar com isso*.

A lógica me diz para ir ao meu fisioterapeuta, fazer minhas coisas e seguir o maldito plano. O problema é que meu coração está gritando outro plano inteiramente. Eu preciso pensar nas consequências, mas elas simplesmente não vem até mim.

Porra, essa família vai me arruinar.

Joey fica em silêncio durante toda a viagem, seu corpo rígido, e era tão claro quanto o nariz em seu rosto que ir para casa era a última coisa que ele queria fazer.

Mas ele está fazendo isso de qualquer maneira.

Por *ela*.

Todo o foco de Shannon está em nossas mãos unidas. Ela tem minha mão puxada em seu colo e ela segura com tanta força quanto eu estou segurando a dela.

Com a mão livre, ela arrasta os dedos finos sobre a cicatriz nas costas da minha mão, a que eu adquiri em uma partida de rúgbi anos atrás. Ela continua tocando aquela cicatriz repetidamente, arrastando os dedos para cima e para baixo e sobre ela até que eu sinto vontade de arrancá-la por sua ansiedade ser palpável e me afogar. Seu cabelo está caindo para frente, seu pequeno rosto

escondido atrás de seus cachos escuros, enquanto ela inclina a cabeça e estuda aquela cicatriz.

Várias vezes, eu alcanço sua mão para fazê-la parar, mas no minuto em que solto, ela começa de novo. No final, eu apenas cedo e a deixo fazer o que ela quiser comigo.

Quando minha mãe estaciona a Range Rover do lado de fora de sua casa, nem Joey, nem Shannon movem um músculo.

Desligando o motor, mamãe suspira pesadamente e então solta o cinto de segurança.

— Ok, vocês dois — ela anuncia, a voz tensa pelo esforço que ela está fazendo para parecer feliz. — Vamos lá.

Eu quero rugir para ela, implorar para ela fazer algo que eu sei no meu coração que ela não tinha poder para fazer, porque o pânico crescendo em mim com a perspectiva de não ver Shannon novamente, de não saber se ela está bem ou não, está me deixando louco.

— Obrigado pela carona, Sra. Kavanagh — Shannon finalmente diz. Com um pequeno aceno para si mesma, ela solta minha mão, me dá um pequeno sorriso e, em seguida, solta o cinto de segurança. — E pelos bolinhos.

— Sim — Joey acrescenta, em tom baixo, empurrando a porta aberta. — Obrigado a ambos.

— Vocês dois são mais que bem-vindos — mamãe responde, a voz grossa agora. — Vamos, eu acompanho vocês até a porta. Eu preciso ter uma conversinha com sua mãe.

— Espere — eu solto quando Joey e mamãe saem. Pegando a mão de Shannon, eu a puxo de volta para o jipe. — Não vá.

Os olhos de Shannon estão arregalados e cheios de confusão quando ela diz:

— Eu preciso.

— Não — eu digo de novo, sabendo que estou pedindo o impossível, mas pedindo de qualquer maneira. Eu balanço minha cabeça e reprimo um rosnado. — Eu não gosto disso.

— Está tudo bem, Johnny — ela responde com um pequeno suspiro. — Estou bem.

Não, não, não!

— Apenas...

Exalando uma respiração dolorosa, eu me inclino para trás no meu assento e tento pensar em algo, qualquer coisa para parar isso, mas não consigo.

— Você tem certeza que ele não vai voltar? — Eu finalmente pergunto, ainda segurando sua mão. — Você tem certeza que está segura?

Eu me viro para olhar para ela.

— Eu não aguento. — Minha voz falha. — Não saber.

— Eu... — Ela fecha a boca e olha para minha mão antes de voltar sua atenção para mim. — Eu estarei segura.

Ela não tinha certeza.

Ela não tinha certeza e nem eu.

Maldito seja o inferno.

— Aqui. — Cavando no meu bolso, pego meu telefone e entreguei a ela. — Leve isso com você.

— O–o que você está fazendo? — Piscando para o telefone em suas mãos, ela sussurra: — Por que você está me dando seu telefone?

— Então você pode me ligar.

— Mas este é *o seu* telefone, Johnny. — Suas sobrancelhas franzem. — Como eu vou...

— Eu te ligo, ok? — Meu coração está martelando no meu peito. — Vou pegar outro telefone e ligo para você.

Ela começa a balançar a cabeça.

— Não, não, não, você não tem que fazer isso por mim...

— Eu preciso que você faça isso por *mim* — eu digo, interrompendo-a. — Eu preciso que você pegue meu telefone, Shannon.

Eu imploro com meus olhos para que faça apenas o que eu estou pedindo.

— *Por favor.*

— Ok, mas eu estou devolvendo para você — ela responde trêmula. — Porque eu não posso ficar com isso, Johnny.

— Ok, tudo bem — eu digo a ela, cedendo de alívio enquanto eu a observo guardar o telefone em seu jeans largo. — O que você quiser. Apenas pegue por enquanto.

— Como você ousa! — uma voz feminina estridente ecoa pelo ar, fazendo Shannon pular. — Onde está minha filha?

— Oh Deus — os olhos em pânico de Shannon travam em mim. — Johnny, eu sinto muito — ela engasga antes de sair correndo do jipe.

Me virando para olhar pela janela, eu reprimo um gemido quando vejo a mãe de Shannon apontando um dedo no rosto da minha mãe.

A Sra. Lynch está chorando e gritando a plenos pulmões. Elas estavam no meio do jardim com Darren de pé entre elas, segurando as mãos para cima. Joey está encostado na parede que separa o jardim do vizinho, imóvel.

— Você precisa se acalmar — mamãe late, embora ela mesma não parecesse calma. — Seus filhos estão observando você.

Foi só então que noto as três versões menores de Joey de pé sob a varanda da varanda, olhando sem emoção.

— E você precisa controlar seu filho! — A Sra. Lynch responde, tremendo violentamente. — Aparentemente, ele tem um problema com a palavra não.

— O que você disse? — Minha mãe sibila, dando um passo em direção à mãe de Shannon.

— Porra — eu murmuro enquanto abro minha porta e arrasto minha bunda para fora do jipe.

— O que você está fazendo?

Shannon está correndo pela trilha à minha frente.

— Mãe! — ela grita quando vira a esquina e corre para o jardim, segurando seu lado. — Mãe, pare!

— Shannon! — A Sra. Lynch soluça, movendo-se para envolver seus braços ao redor de Shannon.

— Não — Shannon sussurra, lutando para longe do braço de sua mãe. — Não me toque.

Sua mãe se encolheu.

— Como você pôde fazer isso comigo? — ela soluça. — Como você pode não voltar para casa, Shannon? — Ela soluça alto. — Como você não ligou para nos dizer onde você estava?

— Por que eu iria *querer* voltar para cá? — Shannon engasga, olhando para sua mãe. — Veja isso. — Ela acena com a mão para a mãe. — Olha o que você está fazendo agora!

— Eu estava preocupada com você — grita a Sra. Lynch. — Fiquei petrificada.

— Eu estava *bem* — Shannon responde, tremendo. — Eu estava melhor que bem, mamãe. Eu estava *segura*!

— Shannon, amor, acalme-se — mamãe instrui suavemente enquanto passa a mão pelo braço de Shannon. — Não se preocupe, querida.

— Quem diabos você pensa que é? Mantendo dois dos meus filhos em sua casa sem o meu consentimento! — A Sra. Lynch praticamente grita, o rosto

ficando vermelho. — E não se atreva a tocar na minha filha — acrescenta ela, puxando Shannon para fora do alcance de mamãe.

Oh, não.

Ah porra não.

Não faça isso, mãe.

Pegue a estrada...

— Talvez você devesse ter dito isso ao seu marido — minha mãe retruca acaloradamente. — Quando ele estava espancando a menina!

Oh Jesus, ela foi lá...

— Como você ousa! — A Sra. Lynch grita. — Você não tem ideia do que passamos. Não tem a porra da ideia.

— Mãe, você precisa se acalmar — Darren instrui calmamente. — E você precisa ir — ele diz para minha mãe. — Agora.

— Eu sinto muito. — Shannon soluça alto e pressiona as mãos no rosto. — Sinto muito, Sra. Kavanagh.

— Não se atreva a entrar na minha propriedade! — Sra. Lynch sibila, quando me movo para entrar no jardim. — Fique longe.

— Relaxe.

Eu levanto minhas mãos como um maldito criminoso, mas apesar do aviso, continuo andando em direção a eles porque deixar minha mãe sozinha está fora de questão.

— Eu não sei o que você acha que eu fiz, Sra. Lynch — acrescento cautelosamente. — Mas eu juro, eu não fiz isso.

— Eu lhe disse para deixá-la em paz — ela sussurra para mim. — Eu disse para você ir embora e o que você fez? Você tirou minha filha de dezesseis anos de minha casa e a manteve fora a noite toda.

Zombando, ela acrescenta:

— Eu tenho uma boa razão para denunciar você para a polícia.

— Deixe-o em paz — Shannon soluça, indo direto para mim. — Oh Deus, Johnny, eu sinto muito.

— Eu não fiz nada — eu repito lentamente, envolvendo um braço ao redor de Shannon quando ela se joga em mim.

— Sinto muito — ela continua dizendo uma e outra vez. — Johnny, eu sinto muito.

— Está tudo bem — eu sussurro, apertando meu abraço sobre ela. — Não se preocupe.

Ela está chorando muito contra o meu peito. Ela está sangrando através de suas lágrimas. Liberando dor e angústia, devastação e medo, e eu quero salvá-la de tudo. Suas lágrimas caem sobre mim, me afogando junto com ela, e foi nesse exato momento que sinto a mudança; a mudança de algo doce e inocente, para profundamente complicado com a sugestão de para sempre.

Eu estou com tantos problemas.

— Não se preocupe? — Sra. Lynch sibila. — Você terá muito com que se preocupar se não deixar minha filha em paz.

— Eu não quero que ele me deixe em paz! — Shannon grita, literalmente grita a plenos pulmões. — Eu o *amo*! — Sua voz falha. — Estou apaixonada por ele, mãe!

Por um momento, eu apenas fico ali, olhando para ela em puro choque.

Ela disse de novo.

Ela disse que me amava na frente de toda a sua família.

Bem, merda...

— Ele está se aproveitando de você, Shannon — Sra. Lynch lamenta. — Por que você não pode ver isso?

Surpreendentemente, eu nem estou com raiva de sua mãe. Tudo o que sinto neste momento pela mulher é pena. A porra de uma pura pena por estar tão danificada quanto ela claramente está.

— Eu não faria isso, Sra. Lynch — eu digo, mantendo meu tom suave e persuasivo. — Eu nunca machucaria sua filha.

— Você está acusando meu filho de alguma coisa? — Minha mãe exige então. — Porque se você estiver, então vá em frente e diga na minha cara, senhora.

Oh doce Jesus...

— Mãe, apenas deixe isso — eu grito.

— Não, Jonathon, eu não vou deixar isso — mamãe retruca, agora furiosa. — Se ela quer acusá-lo de algo, então ela pode muito bem dizer isso na minha cara!

— Você precisa sair, Johnny — adverte Darren, os olhos fixos em mim desta vez. — Pegue sua mãe e vá.

— Se seu filho fez sexo com minha filha, então isso é estupro — a Sra. Lynch retruca. — Shannon é menor de idade e não pode dar consentimento legalmente.

— Não, não é! — Shannon grita, parecendo humilhada. — Oh meu Deus, você precisa parar de falar!

— Mãe, pare — Darren teve a decência de dizer, as bochechas vermelhas. — Você está passando dos limites aqui.

— A porra de um grande limite — minha própria mãe sibila com os dentes cerrados, vibrando com a tensão.

— Se eu descobrir que seu filho colocou a mão na minha filha, vou prendê-lo — gritou a Sra. Lynch. — Não pense que está acima da lei porque tem dinheiro e seu marido é advogado.

Fungando, ela acrescenta:

— Se eu souber que ele se aproveitou da minha filha, vou denunciá-lo.

— Mãe! — Shannon grita ao mesmo tempo que eu mergulho para minha própria mãe.

— Mãe, não! — Com pontos ou não, me movo como uma bala, interceptando-a assim que sua mão voa. — Não — eu sibilo, envolvendo ambas as mãos ao redor de sua cintura e puxando-a para longe. — Não vale a pena.

— Sua cadela! — Minha mãe fala, empurrando contra mim, tentando escapar do meu aperto. — Quem diabos você pensa que é, ameaçando *meu* filho?

Lutando contra mim, ela sussurra:

— Ele é um bom menino! Bom demais para gente como você! Você precisa dar uma boa olhada em sua própria família, senhora, porque se você pensar em trazer problemas para a porta do meu filho, vou derrubá-la. Está me ouvindo? Vou derrubar *você*, Marie, e não precisarei do meu marido ou de qualquer outro homem para fazer isso por mim.

— Eu sinto muito! — Shannon continua a chorar, debatendo-se impotente. — Oh Deus, eu sinto muito!

— Está tudo bem — eu falo alto de volta enquanto carrego minha mãe para fora do jardim, chutando e atacando. — Não é sua culpa.

— Johnny... — Sua voz falha e ela chora muito. — Eu... eu... desculpe.

Não parando até estar do lado do motorista do Rover, abro a porta e enfio minha mãe dentro.

— Pare! — Eu ladro, respirando com dificuldade por causa do esforço. — Jesus Cristo, mãe, acalme-se!

Com o peito arfando, mamãe cai no banco do motorista, tremendo da cabeça aos pés.

— Tudo bem. — Assentindo rigidamente, ela se senta no banco do motorista e pega o cinto de segurança. — Ok.

— Ok — eu confirmo com um suspiro. Batendo a porta, dou a volta no jipe, mancando a cada passo do caminho enquanto a dor queima meu corpo.

— Não volte aqui! — Sra. Lynch grita com uma voz trêmula de onde ela ainda está de pé no jardim, me observando. — Ou haverá problemas.

Balançando a cabeça, engulo um milhão de *vai se foder* e me viro para olhar para Shannon que está abraçando Joey.

— Shannon Lynch? — Eu chamo, ignorando o resto de sua família fodida. — Eu te amo de volta.

Fungando, ela levanta o queixo do peito de Joey e olha para mim com os olhos vermelhos e manchados.

— A–ainda?

— Ainda. — Eu balanço a cabeça em confirmação. — Tipo uma quantidade louca do caralho.

E então eu me viro e subo no jipe antes que minha mãe decida tirar outra folga de seu juízo.

23
Roupa suja
Shannon

Eu sinto como se estivesse de pé até a cintura em meio aos escombros da tempestade que tinha acabado de soprar pelo meu mundo, e sem noção de como proceder.

Cambaleando, tento entender os eventos dos últimos dezesseis anos da minha vida, mas continuo me concentrando nas últimas vinte e quatro horas.

Minha mãe, Darren, Joey, Johnny, Gibsie, Claire, Sra. Kavanagh... meu pai.

Sempre meu pai.

Foi o café da manhã mais desconfortável que eu já tomei na cozinha da Sra. Kavanagh mais cedo, com Joey sentado ao meu lado parecendo algo que o inferno tinha vomitado, olhando confuso para o bolinho e creme de leite em seu prato lateral. Eu não tenho ideia do que dizer para a mãe de Johnny, e isso foi piorado novamente pelos ataques de soluços que a dominavam toda vez que ela olhava para mim e Joey.

A viagem de volta para nossa casa foi igualmente desconfortável, um pouco melhor pela sensação da mão de Johnny na minha e o som da conversa leve entre a Sra. Kavanagh e meu irmão. Acho que Joey ficou tão surpreso com a preocupação da Sra. Kavanagh com ele, tão completamente desprevenido por sua gentileza, que quando ela lhe disse para subir no banco da frente de seu Range Rover, ele obedeceu sem problemas.

Eu não tinha ideia de como ela tinha a capacidade de arrancar palavras de Joey, mas sempre que ela fazia uma pergunta, ele respondia obedientemente. Ela manteve o tom leve, nunca perguntando nada a nenhum de nós sobre nosso pai, escolhendo tópicos mais seguros para discutir – como escola, hurling e sua namorada, e Joey respondeu com respostas genuínas e nada agressivas que eram completamente nada-do-tipo-Joey.

No entanto, minha alegria por ter meu irmão vindo para casa comigo foi derrubada pelo conflito no minuto em que paramos do lado de fora da minha casa. O que eu presumo que seria uma conversa civilizada entre duas mães rapidamente foi para o inferno no momento em que minha mãe fez uma

sugestão depreciativa de que Johnny de alguma forma havia se aproveitado de mim.

Eu nunca tinha visto uma mulher perder a calma tão rapidamente quanto a Sra. Kavanagh.

Bastou essas duas palavras e a mãe de Johnny perdeu a cabeça.

Foi chocante ver uma mulher geralmente bem-educada se transformar em "modo mamãe ursa" e atacar.

Eu nunca tinha visto uma mulher defender seu filho tão ferozmente quanto ela.

Nenhum de nós tinha visto...

Nem mesmo Darren, que parecia ter o dom de acalmar uma situação, conseguiu acalmar nossas mães, pois o inferno começou ali mesmo no nosso jardim da frente, à vista de meus irmãos mais novos, com Johnny tendo que carregar fisicamente sua mãe fora do jardim antes que elas começassem a brigar.

Coisas horríveis foram ditas, nossa roupa suja foi lavada em voz alta, e o tempo todo Joey estava encostado no muro do jardim com os braços cruzados sobre o peito, silenciosamente absorvendo tudo, e nem uma vez se movendo para interceptar o drama.

A raiva crescendo dentro do meu corpo, mesmo agora, horas depois, era uma emoção estranha e dominante.

Nunca na minha vida me senti tão *furiosa.*

Estupro e menor de idade. As palavras que estavam girando na minha cabeça, dificultando para mim conseguir funcionar.

Como ela pode dizer isso?

Como minha mãe pode *pensar* isso?

Eu estou tão envergonhada; tão completamente desfeita por tudo isso.

"Shannon Lynch? Eu te amo de volta..."

Meu coração bate descontroladamente contra minha caixa torácica e eu desperto do transe.

— Como você pôde fazer isso comigo? — Eu exijo pela milionésima vez, olhando para minha mãe que agora está sentada à mesa da cozinha com seu obrigatório cigarro balançando entre seus dedos ossudos.

Ela não me responde.

Ela não tinha respondido uma única das minhas perguntas por mais de uma hora, mas eu não posso deixar passar.

Eu *não podia* deixar passar.

Não dessa vez.

— *Por que*, mãe? — Eu sibilo, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Você me odeia tanto *assim*?

Ela estremece, seus ombros frágeis sacudindo violentamente, enquanto ela apaga o cigarro no cinzeiro antes de acender outro rapidamente.

— Responda-me! — Eu grito, mal conseguindo me conter para não chegar por cima da mesa e sacudi-la. — Você me deve isso, caramba!

— Ele não é seguro para você, Shannon — é tudo o que ela diz, e suas palavras pouco mais que um sussurro quebrado.

— Você está ficando louca — eu engasgo, balançando minha cabeça em horror. — Você está perdendo sua maldita mente!

— Fiz a coisa certa. Fiz a coisa certa — mamãe sussurra várias vezes, enquanto chupava o cigarro. — Eu protegi você.

— Ele *não é* um problema para mim — eu engasgo. — Johnny é uma boa pessoa.

Um grande soluço rasga minha garganta e eu arfo, sentindo tanta dor e ressentimento que sinto que estou me afogando.

— E *você* o assustou. Você empurrou a única coisa boa da minha vida para longe de mim.

Fungando, eu enxugo minhas lágrimas, furiosa comigo mesma, minha mãe e todo o maldito mundo.

— Ele nunca vai falar comigo de novo — eu solto, sentindo a ameaça de um ataque de pânico nos meus calcanhares. — Você arruinou tudo para mim!

— Não. — Ela balança a cabeça. — Você vai ver, eu fiz a coisa certa.

— Mãe — Darren, que está sentado em frente a nossa mãe, interrompe. — Você não está fazendo nenhum sentido aqui.

— Ela *não pode* entender isso — eu solto, apontando um dedo acusador para ela. — Porque ela sabe que está errada.

— Eu não estou errada — mamãe sussurra, tremendo. — Ele é como seu pai.

— Mãe! — Darren estalou. — Não diga isso.

— É verdade — ela sussurra, jogando cinzas no cinzeiro e dando outra tragada profunda. — Ele vai ser como o pai dela.

— Pare com isso! — Eu grito. — Pare de tentar fazer isso com ele.

— Você ficará feliz por eu ter parado — ela sussurra. — Eu impedi você de cometer meus erros.

— Você está errada — eu sibilo, piscando as lágrimas quentes e escaldantes. — Você é uma maldita mentirosa e eu te *odeio*!

— Shannon, isso é o suficiente!

— Não é o suficiente.

Me afastando, coloco alguma distância entre nossos corpos, porque honestamente não sinto que estava no controle de mim mesma neste momento.

— Joey está certo. — Pisco para afastar minhas lágrimas. — Você não é boa para nós.

— Vamos, Shannon. — Darren geme, esfregando a mandíbula. — Gritos e xingamentos não estão ajudando ninguém...

— Então pare de sentar aí e *faça* alguma coisa. — Eu imploro, tremendo tanto que sinto como se estivesse prestes a entrar em convulsão. — Você sabe que isso está errado.

Minha respiração engata e eu solto um soluço de dor.

— Você sabe que o que ela fez foi *horrível,* e você está apenas deixando ela se safar.

— Não, eu não estou — ele rebate. — Ela sabe que estava errada, não sabe, mãe?

Silêncio.

— Mãe — Darren pressiona, tom mais duro agora. — Diga a Shannon que você sabe que estava errada.

Nada.

— Mãe! — Darren ladra, a voz embargada. — Responda-nos.

— Não se incomode. — A voz de Joey corta o silêncio de pedra e eu me viro para encontrá-lo encostado no batente da porta, casualmente observando a situação. — Ela não pode te ouvir — ele acrescenta, em um tom sem emoção. — Porque ela está quebrada.

Ele olha nos olhos de Darren e diz:

— Você vai descobrir isso em breve.

— Joe. — Chorando muito, eu corro em direção a ele, não parando até que meu rosto esteja enterrado em seu peito. Seu peito que cheira a Johnny porque ele ainda está vestindo suas roupas. — Faça isso parar.

— Isso é o que você queria, Darren — Joey diz em um tom estranhamente calmo enquanto passa um braço em volta dos meus ombros. — Você a queria em casa conosco. Uma família grande e feliz.

Inclinando a cabeça para o lado, ele gesticula em direção à nossa mãe e diz:

— Espero que tenhamos atendido às suas expectativas.

Eu meio que espero que Darren diga algo na defensiva, mas ele não diz. Ele não diz uma palavra.

Em vez disso, ele olha para nossa mãe que está olhando para sua caneca manchada de café e solta uma respiração irregular. Empurrando a cadeira para trás, ele se levanta e sai da cozinha sem olhar para trás.

Alguns segundos depois, o som da porta da frente batendo enche o ar.

Eu jogo minhas mãos para fora e sufoco uma risada sem humor.

— Eu não sei pelo o que estou mais surpresa.

Exalando pesadamente, Joey me solta e entra na cozinha, indo direto para o fogão. Observo enquanto ele silenciosamente começa a trabalhar, enchendo uma panela de água e depois despejando o conteúdo de um saco de macarrão nela. Colocando a panela no fogão, ele acende o fogo e liga o exaustor no teto.

Quando termina, ele enxuga as mãos no pano de prato no escorredor antes de se virar para nossa mãe.

— Levante-se e tome um banho — ele ordena, o tom vazio de qualquer emoção. — Eu preciso alimentar os meninos e eles não precisam ver você assim.

Ela se encolhe, mas não se move.

Como o milhão de outras vezes que eu vi esse exato cenário se desenrolar ao longo dos anos, Joey caminha até a mesa, arranca o cigarro de seus lábios e apaga. Ele então coloca o cinzeiro e a xícara de café no escorredor antes de voltar para o lado dela.

— Levante-se — ele repete. — Você cheira a fumaça e cidra.

A mãe deixa cair a cabeça nas mãos e chora.

— Levante-se — ele diz pela terceira vez.

Mais uma vez, mamãe não faz nenhum movimento para se levantar. Em vez disso, ela estende a mão e agarra a mão dele, apertando-a com força nas suas.

— Joey — ela soluça, agarrando-se a ele. — Joey.

Com um suspiro resignado, Joey desce e gentilmente a ajuda a sair de seu assento. Mil emoções diferentes passam pelo rosto do meu irmão enquanto mamãe se apoia pesadamente em seu corpo rígido, fungando e soluçando contra seu peito.

— Fique de olho no jantar, Shan — é tudo o que Joey diz enquanto guia nossa mãe para fora da cozinha e sobe a velha escada de madeira.

E aqui estamos, penso comigo mesma, *de volta à estaca zero.*

Levo alguns minutos para me recompor, enxugando os olhos e assoando o nariz, e então esvazio a panela do macarrão e misturo no pote de molho antes de chamar os meninos da sala da frente.

— Jantar.

Sem dizer nada, Ollie e Sean vão até à mesa, tomando seus lugares habituais. Servindo seus pratos, coloco-os na frente deles com um copo de água para cada um.

Espero que eles comam antes de me virar para Tadhg, que está encostado na geladeira com os braços cruzados sobre o peito.

— Está com fome? — Eu pergunto, segurando um prato para ele.

Ele olha para o macarrão em minhas mãos por um longo momento antes de se virar e ir embora.

O silêncio de Tadhg falava muito e combinava com meus sentimentos. Eu sei que ele está furioso, eu também, mas ele está controlando porque tínhamos algo em nossa casa, algo que nós dois estávamos desesperados para não afastar.

Sem sentir fome, sento-me à mesa, na cadeira que minha mãe havia desocupado e espero os meninos terminarem antes de limpar a mesa e lavar a louça.

Entorpecida, caio no velho padrão que era minha vida, enquanto arrumo as coisas dos meninos e ajudo Sean a se vestir para dormir. O tempo todo, Joey lida com mamãe lá em cima.

Eu me pego verificando a porta da frente e a de trás várias vezes, me certificando de que estão trancadas e, em seguida, entro em pânico quando o som de um carro passando zunindo do lado de fora enche meus ouvidos.

Respire, Shannon.

Você está bem.

Tudo vai ficar bem.

Pouco mais de uma hora depois, Joey volta para a cozinha.

— Ela está dormindo — ele afirma, movendo-se para o prato de jantar que eu tinha separado para ele. — Eu dei a ela alguns de seus calmantes.

Assentindo, eu enrolo meus dedos ao redor da minha xícara de chá e sopro na borda, nunca tirando meus olhos do meu irmão enquanto ele esquenta seu prato no micro-ondas.

Joey se junta a mim na mesa, onde come em completo silêncio.

— Você está bem? — Eu finalmente pergunto.

— Não — ele responde baixinho, colocando o garfo no prato vazio. — Você?

— Não.

Ele olha para mim então.

— Vai ficar tudo bem, Shan.

— Qual parte? — Eu sussurro.

— A parte Kavanagh — ele responde.

Eu exalo uma respiração trêmula e balanço minha cabeça.

— Não, não vai ficar.

Apoiando os cotovelos na mesa, Joey tamborila os dedos.

— Aoife está chateada comigo.

Minha cabeça estala.

— Desde quando?

Ele olha fixamente para suas mãos.

— Desde que eu fodi tudo.

Meu coração afunda.

Maldito seja, Shane Holland...

— Ela te ama — eu ofereço, pegando sua mão. — Ela vai te perdoar, Joe, e vocês vão resolver isso.

Ele balança sua cabeça.

— Talvez eu não queira.

Eu faço uma careta.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que sou um desastre do caralho, Shannon. — Ele empurra o cabelo para trás com as duas mãos e exala entrecortadamente. — E ela merece coisa melhor.

— Vocês dois terminaram?

Ele balança a cabeça lentamente.

— Não.

— Então está tudo bem — eu falo, desesperada para confortá-lo. — *Vai* ficar tudo bem.

Joey dá de ombros.

— Eu só... eu não quero que ela me veja me transformar em ne...

Um som alto flutua pelo ar, assustando a nós dois, e fazendo Joey fechar a boca.

Franzindo a testa, dou um tapinha na minha perna que está vibrando por um momento antes de me lembrar.

O telefone dele.

Tremendo, tiro o telefone do bolso e olho para a tela. Era uma mensagem de *Mãe*.

— Quem é o dono disso? — Joey pergunta, franzindo a testa.

— É do Johnny — eu sussurro, olhando para o caro equipamento em minhas mãos. — Ele me deu.

Olho para meu irmão.

— É uma mensagem de sua mãe.

— Leia.

— O que? — Eu fico boquiaberta para ele. — Não posso.

Joey revira os olhos.

— Obviamente é ele.

— Sério?

Joey me dá um olhar conhecedor.

— Leia a porra da mensagem, Shannon.

Coração batendo descontroladamente, eu clico na mensagem.

Uma quantidade louca do caralho. bjs.

— Você tem razão. — Solto um suspiro trêmulo. — É ele.

— Eu te disse — Joey responde. — Ele não está correndo para longe de você, Shan.

— Você está? — Eu pergunto, olhando para o meu irmão. — Correndo para longe de Aoife?

A culpa nubla seus olhos, mas ele não responde.

E assim como antes com Tadhg, o silêncio de Joey fala muito.

24
Bater uma
Johnny

— Tire as calças.

Três palavras que eu ouvi mais nos últimos meses do que eu gostaria de lembrar. Deslizando para fora da cama, eu chuto meus sapatos e, em seguida, desabotoo a braguilha da minha calça cinza da escola antes de empurrá-la para baixo.

— A cueca também.

Com o maxilar travado, eu faço o que me foi dito e saio de minhas calças até que eu estou no meio da sala, completamente nu.

— Maravilhoso, Johnny — Dra. Quirke diz, ajeitando os óculos no nariz. — Agora, volte para a cama, por favor, e deite-se de costas.

Com minha dignidade deixada no lado de fora da porta, eu engulo um gemido e me jogo na cama.

Por um momento, penso em cobrir meu rosto até que acabe, mas rapidamente penso melhor. Se eles estão brincando lá embaixo, eu preciso ver o que estava acontecendo, caramba.

— Muito bom — diz a boa médica e eu suponho que não foi um mau complemento a ser recebido, mas foi um elogio que me foi dado por uma mulher de sessenta anos enquanto ela está segurando minhas bolas em suas mãos cobertas de luvas, então eu meio que tive problemas com isso. — Ambos os conjuntos de pontos se dissolveram e tudo parece estar se curando lindamente.

Lindamente?

Eu bufo, porque como diabos eu não poderia? Dadas as minhas circunstâncias atuais, era rir ou chorar. Eu tinha uma senhora idosa apalpando meu saco esférico, e outras duas enfermeiras igualmente velhas de pé sobre mim, sorrindo para mim em encorajamento. Uma delas está realmente me dando um polegar para cima.

Jesus.

Eu estou em uma realidade alternativa.

Quando a médica me instrui a virar de lado e puxar as pernas para cima, fecho os olhos, sabendo muito bem o que está por vir, e também sabendo que há uma boa chance de eu nunca encontrar minha dignidade novamente.

— Tudo está parecendo positivo — disse a Dra. Quirke quando eu estou totalmente vestido e sentado na cadeira em frente a ela. — Mas eu tenho que perguntar -— Tirando os óculos, ela os girou sem rumo. — Por que você se arriscaria como fez, Johnny?

Dou de ombros, me sentindo desconfortável.

— Não sei.

Eu estava com medo de perder meu lugar – de ser demitido. Eu tinha visto isso acontecer com inúmeros jogadores desde que ingressei na Academia aos quinze anos. Eu sei o que aconteceu com os garotos que não conseguiram e vi o que aconteceu com os garotos que *conseguiram*, mas foram cortados devido a lesões. Foi uma merda e eu trabalhei duro para nunca ser um desses. Foi por isso que tentei jogar lesionado. Eu estava desesperado para impressionar, para permanecer relevante e no primeiro lugar de suas mentes. O pensamento de algum filho da puta mais jovem, ileso e com a virilha novinha em folha entrando e roubando meu lugar era algo que me mantinha acordado até tarde da noite.

— Eu não pensei — eu finalmente respondo. — Eu apenas fiz.

— Bem — ela suspira. — Estou recomendando mais sete dias de uso de uma das muletas, em vez das duas, e evitar dirigir por pelo menos mais uma semana.

— E o treino? — Eu pergunto, sabendo que era um tiro no escuro. — Qual é a questão?

— Hum.

Abaixando o olhar para as anotações em sua mesa, a Dra. Quirke folheia algumas páginas, estalando a língua a cada poucos minutos.

— As sessões de fisioterapia que você tem participado — ela medita, estudando uma página específica do meu arquivo. — Você teve uma semana inteira, sim? Como elas estão indo?

— Improdutivo — eu digo, com a mandíbula tensa. — Eu posso fazer mais, estou *pronto* para mais, mas eles não estão me pressionando.

— E você tem nadado todos os dias? — ela continua, ignorando minha resposta. — Na piscina de hidroterapia?

— Sim — eu respondo, tamborilando os meus dedos contra o braço. — Mas eu preciso de *mais.*

— Você precisa levar sua recuperação devagar — ela corrige. — Lento e constante vence a corrida.

Pegando uma caneta, ela rabisca algo em minhas anotações.

— Remédio para dor?

— Desnecessário — eu resmungo. — Estou bem.

— Entendo — ela responde, embora ela claramente não entendesse nada. — E você tem feito seus alongamentos e exercícios em casa? Você tem seguido as orientações?

Frustrado, solto um suspiro áspero e tento uma abordagem diferente.

— Ouça, doutora, vou ser sincero com você aqui. Tenho uma importante campanha internacional no verão, uma para a qual *preciso* estar apto. Estou fazendo tudo o que você está me pedindo. Eu descansei. Eu malditamente fiz tudo, então eu só preciso que você me dê um pouco de liberdade. Estou em forma, estou forte... — descansando meus cotovelos na mesa, me inclino para frente e lhe imploro com os olhos que tivesse pena de mim — e não posso esperar mais um *mês* para voltar ao campo.

— Você percebe o quão tremendamente extenuante é a cirurgia que você fez na parte inferior do corpo? — ela pergunta, piscando de volta para mim através de seus óculos de aro preto. — Seu corpo precisa de tempo para se recuperar. Seus músculos e tendões precisam de tempo...

— Então me dê mais duas semanas e me deixe voltar — eu interrompo. — Eu posso fazer isso. Posso esperar mais quinze dias, mas você tem que me ajudar aqui. *Preciso* voltar ao campo, doutora...

— Johnny, você não está ouvindo — a médica interrompe, em tom afiado. — Você está se recuperando de duas cirurgias, em duas áreas distintas de sua anatomia. Você precisa ter *paciência*.

— Eu não tenho *tempo* para ter paciência — eu atiro de volta, a mandíbula apertada. — Que parte disso ninguém entende?

— Eu entendo que você está ansioso para voltar a jogar, mas você precisa tomar cuidado...

— Ele sabe, doutora — meu pai, que está sentado em uma cadeira no canto da sala, fala alto. — Paciência é uma virtude.

Arrastando seu olhar de uma pilha de papelada que ele está vasculhando, ele virou seu olhar para mim.

— Não é mesmo, Johnny?

Olho para meu pai, usando meus olhos para comunicar o quão pouco eu me importo com as virtudes. Eu estou de mau-humor com ele e não está em forma para suas brincadeiras matinais. Ele sabe disso e ainda está me provocando. *Adorável.*

— Continue com o cronograma — disse a Dra. Quirke, sorrindo conscientemente para mim. — E você estará de volta ao campo em pouco tempo.

— Isso é reconfortante — eu rosno. — Porque eu *não tenho* tempo.

— Mais quatro semanas — ela medita. — Isso não é nada no grande esquema das coisas.

— Nada, exceto o meu futuro — eu resmungo, me sentindo completamente derrotado.

— Bem, eu acho que estamos quase terminando aqui. — Juntando as mãos, ela me dá um sorriso brilhante. — Vejo você na próxima semana para sua consulta de acompanhamento.

— *Esperando* por isso — eu falo sarcasticamente antes de me virar para papai. — Podemos ir agora?

— Obrigado novamente por nos ver mais cedo do que o normal, doutora — papai acrescenta, enfiando sua papelada em sua pasta. — É seu primeiro dia de volta às aulas depois da Páscoa e ele está determinado a ir para a escola.

O tom de meu pai está misturado com humor.

— Aparentemente, sua mãe criou um superdotado.

— Isso não é problema, Sr. Kavanagh — ela responde, sorrindo conscientemente. — E Johnny é sempre um prazer, mas tenho certeza que ele tem alguns compromissos urgentes para atender na escola.

— Tenho certeza que sim — papai concorda com um sorriso.

Jesus Cristo...

De pé rigidamente, me movo para a porta, quase terminando com todos eles, quando a médica grita:

— Ah, antes que eu esqueça... a ejaculação deve estar bem agora, Jonathan.

Que porra?

Eu me viro e fico boquiaberto para ela.

— Fale de novo?

A médica sorri para mim – ela realmente sorri para mim – antes de limpar a garganta várias vezes.

Ela está rindo de mim?

Ela *parece* querer.

— A dor que você estava sentindo não deve ser mais um problema — ela diz em vez disso, me dando um sorriso tranquilizador. — Você está pronto para ir.

— Uh... — Eu coço minha cabeça, me sentindo inseguro de como lidar com a humilhação que eu tinha acabado de ser jogado. — Isso é, uh... obrigado?

— Você ouviu isso, filho? — Papai ri, batendo a mão no meu ombro. — A médica disse que você pode bater uma novamente.

Foda-se.

Minha

Vida.

— Você tem tudo que você precisa? — Meu pai pergunta, menos de uma hora depois, quando ele para o carro o mais perto possível da entrada de Tommen. — Seus livros? Seu telefone? Sua carteira? Suas...

— Minhas bolas? — Eu ofereço sarcasticamente. — Jesus, pai, eu esperava essa merda prepotente da mãe, mas de você?

Eu balanço minha cabeça e solto meu cinto de segurança.

— Está ficando velho muito rápido.

— Eu sou prepotente por levá-lo ao seu check-up e levá-lo para a escola? — Seu tom está misturado com humor. — Uau, isso é novo.

— Não, *ela* é prepotente — eu atiro de volta. — *Você está* simplesmente planejando descer o nível com ela.

— Ela é minha esposa — ele medita. — Sua mãe pode me descer do jeito que ela quiser...

— Apenas *pare*! — Eu solto, horrorizado. — Você sabe muito bem do que estou falando — eu rebato, empurrando a porta do carro aberta. — Eu quero minha vida de volta. Você está me ouvindo? Eu quero que você e mamãe saiam do meu pé e me dêem um pouco de espaço para respirar.

Papai sorri.

— Ah, ser jovem e hormonal novamente.

— Eu não sei por que você está rindo — eu sibilo. — Estou falando sério aqui.

— Isto é sobre Shannon Lynch — papai diz, deixando suas feições sérias. — Porque sua mãe e eu concordamos que é melhor para você ficar longe da família dela.

Claro que é sobre Shannon Lynch. Ultimamente, tudo na minha vida parece estar centrado na garota. Eu não consigo tirá-la da minha cabeça, e eu não consigo vê-la porque meus pais tem uma ideia fodida em suas cabeças de que eles podem me dizer o que fazer.

Além de algumas míseras mensagens de texto enviadas do telefone da minha mãe quando ela estava de costas, e várias outras ligações não atendidas, eu não falo com Shannon desde a semana passada, sete dias para ser exato, e eu estou enlouquecendo.

Eu me sinto como um bastardo apenas deixando-a lá e não voltando, mas eu não posso andar exatamente os quinze quilômetros da minha casa até a dela. Eu também não posso dirigir, e tinha perdido meus privilégios de ter Gibsie por fazê-lo me levar até lá em primeiro lugar.

Em outras palavras, eu estou preso em minha casa na semana passada, perdendo a cabeça e me afogando em preocupação. A única vez que estive fora de casa foi para fisioterapia e natação, mas isso não foi produtivo porque eu não conseguia me concentrar em nada além da garota que deixei para trás.

— Porque você está tomando decisões por mim que não são da sua conta — argumento, me arrastando de volta ao presente.

— Nós nunca dissemos que você não podia ver a garota — ele diz calmamente. — Você simplesmente não tem permissão para vê-la lá.

— É uma piada — eu cuspo, me sentindo tão furioso agora quanto na semana passada quando eles me sentaram para *estabelecer a lei*. — A mãe dela pode ser uma dor de cabeça, mas você e mamãe estão quase iguais a ela.

— Estamos tentando proteger nosso filho — afirma calmamente. — Nós temos *seus* melhores interesses no coração, e seus melhores interesses envolvem manter um longo espaço dessa família.

Sorrindo, ele acrescenta:

— Eu também estou tentando manter sua mãe fora de uma cela de prisão.

Faço uma careta com a lembrança daquela porra horrível do evento no jardim da frente dos Lynch na semana passada e como mamãe chegou *tão* perto de bater na Sra. Lynch. A mãe de Shannon fez algumas ameaças de merda e me chamou de alguns nomes bem escolhidos. Isso foi o suficiente para mamãe se transformar no maldito Floyd Mayweather[4].

— Você sabe como mamãe fica quando se trata de você — acrescenta papai. — Ela é um foguete, filho. Confie em mim.

— Sim, bem, eu não preciso de ninguém para me proteger. — Eu resmungo.

— Eu acho que você precisa.

— Você está errado.

— Talvez eu esteja — ele oferece, me deixando louco com sua abordagem de advogado do diabo para cada fodida conversa. — Mas o risco vale a recompensa nesta circunstância.

O risco, neste caso, era minha indignação.

— E a recompensa é?

— Você fica fora de problemas.

Jesus Cristo...

Irritado, eu saio do carro e pego minha mochila da escola.

— Eu posso tomar minhas próprias decisões. — Jogando minha bolsa por cima do ombro, pego minha muleta. — E eu vou.

25
De volta para Tommen
Shannon

Mais de uma semana se passa desde a última vez que vi Johnny.

Eu honestamente não o culpo por não ter voltado para minha casa porque mesmo que, por algum milagre divino, ele ainda quisesse me ver, eu duvidava que seus pais o permitissem. O Sr. e a Sra. Kavanagh devem me odiar agora. Se meu filho estivesse andando com uma garota cujos pais fossem loucos, eu também me odiaria. Eu gostaria que meu filho ficasse tão longe de *mim* quanto humanamente possível.

No primeiro dia, reli as quatro mensagens que ele me enviou até que a bateria de seu telefone acabou. Eu não posso carregá-lo porque nenhum de nós tinha um carregador de telefone compatível, então eu apenas sento lá, pensando em suas palavras até eu ficar triste.

Eu não estou indo a lugar nenhum. E eu quis dizer isso. Eu prometo. bjs.

Apenas me mande uma mensagem quando você acordar, me diga que você está bem. bjs

Eu sinto sua falta. bjs.

Você pode me ligar? Eu posso te ligar? Você está disponível para falar? bjs.

Foi no exato momento em que o telefone começou a tocar que ele morreu em minhas mãos. O tsunami de devastação que se espalhou pelo meu peito enquanto eu olhava para a tela em branco e desejava que ele voltasse à vida era potente.

O telefone não tinha ligado novamente e *eu* não tinha ouvido outra palavra de Johnny desde então.

Isso foi há seis dias.

Joey estava de volta em casa, porém, fazendo com que eu me sentisse um pouco menos sozinha naquela casa. Ele até foi comigo ao meu check-up no hospital, para desgosto de Darren. Os meninos estavam mais felizes – bem, mais contentes pelo menos. Presumi que eles sentiam o mesmo que eu: mais seguros com Joey por perto. Ele tinha ficado, o que era uma bênção e uma maldição porque a tensão que emanava dele era quase demais para suportar. Para ser justa, eu estava emanando uma tensão muito boa, toda direcionada para minha mãe, com quem eu não tinha falado uma única palavra desde a noite em que Joey a colocou para dormir.

Eu não suporto olhar para ela, para ser honesta. Eu tinha tanto ódio e frustração apodrecendo dentro de mim que eu não confio na minha boca quando estou perto dela, portanto, eu a evito como uma praga pelo bem de todos.

— Você está pronta para isso? — Joey pergunta enquanto se inclina contra o batente da porta do meu quarto em seu uniforme da BCS, me observando lutar com a tampa de um tubo da base. — Shan?

Hoje era o primeiro dia de volta às aulas depois das férias de Páscoa. Olhei para o meu uniforme da Tommen e estremeço, sentindo a onda familiar de ansiedade rastejar pela minha pele, azedando meu estômago.

— Não. — Suspirando, joguei o tubo na minha cama e então afundei ao lado dele. — Incrivelmente, eu *não* estou pronta para isso.

Joey me observa cuidadosamente por um longo tempo antes de exalar pesadamente.

— Sim, eu conheço a sensação.

— Estou com medo — admito. — Sobre o que eles vão dizer.

Faço um gesto para o meu rosto e para a pobre tentativa que fiz de esconder a cicatriz áspera que ainda está cicatrizando, onde papai tinha cortado minha bochecha contra a mesa da cozinha.

— Sobre isso. — Eu mordo meu lábio, hesitando, antes de deixar escapar — E sobre o *papai*.

Minha voz está baixa.

— Todos eles saberão, Joe.

— Shan... — Balançando a cabeça, Joey caminha até minha cama e afunda ao meu lado. — Eles não vão dizer nada.

Inclinando-se para frente, ele apoia os cotovelos nos joelhos e solta um suspiro áspero.

— Seu rosto está praticamente curado e o que não cicatrizou, você cobriu com aquela pintura de guerra.

— Pintura de guerra? — Eu arqueio uma sobrancelha. — Isso se chama maquiagem, Joe.

Maquiagem cara.

— Claire me deu.

— Pintura de guerra, maquiagem... Tanto faz. É tudo a mesma merda para mim — ele retruca com um encolher de ombros sem remorso. — Seu diretor sabe sobre o que aconteceu, certo?

Eu assinto, sabendo que Darren e mamãe tinham se encontrado com o sr. Twomey durante o recesso.

— Então você vai ficar bem — acrescenta, em tom tranquilizador. — Eu prometo.

— Eu não sei o que dizer se alguém me perguntar sobre papai — confesso. — E se um professor me perguntar?

Eu balanço minha cabeça, me sentindo em pânico. Eu me sinto envenenada. Como se eu estivesse contaminada. Voltar para a escola, saber que havia pessoas que sabiam o que aconteceu era um conceito aterrorizante. Era de conhecimento geral em torno de Ballylaggin, e eu estou pirando.

— Eu não tenho ideia de como lidar com isso.

— Você lida com isso com a verdade — Joey retruca severamente. — Ou você apenas diz para eles se foderem e cuidarem de seus negócios se você não quiser falar sobre isso, mas você não mente mais, Shan. Você entendeu? Você não se esconde por aquele pedaço de merda um minuto mais porque você não fez *nada* de errado.

Endireitando a coluna, ele acrescenta:

— E se algum desses filhos da puta abrir a boca e te causar problemas, eu vou lá e resolvo isso.

— A verdade é dura — eu admito baixinho.

Meu irmão assentiu rigidamente.

— Especialmente quando você foi programado para esquecê-la.

Eu penso em suas palavras por um momento.

— Joe?

— Sim, Shan?

— O que você vai dizer se alguém lhe perguntar?

— Eu vou dizer a eles para se foder e cuidar de seus negócios.

Suspiro.

— Queria poder fazer isso.

— Fazer o quê?

— Ser corajosa — eu sussurro, me sentindo melancólica.

— Você já é. — Ele se vira para olhar para mim então, olhos verdes cheios de dor. — Tão fodidamente corajosa.

— Não parece assim — eu murmuro com uma respiração trêmula. — Eu só me sinto como se estivesse fugindo.

— Você quer? — Seu tom é esperançoso e um pouco desesperado. — Nós poderíamos pegar um ônibus agora e simplesmente ir.

Meu coração pula uma batida no meu peito e eu tenho que lutar contra a onda de desconforto que cresce dentro de mim.

— Quando você diz ir... — Eu mantenho meus olhos nos dele, avaliando sua reação. — Você quer dizer para o dia, certo?

Joey não responde imediatamente. Em vez disso, ele apenas fica lá, olhando para mim.

— Joe? — Eu sussurro, o coração acelerado agora. — Isso é o que você quis dizer, certo?

Ele força um sorriso que não encontra seus olhos... eu não tinha visto um desses há muito tempo.

— É claro.

— Não me deixe — eu solto, segurando seu suéter da escola na minha mão. — Você não pode ir embora de novo.

— Eu estou aqui, não estou? — ele responde, tom tenso.

— E quanto a Aoife? — Eu pergunto, agarrando-me à única coisa que eu sei que pode mantê-lo perto. — O que está acontecendo aí?

Ela é um motivo para ficar...

— Estamos bem.

— E Shane Holland e seus amigos? — Meu coração se dobra descontroladamente. — Você não vai...

— Não — ele diz, tom mais duro agora. — Eu não vou.

Eu não acredito em você...

— Joey, sua namorada está esperando lá fora no carro dela — a voz de Darren enche meus ouvidos e eu olho para cima para encontrá-lo parado na porta, vestindo uma jaqueta. — É melhor você se mexer ou você vai atrasá-la também.

Sem dizer outra palavra, Joey se levanta e sai do meu quarto, empurrando Darren para o lado enquanto passa.

— Bom dia para você também — Darren resmunga.

— Te vejo mais tarde, Shan — Joey grita de volta enquanto desaparece dentro de seu quarto, retornando um momento depois com sua mochila pendurada no ombro e seu capacete e hurley na mão. — Anime-se, garota.

— Joey — Darren começa a dizer. — Podemos não fazer o teatro de menino ferido hoje e apenas ser civilizado...

— Vai para a puta que pariu — Joey zomba, segurando seu dedo médio para cima enquanto ele desce escada abaixo.

— Adorável — murmura Darren, esfregando o queixo. — Ele é agradável de manhã.

— Depende da companhia — eu o lembro, tom petulante. — Ele foi *agradável* para mim.

— Jesus, não você também — Darren resmunga. — Eu não posso lidar com *dois* adolescentes cheios de hormônios tão cedo pela manhã.

Então volte para sua vida.

— Onde está mamãe? — Eu pergunto em vez disso.

— Trabalho. Agora, você está pronta? — ele pergunta. — Os meninos estão esperando no carro.

— Você não tem que me dar carona — eu digo, olhando para o conjunto de chaves do carro pendurados nos dedos de Darren. — Eu posso pegar o ônibus.

— Vamos, Shannon — ele geme. — Me dê uma folga aqui. É meu primeiro dia na corrida da escola.

— Só estou dizendo que posso pegar o ônibus, como costumo fazer.

— Sim, bem, me processe por não querer minha irmã parada em um ponto de ônibus às seis da manhã quando os bêbados estão à espreita — responde ele. — Eu vou levar você para a escola de agora em diante.

— Por causa de Johnny? — Eu pressionando, projetando meu queixo desafiadoramente. — Porque você e mamãe não querem que eu pegue carona com ele?

— Não, Shannon, porque nosso pai ainda está lá fora e se ele estiver bêbado, você é a primeira pessoa que ele vai procurar — Darren retruca, e eu vacilo.

— Obrigada pela lembrança.

— Sinto muito — diz ele, o tom mais calmo agora. — Eu não estou tentando te chatear, mas eu preciso que você esteja *ciente*, e eu preciso que você se *lembre*.

— Sim, bem, só para *você* saber: eu nunca tive problemas com nenhum dos bêbados no ponto de ônibus. — Pego minha mochila do chão e cuidadosamente a deslizo sobre meu ombro antes de passar por ele. — Apenas os bêbados nesta casa.

— Jesus — Darren geme, seguindo atrás de mim. — Estou me afogando em mudanças de humor.

26
Boom, Boom, Porra, Boom, Amigão
Johnny

— Olha só de não é o próprio senhor Boom, Boom — grita Hughie Biggs quando contorno o pátio e encontro os rapazes parados na entrada da frente do prédio principal.

— Como está o Vengaboy[5]? — Patrick Feely oferece, me dando um tapinha nas costas. — Parabéns pelo casamento, você é uma caixa de surpresas.

— Eu preciso perguntar... — Hughie ri. — Algum bebê já, cara? Já marcou território?

Arqueando uma sobrancelha, me viro para Gibsie que está encostado na parede. Ele tinha um cigarro escondido debaixo da manga, o que eu acho muito inútil, dada a fumaça que está flutuando ao redor dele.

— Você *disse* a eles?

— Eu disse a todos — Gibsie retruca com um sorriso sem remorso. Ele desliza a mão livre sob o suéter da escola e começa a bater com a mão no peito. — Boom, boom, boom, porra, amigão!

Jesus...

— Ela já está aqui? — Ignorando suas provocações, mantenho meus olhos em Gibsie. — Você a viu?

Feely franze a testa.

— Quem?

— Shannon Lynch — Hughie completa, parecendo se divertir. — Estou supondo.

— Você está com ela agora?

Eu me viro para olhar para Patrick.

— *O quê*?

— Shannon — ele repete. — Você está com ela agora?

— Bem, ele estava com ela em Dublin — Gibsie salta para falar. — E na casa dele no fim de semana passado.

— Eu ouvi sobre o que aconteceu — Hughie diz, olhos atados com simpatia.

Sim, aposto que ele ouviu. As pessoas nesta cidade são inacreditáveis para caralho quando se trata de fofoca.

— Ela está bem? — ele pressiona.

Eu não sei porque não a vejo há uma semana, eu quero rugir, mas me seguro.

— Ela está ótima.

— Ele não a vê desde que a mamãe K. brigou com a mãe dela — Gibsie ri.

As sobrancelhas de Feely se erguem.

— Elas brigaram?

— Ela partiu para cima da mãe da Shannon — Gibsie ri. — Kav teve que arrastá-la para longe.

— Cristo. — Hughie solta um suspiro, parecendo impressionado. — Estou torcendo pela mamãe K.

— Você é um boca aberta — eu rosno, estreitando os olhos para o meu melhor amigo. — Depois de toda a merda que eu mantenho em segredo para você.

— Acalme-se, seu grande zé-boceta — Gibsie ri. — Ela estará aqui, então apenas acalme sua bunda.

Ele exala uma baforada de fumaça que sai da ponta do cigarro entre os seus dedos. Suas sobrancelhas franzem e ele me dá um olhar peculiar.

— Você está agindo todo... — ele faz uma pausa para acenar com a mão na frente de si mesmo antes de dizer — carente.

Eu olho boquiaberto para ele.

— *Carente*?

— Carente *e* pegajoso — Gibsie confirma solenemente. — Você pode querer diminuir um pouco o tom.

— Meu apreço pelo conselho, Gibs — eu digo. — Eu tenho certeza que vou seguir a risca.

— De nada — ele retruca. — E por falar em apreço; agradeça ao seu pai novamente por me tirar do gancho com Twomey.

Suspirando, ele acrescenta:

— Foi ruim o suficiente na semana passada, eu teria ficado miserável em casa sem você para mais uma.

Reviro os olhos.

— Estou feliz que você não está suspenso também, cara.

— Posso voltar a ir na sua casa? — ele pergunta. — Você pode me receber de volta já?

Feely arqueia uma sobrancelha.

— Você foi expulso?

— Temporariamente — Gibsie responde, soando na defensiva. — Não vai durar.

Feely ri.

— O que você fez?

— O de sempre. — Gibsie dá de ombros e acena com a mão sem direção. — Quebrou as regras, roubou uma garota, entrou em alguma merda.

Feely balança a cabeça.

— Eu não sei o que dizer sobre vocês dois. Eu honestamente não sei.

— Eu não a roubei — eu corrijo, o temperamento subindo. — Ela veio de boa vontade.

— Shannon?

— Quem mais? — Gibsie ri.

— Bem, é bom vê-lo de volta em seus pés, Capi — Hughie diz, sabiamente desviando o assunto de Shannon antes que eu tenha um aneurisma. — Mas você precisa voltar a treinar o mais rápido possível. O time de Barrettsfield RFC deu uma surra em nosso time em Ballylaggin no fim de semana.

E assim meu mau-humor piora.

— Barrettsfield? — Minha voz está cheia de desgosto, não mascarando meu horror. — Jesus, cara, eles são da segunda divisão.

— Ele não precisa se preocupar com isso — Gibsie interrompe, tom sério pela primeira vez em sua vida. — É apenas um jogo, caras.

— O que posso dizer? — Hughie suspirou, ignorando as palavras de Gibsie. — Estamos em falta na linha de trás e estamos sem um capitão.

A culpa enche meu corpo.

— Pontuação final?

Hughie faz uma careta antes de dizer

— 48 a 26

— Jesus! — A ansiedade se agita dentro de mim. — Como foi sua performance de chute?

— 16 pontos — responde ele. — Dois passes e quatro penalidades.

— Justo. — Eu dou um tapa em seu ombro. — Você se manteve.

Hugh sorri.

— Eu tentei.

— Como foi o check-up? — Feely pergunta então, segurando a porta aberta para mim.

— Sim. — Gibsie sorri e dá outra tragada profunda no cigarro antes de exalar uma nuvem de fumaça. — A médica boa lhe deu passe livre?

— Não. — Muito chateado para lhe dar um sermão sobre seus pulmões, entro na escola. — Como previsto.

— Que azar, cara — Feely diz enquanto ele e Hughie me seguem para dentro da escola.

— Ah, nem tudo é desgraça e melancolia. — Dando uma última tragada em seu cigarro, Gibsie joga a guimba para longe e caminha ao nosso lado. — Pelo menos você está só com uma muleta.

— Me acompanhe — eu digo, ignorando cada sorriso, aceno e os "*Ei, Kav*" e "*Como vai, Johnny"* enquanto eu caminho pelo corredor a caminho do meu armário.

— Apenas dê um tempo — Feely responde calmamente. — Tudo vai dar certo.

— Exatamente — acrescenta Hughie, dando um tapinha no meu ombro. — Roma não foi construída em um dia.

— Sim, bem, Roma precisa se apressar, rapazes — eu murmuro, apoiando-me fortemente na muleta em minha mão esquerda. — Porque estou com pouco tempo.

— Você ainda tem dois meses, Capi.

— Tenho quarenta e seis dias — corrijo, agitado. — E está passando.

— Pelo menos eles estão deixando você malhar de novo — Hughie oferece, em tom otimista.

— Somente parte superior do corpo — eu murmuro. — Isso vai ser útil quando eu precisar fazer uma porra de um teste, né?

— Jesus, você é um maldito mal-humorado — Gibsie brinca. — Não há como agradar você.

— Bem, cara, se você passasse sua manhã com três velhas apalpando você enquanto seu pai está no quarto, você não estaria exatamente cagando arco-íris de felicidade.

Gibsie zomba.

— Se eu tivesse três mulheres me apalpando esta manhã, posso garantir que eu *estaria* cagando arco-íris de felicidade.

Hughie e Feely riem.

— Confie em mim, você não estaria — eu resmungo

Gibs arqueia uma sobrancelha.

— Quando você diz velha...

— Quero dizer, velha no estado geriátrico — eu lato, parando no meio do corredor para encará-lo. — Nível *Sra. Lovell* de velhice.

Gibsie empalidece.

— Cara.

Encorajado pela simpatia em seus olhos, continuo com meu discurso triste:

— Pense na melhor fantasia de enfermeira sexy que você puder.

Ele sorri.

— Entendi.

Eu balanço a cabeça em aprovação.

— Agora troque essa enfermeira por sua avó.

Todos os meus três amigos gemem em solidariedade.

— *Porra.*

— Sim — eu confirmo severamente, andando novamente. — Porra serve.

— Você pelo menos pegou seu passe livre para gozar? — Gibsie pergunta então, e não em silêncio, quando chegamos ao vestiário do quinto ano. — Certamente, você tem luz verde para...

— Você tinha que fazer isso, não é? — Hughie suspira, descansando contra o armário ao lado do meu. — Você sempre tem que ir um pouco longe demais, Gibs.

— Estou preocupado — Gibsie retrucou com raiva. — Estou sendo um amigo *preocupado.*

— Você está sendo um maluco — Feely oferece secamente.

— Eu tenho o passe livre para gozar, Gibs — eu decido dizer, sabendo que se eu não contar ao idiota, ele não me dá um minuto de paz. — Está tudo bem.

— Você pode? — Seus olhos dançaram com entusiasmo. — Então o que diabos você está fazendo na escola, Johnny?

— Exatamente isso — eu atiro de volta. — Porque eu *tenho* aula.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Eu ainda estou esperando por um motivo real, cara.

— Porque eu não podia dizer ao meu pai para me levar para casa para que eu pudesse me masturbar. — Eu zombo sarcasticamente. — Tenha algum controle de si mesmo.

Gibsie olha fixamente para mim.

— Não vejo problema nisso.

— Não o encoraje — eu rebati, olhando para Hughie e Feely que estão rindo.

— Você é quem precisa se *controlar* — Gibsie rebate, ainda me encarando incrédulo. — Com ambas as mãos.

Me dê força...

Com o maxilar batendo, volto minha atenção para o meu armário e abro a porta de metal, apenas para engasgar quando sou atingido por um cheiro horrível.

Nós quatro nos afastamos do armário simultaneamente.

— Jesus — Hughie engasga.

— Uh, cara — Feely geme. — Isso é ruim.

— Seu bastardo imundo — Gibsie estrangula, suas palavras abafadas, enquanto cobre a boca com a mão. — Jesus Cristo, Johnny.

Olhando para o meu armário como se fosse seu inimigo mortal, ele sussurra:

— Já ouviu falar de uma lata de lixo?

— Eu esqueci que estava aqui — eu rio, recuperando o recipiente de plástico que agora está crescendo. — Não tive exatamente tempo para limpar meu armário para as férias.

Segurando-o o mais longe possível do meu corpo, caminho até a lixeira e o jogo antes de voltar para os rapazes. Sorrindo timidamente, eu pergunto:

— O que vocês acham que foi uma vez?

— Frango — os três gemem em uníssono.

— Ei, Johnny — a voz da ruína da minha existência salpica o ar então, tão irritante e indesejável como sempre, e levando consigo qualquer vislumbre de bom humor. Agora, eu sou o único a estremecer de pura repulsa e nada diferente enquanto observo Bella Wilkinson se exibindo e vindo em minha direção, com os quadris e seios e sendo uma dor na minha bunda — Como você está se sentindo?

— Continue andando — eu instruo friamente, arrepiando. Tendo bolas ou não, eu vou direto para os rapazes, encontrando refúgio, e segurança, na quantidade de pessoas. — Eu não tenho nada para dizer para você.

— Vamos, Johnny, eu só quero...

— Eu não vou fazer isso com você de novo — eu resmungo, interrompendo-a. — Tivemos essa conversa um milhão de vezes. Acabou – *acabou* – então apenas *vá embora.*

— Então, o que, eu não posso nem falar com você? — ela atira de volta, parecendo ferida. — Eu não posso perguntar como você está se sentindo?

— Eu estou bem — eu brinco. — Obrigado por perguntar. Agora me deixe em paz.

Sua respiração fica presa na garganta.

— Johnny...

— Você ouviu o homem — Gibsie ordena, o bom humor tendo sido esquecido, enquanto aponta um dedo para o corredor. — Apenas continue andando.

— Vai se foder, Gibsie — Bella rosna antes de virar seu olhar para mim. Piscando os olhos azuis, ela sorri para mim, expressão esperançosa. — Eu sei que as coisas terminaram mal entre nós, mas eu estava tão preocupada com você.

— Tenho certeza que você estava — Hughie medita. — E eu aposto que Cormac realmente aliviou a preocupação para você.

— Simplesmente pare. — Exausto por meses desse vai e vem com a garota, eu esfrego meu rosto cansadamente e digo: — Eu não quero brigar com você. Já chega, ok? Então, por favor, vá *embora.*

Bella lança um olhar mordaz para Hughie antes de olhar de volta para mim.

— Eu só estava esperando que pudéssemos conversar por cinco minutos...

— E eu estava esperando ganhar na loteria no fim de semana — Gibsie intervém e então franze a testa. — Mas não deu certo porque eu esqueci de jogar na loteria.

Feely bufa.

— Você tem menos de dezoito anos. Quem vai vender os números para você?

Gibsie balança a sobrancelha.

— Eu tenho conexões.

Feely revira os olhos.

— Dee?

Gibsie pisca.

— Talvez.

— Qual é o seu ponto aqui, Gibsie? — Bella exige, encarando meu melhor amigo.

— Meu ponto é vai se foder, Bella — Gibsie diz a ela. — Vá para a puta que te pariu *logo,* para bem longe daqui, se você quer que eu seja rápido. Vá para bem longe, muito longe para a terra de *Johnny não quer estar com você, então arranje uma vida.*

— Você não pode falar comigo assim — ela desafia, tremendo agora.

Gibsie arqueia uma sobrancelha.

— E porque não?

— Porque! — ela cospe, nervosa. — Porque...

— Porque eu tenho um pau e você tem uma buceta? — ele oferece conscientemente. — Ah, por favor. Eu sou um cara do século XXI. Eu apoio direitos iguais para todos, incluindo o direito de eu, um dono de um pau, mandar uma mulher louca, como você, se *foder!*

— Isso foi impressionante — reflete Hughie.

— Eu sou um cara impressionante — Gibs retruca com um sorriso.

— Jesus — eu murmuro, encolhendo-me quando as lágrimas enchem seus olhos.

— Oito meses, Johnny — ela soluça, olhando para mim. — E é assim?

Mordendo meus dedos, resisto à vontade de gritar.

— Ouça — eu finalmente digo, tentando ter paciência. — Isso é inútil. Eu não tenho nada para dizer a você, e você não tem nada que eu queira ouvir. Eu não estou interessado. Eu nem estava interessado quando *deveria* estar interessado. Então apenas... *por favor*! Eu estou implorando para você me deixar em paz, Bella. *Por favor.*

— Sério?

— Sim!

— E é isso que você quer? Que eu simplesmente vá embora?

Querido Deus...

— *Sim!*

— OK! — ela grita, as lágrimas de crocodilo milagrosamente se foram agora enquanto ela olha para mim. — Você me quer fora da sua vida, Johnny Kavanagh? Tudo bem. Considere-me fora!

Solto um enorme suspiro e caio de alívio.

— *Obrigado.*

Obviamente, eu não dei a Bella a reação que ela queria porque ela estreita os olhos e chuta minha muleta da minha mão, me fazendo cambalear para trás.

— Obrigado por isso também — eu digo agarrando Feely para me equilibrar.

— Espero que você esteja aleijado — ela cospe. — Eu espero que a Academia caia em si e você nunca mais jogue rúgbi!

Zombando, ela acrescenta:

— Na verdade, espero nunca mais ver seu rosto novamente.

Encantador.

— Improvável — Feely diz secamente. — Além de eu precisar afirmar o óbvio...

— Que você vai vê-lo na escola — Gibsie completa, afirmando o óbvio.

— Sim, Gibs — Feely suspira. — Além da escola, tenho certeza que você vai vê-lo novamente no verão.

Dando de ombros, ele acrescenta:

— Você sabe, quando ele estará na televisão, jogando por seu país, e você estará sentada em casa, assistindo do seu sofá.

— Com Cormac — Hughie acrescenta suavemente.

— Ah, sim — Gibsie meditou. — Como está Judas-zé-boceta-Iscariotes?

— Vocês quatro podem ir para o inferno! — ela grita antes de girar nos calcanhares e ir embora. — Idiotas.

— Nos vemos lá, Boceta Demoníaca! — Gibsie grita enquanto se abaixa e pega minha muleta e a encosta no armário. — Nos vemos lá.

— Jesus — Robbie Mac assobia, afastando-se para Bella passar, enquanto ela passa por ele, Pierce e metade da equipe. — Qual é a pressa dela?

— Ela precisa chegar em casa antes do sol nascer — Gibsie diz em voz alta. — Você sabe como os vampiros tendem a explodir em cinzas ao primeiro sinal de luz do dia.

— Vai se foder, Gerard Gibson! — Bella grita por cima do ombro.

— Não com você, *princesa* — Gibsie ruge atrás dela. — Eu não tocaria em você com o pau do McGarry!

— Pare — eu gemo, levantando a mão para Gibs. — Apenas deixe para lá, cara.

— Você é um bastardo — Feely ri. — Isso foi atrevido, Gibs.

Gibsie dá de ombros.

— Às vezes você tem que ser um bastardo quando você está lidando com uma vadia.

Robbie, Pierce e os rapazes da equipe nos cercam então, cada um se revezando enquanto me dão tapinhas nas costas e boas-vindas de volta e fazendo perguntas que eu nunca em meus sonhos daria respostas genuínas.

— Rapazes, deixem que o infortúnio de Capi seja um aviso para todos nós dos perigos que se escondem atrás de um par de peitos decentes — anuncia Gibsie. — Na dúvida, bata uma.

Seus comentários arrancam risadas de todos – inclusive minhas.

— Você é um garoto de sorte — Pierce concorda com um estremecimento.

— Buceta perigosa — Robbie oferece.

— Eu quem digo, porra — eu murmuro, esfregando minhas têmporas.

— E vocês me zoaram por ficar com Katie no segundo ano — reflete Hughie, soando terrivelmente presunçoso, enquanto se apoia nos armários e estufa o peito. — Firme e sensato não parece tão ruim agora, não é?

— Depois dessa explosão, *você* não está tão mal — Gibsie oferece.

Hughie sorri, enquanto o resto de nós suspira pesadamente.

Não morda a isca, Hughie...

Você está se metendo nisso sozinho...

— Você está dizendo que quer meu pau, Gibs? — Hughie brinca.

— Estou dizendo que quero a boceta da sua irmã — Gibsie atira de volta, balançando as sobrancelhas.

Aí está...

— Em volta do meu pau — Gibsie continua.

— Gibs — eu aviso

— No meu rosto.

— Gibsie! — Feely geme.

— Em cima de mim.

O sorriso no rosto de Hughie se transforma em uma carranca furiosa.

— Retire o que disse.

— Não.

— *Retire* o que disse, idiota.

— Não.

— Apenas retire o que disse, porra!

— Apenas aceite — Gibsie ri, pulando para trás quando Hughie deu um soco nele. — Vai acontecer, *cunhadinho.*

— Por cima do meu cadáver — Hughie rosna, investindo. — Ela é boa demais para você...

— Não seja um idiota, Gibs — eu rebato, agarrando a parte de trás do suéter de Hughie e arrastando-o de volta para mim. — Ignore-o, Hugh. Ele só está brincando com você.

— Ele não está brincando. — Furioso, Hughie encara Gibs. — Ele é obcecado por ela desde a porra da infância!

— Diga a ele que você está brincando — eu rosno. — Diga a ele, Gibs.

— Eu realmente não estou — Gibsie ri. — E não é só a boceta dela que eu quero... embora, isso esteja no topo da lista. Eu quero tudo dela, cara, e ela me quer também. — Ele sorri diabolicamente. — *Tanto.*

— Minha irmã não *quer* você — Hughie zomba. — Claire não te suporta. Ela só te atura porque você é meu amigo.

— Ela não estava dizendo isso ontem à noite — ele responde, completamente imperturbável. — quando eu estava...

— Filtro, Gibs! — eu lati. — Jesus Cristo, rapaz! *Tenha filtro*.

— É melhor você manter seu pau imundo do seu lado da rua — Hughie assobia, apontando um dedo na direção de Gibsie. — Pegador das irmãs alheias.

— Ainda não — Gibsie ri, apreciando completamente o desconforto de Hughie. — Mas eu vou ter esse título em breve.

— Eu vou te matar...

— Calados, vocês dois! — Eu rebato, segurando o suéter de Hughie enquanto dou um olhar fulminante para meu melhor amigo. — E use seu maldito cérebro antes de falar, Gibs. Nem tudo que você pensa nessa sua cabeça fodida precisa ser verbalizado.

— Estou brincando, estou brincando — Gibsie ri quando Hughie se solta do meu aperto e o joga no chão. Rolando de costas, ele ergue as mãos, ainda rindo. — Eu não toquei nela.

— É melhor você não ter tocado — Hughie rosna, sendo um filho da puta. — Existe um código que você não quebra! Você não fica com as irmãs dos seus amigos!

— Eu pensei que essa regra era sobre nossas mães — Gibsie retruca, rindo muito para se defender. — Não é mesmo, Kav?

— Cuidado — eu aviso, olhando para ele.

— São as roupas — Feely suspira melancolicamente.

— E o cabelo — Pierce concorda.

— Ela é a melhor cozinheira — Gibs oferece.

— E ela sempre tem um cheiro fantástico — intervém Robbie.

— E aquele corpo...

— Essa é minha mãe, seus bastardos doentes! — Eu rebato, eriçado. — Vocês não me ouvem falando sobre nenhuma de suas mães assim!

— Porque nenhuma de *nossas* mães se parece com *sua* mãe — Gibsie ri. — Mamãe K. — Ele suspira dramaticamente. — Humm.

— Jesus, sim. — Hughie faz uma pausa, no meio do estrangulamento. — Para ser justo, Capi, sua mãe é uma grande...

— Termine essa frase e eu vou enfiar minha muleta na parte mais funda do seu buraco.

Virando-me para Gibsie, eu digo:

— Sabe de uma coisa? Vá em frente e foda com todas as irmãs deles, Gibs. Na verdade, vão se foder enquanto estão nisso.

— Eu não quero as irmãs deles, sem ofensa, rapazes. Tenho certeza de que são todas garotas adoráveis — Gibsie ri. — Eu só quero a irmã *dele.*

— Viu! — Hughie ladra antes de voltar seu foco para Gibsie. — Eu só estava brincando com sua mãe. Esse idiota está falando sério sobre minha irmã!

— Eu acho que você está olhando para isso tudo de forma errada, cara — Gibsie continua a incitar enquanto Hughie retoma seu estrangulamento. — Sou leal. Sou lindo. Dizem que dou um oral de cinco estrelas. Sou algo garantido.

— Você é uma puta garantida é o que você é! — Hughie rosna. — Não se esqueça que eu te conheço a vida toda, idiota. O que significa que eu sei tudo sobre onde seu pau esteve!

— Eu estava apenas ganhando tempo, e a prática leva à perfeição — Gibsie ri e então geme quando o punho de Hughie acerta sua mandíbula. — Cara, não o rosto. Sua irmã gosta de mim bonito.

O rosto de Hughie fica com um tom profundo de roxo.

— Ela é inocente e boa e pura, caramba, então você apenas mantenha suas malditas mãos longe!

— Ah, Johnny? — Feely murmura, batendo no meu ombro. — Temos companhia.

Tirando meus olhos dos dois idiotas rolando no chão, eu olho por cima das cabeças de Robbie e Pierce bem a tempo de pegar um vislumbre de Shannon enquanto ela se afasta.

De *mim*?

Oh, porra, não.

Empurrando os caras da minha frente, eu a sigo, sentindo a queimadura subir pelas minhas coxas enquanto eu me movo, mas também trabalho para diminuir meu ritmo ou voltar para minha muleta.

— Shannon? — Meu coração bate no meu peito com tanta força que eu penso que deixará um hematoma, enquanto eu a chamo — Shannon *como o rio*, volte aqui!

27
Você está comigo?
Shannon

Quando Darren para no estacionamento da Tommen um pouco depois das 8h45, me sinto como um stalker estranho enquanto procuro, sem falar nada, o familiar Audi A3 apenas para encontrar a vaga vazia. Meu coração despenca no meu estômago e eu me sinto encolhendo no banco, desejando nada mais do que simplesmente desaparecer no ar e flutuar para longe.

— O que você acha que Tadhg gostaria de ganhar de aniversário? — Darren pergunta enquanto dirige em círculos, procurando uma vaga para estacionar. — É na próxima sexta-feira e não tenho ideia do que dar a ele.

— Não sei. — Entorpecida, olho pela janela e sinto minha ansiedade crescer com cada aluno da Tommen que entra no prédio principal. — Pergunte a Tadhg.

— Eu estou perguntando a você — ele responde calmamente.

— Chuteiras — eu murmuro, me sentindo muito enjoada para prestar atenção. — Não é como se ele estivesse esperando alguma coisa.

Meu estômago está revirando, minhas palmas da mão estão úmidas. Quase parecia que alguém estava segurando um cubo de gelo na minha nuca.

— Boa ideia.

Respire, Shannon.

Apenas continue respirando...

— Você quer que eu entre com você? — Darren pergunta quando finalmente encontra uma vaga para estacionar. Desligando o motor, ele solta o cinto de segurança e se vira para olhar para mim. — Porque eu vou, sem problema algum.

Minha cabeça vira de volta para ele e meus olhos se arregalam de horror.

— Você se lembra do ensino médio?

— Eu não sou tão velho — brinca.

— Então você saberia que a *última* coisa que alguém quer é seu irmão mais velho levando-os para a escola. — Eu solto. — Jamais.

Ele sorri.

Eu o olhei com cautela.

— O quê?

— Você me chamou de seu irmão mais velho.

— Sim, bem. — Suspiro e inclino minha cabeça para trás. — Isso é o que você é.

— Foi bom ouvir você dizer isso.

Suas palavras pairam pesadamente no ar, como um peso morto em volta do meu pescoço. Eu não posso fazer isso com ele. Não esta manhã. Não quando eu estou *tão* perto de implorar para ele virar o carro e me levar para casa.

— Eu deveria ir — eu sussurro, me sentindo resignada, os olhos ainda colados no enxame de estudantes se amontoando em vários prédios.

Você consegue fazer isso.

Você pode absolutamente fazer isso!

— Estarei aqui às quatro — Darren diz quando abro a porta do carro e entro na chuva. — Vou tentar conseguir uma vaga de estacionamento perto desta, ok?

Assentindo, pego minha bolsa.

— Obrigada pela carona.

— Shannon?

— Sim?

— Boa sorte.

Eu vou precisar.

Fechando a porta do carro, coloco minha bolsa nos ombros e faço meu caminho em direção ao pátio, corpo rígido e mente cambaleando. Quanto mais me aproximo do prédio principal, mais difícil era manter minha respiração regular e uniforme. Eu estou ansiosa e, a cada passo que dou, me aproximo de um ataque de pânico total.

Mentalmente cantando pequenas afirmações para mim mesma, abaixo minha cabeça, ignoro todos os olhares e sussurros, e corro para dentro. Eu me sinto descentralizada e desorientada e nem mesmo o calor dos radiadores dentro do prédio principal poderiam derreter o gelo em minhas veias enquanto eu corro pelo corredor, tentando desesperadamente ver Claire e Lizzie.

— Oi, Shan — uma voz familiar grita atrás de mim.

Eu me viro para encontrar Shelly, uma das garotas da minha classe, acenando para mim da porta do banheiro. O sorriso em seu rosto rapidamente desaparece quando seus olhos pousam nos meus.

— Oh Deus — ela sussurra, apontando para o meu rosto. — É realmente verdade, não é?

— Provavelmente — eu murmuro, me sentindo ansiosa.

— Eu só pensei... quero dizer, quando eu ouvi as garotas falando sobre isso no banheiro, eu apenas presumi...

Ela fecha a boca e apenas olha para mim por um longo momento.

— Droga, garota — ela finalmente solta o ar. — Eu sinto muito.

— Você sabe onde Claire está? — Eu pergunto, a voz baixa. — Ou Lizzie?

— Escritório do Sr. Twomey. Ele chamou as duas quando chegaram. Elas estão lá há séculos. — Shelly faz uma careta. — Provavelmente é sobre você.

— Oh. — Fico ali por vários momentos, debatendo o que dizer antes de decidir que nada havia *a ser dito* e me afasto.

Eu planejava fugir para a sala comunal do terceiro ano e me esconder lá até a primeira aula começar, mas meus pés tinham outros planos. Meu pulso acelera enquanto eu vago fora do meu caminho habitual, viajando por corredores que nunca usei, até a ala do quinto ano da escola.

Eu a ouço antes de vê-la.

— Saia do meu caminho, puta!

Empurrando-me bruscamente para fora de seu caminho, Bella corre pelo corredor, chegando mais perto de correr do que eu já tinha visto uma garota em saltos de 15 centímetros se mover.

Cambaleando para o lado com o impacto, apoio a parede com a mão, respirando com dificuldade, e a encaro.

— Isto é tudo culpa sua! — ela fala por cima do ombro antes de desaparecer por outro corredor. — Você arruinou minha vida.

De alguma forma doente e extremamente insalubre, quase me sinto *melhor*, como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros. Temporariamente, pelo menos. Porque eu *sabia* que essa briga estava chegando. Eu *sabia* que ela ia fazer algo comigo.

Garotas como Bella Wilkinson eram todas iguais. Elas eram amargas e zangadas com o mundo, e nunca podiam deixar passar uma única coisa. A *coisa* no caso de Bella era Johnny, e o olhar que ela me deu no ônibus naquele dia me garantiu que eu estava na linha de fogo.

Você sobreviveu há algo muito pior do que uma garota má, uma pequena voz na parte de trás da minha cabeça me lembra. *Em três anos, ela será insignificante para você.*

É com esse conhecimento que eu fortaleço minha espinha e faço meu caminho até a ala do quinto ano. Eu tinha todo um discurso pensado, um que

sai da minha cabeça no momento em que bato os olhos *nele*, encostado em seu armário, com os braços cruzados sobre o peito, cercado por um pequeno exército de colegas. Ao lado dele, encostada nos armários, há uma muleta solitária. Imediatamente eu reconheço quatro dos meninos com ele como Gibsie, Patrick Feely, Pierce Ó Neill e Hughie Biggs. Outros, reconheço do ônibus. Seus companheiros de equipe, noto.

Todos estão rindo de algo que Gibsie está dizendo. O sorriso de Johnny é cheio de covinhas duplas e eu só posso imaginar o que Gibsie disse para arrancar essa reação dele enquanto ele acena com as mãos animadamente no estilo Gibsie usual.

Seu cabelo escuro está arrumado naquele estilo deliciosamente desgrenhado que eu tinha quase certeza que – não, eu *sabia* – ele acordou assim de manhã, e seus olhos dançando com diversão.

Gibsie e Hughie começam a brigar então, com Hughie derrubando Gibsie no chão e rolando, enquanto os outros olham e riem.

Presa ao local, eu o observo interagir, percebendo o quão despreocupado ele parece com seus companheiros de equipe e amigos, e isso me deixa triste.

Ele nunca fica assim com você porque você não o faz feliz. Você nunca poderia. Tudo o que você é, é uma complicação, uma voz mesquinha de dúvida é conjurada em minha mente. *Acostume-se a observá-lo à distância, Shannon, porque ele vai embora em breve. Ele vai ser uma estrela. Olhe para ele, ele já brilha tanto, é ofuscante...*

Com minha bravura me abandonando em uma respiração trêmula, eu rapidamente me viro nos calcanhares, decidida a fugir – a colocar algum espaço muito necessário entre meu coração e o garoto que o possuí.

Era demais; meus sentimentos, as multidões, essa escola, minha vida...

— Shannon?

Continue, pode não ser ele.

— Shannon *como o rio,* volte aqui!

Pega no flagra.

Congelando no meio do corredor de costas para ele, debato minhas opções: fingir que não o ouvi da primeira vez, ou apenas continuar correndo? A covarde em mim favorece a opção dois, mas me forço a *ficar*, respirar e pensar sobre isso.

Você não quer fugir de Johnny, eu me ordeno silenciosamente, *isso é bobagem. Você não tem medo dele.*

— Você ia me ignorar? — Sua voz está mais perto agora, dolorosamente mais perto, e quando sinto seus dedos roçarem minha omoplata, um arrepio involuntário rola por mim. — Hum?

Inalando uma respiração profunda e firme, eu me viro e dou o sorriso mais brilhante que posso reunir.

— Oi, Johnny.

O rosto de Johnny está em uma carranca profunda, olhos azuis cheios de confusão enquanto eles passam sobre mim. Deus, ele é lindo. É difícil focar quando meus olhos continuam indo para sua boca – para seus lábios eu conhecia intimamente.

— Oi, Shannon — ele responde, sem sorrir.

— Como você está? — Eu pergunto, nervosa.

— Tudo bem. Como você está se sentindo?

— Eu estou bem... — Meu sorriso escorrega quando observo sua expressão irritada. — O que há de errado?

— Você estava correndo — Johnny responde, parecendo magoado. — De mim.

— Oh, não, eu estava apenas... eu precisava... quero dizer, sim, eu pensei que deveria... — Exalando uma respiração irregular, eu deixo meus ombros caírem. — Sim.

Seus olhos suavizaram.

— Sim, como você *estava* ou não estava?

— Eu estou uh... — Eu faço uma careta, me sentindo agudamente exposta neste momento. Ele estava me pressionando daquele jeito direto. — Eu não tenho certeza.

Um sorriso fraco aparece em seus lábios carnudos.

— Você não tem certeza do quê?

— Se você queria que eu fosse até você ali? Quer dizer, eu não sabia se você queria me ver... ou conversar? Depois do que aconteceu com minha mãe, e eu só, eu não tinha certeza se você queria falar comigo de novo.

Solto um suspiro trêmulo, me abominando forte quando escorrego e tropeço nas minhas palavras.

— Eu não sabia o que você queria. — Expirando pesadamente, eu abaixo minha cabeça. — Eu *não* sei — eu emendo baixinho, minha voz pouco mais que um sussurro. — O que você quer.

— Me pergunte.

Forçando a vontade de correr e me esconder, forço meu queixo para cima e olho para ele.

— Huh?

— Se você quer saber o que eu quero, então me pergunte — Johnny repete, fechando o espaço entre nós. — Tudo que você tem a fazer é me *perguntar*. — Sua mão desce, gentilmente segurando meu cotovelo. — E eu vou te dizer.

Fico tonta quando resmungo:

— O que você quer, Johnny?

— Para começar, quero que você me olhe nos olhos quando falar comigo — responde Johnny, os olhos azuis queimando buracos tão profundamente dentro de mim que duvido que possam ser consertados. — Segundo, eu quero que você pare de se preocupar com coisas que você não pode controlar. Como Darren e sua mãe.

— Mas você não voltou — eu solto e então fico vermelha antes de recuar rapidamente. Meu coração está acelerado, meu corpo tremendo com uma mistura de ansiedade e excitação. — Desculpe. Eu não quis dizer que você *tinha* que voltar ou algo assim, e eu não estava esperando que você largasse tudo por mim. Eu sei que você está ocupado e tem muitas sessões de reabilitação...

— Eu não voltei porque não podia, Shannon, não porque sua mãe me disse para não voltar e não porque eu não queria ver você — explica Johnny, parecendo aflito. — Eu não voltei porque fisicamente *não podia* chegar até você. Eu ainda não posso dirigir, e minha mãe não me deixou sair de sua vista. Eles até me proibiram de ver Gibsie, pelo amor de Deus. Mas eu queria. — Ele exala uma respiração trêmula. — Eu *realmente* queria ver você.

Parecia que um grande peso tinha sido tirado dos meus ombros. Na última semana, eu não tinha dormido, mal tinha comido, e tudo porque eu estava literalmente me afogando em meus sentimentos e minha incerteza. O desconhecido era uma coisa aterrorizante para mim. Não saber onde eu estava com Johnny era ainda pior.

— Oh.

— Eu tentei ligar para você — acrescenta rispidamente. — Eu mandei uma mensagem para você todos os dias.

— Sua bateria acabou — explico, sentindo-me tonta. — Eu não podia carregá-lo.

— Bateria acabou. — Johnny suspira no que parecia alívio. — Faz sentido.

— Ela me odeia? — Eu pergunto então, me sentindo um pouco fraca. — Sua mãe?

— Não, Shan, ela não odeia você — ele responde, a voz embargada. — Eu não acho que haja uma pessoa neste planeta que possa odiar você.

— Mas?

Ele faz uma careta.

— Minha mãe está apenas...

— Ela está apenas o quê? — Meu pulso acelera enquanto eu espero com medo pelo que ele dirá a seguir.

— Preocupada — ele finalmente responde. — Meus pais não querem que eu vá para sua casa. Eles acham que é uma má ideia.

Meu coração afunda.

Oh Deus, você é uma má ideia.

Os pais dele acham que você é uma má ideia para ele, Shannon.

Prendo meu lábio inferior, mordendo com tanta força que fico surpresa por não sentir gosto de sangue.

— Eu sinto muito. — Sentindo-me perdida, junto as mãos, um traço nervoso, e suspiro. — Por tudo isso.

Johnny estende a mão e coloca meu cabelo atrás da orelha.

— Você pode me fazer um favor?

Assentindo, eu me impeço de inclinar minha bochecha em seu toque.

— É claro.

— Você pode não voltar para dentro dessa sua concha toda vez que não estivermos juntos por alguns dias?

Engulo profundamente, os olhos fixos nos dele.

— Minha concha?

— Sua concha — ele confirma. — Não faça isso comigo, Shannon, *não* me bloqueie. Não me dê a versão de você do último fim de semana e então me tire isso. Eu sou o mesmo eu daquela noite na minha casa – eu sou o mesmo eu de todas as outras vezes que estivemos juntos. Então, não coloque um muro entre nós, não quando você já me deixou passar por cima dele.

— Eu... eu não sabia que estava fazendo isso — eu admito.

— Você está fazendo isso agora — ele confirma rispidamente. — Você faz isso o tempo todo.

— Eu... — Balançando a cabeça, dou de ombros impotente. — Desculpe?

— Não peça desculpas — ele responde. — Basta começar a confiar em mim, ok?

— Eu confio em você, Johnny — eu solto, assentindo ansiosamente, desesperada para que ele saiba disso. — Mas eles provavelmente estão certos — acrescento, sentindo uma onda incapacitante de incerteza me inundar. — Seus pais, quero dizer.

Soltando um suspiro, eu toco minha testa com a mão e murmuro:

— Sobre ser uma má ideia.

— Eles estão errados — Johnny corrige, soando tão confiante e seguro neste momento que era reconfortante ouvir. — Eu estou certo.

— Certo sobre o quê?

— Eu estou certo sobre você.

Oh Deus.

— Mas eu *sou* uma má ideia para você, Johnny — eu respondo trêmula, precisando que ele me ouça, dando a ele o que, se ele tivesse juízo, ele pegaria. — Eu sou um monte de problemas.

— Eu gosto do seu problema — ele responde, aproximando-se.

— Minha vida é *complicada.*

— Eu quero suas complicações.

Minha respiração me escapa em uma corrida.

— Você quer?

Ele assente lentamente.

— Você me perguntou o que eu queria? Há um monte de coisas, mas em poucas palavras, eu só quero você.

Dando de ombros, ele acrescenta:

— E eu meio que espero que você diga que me quer também? — Ele ri nervosamente. — Ou então eu acabei de fazer o maior papel de palhaço mesmo no meio do corredor da escola...

— Eu quero também — eu solto e então me encolho. — Você.

Balançando a cabeça, solto um suspiro e tento novamente.

— Eu quero você também.

— É? — Ele sorri, ombros caídos de alívio. — Obrigado por isso.

— E eu senti sua falta — eu solto as palavras, forçando-as para fora da minha cabeça e para a dele, porque, no mínimo, eu preciso que ele saiba que eu sinto falta dele. — Terrivelmente — acrescento, oferecendo outro pedaço de confiança para ele. — Tipo demais.

— Sim. — Aumentando o aperto no meu cotovelo, Johnny me puxa para mais perto até que eu estou encostada nele. — Quanto?

— Tipo uma quantidade louca do caralho — eu sussurro.

— Uma quantidade louca do caralho? — Sorrindo, ele inclina a cabeça para um lado. — Isso soa perigoso.

— Isso é. — Eu balanço a cabeça ansiosamente. — Muito.

Sorrindo, Johnny abaixa o rosto, fechando o espaço entre nós.

— Acho que vou me arriscar — ele sussurra, e então roça seus lábios contra os meus.

Uma vez, leve, duas vezes, um pouco mais firme, e então... *oh Deus.*

Sua língua varre minha boca, acariciando contra a minha, e minha respiração engata, minhas pálpebras se fecham.

Minhas mãos disparam por vontade própria, dedos entrelaçados em seu suéter azul-marinho da escola, enquanto eu o beijo de volta com tudo que eu tenho em mim. O que quer que eu tenha neste momento, eu entrego tudo a ele, incapaz e sem vontade de conter os sentimentos que explodem em mim, todos voltados apenas para ele.

Eu sei que as pessoas podem nos ver, estávamos parados no meio do corredor com seus companheiros de equipe a menos de três metros de distância, mas eu simplesmente não me importo mais. Eu podia ouvir o sino soando para a aula, eu podia ouvir vozes ao nosso redor, pessoas chamando seu nome e assobiando, mas eu não consigo encontrar a força de vontade necessária para me afastar. Eu não consigo encontrar espaço em meu coração para *me preocupar.*

Johnny mantém uma mão no meu cotovelo, me segurando rudemente contra seu peito, enquanto sua mão livre emaranha em meu cabelo, me segurando no lugar, deixando-me saber com cada impulso de sua língua que ele realmente gosta do meu problema.

Oh Deus...

O sinal toca novamente e então fomos envoltos em um silêncio repentino.

Tremendo, eu me agarro a ele, lutando para lidar com o calor subindo dentro de mim. A pressão no meu peito era quase demais e eu engasgo em sua boca, precisando de mais e precisando que ele pare de uma vez só. Porque eu não consigo conter o sentimento que explode de dentro de mim. Eu não consigo parar meu coração de sair do curso e correr direto para ele.

— Espere, espere, espere... — Quebrando o beijo, Johnny olha para mim, respirando com dificuldade. — Você é minha namorada agora, certo?

Sentindo-me um pouco atordoada, estico o pescoço e olho para ele.

— Huh?

— Minha namorada — ele repete, parecendo nervoso. —, você é?

— Uh, eu... eu...

— Porque eu nunca fiz isso antes. — Ele olha ao redor do corredor vazio antes de voltar sua atenção para mim. — E eu preciso saber onde estou com você.

— Oh. — Eu dou de ombros impotente. — Nem eu.

— Merda, sim, desculpe. — Ele solta outro suspiro nervoso, parecendo dolorosamente vulnerável. — Então você é?

Ele está me pedindo para *confirmar* que eu sou sua namorada ou ele está me pedindo para *ser* sua namorada? Ou ele está me perguntando se eu *acho* que sou? Oh Deus, eu não sabia e minha mente estava cambaleando, meu coração muito cauteloso para fazer a suposição por medo de que eu estivesse lendo tudo isso de forma errada.

— Eu não sei — eu finalmente respondo, o coração batendo descontroladamente. — Eu sou?

Johnny toca minha bochecha, seus dedos roçando minha pele com um toque leve.

— Eu realmente espero que sim.

— É? — Uma profunda sensação de alívio toma conta de mim e sussurro: — Eu também.

— E eu sou seu. — Sorrindo, sua mão escorrega do meu cotovelo para a minha bunda, me dando um pequeno aperto, antes de dar um passo para trás e me soltar. — Só para você saber onde *você* está.

Meu coração bate tão forte contra o meu peito que me sinto um pouco fraca.

— Oh, tudo bem.

Ele então começa a puxar sua camisa para fora do cós para esconder a protuberância muito impressionante em sua calça cinza da escola.

— Eu deveria estar na aula dupla de contabilidade com Doyle, e eu não tenho a menor ideia de como vou me concentrar em planilhas — explica ele com uma careta. — Você está atrasada para o quê?

— Eu estou, ah... — Balançando minha cabeça, eu tento limpar meus pensamentos, mas meu olhar continua voltando para sua ereção descarada. — Eu deveria estar na aula de matemática.

Quando ele me pega olhando, Johnny dá de ombros timidamente.

— É uh, sim, *isso* provavelmente vai acontecer muito quando eu estiver com você — explica ele, com um pequeno aceno de cabeça. — Mas saiba que eu não estou tendo nenhuma intenção, ok? Apenas ignore e isso vai embora.

E se eu não quiser ignorar isso?

— Ok — eu concordo, tom ofegante. — Eu entendo.

Sentindo como se meu mundo tivesse mais uma vez mudado debaixo de mim, observo enquanto Johnny caminha rigidamente de volta para seu armário, pendura sua mochila no ombro e depois agarra sua muleta antes de voltar para mim.

— Você não deveria estar se apoiando nisso? — Eu pergunto quando ele passa um braço em volta do meu ombro e me leva de volta para a ala do terceiro ano, girando sem rumo a muleta de metal em sua mão como se fosse uma roleta.

— Isso me atrasa — ele admite, me puxando para mais perto de seu lado.

— Por uma boa razão — eu respondo calmamente, parando do lado de fora da minha sala de aula designada. — Porque você *deveria* desacelerar, Johnny.

— Então, é assim que vai ser ter uma namorada? — ele brinca, mas felizmente usa sua muleta. — Você mandando em mim por aí e me dizendo o que fazer?

— Não. — Eu coro. — Só estou dizendo que você recebeu uma muleta por um bom motivo.

— Sim, eu sei. — Suspirando, ele me solta e se vira para mim. — Então, escute, eu queria perguntar a você sobre como as coisas estavam indo em casa, mas eu fiquei envolvido no momento.

À menção de casa, sinto a tensão crescer dentro de mim.

— Meu pai ainda está fora de casa — eu digo baixinho. — Se é isso que você quis dizer.

— Nenhuma ideia dele?

Dou de ombros.

— Não, pelo que diz a polícia.

— Merda. — Johnny solta um grunhido frustrado. — Já faz mais de duas semanas. Como diabos eles não o encontraram até agora?

— Está bem. — Dou de ombros, sentindo-me ficar mais rígida com o pensamento de meu pai. — Eu não estou esperando nenhum milagre.

— Não, *não está* tudo bem — ele retruca em um tom apaixonado. — Mas *você* vai ficar.

— Sim — Tremendo, eu entro em seu abraço, pressionando minha testa em seu peito. — Talvez eu vá.

— Podemos fazer algo depois da escola hoje? — ele pergunta então, acariciando meu cabelo com a bochecha. — Você pode vir para casa comigo?

Deus, como eu desejo.

— Não.

— Não? — Ele olha para mim. — Se isso é porque você acha que meus pais não querem você em casa, então você está errada, Shan.

— Darren vem me buscar — eu relutantemente digo a ele. — Aparentemente, ele vai me levar para a escola daqui em diante.

Rosnando, ele deixa cair a mão na parte inferior das minhas costas e me puxa para mais perto.

— Eu odeio isso.

Fechando meus olhos, eu apenas caio contra ele, corpo enrolado em tensão.

— Eu sinto muito.

— Não peça desculpas — ele diz, passando a mão pelas minhas costas. — Vai ficar tudo bem. Estou ficando mais forte. Tenho feito toda a minha fisioterapia e merda. Assim que eu pegar meu carro de volta na semana que vem, e estiver dirigindo de novo, será mais fácil.

Ele rosna quando diz:

— Eu estarei respirando em seus pescoços como o pior pesadelo deles.

— Sinto muito sobre como eles falaram com você — eu solto. — Foi tão errado.

— Shan. — Ele suspirou. — Nem se preocupe com isso.

— Mas eu *estou* preocupada com isso.

— Eu sei que você está com medo, mas eu não estou, e também não estou preocupado — ele responde rispidamente. — Eu não me importo se toda a sua família não gosta de mim. *Deixe eles*. Eu só estou interessado se *você* gostar de mim porque eu só me importo com *você.*

— Joey gosta de você — eu murmuro.

Johnny sorri.

— É?

Eu balanço a cabeça.

— E ele não gosta de *ninguém.*

— É bom saber que tenho a aprovação do irmão mais velho — Johnny ri. — Ah sim, eu quase esqueci... —

Enfiando a mão no bolso, ele tira um celular caro e, além de ser rosa, é idêntico ao preto.

— Você tem meu telefone? — ele pergunta, batendo na tela do rosa em suas mãos.

— Oh...— Deslizando minha mão sob meu suéter, eu removo seu telefone morto do bolso da minha camisa e estendo para ele. — Sim, desculpe... uh, obrigada novamente por me deixar usá-lo.

Johnny pega seu telefone e desliza-o no bolso, antes de colocar o telefone rosa na minha mão.

Olho fixamente para o dispositivo.

— O que é isso?

— É seu — ele responde. Deslizando sua mochila do ombro, ele puxa um carregador do bolso da frente e então começa a deslizá-lo na minha bolsa.

— O-o que você está fazendo?

— É seu — ele repete, olhos azuis fixos nos meus. — Ele tem um MP3 embutido e eu o carreguei com uma tonelada de músicas para você. Está cheio de créditos e eu coloquei os telefones de Claire, Joey, Gibsie e o meu, mas você vai ter que adicionar o resto de seus contatos você mesma.

Minha boca se abre enquanto eu olho boquiaberta para ele.

— Você me comprou um telefone?

— Você precisava de um telefone, e eu perdi seu aniversário. — Ele dá de ombros, como se não fosse o negócio gigantesco que era, e diz: — Faz sentido.

— Você me deu um jantar no meu aniversário — eu sussurro, envergonhada.

— Eu te dei a porra de Cheerios — ele resmunga, parecendo irritado consigo mesmo.

— E um sanduíche torrado — apresso-me a acrescentar.

— Não me lembre — ele geme.

— Quando você comprou isso?

— Outro dia, depois da fisioterapia — ele responde, me observando com cautela. — Você está brava comigo por isso?

— Não, eu não estou brava — eu solto, me sentindo tonta. — Mas eu não posso aceitar isso.

Abaixo meu olhar para o telefone que eu sei muito bem que deve ter custado pelo menos duzentos euros.

— É muito. — Solto um suspiro trêmulo. — Muito caro.

— É *seu* — ele diz — Então coloque no bolso e não tente me mandar para casa com um telefone rosa.

Sorrindo, ele acrescenta:

— Gibs nunca vai me deixar em paz.

— Mas você não tinha que fazer isso por mim...

— Eu vou fazer um monte de coisas para você, Shannon. — Pegando o telefone da minha mão, Johnny enfia a mão no meu suéter e desliza o telefone no bolso da minha camisa. Seus dedos roçam meu peito e eu estremeço. — E eu vou comprar um monte de coisas para você. — Ele dá um passo para trás, sem tirar os olhos de mim, e dá de ombros sem pedir desculpas. — Aviso prévio.

— Mas eu não *preciso de* presentes.

Eu pressiono a mão na minha testa, me sentindo nervosa e estressada enquanto o peso do telefone no meu bolso pesa na minha consciência.

— Eu não sou uma daquelas garotas que estão atrás do que podem conseguir de você, Johnny. Eu não sou Bella. — Eu acrescento, implorando a ele com meus olhos para acreditar em mim. *Eu apenas preciso de você.*

— Eu sei disso, Shannon — ele responde, franzindo a testa. — Cristo, nem pense assim.

— Eu não posso te dar nada de volta. — Eu solto, dizendo a ele a mesma coisa que eu disse na semana passada, rezando para que ele me ouça. — Não tenho *nada* para lhe dar em troca.

— Você pode me ligar.

— Ligar?

Ele sorri.

— E você pode me mandar uma mensagem.

— Fala sério — eu imploro.

— Eu estou falando — Ele se aproxima. — Eu estou tão fodidamente sério sobre você.

Oh Deus...

— Eu preciso ser capaz de falar com você. — Deixando cair a mão no meu quadril, ele me puxa para mais perto. — Para saber que você está bem.

Suspirando, ele flexiona os dedos, me fazendo queimar com uma necessidade desconhecida.

— Eu não posso ficar em casa sem saber o que está acontecendo em sua vida. — Seus olhos escurecem quando ele diz: — Em sua casa.

— Johnny...

— Eu não posso lidar com isso, Shannon — ele sussurra. — Você não tem ideia de como isso me deixa fodido da cabeça, sem saber se ele está de volta ou se você está ou não segura. Toda vez que penso em você naquela casa, entro em

pânico. *Literalmente* fico doido pensando em todos os piores cenários até eu te ver de novo.

— Mas eu estou bem agora — eu me apresso para acalmar. — Eu estou.

— Talvez — ele responde calmamente. — Mas eu ainda preciso estar conectado.

— Por um telefone — eu completo.

— Sim. — Ele muda o peso de um pé para o outro, parecendo desconfortável. — Acho que agora é uma boa hora para te dizer que fico um pouco obcecado com as coisas que amo, hein?

Lá está aquela palavra novamente.

— Está tudo bem — eu solto.

— Mas não está — ele responde rispidamente. — Porque era ruim o suficiente antes, quando eu estava lutando contra isso, mas agora eu só...

Ele solta um suspiro de dor.

— Só quero estar contigo. — Ele dá de ombros quase impotente. — O tempo todo, porra.

— Isso pode mudar — eu suspiro, tremendo com o impacto de suas palavras.

— Eu esperaria por isso sentado se fosse você — ele responde.

Não se preocupe, eu vou.

— Assim que eu pegar meu carro de volta, podemos passar mais tempo juntos, fora da escola, e talvez eu não fique tão paranoico — continua ele. — Você pode vir para a minha casa e chutar o meu traseiro no PlayStation, ou podemos ir para o Biddies. O que você quiser.

— Eu realmente não acho que seus pais vão querer que eu vá para sua casa. — Eu confesso, mordendo meu lábio com força. — Eu sei que você pensa o contrário, mas eu honestamente não consigo vê-los querendo que você ande comigo. — Suspiro. — E eu não os culpo, Johnny.

— Eu não estou andando com você, Shannon. Eu estou *com* você — ele retruca rispidamente. — E eu prometo que meus pais não têm nenhum problema com você.

Okay, certo...

— Estou falando sério, Shan — ele acrescenta, levantando meu queixo para encontrar seus olhos. — Eles realmente gostam de você.

Eu não acredito nisso, nem uma palavra, mas me abstenho de dizer a ele. Em vez disso, murmuro meio sem entusiasmo:

— Eles são boas pessoas.

— *Você* é uma boa pessoa — Johnny retruca, os olhos azuis me queimando. — Você, Shannon, você é *boa,* e meus pais e todo mundo sabe disso. Especialmente eu. Então não deixe essa sua cabeça dizer nada diferente.

Um arrepio me percorre.

— Deus, Johnny, eu só queria que pudéssemos...

— Vamos, Felizardo! — A voz de Gibsie perfura o ar, me assustando e fazendo com que eu me afaste. Segundos depois, ele aparece da escada inferior, subindo os degraus como um labrador superanimado. — Oh... ei, Pequena Shannon.

— Oi, Gibs — eu respondo timidamente antes de olhar para Johnny. — *Felizardo*?

Johnny suspira cansado.

— Não pergunte.

— Ah... — Eu faço uma careta. — Ok?

— Você está parecendo bem, garota — Gibsie reconhece com um sorriso amigável antes de rapidamente tirar a bolsa de Johnny do ombro dele e colocá-la em seu próprio ombro. — Odeio interromper a reunião, mas seu garoto aqui precisa ir para a aula.

Seus olhos dançam de excitação quando ele diz:

— Cara, você não vai acreditar, porra, mas a Sra. Moore aceitou minha sugestão!

Johnny olha para Gibsie por um longo tempo antes que a consciência se desperte nele e seu queixo caia.

— Você está brincando.

— Eu estou falando sério pra caralho agora.— Gibsie literalmente salta em seus pés. — Eu pedi isso meses atrás e eu apenas presumi que eles me ignoraram por aquela conversa de merda de ex-aluno antes do Natal, mas eu estava errado. Eles me *ouviram*, cara. Está tudo pronto e tudo mais! Eu juro que este é o melhor dia!

— Eles as trouxeram seriamente para uma palestra com os veteranos? — Johnny pergunta.

Gibsie assenti ansiosamente.

— De nada.

— Jesus — Johnny geme. — A escola vai para a merda.

— Que sugestão? — Eu me ouço perguntar.

Johnny olha nervosamente para mim.

— Ah, é realmente melhor você não saber.

— Três delas, cara — acrescenta Gibsie, claramente encantado consigo mesmo. — Três, Johnny! Malditas três!

— Três o quê? — Eu pergunto, curiosa.

— Enfermeiras — Johnny murmura, esfregando o queixo.

Minhas sobrancelhas franzem.

— Enfermeiras?

Johnny abre a boca para responder, mas Gibsie entra primeiro.

— Não apenas qualquer enfermeira. Enfermeiras do sexo. — Piscando, ele acrescenta: — E elas não se parecem em *nada* com as que estavam tocando suas bolas esta manhã.

Meus olhos se arregalam.

— Huh?

— Cristo, não é o que parece. — A expressão perplexa de Johnny espelha a minha. — E elas não são enfermeiras do sexo, seu idiota — acrescenta, confuso.

Passando a mão pelo cabelo, ele estreita os olhos e diz:

— São enfermeiras normais que por acaso trabalham na clínica de saúde sexual.

— Eu *sei* — Gibsie responde alegremente. — Melhor, mais uma vez.

Johnny arqueia uma sobrancelha.

— Você sabe para que serve a clínica de saúde sexual?

— Eu sei que elas estão distribuindo preservativos, pirulitos e garrafas de lubrificante grátis — Gibsie diz alegremente . — Isso é tudo que eu preciso saber.

Dando um tapa no ombro de Johnny, ele corre de volta para a escada, gritando:

— Vamos, eu esvaziei minha mochila. Vamos economizar uma fortuna hoje.

Olho para Johnny, que está olhando para Gibsie com uma expressão levemente horrorizada em seu rosto.

— Como você acha que é na cabeça dele?

— Um lugar feliz? — Eu ofereço com um encolher de ombros fraco.

— Hum. — Franzindo a testa, Johnny se vira para mim. — Ouça, você quer apenas faltar o resto do...

— Vamos, Johnny! — Gibsie ruge a plenos pulmões. — Você está perdendo a apresentação, caramba!

— Jesus. — Fazendo uma careta, Johnny se inclina e dá um beijo na minha bochecha. — É melhor eu ir e... *controlar ele.*

— É claro. — Eu balanço a cabeça, as bochechas corando enquanto eu o observo ir atrás de seu amigo. — Tchau, Johnny.

— Tchau, Shannon — ele grita por cima do ombro enquanto luta com a escada. — Vejo você no almoço, ok?

— Sim — eu solto um suspiro — Te vejo então.

— A propósito, eu não vou — ele grita, parando no meio do degrau da escada para se virar. — Então não se preocupe.

— Você não vai o quê?

— Encher minha mochila.

Abro a boca para dizer alguma coisa, mas acabo deixando meu queixo cair.

Rindo baixinho para si mesmo, Johnny desaparece escada abaixo, deixando-me ali, de boca aberta.

Eu devo ter ficado ali, imóvel como uma estátua, olhando para ele por uns sólidos cinco minutos, porque quando eu finalmente me levanto, meu corpo está rígido, minhas pernas como geleia.

Relutantemente, eu viro nos calcanhares, agarro as alças da minha mochila e me forço a caminhar para a aula.

28
Embrulhe isso
Johnny

— Legal de suas partes se juntar a nós, rapazes — o treinador Mulcahy late quando Gibsie e eu tropeçamos na sala de aula lotada cheia de alunos do quinto e sexto ano. — Vocês estão apenas quinze minutos atrasados.

Inclinando-se contra a mesa na frente da sala, ele cruza os braços e nos dá um aceno sem importância.

— Encontrem um lugar para sentar e sejam rápidos. As nossas visitantes querem começar a apresentação.

— Ei — Gibsie ronrona, piscando para as três mulheres seriamente atraentes ao lado do treinador. — Eu só quero que vocês adoráveis senhoras saibam que eu tenho dezessete anos, sou solteiro e estou cem por cento disposto a ser uma cobaia para qualquer demonstração prática...

— Afaste-se das garotas, Gibsie — o treinador retruca, ignorando as risadas altas ao nosso redor. — Vá para o fundo da sala de aula, e *não* com Kavanagh, Biggs ou Feely. Vá sentar com outra pessoa.

Balançando a cabeça, vejo uma mesa vazia cinco fileiras atrás à esquerda e me movo para ela, ignorando os olhares curiosos enquanto eu ando. Malditos idiotas. *Você juraria que eles nunca viram uma muleta em suas vidas.*

— Eu falo com todo mundo, senhor — Gibsie retruca com uma risada. — E a fileira de trás está cheia.

Balançando as sobrancelhas, ele acrescenta:

— Parece que vou ter que sentar na frente com você.

— O diabos você vai. — Olhando para a última fila de mesas, o treinador apontou um dedo — Bella, vá para a quinta fileira com Kavanagh. Gibsie, sente-se no lugar dela.

Não...

Porquê Deus porquê?

— Tudo bem — Gibsie murmura. — Mas eu vou levar isso — ele acrescenta, pegando uma caixa de lenços de papel da mesa enquanto caminha para o fundo

da sala de aula e começa a limpar a cadeira antes de sentar. — Nem todo o cuidado do mundo é seguro nos dias de hoje.

— Você está bem aí, Kavanagh? — O treinador Mulcahy pergunta enquanto eu tento manobrar meu caminho pelas estreitas fileiras de mesas, ignorando a garota carrancuda sentada na porra da minha mesa. — Você precisa de uma almofada para sentar?

— Não, senhor — eu digo enquanto cautelosamente me abaixo no meu assento, tomando cuidado para não roçar *nela*. — Minha bunda está bem.

— Tem certeza? — O treinador pergunta, me observando com cautela. — Você precisa de uma mãozinha?

Risos altos vem de Hughie e Feely que estão sentados no fundo da classe. A dois assentos deles, Gibsie está dobrado sobre sua mesa rindo.

Girando ao redor, eu não tão discretamente lhe dou o dedo do meio.

Gibsie retribui o gesto enfiando a mão debaixo da mesa e fingindo se masturbar – derrubando uma pilha de livros da mesa com sua performance entusiasmada.

Encantador.

Apenas encantador para caralho.

— Ou uma boca? — uma voz familiar zomba em meu ouvido.

Enojado, eu me viro para encarar Bella.

— O que você disse para mim?

Ela revira os olhos.

— Foi uma piada, Johnny.

— Você acha que porque você é uma garota, não há problema em dizer merdas assim para mim? — eu assobio.

— Relaxe — ela cospe, tamborilando suas longas unhas na mesa. — Eu estava apenas con...

— Conversando — eu brinco. — Sim, eu entendi. — *Malditos duplos sentidos.* — Bem, aqui estou eu conversando: não fale comigo, porra.

— Você é um idiota — Bella rosna, propositalmente me cutucando com o cotovelo. Eu presumo que ela queria me machucar, mas é apenas irritante. — Então, o que está acontecendo com você e a garota Lynch?

Apertando minha mandíbula, eu me inclino para trás em minha cadeira e cruzo meus braços sobre meu peito, obedientemente a ignorando.

Não dê palco para maluco.

Não dê palco para maluco.

— Me responda — ela sussurra.

Dai-me força...

— Você talvez possa me responder porque eu vou continuar...

— Ela é minha namorada — eu cuspo, perdendo a calma. — Agora pare de falar comigo, caralho.

A expressão de Bella cai.

— Sua namorada?

Eu balanço a cabeça rigidamente e volto minha atenção para a enfermeira listando os tipos de doenças sexualmente transmissíveis expostas do projetor no alto da sala.

— Você perdeu a cabeça — Bella rosna. — O que você vai fazer com uma namorada? Você vai embora em alguns meses.

Você não briga com garotas.

Você não briga com garotas.

— Ah, agora eu entendi — ela medita. — Você sente pena dela.

Isso chama minha atenção e eu viro minha cabeça para encará-la.

— Como?

— Shannon — Bella responde com um sorriso. — Ela está toda fodida, com um lar desfeito e um pai ruim, e você é um banana por uma história triste — acrescenta — Basta olhar para Gib...

— Nem pense nisso — eu aviso, as mãos se fechando em punhos.

— Você se sente mal por isso, então você está mantendo essa farsa — continua ela. — Eu sabia que tinha que haver algo mais nisso. Não fazia *sentido* você olhar de soslaio para pessoas como ela...

— Alguém troque de lugar comigo! — Eu rugi, fazendo com que a enfermeira que estava se dirigindo à classe pulasse e todos os outros se virassem e olhassem para mim. — Eu sou uma obra de arte?

Eu rebato, levantando-me rigidamente.

— Parem de olhar para mim e comecem a se moverem. Agora!

— Kavanagh! — O treinador diz, parecendo confuso. — O que há de errado?

— Ou afaste-a de mim, ou encontre outro assento para mim — eu sibilo com os dentes cerrados. — Porque eu vou perder minha cabeça.

O treinador obviamente me leva a sério porque ele não hesita quando diz:

— Bella, mude de lugar com Gibsie.

— Woo-hoo — Gibsie pia do fundo da sala.

— Por que eu tenho que me mudar? — Bella rosna. — Ele é o único incomodado.

— Porque eu mandei — o treinador retruca concisamente. — Agora mexa-se!

— Tratamento preferencial porque ele é seu menino de ouro — Bella zomba enquanto empurra a cadeira para trás e se levanta. — Aproveite seu relacionamento por pena — ela sussurra no meu ouvido enquanto empurra sua cadeira na minha perna. — Aleijado.

— Se mova — o treinador avisa. — Agora, Bella.

Mordendo de volta um rosnado quando uma onda de dor dispara pela minha perna, eu permaneço estoicamente em silêncio enquanto ela anda ao meu redor, não confiando em mim para não explodir nela.

— Você ouviu o homem — Gibsie zomba, inclinando-se contra a mesa. — Vá em frente, Boceta Demoníaca.

— Vai se foder, Gibsie — ela rosna enquanto caminha para o fundo da classe.

— Você está bem, cara? — Batendo a mão no meu ombro, Gibsie desliza ao meu redor e afunda no banco interno. — Ela machucou você?

— Nah, eu estou bem. — Afundando de volta, eu estico minhas pernas e respiro facilmente pela primeira vez desde que entrei na sala de aula. — Ela é apenas uma merda.

— Isso ela é — ele medita. — Agora escute, eu tenho um plano...

Apoiando os cotovelos na mesa, ele junta as mãos e olha atentamente para a frente da sala de aula.

— Quando eles vierem com os brindes, eu vou segurar a mochila aberta e você apenas despeja a bandeja inteira, ok?

— Você é um idiota. — Eu rio.

— Estou falando sério — ele retruca, mantendo os olhos fixos no grande recipiente de preservativos sobre a mesa.

Eu estudo seu rosto.

— Jesus, você *está* falando sério.

— Eles são meus — ele responde, sorrindo diabolicamente. — E eu estou levando todos eles.

— Você não tem maldito tato — eu rosno, olhando meu melhor amigo do outro lado da mesa do almoço. A conversa sobre saúde sexual que Gibsie

involuntariamente orquestrou rolou nas três aulas – e o pequeno intervalo – devido ao fato de que algum grande e idiota loiro não parava de fazer perguntas. Eu tinha aula de francês e história logo depois e juro que meus níveis de açúcar no sangue caíram por causa da falta de comida. — Você diz que eu sou o indelicado, mas você?

Abaixando meu olhar para o recipiente de plástico na minha frente, pego o peito de frango com meu garfo e o rasgo.

— Você está além, cara.

Suas sobrancelhas se erguem.

— *Eu*?

— Sim, você — eu atiro de volta, acenando para sua mochila cheia de *suprimentos* que ele esvaziou na mesa no minuto em que nos sentamos para almoçar. Engulo cada pedaço de carne e vegetais da minha marmita antes de continuar — O que você está planejando fazer com tudo isso? Fazer balões de água? Porque você não vai usar todos eles. É fisiologicamente *impossível.*

— *Fisiologicamente*? — ele zomba. — Você precisa tirar a cabeça desses livros, cara — ou pelo menos foi o que pensei que ele disse. Foi meio difícil entender o que ele está dizendo com meia dúzia de pirulitos pendurados em sua boca.

— Quantas você está pensando em usar de uma vez? — Eu retruco de volta, desenroscando a tampa da minha garrafa de água. — Meia dúzia? Porque não há outra razão para encher a porra da sua mochila até a boca, Gibs.

Balançando a cabeça, pressiono minha garrafa em meus lábios e esvazio o conteúdo em quatro goles longos.

— Eles vencem em um ano e depois?

— Diga o que quiser, mas estou sendo prático — ele responde, chupando ruidosamente seus pirulitos enquanto examina seus brindes com orgulho. — E sensato.

Vasculhando o que devia ser um mínimo de oitenta embalagens de preservativos de cores diferentes, ele compila uma pilha organizada à esquerda de seu sanduíche.

— Um de nós tem que ser.

— *Um de nós tem que ser*? — Eu estreito meus olhos. — Você está falando sério? Você honestamente acha que é a pessoa sensata nesse relacionamento?

— Bem, onde estão *seus* preservativos, Johnny?

Eu estreito meus olhos.

— Eu não estou fazendo sexo, então eu não preciso de nenhum.

— Claro. — Ele, por sua vez, revira os olhos para o céu. — Famosas últimas palavras, rapaz.

— Você parece um babaca — eu digo. — Guarde isso, ok?

— Por que?

— Porque todos podem ver.

— E eu me importo porque? — ele atira de volta, imperturbável. — Fodam-se todos eles.

Sorrindo, ele balança as sobrancelhas.

— Você só está com medo de que sua *namorada* veja. — Rindo, ele balança a cabeça e continua a fazer pequenas pilhas. — Cara, eu não posso acreditar que você se amarrou.

Ele suspira dramaticamente.

— Eu acho que depende de mim e Feely agora – já que você e Hugh fizeram merda.

Querido Jesus, por favor, me dê forças para lidar com sua loucura hoje...

Recostando-me na cadeira, agarro minha garrafa de água e pratico a arte de não estrangular meu melhor amigo até a morte.

— Você precisa guardar isso — eu digo quando me sinto calmo o suficiente para falar novamente. Olho ao redor do refeitório, procurando por Shannon e encontrando nada. — Estou falando sério, Gibs.

— É tudo estrangeiro — ele medita, inspecionando o rótulo. — Não consigo ler as instruções.

— O que há para explicar? — Eu atiro de volta. — Bota no seu pau quando estiver pronto e dê um nó quando terminar. Eu diria que todo o processo é bastante auto-explicativo, cara.

— Bem, esta pilha é para você — ele oferece. — Desde que você foi muito maricas para pegar seus próprios.

— Eu já te disse que *não* preciso de preservativos — eu digo, irritado. *Eu não preciso da tentação.* — E se eu precisar, eu vou pegá-los, porque, acredite ou não, Gibs, eu sou mais do que capaz de cuidar de mim mesmo. Eu tenho me mantido longe de problemas por anos agora.

— Verdade. — Ele dá de ombros, imperturbável. — Mas isso foi antes de você ir e se enfiar em problemas.

Sim, é seguro dizer que dei uma de demolidor esta manhã, mas não me arrependo. Pela primeira vez em meses, sinto que tem alguma clareza sobre meus sentimentos. Como se algo na minha vida estivesse se encaixando.

Eu a pressionei demais e muito rápido? Provavelmente. Eu deveria ter ido mais devagar? Mais do que provável.

De qualquer forma, eu não ia voltar atrás.

— Não é assim com ela — eu rebato, me arrastando dos meus pensamentos. — Então, apenas os guarde antes que ela entre aqui e você a assuste.

— Não, não é assim com Shannon — ele concorda. — É muito *pior* e muito mais perigoso porque você foi e agora tem alguns sentimentos grandes e gordos, não é, garoto apaixonado? E eu estou dizendo a você agora que essa fala não significará nada quando você se encontrar apanhado pelo o momento, nu, e se afogando em uma boceta virgem e apertada. Basta perguntar a cada pobre coitado da nossa idade com um bebê no quadril ou em uma ida à compras em Dunnes Stores por causa de *desejos*.

Empurrando uma pilha de preservativos em minha direção como se estivesse jogando fichas de pôquer, ele acrescenta:

— Eu só estou cuidando de você. Então aqui está – grandes para você.

— Eu não posso lidar com você hoje, Gibs. — Eu rosno, jogando minhas mãos para cima em puro desespero. — Eu honestamente não posso.

— Pegue eles.

— Não.

— Pegue eles.

— Não.

— Sim.

— Eles ajustaram sua medicação?

— Não ultimamente, agora pegue eles.

— Jesus, Gibs...

— Pegue os preservativos ou eu vou fazer uma cena.

— Tudo bem! — Agarrando dois punhados de pacotes de papel alumínio, eu os empurro em meus bolsos e olho para ele. — Feliz agora?

Ele sorri amplamente.

— Você será... quando você não for pego pelo *momento.*

— Tudo bem, obrigado, Gibs, por manter meu pau protegido. Agora, você vai guardar isso? — Eu praticamente imploro.

Assentindo, ele começa a varrer tudo de volta em sua bolsa e eu caio de alívio. Porque a última coisa que eu preciso é Shannon entrando enquanto trocamos preservativos como cartas de Pokémon.

— Então — ele medita, o tom um pouco mais sério agora. — Como você está se sentindo?

Eu flexiono minha mandíbula.

— Bem.

— Você está com dor, não está? — Seus olhos pousam nos meus, cheios de preocupação. — Cara, se você precisa ir para casa, tudo bem.

— Eu só estou rígido, Gibs — eu murmuro. — Tudo está travando em mim.

Agarrando um punhado de preservativos, ele diz:

— Devemos dar um mergulho depois da escola.

— Sim. — Eu balanço a cabeça. — Eu sei.

— Mas você não vai? — Sorrindo, ele deixa cair as embalagens de volta para baixo e se inclina para frente. — Porque você tem outros planos?

Ele balança as sobrancelhas. — Planos *com a Shannon?*

— Eu não sei, cara. — Expirando pesadamente, eu me inclino para frente e deixo meus cotovelos caírem sobre a mesa. — Está tudo fodido.

— Já? — Suas sobrancelhas se erguem. — Cristo, Johnny, você fez um trabalho rápido com isso, rapaz.

— Não Shannon — eu murmuro, sentindo meu corpo esquentar de raiva. — Mas a família dela me *odeia.*

Deixando cair minha cabeça em minhas mãos, eu mordo de volta um rosnado.

— É tão confuso, Gibs.

— Confuso?

— Bagunçado — eu confirmo severamente, olhando para ele. — Você viu a maneira como o irmão dela reagiu a mim na semana passada? Bem, eu estou lhe dizendo que não foi *nada* comparado a como sua mãe foi comigo.

— Joey, o arremessador, não tem problema com você — ele oferece. — Bem, não mais do que o resto do mundo.

— Um entre sete, cara — eu murmurei. — Eu sou um super vencedor, né?

— Eu não entendo — ele medita, segurando sua mandíbula. — Eu honestamente não entendo.

— Sim, bem, nem você nem eu, cara.

— Talvez eles achem você ameaçador?

— Se eu fosse uma ameaça, eles ficariam com medo — eu retruco. — Eles não estão com medo, rapaz. Eles só querem sangue – *meu* sangue.

Meus ombros caem em derrota.

— Eu não posso ter uma maldita pausa.

— Vai se ajeitar eventualmente — ele me diz. — A vida tem suas próprias balanças embutidas.

Ele encolhe os ombros.

— Não pode ser de tudo ruim o tempo todo, da mesma forma que não pode ser de tudo bom. Algo tem que ceder.

— É? — Eu faço uma careta. — Espero que você esteja certo, cara.

— Você é ridículo — Hughie diz então, quando ele e Feely se juntam a nós à mesa, encerrando abruptamente nossa conversa. Colocando um sanduíche coberto de papel alumínio na mesa, Hughie afunda em sua cadeira habitual à minha direita e empurra sua cadeira para frente, sem tirar os olhos de Gibsie. — Guarde essa merda antes que Katie venha.

Gibsie olha para Hughie e depois para mim antes de suspirar dramaticamente.

— Eu não sei onde eu errei com vocês dois. — Embalando o último de seus suprimentos, Gibsie joga sua mochila no chão e bufa alto. — Eu realmente não sei.

— Deixe para lá, Hugh — Feely, que se posiciona ao lado de Gibsie, diz com um suspiro. — Foi uma piada.

— Sobre minha *irmã* — Hughie fala, carrancudo.

Morbidamente curioso, eu me viro para olhar para o rosto de Hughie e, oh merda, ele ainda está fervendo esta manhã.

— Você ainda está chateado comigo? — Gibsie acusa, parecendo divertido. — Isso foi horas atrás, cara.

— Porra, eu ainda estou chateado com você — Hughie fervilha.

— Ei, Johnny — Katie Horgan, a namorada pequena e ruiva de Hughie diz enquanto deslizava pelas costas da minha cadeira.

— Tudo bem, Katie — eu respondo, lhe oferecendo um aceno de cabeça.

— Espero que você esteja se sentindo melhor — ela acrescenta, dando um pequeno aperto no meu ombro antes de ir direto para seu namorado.

— Você está exagerando — Gibsie diz, sorrindo para Hughie. — Primeiro sobre sua irmã e agora os preservativos.

Suspirando, ele acrescenta:

— Eu acreditaria que você nunca viu um par de peitos do jeito que está se comportando.

— Se você quer ver um par de peitos, Gibs...

Parando no meio do discurso, Hughie murmura para sua namorada um:

— Ei, bebê — Arrastando Katie para seu colo, ele dá um beijo rápido em sua bochecha antes de voltar seu olhar para Gibsie — Você só precisa se olhar no espelho.

— O que há de errado? — Katie pergunta, enrolando um braço em volta do pescoço de Hughie. — Bebê?

— Ele. — Envolvendo um braço em volta da cintura dela, Hughie puxa-a para mais perto de seu peito e aponta por cima da mesa para Gibsie. — Aquele filho da puta.

— Cara. — Gibsie joga a cabeça para trás e riu, para desgosto de Hughie. — Eu sou cinco centímetros mais alto que você.

Empurrando a cadeira para trás, ele puxa o suéter e a camisa por cima, revelando seu peito nu, e sorri.

— E esses são os peitos que você está falando? — ele zomba, flexionando seu peitoral. — Ótimo par, não são?

— Você é um idiota — eu murmuro cansado.

— Um idiota com grandes peitos, aparentemente — ele atira de volta com uma piscadela.

— Eu não posso acreditar que você colocou piercing nos mamilos — Katie ri, cobrindo a boca com a mão. — E se eles forem puxados em uma partida?

— Não olhe para os mamilos *dele*, bebê — Hughie bufa. — Olhe para a porra dos meus mamilos.

Decidindo me ejetar da tempestade que se forma ao meu redor, eu me inclino para trás na minha cadeira, fora da conversa deles, e espero por Shannon.

Verificando meu relógio pela quinquagésima vez nos últimos quinze minutos, sinto uma pontada de agitação me invadir.

Onde ela está?

Tínhamos apenas uma hora para um grande almoço e eu queria passar esses sessenta minutos com ela, porque, convenhamos, era a única vez que eu ia ficar com ela.

Olhando ao redor novamente, vejo duas cabeças loiras no reflexo da janela de vidro do chão ao teto. Girando no meu assento, meus olhos pousam em Claire e Lizzie logo além do arco do corredor. Elas estão claramente discutindo uma com a outra e de pé entre elas, vários centímetros mais perto do chão, está Shannon.

Meu coração bate contra o osso do meu peito e eu levo um momento para apenas absorver a visão dela. Ela está puxando as mangas delas, afastando-as do

arco, parecendo toda afobada e com os olhos arregalados. Assim que ela sai de vista, meu cérebro entra em ação e meus pés começam a se mover.

29
A mesa do time de rúgbi
Shannon

— Shannon? — A voz de Lizzie Young enche meus ouvidos enquanto eu me sento no vaso sanitário de tampa fechada, dentro de uma das cabines dos vestiários femininos no salão de educação física com meu sanduíche intocado no colo. — Você está aqui?

Eu tinha matado a aula de matemática esta manhã. Na verdade, eu havia faltado a todas as seis aulas antes do grande almoço. Eu fui até a porta da sala de aula esta manhã, eu até coloquei minha mão na maçaneta da porta, mas eu simplesmente não consegui entrar e encarar todo mundo.

Eu simplesmente *não* consegui.

No começo, eu tinha pensado em deixar a escola completamente e ir para casa, mas quando cheguei aos portões da entrada principal, tive um ataque de pânico impiedoso, com o rosto do meu pai no centro da minha angústia. Girando nos calcanhares, saí correndo da chuva, para o salão de educação física e não saí desde então.

— Ei — uma voz diz de algum lugar acima de mim então, me fazendo quase pular para fora da minha própria pele.

— Oh meu Deus! — Olhando para cima, meus olhos pousam em Lizzie, que está inclinada sobre a divisória do cubículo com uma expressão levemente divertida no rosto. — Lizzie, você quase me deu um ataque cardíaco.

Ela arqueia uma sobrancelha finamente desenhada.

— Aconchegante aí embaixo?

— Shan! — O rosto de Claire aparece do outro lado da divisória do cubículo. — O que você está fazendo aqui?

— Escondida — eu admito, com o rosto vermelho.

— De que?

— Escola — eu ofereço com um suspiro cansado, enquanto me levanto e destranco a porta. — Das pessoas daqui.

Saindo do cubículo, caminho até as pias, encosto-me em uma das bacias frias de porcelana e suspiro.

— Da vida.

— Bem, isso é uma merda — Lizzie atira de volta. Descendo do vaso sanitário em que está se equilibrando, ela enxuga as mãos na saia da escola e caminha em minha direção. Seu cabelo loiro escuro está puxado para trás em um coque severo, e seus lábios estão pintados de uma cor vermelho escarlate, fazendo-a parecer ainda mais bonita do que o normal. — Estávamos mortas de preocupação com você — ela acrescenta, antes de me puxar para um abraço. — Sua pequena idiota.

— É verdade — Claire oferece, descendo do vaso sanitário em que estava. — Não a parte do idiota — acrescenta ela, vindo se juntar a nós em um abraço em grupo. — Isso foi cruel e desnecessário, Lizzie... nós conversamos sobre isso. Mas a parte de mortas de preocupação. — Ela assente. — Nós definitivamente estávamos no meio do caminho para morte.

— Desculpe, pessoal — eu sussurro, sentindo-me inundada pelas minhas amigas. Ambas as garotas eram altas, ambas loiras, e ambas estavam olhando para mim como se eu tivesse as respostas para todas as suas perguntas, e talvez eu tivesse, mas isso não significa que eu posso dizer a elas. — Eu só... eu precisava...

— De um minuto? — Lizzie oferece com um sorriso conhecedor. — Sim, eu acho que você merece alguns desses.

— Estou com problemas por faltar às minhas aulas?

— Não. — Claire balançou a cabeça com firmeza. — O Sr. Twomey só está preocupado com você. Ele nos mandou procurá-la, na verdade. Nós estivemos literalmente sem aula o dia todo, perambulando pela escola por você.

— E é uma escola grande — Lizzie oferece secamente. — E você é uma pessoa pequena.

— Eu estava aqui — eu confesso, me sentindo terrível agora.

— É, no salão de educação física?— Lizzie riu baixinho. — Foi honestamente o último lugar que qualquer uma de nós esperava que você fosse.

— Ele nos chamou para o escritório logo de cara também — acrescenta Claire. — Todos eles querem ajudar, Shan.

— Eu não quero falar com ele ou qualquer um dos professores — eu solto. — Eu disse a Darren para dizer a eles que eu não queria conversar.

Eu balanço minha cabeça, me sentindo um pouco fraca com o pensamento.

— Eu não quero falar com ninguém.

— Eu sei — Claire acalma. — E você não precisa.

— É por isso que ele nos chamou — Lizzie oferece calmamente.

— Sim. — Claire assente. — Ele queria ter certeza de que estávamos cuidando de você.

— Como se ele tivesse que perguntar — Lizzie zomba.

— Vamos — Claire diz enquanto pega minha mochila dos azulejos escorregadios e a joga no ombro. — Nós vamos almoçar.

— E então vamos para a aula — acrescenta Lizzie enquanto me empurra para fora do banheiro. — Juntas.

— Estou com medo — eu solto, sentindo aquela pontada familiar de pânico subindo pela minha garganta enquanto caminhávamos para fora do corredor e descíamos os degraus íngremes.

— Nós sabemos — Claire responde, envolvendo um braço em volta de mim enquanto seguíamos pelo pátio. — Mas vai ficar tudo bem.

— Sim, vai — Lizzie concorda, colocando uma mecha solta de seu cabelo loiro atrás da orelha. — Porque você não está sozinha nisso.

— Desculpe, pessoal — eu murmuro, me sentindo terrível. — Eu sou um pé no saco.

— Sim, mas você é *nosso* pé no saco — Lizzie responde. — E acontece que gostamos um pouco de você.

— Obrigada — eu rio. — Eu acho?

— A propósito — Lizzie para no meio do passo para olhar para mim. — Você quer falar sobre o que aconteceu?

— Não — eu resmungo.

— Você tem certeza?

— Eu apenas... apenas seja normal comigo, Liz — eu imploro baixinho. — Isso é tudo que preciso.

— Justo. — Lizzie assente e continua em direção ao prédio principal. — Apenas saiba que estamos aqui.

— Falando em normal — Claire fala, felizmente mudando de assunto. — Você vai ser normal aqui? — ela pergunta a Lizzie.

Abrindo a porta de vidro, ela gesticula para nós entrarmos.

— Sem discussões, ok? — Entramos e Claire corre atrás de nós. — Sem reclamar com Gerard ou qualquer um dos meninos.

Lizzie dá de ombros evasivamente, caminhando na direção do refeitório.

— Se Thor e sua gangue de maníacos se afastarem da nossa mesa, não teremos problemas.

— Ei – meu irmão está nessa gangue de maníacos — Claire bufa.

— Você sabe o que eles dizem, Claire – se você se misturar com porcos, farelos comem.

— Então você deve estar cheio deles — Claire atira de volta. — Já que tudo o que você parece estar fazendo ultimamente é deitar *sob* Pierce Ó Neill.

As bochechas de Lizzie ficam rosadas e Claire arqueia uma sobrancelha perfeitamente formada.

— Nada a dizer? Uh-huh. Foi o que eu pensei.

— Pessoal, não briguem — eu bufo enquanto me apresso para acompanhar seus longos passos, apenas para congelar no ponto mortal quando chegamos ao arco. Meu coração dispara no meu peito quando meus olhos pousam em Johnny.

Ele está sentado em seu lugar habitual no final da mesa, de costas para mim. Ele está com os pés apoiados em uma cadeira e os braços cruzados atrás da cabeça. Seu cabelo está todo despenteado, parecendo que ele passou a manhã arrastando as mãos por ele.

Várias das garotas sentadas nas mesas próximas estão olhando para ele com a mesma expressão faminta que eu já o vi provocar nas garotas nos corredores.

A mesma expressão faminta que ele provocou em mim...

Ele não está prestando um pingo de atenção nas garotas, ou em qualquer outra pessoa. Ele está olhando para frente, a atenção colada na mesa em que eu costumava sentar com as meninas.

— Uh — eu limpo minha garganta, me sentindo nervosa. — Eu tenho algo para dizer.

Agarrando suas mangas, puxo as meninas para longe do arco, sentindo meu coração acelerar a um milhão de milhas por hora enquanto meu olhar o absorve.

— É sobre Johnny — acrescento, tirando meu olhar dele. — E eu.

— Oh Deus. — Lizzie estreita os olhos. — O que você fez com o Capitão Fantástico?

— Sim? — Os olhos de Claire se arregalam de excitação. — O que você fez?

— Eu... — Eu posso sentir minhas bochechas ficando vermelhas. — Bem, veja, ele é meu... e eu sou sua...

Confusa, eu paro e pressiono a mão na minha testa.

— Ele me pediu para ser sua namorada e eu disse que sim.

— Não brinca! — Claire grita, batendo palmas e pulando animadamente. — Oh meu Deus! Oh meu Deus!

Dou-lhe um sorriso fraco.

— Sim.

— Você é a namorada dele? — Lizzie franze a testa em confusão. — Mas ele não faz isso de namorar.

— Bem, ele faz agora — Claire fala, ainda pulando como um gatinho brincalhão. — Eu juro, este é o melhor dia!

— Sabe, eu nem sei por que estou surpresa — Lizzie resmungou. — Isso está se formando há meses.

— Realmente está — Claire responde, ainda sorrindo enquanto concorda com a cabeça. — Meses e meses.

— Literalmente aconteceu hoje — eu digo a elas.

— Sim, claro, porque Johnny Kavanagh enlouquece para cada menina nesta escola — Lizzie retruca sarcasticamente. — Eu sabia naquele dia antes das férias de Páscoa, quando você saiu correndo da escola e ele ficou todo maluco no pátio, que algo estava acontecendo entre vocês. Inferno, mesmo antes disso, ele estava sempre olhando para você como um esquisito.

— Eles estavam se *beijando* — Claire intervém. — No quarto dele.

— Claire! — eu sibilo.

— E em Dublin.

Eu estreito meus olhos.

— Obrigada por isso.

— Bem, vocês se beijaram — ela ri. — Porque ele te ama.

— Pare com isso. — Eu coro vermelho brilhante.

— Você tem certeza que é isso que você quer? — Lizzie pergunta então, me observando atentamente. — Você realmente quer isso, Shan?

— Tenho certeza de que o quero — admito com um suspiro melancólico. — Sério.

— Ah, Deus. Eu só... eu não posso. Estou tão feliz agora. — Pulando como um coelho em alta velocidade, Claire me pega em um abraço tão apertado que meus pulmões queimam em protesto.

— Oh Deus — Lizzie geme. — Suponho que você poderia fazer pior do que Johnny.

Ela lança um olhar de soslaio para Claire.

— Pelo menos ele é melhor que o outro.

— Claire... — Balbuciando, eu empurro seus ombros, vacilando quando uma pontada aguda de dor ricocheteia em minhas costelas. — Me solta...

— OPA, desculpe! — Me soltando imediatamente, ela dá um passo para trás e sorri timidamente. — As sensações me deixam um pouco empolgada demais.

— As sensações? — Lizzie arqueia uma sobrancelha. — Garota, você é sol demais para uma pessoa.

— E você é uma nuvem cinzenta demais — Claire brinca. Virando-se para mim, ela murmura: — E a Shan aqui é o nosso lindo e pequeno raio de esperança.

Balançando a cabeça, Lizzie, volta sua atenção para mim.

— Ok, Shan, eu só vou dizer isso uma vez, e então você pode fazer o que quiser.

Claire revira os olhos.

— Aqui vamos nós.

— Não *se* apresse — Lizzie diz, em tom sério. — Não há pressa, ok? Se você quer estar com ele, então isso é ótimo. Se ele te faz feliz, então foda-se, eu sou a favor, mas não sinta que você tem que fazer nada do que você está fazendo. Ele é mais velho que você e tem muito mais experiência com o mundo, então vá no *seu* próprio ritmo, não no de Johnny, e se ele pressionar você, mesmo que um pouco, então você chuta a estúpida bunda dele de rúgbi para o meio-fio porque...

— Porque? — uma voz familiar pergunta atrás de mim.

Assustada e animada, eu me viro e fico cara a cara com Johnny.

Ele está, mais uma vez, sem muletas, mas desta vez sem o suéter da escola. Sua gravata vermelha está quase pendurada, amarrada frouxamente em um nó desanimado contra sua camisa branca da escola – uma camisa que ele encheu a ponto de esticar o material.

Um fio de medo sobe pela minha espinha enquanto eu observo seus braços musculosos – seu *tudo musculoso.*

Deus, o menino realmente preenche *tudo.*

— Tudo bem meninas — Johnny reconhece rispidamente, e então ele vira seu olhar aquecido para mim. — Oi, Shannon.

— Oi, Johnny — eu suspiro, o coração batendo descontroladamente. Aturdida, fecho minhas mãos em punhos ao meu lado, não confiante o suficiente para tocá-lo primeiro.

Não se retraia, Shannon.

Seja corajosa.

Faça alguma coisa!

Sorrindo brilhantemente, pergunto:

— Como você está?

Uau, melhor do que nada.

Um pequeno sorriso aparece em seus lábios.

— Estou bem.

— Eu estou bem, obrigada. — Eu solto e imediatamente me encolho quando percebo que ele não tinha perguntado. — Quero dizer...

— Venha aqui — ele ri, pegando minha mão e me puxando para seu peito. — Eu senti sua falta — ele sussurra, antes de abaixar o rosto para o meu.

Senti suas mãos em volta da minha cintura e, em seguida, seus lábios estão nos meus. Segurando em seus braços, eu me inclino na ponta dos pés e o beijo de volta, sentindo-me em uma séria desvantagem de altura e lutando para alcançá-lo.

Sorrindo contra meus lábios, Johnny se abaixa para colocar um braço em volta das minhas costas e então eu estou... oh Deus, eu estou sendo levantada do chão quando ele se ergue de volta à sua altura total.

Serpenteando meus braços ao redor de seu pescoço, eu me derreto no beijo, sentindo cada grama de tensão se esvaindo enquanto meu corpo fica relaxado e flexível contra o dele.

— Eu senti sua falta também — eu suspiro contra seus lábios.

Ele sorri contra meus lábios.

— Bom saber.

Foi um beijo suave e terno que acaba antes de começar, mas parece dolorosamente íntimo e deixa meu corpo inteiro formigando.

— Se você largar seu irmão e voltar para casa comigo, podemos fazer isso sem uma audiência — Johnny me diz, tom misturado com diversão, enquanto me colocava de pé.

— Huh?

Ele inclina a cabeça para Claire e Lizzie, que estão nos observando, boquiabertas.

— Bem — Lizzie diz, recompondo-se primeiro. — Você apenas foi direto ao ponto, não é?

— Aww — Claire exclama, segurando seu peito com as duas mãos. — Eu os amo juntos.

Ela finge desmaiar antes de acrescentar:

— É como um Dogue Alemão e um Chihuahua tentando acasalar, mas de alguma forma eles fazem isso funcionar.

— Jesus — Lizzie resmunga, batendo em seu braço. — Você é tão sem tato, Claire.

— Ele a pegou, Liz — Claire grita, enquanto Lizzie a arrasta para longe. — Você viu aquilo?

— Sim, eu vi, agora vamos, puta. — Mantendo as mãos nos ombros de Claire, Lizzie a empurra na direção do escritório. — Precisamos dizer ao Sr. Twomey que a encontramos.

— Mas, Liz, ele realmente a pegou para *beijá-la*!

— Sim, Claire, eu sei. Eu também tenho olhos. Pare de ser tão esquisita.

Mortificada, eu encaro as meninas até que elas desapareçam no refeitório, e então eu gemo alto antes de enterrar meu rosto no peito de Johnny.

— Eu estou tão envergonhada.

— Encontraram você? — Johnny inclina meu queixo para cima e olha para mim em confusão. — Você *precisava* ser encontrada?

— Eu, uh... meio que faltei às aulas.

Suas sobrancelhas franzem.

— Dia todo?

— Sim, eu... uh, não conseguia encarar isso — admito baixinho, dando um passo para trás para recuperar a compostura.

— Você acha que pode encarar isso agora?

Dou de ombros.

— Eu meio que preciso, não é?

— *Ter* que estar pronta e *estar* pronta são duas coisas muito diferentes — ele diz suavemente. — Você esteve na secretaria? Para falar com Twomey.

— Não. — Eu exalo pesadamente e esfrego minhas têmporas. — Mas eu sei que vou ter que fazer isso eventualmente.

— Ouça, eu sei que você não quer, mas se você acabar logo com isso, será uma coisa a menos para se preocupar.

— Eu simplesmente não sei o que dizer se eles me perguntarem sobre isso — confesso, me sentindo desarmada e exposta. — Eu não estou *acostumada* a falar sobre isso.

— Você quer que eu vá com você? — Johnny me surpreende perguntando. — Podemos ir agora? Acabar com isso e pronto.

Meus olhos se arregalam.

— Você faria isso?

— Claro — ele responde rapidamente.

— Você poderia entrar lá comigo?

— Eu gostaria de vê-lo me parar — ele atira de volta, e então com um sorriso acrescenta: — E se ele perguntar a você qualquer coisa sobre a qual você não queira falar sobre, eu vou tirar uma das pérolas do livro do meu pai e entrar com um "meu cliente se reserva o direito de não responder a essa pergunta".

Sorrindo, eu envolvo minhas mãos em volta da minha cintura e assinto.

— Ok, eu vou fazer isso depois do almoço.

— É? — Seus olhos ardem de ternura. — Bem, merda, eu sou meio persuasivo quando eu quero ser.

Você não tem ideia de quanto.

— Tudo bem? — Eu me ouço perguntar, insegura. — Você pode vir comigo então? Quero dizer, se isso não vai atrapalhar suas aulas...

— Eu estarei lá — ele me corta dizendo. — Nem se preocupe com isso.

— Mas eu só...

— *Pare* de se preocupar. — Pegando minha mão na dele, ele entrelaça nossos dedos e me puxa em direção ao arco. — Eu te dou cobertura.

Oh Deus.

Meu coração.

Inalando uma respiração estabilizadora, eu endureço minha espinha e entro no refeitório com Johnny, segurando sua mão pela preciosa vida, e rezando por um pouco de invisibilidade, mesmo sabendo que era inútil. Se eu quisesse passar despercebida, estaria segurando a mão do garoto errado. Eu não o largaria, porém, nem por todo o dinheiro do mundo.

Fosse o que fosse, eu sei que irei segurar com as duas mãos o máximo que pudesse, porque a perspectiva de lidar com tudo na minha vida e *não* tê-lo esperando era incompreensível agora. Era tudo tão fresco e novo e desconhecido. Normalmente, eu tenho pavor do desconhecido, mas com ele, eu tenho uma curiosidade ardente. Eu estou empolgada – apavorada até o fundo, mas animada.

O silêncio nos cumprimenta no momento em que entramos, e o que parecia ser mil pares de olhos curiosos pousam em nós, fazendo com que meu corpo fique paralisado de pavor.

Enquanto isso, Johnny parece completamente imperturbável. Sério, ou ele não os viu olhando, ou ele não se importou porque sua postura permanece relaxada, seu sorriso ainda firmemente gravado em seu rosto, enquanto ele nos leva até sua mesa.

— Johnny — eu solto, apertando meu aperto em sua mão. — Todo mundo está olhando para nós.

— Deixe-os olhar — ele responde, dando um aperto reconfortante em meus dedos. — Eles vão ficar entediados eventualmente.

Você ficará?

As palavras estão na ponta da minha língua, mas eu as engulo, decidindo lutar contra o demônio social por enquanto.

Eu posso me preocupar em dormir com o demônio inseguro esta noite.

Com o canto do meu olho, noto Bella assistindo de seu poleiro na extremidade superior da mesa de rúgbi, onde ela está sentada no colo de Cormac Ryan. No minuto em que nossos olhos se encontram, ela estreita os dela em um olhar ameaçador e eu imediatamente sinto o peso de sua fúria; era afiada, potente e dirigida inteiramente para mim.

Abaixando meu olhar para meus sapatos, debato em soltar a mão de Johnny, mas me contenho.

Não, eu me castigo mentalmente, *você não tem medo dela.*

Quem você está enganando?, outra voz provoca. *Você está com medo dela.*

— Levante a cabeça — Johnny ordena quando chegamos à mesa, me distraindo dos meus pensamentos frenéticos. Sentindo-me inconstante, tranco meus músculos no lugar, forçando meus pés a ficarem firmes no chão e observo uma fila de rapazes, começando com Hughie Biggs, todos obedientemente sentados na fileira.

— Ouçam — Johnny diz então, chamando a atenção de seus amigos. — Esta é Shannon, minha namorada. Ela vai ficar sentada aqui de agora em diante, então se acostumem a vê-la por aí.

Ele se move para se sentar, mas rapidamente para e se endireita novamente.

— Ah, e fodam ela e eu vou enterrar todos vocês... — Ele lança um olhar significativo ao redor da mesa antes de acrescentar: — Ficou claro?

Oh meu Deus!

— Sim, cara, sem problemas.

— Nós já sabemos, Capitão.

— Já ouvi tudo isso antes, Kav.

— Bom. — Surpreendendo-me, Johnny tomou o lugar que Hughie e sua namorada haviam desocupado e puxa sua cadeira habitual no final da fileira para mim. — Só queria esclarecer isso.

Ele deu um tapinha no assento ao lado dele e eu praticamente caio nele, querendo nada mais do que me esconder debaixo da mesa.

Se Tommen fosse uma selva e os alunos aqui fossem animais, então esta mesa era a cova dos leões. Eu era uma gazela perdida, cercada pelo mais perigoso dos predadores, todos me observando com curiosidade. Felizmente para mim, eu era uma gazela que o rei desta selva em particular, e líder da matilha, tinha dado um brilho. Eu não seria comida. Não hoje, pelo menos.

Eu espero.

O braço de Johnny vem ao meu redor então, me envolvendo em um cobertor de conforto que o senso comum me diz que é inseguro e temporário.

— Apenas relaxe, ok? — ele sussurra, inclinando-se tão perto de mim que seus lábios roçam minha orelha. — Você está segura comigo.

Tremendo com o contato, eu balanço a cabeça e suprimo a vontade de me enterrar dentro desse garoto e nunca mais voltar para respirar. Porque eu estou caindo com muita força, dependendo demais, e ficando muito apegada a ele. Bandeiras vermelhas estavam disparando ao meu redor, e ainda assim, permaneço exatamente onde estou – exatamente onde *quero* estar. Com ele.

Colocando minhas mãos no meu colo debaixo da mesa, eu abaixo meu queixo para baixo e estalo meus dedos. Para meu imenso alívio, quando olho para cima novamente, a única pessoa que ainda olha para mim é Gibsie, que está sentado exatamente à minha frente na mesa gigantesca, e sorrindo como um gato que se deu bem.

— Ei, pequena Shannon.

— Oi, Gibsie — eu falo apertado, me forçando a manter contato visual. — Como você está?

— Suave na nave — Tirando um pirulito da boca, ele o gira sem rumo, enquanto seus olhos travessos dançavam entre mim e Johnny. — Eu posso ver que você está indo bem também.

Coro e Johnny vira a cabeça para ele.

— Controle isso, Gibs — ele instrui em um tom de advertência. — O que você está pensando em dizer? Não diga isso.

— Eu não ia dizer nada — Gibsie ri bem-humorado. — Eu estava tendo uma conversa amigável com sua *namorada.*

— Hum. — Johnny arqueia uma sobrancelha, os olhos fixos em Gibsie. — Mantenha assim.

— Como está seu irmão? — Gibsie pergunta então, voltando sua atenção para mim. — Ele está melhor?

— Uh, sim — eu murmuro, colocando meu cabelo atrás das orelhas. — Bem, ele está em casa e voltou para a escola hoje. — *Espero.* — Então, ele está muito melhor.

Gibsie sorri calorosamente para mim.

— Bom.

Claire e Lizzie chegam à mesa então, me fazendo cair em um alívio visível.

Lizzie passa direto pelos meninos com o nariz empinado, batendo na nuca de Gibsie ao passar, não parando até que ela esteja na metade da mesa e arrastando uma cadeira vazia ao lado de seu namorado ioiô, Pierce.

— Ei... o que foi esse tapa? — Gibsie fala para ela.

— Porque você é um idiota — Lizzie retruca.

— E você é uma víbora — Gibsie murmura baixinho, esfregando a parte de trás de sua cabeça. — Jesus.

Claire cai na cadeira ao lado de Gibsie então, para desgosto de Hughie enquanto ele olha, com o rosto vermelho, para os dois.

— Ei, Claire-ursinha — Gibsie diz, sorrindo novamente. — Como tá indo?

— Ei, Gerard — ela suspira, parecendo triste e nada parecida com o pacote de energia que ela tinha alguns minutos atrás. Arregaçando as mangas, ela coloca os cotovelos sobre a mesa e deixa cair a cabeça entre as mãos. — Eu estou tão triste.

— Por que? — Gibsie enrijece. — O que aconteceu? — Seus olhos se estreitam. — Alguém te fez algo?

— Dee aconteceu — ela resmunga. — *De novo*.

A boca de Gibsie se abre e Johnny murmura algo ininteligível baixinho antes de se aproximar de mim.

— Dee? — Eu franzo minhas sobrancelhas juntas. — A secretária da escola?

— Essa mesma — Claire responde e então solta uma respiração dolorosa. — Eu juro que essa mulher me odeia sem motivo, Shan.

Gibsie engasga com seu pirulito e vários dos rapazes sentados ao redor da mesa riram. Enquanto isso, Johnny olha obedientemente pela janela, olhando para qualquer lugar menos para Claire, enquanto Hughie olha sombriamente para Gibsie.

Inclinando-me sobre a mesa, toco suavemente seu pulso para chamar sua atenção.

— O que ela fez?

— Eu tenho uma partida de hóquei em Thurles amanhã — ela responde, os olhos castanhos cheios de tristeza. — De alguma forma, meus formulários

desapareceram e agora o Sr. Twomey está dizendo que eu não posso ir.

Fazendo beicinho, ela cruza os braços sobre o peito e acrescenta:

— Dee disse a ele que eu nunca os entreguei no escritório quando deveria, o que é uma mentira completa, porque eu lembro especificamente de entregá-los para *ela* na terça-feira antes de sairmos para as férias de Páscoa.

— Por que ela faria isso? — Eu pergunto.

— Sim — Hughie fala com os dentes cerrados. — Eu me pergunto por que ela faria isso.

— Pirulito? — Gibsie oferece então, puxando um palito de pirulito de sua boca e estendendo-o para ela.

Claire olha para ele por um momento antes de dar de ombros, pegando-o da mão dele, e então colocando-o em sua boca.

— Sabor raspadinha? — Ela arqueia uma sobrancelha. — Você odeia raspadinha.

— Peguei para você — ele responde com uma piscadela. — Eu sei que é o seu favorito.

— Não coloque isso na boca — Hughie praticamente cospe. — Você não sabe onde esteve, Claire.

— Hum. — Claire dá de ombros novamente, como se fosse uma coisa normal trocar saliva de pirulito com ele. — É bom.

— Jesus Cristo — Hughie sussurra em desespero. — Não sei por que me incomodo.

— De qualquer forma, eu não posso jogar amanhã — Claire continua a dizer em torno do pirulito que ela estava chupando. — O que é um desastre completo, já que Jenny Kelleher está lesionada e Saoirse Doyle ainda está na França com seus pais. Era um jogo muito importante para Tommen.

Ela suspira pesadamente, tira o pirulito da boca e o devolve a Gibsie.

— Aqui, eu terminei.

— Sim, eu também — Gibsie murmura enquanto enfia o pirulito de volta em sua boca e se levantava. — Eu tenho que ir fazer alguma coisa.

— Sim, você tem — Hughie cospe. — Resolver isso.

— Huh? — Franzindo o cenho, Claire olha para ele. — Gerard, aonde você vai? E o seu almoço?

— Eu só preciso ah... — Ele deixa suas palavras se perderem enquanto aponta para o arco e então sai correndo da sala.

Johnny, que estava observando a interação deles, balança a cabeça em claro desânimo antes de esfregar o rosto com a mão.

— O que está acontecendo? — Eu sussurro, virando meu rosto em seu pescoço. O cheiro de sua colônia flutua em meu nariz e eu estremeço. Ele sempre cheira tão bem. — Aonde ele está indo? — Eu pergunto, me afastando para que eu pudesse me concentrar.

Com um suspiro pesado, Johnny coloca a mão na minha coxa e aperta.

— Confie em mim, Shan — ele diz em um tom baixo, inclinando-se perto do meu ouvido. — Quando se trata de Gibs, é melhor não saber.

Essa é a segunda vez hoje que ele fala essas palavras, e pela segunda vez hoje, eu penso que ele possa estar certo.

30
Mal-entendidos
Shannon

Depois do almoço, fui ao escritório falar com o diretor Twomey e minha coordenadora do ano, a Srta. Nyhan.

Fiel à sua palavra, Johnny foi comigo. Claro, o Sr. Twomey não o queria lá e tentou enxotá-lo para fora do escritório, mas Johnny não se mexeu. Foi bastante cômico ver nosso diretor de 1,72m, velho, com sua linha de cabelo careca e barrigudo, com uma barriga de meia-idade espalhada, *enxotar* um jogador de rúgbi de 1,90m. O que foi ainda mais engraçado foi a expressão de "Que porra é essa" de Johnny quando o Sr. Twomey dá um tapinha em seu peito. Bem, eu tinha certeza de que ele estava empurrando o peito de Johnny, não dando tapinhas nele, mas ele teve um efeito tão pequeno em Johnny que me lembrou uma mosca-azul zumbindo em torno de um urso.

Quando o Sr. Twomey cede e faz um gesto para nós dois nos sentarmos, Johnny senta-se ao meu lado e, embora não segure minha mão, apenas tê-lo sentado ao meu lado me dá uma estranha forma de coragem.

Eu não consigo explicar, mas me sentia mais corajosa quando estava com ele. Ou talvez eu apenas me sentisse mais segura? Foi estranho, considerando que eu nunca me senti mais desequilibrada do que quando estou com ele, mas é um bom tipo de desequilíbrio... do tipo empolgante, de doer o estômago, de estar prestes a desmaiar a qualquer momento, mas não pare de me tocar porque meu coração vai explodir no meu peito e eu preciso sentir você em todos os lugares ou vou explodir.

Respondo a todas as perguntas padrão e obrigatórias que me são distribuídas pelo Sr. Twomey e pela Srta. Nyhan, aceito todas os *"Sinto muito que isso tenha acontecido com você"* e "*não tenha medo de conversar conosco"* e então segui meu rumo, me forçando a ir nas minhas últimas três aulas.

Surpreendentemente, eu lido muito bem com os olhares e sussurros abafados dos meus colegas e os olhares solidários dos meus professores. Eu acho que ajuda que Lizzie grudou ao meu lado e estava emanando a vibe de *fode comigo e eu vou arrancar seu coração.*

Quando o sinal final toca às 16h, sinalizando o fim do nosso dia de aula, eu estou me sentindo cautelosamente otimista.

Como se talvez eu *pudesse* fazer isso depois de tudo.

Como se talvez eu pudesse realmente colocar minha vida de volta nos trilhos.

— Você quer vir para a minha casa? — Claire pergunta, encostada na minha mesa, observando enquanto eu guardo meus livros de volta na minha mochila depois da nossa última aula. Além da Srta. Moore, que está sentada em sua mesa, éramos as duas últimas pessoas na sala de aula, com todos correndo para as colinas no momento em que o sinal soou, incluindo Lizzie, que saiu correndo para encontrar Pierce, murmurando algo sobre uma crise pessoal. — Mesmo por uma hora?

— Eu adoraria — eu respondo, fechando minha bolsa antes de me levantar. — Mas Darren provavelmente já está esperando lá fora por mim.

Agarrando minha cadeira, eu a levanto sobre a mesa e me viro para encará-la.

— Estou sendo monitorada.

— Ugh. — Claire torce o nariz em desgosto. — Sua família está além de ferrada.

— Sim. — Colocando minha bolsa nas costas, dou-lhe um aceno solene. — Eu não poderia concordar mais.

— Você quer apenas vir de qualquer maneira? — ela pergunta enquanto saímos da sala de aula e entramos no corredor. — Tipo, abandonar Darren?

Sorrindo maliciosamente, ela anda ao meu lado enquanto nos dirigíamos para a entrada principal.

— Gerard está com o carro e eu sei que ele nos daria uma carona para a minha casa.

— O que aconteceu com ele no intervalo? — Eu pergunto, curiosa. Aumentando o aperto nas alças da mochila nos meus ombros, ando rapidamente para acompanhá-la. — Ele apenas saiu na hora do almoço e nunca mais voltou.

— Eu não sei, Shan, e às vezes acho que estou melhor assim. — Suspirando, ela acrescenta: — Algo me diz que se eu soubesse, seria doloroso.

— *Claire*. — Olho para sua expressão triste. — Você está bem?

Ela assente e me oferece um sorriso amarelo.

— Estou bem.

— Por que você simplesmente não diz a ele como você se sente? — Eu pergunto gentilmente. — É óbvio que ele sente o mesmo.

— Ele não sente — ela murmura. — É tudo sobre a tentativa para ele. Se eu desistir agora, ele vai ficar entediado.

Eu pondero suas palavras por um momento antes de dizer:

— Ele talvez possa surpreendê-la?

— E eu talvez possa decepcioná-lo — ela murmura.

Eu paro de andar.

— O que você quer dizer?

Ela se vira para mim, mas não responde.

Estudo sua expressão de dor e solto um suspiro.

— Claire, você não poderia decepcionar ninguém nem se tentasse.

— É.

— Eu quero dizer isso — eu pressiono. — E muito menos Gibsie. Ele te *adora*. É tão claro quanto o dia que ele está louco por você.

— Porque ele *não pode* me ter — ela murmura. — Porque eu sou a única garota que não cedeu a ele.

— Eu não acho que é isso — eu respondo lentamente. — Nem um pouco.

— Escuta, isso não é novidade, Shan. Você sabe disso. Gerard e eu somos assim desde que eu me conheço por gente. Ele sempre "me queria" e eu sempre brinquei com isso... — As palavras dela são interrompidas e ela geme, como se falar sobre isso fisicamente lhe doesse. — Porque eu não acredito nele.

— Não?

— Não, eu não acredito.

Seus olhos castanhos queimam com vulnerabilidade enquanto ela fala:

— Eu conheço Gerard Gibson melhor do que qualquer um neste planeta – inferno, eu o conheço melhor do que ele mesmo – e confie em mim quando digo que aquele garoto não consegue prestar atenção em nada por mais de um *dia*. Eu já vi, o jeito que ele é com as garotas. Ele dá tudo a uma garota por um dia e então ele está na próxima. Eu nem acho que ele pode evitar. Eu sei que ele não faz isso de propósito. — Suas bochechas ficam rosadas. — Mas eu não posso ser apenas mais um *dia* para ele, apenas outra *garota*. Eu não quero abrir meu coração para ele, apenas para ele revirá-lo e perceber que suas tentativas era mais divertida do que a captura.

Dando de ombros impotente, ela acrescenta:

— Eu acho que isso me quebraria.

— Você falou com Lizzie sobre isso? — Eu pergunto. — O que ela disse?

— Eu não contei a ninguém — ela sussurra. — Só você.

Meu coração racha.

— Oh meu Deus, *Claire...*

— Está tudo bem — ela se apressa a dizer, dando um sorriso brilhante. — Estou bem.

Entrando em uma caminhada rápida que me faz correr para acompanhar, Claire abre a porta de vidro do prédio principal e me conduz para fora primeiro.

— Tudo está bem.

Claramente não estava.

— Eu vou para sua casa — eu solto sem fôlego, lutando para acompanhar seus passos largos enquanto ela se arrasta pelo pátio. — Se você achar que vai ficar tudo bem para seus pais?

— Você irá? — Toda a sua expressão se ilumina. — Claro! Meus pais te amam.

Eu balanço a cabeça e continuo a gingar/correr.

— Ok, deixe-me dizer a Darren... e vá mais devagar. Eu não sou um cavalo de corrida.

— Desculpe — ela ri, diminuindo o ritmo para o que eu considero uma caminhada rápida. — Obrigada por fazer isso.

— Sem problemas — eu respondo, engolindo um gemido com o pensamento de enfrentar Darren. — A qualquer momento.

Quando chegamos ao estacionamento e meus olhos pousam no Volvo azul de Darren, eu erro o passo e tropeço um pouco. Eu tropeço ainda mais quando noto o Ford Focus prata estacionado três pontos acima – para não mencionar os quatro garotos encostados na lateral do referido Focus, com a cabeça baixa, absortos em uma conversa.

Endireitando-me antes de encarar o cascalho, eu endireito os ombros, respiro fundo e caminho até o Volvo. O sorriso que meu irmão está usando lentamente desliza quando ele registra que eu estou me movendo para o lado do motorista do carro e não para o lado do passageiro.

— O que você está fazendo? — Darren pergunta, fechando a janela quando eu bato nela. — Suba, eu tenho que levar os meninos para casa para treinar.

Olhando para o banco de trás, eu sorrio para meus três irmãos mais novos.

— Ei pessoal. — Ollie e Sean sorriem de volta para mim, mas Tadhg me ignora, mantendo seu olhar carrancudo fixo na parte de trás da cabeça de Darren.

— O que está acontecendo? — Darren pergunta, arrastando minha atenção de volta para ele.

— Eu vou para a casa de Claire por uma hora — eu digo, me forçando a segurar as palavras *se estiver tudo bem por você*. Ele é meu irmão. Eu não preciso de sua permissão. *Não.* — Eu estarei em casa mais tarde, ok?

— Shannon, nós conversamos sobre isso. — A expressão de Darren fica sombria. — Você precisa voltar para casa logo depois da escola.

— Não. — Eu balanço minha cabeça e aperto meu aperto nas alças da minha mochila. — Você e mamãe conversaram sobre isso. Eu nunca concordei em ficar dentro de casa trancafiada vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

— Ela vai ter um infarto se você não voltar para casa — ele diz. — Você sabe como ela fica. Eu não posso lidar com ela assim, então eu preciso que você venha para casa e me *ajude.*

— Eu não me importo — eu atiro de volta, e surpreendentemente, eu quero dizer isso. Eu não me importo. Não mais. — Vou passar algum tempo com minha amiga como uma adolescente normal e depois volto para casa.

— Nós não estamos lidando com circunstâncias normais — ele grunhe, mandíbula apertada.

Como se eu não soubesse...

— Você pode dizer o que quiser, mas eu ainda vou com Claire.

Ele estreita os olhos.

— Entre no carro.

Eu piso firme na minha decisão.

— Não.

— Entre. No. Carro. Shannon.

A ansiedade ganha vida dentro de mim.

— Não.

Soltando o cinto de segurança, Darren empurra a porta do carro e sai.

— Entre na porra do carro. — Agarrando a porta com os nós dos dedos brancos, ele sussurra — Agora, Shannon.

— Se afaste, camarada — Claire avisa, vindo para ficar ao meu lado. — Eu tenho uma arma... — ela aponta por cima do ombro de Darren — Ele está bem ali e eu não tenho medo de chamá-lo.

— Eu não vou *machucar* ela — Darren retruca, parecendo chocado. — Eu só preciso que ela entre no carro e volte para casa.

— Não há problema, Darren — Claire retruca. — Shannon vai vir para minha casa. Vamos comer algumas besteiras, assistir TV, e então minha mãe ou Hughie vão deixá-la em casa. Não vai causar nenhum mal.

— Eu tenho que te trazer para casa — Darren diz, ignorando Claire. — Você pode ir para a casa de sua amiga outro dia, quando eu tiver falado com os pais dela primeiro.

Balançando a cabeça, ele coloca a mão no meu ombro e me guia para o lado do passageiro do carro.

— Apenas me dê uma folga aqui e entre no carro...

— Não — eu engasgo, cravando meus calcanhares no concreto. — Eu não vou para casa.

— Shannon... — Exalando um suspiro pesado, Darren coloca as duas mãos em meus ombros e olha para mim. — Não é seguro para você estar por aí.

— Ela não quer ir com você! — Claire grita a plenos pulmões. — Ela disse *não*!

Atordoada, olho de volta para minha amiga, me perguntando por que ela de repente levantou a voz. Darren não me machucou – não fisicamente, pelo menos. Mas quando vejo Johnny, Gibsie, Hughie e Feely todos nos observando com expressões estrondosas em seus rostos, rapidamente percebo o porquê.

Ela estava pedindo reforços.

Oh Deus...

— Não faça isso — Gibsie está gritando — Não faça isso, Capi...

— Ei, o que diabos você pensa que está fazendo? — Johnny exige enquanto empurra seus amigos, o mancar esquecido. — Tire suas malditas mãos dela! — ele rugiu. — *Agora.*

— Eu não posso ter uma pausa hoje. — Soltando um gemido de dor, Gibsie inclina a cabeça para trás, sem se preocupar em tentar parar a potencial carnificina. — Faça isso, demolidor... e não esqueça sua muleta.

— Não dê *isso* a ele — Feely retrucou, arrancando o bastão de metal da mão de Gibsie antes que Johnny pudesse. — É uma arma.

— Você viu o tamanho dele? — Hughie oferece com um suspiro desanimado. — *Ele é* a porra da arma.

— Jesus Cristo — Darren resmunga, girando para olhar para os meninos. — Fique fora disso, Kavanagh.

— Se você quiser manter seu braço, eu o ouviria — Gibsie grita enquanto intercepta Johnny antes que ele nos alcance. Batendo as duas mãos no peito de Johnny, ele tenta empurrá-lo para longe do carro. — Porque ele está um pouco irritado agora, e eu não estou totalmente convencido em mantê-lo vivo se ele se libertar.

Dando de ombros, ele acrescenta:

— Apenas dizendo...

— Está bem! — Entrando em ação pela primeira vez na vida, eu escorrego sob seu braço e me afasto. — Ele não estava fazendo nada.

— Ele estava *tocando* você — Johnny rosna, olhando para meu irmão com uma expressão que é quase selvagem. — Ele estava tentando *colocar* você no carro.

— E ela disse não! — Claire cutuca o urso ao acrescentar. — Um milhão de vezes.

— Eu não estava *machucando* ela — Darren zomba. — Eu não sou esse cara.

— Ele não está — eu sou rápida em defender. — Ele não faria isso comigo.

— Eu não acredito em você, Shannon — Johnny retruca, lívido. — Você mentiu para mim antes.

Ele estreita os olhos para o meu irmão.

— E eu não acredito *nele.*

— Você está me acusando de abusar da minha irmã? — Darren pergunta, a voz mortalmente fria. — Porque você entendeu tudo errado.

— Como quando sua mãe entendeu tudo errado quando me acusou de ser um estuprador? — Johnny atira de volta sem perder o ritmo. — A diferença é que eu *vi* você colocar as mãos nela, Darren.

Estreitando os olhos, ele cospe:

— Então, se eu fosse você, eu voltaria para aquele carro e sairia daqui antes que eu faça algo que todos nós vamos nos arrepender.

Darren olha fixamente para Johnny por vários momentos longos e palpáveis antes de erguer as mãos.

— Você sabe o que, Shannon? — ele diz, rindo sem humor. — Mamãe pode ser fodida na cabeça, mas ela está absolutamente certa sobre ele ser como nosso velho.

Indo até o lado do motorista do carro, ele abre a porta.

— Mas ei... você faz o que diabos você quiser.

Com isso, ele entra e fecha a porta. Acelerando o motor, Darren sai da vaga de estacionamento e parte sem olhar para trás. Observo os três rostinhos olhando pela janela traseira do carro até que ele some de vista.

— Bem — Gibsie diz em um tom alegre, quebrando o silêncio gelado. — isso se intensificou rapidamente.

— Sim — eu suspiro

Eufemismo do século.

31

Aceite meu conselho, ou não

Johnny

Eu dei uma de demolidor.

Eu não preciso que Gibsie ou que alguém me diga o que eu já sei. Shannon fica em silêncio durante todo o caminho até a casa de Claire, mantendo um assento cheio de espaço entre nós, deixando-me saber em termos inequívocos que eu tinha, de fato, fodido tudo. Furioso comigo mesmo, não digo uma palavra quando a vejo entrar na casa de Claire, com medo de piorar a situação já ruim.

Mesmo agora, enquanto eu levanto meu corpo para cima e para baixo na barra fixa na porta do banheiro de Gibsie, eu não consigo relaxar. Eu não consigo respirar com facilidade, porque eu sei em meu coração que tinha tornado as coisas um milhão de vezes piores para ela. Shannon está do outro lado da rua, mas poderia estar a um milhão de quilômetros de distância, pelo o que parece. Eu estou tão fodidamente bravo comigo mesmo, que consigo sentir o gosto.

— Eu deveria ir até lá — eu anuncio pela quinquagésima vez no espaço de duas horas, e pela quinquagésima vez, Gibsie responde:

— Não, você não deveria.

Ele está esparramado no chão de seu quarto com uma caneta e uma régua na mão, cercado por meia dúzia de livros, e franzindo a testa em profunda concentração enquanto usa aquele papel amarelo estranho que o ajuda a se concentrar e dar sentido à sua própria escrita.

— O que é essa palavra? — ele pergunta, segurando seu livro de História para mim. — Renome?

Firmando meus braços no lugar, eu aperto os olhos para o texto na página antes de dizer:

— Não, cara, isso é renascimento.

— Renascimento — ele repete, agitando a palavra ao redor. — Que porra de palavra estúpida.

Dou de ombros e continuo puxando meu corpo para cima, alimentando a dor em meus músculos enquanto queimam em protesto.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Já lhe disse que te passo minhas anotações de história, cara — respondo. — Você não tem que pedir de novo.

— Não, não é sobre a escola — ele diz. — É sobre rúgbi.

— Oh? — Eu faço uma careta, interesse despertado. — O que tem?

— Quais são as minhas chances de conseguir um desses contratos da Academia?

Faço uma pausa no meio da barra fixa com os braços apertados e estudo seu rosto.

— Você está falando sério, cara? — Ele *parecia* falar sério. — Você não está brincando?

— Eu não vou seguir o caminho da faculdade, Johnny, eu mal consigo lidar com a escola como ela é. — Ele encolhe os ombros. — Minha mãe tá me pentelhando sobre o que eu quero fazer depois da escola, e eu gosto de rúgbi.

Suspirando, ele acrescenta:

— Se eu não tiver um plano, vou acabar na padaria com ela.

— Você é bom em rúgbi — eu concordo. — Você sabe que a Academia estava interessada em você há alguns anos.

Ele suspira.

— Sim, eu sei, e eu fodi com isso.

— Você ainda está apenas no quinto ano — eu o lembro. — Você tem mais um ano para mudar isso.

— Você acha que eu posso? — ele pergunta, olhos cinzas fixos nos meus.

— Eu acho que você tem o potencial para fazer qualquer coisa que você definir em sua mente — eu digo a ele. — Você tem o talento e isso é dez por cento do que é preciso.

— E o resto?

— Determinação, dedicação e consistência — respondo. — O efeito é 30/30/30.

— Eu posso precisar de uma mão com isso — ele murmura.

— O que você precisa de mim?

— Para me colocar na linha — ele admite. — Eu acho que posso fazer isso, Johnny.

— Eu sei que você pode — eu respondo. — Eu sempre disse isso.

— Eu sei, mas eu não queria isso antes.

— E você quer agora?

— Estou desperdiçando minha vida — ele diz. — Estou deixando todas as oportunidades escaparem por entre meus dedos.

— Sim, bem, eu venho dizendo isso há anos também.

— Então, o que eu preciso fazer?

— Pare de fumar, reduza a bebida e me encontre na minha casa às cinco e meia amanhã.

— Isso é um pouco tarde da noite para começar...

— Quem disse alguma coisa sobre a noite? — Eu arqueio uma sobrancelha. — 05h30, Gibs. Deus ajuda quem cedo madruga.

— Oh merda — ele geme. — Você vai me matar, não é?

Dou de ombros.

— Se você está falando sério, e você quer isso, então você vai ter que sair dessa cama.

— Trave suas pernas — Gibsie diz então, voltando sua atenção para seu livro.

— Eu não consigo — eu digo, respirando com dificuldade. — Está muito dolorido.

— Bem, se você fosse para casa e batesse uma, você se sentiria melhor — ele retruca, sem perder o ritmo. — E você seria capaz de fechar as pernas.

— O que você teria feito, Gibs? — Eu pergunto, ignorando sua provocação. — Se você fosse eu lá atrás?

— Dado o que você sabe sobre a família dela?

— Sim — eu grunho, sem fôlego.

— Exatamente a mesma coisa — ele responde, confirmando que eu não estou sozinho na minha loucura. — Mas eu teria contido as ameaças de violência.

Ele joga a caneta para baixo e senta-se.

— Aquele é o irmão dela, rapaz.

Eu arqueio uma sobrancelha e dou a ele um olhar de *não venha com essa.*

— É justo, — ele ri antes de admitir — eu o teria matado.

Eu balanço a cabeça rigidamente.

— Obrigado.

— Mas eu não estou dizendo que isso é a coisa certa — acrescenta ele, ficando de pé.

— Você acha que ela ainda está chateada? — Eu pergunto, olhando para a janela do quarto dele. — Estou com problemas?

— Você está sempre metido em problemas — ele medita. — É como uma parte sua.

— Você sabe o que quero dizer — eu resmungo.

— Eu não sei — ele responde, tom leve. — Eu nunca tive uma namorada. Eu não tenho a menor ideia de qual deve ser a etiqueta de relacionamento nesta situação.

Sorrindo, ele acrescentou:

— Eu costumo resolver meus problemas com a minha língua.

— Gibs...

— Estou falando sério — acrescenta. — Com raiva de mim? Dê uma lambida. Machucou seus sentimentos? Deixe-me comer você. — Ele encolhe os ombros. — É tudo que eu sei, cara.

— Foi isso que você fez hoje? — Eu estreito meus olhos. — Usou sua língua para arrumar as merdas da Claire?

Ele olha fixamente de volta para mim.

Eu gemo.

— Diga-me que você não fez isso.

— Eu não estou te dizendo nada — ele retruca. — Vamos apenas nos concentrar em *suas* merdas por hoje.

Justo.

— Um dia — eu gemo, baixando minha cabeça. — Um maldito dia e eu já fiz uma confusão.

— Sim — ele ri. — É um novo recorde para você.

— Foda-se... — Abaixando-me de volta, eu estico meus ombros, gemendo de alívio quando meus músculos pressionam e estalam de volta no lugar. — Eu vou até lá.

— Bom — ele concorda. — Estava na hora.

Minha boca se abre.

— Mas você disse que eu não deveria...

— Ei... — Gibsie ergue as mãos e sorri. — Eu sou a última pessoa de quem você deveria seguir conselhos.

Dando de ombros, ele acrescenta:

— Vou seguir você, cara.

— Jesus, estamos fodidos — eu murmuro.

— Isso nós estamos, amigo. Isso nós estamos — ele responde, batendo nas minhas costas. — Mas, falando sério, você realmente deveria saber melhor do que levar meu conselho a sério, já que eu claramente cavei um buraco do qual não consigo sair.

— O que está acontecendo, cara? — Eu pergunto, franzindo a testa. — Dee tem algo contra você?

— Não. — Ele balança sua cabeça. — Nada que eu não possa lidar.

— Tem certeza?

— Absolutamente.

Um fio de inquietação percorre minha espinha.

— Gibs, se você estiver com problemas, pode falar comigo.

— Aprecio a preocupação, mas você é o único cuja namorada está do outro lado da rua, Johnny — ele ri. — E além disso, eu tenho um plano.

Eu estreito meus olhos.

— Que tipo de plano?

— Sobre como manter meu pau dentro das calças — ele me diz.

— O quê... e fora da secretária da escola?

— Sim. — Ele assente. — Estou ferido agora. Fora de ação pelas próximas seis a oito semanas.

Ele me dá dois polegares entusiasmados.

— Ela não pode mais me tocar.

— Você está ferido? Onde? Como? O que... — Eu balanço minha cabeça e fico boquiaberto para ele. — Você vai ter que elaborar um pouco mais para mim aqui, cara, porque se você está usando uma foto do meu pau e fingindo que é seu...

Ele abaixa as calças e eu respiro fundo.

— Puta merda! — Boquiaberto de horror, minha mão se move automaticamente para segurar meu próprio pau. — Que porra você estava pensando?

— Eu estava pensando que preciso de uma maneira de manter meu pau fora da secretária da escola — ele atira de volta, segurando seu pau na mão.

— Quando você fez isso com você mesmo? — Eu exijo, indignado.

— Durante as férias da Páscoa — responde ele. — Eu disse que estava entediado.

Eu recuo.

— Então você saiu e colocou um piercing no seu pau?

Ele encolhe os ombros.

— É realmente algo genial se você pensar sobre isso.

— Gibs, você voluntariamente permitiu que alguém enfiasse uma agulha em seu pênis — eu brinco, boquiaberto com o piercing na parte inferior de seu eixo.

— Isso não é genial, cara, isso é loucura.

— Não é tão ruim — ele diz em um tom otimista, acariciando a coroa de seu pau. — Está quase curado, e parece muito melhor quando estou duro...

— Não se atreva a bater uma na minha frente! — Eu aviso ele. — O que diabos está errado com você? Eu não quero te ver duro!

— Você queria saber o meu plano — ele bufou, colocando-se de volta em seus atletas. — Então, eu te mostrei meu piercing no frenum.

Balançando a cabeça, eu sussurro:

— *Frenum*?

— Sim. — Ele assente ansiosamente. — Tipo um piercing Jacob's Ladder, mas sem o resto dos piercings.

— O que... como... — Eu fico boquiaberta para ele. — Você está planejando *adicionar* mais?

— Não — ele responde. — Não por um tempo, pelo menos.

— Você é louco para caralho — eu engasgo. — Enlouquecido, mesmo. E você me assustou para o resto da vida.

— Eu assustei *você* para a vida toda? Sim. *Claro* — ele zomba. — Eu te mostrei uma arte corporal, rapaz. Você me mostrou seu saco de bola com gangrena.

— Pela última vez, eu não tive a porra de uma gangrena — eu rebato. — Eu tive um adutor rasgado.

— Fale o que quiser, cara — Rindo, Gibsie sai de seu quarto comigo atrás dele, ainda visualmente traumatizado. — Mas essas foram as bolas mais descoloridas que eu já vi na minha vida.

— Eu te odeio — eu murmuro, mancando escada abaixo atrás dele. — Eu espero que você saiba disso.

— E eu também te amo — ele ri.

— Está dolorido? — Eu pergunto, ainda fazendo careta com o pensamento.

— Nah. É apenas mais pesado. Estou demorando um pouco para me acostumar.

— Ah, merda...

— Rapazes, tenham um pouco de respeito — a mãe de Gibsie ordena quando entramos na sala para nos despedirmos dela. — O Angelus está ligado.

Fazendo caretas, Gibsie e eu nos benzemos e murmuramos as orações embutidas dentro de nós desde o nascimento quando o familiar sino da igreja toca alto na televisão. Sadhbh Allen era uma mulher religiosa e, por um minuto

inteiro, não há conversa na casa de Gibson enquanto esperamos, de cabeça baixa, pelo sinal do noticiário das 6h01.

— Agora — a Sra. Allen diz, silenciando a televisão quando as notícias começam. Caminhando em nossa direção com seu gigante gato persa branco em seus braços, ela sorri brilhantemente. — Como foi a escola?

— Tudo bem — nós dois respondemos em uníssono.

— Johnny. — Ela me dá um sorriso caloroso. — Como você está se sentindo desde Dublin, querido?

— Estou ótimo, obrigado — eu respondo, oferecendo um sorriso. Dou um passo à frente para fazer carinho em Brian enquanto Gibsie se afasta do gato. — Estou voltando aos trilhos.

— Sua pobre mãe deve ter ficado morta de preocupação.

— Sim. — Fazendo uma careta, gentilmente coço Brian sob o queixo. — Pois é.

— Onde está o Pa? — Gibsie pergunta, usando o apelido de seu padrasto, Keith Allen. Ele estava na vida de Gibsie desde os oito anos de idade. Era abreviação de pai – um termo de carinho e sinal de respeito ao homem que o ajudou a criá-lo. Um homem que não era exatamente seu pai, mas muito mais do que apenas Keith. Pa era a linha intermediária e Gibsie chamava Keith assim desde que eu o conhecia. — Eu pensei que ele já estaria de volta?

— Ele ainda está no canteiro de obras, querido. Houve um atraso na entrega, mas ele estará em casa esta noite. — A Sra. Allen se aproxima de Gibsie e ele comicamente pula para trás.

— Mantenha essa besta longe de mim — ele solta, olhando Brian com cautela. — Eu não confio nele, mãe.

— Ah, ele é inofensivo — Sra. Allen ri. — Você não machucaria uma mosca, não é, Brian?

— Não, as moscas estão bem porque o problema dele é *comigo* — resmungou Gibsie. — Não é, Brian?

O gato sibila e Gibsie pula atrás de mim.

— Você vai ter que fazer algo sobre o comportamento dele — ele avisa a mãe. — Eu não me sinto mais seguro em minha casa.

— De qualquer forma, é melhor eu ir — eu anuncio, limpando minha garganta. Eu gostava da mãe de Gibsie e sempre gostei de ver o gato de Gibsie arrancar sangue dele, mas saber que Shannon está do outro lado da rua está me deixando ansioso. — Obrigado por me receber, Sra. Allen.

— A qualquer hora, Johnny — sua mãe responde, acenando para mim. — Apareça mais vezes.

— Eu vou com ele, mamãe — Gibsie diz a ela enquanto corria atrás de mim, evitando por pouco um golpe da pata do gato deles. — Volto mais tarde.

— Claro que vai — ela grita atrás de nós. — Comporte-se, querido.

— Mantenha sua cabeça — Gibsie instrui quando saímos e ele fecha a porta atrás dele. — Apenas *fale* com ela, não vá em todas as armas em punho como você fez antes.

— Eu *vou* manter minha cabeça — eu resmungo.

— Eu quis dizer isso — ele atira de volta. — Nada de falar merda sobre o irmão dela.

— Eu não faço isso — eu rebato, nervoso. — Mas eu juro por Deus, rapaz, se eu tiver que olhar para ela com mais uma contusão, sou eu quem vai estar na prisão de Cork, não o pai dela. Ele vai estar na porra de um cemitério com seu filho ao seu lado se algum deles colocar as mãos sobre ela novamente.

32
Buraco nas meias-calças
Shannon

— Há movimento na frente oeste — Claire anuncia de seu poleiro no parapeito da janela de seu quarto. — A porta da frente está abrindo – lentamente. Não, está fechando de novo. Oh espere, está abrindo novamente. Tome uma decisão, caramba! Oh espere, eu posso ver um adolescente – não, dois. Ambos estão juntos – nenhuma surpresa... B2 está trancando a porta da frente. Ele está dizendo algo para B1 – e os dois estão se empurrando. Parece que eles estão discutindo... oh, oh, eles estão andando em direção ao carro dele agora... não, não, eles mudaram de rumo. Eles estão atravessando a rua. Chegando mais perto, mais perto, mais perto...

— Claire! — Eu solto, em pânico.

— Shh... — ela levanta a mão e aponta para a porta do quarto. — Apenas espere.

Ding-dong.

Ela sorriu.

— Parece que eles vieram para brincar com os ursinhos.

— Referência à *Bananas de Pijama*? — Eu rio, incapaz de me conter. — Sério?

— Ei... — Ela dá de ombros, sorrindo. — Se a carapuça servir...

— O que eu faço? — Eu pergunto, projetando meu lábio para baixo. Tudo tinha ido para o inferno no estacionamento da escola, e Johnny não falou uma única palavra comigo durante todo o caminho até a casa de Claire. Quando Gibsie parou em sua garagem, eu atravessei a rua com Claire até a casa dela e Johnny ficou com Gibsie. Eu não sabia o que fazer ou como lidar com isso. Eu não tinha experiência em lidar com esse tipo de coisa. — Você acha que ele está bravo?

— Não — Claire responde, revirando os olhos. — Eu acho que ele pensa que *você está* brava.

Ela inclina a cabeça para um lado, me estudando cuidadosamente.

— Você está brava?

Dou de ombros.

— Eu não sei o que eu sinto.

— Está tudo bem se você estiver. Todos nós meio que acusamos Darren mais cedo. — Empurrando o nariz para cima, Claire sacode um pedaço de penugem em seu short de pijama antes de acrescentar — Mas ele colocou as mãos em você, e isso é uma espécie de bandeira vermelha para nós.

— Darren não me machucaria — eu me ouço dizer pela milionésima vez no espaço de algumas horas. — Não assim. Ele só está... ele está preocupado com mamãe e as crianças... e meu pai.

Porque ele ainda está lá fora.

— Sim, eu sei.

Deixando seus pés caírem do peitoril da janela para o chão, Claire se levanta e estica os braços sobre a cabeça. Seus cachos claros, presos de seu rosto com um grampo, fluem pelas costas como um sol vibrante e dourado. Ela é tão bonita com suas pernas longas e curvas tonificadas, que me fez sentir como um garotinho ao lado dela.

— Eu sei que ele não iria machucar *machucar* você, e eu sinto muito por fazer uma cena — ela acrescenta, em tom de culpa. — Mas você tem que ver de onde estávamos vindo. Você guardou tudo apenas para si por tanto tempo, enterrou tantos segredos sobre o que estava acontecendo em casa, que é difícil confiar em você.

Eu vacilo com suas palavras e os olhos de Claire se arregalam.

— Eu não quero dizer isso de um jeito ruim — ela se apressa para acalmar. — Eu confio em você um milhão por cento com todos os meus segredos e tudo mais, eu juro. Só estou dizendo que quando se trata de sua família, estamos todos um pouco cautelosos.

— Eu entendo. — Me movendo em sua cama para que eu estivesse sentada de pernas cruzadas e de frente para ela, solto um suspiro derrotado. — É apenas uma bagunça.

— Com Darren? — ela pergunta, os olhos calorosos e cheios de simpatia. — Ou em geral?

— Todas as opções — eu admito. — Eu não acho que Darren sabe lidar com estar de volta em casa.

A culpa se agita dentro de mim.

— Você viu o quão bem Joey está "lidando" com a vida, Tadhg se transformou em um pré adolescente rebelde, Sean mal consegue juntar uma

palavra... e ele está fazendo xixi na cama todas as noites. Nossa mãe está sendo... bem, ela é apenas a definição de uma bagunça, e nosso pai está... — Encolhida, eu acrescento — O único que parece estar lidando com isso é Ollie, e ele tem *nove anos.*

— Desculpe, Shan. — Ela me dá um olhar solidário. — Isso é péssimo.

— Sim — eu suspiro. — E eu sei que deveria fazer um esforço com Darren, mas é tão *difícil*. Ele só... ele se foi, sabe? Por *anos*. Eu nem sabia onde ele estava, e agora, de repente, ele está de volta , e no comando, e seguindo as ideias dela...

Minha voz falha e eu mordo ansiosamente minhas unhas.

— Eu não sei como processar tudo. Tanta coisa aconteceu e eu sinto que...

— Você se sente como, Shan?

— Como se eu estivesse sendo sufocada — eu ofereço baixinho.

— Por mim? — ela pergunta.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Nunca você.

— Eu estou sempre aqui por você.

Correndo para onde eu estou sentada em sua cama, Claire se joga em cima de mim, me derrubando de costas.

— Você é minha melhor amiga — ela sussurra, me abraçando com força. — E eu sei que não devo pressionar você, mas não posso evitar porque...

Sua voz falha e ela abaixa o rosto para descansar no meu ombro antes de sussurrar:

— Porque quando eu recebi aquela ligação de Gerard e acabei sabendo o que aconteceu com você, eu estava com tanto medo de nunca mais ver você. — Fungando, ela me agarra com mais força. — Eu me senti tão responsável.

— Eu ainda estou aqui — eu murmuro, segurando-a com força, me afogando no cheiro de seu shampoo de morango enquanto seu cabelo se espalha sobre meu rosto. — E você nunca foi responsável.

— Não? — ela murmura. — Eu sabia que algo estava acontecendo com você e não fiz nada sobre isso.

— Você foi exatamente o tipo de amiga que eu precisava — eu digo a ela. — Eu não teria passado por nada disso sem você, então nunca se sinta mal por ser o que eu precisava.

— Eu sempre vou me sentir mal, Shan — ela responde. — Eu não acho que isso vai passar tão cedo.

— Deus, você precisa de um corte de cabelo — eu gaguejo, cuspindo um bocado de cachos loiros.

— Huh?

— Seu cabelo, Claire — eu solto, batendo em minha boca quando uma montanha de cachos me inunda. — Está na minha boca.

Eu empurro seus ombros.

— Você está se transformando na Rapunzel.

— Diz a garota com cabelo até a bunda — ela ri, saindo de cima de mim. — Meu cabelo é grosso e tem muito...

Ela faz uma pausa para me puxar para cima

— Mas você é a única com o cabelo gigante.

— Porque é a única coisa em mim que *cresce* — eu brinco, sentando-me de pernas cruzadas, de frente para ela. Alcançando atrás da minha cabeça, puxo meu elástico de cabelo e jogo meu cabelo castanho sobre meu ombro esquerdo. — É tudo o que tenho — acrescento quando comecei a trançar meu cabelo por força do hábito. — Então não julgue...

— Eu tenho algo que cresce — uma voz masculina familiar fala — Está crescendo agora.

— Você deveria bater, lembra? — Claire diz, olhando por cima do ombro para Gibsie que está em seu quarto. — Você conhece as regras.

Pairando na porta atrás dele está Johnny, mudando o peso de um pé para outro, parecendo incrivelmente desconfortável.

Seu olhar trava no meu e ele me oferece um pequeno sorriso.

Eu sorrio de volta.

Alívio inunda suas feições e ele solta um suspiro.

— Eu sei que você está falando agora, querida — Gibsie diz, chamando minha atenção de volta para ele. — E eu estou tentando muito prestar atenção, mas é meio impossível quando tudo que eu estou vendo é você e outra garota em sua cama, trançando o cabelo, com sua bunda sexy saindo desse short.

Sorrindo, ele acrescenta:

— Rápido, faça outra coisa.

— Algo assim? — Claire responde docemente, antes de pegar um travesseiro e arremessá-lo nele.

— Perfeito para caralho — Gibsie engasga, pegando o travesseiro no ar. — Adicione lutas de travesseiros e é como pornografia grátis.

— Você é um pervertido.

— Um pervertido que resolveu a coisa do hóquei para você.

— Você resolveu? — Os olhos de Claire se arregalam. — Como?

Gibsie dá de ombros.

— Eu tenho meus caminhos. — Inclinando a cabeça para um lado, ele estuda suas costas e pergunta: — Puta merda... você está vestindo uma tanga?

— Gerard — Claire suspira.

— É vermelha? — Ele aperta os olhos e então geme. — É vermelha, porra, não é?

Revirando os olhos, Claire desce da cama e caminha até onde ele está.

— Você é um idiota — ela repreende, batendo no braço dele. — Vamos lá, você pode me ajudar a limpar a cozinha antes que minha mãe chegue do trabalho. Isso dará a esses dois algum tempo para conversar.

Sorrindo brilhantemente para Johnny, ela acrescenta:

— Entre, Johnny.

— Ah, sim. — Enfiando as mãos nos bolsos, Johnny entra no quarto dela. — Obrigado.

— Eu irei a qualquer lugar que você quiser se você apenas me mostrar essa tanga — Gibsie implora, colocando as mãos na cintura dela. — Vou lavar toda a louça. Faço qualquer coisa. Só uma espiada. É tudo o que estou pedindo.

— Você virá de qualquer maneira — ela bufou, pegando sua gravata da escola e arrastando-o para fora de seu quarto.

— Você tem razão — ele concorda, seguindo-a como um cachorrinho na coleira. — Seu sutiã também é vermelho?

— Eu não estou vestindo um.

— Ai Jesus.

Gibsie fecha a porta, deixando eu e Johnny sozinhos no quarto rosa chiclete de Claire.

— Há ah... isso é muito rosa. — Movendo-se desajeitadamente, ele tira uma mão do bolso e acena sem rumo. — Nunca vi tantos ursinhos de pelúcia e bonecas na minha vida.

— Ela não brinca mais com eles — explico, sufocando uma risada ao ver sua expressão confusa. — Ela apenas os coleciona.

Sentindo-me perdida, agarro o enorme urso polar branco de cima de sua cama e o estendo para ele.

— Gibsie comprou este para seu aniversário de treze anos e exigiu que ela o nomeasse em homenagem a ele — eu digo. — Ela se comprometeu e nomeou de Gerry.

— Eu me lembro — Johnny suspira e passa a mão pelo cabelo. — A maldita coisa lhe custou oitenta libras. Ele cortou grama durante todo o verão para pagar por isso.

Meus olhos se arregalam.

— Oitenta euros por um ursinho de pelúcia?

Johnny dá de ombros.

— Esse é o que ela queria.

— Oh — eu sussurro, sem saber mais o que dizer.

— Estamos bem? — ele pergunta então, permanecendo exatamente onde está. — Você e eu?

Eu balanço a cabeça.

— Eu acho que sim.

Johnny solta um suspiro áspero e se move em minha direção.

— Eu sei que fodi tudo, ok? — ele desabafa, não parando até estar sentado na beira da cama de Claire, os olhos fixos nos meus. — Eu exagerei. Mas tinha acabado de vê-lo com as mãos em você e entrei *em pânico.*

Ele balança a cabeça e pega minha mão.

— Eu vi vermelho, Shan. Eu não consegui pensar com clareza e tirei conclusões precipitadas.

— Eu entendo — eu sussurro, me aproximando dele. — Eu não estou brava com você.

— Mas eu só piorei as coisas para você. — Ele geme, puxando minha mão em seu colo, e olha para mim, expressão desamparada. — Eu fodi com isso, baby.

Baby?

Oh Deus.

— E agora você vai ter que ir para casa e lidar com mais de suas merdas — ele continua a dizer, parecendo aflito. — Tudo porque eu não consegui me controlar.

— Johnny? — Eu solto, o coração pulando descontroladamente.

Ele solta um suspiro e olha para mim com uma expressão cautelosa como se estivesse tentando avaliar minhas emoções.

— Sim, Shan?

— Eu te amo. — Eu não tenho ideia de por que sinto a necessidade de dizer isso a ele, mas as palavras pareciam subir pela minha garganta toda vez que eu coloco meus olhos nele.

O azul em seus olhos arde com o calor.

— Eu também te amo.

— É?

— É.

Eu não sei quem se move primeiro depois disso... há um borrão de membros se debatendo, mas quando eu pulo para Johnny, ele já está meio caído em cima de mim. Nossos lábios se chocam ao mesmo tempo em que caio de costas, com seu grande corpo caindo pesadamente em cima de mim.

Exausta, eu levanto meu pescoço e deixo minhas pernas se separarem, fazendo com que ele se acomode entre elas duramente.

O contato nos fez gemer alto.

Atando meus dedos em seu cabelo, envolvo minhas pernas ao redor de sua cintura e o beijo de volta com uma necessidade que beira a insanidade. Apertando minhas coxas, eu balanço meus quadris para cima e puxo seu cabelo para baixo, querendo nada mais do que mergulhar nesse garoto. Mergulhando minha língua em sua boca, eu o beijo com força, incapaz de chegar perto o suficiente. Johnny recompensa o movimento com um profundo e retumbante grunhido de aprovação. O som era tão *sexy*.

Eu posso senti-lo, duro como aço entre minhas pernas, esfregando e moendo contra a minha área mais privada e eu gemo, me aproximando, querendo mais do que tudo que ele apenas pressione *mais forte*.

— Cristo. — Suas mãos percorrem todo o meu corpo. — Você parece tão boa.

Sua mão desliza sob a bainha da minha camisa, dedos roçando minhas laterais.

— Um gosto tão perfeito para caralho.

Suas mãos estão por toda parte; nas minhas pernas, nos meus quadris, no meu cabelo. Ele me toca em todos os lugares, *exceto* onde eu preciso dele e isso só parece me deixar mais frenética – mais desesperada por *ele*.

Eu estou me comportando como uma maníaca desequilibrada, mas eu simplesmente não consigo me conter nem mais um segundo. Eu posso sentir o desejo dolorido que eu tenho por ele no fundo dos meus ossos, me impulsionando, me encorajando a empurrar para mais. O calor se acumula dentro de mim; uma dor profunda, inquietante e latejante.

Sua língua e dedos só parecem intensificar aquela sensação latejante até que eu estou literalmente *pulsando* lá embaixo. Meu coração está batendo a cem quilômetros por hora, a paixão e a necessidade de ser conduzida transformam

meus movimentos em algo imprudente e desajeitado, enquanto meu corpo instintivamente persegue uma sensação desconhecida que apenas seu corpo pode fornecer.

Eu sou virgem, mas isso não significa que eu sou ignorante sobre sexo. Li livros suficientes, assisti filmes suficientes e ouvi histórias suficientes para saber tudo sobre o corpo masculino e os orgasmos. E mesmo que eu nunca tenha sentido um antes, eu estou bem ciente de que os arrepios de prazer ondulando através de mim toda vez que Johnny empurra seus quadris contra mim, eram uma pequena promessa de prazer.

Oh meu Deus, eu posso gozar, o pensamento repentino acende dentro da minha mente, me fazendo gemer em sua boca e empurrar meus quadris em encorajamento, *eu acho que ele vai me fazer gozar.*

Deleitando-me com a sensação de estar presa debaixo dele, e nublada pela luxúria, eu deslizo uma mão entre nossos corpos e toco a frente de suas calças da escola, tremendo quando minha mão entra em contato com sua ereção.

— Não, baby — Johnny geme em minha boca, puxando minha mão e prendendo-a acima da minha cabeça. — Ou eu não vou aguentar.

— Você está dolorido? — Eu suspiro, ofegante, contra seus lábios. — Isso dói?

— Você está me matando, Shan — Johnny geme e enterra o rosto no meu pescoço. — Fode-se, baby.

Mordiscando e sugando minha carne, ele beija uma trilha da minha clavícula até meus lábios antes de enfiar sua língua na minha boca mais uma vez.

Eu não aguento.

Eu honestamente não consigo.

Desesperada por mais, eu deslizo minhas mãos sob sua camisa da escola e agarrei a pele tensa e ondulada por baixo. Meus dedos em seu estômago fazem algo com Johnny, porque ele me pressiona mais fundo no colchão, movendo-se com mais força contra mim. A mão que ele está usando para prender a minha viaja para a minha perna.

Segurando a parte carnuda da minha coxa, ele engancha minha perna mais alto e balança seus quadris contra mim. Seus dedos cravam na minha pele com tanta força que sinto minha meia-calça rasgar, mas não me importo. Ele pode rasgá-las em pedaços e eu não irei impedi-lo. Movendo-se mais alto, sinto seus dedos traçarem a borda da minha calcinha. Ele hesita e eu sinto vontade de chorar. Frustrada, engancho meus dedos em sua cintura e puxo com força. Esse

foi todo o encorajamento que ele precisava; sua mão desliza atrás de mim para a palma da minha bunda, apertando e me puxando para mais perto dele enquanto ele continua a esfregar contra mim.

Em algum lugar no fundo da minha mente, eu sabia que era totalmente inapropriado ficar se pegando na cama da minha melhor amiga com meu namorado, mas meu cérebro só podia entender a palavra *namorado*. Todo o resto era inconsequente neste momento porque Johnny é meu namorado, e meu namorado me pega de costas, fazendo meu corpo balançar e tremer. Era o único toque masculino que eu já tinha recebido. Ele é grande e masculino e está usando toda a sua força para me fazer sentir *bem.*

Nesse momento, eu não me importo com minha família ou com valentões, não temo o desconhecido e não me preocupo; tudo que eu consigo pensar é a necessidade desesperada que eu tenho dentro de me *conectar* com ele de todas as maneiras possíveis.

O som de papel alumínio estalando atravessa meus pensamentos cheios de luxúria e eu estremeço quando algo afiado pinica minha coxa.

— O que é isso? — Eu pergunto, soando sem fôlego enquanto separo meus lábios dos dele. Movo meus quadris e sinto a picada novamente. — Ai.

— Você está bem? — A preocupação cintila nos olhos de Johnny, abafando o desejo, e ele rapidamente se afasta para se ajoelhar entre minhas pernas. — Merda, eu machuquei você?

— Não, não foi você...

Batendo no colchão, minha mão tropeçou em vários pacotes afiados.

— Foi isso — eu suspiro, levantando um dos pequenos pacotes quadrados para inspeção. Meu corpo inunda com calor quando registro o que estou segurando. — Uh, estes devem ter caído do seu bolso — eu murmuro, olhando para a pilha de preservativos em cada lado da minha cintura. — *Eles* devem ter caído do seu bolso — corrijo, contando dezesseis preservativos, dezessete incluindo o que eu estou segurando.

Johnny olha para a camisinha na minha mão, pisca várias vezes e, em seguida, dispara da cama mais rápido do que eu já o vi se mover em um campo.

— Jesus Cristo — ele solta, passando a mão pelo cabelo. — Não é o que parece, eu juro.

Murmurando uma série de palavrões, ele começa a andar de um lado para o outro.

— Gibsie filho da puta — ele fala, mandíbula apertada. — Ele vai arruinar minha vida.

— Gibsie?

— Elas são dele — Johnny solta. — Não são minhas.

— Oh. — Levantando-me em meus cotovelos, eu o observo andar ao redor do quarto como um louco. — Ok.

— Eu só estou guardando-as para ele — ele se apressa em acrescentar, ainda andando de um lado para o outro. — Eu *não* as trouxe aqui por nenhuma outra razão além de ter esquecido que elas estavam em meus bolsos.

— Está bem.

— Pelo amor de Deus — ele geme, parando para segurar a parte de trás de sua cabeça. — Eu não... quero dizer, eu não estou... eu não esperava fazer sexo com você.

— Não?

— *O quê*? — Ele fica boquiaberto. — Não, Shannon, claro que não.

— Oh. — Olho para os preservativos antes de olhar para ele. — Por que?

— Porque eu... — Sua boca se abre e ele leva alguns momentos para se recuperar. — Espere... *o quê?*

— Uh, nada — eu murmuro, envergonhada. — Não importa.

— Você quer fazer sexo? — ele pressiona, me observando com cautela. — É isso que você está dizendo?

— Não sei. — Nervosa, fico do outro lado da cama, de costas para a janela, observando-o de volta com igual cautela. — Quero dizer, eu vou fazer isso se você quiser?

— Isso é um pegadinha... o que... você... porra! — Levantando uma mão, Johnny coloca a outra mão no topo da cabeça e respira fundo várias vezes. Ele parece prestes a explodir enquanto revira os lábios entre os dentes e me olha com os olhos. — Apenas me dê um minuto.

Eu balanço a cabeça.

— Ok.

— Eu não vou fazer sexo com você — ele finalmente diz quando as palavras o encontram novamente. Sua voz está entrecortada, sua expressão de dor. — Nós não vamos fazer sexo, Shannon — ele reitera, a voz tensa. — Não vai acontecer.

Oh Deus.

— Eu sinto muito. — Perturbada e mortificada além das contas, eu rapidamente empurro minha saia para baixo. — Foi uma estupidez... eu nem sei

o que eu estava pensando... quero dizer, é claro que você não quer... ugh, apenas esqueça...

— Eu *quero* — ele rapidamente corrige. — Acredite em mim, eu quero. Eu prometo. Mas eu simplesmente *não posso.*

— Oh. — Meu olhar vai para a barraca que ele está armando em suas calças cinzas da escola. — Porque você ainda está dolorido?

— Não, baby — ele engasga, jogando uma mão para cima. — Porque você não está pronta.

— Mas eu disse que faria se você quisesse — eu sussurro.

— *Exatamente* — Johnny geme alto. — Você disse que se *eu* quisesse, não porque *você* quer.

Balançando a cabeça, ele caminha até a cama e senta.

— É muito cedo.

— Mas quando você estava com Bella, você estava... — Eu fecho minha boca e me aproximo da janela, observando-o. — Deixa para lá.

— Jesus — Johnny murmura, deixando cair a cabeça entre as mãos. — É isso que você acha que eu quero?

Quando eu não respondo, ele se endireita e olha para mim.

— Venha cá. — Ele dá um tapinha no colchão ao lado dele. — Venha se sentar comigo um pouco.

Eu o observo cuidadosamente por um momento antes de deixar meus ombros caírem em derrota e caminhar para cama.

— Fale comigo — ele diz calmamente. — Diga-me o que está acontecendo dentro dessa sua cabeça.

— Eu apenas... — Eu paro e fico tensa, incapaz de pronunciar as palavras.

— Você apenas o que, Shannon?

— Nada.

— *Fale* comigo.

— Eu apenas quero que você *me* queira de todas as maneiras que você queria *ela*.

— Não. — Johnny balançou a cabeça. — Você não quer isso.

— Mas eu realmente quero — eu admito tristemente.

— Então, você só quer que eu *queira* te foder? — ele exige, tom aquecido. — Você quer que eu *só* queira sexo com você? Para foder você e passar o tempo todo imaginando o quão rápido eu posso ficar longe de você?

Ele olha duro para mim, me desafiando a dizer que sim.

— Ou que eu fique me perguntando quanto tempo é socialmente aceitável ficar por perto depois de sair de dentro de você? Cinco minutos? Meia-hora? Eu tenho que beijar e abraçar você ou posso sair de dentro de você e lavar o seu cheiro do meu corpo? Porque é assim que era com ela. — Ele passa a mão pelo cabelo e rosna. — Não havia sentimentos envolvidos. Era sexo e nada mais.

— Não, eu não quero isso — admito baixinho. — Eu só quero ser o que você *quer*.

— Você *é* — ele insiste, o tom caloroso. — Eu não quero o que eu tive com Bella. Eu quero o que eu tenho com *você*.

— Você promete?

— Eu prometo, Shannon!

Inclinando-se para frente, Johnny apoia os cotovelos nas coxas e exala pesadamente.

— Ouça-me, Bella foi um erro. — Ele faz uma careta enquanto fala o nome dela. — Eu acho que eu sabia que ela era um erro mesmo quando eu estava fodendo... uh, cometendo o erro — ele rapidamente emenda, lançando um olhar culpado em minha direção. — Eu estava desconectado e queria *sentir* algo por um momento. —

Ele suspira novamente.

— Eu podia ver meus amigos e os caras do time com namoradas e toda essa merda. Como Hughie e Katie? Cristo, até mesmo Gibs e Claire. E eu não sei, Shan, todos eles pareciam tão despreocupados, tão descuidados sobre isso, que eu estava com inveja — Ele olha para mim quando diz: — Fica solitário quando você está indo por um caminho e todos os seus amigos estão em outro caminho juntos, e acho que apenas ansiava por algum tipo de conexão com algo ou alguém que não fosse rúgbi. Mas isso nunca aconteceu comigo.

Endireitando-se, ele descansa a mão no colchão e se vira para mim.

— Eu simplesmente *não conseguia*, sabe? Eu nunca fui capaz de me conectar com alguém assim. — Ele dá de ombros impotente, olhos azuis fixos nos meus. — Até que um dia, eu olhei para cima da minha vida e lá estava você. Toda olhos azuis e cheia de segredos. — Ele limpa a garganta várias vezes antes de dizer: — E eu nunca me senti tão conectado.

— Johnny...

— Não, me escute, Shan — ele se apressa em dizer, descansando uma mão na minha. — Eu só posso te dizer o que eu sei — ele acrescenta, tom rouco, olhos

aquecidos. — E desde o primeiro dia que você entrou na minha vida, você me *mudou*. Da primeira vez que te vi? Você acendeu algo dentro de mim.

Soltando um suspiro pesado, ele dá de ombros, os olhos fixos nos meus.

— E eu não sou o mesmo desde então.

Meu coração galopa descontroladamente no meu peito.

— Sério?

Ele assente lentamente enquanto um pequeno sorriso rasteja em seu rosto.

— Boom.

Solto um suspiro trêmulo.

— Boom.

— Então, para responder a todos esses pensamentos fodidos em sua linda cabeça, eu *não* quero Bella ou qualquer coisa nem remotamente parecida com o que eu tive com ela — ele continua. — Eu quero o *que* temos juntos. Eu quero nossa amizade. Eu quero sua companhia. Eu quero as nossas conversas. Eu só quero um *tempo* com você. E eu não estou com pressa. Eu não quero que você sinta como se não soubesse para onde estamos indo, ou quando eu estiver beijando você, eu estou procurando por mais do que você está pronta para dar. Não vou fazer isso com você. Não vou aceitar o que você não pode dar, e eu *não vou* pressionar, ok?

Ele passa a mão pelo cabelo e suspira.

— O sexo nem é importante. É apenas uma porra de uma parte disso, uma parte que pode esperar o tempo que você quiser.

Ele está certo.

Oh Deus, ele está totalmente certo.

A mortificação me inunda.

— Eu não acho que estou pronta, Johnny — eu sussurro, as bochechas em chamas.

— Eu sei — ele responde, sorrindo. — E *tudo bem.*

Não há um pingo de hesitação em sua voz, e me agarro à sua certeza.

— Ok — eu murmuro, me aproximando.

— Você me faz feliz — ele sussurra. — Eu quero ficar com isso. Eu quero ficar com *você.*

— Johnny... — minha voz some enquanto eu contemplo a importância do que ele acabou de dizer. — Você também me faz feliz.

— E eu acho que te devo outro par de meias-calças — Ele cutuca o enorme rombo na minha meia-calça e deu de ombros timidamente. — Desculpe.

Eu sorrio.

— Não importa.

Sorrindo, ele levanta o braço e eu deslizo para o espaço.

— Eu gosto de onde estamos, Shan.

Suas palavras enrolam em torno do meu coração como um cobertor confortável.

— Nós chegaremos lá quando chegarmos lá — acrescenta depois de uma pausa de silêncio satisfeita. — Eu não estou com pressa. — Sinto seus lábios roçarem o topo da minha cabeça. — Não com você.

33
Obrigado, Jesus
Johnny

Eu sou um santo.

Sem brincadeira.

Eu tenho quase certeza de que mereço uma medalha pelo autocontrole que mostrei no quarto de Claire mais cedo. Eu duvidava que houvesse outro cara da minha idade com sentimentos por uma garota como os que eu tinha por Shannon – por uma garota que *se parecia* com Shannon – que poderia ter impedido que isso progredisse.

Horas depois e eu ainda estou tentando aceitar a melhor e a pior coisa que eu já tinha feito. Porque eu queria estar dentro daquela garota mais do que preciso do meu próximo fôlego e tê-la balançando sua virgindade na frente do meu nariz como uma porra de uma medalha de Grand Slam[6] foi o pior tipo de tentação. Mas eu fiz a coisa *certa*, caramba. Eu parei. Coloquei o que *ela* precisava antes do que *eu* queria, e esse conhecimento me deixa um pouco em paz. Então, depois que eu acalmei as coisas e descemos, bebi chocolate quente com a amiga dela, conversei, dei a segurança que ela precisava de mim, e controlei Gibsie o melhor que pude, e fiz tudo isso com o pior tipo de bolas azuis já conhecido pelo homem.

Quando Sinead Biggs chegou do trabalho um pouco depois das nove e deu a mim e a Gibs a nossa ordens de despejo, eu podia ter chorado de alegria. Por mais confuso que pareça, fiquei *aliviado* que a mulher apareceu e nos expulsou, porque eu precisava de um tempo.

Eu precisava ir para casa, e rápido, porque eu não *aguentava* mais.

Fazia mais de cinco malditos meses, e com dor ou não, eu ia gozar.

Mesmo que isso me matasse, caramba.

Eu mal consigo falar uma palavra durante todo o caminho de volta para minha casa. A antecipação está me matando e eu estou atormentado até os nervos. Medo, excitação e luxúria são as emoções dominantes percorrendo o meu corpo, impulsionadas pela memória de Shannon deitada de costas, comigo entre suas pernas.

Felizmente, Gibsie está meditando silenciosamente no banco do motorista e não desliga o motor quando para do lado de fora da minha casa. Em vez disso, ele oferece um desanimado antes de voltar a olhar pelo para-brisa:

— Venho buscá-lo pela manhã, cara.

Eu não tinha ideia do que havia de errado com ele – eu presumo que ele está de mau-humor por ser expulso pela mãe de Claire – mas agora eu não posso me preocupar com isso porque eu ia me masturbar, caramba, e os problemas dele não eram minha maior prioridade.

Quando entro em minha casa, tenho a sensação de que o próprio Jesus Cristo está cuidando de mim porque minha mãe está em uma reunião de trabalho, gritando ordens em um fone de ouvido enquanto anda pela cozinha com uma pasta na mão. Juro por Deus, eu poderia ter caído de joelhos e começado a orar com a visão. Quando ela tenta fazer contato visual comigo, eu rapidamente corro para cima, usando a muleta mais por ela do que por mim.

Temporariamente expulsando Sookie do meu quarto, fecho a porta e começo a arrancar minhas roupas. Por que eu sinto a necessidade de ficar completamente nu, eu nunca entenderei, mas eu estava queimando no inferno e precisava de alívio.

Sentindo uma mistura fodida de excitação e de medo, correr pelo meu corpo, me sento, imóvel como uma estátua, na beira da minha cama, e olho para o meu pau totalmente ereto.

Lá vamos nós...

Com todo o meu corpo enrolado em tensão, eu deixo cair uma mão e prendo a respiração, esperando pela dor que eu estava tão acostumado a sentir – aquela que eu associei ao meu pau.

Um movimento para baixo...

Mais um...

Mais uma terceira tentativa...

Quando a dor não vem, solto a respiração que estava segurando, caio de costas e olho para o teto.

— Obrigado, Jesus.

Fechando meus olhos, eu conjuro todas as imagens depravadas que eu tinha de Shannon e me levo à felicidade.

34

Luzes piscando e novas informações

Shannon

Meu corpo está enrolado com tensão durante todo o caminho de volta para a minha casa. O sentimento familiar de pavor retomou seu posto de estrangular o bem do meu dia. Todos os pensamentos sobre Johnny tinham recuado para a caixa em minha mente que eu o mantinha seguro dentro, enquanto eu anestesiava todas as emoções e mudava para o modo de sobrevivência. Era como trancar a luz do sol em um velho baú cheio de teias de aranha, não confiando que a escuridão ao meu redor não iria manchá-lo.

Como um sexto sentido enterrado dentro de mim, eu sabia que havia problemas antes de sequer vê-los. Eu podia sentir a temperatura do meu corpo caindo ao ponto do Ártico, com meu sangue virando gelo em minhas veias. Cada músculo do meu corpo travado com uma antecipação temerosa.

Eu não era ingênua o suficiente para tentar me assegurar de que tudo estava bem desta vez. A visão da minha casa iluminada como uma árvore de Natal, com todas as janelas inundando esferas amarelas de luz, e a fila de carros estacionados ao lado da calçada geralmente deserta do lado de fora, para não mencionar o carro azul e amarelo da polícia, era sinal suficiente de que as minhas afirmações silenciosas eram de fato infrutíferas.

— Shannon, querida — Sra. Biggs diz em um tom preocupado quando ela para do lado de fora da minha casa. — Está tudo bem?

— Provavelmente está tudo bem — eu murmuro, rapidamente soltando meu cinto de segurança, enquanto as garras irregulares do pânico rasgavam meu intestino. — Obrigada pela carona, Sra. Biggs — acrescento, alcançando a maçaneta da porta.

— Espere... você gostaria que eu fosse com você? — A mãe de Claire pergunta, o tom misturado com ternura, enquanto ela coloca a mão no meu ombro. — Eu posso estacionar, querida, e levá-la para dentro...

— Não, não, está tudo bem — eu murmuro, empurrando a porta do passageiro para abrir, e agradecendo meu anjo da guarda que Claire ficou em sua casa ao invés de vir no carro. — Mas é melhor eu entrar agora.

A Sra. Biggs, que se parece tanto com Claire, morde o lábio por um longo momento, claramente ansiosa.

Não tanto quanto eu...

— Você vai ligar para Claire mais tarde? — ela finalmente pergunta, me olhando com cautela. — Só para avisar que chegou bem?

Eu balanço a cabeça, ofereço-lhe um pequeno sorriso, e então saio correndo.

Respirando fundo, eu digo para mim mesma durante todo o caminho da calçada até a porta da frente. *O que quer que tenha acontecido, você pode lidar com isso.*

Apenas continue respirando, Shannon.

Quando chego à porta da frente, uma onda horrível de deja-vu flutua através de mim, e por um momento, eu apenas fico ali, meus dedos enrolados em torno da maçaneta da porta, e meu corpo inteiro fora de controle.

Ele está lá, meu cérebro sibila*, Fuja, Shannon. Afaste-se agora!*

Minhas escolhas são tiradas de mim quando a porta se abre e meus olhos pousam em Joey. Eu me embriago na visão de seu rosto sem sangue por um momento antes de um enorme estremecimento me atingir.

— Shh — ele sussurra quando eu abro minha boca para falar. Em vez de me conduzir para dentro, Joey sai e fecha a porta atrás dele. — Eu preciso falar com você.

— O que está acontecendo, Joe? — Eu solto, em pânico.

— Está tudo bem. — Agarrando meu braço, ele gentilmente me puxa para o jardim lateral e para fora da vista das janelas e portas. — Mas precisamos conversar.

— Conversar? — Eu faço uma careta para ele. — Sobre o quê?

Aturdida, aceno com a mão para os carros estacionados do lado de fora da casa.

— O que está acontecendo? Por que a polícia está aqui, Joe? Por que o carro da Patricia está aqui?

— Venha aqui...

Arrastando-me pela grama crescida, deslizamos para o pequeno espaço entre o galpão do jardim e o muro, para a velha toca em que passamos muitas noites nos escondendo. Não tinha nada para se olhar; apenas alguns metros de grama pisada na parte de trás do galpão, protegida pelo tanque de óleo não utilizado, mas a brecha para chegar aqui era muito estreita para nosso pai passar. Costumávamos manter cobertores, lanternas e uma pequena lata de biscoitos

aqui quando éramos pequenos, mas fazia muito tempo que nenhum de nós voltava aqui.

— Ele se entregou, Shan. — Joey olha para trás e solta um suspiro trêmulo. — A polícia o pegou.

— O pai? — Eu solto, embora não tivesse certeza se falei a palavra ou só gesticulei com a boca. Meu coração está correndo a cem quilômetros por hora, forçando o ar de meus pulmões em uma corrida ofegante. — Você está falando sério?

Joey assente e sinto meu corpo enfraquecer.

Enfraquecendo aos poucos e cada vez mais até que eu estou me movendo em direção ao chão em câmera lenta.

— Eu peguei você. — Os braços de Joey vem ao meu redor. — Está bem.

Colocando nós dois na grama molhada, ele se agacha ao meu lado com as mãos nos meus ombros.

— Shh, você está segura.

Imóvel, eu me inclino contra a parede de concreto nas minhas costas, sentindo a umidade escorrer pela minha saia da escola, mas incapaz de mover um músculo, enquanto meu cérebro estava acelerado.

Eles o pegaram?

Ele se entregou?

Meu pai

— Eu vou vomitar... — as palavras mal saem da minha boca antes de eu me virar para o lado e jogar o conteúdo do meu estômago na grama.

— Boa menina. — Agarrando um punhado do meu cabelo, Joey puxa para trás do meu rosto e dá um tapinha nas minhas costas. — Coloque para fora. Você vai se sentir melhor.

Não, eu não iria

Eu nunca iria me sentir melhor novamente porque isso estava tudo *errado.*

Com o estômago arfando, eu choramingo e fico boquiaberta até ficar vazia, sem mais nada dentro de mim para sair.

— Por que? — Eu murmuro quando as palavras finalmente me encontram. Peito arfando, eu limpo minha boca com as costas da minha mão e caio em derrota. — Ele se entregou?

Eu balanço minha cabeça, rejeitando a ideia. Não, ele tinha que ter entendido tudo errado.

— Ele não faria isso, Joe. — Nosso pai *nunca* se entregaria voluntariamente por nada. — Isso não é real.

— Eu sei — Joey concorda, falando em um tom baixo e abafado. — Eu também não acredito. — Ele passa a mão pelo cabelo em frustração. — Algo está errado.

— O que mais você sabe?

— Nada — ele responde. — Eu literalmente entrei pela porta após o trabalho antes de você e encontrei todos eles na cozinha.

Ele gesticula para o macacão gorduroso de graxa que está vestindo e dá de ombros, impotente.

— Os policiais, Patricia e algumas outras mulheres que eu nunca vi antes, todos lá com mamãe e Darren.

— O que estão dizendo?

— Eu não sei, Shan. — Ele balança a cabeça e acrescenta: — Eles não me deixaram ficar... eles me chutaram para fora da cozinha, mas eu ouvi um dos policiais dizer, antes que eles fechassem a porta na minha cara, que papai se entregou. Em seguida eu ouvi o carro parando, então eu vim direto te avisar.

Meu estômago se revira em nós.

— Bem, obrigada pela preocupação.

— Eu não entendo o que está acontecendo aqui — ele diz, ignorando meu agradecimento. — Ele deve ter ido a um advogado ou algo assim. Conseguiu algum conselho...

Ele solta um grunhido irritado.

— *Não* faz sentido ele simplesmente entrar na delegacia e se entregar.

— Talvez ele se sinta culpado? — Eu ofereço fracamente, sabendo que é uma concepção estúpida.

— Você precisa ter consciência para se sentir culpado — Joey retruca. — Ele não tem uma dessas.

Grande verdade.

— É uma merda — diz uma voz familiar, fazendo com que nós dois nos virássemos quando uma figura sombria se aproxima na escuridão. — Eles estão lá, falando sobre nossas vidas, tomando decisões por *nós*, e não temos permissão para ouvir.

— Tadhg — eu solto, pressionando a mão no meu coração quando ele sai do pequeno buraco, seu rosto iluminado pela luz da rua do outro lado da rua.

— Onde estão Ollie e Sean? — é a única pergunta de Joey.

— Na cama, ambos estão dormindo — Tadhg responde antes de caminhar até onde estávamos agachados e sentar na grama ao nosso lado. Descansando as costas contra a parede ao meu lado, ele engancha os braços em volta dos joelhos e murmura: — Mas Sean mijou na cama de novo.

Joey suspira cansado.

— É melhor eu ir...

— Eu resolvi — interrompe Tadhg. — Está feito.

Meu coração se parte.

Bebês cuidando de bebês.

— E Ollie está tendo mais pesadelos. Ele continua acordando chorando, dizendo que algo vai voltar no meio da noite e nos pegar — acrescenta Tadhg, em tom duro. — Eu não consigo dormir com a porra de um bebê chorão.

— Tadhg — eu digo cansada. — Por favor, não xingue.

— Por que? — ele retruca, olhando para mim. — O que você vai fazer sobre isso?

— Porque você tem onze anos e é jovem demais para xingar — respondo tristemente. — E eu não vou fazer nada sobre isso. Simplesmente não deveria estar acontecendo.

— Vai se foder, Shannon — ele zomba. — Farei doze anos na sexta-feira, e há muitas coisas na minha vida que não deveriam estar *acontecendo.*

— Pare com isso — Joey ordena em um tom autoritário, travando os olhos em nosso irmãozinho. — Você quer ficar chateado com mamãe e papai – com o mundo inteiro? Então vá em frente. Sinta isso. É real e é justificado. Você *deveria* estar furioso. Não é *justo*. Mas nem pense em jogar isso sobre ela, eu ou aquelas duas crianças lá em cima, porque nós nada fizemos contra você, garoto. Não fizemos nada para merecer esta vida, da mesma forma que você não fez, então lembre-se disso antes de vir aqui, jogando sua dor em nós.

Tadhg olha fixamente para Joey por um longo momento antes de estremecer violentamente.

— Eu não quero que ele volte — ele finalmente diz, com a voz embargada. Ajoelhando-se, ele pula em Joey. — Eu não quero isso — ele grita, envolvendo os braços em volta do pescoço de Joey. — Eu quero que isso acabe. Eu só quero que isso acabe!

— Eu sei, garoto — Joey engasga, segurando-o com força. — Eu sei.

— E você me deixou — ele soluça, chorando ainda mais. — Você não pode me deixar. Eu preciso que você *fique* comigo.

— Estou aqui — Joey sussurra, estremecendo agora, os olhos cheios de angústia e fixos nos meus. — Eu estou bem aqui.

— E eu também — eu solto, envolvendo meus braços em volta dos meus irmãos. — Somos uma equipe, pessoal — acrescento, derramando o máximo de entusiasmo que consigo em minha voz para o benefício do meu irmãozinho. — Nós vamos passar por isso.

— Exatamente — Joey concorda, a voz tensa. — Nós vamos conseguir.

— Juntos? — Tadhg funga.

Eu travo os olhos em Joey e murmuro:

— *Juntos*?

— Claro, garoto. — Joey cerra os olhos. — Juntos.

Ficamos sentados assim, na grama encharcada com a chuva caindo sobre nós, até que o som de vozes altas perturba o silêncio.

— Obrigado por vir falar conosco — a voz abafada de Darren enche meus ouvidos e nós três endurecemos em uníssono. — Eu aprecio a atualização.

Tadhg se move para se levantar, mas Joey e eu pegamos a blusa do pijama dele e o arrastamos de volta para baixo.

— Não se mova — Joey instrui calmamente.

Tadhg franze a testa.

— Mas eles estão...

— Apenas *ouça* — Joey pede.

Ele ainda tinha muito a aprender.

— Sem problemas, Sr. Lynch — uma voz masculina, que eu presumo pertencer a um dos policiais, responde. — Só lamento que não seja a notícia que você esperava.

Meu coração afunda.

Na verdade, não, não afunda.

Permanece exatamente onde está; na boca do meu estômago.

Porque, assim como Joey e Tadhg, eu sei que nada de bom está acontecendo.

Quando se trata de nosso pai, nada de *bom* acontecia.

— Sua mãe deve encontrar algum conforto no fato de que ele está respondendo por seus feitos — continua o policial. — Pelo menos é um progresso.

— Não é bem o progresso que eu esperava — responde Darren, em tom um pouco mais duro do que o normal. — Ou minha irmã e irmãos, na verdade.

— Sim, bem, está fora de nossas mãos — uma voz feminina interveio em um tom neutro. — A lei é a lei e, infelizmente, não temos o que fazer sobre isso. Estamos aqui apenas para cumpri-la.

— A lei é uma piada do caralho — tanto Joey quanto Tadhg murmuram ao mesmo tempo.

— Toquei no verde — Tadhg sussurra com um pequeno sorriso puxando seus lábios.

Joey revira os olhos e tranca um braço ao redor de Tadhg. Arrastando-o em seu colo, ele esfrega os nós dos dedos contra a cabeça de Tadhg.

— Ai... bati na madeira.

— Shh — eu os aviso e me esforço para ouvir mais.

— Olha, não vamos tomar mais do seu tempo — disse o policial. — Boa noite, Sr. Lynch.

— Sim, boa noite — responde Darren. — Obrigado.

O som de um motor ruge alguns momentos depois e então lentamente desaparece na distância.

— Vou para dentro — Tadhg começa a dizer, levantando-se novamente, apenas para ser puxado para baixo por nosso irmão mais uma vez. — Eu quero respostas, pessoal!

— Apenas fique parado — Joey instrui calmamente. — Eles não terminaram.

Suspirando, Tadhg cruza os braços sobre o peito e faz beicinho.

Joey balança a cabeça.

— Você tem muito a aprender, garoto.

Esperamos até que Patricia e as outras mulheres saiam de casa, entrem em seus carros e vão embora, antes de Joey se levantar.

— Ok — ele anuncia, inclinando a cabeça em direção à casa. — *Agora* vamos buscar respostas.

Tadhg corre à nossa frente, entrando na cozinha antes que Joey e eu pudéssemos passar pela porta da frente, gritando:

— O que diabos está acontecendo?

— Ouça, deixe-me lidar com isso — Joey diz em um tom baixo, dando um pequeno aperto no meu ombro antes de entrar na cozinha na minha frente.

De pé na porta, meus olhos vão direto para minha mãe, que está sentada em seu poleiro habitual na mesa, com um cinzeiro na frente dela e um cigarro balançando entre seus dedos frágeis. *Sem surpresas até aí.* Ela tinha sua xícara padrão de café na frente dela – aquela encharcada em vodka ou qualquer outra

opção de remédio líquido para a noite. Ela está chorando baixinho em uma mão enquanto fuma seus cigarros. *Novamente, sem surpresas.*

Há uma pequena pilha de envelopes brancos na mesa ao lado dela. Um dos envelopes havia sido aberto e o pedaço de papel está sobre a mesa ao lado do cinzeiro.

— O que está acontecendo? — Tadhg é exigente enquanto está no meio da cozinha, encarando nosso irmão mais velho e ignorando completamente nossa mãe. — Eu quero saber!

— Fique quieto, Tadhg — Darren retruca. — Estou tentando pensar...

Ele anda de um lado para o outro, apertando um envelope branco com força em seu punho.

— Eu não consigo pensar!

— Diga-me o que está acontecendo e você pode voltar a pensar — Tadhg cospe, sem perder o ritmo.

Pairando na porta, observo Joey passar direto por Darren sem dizer uma palavra e pegar o pedaço de papel da mesa.

Meu coração parecia que tinha parado no meu peito enquanto eu o observo ler, sobrancelhas franzindo cada vez mais fundo, até que ele cerra os olhos completamente. Rígido, ele enrola o pedaço de papel e o joga na parede.

— Porra!

— Isso não está ajudando — Darren adverte calmamente.

— Não, você sabe o que não está ajudando? — Joey retruca. — Você, Darren. Você não está ajudando porra nenhuma!

— Você acha que eu quero isso? — Darren sibila, olhando carrancudo para Joey. — Você está louco se você acha que eu queria *isso.*

— Oh Deus. — A mãe soluça alto. — Eu não posso aceitar isso.

— Apenas cale a boca com o choro! — Tadhg ladra, puxando o cabelo em frustração. — Estamos todos cansados de ouvir você choramingar!

— Calma, Tadhg — Darren late. — Não fale com ela assim.

— Não diga a ele o que fazer — Joey é rápido em pular na frente e defendê-lo — O garoto está certo. Estamos todos cansados de ouvi-la, inclusive você. Ele só tem coragem de dizer isso.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto, permanecendo exatamente onde estou, com a porta da frente nas minhas costas e a opção de trancar disponível, se necessário.

— Diga a eles o que está acontecendo, Darren — Joey zomba ameaçadoramente. — Vá em frente e conte as boas notícias a Shan e Tadhg. Ou melhor ainda...

Fazendo uma pausa, Joey caminha até a mesa e pega a pilha de envelopes. Espalhando-os, ele pega dois de volta na mesa antes de caminhar em nossa direção.

— Deixe-os ler. — Jogando um envelope nas mãos de Tadhg, Joey se aproxima e me entrega aquele com *Shannon* rabiscado na frente, antes de enfiar o último envelope que está segurando no bolso de seu macacão azul. — Façam uma boa leitura, pessoal — acrescenta ele, tom atado com sarcasmo. — A porra da melhor ficção que eu já li, não é, mãe?

Não ouso abrir a carta em minhas mãos, não quando meu cérebro reconhece o garrancho rabiscado como a caligrafia do meu pai.

— Ele escreveu uma carta para cada um de nós — Joey zomba, o tom gotejando veneno e sarcasmo. — Sorte a nossa.

Darren balança a cabeça.

— Joe...

— Ele está morto? — Eu solto, o coração batendo violentamente. — É isso?

Eu seguro a carta.

— Ele se... — minha respiração engata na minha garganta e eu tive que forçar o resto — Se matou?

— Sem sorte — Joey sibila. — Ele está tranquilo, vivendo em Brickley House.

— Brickley House?

— É um centro de reabilitação do outro lado da cidade — explica Darren. — Papai se inscreveu há duas semanas, Shannon. Um dia depois que você foi para o hospital. É onde ele esteve... por que ninguém conseguiu encontrá-lo.

Fecho os olhos por um momento, tentando digerir minhas emoções e digerir o que estava ouvindo, mas quando falo de novo, tudo o que consigo dizer é:

— *O quê?*

— O que isso significa? — Tadhg solta, empalidecendo. Quando ninguém responde, ele grita: — O que está acontecendo?

— Isso significa que ele é um filho da puta inteligente com amigos em lugares importantes e acesso a alguns conselhos legais — Joey zomba, colocando as mãos nos quadris. — Isso significa que ele não vai ver um dia atrás das grades, como eu previ. Como eu disse a todos vocês, porra!

— Não — Darren rapidamente intervém. — Ele ainda terá que ir ao tribunal.

— Por que ele não está na prisão *agora*? — Eu solto, sentindo meu corpo tremer da cabeça aos pés. Virando meu olhar para Darren, eu sussurro: — Isso é o que você disse, Darren. Você me disse que assim que se eles encontrassem o papai, ele seria preso.

Um soluço áspero rasga da minha garganta e eu instintivamente agarro meu corpo, lembrando muito bem o que aconteceu nesta cozinha na última vez que nosso pai esteve aqui. Meu corpo é tomado pelo pânico.

— Isso é o que você disse — eu solto, sentindo-me perto de desmaiar. — Você *prometeu*.

Darren se encolhe.

— Eu sei o que eu disse...

— Ele está *cooperando* — Joey interrompe, em tom furioso.

— O que você quer dizer? — pergunta Tadhg.

— Se internar na Brickley House foi o suficiente para mostrar ao juiz que ele está mostrando remorso por suas ações e está disposto a procurar ajuda para seus vícios — explica Darren. — Isso significa que o juiz consentiu uma fiança, alegando que ele deve completar um plano de tratamento de trinta dias, cumprir a ordem de restrição em vigor e aparecer no tribunal em novembro.

— Novembro? — Meus olhos se arregalam de medo. — Mas isso é daqui a meses.

— O que significa que ele será um homem livre em algumas semanas — acrescenta Joey, batendo palmas. — Bem feito, porra.

Voltando sua fúria para a mamãe, ele diz:

— Você pode parar de chorar agora. Ele vai voltar para você em breve.

— Não, ele não vai — Darren retruca. — Ele vai pagar pelo que fez.

— Não brinque com eles, Darren! — Joey ruge, perdendo completamente a calma. — Não minta para eles, porra.

Virando-se para nós, ele diz:

— Ele vai cumprir seus trinta dias, sair um homem mudado, cheio de remorso e arrependimento, aparecer no tribunal em um belo terno que um de seus amigos idiotas escolheu para ele, e o juiz vai elogiá-lo por seus esforços – sua vida limpa e sóbria. E então teremos o discurso "todo mundo merece uma segunda chance" antes que eles o mandem embora com um tapinha nas costas.

— Joey! — Darren estala. — Já chega.

— Alguns meses se passarão, os assistentes sociais nos vão nos dispensar... porque, convenhamos, pessoal, há uma fila de fodidos como nós para lidar —

continua Joey, ignorando Darren. — Enquanto estivermos todos alimentados, vestidos, relativamente ilesos e indo a escola, vamos desaparecer do radar deles. Eles vão esquecer de nós... assim como antes.

— Eu disse que já chega! — Darren rugiu. — Você está assustando eles!

— E então ele vai deslizar de volta para a cama dela como se nada tivesse acontecido — acrescenta Joey, estreitando os olhos verdes para Darren. — *Isso é* o que vai acontecer, e vocês todos são tolos se acreditam no contrário.

— Te odeio! — Tadhg grita, jogando sua carta fechada na mamãe e depois saindo correndo da cozinha, me empurrando para o lado enquanto corre. O som de seus passos trovejando na escada preenche o silêncio tenso que se estabelece ao nosso redor após sua retirada.

Continuo a observar meus irmãos e minha mãe com cautela, o tempo todo desejando poder sentir algo por dentro. Tudo está dormente e frio e minha vida parece congelada no tempo. Não há nada lá. Eu estou apenas *vazia.*

Toda a minha fé, minha esperança, meu futuro... puf.

— Eu vou sair — Joey finalmente declara. Esfregando o rosto com a mão, ele exala um gemido de dor. — Eu preciso *não* estar aqui agora.

— Onde você está indo? — Darren exige. — Joey, são quase onze e meia da noite...

— Não é da sua maldita conta — Joey cospe enquanto sai da cozinha, cuidadosamente evitando roçar em mim enquanto saía – ou fazer contato visual.

— Joey — eu chamo atrás dele, a voz embargada. — Por favor, não vá...

A porta da frente se fecha e fico sozinha com mamãe e Darren.

— Vai ficar tudo bem — Darren diz, virando-se para mim. — Eu prometo.

— Não faça promessas que você não pode cumprir, Darren — eu retruco, tremendo.

— Ele está certo — mamãe funga, virando-se para olhar para mim. — Porque eu não vou deixá-lo voltar aqui.

— Não diga nada — eu sussurro, e sem dizer mais uma palavra, giro nos calcanhares e caminho até meu quarto, com a carta do meu pai na mão, desejando ter apreciado as duas últimas semanas de sono que tive, porque eu sei em meu coração, eu não estarei dormindo facilmente novamente.

Ele vai voltar, é tudo que eu consigo pensar enquanto subo na cama sob as cobertas e me enrolo na menor bola que posso. *Ele está voltando para casa – espere para ver.*

Alguém vai morrer nesta casa.

Cedo ou tarde...
Eu não prego o olho naquela noite.

35
Lenços e problemas de ejaculação
Johnny

— Você está morto?

A voz de Gibsie perfura o melhor sono que eu tive em anos e relutantemente eu pisco para acordar.

— Huh? — Eu pergunto, a voz rouca e grossa do sono. — Que porra?

Apoiando-me no cotovelo, eu olho ao redor, avistando meu melhor amigo na porta do meu quarto.

— O que você está fazendo?

— Eu disse a você ontem à noite que iria buscá-lo para a escola. — Ele responde, me dando um olhar curioso. — O que você tem?

— Nada. — Bocejando alto, passo a mão pelo meu cabelo. — Você me acordou.

— Você costuma estar acordado à essa hora — Ele afirma, olhando para mim. — Você está doente?

— Eu pareço doente? — Eu retruco, irritado como o inferno porque ele me acordou do primeiro sono decente e sem dor que eu tive em meses. — Que horas são?

— Cinco e meia — ele responde, franzindo a testa. — E não, você não parece doente, mas definitivamente parece *diferente*.

Arregaçando as mangas do uniforme azul-marinho, ele se aproxima da minha cama, me observando com suspeita em seus olhos.

— Pacífico — observa ele. — E relaxado. — Seus olhos se arregalam então. — Você gozou, não é?

— Cara, é muito cedo para lidar com você. — Caindo de volta no colchão, pego um travesseiro, coloco-o contra o meu peito e rolo de lado com toda a intenção de voltar a dormir. — Dê-me algumas horas. Nós não temos que estar na escola antes das nove e dez.

— Mas estou pronto para treinar — ele pressiona. — Você disse que me ajudaria. Eu preciso de um objetivo de vida.

— E eu vou — eu gemo, me aconchegando mais fundo no meu travesseiro. — Apenas... deixe-me dormir hoje, ok?

— Imaginando que esse travesseiro é sua namorada? — pergunta Gibis. — *Pequena Shannon*?

— Cai fora, Gibs — eu resmungo, fechando meus olhos. — Estou cansado.

— Sim, você está cansado de tanto bater uma — ele retruca. — É por isso que você não vai se levantar e me treinar.

— Vá sem mim esta manhã — eu murmuro. — Eu vou com você amanhã... eu prometo.

— Foda-se — ele fala. — Eu nunca acordo tão cedo...

— Shh — eu falo, mantendo meus olhos fechados. — Durma.

— Jonathon.

— Gerard.

— Você se masturbou até um estado de exaustão, não foi? — ele acusa. — Jesus!

— Eu não estou falando sobre isso com você.

— Você usou o tubo de lubrificante que eu comprei para você?

— Cai fora e deixe-me dormir.

— Estava sensível?

— Gibs!

— Você aproveitou?

— Jesus... — Eu pisco meus olhos abertos e olho para a parede à minha frente, contando até dez na minha cabeça, e me esforçando para ter paciência. — Apenas vá *embora.*

— Não seja tímido comigo — ele zomba enquanto se joga na minha cama ao meu lado. — Não temos segredos.

— Bem, talvez precisemos ter alguns — eu rebato, rolando de costas para encará-lo. — Jesus.

— Eu não vou parar até que você me diga, então você pode acabar logo com isso. — Cruzando os braços atrás da cabeça, Gibsie exala um suspiro alto antes de acrescentar: — Estou muito empenhado em levar isso até o fim, Johnny.

Olho para ele por um longo tempo antes de um sorriso de merda se espalhar pelo meu rosto.

Percebendo meu sorriso, os olhos de Gibsie se arregalam.

— Puta merda. — Ele sorri, os olhos brilhando de excitação. — Sério?

— Funciona — eu esclareço com um suspiro de contentamento.

— Como foi? — ele pergunta então, parecendo que ele está genuinamente empolgado por mim. — O mesmo de antes? Melhor? Pior?

— Foi satisfatório — eu digo a ele. — Mas aviso prévio... você está deitado na mancha de gozo, cara.

— Jesus Cristo, Johnny! — Gibsie sibila enquanto pula para fora do colchão. — Já ouviu falar de uma punheta refinada? Eu te dei uma porra de um monte de preservativos.

— Eu não sou refinado — eu ri. — E eu acabei de fazer funcionar novamente. Eu não estou sufocando o pobre coitado.

— Olhe para a minha bunda!

Gibsie uiva, e eu tenho que pressionar o travesseiro que estou segurando no meu rosto para abafar o riso.

— Olha o que você fez comigo! — ele grita, apontando para o tecido grudado na parte de trás de suas calças. — Tire isso — ele pede. — Tire a porra do seu esperma da minha bunda agora mesmo!

— Não — eu engasgo com acessos de riso.

— Você gozou na minha bunda! — ele ruge. — Seu esperma está tocando meu corpo.

— Pare ou eu vou estourar meus pontos de tanto rir de você!

— Levanta — ele exige, indignado. — Saia do seu buraco e me ajude!

— Eu não posso — eu falo através de ataques de riso. — Eu estou fraco.

— Sim, você é fraco — Gibsie rosna enquanto começa a tirar o uniforme. — Porque você jogou metade do seu maldito peso corporal no maldito colchão.

Arrancando o suéter e a camisa, ele tira os sapatos e empurra as calças da escola pelos quadris antes de sair delas.

— Seu bastardo doente — ele rosna enquanto pega suas calças e as joga em mim. — Você é tão... um... um idiota!

Eu rio porque com toda a honestidade, o que mais eu poderia fazer?

— Eu sinto que está em mim — ele geme — Está em mim?

Engasgando, ele gira de um lado para o outro, tentando ter uma visão melhor de suas costas.

— Eu sinto como se estivesse tocando minha pele! — Olhando para mim, ele cospe. — Eu me sinto *violado*, Johnny!

— Não está tocando em você. — Eu engasgo, mal capaz de respirar neste momento, enquanto jogo suas calças de volta para ele. — Você está bem, eu prometo...

— Lave meu uniforme — ele exige, pulando para fora do caminho. — Arraste você e seu pau grande e inchado para fora da cama e lave a porra das minhas roupas!

Estreitando os olhos, ele sussurra:

— Eu não me importo se você tiver que rastejar em suas mãos e joelhos pela porra da escada, mas é melhor você levar minhas roupas lá para baixo e lavá-las! Senão, eu estou pegando a porra do seu uniforme e você pode vestir seu próprio esperma!

— Eu limpei mais fluidos corporais seus do que eu gostaria de lembrar — eu retruco, sorrindo.

— Eu acho que seu esperma vivo real na minha bunda supera o meu vômito em seus lençóis, filho da puta! — ele ruge, estremecendo da cabeça aos pés.

— O esperma morre quando é liberado, Gibs.

— Não por *quinze horas* — ele retruca com um estremecimento. — Eu estava ouvindo as enfermeiras do sexo ontem.

— Elas não eram enfermeiras do sexo — eu ofereço, ainda rindo. — E pelo menos você não pode engravidar.

— Engravidar? — ele ferve, a voz subindo em indignação. — Estou grávida pra caralho! Estou grávida de *desespero*, Johnny! Estou com a barriga cheia de nojo agora.

— Rapazes? — A voz de mamãe enche o ar. — Qual é o problema... oh, Gerard, por que você está de cueca?

— Seu filho... — Gibsie faz uma pausa para apontar um dedo acusador para mim antes de continuar — ejaculou em mim.

— Ele ejaculou? — mamãe perguntou com uma expressão confiante no rosto.

— Sim, ele ejaculou! — Gibsie geme, estremecendo da cabeça aos pés.

— Eu não ejaculei em você — eu rebato, dividido entre rir e chorar. — Eu ejaculei e você *sentou*.

— Mesma coisa — ele ladra, furioso. — Mesmo resultado, Johnny!

— Oh, amor, estou tão feliz que está funcionando para você de novo — mamãe diz, cedendo de alívio. — Mas você não deveria estar fazendo isso enquanto seus amigos estão aqui.

— *O quê*? — Eu fico boquiaberto para ela. — Essas palavras estão realmente saindo da sua boca?

— Está em todo o meu uniforme, Mamãe K. — Gibsie diz a ela. — Ele me arruinou.

— Eu sei, Gerard, amor — ela persuade, dando um tapinha na bochecha do grande bastardo. — Vá e tome banho e eu lavo seu uniforme para você. Vai ficar novinho em folha.

— Estou com fome também — acrescenta, dando-lhe o olhar de cachorrinho que caiu da mudança.

— Eu vou fazer alguns assados para você, querido — ela responde. — Agora, entre e se lave.

Tremendo, Gibsie assente e entra no banheiro, discretamente me mostrando o dedo do meio enquanto vai.

— Agora — mamãe diz com um suspiro cansado enquanto se abaixa e pega o uniforme de Gibsie do chão. — Eu sei que posso estar atrasada com os tempos, e isso não é algo que eu imaginei ter que dizer a você, Johnny, mas por favor, não fique ejaculando em Gerard.

— Eu *não* ejaculei — eu falo, mortificado. — Por que eu *faria* isso?

Mamãe balança a cabeça e murmura algo sobre:

— Quem sabe com a juventude de hoje.

— Mãe — eu rebato, nervoso. — Eu bati uma punheta. Ele sentou no lenço e fez birra. Eu não ejaculei nele.

— E Jesus chorou — mamãe choraminga, levando a mão à testa. — Eu poderia ter tido uma filha. Eu poderia ter *entendido* uma filha...

— Bem, você me teve — eu bufo, caindo de volta no colchão. — Com pau e tudo.

— Jonathon!

— Tanto faz, mãe, você deveria estar feliz — eu boto para fora, a dignidade indo embora. — Eu posso realmente ser capaz de lhe dar netos um dia.

— Não com Gerard, você não vai.

Meu queixo cai.

— Eu não sou gay!

— Estaria tudo bem se você fosse — ela oferece.

— Obrigado, eu concordo, mas eu ainda não sou gay — eu retruco. — Eu tenho uma namorada.

Eu poderia ter chutado meu próprio traseiro por deixar essa admissão escapar.

Mamãe congela.

— Shannon?

Porra, por um milésimo de segundo...

— Sim, Shannon é minha namorada. — Eu respondo, sentando. — Estamos juntos agora, e antes mesmo de você começar, apenas saiba que nada que você ou papai digam sobre ela vai fazer a mínima diferença para mim.

— Eu não ia dizer *nada* sobre Shannon — mamãe responde depois de uma longa pausa. — Eu acho que ela é uma garota adorável, amor.

Suas sobrancelhas estão franzidas, olhos castanhos fixos nos meus, enquanto ela me observa atentamente.

— Mas a família dela...

— Eu não quero ouvir isso — eu interrompo-a, dizendo. — Não vou namorar a família dela, mãe, vou namorar ela.

— E o que a mãe dela disse? — Minha mãe sussurra, empalidecendo. — Ela tem apenas dezesseis anos, Johnny.

— Olhe para mim. — Faço um gesto para a cama e depois para a pilha de roupas em seus braços. — O que você acha que eu estava fazendo aqui?

— Eu não sei... — Minha mãe morde o lábio. — Eu não quero que você...

— Cresça? — Eu ofereço. — Um pouco tarde para isso, mãe. Farei dezoito no mês que vem.

— Isto é sério?

— Estou falando sério sobre ela — eu respondo, sem perder o ritmo.

— Quão sério?

— Sério o suficiente para eu amá-la. — Eu falo, encontrando os olhos de minha mãe com aço em minhas veias. — Sério o suficiente para não me assustar.

— Você está... — Sua voz falha e ela engole um gemido antes de acrescentar — Dando um passo de cada vez?

— Nós não estamos fazendo nada — eu digo a ela. — Eu não sou estúpido, ok? Então, não se preocupe.

Mamãe suspira de alívio, seus pequenos ombros caídos.

— Eu gosto dela, Johnny — acrescenta. — Eu acho que ela é uma garota sensacional – e boa para você. Eu acho que ela é uma influência *maravilhosa* para você, amor, mas eu só...

Ela suspira novamente.

— Você é *meu* bebê, e eu não quero que você se envolva em algo que possa afetar o seu futuro. — Ela me dá um olhar conhecedor. — Eu não quero que você cometa nenhum erro.

— Estou com a cabeça no lugar, mãe — eu digo a ela. — Sei para onde estou indo e sei o que preciso fazer para chegar lá. Não vou me ferrar.

— Bem, então... — Soltando outro suspiro pesado, mamãe dá um grande sorriso. — Você deveria trazê-la para jantar em breve.

Pisco rapidamente.

— Eu pensei que você disse...

— Eu disse que você não tinha permissão para ir lá, mas Shannon é sempre bem-vinda *nesta* casa — mamãe diz. — Sob supervisão.

— Eu, uh... — Coçando meu peito, observo minha mãe cuidadosamente antes de balançar a cabeça. — Sim, eu vou fazer isso.

— Encantador. — Mamãe sorriu brilhantemente. — E você deveria convidar aquele irmão dela também. Garoto sensacional, mas ele parece tão solitário. Você e Gerard poderiam fazer um pequeno esforço com ele – talvez você pudesse levá-lo para a academia algum dia?

— Uh, sim... tudo bem? — *Joey Lynch é mais propenso a jogar uma barra em mim do que sair comigo, mas você está levando isso bem, então eu vou também...* — Eu vou fazer isso.

— Bom menino. Agora, traga seus lençóis para lavanderia quando você estiver descendo para o café da manhã — ela acrescenta antes de sair com o uniforme de Gibsie enrolado em seus braços. — E da próxima vez, seja mais organizado. Sobre o vaso sanitário funciona para o seu pai... menos bagunça.

Foda-se. Minha. Vida.

36
Rompendo Muros e Litorais
Johnny

— Você poderia realmente ter me ferrado com os preservativos, cara, e eu te perdoei, então sai dessa e deixe para lá — lembro Gibsie quando ele para no estacionamento em Tommen. Ele passou o caminho inteiro da minha casa até a escola reclamando sobre seu uniforme e eu passei a viagem inteira lembrando-o das muitas, *muitas* vezes ao longo dos anos que ele tinha sido um pé no saco. — Você tem sorte de Shannon não ter surtado comigo porque essa conversa estaria acontecendo em um local diferente. — Eu acrescento enquanto abro a porta do carro e saía. — Como um hospital. Ou sobre seu túmulo.

— Bem, eu nunca vou te perdoar por esta manhã — ele bufa, dando a volta no carro e caminhando ao meu lado. — Você *gozou* em mim, Johnny.

— Eu vou gozar em você de um jeito muito pior se você não der uma maldita pausa — eu rebato.

Bufando alto, ele agarra a frente de seu suéter e o arrasta até o nariz.

— Com o que sua mãe lava as roupas? — ele pergunta, inalando profundamente. — Cheira como o céu.

— Não faço ideia, cara. A mulher coloca uma tonelada de porcaria diferente na máquina para uma lavagem. — Dando de ombros, acrescento: — Acho que é a garrafa azul que faz as roupas cheirarem assim.

— Hmm — ele medita, expressão pensativa. — Você acha que se eu trouxesse...

— Não, Gibs — eu o interrompo com um suspiro cansado enquanto contornamos o pátio. — Ela não vai lavar suas roupas para você, então não vamos nesse caminho.

— É justo, eu só estava perguntando – oh merda! — Agarrando a parte de trás do meu suéter, Gibsie me puxa para uma parada abrupta e, em seguida, me arrasta de volta para onde ele está parado, ereto e carrancudo.

— Que diabos, cara? — Eu ladro, estremecendo quando a dor sobe pelas minhas pernas pelo inesperado puxão na direção.

— Olhe — ele cospe, inclinando a cabeça em direção ao prédio da frente. — Aquele merdinha.

Confuso, sigo sua linha de visão até que meus olhos pousam em Claire. Ela está parada do lado de fora das portas de vidro do prédio principal, conversando com quem eu vagamente reconheço como o cara que Gibsie agrediu na discoteca da escola no ano passado. Apertando os olhos, pergunto:

— É o...

— Jamie Kelleher? — ele oferece categoricamente. — Sim.

— E nós o odiamos de novo porque...

— Porque ele é um idiota — Gibsie sibila, carrancudo. — Ele a quer.

— Ele é o ex-namorado? — Eu pergunto, estreitando meus olhos para dar uma olhada melhor nele. — O relacionamento de duas semanas?

— Duas semanas mais que o suficiente — Gibsie fala, vibrando de tensão. — Eu o odeio... ele tentou fazer com que ela tocasse seu pau, cara. Na discoteca.

Rosnando, ele sussurra:

— Que porra ela está fazendo ao falar com ele de novo?

— Nenhuma ideia — eu respondo. — Ela provavelmente está apenas sendo amigável.

— Bem, ela não deveria — ele retruca.

— Gibs, vamos lá, cara, você precisa se acalmar.

— Foda-se — ele atira de volta. — Fácil para você dizer.

Jamie obviamente diz algo engraçado então porque Claire joga a cabeça para trás e ri. Ele se aproxima, sorrindo para ela, e ela coloca a mão em seu braço.

— Essa porra! — Gibsie sibila. — Eu vou matá-lo...

— Não, você não vai — eu falo, retribuindo o favor de agarrar seu suéter e arrastá-lo de volta para mim. — Você não vai fazer nada porque não tem o direito.

— Eu não tenho o *direito*? — Gibsie balbucia, lívido. — Do que você está *falando*?

— Exatamente o que eu disse – você não tem o direito — eu confirmo, segurando seu suéter. — Você não está com ela, cara, então recue agora antes que você faça algo estúpido que evoque lágrimas e drama feminino.

— Ele vai ser o único a chorar quando eu o encontrar — ele sussurra, o maxilar batendo. — Ele é um idiota, Johnny. Ele não é *bom* o suficiente para *ela*.

— Talvez — eu concordo calmamente. — Mas você vai ser o idiota no escritório de Twomey se você for lá com as armas em forma de punho.

— Então eu vou para casa — ele zomba, rudemente sacudindo minha mão para soltá-lo. — Foda-se.

— Gibs! — Eu chamo sua atenção. — Vamos, não seja estúpido.

— Eu não estou assistindo isso — ele ruge por cima do ombro enquanto se afasta em direção ao estacionamento. — Eu não vou ver isso de novo.

Me dê força...

— Sabe, tudo que você tem que fazer é convidar a garota para sair — eu digo enquanto manco/corro atrás dele. — Ela vai dizer sim.

— Eu sei — ele rosna, soando ainda mais furioso.

— Bem, se você sabe, então por que você ainda não fez isso? — Eu pergunto, frustrado.

— Porque...

— Porque? — Eu pressiono, resistindo à vontade de pular em suas costas e derrubá-lo no chão. — Você gosta dela, ela gosta de você.

Eu jogo minhas mãos para cima.

— Qual é o problema?

Quando chegamos ao carro dele, Gibsie se vira para mim, o peito subindo e descendo rapidamente, as chaves do carro apertadas em seu punho branco.

— Você sabe quais são as estatísticas para relacionamentos formados durante o ensino médio?

Expirando sem fôlego, eu balanço minha cabeça.

— *O quê*?

— Elas são baixas, Johnny — ele assobia. — Baixas para caralho. As chances de estar com sua namorada do ensino médio daqui a vinte anos são menos de quinze por cento.

Eu fico boquiaberto para ele.

— De novo, *o quê*?

— Eu não estou preparado para ser outra estatística — ele solta, soando muito sério. — Não com ela. Então, eu vou fazer o que tenho que fazer, vou tomar meu tempo, mas não vou amarrá-la. Não até que ela esteja pronta. Não até que nós dois tenhamos vivido um pouco da vida primeiro.

Ele abaixa a cabeça e soltou um gemido de dor.

— Mas eu não vou assistir *isso.* — Ele rosna novamente. — Nunca mais, porra.

— Bem, merda. — Eu faço uma careta. — Eu não sei se isso soa sensato ou insano?

— Provavelmente soa os dois — ele confirma severamente.

Provavelmente...

Olhando para ele com curiosidade, eu digo:

— Você realmente acredita nisso?— Quando ele não responde, eu continuo — Isso é o que há de errado com você? Por que você está enlouquecendo por aquela garota desde que eu te conheço? Você tem medo que não dure?

Inclino a cabeça para um lado.

— Você está assustado?

— Eu não estou com medo — ele responde. — Eu só sei sobre isso.

— Por causa de seus pais? — Eu pergunto cautelosamente, meio esperando um tapa no rosto pela pergunta. Pelo que sei, o divórcio de seus pais foi uma tempestade de proporções épicas que eclodiu na época de sua Eucaristia. Gibs tinha falado sobre isso para mim uma vez em quase sete anos de amizade. Era a lei tácita da terra em nosso círculo nunca falar sobre o divórcio de seus pais – e *nunca* falar sobre seu pai e Bethany – mas eu iria lá de novo hoje porque ele está claramente uma bagunça com isso. — Porque foi isso que aconteceu com eles? Você acha que isso vai acontecer com você e Claire?

— Vai se foder — Gibsie bufa. — Não estou projetando. Estou me protegendo.

Oh, ele definitivamente está fazendo as duas coisas.

— Ei, eu não estou julgando você, cara — eu respondo, levantando minhas mãos. — Mas eu vou te dizer que eu acho que sua linha de pensamento é toda uma bagunça.

Sua mandíbula tiquetaqueia, mas ele não responde.

— Foda-se as estatísticas — eu insisto. — Se você quer estar com ela, então *fique* com ela.

— Diz o cara que fugiu de uma garotinha por meses — ele retruca concisamente. — E você tem a ousadia de falar que estou com medo, seu marica.

Eu deixo seu comentário voar sobre minha cabeça, concentrando-me no assunto em questão, porque não tenho defesa. Fugi de uma garotinha por meses – corri como se temesse pela minha maldita vida – mas não estou mais correndo.

— Então, você está me dizendo que você vai ficar bem com ela saindo com algum idiota como Jamie de novo? — Eu o pressiono perguntando. — Você vai ficar perfeitamente bem com isso? — Dou de ombros. — Porque é o que parece.

— Você sabe que eu não vou — ele solta. — Quase me matou da última vez.

Eu me encolho em simpatia.

— Pelo menos você conseguiu bater nele quando a merda bateu no ventilador.

— Sim. — Um pequeno sorriso surge em seus lábios. — Isso foi satisfatório.

— Eu aposto — eu concordo, aproveitando a oportunidade para pegar as chaves de sua mão para que ele não possa fugir, e então enfiando-as no meu bolso. — Agora, você vai deixar aquele filho da puta magricela tirar o melhor de você?

— Porra, não — ele rosna, passando a mão pelo cabelo loiro.

— Malditamente certo, você não vai — eu respondo com entusiasmo. — Então, tire sua cabeça da bunda e vá até lá.

— Você sabe o que, Kav? — Não precisando de nenhum outro incentivo, Gibs arregaça as mangas. — Isso é exatamente o que eu vou fazer.

— Não para brigar — eu o lembro, dando um passo na frente dele quando ele tenta passar por mim. — Para *encantar*.

Ele franze a testa, parecendo perplexo.

— Encantar?

— Encantar — eu confirmo, assentindo. — Acredite ou não, você tem charme para dar e vender, cara. Volte lá e afaste-a dele.

— Encantar — ele repete lentamente, refletindo sobre a palavra. Seus olhos prateados se voltam para os meus e ele assente. — Eu posso fazer isso.

— Você consegue — eu respondo, apertando seus ombros. — Agora vá foder com aquele pequeno inseto.

Apoiando-me no capô do carro, observo Gibsie se afastar, murmurando as palavras repetidamente para si mesmo enquanto ia:

— Um pouco de charme não faz mal.

Balançando a cabeça, coloco minha mochila de volta no ombro antes de sair para a escola para encontrar Shannon. Deixo minha muleta no banco de trás do carro de Gibsie porque não aguento mais um dia andando por aí com essa maldita coisa. Além disso, eu não preciso mais. Eu mal estou mancando agora, e com alguma sorte, o treinador Mulcahy me localizará todo móvel e disposto e fará um acordo, porque eu com certeza preciso de alguém que tenha pena de mim.

Meu passo vacila quando vejo Shannon encostada no corrimão no fundo do salão de educação física. Ela está embrulhada em seu casaco de inverno, com um gorro de lã na cabeça e um cachecol enrolado no pescoço, enquanto a chuva caí

sobre ela. Para ser honesto, quase não a reconheci através das camadas de roupa. Ela me nota, porém, e levanta a mão, sorrindo suavemente.

Instantaneamente, eu desvio do curso, caminhando em direção a ela, com meu coração batendo no meu peito.

Algo está errado, meu cérebro sibila quando me aproximo e vejo os círculos escuros sob seus olhos. *Algo ruim.*

Mantenha a cabeça.

Não exploda!

— Oi, Shannon — eu digo quando estou perto o suficiente para ela me ouvir. Franzindo a testa, acrescento: — Você estava esperando aqui por mim?

— Oi, Johnny — ela responde em voz baixa. — Sim, eu... uh, estava esperando ver você antes da aula.

Ela morde o lábio, me observando com cautela antes de dizer:

— Podemos conversar por um segundo?

— Sim — Parando perto dela, dou-lhe toda a minha atenção. — É claro.

Ela sorri para mim e então toda a sua expressão cede. Sem outra palavra, ela deixa sua mochila cair de seus ombros e caminha direto para meus braços.

— O que há de errado? — Meu coração bate violentamente contra minhas costelas enquanto eu envolvo meus braços ao redor dela e a seguro contra meu peito. Ela é tão pequena, tão fodidamente pequena, que tudo que eu quero fazer é pegá-la e levá-la para casa comigo, onde eu possa mantê-la segura, onde ninguém possa fazê-la chorar novamente. — O que aconteceu? — *O que eles fizeram com você?*

— Eles, uh, eles encontraram meu pai — ela diz, a voz abafada, enquanto enterra o rosto no meu peito. — Eu descobri ontem à noite.

— Eles encontraram? — Obrigado, Jesus. Eu aperto meus braços ao redor dela. — Onde ele estava?

— Brickley House — ela murmura.

Eu faço uma careta.

— O lugar de reabilitação?

— Sim. — Assentindo, ela funga e olha para mim, os olhos arregalados e cheios de lágrimas. — Mas, uh, ele não vai para a prisão, Johnny.

Que merda de verdade.

Respire, Kav, respire.

Não perca a cabeça.

— Como você sabe? — Consigo sair, apertando-a com tanta força que tenho quase certeza de que a estou machucando. Eu não consigo afrouxar o meu aperto, no entanto, e ela não está reclamando enquanto me segura com a mesma força. — Tem certeza?

— Tenho certeza — ela sussurra. — Ele só tem que completar um plano de tratamento de trinta dias em Brickley House e então ele pode sair novamente, e sua data de j-julgamento não é até novembro. Então, ele... — fechando os olhos, ela deita a bochecha contra o meu peito e exala um soluço quebrado. — Deus, Joey estava certo.

— Joey?

Ela assente rigidamente, seu corpo inteiro rígido.

— Ele disse que isso iria acontecer. Joey nos disse que ele não iria para a prisão, mas Darren parecia tão convencido que eu apenas... — ela exala um soluço esmagador — Eu me deixei ter esperanças por um tempo, pensando que talvez tivesse realmente acabado.

Fungando, ela acrescenta:

— Mas não acabou, e Joey saiu de novo ontem à noite, não voltou para casa antes das cinco da manhã. Não acabou e está tudo indo mal de novo.

— Onde Joey foi?

— Nenhum lugar bom — ela engasga.

Merda.

— Por que você não me ligou? — Eu resmungo, a voz grossa e rouca. — Eu teria ido.

— Eu tentei — ela sussurra — mas seu telefone estava desligado.

— Eu deixei carregando durante a noite — eu admito, me sentindo o pior pedaço de merda do planeta. — Esqueci de ligá-lo até esta manhã.

— Está bem.

Não, não está.

— Isso não vai acontecer de novo — eu digo a ela. — Na próxima vez que você me ligar, eu vou atender.

— Estou com tanto medo, Johnny — ela diz.

— Não tenha medo — eu me apresso a dizer – para consolar ela, porra. — Eu não vou deixar nada acontecer com você.

Minha voz está tremendo, combinando com todo o meu corpo, enquanto as emoções tomam conta de mim.

— Eu juro, eu não vou deixar ele te machucar nunca mais.

Ela não tem noção do que eu digo.

Porque ela não acredita em mim.

Meu coração se abre completamente no meu peito.

— Eu não quero mais me sentir assim — ela me diz, enxugando o rosto com as costas da mão. — Eu não quero essa versão da vida, não quero ser essa versão de *mim*.

— Eu amo esta versão de você — eu digo a ela, sem saber o que mais há para dizer. Eu não posso dizer a ela para não se sentir do jeito que ela se sente. Tudo o que eu posso fazer é tranquilizá-la. — Eu amo todas as suas versões.

— Estou tão cansada — ela sussurra, ignorando minhas palavras, afogando nós dois em sua dor. — Estou cansada de ter medo. Estou cansada de não saber. Estou cansada de ser fodida da cabeça!

— Jesus, Shan — eu gemo, deixando cair o meu queixo para descansar em sua cabeça. — Você *não* está fodida da cabeça. — Eu aperto meus braços ao redor dela. — Você está me ouvindo? Não é você. São eles. Eles são os fodidos.

— Eu odeio isso — ela solta.

— Sim. — Eu exalo trêmula. — Eu também.

O jeito que ela me segura, se agarra a mim como se eu fosse sua tábua de salvação, bem, isso evoca emoções dentro de mim que eu não tenho certeza se tenho idade suficiente para sentir. E eu não me refiro a sexo. Era mais profundo. Um cordão de conexão canalizando profundamente dentro de mim e se conectando a ela. Eu espero que ela nunca me deixe, porque eu nunca irei superar essa garota.

— Me diz o que fazer? — Eu imploro, segurando-a com força e ficando mais frenético com cada calafrio e soluço desesperados que rasga de seu corpo. — Diga-me o que você precisa e eu vou dar a você.

Eu dou um beijo em seu cabelo, querendo nada mais do que tirar isso para ela.

— Apenas me *diga* o que você precisa de mim.

— Eu só quero ir — ela funga. — Quero sair e nunca mais voltar.

— Você não vai fazer isso, no entanto. — Em pânico, inclino seu queixo para cima, forçando-a a olhar para mim. — Você não vai me deixar, certo?

— Eu não sou b-boa para você — ela soluça. — Você vai p-perceber isso.

— Besteira. — Segurando seu rosto em minhas mãos, eu me inclino para mais perto, pressionando minha testa na dela. — Isso é besteira, Shannon — eu

repito, tom áspero, mantendo meus olhos fixos nos dela. — Eu não quero que você diga isso de novo, ok?

Fungando, ela assente e aperta minha cintura.

— Ok.

Uma onda feroz de proteção ruge para a vida dentro de mim, e cada instinto que eu tenho exige que eu faça exatamente isso; proteja ela. Faça alguma coisa. *Faça qualquer coisa...*

Eu lanço um rápido olhar ao nosso redor, debatendo meu próximo passo antes de jogar a toalha.

— Vamos — eu digo, pegando sua mão na minha. — Vamos lá. — Lembrando que eu ainda tenho as chaves de Gibsie no meu bolso, eu a levo em direção ao Focus prateado. Shannon caminha sem palavras ao meu lado, sem fazer perguntas. *Ela está apenas me seguindo.* É uma demonstração tão crua de sua vulnerabilidade descarada e isso me aterroriza. Eu poderia tê-la levado a qualquer lugar, mas quando eu destranco o carro, ela apenas sobe no banco do passageiro sem dizer uma palavra ou pergunta.

Silenciosamente cambaleando, fecho a porta e dou a volta no carro antes de me sentar no banco do motorista. Afivelando o cinto, ajusto o encosto o máximo possível e coloco meus pés nos pedais. Cautelosamente, aperto os pedais, testando a pressão em minhas pernas.

Nada mal.

Girando a chave na ignição, eu acelero o motor, ligo os limpadores, e lentamente saio da vaga de estacionamento que Gibsie tinha estacionado às pressas esta manhã.

— Vamos ser presos? — Shannon pergunta, quebrando o silêncio, enquanto viajamos pela longa viela arborizada. — Por levar o carro dele?

— Não, Shan, não vamos ser presos. — Eu rio, parando na entrada principal. Ligando o pisca-alerta, eu me inclino sobre o volante e verifiquei a estrada. — Eu vou mandar uma mensagem para ele mais tarde e informá-lo.

— Oh. — Assentindo, ela junta as mãos no colo. — Ok.

Entrando na estrada principal, coloco minha mão na alavanca de câmbio e mudo para a terceira e depois para a quarta antes de finalmente chegar à quinta enquanto o velocímetro sobe junto com a minha sensação de liberdade.

Sentindo que estou no controle pela primeira vez em semanas, coloco meu pé no chão e levo o Focus de Gibsie o mais rápido que posso, o tempo todo desejando estar no meu Audi.

Ao contrário de antes, Shannon não reclama da minha direção. Em vez disso, ela abaixa a janela e descansa o rosto contra a porta, sorrindo suavemente quando o vento sopra contra seu rosto.

Não podíamos voltar para a casa de Shannon porque, além do fato de eu ter sido proibido de pisar na propriedade, é provável que eu cause sérios danos físicos àquele irmão dela, e não podemos voltar para minha casa porque se eu entrasse na garagem atrás do volante de um carro, minha mãe provavelmente *me* causaria sérios danos físicos.

Uma das melhores partes de viver na costa sul da Irlanda é que você nunca está longe da água, então eu desvio para a estrada costeira, abandonando completamente Ballylaggin. Eram nove e meia da manhã e, com exceção do estranho passeador de cães, deveríamos ter um pouco de paz e sossego.

— Você não vai me perguntar para onde estamos indo? — Eu pergunto, lançando um rápido olhar de soslaio em sua direção antes de focar novamente na estrada estreita e esburacada à minha frente.

— Não — ela responde suavemente.

— Não? — Eu levanto uma sobrancelha. — Por que não?

Ela abre os olhos e se vira para olhar para mim.

— Porque eu confio em você.

Bem, merda.

Estendendo a mão, eu pego sua mão direita na minha e a puxo para o meu colo.

Várias horas depois, Shannon e eu estamos no que tinha que ser nossa centésima volta na praia, e eu estou tentando não pensar muito no meu estômago. Eu tinha comido todo o meu almoço para o dia não muito tempo depois de estacionar esta manhã – shakes de proteína e tudo mais – e eu ainda estou morrendo de *fome*. Eu estou colocando a culpa da minha fome no ar do mar, porque eu com certeza não estou queimando energia suficiente para desejar carne, a menos que tentar manter minha cabeça em linha reta com Shannon nas proximidades constituísse uma atividade extenuante. Meu coração certamente pensa assim, como faz as engrenagens no meu peito, pulando como uma porra de uma britadeira. Ou talvez fosse o nervosismo me deixando com fome? Inferno, eu

nunca fui de comer por ansiedade, mas Jesus, essa garota faz coisas estranhas com o meu sistema interno.

Indo na velocidade de Shannon, forço minhas pernas a se moverem, concentrando-me em colocar um pé na frente do outro e apenas me mover. Ela não faz nenhum comentário sobre o meu ritmo ou quão patético eu pareço enquanto me arrasto desajeitadamente ao lado dela, liberando meus músculos rígidos.

De vez em quando, eu testo as águas mantendo-me um pouco afastado dela, ou discretamente me afastando alguns metros de distância, fingindo olhar para algo que não está lá, enquanto prendo a respiração e espero para ver qual seria seu próximo passo. Ela ariscamente fechou o espaço todas as vezes, movendo-se cada vez mais perto até que ela se esgueira de volta para o meu lado. Fiz isso pelo menos quatro vezes apenas para ter certeza de que era onde ela queria estar – comigo – porque às vezes me assusta não saber o que estava acontecendo dentro daquela cabeça dela.

De vez em quando, *ela* para por alguns minutos para verificar uma concha na areia, ou finge ajustar sua meia-calça, mas eu sabia que era mentira. Ela está me dando pausas. Ela está parando para que eu possa descansar.

A chuva caí sobre nós, mas não parece incomodar Shannon. Ela parece perfeitamente contente por estar aqui comigo.

Ela está falando de novo também; respondendo a todas as perguntas estúpidas que meu cérebro pode pensar enquanto caminhamos, lado a lado, sobre as rochas e areia molhada. Quanto mais aleatórias e sem sentido minhas perguntas são, mais Shannon relaxa, então eu pergunto tudo a ela; desde sua preferência entre Nike e Adidas, até seus pontos de vista sobre a teoria do big bang, até que ela está rindo e falando livremente. Eu remonto cada porra de pensamento e memória que posso para manter aquele sorriso em seu rosto, nunca trazendo seu pai para a conversa. Ela não quer falar sobre sua família e, para ser honesto, nem eu.

Eu quero dar a ela um bom dia para compensar os ruins, ou pelo menos, torná-lo um pouco melhor.

— Você está bem? — Shannon pergunta enquanto ela está no fundo de uma rocha, esperando na areia que eu desça até ela. Seu rosto está vermelho de queimadura de vento, combinando com o meu, e ela está quicando a bola de rúgbi que encontramos no porta-malas do carro de Gibsie esta manhã entre suas mãos.

— Tudo certo. — Cada centímetro do meu corpo está queimando e eu sei que toda a escalada está causando estragos na minha lesão, mas eu respondo com um abafado: — Apenas me dê um segundo — enquanto eu resisto à vontade de sentar na minha bunda e me abaixar como a porra de uma garota.

— Você pode fazer isso, Johnny — ela encoraja, sorrindo brilhantemente. — Você consegue.

Eu realmente não tenho certeza se eu *conseguia* ou não, mas eu movo minhas pernas do mesmo jeito e rezo pela força que eu preciso para me manter em pé enquanto eu manco pelas rochas em um ritmo de caracol, sentindo cada dor e queimação nos músculos de meu corpo, até que eu estou de pé na frente dela com os pés firmemente plantados na areia.

— Você está pronto? — ela pergunta, soando um pouco sem fôlego quando um sorriso brincalhão aparece em seus lábios.

— Sim. — Eu balanço a cabeça, sentindo a queimadura na minha pele por ter seus olhos em mim. — Vá em frente.

Ela estende a bola para eu pegar, mas quando eu a alcanço, ela recua alguns metros.

Um pequeno sorriso curva em meus lábios e eu inclino minha cabeça, estudando sua expressão travessa.

— Ah, então vai ser assim?

Shannon ri alto – ela realmente *ri* – e assente.

— Venha pegar, senhor rúgbi.

Balançando a cabeça, eu me arrasto atrás dela, meus movimentos rígidos e desajeitados, mas ela não parece notar, ou ela não se importa. Ela está sorrindo encorajadoramente e acenando para mim para segui-la enquanto ela salta alguns metros fora do meu alcance toda vez que eu chego perto o suficiente para pegar a bola.

Ela parece adorável para caralho enquanto corre vários metros pela praia com a bola de rúgbi em suas pequenas mãos. Sua touca de lã e cachecol inundam seu rosto e aquela montanha de cabelo escuro está voando ao redor dela, com tufos molhados grudados em suas bochechas rosadas. A chuva pinga de seu casaco, sua saia da escola encharcada e grudada em suas pernas nuas, e eu juro, eu nunca tinha visto nada tão bonito.

A liberdade lhe convém.

— Shannon, eu não posso. — Eu a chamo quando ela corre muito à minha frente pela milionésima vez. — Estou muito rígido.

E envergonhado...

— Não, você não está — ela encoraja, sem fôlego e sorrindo de volta para mim. — Você está apenas fora de prática.

Virando-se para trás, de frente para mim, ela diz:

— Somos apenas nós, Johnny – só você e eu. E você *pode* fazer isso — repete, parecendo mais confiante neste momento do que eu já a vira. — Eu prometo.

— É?

— Sim. — Ela pula na minha frente com minha bola nas mãos e meu coração no bolso da calça. Cristo, ela me tinha em suas mãos enquanto eu a sigo como se ela estivesse segurando uma vara de pescar com uma linha presa a algo dentro de mim.

Lidando com minha ansiedade, faço o que ela pede, abaixo minhas defesas e movo minhas pernas.

— Bem, bem, bem — Shannon zomba da praia um pouco mais tarde. Jogando a bola em suas mãos, ela brilha para mim. — Parece que eu ganhei de *novo.*

— Eu acho que o poder está subindo à sua cabeça — eu respondo, sorrindo. — Dê-me essa bola.

— Nunca — ela ri. — É minha. Você me deu, e eu não vou devolver.

Como a porra do meu coração?

— Jogue — eu encorajo

Seus olhos se arregalam.

— Huh?

— A bola — eu falo de volta. — Jogue-a e eu vou devolvê-la para você.

Ela me olha com cautela.

— Você promete?

— Sim, Shannon. — Reviro os olhos. — Eu prometo que vou te devolver a maldita bola.

— Ok. — Como uma criança jogando uma bola, Shannon a segura entre as pernas, e com as sobrancelhas franzidas em profunda concentração, ela a joga no ar – e cerca de três metros na direção errada.

— Eu não percebi que estava jogando com uma criança — eu rio, enquanto vou pegá-la. — Lembre-me de pegar um daqueles escorregadores infantis quando eu levar você para jogar boliche.

— Ei... eu sou tudo que você tem, camisa treze — Shannon grita de volta, sorrindo. — Então não zombe de mim.

Ela *é* tudo que eu tenho agora – a única pessoa em quem eu posso confiar para não me julgar por não estar em forma.

Eu não posso fazer isso com os rapazes.

Eu ficaria muito envergonhado.

Mas era diferente com Shannon.

Tudo é diferente quando se trata dela.

37
Eu vou te manter segura
Shannon

— Você acha que algum dia vai parar de chover? — Eu medito, olhando pelo para-brisa para a chuva pesada.

Chove constantemente durante todo o dia, o que não é novidade para a Irlanda, mas considerando que é abril, eu estou meio que esperando ver o sol em breve.

O vento uiva do lado de fora do carro; chicoteando contra as janelas com um estrondo gigante. Tremendo, eu me viro no meu assento para olhar para o garoto descansando no banco do motorista ao meu lado.

Johnny está com seu assento reclinado em um ângulo quase horizontal e está esparramado como um leão, usando uma mão para mexer no iPod de Gibsie enquanto usa a outra para segurar a minha. Seu cabelo escuro está grudado em sua cabeça, e sua camisa da escola está tão molhada que parece uma segunda camada de pele enquanto se agarra ao seu corpo enorme. Ele há muito tempo tirou seu casaco e suéter encharcados, jogando-os no banco de trás junto com o meu, decidindo que secaríamos mais rápido sem tantas camadas.

Ele ligou o motor novamente, algo que ele fazia a cada meia hora para evitar que os vidros embasassem e aquecer o carro. O aquecedor está no máximo, soprando um delicioso ar quente contra minha pele úmida, e a última música inquietante de Jim McCann, *Grace,* zumbi suavemente no aparelho de som.

— Tem sido um longo inverno — Johnny concorda, folheando as músicas antes de escolher *Yellow* do Coldplay. — Ei... veja o nome desta playlist. — Rindo, ele vira a tela do iPod de Gibsie para mim. — O cara está doido.

— *Me foda, me chupe, se autodestrua comigo* — medito, lendo o nome da playlist na tela. — Parece muito...

— Gibsie? — Johnny oferece com um aceno de cabeça. — Sim, é bem a cara dele.

— Pelo menos ele é original — eu ofereço. — Acho que nunca conheci alguém como ele antes.

— Isso porque o mundo só pode lidar com um Gerard Gibson — Johnny diz com uma risada. Sua mão se move para sua coxa, quase distraidamente, para esfregar onde eu sei que ele está dolorido.

— Está dolorido? — Apertando o cobertor que ele havia encontrado no porta-malas para mim, eu pergunto: — Você está se sentindo bem?

— Não, Shan. — Jogando o iPod em cima do painel, Johnny me dá toda a sua atenção. — Eu na verdade me sinto ótimo.

Um sorriso indulgente puxa seus lábios, fazendo com que as covinhas em suas bochechas se aprofundem.

— Melhor do que eu estive em meses.

— Sério? — Eu sorrio de volta para ele. — Então, eu sou uma boa treinadora?

Sorrindo, ele leva minha mão à sua boca e roça os lábios sobre meus dedos.

— Você é única. — Dando aos meus dedos um aperto suave, ele coloca nossas mãos unidas de volta em seu colo.

Reprimindo um arrepio de corpo inteiro, me viro para olhar pela janela, suspirando de contentamento, enquanto observo as ondas subindo, espumando e batendo contra os penhascos.

Hoje...

Deus, hoje tinha sido o *melhor* dia.

Quando acordei esta manhã, tinha certeza de que nunca mais voltaria a sorrir. Saber que meu pai tinha pouco mais de duas semanas em tratamento antes de ser um homem livre havia prejudicado algo dentro de mim. Isso apagou o pequeno lampejo de esperança que eu estive me agarrando nas últimas semanas, enquanto eu me adaptava à uma vida sem ele. A carta que ele me escreveu ainda está fechada e enfiada no bolso lateral da minha mochila. Eu não tinha certeza se eu iria lê-la, mas eu sabia que não queria agora. Eu estou tão furiosa comigo mesma por abaixar a guarda, por me permitir contemplar a possibilidade de uma vida sem ele.

Quando cheguei à escola esta manhã, não tinha planejado procurar Johnny. Simplesmente *aconteceu*. Sem a permissão do meu cérebro, meus pés me levaram direto para ele. Quando ele abriu a porta do carro, não precisei fazer nenhuma pergunta antes de entrar, porque sabia que iria a qualquer lugar com ele. Quer ele soubesse ou não, ele me ofereceu uma tábua de salvação temporária e eu a segurei com as duas mãos.

E agora estávamos aqui, na praia, roubando o carro de seu melhor amigo para matar aula e fugir de nossa cidade natal. Passamos o dia sem fazer absolutamente

nada e isso significou absolutamente *tudo* para mim.

— Você vai estar com problemas? — Eu pergunto. — Quando seus pais descobrirem que você matou aula?

A noite está caindo agora, trazendo com ela um céu escuro e a mordida pungente do ar frio da noite. Um calafrio formigante dança em minhas pernas nuas e eu sei que teríamos que ir em breve. O pensamento era deprimente, mas o afasto, recusando-me a manchar o melhor dia da minha vida.

Johnny dá de ombros com indiferença.

— Estou sempre com problemas por alguma coisa.

Meus lábios se curvam.

— Eu também.

— Nós somos uma bela dupla, hein? — ele riu.

— Sim.

Incerta de como descrever minha próxima frase, penso muito antes de desistir inteiramente de ter tato e simplesmente a deixo sair.

— O que acontecerá em junho? — Era a pergunta que estava me deixando louca desde que Joey me contou sobre sua carreira. Era a pergunta que me fazia sentir perto do modo catatônico toda vez que pensava nele indo embora. — Com o rúgbi — eu sussurro, mordendo meu lábio inferior quando me viro para olhar para ele, mordendo com tanta força que eu podia sentir o gosto de sangue na minha língua. — O que acontece quando você for embora?

Johnny fica quieto por um longo tempo enquanto seu olhar vai do meu rosto para o volante. Finalmente, ele se vira para olhar para mim.

— Isso está muito longe, Shan — ele admite honestamente, olhos azuis fixos nos meus. — E eu nem sei se vou entrar no time...

— Você vai conseguir — eu corto em silêncio. Não há um pingo de hesitação em minha voz. — Estou certa disso.

Ele me encara por um longo momento antes de desviar o olhar e focar no teto do carro.

— Eu gostaria de ter tanta certeza.

— Bem, eu vou ter certeza o suficiente para nós dois — eu respondo, apertando sua mão. — Vai acontecer.

Você vai ir.

— Você vai brilhar.

Ele balança a cabeça, sobrancelhas franzidas.

— Eu quero isso pra caralho. — Exalando um suspiro de dor, ele passa a mão pelo cabelo encharcado de chuva e rosna. — Desde que me lembro, isso é tudo que eu queria fazer, sabe?

— Vai acontecer — eu digo, tentando oferecer a ele um pouco do apoio que ele me dava diariamente.

— Eu me fodi bastante de forma bem significativa — ele murmura. — Eu não escutei. Eu treinei demais. Eu quase me matei. Se eu conseguir... — ele para de falar para olhar para mim — será um milagre.

— Não — eu corrijo. — *Quando* você conseguir, serão anos de trabalho duro que valeram a pena.

— Você acha que eu posso fazer isso?

Eu balanço a cabeça.

— Eu sei que você pode.

Ele solta um suspiro frustrado.

— Eu só... quero *ser* alguém, sabe? Não é preciso nenhum esforço para ser comum — ele compartilha, suas palavras vindo rápidas e misturadas com o sotaque de Dublin. — Eu *não* quero ser comum, Shannon. Eu quero ser extraordinário. Eu quero ser *excelente*. Mas tudo isso...

Ele abaixa o olhar para olhar para nossas mãos unidas e murmura:

— Tudo terá sido por nada.

— O que eu posso fazer? — Eu solto, desesperada para ajudá-lo. — Posso ajudar?

Johnny sorri.

— Oh, tipo me treinar de novo?

— Se você quiser? — Eu dou de ombros impotente. — Eu só quero te ajudar.

— Você pode ficar comigo — ele responde, em tom baixo, olhos azuis dolorosamente vulneráveis. — Mesmo se eu não for convocado.

Meu peito arde tanto por ele que era fisicamente doloroso.

— Oh, Johnny... — Incapaz de me impedir, eu levanto minha saia para que eu possa escalar o console. Subindo em seu colo, eu coloco um joelho em cada lado de seu corpo antes de me abaixar suavemente, com cuidado para não machucá-lo. Sou recebida com uma parede de músculos grossos e implacáveis. Não há nada suave sobre este menino. Com exceção de seu rosto, ele é totalmente rígido.

Johnny senta-se direito; suas mãos se movendo automaticamente para meus quadris, me puxando para mais perto.

— O que você está fazendo? — ele sussurra, me observando através de olhos semicerrados. Ele engole profundamente, seu pomo de Adão balançando em sua garganta, enquanto suas mãos se movem para minhas coxas nuas, os dedos flexionando em minha pele toda vez que ele inspira outra vez. O calor de suas mãos fez com que um delicioso calafrio de calor me percorresse enquanto ele traçava círculos suaves sobre minha carne nua com as pontas dos dedos calejados.
— Shan?

— Estou aqui pelo Johnny, *o garoto* — eu digo a ele, segurando seu rosto com minhas mãos trêmulas. — Não Johnny, *o jogador de rúgbi*.

Exalando uma respiração trêmula, eu me inclino para mais perto e dou um beijo no canto de sua boca antes de me afastar para olhar em seus olhos.

— Vou ficar por ambos, mas só estou apaixonada por um.

Ele estremece e fecha os olhos.

— É isso que você quer dizer. — Não é uma pergunta. — Você realmente não se importa com isso.

Eu balanço minha cabeça lentamente, me forçando a manter seu olhar.

— Não é o que eu vejo quando olho para você – não é o que eu *sequer* vi. Eu só quero isso para você porque *você* quer isso para você. — Eu acrescento, com a voz rouca. — Mas eu estou aqui de qualquer maneira... com ou sem rúgbi... se você quiser que eu esteja?

— Cristo, Shan, você está me matando — Johnny geme, puxando meus quadris para estarmos peito a peito. Meu coração acelera descontroladamente; a sensação de seu peito subindo e descendo contra o meu é demais para aguentar.
— Se eu conseguir, não vai mudar nada para nós.

Exalando um rosnado baixo, ele enterra o rosto na curva do meu pescoço e inala profundamente.

— Isso não vai *me* mudar — acrescenta, a voz abafada, enquanto seus dedos percorrem minhas costelas. — Ou como eu me sinto sobre você.

— Sério? — Eu suspirei, movendo minhas mãos para descansar em seus ombros largos. — Você promete que não vai me esquecer quando for uma grande estrela?

Levantando o rosto para o meu, ele balança a cabeça lentamente e sussurra:

— Eu prometo.

Incapaz de suportar a necessidade dolorida dentro do meu corpo por mais um segundo, eu serpenteio minhas mãos no cabelo de Johnny e arrasto seu rosto para o meu. Ele vem de boa vontade e nossos lábios se chocam, acendendo um

rastro ardente de calor entre minhas pernas. Com um grunhido baixo de aprovação, ele aperta as mãos em volta das minhas coxas e enfia a língua entre meus lábios entreabertos, tirando o ar dos meus pulmões e incendiando todo o meu *corpo*.

Eu posso sentir sua ereção contra o tecido de sua calça da escola, pressionando com força contra mim. Desesperada por mais contato, arqueio as costas e balanço meus quadris contra os dele.

— Você é tão perfeita — Johnny rosna, os lábios roçando os meus enquanto ele fala. — Sua pele é tão fodidamente lisa. — Acariciando meu pescoço, ele pressiona uma trilha de beijos quentes e molhados no meu pescoço, sua língua varrendo para me provar, enquanto suas mãos percorrem minhas pernas. — Eu quis você por tanto tempo. — Gemendo, eu caio contra ele, balançando meus quadris e arqueando meu pescoço em seu rosto, tremendo e tremendo. — Porra!

Agarro seu cabelo e o puxo para mais perto, unhas arranhando e retraindo como um gatinho, enquanto a necessidade dentro de mim floresce e queima. Deus, eu amava o cabelo dele. Era cortado rente nas laterais e nas costas, deixando uma pilha bagunçada de cabelos castanhos desgrenhados e bagunçados no topo. Geralmente era impecável de uma maneira fantástica, mas agora que está molhado e eu corro meus dedos por ele meia dúzia de vezes, parece ainda melhor.

Reivindicando meus lábios novamente, Johnny cai para trás em seu assento e me puxa para baixo com ele. Minha saia da escola sobe para formar um monte no meu estômago enquanto balançamos e esfregamos nossos corpos juntos em uma espécie de sincronia frenética, mas eu não me importo. Nem um pouco. Tudo o que me importo neste momento é em mantê-lo comigo.

Eu não sei o que o futuro me reserva e quero aproveitar ao máximo cada momento que posso passar com ele. Em dois meses, ele irá embora. Em duas semanas, eu posso ir embora. O medo tangente do desconhecido é o que me catapulta para a ação. Se meu pai voltar... *Não!*

Não pense nisso, Shannon.

Apenas esteja aqui no momento com ele.

Basta absorver ele.

Seus lábios são macios, seu cheiro viciante, e a sensação de seu corpo esfregando contra o meu em todos os lugares certos está me fazendo sentir incrivelmente imprudente. Eu sinto como se estivesse no ponto onde eu não sei onde eu começo e ele termina.

Meu coração bate tão forte que eu tenho certeza de que ele pode sentir enquanto pressionamos nossos corpos juntos. Com o meu coração batendo descontroladamente no meu peito e a ansiedade ameaçando me dominar, alcanço os botões de sua camisa.

— Espere, espere, espere... — Sem fôlego, Johnny estica sua cabeça de volta para mim para me olhar. Seus olhos são tão escuros que mal havia um toque de azul. Agarrando minha mão para cima, ele a segura em seu peito e diz: — O que você está fazendo?

Não sei.

Eu não faço ideia.

— Por favor, apenas me permita — eu sussurro, chocada com minha própria ousadia, mas sem voltar atrás.

— Shan... — Sua voz falha e ele geme. — Nós conversamos sobre isso...

— Eu sei — eu concordo, respirando forte e rápido. — Mas eu só... eu quero ver.

— Apenas ver? — Ele está respirando com dificuldade, seu coração batendo quase violentamente contra seu peito, enquanto ele respira fundo. — É isso que você quer?

Assentindo, eu me sento e coloco minhas mãos em seu estômago.

— Eu só quero ver. — Com as mãos trêmulas, eu pego minha camisa e toco os botões nervosamente. — Você *quer* ver? — Sentindo-me nervosa, desabotoo os três primeiros botões da minha camisa. — Eu vou te mostrar, também...

— Claro, eu quero *ver* — Johnny geme, arrancando minha mão da minha camisa. — Mas se eu ver, eu vou pegar — ele solta, mandíbula apertada com força. — E eu não posso pegar, baby, então por favor não me mostre.

— Eu não me importo — eu suspiro, o coração batendo violentamente. — Eu quero que você veja.

— Porra! — Inalando várias respirações calmantes pelo nariz, Johnny solta minhas mãos e coloca as mãos nas minhas coxas. — Vá em frente.

Com um aceno rígido, ele acrescenta:

— Pegue o que você precisa.

Soltando uma respiração irregular, movo-me para desabotoar sua camisa, apenas para me atrapalhar com o primeiro botão.

Johnny permanece perfeitamente imóvel debaixo de mim, com seus olhos ardentes queimando buracos nos meus, e seu peito subindo e descendo contra meus dedos.

Fortalecendo minha determinação, eu inalo uma respiração profunda, balanço minhas mãos e tento novamente, não parando até que eu tenha sua camisa aberta e empurrada para o lado.

— Você é tão... — Minhas palavras são interrompidas e eu exalo pesadamente, os olhos colados em seu estômago rasgado. Eu tenho total permissão para tocar, para roçar meus dedos sobre as planícies duras de seus músculos abdominais. E há músculos por *toda parte*. Ele foi construído como rocha. Eu arrasto meus dedos por seu estômago, observando com fascínio enquanto seus músculos se contraem sob meu toque.

— Eu sou o que, Shan? — Johnny pergunta, a voz grossa e rouca, enquanto ele está esparramado embaixo de mim no assento reclinado, com as mãos apertadas nas minhas coxas. Seus quadris estão empurrando para cima em um ritmo lento e provocante, enquanto ele me observa observá-lo. — Hum? — Seus dedos traçam a borda da minha calcinha, deslizando sob o cós de algodão para traçar círculos suaves sobre meus quadris. — O que eu sou?

Meu olhar se desvia para seu peitoral, e então para o rastro de cabelo escuro de seu umbigo que desaparece sob o cós de sua calça. Músculos e pele. Carne e calor. Isso era tudo que eu podia ver. Tudo que eu podia *sentir*. Ele é tão grande. Tão *tudo*.

— Lindo — eu finalmente suspirei, meu olhar voltando para o dele. — Você é tão lindo.

— Você está tornando isso difícil para mim, Shan. — Deslizando a língua sobre o lábio inferior, ele engancha os dedos no cós da minha calcinha e me arrasta para baixo em seu peito. — Eu preciso que você *não* olhe para mim assim.

Enterrando o rosto no meu cabelo, ele chupa meu pescoço, tirando um suspiro ofegante da minha garganta.

— Estou tentando ser bonzinho aqui.

— Desculpe — eu suspiro, arqueando contra ele. Eu estou dolorida por ele em partes do meu corpo que eu nunca soube que existiam antes que ele explorasse, descobrisse e reivindicasse. — Eu só quero...

Eu não tenho certeza do que quero. Tudo o que eu sei é que esse garoto faz tudo de melhor, ele parou o furacão de pensamentos girando na minha cabeça, e eu preciso que ele continue fazendo isso.

Talvez eu esteja viciada nele, e talvez não fosse saudável, meus sentimentos por ele certamente beiram a obsessão, mas ele está me encorajando com cada flexão

de seus quadris e cada impulso de sua língua, me mostrando que ele quer isso tanto da mesma forma que eu.

Se eu estou fazendo tudo errado, Johnny nunca reclamou. Em vez disso, ele geme e grunhe em minha boca em aprovação.

Ele começa a me tocar, lentamente no início, e depois com mais confiança, roçando as pontas dos polegares sobre minha pele nua. Quando sinto suas mãos deslizarem sob minha calcinha, um choque de excitação passa por mim, tornando meus movimentos mais frenéticos e desajeitados.

— Está tudo bem? — Ele espalma minha bunda e aperta com força. — Você quer que eu pare?

— Não pare. — Eu estou dolorosamente ciente do tamanho dele. Eu sou tão pequena em seus braços. Eu sou quebrável para esse garoto e é um pensamento perturbador. Ele pode me destruir de várias maneiras. A coisa era, eu não me importo com o que ele faz com meu corpo, desde que ele deixe meu coração intacto. Ele pode ter e tomar o que quiser de mim, eu darei tudo com prazer para ele, desde que eu tenha uma promessa que ele nunca me machucará tanto além do reparo. Porque eu sei que não irei me recuperar disso. Dele. Enrolando meus braços ao redor de seu pescoço, eu pressiono meus lábios nos dele e engasgo — Nunca pare.

Respirando com dificuldade, ele se senta e me arrasta para mais perto, fazendo com que nós dois gemêssemos quando nossos corpos se alinham da melhor maneira possível.

— Eu te amo — ele sussurra. — E eu quero você – *muito*. Mas eu só... eu não quero fazer nada para estragar isso — acrescenta, em tom profundo e grave. — Eu não posso estragar isso, Shan. Eu preciso disso.

Exalando uma respiração irregular, ele pressiona sua testa na minha.

— Eu quis dizer isso quando eu disse que precisava de você para sempre.

— Você se lembra de dizer isso?

Ele assente lentamente.

— Eu lembro.

O ar deixa meus pulmões em uma corrida repentina.

— Bom.

— Eu vou manter você — ele sussurra e seu hálito quente abana meu rosto. — Se estiver tudo bem?

— Isso está definitivamente bem — eu suspiro, pressionando minha mão em sua bochecha. — Eu quero que você me mantenha.

Ele sorri, as covinhas se aprofundando.

— Obrigado por isso, porra.

Pressionando um beijo na curva de seus lábios inchados, eu sussurro.

— Eu vou manter você também.

— Jesus. — Estremecendo, ele deixa cair a cabeça na curva do meu pescoço e geme. — É assim que eu vou morrer — é sua resposta abafada e isso me faz rir. — Acha engraçado? — ele brinca, levantando a cabeça para sorrir para mim. — Eu vou levar você comigo.

Deus, eu realmente espero que você faça...

— Mas por enquanto, é melhor eu te levar para casa — ele diz com um suspiro resignado. — Ou então sua mãe vai mandar a polícia nos procurar.

— Oh. — Meu coração despenca em meu estômago e meu aperto em seu pescoço aumenta. — Ok.

— Vai ficar tudo bem — ele fala, olhos azuis fixos nos meus. — Aconteça o que acontecer com seu pai, *você* vai ficar bem.

Não, eu não vou, mas forço um sorriso por ele.

— Eu sei.

— Porque você não está mais sozinha — ele sussurra, envolvendo-me em seus braços com tanta força que eu não me importo que eu não possa respirar. Eu quero que o mundo pare e deixe nós dois porque isso, bem aqui, é onde eu quero estar, onde eu quero *ficar*. — Você tem amigos — ele continua a sussurrar. — E você me tem.

Suas palavras me dão mais conforto do que eu sei o que fazer com isso. Ele é grande e forte e perigosamente poderoso. Dada a chance, ele pode causar sérios danos físicos ao meu corpo. E ainda assim, eu não estou com medo. Eu não estou *cautelosa.* Eu não tenho uma pitada de medo em meu corpo.

— Estou no seu time — ele acrescenta com voz rouca. — Você entendeu? Eu estou totalmente com você, Shannon Lynch. Uma ligação, isso é tudo que você precisa fazer, e eu irei. Eu não vou te decepcionar, e eu não vou te deixar sozinha nisso. Eu prometo.

— É estranho para mim, porque eu nunca tive alguém ao meu redor antes. — Tremendo, acrescento: — Não alguém como você.

— Eu não estou ao seu redor, Shannon — Johnny responde em um tom áspero. — Estou bem ao seu lado.

Oh Deus.

Suas palavras me atingem profundamente.

Enterrando meu rosto em seu peito, eu me enrolo na menor bola que posso e rezo para que o tempo fique parado apenas por um momento.

— Aposto que você gostaria de ter uma namorada normal.

— Normal é chato — ele responde. — E, além disso, eu poderia dizer a mesma coisa para você. — Ele encolhe os ombros. — Eu não sou um namorado normal.

— Só estou dizendo que seria mais fácil para você se...

— Bem, eu não quero fácil, eu quero *você* — ele me corta dizendo. — Do jeito que você é.

Minha respiração engata na minha garganta.

— Sério?

— Sério — ele confirma, sem perder o ritmo. — Cada parte e cada pedaço.

Eu faço uma careta.

— Mesmo as partes quebradas?

Ele pisca.

— Especialmente as partes quebradas.

Eu paro então, ouvindo a música tocando no estéreo, antes que uma pequena risada saia da minha garganta.

Johnny sorri.

— Algo engraçado?

— Proud Mary? — Eu questiono, gesticulando para o aparelho de som. — Como ele vai de *Grace*, para *Yellow*, para *Proud Mary*?

— Eu sei. — Rindo, ele desliga o aparelho de som e cai de costas. — Acho que é uma representação justa do que se passa na cabeça dele.

Ele suspira e acaricia minha cintura.

— Sua cabeça está girando constantemente.

— Posso te mostrar uma coisa? — Eu pergunto então, enquanto saio de seu colo e deslizo de volta para o banco do passageiro. — É... — Deixando minhas palavras morrerem, eu enfio a mão na minha mochila aos meus pés e retiro o envelope dobrado.

— O que é isso? — Johnny pergunta com uma carranca enquanto abotoa sua camisa. — Shan?

— É, uh...

Segurando-o em minhas mãos trêmulas, eu o desdobro e olho para a caligrafia desordenada antes de soltar uma respiração afiada.

— Do meu pai — eu acrescento antes de colocar o envelope em suas mãos.

Suas sobrancelhas se franzem enquanto seus olhos passam entre o envelope e eu.

— Ele escreveu uma carta para você?

Eu balanço a cabeça.

— Ele deixou uma para cada um de nós, mas não consigo ler a minha.

Ele franze a testa novamente, mais profundo desta vez.

— Você quer... que eu leia?

— Eu não acho que quero saber — eu solto, me sentindo volúvel. — Eu só... talvez se você ler, só para verificar?

Johnny não hesita. Seus dedos abrem o envelope, e com uma mão firme, ele segura o pedaço de papel em seu rosto, concentrando-se intensamente no que meu pai escreveu.

Eu assisto enquanto seus ombros enrijecem e suas bochechas ficam vermelhas.

— É ruim? — Eu falo. — Ele está bravo comigo?

— Ele disse que *sente muito* — ele fala com os dentes cerrados. — Que ele estava doente, que ele viu o erro de suas decisões e está tentando consertar as coisas.

Com o maxilar batendo, ele mexe os ombros como se estivesse tentando se controlar antes de acrescentar:

— Ele disse que espera com o tempo que você encontre em seu coração algo para perdoá-lo, e todos possam ser uma família novamente.

Meu coração afunda.

— Oh.

— Sim. — Parecendo furioso, Johnny dobra a carta e a estende para mim.

Eu balanço minha cabeça.

— Eu não quero isso de volta.

— Tem certeza?

— Total — eu falo rápido. — Livre-se disso.

Assentindo rigidamente, Johnny enfia a mão no porta-luvas e tira um isqueiro. Acendendo a carta, ele abaixa a janela e a joga para fora, deixando o vento levá-la.

— Obrigada — eu sussurro, aliviada por ter aquele pedaço *dele* longe de mim. — Ele está mentindo — eu solto, me sentindo em pânico. — Você sabe disso, certo?

Johnny assente.

— Eu sei, baby.

— Ele não quer dizer nada disso — eu me ouço dizer, desesperada para fazê-lo entender. — Isso é um truque, isso é algo que lhe foi dito para fazer.

Eu balanço minha cabeça, me sentindo perturbada e frustrada.

— Ele não está arrependido, Johnny... — Minha voz falha. — Ele *nunca está* arrependido.

— Eu não vou deixar ele te machucar, Shannon. — Ele está sentado ereto no banco, os olhos fixos no para-brisa, e segurando o volante com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. — Eu prometo.

Eu suspiro pesadamente.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

Ele se vira para olhar para mim.

— Eu já te decepcionei?

Eu balanço minha cabeça.

— N-não.

Ele assente rigidamente, os olhos brilhando com calor.

— Então acredite em mim quando eu digo que não vou deixar ele te machucar novamente — ele repete, reiterando cada palavra lentamente. — Nunca mais.

Ele coloca o cinto de segurança e eu faço o mesmo.

— Tudo que eu preciso que você faça é que continue falando comigo — acrescenta, ligando o motor. — Apenas continue me deixando entrar. — Ele se vira para olhar para mim. — E eu vou mantê-la segura.

— Ok — eu suspiro, observando-o cautelosamente enquanto ele nos leva para longe da praia. — Eu vou.

38

Empurrando de volta

Shannon

— Shan, você quer ficar com isso? — Darren pergunta na tarde do sábado seguinte, enquanto se equilibra em uma escada, segurando um ursinho de pelúcia desgrenhado para mim. — Ou vamos jogar fora?

— Jogue fora — eu digo a ele, pegando o urso e enfiando-o em um dos sacos de lixo pretos abertos na entrada.

— Você costumava amar aquela coisa — ele medita, soando um pouco triste, enquanto eu dou um nó na bolsa agora cheia e pego outra do rolo. — Você levava para todos os lugares com você.

— Gostei de muitas coisas, Darren — concordo, abrindo a nova sacola. — Mas eu cresci.

— Você costumava gostar de mim — ele murmura baixinho.

— E eu gostaria de você de novo se você não me mantivesse presa nesta casa. — Eu rebato, afobada. — É sábado.

— Eu sei — ele concorda com um suspiro. — Mas eu preciso de sua ajuda para limpar o sótão. Precisamos de mais espaço e se limparmos, posso mover minhas coisas para lá e devolver o quarto à Joey.

— Isso é uma piada — eu murmuro baixinho. — Nossa família inteira é uma piada.

— É sobre ele? — pergunta Darren. — Isso é birra porque você não tem permissão para sair com ele?

Sim. Eu não via o Johnny desde a escola ontem e estou ficando cada vez mais agitada. Durante toda a semana, eu só pude passar a hora do almoço com ele, e eu estou aprendendo rapidamente que isso não é suficiente. Nada parece ser suficiente quando se trata dele.

— Não — eu rebati, arrastando meus pensamentos de volta ao presente. — É porque estou farta de ser uma prisioneira nesta casa.

Suspirando pesadamente, acrescento:

— Sinto como se estivesse acorrentada às paredes, Darren. Não aguento mais.

— Bem, matar aula para sair com ele não vai te fazer nenhum favor — meu irmão responde. — Você teve sorte de eu ter atendido a ligação do seu diretor e não a mamãe — acrescenta. — Eu cobri para você, lembra? Disse a ele que você estava doente quando na verdade estava vagando por aí com ele.

Quando eu não respondo, porque francamente, eu não tenho desculpas, Darren suspira.

— Vamos, Shannon. É o seu ano de provas. Você sabe que precisa abaixar a cabeça e estudar para os exames em junho. E ele não deveria ser sua muleta. Não é saudável ficar tão apegada a esse rapaz – tentador como ele é.

— Ele não é minha muleta — eu solto. — Ele é meu namorado, e não há problema em querer passar algum tempo com ele.

— *Algum* tempo — concorda Darren. — Não *todo* o seu tempo.

— Não mesmo — eu falo. — Eu só consigo vê-lo no almoço.

— Bem, com namorado ou não, você precisa ajudar a encher essas sacolas, porque eu não posso limpar tudo sozinho — responde Darren em um tom de desdém. — Faça algo produtivo com o seu dia, em vez de desperdiçá-lo ansiando por algum jovem.

— Você sabe como eu passei todos os sábados nos últimos seis anos? — Eu pergunto, e então continuo rapidamente antes que ele tenha a chance de responder. — *Limpando*, Darren. É assim que eu passo meus sábados. Limpando depois de todos nesta casa sujarem.

Darren suspira pesadamente.

— Shan, vamos lá.

— Não. — Sentindo-me amarga, solto um suspiro e planto minhas mãos em meus quadris. — Isso não é justo. Você prometeu que as coisas seriam diferentes quando eu voltasse do hospital, mas não é. Nada mudou. Ela ainda está lá fora... — aponto para a porta do quarto fechada atrás de suas costas. — Escondendo-se de suas responsabilidades, enquanto eu ainda estou aqui, limpando tudo, e Joey ainda está arrastando os meninos para seus treinos e jogos. A única diferença agora é que eu tenho companhia. — Dou-lhe um olhar significativo para deixá-lo saber que *ele* era a companhia. — Essa é a única diferença que posso ver aqui, Darren.

— Sério? Porque eu vejo as coisas um pouco diferente — ele rosna, descendo da escada. — Para começar, ele não está aqui. Segundo, a geladeira e os armários estão cheios. Terceiro, nenhum de vocês está andando pelo lugar coberto de hematomas...

— Ele ainda está aqui, Darren — eu retruco trêmula. — Ele está apenas tentando assumir outra forma.

— O que você está tentando dizer, Shannon? — ele pergunta friamente. — Hum? — Parecendo furioso, ele cruza os braços sobre o peito e olha para mim. — Você está me chamando de nosso pai?

Dou de ombros, sentindo-me culpada pelo que insinuei, mas sem vontade de recuar.

Darren ri sem humor.

— Sabe de uma coisa? Faça o que você quiser. Saia e fique grávida, que eu não importo. Estou cansado de tentar suavizar as coisas com você e os meninos. Na verdade, eu não sei por que me incomodei em primeiro lugar.

Eu permaneço em silêncio enquanto ele passa por mim e desce as escadas, e não é até que o som da porta da frente batendo enche meus ouvidos, que eu exalo a respiração que estava segurando.

Furiosa comigo mesmo e com a vida em geral, continuo a empacotar os velhos brinquedos, roupas e tijolos em geral do sótão até que o piso do patamar está limpo. Eu empilho ordenadamente todas as sacolas no topo da escada e então faço algo que me surpreende. Entro no meu quarto, pego meu casaco atrás da porta e o visto.

Descendo a escada com o coração na boca, corro pelo corredor, caindo sobre brinquedos espalhados e pedaços de Lego no caminho. Eu estou sufocando nesta casa. Eu estou me afogando na minha própria vida. Eu preciso sair. Eu preciso de algo. Eu só preciso... *abrir a porta*.

Abrindo a porta da frente, corro para fora. Sem parar, começo a correr, levando meu corpo ao limite, passando zunindo pela familiar linha de casas, depois fazendo uma curva fechada à direita e descendo a rua escura. Sem destino em mente, eu puxo o capuz do meu casaco para cima e continuo, buscando desesperadamente aquele gosto viciante de liberdade que eu anseio a cada dia que passa.

Três horas e uma muda de roupa seca depois, e eu estou enrolada na cama de Claire, com uma caneca de chocolate quente balançando entre minhas mãos, e os créditos finais de *Dirty Dancing* tocando em sua televisão.

— Eu amo ele — Claire suspira/desmaia de seu lugar ao meu lado. — Eu juro, eu nunca vou superar esse homem enquanto eu viver.

— Eu pensei que você amasse Johnny Depp — Lizzie brinca de onde ela está descansando ao pé da cama, folheando uma revista. — Decida-se, garota.

— Eu amo os dois — Claire suspira. — Mas Patrick foi meu primeiro amor, e você sabe como a doce chama do primeiro amor queima para sempre.

Lizzie revira os olhos para o céu, parecendo completamente impressionada.

— Eu não sei como sobrevivemos a onze anos de amizade.

— Eu senti falta disso. — Suspiro de contentamento e tomo um gole da minha caneca. — Eu senti falta de vocês.

— Também sentimos sua falta — responde Lizzie. — Eu tive que sofrer as aventuras de Thor e seu gato sozinha na última vez que vim.

— Deixe Gerard em paz — Claire resmunga. — Então ele gosta de seu gato. Grande coisa.

— Ele *passeia* com o gato. — Lizzie rola de lado para olhar boquiaberta para Claire. — Com uma coleira brilhante e incrustada de brilhos.

Estreitando os olhos, ela diz:

— Por favor, não me diga que você acha que isso é normal.

Claire dá de ombros.

— Eu acho fofo.

— Claro, você acha – você pensa que tudo que aquele grande idiota faz é fofo — ela retruca com um aceno de cabeça. — E você, Shan? O que você acha de *Gerard*?

— Eu, uh...

Olho para as duas garotas antes de sorrir timidamente.

— Eu acho que ele é ótimo. — Eu rio. — Eu gosto do gato dele também.

Claire sorri e Lizzie geme.

— Shannon tem que gostar dele — Lizzie murmura. — Ele é a outra metade do *namorado* dela. Falando nisso, como está o Capitão Fantástico?

— Ele está bem — eu respondo, corando num vermelho beterraba.

— *Ele está bem* — ambas as meninas falam zombeteiramente.

— Oh meu Deus! — Claire guincha. — Acabei de pensar em algo.

Levantando-se de um salto, ela caminha até a televisão e a desliga antes de se virar para nos encarar.

— Eu amo dois *Johnnys* e Shannon ama outro! — Rebolando de excitação, seus olhos dançam com malícia quando ela diz: — Se isso não é destino, então eu

não sei o que é.

— Você sabe o que, Claire? — Lizzie medita. — Retiro tudo o que eu já disse sobre você e Thor serem uma má ideia. Eu acho que você deveria ir em frente com ele. Vocês são uma dupla e tanto.

— Eu sei, não é? — Claire retruca com um sorriso.

— Ugh. — Estremecendo, Lizzie folheia a página de sua revista. — Eu só posso imaginar as crianças que serão criadas a partir dessa união – bebês unicórnios loiros e cacheados.

— Eu amo unicórnios — Claire oferece.

— Uh-huh — Lizzie fala lentamente. — Veja, você já está na metade do caminho.

— Como vocês sabem se vocês vão ter um or... — Eu deixo minhas palavras sumir enquanto eu vejo as duas garotas boquiabertas para mim. — Uh, não importa.

— Termine — Claire grita, pulando para cima e para baixo. — Um orrrr...

— Gasmo — eu sussurro, sentindo meu rosto queimar.

— Você teve um *orgasmo*? — Os olhos de Claire se arregalam. — Não acredito!

— Uau — Lizzie murmura, parecendo relutantemente impressionada. — Ele é rápido pra caralho.

— Você viu o pau dele? — Claire exige. — Oh meu Deus, é grande? É grande, certo? Ugh, eu aposto que ele é enorme e você é tão pequena...

Engolindo profundamente, Claire acena com a mão na frente de seu rosto em desânimo.

— Oh Deus, eu aposto que doeu, não é? Como você ainda está inteira?

— Acalme-se, senhorita Eu Tenho Medo de P. — Lizzie retruca antes de voltar seu olhar para mim. — Você fez sexo com ele? — Ao contrário de antes, ela parece intrigada com a conversa agora. — Oh meu Deus, ele fez você gozar pela primeira vez? Porque isso é impressionante.

— O que? — Eu balanço minha cabeça. — Não, não, eu não... quero dizer, *nós* não...

— Ele foi até lá embaixo? — Lizzie pergunta em vez disso. — Usou os dedos dele?

— Não — eu engasgo. — Ele apenas me beijou.

Ambas as meninas parecem desapontadas com a minha resposta.

— Apenas te beijou — Lizzie responde sem rodeios. — Uau. Ele parece excitante.

— Não seja uma vadia, Liz — Claire entra na conversa. — Nós não somos todos rápidos.

Sorrindo brilhantemente, ela acena para mim.

— Continue, Shan. Conte-nos sobre seu orgasmo de beijo.

Aturdida, começo a explicar como me senti no outro dia quando Johnny e eu estávamos na cama dela, e novamente quando estávamos em seu carro, obedientemente ignorando as reviradas de olho de Lizzie enquanto eu falo. Sentei-me com ele no almoço todos os dias desta semana e, embora tivéssemos nos beijado muitas vezes antes e depois da escola, não foram nada parecidos com as outras vezes. Quando termino de explicar, procuro minhas amigas em busca de conselhos.

— Isso é normal?

— Parece que você estava perto — Lizzie oferece, interessada mais uma vez. — E também parece que ele é uma fera.

Coro e Claire ri.

— Uma fera.

— Imagine o que ele pode fazer sem essas roupas — Lizzie medita, sorrindo agora. Ela é tão bonita quando sorri. Era uma coisa rara hoje em dia, mas quando ela sorri, é maravilhoso. — Acho que você deveria se livrar das roupas para sua próxima sessão de amassos — acrescenta. — E então se reporte de volta para nós.

— Sim. — Claire assente ansiosamente. — Então Lizzie pode lhe dar um pouco mais de sua sabedoria experiente, enquanto eu escuto porque sou intrometida.

— Eu não sou uma prostituta, Claire — Lizzie murmura. — Jesus.

— Eu sei disso — Claire apressa-se a assegurar. — Mas você esteve com Pierce um milhão de vezes.

Dando de ombros, ela acrescenta:

— Nós queremos saber sobre.

— Você não tem que nos dizer, Liz — eu murmuro.

— Sim, ela tem. — Claire me silencia antes de balançar as sobrancelhas para Lizzie. — Diga-nos o que você sabe, sensei.

— Você nem tem namorado — Lizzie ri.

— E? — Claire retruca, sorrindo. — Tenho uma imaginação excelente e uma sede insaciável de conhecimento.

— Bem, bem. — Arrastando-se em uma posição sentada, Lizzie balança a cabeça e sorri. — Você se lembra daquele videoclipe de Shakira – aquele que Claire nos atormentou para aprendermos os movimentos de costas na sexta aula?

— Vividamente — eu respondo, encolhendo-me com a memória.

— Essa foi a melhor música — Claire responde, olhos brilhantes e cheios daquele otimismo implacável.

— Bem, quando você está no topo, é mais ou menos assim. — Suas bochechas ficam rosadas. — Você apenas meio que rebola e balança seus quadris e gira.

— Uau — Claire suspira. — Eu não sei se eu gostaria disso.

Amassando o nariz, ela diz:

— Acho que gostaria de ficar embaixo.

— Você ficaria surpresa com o que você acha que gosta — é tudo o que Lizzie responde.

Eu suspiro pesadamente.

— Johnny disse que não quer fazer sexo comigo.

— O quê? — Ambas as meninas ficam boquiabertas para mim.

— Ele disse que não quer fazer sexo comigo — eu repeti, mortificada.

— Quem não quer fazer sexo com você? — O irmão mais velho de Claire, Hughie, para no corredor e arqueia uma sobrancelha. Seus olhos se arregalam então. — Puta merda! Você está falando do Capi?

— Não — eu solto, horrorizada. — Quero dizer, eu não... eu não...

— Droga, Claire — Lizzie retruca. — Eu disse para você fechar a porta quando você veio com os chocolates quentes.

— Eu não esperava que pervertidos estivessem à espreita — Claire rosna, estreitando os olhos para seu irmão. — Vá embora, pervertido.

— Vocês são muito jovens para esse tipo de conversa — afirma Hughie, lançando um olhar significativo para sua irmã. — Especialmente *você*.

— Oh meu Deus, nós temos dezesseis! — Claire ri. — E isso é incrível vindo do menino cuja cabeceira está posicionada diretamente contra a parede do meu quarto.

Caminhando até sua cômoda, Claire começa a bater com a palma da mão na cômoda em um ritmo forte.

— Oh, sim, baby, dê para mim — ela imita com uma voz masculina. — Oh, Katie, eu amo o que você faz com sua língua...

— Claire — Hughie sussurra em advertência. — Shiu.

Imperturbável, Claire continua a imitar sua voz, acelerando a batida.

— Isso, baby. Agora, agora, eu tenho que sair ou eu vou goooooo...

Hughie bate a porta do quarto enquanto Claire grita:

— Gozar! — e nós três explodimos em gargalhadas.

— Porra — Hughie ruge quando o som da porta de seu quarto batendo preenche nossos ouvidos.

— O que há com irmãos pensando que sabem tudo? — Claire ri, se jogando na cama. — Idiotas.

Eu balanço a cabeça.

— Pois é.

— Eu acho que você deveria mandar uma mensagem para ele — Lizzie ri. — Johnny — ela acrescenta quando nós duas olhamos para ela em confusão. — Envie uma mensagem para ele com aquele telefone rosa nojento que ele comprou para você — ela encoraja — E ver se ele quer... *sair*?

— Ah, sim, isso é bom. — Claire balança as sobrancelhas. — *Sair*.

Excitação vibra dentro de mim.

— Não sei. — Puxando meu telefone do bolso da minha calça jeans, olho para a tela e depois de volta para minhas amigas. — Eu nem deveria estar aqui, pessoal.

— Você teve uma semana de merda — Lizzie retruca. — Uma cheia de *muito* mais drama do que qualquer um de nós poderia lidar. Eu acho que você deveria mandar uma mensagem para o seu namorado e passar a noite de sábado juntos.

— Eu tenho que concordar, Shan — Claire fala com um sorriso. — Você já está fora, o que significa que você já está em apuros. — Dando de ombros, ela acrescenta. — Pode fazer valer a pena.

— E se ele estiver ocupado? — Eu sussurro, mordendo meu lábio.

— Ele não está — Claire entra na conversa. — Ele está na academia com Gerard.

— Como você sabe?

— Porque era onde eles estavam quando ele me ligou mais cedo — Claire respondeu. — E é onde eles estarão até o lugar fechar.

Eu fico boquiaberta.

— O dia todo?

Claire revira os olhos.

— Ele é seu namorado, Shan. Você deveria saber que ele passa cada hora do seu dia malhando. — Ela flexiona seu bíceps e o beija antes de acrescentar: —

Correndo atrás disso.

— Você é tão besta — Lizzie ri.

— É verdade — Claire ri.

— Mande uma mensagem para ele — ambas dizem em uníssono.

Inalando uma respiração profunda, abro minhas mensagens e começo a digitar uma mensagem de texto.

— Pergunte a ele o que ele está fazendo esta noite — Lizzie diz.

— Oooh, veja se ele quer ir a um encontro? — acrescenta Claire. — Oh, oh, você pode se vestir aqui.

— Enviei — eu respiro, deixando meu telefone cair na cama.

Pegando meu telefone, Lizzie lê minhas mensagens antes de estreitar os olhos para mim.

— *Oi Johnny* — ela brinca. — Isso é o que você enviou?

Dou de ombros e junto minhas mãos.

— Tudo bem, certo?

— Se você tem quatro anos — Lizzie resmunga. — Nenhum beijo no final?

Dou de ombros, me sentindo perdida.

— Isso é ruim?

— Não se você estiver mandando mensagens para o seu irmão — Claire oferece com um sorriso simpático.

— Oh meu Deus, desligue-o — eu gemo, sentindo-me doente. — Desligue o telefone.

Plim.

— Ah, ele te mandou uma mensagem de volta — Claire grita, pegando o telefone da mão de Lizzie e saindo da cama.

— Oi, baby — ela começa a ler, apenas para parar e apertar o peito. — Oh doce Jesus, ele a chamou de *baby*!

Jogando-se de volta na cama, ela acrescenta:

— E ele deu dois beijos nela no final. — Ela suspira de contentamento. — Acho que *eu* acabei de ter um orgasmo.

— Dê-me isso — Lizzie resmunga, pegando o telefone de volta de Claire. — Oi baby, como você está? Posso te ligar mais tarde hoje à noite? Beijos, beijos.

Meu coração galopa descontroladamente.

— Diga a ele que ele pode me ligar. — Eu digo enquanto observo Lizzie digitar de volta uma mensagem. — Você disse a ele que ele pode? — Eu pergunto quando ela coloca o telefone em sua coxa. — Liz?

Lizzie abre a boca para responder, mas o telefone toca novamente antes que ela possa responder. Olhando para a tela, ela sorri maliciosamente.

— Oh meu Deus. — Um arrepio de inquietação me percorre. — O que você fez?

— Eu disse a ele que em vez de ligar para você hoje à noite, ele pode buscá-la aqui. — Ela pisca antes de acrescentar: — Ele estará aqui às oito, então é melhor você se arrumar.

— Espere! — Pressionando meus dedos em minhas têmporas, eu me forço a respirar devagar e não entrar em pânico. — Apenas... me dê um minuto.

Inalo várias respirações profundas e calmantes antes de perguntar:

— Isso é um encontro?

Claire acena com a cabeça vigorosamente. Enquanto isso, Lizzie olha para mim como se eu fosse uma nova espécie humana.

— Eu não entendo você, Shan — ela suspira. — Ele é seu namorado. Você passa metade do almoço todos os dias com a língua dele na sua garganta. Você vai se encontrar com ele no sábado à noite. *Claro* que é um encontro.

— Devo... dar-lhe alguma coisa? — Eu pergunto, sentindo meu batimento cardíaco disparar.

— Não — Lizzie retruca, horrorizada. — Por que?

— Não sei! — Eu me mexo ansiosa. — Eu só estou em pânico, ok? E se ele me levar a algum lugar? Eu não tenho dinheiro.

— Não importa.

— Importa — eu solto. — Isso é importante para mim.

— Você poderia fazer uma mixtape para ele? — Claire oferece então. — Ou um CD para o carro dele – se você quiser dar alguma coisa a ele.

— Essa é uma boa ideia — Lizzie medita. — O que você vai colocar nele?

— Não sei. — Inclinando-me contra os travesseiros, suspiro. — Talvez seja uma má ideia?

— Não. — Caminhando até sua mesa, Claire pega seu notebook. É uma ótima ideia — ela me assegura, inserindo um CD na lateral de seu laptop. — Agora faça isso.

— Os meninos gostam desse tipo de coisa? — Eu pergunto, os dedos pairando sobre as teclas. — Aoife está sempre fazendo mixagem de CDs para Joey e ele nunca os ouve.

— Bem, Gerard os faz para mim e eu os amo — Claire responde. — Dê a ele seus pensamentos, Shan. Encontre seus sentimentos em músicas e revele-os a ele.

— É isso o que você faz? — Lizzie pergunta categoricamente.

— O tempo todo — Claire geme. — E eu sei que ele os ouve.

Suspirando, ela acrescenta:

— Ele simplesmente escolhe não *escutá-los.*

— Oh, meu Deus — Lizzie murmura. — Esse menino é um burro.

— Mas Johnny não é assim. Ele vai ouvir, Shan. Ele *sempre* ouve você. Oh, aqui, pegue isso... — Me entregando uma caneta permanente preta para mim, Claire sorri — Escreva algo no disco quando terminar, para que ele não confunda com uma das criações de Gerard.

— Você é tão pequena, é insano — Lizzie geme uma hora depois. — Se eu não comesse um pedaço de comida pelo próximo ano e meio, eu ainda não seria do seu tamanho.

Isso é a fome, penso a contragosto. *Fique feliz por nunca ter sentido esse tipo de dor.*

— Eu pareço mal? — Eu murmuro, me sentindo nervosa, enquanto olho para minha roupa. — Eu estou bem?

— Não. — Ela suspira e me guia em direção ao espelho de corpo inteiro no banheiro da família Biggs. — Você está incrível e perfeita e eu estou com uma inveja repugnante de você agora.

— Ta-dã — Claire guincha, acenando em torno de um pincel de base em sua mão. — Você parece uma... uma... vadia sexy!

Com os olhos fixos no espelho à minha frente, observo minha aparência e solto um suspiro trêmulo.

— Uau.

— Eu sei — Claire concorda conscientemente. — Uma gostosa.

— Eu vou congelar — eu sussurro, observando o vestido vermelho com decote halter que Claire tinha praticamente me enfiado. Ela me disse que era um vestido, mas eu sei que ela está mentindo porque me lembrei especificamente de admirar o mesmo decote vermelho no mês passado – quando ela o usava com *jeans*. Para ser justa, *é* um vestido em mim, chegando ao meio da coxa. No lado positivo, era confortável e não ficava folgado no meu corpo como a maioria das coisas que eu uso.

— A jaqueta vai te manter aquecida — Lizzie corrige, sacudindo a jaqueta de couro preta que eu estou usando.

— E a saia é para facilitar o acesso — Claire ri. — Só brincando. Ei – que tamanho de sapato você usa?

— Eu calço 33 — eu respondo, me olhando cautelosamente no espelho. Meus lábios estão vermelhos como sangue para combinar com meu vestido e meus olhos estão esfumados. Meu cabelo está despenteado em um rabo de cavalo propositadamente bagunçado que ainda atinge o comprimento do meu cotovelo.

— Deus, quão injusto é isso? — Lizzie resmunga. — Eu mataria para ter pés pequenos.

— Minha mãe calça 34. Hmm. Me dê um segundo — Claire murmura antes de sair do banheiro. Ela volta alguns minutos depois com um par de saltos pretos. — Perfeito.

Olho para os saltos de quinze centímetros com cautela.

— Não tenho certeza se é uma boa ideia.

— É uma *ótima* ideia — ela fala e então cai de joelhos e empurra os sapatos em meus pés antes que eu tenha a chance de objetar. — Meu Deus, você é como uma boneca Bratz com aqueles olhos grandes e arregalados e todo esse cabelo — diz ela animadamente, levantando-se para observar minha aparência. — Você é tão fofa que dói.

— Bem, ela não é uma boneca, Claire — Lizzie a lembra. — Ela é uma pessoa e ela parece... pare com isso!

Batendo na escova de cabelo que Claire está avançando em minha direção, Lizzie sorri.

— Você está linda, Shan.

— Vocês tem certeza que eu não deveria usar sutiã? — Eu pergunto, sentindo-me autoconsciente.

— Não — Claire bufa. — Você absolutamente *não deve* usar sutiã! Vai arruinar toda a roupa.

— Shan, se eu pudesse me safar sem usar sutiã, estaria sem 24 horas por dia, 7 dias por semana — Lizzie diz, apertando meu ombro.

— Eu também — Claire oferece em apoio. — Exiba esses peitinhos, garota.

— Você não acha que é um pouco curto? — Hughie pergunta, arqueando uma sobrancelha enquanto se inclina na porta do banheiro. Franzindo a testa, ele acrescenta: — Eu sinto que preciso tirar meu suéter e colocá-lo em você.

— Cala a boca, Hugh! — Claire rosna. — Deixa-a em paz.

— Justo. — Segurando as mãos para cima em derrota, ele diz: — Agora saia do banheiro, sim? Eu preciso me preparar. Estou buscando a Katie em meia hora.

— *Katie*... — Claire zomba, balançando os cílios. — Certifique-se de lavar seu testículo para Katie.

— Há algo muito errado com você — responde Hughie, fazendo uma careta para sua irmã. — Mamãe e papai trouxeram o bebê errado do hospital para casa.

Virando-se para mim, ele acrescenta:

— A propósito, Johnny está estacionado do lado de fora.

Meus olhos se arregalam.

— E–ele está?

— Iup – vamos! — Batendo palminhas, Claire empurra Hughie para fora do caminho com o quadril. — Estou tão animada.

— Acalme-se — Lizzie murmura. — Você não está indo.

— Eu estou vivendo através de Shannon — Claire responde. — Eu vivo para essas coisas.

39
Noite de encontro
Johnny

Depois de me esfregar mais ou menos no que deve ter sido o banho mais rápido conhecido pela humanidade, eu vasculho meu guarda-roupa tentando encontrar algo além de uma camisa e um moletom para vestir. Jesus Cristo, meu coração não para de acelerar desde que recebi aquela mensagem de Shannon no início da noite.

S: Você pode me pegar em vez disso. Estou na casa de Claire. Eu vou estar esperando por você. Xx

Eu não tinha a menor ideia do que está acontecendo aqui, e eu me importo ainda menos, porque o conceito de passar tempo com minha namorada fora da escola me faz dar voltas na cabeça. Durante toda a semana, tenho que me contentar em vê-la nos corredores e alguns poucos minutos no almoço, mas agora? Agora eu vou tê-la para mim por uma noite. Agradecendo a Jesus que hoje é o dia em que minha mãe decidiu devolver as chaves do meu carro para mim, eu ando pelo meu quarto com uma escova de dentes pendurada na boca e pasta escorrendo pelo meu queixo, tentando encontrar algo respeitável para vestir.

Isso era um encontro?
Ela queria que eu a levasse para sair?
Eu deveria?
Que porra eu vou fazer?
Que tal levar um preservativo?
Eu deveria?
Não!
Pare!
Nem tente a si mesmo.
Porra...

— Você está muito bonito — mamãe anuncia quando entro na cozinha cinco minutos depois para pegar minhas chaves e carteira.

— De fato. — Gibsie, que está empoleirado em um banquinho na ilha, ri alto. — Muito bonito, Jonathon.

Lanço-lhe um olhar que dizia *não se atreva a abrir a boca*, me arrependendo de não deixá-lo direto em casa depois da academia. Eu deveria, mas eu estava tão desequilibrado que levei o grande idiota para casa comigo. Eu também contei a ele sobre meus planos, que foi um erro de principiante, um que eu só cometi porque, novamente, eu tinha sido atropelado por aquele texto. Para ser justo, eu senti que devia uma explicação a ele por quase decapitá-lo na academia mais cedo, quando parei de ajudá-lo para responder à mensagem de Shannon.

Gibsie sorri e gesticula que seus lábios estão selados.

Isso seria a primeira vez.

— Eu pareço o mesmo de sempre, mãe — resmungo, sabendo que preciso entrar e sair desta sala antes que a mulher me dê a versão maternal da Inquisição Espanhola. — Chegarei em casa tarde esta noite — acrescento em um tom tão alegre quanto consigo, deslizando minha carteira e chaves no bolso de trás. — Então, não entre em pânico, ok? — *Ou exploda meu maldito telefone com mensagens.*

— Isso é uma camisa nova? — Mamãe, ignorando minha declaração, pergunta enquanto seu olhar percorre meu corpo.

Ugh.

Tarde demais, porra...

— Não. — Autoconsciente, puxo o tecido preto atualmente soldado ao meu peito e dou de ombros. — Estava no meu guarda-roupa.

Mamãe sorri.

— E nova loção pós-barba?

— É a garrafa que ganhei no Natal. — Eu me mexo desconfortavelmente. — Por que?

— Oh, sem motivo, amor — ela responde com um sorriso malicioso. — Você cortou o cabelo hoje?

— Sim — eu digo impacientemente, sentindo-me em plena exibição. — Eu parei no barbeiro depois da academia e cortei o cabelo.

Seus olhos brilham com malícia.

— Você passou gel também?

— Jesus Cristo, mãe — eu murmuro, acariciando meu cabelo. — E daí se eu fiz?

— Você teve tanto esforço com sua aparência — ela medita, arqueando uma sobrancelha. — Você deve estar indo para algum lugar especial esta noite.

— Com *alguém* muito especial — Gibsie, o vira-casaca, joga gasolina no fogo, ao acrescentar.

— Você cortou o cabelo também — eu o lembro.

— É verdade, mas não sou eu que tenho um encontro.

Eu olho para Gibsie.

Ele levanta as mãos e sorri timidamente.

— Ah, amor, tire suas calças — mamãe diz então, arrastando minha atenção de volta para ela. — Há um vinco na frente do seu jeans.

Descendo de seu banquinho, ela se move para a tábua de passar.

— Tire-a e eu vou passar o ferro.

— O que? — Eu fico boquiaberto para ela. — Está ótimo, mãe. Eu tenho que ir.

— Tira o jeans — ela ordena bruscamente, ligando o ferro. — Nenhum filho meu vai sair pela porta da frente com roupas amassadas.

— Jesus Cristo. — Murmurando uma série de palavrões, tiro minhas botas e deixo cair meu jeans. — Eu preciso ir — eu murmuro, enquanto eu saio do meu jeans e o entrego a ela. — Tipo, agora mesmo, mãe.

— Você parece bem — Gibsie afirma, em tom sério, enquanto olha a cicatriz descendo pela minha coxa. A outra ficou felizmente escondida pela minha cueca. — Está realmente clareando.

— Obrigado? — Eu respondo, dando-lhe um olhar de *que porra é essa* enquanto eu troco o peso de pé, esperando pelo meu jeans. — Você pode se apressar, mãe? — Eu imploro. — Eu preciso ir.

— Você vai levar Shannon para ver as telas, amor? — Minha mãe pergunta, sorrindo conscientemente.

— É chamado de cinema, mãe — eu rosno, esfregando a mão no meu queixo. — Ninguém – e quero dizer, nenhum maldito – chama mais de telas.

— Eu chamo — mamãe gorjeia de volta alegremente. — Então, é para lá que você está levando ela?

— Eu ainda não sei — eu murmuro. — Eu ia deixá-la decidir.

— Ah, isso é adorável, isso é. — Virando-se para Gibs, mamãe sorri. — Não é adorável, Gerard?

— Com certeza é. — Gibsie ri.

— Você deveria levar aquela jovem para ver as telas — acrescenta mamãe. — Qual é o nome dela... a garota Biggs.

Gibsie cora e eu sorrio

Ha ha ha, porra.

— Claire — ele diz, limpando a garganta.

— Ah, sim, a irmã de Hughie. — Mamãe sorri para si mesma enquanto passa o ferro sobre meu jeans. — Você está atrás daquela garota desde o dia em que Johnny trouxe você aqui, parecendo um pequeno querubim louro e gordinho.

Eu bufo, e foi a vez de Gibsie olhar para mim.

— Você era um menino tão lindo. — Colocando o ferro no chão, mamãe pega minha calça jeans e a sacode, inspecionando seu trabalho, antes de, felizmente, devolvê-la para mim. — Você se lembra do verão na escola primária quando todos vocês acamparam no campo? Você caiu daquele arbusto de urtigas tentando levantá-la por cima da cerca elétrica porque ela estava com medo do brutamontes do vizinho? — A mãe ri baixinho para si mesma. — Você estava todo picado e irritado, mas ainda conseguiu tirá-la daquele campo.

— Ah sim — Gibsie ri, coçando o queixo. — Eu esqueci disso.

— Eu disse para Sadhbh e Sinead naquela época que eles teriam que ficar de olho em vocês dois — mamãe medita. — Você deveria ser amigo de Hughie, mas você e aquela jovem sempre foram inseparáveis. Unido pelo quadril com aquela garotinha, você era.

— Bem, obrigado pela caminhada pela estrada da memória, mãe. — Eu digo impaciente enquanto visto minha calça jeans de volta e calço minhas botas. — Mas nós temos que ir. — Colocando minhas mãos nos ombros de Gibsie, eu o guio para a porta dos fundos. — Boa noite.

— Johnny, seja bom[7] — mamãe grita atrás de mim.

— Isso é uma música — eu grito por cima do meu ombro.

— E um aviso — ela retruca. — Mantenha-se em suas calças.

Jesus.

Quinze minutos depois, eu tinha deixado Gibsie e estava estacionado do lado de fora da casa dos Biggs com as palmas das mãos suadas e uma sólida semi-ereção no meu jeans. Jesus Cristo, a antecipação de apenas *ver* Shannon está me deixando meio louco. Excitação e nervosismo latejam em minhas veias, fazendo-

me sentir todo fodido, mas foi isso que ela trás em mim. Fechando meus olhos, eu respiro fundo e devagar por vários momentos, disputando minhas emoções em submissão antes de tentar sair.

Quando me sinto um pouco mais calmo, saio e caminho pela calçada, travando uma batalha interna sobre o que diabos eu deveria fazer quando chegasse à porta da frente. Eu bato? Eu apenas entro como eu costumava fazer? Jesus, eu não sei. Eu não tinha porra nenhuma de ideia do que eu estou fazendo.

Felizmente, a porta da frente abre para dentro quando eu estou no meio do caminho do jardim e Shannon é fisicamente empurrada para fora por duas loiras antes que a porta se feche atrás dela.

Puta merda.

Meus pés vacilam enquanto meus olhos a ingerem. Ela está usando um vestido vermelho minúsculo, com uma jaqueta de couro preta e saltos pretos combinando que faziam suas pernas parecerem quilométricas. Seu cabelo está puxado para trás em um rabo de cavalo e escorre pelo ombro direito, e seu rosto? Jesus Cristo, seus lábios... seus olhos... porra, eu estou com tantos problemas.

Agarrando uma sacola na frente dela, ela sorri timidamente.

— Oi, Johnny.

Dando uma pequena sacudida de cabeça, eu fecho o espaço entre nós e dou um beijo em sua bochecha.

— Oi, Shannon — eu digo bruscamente. — Você está linda.

— Como foi na academia? — ela pergunta, sorrindo para mim. — Você foi cuidadoso?

Eu mal consigo distinguir uma palavra do que ela acabou de dizer porque todo o meu foco está vidrado em seus lábios inchados que estavam cheios e vermelhos e me fazendo pensar os pensamentos mais depravados.

Se concentre, idiota.

— Sim — eu engasgo e então limpo minha garganta. — Foi bom.

Pegando sua mão na minha, eu a conduzo pelo caminho até o meu carro.

— Você está tão fodidamente linda. — *Você já disse isso, rapaz.* — Sério, você está linda. — *Cala a boca, Johnny.*

— Ah, obrigada. — Sob as lâmpadas da rua, eu podia ver o rubor em suas bochechas. — São as roupas e a maquiagem.

— É a garota — eu corrijo, apertando sua mão.

Shannon abaixa o rosto e eu mordo o interior da minha bochecha.

— Ei – você pegou seu carro de volta? — ela diz então, os olhos arregalados. — Isso é ótimo.

— Sim. — Assentindo, abro a porta do passageiro e gesticulei para que ela entrasse. — Acabei de tê-lo de volta esta manhã.

Shannon entra e eu fecho a porta antes de dar a volta no carro.

— Então, como você saiu? — Eu pergunto, afundando no banco do motorista. — Com Darren em patrulha?

Shannon faz uma careta enquanto aperta o cinto de segurança.

— Nós brigamos e ele saiu. Mamãe estava na cama, então eu meio que... saí. — Ela dá de ombros. — Ele não ligou desde então, então eu acho que ele ainda não foi para casa.

Maldito idiota.

— Bem, estou feliz que você está fora — eu digo a ela, colocando meu próprio cinto. — E eu estou feliz que você me mandou uma mensagem.

Ela sorri timidamente.

— Você está?

— É claro.

— Ah, aqui... — Alcançando a sacola, ela retira uma caixa de CD e coloca em minhas mãos. — Eu fiz isso para você.

— Ah, tudo bem? — Olho para a caixa do CD. — Obrigado?

— De nada. É uma mixtape — ela explica, o rosto vermelho queimando. — Ou um CD de mixagem.

Olho para a caligrafia dela no estojo.

As músicas de Shannon para Johnny.

Puta que pariu.

— Você está muito bonito — Shannon diz, bochechas tão quentes que eu juro que posso sentir o calor irradiando delas, enquanto ela gesticula para minhas roupas. — E você cheira muito bem.

— Ah, obrigado. — Eu me mexo no meu assento, sentindo uma enorme onda de alívio.

— Eu amo o seu corte de cabelo — ela acrescenta, estendendo a mão para passar os dedos por ele. — Você manteve o comprimento em cima.

Ela hesita e se move para puxar a mão de volta, mas depois a coloca na minha bochecha.

— Você é lindo.

Um arrepio me percorre, suas palavras me atingem profundamente, e me inclino sobre o assento. *Jesus*.

— Venha aqui. — Enrolando uma mão em seu cabelo, eu puxo seu rosto para o meu, sabendo que eu estou prestes a ser coberto de batom, mas não dando a mínima de qualquer maneira.

No momento em que meus lábios se fundem com os dela, eu estou acabado. Cada pensamento coerente, plano e noção que eu tinha para esta noite foi jogado pela janela quando sinto sua língua varrer para duelar com a minha. Shannon geme em minha boca e a vibração contra meus lábios faz com que a semi ereção que eu tinha se erguesse em total forma. Ouço o som de um cinto de segurança estalando e então ela está bem ali, subindo nos assentos para montar no meu colo.

Jesus Cristo, essa garota vai me arruinar.

Minhas mãos se movem por vontade própria, apertando seus quadris para mantê-la imóvel enquanto eu empurro contra ela, levando-me ao ponto de dor com a necessidade que eu tenho de me enterrar dentro dessa garota e nunca mais voltar para respirar.

— Johnny? — ela engasga, respirando com dificuldade contra meus lábios. — O que você quer fazer essa noite?

Jesus, essa é uma pergunta tão carregada com infinitas possibilidades. Ela não precisa estar me dando nenhuma noção. Eu preciso de instruções básicas agora porque estou em território desconhecido e *ela* é tudo que eu quero fazer.

— Não sei. — Esforçando-me pelo autocontrole, eu me inclino para trás para olhar para ela. — Eu estava esperando para ver o que você quer fazer.

— Eu só quero estar com você — ela responde simplesmente, colocando suas pequenas mãos no meu peito e incendiando meu *corpo*. — Eu não me importo se ficarmos sentados neste carro a noite toda.

— Você quer ir ao cinema? — Eu ofereço, sabendo que ficar no carro a noite toda era uma ideia perigosa – tentadora, mas muito perigosa. — Ou podemos ir ao Biddies para um jogo de bilhar? Ou Spizzico para o jantar? — Dou de ombros, me sentindo nervoso. — O que você quiser.

— Eu... — Ela olha para o meu peito antes de levantar o queixo, os olhos fixos nos meus. — Eu não quero ir a lugar nenhum?

Isso foi uma pergunta?

— Você não quer? — Eu pergunto, incerto. — Você quer ir para casa?

— Não. — Shannon balança a cabeça. — Não... — Suas palavras são interrompidas e ela abaixa o rosto novamente.

— Não o quê, querida? — Eu pergunto. — Se você não me contar, eu não vou saber.

— Eu só quero ficar sozinha com você — ela sussurra, olhando para mim com os olhos semicerrados. — Sabe?

Eu *sei.*

Mas eu também sei que é uma ideia terrível.

— Você quer ir para a minha casa? — Eu pergunto, sentindo meu corpo doer com a pressão que está tomando para levar isso devagar. Eu sei que preciso, mas Cristo, ela não está facilitando para mim. — Para meu quarto?

Ela assente.

— Se você quiser?

Porra.

40
Estou indo!
Shannon

No momento em que Johnny atravessa os portões abertos de sua propriedade, ele apaga as luzes do carro, deixando-nos completamente no escuro. Animada e nervosa, mantenho meus olhos fixos em seu rosto e minha mão em cima da dele enquanto ele muda de marcha, desacelerando até parar completamente no meio da longa e estreita viela.

Desligando o motor, ele se vira para olhar para mim.

— Eu vou te levar para o meu quarto, mas nós vamos ter que entrar pela frente, ok?

Assentindo ansiosamente, eu sussurro:

— Ok.

— Isso não é porque você não é bem-vinda — ele apressa-se a acrescentar. — É porque minha mãe não vai nos deixar ter um minuto de paz de outra forma.

Desafivelando o cinto, ele empurra a porta do carro e sai, fechando suavemente a porta antes de contornar o carro.

— Está pronta? — ele pergunta, pegando minha mão quando eu saio e fechando a porta do carro atrás de mim.

— Sim — eu respondo, mantendo minha voz baixa. Está chovendo forte de novo e as gotas frias batem contra minha pele nua, causando um arrepio em mim.

— Bonnie e Cupcake devem estar em sua caminhada pela noite — ele explica enquanto rastejamos pela viela escura como breu. — É nos fundos da casa, então devemos estar bem.

— E quanto a Sookie?

— Sookie não vai latir para mim — ele responde confiante.

— Como ela vai saber que é você?

— Ela só vai saber. — Deslizando as chaves em sua mão quando chegamos à entrada, Johnny literalmente me arrasta pelo cascalho ao redor da casa. — Você está bem?

— Nós deveríamos estar fazendo isso? — Eu pergunto, respirando com dificuldade.

— Honestamente? Provavelmente não, mas vamos fazer de qualquer maneira.

— Ok. — Eu balanço a cabeça. — Nós vamos?

— Não sei. — Johnny hesita. — Nós vamos?

— Uh, eu acho que sim?

— Porra... — Balançando a cabeça, ele me beija com força e então me arrasta para a porta da frente. Soltando minha mão, ele leva um dedo aos lábios e então gira a chave na porta, encolhendo-se quando a porta se abre. — Vá em frente — ele murmura, inclinando a cabeça em direção ao corredor.

Tirando meus saltos altos, eu me abaixo e os pego antes de correr para dentro. Johnny silenciosamente fecha a porta atrás de nós e por alguns momentos nós dois ficamos no hall de entrada, com os olhos fixos um no outro.

Depois de um minuto ou mais de completo silêncio, um sorriso lento surge em seu rosto e eu sorrio de volta para ele.

— Bingo — ele ronrona, antes de colocar um braço em volta da minha cintura e me puxar contra ele.

Sentindo-me inebriante com a luxúria e a adrenalina, e sufocando um grito, passo meus braços ao redor de seu pescoço, sapatos e tudo, e puxo seu rosto para o meu.

Nosso beijo é quente, desajeitado e sobrecarregado com uma necessidade esmagadora de *mais*. Johnny faz um som grave e rude em sua garganta, e então estamos nos movendo, tropeçando cegamente pelo corredor.

— Você voltou cedo, amor. Seu carro quebrou? — A voz da Sra. Kavanagh corta meus pensamentos cheios de luxúria e eu me afasto de Johnny como se tivesse sido escaldada.

Mortificada, me viro para olhar para sua mãe sentada no último degrau de sua impressionante escada. Ela tem uma cesta de roupa lavada no chão a seus pés enquanto dobra as meias. Esparramada ao lado da cesta está a velha labrador preta de Johnny. No momento em que Sookie avista Johnny, ela se levanta cambaleante e salta em direção a ele.

— Jesus — Johnny murmura baixinho enquanto empurra as duas mãos pelo cabelo antes de abaixar a mão para acariciar sua cachorra. — Eu não vi você aí, mãe.

— Tudo bem, Johnny, eu vi vocês — Sra. Kavanagh responde com um sorriso. — Grande esforço, no entanto.

Voltando sua atenção para mim, ela sorri calorosamente.

— Olá, Shannon. É um prazer vê-la novamente.

— Oi, Sra. Kavanagh — eu solto, além de mortificada. — Como você está?

— Eu estou bem, amor. — Colocando um par de meias que ela tinha dobrado na cesta, ela se levanta e limpa a parte de trás de seu jeans, o sorriso ainda firme no lugar. — Você está deslumbrante esta noite.

— Uh, obrigada? — Calor rasteja pela minha pele. *Devo me desculpar por estar aqui? Ela está brava? Devo me desculpar novamente pelo comportamento da minha mãe? Devo apenas ir embora?* — Você também — eu ofego, me sentindo um pouco nervosa agora. *Que diabos devo fazer?*

Tomando a decisão por nós, Johnny pega minha mão e me puxa para a escada.

— Vamos assistir a um filme — anuncia ele, observando sua mãe com o que parece ser uma grande cautela, quando passamos por ela.

— Oh? — sua mãe responde, arqueando uma sobrancelha. — Não tinha nada bom passando nas telas?

— Eu tenho um no meu quarto que queríamos assistir — Johnny retruca, meio que me arrastando escada acima atrás dele. — Então, sim. Isso é o que vamos fazer.

— Que filme?

— Jesus Cristo, mãe, um filme! — Johnny geme, parando no topo da escada para olhar para sua mãe. — O que isso importa?

— *Simplesmente Amor* — eu solto o primeiro título que surge na minha cabeça.

Johnny assente ansiosamente.

— Isso mesmo.

— Gibsie nos emprestou — acrescento às minhas mentiras, percebendo que eu sou uma mentirosa muito melhor quando pressionada por uma figura de autoridade do que ele. *Anos de prática.* — Ele disse que é o seu favorito, e ele passou a semana toda na escola dizendo que precisávamos ver.

— Exatamente. — Dando um pequeno aperto na minha mão, ele me puxa pelos dois últimos degraus para me juntar a ele. — E Shannon nunca assistiu.

— Por que você não traz o DVD e todos nós podemos assistir na sala de estar juntos? — sua mãe fala para nós.

— *O quê?* — Johnny fica boquiaberto. — Mãe, *não*!

Eles se encaram por um longo tempo antes da Sra. Kavanagh soltar um suspiro pesado e assentir.

— Tudo bem, vá em frente e assistam ao seu filme, mas mantenham a porta aberta — ela diz em um tom de voz baixo e de advertência. — Bem aberta, Jonathon.

Sem outra palavra, caminhamos pelo corredor em direção ao quarto dele. Entrando, Johnny fecha a porta atrás de nós e habilmente gira a fechadura antes de se encostar nela.

— Eu sinto muito por ela — ele murmura, beliscando a ponte de seu nariz. — Ela está...

— Só cuidando de você — eu sussurro. — Está bem.

— Ela está me sufocando — ele corrige, ombros caídos em derrota. — Eu não posso dar um passo e ela está me observando como um falcão.

— Eu não acho que ela me quer aqui, Johnny — eu confesso, mordendo meu lábio nervosamente. — Talvez eu deva ir?

— O que? — Ele balança a cabeça e abafa um gemido. — Não, Shan, não é isso.

Caminhando em minha direção, ele pega minha mão e nos leva até sua cama.

— Minha mãe realmente gosta de você. Eu juro. Ela apenas... — Afundando em sua cama, Johnny solta um suspiro pesado. — Não tem nada a ver com você estar aqui e tudo a ver com você estar aqui sozinha comigo.

Dando de ombros, ele olha para mim e diz:

— Ela só está com medo de que algo aconteça entre nós.

Sento-me ao lado dele.

— Algo?

— Sexo — ele responde bruscamente, deslocando seu corpo para me encarar.

Minha respiração engata.

— Oh.— Engolindo profundamente, eu assinto. — Ok.

— Mas não é isso que está acontecendo aqui — ele se apressa a dizer, embora se incline para mais perto.

— Ok — eu respiro, o coração martelando no meu peito.

— Nós não temos que fazer nada — acrescenta, a voz grossa e rouca, os olhos fixos nos meus. — Nós podemos assistir a um filme, se você quiser?

— Não. — Eu me aproximo. — Eu não quero fazer isso.

— Tem certeza? — Seus olhos escurecem. — Nós podemos jogar PlayStation?

— Johnny?

— Sim, Shan?

Inclino-me para frente e dou um beijo no canto de sua boca, puxando para trás lentamente para avaliar sua reação.

— Shan. — Ele está me observando com uma expressão sombria. — Shan...

Sentindo-me corajosa, eu faço isso de novo.

Um segundo passa.

Suas pupilas ficam mais escuras.

Meu coração bate mais forte.

— Ah, foda-se — ele rosna e esmaga seus lábios nos meus.

Envolvendo meus braços ao redor de seu pescoço, subo na cama, levando-o comigo. Caindo de costas, os lábios de Johnny nunca deixam os meus enquanto seu peso desce com força sobre mim, pressionando meu corpo profundamente em seu colchão luxuoso. Sem vontade de separar meu corpo do dele, eu envolvo minhas pernas em volta de sua cintura.

— Nós não deveríamos fazer isso — ele sussurra repetidamente contra meus lábios, mas ele não está parando e eu sei que eu nunca iria, enquanto eu ataco seus lábios com uma fome desesperada. A maneira como ele me beijou, como se meus lábios e boca fossem a única coisa que importava para ele naquele momento... É viciante e inebriante.

Deslizando minhas mãos de seu pescoço para seu peito, puxo os botões de sua camisa preta, desesperada para sentir o calor de sua pele nua pressionada contra mim.

— Shan — ele geme em minha boca, os quadris empurrando contra mim. — O quê você está fazendo, baby?

— Por favor — eu imploro, desajeitadamente abrindo os botões até que o tecido se abre como o Mar Vermelho. — Apenas... tire isso.

— Foda-se... — Quebrando nosso beijo, Johnny cai de joelhos e faz um pequeno trabalho em sua camisa, arrastando-a para fora de seu corpo. Aproveito isso como minha oportunidade de tirar minha jaqueta. Jogando-o de lado para juntar sua camisa no chão de seu quarto, eu caio de volta para baixo, com meu vestido dobrado na minha cintura, implorando com meus olhos para *continuar*. Hormônios invadem minha mente, chutando meu bom senso pela janela e

tomando conta do volante do meu cérebro, deixando-me saber que minha virgindade está em sério perigo de evaporar esta noite.

Ajoelhado entre minhas pernas, vestindo apenas jeans e com o cabelo espetado em quarenta direções diferentes de nossas travessuras, Johnny olha para mim toda jogada em seus travesseiros e exala uma respiração afiada.

— Eu estou mantendo você, Shannon Lynch.

— Sério? — Eu respiro, olhando para seus lábios inchados e querendo apenas mais um gostinho.

— Sério — ele confirma, os olhos fixos nos meus. Dando de ombros quase impotente, ele me oferece um sorriso torto, me dando um pequeno vislumbre de vulnerabilidade e me fazendo me apaixonar ainda mais por ele. Eu estou tropeçando ainda mais no abismo do desconhecido com esse garoto, sem rede de segurança para amortecer minha queda. Pressionar os freios não fará a menor diferença porque meu coração está no banco do motorista e avançando sem pensar nas consequências.

— Tem certeza de que não quer jogar GTA? — Johnny oferece então, tom grosso e áspero. Ele alegremente passa os dedos pela minha coxa nua, roçando a ponta da minha calcinha. — Eu poderia vencê-la desta vez.

Apenas quando eu penso que ele vai mover seus dedos mais alto, quando tudo dentro de mim está *gritando* para ele mover seus dedos mais alto, ele puxa sua mão de volta para descansar na minha coxa novamente.

— O que você diz? Hmm? Você quer uma revanche, Shannon *como o rio*?

Eu balanço minha cabeça, minha respiração difícil e irregular.

— Não.

— Não? — Ele arqueia uma sobrancelha, o sorriso ainda firme no lugar. — Então o que você quer de mim?

Encontrando uma coragem que eu só pareço ter quando ele está comigo, eu me levanto em meus cotovelos e sussurro:

— Eu quero que você termine o que começou.

O azul em seus olhos escurece, e o sorriso que ele está usando se torna quase selvagem, quando ele agarra minhas coxas e arrasta meu corpo para mais perto dele.

— Eu sempre termino o que começo. — Descansando seu peso em um cotovelo, ele pairou acima do meu corpo, com seus lábios tão perto dos meus que eu posso sentir sua respiração. — Mas não vamos lá.

Ele pressiona um beijo em meus lábios antes de enterrar o rosto no meu pescoço.

— Ainda não. — Acariciando meu pescoço, ele pressiona um rastro de beijos quentes e molhados no meu pescoço, sua língua varrendo para me provar, para me reivindicar com golpes vagarosos que eu sinto em cada terminação nervosa do meu corpo. Aninhado entre as minhas pernas, ele não faz mais nenhum movimento, ele apenas continua a me beijar com movimentos quentes de sua língua, me destruindo apenas com seu peso.

— Sério? — Eu praticamente choro quando meus dedos cavam nos cumes duros de sua cintura. — Você tem certeza?

Gemendo, Johnny assente.

— Tenho certeza.

Sua mão se move do meu cabelo para o meu quadril, deslocando nossos corpos para o alinhamento perfeito, e o movimento faz com que um gemido saia da minha garganta. Ele responde ao meu pequeno suspiro de prazer surpreso com um grunhido baixo de aprovação.

— Mas eu posso fazer outras coisas para você. — Ele roça seus lábios contra os meus quase amorosamente antes de se afastar para avaliar minha reação. — Se você quiser?

Meu pulso dispara e eu solto uma respiração irregular, acenando para ele.

Seus olhos brilham com calor quando ele abaixa seus lábios nos meus.

— Eu prometo que vou fazer você se sentir bem — ele sussurra entre beijos. — Apenas me diga se você não quiser, ou se eu estiver indo muito rápido e eu vou parar, ok?

— Não pare — eu solto, as mãos atirando para agarrar seus ombros. — Por favor.

Johnny ri baixinho.

— Ainda não comecei.

— Eu não me importo — eu suspiro. — Nunca pare.

Ajoelhando-se mais uma vez, Johnny olha para mim. Respirando forte e rápido, permaneço deitada, sobrecarregada de adrenalina e luxúria, enquanto o vejo me observar por mais tempo. A antecipação do desconhecido está me fazendo sentir fraca e tudo que eu quero fazer é arrastá-lo de volta para cima de mim, mas eu me contenho, sabendo que não tenho ideia de como progredir a partir daqui, só que eu quero desesperadamente .

— Você é linda pra caralho — ele sussurra, com um pequeno aceno de cabeça. — Jesus.

Arrastando um dedo sobre minha bochecha, ele se inclina e me beija. Sua mão desce pelo meu pescoço, movendo-se cada vez mais para baixo até que seu polegar roçou meu mamilo.

— Eu te amo — ele sussurra, e então ele está segurando meu seio em sua mão, gentilmente acariciando o polegar sobre o tecido do meu vestido enquanto meu mamilo endurece a ponto de doer. — Está tudo bem? — ele pergunta contra meus lábios enquanto continua a me tocar.

— Johnny... — Tremendo violentamente, eu arqueio em seu toque, beijando-o quase freneticamente. — Muito bem.

Sua mão se move para baixo, dedos passando sobre meu quadril, antes de sua mão se estabelecer na frente da minha calcinha.

— E quanto a isso? — Acariciando seu nariz contra o meu, ele desliza a mão dentro da minha calcinha e me toca *lá*. — Está tudo bem?

Meu corpo estremece debaixo dele, os quadris balançando, e eu balanço a cabeça como uma pessoa louca.

— Não pare.

Exalando uma respiração irregular, ele desliza sua língua em minha boca ao mesmo tempo em que desliza um dedo dentro de mim.

Com cuidado para não gemer muito alto e alertar sua mãe sobre o que estamos fazendo em seu quarto, deixo minhas pernas caírem abertas, acolhendo seu toque, enquanto colo meus lábios nos dele, agarrando-me a seus ombros largos por tudo o que valia a pena enquanto estremeço debaixo dele.

— Eu quero você — ele rosna em minha boca, enquanto trabalha seu dedo dentro de mim, movendo-se lentamente, dentro e fora, profundo e alucinante. — Mais do que eu já quis alguém em toda a minha vida.

Beijando-me com força, ele tira o dedo apenas para empurrar um segundo dedo dentro de mim.

— Porra, você está tão molhada, baby. — Tremendo, me agarro a ele, contraindo meus quadris animadamente. — Tão apertada... merda, está tudo bem?

— Está tudo bem, Johnny, está tudo bem. — Eu praticamente grito enquanto arrasto seus lábios de volta aos meus, empurrando meu corpo em encorajamento. — Apenas pare de fazer perguntas estúpidas e continue!

Rindo contra meus lábios, Johnny dobra os dedos, fazendo algo dentro do meu corpo que é totalmente desconhecido, mas *oh* tão *bem-vindo*. Sinto uma sensação de aperto no meu núcleo quando uma explosão de calor incandescente sobe pelo meu corpo. É um sentimento que eu quero perseguir, algum instinto básico e primitivo dentro de mim exige que eu faça isso.

Empurrando meus quadris, me movo contra sua mão, indo atrás dessa sensação. Seus lábios descem nos meus, abafando meus gritos, enquanto ele move seus dedos mais rápido dentro de mim, me levando mais longe, empurrando meu corpo a um ponto sem retorno.

Indefesa à sensação, agarro seus ombros largos e me agarro a ele, confiando nele com tudo que tenho dentro de mim. Quando sua língua entra na minha boca, varrendo a minha com o mesmo ritmo de seus dedos, eu não consigo esperar, ou então, eu simplesmente não consigo segurar. Fosse o que fosse, parece que eu estou caindo de um penhasco. Eu não consigo explicar isso, mas meu corpo fica relaxado e eu tremo violentamente embaixo dele quando o que eu só posso descrever como ondas de êxtase disparam pelo meu corpo.

— Jesus — eu grito, arrancando meus lábios dos dele enquanto meu corpo inteiro se sacode violentamente. — O que está acontecendo... oh meu Deus!

— Shh — ele fala, beijando meu pescoço. — Apenas sinta — Ele chupa meu pescoço. — Aprecie isso.

— Uh. — Apertando os olhos, me permito absorver o que estou sentindo. — *Okay...*

— Você gosta disso, Shan? — ele sussurra no meu ouvido, bombeando seus dedos para dentro e para fora, prolongando a convulsão induzida pelo prazer me destruindo. — De gozar em meus dedos? — Ele me beija novamente, mais forte desta vez. — Porque eu adoro isso.

Oh meu Deus...

Quando eu finalmente paro de tremer, Johnny desliza seus dedos para fora de mim, e eu penso que ele vai sair de cima de mim, mas ele não sai. Em vez disso, ele agarra meus quadris e se acomoda entre minhas pernas mais uma vez, balançando seus quadris contra mim, causando outra explosão de ondas de choque formigantes dentro de mim. Eu posso sentir sua ereção pressionando contra mim; tão dura que é aterrorizante. A fricção de seu jeans quando ele aperta seu corpo contra o meu é demais. Choramingando, eu deslizo minhas mãos no cós de sua calça jeans e o puxo para mais perto, querendo com tudo que eu tenho em mim cair nesse garoto e nunca mais voltar.

Johnny agarra minhas mãos e as arrasta acima da minha cabeça, segurando minhas duas mãos no travesseiro acima da minha cabeça com uma das dele. Sua mão livre se move para o meu quadril enquanto ele continua a moer contra mim, lábios fundidos, sua língua massageando a minha com impulsos quase selvagens, descontrolados e cheios de luxúria. Ofegando contra seus lábios, engancho minhas pernas em volta de sua cintura, movendo-me com ele instintivamente com cada impulso de seus quadris.

Bate, bate, bate...

— Johnny! — A voz da Sra. Kavanagh vem do outro lado da porta quando outra batida forte soa. — Eu pensei que eu tinha dito para você manter esta porta aberta.

Meus olhos se abrem em horror e eu congelo.

— Oh meu Deus.

— Jesus Cristo — Johnny geme, quebrando o beijo com uma respiração ofegante. Limpando a garganta, ele grita: — Estamos assistindo ao maldito filme, mãe!

— Bem, agora que estou aqui em cima, você pode abrir a porta e me deixar assistir com vocês — sua mãe grita de volta.

— Me dê um minuto! — Saindo de cima de mim, Johnny cai de bruços e murmurou uma série de xingamentos no edredom antes de sair da cama. — Sinto muito por ela — ele resmunga enquanto me observa sair da cama e reajustar minhas roupas.

— Está tudo bem — eu solto, sentindo-me mortificada enquanto abaixo meu vestido e ajeito meu rabo de cavalo. — Não se preocupe com isso.

— Ei... você está bem? — ele pergunta, me observando com preocupação. — Shan?

— Eu só estou... — Olho ao redor de seu quarto e dou de ombros, impotente. — Eu não sei como agir agora.

Juntando minhas mãos, gesticulo para sua cama e suspiro.

— Eu estou envergonhada.

Johnny sorri e fecha o espaço entre nós.

— Foi tudo bem? — ele pergunta, a voz baixa e rouca, enquanto passa a mão pelo meu cabelo e levanta meu queixo. — O que eu fiz... você gostou?

Eu balanço a cabeça, as bochechas corando.

— Sim.

— Então não fique tímida comigo — ele sussurra, acariciando meu queixo com o polegar. — E não fique envergonhada também. Eu te amo, ok?

— Eu também te amo — eu sussurro, enterrando meu rosto em seu peito.

— A porta, Jonathon! — A Sra. Kavanagh late, batendo repetidamente do outro lado da porta. — Agora!

— *Tudo bem* — Johnny ruge de volta. — Jesus Cristo, estou indo, mãe!

— É disso que eu tenho medo[8] — sua mãe retruca. — Agora abra.

41
Batendo portas
Johnny

Sim, eu estou em apuros. A garota sentada no banco do passageiro do meu carro é a prova disso.

O telefone de Shannon está explodindo – está assim nos últimos vinte minutos. Eu sei que vou levar a culpa por mantê-la fora esta noite, eu sei que vou ser ameaçado, eu sei que um milhão de outras coisas desastrosas estão esperando por mim quando eu entrar na rua dela, mas não consigo encontrar uma grama de medo em mim para se preocupar. Foda-se a preocupação, eu estou *satisfeito* comigo mesmo, pra caralho.

Meu sábado sem intercorrências de alguma forma se transformou em um sábado à noite com minha namorada deitada e meus dedos dentro dela. Jesus Cristo, os sons que ela fez quando ela gozou ao meu redor vão me assombrar.

Eu não quero devolvê-la, mas também não quero fazê-la sofrer o interrogatório da minha mãe. Fui longe demais esta noite. Eu sabia, mas não consigo me arrepender, porque ela é simplesmente... alucinante. Honestamente, eu estou tão longe com ela que sei que irei me afogar. Eles podem muito bem me prender agora, porque eu estou acabado.

Os joelhos de Shannon batem inquietos enquanto ela olha pelo para-brisa do carro, observando os outros carros passarem zunindo por nós. Eu quero deixá-la à vontade, mas não tenho como fazer isso. Não é como se eu fosse ser convidado para um chá e biscoitos quando a acompanho até a porta. *Mais como ameaças e algemas.*

— Espero que Joey esteja em casa — Shannon diz, me tirando de meus pensamentos.

— Hum?

— Joey — ela repete, estalando os dedos. — Eu realmente espero que ele esteja em casa.

Estendendo a mão, pego uma de suas mãos na minha e dou um aperto reconfortante. Ela está tremendo e isso faz eu me sentir capaz de matar um.

— Ele estará lá — eu digo a ela, rezando pra cacete que eu esteja certo. Por razões que eu nunca entenderei completamente, Shannon é próxima de Joey. Em sua mentalidade, ele é tão bom quanto um Deus. Eu não pergunto muito sobre isso porque eu estou com medo das respostas. Algumas das coisas que ela me contou sobre sua infância me aterrorizam. Eu não quero ouvir sobre o que eles tinham sofrido porque eu não confio nas minhas reações. É a pior sensação do mundo, me sentir impotente, e eu não lido bem com a impotência. Pensar em como era *exatamente* assim que Shannon se sentiu durante a maior parte de sua vida faz meu peito apertar.

No minuto em que paro do lado de fora da casa dos horrores e desligo o motor, o som de gritos enche meus ouvidos. Jesus, o que há de errado com seus vizinhos? Eu posso ouvir a carnificina do muro do jardim.

— Uh...

Engolindo profundamente, Shannon coloca o cabelo atrás das orelhas e se move para soltar o cinto de segurança.

— Obrigada por uma excelente noite. — Ela me dá um sorriso brilhante e pega a sacola que havia deixado no meu carro mais cedo. — Eu me diverti muito, Johnny.

— Whoa, pare... — Estendo a mão e fecho a porta do carro que ela abriu. — Não faça isso.

— Não faça o quê?

— Finja que nós dois somos surdos e não podemos ouvir o que está acontecendo dentro daquela casa.

Shannon afunda em seu assento.

— Eu não sei o que dizer. — Ela pressiona a mão na testa. — Não é nada fora do normal para nós.

Suspirando pesadamente, ela acrescenta:

— Provavelmente é por minha causa. — Ela olha para a casa e depois para seu colo. — Porque eu saí.

Sim, porra.

Desafivelando meu cinto de segurança, saio do carro e caminho para o lado dela.

— O que você está fazendo? — Shannon pergunta, parecendo em pânico, enquanto ela sai do carro com a bolsa fechada com força em sua pequena mão. — Johnny?

— Estou levando você até a sua porta — eu digo a ela, tentando manter a raiva fora da minha voz. — E eu estou me certificando de que você está bem.

— Eu estou bem — ela se apressa a dizer.

— E eu quero ter certeza de que você continue assim. — Eu digo a ela enquanto pego sua mão na minha. — Então vamos.

Shannon está uma pilha de nervos enquanto caminhamos para a casa dela. Quando chegamos à porta da frente, ela está visivelmente tremendo.

— Obrigada por ficar — ela diz em voz baixa antes de empurrar a porta para dentro.

— A qualquer hora — eu respondo bruscamente, mas minha resposta é engolida pelos gritos altos que nos saúdam.

— Onde diabos você estava? — Darren exige, vindo da cozinha em nossa direção. Seus olhos mudam de Shannon para mim e seus pés vacilam.

Apoiando-me no batente da porta, cruzo os braços sobre o peito e olho para ele.

Sim, estou aqui, filho da puta.

— Eu fui na casa de Claire — Shannon explica, entrando e largando sua sacola no chão. — Por que vocês estão gritando?

— Shannon! — Sua mãe fala, correndo da cozinha. — Porque você fez isso?

— Fiz o quê? — Shannon responde, com um tom mais duro do que eu estou acostumada a ouvir. — Fui passear na casa da minha amiga. Não há lei contra isso, mãe.

Um orgulho ganha vida dentro de mim.

Vá em frente, baby. Não deixe que eles te intimidarem.

— E onde ele se encaixa nesse passeio? — sua mãe exige, arrastando suas palavras um pouco. — E essas roupas?

Eu arqueio uma sobrancelha e a estudo mais de perto. Olhos turvos, balançando de um lado para o outro, e arrastando as palavras. *Cristo, ela está bêbada.* Aperto os olhos, a medindo. *Ou ela está chapada?*

— Você está bêbada? — Shannon pergunta, expressando meus pensamentos em voz alta.

— Não — sua mãe solta. — Apenas tomei meus comprimidos.

Chapada, eu confirmo mentalmente. *Tão chapada e alta como uma pipa com calmante ou algum outro sedativo pelo o que aparenta.*

— Onde estão seus filhos? — As palavras saem da minha boca antes que eu tenha a chance de filtrá-las. Três pares de olhos pousam no meu rosto, e sendo o

absoluto guloso por punição que eu sou, decido continuar — Tadhg, Ollie e Sean.

— *Meus* filhos estão na cama — Sra. Lynch sussurra, me lançando adagas. — Que é exatamente onde Shannon deveria estar.

— Shannon não é uma criança — eu respondo, forçando-me a falar e não rugir para esta mulher como eu quero tanto fazer. Eu tenho a sensação de que ela não trabalha na mesma frequência que o resto de nós e gritar é a única maneira de chegar até ela, mas me contenho. — Ela vai fazer dezessete anos. Ela é sua própria pessoa, com seus próprios amigos e sua própria mente, e *você* precisa dar um passo atrás e parar de tentar sufocá-la em sua tentativa fodida de compensar por não protegê-la quando ela realmente precisou de você.

— Como? — A Sra. Lynch engasga, apertando o peito.

— Você me ouviu — eu digo a ela. — Você está gritando e rugindo tão alto, nós podíamos ouvi-la da rua. Você tem a ousadia de jogar merda nela enquanto você está fora do ar com seus comprimidos com três crianças pequenas no andar de cima? — Eu balanço minha cabeça. — Você é uma vergonha.

— Cai fora, Johnny! — Darren rosna. — Você não tem ideia do que está falando.

— Eu sei muito mais do que você pensa — eu zombo. — E vocês todos são rápidos em me julgar, quando nenhum de vocês está em posição de atirar pedras.

— Johnny — Shannon murmura com os olhos arregalados. — Está bem.

— Não está tudo bem, Shan — eu digo bruscamente. — Precisa ser dito.

— Saia da minha propriedade, ou eu terei você preso por invasão. — A mãe de Shannon avisa antes de chorar e correr de volta para a cozinha. Sinto uma pontada de culpa passar por mim, mas não o suficiente para retirar o que eu disse. A verdade machuca às vezes.

— Você a ouviu — Darren diz friamente, olhando para mim. — E não volte aqui, Johnny.

— Darren — Shannon fala. — Não diga isso.

Outro Lynch aparece então, mas este vem de trás de mim.

— Kav — Joey fala em um tom bastante amigável enquanto caminha pelo caminho coberto de vegetação em um macacão de mecânico, o rosto coberto de graxa e uma lancheira de plástico pendurada em sua mão. Ele bate a mão no meu ombro enquanto passa. — Causando mais problema?

— A quantidade usual — eu respondo uniformemente.

— Eu aposto — ele medita. — Tudo bem, Shan. — Despenteando seu rabo de cavalo, ele empurra Darren para fora de seu caminho. — Você vai entrar ou vai ficar aí parada deixando o frio do lado de fora?

— É o calor — eu murmuro.

— Talvez na sua casa — ele retruca, sem perder o ritmo, antes de desaparecer na cozinha.

— Ele não está entrando aqui — ouço sua mãe gritar da cozinha. — Diga a ele para sair!

— Cristo, você podia me dar cinco minutos antes de começar a chorar. — A porta do armário bate e a voz de Joey enche meus ouvidos novamente. — Estou cansado, estou com fome e *acabei* de chegar do trabalho.

— Vá para casa — Darren diz antes de fechar a porta na minha cara.

A porta se abre segundos depois e Shannon coloca a cabeça para fora.

— Eu sinto muito — ela sussurra, os olhos atados com dor. — Eu te amo...

— Shannon, entre!

— Tchau, Johnny.

E então a porta se fecha na minha cara novamente.

42
Crise evitada. Todos respiram
Shannon

— Porque vocês fizeram isso? — Eu exijo, furiosa, enquanto olho para mamãe e Darren. — Ele estava apenas me deixando em casa.

— Olhe só para você — mamãe fala. — Sair vestida assim.

— Não há nada de errado com o que estou vestindo — eu retruco desafiadoramente.

O rosto da mamãe fica vermelho.

— Você parece uma...

— Prostituta? — Eu ofereço. — Obrigada, *pai*.

Mamãe se encolhe e deixa cair a cabeça entre as mãos.

Reviro os olhos, furiosa demais para lidar com seu sistema hidráulico agora.

— Vocês dois foram horríveis — eu sibilo, focando em Darren. — Você acabou de fechar a porta na cara dele!

— Você pode me culpar? — Darren rosna. — Você ouviu como ele falou com a mamãe.

— Ele estava dizendo a verdade — eu cuspo, piscando as lágrimas traiçoeiras que se acumulam em meus olhos. — E você sabe disso!

— E você se pergunta por que esta família tem uma má reputação — Joey medita em torno de mordidas de um sanduíche de presunto. — Shan está certa. — Ele toma um gole de sua lata de coca-cola. — Isso foi rude para caralho.

— Nossa família tem uma má reputação porque *você* não pode se manter longe de problemas, então não comece a me falar merda — Darren retruca com raiva. — Eu sei que você foi suspenso da escola novamente ontem por brigar. Seu diretor me *ligou*, Joey. O que foi dessa vez? Um rapaz disse algo que você não gostou, então você vai em frente e arranca a cabeça dele?

Joey dá de ombros, indiferente.

— Algo parecido.

— Se você não se estabilizar e aprender a controlar esse temperamento, vai acabar indo preso — adverte Darren. — Guarde minhas palavras.

— Eu pensei que isso era sobre Kavanagh? — Joey responde, coçando o queixo. — Como isso de repente se voltou contra mim?

— Não é sobre Johnny — eu sibilo, mantendo meu olhar furioso travado em Darren. — É sobre como você está tentando controlar *minha* vida.

— Ele ainda está lá fora, você sabe — acrescenta Joey.

Meu coração salta no meu peito.

— Ele está?

— Fique onde está, Shannon — adverte Darren antes de entrar no corredor e abrir a porta. Murmurando uma série de maldições baixinho, ele bate a porta e volta com uma expressão estrondosa. — Ele ainda está lá.

— Como eu disse — Joey responde, dando outra mordida em seu sanduíche. — Vá até ele, Shan — ele adiciona no meio da mastigação. — Não se importe com os dois.

— Nem pense nisso, Shannon — mamãe grita. — Eu não quero que você chegue perto daquele garoto.

— Jesus Cristo — Joey rosna, jogando seu sanduíche meio comido no balcão. — Você está fazendo uma tempestade num copo d'água. Basta deixá-la ir lá fora e falar com ele, deixá-lo fazer todas as checagens para ver se ela não está se machucando ou o que quer que ele faça que ele acalme seus nervos, e então ela volta para cá. Sem danos.

— Sem danos causados? — Mamãe engasga. — *Muito* dano pode ser feito, Joey.

— Dê a ela um pouco de crédito — meu irmão sussurra em um tom de desgosto. — Ela não é você.

Nossa mãe choraminga e Joey revira os olhos.

— Inteligência não desempenha um papel nisso — Darren diz. — Os *hormônios* desempenham o único papel nisso.

— Bem, então, eu possuo o antídoto perfeito para os *hormônios*.

Joey enfia a mão no bolso e tira a carteira. Abrindo-o, ele pega uma camisinha e a chacoalha.

— Eu sei *que você* nunca viu uma dessas — acrescenta ele, zombando de nossa mãe. — E eu duvido que eles estejam até mesmo andando de mãos dadas, mas apenas no caso... aqui, Shan, segure a ponta quando você enrolar.

Ele me joga a camisinha e pisca.

— Agora. — Pegando seu sanduíche de volta, Joey dá uma grande mordida e mastiga. — Crise evitada. Todo mundo está respirando.

— O que diabos está errado com você, Joey? — Darren rosna, pegando a camisinha das minhas mãos e enfiando no bolso. — Ela tem dezesseis anos.

— Eu estou ciente — Joey concorda, tomando outro gole de sua coca.

— Ele é velho demais para ela — mamãe lamenta.

— Não, ele não é — Joey zomba. — Ele tem dezessete anos, não setenta. Relaxe, mulher.

— Sim, ele é muito velho — retruca mamãe, trêmula.

— Bem, essa é a sua opinião — Joey retruca.

— É a verdade — mamãe fala. — E você não deveria encorajá-la.

— Ouça — Joey retruca, enxugando os dedos amanteigados no macacão. — Eu sei que vocês dois são *novos* nisso, mas aqui vai uma dica útil para os pais: ou você engole seu orgulho e deixa ela ficar com ele, ou essa coisa toda explode na sua cara. Acho que agora está bem claro que ele não está indo a qualquer lugar, então vocês podem muito bem aceitar isso.

Dando de ombros, ele acrescenta:

— Shannon tem um namorado. Grande coisa. Ela não é mais um bebê, e é hora de vocês dois pararem de tratá-la como um.

— Isso é ridículo.

— Não, o que é ridículo é você seguir com essa linha de pensamento fodida daquela mulher e tentar manter Shan nesta casa depois de tudo o que aconteceu — Joey rebate. — Se você continuar assim, se você os separar, ele *vai* perder a cabeça. Trace uma linha de batalha com aquele filho da puta e ele irá para a guerra com você.

Virando-se para mamãe, ele acrescenta:

— E se eu fosse você, deixaria de fazer ameaças porque você tem muito mais a perder com isso – e muito mais esqueletos a serem expostos – se o pai dele decidir processar *você* por calúnia.

Mamãe está com a cabeça entre as mãos e Darren de costas para mim, mas Joey está de frente para mim e quando me nota me aproximando da porta da cozinha, ele sorri e pisca.

— O que você... — A voz de Darren some e ele se vira, me pegando em flagrante. — Nem pense nisso — alerta.

Correndo pelo corredor, eu abro a porta da frente.

— Shannon, eu não estou brincando aqui...

Eu não paro para ouvi-lo. Em vez disso, saio correndo pela porta da frente, começando a correr empolgada quando meus olhos pousam em Johnny

encostado na lateral de seu carro, fazendo uma careta para minha casa como se isso o ofendesse pessoalmente. Seus olhos encontram os meus e alívio inunda suas feições.

— Você está bem?

Assentindo, eu corro descalça pelo jardim e contorno a trilha em alta velocidade, não parando até que eu esteja encostada nele.

— Você não foi para casa — eu digo, ofegante, enquanto eu olho para ele. — Você não foi embora.

— Eu não podia — Johnny responde com voz rouca. Suas mãos caem para meus quadris, me puxando para mais perto. — Eu precisava saber que você está segura.

Meu coração explode no meu peito, e eu sinto como se estivesse me afogando em sentimentos.

— Estou segura.

— Tem certeza? — Ele parecia tão vulnerável quando disse: — Porque acho que vou precisar de uma promessa.

Oh Deus...

Estendendo a mão, passo a mão em seu cabelo e puxo seu rosto para o meu.

— Você se contentaria com um beijo de boa noite?

— Só se você prometer que ainda estará aqui de manhã. — Ele responde, roçando seus lábios contra os meus. — Então, você promete?

Eu solto uma respiração irregular.

— Estarei aqui.

— Se você precisar de mim, você me liga — ele sussurra, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e, em seguida, segurando minha bochecha. — Não importa que horas seja. Basta pegar o telefone, e eu vou, ok?

Incapaz de me conter, inclino minha bochecha em seu toque.

— Ok.

— Eu te ligo amanhã — ele acrescenta bruscamente, passando o polegar pela minha bochecha. — E eu venho buscá-la para a escola na segunda-feira.

— Não, não, não. Você não tem que fazer isso por mim — eu me apresso em dizer. — Eu posso conseguir uma...

— Eu quero pegar você — ele interrompe. — Se você quiser?

Eu balanço a cabeça fracamente.

— Quero você. — *Isso. Adicione isso, Shannon.* — Isso — eu murmuro. — Quero dizer, eu quero que você me pegue.

— Eu quero você também — ele diz com um sorriso. — Em todos os sentidos.

Meu corpo fica quente e dolorido.

— Eu, uh... eu ...

Johnny não espera que eu responda antes de pressionar seus lábios nos meus, mais firme dessa vez. Mais profundamente.

Segurando em seus braços, eu o beijo de volta com tudo que eu tenho, tentando desesperadamente mostrar a ele o quanto ele significa para mim.

— Se isso é o que você chama de segurar as mãos, então eu realmente gostaria de saber como você chama a outra merda — ouço Darren dizer em algum lugar próximo.

— Talvez eles tenham ido além de ficar de mãos dadas — ouço Joey meditar. — Eu não posso estar sempre certo.

43

Melhor prevenir do que remediar

Johnny

— O que você quer dizer com não vai me *contar*? — Gibsie exige, deixando a bola girar de suas mãos. Era domingo à noite e estávamos no campo, tentando jogar uma bola. Bem, *eu* estou tentando jogar bola. Gibs está fazendo sua melhor imitação do maldito Inspetor Bugiganga, tentando extrair informações sobre minha noite com Shannon.

— Exatamente o que eu disse. — Ignorando a queimação na minha metade inferior, estendo meus braços e pulo para pegar seu pobre arremesso. — Eu não vou contar a você, porra.

— Nós podemos conversar sobre isso — Gibsie responde, braços estendidos para pegar a bola. — Você tem permissão para contar ao seu melhor amigo.

— Eu não vou falar sobre ela.

— Guardar coisas não é bom para uma pessoa.

— O que você quer que eu diga? — Eu rebato, jogando a bola de volta para ele.

— Eu quero que você... — palavras se interrompem, ele pega a bola com um alto '*ooof*', e então a joga na grama antes de continuar — me diga o que você fez no seu quarto.

Ele balança as sobrancelhas.

— Quando você enfiou a pequena Shannon lá.

— Jesus. — Desistindo de ter uma conversa normal, pego minha garrafa de água na grama e vou para o estacionamento. — Por hoje já chega.

— Já?

— Estou cansado.

— Porque você ficou acordado até tarde transando com a sua namorada? — Gibsie brinca, andando ao meu lado. — Ah, sim, isso pode acabar com um cara.

Batendo de ombros comigo, ele diz:

— Então, o que estamos falando aqui? Penetração total ou apenas algumas carícias pesadas? Ou *brincadeira com os dedos*? O velho *roçar*. O "só um pouco

mais". O "nós vamos parar aqui, exceto que nunca paramos"? — Seus olhos se iluminam. — Puta merda, vocês fizeram sem camisinha?

— Do que você está *falando*?

— Sexo — ele responde simplesmente.

— Nós não fizemos sexo — eu murmuro, tirando minhas chaves do meu bolso. — Não é o que parece.

— Não é *o que parece*? — Gibsie pergunta, incrédulo. — Não mije nas minhas costas e me diga que está chovendo.

— Gibs — eu rebato, nervoso. — Não é, ok? Eu não vou fazer isso com ela. — Pressionando o botão no meu chaveiro, destranco meu carro e vou para o lado do motorista. — É muito cedo.

— Shannon disse isso?

— Eu disse isso — eu rosno, abrindo a porta e entrando. — Eu, Gibs. *Eu* estou dizendo que é muito cedo.

— Mas você ficou tentado, não foi? — ele pergunta, caindo no banco do passageiro ao meu lado. — Ninguém é tão santo assim.

Debato em ligar o som para abafar sua voz. Isso é o que eu *deveria* ter feito. Em vez disso, me ouço dizer:

— Eu queria — Suspirando pesadamente, acrescento: — Tanto.

— Mas?

— Mas ela não está pronta — eu solto, furioso comigo mesma por falar sobre isso. — E *eu* não estou pronto, porra.

— Cara, você já fez sexo antes — Gibsie responde, franzindo a testa. — Eu sei que já faz um tempo, mas você não renasceu virgem quando saiu da cirurgia.

— É diferente com ela.

— Como?

— Sentimentos, Gibs — eu digo. — Enormes sentimentos de merda.

— Ugh. — Ele estremece. — Parece horrível.

— É tudo *mais* com ela — explico, os joelhos batendo inquietos. Tamborilando os meus dedos contra o volante, penso no que quero dizer, tento encontrar uma maneira diplomática de expressar, então vou para o inferno com isso e falo direto: — Estou perdendo o controle sobre minha vida. Ela entrou e jogou tudo para o espaço. Estou literalmente me esforçando, tentando juntar tudo de novo e montar um novo plano. Não sei como lidar com ela e tenho medo de forçá-la demais, muito rápido, e foder tudo. Eu acho que *ela* pensa que eu não a quero desse jeito, o que é uma loucura porque você a viu. Jesus, quem

não iria querer ela? Mas esse é o problema. Eu não só *quero* ela. Eu quero *ficar* com ela. E se eu a machucar? Ela é tão pequena, Gibs. E ela tem apenas dezesseis anos. E a mãe dela está me ameaçando. Eu sinto que se eu der um passo errado aqui, acabou, e eu estou com tanto medo de estragar tudo, Gibs. Não quero estragar tudo. Mal consigo respirar quando estou perto dela. Tudo fica nebuloso e os *sentimentos*... os malditos sentimentos me *inundam*!

Eu solto um suspiro, sentindo-me aliviado por tirar isso do meu peito.

— Estou completamente fodido, não estou?

— Acho que sim — Gibsie concorda.

— Sim. — Suspiro. — Eu também acho.

— Sua mente é um lugar assustador para se estar — ele medita, coçando o queixo. — Você pode não pensar demais em tudo?

Ele inclina a cabeça para um lado, estudando meu rosto com uma expressão peculiar gravada em sua própria.

— Sério, você não pode simplesmente desligar esse grande cérebro esponjoso e apenas relaxar?

— Não. — Eu dou de ombros impotente. — É assim que eu funciono.

— Bem, então... — Ele bate em sua têmpora. — Há muito a ser dito sobre ter uma mente simples.

— Você *é* simples — eu murmuro desanimado. — E eu sou simples por ouvir você.

— Você ainda tem aqueles preservativos? — ele pergunta então.

Eu olho para ele.

— Você não ouviu uma palavra do que eu acabei de dizer?

— Eu ouvi você — ele responde calmamente. — Agora responda à pergunta.

— Não — eu murmuro, ombros caídos. — Eu entrei em pânico quando eles caíram em cima dela no quarto de Claire, então eu os joguei na lixeira.

— Que desperdício — Gibsie choraminga, mordendo seu punho. — Ugh... certo, então você precisa ir à farmácia. Pronto.

Eu olho boquiaberto para ele.

— Mas eu acabei de te dizer...

— Eu sei o que você me disse — ele me corta com um aceno de sua mão — E eu estou *lhe dizendo* que a paternidade está cheia de boas intenções.

— É "o inferno está cheio de boas intenções", Gibs.

— Considerando que a boceta é um dos fatores principais na admissão de um homem ao inferno, eu diria que ambas as declarações são bastante pertinentes,

cara.

— *O quê?*

— Basta comprar um pacote de preservativos. Coloque um em sua carteira. Mesmo que você não use, está lá.

— Eu não quero me tentar.

— E *esse é o* seu primeiro erro — ele me diz. — Não é o preservativo em sua carteira que vai levá-lo à tentação. Será a garota nua esparramada embaixo de você. — Balançando as sobrancelhas, ele acrescenta em um tom de provocação: — Aquela que te inunda com todos os *sentimentos.*

Jesus, ele está fazendo sentido.

Como diabos ele está fazendo sentido?

— Melhor prevenir do que remediar, cara — acrescenta com um encolher de ombros.

— Você está certo — eu engasgo.

Ele pisca.

— Eu sei.

— Você pode dar um passo para trás, Gibs — eu rosno, eriçado de tensão, enquanto eu estou no corredor de preservativos na farmácia. Ele estava pairando tão perto das minhas costas que eu posso sentir seu queixo descansando no meu ombro. — Você está respirando na porra do meu pescoço!

— Porque eles fazem isso? — ele pergunta, imperturbável. Passando ao meu redor, ele se abaixa e pega uma caixa retangular rosa da prateleira de baixo. — Por que eles colocam testes de gravidez ao lado de preservativos?

— Nenhuma ideia. — Dou de ombros. — Mas eles fazem isso em todos os lugares.

— Bem, não é exatamente um sinal de que eles confiam em seu produto, não é? — ele continua, balançando o teste sem rumo. — É como "hey, embrulhe seu pau, compre um pouco de lubrificante, inferno, até coloque um anel peniano para um pouco de diversão, e divirta-se, mas apenas no caso de falhar, você sabe para onde voltar para confirmar o fim de sua vida".

Ele revira os olhos.

— Eu acho que é uma péssima ideia de marketing.

— Não é uma ideia de marketing, cara — eu murmuro cansado. — É por conveniência.

— E aqui tem mais — ele resmunga, pegando uma caixa de tiras de teste de ovulação na prateleira de cima. — Estamos prevenindo bebês, confirmando bebês ou planejando bebês?

Sua voz se eleva com sua indignação.

— Qual é? Todos os três? Que porra é essa, Johnny?

— *Estamos* prevenindo bebês — eu rosno, pegando um pacote de doze camisinhas extras seguras. — O resto dessa merda não é para nós, então guarde os testes e vamos embora, seu besta!

— Eu deveria fazer uma sugestão — ele bufa. — Sobre como *não* traumatizar seus clientes do sexo masculino.

— Faça isso, Gibs — eu respondo cansado, com as camisinhas na mão. Indo para a frente da loja, dou um passo para o lado de uma mulher com uma ninhada de crianças enxameando suas pernas. — Tenho certeza que eles vão ouvir.

— Espero que sim — Gibsie resmunga, andando ao meu lado.

— Olá, Jonathon — diz a mulher. — Olá, Gerard.

Eu me viro para encará-la e gemo interiormente quando o reconhecimento me ocorre.

Jesus Cristo, por que eu?

— Como vai, senhorita — eu murmuro, discretamente movendo a caixa de preservativos atrás das minhas costas.

— Sim, ei, senhorita Moore — Gibsie ronrona naquele tom de voz que ele usa para flertar, me fazendo reprimir um estremecimento. *Ele tinha uma porra de uma coisa por mulheres mais velhas.* — Você está adorável como sempre.

— Bem, obrigado, Gerard — nossa orientadora responde. — Que surpresa encontrá-los na farmácia em uma noite de domingo. — Ela sorri para nós. — Eu presumi que vocês dois estariam correndo ao redor de um campo em algum lugar com uma bola de futebol.

— Uma bola de rúgbi — eu corrijo calmamente. — E nós estávamos. Nós apenas tivemos que...

— Viemos comprar preservativos — Gibsie deixa escapar, para meu horror. E então ele dá um passo adiante e gesticula para seus cinco filhos pequenos. — Algo que seu marido obviamente não compra com muita frequência.

— *Cara* — eu sibilo, mortificado. — Sinto muito por ele, senhorita — eu me apresso a dizer, sentindo meu rosto queimar. — Ele não tem filtro.

— Eu estou bem ciente — senhorita Moore responde, felizmente sorrindo. — Bem, vou deixar vocês dois cuidarem de seus negócios, e vejo vocês dois na escola amanhã.

— Sim, vejo você na escola. — Encolhendo-me, agarro a nuca de Gibsie, contorno duas garotas ruivas idênticas e o puxo para o caixa. — Vamos, seu filho da puta — eu sibilo em seu ouvido. — Antes que você faça mais danos.

— Ah, e meninos? — a senhorita Moore nos chama.

— Sim?

— Se vocês precisarem de alguém para conversar... — Franzindo a testa, ela gesticula para o teste de gravidez que Gibs ainda está segurando antes de continuar, — Minha porta está sempre aberta.

— Uh, tudo bem. — Eu rio nervosamente e dou uma cotovelada nas costelas de Gibsie. — Estamos bem.

— Que porra, cara? — Gibsie geme, esfregando suas costelas.

— Abaixe isso — eu sibilo, ainda sorrindo como um maníaco para a nossa professora.

— Oh, nós não estamos grávidos — Gibsie ri, consciência finalmente surgindo nele. Com um encolher de ombros despreocupado, ele joga o teste em uma cesta de amostras de maquiagem ao lado dele. — Oh merda, me desculpe... — Pegando de volta, ele estende para a nossa professora. — Você queria?

Ugh.

— Jesus Cristo. — Esfregando meu queixo com minha mão, eu me viro e vou embora, caminhando até o caixa com apenas um objetivo à vista; pagar e ficar o mais longe possível daquele lunático.

— Boa tarde — a farmacêutica de meia-idade gorjeia quando deixo cair as camisinhas no balcão na frente dela.

— Ei — eu murmuro, encolhendo-me quando ouço Gibsie conversando animadamente com a senhorita Moore alguns metros atrás de mim. — Pode me ver uma sacola, por favor?

— Tem certeza que você precisa de uma bolsa? — ela pergunta, registrando os preservativos em sua caixa registradora. — É quinze centavos.

— Eu vou pagar — eu resmungo. — Apenas me dê a sacola, por favor.

— Okay — ela responde, me entregando uma sacola plástica. — O total ficou €13,14, por favor.

— Obrigado. — Puxando minha carteira, dou a ela uma nota de vinte e pego a sacola.

— O que há de errado? — ela pergunta depois de cerca de um minuto e meio de luta.

— Nada.

Não consigo abrir o saco plástico.

Eu não consigo abri-la, porra!

Minhas mãos estão suando, transpirando para caralho, o que é ridículo porque eu já tinha comprado camisinha antes – com frequência. Claro, fazia um tempo desde que eu vim comprar, mas ainda assim...

Seis longos meses de merda.

Oh Jesus, eu espero que isso não seja algo novo para mim.

Eu estou perdendo o jeito?

Não consigo encontrar a porra da abertura de um saco plástico.

Porra.

Isso ia acontecer comigo com tudo?

— Você quer uma mãozinha com isso? — ela pergunta pela terceira maldita vez.

— Eu posso fazer isso sozinho, senhora — eu rebato, nervoso, e mais do que provavelmente assustando a pobre farmacêutica. — Eu *posso* fazer isso — repito com uma voz mais calma. — Eu estou apenas fora de prática.

— Fora de *prática* para compras? — ela pergunta, franzindo a testa.

— Com um monte de malditas coisas — eu murmuro baixinho antes de finalmente abrir a sacola. — Viu! — Eu sorrio, vitorioso, enquanto eu seguro o pacote de doze em uma mão e a porra de uma sacola complicada aberta com a outra. — Eu *posso* fazer isso.

— Sim, você pode — responde a farmacêutica, dando-me um polegar para cima encorajador.

Jesus...

44

Estragando as coisas e fazendo levantamento de peso

Shannon

Em um mundo onde tudo está mudando na velocidade da luz, eu posso confiar que uma coisa vai permanecer igual, e isso é o desgosto óbvio de Lizzie e Gibsie um pelo outro. Todos os dias, durante o almoço por quase duas semanas desde que estamos de volta à escola, eles fazem comentários sarcásticos e provocações um para o outro. Alguns cruéis. Alguns engraçados. Alguns francamente nojentos.

Eu não consigo entender qual era o problema entre eles, e embora Lizzie fosse uma das minhas melhores amigas, eu tenho que admitir que ela era a orquestradora de todas as discussões. Ela parece encontrar um problema em tudo que Gibsie faz. Ele está respirando muito alto, ou mastigando muito alto, ou ocupando muito da mesa. Não importa o que Gibsie faça ou não; Lizzie *sempre* encontra defeitos nele.

Na hora do almoço na quinta-feira, a tensão borbulhando entre eles atinge um ponto de ruptura, e eu estou seriamente começando a repensar nossos arranjos de assentos, imaginando se não seria melhor sentarmos em nossa velha mesa. Pelo menos eles estarão distantes um do outro. A única coisa que me mantém na mesa de rúgbi é o garoto cujo braço está pendurado no meu ombro.

Eu não posso olhar para Johnny com muita frequência; simplesmente não é bom para o meu pobre coração. Tento apenas respirar e ser normal, me concentrar em qualquer outra coisa além dele, porque eu sei que se eu pensar muito sobre como é bom ter seu corpo grande pressionado contra o meu, ou como ele me faz estremecer quando ele se aproxima para sussurrar algo no meu ouvido, e como ele distraidamente acaricia meu braço com o polegar enquanto ri e brinca com seus amigos, eu explodirei em chamas.

O pai de Johnny está de volta a Dublin e sua mãe está com ele, eles não estarão em casa até tarde da noite, então ele me convidou para ir a sua casa depois da escola hoje. Eu queria ir, mais do que tudo, mas estou uma pilha de nervos pensando na tempestade que eu sei que enfrentarei quando chegasse em casa esta

noite. Eles já estão furiosos comigo por ir e voltar da escola com ele, então eu sei que voltaria para uma batalha, agravada pelo fato de que meu pai deve ser liberado da Brickley House a qualquer momento. Tento não pensar muito em meu pai, sabendo que pensar nele evoca ataques de pânico incapacitantes. Em vez disso, concentro-me nos aspectos positivos da minha vida. Concentro-me em meus amigos e meus irmãos, mas principalmente, concentro-me em Johnny. A ira de minha mãe ou o medo de meu pai não me impedirão de ir à casa dos Kavanagh, no entanto. Para ser honesta, eu não tenho certeza de que algo possa me impedir. Eu estou desesperada para passar um tempo sozinha com ele. Ele me faz sentir segura e querida, e eu estou grudada nessa sensação como cola.

— Você é tão estúpido assim? — O rosnado agudo de Lizzie corta meus pensamentos, fazendo-me quase pular para fora da minha pele.

— Você está bem? — Johnny pergunta, virando-se para olhar para mim.

— Sim — eu engasgo, resistindo à vontade de pressionar minha mão no meu peito. — Eu só não estava esperando isso.

— Ignore-os — ele sussurra, retomando o traçado do seu polegar no meu ombro.

— Você está falando sério? — Lizzie continuou a falar, encarando Gibsie, que está sentado na minha frente. — Ou isso é apenas mais uma piada estúpida para você?

— Relaxe — Gibsie bufa, cruzando os braços sobre o peito. — Eu só estava fazendo uma pergunta.

— Bem, faça boas perguntas — Lizzie responde e então enfia uma garfada de salada em sua boca. — Não as estúpidas, que só fazem você parecer ainda mais estupidamente estúpido do que já é.

— Estupidamente estúpido não existe — Gibsie zomba, e então rapidamente olha para Johnny em busca de apoio. — Certo, Capitão?

— É um adjetivo comparativo, cara — responde Johnny, movendo-se desconfortavelmente.

Gibsie dá-lhe um olhar vazio.

Johnny solta um suspiro.

— São palavras, Gibs.

— Como é que *estupidamente estúpido* existe? — Ele demanda. — Isso soa estúpido.

Johnny dá de ombros.

— Eu não faço as regras.

— Talvez tenha sido colocado no dicionário para descrever você — Lizzie oferece secamente. — Como em: Gerard Gibson é mais estupidamente estúpido do que qualquer pessoa que eu já conheci.

— É isso... — Empurrando a cadeira para trás, Gibsie se levanta. — Estou chamando o padre McCarthy para intervir em seu favor. Você precisa de um exorcismo e de Jesus.

— E você precisa ser internado — Lizzie retruca, com as narinas dilatadas. — Idiota.

— A porra do mundo inteiro não é seu saco de pancadas — Gibsie ruge de volta, furioso. — Eu não sei quem te disse diferente, mas eles te deram alguns maus conselhos.

— Gerard... — Claire, que estava sentada ao lado dele, começa a interferir, mas Gibsie não está aceitando.

— Não, Claire, eu cansei das merdas dela — ele rosna, pegando sua mochila. — Você é uma garota má, Lizzie Young, e surpreende-me que você tenha conseguido duas garotas decentes para serem suas amigas.

— Surpreende-me? — Lizzie responde em um tom sarcástico. — Uau. Grande palavra, Gibs. Você pode soletrar isso também?

— Sabe o quê? — Jogando sua bolsa por cima do ombro, ele dá a ela um olhar de puro desgosto. — Vai de foder, Lizzie.

Dito isso, Gibsie sai do refeitório, com o rosto vermelho e furioso.

— Você está feliz consigo mesma? — Johnny pergunta, olhando para Lizzie. — Isso faz você se sentir bem? Menosprezar ele assim?

— Ele é bem grandinho — Lizzie retruca defensivamente. — Ele pode aguentar.

— Ele é disléxico! — Johnny irrompe. — E você acabou de fazê-lo se sentir com cerca de sessenta centímetros de altura na frente de metade da escola.

Surpresa brilha nos olhos de Lizzie e suas bochechas ficam vermelhas.

— Eu não sabia disso.

— Bem, agora você sabe! — Pressionando um beijo rápido na minha bochecha, Johnny empurra sua cadeira para trás e diz antes de correr na direção que Gibsie: — Te vejo mais tarde, Shan.

— Você tinha que fazer isso com ele? — Claire sibila. — Isso foi cruel.

— Ele faz isso comigo também — defende Lizzie, ainda com o rosto vermelho. — E eu não sabia que ele era disléxico.

— Não deveria importar — Claire retruca. — Isso foi uma coisa horrível de se dizer a qualquer um.

Ela se levanta da cadeira, acrescentando:

— E há muita coisa que você não sabe sobre ele, então não seja tão rápida em julgar!

— Eu não sabia — Lizzie murmura, virando-se para mim quando Claire se vai.

— Eu acredito em você — eu digo a ela. E eu acredito. — Mas...

— Mas?

— Eu sei que você e Gibsie não se dão bem, e tudo bem, mas apenas... fiquem longe um do outro e não seja tão malvada. — Eu falo — Eu acho que você realmente feriu os sentimentos dele.

— Sim, bem, não mais do que suas ações machucaram os outros — Lizzie sussurra, quando ela se torna a quarta pessoa a se afastar da mesa.

— Bem, isso esquentou rapidamente — Hughie diz calmamente.

Solto um suspiro trêmulo.

— Eu quem digo — Empurrando minha cadeira para trás, eu me levanto e pego minha mochila. — Vejo vocês mais tarde, pessoal.

— Tchau, Shan — todos eles cantam em coro enquanto eu me afasto da mesa, me sentindo muito tímida para sentar lá sem Claire, Lizzie ou Johnny.

Deslizando minha bolsa em ambos os ombros, agarro as alças e manobro pelo corredor lotado na direção do banheiro, apenas parando no meu caminho quando meus olhos pousam em Bella parada do lado de fora da porta do banheiro.

— Puta — ela sussurra, estreitando os olhos para mim.

Evitando um grupo de meninos, ignoro Bella e corro para fora do banheiro, escolhendo o santuário da sala comunal do terceiro ano. Deslizando para dentro, caio de alívio quando encontro-a vazia. Largando minha bolsa no chão ao lado da mesa, caminho até a cozinha e ligo a chaleira. Uma fungada alta da poltrona me assusta e eu me viro.

— Lizzie? — Minhas sobrancelhas se erguem de surpresa quando a vejo caída na cadeira. Abandonando a chaleira, vou direto para ela. — Você está bem?

— Estou bem — ela sussurra, enxugando as bochechas com as costas da mão.

Ela claramente não está.

Afundando na cadeira em frente a ela, eu descanso meus cotovelos nos joelhos e lhe ofereço um pequeno sorriso.

— Você quer conversar?

Ela balança a cabeça.

— Não.

— Eu... — Hesitando, estendo a mão e pego a dela. — Tem certeza?

— Eu vou ficar bem, Shan — ela solta, abaixando a cabeça para que eu não possa vê-la chorar. — Honestamente, eu vou ficar bem.

— Eu sei — eu concordo, dando um pequeno aperto na mão dela. — Mas tudo bem se você não estiver bem agora.

— Estou com tanta raiva o tempo todo — ela confessa, mantendo a cabeça baixa. — Não para.

Com cuidado para não pressioná-la por mais do que ela está disposta a dar, eu permaneço em silêncio e continuo segurando sua mão. Eu sei por que ela está zangada com o mundo e não a culpo.

— Está chegando em breve, certo? — Finalmente encontro coragem para perguntar. — O aniversário da sua irmã?

Afastando a mão, ela afunda na cadeira e assente rigidamente.

— No fim do mês.

Solto um suspiro trêmulo.

— É difícil.

— Não há justiça no mundo — ela retruca.

— Não — eu concordo tristemente. — Não há.

— Eu odeio essa escola, Shannon — ela sussurra. — Eu odeio esse time e tudo o que eles representam.

Meu coração afunda.

— Gibsie te lembra ele?

Lizzie se encolhe.

— Eu não posso evitar. Toda vez que eu olho para ele, eu *o vejo*.

— Eles não são a mesma pessoa, Liz — eu falo baixinho. — Gibsie não é Mark.

— Tanto faz, Shan — ela diz cansada. — Eu não quero falar sobre isso.

— Ok. — Apertando minhas mãos, eu estudo sua expressão fechada. — Você e Pierce estão pelo menos bem?

— Não — ela solta, enquanto seus olhos se enchem de lágrimas mais uma vez. — Está tudo uma bagunça.

— Por que?

— Porque eu não consigo *superar* isso — ela funga. — Não consigo ver além disso, e não consigo superar isso. Estou presa e continuo *afugentando* ele.

Soltando um rosnado furioso, ela enxuga os olhos e fica de pé.

— Isso nem importa. Ele pode se foder se quiser. Eu não estou segurando ele e fazendo-o ficar. Se ele quer terminar, então terminamos.

— Lizzie...

— Eu não quero falar mais — ela me corta dizendo. — Eu *não posso.*

— Ok. — Levantando-me, dou um sorriso brilhante. — Não vamos falar.

Ela cede de alívio.

— Obrigada.

— A que horas seus pais vão estar em casa? — Eu pergunto sem fôlego.

— Só mais tarde, de noite — Johnny grunhi e eu vejo uma gota de suor escorrer por sua testa. — Vamos para lá de novo?

— Sim. — Eu solto um suspiro. — Você tem certeza que está tudo bem que eu esteja aqui?

— Cem por cento. — Ele se mexe embaixo de mim, as mãos se movendo para a posição. — Está bom para você?

Tremendo, eu assinto.

— Está bom.

— Fique reta — ele instrui. — Não dobre.

— Eu não vou — eu respondo, apenas para rir quando seus dedos tocam uma parte particularmente sensível da minha coxa.

— Vamos lá, baby — ele grunhe, sem fôlego debaixo de mim, os braços apertados como vinhas no meu corpo.

Eu posso ouvir o sorriso em sua voz, mas eu sei que isso era importante, então não forço a brincadeira.

— Me desculpe, me desculpe. — Eu rio, sufocando minha risada. Inalando uma respiração séria, tranco meu corpo na posição e digo: — Ok, homem musculoso, vá em frente.

— Um, dois, três... — Suas palavras são interrompidas e eu sou erguida no ar, mantida ali por um momento, e então abaixada de volta. O movimento vai sem esforço enquanto ele o repete várias vezes.

— Você está bem? — ele pergunta, a voz rouca e um pouco sem fôlego, enquanto continua a levantar meu corpo para cima e para baixo.

— Tudo bem — eu asseguro a ele, mantendo-me perfeitamente imóvel.

— Eu vou mais rápido — ele me avisa, apertando o meu corpo. — Diga-me se for demais para você.

— Eu posso lidar com isso — eu prometo, me sentindo um pouco descentralizada e tonta.

— Que porra? — A voz de Gibsie perfura em um grunhido e em uma respiração pesada.

Assustada, eu viro meu olhar para onde ele está a poucos metros de nós com um sorriso enorme no rosto.

— Você se importa? — Johnny grunhi, sem quebrar o ritmo. — Estamos no meio de algo aqui.

— Eu ouvi falar de caras usando utensílios domésticos como pesos improvisados — Gibsie medita, coçando o queixo, enquanto seu olhar se arrasta ao nosso redor. — Mas usar a pequena Shannon como uma barra? Isso é uma coisa nova para você, Johnny.

— Os pais dele não estão aqui e eles trancaram a garagem — eu falo como uma explicação, sentindo meu rosto queimar de vergonha. — Estávamos apenas improvisando.

— Então você tem uma casa livre e está fazendo musculação? — Gibsie responde em um tom divertido. — E as pessoas dizem que eu sou estranho.

Empurrando o batente da porta, ele entra no quarto.

— Tenha cuidado. Você ainda não está fora de perigo, Capi.

— Parte superior do corpo — Johnny murmura, mandíbula travada em concentração, enquanto ele continua a me levantar e me abaixar.

— Sim — eu me apresso para explicar. — Veja, não estamos tocando em nada abaixo da cintura, e isso é permitido.

As sobrancelhas de Gibsie se erguem e seu sorriso se aprofunda.

— É assim?

Johnny solta o que soa como um rosnado de dor.

Tento assentir, mas é impossível, considerando que ele ainda está me levantando e abaixando.

— Porra, eu sinto que deveria colocar uma música *ambiente* — Gibsie diz então, fazendo com que nós dois olhássemos para ele.

Minhas sobrancelhas franzem.

— Huh?

— Oh, não para você — ele explica. — Para mim. Estou ficando duro assistindo isso.

— Jesus Cristo Gibs — Johnny ladra, me abaixando em seu peito para que eu esteja esparramada sobre ele. — Que diabos está errado com você?

— Eu não sei — ele geme, mergulhando na poltrona. — Estou me sentindo muito confuso agora. Mas, por favor, continuem. Eu quero ver como isso se desenrola.

— Eu vou, uh... ir ao banheiro. — Eu solto, enquanto me viro sobre minhas mãos e joelhos.

O movimento não foi a minha melhor ideia, considerando que me deixa montada em Johnny. Mas em sua defesa, ele parece tão desconfortável quanto eu. Suas mãos se movem para minhas coxas por vontade própria enquanto ele se senta.

— Eu estou te avisando — ele diz para Gibsie enquanto suas mãos permanecem presas em minhas coxas. — Sério, cara. Você está ficando fora de controle.

— Posso ir? — Eu solto, batendo em suas mãos para fazê-lo me soltar. — Eu realmente preciso fazer xixi.

Gibsie ri e Johnny dá um aperto nas minhas pernas antes de soltar.

— Não precisa se apressar — ele me diz, mantendo os olhos fixos em Gibsie. — Eu preciso ter uma palavrinha com meu amigo aqui.

Levantando-me vacilante, corro para a porta, apenas para hesitar e me virar.

— Ei, Gibs?

— Sim, pequena Shannon? — ele responde, sorrindo calorosamente para mim.

— Porque você faz isso? — Eu pergunto, minha mente vagando.

— Faço o que?

— Me chama de *pequena Shannon*?

— Porque você é pequena? — ele ri. — E você se chama Shannon. — Sorrindo, ele dá de ombros. — Pequena Shannon.

Justo.

— Bem, eu só queria perguntar se você estava bem? — Movendo-me desconfortavelmente, eu junto minhas mãos. — Depois do que aconteceu no almoço de hoje?

— Está tudo bem — ele me diz, o sorriso ainda no lugar. — Sem problemas.

— Ok. — Dando de ombros impotente, acrescento: — Mas, para constar, acho que você é muito inteligente.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Eu?

— Você — eu confirmo baixinho antes de sair da sala.

45
Empolgado
Johnny

— Rapaz, acho que amo sua namorada — Gibsie afirma quando Shannon sai da sala de estar. — Isso é estranho, certo?

— O que é estranho é você me *dizer* que ama minha namorada. — Eu respondo, ficando de pé. — Isso é perigoso.

— Você sabe que eu não quero dizer isso assim — ele ri, levantando as mãos. — Só estou dizendo que ela é uma garota muito decente e eu gosto dela.

Coçando o queixo, ele me olha pensativo por um longo momento antes de acrescentar:

— Você fez um bom trabalho.

— Sim, ela é. — Franzindo a testa, pego minha garrafa de água na mesa de centro. — E obrigado... eu acho?

— Eu ainda estou tentando descobrir como você passou de Bella para Shannon. — Dando de ombros, ele acrescenta: — Elas são como a noite e o dia, cara.

Não me lembre. Abrindo a tampa da minha garrafa, eu esvazio o conteúdo antes de perguntar:

— Então, você está realmente bem depois de mais cedo?

— Sim, estou ótimo — ele resmunga, soltando a máscara. — Eu simplesmente não entendo qual é o problema dessa garota comigo, cara.

— Você alguma vez a ofendeu? — Eu pergunto, me sentindo tão sem noção sobre isso quanto ele. — Chamou ela de algum nome ou algo assim?

— Eu estar *vivo* a ofende, Johnny — ele responde com um bufar. — Então, eu diria que sim, eu a ofendo ao acordar todas as manhãs.

— Eu também não entendo qual é o problema dela, cara — eu ofereço com um encolher de ombros. — Eu estou pensando que ela tem alguns problemas sérios.

— Todos nós temos problemas — ele rebate. — Nem todos nós saímos por aí descontando esses problemas em outras pessoas.

— Verdade.

— Estou farto de aceitar as merdas dela — acrescenta. — Eu quero dizer isso. Eu não me importo se ela é amiga de Claire. Eu não vou mais dar a ela um passe livre.

— Penso que você nunca deveria ter dado a ela um passe livre de qualquer maneira, independentemente de quem ela é amiga — eu digo a ele. — Você ensina as pessoas como tratá-lo estabelecendo limites, cara. Se você deixar alguém passar por cima de você, esse alguém vai pensar que está tudo bem.

— Eu só sinto pena dela por todas as coisas que aconteceram com sua irmã alguns anos atrás — ele murmura. — Mas foram tantas vezes que posso deixar para lá.

— Lizzie tem uma irmã? — Eu faço uma careta. — Eu não sabia disso.

Curioso, eu pergunto:

— O que aconteceu com a irmã dela?

Gibsie pisca rapidamente.

— Você não sabe?

— Não. — Eu estreito meus olhos. — O que eu não sei?

— Eu não deveria dizer nada sobre isso — ele murmura. — Eu literalmente jurei segredo.

— Vamos, rapaz, sou eu. Para quem eu vou contar?

— Olha, aconteceu antes de você se mudar para cá — diz ele. — E isso é tudo que estou dizendo.

— Gibs...

— Confie em mim, você não quer saber nada sobre isso — ele se apressa a dizer. — Eu juro.

Eu penso sobre isso por um momento, peso quanta merda tem acontecendo na minha própria vida, peso o drama com o qual eu estou lidando quando se trata da família de Shannon e decido que Gibsie está certo. Eu não me importo o suficiente para bisbilhotar a vida de Lizzie Young. Eu tenho meus próprios problemas para lidar e ela é a amiga mal-humorada da minha namorada que eu mal consigo tolerar, mas tolero pelo bem de Shannon.

— Você está certo — eu concordo. — Eu não quero saber.

Gibsie assente em aprovação.

— Bom. — Suas sobrancelhas franzem por um breve momento antes de suavizar novamente quando um sorriso surge em seu rosto. — Então, você e Shannon estavam malhando, hein?

— Sim — eu respondo, olhando para ele com cautela, sem saber o que ele está prestes a dizer, mas sabendo que o que quer que seja não será bom. — O que há de errado com isso?

— Nada — ele medita. — Além do óbvio.

— Qual é?

— Você tem uma casa livre com Shannon aqui dentro, e em vez de fazer bom uso dela, você a está levantando como um saco de areia.

— Você sabe por quê — eu falo. — Estou deixando acontecer naturalmente.

— Hum. — Ele inclina a cabeça para um lado. — Eles quebraram seus instintos quando te operaram? Você sabe, como quando castram um cachorro e ele não sente mais o cheiro? Porque o Johnny que eu me lembro não desperdiçaria uma oportunidade tão rara.

— Eu não fui castrado, seu idiota insensível — eu rebato, indignado. — E meu esperma ainda nada bem. Eles verificaram!

Duas vezes.

— Então há algo errado com você — Gibsie retruca, sem perder o ritmo. — Porque aquela garota é incrivelmente sexy e você está pensando em rúgbi.

— Ei — eu aviso, eriçado. — Não chame minha namorada de sexy.

— Por que não? — ele provoca. — Você não *acha* que ela é sexy?

— Claro que acho ela sexy — eu cuspo. — Eu acho que ela é sexy pra caralho, porra.

Gibsie balança as sobrancelhas.

— É mesmo?

— Sim, é mesmo, mas esse não é o ponto.

Aturdido, eu balanço a cabeça e aponto para ele.

— *Você* não diz que ela é sexy. — Eu estreito meus olhos. — *Você* mantém seus olhinhos redondos longe dela.

— Bem, é a verdade — ele ri. — E eu não sou cego, cara.

— Você *olha* para ela? — Eu exijo, horrorizado. — Para a *minha* Shannon?

— *Sua Shannon* — ele ri. — Sim, eu olho, e não sou só eu. Todos nós olhamos para ela – e aparentemente *olhar* para ela é tudo que você faz também.

— Você está de sacanagem comigo agora? — Eu exijo, furioso.

— Não.

— Quem é nós?

Gibsie dá de ombros.

— Eu, Feely, Hugh, Danny Mac, Luke, Pierce, Donal...

— Bem, parem de olhar para ela desse jeito! — Eu rujo, lívido. — Jesus Cristo!

— Só estou dizendo, ela é linda e todos nós temos olhos — ele ri. — Mas isso não significa que estou me imaginando nu em cima del...

— Se você terminar essa frase, eu vou arrancar sua cabeça — eu falo fervilhando. — Aviso prévio.

— Você está ficando bravo, Johnny? — ele ri, arqueando uma sobrancelha. — Hmm? Você está ficando todo excitado, rapaz?

— O que acha? — Eu rosno, não me preocupando em negar.

— Perfeito. — Saltando da cadeira, Gibsie sorri. — Agora que estabelecemos que a testosterona ainda bombeia em seu sangue, vá fazer algo produtivo com sua namorada.

Ele caminha até a porta.

— E nada dessa besteira de mãos dadas — acrescenta. — Você não tem doze anos, Johnny, e nem ela.

— Sai daqui — eu digo, com a mandíbula apertada.

— Ah, e se você ainda não curte a ideia de penetração total, então eu recomendo seguir a ideia de ressuscitação da boceta com a boca.

— Jesus Cristo, Gibs!

— É uma vista incrível e muito gratificante. — Ele pisca. — Ambos ganham, cara.

— Vá embora. — Aponto para a porta. — Neste instante ou você vai ser o único a precisar de ressuscitação.

— Tchauzinho, Capi — Gibsie dispara de volta com saudação antes de sair correndo da sala.

— Sim, é melhor você correr, filho da puta! — Eu rujo atrás dele, o peito arfando. — Porque quando eu voltar a estar cem por cento, vou te estrangular...

— Você está bem? — Shannon pergunta, aparecendo na porta, parecendo corada e incerta.

— Não — eu digo, o peito arfando com uma mistura de raiva e luxúria enquanto meus olhos percorrem seu corpo, me embriagando com a visão dela. Ela está tão linda pra caralho, ali de pé em suas leggings pretas, meias fofas e uma camiseta branca enorme que ela vestiu depois da escola. Seu cabelo está puxado para trás em um rabo de cavalo alto, seu rosto está sem maquiagem – e hematomas – e eu nunca vi nada tão perfeito.

Eu estou destruído.

Eu estava fenomenalmente fodido e não consigo sair dessa. Eu estou 100% comprometido – coração, cabeça, corpo, bolas... *cada* parte de mim está totalmente alinhado *com* essa garota. Parece que ela está na minha vida desde sempre. Como se eu nunca tivesse conhecido nada além de Shannon. Ela foi meu primeiro amor, e ela é assustadora pra cacete para mim. Estar com ela é uma obsessão que ameaça me consumir diariamente. Eu tive que trabalhar duro para manter minha cabeça sob controle, mas lembrar de manter meus pés no chão e minha cabeça fora das nuvens é mais fácil dizer do que fazer quando eu tenho uma garota que me deixa caidinho com um olhar. Ela me prende em nós infantis, ilógicos e irracionais, com um novo se prendendo ao meu coração a cada dia que passa. Eu estou perdendo completamente o controle e isso é um problema para mim, e meus sentimentos por ela são um problema sério porque são fortes demais para controlar, demais para aguentar e parecem muito com algo permanente. Em outras palavras, eu estou ferrado para cacete.

— Eu não estou bem — eu falo, passando a mão pelo meu cabelo em frustração.

— O-o que há de errado? — ela sussurra, olhando para mim com os olhos arregalados. — Você está dolorido?

— Não, não é... — Eu me paro e solto um grunhido de dor. Seus olhos queimam buracos tão profundos em mim que eu tenho que desviar o olhar antes de me perder completamente nela. É demais. *Ela* é demais pra caralho.

— O que foi? — ela pergunta, cautelosamente se movendo em minha direção. — Johnny, o que há de errado?

Sua pequena mão enrolada em meu braço, seu toque hesitante, a sensação de sua pele na minha deixando meu corpo em chamas.

— Você pode falar comigo — ela acrescenta em voz baixa, e o cheiro de seu perfume inunda meus sentidos. *Deus me ajude.* — Você pode me dizer qualquer coisa.

— O que você quer de mim, Shannon? — Eu murmuro, me sentindo incrivelmente vulnerável, enquanto eu olho para a única garota que eu já amei. Eu preciso que ela me diga o que fazer. Ela precisa definir o ritmo porque eu fico fraco perto dela, e eu preciso mais do que temo que ela esteja pronta para dar. Gibsie fodeu com a minha cabeça, e agora minha mente está presa na porra do modo "besta". Eu a quero tanto que não consigo pensar direito. Saber que estávamos sozinhos só torna isso um milhão de vezes mais intenso.

— O que você quer dizer? — ela pergunta, parecendo temerosa.

— De mim — eu respondo, com o coração acelerado. — Disso? — Dou de ombros, me sentindo impotente. — Do nosso relacionamento. O que você quer de *mim*?

— Honestamente?

Eu balanço a cabeça.

— Sempre.

— Tudo — ela sussurra, olhando nos meus olhos. — Especialmente as partes quebradas.

Ah, merda.

Ela me devolve minhas próprias palavras, e eu estou acabado.

Completamente acabado para caralho.

Eu sei disso no momento em que meus lábios caem sobre os dela. Eu sei disso quando a levanto e sinto suas pernas envolverem minha cintura como vinhas. E eu sei disso, especialmente quando a carrego para o meu quarto, estimulado por seus gemidos de encorajamento enquanto ela me beija de volta com a mesma intensidade. Quando abro a porta do meu quarto com um chute, não sinto nenhuma dor. É abafado pelo desejo desesperado que eu tenho de estar pele com pele com ela. Meus joelhos batem na base da cama, nos fazendo cair no colchão.

— Merda — eu rosno, tentando me apoiar nos cotovelos para não sufocá-la. — Eu machuquei você?

— Não fale — Shannon implora, envolvendo-se em torno de mim como hera, e arrastando meu corpo de volta para o dela. — Não pare.

Eu não acho que posso parar se quisesse, o que definitivamente *não quero.*

— Tem certeza? — Eu me forço a perguntar de qualquer maneira. Meu coração estava tão acelerado que eu tinha certeza que ela podia sentir. — Nós podemos parar...

Minhas palavras são cortadas quando ela arrasta meu rosto para o dela e me beija com força.

— Ou talvez não — eu suspiro, mergulhando mais fundo em nosso beijo – mais fundo *nela*. Eu adoro quando ela segura meu pescoço com suas pequenas mãos, como um gatinho abrindo e depois fechando suas garras, deixando marcas em mim por dias com suas unhas.

As mãos de Shannon se movem para minha camiseta e ela puxa a bainha. Sorrindo contra seus lábios, descanso meu peso em uma mão e uso a mão livre para alcançar meu ombro. Agarrando o tecido da minha camiseta, eu a puxo sobre minha cabeça, arrancando meus lábios dela pelo milissegundo que leva

para tirar minha camisa antes de voltar para ela. E então suas mãos estão em mim, puxando e passeando em minha pele nua, unhas cavando minha carne, enquanto ela balança seu corpo contra o meu quase fervorosamente.

Duro como eu nunca estive, eu me empurro contra ela, gemendo toda vez que sou recebido com seus quadris contraindo e me encontrando no meio do caminho. Sua pele está quente e corada, seu corpo tremendo sob o meu, enquanto ela me deixa meio insano com a necessidade.

— Johnny? — Shannon fala, pressionando suas mãos contra meu peito. — Você pode sair de cima de mim por um segundo?

— Merda. — Salto para trás mais rápido do que uma bala em movimento. — Eu fui longe demais? — Eu pergunto, ofegante, enquanto me ajoelho entre suas pernas. — Você quer parar?

— Não. — Balançando a cabeça, Shannon senta-se e alcança a bainha de sua camisa. — Eu não quero parar.

Meu coração martela violentamente e meu pau cresce contra a calça.

— Shan, você não precisa...

Ela puxa sua camisa sobre a cabeça e meus olhos instantaneamente derivam para seu peito. O pomo de Adão balança em minha garganta, eu vejo quando ela alcança na parte de trás das costas e desabotoa o sutiã. Dolorosamente lento, ela desliza para fora das alças e descarta o sutiã no chão.

— Oi — ela sussurra, deixando suas mãos caírem para os lados, revelando seus seios.

— Oi. — Engulo profundamente, tentando desesperadamente manter contato visual com ela e não deixar meu olhar vagar para seus seios perfeitos. Jesus, eles estão tão excitados, com pequenos mamilos cor-de-rosa, enrugados e duros. — Você é tão linda — eu digo a ela, desistindo da luta e me enchendo de visão dela. — Eu nem sei o que dizer. — A cicatriz de aparência fresca entre sua lateral e o seio direito chama minha atenção e eu congelo, sentindo como se tivesse levado um balde de água-fria.

— O quê? — Shannon pergunta, sentindo minha dispersão. — O que há de errado?

Lutando contra um tsunami de raiva, estendo a mão e escovo meus dedos sobre a cicatriz.

— Está dolorido?

— Não mais. — Ela balança a cabeça. — Eu nem sinto isso agora.

Bem, eu sinto isso; mais profundo e mais forte do que eu penso ser possível. Eu não consigo tirar meus olhos disso. Foi assim que a salvaram. Como os médicos a ajudaram a respirar quando aquele bastardo quase tirou a vida dela.

— Johnny, não pense nisso — Shannon resmunga. — Não olhe para mim e veja meu pai.

— Eu não estou fazendo isso — eu solto, lutando para controlar minhas emoções.

— Você está — ela responde trêmula. — Eu posso ver isso em seus olhos.

— Eu não estou fazendo isso de propósito — eu admito, ombros caídos. — É difícil para mim saber o que ele fez com você, e saber que ele vai sair a qualquer momento, e eu não posso consertar isso para você.

— Eu não estou pedindo que você me conserte — ela sussurra, tremendo. — Eu estou pedindo para você ficar comigo.

— Eu vou — eu digo a ela.

— Sem sentir pena de mim — acrescenta ela, os lábios trêmulos. — Ou olhando para mim como se eu estivesse quebrada.

— Shannon, não é isso que estou fazendo — eu me apresso em dizer, mas é tarde demais; ela já está fora da cama e pegando sua camisa.

— Não importa — ela fala.

Merda...

— Ei, ei, ei...

Pulando da cama atrás dela, eu intercepto sua camisa antes que ela possa colocar.

— Apenas me ouça primeiro, e então você pode colocar sua camisa de volta — eu digo, o tom grosso e áspero. — Por favor?

Tremendo, ela cobre o peito com as mãos e assente.

Caindo de alívio, continuo:

— Estou apaixonado por você...

— Johnny...

— Não, não, por favor, apenas ouça. — Eu a convenço antes de seguir em frente. — Eu estou *apaixonado* por você, Shannon. Estou completamente viciado em você, então quando você está machucada, isso me afeta. Isso me *machuca*. Eu não posso fingir que não.

Ela estremece e se aproxima de mim.

— Mas isso não significa que estou com você porque sinto *pena* de você... — Eu engancho um braço em volta de suas costas nuas e a puxo até que ela esteja

encostada em mim — Significa apenas que eu vou ficar chateado quando você está chateada, e que quando alguém te machucar, eu vou querer causar algum dano sério a ele em troca. Estou totalmente dentro, Shannon. Com cicatrizes e tudo. Com pai fodido e tudo mais. Cento e cinquenta por cento.

Escovando seu rabo de cavalo sobre o ombro, eu gentilmente puxo na ponta, forçando-a a olhar para mim.

— Eu sinto tudo por você — eu admito, sentindo meu próprio corpo tremer com a pressão crescendo no meu peito, provocada toda vez que essa garota coloca os olhos em mim. — E eu estou dizendo tudo isso enquanto você está aqui, parecendo a coisa mais sexy que eu já vi na vida real, rezando para que você não fuja de mim, porque eu tenho uma ereção crescente por você e vou levar alguns minutos para me acalmar antes que eu possa correr atrás de você.

Sua respiração engata.

— Você acha que eu sou sexy?

— Olhe para mim, Shannon... — Dando um passo para trás, eu gesticulo para a protuberância óbvia no meu moletom, tentando manter a indignação fora da minha voz. — Olhe o que você faz comigo. Você não entende isso? Você é tão sexy, eu não posso nem dizer o quanto.

Shannon cora.

— Sério?

— Sério — eu confirmo, puxando-a de volta para mim. — Sério para caralho, Shan.

— Se eu tivesse um desses, também estaria levantado — ela deixa escapar, com as bochechas rosadas. — Por você, quero dizer. Porque eu sinto o mesmo por você.

— Uh, *obrigado*? — Eu rio, balançando a cabeça. — Essa não é uma visão que eu gostaria de pensar, mas *eu* aprecio o sentimento, baby.

— Diga outra coisa — ela diz em uma voz ofegante. — Por favor?

— Como o quê?

— Não sei. — Ela dá de ombros e deixa as mãos caírem para os lados, as bochechas corando. — Talvez algo que não seja sobre a minha cicatriz ?

A consciência me ocorre e eu reprimo um gemido. Cristo, eu estou lento para compreender. Minha namorada está aqui, nua da cintura para cima, e eu a fiz se sentir insegura.

— Eu posso fazer isso.

Mantendo um braço enganchado ao redor dela, eu a guio para trás para minha cama e a abaixo no colchão.

— Você me deixa louco — eu ronrono, subindo na cama para pairar entre suas pernas. — Você é sexy pra caralho. — Deixando cair um beijo em sua boca, eu arrasto meus lábios sobre a curva de sua mandíbula, depositando beijos em seu pescoço até alcançar seus seios. — E você tem os peitos mais bonitos que eu já vi.

Um arrepio percorre o corpo de Shannon quando ela agarra o edredom debaixo dela.

— Eles são pequenos.

— Eles são perfeitos — eu corrijo com voz rouca, passando minha língua para traçar seu mamilo. — *Você é* perfeita.

— Johnny... — A respiração de Shannon fica presa em sua garganta e ela arqueia as costas, se empurrando contra mim.

— Você gosta disso? — Eu falo, beijando e chupando seu mamilo. — Hum?

— Não pare. — Tremendo debaixo de mim, ela prende sua pequena mão no meu cabelo e puxa. — É... oh Deus...

— Então, estou perdoado? — Eu pergunto, mudando minha atenção para seu outro seio. — Por olhar para sua cicatriz e não para seus seios como eu devia ter feito?

— Sim... — Shannon assente vigorosamente. — Tudo... mmm... per... ugh... doado...

Traço uma trilha de beijos de seus seios até suas costelas e depois seu umbigo, lambendo e beliscando enquanto eu traço, até chegar ao cós de sua legging.

Pare agora, eu me ordeno mentalmente, *isso é o suficiente para um dia, filho da puta.*

Com mais autocontrole do que eu sabia que possuo, faço um desvio com minha língua e retorno todo o caminho de seu corpo até meus lábios encontrarem os dela.

— Por que você parou? — Shannon ofega contra meus lábios, enquanto coloca os braços em volta do meu pescoço.

Jesus...

— Porque... — Eu deixo minhas palavras morrerem, concentrando-me em seus lábios inchados e no gosto viciante dela. — Eu gosto de como estamos. — Eu a beijo novamente, mais suave desta vez. — Eu não quero colocar um cronômetro.

— Um cronômetro?

— Sim, Shan. — Eu balanço a cabeça e dou um beijo em seu nariz. — Eu não quero apressar isso com você. Eu quero que tenhamos nosso tempo – que façamos os momentos importantes valerem a pena.

Me sentando, eu a levo comigo, puxando-a para o meu colo.

— Eu quero você, ok? — Eu engancho um braço em volta de suas costas, dobrando-a contra mim. — Tanto. Nunca duvide disso. — Alisando seu cabelo sobre seu ombro novamente, eu a beijo suavemente. — Só não quero olhar para trás daqui a cinco anos e saber que estraguei as partes importantes porque não consegui ser paciente.

Um pequeno sorriso surge no rosto de Shannon.

— O quê? — Eu espelho o sorriso dela. — O que é tão engraçado?

— Você disse daqui a cinco anos — ela sussurra, enrolando os braços em volta do meu pescoço.

— Eu já te disse, eu preciso de você para sempre — eu respondo bruscamente. — Não há prazo de validade entre nós.

— Uau. — Shannon solta um suspiro trêmulo e sorri para mim. — Você diz as melhores coisas, Johnny Kavanagh.

Eu sorrio de volta para ela.

— Quer ouvir outra coisa?

Ela assente ansiosamente.

— Eu tenho uma ideia.

Shannon inclina a cabeça para um lado, me estudando com olhos cautelosos.

— Que tipo de ideia?

Eu rio.

— Vamos... — Colocando-a no chão, eu passo sua camiseta de volta para ela antes de pegar a minha. — Eu vou te mostrar.

— Que diabos. — Deslizando a camisa sobre a cabeça, ela se levanta e sorri para mim. — Não tenho nada a perder.

Eu tenho.

Ela.

— Essa não é uma boa ideia — Shannon anuncia meia hora depois, enquanto ela está sentada no banco do motorista do meu carro no quintal, olhando para o

volante na frente dela como se fosse uma cobra venenosa prestes a atacar. — Isso é uma ideia muito, muito *ruim*, Johnny.

Eu sufoco uma risada e aperto meu cinto de segurança. Só Deus sabe que bicho me mordeu para fazer isso parecer uma boa ideia, mas estávamos aqui agora, e eu estou indo em frente. Além disso, eu sei que ela consegue fazer isso. Ela só precisa de um pouco de confiança.

— Você consegue fazer isso.

— Não. — Jogando as mãos para cima, ela se debate impotente. — Não posso.

— Sim, você pode — eu encorajo. — Eu falei com você sobre isso. Você conhece as engrenagens, baby, e estamos em um quintal grande e vazio, sem ninguém por perto. Você consegue.

— Não. Não. Honestamente, eu não consigo! Eu não consigo! — Seus olhos se arregalam quando ela se vira para me olhar boquiaberta. — Eu nem tenho carteira de motorista. Nem mesmo uma carteira para trator. Eu tenho dezesseis anos, Johnny, e este é um carro caro. Oh Deus, eu vou matar nós dois!

— Não, você não vai — eu a convenço. — Você vai arrasar.

— Sim — Shannon solta. — O carro em uma *árvore*, Johnny!

Sorrindo, inclino-me sobre o console, tiro o carro da marcha e, em seguida, giro a chave na ignição.

— Vamos lá.

— Oh meu Deus, me ajude! — Shannon grita, choramingando quando o motor ruge ganhando vida abaixo de nós. — Isso é tão ruim. — Ela agarra o volante, com os olhos arregalados e em pânico. — E se eu bater?

— Não bata — eu respondo. — Agora coloque o pé na embreagem e eu mudo as marchas para você.

— Não me deixe morrer — ela implora, enquanto eu deslizo a primeira marca.

— Eu não deixo — eu rio. — Não feche os olhos, baby...

Estendendo a mão, puxo a mão dela para longe do rosto.

— Olhe para a frente.

— Eu estou olhando, Johnny — ela lamenta. — Eu *vou* morrer!

— Não, Shan, você vai *viver* — eu rio. — Agora solte lentamente a embreagem e pressione suave e levemente o acelerador...

— Eu quebrei! — Ela lamenta quando o carro para. — Eu sinto muito.

— Você não quebrou nada — eu respondo, tirando o carro da marcha e me inclinando para girar a chave na ignição. — Nós vamos começar de novo.

O motor ruge ganhando vida mais uma vez e eu repito as mesmas instruções, mudando as marchas para ela.

— Bom trabalho! — Elogio quando ela não para e o carro começa a andar. — É isso, Shan. Você está conseguindo, baby.

— Eu não tenho certeza sobre isso, Johnny — ela murmura, sentando-se tão perto do volante que seu nariz está beijando o para-brisa, enquanto o carro avança. — Isso não é nada como GTA.

Uma hora depois, e eu sei que tinha acordado a fera que conheci no meu quarto alguns meses atrás.

— Eu estou fazendo isso! — Shannon exclama, os olhos brilhando de excitação, enquanto ela zune pelos fundos da casa, usando minha garagem como se fosse sua própria pista de corrida pessoal.

— Devagar — eu imploro enquanto ela vira a esquina da minha casa com mais velocidade do que o necessário. — Por favor, Deus, Shannon, apenas diminua a velocidade.

— O que há de errado, corajoso? — ela brinca. — Você está *com medo*?

Apavorado pra caralho...

— Oh meu Deus – você viu isso? — ela grita de prazer. — Você me viu colocar na quinta marcha sozinha?

— Eu vi — eu solto, segurando o apoio do lado da janela por tudo que me importo. — Podemos terminar agora?

— Por favor, só mais uma vez? — ela implora enquanto se dirige para a viela pela centésima vez. — Eu prometo que vou terminar então.

— Pela última vez — eu engasgo, fechando meus olhos apenas para pensar melhor. — Cuidado com o... — minhas palavras são interrompidas e eu prendo a respiração quando Shannon desvia. — Buraco — eu termino, exalando uma respiração trêmula.

— Isso é exatamente como GTA — ela ri.

— Exceto que não há botão de reiniciar — eu gemo. — Então, por favor, não nos mate.

— É como você disse — ela ri, empurrando o pedal para o metal. — Eu consigo.

46
Buscas e atualizações
Shannon

Estamos sentados no sofá da sala de Johnny depois da minha aula de direção improvisada, com nossos livros da escola espalhados, terminando nosso dever de casa, e eu não consigo tirar o sorriso do meu rosto. Tive a melhor noite com ele e agora sei dirigir. *Eu.* Eu posso realmente dirigir um carro de verdade. Eu não tenho ideia do que o estimulou a me deixar dirigir seu carro mais cedo, mas eu não estou reclamando. Eu me senti tão livre ao volante, e ter tanto poder foi tão eletrizante.

Sentindo-me contente, eu absorvo o calor que emana da lareira enquanto ouço Johnny pedir comida.

— Sim, vou querer uma porção de pão de queijo com aquele molho de laranja e uma pizza grande sem cogumelos e com abacaxi extra — Johnny olha para mim e faz um movimento de vomitar antes de dizer: — Sim, tenho certeza, cara, um monte de abacaxi.

— Ei... — Me esticando, cutuco-o com o dedo do pé e sussurro: — Não me julgue, senhor, *eu só como frango.*

— O mundo está julgando você. — Ele murmura de volta enquanto pega meu pé e o coloca em sua coxa. — Na verdade, vocês têm frango sem pele?

Eu sufoco uma risada.

— Vocês tem? — Tirando a meia parcialmente, ele arrasta as pontas dos dedos sobre o meu tornozelo. — É feito cozido? É frito?

Suas sobrancelhas franzem e ele bate os dedos no meu tornozelo, parecendo genuinamente em conflito, antes de soltar um suspiro.

— Porra, me dá uma porção de peito de frango extra e com pele – ah, e uma garrafa de coca-cola. — Ele olha para mim e pisca. — Sim, ela precisa ser da *marca real*. — Ele desliga o telefone e sorri. — Parece que a dieta foi jogada pela janela.

— Você sempre pode começar de novo na segunda-feira. — Eu rio.

— Você está dizendo que eu preciso fazer dieta? — ele brinca, me puxando para seu colo. — Huh?

Seus lábios se movem para o meu pescoço e eu suspiro de contentamento.

— Você é tão lindo — eu sussurro, mordendo meu lábio enquanto eu caio contra ele. — Você não precisa fazer dieta.

Ele para no meio do beijo e se afasta para olhar para mim.

— Você acabou de me chamar de *lindo*?

— Sim. — Eu sorrio. — O que há de errado em te chamar de lindo?

— Tudo — ele responde, parecendo horrorizado. — Shan, você não pode me chamar de *lindo.*

— Mas você *é* lindo — eu provoco. — Você tem olhos lindos, cabelo lindo e um sorriso lindo.

Johnny fica boquiaberto comigo.

— Estou ofendido.

Eu rio de sua expressão horrorizada.

— Você *é* um menino lindo.

— Não...

Balançando a cabeça, ele me jogou de costas e então mergulhou em cima de mim

— Não, eu não vou aceitar isso. — Deslizando as mãos sob minha camisa, ele faz cócegas nas minhas costelas. — Retire!

— Ahhh, pare! — Eu grito com acessos de riso enquanto me contorço debaixo dele. — Eu não aguento – eu tenho cócegas!

— Eu sei — ele ri, continuando a me torturar. — Agora retire, ou eu vou continuar.

— Eu retiro! — Eu grito, torcendo e girando. — Você não é bonito – ahhhhh, Johnny, eu não aguento – você é sexy! Você é sexy, ok? Ah, ah, misericórdia. Eu grito por misericórdia!

— Eu não tenho misericórdia — ele ri, deslizando a cabeça sob a bainha da minha camisa e aumentando seus esforços. — Sua perna chuta quando eu faço cócegas em você aqui. — Ele ri, fazendo cócegas na minha costela. — Isso é tão esquisito.

— Eu vou te fazer pagar por isso — eu o aviso, mal conseguindo respirar de tanto rir, enquanto eu me mexo e contorço embaixo dele. — Você apenas espera e ver...

O som de pneus cantando no cascalho do lado de fora corta o ar e a cabeça de Johnny aparece debaixo da minha camiseta.

— Jesus — ele medita, o cabelo espetado em quarenta direções diferentes. — Isso tem que ser algum tipo de recorde em entrega.

— Não pode ser a pizza. — Eu me arqueio para olhar pela janela, mas como está escuro lá fora, só consigo distinguir um par de faróis. — Oh, meu Deus, e se for sua mãe?

Eu gaguejo e então começo a sair de seu colo em alta velocidade. Sabendo da minha sorte, é exatamente quem penso.

— Eu devo ir. — Agarrando minha mochila, começo a guardar todos os meus livros de volta, enquanto faço várias tarefas ao tentar colocar meus tênis no processo. — Você deveria me levar para casa.

— Shan, relaxe — ele ri, ficando de pé. — Não é minha mãe, e se for, você não precisa ir.

Toque, toque, toque...

— Viu? — Johnny fala, movendo-se para a porta. — Minha mãe não bateria.

Meus ombros caem de alívio e eu afrouxo meu aperto na minha mochila.

— Apenas espere aqui — ele acrescenta antes de sair da sala.

Alguns segundos depois, uma voz familiar ecoa pela casa.

— Onde está minha irmã?

Darren?

— Ela está aqui.

— Diga a ela para sair. Ela precisa vir para casa comigo agora.

Oh Deus...

— Entre.

— O quê?

— Eu não estou dizendo a ela o que fazer, então entre se você quiser falar com ela.

Menos de um minuto depois, Johnny volta para a sala de estar com Darren seguindo rigidamente atrás dele.

— Seu irmão está aqui, Shan — ele diz, mantendo seus olhos fixos nos meus enquanto se aproxima e fica ao meu lado.

— O que há de errado? — Eu pergunto, instantaneamente no limite. — P–por que você está aqui?

— Eu deveria te perguntar a mesma coisa — responde Darren, mas ele não parecia zangado. *Só cansado.* — Você deveria vir direto para casa depois da escola.

Seu olhar se desvia para os livros da escola abertos sobre a mesa de café e a surpresa cintila em seus olhos antes de balançar a cabeça, as feições escurecem

mais uma vez.

— São quase oito horas, Shannon.

— Eu estava voltando para casa — eu digo a ele. — Nós íamos jantar primeiro.

— Precisamos conversar — responde ele. — É importante.

Pânico queima dentro de mim.

— O que há de errado? — Eu pergunto, porque algo tem que estar errado para ele pegar o endereço de Johnny e dirigir até aqui. Ele nem está brigando comigo. Isso é ruim. Algo terrivel vai sair de sua boca. Eu posso *sentir* isso. — Darren?

Minha voz está trêmula, combinando com o resto de mim.

— O que está acontecendo?

O olhar do meu irmão passa de mim para Johnny e depois de volta para mim antes que ele solte um suspiro áspero.

— É nosso pai.

Eu endureço, sentindo cada músculo do meu corpo travar com a tensão, enquanto eu espero que Darren confirme o que eu sei em meu coração que está por vir.

— Ele foi liberado da Brickley House hoje, Shannon — Darren anuncia, a voz cheia de emoção. — Ele está de volta em Ballylaggin.

O ar deixa meus pulmões em uma pressa apertada, e em seu lugar vem uma enxurrada de mágoa, dor, medo e paranóia. Isso nunca acabará. Joey está certo. Ele sempre está certo. Nosso pai voltaria e, quando voltasse, ia me fazer pagar...

Uma grande mão desliza na minha então; quente, forte e mexendo no curto-circuito de meus pensamentos em pânico. Tremendo, olho para nossas mãos unidas e depois para Johnny. Ele está bem ao meu lado – grande e forte, e tão perto que eu posso sentir o calor irradiando de seu corpo. Sua presença neste momento é profundamente reconfortante.

— O que isto significa? — ele faz a pergunta que eu não consigo colocar para fora. — Para sua família? — Ele pigarreia rudemente. — Para Shannon?

— Sem ofensa, Johnny, mas é um assunto privado — responde Darren, dando-lhe um olhar penetrante.

— Sem ofensa, *Darren*, mas eu não dou a mínima — Johnny retruca, sem perder o ritmo. — Quer você goste ou não, eu sou o namorado dela, e se ela está em perigo, então eu quero saber sobre isso.

Eriçado, ele acrescenta:

— Eu posso ajudar.

— Eu não preciso de sua ajuda — responde Darren em um tom cansado. — Mas eu preciso que você volte para casa — acrescenta, voltando sua atenção para mim. — Mamãe está uma pilha de nervos e todos nós precisamos conversar sobre para onde vamos daqui como uma família.

— Joey está em casa? — Eu pergunto, observando-o cuidadosamente.

Darren suspira pesadamente.

— Eu não sei onde ele está.

— O que você quer dizer com não sabe? — Eu solto. — Onde ele está, Darren?

— Tadhg não recebeu muito bem as notícias sobre papai e saiu correndo — ele murmura, apertando a ponta do nariz. — Joey está tentando encontrá-lo.

Passando a mão pelo cabelo escuro, ele exala outra respiração dolorosa antes de gesticular para os livros na mesa de centro.

— Você pode arrumar o que é seu para que possamos ir? Deixei Sean, Ollie e mamãe em casa.

— Eu não acho que ela deveria ir para casa — Johnny é rápido em dizer.

Darren dá-lhe um olhar afiado.

— Como?

— Eu disse que não acho que ela deveria ir para casa — Johnny repete calmamente. — Ela pode ficar aqui comigo. Seu pai não sabe onde fica minha casa.

— Ela está voltando para casa — Darren responde com firmeza. — Agora.

— Eu não vejo por que ela tem que... — Johnny começa a discutir, mas Darren o interrompe.

— Você precisa recuar — meu irmão avisa. — Seriamente.

— Está tudo bem — eu digo relutantemente, querendo fazer qualquer outra coisa no mundo além de voltar para Elk's Terrace, mas sabendo que não tenho escolha. — Eu vou. — Com os ombros caídos, solto a mão de Johnny e pego as minhas últimas coisas da mesa. Lágrimas enchem meus olhos, tornando impossível ver a abertura do meu estojo de lápis enquanto eu tento enfiar todas as minhas canetas e a régua dentro. — Apenas me dê um minuto.

— Eu vou esperar por você no carro.

Eu balanço a cabeça rigidamente, me mantendo de costas para ele enquanto arrumo minhas coisas.

— Ok.

A porta da sala se fecha e então Johnny está ao meu lado.

— Fale comigo.

Eu balanço minha cabeça e jogo o estojo de lápis na mesa de café. Tremendo, eu levo minhas mãos pelo meu cabelo, respirando fundo e lentamente, tentando desesperadamente manter minhas emoções sob controle.

— Eu... — Fechando minha boca, dou a volta nele e caminho até a janela. — Eu...

Eu balanço minha cabeça novamente, arrastando uma respiração afiada.

— Shannon, vamos lá — ele pede, me seguindo. — Fale comigo.

— Eu acho que... — Pausando, eu abaixo minha cabeça e agarro a borda da mesa — Eu vou chorar.

— Tudo bem — Johnny me diz, de pé tão perto de mim que eu posso sentir sua coxa contra a minha. — Está tudo bem chorar.

— Eu não quero fazer isso na sua frente novamente. — Exalando uma respiração irregular, eu aperto meus olhos fechados e solto — Eu não quero que você me veja desmoronar o tempo todo.

— Bem, você não tem escolha — ele responde, me virando e me puxando em seus braços. — Porque eu não vou deixar você.

Balançando a cabeça, mantenho meus olhos fechados e sussurro:

— Johnny, eu não posso...

— Eu não vou a lugar nenhum — diz ele, apertando seu aperto em mim.

Eu tento novamente.

— Você não pode...

— Eu não vou a *lugar nenhum*, Shannon.

— Você não precisa...

— Estou com *você*. Você inteira. Cada parte. Boa e ruim. Vou ficar. Então, não esconda essa parte de mim.

Permaneço rígida por um longo momento. Isso não o perturba porque ele não deixa para lá. Ele apenas me segura, recusando-se a me deixar ir, recusando-se a me deixar sozinha.

E quando eu cedo? Quando eu finalmente desmorono? É nele. Eu desmorono. Eu absolutamente perco tudo ali na sala de estar de Johnny.

Eu não quero conversar.

Eu só quero *chorar*.

Johnny parece sentir porque não me faz nenhuma pergunta. Ele não diz uma palavra. Em vez disso, ele mantém seus braços em volta do meu corpo, me

segurando perto, enquanto minha vida desmorona ao meu redor.

47
Ajude ela
Johnny

Eu não consigo dormir. Meu cérebro está em alerta máximo e cada músculo do meu corpo está travado com a tensão. Toda vez que eu fecho os olhos e tento adormecer, sou bombardeado com imagens mentais de Shannon deitada naquela cama de hospital, espancada e ensanguentada.

Seu pai está por aí.

Ele está andando por aí como um homem livre.

Na porra de Ballylaggin entre todos os lugares.

Furioso, viro de lado e tento esvaziar minha mente, mas isso não acontece comigo. Sentindo-me perdido, jogo as cobertas do meu corpo, encolhendo-me quando Sookie resmunga em seu sono.

— Desculpe, querida — eu sussurro, atravessando o quarto na escuridão.

Saindo do meu quarto, acendo a luz do corredor e faço uma caminhada até o lado oposto da casa. Deve ter pelo menos uns nove anos desde a última vez que fui para dentro do quarto dos meus pais no meio da noite, mas é assim que me encontro – à uma hora da manhã, porra.

— Pai? — Eu sussurro, cutucando seu ombro enquanto eu me elevo sobre ele, me sentindo como uma aberração. — Pai?

— Johnny? — Sua voz está rouca e grogue de sono. — O que há de errado?

— Eu preciso falar com você — eu sussurro, olhando para a forma adormecida da minha mãe, e rezando para que ela continue dormindo. — É importante.

— Volte a dormir, filho — ele resmungou, rolando para o lado e apertando seu abraço em minha mãe. — O céu não está caindo, eu prometo.

Reviro os olhos para essa última parte. Maldito Chicken Licken[9].

— Pai, eu realmente preciso falar com você.

Levantando-se em seu cotovelo, ele olha para mim com uma expressão sonolenta.

— Sério?

Eu balanço a cabeça.

— Sério.

Bocejando alto, ele joga as cobertas e se levanta.

— Tudo bem, filho, coloque a chaleira para esquentar.

— Eu vou — eu sibilo, cobrindo meus olhos — quando você colocar algumas roupas.

Três horas e dois bules de café depois, ainda estamos na cozinha. Meu pai está curvado sobre o balcão em suas calças, tomando uma xícara de café, enquanto eu ando de um lado para o outro como alguém drogado.

— Tem que haver outra maneira de contornar isso — eu sibilo, coçando minha barriga nua. — Ele não pode simplesmente andar por aí impune depois de tudo o que ele os fez passar.

— A vara familiar é complicada, filho — papai responde. — Cada caso é diferente.

— Isso não é bom o suficiente... — Tirando o bule de café do balcão, eu me sirvo de outra xícara e a bebo em três goles. — Droga!

— Estou parando você — papai boceja, estendendo a mão e tirando o bule de mim. — Ou então eu nunca vou para a cama.

— Você deveria tê-la visto esta noite — eu continuo, andando e reclamando. — O rosto de Shannon quando seu irmão disse a ela que seu pai está livre. — Eu balanço minha cabeça. — Ela estava apavorada pra caralho, pai.

— Johnny — meu pai suspira. — Não há nada que você possa fazer.

— Mas há algo que você pode fazer, certo? — Eu retruco, me sentindo todo nervoso e cheio de energia. — Você não pode pegar o caso deles?

— Não funciona assim — ele responde com outro bocejo.

— Por que? — eu exijo. — Por que não funciona assim?

Papai exala cansado.

— Já lhe expliquei isso uma dezena de vezes; o DPP tomou a decisão de levá-lo a julgamento. Foi nomeado um advogado por meio de assistência jurídica e, além disso, a Sra. Lynch deixou muito claro que meus serviços não eram necessários – ou bem-vindos.

— Então ela é uma tola. — Eu rosno, aumentando meu ritmo. — Você é o melhor.

— Eu sou — ele concorda com um aceno sonolento. — Mas suas emoções estão obscurecendo seu julgamento.

— Ela é incompetente, isso sim. — Caminhando até a janela, descanso minhas mãos no parapeito e exalo um rosnado furioso. — A mulher é um peso e minha namorada não está segura naquela casa.

Eu me viro para encará-lo.

— Nenhuma das crianças estão seguras com ela, e especialmente não agora que ele está farejando por aí novamente.

— Eles têm assistentes sociais no caso — meu pai explica calmamente, enquanto caminha até a pia e esvazia o bule de café pelo ralo. — Isso significa visitas domiciliares e supervisão rigorosa.

— Isso não significa merda nenhuma, pai, e você sabe disso — eu retruco, frustrado. — Ela não está segura naquela casa.

— Então o que você quer que eu faça aqui, Johnny? — ele pergunta, enxaguando sua xícara e colocando-a no escorredor. — Todas as crianças Lynch foram interrogadas após o acidente de Shannon. Elas não teriam sido devolvidas aos cuidados de sua mãe sem uma investigação e, claro, questionadas sobre o tratamento de sua mãe. Obviamente, os assistentes sociais envolvidos encontraram algum mérito na capacidade da Sra. Lynch de criá-los.

— Eles sofreram lavagem cerebral — eu sibilo. — Você não entende? Eles estão apavorados de serem enviados para um orfanato e separados, então eles mentem e cobrem seus pais porque eles estão sob alguma crença fodida de que eles estão mais seguros onde estão!

— O que está acontecendo? — Minha mãe pergunta, parada na porta da cozinha com seu roupão branco enrolado em volta dela. — São quatro e meia da manhã. O que vocês estão fazendo acordados?

— Seu filho queria bater um papo — meu pai explica calmamente. — Nada para se preocupar. Volte para a cama, querida.

Mamãe arqueia uma sobrancelha com um olhar que diz ao meu pai "você realmente acha que eu estou comprando essa merda?", antes de entrar na cozinha e ir até a chaleira.

— Shannon está bem, amor?

Paro de andar e faço uma careta para minha mãe.

— Como você...

— Sei que essa conversa tarde da noite é sobre Shannon? — Minha completa com um sorriso conhecedor. — Porque eu conheço você.

Preparando uma xícara de café, ela se junta ao meu pai na ilha.

— Agora. — Tomando um gole de sua xícara, ela olha para meu pai. — Comece a falar, querido.

Com um suspiro resignado, meu pai começa a recapitular o que havíamos conversado, comigo interpondo com as partes que ele deixa de fora.

— E aí está, mãe — eu anuncio quando meu pai termina. — O horror absoluto que é o nosso sistema de justiça!

Tirando sua caneca de café do balcão, pego de volta e vou até a chaleira.

— O que eu devo fazer agora, hein? Dormir na minha cama quente e agradável e esperar um telefonema para me dizer que ela está de volta ao hospital... ou algo pior? — Balançando a cabeça, eu me sirvo de outra xícara de café, espirrando água por todo o balcão no processo. — Ela merece muito mais do que a vida que recebeu.

— Eu concordo — minha mãe diz em um tom de voz triste. — Todos eles merecem algo melhor.

— Então faça alguma coisa, mãe — eu imploro, me sentindo completamente perdido. — Porque eu vou enlouquecer se eu tiver que deixá-la em casa depois da escola todos os dias e esperar até eu chegar na escola no dia seguinte para ver se ela sobreviveu à noite!

Lágrimas enchem os olhos da minha mãe quando ela pergunta:

— E o irmão dela? Darren?

Frustrado, eu tomo um gole do meu café antes de responder.

— Ele não sabe nada sobre eles — eu digo. — Ele se foi há anos. Ele está focado no que é o melhor para sua mãe e não para as crianças. Joey não confia nele, e nem eu.

Mamãe e papai se entreolham então, e eu me sinto como se estivesse sendo deixado de fora de uma discussão privada que acontece sem palavras.

— O que estão pensando? — Eu pergunto, ansioso. — Você pode fazer algo?

Meu pai suspira pesadamente.

— O que você quer que façamos, filho?

— Eu quero que você coloque aquele bastardo atrás das grades — digo a ele. — Eu quero justiça para essas crianças. Eu quero justiça para minha namorada. Não é justo que ele consiga se livrar disso quando eles não podem. — Eu me viro para minha mãe. — Eles estão completamente fodidos, mãe. Ele os destruiu!

Ambos os meus pais ficam em silêncio por tanto tempo que desisto de eles me respondam.

— Esqueça — eu rosno, jogando meu copo na pia. — Eu não deveria ter me incomodado em tentar.

Indo em direção ao corredor, eu paro no meio do caminho quando minha mãe fala.

— Faremos o que pudermos, Johnny.

Eu me viro para olhar para eles.

— O que isso significa?

— Significa que faremos o que pudermos para ajudar — meu pai explica calmamente, descansando a mão em cima da de mamãe. — Agora, suba e tente dormir algumas horas antes da escola.

Sentindo-me desanimado, eu volto para o meu quarto no andar de cima com os ombros caídos e o estômago embrulhado. Os pássaros cantam lá fora quando volto para o meu quarto e me afundo na beirada da cama para olhar pela janela o céu escuro. Agarrando meu telefone do meu armário de cabeceira, eu o desbloqueio e percorro minhas mensagens, lendo e relendo cada mensagem que ela me enviou até que eu fico meio louco.

— Foda-se — eu murmuro para mim mesmo enquanto eu percorro na minha agenda telefônica e abro o contato dela. Eu estou com o dedo no botão para ligar quando meu telefone começa a vibrar na minha mão, sinalizando uma chamada recebida de Shannon.

Coração acelerado, clico em aceitar e coloco o telefone no ouvido.

— Shan?

— Oi, Johnny — sua voz vem abafada do outro lado da linha. — Eu acordei você?

— Não, eu estava acordado — eu respondo, exalando uma respiração trêmula. — Você está bem?

— Eu estou bem — ela sussurra e eu sinto meus ombros caírem de alívio. — Eu apenas...

— Você apenas o que, Shan?

— Eu queria ouvir sua voz — ela admite com voz rouca. — Isso é estranho?

— Bem, se for, então eu sou um esquisito também. — Deitado na minha cama, eu cruzo um braço atrás da minha cabeça. — Porque eu estava prestes a ligar para você.

Ela exala pesadamente no telefone.

— Sério?

— Sério — eu confirmo bruscamente — Eu estava pensando em você a noite toda.

— Eu também — ela responde. — Em você, quero dizer — ela se apressa para emendar. — Eu estava pensando em você a noite toda, não em mim.

— Eu sei o que você quis dizer — eu digo a ela, sorrindo para mim mesma com seu erro verbal fofo. — Você está se levantando agora? São apenas...

Esticando meu pescoço, eu verifico a hora no meu despertador antes de dizer:

— Quinze para as cinco.

— Eu pensei que você poderia estar indo para a academia — ela sussurra. — Eu estava... bem, eu ia te perguntar se eu poderia ir junto e esperar no carro?

Um fio de inquietação sobe pela minha espinha.

— O que está acontecendo, querida?

— Nada.

— Shan...

Ela solta um suspiro áspero.

— Eu estou assustada.

Me sento reto.

— Você quer que eu vá buscá-la agora?

— Não, não, não — ela se apressa a dizer, o tom abafado. — Não há nada de errado. Estou apenas nervosa.

Ela exala outra respiração trêmula antes de dizer:

— Você pode ficar no telefone comigo? Você não tem que falar. Eu só... eu me sinto melhor quando sei que você está perto.

Fechando meus olhos, eu caio de volta deitado e engulo um rosnado furioso.

— Claro — eu consigo dizer em vez disso, mantendo meu tom gentil. Ajeitando-me debaixo do meu edredom, sussurro: — Estou bem aqui, baby.

48
Pego
Shannon

Meu pai está fora da clínica de reabilitação há uma semana e eu estou tendo problemas para dormir. Toda vez que eu cochilo à noite, eu sou bombardeada com pesadelos tão assustadores que eu acordo e passo o resto da noite em um frenesi induzido pelo pânico, com o corpo em alerta máximo, esperando o som da chave girando na fechadura. Ainda não aconteceu, mas isso não significava que *não aconteceria*. Essa era a parte mais assustadora: saber que nosso futuro se equilibra em nosso pai obedecendo à ordem de restrição e nossa mãe mantendo a determinação. Eu não sou ingênua o suficiente para ter muita esperança em nenhum dos dois.

Forçando todos os pensamentos sobre meu pai para o fundo da minha mente, concentro-me no presente. No menino sentado na margem do campo gramado ao meu lado. Bloqueando o resto do mundo, concentro-me inteiramente no meu namorado.

É difícil para mim compreender por que um cara na posição de Johnny, com tudo a seu favor, tinha tão voluntariamente amarrado seu burro em mim. Mas ele amarrou. E cada dia que passou desde então se torna suportável porque eu o tenho.

Quando Joey e Darren estão brigando em casa, eu bloqueio.

Quando mamãe está catatônica na mesa da cozinha, eu passo reto.

Quando o medo de meu pai voltar ameaça me levar a um ataque de pânico, eu me distraio enviando uma mensagem de texto para ele com uma pergunta do dever de casa.

Descobri que posso fazer essas coisas agora, porque sei que tenho algo pelo que *ansiar*. Ele se tornou o lugar seguro onde eu posso baixar minhas defesas. Eu não estou focando na minha família o tempo todo. Eu não estou pensando no lado negativo porque eu tenho a melhor versão do lado positivo na forma do meu namorado. Esta casa se tornou uma parada temporária para mim. Não era mais a cela que eu passava a maior parte das minhas horas acordada presa dentro.

É um meio para um fim. Um lugar para deitar minha cabeça à noite. Porque de manhã, quando acordo, sei que algo *melhor* está esperando por mim.

Muito melhor.

Eu sei que parece patético, mas para mim, alguém que nunca teve ninguém além de Joey, é desconcertante. Pela primeira vez na minha vida, eu tenho alguém que é só para *mim.* Eu não tenho que compartilhá-lo com os meus irmãos ou com as minhas amigas. Eu não tenho que fazer concessões ou ficar checando. Ele é meu. *Só meu.*

Saboreio cada minuto que passo com ele na escola e, mesmo assim, nunca é suficiente. Os beijos não são suficientes. Andar de mãos dadas não é *suficiente*. As noites em que eu escapo de casa para dirigir seu carro com ele até o sol nascer também não são. Nada parece ser suficiente quando meu corpo e meu coração gritam continuamente por *mais.*

Todas as manhãs eu acordo para a escola, com esperança no coração, porque eu *sei* que irei vê-lo. Eu sei que assim que for 07h45 da manhã, Johnny Kavanagh parará do lado de fora da minha casa, depois de sua sessão na academia, e se sentará no muro do meu jardim, provocando mamãe e Darren, até que eu saia e entre em seu carro. Ele é como um relógio, tão rígido em sua rotina, e eu acho que é algo profundamente reconfortante. Quando Johnny lhe diz que ele estará lá, ele estará *lá*. Ele nunca se atrasa e nunca cancela.

Uma vez que eu entro no carro com ele, a melhor parte do meu dia começa. Pausas para o almoço, beijos roubados entre as aulas, embaçando as janelas de seu Audi... era *tudo* e nem um pouco o suficiente ao mesmo tempo.

Arrastando-me dos meus pensamentos, me viro para olhar para Johnny. Estamos sentados na encosta montanhosa depois da escola, aquela em que ele me derrubou meses atrás, assistindo o time treinar, e eu sei que ele está chateado. Ele ficou quieto o dia todo. Eu posso *sentir* isso. Todos os sorrisos do mundo não conseguem esconder isso. *Não de mim.* A semana passada também foi difícil para ele. Tommen havia perdido a final contra Levitt, e eu sei que ele sentiu essa perda profundamente em seus ossos enquanto assistia consternado do lado de fora. Enganchando meu braço no dele, eu descanso minha bochecha em seu ombro e sussurro:

— Você vai conseguir, Johnny.

— Não aposte nisso — ele responde calmamente, a mão movendo-se para sua coxa. — Eu não acho que isso vai acontecer comigo, Shan — ele acrescenta, a voz

pouco mais do que um sussurro, enquanto ajusta o curativo que eu sei que está preso em sua coxa por baixo da calça da escola. — Não neste verão.

— Eu aposto — eu respondo, deslizando minha mão pelo braço dele para conectar com o dele. — Eu sei disso.

Entrelaçando nossos dedos, dou um aperto reconfortante em sua mão.

— Você tem sua consulta com sua médica amanhã, certo?

Johnny assente, ombros caídos.

— Mas mesmo que ela me libere para jogar, não há tempo suficiente para conseguir isso de volta.

— Johnny, você não tem que conseguir nada de volta — eu insisto. — Você já é o *melhor*.

Soltando sua mão, eu torço meu corpo de lado para que eu esteja ajoelhada com meus joelhos tocando suas coxas, e recupero sua mão.

— Você pode ter apenas seis semanas para treinar e se preparar, ou o que quer que vocês façam... — Eu torço meu nariz ao pensar nele sendo esmagado em um campo antes de rapidamente sacudir a imagem horrível da minha cabeça e continuar — mas você já fez todo o trabalho duro. Você já impressionou os treinadores e está semanas adiantado em sua recuperação. Você fez por *merecer* isso. É *seu*.

Apertando sua mão, eu sorrio brilhantemente para ele.

— Você vai conseguir esse lugar no time e vai *brilhar*. Eu sei disso.

Seus lábios se inclinam para cima e ele arqueia uma sobrancelha.

— Ah, você sabe disso, é?

— Sim. — Eu balanço a cabeça em confirmação. — Eu sou muito sábia.

Rindo, ele acaricia minha bochecha com o polegar.

— Deus, você é tão adorável.

— Adorável? — Eu faço uma careta. — Sookie é adorável, Johnny. Eu deveria ser...

— *Ser...*? — ele brinca mergulhando seu rosto mais perto do meu. — O que você deveria ser, baby?

— Mais do que adorável — eu suspiro, perdendo o foco agora que seus lábios estão tão perto dos meus.

— Fofa? — ele ronrona, arrastando os dedos sob a bainha da minha saia da escola. — Linda? — Sorrindo, ele se inclina e roça seu nariz contra o meu. — Sexy?

Assentindo, eu exalo uma respiração trêmula.

— A última opção.

De repente, e sem aviso prévio, Johnny me beija com força e me puxa para cima dele. Jogando uma perna de cada lado de seus quadris, eu me acomodo em seu colo, nossos lábios nunca se separando enquanto nos beijamos quase violentamente. Seu colo não é um lugar macio para sentar; é o contrário, na verdade. Ele é esculpido da cabeça aos pés e é um teste doloroso para minha força de vontade *não* tocá-lo. Especialmente quando tudo dentro de mim exige que eu faça exatamente isso. *Tocar, acariciar e esfregar...*

Incapaz de me impedir, eu serpenteio uma mão em seu cabelo e puxo. Ele recompensa minha bravura com um pequeno impulso de seus quadris. Suas mãos estão em meus quadris, persuadindo e encorajando. Não parece importar para nenhum de nós que estávamos no terreno da escola com seus companheiros de equipe a poucos passos de distância em campo.

— Você é tão sexy, porra. — Sua voz é profunda e rouca e suas palavras me tiram o fôlego. — Você me deixa louco, Shannon *como o rio* — ele sussurra contra meus lábios, balançando meus quadris contra os dele. — Eu te quero tanto que não consigo mais pensar direito.

Um calafrio delicioso rola pela minha espinha e eu caio contra ele, a pressão no meu peito é demais para aguentar, suas palavras me levando mais adiante no caminho escuro e aterrorizante que eu estou com ele.

— Johnny?

— Sim, Shan?

— Não há ninguém na minha casa até às seis. — Com o coração acelerado, eu me inclino para trás para olhar em seus olhos. — Você quer vir?

Seus olhos escurecem e seu aperto na minha cintura aumenta.

— Agora?

— Agora — eu confirmo, sem fôlego.

— Eu deveria ter estacionado mais adiante na rua? — Johnny pergunta entre beijos enquanto tropeça para dentro do meu quarto com meu corpo enrolado no dele. — No caso de sua mãe ou Darren voltarem mais cedo?

Balançando a cabeça, estendo a mão e bato a porta do meu quarto antes de voltar para esmagar meus lábios contra os dele.

— Esqueça eles — eu encorajo, respirando com dificuldade, enquanto eu aperto minhas coxas contra sua cintura. — Desligue seu cérebro.

— Ah, porra — ele geme, andando pelo pequeno espaço da minha porta até a minha cama. — Você vai me matar, não é?

Suas canelas batem na base da cama e então estamos caindo no colchão com Johnny em cima de mim.

Me ajustando na minha pequena cama de solteiro, eu saio de debaixo de seu corpo grande e monto em seus quadris. Sentindo-me vitoriosa, pego suas mãos nas minhas e as prendo acima de sua cabeça, pressionando-as contra o colchão.

— Peguei você.

Rosnando, Johnny empurra seus quadris bruscamente, trocando as posições.

— Te peguei de volta — ele ronrona antes de reivindicar meus lábios com os dele. Eu posso sentir meu pulso bombeando em minhas veias enquanto meu sangue se transforma em lava e minha determinação se desintegra com cada golpe de sua língua.

— Ouça, eu não quero pressioná-la para nada que você não esteja pronta para fazer — ele diz contra meus lábios. — Tenho duas mãos e uma imaginação excelente... cheia de imagens suas. — Segurando meu rosto em suas mãos, ele se inclina para trás e olha para mim. — Eu posso *esperar*.

Olho para ele, sentindo mais neste momento do que em toda a minha vida. Eu posso sentir seu coração martelando contra seu peito como um pássaro engaiolado voando descontroladamente, combinando com o ritmo do meu. Incapaz de formar uma frase coerente, alcanço a bainha do meu suéter da escola e passo pela minha cabeça, levando minha gravata da escola com ela. Os olhos de Johnny escurecem enquanto eu me movo para minha blusa branca, desajeitadamente desabotoando os botões.

— Não... — ele começa a dizer, mas suas palavras se transformam em um rosnado de dor quando eu deixo minha blusa cair dos meus ombros. — Jesus — ele geme, seus olhos famintos vagando pelo meu corpo. Sua língua varre, traçando seu lábio inferior, enquanto seu olhar permanece cravado no meu corpo.

Minha respiração sai em um sopro alto e ofegante quando alcanço atrás das minhas costas e desabotoo meu sutiã, desejando que eu tenha sutiãs rendados como Claire e não de algodão simples.

— Porra — Johnny rosna, empurrando seus quadris. Sua respiração engata em sua garganta quando eu tiro meu sutiã e o jogo no chão do meu quarto. Eu

posso senti-lo endurecer debaixo de mim e a sensação envia um arrepio através de mim. — Você é tão linda.

Sentando-se comigo em seu colo, Johnny estende a mão atrás da cabeça, puxando rapidamente seu suéter da escola antes de jogá-lo no chão do meu quarto. Atando os dedos no meu cabelo, ele puxa meu rosto para o dele, me beijando forte e imprudentemente. Montando seus quadris com nada além de minha saia e calcinha da escola, eu balanço contra ele, combinando sua imprudência com uma febril selvageria minha.

Suas mãos se movem do meu cabelo para a frente de sua camisa para desabotoa-la, nunca tirando seus lábios dos meus enquanto trabalha. Eu alcanço atrás das minhas costas e abaixo o zíper da minha saia. Quebrando o beijo, desço da cama, tremendo da cabeça aos pés, e deixo minha saia cair no chão, sem tirar os olhos dos dele.

De pé em nada além de um par de calcinhas brancas de algodão, eu exalo uma respiração trêmula e sussurro:

— Oi, Johnny.

— Oi, Shannon — Johnny responde, a voz tensa, os olhos escuros e em chamas, enquanto ele encolhe os ombros ao retirar a camisa e joga-lá no chão. — Porra, o que você está fazendo comigo, baby?

Meu peito sobe e desce rapidamente quando subo de volta em seu colo.

— Eu te amo — ele diz bruscamente, roçando seus lábios contra os meus. Estremeço quando seus braços vem ao meu redor, o calor de sua pele queimando a minha. — Tanto, para caralho.

Sua mão se move para minha bunda, me puxando para mais perto por um longo momento induzido pelo vício, enquanto ele me balança em seu colo, esfregando nossos corpos juntos. Rosnando, Johnny aprofunda nosso beijo, mergulhando sua língua em minha boca enquanto ele se vira e me derruba de costas.

— Tão sexy. — Ele parece absolutamente dividido e um pouco esperançoso, enquanto se acomoda entre minhas pernas. — Tão linda. — Suas mãos percorrem toda a minha carne nua enquanto ele arrasta beijos pelo meu pescoço. — Você é tudo que eu quero.

Gemendo em encorajamento, inclino meus quadris para cima, gemendo sem fôlego quando seu corpo se alinha com o meu da forma humana mais primitiva, pressionando com força contra mim.

— Eu não deveria estar fazendo isso — ele sussurra, a boca pairando sobre meus seios. — É... — sua voz some quando ele puxa meu mamilo em sua boca e chupa.

— Johnny — eu ofego, atando minhas mãos em seu cabelo, enquanto ele me atormenta com deliciosos golpes de sua língua. — Não pare.

— Foda-se...

Soltando meu peito, ele se move de volta para os meus lábios e empurra com força contra mim, tão forte que a cabeceira da minha cama bate contra a parede.

— Merda — ele murmura, aninhando seu rosto na curva do meu pescoço. — Eu deveria parar — ele geme, mas suas ações provam o contrário enquanto ele continua a me tocar e me beijar e balançar seus quadris contra mim.

Não pare.

Eu não me importo.

Só não pare.

— Shh. — Agarro seus quadris e o puxo para mais perto, enquanto a necessidade dentro de mim floresce e queima. Eu quero que ele grude em mim mais profundamente neste colchão. Eu quero sentir cada centímetro dele em mim, dentro de mim, tudo nele dentro de mim. Eu quero *mais*. — Está bem.

— Não, não, não... — Johnny balança a cabeça e geme mais alto, se aproximando, aninhando-se mais fundo. — Eu não estou pensando claramente...

Sua mão se move para o meu quadril, me puxando para mais perto e apertando com força.

— Diga-me para ir embora.

— Não. — Com o coração acelerado, me arqueio contra ele. — Não vá.

— Porra — ele geme, enquanto seu grande corpo estremece sob meu toque. Ele exala uma respiração áspera contra o meu pescoço que faz minha pele explodir em arrepios. — É muito cedo...

Eu arrasto meus dedos trêmulos por seu estômago, não parando até chegar à fivela do cinto.

— Eu não me importo. — Deslizando meus dedos no cós de suas calças da escola, eu inalo uma respiração firme e puxo com força. — *Fique.*

Sua respiração é dura e irregular.

— O que você está fazendo? — ele pergunta, respirando com dificuldade, enquanto eu me atrapalho com a fivela de seu cinto. — Shannon, não podemos...

— Por favor? — Eu respiro, liberando a fivela do cinto e abrindo o botão de sua calça. — Quero você.

— Eu não tenho camisinha — ele geme na minha boca, os quadris empurrando descontroladamente. — Eu sinto muito.

— Camisinhas — eu gemo, empurrando meus quadris para cima de encontro com seus impulsos. — No quarto de Joey.

Invadir o quarto de Joey não era um comportamento incomum para mim, mas planejar roubar seu estoque de camisinhas é uma questão completamente diferente. Eu não tenho ideia do que estou pensando se estiver sendo sincera comigo mesma. Eu só queria ele. *Tanto.*

— Não... — Quebrando nosso beijo, Johnny balança a cabeça e olha para mim, os olhos quase pretos de desejo. — Não assim.

— Você não me quer? — Eu sussurro, sentindo meu coração afundar.

— Você sabe que eu quero você — ele ofega, pressionando sua testa na minha. — Eu *só* quero você.

— Então por que...

— Porque eu não vou tirar sua virgindade nesta casa, Shannon! — ele rosna, mandíbula apertada. — Por um impulso depois da escola, com a porra da camisinha do seu irmão.

Ele balança sua cabeça.

— Eu não vou fazer isso, baby.

— Eu não me importo, Johnny — eu insisto. — Honestamente.

— Bem, eu me importo — ele responde, se apoiando nos cotovelos. — Eu não vou fazer sexo com você e sair pela porta uma hora depois porque sua família estará em casa.

Gemendo, ele dá um beijo em meus lábios e sai de cima de mim.

— Você merece mais, e eu não vou fazer isso com você. — Com o peito arfando, ele caminha até a janela do meu quarto e se encosta no parapeito. — Quando dormirmos juntos, quero que *durmamos* juntos — Ele olha por cima do ombro, os olhos azuis brilhando. — A noite toda.

Empurrando para uma posição sentada, eu não faço nenhum som, muito ocupada me concentrando em tentar controlar o rápido sobe e desce do meu peito, enquanto suas palavras atravessam meu coração.

— Eu quero tornar isso algo bom para você — acrescenta, virando-se para me encarar. — E eu não posso fazer isso com um cronômetro.

— Oh — eu finalmente respiro, observando-o me observar. — O-ok.

— Isso não significa que eu não quero isso.

Exalando pesadamente, Johnny volta para a cama e afunda ao meu lado.

— Porque eu quero, Shannon — ele diz rispidamente, me puxando para seu colo. Alisando meu cabelo para trás, ele dá um beijo suave em meus lábios. — Eu só... eu preciso fazer o certo por você.

— Ok — eu sussurro, enterrando meu rosto em chamas na curva de seu pescoço.

— Você está com raiva de mim? — ele pergunta com a voz rouca, acariciando meu ombro nu com o nariz enquanto arrasta os dedos sobre minha coluna.

Eu balanço minha cabeça, mantendo meu rosto enterrado em seu pescoço.

— Não, eu não estou brava com você, Johnny.

— Não? — Ele dá um beijo no meu ombro. — Tem certeza?

— Positivo — eu sussurro, mantendo um aperto de morte em seu pescoço. — Eu só quero ter você.

Ele ri baixinho.

— Você tem.

— Você promete? — Eu murmuro, fechando meus olhos e apertando meu aperto em seu pobre pescoço.

— Eu prometo — ele responde bruscamente, pressionando outro beijo na minha clavícula. — Eu já sou seu.

— O que vamos fazer, Johnny? — Eu me atrevo a fazer a pergunta que vem me atormentando há semanas. — Quando você for convocado?

Johnny suspira pesadamente.

— Isso é um se, não um quando, Shannon, e um grande problema.

— Você vai ser convocado — eu solto, mordendo meu lábio nervosamente. — O que acontece quando você for?

— Eu não sei como isso vai acabar — ele finalmente responde.

— É assustador — eu admito em voz baixa. — Pensar em você indo embora em breve.

— Eu sei — ele me diz, a voz grossa. — É assustador para mim também.

— Sério? — Eu pergunto trêmula.

— Claro! Shannon, eu não quero deixar você — diz ele, apertando seu abraço em mim. — Mas se eu conseguir entrar no time, é apenas por um mês do verão e então estarei de volta para você.

Eu exalo uma respiração irregular, em pânico com o próprio pensamento de passar tanto tempo longe dele.

— Eu sei.

— Não fique triste — ele fala, envolvendo-me em seus braços. — Talvez nem aconteça.

Isso vai acontecer.

Johnny vai ir embora.

Assim como ele me avisou meses atrás...

— Eu te amo, Shannon *como o rio* — ele diz então, rompendo meus pensamentos deprimentes. — Só você.

Inclinando-se para que eu não tenha escolha a não ser levantar meu rosto e olhar para ele, ele sorri.

— Tipo uma quantidade louca do caralho.

— Eu também te amo — eu falo, a voz cheia de emoção, devolvendo suas palavras. — Tipo uma quantidade louca do caralho.

Pressionando um beijo gentil em meus lábios, Johnny se afasta e sussurra:

— Eu quero fazer você se sentir bem.

Meu coração bate descontroladamente.

— Você quer?

Ele assente lentamente, olhos azuis fixos nos meus.

— Eu posso?

Eu solto uma respiração irregular e balanço a cabeça fracamente.

— Sim.

Nos movendo para que eu fique embaixo dele com minhas pernas penduradas para fora da cama, ele pressiona a palma da mão contra meu estômago, me encorajando a deitar de volta.

— Eu quero provar você — ele me diz enquanto se ajoelha no chão do meu quarto e segura a ponta da minha calcinha. — Tudo bem?

O quê?

Oh Deus.

— Sim. — Assentindo ansiosamente, eu caio para trás contra o edredom, arqueando meus quadris para cima enquanto Johnny tira minha calcinha e separa minhas coxas.

Minha respiração fica irregular e desigual quando me levanto sobre os cotovelos para vê-lo, me sentindo envergonhada e curiosa.

Com as mãos nas minhas coxas, me abrindo, Johnny abaixa a cabeça e arrasta os lábios até o interior da minha coxa antes de mudar sua atenção para minha outra coxa.

— Você é perfeita — ele sussurra, os lábios roçando minhas áreas mais íntimas.

Sinto sua língua deslizar para fora, me tocando, me saboreando, e meus olhos rolam para trás na minha cabeça. Ele faz isso de novo, e depois de novo e de novo, até que eu estou ofegante e sem fôlego, resistindo loucamente contra seu rosto.

— Oh meu Deus... — Me contorcendo na cama, eu alcanço sua cabeça, cravando minhas unhas em seu couro cabeludo, enquanto ele continua a me atormentar com seus lábios, língua e dedos. — Johnny, eu vou...

— Shh, Shan — ele fala, arrastando meus quadris para a beirada da cama e colocando minhas pernas sobre seus ombros. — Estou apenas começando.

E então sua boca está de volta, a língua me provocando, os dedos mergulhando para dentro e para fora, fazendo com que minhas costas arqueiem para fora da cama.

— Oh merda... — Mordendo meu punho com força, eu puxo seu cabelo, delirando demais com as sensações para me controlar. — Eu não posso...

Meu corpo treme violentamente quando tremores de prazer ilícito me atingem.

— Oh Deus, eu preciso...

Toque, toque, toque...

— Shannon? — A voz de Darren enche meus ouvidos e eu quero *chorar*. — O que você está fazendo aí?

— Ah porra! — A cabeça de Johnny aparece entre minhas pernas, com os olhos arregalados e as bochechas coradas. — Seu irmão.

Não...

— Não pare — eu imploro, puxando seu cabelo. — Johnny, por favor...

— Shannon, se você não me responder, eu vou entrar — grita Darren.

— Não entre! — Grito a plenos pulmões quando Johnny se lança para a porta e gira a fechadura. — Estou me trocando.

Arrastando para minha calça de pijama debaixo do meu travesseiro, eu rapidamente a visto, os olhos fixos em Johnny que estava vasculhando a pilha de roupas descartadas para pegar as suas. Ele joga minha camisa para mim para eu me vestir antes de pegar a sua.

— Ele está aí, não é? — meu irmão exige do outro lado da porta enquanto desajeitadamente abotoa minha blusa. — Esse é o carro dele estacionado na rua?

— Merda — Johnny murmura enquanto veste a camisa. Deixando-a desabotoada, ele puxa seu suéter, apenas para retirá-lo quando percebe que era

meu suéter. — Eu sabia que deveria ter movido o carro.

— Abra a porta, Shannon — Darren exige, batendo forte. — Agora mesmo.

— Vai se foder — Johnny murmura, mostrando o dedo do meio para a porta do meu quarto. — Idiota.

Sufocando uma risadinha, eu corro para fora da cama e abro a janela do meu quarto.

— Você pode sair por aqui.

— Eu não posso pular — Johnny sussurra, apontando para sua virilha. — Meu pau.

Agora, eu rio – alto.

Johnny estreita os olhos.

— Não é engraçado, Shan. Acabou de voltar a *funcionar*.

— Ele vai te matar se você sair pela porta — eu sussurro de volta para ele.

Johnny revira os olhos.

— Eu estou tremendo de medo. — Sorrindo, ele acrescenta: — Você realmente se treme toda antes de você...

— Abra a maldita porta, Shannon — Darren ruge.

— Estou me vestindo, Darren! — Eu grito de volta para ele. — Deus!

Voltando-me para Johnny, murmuro:

— O que eu faço?

— Abra a porta — ele responde.

Eu balanço minha cabeça.

— De jeito nenhum.

Ele assente.

— Sim, de todo jeito.

— Johnny.

— Shannon.

— Shannon Maud Lynch, abra a porra da porta ou eu vou derrubá-la! — Darren grita.

Johnny arqueia uma sobrancelha.

— Seu nome do meio é *Maud*?

Encolhendo, eu assinto.

— Meus pais me odeiam.

Ele faz uma careta de simpatia.

— Ai.

— Vou derrubar esta porta em cinco, quatro, três, dois...

— Ok, ok, estou indo!

Convocando cada grama de bravura dentro de mim, eu inalo uma respiração firme, caminho até a porta e abro a fechadura.

— Apenas relaxe — eu sussurro para mim mesma enquanto abro a porta apenas o suficiente para colocar minha cabeça para fora. — Ei, Darren, o que foi?

— Mande-o embora — é a resposta concisa do meu irmão. — Agora.

— Quem? — Eu pergunto, me fazendo de boba.

— Seu namorado.

— Meu namorado?

O rosto de Darren fica roxo.

— *Shannon*, mande ele embora.

— Está tudo bem, Shan — Johnny diz enquanto gentilmente me puxa para longe da porta antes de sair. — Antes que você diga, já estou indo embora — diz ele a Darren. — E, não, eu não vou fazer isso de novo.

— Não tão rápido — meu irmão rosna, cruzando os braços sobre o peito. — Você está se protegendo com a minha irmã?

— Eu não estou falando sobre Shannon com você ou qualquer outra pessoa — Johnny responde com a mandíbula apertada.

— Oh, você pode apostar a sua bunda que você vai falar comigo — Darren rosna. — Eu sou o irmão dela.

— O irmão dela — Johnny concorda, cruzando os braços sobre o peito. — Não o maldito guardião dela.

— Darren — eu gaguejo. — Pare.

— Não me venha com *"Darren"* — ele retruca, olhando para mim. — Sua blusa está do avesso e abotoada de maneira errada, e você estava trancada em seu quarto... — ele gesticula rigidamente para Johnny — com ele parecendo o sonho molhado de toda adolescente.

— Oh, meu Deus — eu engasgo, mortificada. — Pare de falar.

— Você está usando proteção com ela? — ele continua, dirigindo sua pergunta para Johnny. — Você está se protegendo? Eu vou ter que me preocupar com ela voltando para casa com mais um no quadril?

— O que eu faço ou não com Shannon não é da sua conta — Johnny retruca, parecendo totalmente enfurecido. — Então, afaste-se.

— É problema meu se ela voltar para casa grávida...

— Não — Johnny retruca, interrompendo-o. — É problema *meu* se isso acontecer. Não é seu, ou qualquer outro membro da porra da sua família. É *meu*.

Voltando-se para mim, ele dá um beijo na minha bochecha e diz antes de sair do meu quarto:

— Tchau, Shannon.

— Tchau, Johnny — eu murmuro.

— Não me deixe te pegar no quarto da minha irmã novamente, Kavanagh — Darren grita atrás dele.

— Sim, sim — Johnny retruca, sem perder o ritmo. — Eu te ligo mais tarde, amor.

— Sim — eu suspiro, olhando para ele enquanto ele desaparece escada abaixo. — Ok.

— Se mamãe o tivesse pego aqui, isso teria terminado de maneira muito diferente — resmunga Darren quando a porta da frente se fecha.

Incapaz de tirar o sorriso do meu rosto, caminho até minha cama e me jogo com um suspiro satisfeito.

— Shannon? — Darren pressiona, encostado na porta do meu quarto. — Você está sequer me escutando?

— Não — eu respondo suavemente. — Eu realmente não estou.

— Jesus — ele murmura para si mesmo. — Você está em apuros, garota.

E eu não sei disso...

49
Sutiãs voadores
Johnny

— Quero falar com você, Jonathon Kavanagh — minha mãe anuncia, entrando no meu quarto com uma cesta de roupas dobradas nos braços. — Agora mesmo.

— Jesus Cristo, mãe! — Correndo para a toalha que eu tinha descartado quando saí do banheiro, eu enrolo-a na minha cintura e olho boquiaberto para a minha mãe. — Você já ouviu falar de bater?

— Eu sou sua mãe, Johnny. Eu abriguei você em meu corpo por nove meses, então não, eu não acredito que eu precise bater — ela retruca, imperturbável. — E pare de se mexer, está bem? Não há nada que você tenha debaixo dessa toalha que eu não lavei, limpei e apliquei talco.

Jesus Cristo....

— Agora. — Colocando a cesta na minha cama, ela se vira para me encarar, com as mãos nos quadris. — Há algo que você queira me dizer?

— Como o quê?

— Será melhor para você a longo prazo se você apenas confessar agora — ela me diz, os olhos estreitados.

Minha boca se abre.

Ela está falando sério?

Que porra eu fiz?

— Isso é sobre o treinamento? — Eu pergunto, confuso. — Porque você ouviu a Dra. Quirke. Estou autorizado a participar de sessões leves a partir desta semana.

Eu tinha sido liberado não por um, mas por *três* médicos diferentes na semana passada. Eu tinha passado por avaliações de condicionamento físico, teste de força, exames pélvicos e um monte de outras besteiras antes que eles finalmente me considerarem apto o suficiente para voltar ao campo.

— Não — minha mãe responde calmamente. — Tente novamente.

Eu faço uma careta.

— *Não* é sobre treinamento?

— Não.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Tem certeza?

— Sim.

Eu coço a parte de trás da minha cabeça.

— É sobre *rúgbi*?

— Última chance — minha mãe diz batendo o pé no chão. — Me deixe orgulhosa.

— Eu faria se soubesse o que devo dizer. — Eu solto, me sentindo nervoso.

— Bem, então — minha mãe diz naquele tom de voz que me causa arrepios na espinha. — Me permita te dar uma pequena dica.

Enfiando a mão no cesto de roupa suja, ela puxa um sutiã branco de algodão.

— Imagine a minha surpresa quando eu estava aspirando seu quarto ontem e encontrei *isso* debaixo da sua cama.

Ai merda...

Pendurando o sutiã de Shannon em seus dedos, mamãe arqueia uma sobrancelha.

— Se importa de explicar?

— Você acreditaria em mim se eu lhe dissesse que é meu? — Eu ofereço fracamente.

— Não é o seu tamanho — minha mãe rosna antes de bater em mim com o sutiã. — Na minha casa! — ela geme, me dando um tapa na cabeça com o sutiã de Shannon. — E então eu fui arrumar seu armário da cabeceira, e adivinhe o que encontrei na sua gaveta? — Ela dá outro golpe em mim com o sutiã. — Uma caixa de preservativos!

— *Fechada* porque eu não fiz nada... — Mergulhando no modo de controle de danos, eu aperto minha toalha e me abaixo ao redor dela. — Mãe, nós não fizemos sexo, eu juro por Deus!

— Eu estou tirando a fechadura da sua porta — ela avisa. — Eu falo sério, Johnny. Você não é confiável.

— Tudo bem — eu solto, recuando enquanto ela vem em minha direção. — Eu não preciso disso, porque eu não estou fazendo nada.

— Então por que o sutiã da sua namorada estava debaixo da sua cama? — Minha mãe exige. — Huh?

— Ela se trocou aqui depois da escola algumas semanas atrás — eu minto por entre os dentes. — Ela deve ter esquecido de colocá-lo em sua bolsa.

— É isso mesmo?

— Sim! Isso é verdade. — Fingindo mágoa e indignação, olho para minha mãe. — Jesus, mãe, eu não posso acreditar que você pensa tão pouco de mim.

Suspirando, acrescento:

— Eu sei que não sou perfeito, mas saber que minha própria mãe pensa isso sobre mim realmente dói.

Mamãe estreita os olhos.

— Não faça jogos mentais comigo, *Cérebro*. Eu ensinei tudo o que você sabe, seu filhote!

Porra.

— Olha, nós não fizemos sexo — eu digo calmamente, mantendo meus olhos em minha mãe, pedindo ao inferno que ela acredite em mim e solte seu aperto mortal no sutiã de Shannon. — Eu juro, mãe. Nós não fizemos.

Prendo a respiração e espero que ela faça seu próximo movimento.

— Eu só quero que você fique seguro — minha mãe finalmente diz com um suspiro pesado enquanto se afunda na beirada da minha cama. — Não, risque isso. Eu quero voltar no tempo para que você tenha dez anos novamente.

— Eu não tenho dez — eu respondo, me aproximando com cautela. — Eu faço dezoito no próximo mês.

— Ugh, não me lembre — ela lamenta, ombros caindo. — Os anos estão passando rápido demais.

— Vai ficar tudo bem, mãe — eu asseguro a ela, sem saber mais o que dizer. — Não fique chateada.

— Está tudo acontecendo agora — ela continua a choramingar. — Você voltou a treinar esta semana, e você tem uma namorada. Um dia desses, eu vou piscar e você vai embora. Vai para a França jogar rúgbi. E depois?

— Vamos lá, mãe — eu falo, sentando ao lado dela. — Eu nem sei se vou entrar para o time este ano.

— Eu sei que você vai — ela responde, descansando sua bochecha no meu braço. — E eu vou estar tão orgulhosa de você.

— Então por que você está triste?

— Porque você é meu bebê. — Ela suspira pesadamente. — E é difícil ver você voar do ninho.

— Eu não estou saindo de nenhum ninho — eu respondo. — Eu morreria sozinho.

— Johnny — mamãe adverte em um tom triste. — Estou falando sério.

— Eu também estou. — Envolvendo meu braço ao redor dela, eu dou um aperto em seu ombro. — Estou falando muito sério. Eu não duraria uma semana sem você.

Ela sorri.

— Você acha?

Eu balanço a cabeça.

— Eu sei.

Minha mãe fica em silêncio por um longo momento, antes de perguntar:

— Você está animado para hoje? — Enxugando os olhos, ela se vira para sorrir para mim. — Seu primeiro dia de volta ao campo?

— Aterrorizado — eu admito.

A preocupação brilha em seus olhos.

— Você não tem que voltar — ela se apressa a dizer. — Se você não estiver pronto, eu posso ligar para seus treinadores...

— Estou pronto — eu interrompo-a, dizendo. — Eu só estou preocupado.

— Sobre o quê, amor?

— Não ser o mesmo — eu murmuro. *Não ser bom o suficiente.*

— Você sabe como me sinto em relação ao rúgbi — minha mãe diz. — Eu nunca fiz disso um segredo, mas você deve saber que eu te apoio cento e cinquenta por cento. Eu sei que você é brilhante, amor, e eu sei que você será bem sucedido. Você é um jogador fenomenal, e você precisa se lembrar disso. Tudo bem ficar nervoso. Você teve alguns meses difíceis com sua cirurgia e recuperação, mas saiba que existem outros garotos por aí que *matariam* para jogar como você joga em seus piores dias.

— Você realmente acha isso?

— Estive do lado de fora vendo você jogar desde que você estava nas pequenas ligas em Blackrock — minha mãe responde. — E eu não perdi a conta do número de treinadores e outros pais que vinham até mim, me dizendo que meu filho estava destinado à camisa verde.

Sorrindo, ela acrescenta:

— Sempre tive orgulho de você, amor, e sempre soube que você é brilhante.

— Você nunca disse nada disso antes — eu medito, coçando minha mandíbula.

Minha mãe sorri.

— Porque eu ainda tenho esperança de que você vá jogar golfe em vez disso.

— Duvido, mãe. — Eu dou de ombros timidamente. — Desculpe.

— Bem, apenas mantenha seu cérebro seguro lá fora — ela murmura, levantando-se. — Não deixe nenhum desses brutamontes baterem na sua cabeça.

— Eu vou fazer o meu melhor — eu rio.

— E sem mais Shannon nua em seu quarto. — Ela acrescenta, me dando um olhar mordaz enquanto joga o sutiã no meu colo. — Para trocar de roupa ou qualquer outra coisa.

50

Vamos fazer alguns malditos bebês

Shannon

Johnny está de volta ao campo há pouco mais de uma semana e minha ansiedade ainda está nas alturas. Ele está treinando em tempo integral novamente, trabalhando seu corpo até a capacidade máxima. Foi aterrorizante assistir porque eu tenho um medo terrível de que ele se machuque, mas eu tenho que admitir que é diferente desta vez. *Ele* está diferente. Ele está falando agora e abordando sua dor, trabalhando com seus fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, médicos e treinadores, e seguindo todas as ordens estabelecidas.

Em pânico e nervosa, me sento nas arquibancadas do Ballylaggin RFC no sábado de manhã, os joelhos balançando, enquanto assisto com o coração na boca. Com um copo descartável cheio de chocolate quente cremoso, agarro-o entre meus dedos cobertos de luvas e sopro na borda, aproveitando o calor do vapor enquanto sobe e atinge minhas bochechas. Está chovendo forte o dia todo, e eu sou grata por estar sentada sob o toldo de plástico nas arquibancadas.

Como sempre, minha atenção está voltada para o garoto com a camisa 13. Ele tem um boné de tecido na cabeça com o logotipo do clube gravado na frente e um casaco preto de manga comprida por baixo da camisa de treino. Por baixo de seu short de treino preto, eu posso ver a bandagem de sustentação branca presa em sua coxa, e isso me faz sentir um pouco enjoada.

Eu o observo por mais tempo, alongando e correndo, seguindo ordens e completando os exercícios com facilidade e sem esforço.

Permita que ele consiga.

Por favor, Deus, deixe esse garoto fazer isso.

Ele merece.

Ele trabalhou por isso.

— É uma sessão de treinamento, Shan, não uma partida — Claire ri, me tirando dos meus pensamentos. — Se você continuar batendo palmas toda vez que ele pegar uma bola ou completar uma volta, os caras do time vão zoar ele.

— Oh. — Mortificada, eu acalmo minhas mãos e coloco-as sob minhas coxas, derrubando meu copo de papel vazio do banco no processo. — Eu não quero

envergonhá-lo. Estou apenas...

— Apaixonada? — Ela finge desmaiar e deixa cair a cabeça no meu ombro. — Eu sei.

— Orgulhosa — eu corrijo com as bochechas coradas. — Ele trabalhou tão duro para voltar a jogar.

— E olhe para ele jogando — Claire meditou, apontando para onde Johnny está voando pelo campo como uma bala, ultrapassando sua oposição com relativa facilidade. — Ele está pegando fogo hoje.

— Sim.

Eu caio de alívio quando Johnny dá um passo para o lado do menino grande e musculoso que vem direto para ele e joga a bola de volta para Feely, que corre direto para o gol. Todos eles batem uns contra os outros – Johnny inclusive – e eu gemo em minhas mãos.

— Deus! — Estendendo a mão, eu puxo meu gorro de lã sobre os olhos até que eles parem de se esmurrar. — Eu odeio esse esporte.

— Você é tão fofa. — Claire ri suavemente. — Então, como você saiu de casa?

Eu torço o nariz com a memória de mamãe gritando a plenos pulmões para eu ficar dentro ou meu pai me encontraria esta manhã quando Aoife se ofereceu para me deixar na casa de Claire. Se isso não bastasse, minha mãe me seguiu até o jardim da frente, chorando e berrando à vista dos vizinhos. Eu não sei o que ela esperava que eu fizesse; ficasse no meu quarto me tremendo? Eu não me sinto segura lá.

A verdade é que é mais provável que eu encontre meu pai sentado à mesa da nossa cozinha do que no clube de rúgbi. Além disso, eu queria apoiar Johnny. Isso é algo enorme para ele, e eu quero que ele saiba que eu estou aqui por ele – independentemente do que esteja acontecendo na minha vida em casa. Focar em Johnny mantém o pânico se debatendo dentro de mim. Estar aqui me dá a fuga que eu preciso. Eu sinto que tenho um propósito, como se houvesse uma razão para não me deitar e chorar no meu travesseiro. Como se houvesse uma razão para *lutar*.

Você consegue, eu sussurro mentalmente, concentrando toda a minha atenção nele, enquanto eu o olho do meu lugar. *Eu sei que você consegue.*

— Posso te contar um segredo? — Claire pergunta em um tom baixo, enganchando seu braço no meu. — Mas você não pode contar a ninguém.

— Claro — eu respondo, virando-me para encará-la. — E eu nunca contaria.

— Algo aconteceu com Gerard.

Meus olhos se arregalam.

— Quando você diz que *aconteceu*...?

Claire cora, mas não elabora.

Eu hesito, sem saber se devo pressionar por mais ou esperar que ela me diga em seu próprio tempo. Finalmente, eu decido:

— O que *aconteceu* entre vocês dois... — Faço uma pausa, tentando pensar direito — aconteceu recentemente?

— Mais ou menos — ela sussurra, mordendo o lábio inferior.

— Você está... *feliz* com isso?

Ela dá de ombros.

— Não sei.

— Você... se *arrepende*?

— Eu acho que ele sim — ela solta.

Franzindo o cenho, volto para o campo onde Gibsie está lançando olhares para Claire.

— Seja o que for que vocês fizeram, eu não acho que ele esteja se arrependendo, Claire — eu digo a ela, pegando Gibsie pela milionésima vez quando ele olha para onde estávamos sentadas. — Ele está te observando a manhã toda.

— Isso tudo é um grande jogo para ele — ela resmunga. — E eu vou perder.

— *O quê*? — Eu balanço minha cabeça. — Claire, vamos, não pense assim.

O som do apito do treinador corta o ar, sinalizando o fim do treino e pondo fim à nossa conversa.

— Não diga nada sobre isso quando ele vier — Claire sussurra enquanto Gibsie salta direto para nós, coberto de lama da cabeça aos pés. Sério, ele está tão sujo que você não consegue entender a cor do cabelo dele. — Por favor, Shan.

— Eu não vou — eu prometo, dando um sorriso brilhante enquanto ele se aproxima. — Oi, Gibs.

— Ei, Pequena Shannon — ele responde antes de voltar sua atenção para minha melhor amiga. — Claire-ursinha — ele ronrona com um sorriso diabólico. — Eu tenho algo para você.

As sobrancelhas de Claire se erguem em surpresa.

— Você tem?

— Uh-hum. — Assentindo, Gibsie se encosta na barreira que separa o campo das arquibancadas e chama ela com o dedo — Venha aqui e eu vou te mostrar.

Levantando seu assento, Claire se aproxima dele cautelosamente.

— É melhor você não estar planejando... oh meu Deus, Gerard, não! — ela gritou quando ele a arrasta sobre a barreira e a joga por cima do ombro. — Me coloque no chão.

— Você tem certeza que quer descer pelo meu corpo? — ele ri, manchando-a com lama de propósito enquanto a coloca de pé. — Eu sou um menino tão sujo.

— Seu idiota! — ela solta em meio a gargalhadas quando ele despeja uma enorme quantidade de grama enlameada que estava agarrada à sua coxa no cabelo dela. — Não é engraçado.

— Então por que você está rindo? — ele ri, esquivando-se de seu punho quando ela se solta e bate nele.

— Eu estava tentando atrair você para uma falsa sensação de segurança — ela retruca, correndo em direção a ele.

— Oi, Shannon — a voz de Johnny enche meus ouvidos e eu viro meu olhar para onde ele está encostado na barreira, sorrindo para mim. Instantaneamente, meu coração acelera descontroladamente no meu peito.

— Oi, Johnny.

Soltando um suspiro trêmulo, eu me levanto e me movo em direção a ele, apenas para hesitar.

— Você não vai fazer isso comigo, vai? — Eu pergunto, apontando para onde Claire e Gibsie estão tendo uma lutinha ao ar livre do campo. — Porque eu não gosto disso.

Johnny ri baixinho.

— Só se você não vier aqui e me dar um beijo.

Sorrindo, eu fecho o espaço entre nós e passo meus braços em volta do pescoço dele, pressionando um beijo em seus lábios.

— Oi.

— Oi. — Com um carinho terno em contraste com seu comportamento anterior em campo, Johnny pressiona sua testa na minha e se aninha. É um movimento tão primitivo e masculino que eu não posso fazer nada além de ficar ali e retribuir o carinho dominante. Exalando uma respiração pesada, ele dá um beijo no meu nariz e roça minha bochecha com o polegar. — Suas bochechas estão todas rosadas.

— E você está cheio de grama — eu sussurro, arrancando algumas de seu cabelo. — Como você está se sentindo?

— Eu me sinto bem, Shan — ele responde, com os olhos brilhantes e cheios de emoção. — Como eu estava jogando?

— Como uma grande, forte, brilhante estrela — eu disse a ele com orgulho. — De longe, você foi o melhor em campo.

Sorrindo, ele se inclina e beija minha bochecha. Foi um ato de carinho suave, doce e mais íntimo do que se ele enfiasse a língua na minha garganta.

— Vamos... — Enganchando-me debaixo dos braços, Johnny me ajuda a passar pela barreira antes de pegar minha mão. — Eu só preciso me trocar e podemos sair daqui.

— Eu pensei que você tinha academia? — Eu pergunto, caminhando ao lado dele. — Eu ia para casa com Claire.

— Eu já fui — ele explica, enganchando um braço em volta da minha cintura para me levantar sobre uma poça gigante de lama.

Minhas sobrancelhas franzem.

— Mas são apenas três e meia.

— Deus ajuda quem cedo madruga, Shan — ele retruca. — Estou acordado desde as cinco.

Uau.

— E eles dizem que o cavalheirismo está morto — Johnny disse em um tom de voz divertido, com os olhos fixos em Gibsie que havia vencido a briga com Claire e está sentado em cima dela, batendo os punhos contra o peito em vitória. Ambos estão cobertos de lama e o lindo casaco branco de Claire está marrom para combinar com seu cabelo castanho todo lamacento. — Gibs, saia de cima dela, seu idiota!

— Não há nada de cavalheiresco nele, Johnny — Claire rosna antes de dar um soco no estômago de Gibsie com os punhos. — Tome isso, seu grande bundão!

Rolando de costas de forma dramática, Gibsie agarra seu estômago e se contorce na grama, rindo para caramba.

— *Bundão.*

Claire toma isso como sua oportunidade de contra-atacar. Ignorando todos os outros garotos que estão assobiando e fazendo comentários sugestivos quando eles deixam o campo, Claire fica de quatro e se lança para Gibsie.

— Continue rindo — ela rosna enquanto monta em seu peito. — Mas você vai cair.

— Em você? — Ele retruca, balançando as sobrancelhas. — Sim, por favor.

— Gerard!

— Claire — ele ronrona. — Co...

Ela dá um tapa na boca dele.

— Não se *atreva* a terminar essa frase — ela sussurra, inclinando-se para perto de seu rosto. — E pare de lamber minha mão.

— Você.. est.... e... oh... posi... sua... bocet... pau...— Gibsie responde, mas sua resposta é abafada pela mão que Claire tem sobre sua boca. — Mmmm...

— Pare! — ela ri, balançando ao redor quando as mãos dele disparam para fazer cócegas em suas laterais. — Gerard, eu não posso...

— Claire! — Hughie late, correndo em nossa direção com Feely a reboque. — Que diabos está fazendo?

Estreitando os olhos, ele rosna:

— Saia da minha irmã, filho da puta!

— Ah, ótimo, a vida e a alma da festa estão aqui — Claire geme, tirando a mão da boca de Gibsie. — Estou apenas matando seu amigo, Hugh, relaxe.

— E sua irmã está em cima de *mim* — Gibsie acrescenta com um sorriso de lobo.

O rosto de Hughie fica com um tom escuro de roxo.

— Gibs, eu juro por Deus, se você não deixá-la em paz, eu vou te bater. — Ele dá um passo ameaçador em direção a eles. — Eu não estou brincando mais...

— Ok — Feely interrompe calmamente enquanto se coloca na frente de Hughie. — Eles estão apenas brincando, cara. Apenas relaxe.

— *Ela* está brincando — Hughie balbucia, olhando Gibsie com os olhos. — *Ele* tem um motivo oculto.

Johnny geme ao meu lado.

— Isso vai acabar em lágrimas — anuncia ele, esfregando o queixo.

— O que? — faço uma careta para ele. — Claire e Gibs?

Johnny assente.

— Eu posso ver isso chegando a quilômetros de distância.

— Acalme-se, Hughie — Claire bufa, ficando de pé. — Você está fazendo um grande negócio disso do nada.

Pisando propositalmente na barriga de Gibsie enquanto ela se levanta, ela caminha na direção do estacionamento.

— Como sempre!

— Gibson! Kavanagh! — o treinador ruge do outro lado do campo. — Sem namoradas no treino! Esta não é uma porra de uma discoteca.

— Ela é minha irmã, não a namorada dele — Hughie ruge de volta. — Não insulte a inteligência dela.

— Ainda — Gibsie oferece com uma risadinha.

— Nunca — Hughie retruca, furioso, enquanto se afasta na direção do clube.

— Vamos ver — Gibsie grita atrás dele, ganhando um dedo do meio de Hughie.

— Eu chamaria isso de uma tempestade de merda em proporções épicas — Feely medita. — Mantenha isso com a irmã dele, e eu prevejo tempos confusos chegando para você.

— Sim, bem, enquanto as condições estiverem molhadas, eu serei um homem feliz — Gibsie oferece com uma piscadela.

— Uau — Johnny balança a cabeça. — Isso foi ainda mais nojento do que o normal, cara.

— Sim, eu percebi ao falar em voz alta — Gibsie responde, franzindo a testa por um breve momento antes de sorrir timidamente para ele. — Para ser justo, soou muito melhor na minha cabeça.

— Talvez algumas coisas devam ficar na sua cabeça, Gibs — Johnny oferece.

— Vamos lá, seu grande idiota — Feely diz, estendendo a mão para Gibsie que ainda está esparramado na grama. — Vamos antes que você se meta em mais problemas.

— Você sabe que não posso evitar, cara — Gibsie ri enquanto se levanta e sai do campo com Feely. — Problemas me seguem.

— O treino acabou, Kavanagh — late o treinador. — E nenhuma namorada no treino da próxima semana!

Parecendo um pouco chateado, Johnny coça a nuca e grita de volta:

— Tudo bem, treinador. — Voltando-se para mim, ele segura meu cotovelo em sua mão e se inclina. — Eu só preciso me trocar. — Ele roça seus lábios contra os meus. — Então vamos sair daqui, ok?

Solto um suspiro trêmulo e assinto.

— Ok.

— Eu já volto — ele sussurra, dando um aperto rápido na minha bunda antes de me soltar, com o sorriso firmemente intacto, nunca tirando seus olhos azuis de mim enquanto ele lentamente se afasta.

Juro que sinto o calor de seu olhar em meus ossos muito depois que ele desaparece de vista.

— Você tem certeza que está tudo bem? — Pergunto a Johnny quando estacionamos nos fundos de sua casa meia hora depois. Ele tinha acabado de tomar banho, vestindo roupas limpas e cheirava absolutamente delicioso ao meu lado. — Seus pais não vão se importar que eu esteja aqui?

Acrescento, olhando cautelosamente para o Range Rover preto ao lado do qual ele estava estacionando seu Audi.

— Você tem certeza?

— Relaxe, Shan, eles nem estão aqui — responde Johnny, desligando o motor. — Eles reservaram uma noite em Killarney para esta noite. Eles devem ter levado o carro do meu pai.

Excitação borbulha para a vida dentro de mim.

— Eles levaram?

— Estamos sozinhos. — Desapertando o cinto de segurança, ele se vira para sorrir para mim, as covinhas se aprofundando em suas bochechas. — O que vamos fazer?

Com os dedos trêmulos, solto o cinto de segurança e subo nos assentos, não parando até estar sentada em seu colo.

— E quanto aos outros? — Eu sussurro, pressionando minha testa na dele, enquanto penso em Claire e Gibsie. — Eles estão nos seguindo até aqui do campo.

— Eles podem esperar — ele rosna, apertando as mãos em meus quadris. — Eu realmente não dou a mínima.

— Então o que você quer fazer? — Eu respiro, sentindo-o endurecer debaixo de mim.

— Apenas ficar com você — Johnny responde bruscamente, pressionando um beijo no canto da minha boca. — Passar algum tempo sozinho.

Eu caio contra ele.

— Eu também.

— Você quer subir para o meu quarto? — ele pergunta, os lábios movendo-se para o meu pescoço.

— Sim. — Eu balanço a cabeça e aperto meu aperto em seus ombros. — Muito.

Gemendo em meu pescoço, Johnny aperta meus quadris e se afasta, os olhos ardendo de calor.

— Vamos lá.

Animada, abro a porta do motorista e saio correndo e observo Johnny descer atrás de mim. Meu coração está batendo no meu peito quando ele pega minha mão e me puxa atrás dele para destrancar a porta dos fundos.

— Você tem certeza disso? — ele pergunta, parecendo animado.

Assentindo, estendo a mão e arrasto seu rosto para o meu.

— Ah, porra — Suas mãos caem para minha bunda e ele me levanta. Envolvendo minhas pernas ao redor de sua cintura, eu seguro seus ombros e o beijo de volta enquanto tropeçamos no utilitário, sem fôlego e rindo.

— *Mmmm.*

Nós dois congelamos e nos encaramos.

— *Mmmm, é isso.*

Nossos olhos se arregalam em uníssono.

— *Você sabe como eu gosto...*

— Aquele babaca chegou aqui antes de nós — Johnny sibila, enquanto ele caminha em direção à porta da cozinha comigo ainda enrolada em torno dele como hera. — Gibsie — ele rosna, abrindo a porta. — Eu juro por Cristo se você trouxe alguma garota para cá... oh porra, Jesus! — Ele ruge girando, apenas para me dar uma visão perfeita de seus pais. — O que vocês estão *fazendo*? — ele engasga, horrorizado. — Suas aberrações!

A Sra. Kavanagh está sentada no balcão da ilha e o Sr. Kavanagh estava de pé entre as pernas dela.

Nu.

— Oh, Johnny, amor, você chegou em casa cedo — responde sua mãe.

— Mãe! — Johnny sibila enquanto me coloca de pé. — O que você está... oh Jesus, o que diabos você está deixando ele fazer com você? — Agarrando seu estômago, ele fica boquiaberto. — Eu vou ficar doente.

— Olá, Shannon, amor.

— Oi, oi? — Eu solto, corando furiosamente.

— Cubra sua bunda, pai— Johnny rugiu. — Minha namorada está no recinto!

— Desculpe, Shannon.

— Está tudo bem.

— Não, não está — Johnny corrige. — Nada sobre nada disso está bem.

O Sr. Kavanagh se move para pegar suas roupas do chão e Johnny solta um grito demente.

— Não se abaixe porra — ele engasga. — Eu não quero ver isso. — Johnny cobre meus olhos com a mão e me puxa para seu peito. — Não olhe, Shan. Honestamente, baby, mantenha seus olhos fechados. Estou com cicatrizes para o resto da vida.

— Relaxe, Johnny — Sr. Kavanagh responde em um tom de voz divertido.

— *Relaxe*? — Johnny gagueja, tirando a mão dos meus olhos. — Você está falando sério agora? Eu como a porra do meu *jantar* nesse balcão... não mais, aparentemente. Não, eu nunca vou comer nesta maldita cozinha novamente.

Balançando a cabeça, ele empurra as mãos pelo cabelo, parecendo verdadeiramente chocado.

— E você teve a audácia de me dar um sermão sobre um sutiã. Vocês dois são uma vergonha. — Indo até seus pais, ele pega suas roupas do chão e as joga neles. — Vocês são uma vergonha, e eu tenho vergonha de vocês dois!

— Você deveria estar na academia — Sr. Kavanagh responde calmamente, colocando sua camiseta sobre a cabeça de sua esposa. — Você sempre vai à academia no sábado.

Ele sorri para seu filho e isso só pareceu empurrá-lo ao limite.

— E vocês deveriam estar em *Killarney* — Johnny ruge de volta.

— Nós estamos indo em breve — seu pai responde. — Ficamos um pouco distraídos.

— *Distraídos* — Johnny zomba. Estreitando os olhos, ele aponta um dedo para seus pais. — Esse é o tipo de coisa que você faz quando eu não estou por perto? Sobe na minha mãe na cozinha? Hein? Onde mais vocês fizeram? Jesus Cristo, me diga que vocês não brincaram no meu quarto!

— Johnny, amor — Sra. Kavanagh intervém. — Se acalme.

— Não, eu não vou me acalmar, mãe. Estou *traumatizado*! — Estremecendo, ele passa a mão pelo cabelo e encara seus pais. — Você deixou ele fazer isso com você... Jesus, vocês dois acabaram de arruinar minha vida!

— Ei, está tudo bem — eu sussurro, deslizando minha mão na dele. — É, uh, meio normal?

— *Normal*? — Johnny gagueja, me olhando com indignação desenfreada. — Shan, não há nada de normal nesses dois... dois... *velhotes!*

Eu rio na cara dele. Eu me sinto mal, mas honestamente não consigo evitar.

— Isso é *engraçado* para você? — Johnny acusa calorosamente. — Você deveria estar do meu lado aqui, baby!

— Eu estou — eu concordo, segurando sua mão com as minhas. — Estou sempre do seu lado.

— Sexo é uma coisa linda, amor...

— Não se *atreva* a começar essa merda comigo ou eu vou embora — avisa Johnny, movendo o olhar em sua mãe. — Estou falando sério. Vou me mudar.

— E para onde você vai?

— A porra da casinha do cachorro seria melhor do que ficar aqui com vocês dois — ele rosna.

— Não seja tão dramático, Johnny — Sr. Kavanagh ri. — Você está exagerando.

— A garagem... eu vou convertê-la — Johnny lati, ainda forte. — Vou levar minha namorada para morar comigo e depois transar com ela para garantir. Em voz alta. Repetidamente. Na verdade, nós dois vamos largar a escola para podermos foder o dia todo. Porque, *aparentemente,* esse é o normal por aqui!

Furioso, ele acena com a mão na frente de si mesmo.

— Você gostaria disso? E eu não vou usar camisinha. Vou engravidá-la. Que tal alguns netos? Parece bom? Shannon e eu nos tornaremos outra estatística, e vocês terão ninguém para culpar além de si mesmos por me traumatizar!

— Oh, você está tão de castigo — Sra. Kavanagh diz a ele, ainda sorrindo, ainda seminua.

— Você não me ouviu? — Johnny exigiu. — Estou prestes a sair para a garagem e engravidar Shannon. Pense nisso.

— Você é muito esperto para ser estúpido, Jonathon — seu pai retruca.

— Sim? Bem, vamos ver sobre isso. — Agarrando minha mão, Johnny me arrasta pelo corredor. — Vamos, Shan. Vamos fazer alguns malditos bebês.

— A garagem fica do lado de fora, filho — o Sr. Kavanagh ri.

— Não fale comigo — Johnny engasga, acelerando o passo.

— Mantenha a porta do seu quarto aberta, Jonathon — a Sra. Kavanagh grita atrás de nós.

— Foda-se, vocês dois — ele ruge, me puxando escada acima. — E coloquem algumas roupas. Meus amigos estão a caminho.

— Uh, eu não quero fazer nenhum bebê hoje, Johnny — eu murmuro, correndo os degraus atrás dele.

— Nem eu, Shan — ele murmura, me levando até o seu quarto. — E eu não poderia nem se eu quisesse porque se *foi.*

Mordendo o lábio para me impedir de rir, corro atrás dele. Espreitando em seu quarto como um homem em uma missão, Johnny estremece e murmura baixinho.

— Filhos da puta — ele continua a rosnar enquanto anda de um lado para o outro. Alcançando atrás de sua cabeça, ele puxa o moletom sobre a cabeça e o joga no chão. Rolando os ombros para relaxá-los, ele continua a andar de um lado para o outro no chão do quarto, torcendo o pescoço de um lado para o outro enquanto anda. Ele está grudado em sua camiseta azul, seu peito largo e ombros preenchendo o tecido melhor do que qualquer homem adulto conseguiria — Estou arruinado.

Decidindo deixá-lo com seu discurso, eu cautelosamente passo por ele e caminho até sua televisão, ligando-a. Agarrando os dois controles do console, afundo em um dos pufes e ligo o jogo.

— Eu não vou jogar — Johnny declara, o tom ainda misturado com indignação. — Meu orgulho não pode levar outro golpe depois *disso.*

— Vamos — eu respondo, sufocando uma risadinha. — Vai distraí-lo.

— Duvido — Resmungando para si mesmo, ele cai no pufe ao meu lado e dá um beijo na minha bochecha. — Duvido pra caralho.

— Cara... — a porta do quarto voa para dentro e Gibsie entra correndo no quarto, sem fôlego e sorrindo como um cachorrinho bobo. — Eu acho que seu pai acabou de dar um trato na sua mãe na cozinha.

Com os olhos arregalados de excitação, ele acrescenta:

— Eles estavam se vestindo quando entramos.

— Ai Jesus. — Gemendo, Johnny joga o controle para o lado e se vira no que parece ser uma dor física. Cobrindo o rosto com as mãos, ele sussurra: — Puta que pariu.

— Oh meu Deus! Seu pai é tão gostoso, Johnny — Claire se emociona, entrando no quarto atrás de Gibsie. Ela estava recém-trocada no que parecia ser uma roupa de menino, mas pelo menos a lama tinha sumido e seu cabelo estava de volta à sua glória loira. — Você o viu, Shan? Que bonitão.

— Deixe-me morrer, baby — Johnny engasga, deixando cair a cabeça no meu colo. — Sério, apenas me mate agora.

— Shh. — Eu sufoco outra risada enquanto passo meus dedos pelo seu cabelo. — Você estará melhor antes de se casar pela 2ª vez.

— Eu só vou fazer isso uma vez — ele bufa, envolvendo seus braços em volta da minha cintura. — Então eu nunca vou ficar melhor.

— Não se sinta mal, Johnny — Claire diz, se jogando na cama dele como se ela fosse a dona dela. — Seus pais são ambos gostosos, e pessoas gostosas tendem a fazer sexo gostoso uma com a outra.

— Uau, Claire, muito obrigado pela visão — Johnny brinca. — Eu me sinto muito melhor agora.

— De nada — ela gorjeia, vasculhando uma pilha de revistas e papéis em sua cômoda.

— Sim, não se preocupe com isso, cara — Gibsie ri, se esparramando na cama ao lado de Claire. — Seu pai é uma lenda.

— Porra — Johnny rosna.

— Aww — Claire exclama, segurando um jornal para eu ver. — Olhe para vocês dois.

Meu olhar pousa na enorme página dupla de vários meses atrás, quando Tommen ganhou do School Boy's Shield. Na foto, Johnny estava com o braço em volta de mim e eu estava sorrindo como uma maníaca para a câmera.

— Você deveria ter isso na sua parede da fama — afirma ela, dando a Johnny um olhar mordaz, enquanto ela salta da cama com o jornal na mão. — É ridículo que você não tenha uma foto de sua namorada aqui.

— Estou meio que no meio de uma crise pessoal aqui — Johnny resmunga, acariciando minha barriga com o nariz. — Eu não tive tempo para redecorar.

— Bem, eu posso fazer isso por você.

— Claire — eu aviso, sentindo minhas bochechas ficarem quentes. — Não importa.

— Claro que importa — ela responde, cuidadosamente rasgando a página. — Você é um bebê — acrescenta ela, de pé na frente da mesa de Johnny, examinando a placa de cortiça pendurada sobre ela. — Agora, qual de vocês está perdendo a tachinha?

Ela faz um som de clique com a língua antes de pegar uma foto do quadro.

— Desculpe, BOD, sua jóia de homem — ela medita, dando um beijo na fotografia em sua mão. — Mas eu preciso do seu lugar.

— Claire...

— Deixe-a fazer isso — Johnny interrompeu. — Eu pretendia pendurar isso há muito tempo de qualquer maneira.

— Vocês querem sair daqui? — Gibsie pergunta então. — Estou entediado.

— Você está sempre entediado — retruca Johnny.

— Porque você é chato — Gibsie rebate.

— Se eu sou chato, vá para casa e encontre outra pessoa para atormentar — resmunga Johnny.

— Eu não posso — Gibsie medita. — Você pode ser um filho da puta chato, mas eu gosto muito de você, e eu sempre sinto muito a sua falta quando estamos separados.

— Jesus... — Resmungando para si mesmo, Johnny rola de costas e diz: — Tudo bem. O que você quer fazer, Gibs?

— Eu não sei, Johnny — Gibsie responde, sorrindo. — O que você quer fazer?

— Eu quero voltar no tempo e *não* ver meu pai transando com minha mãe no maldito balcão — Johnny retruca, levantando-se nos cotovelos para encarar seu amigo. — Mas já que eu não aperfeiçoei a arte de viajar no tempo, vou jogar água sanitária nos meus olhos. Parece divertido?

— Só se eu tiver a experiência completa de ver sua mãe nua também — Gibsie retruca. — Embora, o próprio Deus não poderia me fazer apagar a imagem mental de sua mãe...

— Saia do meu quarto — Johnny rosna, fazendo Gibsie rolar na cama rindo.

— Por que não vamos para a cidade? — Claire oferece, enquanto reorganiza todo o mural de fotos e autógrafos de Johnny. — Podemos comer alguma coisa primeiro e ir ao cinema depois?

Arrastando a cadeira da escrivaninha até a parede, ela sobe nela e pega as fotos das mulheres nuas pregadas nas paredes do quarto dele.

— Ah, e eu estou confiscando isso, seu pervertido — ela diz a ele. — Apenas avisando.

— Vá em frente — responde Johnny, claramente nada afetado, quando ele caiu de volta para descansar a cabeça nas minhas coxas. — O que você acha, Shan? — ele pergunta, olhando para mim de seu lugar em meu colo. — Você quer ir?

— Uh... — Envergonhada, eu olho ao redor da sala sem foco antes de me inclinar perto de seu ouvido e sussurrar — Eu não tenho dinheiro.

— Eu tenho — Johnny sussurra de volta, segurando minha cabeça no lugar com a mão. — E eu estou pagando.

Pressionando um beijo em meus lábios, ele acrescenta:

— Então não pense demais nisso.

— Tem certeza? — Eu pergunto, me sentindo envergonhada.

— Sempre tenho certeza — responde ele. — Pare de se preocupar.

— Se vamos, você vai ter que se desvencilhar da Pequena Shannon e dirigir — Gibsie interrompeu. — Porque eu não estou confortável com as rotatórias ainda.

— Sim. — Suspirando pesadamente, Johnny solta meu rosto e se levanta. — Provavelmente será mais seguro se eu dirigir. — Alcançando minha mão, ele me levanta. — Pelo menos chegaremos lá inteiros.

— Eu não matei você ainda, matei? — Gibsie bufa.

Johnny arqueia uma sobrancelha.

— *No entanto,* seria a mais apropriado, cara.

— Agora você está apenas sendo ingrato — Gibsie rebate. — Eu te dei carona por aí por semanas quando você quebrou seu pau – e eu te mantive vivo!

— Muito obrigado por dirigir para eu e meu pau quebrado por aí e nos manter vivos, Gerard — Johnny diz, revirando os olhos. — Como eu posso retribuir você?

— De nada, Jonathon — Gibsie responde com um sorriso. — E você pode me retribuir não ejaculando em mim novamente.

— O quê? — Claire e eu falamos e rimos em uníssono.

Johnny estreita os olhos.

— Você está tão morto, porra.

— É uma longa história, meninas — Gibsie ri, indo para a porta. — Conto tudo a vocês no carro.

51
Manequins e filmes
Johnny

Eu vou matar meu melhor amigo, e depois de suportar sete anos de suas travessuras, eu tenho certeza de que não há um júri no país que me condenaria. Não depois de sua última façanha.

— Saia da vitrine antes que as garotas voltem do banheiro — eu rosno pela quinta vez.

Não adianta, no entanto. Minhas palavras estão entrando por um ouvido e saindo pelo outro. Gibsie nem pisca em resposta enquanto está parado, imóvel como uma estátua na vitrine da loja de departamentos do shopping Mahon Point, a Debenhams, com as mãos nos quadris em uma pose de Super-Homem, jeans abaixados até os tornozelos e uma cabeça sem rosto de uma manequim seminua posicionada contra seu pau.

— Há crianças ao redor — eu assobio quando uma senhora com dois filhos pequenos me dá um olhar de reprovação enquanto passa apressada. — Vamos, cara — eu imploro, vendo Shannon e Claire vindo em nossa direção. — Apenas saia daí e eu vou te comprar um combo.

— Eu quero o combo extra-grande, *com* chocolate Minstrels — afirma antes de ficar imóvel mais uma vez.

— Tudo bem — eu concordo, nervoso, acenando de volta para Shannon. — Sem problemas, apenas saia da vitrine antes que a segurança te pegue.

Sorrindo amplamente, Gibsie puxa sua calça jeans para cima e sai da vitrine, rindo para si mesmo.

— Cara, é tão fácil te irritar.

— Apenas saia da loja — eu rosno, reprimindo a vontade de estrangulá-lo.

— O que vocês dois estão fazendo? — Claire pergunta, nos olhando desconfiada. — Vocês estavam fazendo compras?

— Talvez — Gibsie provoca. — Você quer que eu tenha feito compras?

— Definitivamente não — eu murmuro, indo direto para minha namorada, grato por tê-la aqui para não ter que sentar ao lado daquele babaca durante um filme inteiro. — Você está pronta?

— Sim. — Sorrindo brilhantemente, Shannon assente e se aconchega ao meu lado. — Estou pronta quando você estiver.

Colocando um braço sobre seu ombro, entramos no saguão do complexo de cinema para ficar na fila para nossos ingressos.

Eu vim ao cinema inúmeras vezes com Gibsie e Claire ao longo dos anos, e estou mais que preparado para a discussão que se segue quando faço a temida pergunta:

— O que vamos assistir? — É a mesma briga que eles tem antes de cada maldito filme. Como um velho casal, eles discutem bem ali na frente da bilheteria.

— Você está errado, Gerard — Claire rosna, cruzando os braços sobre o peito. — Estou lhe dizendo, precisamos ir ver *Muito Bem Acompanhada*.

— Eu não estou ouvindo você — ele retruca, olhando de volta para ela. — Não depois da furada de *Diário de uma Paixão*.

— Esse foi um *ótimo* filme — ela solta, apertando o peito. — Você não tem gosto.

— Você chorou! — ele cospe. — Por dias!

— Você também! — ela retruca. — Mais alto do que eu.

— Exatamente — Gibsie grunhe. — É por isso que eu não vou ouvir você de novo.

— Sim, você vai.

— Não, eu não vou fazer isso — ele diz a ela. — Eu não vou, Claire. Não desta vez.

Batendo o pé, ela faz beicinho para ele.

— Não me dê esse olhar — Gibsie avisa. — Não está funcionando desta vez. É a minha vez de escolher.

— E *A Cidade do Pecado*? — Eu ofereço.

— Não — os dois retrucam em uníssono.

— Vamos ver a *Casa de Cera*.

— Não, não vamos!

— Sim, nós vamos.

— Alguém quer perguntar o que eu e Shannon queremos assistir? — Eu pergunto.

— Não — ambos ladram novamente.

Shannon ri ao meu lado.

— Eles são tão engraçados.

— Claire, é a minha vez — Gibsie assobia. — Você escolheu nos últimos dez malditos anos!

— Não, eu não escolhi — ela responde. — Você me fez assistir o filme do *Pokémon*.

— Porque você me fez assistir ao filme das *Spice Girls*! — Gibsie revida, parecendo chocado. — Você sabe quanta zoação dos caras eu aguentei por isso? Hein?

— Ok — Claire cede. — Apenas me deixe escolher esta noite e eu juro que você pode escolher da próxima vez.

Os olhos de Gibsie se arregalam.

— Isso é o que você disse da *última* vez.

Ela revira os olhos.

— Eu não quis dizer isso da última vez.

— Não — Gibsie rosna, mantendo-se firme. — Nós estamos assistindo o meu filme hoje à noite, Claire. Meu. *Meu*. O que *eu* escolho. — Ele aponta um dedo para ela. — E você vai *gostar*!

— Tudo bem — ela fala com um sorrisinho.

— Não, não, não — Gibsie rosna, frustrado. — Não diga tudo bem. Isso é algo perigoso quando sai da sua boca.

— Eu disse que está tudo bem, Gerard — Claire diz categoricamente. — Escolha o filme. Eu não me importo.

— Você está mentindo — ele acusa. — Não está bem e você vai me fazer sofrer.

— Faça o que quiser, Gerard.

— Pare de foder com minha cabeça!

— Tudo bem.

— Não diga isso.

— Tudo bem.

— Tudo bem! — Ele joga as mãos no ar. — Porra, tudo bem. Você ganhou.

Virando-se para o homem sentado atrás do balcão, ele diz:

— Dois ingressos para *Muito Bem Acompanhada*, por favor, e um pote para ela guardar minhas bolas. — Suspirando cansado, ele gesticula por cima do ombro para mim. — E aquele pobre coitado atrás de mim terá o mesmo.

— Yay! — Claire grita feliz e coloca os braços em volta da cintura dele. — Você vai adorar.

— Não é justo, mas tanto faz — Gibsie murmura enquanto paga ao homem e entrega os ingressos a Claire, dando um passo para o lado para eu pagar e pegar os ingressos meus e de Shannon. — Nunca importa o que eu quero.

— Você é o melhor. — Pressionando um beijo em sua bochecha, ela dá um passo para trás, balançando os ingressos no ar. — Vou dividir minha pipoca com você.

— Hmm — ele grunhi, com o nariz levantado. — Não estou mais com fome.

— Oh, vamos lá, seu bebezão mal-humorado — ela fala, agarrando sua mão. — Você está com fome e sabe disso. Vamos vencer a fila da comida.

Gibsie cede com uma bufada e deixa Claire arrastá-lo na direção das barracas de venda.

— Tudo bem, mas você pega os chocolates Maltesers e eu pego os Minstrels – assim nós temos de tudo.

— Obviamente — ela bufa.

— Você quer algo para comer? — Eu pergunto, virando-me para olhar para Shannon.

Ela dá de ombros e coloca o cabelo atrás da orelha.

— Não sei.

— Você não sabe? — Eu arqueio uma sobrancelha. — Está com fome?

— Você vai pegar algo? — ela responde minha pergunta com uma dela.

— Eu devo. — Eu a observo cuidadosamente. — Só se você pegar algo.

Ela solta um pequeno suspiro, as bochechas corando.

— Se você tem certeza?

— Isso é sobre dinheiro? — Eu falo e pergunto a ela. — Porque eu já disse que estou pagando.

Parecendo envergonhada, ela olha para seus pés e depois de volta para mim.

— Eu vou comer um pouco de sua pipoca se você estiver pegando um pouco.

Sabendo que isso é tudo que eu conseguirei dela, eu balanço a cabeça e a levo para a praça de alimentação e peço um grande pote de pipoca, uma coca grande e uma garrafa de água.

— Obrigada — ela sussurra enquanto caminhávamos pelo lugar atrás de Gibsie e Claire. — Eu realmente gosto disso...

— Se você me agradecer por comprar uma maldita coca-cola para você, eu vou fazer uma birra pior do que Gibs. — Entregando-lhe a coca-cola, abro a porta da sala 1 de sessão e gesticulo para que ela vá na minha frente. — Eu falei sério, Shan.

— Como hoje na cozinha mais cedo? — ela ri, correndo para dentro. — Com seus pais?

— Ugh. — Estremeço e a sigo. — Não me lembre.

— Está tudo bem — ela brinca. — Quando as luzes se apagarem, eu farei você se sentir melhor.

— Você promete? — Eu murmuro sob a minha respiração.

— Eu prometo — ela sussurra, apertando minha bunda.

Jesus...

52
A filha dele
Shannon

Estamos saindo do cinema do shopping Mahon Point mais tarde naquela noite quando acontece – quando eu vejo *ele*. Johnny, Gibsie e Claire estão andando ao meu lado, conversando sobre o filme que acabamos de assistir, mas eu não consigo ouvir uma palavra do que eles dizem com o som do meu pulso batendo violentamente. Meus pés vacilam, meu corpo enrijece a ponto de eu não conseguir dar mais um passo. Piscando rapidamente, tento livrar minha mente da imagem, fingir que tinha imaginado, mas quando olho novamente, ela ainda está lá. *Ele* ainda está lá. Sentado em um carro, a três carros acima do Audi de Johnny. *Com uma mulher*.

— Shan? — Sinto Johnny apertar minha mão. — Você está bem?

Eu não consigo responder a ele.

Meus lábios não estão funcionando.

Soltando a mão de Johnny, começo a recuar, me movendo como um fantasma, rezando para que ele não tenha me visto.

— Shannon? — Johnny fala alto em um tom atado com preocupação. — Baby?

Ele está bem na minha frente agora, mãos no meu rosto, olhos azuis fixos nos meus.

— O que há de errado?

Balançando a cabeça, abro a boca para responder, mas tudo o que sai é uma lufada de ar.

— Oh não — Claire sussurra, finalmente enxergando o que eu estou vendo. — Shan, está tudo bem.

— O que está bem? — Johnny exige, olhando ao redor do estacionamento mal iluminado. — Que porra está acontecendo?

Gibsie dá de ombros.

— Nenhuma ideia, cara.

— É o *pai* dela — Claire engasga. — Ele está ali naquele carro preto.

— Eu preciso ir — eu finalmente consigo falar enquanto eu continuo a cambalear para longe. Eu estou em pânico total e meu instinto de delay apareceu. — Eu preciso ir...

Virando meu corpo, eu corro para a entrada do shopping.

— Eu preciso ir *agora*!

— Não, não, Shannon, não corra...

Os braços de Johnny vem ao redor da minha cintura, me puxando contra seu peito.

— Estou bem aqui com você — ele sussurra em meu ouvido. — Eu não vou deixar nada acontecer com você.

— Ele me viu? — Caindo fracamente em seus braços, fecho os olhos com força enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto. — E se ele me *viu*, Johnny?

— Não importa — ele fala, me virando em seus braços. — Ele não pode tocar em você.

— Apenas me leve embora — eu sussurro com a voz entrecortada, enquanto enterro meu rosto no tecido de seu moletom. — Por favor, me tire daqui.

— Eu vou. — Sinto Johnny enrijecer e então ele está me puxando para mais perto, se é que é possível, ambos os braços envolvendo meu corpo com força. — Eu prometo.

Meu estômago revira violentamente e eu me liberto do aperto de Johnny, cambaleando para longe, segurando meu estômago enquanto o gosto familiar da bile ataca meus sentidos.

— Você vai vomitar? — Johnny perguntou, tom grosso e áspero. — Shan...

Tremendo da cabeça aos pés, me dobro sobre minhas mãos e joelhos e arfo violentamente quando meu estômago se esvazia na calçada.

— Shh, está tudo bem — Johnny fala, puxando meu rabo de cavalo para fora da zona de perigo. — Está tudo bem, querida.

Agachando-se ao meu lado, ele continua a segurar meu cabelo e esfregar minhas costas.

— Apenas respire, Shan. Bem e devagar... Bom trabalho. É isso... — Tirando as chaves do carro do bolso, ele as joga na direção de Gibsie e diz: — Traga o carro aqui, cara.

— Desculpe — eu solto enquanto caio de joelhos e ofego por ar.

— Não se desculpe — ele diz suavemente. — Você terminou?

Eu balanço a cabeça fracamente.

— Desculpe.

— Está tudo bem, Shan — Johnny responde, me ajudando a ficar de pé. — Você está bem, baby.

Um carro para ao nosso lado – o Audi de Johnny, percebo, com Gibsie no banco do motorista e Claire sentada no banco de trás. Deixando o motor ligado, Gibsie puxa o freio de mão e sai do assento para se juntar a Claire.

Abrindo a porta do passageiro, Johnny me ajuda a entrar e fecha a porta atrás de mim antes de sair.

— Oh meu Deus — eu choro, virando-me para vê-lo indo em direção ao carro do meu pai. — Johnny, não!

Empurrando a porta aberta, eu me arrasto para fora.

— Apenas deixe isso para lá, Johnny! — Eu solto, tropeçando fracamente atrás dele. — Por favor, não faça nada...

Bang.

Eu assisto em uma mistura de choque e horror quando meu namorado bate a palma da mão no para-brisa do carro do meu pai, com força o suficiente para eu ficar surpresa de não ter causado uma rachadura.

O impacto assusta meu pai e a mulher cuja cabeça está em seu colo. Ambos se levantam, de olhos arregalados e encarando.

— Saia do carro — Johnny ordena, puxando a maçaneta do lado do motorista trancada. Quando meu pai não faz nenhum movimento para atender, Johnny agarra a maçaneta da porta com as duas mãos e começa a puxá-la violentamente, fazendo o carro balançar. — Saia da *porra do* carro! — ele ruge, batendo o lado de seu punho na janela ao lado da cabeça do meu pai.

Eu assisto à cena se desenrolar como um acidente de carro, petrificada, mas incapaz de desviar o olhar. A mulher no carro olha com horror. Eu brevemente me pergunto se ela sabe que ele é casado. *Se ela sabe que ele é mau...*

Meu pai parece furioso quando destranca o carro e empurra a porta. Johnny parece igualmente furioso, mas dá um passo para trás, dando a meu pai o espaço necessário para realmente obedecer seu comando e sair do carro.

Eu me aproximo, insegura, mas precisando me aproximar disso, precisando ir até o meu namorado.

— Você — Johnny rosna, com o peito arfando, quando meu pai se levanta e o encara. — É o pior pedaço de merda que eu já tive a infelicidade de encontrar – e isso é dizer algo, considerando que eu viajei pela porra do mundo.

Eles estão cara-a-cara, as testas pressionando uma contra a outra como dois touros furiosos em um confronto acalorado. O medo me sufoca. Se meu pai

bater nele, o que ele fará? Ele terminará comigo? Eu não posso controlar nada disso. Eu me sinto tão fraca quanto minha mãe – tão inútil também.

— Só Deus sabe como você conseguiu ser pai dela — Johnny está rugindo. — Porque eu com certeza não entendo como algo tão bom pode vir de algo tão tóxico.

— Quem diabos é você? — meu pai rosna, com o rosto vermelho.

— Você deveria me conhecer — Johnny ferve, empurrando meu pai com tanta força que suas costas batem na lateral do carro com um estrondo. — Eu sou o idiota do rúgbi, lembra?

Agarrando a frente da camisa do meu pai, Johnny joga a cabeça para trás e dá um murro na cara do meu pai. Sangue espirra em todos os lugares e eu vacilo.

— Eu sou o namorado da sua filha — ele continua, empurrando meu pai contra o carro mais uma vez antes de balançar o punho e acertar a mandíbula do meu pai. — E eu estou *morrendo de vontade* de conhecê-lo.

— Quem diabos você pensa que é, seu merdinha? — meu pai grita, cuspindo um bocado de sangue. — Um idiota mimado de escola particular, isso sim.

— Eu vou te dizer quem eu sou — Johnny rosna, claramente lívido, mantendo meu pai preso ao lado do carro. — Sou eu que estou tentando resolver o monte do tamanho de uma vida de danos que você causou a ela. Você fodeu seus filhos e nem se importa. Você é um maldito câncer e merece levar uma surra por quem é.

— Por favor, não! — Apavorada, eu pairo perto do capô do carro, com muito medo de me aproximar. — Johnny — eu continuo a soluçar repetidamente enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Por favor, apenas vamos *embora*.

— Volte para o carro, Shannon! — Johnny ordena.

Meu pai se vira para olhar para mim.

— Shannon...

Me sentindo fraca, eu cambaleio para trás, balançando a cabeça como se isso pudesse de alguma forma impedi-lo de falar comigo.

— Não olhe para ela, porra! — Johnny ruge, batendo no meu pai novamente. — Tire seus malditos olhos dela!

— Johnny, cara — Gibsie grita enquanto corre em nossa direção. — Você precisa ir embora...

— Para trás, Gibs, porra! — Johnny ruge. — Eu não acabei.

Segurando as mãos para cima, Gibsie assente e dá um passo para trás.

— Me bata de volta, seu covarde do caralho! — Johnny rosna. — Você é tão rápido em colocar suas mãos em suas garotas, porra, tente comigo! Vamos, grandão; me bata. Veja aonde isso vai te levar!

— Saia daqui antes que eu chame a polícia. — meu pai ruge. — Você começou, idiota.

— E dizer o que para eles? — Johnny ri na cara dele. — Você não pode me tocar, seu covarde.

Ele o empurra novamente.

— E seus pequenos jogos mentais? O que quer que você faz para entrar na cabeça dela? Não vai funcionar em mim. — Ele balança a cabeça e zomba. — Eu sou à prova de balas.

— Johnny — eu falo. — Por favor, me leve para casa...

Johnny estremece e um rosnado furioso o atravessa.

— É assim que isso vai funcionar — ele sussurra, soltando a camisa do meu pai. — Você vai voltar para o seu carro e dirigir para longe. Você vai manter a ordem de restrição e vai deixá-la em paz. Você vai ficar longe da casa de sua filha e você vai continuar a ignorá-la, e vou continuar consertando os buracos que você colocou nela. E se você tocá-la novamente, eu saberei. Um maldito hematoma, eu vou ver, e eu vou saber quem colocou lá — ele rosna, o peito arfando. — E então eu irei atrás de você, e quando o fizer, nem Deus irá salvá-lo. — Ele o empurra novamente. — Estamos claros, seu pedaço de merda venenoso?

Meu pai não responde e, por um momento, fico com medo de que Johnny não vá embora sem isso, mas ele vai. Virando-se rigidamente, ele caminha até onde eu estou encolhida e estende a mão.

Dando um passo à frente, eu me preparo e coloco minha mão na dele, sentindo a promessa que ele está me oferecendo ao envolver meu corpo como hera. Seu toque acalma algo dentro de mim, acalmando o terror que me envolve de estar na presença do meu pai novamente.

— Eu sabia que estava certo sobre você, garota! — Meu pai zomba, olhos castanhos se estreitam em minha direção. — Você não é minha filha.

— Ela *é* sua filha, seu filho da puta doente. — Soltando minha mão, Johnny se vira e caminha de volta para onde meu pai está abrindo a porta. — Mas você não é pai de ninguém — ele rosna, dando um último e impiedoso soco em sua mandíbula que derruba meu pai no chão. — Olhe para este pedaço de merda — Johnny exige, olhando pela janela para a mulher gritando no carro. — Ele abusa de mulheres e crianças, então você deve pensar em correr enquanto ainda pode.

Dito isso, Johnny se vira e fecha o espaço entre nós.

— Você bateu no meu pai — eu murmuro, me sentindo entorpecida, enquanto ele coloca o braço em volta dos meus ombros e me conduz em direção ao seu carro.

— Eu bati — ele fala, apertando o braço em volta dos meus ombros.

— Muito — eu sussurro, atando meus dedos na lateral de seu moletom.

— Ele mereceu.

— Ele merece.

— Você está bem?

— Você está?

— Não sei.

— Eu também.

Abrindo a porta do passageiro, Johnny me coloca para dentro antes de fechar a porta e contornar o lado do motorista. Entrando, ele bate a porta e puxa o cinto de segurança, mandíbula apertada, tensão emanando dele.

— Bom trabalho, cara — diz Gibsie, subindo no banco de trás atrás de Johnny e dando um tapinha em seu ombro. — Estou orgulhoso de você por recuar.

— Eu deveria tê-lo *matado* — Johnny ferve, olhando para o para-brisa, segurando o volante com os nós dos dedos ensanguentados. — Não é o suficiente.

— Você está bem, Shan? — Claire pergunta, inclinando-se para envolver seus braços em volta de mim.

Fungando, estendo a mão e agarro seu antebraço.

— Podemos ir, por favor?

Assentindo rigidamente, Johnny engata a marcha e sai do estacionamento, as rodas cantando com a velocidade desnecessária.

— Devemos chamar a polícia? — Claire pergunta. — Ele não deveria chegar perto de você.

— Ele não chegou perto dela — Gibsie responde calmamente. — Johnny se aproximou dele.

— Ok — Claire murmura. — Sem polícia.

— E se ele chamar a polícia para você? — Eu solto, em pânico. Virando-me para olhar para Johnny, sussurro: — E a Academia?

— Ele não vai fazer nada, Pequena Shannon — Gibsie interrompe. — Ele não poderia se quisesse – e mesmo que tentasse, o Sr. K terá resolvido em uma hora,

então nem se preocupe com isso.

— Exatamente, e Johnny ainda é menor de idade — Claire oferece. — Ele foi provocado por emoções. Ninguém o culparia.

— Estou bem aqui — Johnny cospe. — Parem de falar sobre mim.

— Desculpe, cara — Gibsie responde. — Estamos apenas tentando entender isso.

Exalando pesadamente, Johnny passa a mão pelo cabelo e olha de lado para mim.

— Você está com raiva de mim?

Minha respiração engata.

— Pelo o-o quê?

— Por piorar as coisas para você — ele admite bruscamente. — Eu só...

Balançando a cabeça, ele solta outro suspiro frustrado.

— Ele estava bem ali, e eu só enxerguei vermelho. Eu *não conseguia* ir embora. Eu sei que deveria, mas eu simplesmente... não podia. — Ele agarra o volante com mais força. — Não depois do que ele fez com *você*.

— Ninguém está culpando você, Johnny — Claire intervém. — Você fez a coisa certa.

— Ele merece tudo o que teve e muito mais, cara — acrescenta Gibsie.

— Sinto muito, Shannon — Johnny diz em um tom baixo, ignorando os outros. — Eu sinto muito, amor.

Minha mão dispara por vontade própria, agarrando seu antebraço apoiado na alavanca de câmbio.

— Eu te amo tanto — eu suspiro, sentindo tanto neste momento que temo que meu coração possa explodir. — Não peça desculpas.

Seus ombros caem visivelmente quando ele vira a mão e entrelaça nossos dedos.

— Você fica lá em casa comigo esta noite? — Ele olha para mim, olhos azuis brilhando com calor. — Você fica comigo? Para que eu saiba que você está segura?

— Sim. — Solto um suspiro trêmulo e assinto, sabendo que não há outro lugar que eu queira estar além de com ele. — Fico com você.

Meu olhar está fixo no celular piscando silenciosamente na mesa de cabeceira ao lado da cama. Eu não ouso pegar e atender. Na verdade, mentalmente me imagino saindo da cama e jogando-o pela janela. Quando enviei uma mensagem para Joey mais cedo, avisando-o que eu estava ficando na casa de Johnny, eu deveria ter desligado meu telefone. Eu sei que é Darren tentando me ligar, ou pior, mamãe. Eu não posso lidar com eles agora.

Permanecendo imóvel, mergulho na sensação do meu coração batendo contra minhas costelas, e o som do meu pulso batendo descontroladamente, enquanto eu tento desesperadamente me lembrar de que estou bem.

Por enquanto...

Apenas por enquanto, Shannon.

Ele viu você, e você viu aquele olhar em seus olhos.

Tenha medo.

Ele está voltando para te pegar.

Pare!

Uma respiração trêmula rasga do meu peito então, uma reação involuntária à minha ansiedade, enquanto eu contemplo o que meu futuro reserva para mim. Um gemido profundo vem de perto e eu rapidamente viro meu olhar para o menino dormindo do outro lado da enorme cama, esparramado em suas calças, em cima das cobertas.

Rolando para o meu lado, eu pressiono minha bochecha no meu travesseiro e apenas me encho com a visão dele.

— Johnny? — Eu murmuro, me sentindo ansiosa e desesperada por algum tipo de conforto que eu nem tenho certeza que ele pode me dar. — Você está acordado?

Silêncio.

Mordendo o lábio, debato meu próximo passo.

Devo me levantar?

Ir caminhar?

Tentar acordá-lo?

Meus pensamentos estão dispersos quando sinto uma mão quente cobrir a minha.

— Oi, Shannon — ele sussurra, os olhos abertos agora e presos aos meus.

— Oi, Johnny — eu suspiro, tremendo com o contato físico.

— Não consegue dormir?

Eu balanço minha cabeça.

— Assustada?

Eu balanço a cabeça, incapaz de falar agora.

Sua mão aperta a minha.

— Eu vou mantê-lo segura.

— Venha aqui — eu sussurro, segurando sua mão com um aperto de morte. — Eu preciso de você por perto.

— Tem certeza?

Eu balanço a cabeça.

— Positivo.

Soltando minha mão, Johnny se levanta e puxa as cobertas antes de subir ao meu lado.

— Mais perto — eu imploro, rolando para o meu lado. — Eu preciso de você.

Seu braço vem ao meu redor, puxando minhas costas contra seu peito nu antes de colocar a mão na minha barriga.

— Estou bem aqui, baby. — Sua respiração está quente no meu pescoço, e então seus lábios estão na minha pele, pressionando beijos suaves e quentes no meu pescoço e clavícula. — Você não é filha de seu pai, e não há fruta que tenha caído mais longe do pé que a sua. — Seus braços se apertam ao meu redor, o calor de seu corpo me envolvendo. — Ele não vai quebrar você, porque eu não vou deixar isso acontecer. Nunca.

— Eu te amo, Johnny Kavanagh — eu solto, fechando meus olhos enquanto agarro seu braço e o seguro no meu peito. — Do tamanho do mundo.

— Eu te amo também, Shannon Lynch — ele diz baixinho no meu ouvido e eu sinto a conexão que eu tenho com ele na parte mais profunda da minha alma. — Do tamanho do mundo.

— Para sempre? — eu suspiro.

Ele beija meu ombro.

— Para sempre.

53
Você não rouba crianças, cara
Johnny

Shannon Lynch me mudou.

Eu sei que falar isso parece com uma besteira de alguém arrependido, mas é a verdade.

Naquele dia em janeiro, quando eu a derrubei com a minha bola, eu estava tão perdido e miserável para cacete. Eu não percebi o quanto até que olhei para aqueles olhos azuis do tom meia-noite e me deparei com uma réplica quase espelhada dos meus próprios segredos e dores. Eu estava magoado e assustado por razões completamente diferentes das dela, mas algo se encaixou para mim naquele dia, e eu não fui o mesmo desde então.

Ela aconteceu em minha vida quando eu menos esperava. Eu não queria isso, não estava disposto a lidar com a mudança que eu sabia que ela traria. Então, eu a bloqueei. Eu a mantive à distância de um braço. Até que um dia não consegui mais.

Levei algum tempo para descobrir o que estava acontecendo comigo, para entender os sentimentos que se agitavam dentro de mim, mas uma vez que entendi, uma vez que aceitei o que estava sentindo e defini o que eu queria, eu estava cem por cento dentro.

Cinco meses se passaram desde o dia em que ela explodiu entrando em minha vida, jogando tudo em um tornado, e meus sentimentos por ela eram mais profundos do que nunca. Sinceramente, sinto como se estivesse me afogando em tudo o que ela é. Sua dor, seus sorrisos, sua família horrível do caralho, sua personalidade brincalhona – aquela que espreita quando estamos sozinhos juntos. Eu estou completamente preso nela.

Eu tenho quase certeza de que nenhum de nós tem a menor ideia do que estamos fazendo – eu certamente não tenho – mas eu sei que o que quer que seja, não tenho intenção de parar. Ela não era uma prova para o qual eu possa estudar, ou uma partida para a qual eu possa me preparar com treino e incontáveis horas na academia. Pela primeira vez na minha vida, estou fora do meu conforto, e abrindo meu caminho através de um relacionamento que eu

não tenho certeza de como navegar, mas os sentimentos que ela evoca em mim são viciantes. Viciante para porra, eu estou *obcecado* pela minha namorada. Eu estou tão profundamente atado a ela que mal consigo *respirar* e, ainda assim, mergulho mais fundo, empurro ainda mais, desejo mais e pego, fazendo o que posso para apenas *ficar* com ela.

Entre a família dela me desprezando e meu rígido cronograma de treinamento que está de volta a todo vapor, passar um tempo sozinhos juntos é um problema para mim. Eu estou lutando para encontrar um equilíbrio entre o rúgbi e minha namorada e, na maioria dos dias, flutuo entre treinar até os ossos na academia ou no campo e querer parar de treinar, entrar no meu carro e ir buscá-la.

Me sentindo mais forte do que nunca, malho até os ossos, voltando às minhas sessões de academia às 5 horas da manhã e fazendo horas extras para compensar o precioso tempo perdido. Eu estou dando tudo de mim para me recompor a tempo, faminto para recuperar e manter minha posição. Ela nunca reclama sobre o quanto eu treino ou com que frequência eu vou à academia. Ela apenas me *encoraja*, dando-me um fluxo constante de apoio silencioso que é mais reconfortante do que qualquer outra coisa, enquanto me diz continuamente que acreditava em mim. *"Você consegue, Johnny, eu sei que consegue"*. Suas palavras são poderosas para mim. Elas me afetam mais profundamente do que ela percebe. Essas pequenas afirmações me ajudam a arrastar minha bunda para fora da cama todas as manhãs quando meu corpo grita em protesto.

Tento não pensar no que o futuro reserva para nós – no que acontecerá quando a convocação vier, porque pela primeira vez na minha vida, eu estou investindo em algo diferente do rúgbi. Eu estou investindo *nela*.

Antes de conhecer Shannon, eu não me considerava uma pessoa impulsiva, mas algo se reconectou em meu cérebro, transformando-me em um idiota imprudente e irracional. Eu sei que errei com o pai dela algumas semanas atrás, mas para ser justo, como diabos eu podia apenas dar as costas? Como alguém consegue deixar *ele* fugir? Alguém precisa fazer aquele monstro pagar.

O som do meu telefone tocando corta meus pensamentos e eu paro o carro do lado de fora da casa de Shannon antes de tirá-lo do bolso para atender. Olhando para a tela, eu sorrio quando vejo o nome de Shannon piscar na tela.

— Oi, Shannon.

— Oi, Johnny — vem sua resposta suave. — Como foi o treino?

— Mesmo que sempre. — Suspirando contente, eu me inclino para trás em meu assento. — Eu estou do lado de fora.

— Ah, não — ela murmura. — Eu não estou aí.

— Tudo bem — eu respondo, dispensando a onda de decepção que se agita dentro de mim.

— Na verdade, estou na casa de Claire — ela diz na linha. — Nós estamos indo fazer compras.

— Compras? — Eu sorrio para mim mesmo e tiro um pedaço de penugem da minha coxa. — Você tem alguma coisa legal em mente para comprar?

— Uh, não, não para mim — ela responde, a voz abafada. — Mas eu posso ir na sua casa mais tarde, hoje à noite, se ainda estiver tudo bem para você? Hughie disse que me deixaria em sua casa se você ainda quiser que eu vá?

— É melhor você vir — eu provoco. — Caso contrário, eu vou ter que escalar a lateral da sua casa e te libertar.

Ela ri baixinho.

— Ah, espere... — O som de sussurros altos e abafados enchem meus ouvidos antes de Shannon voltar ao telefone. — Claire quer saber se Gibsie está com você?

— Não, ele foi de carro para o treino hoje — eu respondo, olhando para o meu relógio. — Ele deve estar em casa em breve.

— Escutou? — Ouço Shannon dizer a Claire. — Sinto sua falta — acrescenta ela, dirigindo essa parte para mim. — Muito.

— Eu também sinto sua falta, baby.

— Vocês dois são nojentos — a voz de Claire ri na linha. — Vocês se viram na escola ontem.

Algo chama minha atenção na janela da frente da casa de Shannon, me distraindo da conversa. Arqueando, espio por cima da parede, observando as cortinas se mexerem novamente.

— Quem está em casa, Shan? — Eu pergunto, curioso.

— Huh?

— Na sua casa? — Eu pergunto. — Você disse que Darren estaria em Belfast neste fim de semana para trabalhar?

— Ah, ele está — ela responde.

— Então não há ninguém em casa?

— Não deveria ter — ela responde.

— Oh. — Eu assisto enquanto as cortinas se movem e, em seguida, uma cabecinha loira aparece e desaparece rapidamente. — Hum.

— Por que? — ela se apressa em perguntar, pânico evidente em sua voz. — Há algo de errado?

— Não — eu respondo, mantendo minha voz calma enquanto saio do carro. — Estou indo para casa agora, então vou ter que desligar.

— Ok, obrigada por ligar.

— Você me ligou, Shan — eu a lembro enquanto contorno o muro do jardim, indo para a casa.

— Ah... sim, certo. Desculpe.

— Não se preocupe com isso. — Eu rio para mim mesmo, imaginando-a corando. — Vejo você mais tarde, ok?

— Tchau, Johnny.

— Tchau, baby. — Desligando, deslizo meu telefone no bolso e me agacho na frente da janela. Menos de um minuto depois, a cortina de rede se move e um par de grandes olhos cor de chocolate fixa-se nos meus.

Sean, eu mentalmente anoto enquanto a criança olha através do vidro para mim, o rosto solene e manchado de sujeira.

— Ei — eu murmuro, acenando para ele.

Ele não responde.

Ele apenas fica lá, olhando para mim.

Sem saber o que fazer, coloco minha mão contra o vidro da janela e prendo a respiração. Segundos se passam, e quando eu penso que o bebê tinha se transformado em pedra, ele pressiona sua mão pequena e gordinha contra o vidro, espelhando a minha.

Sorrindo, eu lentamente me levanto, sabendo que preciso voltar para o meu carro e ficar longe desta casa, mas me movendo em direção à porta da frente de qualquer maneira. Batendo suavemente, espero por uma resposta, segurando a vontade de entrar e exigir saber o que diabos está acontecendo.

Finalmente, a porta se abre para dentro, e me deparo com o mesmo garotinho loiro da janela.

— Ei, Sean — eu disse na minha melhor voz calma. — Como você está?

Outro menino, não mais do que onze ou doze anos, corre em nossa direção, interceptando o bebê e puxando-o em seus braços. Girando ao redor, ele prende seu olhar desconfiado em mim.

— Saia.

— Como tá indo? — Eu me ouço dizer enquanto recuo alguns passos. — Eu sou o Johnny.

— Sim? Bem, foda-se, Johnny.

Com o maxilar tenso, eu engulo uma resposta sarcástica e tento novamente.

— Você é Tadhg, certo? — Eu espero para caralho que eu me lembre do nome certo. — Eu sou o namorado da sua irmã. E eu conheço seu irmão Joey também.

Um terceiro garoto aparece então, espiando pelo que eu conheço ser a porta da cozinha.

— Você é *aquele* Johnny? — ele pergunta em uma voz pequena e esperançosa. — Shannon realmente gosta de você.

— Não fale com ele, Ollie — Tadhg diz friamente. Ele vira seu olhar duro para mim e sibila: — Saia.

Eu não estou indo embora.

Eu não podia.

— Onde está a mãe de vocês? — Eu pergunto.

— Cuide da porra da sua vida — Tadhg cospe.

Cristo, esse garoto é quase tão selvagem quanto Joey.

— Onde está Joey?

Nenhuma resposta.

— Vocês estão sozinhos em casa?

Com um olhar mordaz, Tadhg move-se para fechar a porta na minha cara.

Estendo a mão e o impeço de fechar.

— Você pode me contar onde ela está — eu digo calmamente. — Ou vocês podem contar aos policiais.

— Joey teve que ir a uma partida — o do meio desabafa. — A mamãe deveria nos deixar na casa da Vovó, mas ela ainda está na cama e não acorda.

— Jesu Cristo, porra, Ollie — Tadhg ruge. — O que você está tentando fazer com a gente?

— Ele perguntou — Ollie responde, os lábios trêmulos.

— E você acabou de *dizer* a ele as nossas coisas? — Tadhg estala. — Você já deveria saber!

O do meio abaixa a cabeça e funga.

— Eu sinto muito.

— Se você chamar a polícia para nós, eu vou fazer você pagar — Tadhg sibila, virando-se para me encarar. — Eu sou perigoso.

Mordo o lábio para me impedir de sorrir.

— Eu acredito em você — eu digo a ele, mantendo minha expressão sombria. — Você é um grande rapaz para sua idade.

— Sim, eu tenho doze anos — ele rosna, estufando o peito. — Eu posso derrubá-lo.

Eu balanço a cabeça solenemente.

— Definitivamente.

— Ele fala engraçado — Ollie diz então. — Por que você fala engraçado?

— Isso é porque ele é de Dublin — Tadhg zomba, me dando um olhar mordaz. — Todo mundo sabe que Cork é a verdadeira capital da Irlanda.

Ele está brigando comigo por causa da minha *terra natal*?

Jesus...

— Então, a que horas Joey volta da partida? — Eu pergunto, tentando parecer indiferente, enquanto me encosto no batente da porta.

— Algumas horas — diz Ollie, em seguida. — Mas se ele tiver trabalho depois, ele vai se atrasar muito, muito.

— Droga, Ollie. — Tadhg balança a cabeça em resignação. — Você não consegue fechar a matraca.

— Só estou respondendo à pergunta dele — Ollie bufa.

— Vocês já jantaram? — Eu pergunto, sorrindo para Sean que está olhando para mim, com os olhos arregalados. — Estão com fome?

— Estamos bem — Tadhg rosna.

— Estou com fome — Ollie solta. — E não jantamos porque não sabemos mexer no fogão.

Meu coração racha no meu peito, mas eu mascaro com uma pequena risada.

— Sim, eu também — eu digo a eles, tentando deixá-los à vontade. — Eu também não sei muito sobre fogões.

— Joey cozinha — Ollie oferece. — Shannon também.

Sorrindo, eu assinto.

— Sim, Shannon é uma ótima cozinheira.

Seus olhos se arregalam.

— Você já experimentou o espaguete dela? É o meu favorito.

— Ainda não — respondo. — Eu deveria pedir a ela para cozinhar isso para mim algum dia.

— Você deveria — Ollie concorda. — É realmente bom.

— Ei, você sabe o que eu realmente gosto? — Eu digo. — McDonalds.

Seus olhos se arregalam e eu me apresso para dizer:

— Você quer ir?

Que porra você está fazendo, Johnny!

— Contigo? — Ollie pergunta, os olhos arregalados.

Diga não, idiota. Diga não!

— Sim — eu respondo.

— Agora? — Tadhg fala, parecendo relutantemente animado.

Você vai para a cadeia, Capitão...

— Sim — eu solto. — Por que não?

Três horas, uma ida ao parquinho e duas idas ao McDonalds depois, e eu estou exausto. Em pânico, parei na rua de Gibsie, sabendo que preciso de algum apoio e alguns conselhos de vida.

— Rapazes, esperem no carro, ok? — Eu falo, olhando para as três cabeças loiras na parte de trás do meu Audi. Ollie e Sean estão enchendo a cara com sacos de doces. Tadhg está tomando uma raspadinha. Caixas vazias de McLanche Feliz estão espalhadas por todo o chão do meu carro e eu estou rezando para que essas crianças não tenham alergias porque eu as enchi com mais besteira do que eu ouso lembrar. — Eu estou apenas pegando meu amigo.

— Posso dirigir agora? — Tadhg pergunta, desafivelando o cinto de segurança e movendo-se para subir pelos assentos. — Estamos em uma rua sem saída.

— *Não* — eu falo. — Eu já te disse.

Bufando, ele se senta e toma um gole de seu canudo.

— Você é um merda.

Seu filho da puta atrevido.

— Espere aqui — eu murmuro, saindo do carro antes de estrangular o irmãozinho da minha namorada.

— O que você fez? — Gibsie pergunta, me observando da porta da frente enquanto eu corro pelo caminho do jardim em direção a ele. — *Johnny*?

— Estou em apuros — eu falo quando o alcanço. — Grande problema.

— Eu sei — Gibsie responde, me olhando com suspeita. — Eu posso dizer pelo seu rosto. O que diabos você fez?

— Eu os peguei! — Eu falo exasperado, apontando para o meu carro.

— Você pegou o quê, Johnny? — Gibsie pergunta cautelosamente.

Engolindo um gemido, agarro seu braço e o arrasto pelo caminho em direção ao meu carro.

— Eles — eu falo, apontando para os três garotos loiros olhando para nós.

— Você os *pegou* — Gibsie fala divertido. — Você só foi e *pegou* algumas crianças?

— Você não estava lá! — Exalando um rosnado furioso, passo a mão pelo meu cabelo e sibilo: — Você não viu o que eu vi, então não me julgue.

— Não *julgue* você? — Gibsie gagueja, os olhos arregalados. — Cara, você roubou a porra de algumas *crianças.*

Sua voz se eleva, tornando-se toda enérgica, enquanto ele continua a reclamar.

— E você os trouxe aqui, para a *minha* casa, me tornando um cúmplice!

— Eu não os *roubei* — eu rosno. — Eu os peguei.

— Roubar, pegar... é tudo a mesma coisa, Johnny — ele retruca. — Eles não são resultados da porra do seu pau, portanto, você não tinha que levá-los a lugar nenhum.

Ele passa por mim e espia pela janela.

— O que há de errado com aquele ali? — ele perguntou, apontando para Sean. — Por que ele está comendo os dedos?

— Eu não sei, ele não fala. — Eu gemo, nervoso. — Eu não sei o que diabos eu deveria fazer a seguir.

— Leve-os de volta para qualquer playground em que você os encontrou.

— É um pouco mais complicado do que isso — eu digo, sorrindo e dando aos meninos dois joinhas.

Ollie e Sean acenam de volta para mim. Tadhg me dá o dedo do meio.

— Nós podemos devolver aquele ali — eu murmuro baixinho. — Olha — eu digo, voltando-me para Gibsie — podemos trazê-los para dentro?

— Para dentro da minha casa? — Gibsie hesita. — Sim, porque isso não soa nada predatório e fodido. Dois rapazes de dezessete anos trazendo três menininhos para sua casa.

— Podemos?

Gibsie olha boquiaberto para mim como se eu tivesse enlouquecido, e a verdade é que eu provavelmente enlouqueci. Mas eu estou nisso agora e estou indo nisso.

— Porra, não!

— Então o que eu devo fazer com eles?

— Leve-os de volta.

Eu balanço minha cabeça.

— Eu não posso fazer isso.

— Você não rouba *crianças* — ele sibila. — É como a regra fundamental da vida.

— Eu não estava pensando.

— Você tem problemas — Gibsie acusa, parecendo horrorizado. — Você tem sérios problemas em pegar coisas que não são suas. Você é como um cleptomaníaco, mas com *humanos*!

— Eu sei — eu solto. — Vou trabalhar nisso, mas preciso que você me ajude com estes.

— Por que? — Ele demanda. — O que você não está me dizendo, Johnny? Cristo, eu não posso ajudá-lo se você não me contar o que está acontecendo.

— Eles são irmãos da *Shannon.* — Dando as costas para o carro, sussurro: — Eles estavam sozinhos, cara. A mãe deles estava na cama e eles estavam com fome. Eu não podia deixá-los lá.

Eu dou de ombros impotente.

— Como posso levá-los de volta para aquela casa? — Aponto de volta para o carro. — Aquele lá é apenas um bebê.

— Merda. — Gibsie abaixou a cabeça e gemeu. — Devemos ligar para Shannon?

— Não — eu rebato, nervoso. — Ela está tendo um bom dia pela primeira vez em sua vida. Eu não estou destruindo isso com mais merda.

— Então vamos levá-los de volta para sua casa — responde ele. — Sua mãe está em casa. Ela saberá o que fazer com eles.

— Ela vai me matar — eu murmuro desanimado.

— Sim — Gibs responde, me dando um tapinha nas costas. — E eu vou morrer junto.

— Uau! — Tadhg e Ollie cantam em coro quando paramos do lado de fora da minha casa um pouco depois. — Sua casa é *enorme*.

— Nenhum de vocês tem medo de cachorros, certo? — Eu pergunto enquanto Bonnie, Cupcake e Sookie pulam no jardim dos fundos.

— Não — Ollie responde, abrindo a porta e correndo direto para os cachorros.

— Eu gostei do preto — Tadhg afirma enquanto corre atrás de seu irmão.

— O nome dela é Sookie — eu digo a ele, saindo atrás deles. — Ela é velha, então sejam gentil com ela.

— Ei, Sookie — Tadhg grita, correndo pela grama até onde Ollie está rolando com os dois golden retrievers da minha mãe.

— O que vamos fazer com este? — Gibsie pergunta, enquanto se encosta na lateral do meu carro e aponta para Sean que ainda estava sentado no banco de trás, mastigando os dedos. — Por que ele continua comendo a si mesmo?

— Ele não está comendo a si mesmo, Gibs — eu rebato, me sentindo estranhamente defensivo em relação a ele. — Ele está apenas nervoso. Isso é tudo novo para ele, então apenas... deixe-o em paz, ok?

— Jesus — Gibsie murmura, levantando as mãos. — Desculpe, *pai*.

Ignorando meu melhor amigo, eu ando até a porta de trás e me agacho.

— Ei, amigo — eu falo suavemente, fazendo contato visual com ele. — Você quer entrar comigo?

Sean olha para mim por um longo momento antes de rastejar sobre os assentos e deslizar sua pequena mão na minha. Incerto, olho para seu rostinho e coloco o que espero ser um sorriso tranquilizador.

— Bom menino. — Ajudando-o a sair do carro, tenho que me curvar enquanto caminhamos, para não tirar o braço do garoto do seu suporte.

— Sabe, se o rúgbi um dia falhar, você dará uma ótima babá — Gibsie ri, segurando a porta dos fundos da casa aberta para mim.

— Cai fora — eu murmuro enquanto ajudo o irmão mais novo de Shannon a subir o degrau dos fundos, e jogo alguns "*Ave Marias*" para fins de autopreservação. — Mãe? — Eu grito, me abençoando, enquanto empurro a porta da cozinha para dentro e encontro minha mãe sentada na ilha com uma de suas pastas de trabalho aberta. — Eu tenho um problema e preciso de sua ajuda.

— Tente três problemas — Gibs medita. — Três problemas enormes do caralho.

— Mas não entre em pânico — me apresso a acrescentar. — Pequenas orelhinhas estão ouvindo.

Seu olhar vai direto para a criança cuja a mão eu estou segurando e depois para Gibsie antes de voltar para mim.

— Oh, Johnny, o que você fez? — Empurrando o banco para trás, ela se levanta e caminha até nós. — De quem é essa criança?

— Este é o irmãozinho de Shannon — explico o mais calmamente que posso, tomando cuidado para não assustar a criança agarrada à minha mão.

— Há mais dois de onde esse veio em seu jardim — Gibsie oferece. — Johnny os roubou.

— Você roubou os *filhos dela*? — Minha mãe fala, empalidecendo.

— Sim, então você pode querer ligar para seu marido e ver se ele está familiarizado com casos de sequestro de crianças — Gibsie responde por mim. — E aviso aqui: pela primeira vez, isso *não foi* ideia minha.

— Este é Sean — eu digo, olhando para minha mãe. Mantendo minha voz suave e gentil, eu me agacho ao lado dele e falo diretamente com ele. — Sean, esta é minha mamãe. O nome dela é Edel.

Sean olha para minha mãe, enfiando o punho inteiro na boca desta vez.

— Ele gosta de comer à mão — Gibsie oferece, como se fosse uma informação importante. — Mas Johnny acha que está tudo bem.

Dando de ombros, ele acrescenta:

— Eu não sei muito sobre crianças. Tudo o que tenho em casa é um gato.

— Gerard, vá até o escritório e chame meu marido para mim — minha mãe sussurra. — Depressa, amor.

— Estou indo — responde Gibsie, antes de correr pelo corredor em direção ao escritório do meu pai.

— Agora. — Agachando-se na frente de Sean, mamãe sorri brilhantemente. — Olá, Sean, amor, como você está?

Sean a observa com atenção, sem emitir nenhum som.

— Ele fala? — Minha mãe pergunta gentilmente, lançando um rápido olhar para mim.

Eu balanço minha cabeça.

— Não acho.

— Johnny? — Outra pequena voz chama. — Posso alimentar seus cães?

— Sim, você tem uma coleira para eu levar Sookie para passear?

Segundos depois, Ollie e Tadhg entram correndo na cozinha, olhos brilhantes e bochechas rosadas. No minuto em que eles travam os olhos em minha mãe, eles endurecem e se amontoam.

— Rapazes, esta é minha mãe — eu explico. — Edel.

— Olá, meninos — minha mãe diz suavemente, sorrindo calorosamente para os irmãos.

— Mãe, estes são os irmãos de Shannon; Ollie e Tadhg. — Eu faço as apresentações de onde eu ainda estou agachado ao lado de Sean, que está apertando minha mão com força na dele. — Está tudo bem, amigo — eu sussurro em seu ouvido. — Você está seguro.

— Oi, Dellie — Ollie diz timidamente.

— Deus, Ollie, ele disse que o nome dela é Edel — Tadhg resmungou. — Não Dellie.

— Tudo bem — minha mãe ri, levantando-se. — Meu Deus, você é a cara do seu irmão — acrescenta ela, sorrindo para Tadhg.

Tadhg a observa com atenção.

— Qual irmão?

— Joey — minha mãe responde.

Seus olhos se arregalam.

— Você conhece Joey?

Minha mãe assente.

— Eu conheço. Ele é um menino adorável.

Tadhg franze a testa.

— Tem certeza que conhece *Joey*?

Minha mãe ri novamente.

— Então, você gosta de Sookie?

A dureza em seus olhos suaviza.

— Ela é boa.

— A voz dela também é engraçada — anuncia Ollie. — Não é, Tadhg? A voz dela é mais estranha que a de Johnny.

— Ela é de *Dublin* — Tadhg geme, parecendo envergonhado. — Deus, Ollie.

— E você, Ollie? — A mãe volta o sorriso para o do meio. — Você gosta de Bonnie e Cupcake?

— Eu as amo — ele diz a ela, radiante. — Elas são tão grandes. Eu quero um cachorro. Assim, tanto, mas não podemos ter um por causa de quando meu pai pegou o último...

— Ollie — Tadhg diz em um tom de advertência. — Quieto.

Ollie fecha a boca e cora.

— O que é isso sobre você sequestrar as crianças Lynch? — meu pai ri enquanto entra na cozinha, parecendo divertido. No entanto, no momento em que seus olhos pousam nos três garotos ao meu lado, seu sorriso desaparece. — Oh céus.

No momento em que ele entra na sala, a atmosfera muda e os meninos parecem estar em alerta máximo. Ollie e Tadhg dão um passo em minha direção, com Tadhg colocando Ollie atrás dele. Sean se vira no meu peito e coloca seus bracinhos em volta do meu pescoço, agarrando-se a mim.

Lágrimas enchem os olhos da minha mãe e ela cobre a boca com a mão.

— Oh, Deus.

— Não chore, mãe — eu murmuro enquanto cuidadosamente envolvo meus braços ao redor do corpo minúsculo de Sean e o levanto. — Você está bem, amigo — eu falo. Assentindo, ele enfia o rosto no meu pescoço e segura minha bochecha com seus dedos cobertos de baba.

Homens, percebo. Eles estão aterrorizados para caralho com homens adultos. Gibsie e eu não éramos uma ameaça para eles porque tínhamos a mesma idade de Joey, que todas essas crianças parecem adorar ele, Shannon inclusa. Nojo enche meu corpo em um ritmo rápido, dificultando que eu consiga funcionar.

— Rapazes — eu digo, me arrastando de volta ao presente. — Este é o meu pai, John.

Olho para minha mãe pedindo ajuda, mas ela parece tão perplexa quanto eu.

— Ele é um... — Eu procuro as palavras que eu precisava para deixar essas crianças à vontade. Limpando a garganta, acrescentei: — Ele é um grande idiota, rapazes, mas é completamente inofensivo.

Seus olhos se arregalam em choque como se não pudessem acreditar no que eu acabei de dizer.

— Isso mesmo — minha mãe diz, entendendo rapidamente. Pegando meu pai pela mão, ela o leva até a ilha e o empurra para baixo em um banquinho para que ele não fique tão intimidante em sua altura total de 1,87m. — Ele é nosso bobinho, não é, John? — ela acrescenta, bagunçando o cabelo dele. — Um grande e velho molenga.

— Oi, John — diz Ollie, olhando meu pai com cautela, e oferecendo-lhe um pequeno aceno. — Eu sou Ollie.

— Olá, Ollie — meu pai responde, sorrindo para o garoto Lynch do meio. — É um prazer conhecê-lo.

— Você ouviu isso, Tadhg — diz Ollie, cutucando Tadhg nas costelas. — Ele fala igualzinho a nós.

— Porque *ele é* de *Cork* — Tadhg murmura, balançando a cabeça. — Obviamente.

— Olá, Tadhg — meu pai acrescenta. — Como vai?

— Tudo bem — Tadhg responde cautelosamente. — Obrigado.

Meu pai sorri.

— Então, o que Johnny fez, rapazes?

— Ele nos levou ao McDonalds — Ollie deixa escapar. — Dois vezes.

— Duas vezes — Tadhg corrigi com um suspiro pesado. — É *duas vezes*, Ollie.

— E ao playground — Ollie continua, imperturbável. — E nós conhecemos aquele cara estranho ali...

Ele faz uma pausa para apontar para Gibsie.

— Bem, Tadhg diz que ele é estranho. Eu também acho, mas ele também é meio legal. — Sorrindo, ele acrescenta: — Ele me deu uma nota de cinco libras.

— Obrigado, garoto — Gibsie ri. — Eu acho que você é meio legal também.

— Ah, então vocês meninos não estão com fome? — minha mãe pergunta enquanto abre a geladeira. — Nem mesmo para alguns...

Ela deixa suas palavras morrerem enquanto tira um enorme bolo de chocolate da geladeira.

— Doces?

— Uau — Ollie engasga, movendo-se direto para ela, todos os medos do meu pai esquecidos agora que há bolo envolvido. — Estamos autorizados a comer alguns, Dellie?

— Edel — Tadhg murmura, apertando a ponta do nariz. — Não Dellie.

— Só os três pedaços maiores — minha mãe responde, fazendo seus olhos se arregalarem com falsa excitação. — Como isso soa?

Ollie assente ansiosamente.

— Foi aniversário de Tadhg no mês passado e ele não ganhou um bolo. Ele adora chocolate, não é, Tadhg?

— Está tudo bem — Tadhg murmura, aproximando-se. — Eu acho.

— Bem, venham aqui comigo e vamos cortá-lo — minha mãe anuncia, em tom alegre, mas com os olhos lacrimejando. — E eu vou pegar um sorvete para acompanhar.

— Oh meu Deus! — Ollie exclama, seguindo minha mãe. — Sua mãe é a melhor, Johnny.

— E você — minha mãe diz enquanto coloca o bolo no balcão e coloca Ollie em um banquinho. — Me lembra sua irmã. — Acariciando seu cabelo, ela sorri para ele. — E você é tão doce.

Ollie sorri para ela.

— Eu sou?

Minha mãe assente.

— Sim, você é.

Tadhg ri, juntando-se a Ollie na ilha.

— Você se parece com Shannon.

— E?— Ollie bufa, mantendo o olhar fixo no bolo que minha mãe está cortando. — Eu sou *doce*.

— Você quer um pouco de bolo, Sean? — Eu pergunto quando sua cabeça levanta, os olhos seguindo seus irmãos. — Aposto que é bom.

— Ele não fala muito — explicou Tadhg, arregalando os olhos quando minha mãe colocou uma enorme fatia de bolo na frente dele. — Ele só diz sete palavras.

— É verdade — Ollie concorda, pegando sua fatia de bolo com a mão e dando uma grande mordida. — E ele não disse nada desde que papai machucou Shannon...

— Ollie — Tadhg geme, ombros caindo. — Pare de falar.

— Está tudo bem, meninos — minha mãe fala, a voz tremendo um pouco enquanto ela coloca um prato de bolo na frente de meu pai. — Nós não temos que falar sobre isso hoje.

— Ei — Gibsie interrompe então, piscando para Tadhg. — Não coma todo esse bolo, gordo. Eu quero um pouco.

Tadhg bufa.

— Parece que você já comeu bolo o suficiente para um mês.

— Quero que você saiba que leva horas na academia para ficar tão bem quanto eu — Gibsie retruca, juntando-se a eles no lado oposto do balcão, sentando no banco ao lado do meu pai.

— Sim — Tadhg ri entre mordidas em seu bolo – novamente, usando as mãos e não o garfo ao lado dele — mais como horas com a cabeça na geladeira.

Gibsie joga a cabeça para trás e ri.

— Você é um filho da puta atrevido.

— Gerard — minha mãe diz, dando a Gibsie um sorriso agradecido, enquanto ela coloca um prato de bolo na frente dele. — Sem palavrões.

— Desculpe, mamãe K — Gibsie responde com um sorriso tímido antes de enfiar o garfo em seu bolo com prazer. — Mmm.

— Vou pegar o sorvete — minha mãe anuncia então, antes de correr para a despensa, sufocando um soluço enquanto vai.

— Vamos pegar um pouco? — Pergunto a Sean, que agora gravitava fisicamente em direção à comida. — Sim?

Sean assente e se mexe em meus braços. Tomo isso como um sinal para colocá-lo no chão e, no minuto em que o coloco, ele corre em direção a seus irmãos, tentando e não conseguindo subir. Ambos os irmãos o ignoram, totalmente focados demais em seu próprio bolo enquanto o zombam. Desistindo de chamar a atenção deles, ele se move pela ilha, parando nas pernas do meu pai. Eu assisto enquanto ele parece hesitar antes de chegar e puxar a perna de sua calça.

Sem dizer nada, meu pai se abaixa e o coloca no colo, sem dar muita importância, enquanto coloca seu prato de bolo na frente de Sean. Mergulhando para pegar o bolo, Sean começa a enfiá-lo na boca, sentando-se contente no colo do meu pai enquanto come.

Ollie e Tadhg se viraram para observar seu irmãozinho, ambos olhando meu pai com uma curiosidade cautelosa.

Quando mamãe entra na cozinha com o pote de sorvete, ela rapidamente recua novamente. Balançando a cabeça, eu a sigo até o utilitário para encontrá-la soluçando contra o freezer.

— Deus do céu — ela sussurra, lágrimas escorrendo por suas bochechas. — Oh, Johnny, esses pobres bebês.

— Eu sei, mãe — eu respondo, mantendo minha voz baixa. — Mas não fique chorando. Você vai assustá-los.

— É simplesmente terrível — ela engasga. — Como alguém pode fazer *isso* com aqueles bebês...

— Mãe, pare.

Fechando o espaço entre nós, coloco minhas mãos em seus ombros e suspiro.

— Alimente-os — eu encorajo. — Encha-os com sorvete e toda essa merda que você nos deu quando éramos pequenos. Eles não precisam de mais lágrimas.

— Você tem razão. — Fungando, ela enxuga as bochechas com as costas da mão e força um sorriso. — Sem mais lágrimas.

— Edel — meu pai diz, colocando a cabeça na fresta da porta com Sean se equilibrando em seu quadril. — Nós precisamos conversar.

— Eu sei, John.

— Não. — Ele balança a cabeça e dá a minha mãe um olhar significativo enquanto Sean puxa sua gravata. — Precisamos conversar agora, querida.

— Isso é besteira — eu rosno, andando de um lado para o outro no escritório do meu pai como um lunático enlouquecido. — Eu não vou levá-los de volta para lá, pai.

— Nós não temos escolha, Johnny — meu pai responde cansado. — Temos que devolvê-los, de preferência antes que sua mãe perceba que eles se foram.

— Aquela família precisa urgentemente de uma intervenção — minha mãe engasga. — Não sei o que há de errado com o mundo, mas não consigo entender como eles foram deixados naquela casa com ela – ou como aquele homem está andando impune...

— Acalme-se, querida — meu pai fala, esfregando o braço dela.

— Não é justo, John — ela solta. — Eu não posso *suportar* isso.

— Não, não é justo — meu pai concorda. — Mas você não pode ficar se irritando com isso.

— Olhe para eles, John! — Indo até a janela, ela aponta para fora para onde Gibsie está rolando no gramado com os três meninos. — *Olhe* para eles.

— Eu os vejo, Edel — meu pai responde calmamente. — Eu vejo tudo o que você está vendo, querida.

— Se você vê eles, então como você pode esperar que eu os envie de *volta*? — Minha mãe assobia. — Algo tem que ser feito. *Mais* tem que ser feito para essas crianças! Eles são apenas crianças. Eles não entendem, e eles não merecem isso. E Shannon?

A expressão de mamãe cede.

— Ele *viu*, John. — Ela aponta um dedo trêmulo para mim. — Nosso filho reconheceu desde o início. Ele pode não ter entendido o que estava vendo, mas ouviu o grito de socorro. Ele *a ouviu.* E desvendou uma escuridão à qual nenhuma criança deveria ser exposta.

— Eu *sei* — meu pai responde, dando-lhe um olhar significativo. — Mas agora, não temos algo legal para nos apoiarmos. Você quer que seu filho seja preso, querida? Porque é exatamente isso que vai acontecer se não conduzirmos isso da maneira *certa.*

— Então *quando*? — Minha mãe engasga. — *Quando*, John?

— Quando o quê, mãe? — Eu pergunto, observando-a cuidadosamente.

Minha mãe abre a boca para responder, mas meu pai fala primeiro.

— Edel. — Ele balança a cabeça em advertência. — Esta não é uma conversa que eu quero que tenhamos na frente do nosso filho.

— Fazer o que da maneira certa? — Eu pergunto, desconfiado. — O que está acontecendo aqui?

— Não faça perguntas — meu pai diz. — Eu prometo, você não precisa saber.

— Claro que eu preciso saber, pai...

— Não, Johnny, você não precisa! — ele perde a cabeça. — Você precisa confiar em mim e *não* fazer perguntas.

— Eu não posso fazer isso — minha mãe engasga, deixando cair a cabeça entre as mãos. — Eu não posso mandá-los de volta para lá.

— Johnny, eu preciso que você mande uma mensagem para o irmão deles — meu pai instrui. — Peça a Joey para vir aqui.

— O quê? — Minhas sobrancelhas franzem. — Agora?

Nosso pai assente.

— Agora.

— Por que Joey?

— Porque ele tem mais de dezoito anos e é menos provável que mande te prender — meu pai retruca.

— Porra — eu murmuro.

— Sim — meu pai fala. — Porra mesmo, filho.

— Mas pai, eu não acho que eles deveriam voltar para lá...

— Faça o que eu digo — meu pai ordena. — Eu nunca orientei você errado antes, e eu não tenho planos de começar, então apenas confie em mim e mande uma mensagem para o irmão deles.

Frustrado, tiro meu telefone do bolso e suspiro desanimado.

— O que você quer que eu diga?

— Diga a verdade a ele — meu pai ordena. — Diga a ele exatamente o que você nos disse e peça para ele vir buscá-los.

— Não. — Minha mãe balança a cabeça. — Por favor, John...

— Confie em mim — meu pai fala. — Esta é a única maneira, Edel.

Fungando, mamãe assente.

— Mande uma mensagem para Joey, amor.

Em pânico, pego meu telefone e envio uma mensagem para a única pessoa que eu espero que não me prenda.

J: Sim, então, uma coisa estranha aconteceu hoje...

Joey, o arremessador: Por que você está me mandando mensagens?
J: Porque eu peguei seus irmãos em sua casa e eles estão na minha casa.
Joey, o arremessador: Por quê?
J: Eu não sei.
Joey, o arremessador: Você planeja devolvê-los?
J: Eu acho que sim.
Joey, o arremessador: Você é realmente fodido, Kavanagh.
J: Eu sei.
Joey, o arremessador: Estou a caminho.

— Feito — eu murmuro, deslizando meu telefone de volta no meu bolso. — Ele está a caminho.

— Obrigado — meu pai diz com um suspiro.

— Não me agradeça, pai — eu murmuro. — Não por fazer a coisa errada.

Minha mãe olha entre mim e meu pai antes de suspirar pesadamente.

— Você fez a coisa certa, Johnny. — Com ombros caídos, ela caminha até onde eu estou e passa os braços em volta da minha cintura. — Tudo ficará bem.

Pressionando um beijo no meu ombro, ela acrescenta antes de sair da cozinha:

— Vou colocar a chaleira no fogo.

— O que está acontecendo, pai? — Eu exijo, me sentindo por fora. — O que vocês não estão me dizendo?

— Eu não te conto muitas coisas — meu pai responde calmamente. — Privilégio pai/filho.

— Você sabe o que quero dizer, pai — eu rebato. — Se você sabe algo a ver com Shannon e você não está me dizendo, eu vou perder a cabeça.

— Nada sobre Shannon — meu pai me diz.

— Então o que está acontecendo com você e mamãe? O que tudo isso significa?

Meu pai suspira.

— Johnny, você realmente não precisa saber.

— Eu *quero* saber — eu rebato com veemência.

— Mas você não *precisa* saber — ele retruca com um ar definitivo em seu tom. — Porque o que sua mãe e eu falamos é privado.

— Vocês estão brigando? — Eu pergunto, completamente perdido. — Pelos Lynchs?

— Se estivermos, então isso também é privado — meu pai retruca, sem perder o ritmo. — Respeite isso.

Com o maxilar tenso, eu engulo uma resposta sarcástica e assinto rigidamente.

— Bom homem — ele diz, tirando as chaves do carro do bolso. — Agora, eu preciso fazer algumas ligações e ver se posso mantê-lo fora da prisão – pelo menos até você completar dezoito anos.

Ele se vira e caminha para a porta apenas para parar e girar de volta.

— Esqueci de perguntar, como foi o treino?

— Tudo bem — eu murmuro.

— E o treinador Dennehy? — Ele pressiona. — Nenhuma palavra ainda?

Não...

— Uh, podemos falar sobre isso mais tarde? — Eu digo em vez disso. — Minha cabeça está destruída.

— É claro. — Dando-me uma piscadela, ele diz: — Família pitoresca à qual você se apegou, filho.

— Como se você pudesse falar algo sobre — eu retruco acusadoramente, pensando no lado da cerca da minha mãe.

— Não me lembre — meu pai murmura. — Até logo.

— Sim. — Eu faço uma careta para ele, me perguntando o que diabos ele está fazendo. — Até.

54

Navalhas de loja de departamento

Shannon

— Estamos vivendo nossas melhores vidas, garotas — Claire anuncia enquanto despeja o conteúdo de seus dias de compras em sua cama e sorri. — Agora, é hora da transformação.

— Não — Lizzie resmunga, se jogando na cama, parecendo completamente exausta. — Esqueça. Não vou fazer mais nada pelo resto da noite.

— Ah, sim, você vai — Claire chia. — Nós estamos fazendo transformações e isso inclui você, senhora mal-humorada.

— Claire — Lizzie retruca. — Você nos arrastou por toda a cidade fazendo compras por sete horas. Estou *exausta*.

— Eu meio que estou com Lizzie nisso. — Afundando no chão, eu tiro meus tênis e esfrego meus pés. — Já são sete da noite e estou muito cansada.

E eu quero ir ver Johnny...

— Exatamente! Eu não perambulei por toda a cidade de Cork, comprando toda essa porcaria só para não aproveitar — Claire rosna, batendo o pé. — Vocês *duas* estão ganhando transformações e *ambas* vão amar isso.

Exalando um suspiro pesado em derrota, eu me levanto e assinto.

— Tudo bem, eu vou fazer a transformação.

— Eba — Claire grita, batendo palmas. — Obrigada, *Shannon*.

— Vira-casaca. — Lizzie murmura baixinho.

— Por isso, você vai primeiro — Claire responde, sorrindo diabolicamente para Lizzie. — E eu estou começando com essa monocelha.

— Ela não tem uma monocelha. — Eu rio, vasculhando a pilha de guloseimas na cama.

— Não, eu não tenho uma monocelha, Shan, mas *ela* vai levar um soco no rosto se ela chegar perto de mim com uma pinça — Lizzie retruca.

— Por que precisamos de lâminas de barbear? — Eu pergunto, pegando o pacote de lâminas de barbear e uma lata de espuma de barbear.

— Porque nós vamos fazer jardinagem, meninas — Claire responde alegremente. — Lá embaixo.

— Você chega perto da minha vagina com uma navalha e eu vou te esfaquear — avisa Lizzie. — Eu nem estou brincando.

— Tudo bem — Claire responde. — Você é tão peluda que precisaria do pacote inteiro para domá-la.

Lizzie revira os olhos e dá o dedo do meio a Claire.

— É. — Olho o pacote de lâminas com cautela. — Eu não tenho certeza se esta é uma boa ideia.

— É uma ideia terrível — Lizzie interrompe. — Você não deveria se barbear lá de qualquer maneira. É para isso que serve a depilação.

— Bem, eu não posso me depilar — Claire bufa. — Eu não sou milionária, Lizzie.

— Então, você vai se mutilar com lâminas de barbear?

— Elas custam dois euros — Claire responde.

— Da loja de departamentos — Lizzie acrescenta sarcasticamente.

— Por que você está tentando arruinar isso para mim? — Claire exige, olhando para Lizzie. — Este deveria ser um momento divertido e de união.

— Você já se barbeou lá antes, Claire? — pergunta Lizzie.

Claire franze a testa.

— Não.

— Bem, se você tivesse, você saberia que eu não estou tentando estragar nada para você, eu estou tentando salvar vocês duas da fricção — Lizzie fala lentamente. — Mas que seja, vá em frente e se depile. Só não venha correndo para mim quando estiver andando como um caubói constipado.

— Bem, eu acho que é uma ótima ideia. — Claire encoraja.

— Claro que sim — Lizzie zomba. — Deus, você é tão sem noção.

— Ignore ela, Shan — Claire diz, virando as costas para Lizzie e me dando um sorriso brilhante. — Nós podemos fazer isso juntas.

— Eu não vou fazer isso com você. — Eu rio. — Isso é estranho, Claire.

— Eu não quis dizer sentadas lado a lado na banheira — ela ri. — Vamos nos revezar.

— Bem, se vocês duas estão planejando dar uma de Edward Mãos de Tesoura em suas nádegas durante a noite, estou indo para casa para colocar minhas novelas em dia — Lizzie anuncia enquanto desce da cama e caminha em direção à porta. — Tenha o kit de primeiros socorros à mão, Shan; você vai precisar dele — acrescenta antes de sair da sala.

Meus olhos se arregalam.

— Kit de primeiros socorros?

Claire revira os olhos.

— Ela está mentindo.

— Oh Deus, eu não tenho certeza sobre isso. — Eu murmuro, me sentindo incerta.

— Vamos — Claire fala. — Viva perigosamente.

— Tem certeza?

— Por que não? — Sorrindo diabolicamente, ela encolhe os ombros. — Eu até vou primeiro.

Vinte minutos depois, Claire volta mancando para seu quarto, as bochechas coradas, as pernas abertas.

— O banheiro está livre, Shan — ela fala enquanto empurra a lata de espuma de barbear em minhas mãos.

— Oh meu Deus! — Eu suspiro. — Você está bem?

— Tudo bem — ela responde com uma careta enquanto se abaixa cautelosamente no colchão. — É sua vez.

— Claire, eu realmente não tenho certeza sobre isso. — Eu a olho desconfiada e a forma como ela está se abanando. — Parece que você está com dor.

— Shannon, eu fiz isso por você! — Ela estreita os olhos. — É a *sua* vez.

Minha boca se abre.

— Não, você não fez.

— Sim, eu fiz — ela acusa. — Estou tentando ajudá-lo. Esta foi a minha maneira não tão sutil de fazer isso.

— Como? — Eu olho boquiaberta para ela. — Como, em nome de Deus, isso vai me *ajudar*?

— Com *Johnny* — ela explica — Você vai para a casa dele hoje à noite, não é?

— Sim.

— Exatamente! — ela responde. — Para que eu preciso depilar minha periquita? Eu não tenho namorado.

— Sua periquita? — Eu faço uma careta. — Você chama isso de *periquita*?

— Periquita, boceta... meh, é tudo a mesma coisa — ela responde, acenando com a mão desdenhosa ao redor. — A questão é que eu não preciso me depilar. Ninguém está enfiando o rosto na minha calcinha.

— Você *prometeu* que não contaria a ninguém. — Eu solto, corando.

— E eu não contei — ela retruca. — Estamos *sozinhas.*

Eu bufo uma respiração.

— Bem, eu acho que você está mentindo para mim.

Os olhos de Claire se arregalam.

— Como é?

— Você me ouviu — eu digo a ela. — Eu acho que Gibsie está muito familiarizado com *suas* calcinhas.

— Ugh! — Ela aperta o peito com a mão e olha boquiaberta para mim, horrorizada. — Você está mentindo.

— *Você* está mentindo — eu rebato. — E você está usando minha vagina como um disfarce para suas travessuras noturnas com o garoto do outro lado da rua.

— Eu *não* estou.

— Eu não acredito em você.

— Vamos, Shan — ela implora então. — Você é minha melhor amiga. Você não pode me deixar sozinha nisso.

Ugh.

— Tudo bem. — Agarrando as lâminas descartáveis, eu me esgueiro em seu banheiro. — Mas se isso der errado, eu estou responsabilizando você.

— Boa sorte — ela me fala.

Aprenda a dizer não, Shannon.

No futuro, apenas diga não!

— Preciso te contar uma coisa — é a primeira coisa que Johnny diz quando abre a porta da frente e me puxa para dentro de sua casa. Seu cabelo está em pé como se ele tivesse passado os dedos por ele um milhão de vezes, fazendo-o parecer maravilhosamente desgrenhado. Pegando minha mão, ele corre pelo corredor, indo direto para a escada. — É tão ruim, Shan — ele solta, me arrastando escada acima. — Tão ruim para caralho, baby.

— Ok, mas eu realmente preciso te mostrar uma coisa primeiro. — Eu solto também, estremecendo de desconforto enquanto ele se move em alta velocidade, não parando até que estamos dentro de seu quarto com a porta fechada atrás de nós. — É tão ruim, Johnny — eu choramingo, removendo minha jaqueta. — Como o pior tipo de mal de todos os tempos.

— Oh, o meu é pior, Shan — ele murmura, andando de um lado para o outro. — Confie em mim. É como insanamente ruim.

— Você pode apenas olhar para o meu primeiro? — Eu imploro, me sentindo perto de um ataque de pânico.

— Eu roubei seus irmãos, baby! — ele deixa escapar e então congela. — Desculpe — ele fala. — Eu te amo.

Fazendo uma careta como se estivesse com dor física, ele acrescenta:

— Por favor, não termine comigo.

— Huh? — Levo um momento para registrar o que ele disse antes de minha boca se abrir. — *O quê*?

— Eu sinto muito — ele geme, mergulhando em sua cama. — Eu não sei o que deu em mim — acrescenta, com o rosto plantando o colchão. — Eu normalmente não faço essa merda... é para isso que Gibsie serve.

— Os meus irmãos? — Eu faço uma careta. — Meus irmãozinhos*?*

Johnny levanta a cabeça e assente lentamente.

— Todos eles?

— Todos eles — ele confirma severamente. — Mas eu os devolvi.

Eu balanço minha cabeça, me sentindo perdida.

— Minha mãe sabe?

— Não, graças a Jesus — ele murmura. — Joey veio e os pegou antes que ela percebesse que eles tinham ido embora.

— Ele estava bravo?

— Não. — Johnny franze a testa. — Mais achando graça do que bravo.

— Espere, espere... — Eu levanto uma mão, me sentindo toda confusa. — Eles deveriam estar com a vovó hoje.

— *Sim* — Johnny concorda, saltando da cama. — Isso é o que eles disseram, mas ela estava na cama, Shan, e eles estavam todos sozinhos.

O ritmo recomeça, ele continua a explicar, as mãos voando ao redor enquanto ele se move.

— Eu estava no telefone com você, e então eu vi o bebê na janela e ele estava apenas olhando para mim, e eu não podia ir embora. Ele é tão pequeno, e ele tem esses grandes olhos de cachorrinho. Então eu *peguei* ele, e então eu peguei os outros no embalo – o maior tem um sério problema de educação, a propósito. De qualquer forma, eu os levei para o McDonalds e o parquinho – e tenho certeza de que os alimentei demais... mas então Gibsie disse que parecia que eu era um pedófilo, e fiquei assustado com isso, então os trouxe para casa e os dei para minha mãe. — Ele solta uma respiração irregular, expressão culpada. — Você está com raiva de mim?

— Isso é muita informação para processar, Johnny — eu murmuro, pressionando meus dedos nas minhas têmporas.

— Eu sei — ele geme, passando as mãos pelo cabelo. — Ugh.

— Você está com problemas?

Ele faz uma pausa para franzir a testa para mim.

— Huh?

— Você está com problemas? — Eu repito, em pânico. — Você tem certeza que ela não sabe que você os pegou?

— Não, eu não estou com problemas — ele responde, me observando com cautela. — Joey disse que eles não vão dizer uma palavra sobre isso.

— Oh, graças a Deus — eu solto, apertando meu peito.

— Você não está brava comigo? — ele pergunta em um tom cauteloso, se aproximando.

— Não, eu não estou brava. — Eu sei que deveria ter um momento para considerar tudo o que ele tinha acabado de me dizer, ou exigir saber por que meus irmãos não estavam com a vovó, ou por que minha mãe estava na cama quando deveria estar cuidando deles, mas eu honestamente consigo me concentrar em nada além da queimação em minhas calças. — Mas eu realmente preciso de sua ajuda.

A preocupação cintila em seus olhos.

— Merda, Shan, o que houve?

— Eu vou ter que mostrar a você. — Eu solto, nervosa, enquanto eu tiro meus tênis e desabotoo meu jeans.

— Ei, ei, ei, *pare* — avisa Johnny, estendendo a mão. — O que você está fazendo?

Eu não paro.

Arrastando em uma respiração humilhada, eu empurro meu jeans para baixo e choramingo.

— Me salva.

— O que *diabos* você fez contra você mesma? — Johnny solta com os olhos arregalados.

— Eu me depilei com lâmina — eu engasgo.

Ele olha boquiaberto para mim.

— Tudo?

— *Tudo* — eu soluço, agitando minhas mãos sem rumo. — Havia sangue por *toda parte*!

— Havia*?* — Johnny murmura, parecendo horrorizado. — Jesus Cristo.

— Estou tendo algum tipo de reação de pele sensível? — Eu pergunto, tirando meu jeans, em pânico total. — Há muitos cortes, Johnny.

Olho para baixo e gemo.

— *Me ajuda.*

— Baby. — Ele ergue as mãos. — Eu tenho um pau. Estou sem ideia aqui.

— Mas é ruim, certo? — Eu pergunto, me sentindo ansiosa. — É muito ruim? Não deveria ser assim, deveria? Está queimando... tipo, estou *pegando fogo.*

— Eu não sei — ele retruca, a voz subindo várias oitavas. — Como eu vou saber?

— Porque você viu mais delas do que eu — eu choro. — Então me diga direito, Johnny. É ruim?

— Ah, não. Na verdade não. Quero dizer, é... — Johnny franze a testa e esfrega o queixo com a mão. — Não é *tão* ruim assim?

— Não minta para mim — eu o aviso.

— Deixe-me dar uma olhada melhor no que estamos lidando aqui... — Eu assisto com horror quando Johnny se agacha para *dar uma olhada melhor* antes de se endireitar e balançar a cabeça. — Sim, Shan, é muito ruim.

— Eu disse que era! — Eu lamento, deslizando minha calcinha de volta no lugar e gemendo alto quando o atrito piora. — Nunca mais vou ouvir Claire Biggs — eu acrescento. — Navalhas de loja de departamento estúpidas.

— Navalhas de loja de departamento? — Johnny meio ri/meio geme. — Você sabe que existem salões e esteticistas que você pode ir para fazer uma merda como essa?

— Sim, bem, eu sou tímida. — Eu bufo, caindo em sua cama. — Como posso mostrar *isso a alguém*?

Ele me lança um olhar incrédulo.

— Você não conta — eu rebato, nervosa.

— Minha pobre boceta — Johnny diz com um suspiro enquanto se afunda na cama ao meu lado. — Você é uma açougueira.

Exalando um soluço preso, caio de costas.

— Isso dói.

Espelhando minhas ações, Johnny cai de costas ao meu lado.

— Eu sei, baby. — Ele coloca a mão na minha coxa e me dá um aperto reconfortante. — Mas vai crescer de novo.

— Quanto tempo você acha que isso leva?

Ele se vira para me encarar.

— Você quer que eu raspe minhas bolas?

— O quê? — Eu fico boquiaberta para ele. — Não!

— Então pare de me perguntar sobre algo que eu não tenho ideia — ele retruca.

— Eu sinto muito. — Eu coro num tom vermelho beterraba. — Eu só... você sempre sabe das coisas.

Choramingando de pura aflição, viro de bruços e enterro minha cabeça no edredom de penugem que cheira ao amaciante que sua mãe sempre usa e a *Johnny*.

— Estou tão envergonhada... — faço uma pausa para respirar e depois lamento: — Queima... e agora está *feio.*

— Não, não está — Sinto sua mão alisar a parte de trás da minha calcinha. — E eu estou duro como pedra para você agora.

— Eu não sei como você pode estar — eu respondo com um gemido angustiado. — É horrível.

Gemendo ao perceber o que eu tinha feito com meu pobre corpo, para não mencionar a sensação de formigamento entre minhas pernas enquanto minha calcinha esfrega minha carne macia, eu sussurro:

— Eu não sei como vou colocar meu jeans de volta. — Fazendo uma careta, acrescento: — Ou te olhar nos olhos de novo.

— Sem calças parece bom para mim — ele ri, as mãos ainda vagando sobre minha bunda. — Vamos, Shan, apenas olhe para mim.

Eu balanço minha cabeça.

— Não posso.

— Sim, você pode — ele fala, arrastando os dedos pelos meus lados. — Se você não se virar e olhar para mim, eu vou fazer cócegas em você.

Me virando para seu lado, eu olho para ele

— Oi.

— Então... — Inclinando-se, ele pressiona seus lábios contra os meus. — Se importa de explicar por que você se depilou?

Eu me contorço de vergonha.

— Não sei.

Ele balança as sobrancelhas.

— Grandes planos?

— Ugh! — Eu me movo para enterrar meu rosto no edredom, mas Johnny captura meus lábios com os dele antes que eu possa.

— Eu tive uma queimadura horrível de sol quando eu estava em turnê no verão passado — ele diz, roçando seu nariz contra o meu. — Ainda tenho um pouco de Aloe Vera no meu banheiro. — Ele me beija novamente. — Vai ajudar a esfriar.

Mortificada, exalo uma respiração trêmula e assinto.

— Obrigada.

Pressionando um beijo na ponta do meu nariz, Johnny desce da cama e entra em seu banheiro, voltando um momento depois com um pequeno frasco de pomada. Desaparafusando a tampa, ele sobe na cama e me entrega antes de se mover para a minha calcinha.

— O que você está fazendo? — Engasgo, levantando meus quadris quando ele puxa minha calcinha pelas minhas pernas. — Johnny?

— Eu estou salvando você — ele responde com um sorriso. — Lembra-se de todos os comentários *"me salve, Johnny, por favor, me salve"*?

— Sim, mas... — Pegando o pote das minhas mãos, ele derrama um pouco de Aloe Vera em seus dedos e abaixa a mão. — Oh meu Deus — eu choramingo de alívio quando o gel frio apaga o fogo. — Isso é incrível.

Movendo-se mais para baixo na cama, Johnny se inclina sobre meu quadril e sopra suavemente contra minha pele nua. Minha respiração engata na minha garganta e eu tenho que travar meus músculos no lugar para impedir que meus quadris levantem. Olhando para mim através dos cílios encapuzados, ele continua a soprar ar frio na minha carne macia.

— O suficiente? — ele pergunta em um tom áspero antes de pressionar um pequeno beijo na minha carne. — Ou mais?

Respirando com dificuldade, eu me sento e agarro sua camiseta.

— Tire.

Seus olhos azuis estão ardendo de calor quando ele estende a mão por cima do ombro e tira a camisa.

Exalando trêmula, eu levanto meus braços sobre minha cabeça, nunca tirando meus olhos dos dele.

— Agora a minha.

Sem dizer uma palavra, Johnny se inclina para frente e puxa minha camisa sobre minha cabeça com facilidade e sem esforço antes de alcançar atrás de mim para soltar meu sutiã. É quase assustador a rapidez com que ele consegue

desabotoar um fecho de sutiã, mas quando ele desliza as alças pelos meus ombros e joga meu sutiã no chão de seu quarto, eu não consigo me importar.

Caindo de costas, eu o arrasto para baixo comigo, os dedos cavando os músculos duros de suas costas. Johnny obedece, pressionando seu peso sobre mim enquanto eu deixo minhas pernas caírem abertas para recebê-lo.

— Você fica bem na minha cama. — Apertando as mãos nas minhas coxas, ele arrasta meu corpo para mais perto, gemendo alto quando nos encostamos. — Deitada — ele acrescenta, pairando acima de mim, antes de selar seus lábios nos meus. — comigo entre suas pernas.

Gemendo, fecho meus olhos e passo meus braços ao redor de seu pescoço, esfregando meu corpo contra o dele. Tudo sobre esse menino parece bom, real e *certo.* Seus lábios estão por toda parte; no meu pescoço, meus seios, minha barriga... eu posso senti-lo por toda a minha pele e ainda não é suficiente. Reagindo inquieta, eu gemo quando sinto seu dedo deslizar dentro de mim, tornando a dor crescente dentro de mim quase insuportável. Agarrando seus ombros, eu balanço em seu toque, querendo tudo o que ele me dará.

— Esta é uma má ideia — Johnny diz com uma voz rouca antes de sua boca cair na minha, sua língua duelando com a minha quase violentamente. — Eu deveria parar — ele rosna, aumentando a velocidade de seus dedos enquanto empurra dentro de mim. — Pior ideia de todos os tempos.

— Eu amo suas ideias ruins — eu sussurro, alcançando o cós de sua calça de moletom. — Não pare.

Quando ele não se move para me parar como ele costuma fazer, eu empurro em direção de seus quadris.

— Quero você.

Ele geme e mergulha sua língua em minha boca, segurando-se em seu cotovelo para que eu possa empurrar sobre sua ereção.

— Eu te amo para caralho — ele sussurra, chutando seu moletom por todo o caminho. Minha respiração engata na minha garganta quando eu movo minha mão sobre a frente de sua cueca e sinto o quão grosso e longo ele é.

— Você é grande — eu sussurro, respirando com dificuldade e rápido. — Tipo muito, muito grande.

— Porra, não diga isso — ele rosna, atacando meu pescoço com beijos famintos. — Você vai me fazer explodir.

— Mas você é — eu ofego, balançando em seu toque enquanto os choques familiares de prazer ondulam por mim. — E eu vou...

Fechando meus olhos, eu balanço contra sua mão enquanto uma onda de felicidade consome meu corpo inteiro, incendiando minha pele, e fazendo meus músculos se contraírem e sofrerem espasmos.

— Johnny...

— Shh. — Colocando meu lábio inferior entre os dentes, ele puxa suavemente antes de enfiar a língua dentro da minha boca, os dedos se movendo em um ritmo perfeito enquanto meu corpo lentamente relaxa embaixo dele.

— Não se preocupe — ele sussurra, os lábios se movendo para chupar meu pescoço. — Vou manter meu pau na minha cueca.

— Eu não quero que você mantenha em sua cueca.

Ele endurece.

— O quê?

— Quero você.

Ele para por um momento, em seguida, levanta-se sobre os cotovelos para olhar para mim.

— Você fala sério?

— Sim.

Seus olhos procuram os meus, incerteza piscando em suas feições, enquanto ele desliza os dedos para fora de mim e alcança o cós de sua cueca Calvin Klein preta.

— Tem certeza?

— Tenho certeza. — Eu balanço a cabeça, sentindo meu coração bater descontroladamente no meu peito. — Eu quero você por inteiro.

55
Não abra a porta!
Johnny

O que eu estou fazendo?

O que *diabos* eu estou fazendo?

Eu não consigo pensar direito. Tudo que eu consigo ver é Shannon, esparramada nua na minha cama, e todas as dúvidas, medos e preocupações que eu sei que *deveria* estar sentindo voam pela janela.

— Você tem certeza? — Pergunto a ela novamente, precisando da garantia. — Você realmente tem certeza?

Tremendo debaixo de mim, ela assente, com os olhos arregalados e corada.

— Estou pronta, Johnny.

— Mas você está dolorida — eu resmungo quando meu pau se estica contra minha cueca, desesperado para chegar até ela. — Eu não quero te machucar.

— Você não vai me machucar — ela sussurra, estendendo a mão para segurar minha mandíbula. — Eu quero isso.

Porra.

Porra!

Expirando trêmulo, eu desço de cima dela e me levanto, sabendo que é muito cedo, mas me resigno a fazer isso de qualquer maneira.

— Você pode dizer não. — Eu digo a ela enquanto deslizo meus dedos no cós da minha cueca e a puxo para baixo. — Você *sempre* pode dizer não — acrescento, tirando a cueca e voltando para ela. — E eu vou te ouvir, ok?

Assentindo, Shannon se apoia nos cotovelos, a atenção voltada para o meu pau que está de pé em sua glória.

— Sim... então, este é o meu pau. — Eu afirmo e então mentalmente chuto minha bunda por dizer algo tão estúpido. Como se eu precisasse rotular um pau e bolas.

Jesus Cristo.

— Sim — Shannon solta um suspiro trêmulo e se senta. — Esse é o seu pau, tudo bem.

Prendo a respiração quando ela estende a mão e acaricia um dedo sobre a cabeça e, claro, meu pau estremece e se contorce com o contato.

— Se mexeu. — Seu olhar salta para encontrar o meu. — Sozinho.

— Você está encorajando isso — eu solto, sentindo os joelhos fracos, enquanto dou um passo para mais perto. — Toque-o e ele vai ter todos os tipos de noções.

Ela arrasta os dedos sobre minhas cicatrizes e exala outra respiração alta.

— Você é tão bonito, Johnny. — Inclinando-se para frente, ela dá um beijo na linha irregular da minha pélvis antes de colocar outro na cicatriz muito mais abaixo. — Eu te amo muito.

Porra.

— Eu também te amo — eu digo com os dentes cerrados, as mãos fechadas em punhos ao meu lado. Não há palavras para explicar as sensações que inundam meu corpo quando ela coloca seus lábios em mim. Decidindo me sentar antes de desmaiar, me abaixo na cama e puxo Shannon para estarmos de lado, um de frente para o outro. — Nós não temos que fazer nada, ok? — Eu digo, segurando sua bochecha. — Estou feliz só de estar aqui com você.

— Johnny? — ela sussurra, espelhando meus movimentos segurando minha bochecha.

Minha respiração fica presa na garganta.

— Sim, Shan?

— Shh.

E então ela me beija.

E eu me *perco.*

Qualquer pedaço de autocontrole que eu estava me agarrando quebra no instante em que ela decide que é uma boa ideia colocar seus lábios nos meus. Empurrando-me de costas, Shannon sobe em cima de mim, nunca quebrando o nosso beijo, enquanto ela desliza as mãos no meu cabelo, fazendo aquela coisa com os dedos que me deixou louco.

Eu não aguento.

Ela é demais para mim.

Rolando-a de costas, me acomodo entre suas pernas, beijando-a profundamente enquanto estendo a mão e alcanço meu armário ao lado da cama. Tateando sem rumo, eu acidentalmente deixo cair minha mão no controle remoto do meu aparelho de som, fazendo com que a música Wires da banda *Athlete* exploda alto nos alto-falantes.

— Merda — eu rosno, pegando o controle remoto. — Eu vou desligar...

— Não, está tudo bem — Shannon respira contra meus lábios. — Deixe ligado.

Gemendo em sua boca, abro a gaveta e pego a caixa de preservativos, tudo isso enquanto faço uma oração silenciosa aos céus, agradecendo a Jesus por meu melhor amigo fantástico para caralho e seu pensamento avançado.

Homem bom esse Gibs...

Tateando com uma mão, consigo abrir a caixa e tirar um preservativo. Jogando a caixa no chão do meu quarto, eu me acomodo entre suas pernas, as mãos tremendo como uma folha de hera, combinando com o resto de mim.

— Você tem certeza, Shan? — Eu pergunto, arrancando meus lábios dos dela enquanto abro a embalagem e coloco a camisinha. — Você realmente quer isso?

— Eu realmente quero você — ela sussurra, acenando para mim, e eu juro que meu coração para no meu peito. Eu não consigo vê-la deitada em meus travesseiros. Ela é demais para mim.

— Eu te amo tanto — eu solto, a voz cheia de emoção quando me acomodo entre suas pernas e me apoio em um cotovelo. — Serei cuidadoso — acrescento, beijando-a profundamente enquanto lentamente me empurro contra ela. — Eu prometo.

— Eu confio em você — ela suspira, as mãos movendo-se para meus quadris. — Eu quero isso com você.

— Pode doer — eu admito, pressionando minha testa contra a dela, enquanto meu coração bate tão forte contra minhas costelas que eu posso ouvi-lo. — Eu não quero te machucar.

— Eu não estou com medo — ela sussurra, puxando minha cintura e inclinando seus quadris para cima.

Eu posso senti-la, tão quente e calorosa e perfeita para cacete, e Jesus, eu estou com medo. Eu nunca tive tanto medo de quebrar nada na minha vida como eu estou neste momento com essa garota. Ela é a virgem, mas é eu quem tremo o suficiente por nós dois. Eu sinto demais por ela. Eu a amo mais do que é seguro para mim.

— Eu quero isso — ela sussurra, enrolando os braços em volta do meu pescoço e puxando meus lábios nos dela. — Eu prometo — ela acrescenta antes de pressionar seus lábios nos meus. Sua língua invade minha boca, acariciando a minha com aquele toque doce e hesitante que eu tanto desejo

Um estremecimento profundo passa por mim e eu aperto meus olhos fechados antes de empurrar dentro dela em um impulso firme. Shannon choraminga e eu congelo, o coração batendo violentamente no meu peito.

— Você está bem?

Assentindo, ela se agarra ao meu pescoço e bate seus lábios nos meus mais uma vez.

— Continue me beijando — ela implora.

Mantendo meus quadris parados, continuo a beijá-la, desesperado para aliviar a dor que eu sei que ela está sentindo enquanto seu corpo estremece e endurece sob o meu.

— Eu te amo — eu sussurro entre beijos, uma e outra vez, enquanto emoções que eu nunca tinha sentido na minha vida me atingem – todas por, devido, e direcionadas a essa garota. — Eu te amo tanto, Shannon *como o rio.*

Eu estou segurando meu autocontrole por um fio. A perspectiva de me mover dentro dela é quase demais para mim. Ela é tão apertada, tão fodidamente quente. Toda vez que ela me aperta, aperta meu pau em um aperto forte, meus olhos se reviram. Os pequenos, carentes, gemidos e murmúrios vindos de sua boca enquanto ela se ajusta à sensação de mim dentro dela estão me *matando*.

Jesus...

— Você está bem? — Eu sussurro, enquanto luto contra o desejo irresistível de me enterrar ao máximo dentro dela. Segurando meu peso em um cotovelo, eu seguro sua bochecha com minha mão livre e acaricio seu nariz com o meu, observando seu rosto com olhos lascivos. — Shan? — Pressionando minha testa contra a dela, solto um suspiro trêmulo — Já posso me mexer?

— Não... ainda — ela suspira, cravando suas unhas em meus ombros enquanto ela se agarra ao meu corpo.

— Está tudo bem — eu a acalmo, beijando seus lábios e depois indo para seu pescoço. — Você é tão bonita.

— Johnny... — suas palavras são interrompidas e ela arqueia os quadris para cima, fazendo-me deslizar mais fundo dentro dela.

Eu não posso segurar o gemido que rasga a minha garganta quando ela me aperta mais forte e minhas bolas apertam.

— Eu quero que você... — ela sussurra, lentamente empurrando-se para cima. — Eu quero que você se mova em mim.

— Tem certeza? — Eu murmuro, os olhos colados aos dela.

— Sim, está bom agora. — Shannon suspira, bochechas coradas. — Você parece bom dentro de mim.

Ah, foda-se.

Exalando uma respiração irregular, eu me inclino e a beijo enquanto eu lentamente puxo para fora, antes de afundar de volta dentro dela, o peito arfando com o esforço que estou fazendo para não gozar.

— Tudo bem?

Gemendo em minha boca, Shannon assente e balança seus quadris contra os meus enquanto construímos um ritmo lento e suave. Arrastando minha mão por seu corpo, eu engancho sua coxa em volta da minha cintura, fazendo com que nós dois gemêssemos quando o movimento faz tudo parecer mais profundo, mais apertado, mais *conectado.*

— Você é tão bom — ela sussurra, tremendo debaixo de mim. Liberando o aperto de morte que ela tem no meu pescoço, ela relaxa no colchão e arrasta as mãos pelo meu peito e por minhas laterais. — Você é tão lindo

Jesus Cristo, ela está me matando.

— Você é linda — eu rosno, movendo-me um pouco mais rápido, enquanto a onda familiar de prazer começa a crescer. — Porra — eu gemo, reivindicando seus lábios mais uma vez. — Shannon, eu preciso... porra, eu preciso...

Toque, toque, toque...

— Johnny, amor, seu pai está de volta com a comida chinesa. Ele trouxe bolinhos de frango para você.

Não.

Não.

Querido Deus, não!

— Essa maldita música vai te deixar surdo!

Eu tranquei a porta?

Tranquei?

Eu não consigo me lembrar, porra!

— Johnny — Shannon sussurra com os olhos arregalados de horror, enquanto ela bate no meu peito. — Sua porta...

— Não abra a porta! — Eu rujo, saindo abruptamente de Shannon e depois entrando em pânico quando ela estremece de dor. — Oh merda, Shan, baby, você está bem?

— A porta — Shannon solta. — Fecha a porta.

— Johnny, você pode me ouvir, amor? — Mamãe chama. — Estou entrando.

— Não! — Eu rujo sobre a música. — Apenas espere um segundo, por favor!

— O que nós vamos fazer? — Shannon choraminga, surtando como um pássaro engaiolado na minha cama.

— Eu não sei... — Balançando minha cabeça, eu olho ao redor, me sentindo impotente. Que desastre. — Porra!

— Johnny, você está vindo para comer seus bolinhos de frango?

— Dê-me um maldito minuto, mãe — eu grito, enquanto eu agarro as laterais do meu edredom e embrulho minha namorada como um taco antes de rolá-la debaixo da minha cama. — Fique abaixada, Shan — eu digo a ela. — Eu vou resolver isso. — Pegando no controle remoto, bato minha mão no aparelho de som cortando a música, antes de me mover para a porta.

— Johnny! — Shannon sussurra debaixo da minha cama.

— O quê?

— Você está nu.

Merda.

Rolando a camisinha manchada de sangue do meu pau ainda totalmente ereto, eu a arremesso do outro lado do quarto e pulo para minha cômoda, tirando um par de calças e rapidamente colocando-as. Ajustando minha ereção furiosa, inalo uma respiração firme e caminho até a porta.

— Você demorou muito para atender a sua porta — minha mãe diz, olhando-me com desconfiança.

— Sim, desculpe por isso. — Afobado e respirando com dificuldade, eu balanço a cabeça e finjo um bocejo, tentando desesperadamente estabilizar minha respiração. — Eu estava dormindo.

— *Você* estava dormindo?

Eu balanço a cabeça.

— Às oito e meia da noite? — Minha mãe arqueia uma sobrancelha incrédula. — Com essa música estridente?

Dou de ombros.

— Estou cansado.

— Eu aposto que você está — Ela dá um passo à frente e eu rapidamente a intercepto, bloqueando seu caminho. — O que você está fazendo?

— Nada — eu minto, movendo meu corpo como um maldito polvo quando ela tenta espiar ao meu redor. — O que *você* está fazendo?

— Verificando se há roupa suja — minha mãe responde. — Me deixe entrar.

— Não tenho roupa para lavar, mãe, e não quero comida chinesa. — Sorrindo para ela, tento fechar a porta do meu quarto, mas ela levanta a mão, me parando.

— O que está acontecendo?

— Nada.

— Nada? — ela repete, me dando um olhar de *"não me engane"* antes de dar um passo ao meu redor e marchar direto para o meu quarto.

Prendo a respiração, enquanto mentalmente debato se Shannon terminará comigo se eu colocar o rabo entre as pernas e correr enquanto ainda posso porque essa mulher vai cortar meu pau.

— Você está sozinho?

— É claro. — Mordendo meu punho, eu relutantemente me viro e a sigo, rezando por tudo que é mais sagrado para minha mãe *sair daqui*. — Eu estava tentando dormir, mãe.

Meu olhar vai para Shannon que está olhando para mim debaixo da minha cama, os olhos esbugalhados. Caminhando até a cama, fico na frente dela e observo minha mãe. Ela está claramente procurando por algo. *Minha namorada.*

— Então, onde está Shannon esta noite? — Minha mãe pergunta, tom atado de suspeita.

— Não faço ideia — respondo rapidamente. *Muito rápido, porra.*

— Você não tem ideia? — Minha mãe retruca, em tom de descrença, enquanto vasculha meu quarto com os olhos.

— Na verdade, eu acho que ela pode estar na casa de Claire — eu corro para corrigir meu erro. — Sim.

Assentindo vigorosamente, eu afundo na minha cama e acrescento:

— Ela definitivamente me disse que passaria a noite na casa de Claire.

Minha mãe arqueia uma sobrancelha.

— É verdade?

— Sim mãe. — Tentando passar despercebido, arrasto o lençol da cama e o deixo cair na beirada, escondendo minha namorada. — Jesus, o que há com esse interrogatório? — Uma mão envolve meu tornozelo então, unhas cravadas na minha pele, e eu me afasto do contato. — Jesus!

— Como? — minha mãe pergunta, com as mãos nos quadris.

— Cansado — eu engasgo, me segurando por um fio. — Jesus, eu estou realmente cansado.

— Hum. — Algo chama sua atenção então, algo realmente muito ruim porque seus olhos se estreitam e seu rosto fica roxo. Sem dizer uma palavra, minha mãe vai até o lado da minha cama, e eu assisto horrorizado enquanto ela se abaixa e pega a caixa de preservativos.

Foda-se.

Minha.

Vida.

— *Aberto* — minha mãe rosna, enquanto ela caminha de volta para onde eu estou caído e joga a caixa no meu colo. — Agora, onde está a garota com quem você abriu esse pacote, Johnny?

Abaixo a cabeça, sabendo que estou completamente fodido.

— Uh...

— Estou aqui, Sra. Kavanagh — Shannon murmura, espiando por entre minhas pernas. — Desculpe?

— Shannon. — Minha mãe solta um suspiro irregular. — Saia de debaixo da cama, por favor.

— Eu meio que não posso, Sra. Kavanagh — Shannon diz.

— Por que não?

— Porque eu estou meio nua? — ela solta, corando.

— E Jesus chorou — minha mãe lamenta, cobrindo o rosto com as mãos. — Vocês dois coloquem suas roupas e me encontrem na cozinha em dois minutos — ela fala antes de se mover para a porta, apenas para hesitar. — E me dê isso — ela retruca enquanto volta para onde eu estou sentado e pega a caixa de preservativos das minhas mãos. Golpeando a parte de trás da minha cabeça com a caixa de preservativos, ela sussurra: — Seu pequeno salafrário! — antes de marchar de volta para fora do quarto, gritando: — John! Chame o pároco. Esse seu filho precisa se confessar.

56
Eu te fiz uma promessa
Shannon

Eu planejo ter uma morte lenta.

A causa da minha morte prematura: mortificação.

Nunca na minha vida estive tão envergonhada quanto quando entrei pela porta da cozinha e fiquei cara-a-cara com os pais de Johnny, minutos depois de perder minha virgindade no que foi o melhor e o pior momento da minha vida.

— Eu preciso falar com você sobre uma coisa.
— Sobre o que?
— Sobre sexo, Shannon, amor.
— Não faça isso com ela — Johnny implora do banco ao lado do meu. — Por favor, mãe, eu estou implorando. — Ele se vira para olhar para mim. — Cubra seus ouvidos, baby...

Gemendo alto com a memória da voz da Sra. Kavanagh quando ela me senta na ilha para a *conversa,* eu puxo meu edredom roxo sobre minha cabeça e mentalmente me preparo para passar o resto da minha vida agarrada a esta cama porque eu nunca deixaria minha casa novamente.

Pior, a mãe de Johnny insistiu em me levar para casa *sozinha*, o que significava ainda mais tempo para discutir maçãs e bananas e como eu não deveria deixar seu filho me *corromper* de qualquer forma ou forma. De acordo com a Sra. Kavanagh, todos os adolescentes são cachorros movidos a hormônios – inclusive o filho dela – e eu não deveria deixar *Jonathon* me enganar.

Tarde demais para isso, penso comigo mesma enquanto me enrolo na menor bola que consigo e suspiro. Eu me sinto muito mal, porque apesar de ter sido minha ideia, Johnny foi quem sofreu o peso da ira de sua mãe, enquanto seu pai sorria para o jornal, balançando a cabeça e concordando sempre que solicitado por sua esposa. Aos olhos da Sra. Kavanagh, ele era mais velho e possuía o pênis, portanto, era ele quem deveria saber mais. Eu não tinha ideia do que dizer ou fazer quando ela começou a nos dar um sermão sobre como partes íntimas eram

privadas e não para compartilhar um com o outro. Foi *tão* humilhante e, horas depois, meu rosto continua em *chamas*.

Soltando meus membros o suficiente para esticar meu braço e pegar meu telefone da mesa de cabeceira, eu o puxo de volta para o santuário do meu edredom e verifico a hora, apenas para gemer quando vejo que tinha passado das duas horas da manhã.

Vá dormir, Shannon, murmuro mentalmente. *Apenas desligue seu cérebro e pare de pensar demais.*

Toque, toque, toque...

Enrijecendo, eu fico perfeitamente imóvel e escutei com atenção.

Toque, toque, toque.

Pulando na minha cama, olho ao redor do meu quarto escuro, iluminado pelo poste de luz do lado de fora, e tento descobrir a origem do barulho.

Toque, toque, toque.

Meu olhar fixa-se na janela.

Toque, toque, toque.

Jogando fora minhas cobertas, eu me arrasto para fora da cama e inalo uma respiração firme antes de puxar as cortinas.

Minha boca se abre e meu coração dispara no meu peito quando meus olhos pousam no enorme menino se equilibrando na varanda do lado de fora da minha janela.

— Johnny! — Eu solto, enquanto abro minha janela e olho para ele em puro choque. — Como você chegou aqui?

— Eu subi pela sua lixeira — ele fala enquanto se lança para o parapeito da janela. — Deixe-me entrar antes que eu morra.

Apressando-me para dar um passo para o lado, observo enquanto ele sobe pela janela, pousando no chão do meu quarto com um baque alto.

— E o seu pau? — Eu murmuro, os olhos colados nele.

— Foda-se meu pau — Johnny resmunga, levantando-se. — Eu não poderia deixar as coisas assim depois do que minha mãe fez... o que, a propósito, eu sinto muito. Eu nem sei por onde começar a consertar essa bagunça.

Balançando a cabeça, ele fecha o espaço entre nós e dá um beijo na minha bochecha.

— Oi, Shannon. Você cheira muito bem — ele diz em um tom abafado antes de rapidamente voltar ao seu discurso. — Eu não sei o que diabos aconteceu comigo no meu quarto, Shan. Eu sempre tranco minha porta... — ele faz uma

pausa e rapidamente testa minha porta antes de assentir em aprovação. — Eu nem sei como eu passei de ajudar você com a queimação da depilação para tirar sua virgindade, mas eu sinto muito.

Ele se move para andar de um lado para o outro, mas rapidamente para quando percebe que mal havia espaço suficiente para ter um gato.

— Eu queria que fosse bom para você e então eu... e ela... e eu apenas... bolinhos de frango! — Exalando um grande suspiro, ele acrescenta: — Eu sei que não deveria estar aqui, mas tive que manter minha promessa.

Olho para ele em confusão.

— Que promessa?

— Eu disse a você que quando dormirmos juntos, passaríamos a noite juntos — ele diz rispidamente. — E eu sei que fiz umas merdas na primeira parte.

Com um olhar vulnerável em seus olhos, Johnny dá de ombros e gesticula para minha cama minúscula.

— Mas você acha que pode me ajudar com a segunda parte?

Oh Deus.

Esse garoto.

Meu coração.

Dando um passo ao redor dele, subo na minha cama e puxo as cobertas.

— Sim. — Assentindo, eu exalo uma respiração trêmula e sussurro: — Venha cá.

Tirando as calças em tempo recorde, Johnny sobe na cama ao meu lado, envolvendo seu grande corpo em volta do meu para estarmos de conchinha.

— Eu juro, não estou procurando por nada — ele sussurra, pressionando um beijo no meu ombro enquanto me abraça. — Eu só preciso te abraçar.

— Você não fez merda com nada, Johnny — eu sussurro, aninhando minhas costas em seu peito quente. — Foi ótimo.

Ele fica quieto por um longo momento antes de perguntar:

— Você está dolorida, Shan? — Apertando o braço em volta de mim, ele aninha o rosto na curva do meu pescoço e suspira. — Eu machuquei você?

— Não, você não me machucou, e eu não estou dolorida. — Tremendo, eu agarro seu antebraço, querendo mais do que tudo mantê-lo comigo pelo resto da minha vida. — Eu só me sinto...

— O quê? — ele pergunta, acariciando minha orelha. — O que você está sentindo?

— Esticada? — Eu ofereci, mordendo meu lábio. — E um pouco dolorida, mas não *dolorida.*

— Nós não temos que fazer isso de novo — ele se apressa em dizer. — Não até que você esteja pronta.

— Eu estava pronta antes, Johnny — eu digo a ele, incapaz de parar de bocejar. — Eu ainda estou pronta agora.

— Eu nunca fiz isso antes — ele admitiu calmamente.

— Fez o quê?

— Tirei a virgindade de alguém. — Ele exala um suspiro pesado e a vibração de seu peito ondula através de mim. — Eu estava com tanto medo de te machucar, Shan.

— Então, eu sou sua primeira *primeira*? — Eu pergunto sonolenta.

— Você é meu tudo.

Uau.

— Boa noite, Shan — ele sussurra.

Fecho os olhos e sorrio.

— Boa noite, Johnny.

57
Dores no Peito
Johnny

— Esteja no campo de treinamento da Academia no sábado de manhã às 7h em ponto — diz o técnico da seleção do sub-20 na segunda-feira de manhã. — Arranjei uma reunião com os seus treinadores e garanti uma apresentação para a manhã, por isso vamos ver como isso vai.

— Pode deixar. — Assentindo como um lunático, ando de um lado para o outro na academia, segurando meu telefone com mais força do que o necessário, com a excitação e o pânico me dominando. — Eu estarei lá.

— Traga seu equipamento, Johnny — acrescenta. — Mas não tenha esperanças. Eu não me importo com o que seus médicos disseram, você não vai pisar em campo sob minha supervisão sem o médico do meu próprio time dar passe livre. O Dr. Malachy vai fazer uma bateria de exames completa, então traga todas as informações e exames que você tem com você.

— Entendido. — Eu balanço a cabeça novamente, o coração martelando descontroladamente no meu peito. — Tenho tudo do Dr. Quirke, do Dr. O Leary também. Tenho todos os relatórios do meu fisioterapeuta e treinadores.

— Bom — ele responde rapidamente. — Traga tudo com você.

— Estou pronto, treinador. — *Estou pronto há semanas.* — Estou pronto para voltar.

— Espero que sim, garoto — responde meu treinador. — Eu sinceramente espero.

— Se eu... — Pausando, eu faço uma careta, tentando encontrar as palavras certas para formular minha próxima pergunta — Se o Dr. Malachy me der permissão, você acha que eu vou...

— Vamos apenas fazer você passar pela próxima rodada de exames médicos e falaremos sobre a equipe então — ele me interrompe dizendo. — Você tem muito condicionamento para atualizar. Mas vou dizer que Ó Donnell e Gilbert estarão indo comigo. Eles estão interessados em você, Johnny. Eles querem fazer suas próprias avaliações...

Ele faz uma pausa por um um longo momento antes de acrescentar:

— Eu não tenho que explicar que oportunidade é essa. Não é todo dia que a diretoria viaja para ver um jogador do Sub-20. Com Daly e Johnson ambos lesionados, eles perderam dois centros para a campanha de verão no próximo mês na África do Sul. Se eles estão vindo para assistir você, eu preciso que você leve isso a sério. Se você não está em forma, então você precisa me dizer agora, garoto. Perder o tempo deles não te fará nenhum favor – ou a mim.

Merda.

Jesus Cristo.

Está acontecendo.

Está acontecendo, porra, Johnny.

Mantenha a cabeça!

— Eu entendo — eu respondo, afastando Gibsie enquanto ele salta na minha frente, murmurando "*o que ele está dizendo*". — *Espera* — eu murmuro para o meu melhor amigo antes de virar as costas para ele e dar toda minha atenção ao homem que segura a chave do meu futuro. — E eu estou em forma, cem por cento. Eu sei o que isso significa, treinador, e eu prometo, estou dentro.

— Nunca duvidei de seu compromisso por um segundo, Johnny — o treinador responde. — Vejo você no sábado.

— Sim, eu te vejo então — eu suspiro. — Obrigado novamente.

— Boa sorte, garoto.

A ligação termina e eu fico ali por vários momentos, cambaleando e me deleitando com o telefonema que eu esperei receber por toda a minha vida.

— Bem? — Gibsie exige. — Você voltou?

— Estou de volta — eu confirmo, soltando um suspiro trêmulo. Virando-me para encará-lo, não consigo tirar o sorriso do meu rosto. — Estou de volta, Gibs!

— Você está, porra — Um sorriso enorme se espalha por seu rosto. — Você conseguiu, Cap, caralho!

Envolvendo-me em um abraço, Gibsie ri.

— Parece que eu preciso comprar uma passagem para a França neste verão porque meu melhor amigo está indo para a porra dos Sub-20!

— Nada está confirmado ainda — eu respondo, tentando manter a cabeça firme e não perder o controle de mim mesmo. — Tenho muito trabalho a fazer e apenas duas semanas para conseguir.

— Puff — Gibsie responde, acenando para mim. — Você vai para a França com o Sub-20 no próximo mês e eu vou fazer xixi lá em comemoração! Vive la France.

— Ó Donnell vem me ver no sábado, Gibs — eu sussurro, sentindo meu coração acelerar a cem quilômetros por hora. — Gilbert também. Eles estão sem alguns centros para a campanha sênior na África do Sul.

Os olhos de Gibsie se arregalam.

— Puta merda, Johnny!

Eu balanço a cabeça, sentindo uma enorme onda de emoção passar por mim.

— Eu *sei*.

— Isso significa...

— Não diga isso — eu solto, estendendo a mão. — Não me dê azar.

— Mas é isso que significa, certo? — Gibsie fala, os olhos brilhando de orgulho. — Você estará na França com os Sub-20 na primeira metade de junho e depois na África do Sul na segunda metade... — sua voz se eleva com entusiasmo — com a *porra do time sênior,* Johnny!

— Eu posso não chegar a nenhum dos times — eu murmuro, tentando manter meus pés firmes no chão. Não está funcionando, no entanto. Minha frequência cardíaca dispara e o pânico está se instalando. — Eles podem me trocar.

— Por quem? Cormac Ryan? — Gibsie zomba. — Você é o *melhor*, cara.

— Eu não sei — eu sussurro, me sentindo um pouco fraco. — Jesus Cristo, acho que estou com dores no peito.

— Se senta — Agarrando meu braço, ele me leva até o supino e me empurra para baixo. — Basta abaixar a cabeça e *respirar*.

— Jesus, estou morrendo — eu gemo, pressionando minha mão no meu peito. — Gibs, acho que estou tendo um ataque cardíaco.

Balançando a cabeça, tento respirar, mas meus pulmões não enchem.

— Estou sufocando!

— Você não está morrendo — ele ri. — Isso aconteceu quando você foi aceito na Academia, lembra? Você se escondeu em nossa casa na árvore, chorando como uma cadela, gritando que estava tendo uma parada cardíaca e implorando a qualquer um que olhasse para você para chamar uma ambulância. Aconteceu quando você recebeu a ligação para os sub-18 também. Você foi para a cama com sintomas de derrame. E também não morreu, cara.

— Isso é pior, Gibs — eu engasgo, segurando meu braço. — Tão pior.

— Porque isso é maior — Gibsie explica calmamente. — Tão *maior*.

Sentando-se ao meu lado, ele coloca a mão nas minhas costas e começa a esfregar.

— É a sua adrenalina, cara. Apenas lembre-se que isso é uma coisa *boa*. Você trabalhou duro para isso, Johnny – desde que você tinha seis anos. Você fez a cirurgia em março. Você fez todos os cuidados e as besteiras do hospital. Você seguiu todas as ordens que recebeu e construiu seu corpo de volta. Esta é a sua hora!

— E se não for a minha hora?

— É — ele me assegura.

— Mas e se...

— É a sua hora — ele repete com firmeza. — É isso, cara. Sinta.

— Estou com medo — eu falo. — Só voltei ao campo há algumas semanas, cara. E se eu não estiver...

— Você *está* pronto — ele me corta dizendo. — E você é mais que bom o suficiente.

Ele aperta meu ombro.

— Eu honestamente não consigo pensar em outra pessoa que mereça isso mais do que você, Kav. — Suspirando satisfeito, ele acrescenta: — Então aproveite esse sentimento, cara, porque este é o começo de grandes coisas para você.

— Sim. — Eu me forço a me *acalmar* e respirar. — Porra, eu preciso ligar para Shannon.

— Ah, talvez esta seja uma conversa que você deveria ter cara a cara — Gibsie sugere. — Dizer à sua namorada que você provavelmente não estará aqui para o verão não é realmente uma notícia para se dar por mensagem de texto, cara.

— Porra — eu gemo, deixando cair minha cabeça em minhas mãos. — Merda.

O rosto de Shannon ganha vida dentro da minha cabeça, trazendo outro conjunto de dores no peito.

— Oh, Jesus — eu engasgo, me apoiando nele. — O que eu vou fazer sobre Shannon?

— O que você quer dizer?

— É um mês, Gibs — eu digo, meus joelhos batendo. — Vou ficar fora por um mês... mais se eu entrar no time.

— Eu sei disso — ele responde. — Você sabe disso, e *ela* sabe disso. Então você não precisa fazer nada além de *respirar*.

— Eu não posso deixá-la por um mês...

— Johnny, controle a porra de si mesmo — Gibsie ordena. — Este é o time irlandês. Irlanda. Como em nosso maldito país. É um mês e é a oportunidade de uma vida. Não me faça dar um tapa em você para voltar ao bom senso.

— Você está certo — eu murmuro, respirando fundo e devagar.

Claro que ele está certo.

Mas isso não me faz me sentir melhor.

Soltando um rosnado de dor, passo a mão pelo meu cabelo.

— Podemos apenas deixar isso de canto por enquanto? — Eu olho para ele. — Você pode não dizer nada sobre isso para ninguém? — *Não para ela.* — Pelo menos até eu ter certeza?

— Ela vai ficar feliz por você, Johnny — ele responde. — Shannon te ama, cara. Ela está do seu lado desde a sua cirurgia, desejando que você consiga isso.

— Eu sei — eu murmuro. — Mas eu só...

Eu honestamente não acho que posso deixá-la. Afasto o pensamento louco da minha cabeça.

— Só guarde para você até que eu tenha cem por cento de certeza sobre o que está acontecendo.

— É justo, cara. — Gibsie suspira. — Os meus lábios estão selados.

— Obrigado. — Com os ombros caídos, descanso os cotovelos nos joelhos e digito uma mensagem rápida para Shannon, deixando-a saber que eu sairia da academia em breve para buscá-la para a escola.

— Mas esta é uma boa notícia — acrescenta Gibsie antes de se dirigir para os vestiários. — E por tudo que importa, estou orgulhoso de você.

— Obrigado. — Eu exalo um suspiro pesado e vou atrás dele. — Eu acho.

— Você sabe — ele confirma, tirando suas roupas no minuto em que entramos no vestiário. Estava vazio porque éramos os únicos dois idiotas insanos o suficiente para estar aqui desde as 5 da manhã de uma segunda-feira. — Isso é uma coisa boa, cara. Eles vão selecioná-lo. Merda, tenho quase certeza de que você teria entrado para o time mesmo em março, quando suas tripas estavam escorrendo pelas pernas.

— Eu não sei, Gibs. — Balançando a cabeça, caminho até meu armário e me desnudo. — Eu sinto que tudo está acontecendo muito rápido.

— Porque você está com medo de deixá-la — ele medita. — E você quer mais tempo.

Eu dou de ombros impotente.

— Como *posso* deixá-la?

— Porque você tem que fazer isso — ele me lembra. — Porque você tem dezessete anos e este é o seu futuro e você não vai jogar tudo fora.

Agarrando uma toalha de sua bolsa de equipamentos, ele vai para os chuveiros.

— É um mês, Johnny. Quatro semanas, cara. Isso não é nada no grande esquema das coisas.

— Eu sei, mas é só... — Eu balanço minha cabeça novamente e digito outra mensagem para Shannon antes de jogar meu telefone no banco e pegar minha toalha e shampoo. — É uma bagunça completa.

— Isso é o que eu venho dizendo o tempo todo — Gibsie grita de trás de um dos chuveiros. — Não se envolva em nada sério quando você ainda está na escola. É uma receita para o desastre, cara. Vocês todos pensam que eu sou louco, mas estou te dizendo, eu sou o esperto.

— Bem, eu estou completamente envolvido em algo sério. — Eu resmungo, entrando na cabine ao lado dele. Batendo minha mão no bico cromado, fecho meus olhos quando um jato de água escaldante cai sobre mim. — Então, eu claramente não recebi o memorando.

— Isso você recebeu, cara — ele ri. — Que você... oh, me dê um pouco de shampoo, por favor?

Sua mão vem sobre a parede que nos separa.

— Por favor?

Eu esguicho um pouco de shampoo na minha mão antes de jogar a garrafa para ele.

— Eu estraguei tudo com Shannon na outra noite. — Ensaboando meu cabelo, eu me esfrego e suspiro. — Tanto, cara.

— O que você fez? — ele pergunta do outro lado da parede.

— Algo estúpido.

— Vamos lá — Gibsie fala. — Me conte tudo sobre isso, amigo. Tire isso do seu peito.

— Eu não posso dizer isso — eu murmuro, fazendo uma careta. — Estou muito desgostoso para caralho comigo mesmo.

— O que você fez? — ele ri. — Fodeu ela no carro ou algo assim?

Abaixo a cabeça em vergonha.

— Seu silêncio está falando muito — ele brinca. — Vamos, cara. O que quer que tenha sido, não pode ser tão ruim.

— Foi *tão* ruim, Gibs — eu solto. — Eu não posso nem...

— Whoa... — A cortina do chuveiro ao meu redor se abre. — Você conseguiu a boceta dela?

Gibsie está na minha frente, nu e coberto de espuma.

— Hein? Você transou com ela?

— Saia, seu idiota — eu rebato, arrastando a cortina de volta ao lugar. — E eu não consegui a boceta dela... Jesus, não diga isso dessa maneira.

— Desculpe, eu esqueci que você é um pouco sensível sobre como eu falo coisas que envolvem sua *namoradinha*. — Arrastando a cortina para trás, ele revira os olhos e me dá um olhar de expectativa. — Você fez *amor* com ela?

Eu faço uma careta.

— Puta merda. — Seus olhos se arregalam. — Você *fez* amor!

— Eu... — Fechando minha boca, desligo a água e suspiro pesadamente. — Nós não deveríamos ter essa conversa. Não está certo.

— Foda-se isso! — ele atira de volta, parecendo ofendido. — Você fez sexo com sua namorada e não ia *me contar*! Quando isso aconteceu?

— Sábado à noite — eu falo, sentindo o calor subir pelo meu pescoço. — E não olhe para mim assim.

— Assim como? — ele bufa.

— Como se eu traí você.

— Eu *fui* traído — ele rosna. — Você não pode esconder notícias suculentas como essa de mim. Eu deveria saber sobre isso logo no domingo de manhã.

— Jesus, Gibs... — Dando um passo ao redor dele, pego minha toalha do chão e volto para o vestiário. — Você é ridículo.

— Então, você *fez* sexo com ela? — ele pergunta, seguindo atrás de mim. — Vamos, Johnny. Diga-me.

— Não foi assim — eu rebato, afobado.

— Você a penetrou com seu pênis? — Ele sugere. — Porque se você fez, então foi exatamente assim.

— Tudo bem, nós fizemos sexo — eu solto. — Feliz agora?

— Cara! — Ele sorri amplamente. — Estou tão orgulhoso de você.

— Não... — Eu aponto um dedo acusador para ele. — Não se orgulhe de mim por ser um idiota imprudente.

— Estou tão orgulhoso de você, amigo — ele rebate. — Este é o maior orgulho que já tive de você.

Exalando cansado, eu me afundo no banco ao lado do meu armário.

— Eu não sei o que aconteceu comigo.

— Eu sei — Gibsie bufa enquanto se enxuga. — Você ficou nu com uma garota do caralho de aparência fabulosa e perdeu a cabeça.

Jogando a toalha na cama, ele veste uma cueca e ri.

— Não é à toa que você não quer mais sair em campanha. Você teve o gostinho da *Pequena* Shannon, não é? — Ele balança as sobrancelhas. — E agora você está morrendo de fome.

— Gibs — eu sussurro, encolhendo-me. — Não diga assim.

— Espere... — Ele me olha desconfiado. — Você se protegeu?

— Sim — eu mordo.

— Com os preservativos que eu fiz você comprar?

Eu balanço a cabeça.

Ele sorri.

— Você silenciosamente me agradeceu?

— Ouça-me, filho da puta, eu sou mais velho que você. — Eu rosno. — Eu já estava pontuando com garotas enquanto você ainda estava esperando sua voz engrossar.

— Eu te alcancei, porém, não foi? — ele retruca, nada afetado. — E de nada.

— Eu comprei sua primeira caixa de preservativos — eu sibilo. — Então chega de comentários de "*de nada*", porque eu te ajudei muitas vezes.

— Justo — ele ri, claramente se divertindo com a minha desgraça. — Então, como foi?

— Um desastre completo — eu admito enquanto me enxugo e visto meu uniforme escolar. — Foi a primeira vez dela, Gibs, e minha mãe nos encontrou quando eu estava começando.

— Ah Jesus — Gibsie geme, pressionando a mão na boca. — Me diz que você está brincando?

— Eu gostaria de estar, cara — eu murmuro, colocando minhas calças.

— Ela te matou? — ele pergunta, estremecendo em simpatia.

— Pior — eu resmungo. — Ela levou Shannon para a cozinha para *a conversa*.

— Oh meu deus do caralho — ele lamenta — Isso é apenas... ugh.

Ele balança a cabeça e me olha boquiaberto.

— Seu pau não tem um descanso.

— Não. — Puxando meu suéter, fecho meu armário e dou de ombros. — É amaldiçoado.

58
Ela está apaixonada pelo menino
Shannon

— Estou com medo, Joe — eu falo, balançando o bebê Ollie para frente e para trás em meus braços para impedi-lo de soluçar. — O que nós fazemos?

— Eu não sei, Shan. — Aos dez anos, a voz de Joey ainda é juvenil e inteira. — Mas temos que fazer alguma coisa.

— Vocês não farão nada — a voz de Darren sem emoção vem do beliche abaixo de nós. Ele tinha feito quinze anos ontem e sua voz soava como um verdadeiro adulto agora. — Vocês ficam aqui e de boca fechada.

— Nós não podemos deixá-la lá embaixo com ele — Joey sibila. — Ela acabou de ter o bebê. Se ele bater nela, ele vai matá-la!

— Ele não vai matá-la — responde Darren, parecendo frustrado. — Mas ele vai te matar se você for lá embaixo, idiota.

— Mamãe — soluça Tadhg, de quatro anos, enrolando-se ao meu lado. — Mamãe.

— Shh, Tadhg — eu falo. Colocando o bebê Ollie na minha outra coxa, passo meu braço em volta de seus ombros gorduchos. — A mamãe está bem.

— Ela não está bem — Joey solta. — E ele sabe disso.

— O que você quer que eu faça, Joey? — Darren exigiu. — Estou tentando manter vocês seguros!

Rolando de seu beliche, ele se levanta e olha para nós quatro. A luz da rua inundando a janela ilumina seu rosto machucado e ferido.

— Eu tentei pará-lo e olhar para mim... — Sua voz falha e ele puxa várias respirações profundas. — Eles estão tendo... ele está tentando... escute, você não entende o que está acontecendo lá embaixo – você é muito pequeno para entender – mas eu entendo, e estou dizendo para você ficar na cama.

Soltando um rosnado furioso, Joey salta do beliche de cima e pega seu hurley atrás da porta.

— Ela é nossa mãe — ele sussurra, olhando para Darren com os olhos estreitos. — E se você não vai ajudá-la, eu vou fazer isso sozinho!

— Ele vai matar você — adverte Darren, observando Joey enquanto ele destranca a porta do quarto e a abre. — Não vá lá, Joey. Você não entende o que está acontecendo...

— Eu não me importo com o que está acontecendo — Joey cospe. — Eu sei que é errado. E talvez você possa ouvi-la chorando, mas eu não!

Com isso, ele sai do quarto com seu hurley a reboque. O som de seus passos trovejando pelas escadas faz meu coração pular no meu peito.

— Pare ele — eu imploro quando os gritos ficam mais altos e Tadhg chora mais forte. — Por favor, Darren!

— Eu não posso parar o homem — ele solta, afundando em seu beliche. — Eu tentei... ele é muito forte! Eu não posso...

— Aqui, Tadhg, segure seu irmãozinho. — Colocando Ollie nos braços de Tadhg, desço da cama e corro para a escada com Darren gritando atrás de mim:

— Shannon, por favor, não!

Eu sei que não deveria ir até lá, mas eu tenho que ir. Eu não posso deixar Joey sozinho. Nós estamos juntos. Nós deveríamos defender um ao outro.

Tropeçando escada abaixo, corro para a cozinha, apenas para derrapar em algo molhado e cair com força de bunda para o chão.

Olhando para a poça vermelha em que eu estou sentada, estremeço de repulsa e rapidamente me levanto, enxugando as mãos na minha camisola da Barbie. Eu não gosto de sangue. Isso sempre me faz querer vomitar.

— Seu bastardo — papai ruge, arrastando minha atenção para longe do sangue.

Meu olhar automaticamente trava em meu pai e o medo corre dentro de mim tão forte que me sinto fraca. Ele está parado no meio da cozinha e está sangrando. Sangue espesso e viscoso escorre pela lateral de seu rosto e ele parece furioso. Seu jeans está aberto, algo que acho muito estranho. O que ele estava fazendo com o jeans aberto?

— Olhe para você — papai zomba, olhando carrancudo para Joey. — A porra de um filhinho da mamãe!

— Afaste-se da minha mãe — Joey sibila enquanto ele está na frente de nossa mãe e olha para o papai. Ele está segurando seu hurley ensanguentado com as duas mãos, em uma postura de defesa — Ou da próxima vez, eu vou te matar!

Papai ri cruelmente.

— Você acha que é um homem grande e durão agora, garoto?

— E você? — Joey rebate, sem perder o ritmo. — Empurrando ela por aí? Fazendo ela fazer isso! Isso faz você se sentir como um homem?

— Joey — eu falo em pânico. — Joe...

— Volte para cima, Shan — Joey instrui, apertando suas mãos em seu hurley, nunca tirando os olhos de papai. — Eu consigo.

Sua bochecha está inchada e vermelha, mas seus olhos ardem de fúria, não de medo.

Eu não sei como ele consegue fazer isso.

Como ele consegue ser tão destemido?

— Mamãe — eu soluço quando a vejo de quatro atrás de Joey, roupas rasgadas, rosto tão inchado que mal posso ver seus olhos. Seu jeans está no chão e sua camiseta está rasgada na frente. Eu posso ver suas partes íntimas. Eu não entendo nada disso. Por que ela está nua? Por que havia uma mamadeira de leite derramada no chão ao lado dela? — Mamãe...

— Volte para a cama, Shannon — mamãe soluça enquanto luta para se cobrir. — Eu estou bem, querida.

Ela não está bem.

Eu tinha apenas oito anos, mas sei que nada disso está bem.

— Deixe-o em paz, Teddy — mamãe fala, enrolando a mão em torno do tornozelo de Joey. — Ele é apenas um menino.

— Ele é um erro do caralho — papai ruge. — Eles são todos erros, e você é o maior de todos, Marie.

— Então vá embora — ela chora. — Nos deixe.

— O que você disse para mim? — Papai pergunta, a voz mortalmente fria.

— N-nada — mamãe murmura.

— Diga de novo — papai ordena.

— Eu não disse nada — ela fala — Eu sinto muito. — Encolhida no chão, ela treme violentamente. — Você sabe que te amo.

— Assim está melhor — ele zomba. — Lembre-se do seu maldito lugar, mulher.

— Você não precisa pedir desculpas a ele, mamãe — Joey rosna, o peito arfando em temperamento. — Ele é o erro.

— Seu merdinha. — Limpando o sangue do rosto, papai caminha em direção a Joey. — Eu vou te ensinar boas maneiras...

Suas palavras são interrompidas quando Joey dá outro golpe nele, batendo o hurley no outro lado de seu rosto.

— Jesus Cristo, menino! — ele uiva, agarrando o outro lado de sua cabeça. — Você é um lunático.

— Se eu sou um lunático, então você é a porra do diabo — Joey sibila, apertando suas mãos em seu hurley mais uma vez. — Venha para cima de mim de novo, velhote. Eu te desafio porra!

— Joey — mamãe chora. — Por favor, vá para a cama...

— Você está falando sério? — Joey fala. — Ele estava tentando te...

— Apenas vá para a cama, bebê — ela soluça. — Você só está piorando tudo.

— Piorando? — Joey balbucia, parecendo ferido. — Estou tentando proteger você!

— Que porra você está olhando? — Papai exigiu, me notando ali. — Eu disse que você poderia descer essas escadas, garota?

Em pânico, balanço a cabeça e recuo até que minhas costas batem na geladeira.

— N-não, papai.

— Então o que você está fazendo aqui embaixo? — ele balbucia, dando um cambaleio ameaçador em minha direção. — Você acha que é uma heroína como aquele maricas?

Sua mão dispara, agarrando meu braço.

— Você quer dar um soco em mim também? — Ele me sacude rudemente, fazendo minha cabeça virar para trás. — Guarde minhas palavras, Marie, essa fracote vai ser tão ruim quanto você.

— Tire suas mãos da minha irmã — Joey rosna, correndo para papai.

Ao contrário de antes, papai está pronto para ele. Mantendo uma mão em volta do meu braço, ele pega Joey pela garganta.

— Você é um filho da puta impetuoso — papai sussurra, apertando a garganta de Joey com força suficiente para fazê-lo largar seu hurley para puxar a mão de papai. — Sim, isso mesmo, garoto. Você não é forte o suficiente para me enfrentar ainda.

— Afaste-se — a voz de Darren enche o ar, mandona e profunda, enquanto ele troveja na cozinha. Seus olhos vão direto para mamãe e um estremecimento o percorre. — Você é um maldito monstro — ele solta.

— Saia daqui, Darren — papai late. — Você tem um jogo de manhã.

— Um jogo? — Darren balança a cabeça em indignação. — Deixa eles irem. — Suas mãos estão fechadas em punhos em suas laterais e ele treme violentamente. — Eles são apenas crianças.

— Então eles deveriam estar na cama — papai late. — Não aqui embaixo, interferindo nos meus negócios.

— Vai se foder... — Joey solta, chutando e batendo em nosso pai. — Idiota.

— Bem, merda. — Papai ri e balança a cabeça. — Este aqui... — ele inclina a cabeça em direção ao filho cuja garganta ele está segurando — Tem mais bolas do que miolos.

— Deixe-os ir — repete Darren friamente. — Se você me quer naquele jogo amanhã, é melhor tirar as mãos dessas crianças.

Papai olha para ele por um longo momento antes de liberar Joey e eu.

— Vai ser um bom jogo — ele diz, girando 180 graus. — Devemos vencer — acrescenta. — Se você estiver em forma.

Tossindo e cuspindo, Joey ataca nosso pai novamente, mas Darren bloqueia seu caminho.

— Vá para a cama.

Lágrimas enchem os olhos de Joey.

— Mas ele...

— Leve Shannon e vá para a cama — repete Darren, dando a Joey um olhar duro. — Agora.

Furioso, Joey olha para nossa mãe.

— Não faça isso, mamãe — ele implora. — Não se encolha para debaixo da mesa.

— Faça o que ele disse, Joey — ela funga, oferecendo-lhe um pequeno sorriso. — Tudo vai ficar bem.

— Não — Joey engasga — Não vai.

Alcançando minha mão, ele me arrasta até a porta.

— Ele vai nos deixar, Shannon — ele sussurra, baixo o suficiente para que apenas eu possa ouvi-lo. — Ele vai embora em breve.

— Papai? — Eu pergunto, esperançosa.

— Não. — Joey balança a cabeça, meio que me arrastando escada acima. — Darren.

— Darren não vai nos deixar — eu respondo, sentindo-me doente com o pensamento. — Ele disse que nunca nos deixaria.

— Eu vi — Joey sussurra. — Em seus olhos. Ele vai embora. Ele não se importa, Shannon. Ele está apenas esperando até terminar a escola e então ele vai embora.

Eu balanço minha cabeça.

— Mas ele não pode ir...

— Não se preocupe — diz ele, parando do lado de fora da porta do quarto. — Não importa o que aconteça, vamos ficar juntos.

— Você promete...

Acordando com um sobressalto na segunda-feira de manhã, chuto as cobertas do meu corpo encharcado de suor e apenas deito lá, imóvel como uma estátua, esperando meu coração acelerado voltar ao seu ritmo normal. A parte de trás do meu pescoço está escorregadia de suor e eu posso sentir as gotas frias escorrendo pela minha pele. Tremendo, concentro-me em um ponto singular no teto do meu quarto e eu inspiro e expiro, profunda e lentamente, até que meu coração para de tentar sair da minha caixa torácica.

Todas as noites desde que voltei para casa do hospital, eu acordo exatamente com o mesmo pesadelo. *Memórias,* meu cérebro me lembra. *São apenas pesadelos se não forem reais.*

Por que meu cérebro parece estar preso em uma noite específica oito anos atrás é óbvio, e o medo do desconhecido me deixa paralisada no meu colchão quase todas as manhãs, encharcada em um brilho frio de suor e queimando em meu próprio inferno pessoal.

No meio do meu pânico, chego à conclusão de que meu irmão era vidente. É isso, ou ele é um detector de mentiras vivo, respirando, porque tudo o que Joey previu, bom, ruim ou indiferente, ao longo dos anos, aconteceu. Ele tem essa capacidade assustadora de olhar para uma situação, sentir as mentiras, provar o perigo e, em seguida, apresentar sua previsão com palavras esmagadoras e uma precisão assustadora.

Como Joey previu, Darren estava começando a rachar sob a pressão de viver sob este teto. Ele estava se afastando da vida familiar e fazia viagens de trabalho cada vez mais longas para Belfast. Nem tínhamos conhecido o namorado dele, Alex, o que só me prova que ele não tem intenção de misturar sua vida real em Belfast com a temporária em Cork.

Patricia e sua equipe de assistentes sociais reduziram suas visitas. Satisfeitos com o nosso progresso, eles aparecem uma vez a cada duas semanas, em vez de a cada dois dias – assim como Joey previu.

E assim como Joey previu, nosso pai está andando por Ballylaggin como um homem livre. Faz apenas algumas semanas desde o confronto de papai e Johnny na parte de fora do cinema, e enquanto o pedaço de papel lá embaixo na cozinha

nos assegura que ele não pode voltar aqui, a mulher que me deu à luz me deu espaço para uma pausa.

Tudo está mudando, minha vida está dando voltas, e a única coisa que parece permanecer a mesma e estar calma no meio da carnificina é o garoto cuja camiseta eu estou vestindo. Meu telefone toca, bem na hora, e eu praticamente caio da cama na minha pressa para retirá-lo do carregador. Toda vez que ouço meu telefone vibrar ou vejo a tela acender, sou imediatamente atacada por um ataque de borboletas no estômago. Meu coração acelera. Minhas palmas ficam escorregadias de suor. Eu estou completamente presa a ele. Não é bom ou seguro, ou sensato, mas é exatamente como eu me sinto, e eu anseio pelo perigo. Eu anseio pelas mensagens de texto e encontros secretos. Eu anseio por *ele*.

J: Saindo da academia agora, baby. Chego em 30. bjs

A excitação pulsa em minhas veias, dificultando manter minhas mãos firmes o suficiente para escrever uma mensagem.

S: Como foi? Você está dolorido? Você foi cuidadoso? bjs

Agarro meu telefone no peito e espero impaciente. Menos de um minuto depois, meu telefone toca.

J: Tudo bem. Pare de se preocupar. bjs

Eu não consigo evitar. Eu *estou* preocupado. *Sempre* me preocupo com ele. Meu telefone toca novamente.

J: Pare... bjs

Sorrindo como uma drogada, eu digito outra mensagem.

S: Eu não posso evitar. bjs

J: Você pode me fazer uma checagem completa quando eu chegar aí. Apenas para deixar sua mente despreocupada. ;)

S: Uau, você é tão atencioso. :P

J: Dirigindo agora. Vejo você em breve. bjs

S: Ok. bjs

J: Mande foto de seus seios.

Eu rio alto com a mensagem na tela.

S: Boa tentativa, Gibsie.

J: Porra! Oi pequena Shannon.

Abaixando meu celular, eu corro para fora do meu quarto e mergulho no chuveiro antes que qualquer um dos meus irmãos possa entrar lá. Prendendo meu cabelo em um coque bagunçado para mantê-lo seco, eu me ensaboo com sabonete líquido e deixo minha mente vagar. Como de costume, meus pensamentos automaticamente se voltam para Johnny.

Sempre Jhonny...

Hoje era 9 de maio,' a segunda semana do verão, e como os dias vão ficando mais longos, meus sentimentos vão ficando predominantemente mais fortes por ele. A noite de sábado mudou tudo para mim. Estar com ele dessa forma faz tudo parecer muito mais *profundo* agora. Meus sentimentos por ele ameaçam derrubar todo o meu bom senso...

— Shannon! — A voz de mamãe enche meus ouvidos enquanto ela bate na porta do banheiro. — Achei que deixamos claro que você deveria pegar carona com Darren para a escola.

Excitação borbulha dentro de mim.

Ele está aqui.

Desligando o chuveiro, eu enrolo uma toalha em volta do meu corpo e corro de volta para o meu quarto para me vestir, obedientemente ignorando minha mãe enquanto vou. Batendo a porta do meu quarto na cara dela, eu me visto em tempo recorde, puxando meu cabelo para fora do coque e passando uma escova de cabelo nele. Deslizando meu telefone no bolso da minha camisa, coloco meus sapatos, pego minha mochila e abro a porta mais uma vez.

— Quando lhe faço uma pergunta, espero uma resposta — diz minha mãe, parada na porta com as mãos nos quadris. — O que ele está fazendo aqui?

— Ele me busca para irmos à escola todas as manhãs — eu a lembro. — Você já sabe disso.

Ou pelo menos você saberia se não estivesse no trabalho ou na cama o tempo todo.

— E você já sabe que deveria ir com Darren — minha mãe retruca com as sobrancelhas franzidas.

Resistindo à vontade de revirar os olhos para ela, dou a volta e me movo para o corrimão. Embora mamãe tivesse desistido das ameaças de chamar a polícia, Johnny não é de forma alguma tolerado ou bem-vindo em nossa casa. Ela não reconhece ele ou nosso relacionamento. Ela finge que ele não existe, o que é bom para mim porque eu estou fazendo a mesma coisa com ela.

— Shannon Lynch!

— Tchau — eu grito de volta, trovejando escada abaixo, meu sorriso se alargando a cada passo que eu dou que me aproxima da porta da frente. *Dele*.

— Você sabe que deveria vir comigo — Darren começa a dizer enquanto saí da cozinha com uma tigela de cereal nas mãos. É um esforço parcial dele, no entanto. Ele realmente não se importa se eu vou com Johnny ou não. Ele está apenas recitando o blá-blá-blá de sempre. — Não faz sentido para ele dirigir meia hora fora de seu caminho...

— Até logo — eu grito, abrindo a porta da frente e correndo para fora em direção ao sol da manhã.

Meu passo vacila quando meus olhos pousam em Johnny sentado no muro do meu jardim, as chaves do carro penduradas entre os dedos. Ele não está usando seu suéter da escola – nada de novo por aí – e sua camisa está fora da calça, sua gravata solta, fazendo-o parecer deliciosamente desgrenhado. Ele está carrancudo na frente da minha casa, mas no momento em que me nota, um sorriso preguiçoso surge em seu rosto.

— Shannon *como o rio* — ele ronrona, pulando para ficar de pé. Apontando para seu corpo, ele pisca. — Estou aqui para sua inspeção.

Sorrindo, eu fecho o espaço entre nós, me forçando a andar até ele e não correr como eu quero tanto fazer.

— Oi, Johnny.

— Oi, Shan — ele responde, dando um beijo em meus lábios antes de passar um braço por cima do meu ombro. — Tudo pronto?

Assentindo, eu deslizo meu braço ao redor de sua cintura e suspiro de contentamento enquanto caminhamos até seu carro, sentindo-me bem pela primeira vez desde a noite passada.

— Pronta para ir.

— Shannon! — A mãe sai, enrolando-se no roupão. — Posso ter uma palavrinha?

Ficando tensa, me viro e imploro com os olhos para não dizer nada.

— Sobre o quê?

Mamãe lança um olhar mordaz para Johnny antes de se concentrar em mim.

— Em particular — Ela inclina a cabeça para a porta da frente. — Agora.

— Eu preciso ir — eu respondo trêmula, sabendo muito bem que se eu voltar para dentro, eu não iria para a escola hoje. — Podemos conversar mais tarde. — Exceto que não íamos porque eu não tenho intenção de ter essa conversa com ela. — Tchau.

— Shannon — ela repete, desta vez em tom de advertência. — Entre *agora.*

Eu endureço.

— Eu estou *indo* para a escola. Eu tenho três semanas antes das férias de verão e não vou perder nenhum dia, mamãe. Minhas provas estão chegando.

— Não com ele — minha mãe retruca. — Você não vai a lugar nenhum com *ele.*

— *Ele* tem um nome — eu retruco, mortificada por Johnny estar vendo e ouvindo isso. Fortalecendo minha espinha, estreito meus olhos para ela. — É Johnny, e ele é meu namorado.

— Você não tem respeito — mamãe sibila, voltando sua raiva para Johnny. — Você é um menino horrível.

Johnny suspira cansado.

— Eu não estou em sua propriedade, Sra. Lynch. — Mantendo seu tom mais educado do que ela merece, ele acrescenta: — Eu sei que você não gosta de mim, mas eu não estou infringindo nenhuma lei aqui.

— Eu disse para você ficar longe da minha filha — minha mãe solta, tremendo agora. — E você não ouve.

— Mãe...

— Com todo o respeito, tenho minha própria mãe para me dizer o que fazer — ele responde calmamente. — Eu estou aqui por Shannon, não por você, então você pode gostar de mim ou não, mas de qualquer forma, você pode se acostumar a me ver, porque eu não vou a lugar nenhum.

O rosto da mamãe fica vermelho.

— Se você pensar em colocar...

— Não se preocupe, mãe da Shannon. — Uma cabeça loira aparece pelo teto solar do Audi, com um sorriso de merda grudado a ela. Sorrindo amplamente, Gibsie balança as sobrancelhas e diz antes de desaparecer de volta no carro e ligar o som ao máximo: — Ele vai cuidar bem da sua garotinha.

Voltando a aparecer mais uma vez, ele se joga no refrão de *Like A Virgin*, de Madonna, enquanto canta a plenos pulmões e faz movimentos sugestivos com as mãos, todos direcionados para minha mãe.

— Jesus Cristo — Johnny geme, balançando a cabeça. — Eu vou matá-lo.

A boca de mamãe se abre enquanto ela olha horrorizada para Gibsie.

— Gerard! — A cabeça loira de Claire aparece pelo teto solar. — Você é tão vulgar.

— Você sabe que você é a única virgem que eu quero tocar — ele diz a ela com um movimento sugestivo de suas sobrancelhas.

— Gerard!

— Apenas me avise quando quiser que eu faça isso, *pela primeira vez* — acrescenta.

— Isso seria nunca — ela retruca, corando. — Seu grande idiota!

Ele arqueou uma sobrancelha, dando-lhe um olhar que gritava *besteira*.

Eu aproveito a distração momentânea de minha mãe com Gibsie como a oportunidade minha e de Johnny de fugir antes que outra briga em chamas exploda.

— Vamos lá. — Agarrando a mão de Johnny, eu meio que o arrasto até seu carro. Abrindo a porta do passageiro, praticamente mergulho para dentro, batendo a porta atrás de mim.

— Ei, garota! — Claire gorjeia do banco de trás. — Desculpe por ele — acrescenta ela, apontando para a metade inferior de Gibsie que não está presa no teto solar. — Eu nem sei o que dizer.

— Sim — Feely, que está sentado na parte de trás, assente solenemente. — Gostaríamos de lhe dar uma explicação para o comportamento dele, mas honestamente, não acho que haja uma.

— Que porra você acha que está brincando, Gibs? — Johnny exige então. Mergulhando no banco do motorista, ele bate a porta e acelera o motor. — Como se a mulher não me odiasse o suficiente...

Afastando-se da casa, ele estende a mão e desliga o som.

— Você teve que ir e empurrá-la, e colocar mais malditas ideias na cabeça dela!

Eu gostaria que ele colocasse mais ideias em sua cabeça, Johnny Kavanagh!

— Eu estava usando meu charme — Gibsie ri, abaixando-se pelo teto solar. — Funcionou também — ele acrescenta, afundando no banco de trás entre Claire e Feely. — Escaparam, não foi?

— Oh meu Deus — eu engasgo com ataques de riso enquanto eu aperto meu cinto de segurança. — Eu não posso acreditar que você acabou de fazer isso.

— Pois é, não é? — Gibsie fala, sorrindo. — Estava ficando um pouco pesado para uma manhã de segunda-feira, e parecia *certo*. Como uma necessidade ou algo assim.

— Quando as coisas parecem certas na sua cabeça, elas geralmente estão muito erradas — Johnny murmura, parecendo aflito. — Da próxima vez, reprima a necessidade, Gibs.

— Tanto faz, cara — Gibsie ri. — Eu salvei você de outra chicotada de sogra e você sabe disso — ele acrescenta, antes de cair em um debate acalorado com Claire sobre a conveniência de fazer serenata para virgens.

Alcançando minha mão, Johnny a leva à boca e dá um beijo em meus dedos.

— Então, escute — ele diz em um tom baixo, ignorando o barulho vindo do banco de trás. — Eu queria te perguntar uma coisa.

— Oh? — A excitação lateja em minhas veias e eu me viro no meu lugar para dar a ele toda a minha atenção. — O quê?

— Jantar hoje à noite. — Ele lança um rápido olhar de soslaio para mim antes de se concentrar na estrada. — Na minha casa.

Instantaneamente, minha ansiedade aumenta.

— Eu não sei, Johnny — eu murmuro, sentindo meu rosto esquentar. — Eu não tenho certeza se isso é uma boa ideia.

É uma ideia terrível. Sua mãe é gentil, calorosa e amorosa, mas eu duvido que ela me queira de volta lá depois de sábado à noite. Eu tinha visto o jeito que ela olhou para mim quando me deixou em casa, desconfiada e preocupada. As palavras de Johnny de meses atrás ainda estão flutuando na minha cabeça.

"Meus pais não querem que eu vá à sua casa. Eles acham que é uma má ideia..."

Não é preciso ser um gênio para ler nas entrelinhas dessa afirmação e saber que *eu* sou a má ideia.

— Foi ideia dela — diz Johnny, sabendo onde meus pensamentos foram.

Minhas sobrancelhas se erguem em surpresa.

— Foi?

— É verdade — Gibsie oferece do banco de trás. — A mamãe K tem o atormentado para trazê-la para casa de novo. Eu os ouvi falando ao telefone esta manhã. Ela tem grandes notícias para vocês dois.

Meus olhos se arregalam.

— Grandes notícias?

— Gibs! — Johnny ladra. — Pare de bisbilhotar, porra.

Eu faço uma careta.

— Que notícias?

— Não faço ideia — Johnny murmura, esfregando sua mandíbula.

— Estou no mesmo carro que você, idiota — Gibsie rosna. — Eu posso ouvir claramente sua conversa. O que você quer que eu faça? Enfie minha cabeça para fora da janela e lata para o trânsito como um cachorro?

— Eu quero que você pare de ouvir minhas conversas — Johnny retruca, a veia pulsando em seu pescoço. — Jesus!

— Tudo bem — Levantando as mãos, ele se inclina para trás em seu assento. — Não direi mais nada sobre o assunto.

— Obrigado.

— Espere... eu estou convidado para jantar esta noite também, certo?

— Gibs!

— Eu estou?

— *Não.*

— Por que não?

— Jesus Cristo, Gibs. Eu juro por Deus, eu vou parar este carro e você...

— Tudo bem!— Gibsie bufa. — Eu não queria as batatas assadas de qualquer maneira. As da minha mãe são melhores.

— Gerard — Claire fala. — Está tudo bem. Você pode jantar comigo.

— Posso te comer? — ele pergunta, soando brincalhão mais uma vez.

— Se você for bonzinho — ela responde, dando um tapinha no ombro dele.

— O quê? — A voz de Gibsie ficou tão fina que parece quase feminina. — Quero dizer... — ele pigarreia várias vezes antes de acrescentar: — *O quê*?

Feely ri baixinho.

— Sem palavras, Gibs? Essa é a primeira vez.

— Eu sei, né? — Claire ri, usando o dedo para fechar a boca de Gibsie. — Eu acho que eu quebrei ele.

— Então, você virá hoje à noite? — Johnny pergunta, chamando minha atenção de volta para ele. — *Por favor*? Significaria muito para mim.

— Ok — eu sussurro, forçando a palavra quando tudo que eu queria é dizer não e me esconder. — Eu irei.

Ele se vira para olhar para mim e sorri.

— Sério?

Oh Deus, esse sorriso.

— Sério — eu confirmo, com o coração acelerado. — Se você tiver certeza?

— Tenho certeza — responde ele, os olhos brilhando com calor.

— Eu sei que não devo falar com você — Gibsie interrompe. — Mas os olhos na estrada, Capi. Eu tenho um jantar muito inadiável para ir esta noite, com um tentador prato principal para ganhar, e eu não quero morrer antes disso.

— O que... oh, Jesus! — Johnny ladra, desviando o volante e evitando por pouco o carro que vinha na direção oposta. — Acho que ultrapassei o sinal vermelho — acrescenta ele, as bochechas corando.

— Você com certeza ultrapassou, demolidor — Gibsie medita, dando um tapinha em seu ombro.

— O que ele está sempre dizendo para os rapazes, Gibs? — Feely acrescenta: — Ah, sim... tirem suas cabeças de garotas e foque na estrada.

— Engraçado — Johnny brinca. — Muito engraçado.

— O que vamos fazer no seu aniversário, Johnny? — Claire pergunta então. — Está a apenas o que... três semanas de distância?

— Nós? — Johnny arqueia uma sobrancelha. — Eu não sabia que "nós" somos amigos, Claire.

Claire fez um barulho de puff.

— Sua namorada é minha melhor amiga, Johnny Kavanagh, o que significa que eu vou estar na sua festa. Eu vou estar em muitos lugares que você estiver. Como seu carro agora. Então se acostume com isso e me diga o que você quer de presente.

— Estou fazendo dezoito anos, não oito. — Johnny ri. — E eu não estou dando uma festa, então não me compre nenhum maldito presente.

— Ah, sim, você está dando uma festa — Gibsie rebate. — Uma grande. Com bolo, aperitivos e uma tonelada de tequila.

— Tequila de novo? — Feely olha para Gibsie. — *Sério*?

— Ouça, eu não vou sentar aqui e pedir desculpas por algo que aconteceu há um milhão de anos — Gibsie bufa. — Eu vomitei em seu cachorro, Feely. Foi um erro genuíno. Eu fiz isso com Sookie um milhão de vezes e você não a vê tratando com indiferença. E eu não faço isso faz tempo, então podemos, por favor, deixar para lá?

— Eu não tenho um cachorro... foi na minha mãe que você vomitou! — Feely retruca, parecendo indignado. — E foi no Natal passado, não um milhão de anos atrás, idiota.

— O quê? — Gibsie franze a testa. — Era sua mãe?

— Sim, idiota!

— Ah, cara, eu sinto muito — Gibsie fala, batendo a mão na boca. — Eu pensei que ela era um cachorro.

— Não está melhorando, Gibs — Johnny contempla, os lábios se contraindo.

— Eu não quis dizer que *ela* parece um cachorro — Gibsie rapidamente corrige. — Mas ela era tão macia e peluda...

— Guarde para si — ordena Johnny.

Gibsie franze a testa.

— Ei, é por isso que seus pais não...

— Não deixam mais você pisar dentro de casa? — Feely completa, dando-lhe um olhar sujo. — Sim, Gibs. É exatamente por isso.

Um silêncio desconfortável nos envolve então, um que Claire felizmente quebra limpando a garganta e dizendo:

— De qualquer forma, seguindo em frente depois dos feitos estelares e idiotas de Gerard, eu acho que devemos fazer algo para seu aniversário, Johnny, e se você não quer uma festa, poderíamos ir acampar.

As sobrancelhas de Johnny franzem.

— Acampar?

— Acampar — Claire confirma, o tom misturado com excitação. — As aulas terão terminado até lá, o tempo deve estar bom, todos vocês têm carros, então podemos ir a qualquer lugar que quisermos. E o melhor de tudo, Shan, Lizzie e eu não começaremos nosso Junior Cert até a semana depois do seu aniversário.

Sorrindo, ela acrescenta:

— Todos ganham.

— Babe, você é genial — declara Gibsie. — Porra, eu amo acampar.

— O que você acha, Shan? — Johnny pergunta, lançando um olhar de soslaio para mim. — Você iria?

— Macaco quer banana? Claro que ela vai! — Gibsie responde por mim. — Certo, pequena Shannon?

— Não coloque palavras na boca dela — Johnny rosna. — Ela não tem que...

— Eu vou — eu solto, animada.

As sobrancelhas de Johnny se erguem.

— Você irá?

Eu balanço a cabeça.

— Absolutamente.

— Mas sua mãe...

— Dirá não — eu concordo, apertando sua mão. — Mas é seu aniversário de dezoito, e eu ainda estou indo.

— Então está resolvido — Claire entra na conversa, batendo palmas. — Nós vamos acampar!

59
Chega!
Shannon

— É melhor voltarmos para a aula — Johnny geme, quebrando nosso beijo. É o fim do grande intervalo para o almoço e estávamos escondidos atrás da estufa da escola, onde passávamos a segunda metade do almoço juntos na maioria dos dias. Como de costume, eu estou sentada no muro que cerca a horta e, como de costume, Johnny está de pé entre minhas pernas, com as mãos presas nos meus quadris e a língua na minha boca.

— Nós podemos ir direto para a minha casa depois da escola — ele sugere, pressionando outro beijo quente em meus lábios. — Fazer alguma coisa antes do jantar?

Eu não quero jantar a menos que *ele* esteja no menu.

— Que tipo de coisa? — Eu pergunto, a voz um pouco ofegante, enquanto eu traço meus dedos pelas duras saliências e sulcos de seu estômago. — O que você tem em mente?

— Eu não sei — ele responde rispidamente, as mãos movendo-se para minha bunda. — Podemos jogar um pouco de GTA? Ou conversar?

Ele aperta com força e eu gemo.

— O que você quiser, Shan. — Tirando o rosto no meu pescoço, ele chupa forte na minha carne. — Merda, acho que marquei você — ele murmura, jogando a cabeça para trás, os olhos fixos no meu pescoço. Sorrindo timidamente, ele acrescenta: — Desculpe.

— Com certeza você marcou. — Ele parece tão longe de se arrepender quanto uma pessoa pode ficar. — Eu acredito em você.

— Como você está se sentindo? — ele pergunta então. Sorrindo suavemente, ele roça meu quadril com os dedos. — Você está bem?

— Eu estou bem — eu sussurro, puxando-o para mais perto. — Pare de se preocupar.

— Eu não posso evitar — ele geme. — Estou sempre preocupado com você.

— Eu queria o que aconteceu, Johnny — eu o asseguro. — Eu ainda quero.

Seus olhos escurecem.

— É?

Tremendo, eu assinto.

— Sim.

— Eu não sei o que vou fazer com você, Shannon Lynch — ele admite com uma voz rouca. — Você me faz perder a cabeça.

— Bom — eu provoco. — Eu gosto quando você perde a cabeça.

O segundo sinal toca, informando que tínhamos dois minutos para chegar à aula, mas permaneço exatamente onde estou, agarrando sua cintura com minhas coxas e implorando mentalmente para ele *fique, fique, fique...*

Uma hora de almoço não é suficiente. *Nunca* é tempo suficiente com ele, mas eu o solto relutantemente quando ele murmura algo sobre uma prova de francês.

Johnny me ajuda a sair do muro e então segura minha mão na dele enquanto voltamos para a escola.

— Você está nervosa com o jantar?

Eu balanço a cabeça.

— Aterrorizada.

— Ela não vai falar sobre isso — ele promete, traçando o polegar sobre meus dedos. — Então nem se preocupe com isso, Shan.

— Seu pai vai estar lá também? — Eu pergunto, a voz baixa.

— Sim — ele responde, segurando a porta aberta para eu entrar. — Ele ainda está tentando se esforçar mais e estar *presente*.

Ele revira os olhos com a ideia.

— Ela ainda está me enlouquecendo, Shan. Está pior que nunca. Quanto mais nos aproximamos de junho, mais ela se transforma em uma bagunça chorosa — acrescenta ele com um estremecimento. — É tudo "*como está seu pênis, amor*" e "*seus testículos estão inchando de novo*" ou então ela está lendo estatísticas sobre lesões na cabeça causadas no rúgbi.

Eu sei exatamente como sua mãe se sente. Quanto mais nos aproximamos de junho, mais *eu* me torno uma bagunça chorosa também. Eu só tinha o cuidado de fazer isso quando Johnny não estava por perto. Eu não tenho o luxo que a maioria das meninas da minha idade tem. Meu namorado irá embora em breve. Eu sei que as ligações de olheiros estão chegando, quer ele me contasse ou não. Eu sei que estávamos com tempo emprestado, nos aproximando cada vez mais do adeus que me mantém acordada à noite – do dia em que ele irá embora e eu ficarei.

— Então, o que você acha do que Claire disse no carro esta manhã? — Eu pergunto, me arrastando de meus pensamentos deprimentes. Puxando-o para uma parada do lado de fora do banheiro feminino, eu aperto sua mão e sorrio para ele. — A viagem de acampamento para o seu aniversário? Você está animado?

— Só se você for. — Johnny olha para mim e franze a testa. — Eu não vou se você não for.

— Eu *vou*, Johnny. — Faça chuva ou faça sol. — Eu não vou perder o seu aniversário.

— Oh, é? — Ele sorri. — Você vai dividir uma barraca comigo?

— Isso depende — eu provoco, sorrindo de volta para ele. — Você pode armar uma barraca?

Johnny me dá um sorriso malicioso e meu rosto arde de vergonha.

— Não *esse* tipo de barraca — eu rapidamente emendo, corando.

— Você é tão fofa — ele ri com um aceno de cabeça. — Eu te encontro aqui depois da última aula, ok? Podemos voltar para minha casa juntos.

— Não, eu preciso ir para casa primeiro e me trocar.

— Você parece perfeita como você está — ele argumenta. — Mais que perfeita. — Sorrindo, ele engancha um braço em volta da minha cintura e me arrasta contra ele. — Na verdade, você parece um banquete.

Eu caio contra ele, sentindo meu corpo ficar quente e dolorido.

— Eu ainda preciso ir para casa primeiro e verificar Joey. — Pressionando minhas mãos contra seu peito, dou um passo seguro para trás antes de perder todo o bom senso e fazer algo imprudente. — Posso pedir a ele para me levar até sua casa por volta das oito? Você vai terminar o treino até lá, não vai?

— Oh, merda, sim. — Johnny franze a testa, como se a noção de treino só tivesse chegado a ele agora. — Eu tenho treino.

— Eu sei — eu concordo, sorrindo. — Eu posso ir depois.

— Ou podemos simplesmente faltar...

— Você treina e eu vou quando você terminar — eu o interrompo dizendo. — Esse é o plano, lembra?

Ele parece frustrado, mas me dá um aceno relutante.

— Sim, você está certa.

Eu sorrio.

— Eu sei. — Dando outro passo para trás, eu aceno para ele. — Agora vá em frente... e aproveite sua aula dupla de francês.

Com um suspiro pesado, Johnny dá um beijo na minha bochecha antes de sair andando pelo corredor.

— Ei, Shan? — ele chama por cima do ombro.

— Sim?

Sorrindo, ele diz:

— *je veux lécher la chatte de ma copine.*[10]

Eu faço uma careta.

— *O quê*?

Johnny sorri diabolicamente.

— Eu disse, *je veux être à l'intérieur de toi.*[11]

Eu torço meu nariz para cima.

— Você sabe que eu sou terrível em francês.

— Estou contando com isso — ele ri enquanto se afasta. — Vejo você hoje à noite, baby.

Sorrindo como uma idiota, eu aceno para ele e corro para o banheiro. Eu estava explodindo para fazer xixi desde a aula anterior ao grande intervalo, mas não queria perder um minuto da minha hora de almoço com ele. No entanto, no momento em que entro no banheiro, me arrependo. Não só eu acabei de ficar cara a cara com Bella Wilkinson, mas ela tem duas de suas amigas do sexto ano com ela.

Até agora, eu tinha milagrosamente conseguido evitar ficar sozinha com ela e, além dos comentários diários nos corredores e no refeitório, ela não me causou nenhum problema. Tenho a sensação de que isso está prestes a mudar. O olhar de puro ódio em seu rosto enquanto ela caminha em minha direção só confirma esses sentimentos.

— Olha quem é, meninas — Bella medita, parecendo tão devastadoramente linda como sempre, enquanto ela está na frente da minha única saída. — A putinha sem seus cães de guarda.

— Deixa ela para lá, Bella — uma das garotas – a de cabelo castanho – me surpreende ao dizer.

— Ela é uma vadia, Tash — Bella cospe, lançando um olhar de advertência para sua amiga. — Você sabe o que ela me custou.

Em pleno modo de fuga, giro nos calcanhares e me movo para a porta, mas ela me intercepta, bloqueando meu caminho.

Meu coração bate descontroladamente no meu peito, resistindo e pulando e gritando para eu fugir. Em vez disso, eu apenas fico ali, olhando para a garota que eu sei que me odeia.

— Eu preciso ir — eu falo, minha voz pouco mais do que um sussurro em pânico. — Deixe-me sair — acrescento, forçando-me a endireitar os ombros.

— Nós não terminamos de conversar — Bella sussurra. — Não estamos nem perto de *terminar.*

— Eu não quero falar com você.

Meu coração está batendo tão forte que está me fazendo me sentir fraca.

— Eu só quero ir — acrescento em um tom trêmulo. — Eu não quero nenhum problema.

— Você só quer ir — Bella imita e então ri. — Bem, que pena, querida, porque eu tenho muito a dizer a você.

Sua tola, meu cérebro sibila, *você sabe que não deve entrar aqui sozinha.*

Tínhamos apenas três semanas de escola e então terminamos o verão. Bella terminaria a escola completamente. Eu podia tê-la evitado por vinte e um malditos dias.

Droga, por que eu tive que entrar aqui?

Inclinando a cabeça para um lado, Bella sorri cruelmente para mim.

— Como está papai, Shannon?

Meu corpo fica tenso quando uma mistura de devastação e humilhação me inunda.

— Vocês ouviram sobre o pai de Shannon, meninas? — Bella continua provocando. — Seu pai é um abusador nojento em um dia bom.

Estreitando os olhos, ela acrescenta:

— Aparentemente, ele deu uma surra nela na Páscoa e a colocou no hospital, mas eu achei um homem justo. Ele provavelmente estava apenas tentando tirar a vadia de dentro dela.

— Bella, pare! — a garota que ela chamou de Tash ladra. — É o suficiente.

— Não é o suficiente — Bella rosnou. — Essa cadela roubou meu namorado, Tash.

— Bem, eu não vou fazer parte disso — a garota Tash diz, e com isso, ela sai do banheiro, empurrando Bella para fora de seu caminho.

A outra garota, a loira encostada na pia, não diz nada. Ela apenas fica lá, olhando para qualquer lugar menos para mim, me lembrando de tantas outras garotas que eu conheci ao longo dos anos, e me fazendo desprezá-la acima de

tudo. Eu odeio garotas como ela. Aquelas que sabem que algo está errado, mas nada fazem para impedir.

Revide, Shannon. A voz de Joey inunda minha mente. *Não deixe essas vadias intimidá-la!*

— Eu não roubei seu namorado — eu retruco, tremendo da cabeça aos pés. — Porque Johnny nunca foi seu.

Bella arqueia uma sobrancelha finamente alinhada.

— E você acha que ele é *seu*?

— Sim. — Eu respondo, me chocando com minhas palavras. — Ele é.

— Então você deve saber que ele só está com você por uma coisa — ela cospe, parecendo furiosa. — A porra de uma transa fácil.

— Isso é tudo que ele tinha com *você* — eu me surpreendo ao dizer. — Não somos todas assim, Bella.

Seu rosto fica vermelho.

— Como?

— Me deixa sair — eu repito, fazendo questão de olhar para a porta. — Agora.

Quando ela não se afasta, eu me movo para contorná-la, apenas para cambalear para trás e aterrissar desajeitadamente no chão quando ela me empurra com força total no peito.

— Eu disse que não terminamos, vadia.

Vindo em minha direção, Bella pega minha mochila do meu ombro. Descompactando-o, ela derrama o conteúdo em cima de mim.

— Você é uma puta suja — ela sussurra, empurrando minha testa com os dedos. — Você não pertence a esta escola, então volte para a propriedade do estado com o resto de sua família fodida.

"...Você é uma vadia inútil..."

"...Você é o maior erro de todos, garota..."

"...Sua própria mãe não queria você..."

"...Você é o veneno nesta família..."

Chega.

Chega.

Chega.

— Chega! — Eu grito, lutando para ficar de pé. — Não me *toque*!

Lágrimas se acumulam em meus olhos, mas eu pisco para afastá-las, sentindo mais fúria neste momento do que em toda a minha vida.

— Nunca mais me toque, porra! — Eu continuo a gritar enquanto eu abandono completamente meus sentidos e ataco Bella.

Eu tenho vislumbre de sua expressão surpresa cerca de dois segundos antes de me lançar sobre ela, liberando dezesseis anos de dor e maus-tratos na ponta dos meus dedos enquanto eu a arranho e empurro com tudo que eu tenho em mim. Ela é grande demais para mim, e eu sei que não tenho a menor esperança de terminar o que ela começou, mas pela primeira vez na minha vida, eu estou lutando. Algo mudou dentro de mim, senti isso no dia em que acordei naquela cama de hospital, com sorte de estar viva, e me recuso a aguentar mais. Eu não ia ser empurrada por ela ou qualquer outra pessoa.

— Sua puta do caralho — Bella rosna enquanto me joga no chão do banheiro e sobe em cima de mim. — Quem você pensa que é? — ela grita enquanto arranha e corta meu rosto com as unhas e puxa meu cabelo. — Seu pequeno saco de merda fodido.

Recusando-me a ficar deitada e aceitar como eu tinha feito um milhão de vezes antes na minha antiga escola, eu empurro e chuto ela de volta.

— Saia de cima de mim! — Agarrando seu cabelo, eu puxo com força, me atordoando com minha própria força quando um tufo de suas extensões de cabelo preto sai em minhas mãos.

— Meu cabelo! — ela grita alto. — Ah, eu vou *destruir* você!

Retornando, ela bate com a mão no meu rosto antes de prender minhas mãos rudemente acima da minha cabeça.

— Kelly... pegue minha bolsa.

— Pare! — Eu mal consigo respirar com o peso dela em cima de mim, mas continuo a me debater e me mexer e tentar me libertar. — Saia, Bella!

— Uh, Bella, talvez devêssemos apenas...

— Pegue a porra da minha bolsa, Kelly! — ela grita a plenos pulmões. — Agora!

Sem outra palavra, a loira entrega a mochila de Bella para ela.

— O que você quer com isso?

— Almoço, água e maquiagem — Bella ordena antes de puxar uma enorme bola de catarro e cuspi-la no meu rosto. Kelly puxa uma lancheira de plástico e Bella diz: — Prenda as mãos dela para mim.

— Mas eu...

— Faça isso!

Suspirando pesadamente, Kelly se ajoelha e assume o controle de minhas mãos, enquanto Bella abre sua lancheira e começa a espalhar o conteúdo por todo o meu uniforme.

— Como uma vadia? — Bella sibila, enquanto abre um sanduíche de atum e o joga contra meu suéter e saia. — O cheiro combina com você.

Ainda montada em mim, ela pega um tubo de batom de sua bolsa e, em seguida, segura meu queixo com as mãos.

— Vá em frente — ela zomba, enquanto passa o batom na minha testa e bochechas. — Chore, bebezona. Eu te desafio!

Eu não vou chorar.

Eu não vou chorar.

Não dê a ela a satisfação, Shannon.

Empurrando contra seu aperto, tento desesperadamente me libertar, mas não adianta.

Eu não sou forte o suficiente.

— Você não vai dizer nada? — Bella provoca enquanto sai de cima de mim, segurando sua garrafa de água em suas mãos. Virando-o de cabeça para baixo, ela derrama o conteúdo sobre mim. — Não, isso mesmo. Você *não* vai dizer uma palavra, porque se você fizer, eu vou arruinar você.

Não fique aí, a voz de Joey sibila dentro da minha cabeça. *Revida, mesmo que você não possa vencer.*

Uma lágrima solitária desliza pelo meu rosto.

— Ah, olhe, a bebezona está chorando — Bella provoca. — Perdedora do caralho.

Revida, Shannon.

Vamos.

Você consegue fazer isso.

— Vai se foder! — Eu solto. — Vão se foder, vocês duas.

— Me foder? — Bella zomba. Puxando o telefone do bolso da saia, ela a abre e começa a tirar fotos. Quando ela termina de tirar suas fotos, ela desliza o telefone de volta no bolso e segura meu rosto, cravando as unhas em minhas bochechas com tanta força que estremeço de dor. — *Vai. Se. Foder. Você. Vadia.*

Cada grama de luta sai de mim, junto com minha fé inconstante na humanidade. Ela pensa que está me machucando, mas ela não sabe o que é dor. Tremendo violentamente, permaneço perfeitamente imóvel, apenas esperando que *acabe*.

— Vamos, Kel — Bella diz quando ela me dá um olhar final mais uma vez, claramente admirando seu trabalho prático. — Vamos deixar a cadela aqui.

— Eu sinto muito — a garota loira chamada Kelly sussurra em meu ouvido antes de se levantar e seguir Bella para fora do banheiro.

Entorpecida até os ossos, eu permaneço exatamente onde estou por vários minutos, contando os cubos do teto acima de mim antes de finalmente me levantar.

Cada centímetro do meu corpo dói, meus pulmões queimam, mas foi meu orgulho que levou o golpe mais forte. Humilhada e trêmula, puxo meu telefone do bolso da camisa e soluço de alívio quando percebo que não está encharcado como o resto de mim.

Agarrando meu telefone na minha mão, cambaleio até a pia e vomito violentamente até que tudo dentro do meu corpo está indo ralo abaixo. Ofegante, agarro a pia com a mão livre e me forço a olhar para o meu reflexo. Pequenos filetes de sangue tingem minhas bochechas, onde suas unhas cravaram, e eu nem fico surpresa ao ver o que ela escreveu no meu rosto.

Boqueteira-do-13 foi rabiscado na minha testa para combinar com o "*puta*" em minha bochecha direita e o *"do Kav"* na minha bochecha esquerda.

Tirando meu olhar do espelho, me concentro no meu telefone e, com as mãos trêmulas, disco o número que sei decorado.

Por favor, atenda.

Por favor, atenda.

Por favor, não esteja em aula e atenda...

— Shan? — sua voz familiar vem pela linha. — O que está acontecendo?

— Joey. — Apertando os olhos, eu estremeço violentamente. — Eu p-preciso que você venha me buscar.

60
Punhos Voadores
Johnny

Eu estou acostumado a ver muitas coisas estranhas acontecerem em Tommen. Inferno, eu mal consigo contar os encontros estranhos que tive neste lugar ao longo dos anos. Mas a visão de um rapaz em um uniforme da BCS andando pelo estacionamento da escola em minha direção depois da última aula do dia é definitivamente algo novo para mim.

Levo alguns momentos para registrar o rapaz que usa o suéter cinza com o brasão da escola pública é Joey Lynch, e um segundo a mais para registrar que o braço que ele está puxando para trás é para mim. Seu punho acerta meu rosto tão rápido que minha cabeça vira para o lado.

— Que porra você fez? — ele exige, parecendo lívido. — Se você machucou ela, eu vou te queimar vivo e mijar em seus ossos.

— O que você está falando? — Eu rujo, cuspindo um bocado de sangue. Eu estou a um passo de estar de saco cheio dessa família, e pelo menos até o soco na mandíbula, eu realmente gostava de Joey, mas eu tinha a sensação de que isso está prestes a mudar. — Eu não fiz nada a ninguém!

Uma enorme multidão se forma ao nosso redor, aplaudindo e gritando como malditos idiotas.

— Ela está dentro daquela escola em algum lugar chorando — Joey rosna. — Ela me ligou para vir buscá-la.

Batendo as mãos contra o meu peito, ele caminha em minha direção.

— Você não sabe nada sobre isso agora, não é?

— Não, eu não sei, porra — eu rosno, empurrando-o para longe de mim. Ele precisa recuar e rápido porque ele está empurrando minha paciência para o espaço e eu tenho cerca de dez centímetros de altura e vinte e cinco quilos de músculo a mais que ele. — Para trás, Lynch, porra.

— Ou o que? — ele zomba, movendo-se para mim novamente. — O que você vai fazer, Kavanagh?

— Ei, ei, ei — Hughie ordena enquanto pula na bagunça, correndo pelo estacionamento para ficar entre nós. — Acalmem-se, rapazes.

— Eu estou calmo! — Eu rujo, claramente *nada* calmo. — Ele é o idiota que veio até aqui e me deu um soco na cara.

— Porque você machucou minha irmã — Joey retruca.

— Eu não *machuquei* sua irmã — eu rosno. — Eu *nunca* vou machucá-la.

— Bem, alguém fez alguma coisa, porra! — Joey ruge antes de saltar para mim mais uma vez.

Desta vez foi Gibsie quem intercepta Joey por trás.

— Calma lá, amigo — ele diz em um tom amigável, enquanto o abraça e o arrasta para longe de mim. — Vejo que estamos na antiga posição andar para trás de novo.

— Me solta, Gussie, porra — Joey retruca, lutando contra seu aperto.

— É Gibsie — ele responde calmamente. — E não posso. Você não pode ficar batendo no meu centro, Joey. Ele tem alguns negócios importantes para resolver no sábado, e será terrivelmente irresponsável da minha parte soltar você agora.

— Joey! — uma voz feminina grita acima do barulho da multidão. Segundos depois, uma loira aparece na minha linha de visão, indo direto para Joey. A namorada dele, eu noto. *Aoife.* — O que você está fazendo, Joe? — ela bufa, entrando na frente dele. — Pensei que tivéssemos dito nada de brigas. — Agarrando seu rosto, ela o força a olhar para ela. — Faça perguntas primeiro, lembra?

— Eu esqueci, baby — ele murmura, cedendo o suficiente para que Gibsie o solte e dê um passo para trás.

— O que diabos está acontecendo? — Eu exijo, sentindo uma mistura de fúria e pânico passar por mim.

— Shannon me ligou — Joey rosna, tremendo de raiva. — Alguém nesta escola esnobe fez algo com ela.

— *Fez* algo com ela? — Eu olho para ele em confusão. — O quê?

Algo aconteceu com Shannon?

— O que eles fizeram com ela?

Que diabos?

— Eu estava com ela no almoço — acrescento, sentindo uma onda de raiva crescer dentro do meu corpo. — que porra está acontecendo, Joey?

— Não sei! — Passando a mão pelo cabelo loiro, ele solta um rosnado e olha para a multidão. — Mas quando eu descobrir qual de vocês, seus idiotas privilegiados, machucou minha irmã, eu vou cumprir pena por bater em alguém!

— O que está acontecendo aqui? — a voz familiar do sr. Twomey corta o ar e a multidão ao nosso redor rapidamente se dispersa até que somos apenas nós cinco e o sr. Twomey permanecendo no estacionamento com os carros passando zunindo e buzinando alto.

— Johnny — ele diz com um suspiro quando me nota no meio do que está acontecendo, nada de novo nessa parte. Seu olhar vai para Joey e Aoife e seus olhos se estreitaram. — Vocês dois estão cientes que não são permitidos na propriedade da escola se não estiverem matriculados aqui?

— Vai se foder — Joey retruca, fazendo Aoife gemer em sua mão.

— Joe! — ela sussurra, colocando a mão em seu peito. — Ele é o diretor da escola.

— E? — Joey dá de ombros, indiferente. — Ele não é meu diretor.

Estreitando os olhos no Sr. Twomey, ele cospe:

— Estou aqui para buscar minha irmã, já que sua merda de escola não pode controlar seus alunos e mantê-la segura.

As sobrancelhas do Sr. Twomey franzem.

— E sua irmã é?

— Shannon Lynch. — O Sr. Twomey empalidece e Joey olha para a jugular como se pudesse sentir o cheiro de sangue fresco. — Sim, isso mesmo — ele zomba. — Você sabe de quem estou falando. Você fez todo tipo de promessa para ela, não é? Sobre manter seus alunos seguros? Que piada do caralho você é!

— Peço perdão — diz o Sr. Twomey com a voz falha. — Eu não tenho ideia do que você está falando...

— Oi, Joe — diz uma pequena voz e todos nós nos viramos para encontrar Shannon andando em nossa direção.

Seu cabelo está encharcado e as roupas destruídas por comida. Seu rosto está vermelho e manchado, como se ela tivesse esfregado até ficar em carne viva, mas quando olho com mais atenção, posso ver arranhões e *palavras?* Seu olhar se volta para mim e sua expressão cede. Lágrimas se acumulam em seus olhos enquanto ela funga.

— O-oi, Johnny.

— Que porra é essa? — Eu exijo, indo em direção a ela. — O que aconteceu com seu rosto, Shannon?

Ela balança a cabeça e praticamente desaba contra mim quando a alcanço.

— Eu quero ir para casa — ela soluça, tremendo violentamente. — Eu só quero ir.

— Está tudo bem... shh, apenas se acalme. — Segurando seu rosto em minhas mãos, eu aperto meus olhos e tento distinguir as marcas de *batom* em seu rosto.

Puta do Kav?

Boqueteira-do-13?

— Quem fez isto para você? — Joey exige, me empurrando para fora do caminho – ou pelo menos ele tenta. Não funciona muito bem para ele porque eu não me movo um centímetro. — Shan, o que aconteceu?

— Foi ela? — Eu pergunto, tremendo tanto quanto ela agora. — O que estou perguntando... é claro que foi *ela.*

— Quem? — O Sr. Twomey solta. — Quem fez isso com você, Shannon?

— A porra da Bella Wilkinson — Gibsie zomba. — Quem mais?

— Eu quero ela fora desta escola — eu rosno, me virando para encará-lo. — Ela não pode se safar disso. Você sabe o que ela está passando. Ela deveria estar *segura* na escola!

Empalidecendo, o Sr. Twomey aproxima-se de nós.

— Shannon, você está dizendo que a senhorita Wilkinson fez isso com você?

— Para trás, porra — Joey adverte, tomando uma postura protetora na frente de sua irmã. Eu não sei o que ele acha que o velho Twomey vai fazer, mas o rapaz não quer correr nenhum risco. Ele está enrolado com uma fúria feroz mal contida e eu tenho a sensação de que a única razão pela qual ele ainda não explodiu é a loira acariciando seu braço. — Não se aproxime da minha irmã — ele acrescenta, lançando olhares furiosos para o nosso diretor. — Estou te avisando.

A boca do Sr. Twomey se abre e eu sinto uma pontada de simpatia pelo velho ser jogado para o fundo do poço como ele fora. Deus sabe, eu sei como era. Estar na mira da ira de Joey Lynch não é uma sensação boa.

Com o canto do olho, vejo Bella e Cormac passeando pelo pátio em direção ao estacionamento, sorridentes.

Oh, nem fodendo, porra!

— Você! — Eu rujo, saindo do lado de Shannon. — Eu quero ter a porra de uma palavrinha com você!

— Johnny, não se mova — adverte o sr. Twomey.

— Johnny, não... — Shannon implora.

— Capi, você tem o contrato... — grita Hughie.

— Pense no sábado... — Gibsie me chama.

— Pegue o caminho certo — acrescenta Hughie.

— Foda-se o caminho — eu rosno, olhando para eles. — E foda-se eles também.

Cormac empalidece quando me aproximo.

— Tudo bem, Capi?

— O que eu lhe disse? — Eu exijo, indo direto para ele. — Huh? O que diabos eu te disse sobre essa vadia?

— Uau, Johnny, eu não tenho ideia do que você está...

Bang.

Cormac cai no chão como um saco de batatas antes que eu tenha a chance de levantar o punho.

Confuso, me viro e tranco os olhos em Joey.

— O que...

— Eu te devia uma — ele explica com um encolher de ombros enquanto sacode seu pulso. — Além disso, eu já estou sendo preso.

Eu olho boquiaberto para ele.

— Pelo *quê*?

— Por isso — ele responde antes de atacar Cormac.

— Saia de cima dele! — Bella grita enquanto dá tapas e socos na cabeça de Joey. — Seu canalha sujo.

— Ei, não chame meu namorado de canalha — Aoife rosna enquanto corre em direção a Bella. — É ela, Shan? — ela exige. — Ela fez isso com você?

— Por favor, apenas deixe para lá — Shannon solta.

— Quem diabos é você? — Bella sibila, olhando para Aoife.

— Oh, eu sou seu pior pesadelo, vadia. — Levando-a ao chão de uma só vez. Aoife monta em Bella. — Você gosta de aterrorizar garotinhas? — ela exige, sentando em Bella. — Tente alguém do seu tamanho.

— Como o seu dinheiro está te ajudando agora, seu riquinho? — Joey zomba, lutando com Cormac na rua. — Ser um canalha tem seus benefícios, não é?

— Acha que pode chamar meu namorado de canalha? — Aoife continua enquanto ela soca Bella. *Uau, não há tapinhas com essa garota.* — Acha que pode intimidar a irmã dele, hein? Acha que está segura porque você é uma garota e ele não pode te bater de volta? — Ela ergue o punho para trás e dá um soco na boca de Bella. — Bem, eu posso!

— Vou chamar a polícia! — Mr. Twomey ruge. — Parem com isso neste instante ou mandarei prender cada um de vocês!

— Chame a polícia e você perderá um quarto do time de rúgbi — Hughie interrompe calmamente. — E encarará um pouco de uma má publicidade bem séria para a escola. Veja o que ela fez com ela.

Ele aponta para o rosto de Shannon.

— Eu pensei que havia tolerância zero para o bullying em Tommen? Se sim, é melhor você mudar sua política porque aquela garota está infernizando Shannon a meses. — Dando de ombros, ele acrescenta: — Eu também adoraria saber qual é a sua política sobre perseguição, porque ela está atormentando Johnny todos os dias, dia e noite, a um ano. Ele é muito educado para dizer isso.

— Joey, pare! — Shannon grita, correndo em direção ao irmão. — Não...

— Eles não vão fazer isso com você — Joey rosna. — Não mais, Shannon, caralho!

— Não foi ele — Shannon solta enquanto puxa os ombros de seu irmão. — Não, por favor. Você vai ter problemas.

— Venha aqui — eu falo, puxando-a para longe da luta. — Fique para trás, Shan.

— Pare ele — ela implora, agarrando meu braço. — *Por favor*!

— Ok, a festa acabou — Gibsie anuncia quando entra no meio e arrasta Joey de cima de Cormac, me dando um olhar de canto no processo, como se dissesse *que porra é essa*.

Eu dou de ombros descaradamente. Eu não estava prestes a parar merda nenhuma. Ambos merecem *tudo* o que recebiam e muito mais.

— Isso é tudo culpa minha — Shannon solta, tremendo violentamente. — Eu não deveria ter ligado para ele...

— Não, não é — eu corrijo, colocando-a em meu peito. — É culpa *dela*. Não sua.

— Vamos, baby — Joey ofega, enquanto arrasta sua namorada para longe de Bella. — Vamos lá. Ela não vale a pena. Você não pode estar lutando em...

— Ela te chamou de canalha — Aoife rosna, tentando e falhando em se libertar do aperto de seu namorado. — Eu não vou aceitar isso, Joe!

— Eu sei, baby — ele fala, andando para trás com Aoife em seus braços. — Mas eu preciso que você tome cuidado.

— Todo mundo, me sigam até o escritório! Estou ligando para seus pais — o Sr. Twomey ladra enquanto pega seu telefone e gesticula para Bella e Cormac segui-lo. — Os pais de *todos.*

— Faça isso — Joey zomba, observando nosso diretor como se ele fosse um antílope indefeso que havia sido separado do bando. — Seja útil para alguma coisa.

— Joe! — Aoife resmunga, deslizando a mão na dele. — Você está de aviso.

— Eu preciso que você saia daqui, Aoife — Joey ofega, ainda observando o Sr. Twomey enquanto ele corre para o escritório com Bella e Cormac mancando atrás dele. — Você não estava aqui e não viu merda nenhuma.

Virando-se para sua namorada, ele diz:

— Você entendeu?

— O quê? — Aoife balança a cabeça, os olhos arregalados. — Não, de jeito nenhum. Eu não vou deixar você...

— Entre no carro e vá para casa, baby — ele ordena. — Agora. — Ele olha para nós. — Ninguém vai mencionar você.

— Mas você vai...

— Eu vou ficar bem — ele sussurra, dando um beijo na testa dela. — Apenas vá, e eu te ligo quando puder.

61
O escritório
Shannon

Cambaleando, me sento do lado de fora do escritório no banco de madeira com Johnny, Hughie e Gibsie. No banco à nossa frente estão Bella e Cormac.

— Oh meu Deus! — Eu não consigo parar as lágrimas que escorrem pelo meu rosto enquanto observo os policiais levarem meu irmão algemado da escola. — Por favor, não o levem!

— Está tudo bem, Shan — Joey grita por cima do ombro enquanto o conduzem pelo corredor. — Eu vou ficar bem, não chore.

Não está *tudo bem.*

Nada disso está *bem.*

Meu irmão está sendo preso e é tudo culpa minha.

— Desculpe, Joe — eu falo pouco antes de ele ser escoltado para fora da entrada principal por dois policiais. — Eu sinto muito.

— Está tudo bem — Johnny continua a sussurrar repetidamente enquanto mantém seu braço em volta de mim. — Vai ficar tudo bem, Shan.

— Eu sou uma fodida — eu engasgo, chorando muito. — Ele vai ter tantos problemas.

— Você está certa — Cormac zomba. — Vou prestar queixa contra o seu irmão desprezível.

— Afaste-se — Johnny rosna, ficando tenso ao meu lado. — Ou você não estará por aqui para prestar queixa.

— Por favor, não — eu imploro, fungando. Arregaçando as mangas do suéter escolar de Johnny que eu estou usando agora, limpo minhas bochechas e tento controlar minhas emoções. Foi quase impossível, no entanto. Eu estou tão preocupada com Joey que mal consigo respirar. — Meu irmão está passando por muita coisa — eu tento implorar. — Por favor, não o coloque em apuros.

— Eu não dou a mínima para o que ele está passando — Cormac retruca. — Ele quebrou meu *nariz*, Shannon.

— Cala a boca, Ryan — Hughie suspira cansado. — Não piore uma situação que já é ruim.

— Ele me atacou! — Cormac revida defensivamente.

— E ela *me* atacou — Bella soluça.

— Porque você atacou ela — Johnny rosna, o peito arfando, enquanto aponta para mim. — Há apenas um canalha aqui, Bella, e é você!

— Vai se foder, Johnny Kavanagh — ela cospe. — Isto é tudo culpa sua.

— Você precisa manter sua boca bem fechada — Gibsie sibila. — Porra de garota estúpida.

— Eu sou uma vítima aqui — Bella lamenta.

— *Você* é uma vítima? — Gibsie retruca, parecendo indignado. — Jesus Cristo, espero que seus pais não procriem mais de você porque você é uma garota repugnante. O mundo não precisa de outra do seu tipinho andando por aí.

— Vá embora e encontre um pouco de água para se afogar, Gibs — Cormac retruca, olhando para Gibsie. — Como o resto da sua...

— Cala a boca! — Johnny e Hughie rugem em uníssono.

Enquanto isso, Gibsie permanece rígido e quieto.

— Nem *pense* em mencionar isso — Johnny rosna, totalmente enfurecido. — Que diabos está errado com você?

— Ele xingou minha namorada...

— Então isso justifica você falar *disso*? — Johnny fervilha. — Nem pense em tentar dar desculpas, Ryan. Isso é desprezível.

— Daqui em diante, acabou, Cormac — acrescenta Hughie, tremendo de raiva. — Se você é idiota o suficiente para sair com alguém como ela, então nem se preocupe em olhar na minha direção. E eu quero dizer isso dentro e fora do campo.

— Nenhuma perda para mim, Biggs — Cormac zombou. — Você está tão grudado na bunda de Kav que isso não faz diferença para mim...

— Quem é ela? — Bella exige então, arrastando a atenção de volta para ela. — A garota que me atacou, qual é o nome dela?

Estreitando os olhos, ela cospe:

— Eu sei que todos vocês sabem quem ela é.

— Que menina? — Gibsie responde calmamente. — Eu não vi uma garota, vocês viram, rapazes?

— Nunca vi nenhuma garota — Johnny concorda. — Mas eu vi Cormac bater em Joey primeiro.

Os olhos de Cormac se arregalam em desgosto.

— Seu *mentiroso.*

Johnny dá de ombros.

— Isso é o que eu vi.

— Engraçado, eu também vi isso — Gibsie oferece. — Ele apenas atacou você, Johnny – o Lynchy estava protegendo você.

— Foi o que eu vi — concorda Hughie. — E o Sr. Twomey estava atrás de Johnny. Sua visão estava obstruída, então ele não pôde ver quem deu o primeiro soco.

— E não há câmeras no estacionamento — Gibsie reflete. — Eu acho que isso torna sua palavra contra a nossa.

— Cinco contra dois — Hughie oferece. — Que engraçado.

— Karma é uma coisa linda — Gibsie concorda com um sorriso.

— Foram seis de vocês! — Bella sibila. — Havia uma *menina*.

— Não — Gibsie responde com um encolher de ombros. — Você está imaginando coisas.

— Vocês são um bando de mentirosos — Bella sussurra, furiosa.

— Você percebe que causou tudo isso? — Hughie retruca. — Ou você simplesmente não se importa?

— Deixe-a em paz — Cormac rapidamente vem em sua defesa. — Ela está machucada.

— Ela é uma parasita, isso é o que ela é — Gibsie zomba. — E você faria bem em ficar o mais longe possível dela, porque você não está agindo como o garoto com quem crescemos.

Um som de assobio se aproxima e nós seis viramos a cabeça assim que Ronan McGarry, um dos garotos do meu ano, vira a esquina do corredor. Quando seus olhos pousam em todos nós sentados do lado de fora do escritório do diretor, ele olha duas vezes.

— O que vocês estão fazendo fora...

— Continue andando, idiota — Johnny avisa, eriçado ao meu lado. — E mantenha a sua maldita boca fechada.

Ronan olha para Johnny por um longo momento antes de virar seu olhar para mim.

— Causando problemas de novo, Shannon? — Um fantasma de um sorriso malicioso brinca em seus lábios. — Por que não estou surpreso?

— Eu disse para sair! — Johnny rosna, levantando-se. — Antes que eu te meta a porrada.

Ronan cambaleia para trás tão rapidamente que deixa cair sua mochila, fazendo Gibsie rir.

— Ah, cara — ele ri. — Obrigado por isso. Eu precisava rir.

— Vai se foder, Gibs — Ronan rosna, com o rosto vermelho, enquanto pega sua mochila do chão. — Eu não tenho medo dele...

— Saia daqui, seu pequeno filha da puta — a voz de Johnny ressoa alto e cheia de autoridade, enquanto ele dá um passo ameaçador em direção a Ronan. — Não pense que eu esqueci o que você fez!

Ronan recua por todo o corredor que acabou de passar antes de desaparecer virando a esquina.

— Brilhante. — Rindo histericamente, Gibsie dá um tapa na própria coxa. — Eu pensei que ele ia se mijar...

A porta do escritório se abre para dentro então, fazendo com que todos fiquem em silêncio enquanto nossos pais saem – bem, os pais *deles.*

As primeiras a surgir são as mães de Bella e Cormac. A Sra. Ryan e Cormac vão embora sem dizer uma única palavra.

Para meu choque absoluto, a Sra. Wilkinson marcha até a filha e sibila:

— Levante-se — Fazendo beicinho e bufando alto, Bella se levanta, enxugando o lábio cortado com um lenço. — Agora, me dê seu telefone.

— Mãe...

— Me. Dê. Seu. Telefone.

Sem dizer nada, Bella desliza o telefone do bolso e o entrega para sua mãe. A Sra. Wilkinson mexe furiosamente no teclado, endurecendo quando encontra o que está procurando. Ela olha para mim, olhos atados com culpa, e então se vira para sua filha.

— Vá até lá e peça desculpas pelo que você fez com aquela pobre garota.

Oh Deus...

Meu corpo inteiro se contrai de pavor.

Eu não quero que ela se desculpe comigo.

Eu quero que ela chegue perto de mim nunca mais.

Bella geme.

— Mas mamãe...

— Não me pressione nisso, Isabella! — sua mãe ferve. — Você tem sorte que eu não vou te levar até a delegacia e eu mesma te entregar! Eu nunca fiquei tão desapontada com você como estou hoje.

— A amiga dela me bateu — Bella responde. — E eles sabem quem ela é...

— Eu não estou surpresa — a Sra. Wilkinson retruca, com o rosto vermelho. — Depois do que você fez com essa garota, é um milagre que os responsáveis dela não estejam prestando queixa. Agora vá até lá e peça desculpas!

— Nem pense nisso — Johnny interrompe quando Bella e sua mãe se aproximam de nós. — Afaste sua filha da minha namorada e mantenha ela longe — ele ordena, apertando o braço em volta de mim. — Shannon não quer as desculpas dela. Sua filha já causou danos suficientes. Desculpas não significam nada para nós. Então apenas vá embora e deixem ela em paz.

A Sra. Wilkinson abre a boca para dizer algo, mas depois a fecha novamente. Ela lança um olhar solidário em minha direção antes de arrastar Bella para longe.

— Obrigada — eu sussurro, grudando ao seu lado.

— Sem problemas — ele responde bruscamente.

A próxima a surgir é Sinead Biggs, seguida rapidamente pela mãe de Gibsie, cujo nome descobri ser Sadhbh.

— Oh meninos — a mãe de Claire suspira enquanto coloca o braço em volta da cintura de Hughie. — O que vamos fazer com vocês?

— Eu não bati em ninguém hoje — Gibsie oferece brilhantemente. — Eu fui um bom menino.

— *Hoje* é a palavra apropriada — sua mãe responde com um suspiro. Acariciando seu cabelo loiro, ela acrescenta: — Vamos, Bubba. Vamos levá-lo para casa antes que mais problemas o encontrem.

— É isso, mãe — Gibsie responde enquanto pula atrás dela. — Os problemas *me encontram*, não o contrário.

É só quando estamos sozinhos que Johnny fala.

— Quando isso aconteceu? — Sua voz é baixa e profunda com a emoção. Movendo-se de lado para me encarar, ele solta: — O que ela fez com você, baby?

— Não importa — eu murmuro, me sentindo cansada. Eu já tinha explicado tudo ao Sr. Twomey e Darren quando foi nossa vez de falar com ele no escritório mais cedo.

— Eu preciso saber, Shan — Johnny responde. — Então, por favor... apenas me *conte*.

Exalando um suspiro cansado, explico o que aconteceu no banheiro com Bella e suas amigas, sem deixar nada de fora. Exausta demais para me segurar, conto tudo a Johnny, até a parte do vômito.

— Por que você não me ligou? — ele pergunta quando eu termino. — Ou me procurou. Shan, eu teria...

— Porque você tinha prova de francês e eu não queria te colocar em problemas — eu sussurro, com joelhos balançando inquietos. — Eu sei que a Academia e os olheiros estão observando cada movimento seu agora, e eu estava com medo de que você ficasse bravo e retaliasse, então liguei para Joey porque pensei que ele viria me buscar...

Minha voz falha e um enorme soluço rasga da minha garganta.

— Eu só queria uma carona de volta para casa. Eu não achei que ele faria *isso.*

A porta do escritório do Sr. Twomey se abre novamente e desta vez, o Sr. Kavanagh sai com Darren e o Sr. Twomey a reboque.

— Mais uma vez, eu sinto muito pelo que aconteceu — diz o Sr. Twomey, estendendo a mão para Darren. — Por favor, tenha certeza de que Tommen adere a uma estrita política de tolerância zero para bullying e este assunto será tratado imediatamente — Quando Darren não segura sua mão, o olhar do Sr. Twomey vira para mim e ele faz uma careta. — Shannon, eu vi as fotos e sinto muito.

— Então, o que você está fazendo sobre isso? — Johnny pergunta em um tom de voz tenso. — Está tudo bem dizer que você sente muito, mas isso não significa nada se você não agir. Bella está sendo expulsa? E quanto a Kelly? Ela estava envolvida também. E Tash? Ela é tão ruim quanto por ir embora e não as deter.

— Johnny — Sr. Twomey suspira cansado. — Fique fora disso.

— Não! — Johnny explode, se levantando — Três delas encurralaram minha namorada no banheiro – duas delas a seguraram e a agrediram. São todas do sexto ano. Eles têm mais de dezoito anos. Shannon é menor. Todas deveriam ser condenadas por agressão.

— Johnny — eu murmuro, sentindo outra onda de vergonha passar por mim. — Apenas deixa para lá.

— Não, Shan — ele retruca. — Eu não vou deixar isso para lá.

Encarando nosso diretor, ele sibila:

— Eu quero *justiça.*

— Não é bom o suficiente — Darren me choca ao concordar com Johnny. — Minha irmã foi brutalmente agredida por duas garotas durante a escola – uma das quais, eu soube, vem fazendo bullying com ela há meses. Meu irmão foi preso por defendê-la quando seu corpo docente falhou em fazê-lo. Estamos passando pelo inferno nos últimos tempos, algo que você sabe bem, e tudo o que você pode dizer é que *sente muito*?

Darren balança a cabeça.

— Me perdoe por dizer isso, Sr. Twomey, mas por que diabos estamos pagando milhares de euros em mensalidades escolares se você não pode fazer algo tão básico quanto garantir a segurança da minha irmã na escola?

— Bella foi suspensa pelos próximos três dias — responde o Sr. Twomey com as bochechas coradas. — Vou levar este incidente à atenção do conselho de administração em nossa próxima reunião. Decidiremos sobre a ação apropriada a ser tomada então.

— Tome uma ação *expulsando* ela — Johnny fervilha, furioso. — Vai a merda com uma suspensão de três dias. Isso não vai adiantar nada. Ela não deveria ser permitida a voltar para essa escola depois do que ela fez com a minha namorada!

— Minhas mãos estão atadas — responde o Sr. Twomey, olhando para o pai de Johnny em busca de ajuda.

— Isso é uma bagunça, Seamus — o pai de Johnny declara calmamente. — Espero sinceramente que a escola tenha representação legal boa suficiente, e pelo bem da família Wilkinson, sugiro que você os informe sobre isso. É claro que oferecerei meus serviços à família Lynch e entrarei em contato quando minha cliente decidir a ação que *ela* deseja tomar, seja contra a senhorita Wilkinson apenas, ou contra a escola por sua negligência e falha em proteger uma menor de idade sob seus cuidados.

A boca do Sr. Twomey se abre de surpresa e eu tenho certeza de que sua expressão é uma imagem espelhada do meu rosto e do de Darren enquanto observamos o pai de Johnny.

— Como?

— Bem, está muito claro, Seamus — Sr. Kavanagh responde naquela voz bem doce que apenas pessoas com grande poder usam. — Você foi tão rápido em ligar para a polícia e denunciar o garoto Lynch por seu papel no incidente, o que acho justo, e minha responsabilidade pessoal, é colocar meus serviços à disposição de sua família. No entanto, dadas as circunstâncias que cercam a ambos os filhos dos Lynch, sinto que devo aconselhá-lo que você terá um desafio em suas mãos para encontrar um juiz neste país para condenar Joey Lynch – e acredite em mim, eu conheço vários desses juízes. — Ajustando a gravata, o Sr. Kavanagh sorri. — Tenha um bom dia, senhor.

Johnny sorri para o pai.

Enquanto isso, Darren e eu continuamos boquiabertos de admiração.

— Vamos — Sr. Kavanagh instrui em seu tom frio, calmo e controlado, enquanto se vira para seu filho. — Sua mãe precisa que eu compre molho de

pimenta para o jantar, e eu tenho que passar na delegacia antes...

— Espere, espere, espere — diz o Sr. Twomey com a voz falha. — Sr. Kavanagh, você pode vir ao meu escritório, por favor?

O pai de Johnny faz questão de verificar o relógio e suspirar antes de assentir com relutância.

— Eu posso te dar quinze minutos.

— Sim, sim, obrigado. — O Sr. Twomey cede de alívio e corre de volta para seu escritório.

— Molezinha hein, pai? — Johnny brinca.

Rindo baixinho, o Sr. Kavanagh pisca para o filho antes de seguir o Sr. Twomey. Parando na porta do escritório, ele se vira para Darren e diz:

— Vou levar seu irmão para casa às dez essa noite.

— Muito obrigado. — Exalando pesadamente, Darren caminha até o Sr. Kavanagh e estende a mão. — E eu sinto muito pela forma como minha família...

— Irrelevante — responde o pai de Johnny, apertando a mão de Darren. — Todos nós precisamos de um pouco de misericórdia às vezes.

Lançando seu olhar afiado para Johnny, ele diz:

— Leve o molho de pimenta para sua mãe antes de ir para o treino, filho. — Ele olha para mim então e me dá um sorriso suave. — Espero que um dia nos encontremos em circunstâncias felizes, Shannon.

Com isso, o Sr. Kavanagh entra no escritório, deixando a porta se fechar atrás dele.

— Ele vai comer o cu dele — Johnny ri, enquanto caminha até onde eu estou sentada e me puxa para ficar de pé. — Não se preocupe, Shan — ele acrescenta, envolvendo um braço em volta da minha cintura. — Ele vai resolver isso.

Eu solto uma respiração irregular.

— Eu não posso acreditar que ele fez isso por nós.

— Nem eu — murmura Darren, esfregando a mandíbula.

— Eu disse que meus pais te amam — Johnny me fala, segurando minha mão na dele. — Acredita em mim agora?

Tremendo, eu aperto sua mão e caio contra seu peito.

— Eu sinto muito.

— Nem mesmo diga isso — ele sussurra, envolvendo-me em seus braços.

— Eu estou fedendo a peixe — eu o aviso. — Você vai ficar com o cheiro em suas roupas, também.

— Eu não me importo — ele sussurra, dando um beijo no meu cabelo. — Eu amo peixe, eu amo você, e ainda quero comer você no jantar.

— Não tanto quanto frango — eu fungo.

— Porra, eu *amo* frango — ele concorda com uma risada. — Está tudo bem, Shan. — Dando um passo para trás, ele segura meu rosto em suas mãos e olha para mim. — Você me escutou?

Eu dou de ombros fracamente.

— Te escutei.

— Você vai ficar bem — ele diz bruscamente, seus olhos azuis presos nos meus. — E Joey também.

— Eu não acho que vou ao jantar hoje à noite, Johnny — eu falo.

— Tudo bem — ele responde, deixando cair as mãos para descansar em meus ombros. — Faremos isso outra hora.

Acariciando seus polegares sobre minha clavícula, ele acrescenta:

— Eu faço isso por você.

Eu caio contra ele.

— Não importa.

— Isso importa — ele corrige, me puxando de volta para um abraço. — E isso nunca vai acontecer a você novamente.

— Estou com tanto medo por Joey — confesso, enterrando meu rosto em seu peito. — Eu não quero que ele tenha problemas por minha causa.

— Meu pai vai arrumar isso. — Ele dá um beijo no topo da minha cabeça. — Sério, se você soubesse metade do que ele conseguiu livrar Gibs ao longo dos anos, você não estaria se preocupando. Ele vai esclarecer tudo, Shan. Ele vai fazer isso ser apagado.

— Sério? — Eu fungo. — Você tem certeza?

— Cem porcento — responde Johnny. — Ele quis dizer o que disse, Joey *estará* em casa esta noite.

Alívio me atravessa, mas eu estou com medo de absorvê-lo. Estou *apavorada* de ter esperanças apenas para ter mais notícias ruins jogadas em minha direção.

— Eu te julguei mal — a voz de Darren corta o ar. Atordoada, me viro para descobrir que ele está olhando para Johnny. — Eu estava errado sobre você — acrescenta ele com um tom rouco. — E eu te devo um pedido de desculpas.

— Sim, você estava errado — diz Johnny firmemente. — Eu não sou a pessoa que sua mãe me faz parecer.

Suspirando pesadamente, ele acrescenta:

— Mas eu não preciso de um pedido de desculpas.

— Bem, você terá um de qualquer forma — Darren responde cansado.

— E eu aceito — Johnny me surpreende ao dizer. Ele não precisava aceitar nada de Darren. Ele foi tratado terrivelmente pelo o meu irmão e minha mãe. — Sem ressentimentos — acrescenta Johnny, dando a meu irmão um aceno curto. — Mas eu ainda não vou embora.

— Sim. — Darren suspira. — Estou começando a entender isso.

Johnny funga.

— Só para ficarmos claros.

— Estamos claros, Kavanagh — responde Darren antes de se virar para mim e perguntar: — Você vem comigo?

Eu vou?

Ele estava me dando uma escolha real?

Eu faço uma careta.

— Huh?

— Você está voltando para casa agora? — Darren repete lentamente. — Ou mais tarde?

— Eu, uh... — Balançando a cabeça, olho para o meu irmão e diz: — Agora.

— Tem certeza? — Johnny pergunta, endurecendo atrás de mim. — Eu posso te levar para casa.

— Você tem treino. — eu sussurro. — E eu preciso ir para casa e me limpar.

— Eu não tenho que ir, Shannon — Johnny me diz com o tom incerto, seus olhos passando entre mim e Darren. — Eu posso ficar com você.

Eu quero gritar *sim*, mas me contenho. Johnny está indo na direção certa com seu treino. Ele passa a maior parte de seus dias olhando ansiosamente para o telefone. Eu sei que ele está esperando um telefonema dos treinadores irlandeses, e eu não posso esperar que ele pare sua vida toda vez que algo acontece comigo. Este não foi o meu primeiro problema e não será o meu último.

Além disso, quando ele for, você terá que ficar por conta própria.

Porque ele está indo embora, Shannon...

— Eu preciso ajudar meus irmãos. — Dou-lhe um sorriso amarelo. — Eu te ligo mais tarde.

Johnny não parece convencido, mas não discute comigo. Em vez disso, ele dá um beijo na minha testa, assente rigidamente e dá um passo para trás. Sinto a ausência de seu toque na parte mais profunda da minha alma enquanto me afasto com Darren.

62
Pais Convincentes
Johnny

Shannon me culpa pelo que aconteceu hoje. Porra, eu *sei* que ela me culpa, e a pior parte é saber que ela está certa. Foi minha culpa. Elas fizeram isso com ela por minha causa. Eu a observei sair da escola com seu irmão mais cedo, sabendo muito bem que eu precisava intervir e dizer algo para consertar, mas eu não sabia o que dizer. Eu não sei como consertar isso para ela.

Jesus Cristo, eu estou tão bravo que praticamente posso sentir o gosto.

Eu fui treinar essa noite por nenhuma outra razão além de que se eu tivesse que ficar em casa sozinho com meus pensamentos e me sentindo inútil, eu perderia o controle. Isso não ajudaria nem um pouco a conter a fúria se debatendo dentro de mim. Eu não consegui me concentrar. Durante todo o treino, minha mente estava presa em Shannon. Foi o mesmo com a fisioterapia. Eu não consegui tirá-la da minha cabeça. Tenho um pouco mais de quatro dias para me preparar para o que será o encontro mais importante da minha vida e mesmo assim não consigo colocar a cabeça no lugar.

Bella filha da puta.

Eu sei que errei ao deixá-la ir para casa com Darren, mas além de enfiá-la no meu carro e ir embora, o que eu podia fazer? Ela disse que queria ir com ele. Era mentira. Shannon nunca quer ir para *casa*.

A dúvida está se instalando, desconhecida e enervante, e como de costume, começo a pensar demais em tudo. Eu tenho um problema com meu cérebro. Ele se move muito rápido, pensa em muitas merdas insanas, zune rápido demais. Na maioria das vezes, consigo manter o controle com uma rotina e estrutura, mas hoje estou com dificuldades. Aquele telefonema essa manhã, somado ao que aconteceu na escola, deixou minha mente uma bagunça. Tudo está sucateado, minhas células cerebrais foram disparadas para a merda, e eu estou imaginando tudo.

Quando finalmente estaciono nos fundos da minha casa um pouco depois das nove horas naquela noite, eu ainda estou explodindo de energia. Nenhuma quantidade de treinos, voltas e partidas apagou a fúria dentro de mim.

Irritado e ansioso, pego minha bolsa de equipamentos do banco do passageiro e entro, com toda a intenção de engolir o conteúdo do que minha mãe está cozinhando no fogão. No entanto, meu apetite evapora e meus pés vacilam quando entro na cozinha e vejo *Joey* caído na ilha com a cabeça entre as mãos. A mãe está sentada no banco à sua frente.

Parando na porta, observo enquanto ela empurra uma xícara em sua direção.

Ele não aceita.

— Acho que isso importa, Joey — minha mãe diz a ele naquele tom de voz que usava quando estava nos convencendo de algo quando nós éramos crianças. *Nós* sendo eu e Gibsie, porque ele foi a coisa mais próxima que eu tive de um irmão. — E eu acho que você importa, também.

— Você está errada — Joey responde em uma voz tão baixa que eu tenho que me esforçar para ouvi-lo. Ele olha para a xícara de café na frente dele com mandíbula apertada, uma expressão desconfiada e cautelosa. — Então apenas *desista*.

— Joey — minha mãe diz gentilmente. — Você está nessa a um longo tempo, amor. Talvez seja hora de descansar os pés e deixar alguém carregar essa carga para você?

Silêncio.

— Me deixe ajudá-lo.

Mais silêncio.

— Me deixe salvá-lo, Joey.

— Você não pode — ele solta, estalando os dedos ansiosamente. — Não há mais nada para salvar, Sra. Kavanagh. Então, por favor, *pare*.

Limpando a garganta, deixo minha bolsa de equipamentos na porta e entro.

— Você está fora da cadeia.

— Sim — Joey murmura, sem se preocupar em levantar a cabeça.

— Oh, amor, você está em casa. — Minha mãe me oferece um sorriso, mas é um cheio de preocupação. — Como foi o treino?

Eu olho boquiaberto para ela. Merda, isso é ruim. Ela *nunca* pergunta sobre o treino

— Ótimo — eu respondo cautelosamente. — O que está acontecendo?

— Você está com fome, Johnny? — minha mãe pergunta, ignorando minha pergunta enquanto se move para o fogão. — Eu fiz rosbife com molho de pimenta.

Balançando a cabeça, caminho até a ilha e puxo um banquinho.

— Jesus — eu murmuro, observando o inchaço sob o olho direito de Joey. — Cormac te acertou em cheio.

— Sim, e eu te acertei em cheio também — ele retruca, gesticulando para o meu lábio rachado. — Me desculpe por isso.

Fazendo uma careta, ele acrescenta:

— Dificuldades com comunicação.

Eu dou de ombros.

— Então, o que está acontecendo agora?

— Estou na merda, Kav — Joey brinca. — Isso é o que está acontecendo agora.

— Sim, eu entendi isso — Descansando meus cotovelos na bancada de mármore, me inclino para frente e estudo sua expressão cautelosa. — Você está sendo acusado?

— Ele não vai ser acusado de nada — minha mãe responde por Joey, em tom confiante. — Seu pai se certificou disso.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Você se livrou?

Joey dá de ombros, parecendo como se tivesse perdido completamente.

— Aparentemente. — Ele me dá um olhar estranho, então, e eu juro que posso ver terror em seus olhos antes que as persianas se fechem e ele desvie o olhar. — De acordo com seus pais.

— Onde está sua mãe? — Eu pergunto então, me preparando para a reação que eu sei que virá com uma pergunta como essa. — Ela foi com você na delegacia?

Joey me lança um olhar que diz *o que diabos você acha, idiota*, e naquele momento, sinto uma onda de simpatia inundar meu peito.

— Ela está trabalhando — ele explica firmemente. — Não foi possível entrar em contato com ela.

— Aquele era o diretor Twomey — meu pai anuncia, entrando na cozinha com o telefone na mão. — O conselho escolar realizou uma reunião de emergência esta noite.

Eu endureço.

— E?

— E Bella não vai voltar para Tommen para terminar o ano letivo — meu pai responde.

Joey solta um suspiro áspero.

— Graças a Deus por isso.

— Ela terá permissão para fazer seu certificado de conclusão em uma das escolas locais, mas não será bem-vinda em Tommen. Seu armário foi esvaziado, seu telefone foi confiscado e todas as fotos que ela tirou de Shannon foram apagadas. — meu pai explica, deslizando o telefone no bolso. — Natasha O Sullivan e Kelly Dunne receberam uma semana de suspensão por seus papéis no incidente – embora, devido às declarações de Shannon, e após muita discussão, foi decidido pelo conselho que as duas garotas retornarão a Tommen após sua suspensão e *terão* permissão para fazer seus exames lá.

— Isso é uma merda! — Joey e eu falamos em uníssono e depois nos viramos para franzir a testa um para o outro.

— Escolham suas batalhas, meninos — meu pai responde. — Este é um bom resultado.

Minha mãe entrega uma xícara de café ao papai e ele beija sua bochecha antes de voltar sua atenção para nós.

— Tirem a emoção da equação e veja o resultado pelo o que é, uma vitória.

— E Cormac? — Eu digo, travando os olhos com o meu pai. — Como você conseguiu fazer isso? Ele estava muito empenhado em apresentar queixa mais cedo.

Meu pai pisca.

— Com muita persuasão.

— Bem, merda. — Eu solto um suspiro, impressionado. — Lembre-me de nunca ir contra você.

— Nem tudo são boas notícias — papai avisou, virando seu olhar azul de aço para Joey. — Você foi expulso do Ballylaggin Community College. Aparentemente, você estava em seu último aviso após sete suspensões só este ano e inúmeras outras que remontam desde a sua primeira semana do primeiro ano.

Meu pai puxa a gravata, afrouxando-a.

— Eu fiz o que pude, Joey, mas eles não estão mudando de ideia. Cometer um ato de violência contra outra escola enquanto estiver vestindo seu uniforme da BCS é contra a política deles e é punível com expulsão imediata.

Joey dá de ombros cansado.

— Tudo bem.

— *Tudo bem?* — Eu olho boquiaberto para ele. — Mas você não deveria tentar seu certificado de conclusão no próximo mês?

— Não importa — ele murmura.

— Sim, importa — eu retruco. — Isso importa para caralho.

— Eu não irei a lugar nenhum de qualquer maneira — ele respondeu. — Então é tudo a mesma coisa para mim.

— Que diabos, Joey? — Eu falo. — Isso é importante.

Me voltando para meu pai, eu pergunto:

— Há algo que você possa fazer por ele?

Meu pai suspira.

— Minhas mãos estão atadas, filho. Joey tem um histórico de violência que faz Gibsie parecer um santo. Eles não estão dispostos a negociar que ele volte para a escola – nem mesmo para realizar seus exames.

— E quanto a Tommen? — minha mãe intervém.

— Tommen é particular, querida — meu pai responde.

— Outra escola pública, então? — Eu sugiro.

— Não na área — meu pai responde. — Nada público, pelo menos.

— Então, na cidade?

— Nenhuma escola vai me querer a menos de três metros de distância — Joey diz sem rodeios. — Seu pai está certo, Kavanagh. Meu histórico é chocante, ninguém vai me querer, e isso não importa de qualquer maneira, porque eu não me importo. Então não perca seu fôlego falando sobre isso.

Olho para meu pai, que confirma isso com um pequeno aceno de cabeça.

— Jesus — eu murmuro, deixando cair minha cabeça em minhas mãos. — Que desastre.

— Posso usar seu banheiro, por favor? — Joey pergunta enquanto se levanta do banco e olha para minha mãe.

— Claro que você pode, Joey — minha mãe responde em tom grosso. — Você não tem que pedir, amor.

Assentindo rigidamente, ele caminha em direção à porta do corredor, apenas para hesitar na porta.

— Obrigado — ele diz em voz baixa, olhando por cima do ombro. — Por tudo.

— Sem problemas, Joey — meu pai responde. — Lembre-se do que conversamos. A oferta está de pé e não tem prazo de validade.

Assentindo rigidamente, Joey murmura antes de desaparecer no corredor:

— Vou pensar sobre isso.

O som da porta da entrada batendo reverbera pela casa alguns segundos depois.

— Não — meu pai avisa, parando mamãe que está se movendo para a porta. — Deixe-o em paz, Edel.

— Quem vai cuidar dele? — minha mãe exige, virando-se para encarar meu pai. Seus olhos estão cheios de lágrimas não derramadas e sua voz está cheia de emoção. — Hein? A própria mãe dele não se deu ao trabalho de aparecer na delegacia para ver como ele estava, John, e o pai dele é um psicopata. — Seus ombros caem e ela suspira pesadamente. — Há algo muito especial sobre esse menino, mas ele está perdido, e se alguém não aparecer e fizer algo, ele nunca encontrará o caminho de volta.

— Eu te entendo, querida, eu realmente entendo. Mas ele é legalmente um adulto.

— Ele é uma *criança*, John — minha mãe solta, soando ferozmente protetora. — Ele é um garotinho quebrado, preso no corpo de um homem adulto, e ele precisa de *nós.*

— Edel, eu sei...

— Eles não são para escolher a dedo aleatoriamente — minha mãe continua a falar, não dando a meu pai a chance de falar. — Você não pode escolher seus favoritos e deixar o resto de canto. Há cinco deles, quebrados, tortos ou fora de forma, eu quero *todos eles*!

— Os Lynchs? — A consciência me atinge bem no peito e meu queixo cai. — Você irão acolhê-los?

— Eu estou acolhendo eles — confirma mamãe com um brilho de determinação nos olhos. — Todos eles.

— Jesus — meu pai murmura, passando a mão pelo cabelo em clara exasperação. — Não sei como sobrevivi vivendo em uma casa com dois demolidores.

— Boa comida e um sexo que é ainda melhor, foi assim — minha mãe retruca, sem perder o ritmo.

Meu pai sorri.

— Isso é verdade.

— Espere aí, porra — eu solto. — Alguém, por favor, me explique o que diabos está acontecendo aqui.

— Olha a boca — minha mãe repreende.

— Se você soubesse metade do que está se passando na minha cabeça agora, você não iria me puxar a orelha por falar porra — eu rosno. — Alguém comece a explicar.

— Você se lembra de quando morávamos em Dublin? — Meu pai começa — A garotinha que morou conosco por dezoito meses?

Eu olho boquiaberto para ele.

— *Não*. Que garotinha?

— Ele era apenas um bebê, John — minha mãe explica, afundando no banco ao lado de papai. — Ele não se lembraria da Rayna.

— Quem? — Eu olho boquiaberto para eles. — Quem diabos é Rayna?

Eu estreito meus olhos.

— Vocês dois fumaram alguma coisa com Joey?

— Criamos uma criança em Dublin — explica mamãe. — O nome dela era Rayna. Ela era um ano mais velha que você, e você era louco por ela.

— Acho difícil de acreditar, considerando que não tenho a menor ideia de quem você está falando — murmuro baixinho.

— Se você começar a me ouvir em vez de falar, então talvez você comece a entender — minha mãe retruca.

Suspirando, eu gesticulo para que ela continue.

— Tivemos Rayna desde os dois anos de idade até pouco antes de seu quarto aniversário — meu pai começa a falar — Nós a nomeamos como sua irmã — acrescentou. — Não houve diferença... não para nós.

— O que aconteceu com ela?

— Ela foi devolvida aos pais biológicos — meu pai responde e minha mãe funga. — Foi muito difícil para sua mãe — acrescenta ele, passando um braço em volta de mamãe. — Então, tomamos a decisão de não adotar mais crianças. Foi muito difícil para nós... devolver Rayna depois de passar tanto tempo com ela.

— Nós a considerávamos nossa filha — minha mãe sussurra. — Da mesma forma que consideramos você nosso filho.

— Assim como vocês me consideram seu *filho*? — *Que diabos?* Eu coço a parte de trás da minha cabeça, tentando absorver tudo. — Você está tentando me dizer que eu sou adotado?

Meu pai joga a cabeça para trás e ri.

— Não, Johnny, você é cem por cento o fruto das minhas bolas.

— E de meus ovos — minha mãe oferece com um sorriso.

— Você só custou uma pequena fortuna para cozinhar em um laboratório — acrescenta, ainda rindo para si mesmo.

— Valeu cada centavo. — Minha mãe pisca. — Nosso bebezinho de tubo de ensaio.

O que...

— Isso é uma coisa horrível para me dizer — eu engasgo, indignado. — Você faz parecer que eles me cozinharam em um micro-ondas e me venderam em um beco!

Ambos riem como se meu humilde embrião fosse uma grande piada para eles.

— Querem saber? — Eu bufo uma respiração. — Acho que *fui* adotado.

— O que estamos tentando dizer, Johnny — meu pai diz, lutando para ficar sério enquanto sufoca sua risada — é que temos experiência em trabalhar com o sistema de assistência social.

— E nós queremos criar Shannon e seus irmãos — minha mãe irrompe. — Fomos aprovados.

Agarrando um envelope do balcão, ela o empurra para mim.

— Chegou esta manhã.

— Tenha tato, baby — meu pai geme, deixando cair a cabeça em sua mão. — Em situações delicadas, você precisa usar um pouco mais de tato.

— Vocês querem adotar a Shannon? — Eu pergunto, francamente atordoado.

— Sim — minha mãe responde, sem perder o ritmo. — E Ollie, Sean, Tadhg e Joey.

— O q... — Eu balanço minha cabeça, tentando entender isso. — Quando vocês planejaram isso?

— Março — minha mãe responde.

— Não — meu pai fala. — Discutimos isso em março.

— Nós nos candidatamos em março — corrige minha mãe. — No dia seguinte que eu encontrei Shannon e Joey em nossa casa.

— E vocês não me contaram? — eu exijo. — Por que vocês não me *contaram*?

— Nós não queríamos aumentar suas esperanças. É um processo longo e não tínhamos certeza se seríamos aprovados, devido ao nosso estágio na vida e nossas carreiras — explica o papai.

— Vocês tem quarenta e seis anos e quarenta e nove — eu atiro. — Você mal está com o pé na cova.

— Nós também não queríamos que você contasse para Shannon — papai acrescenta.

— Por que eu *não* diria a Shannon? — Eu pergunto, boquiaberto para ele.

— Porque isso é sensível — meu pai responde. — Há um processo que temos que seguir, filho. Não podemos simplesmente invadir a casa deles e levá-los...

Ele faz uma pausa e me dá um olhar pensativo.

— Bem, nós *não* podemos — afirma, gesticulando para si mesmo e para minha mãe.

Com as bochechas vermelhas, eu dou de ombros.

— Eu não estou arrependido.

— E então você não deveria, amor — minha mãe concorda, estendendo a mão por cima do balcão para dar um tapinha na minha mão. — Eu teria feito exatamente a mesma coisa no seu lugar.

— Jesus, Edel — meu pai murmura. — Pelo menos me dê uma chance de lutar para colocar o rapaz no caminho certo.

— Bem, eu faria — ela bufa. — É tão simples, amor.

Balançando a cabeça, meu pai volta sua atenção para mim.

— Temos tudo em ordem, filho — ele diz. — Mas não vamos fazer um movimento a menos que você esteja cem por cento de acordo com isso.

— O que você quer dizer com fazer um movimento? — Eu o olho com cautela. — O que você está planejando?

— Há um caso grave de negligência naquela casa — responde meu pai. — É um abuso infantil gritante, e sua mãe não está disposta a fechar os olhos para isso, e nem eu. Então, se eu tiver que jogar sujo para provar isso e tirar essas crianças desse ambiente, é exatamente isso o que eu irei fazer.

— Merda — eu murmuro. — Você está falando sério.

— Seríssimo — minha mãe concorda. — Eles são vítimas de traumas. Essas crianças precisam de uma família. Eles precisam de responsáveis *saudáveis* e um ambiente estável onde suas necessidades sejam atendidas sem medo de reação ou de um abuso emocional. Eles precisam ter a oportunidade de serem apenas *crianças*. Sua mãe não pode fazer isso por eles, e o sistema não pode prometer mantê-los todos juntos, mas *nós* podemos.

— Mas como eu disse, esta é sua decisão também — meu pai intervém. — Não faremos nada sem a sua bênção.

— Vocês não precisam da minha bênção — eu solto com a voz cheia de emoção. — Eu a quero, e eu não estou falando sobre sexo ou qualquer dessas merdas de adolescente que você está pensando, mãe — eu me apresso em acrescentar. — Eu a quero segura. Eu preciso *dela* segura.

Minha mãe suspira tristemente.

— Eu sei, Johnny, amor...

— Não, você não entende — eu digo com a voz rouca. — Eu amo aquela garota. Tipo eu *realmente a amo* para caralho, e eu não posso lidar com saber que ela está naquela casa agora. Eu perco o sono me preocupando com ela.

Soltando uma respiração trêmula, eu digo:

— Recebi uma ligação de Dennehy hoje. Eles estão vindo para me ver neste sábado. É mais que provável que eu saiba até o final da semana se estou dentro ou não...

— O quê? — Minha mãe deixa escapar, os olhos arregalados. — Oh meu Deus.

— Essa é uma notícia fantástica, Johnny. — Meu pai sorri. — Estou tão orgulhoso de você...

— Não, não é. Não é uma notícia fantástica, pai. É aterrorizante. — Eu solto, frustrado. — Por *meses* eu estive me preocupando até a morte sobre como eu devo deixá-la se eu for convocado — eu admito bruscamente. — E agora que está se aproximando, a menos de um maldito mês, eu sei que não posso fazer isso.

Meu pai franze a testa.

— O que você está dizendo, Johnny?

— Estou dizendo que não posso deixá-la naquela casa, pai. Não com aquela mulher, e não com ele farejando ao redor. Não *posso* ir embora, nem por um mês inteiro, sem saber se ela está segura ou não. Então, se houver uma chance de tirá-la daquele lugar, eu estou agarrando. — Olho para meus pais. — Salvem ela.

Engolindo em seco, acrescento:

— Salvem todos eles.

Os olhos de minha mãe brilham de calor quando ela diz:

— Nós vamos, amor.

— Eu não posso *não* contar a Shannon sobre isso — aviso meus pais. — Nós não guardamos segredos um do outro.

— Nós não estamos esperando que você esconda nada de Shannon, filho — meu pai responde. — Nós dois sabemos que você é um péssimo mentiroso.

— Filho de peixe, peixinho é — minha mãe concorda, sorrindo para meu pai.

Eu olho para eles.

— Eu não sou tão ruim.

Ambos sorriem de volta para mim.

— Eu *não sou* — eu defendo. — Eu posso mentir muito bem.

— Super — minha mãe fala.

— Você é um livro aberto, Johnny — meu pai concorda com uma risada. — E essa é uma boa maneira de ser.

— Não, não, não, eu enganei vocês bastante sobre meu adutor — argumento — E meus médicos, treinadores e metade da Academia, também.

Os olhos de mamãe se estreitam e eu sei que dei um tiro no próprio pé.

— Sim, isso foi um mau exemplo — eu murmuro timidamente. *Seu maldito idiota.* — Esqueçam que eu disse algo.

— A única pessoa para quem você esteve mentindo naquela situação era você mesmo, filho — meu pai retruca. — E o único que você machucou com essa mentira também foi você mesmo.

De ombros caídos, eu balanço a cabeça em derrota.

— Sim, eu sei.

— Eu queria que Shannon viesse para jantar esta noite para que pudéssemos conversar com ela — minha mãe diz, felizmente desviando a conversa de minhas indiscrição nada exemplar. — Queríamos perguntar a ela como ela se sentiria sobre a possibilidade de vir morar conosco.

Eu não sei sobre como Shannon se sente, mas eu sei como me sinto: em *êxtase*, porra.

— Mas este será um processo lento — meu pai diz, sempre a voz da razão em nossa casa. — Não percam o controle aqui, pessoal. Isso não vai acontecer da noite para o dia, e eles podem não *querer* ficar conosco. Há muitos obstáculos legais que teremos que passar antes de chegarmos perto de cruzar a ponte, então mantenham a cabeça. — Ele lança um olhar consciente para minha mãe. — E não explodam.

63
Vá para a cama
Shannon

Quando minha mãe chega do trabalho mais cedo e Darren e eu explicamos o que aconteceu na escola, ela desaba no chão, chorando e lamentando. Depois de alguns minutos vendo meu irmão tentando consolá-la, eu apenas contornei os dois e subi para o meu quarto.

Eu não consigo mais lidar com ela, percebo. A paciência que eu costumava ter estava se esgotando rapidamente, e toda vez que ela chora, eu só quero gritar. Eu sei que isso é algo ruim e me torna uma pessoa terrível, mas não consigo evitar. Eu mal consigo tolerar mais estar no mesmo cômodo que minha mãe.

Patricia chegou em casa um pouco depois das seis horas, e a essa altura Darren conseguiu fazer com que mamãe se recompusesse. Ela fez todas as suas perguntas, preencheu todas as suas notas, estala a língua, estala os calcanhares e saiu pouco depois.

Entorpecida, voltei para o meu quarto, segurando meu telefone e rezando por misericórdia a meu irmão. Aoife me mandou pelo menos trinta mensagens ao longo da noite, pedindo atualizações, e toda vez que eu respondi com um "nada ainda", um pedacinho de mim morreu. Quando às dez horas da noite chegam e se vão, a ansiedade que eu senti a noite toda dispara a ponto de eu não conseguir mover um músculo.

O Sr. Kavanagh disse dez horas.

Já eram quase onze horas, e eu ainda estou sentada na minha cama, vendo a hora passar, esperando que ele volte para casa.

O som de uma chave girando na fechadura enche meus ouvidos e eu pulo da cama. Pegando meu telefone, digito uma mensagem rápida para Aoife.

S: Ele está de volta.

A: Oh, graças a Deus... Estou a caminho.

Jogando meu telefone na minha cama, eu me movo em alta velocidade pelo corredor e desço a escada. No momento em que meus olhos pousam em Joey fechando a porta da frente atrás dele, uma enorme onda de alívio toma conta de

mim. Cheia de emoção, eu tropeço nos últimos três degraus e jogo meus braços ao redor dele.

— Você voltou! — Eu pressiono minha bochecha em suas costas e exalo uma respiração irregular. — Graças a Deus.

— Está bem, Shan — ele murmura, as palavras ligeiramente arrastadas. Acariciando a mão que eu tenho ao seu redor, ele mantém a cabeça baixa enquanto desliza ao meu redor e se move para a cozinha. — Está tudo bem.

— Espere... — Pegando sua mão, eu o puxo de volta. — Olhe para mim.

Ele não olha.

O medo percorre minha espinha.

— Joey. — Eu puxo mais forte sua mão. — Olhe para mim.

Relutantemente, ele faz o que eu pedi e meu coração afunda.

— Joe. — Aumentando meu aperto em sua mão, eu olho em desespero para seus olhos injetados de droga. — *Por quê*?

— Apenas saia da minha cola, Shan — Joey resmunga, puxando a mão para passar pelo cabelo. — Estou bem.

Balançando a cabeça, ele se vira e entra na cozinha, ignorando mamãe e Darren que estão sentados à mesa.

— Joey! — Nossa mãe suspira fundo. — Oh! Graças a deus.

— Mãe — ele fala sarcasticamente. — Você está se mantendo bem?

Darren fica de pé e fecha o espaço entre eles, arrastando nosso irmão para um abraço feroz. Joey permanece rígido o tempo todo, com as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo, sem retribuir o abraço. Afastando-se, Darren franze a testa.

— O que há de errado com você? Por que você está tremendo? — Segurando sua bochecha com uma mão, Darren inspeciona seus olhos antes de soltar um grunhido. — Pelo amor de Deus, Joey! — Furioso, ele o empurra rudemente e caminha pela cozinha. — O que diabos está acontecendo com você?

— O que há de errado? — Nossa mãe murmura.

— O que há de *errado*? — Darren se vira para encará-la. — O que há de errado é que seu filho está de volta às drogas!

Os olhos de mamãe se arregalam.

— O-o quê?

Balançando a cabeça, Joey vai até à geladeira, pegando sua habitual lata de coca-cola e o pacote de presunto cozido para seu sanduíche, obedientemente ignorando Darren e mamãe enquanto anda.

— Isso é verdade? — Nossa mãe exige, levantando-se em um salto. — Joey?

— Eu não estou de volta às drogas — Joey murmura.

— Sim, porque você nunca esteve *fora* das drogas para começar, esteve? — Darren exige.

Joey revira os olhos.

— Vocês estão exagerando.

— Você está chapado — Darren cospe. — *De novo.*

— E você é um idiota — Joey rebate. — De novo.

— O que você está *fazendo*, Joey? — Nossa mãe sibila, caminhando em direção a ele. Agarrando a lata de coca da mão dele, ela a joga no balcão e balança a cabeça. — Por que você colocaria essas coisas em seu corpo de novo?

— Olha quem fala — ele retruca, rindo sem humor. — Se afogando em Prozac e Valium.

— *Prescritos* para mim por um médico — nossa mãe solta. — Não pelos traficantes da área.

— Ok, mãe. — Ele revira os olhos novamente. — Qualquer coisa que você diga.

— É Shane Holland? — Nossa mãe rosna. — Ele está por aí de novo?

— Jesus Cristo, você se importa? — Joey sibila. — Todo mundo saia da porra do meu pé.

— Não, eu não vou sair do seu pé — Darren late. — Você está de volta às drogas, você foi expulso da escola, você está fora do time de Hurling... — Suas palavras são interrompidas e ele joga as mãos para cima. — Você está arruinando sua vida!

— Eu não tenho uma vida! — Joey ruge, deixando cair o pacote de presunto que estava tentando abrir. — Eu nunca tive uma vida.

— Bem, com uma vida ou não, se você continuar assim, você vai se transformar nele — rosna Darren. — Você vai acabar se tornando a única coisa que você mais odeia no mundo.

— Darren, cale a boca! — Engolindo o nó na minha garganta, corro até ele. — Joey, shh, está tudo bem.

Eu estou observando sua espiral descendente e me sinto mais impotente do que quando nosso pai perambulava pela casa.

— Não dê ouvidos a ele, ok? Não é verdade. Você vai ficar bem...

— Pare de dizer isso, Shannon! — ele solta com o rosto vermelho. — Nada está bem. *Nada*!

Passando as mãos pelo cabelo em frustração, ele sufoca outra risada sem humor.

— Sabe, eu fiquei sentado naquela cela por horas, pensando *como* isso aconteceu comigo... — sua voz falha e ele arrasta uma respiração trêmula antes de continuar. — Como eu acabei do jeito que estou... todo fodido da cabeça. Mas então eu liguei para você — acrescenta, com os lábios trêmulos, enquanto fixa os olhos em nossa mãe. — Eu te liguei para vir me ajudar e você *não* atendeu.

Uma lágrima solitária escorre por sua bochecha.

— E então eu soube. Eu disse a mim mesmo, *é por isso.* Foi assim que eu acabei desse jeito. — Fungando, ele fixa os olhos em nossa mãe. — Porque você me *quebrou*!

Nossa mãe sufoca um soluço.

— Isso não é verdade. — Balançando a cabeça, ela sussurra: — Retire o que disse.

— Você fodeu minha cabeça pior do que ele *já* fodeu — Joey ruge em seu rosto. — Ele me machucou, mas você me *destruiu*. Ele usou os punhos, mas você?

Joey bate com o dedo na têmpora.

— Você entrou na minha *cabeça*. Você *quebrou* minha mente. Eu não trabalho mais direito e é porque sua voz está presa na minha cabeça. O som de você chorando e me implorando para ajudá-la é tudo o que eu posso ouvir. Toda vez que eu fecho meus olhos, você está lá. Na minha cabeça. Chorando para mim. Implorando. Gritando *"Me salve, Joey. Me salve*". Mas eu nunca pude salvá-la, mãe. Eu não pude salvá-la porque você não *queria* que eu fizesse isso! Você *queria* que ele estivesse aqui! Você *queria* que tudo isso acontecesse...

A mão de nossa mãe dispara tão rápido que Joey não tem chance de reagir antes que a palma dela bata em sua bochecha em um estrondo.

— Não ouse me culpar! — ela solta. — Eu fiz tudo o que pude por você e seus irmãos e sua irmã.

— Você fez tudo o que podia por *ele* — Joey sibila. — Você não pode mentir para mim, lembra? Eu vejo através de você...

A mãe dá-lhe outra bofetada, desta vez com mais força, com tanta força que o rosto de Joey vira de lado por causa do contato.

— Mãe! — Darren solta. — O que você está *fazendo*? Não bata nele.

Eu congelo, mal respirando e esperando em antecipação temerosa.

Recue, Joe, eu desejo a ele em minha mente. *Apenas recue.*

— E *sou eu* quem me transformarei nele?

Joey pergunta em um tom de voz mortalmente quieto.

— Eu não estou mais vivendo assim. — Balançando a cabeça, ele sai da cozinha, subindo a escada três degraus de cada vez. — Estou farto.

— Joey, pare... espere... *espere*! — Correndo atrás dele, eu o sigo apenas para parar na porta de seu quarto quando o vejo jogando roupas em uma bolsa de equipamentos. — O que você está fazendo?

— Eu não posso ficar aqui — é tudo o que ele responde, sua voz pouco mais do que um sussurro quebrado enquanto ele puxa as gavetas e pega peças aleatórias de roupa delas. Lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto ele enche a mala. — Eu sinto muito.

Apertando os olhos fechados, ele estremece e continua a fazer as malas.

— Vou explodir se ficar nesta casa.

— Você quer dizer pela noite? — Eu murmuro, tremendo. — Você vai ao Aoife e volta amanhã, certo?

Ele não me responde.

— Joey, por favor...

— Sinto *muito* — ele solta, jogando alguns pares de meias em cima da bolsa antes de fechá-la. — Eu tentei, mas eu *não posso* fazer isso!

— Joey, por favor! — Desesperada para detê-lo, agarro sua manga e o puxo para parar. — E quanto a mim?

— E quanto a *mim*? — ele ruge de volta no meu rosto, os olhos verdes cheios de lágrimas. Um grande soluço o atravessa e sua voz falha. — E *eu*, Shannon? — Jogando sua bolsa por cima do ombro, ele funga e enxuga os olhos rudemente com as costas da mão, antes de passar por mim. — E *eu*?

— Eu amo você! — Eu choro com voz rouca. — *Eu amo.* Eu te amo tanto, Joe.

Lágrimas nublam minha visão e eu as afasto com força.

— Eu me *importo* com você. Você é importante para *mim*. Podemos arrumar isso. — Eu soluço, atando minha mão em seu moletom e o puxando de volta para mim. — Nós podemos passar por isso juntos. Você não precisa fazer...

— Ouça. — Inalando uma respiração constante, ele cerra os olhos e eu assisto enquanto as lágrimas caem de seus cílios. — Eu preciso que você *se* cuide, ok? Eu preciso que você faça isso por mim.

Agarrando a parte de trás da minha cabeça, ele dá um passo à frente e deposita um beijo na minha testa.

— Não dependa dela, ou de Darren, ou qualquer outra pessoa, porque no final, o mundo vai te decepcionar. *Todos eles* vão te decepcionar.

— E você? — Soluço com lágrimas escorrendo livremente pelo meu rosto agora. — Isso inclui você?

— Especialmente eu — ele fala antes de passar por mim e se mover para as escadas.

— Aonde ela está indo? — A voz de Tadhg enche meus ouvidos e me viro para ver ele e Ollie parados na porta do quarto. — Ele está nos deixando?

— Para todo sempre? — Ollie sussurra com os olhos brilhando com lágrimas. — Mas ele não pode ir.

Enxugando os olhos, corro para a escada, desesperada para impedir meu irmão de sair.

— Joey, não vá!

— Joey, pense nisso — Darren está dizendo quando chego ao último degrau. Ele está de costas para a porta da frente, bloqueando o caminho de Joey. — Não se apresse. Apenas durma um pouco, e podemos conversar sobre isso de manhã, quando você tiver a cabeça limpa.

— Eu não posso fazer isso, Darren — Joey solta. — Sai do caminho.

— Joey, não – fale comigo.

— Saia do meu caminho, Darren — Joey repete, tremendo todo. — Agora.

Devastada, olho em volta e vejo nossa mãe na cozinha. Ela está sentada em sua cadeira com um cigarro na mão.

— Faça alguma coisa — eu imploro do corredor. — Mãe, diga algo. *Por favor*. Pare ele!

Ela olha através de mim como se eu nem estivesse lá.

— Joey, não vá — Ollie implora, enquanto desce as escadas correndo. — Por favor.

— Você jurou — Tadhg grita asperamente. — Você prometeu, porra, que não nos deixaria!

— O-ee — Sean lamenta enquanto desce os degraus se arrastando pela bunda. — O-ee!

Um grande estremecimento percorre Joey e ele abaixa a cabeça.

— Eu sinto muito.

— *Fique*, Joey — Darren sussurra. — Eu não posso fazer isso sem você.

Inclinando a cabeça para cima, ele olha para Darren.

— Você vai ter que fazer isso. — Tirando-o do caminho, ele abre a porta. — Não os decepcione.

No minuto em que a porta se fecha atrás de Joey, nossos irmãos mais novos começam a gritar e resmungar tão alto que eu não consigo ouvir o que Darren está dizendo enquanto tenta consolá-los e convencê-los a voltar para o andar de cima.

Acometida pelo pânico, corro para a porta, recusando-me a deixar isso acontecer – recusando-me a vê-lo ir embora. Abrindo a porta, corro para fora apenas para tropeçar nas minhas próprias pernas quando meus olhos pousam em Aoife. O carro dela está estacionado na entrada da nossa casa e ela está de pijama, encostada na porta do motorista do carro, bloqueando o caminho de Joey.

— Você ia ir embora sem falar comigo? — ela exige com a voz rouca enquanto seus longos cabelos loiros voam ao redor de seu rosto. — Eu não valho a pena nem para a porra de um adeus?

Joey parece quebrado enquanto está de frente para ela, sua bolsa de equipamentos nas costas e a cabeça baixa.

— Olhe para mim! — ela grita. — Porra, Joey Lynch, é melhor você olhar para mim!

— Aoife, por favor — ele sussurra, balançando a cabeça. — Apenas me deixe *ir*.

— Eu não posso — ela grita, fungando. — Eu *não vou*!

— Eu não tenho *nada* para te dar! — ele ruge, com a voz entrecortada. — Eu não sou bom para você. Por que você não pode colocar isso em sua cabeça?

— Eu não me importo com essas coisas, Joey — ela solta enquanto coloca os braços em volta da cintura dele e se agarra a ele. — Eu só quero você.

— Estou farto, Aoife. — Balançando a cabeça, ele ergue as mãos. — Eu cansei de arrastar você para baixo comigo.

— Por favor...

— Não posso. — Fungando, ele move as mãos dela para longe de seu corpo. — Eu sinto muito — ele sussurra, dando um passo ao redor dela.

— Não vá — ela grita atrás dele. — *Por favor*. Por favor, não vá. Joey! *Joey!* Eu te amo!

— Eu sei — ele solta, sem olhar para trás, enquanto se afasta. — E não é *bom* para você me amar.

— Joey, eu preciso de você...

— Não, você não precisa. Você precisa me deixar ir, Aoife — ele ruge. — Isso é o que você precisa fazer.

— E sobre o...

— Apenas vá para casa e não volte aqui. Faça um favor a si mesma e esqueça que eu existo.

Eu assisti com horror como as pernas de Aoife cedem debaixo dela. Caindo no chão com um baque, ela enfia as mãos no cabelo e grita.

— Volta!

Entorpecida até os ossos, corro para me ajoelhar ao lado dela.

— Eu sinto muito. — Envolvendo meus braços ao redor de seus ombros, eu a abraço com força. — Eu sinto muito.

Ela vira o rosto no meu pescoço e chora forte e alto, tremendo tanto que eu temo que ela tenha uma convulsão.

— Faça-o voltar — ela implora, envolvendo os braços em volta do estômago. — Por favor! Eu preciso dele.

Eu também...

— Shh. — Empurrando o cabelo para trás de seu rosto, eu a seguro com força, sussurrando repetidamente em seu ouvido: — Está tudo bem.

Mas eu sou uma mentirosa.

Porque quando meu irmão desaparece de vista, eu sei que nada ficará *bem* de novo.

— Eu vou procurá-lo — Darren diz baixinho, e eu nem percebi que ele havia saído. Com as chaves do carro na mão, ele contorna o muro do jardim e caminha até seu Volvo. — Você deveria entrar, Shan. — Ele abre a porta do motorista antes de acrescentar: — E você deveria ir para casa, Aoife.

— Por favor, encontre-o, Darren — eu engasgo.

— Eu vou — ele responde, antes de entrar em seu carro e fechar a porta.

Fungando, Aoife lentamente se levanta. Observo enquanto ela limpa a parte de trás de sua calça de pijama fofa e amarela em movimentos rígidos e robóticos.

— Eu estou indo agora — ela disse em um tom de voz vazio. — Adeus, Shannon.

— Tchau, Aoife.

Sem outra palavra, ela sobe em seu velho e surrado Opal Corsa e vai embora.

Espero que Darren se afaste da casa em seu Volvo antes de deixar cair a cabeça entre as mãos, bem ali no chão, e me permitir chorar. Choro forte e alto, incapaz de me conter por mais um segundo.

Choro pelo meu lar desfeito, pela minha família fodida, pelos meus irmãos mais novos, mas principalmente choro por Joey, por se autodestruir e detonar a única coisa boa que ele tinha em sua vida.

Pouco depois, ouço o motor de um carro ao longe, aproximando-se, luzes brilhantes iluminando a rua escura. Quando estaciona do lado de fora da casa, não consigo impedir que a centelha de esperança ganhe vida dentro de mim.

Fungando, limpo minhas bochechas com as mãos e me levanto.

— Joey? — Eu grito, me esforçando para ver quem está atrás dos vidros escuros. — É você?

A porta do motorista se abre e ele sai, com os cabelos loiros e sorrisos.

Exceto que não era o cabelo loiro de Joey, e não era o sorriso dele.

Não...

— Olá, Shannon.

O ar escapa dos meus pulmões em um sussurro de dor e eu caio, sentindo meu coração parar no meu peito antes de reiniciar com um baque violento.

— N-não. — Balançando a cabeça, cambaleio para trás apenas para perder o equilíbrio e cair no chão em uma pilha. — Você n-não deveria estar aqui.

Nosso pai entra no jardim e caminha em minha direção.

— Eu moro aqui, lembra?

O medo explode em meu peito, paralisando meus membros e me prendendo no lugar.

— Vamos.

Parando na minha frente, ele olha para mim, os olhos injetados de sangue, o corpo tremendo, e sorri.

— Me dê sua mão — ele diz, estendendo a sua para mim. — Você deveria estar na cama. — O cheiro de uísque atinge meus sentidos como um maremoto, trazendo consigo um tsunami de dor e memórias. — Eu vou te ajudar a dormir.

Ele está de volta para acabar com você.

Você deveria ter ficado de boca fechada.

Afaste-se agora, Shannon!

Entrando em ação, me levanto sobre minhas mãos e joelhos e meio engatinhando, meio tropeçando em direção à porta da frente, com meu coração batendo tão forte que doía.

— Ajuda! — Eu grito, batendo minha mão na maçaneta da porta e caindo no corredor da entrada em minhas mãos e joelhos. — Mãe!

Eu grito, ofegante enquanto minha pele se arrepia com a familiar sensação de pavor.

— Mãe!

— O que? — Minha mãe sai correndo da cozinha, apenas para parar em seu caminho quando vê quem está parado na porta atrás de mim. — Oh meu Deus. — Ela pressiona a mão no peito e cambaleia para trás.

— Olá, Marie.

— Mãe. — Tremendo violentamente, eu me arrasto pelo chão em minhas mãos e joelhos e me agarro a sua perna. — Mãe!

— Teddy — minha mãe murmura, tremendo tanto quanto eu. — Você não tem permissão para estar aqui.

Ele ergue as mãos.

— Eu só quero falar com você. — Ele dá outro passo para dentro da casa, tremendo um pouco enquanto se move. — Eu não vou te machucar mais, querida.

Ele está mentindo.

Eu balanço minha cabeça.

— Mãe, não, não ouça!

— Você precisa ir — minha mãe engasga, recuando e me levando com ela. — Você precisa sair agora.

— Marie — ele diz naquela voz persuasiva dele, arrastando suas palavras. — Somos uma família. — Ele fecha a porta atrás dele e gira a fechadura. — Precisamos estar juntos.

— Não. — Minha mãe balança a cabeça. — Não, não, você precisa ir agora.

— As crianças estão na cama? — ele pergunta, ignorando seus apelos, enquanto coloca a chave da casa no bolso. — Isso é bom. — Ele dá mais um passo em nossa direção. — É melhor eles ficarem dormindo.

— Teddy... — A voz de mamãe falha. — Por favor, não...

— Está tudo bem, Marie — meu pai fala. — Estaremos todos juntos novamente.

Isso é ruim, Shannon.

Isso é muito ruim.

Você precisa sair.

Ir embora.

Corra...

Soltando a perna da minha mãe, eu pulo para a escada com cada centímetro do meu corpo travado em uma antecipação temerosa.

— Boa menina, Shannon, eu não vou te machucar — papai fala arrastado. — Vá para a cama agora e feche os olhos. Tudo estará melhor pela manhã.

Escolhendo escapar ao invés de ficar por perto e esperar que ele mude de ideia, eu tropeço escada acima o mais rápido que minhas pernas podem me carregar.

— O que está acontecendo? — Tadhg exige, espiando de seu quarto. — Shan...

— Tranque suas portas — eu solto. — Ele voltou.

Os olhos de Tadhg se arregalam de medo.

— O-o quê?

— Tranque a porra da sua porta, Tadhg! — Eu grito. — Isso não é uma piada.

Ele corre de volta para seu quarto e tranca a porta.

Respirando com dificuldade, corro para o meu próprio quarto e bato a porta. Agitando a fechadura, olho ao redor descontroladamente enquanto o pânico arranha meu estômago. Com meus instintos de sobrevivência em ação, pulo para minha cômoda e empurro com toda a minha força até que ela está bloqueando a porta. Ainda frenética, arrasto meu armário de cabeceira também.

Sua voz está lá.

Eu posso ouvir a voz dele.

Eu posso ouvir *ela.*

Eles não estão gritando ou berrando.

Eles estão *conversando*.

Por que eles estão *conversando*?

Me balançando enquanto ando, eu tento recuperar o fôlego, mas não está sendo fácil para mim. Mergulhando para minha cama, eu escorrego para debaixo das cobertas e puxo o edredom sobre minha cabeça. Alguma coisa cai no chão e eu enrijeço.

Meu telefone.

Tremendo, empurro o edredom e o tiro do chão. Eu nem pensei no que estou fazendo enquanto ligo. É como se eu estivesse me movendo por instinto. Pressionando para ligar, coloco o telefone no ouvido e prendo a respiração.

— Gibs — a voz sonolenta de Johnny vem na linha, trazendo consigo um tsunami de alívio. — Se isso não for uma emergência, vou torcer seu maldito pescoço.

— O-oi, Johnny.

— Shannon? — Sua voz está mais suave agora. — Você está bem?

Eu balanço minha cabeça e me levanto, incapaz de ficar parada.

— Não.

— O que há de errado? — Preocupação enche sua voz. — O que está acontecendo?

Eu não consigo falar.

Eu não consigo dizer isso em voz alta.

— Fale comigo, Shan — ele me convence. — Hum?

— Ele está aqui — eu solto. — Ele está lá embaixo e eu estou com medo.

— O que você quer dizer?

— Meu pai — eu solto. — Ele está na casa, Johnny.

— Você consegue sair? — Ele demanda.

— Não. — Eu balanço minha cabeça e engulo um soluço. — Ele está na cozinha. Não posso voltar lá embaixo.

— Estou a caminho — ele responde sem hesitar. — Estou saindo de casa agora mesmo.

— Sinto muito — eu sussurro, afundando de volta na minha cama.

— Não peça desculpas — ele me diz. — Você está segura? Você está no seu quarto?

— Sim. — Eu balanço a cabeça. — Minha porta está trancada.

— Estou no meu carro agora, Shan — diz ele. — Eu chego o mais rápido possível.

— Eles não estão gritando — eu solto. — Por que eles não estão gritando?

— Eu não sei, baby — ele rosna. — Mas estou chegando.

— Algo está errado — eu digo. — Ele está *diferente* esta noite. Eu não sei o que está acontecendo, Johnny, mas algo está muito errado. Eu posso sentir isso em meus ossos.

— Eu vou tirar você daí — ele promete. — Eu prometo. Eu vou tirar você dessa merda de buraco e você nunca mais vai voltar.

— Johnny, estou realmente com medo.

— Eu sei — ele fala. — Eu sei, baby, mas eu estou chegando.

Ele suspira pesadamente.

— Shannon, eu te amo.

— Eu também te amo, Johnny — eu sussurro, encerrando a ligação. Eu sei que sou egoísta por ligar para ele no meio da noite e arrastá-lo de sua cama, mas

eu honestamente não posso aguentar mais um segundo disso. Eu sinto como se estivesse no limite de algo que eu não tenho certeza que dá para voltar.

Tenho medo de morrer nesta casa.

Prendo a respiração, não ousando respirar muito alto, ouvindo o som mortalmente calmo da voz do meu pai.

Por que ele não está gritando?

Por que *ela* não está gritando?

Oh Deus, eu não posso mais fazer isso.

Eu não posso estar nesta casa.

Eu preciso *sair*.

Eu conto os trinta e três minutos que eu sei que demora para ir da casa dele até a minha, e quando ele não chega na hora projetada, o pânico dentro de mim floresce em um nó de medo do tamanho de um monstro, agarrando meus pulmões, e dificultando a respiração.

Inquieta, corro minhas mãos pelo meu cabelo pelo menos uma dúzia de vezes antes de desistir e prendê-lo em uma trança no meu ombro direito.

Passos na escada enchem meus ouvidos e eu vacilo.

Se apresse.

Por favor, se apresse.

Colocando meus tênis, eu me inclino contra a janela do meu quarto com a respiração suspensa e olho para a rua.

Quanto mais o tempo passa, e quanto mais alto o barulho no andar de baixo fica, mais paranoica eu me torno.

No momento em que os familiares faróis se aproximam da rua, minha respiração está audivelmente irregular.

Uma batida soa do outro lado da porta e meu corpo foi instintivamente tomado pelo pavor.

— Você está na cama, Shannon? — a voz do meu pai chama do outro lado da porta.

Meus olhos estão ardendo e em pânico enquanto eu olho da minha porta para a janela.

— Sim — eu consigo falar, embora seja difícil respirar com o pânico me consumindo.

— Boa menina — ele chama de volta e o som de algo se derramando no chão do lado de fora da minha porta enche meus ouvidos. — Vá dormir agora, Shannon.

O fedor do álcool flutuou sob a porta do meu quarto e o terror arranha meu peito.

— Seus irmãos também estão dormindo — acrescenta. — Basta fechar os olhos e tudo estará melhor pela manhã.

— Ok — eu murmuro, tremendo da cabeça aos pés, enquanto abro a janela do meu quarto e subo no parapeito. — B-boa noite, pai.

64
Tire eles daqui
Johnny

Acordando bruscamente, permaneço perfeitamente imóvel e escuto o barulho que eu tenho certeza que me acordou. Alguns segundos depois e o som vibratório familiar enche meus ouvidos. Mudando de posição, sinto meu telefone, pegando-o debaixo do meu travesseiro. Com os olhos turvos e meio adormecido, clico no botão aceitar e o coloco no ouvido.

— Gibs, se isso não for uma emergência, vou torcer seu maldito pescoço.

— O-oi, Johnny.

Ao som da voz de Shannon, fico instantaneamente em alerta.

— Shannon? — Me levantando em meus cotovelos, passo a mão pelo meu cabelo e tento piscar para acordar. Virando de lado, olho para o despertador na minha mesa de cabeceira. Dizia que era 01:23. — Você está bem?

— Não — sua voz é tão baixa que é quase inaudível.

— O que há de errado? — eu exijo. — O que está acontecendo?

O som de fungadas vindo do outro lado da linha me faz tirar minhas cobertas.

— Fale comigo, Shan — eu falo, a voz ainda grossa de sono, enquanto eu vasculho na escuridão por minhas roupas. — Hum?

— Ele está aqui — ela solta, a voz misturada com medo. — Ele está lá embaixo e eu estou com medo.

— O que você quer dizer?

— Meu pai — ela solta. — Ele está na casa, Johnny.

Porra.

— Você consegue sair?

— Não. Ele está na cozinha. Não posso voltar lá embaixo.

Merda.

— Estou a caminho — eu respondo, pegando minhas chaves da minha mesa e indo para a porta. — Estou saindo de casa agora mesmo.

— Sinto muito.

— Não peça desculpas. — Correndo escada abaixo, corro pelo corredor. — Você está segura?

Deslizando pela cozinha, atravesso a despensa e saio pela porta dos fundos.

— Você está no seu quarto? — *Por favor, me diga que você está no seu quarto...*

— Sim, minha porta está trancada.

Obrigado, Jesus.

— Estou no meu carro agora, Shan — eu digo enquanto destravo meu carro e entro. Equilibrando meu telefone entre minha orelha e meu ombro, giro a chave na ignição e arranco, espalhando cascalho por toda parte. — Eu chego o mais rápido possível.

— Eles não estão gritando — ela me diz e o terror que eu consigo ouvir em sua voz é paralisante. — Por que eles não estão gritando?

— Eu não sei, baby — eu falo. — Mas estou chegando.

— Algo está errado — diz ela em voz baixa. — Ele está *diferente* esta noite. Eu não sei o que está acontecendo, Johnny, mas algo está muito errado. Eu posso sentir isso em meus ossos.

— Eu vou tirar você daí — eu sibilo, lutando para controlar minha fúria. — Eu prometo. Eu vou tirar você dessa merda de buraco e você nunca mais vai voltar.

— Johnny, estou realmente com medo — ela soluçou.

— Eu sei. — Usando uma mão para dirigir, eu arrasto meu cinto de segurança no meu peito com a outra e o encaixo no lugar. — Eu sei, baby, mas eu estou chegando.

Agarrando o volante, tenho a maior vontade de dizer a ela que a amo. Uma voz dentro da minha cabeça está gritando, faça *isso agora, porque você pode não ter outra chance.*

— Shannon, eu te amo.

— Eu também te amo, Johnny — ela sussurra e então a linha fica muda.

— Porra! — Batendo minha mão no volante, eu dirijo como um lunático enlouquecido até a casa dela.

Quando parei do lado de fora da casa de Shannon meia hora depois e saio do meu carro, não consigo evitar que minhas mãos tremam. Totalmente enfurecido,

eu caminho pelo caminho do jardim coberto de vegetação com toda a intenção de chutar a porra da porta para tirar minha namorada daquela casa.

— Johnny? — A voz de Shannon enche meus ouvidos e eu recuo, o olhar pousando na janela do quarto dela no segundo andar da casa.

Jesus Cristo.

— Ei, ei, ei...

Eu levanto minhas mãos, com o pulso acelerado.

— Não saia daí, baby — eu a aviso, observando-a com meu coração na boca enquanto ela sobe no parapeito da janela e se abaixa na varanda de merda. Eu sei que é uma merda porque eu quase quebrei meu pescoço subindo lá. Shannon está vestida com um short de pijama azul-marinho e camiseta e tinha um par de tênis gasto em seus pés minúsculos. Sem casaco. Sem jaqueta. Nada. — Basta subir de volta — eu falo, entrando em pânico ao vê-la lá em cima. — E eu vou entrar e pegar você.

— Eu *não posso.* — Ela balança a cabeça e continua levar sua bunda até a beirada da varanda. — Ele trancou a porta.

— Me jogue suas chaves no chão — eu grito de volta. — Não desça aí...

— Não, não, não, você não entende — ela sussurra. — Ele está agindo muito estranho, Johnny, e eu não quero que ele saiba que estou indo embora. Apenas me pegue, ok?

Ah porra.

— Shannon, você vai se machucar — eu solto, em pânico total agora. — Você não pode descer daí, baby. Você é muito pequena.

— Não chegue perto da porta, Johnny — ela implora quando eu me movo para fazer exatamente isso. — Por favor! Apenas... apenas me pegue, ok?

Furioso, eu reprimo um rosnado e caminho até a beira do caminho, me sentindo agradecido como o inferno por ter quase 1,90m.

— Ok. — Levantando os braços, estendo minhas mãos para ela, rezando para que ela tenha a destreza de não tropeçar e quebrar seu maldito pescoço. — Bem devagar.

Ela se empurra para a beira da varanda e eu entro em pânico.

— Não pule — eu a aviso. — Basta soltar suas pernas, e eu vou agarrá-las.

Felizmente, Shannon me ouve e cuidadosamente pendura as pernas.

— Bom trabalho. — Agarrando suas pernas, envolvo um braço ao redor delas e levanto minha mão livre para ela pegar. — Te peguei — eu prometo. — Confie em mim...

Eu não tenho a chance de terminar minha frase, porque Shannon literalmente se joga em mim.

Pegando-a facilmente, engancho um braço em volta de suas costas e a coloco de pé.

— Nunca mais faça isso comigo — eu solto, respirando com dificuldade por causa do quase ataque cardíaco que ela me deu. — Você poderia ter se matado.

— Desculpe — ela sussurra, enterrando o rosto no meu peito. — Obrigada por vir.

— Onde está Joey? — Eu pergunto enquanto a levo para o meu carro.

— Ele se foi, Johnny — ela soluça. — Ele foi embora.

— E Darren?

— Ele foi procurar o Joey — ela funga, afundando no banco do passageiro. — Tudo foi para o inferno.

— Sua mãe está lá com ele?

Ela assente.

— Eu não podia fazer nada. Ele só... ele simplesmente apareceu e ela estava lá. Eu estava com medo, então eu corri e a deixei com ele.

— Bom — eu digo a ela, me afogando no alívio de que ela teve o bom senso de correr.

— Não, não, não é — ela argumenta fracamente, parecendo confusa. — Não é nada bom.

Balançando a cabeça, ela pressiona os dedos nas têmporas e exala uma respiração irregular.

— Ele subiu as escadas para ter certeza de que eu estava dormindo e ele estava sendo legal. — Ela olha para mim, com os olhos arregalados e aterrorizada. — Eu não entendo o que está acontecendo aqui.

— Onde estão os meninos?

— Nos quartos deles. — Ela abaixa a cabeça entre as mãos e soluça. — Eu entrei em pânico. Eu deveria tê-los trazido para o meu quarto comigo, mas eu... eu não consegui pensar direito.

Jesus Cristo.

— Ok. — Tentando manter minha voz calma, puxo meu telefone do bolso. — Vou chamar a polícia. Ele não tem permissão para estar aqui. Eles vão prendê-lo...

— O que? Johnny, não, não, não...

Balançando a cabeça, Shannon se lança para o meu telefone.

— Se você ligar para eles, eles vão nos levar embora agora — ela engasga, em pânico. — Eu serei mandada embora. — Lágrimas escorrem por suas bochechas. — Eu não vou te ver novamente.

— Não, você não vai — eu tento convencê-la. — Ninguém vai te levar a lugar nenhum...

— Você não entende — ela soluça. — Você não sabe como funciona, mas eu sei.

Eu fico ali, me sentindo completamente perdido. O que diabos eu devo fazer? Eu não posso simplesmente dar as costas para isso.

— Shannon — eu tento novamente. — Eu não vou deixar ninguém te levar. Meus pais disseram que eles vão...

— Você não entende — ela funga, me cortando. — Se a polícia vier, eles vão chamar Patricia e os assistentes sociais.

Um enorme soluço percorre seu corpo frágil.

— Seremos removidos da casa, e você não poderá impedir isso. Ninguém poderá.

— Você não pode viver assim, baby — eu solto, sentindo a raiva repercutir por mim. — Tem que parar.

— Eu sei — ela soluça. — Eu só não sei como pará-lo.

Soltando um rosnado baixo, corro minhas mãos pelo meu cabelo e olho de volta para a casa.

— Ouça, fique no carro, tranque todas as portas e espere por mim.

— Johnny...

— Apenas fique aqui — eu digo, tentando manter meu tom gentil. — Eu preciso pegar os meninos. Eu não posso deixá-los lá com ele, ok?

— Não! — Saltando para fora do carro, ela agarra minha camiseta. — Ele quer todos nós na cama. Se ele vir você, ele saberá que eu liguei para você, ele saberá que eu não estou na cama, e eu não sei o que ele fará.

Ela balança a cabeça com veemência, os dedos apertando firmemente minha camiseta.

— Ele está calmo agora, mas se você entrar lá, ele pode machucá-los. Ele pode machucar *você*! Você não sabe do que ele é capaz, Johnny. Você não sabe!

Bandeiras de alerta estão disparando ao meu redor.

— Eu não vou deixar ele me ver — eu digo a ela, mantendo minha voz firme. — Eu vou entrar, pegar os meninos, e não serei pego. Eu prometo. Mas não posso deixá-los dentro daquela casa, Shannon.

Ela parece dividida, me observando com uma expressão suplicante.

— Então eu vou com você...

— Não, você não vai — eu praticamente sussurro, guiando-a de volta para o banco do passageiro, meu coração martelando com o pensamento dela chegar perto daquele homem. — Apenas fique no carro, baby — eu ordeno, fechando a porta antes que ela tenha a chance de responder, e correndo de volta para casa.

Minhas mãos tremem quando pego a lixeira e a arrasto silenciosamente até a varanda. Eu odeio alturas, mas não tanto quanto odeio essa maldita casa. Subindo em cima da lixeira, subo pela varanda, tentando não pensar no que estou fazendo, e rezando para que Shannon tenha o bom senso de ficar no carro. Agarrando o parapeito da janela, eu me arrasto pela janela do quarto dela, tomando cuidado para não fazer barulho. O cheiro avassalador de uísque é a primeira coisa que atinge meus sentidos enquanto rapidamente movo os móveis que ela empilhou contra a porta.

Bastardo bêbado.

Cada instinto dentro de mim exige que eu desça e arranque a porra da cabeça dele, mas meu cérebro fala mais alto, gritando comigo para tirar essas crianças desta casa e tirar Shannon daqui.

Não perca a cabeça, eu cantarolo mentalmente enquanto trabalho para abrir meu caminho, *seja esperto.*

Você não pode protegê-la se estiver em uma cela de prisão, Johnny.

Mantenha sua maldita cabeça.

Eles já passaram por coisas suficientes.

Tire-os daqui!

Coração martelando no meu peito, eu destranco a porta do quarto dela e lentamente a puxo para dentro, estremecendo quando ela range. O silêncio na casa é assustador e as vozes abafadas vindo da cozinha me deixam no limite. Shannon está certa. Algo está muito errado aqui. Pisando sobre uma poça de Deus sabe o quê, eu rastejo para o patamar apenas para congelar de terror quando meus olhos pousam em Sean, que está descendo os degraus se apoiando na bunda.

Num impulso completo, impulsionado pelo meu instinto que grita perigo, sussurro seu nome:

— Sean.

Ele para na curva da escada e olha para mim, com os olhos arregalados e com medo, e eu juro por Deus, meu coração se parte no meu peito.

Sorrindo o máximo que consigo, aceno e gesticulo para que ele volte para mim. Horrorizado não começa a descrever o sentimento que me engole quando eu vejo uma mancha molhada se espalhar pela virilha de sua calça de pijama de Bob, o Construtor, enquanto ele obedientemente sobe as escadas em minha direção. Olhando de perto, ele está todo molhado.

Jesus Cristo...

Quando ele volta para o corredor, ele apenas olha para mim, cabelo encharcado, segurando um ursinho de pelúcia esfarrapado, parecendo todo assustado e quebrado enquanto chupa três dedos minúsculos.

— Ei, Sean — eu sussurro, me agachando ao seu tamanho e quase vomitando quando o cheiro de uísque me atinge. — Você se lembra de mim? — Eu pergunto a ele, olhos lacrimejando com o fedor. — Eu sou Johnny.

Ele olha para mim com aqueles olhos grandes e solitários e assente lentamente.

— Você quer vir dar uma volta comigo? — Eu pergunto, desesperado para tirá-lo desse inferno. — Isso parece divertido?

Silencioso como um fantasma, ele assente novamente.

— Bom menino... eu vou pegá-lo, ok? — Eu falo, lentamente esticando minhas mãos para ele. — Eu não vou te machucar. Eu sou um bom amigo, lembra? Eu tenho aquele carro rápido e uma tonelada de doces para você...

Eu lentamente o levanto em meus braços como se ele fosse uma bomba que pode detonar a qualquer minuto. *Jesus, ele estava encharcado.*

— Bom trabalho, amigo — eu falo quando ele não resiste. — Eu vou te levar para sua irmã agora, ok?

— O-ee.

Eu congelo, atordoado ao ouvi-lo falar pela primeira vez.

— Hum, Sean? — Eu sussurro com o coração na boca. — O que você disse?

— O-ee se foi — ele sussurra, tocando meu rosto com seus dedos babados. — O-ee.

— Eu sei, amigo, mas ele estará de volta em breve. — Colocando-o no meu quadril, vou de porta em porta, verificando cada quarto dos meninos. — Eu vou te ajudar. Vou levá-lo de volta para minha casa, onde não há gritaria ruim... e você pode tomar um banho. Um grande banho de espuma com patos e tudo. Vamos tirar essa bebida suja de vocês.

— Papai ruim — ele sussurra, acariciando meu queixo com seus dedos gorduchos.

— Eu sei, amigo — eu digo. — Mas eu não vou fazer isso com você.

— Papai ai — ele sussurra. — Ai, ai, papai.

Mantenha a cabeça, Kav.

Não a perca enquanto estiver segurando uma criança.

— Você gosta de Bob, o Construtor? — Eu pergunto, distraindo nós dois do fato muito real de que eu estou prestes a cometer um sequestro. *Novamente*. — Eu também. Eu amo Bob. Bob é o melhor...

— Saia, porra! — uma voz familiar cospe atrás da porta trancada no final do corredor quando tento a maçaneta. — Eu tenho uma faca.

— Tadhg — eu sussurro. — Está tudo bem. Abra a porta.

— Quem está aí?

— Johnny — eu digo a eles. — Não tenham medo, rapazes. Vou tirar vocês daqui.

— Eu quero ir — diz Ollie atrás da porta.

— Cala a boca, Ollie — Tadhg sibila. — Não sabemos ao certo se é ele.

— É *ele* — Ollie engasga. — Ele tem uma voz engraçada, Tadhg.

— Sou eu — eu falo, lutando por paciência quando tudo que eu quero fazer é chutar a porta e arrastá-los para fora daqui. — Estou aqui para tirar vocês daqui, rapazes, mas preciso que fiquem o mais quietos que possam. Podem fazer isso? Apenas sussurrem e não façam barulho.

Espero um minuto e meio antes de um clique soar e a porta do quarto se abrir apenas o suficiente para duas cabeças loiras aparecerem.

— Como é que você está aqui? — Tadhg sussurra, me observando com olhos desconfiados.

— Shannon me ligou — eu respondo calmamente. — Eu sei que ele está na cozinha com a mãe de vocês, e eu estou aqui para tirar vocês.

— Eu posso ir? — Ollie perguntou, olhando para mim com uma expressão esperançosa.

— Claro — eu solto com a voz cheia de emoção. — Estou aqui para todos vocês.

— Ollie! — Tadhg sussurra. — E a mamãe?

— Eu não me importo — Ollie chora enquanto empurra a porta e desliza para o corredor. — Eu não quero estar aqui.

— E a minha mãe? — Tadhg pergunta, me olhando com cautela como se estivesse avaliando suas opções. — Ela pode vir também?

— Se ela quiser — eu me forço a dizer. — Mas eu tenho que tirar vocês sem que seu pai nos veja primeiro, ok? Então eu vou voltar para ela — acrescento, tentando encontrar uma maneira de tirá-lo deste quarto. — Eu vou te levar para minha casa e então eu prometo, eu vou voltar e pegar sua mãe.

Suas narinas se dilatam.

— Sério?

Eu balanço a cabeça.

— Sério.

Ele me estuda cuidadosamente por um momento.

— Sua mãe vai estar lá?

— Sim — eu respondo uniformemente, cedendo de alívio quando ele afrouxa o aperto na porta.

— Ela vai nos dar sorvete de novo?

— Definitivamente.

Ele olha de volta para seu quarto e solta um suspiro antes de se virar para mim.

— Ok.

— Ok. — Suspiro de alívio e gesticulo para eles me seguirem até o quarto de Shannon. — Ouça, a porta está trancada lá embaixo, então vamos ter que sair pela janela.

Meu coração está tão acelerado que tenho medo de que a criança em meus braços possa sentir. Na verdade, eu tenho certeza que ele pode porque Sean pressiona sua pequena mão no meu peito e sussurra:

— Boom, boom.

— Nós não podemos sair pela janela — Ollie diz em um tom abafado, quando eu me inclino para fora da janela com Sean em meus braços. — Você vai derrubá-lo. E eu estou com medo.

— Está tudo bem — eu digo, sabendo que não há maneira segura de tirar três meninos por uma janela de dois andares sem matá-los. — Nós vamos descobrir outra coisa.

— Como vamos sair? — Tadhg pergunta, parecendo em pânico. — Estamos presos?

— Estamos presos — Ollie chora. — Papai está lá embaixo e vai nos matar se vir você.

Fungando, ele acrescenta:

— Ele disse que todos nós deveríamos ir dormir, e não estamos dormindo!

— Algo está errado, Johnny — Tadhg solta. — Estamos em apuros, não estamos?

— Não, não, não estamos — asseguro a ele, com o coração acelerado. — Eu prometo, vou tirar vocês daqui. Seu pai não vai nos ver. Tudo vai ficar bem.

Procurando no minúsculo quarto com meus olhos, eu digo:

— Nós só precisamos encontrar as chaves da casa de Shannon.

— Ela os guarda em seu casaco — Ollie solta, visivelmente tremendo agora. — Ela sempre o pendura no corrimão do andar de baixo.

Assentindo, tento desesperadamente controlar minhas emoções enquanto coloco Sean no meu outro quadril e estendendo a mão para Ollie. Ele vem de boa vontade, envolvendo seus braços em volta da minha cintura com um aperto mortal.

— Não tenha medo — eu sussurro, tentando consolá-lo. — Nós vamos descer as escadas o mais quietos que pudermos, ok?

Olhando para Tadhg, eu digo:

— Segure a mão de Ollie e fique bem atrás de mim.

— E se ele nos vir? — ambos perguntam.

— Ele não vai — eu sussurro, fazendo outra promessa que eu não tenho certeza se posso manter enquanto me movo para a escada com Sean agarrado a mim como um bebê macaco. — Não façam barulho — eu sussurro. Descalços e de pijama, Tadhg e Ollie assentem e seguem atrás de mim sem dizer uma palavra.

Enquanto desço a escada de madeira escorregadia e molhada, sinto a pior pontada de remorso em meu coração pela maneira como essas crianças vivem. Quando eu tinha nove anos, eu brincava com Pokémon e construía fortes. Quando eu tinha doze anos, minha maior preocupação era ficar com uma garota. Eu não consigo compreender o que esses meninos devem estar sentindo.

— Bom trabalho — eu sussurro no ouvido de Sean. Quanto mais descemos as escadas, mais forte ele treme em meus braços. — Estamos quase lá.

Nunca na minha vida fiquei tão feliz em ver um casaco cáqui como quando meus olhos se fixam no de Shannon descansando no corrimão. Deslizando do degrau molhado, consigo me endireitar antes de cair. Recuperando o equilíbrio, deslizo minha mão no bolso do casaco de Shannon e quase choro de alívio quando meus dedos se fecham ao redor de suas chaves. Olhando de volta para Tadhg e Ollie que estão parados no último degrau, dou a eles o que espero ser um sorriso tranquilizador. Os dois garotos caíram de alívio quando aceno as chaves na frente deles.

— Não tem que ser assim — eu ouço a mãe de Shannon chorar e eu congelo, o coração disparando no meu peito. Voltando meu olhar para os rostos aterrorizados de Tadhg e Ollie, levo um dedo aos lábios. — Você sabe que eu te amo — ela continua, a voz baixa e abafada. — Nós podemos resolver isso, Teddy, mas não se você...

— Marie, Marie, Marie — o pai deles fala arrastado. — É a única maneira.

Um pequeno gemido rasga a garganta de Sean e eu enfio seu rosto no meu peito, rezando para tudo que é sagrado para me ajudar a tirar essas crianças daqui.

— Shh — eu murmuro, balançando-o em meus braços. — Shh.

— Não para eles — a mãe soluça. — Para nós talvez, mas não para eles, Teddy.

— Eles somos nós — ele responde em um tom de voz estranho. — Todos eles são nós.

— Por favor — ela continua a soluçar baixinho. — Eu te amo, Teddy. Não faça isso. Eu te amo.

— Esta é a única maneira — ele responde calmamente. — Agora tome uma bebida comigo. Isso vai aliviar a tensão.

Levantando a mão quando Tadhg começa a se mover em minha direção, olho ao redor do corredor, me perguntando como diabos eu vou levar essas crianças até a porta sem que seus pais nos vejam. A porta da cozinha está escancarada e eles teriam uma visão perfeita da entrada.

Forçando-me a respirar devagar, mantenho minhas costas contra a parede atrás de mim e me aproximo da porta, gesticulando para Ollie e Tadhg me seguem lentamente. Aquela maldita escada era como uma armadilha mortal. Ollie desliza do degrau de baixo e pula para mim. Envolvendo os braços em volta da minha cintura, ele se agarra a mim com mais força do que Sean.

— Shh — eu sussurro quando ele solta um pequeno soluço. — Shh, amigo.

Tremendo da cabeça aos pés, Tadhg desliza pelo chão para o meu outro lado, enterrando o rosto no meu lado, e meu coração se abre. Eu sei que esse garoto é orgulhoso. Ele é durão para alguém de doze anos de idade. Vê-lo desmoronar assim é preocupante.

Alisando a mão sobre sua cabeça loira, eu cuidadosamente me movo para a porta com os três literalmente pendurados em mim, cautelosos com a água no chão, e nunca tirando meus olhos da porta da cozinha enquanto me movo.

Quando cheguei à porta da frente, meus olhos pousam em seu pai caído em uma cadeira na mesa da cozinha, de costas para a porta. Várias garrafas vazias de

uísque e vodka estão alinhadas na mesa na frente dele, e eu sei que se ele se virar agora, eu irei matá-lo. Tomei a decisão no minuto em que escutei sua voz assustadora e fiquei estranhamente em paz com a ideia. Se ele colocar a mão nessas crianças, eu vou enterrar o homem.

Concentrando-me em manter minha mão firme, deslizo a chave solitária na fechadura e a viro lentamente, estremecendo quando ela clica.

Uma tosse alta da cozinha abafa o barulho e eu empurro minha cabeça para trás para ver a mãe de Shannon olhando de volta para mim.

Puta merda.

Meu coração para no meu peito e por alguns momentos aterrorizantes, espero para ver o que ela fará.

Ela assente.

Eu hesito.

Ela assente novamente.

Mantendo meus olhos colados nela, eu lentamente empurro a maçaneta para baixo e abro a porta para dentro. Ela tosse alto de novo, abafando o rangido das dobradiças enquanto eu empurro Tadhg e Ollie pela pequena fresta da porta.

Com Sean em minhas mãos, viro as costas para sair, mas rapidamente me viro para encará-la, pairando ansiosamente na porta.

— Vá — ela fala sem emitir som, olhando-me bem nos olhos. — Vá agora.

— E você? — Eu me encontro falando sem emitir som de volta, me sentindo dividido e em conflito.

— Vou tomar uma bebida com você — diz a Sra. Lynch em um tom calmo, os olhos colados nos meus. — Uma bebida de despedida.

— Boa garota — seu marido balbucia, ombros caídos.

— Vou fechar essa porta primeiro — acrescenta. — Nós não queremos acordá-los.

— Isso mesmo — ele responde, balançando a cabeça. — É melhor se eles estiverem dormindo.

Levantando-se, a Sra. Lynch caminha calmamente até a porta da cozinha, o rosto vazio de qualquer emoção, os olhos fixos nos meus.

— Tire eles daqui — ela fala de novo lentamente sem emitir som. — Leve-os daqui.

Atordoado e confuso, eu pairo na porta da frente com seu bebê em meus braços.

— Venha comigo — eu falo de volta, pedindo que ela apenas *corra*. — Vamos.

Ela balança a cabeça.

— Não.

— *Por quê*?

— Apenas vá.

— Eu *não posso*.

— Vá *agora*!

— Eu voltarei para você. — Sentindo-me completamente perdido, exalo uma respiração irregular. — Eu prometo.

— Não volte. — Ela balança a cabeça. — Apenas salve meus filhos.

Seu olhar vai para Sean, que tem o rosto enterrado no meu pescoço e uma lágrima solitária escorre por sua bochecha.

— Diga a eles que sinto muito — ela fala e então fecha a porta da cozinha.

Silenciosamente cambaleando e ainda segurando seu filho mais novo em meus braços, saio da casa, silenciosamente fecho a porta atrás de mim e corro para o meu carro.

65
Ah, merda
Shannon

Entorpecida até os ossos, me sento no banco do passageiro do Audi de Johnny, com a mão dele apoiada na minha em cima do câmbio, e meus três irmãos mais novos no banco de trás. Os meninos estão descalços, de pijama, e Johnny ligou o aquecedor no máximo para mantê-los aquecidos.

— E essa, rapazes? — ele pergunta, aumentando o volume de *Why Don't You Get A Job* da banda The Offspring. Ele está tocando todas as músicas explícitas que podia encontrar no CD de Gibsie desde que saímos de Elk Terrace. Quanto mais palavrões e palavras sujas na música, mais dos soluços e fungadas de meus irmãos se transformam em risadas. Johnny está tentando distraí-los e está funcionando. Cantando a plenos pulmões, ele balança a cabeça como um louco, encorajando os meninos a xingar e cantar junto com ele.

Quando *Just Lose It* de Eminem começa a tocar, Johnny se joga em um rap entusiasmado, e até Sean ri. Suas bochechas manchadas de lágrimas estão esticadas em um largo sorriso enquanto ele olha maravilhado para o meu namorado.

— Você deveria ficar com o rúgbi — Tadhg ri do banco de trás. — Você é um rapper terrível, cara.

— *Você é um rapper terrível, cara* — Johnny imita um sotaque de Cork, fazendo sua voz subir várias oitavas. — Pelo menos eu não pareço estar cantando quando estou falando.

— Não — Tadhg ri. — Porque você não pode cantar merda nenhuma.

— Tadhg. — Eu suspiro pesadamente. — Não fique xingando.

— *Ele* disse que podíamos — argumenta Tadhg, apontando para a nuca de Johnny.

— Isso é porque ele tem aquela voz engraçada — Ollie ri. — Ele diz méerda em vez de merda.

— Ollie — eu repreendo. — Não diga isso.

— Mas ele *fala* — defende Ollie. — Diga méerda, Johnny. Mostre a ela.

— Não, Johnny — eu falo.

— Méerda — Sean deixa escapar do banco de trás, pronunciando a palavra com uma clareza cristalina.

Ollie e Tadhg uivam rindo.

— Ah, méerda — Johnny murmura com o sotaque, me dando um olhar acanhado.

— Méerda — Sean repete imitando, batendo palmas. — Méerda.

— Claro — eu gemo. — Ele tinha que prender *isso*.

— É um passe livre de apenas uma noite, rapazes — anuncia Johnny. — E vocês podem querer tomar cuidado com as palavras próximos dos adultos.

— E a mamãe? — Tadhg pergunta então.

Suave como mel e sem perder o ritmo, Johnny diz:

— Falei com sua mãe antes de sair. Ela disse que todos vocês podem ficar na minha casa esta noite.

Os olhos de Ollie se arregalam.

— Ela disse?

Johnny assente e eu não perco o tremor em sua mão, qual ele discretamente tentou sacudir. *Ele está mentindo.*

— Está tudo bem, rapazes — acrescentou, dirigindo pelos portões abertos de sua propriedade. — Considerem isso uma aventura.

— Eu gosto de aventuras — Ollie fala.

Ao nos aproximarmos da casa de Johnny, todas as luzes do local estão acesas, tornando o prédio ainda mais impressionante do que durante o dia. Desesperada para manter minha mente o mais vazia possível, conto e depois reconto as dezoito janelas na frente de sua casa, e então me pergunto quantas vezes por mês a Sra. Kavanagh contrata limpadores de janela para a casa. Elas estão sempre limpas e sem riscos.

No momento em que Johnny desliga o motor de seu carro, a porta da frente se abre e sua mãe sai correndo de roupão, com os olhos arregalados e um olhar frenético.

— Onde você foi? — ela exige, a mão pressionada contra o peito. — Eu estive ligando para você!

— Ah, merda — Johnny murmura, soltando o cinto de segurança. — Apenas esperem aqui por um segundo, eu vou acalmá-la.

Saindo do carro, ele corre para sua mãe, dando-lhe um tapinha nas costas quando ela joga os braços ao redor dele.

— Estou bem, mãe. Estou ótimo... deixei meu telefone no carro.

— Eu não sabia o que estava acontecendo — ela solta, segurando seu filho. — Eu ouvi pneus cantando e verifiquei seu quarto e você tinha ido.

Balançando a cabeça, ela estende a mão e segura seu rosto em suas mãos.

— Você não pode fazer isso comigo, Johnny. — Virando-se para a casa, ela grita: — John, ele está bem. Ligue de volta para Sadhbh, amor. Diga a ela para avisar Gerard que ele pode parar de procurar. Ele está em casa.

Alcançando os assentos, aperto o botão na porta de Johnny para fechar as janelas, não querendo que meus irmãos ouçam o que estava sendo dito.

— Por que Dellie está chorando? — Ollie sussurra, inclinando-se entre os assentos para observar a comoção.

— Porque ela estava preocupada com Johnny — eu explico, sentindo minha garganta apertar com a visão. — Ele é o filho dela.

— Com o que ela estava preocupada? — ele pergunta, virando seus olhos castanhos para mim. — Ele está metido em problemas ou algo assim?

— Não, Ollie, mas é no meio da noite, e ela provavelmente estava com medo por ele.

— Porque está tão tarde?

Dou-lhe um sorriso amarelo.

— Exatamente.

Ollie olha de volta para onde a Sra. Kavanagh ainda está segurando seu filho em um aperto mortal antes de soltar um suspiro. O Sr. Kavanagh se junta a eles e segura a nuca de Johnny enquanto eles falam acima da cabeça de sua esposa.

— Uau — Ollie sussurra. — O pai e a mãe dele realmente amam ele, hein?

— Nossa mãe também nos ama — eu murmuro, sentindo a necessidade de tranquilizar meu irmãozinho. — Nunca duvide disso.

Tadhg faz um barulho do banco de trás e murmura algo ininteligível em voz baixa – algo que soa terrivelmente como "*sim, na porra dos seus sonhos*".

— Sean, você está com frio? — Eu pergunto, tentando manter o tremor fora da minha voz.

Tremendo, meu irmão caçula assente.

— Ele fede — Tadhg nota com um bufo. — Ele se mijou de novo.

— E ele cheira como papai — acrescenta Ollie, torcendo o nariz. — Não é um cheiro bom, Shan.

— Venha até mim, Sean — eu falo, estendendo minhas mãos para ele. — Eu vou mantê-lo aquecido.

— Espere aí — Tadhg resmunga quando Sean tenta se levantar com o cinto de segurança ainda colocado. — Eu tenho que soltar você primeiro, bobinho.

— Merda — Sean sussurra, esperando que Tadhg o liberte.

— Isso mesmo — Tadhg ri, desafivelando o cinto.

— Não o encoraje a falar palavrões. — Eu aviso meus irmãos enquanto ajudo Sean a se sentar e o aconchego no meu peito. — Ele tem apenas três anos.

Ollie e Tadhg dão de ombros em resposta antes de se distraírem em abrir todos os compartimentos e apertar todos os botões que possam encontrar na traseira do carro de Johnny.

— O-ee — Sean murmura, tremendo violentamente, enquanto ele coloca seus pequenos braços em volta do meu pescoço. — O-ee se foi.

— Não — eu sussurro, balançando-o suavemente em meus braços. — Ele voltará.

Meu coração está martelando loucamente no meu peito, meus dedos dormentes e formigando enquanto eu me forço a manter a calma. Eu estou constrangida, apavorada e envergonhada. Por mais ridículo que pareça, eu não quero que Johnny veja essa parte da minha vida, mas ele está vendo tudo agora, a feia realidade que é a minha família. Minhas razões pelas quais eu sou do jeito que sou. Todos os meus problemas... todos começam e terminam com aquele homem que chamei de meu pai.

Mantenho meus olhos nos Kavanagh, sabendo o momento exato em que Johnny explica o que aconteceu esta noite porque a Sra. Kavanagh cobre a boca com as mãos e enterra o rosto no peito do marido. O olhar de seu pai cintila para o carro e eu posso ver a preocupação em seus olhos. Eles falam por mais alguns minutos em voz baixa, enquanto eu me sento, imóvel como uma estátua, me sentindo como se estivesse sendo julgada, antes de Johnny correr de volta para nós. Sua mãe se move para segui-lo, mas o Sr. Kavanagh a leva de volta para casa. Contornando o carro, Johnny abre minha porta e sorri para mim.

— Vamos, Shan. Vamos entrar.

Oh! Graças a deus.

Eu solto uma respiração irregular.

— Eles têm certeza?

Ele assente e estende a mão para Sean.

— Vamos, garotão. — Levantando meu irmãozinho em seus braços, Johnny estende a mão para mim. — Vamos aquecer todos vocês.

Olhando para Ollie e Tadhg, ele diz:

— Vamos, rapazes, minha mãe está pegando o sorvete para vocês.

— Ponto — Tadhg aplaude enquanto abre a porta e saí correndo do carro, correndo para dentro da casa na frente de Ollie, que grita enquanto o segue:

— Espere por mim, Tadhg.

Tremendo da cabeça aos pés, saio do carro, sentindo frio até os ossos, e olho para o meu namorado.

— Obrigada — eu murmuro, batendo os dentes, enquanto meu coração pula em um ritmo de adoração pelo garoto parado na minha frente. — Por tudo.

— Eu faria qualquer coisa por você, Shannon *como o rio* — Johnny responde bruscamente, me puxando para seu lado. — Qualquer coisa.

Eu acredito nele, mas queria que ele não precisasse fazer.

66

A faca afiada da consciência

Johnny

Fico surpreso ao ver como consigo permanecer tão calmo quando estou tendo um colapso nervoso por dentro. Quando contei aos meus pais o que aconteceu, meu pai me instruiu a agir normalmente com Shannon e seus irmãos enquanto ele entrava em casa com mamãe para chamar a polícia. A percepção do que eu fiz está me atingindo com força, e o cheiro de álcool exalando da pequena criança em meus braços está trazendo pensamentos terríveis. Eu sei que tenho que voltar para a mãe deles. Eu prometi a ela que faria. Cada instinto do meu corpo está gritando para eu voltar para aquela casa agora, mas pela primeira vez na minha vida, eu estou tentando fazer o que meu pai havia pedido, mantendo minha cabeça e deixando a polícia lidar com isso.

Com Sean em um braço e Shannon debaixo do outro, eu os levo para a sala de estar, onde meu pai está reacendendo o fogo. Fico bobo ao ver como essas crianças são incrivelmente resilientes. Eles acabaram de passar por algo que chocaria um homem adulto – inclusive eu – e, no entanto, aqui estão eles; apenas aceitando o que lhes foi dado, entrando de cabeça e seguindo em frente. Assim como eu vi sua irmã fazer em inúmeras ocasiões. Jesus, eles são os últimos sobreviventes.

— Uau — Ollie, que vem da cozinha com uma tigela de sorvete na mão, engasga e para no meio da sala de estar. — Isso é como um cinema. — Ele aponta para a tela plana montada na parede sobre a lareira e cutuca seu irmão. — Olhe para o tamanho disso.

— Eu tenho olhos — Tadhg retruca, muito interessado na tigela de sorvete que ele está comendo. — E o que você espera? Eles estão nadando na grana.

— Temos permissão para dizer isso? — Ollie pergunta, olhando para seu irmão. — Chamar eles de ricos?

Tadhg dá de ombros.

— É verdade, não é?

— Não, vocês não tem permissão para falarem isso — Shannon engasga, parecendo mortificada, enquanto caminha até seus irmãos e olha para eles. —

Agora tenham boas maneiras e agradeçam à Sra. Kavanagh pelo sorvete.

— Obrigado, Dellie — diz Ollie.

— Sim — Tadhg murmura, corando um pouco enquanto olha para minha mãe. — Obrigado por isso, Edel.

— Imagina, rapazes — minha mãe responde, a voz rouca enquanto ela entra na sala de estar. — E, Shannon, amor, me chame de Edel.

— Desculpe, Sra. Kavanagh — Shannon murmura, nervosa. — Quero dizer, Edel.

— Tudo bem, meninos — diz meu pai, acenando com o controle remoto da televisão em sua mão. — O que estamos assistindo? Temos todos os canais.

— Ponto! — Tadhg aplaude e mergulha para o sofá. — Posso escolher?

— Não, não, eu — implora Ollie, correndo atrás de Tadhg. — Por favor, John. Eu, eu...

— *Eu, eu* — Tadhg imita, brilhando em vitória quando meu pai lhe entrega o controle remoto. — Obrigado, John. — Virando-se para Ollie, ele sorri. — Se senta, garoto. Você ganhará quando for contra o Sean.

Soltando um suspiro, Ollie afunda no sofá ao lado dele e enfia uma colher de sorvete em sua boca.

— Não é justo ser mais novo.

— Sim, bem, é assim que me sinto com Shannon e Joey — Tadhg retruca, não afetado. — Lide com isso.

— E Darren — Ollie oferece. — Ele é o mais velho.

Tadhg bufa.

— Ele não conta.

Ollie se vira para olhar para o irmão.

— Joey ainda conta?

Tadhg assente rigidamente.

— Por enquanto.

— Ok. — Assentindo em aceitação, Ollie se vira para assistir à televisão enquanto Tadhg navegava pelos canais com meu pai.

— Você está bem, Shannon, amor? — Minha mãe pergunta em tom baixo, os olhos colados no rosto arranhado da minha namorada.

Shannon cora e assente.

— Eu estou bem, obrigada. — Colocando o cabelo atrás da orelha, ela se move para caminhar de volta para mim, mas rapidamente se contém e enrijece, parecendo incerta. — Eu apenas, ah...

Olhando ao redor para seus irmãos, ela exala uma respiração irregular.

— Eu realmente sinto muito por trazer meus problemas à sua porta novamente, Sra. Kavanagh. — Com os ombros caídos, ela sussurra: — Eu simplesmente não sabia mais o que fazer.

— Oh, querida, venha aqui para mim... — Minha mãe vai direto para ela e a puxa em seus braços. Minha mãe não é uma mulher alta em seus 1,62m, mas ela ainda supera Shannon, que mal tem 1,50m. — Você vai ficar bem — ouço minha mãe sussurrar em seu ouvido enquanto Shannon permanece rígida. — Eu vou cuidar de todos vocês.

Estremecendo, Shannon relaxa lentamente e abraça minha mãe de volta.

— Eu sinto muito.

— Não se desculpe, amor. Você fez tudo certo esta noite. — Pressionando um beijo na cabeça de Shannon, minha mãe afasta o cabelo do rosto, segura o rostinho dela entre as mãos e sorri para ela. — Você e seus irmãos vão passar a noite conosco. Vamos acertar tudo pela manhã, ok?

Shannon assente fracamente.

— Muito obrigada por sua ajuda.

— Estou muito orgulhosa de você por ter ligado — minha mãe continua a dizer. — Eu sei que você deve ter ficado com medo, e foi muito corajoso da sua parte ligar quando você sabia o que podia acontecer.

— Você acha que minha mãe está bem? — Shannon sussurra, olhando nervosamente para os meninos e depois de volta para minha mãe antes de pousar seus em mim. — Eu não deveria tê-la deixado lá.

— Tenho certeza que ela está bem, amor. Por que você não se senta com seus irmãos e Johnny pode ir e fazer um chá para mim? — Minha mãe sugere, afastando a conversa sobre sua mãe. — E *eu vou*...

Caminhando até mim, minha mãe faz cócegas nos dedos dos pés de Sean e sorri para seu rosto solitário.

— Dar um banho nesse menino lindo? — Sorrindo para Sean, ela acaricia sua bochecha. — Hmm? O que você diz, Seany querido? Vamos limpar você?

— Boa ideia, Sean — Shannon encoraja, a voz cheia de emoção. — Mas eu não tenho nenhuma roupa para ele.

Corando furiosamente, ela sussurra:

— E ele ainda, uh... ele tende a ter acidentes quando está nervoso.

— Não se preocupe — minha mãe responde, ainda sorrindo para Sean. — Há muitas caixas de roupas velhas do Johnny no sótão.

— O que você diz, cara? — Eu pergunto a Sean. — Vamos tomar um bom banho e tirar essa bebida fedorenta de você?

Sean olha para mim por um longo momento antes de assentir e inclinar seu corpo para minha mãe.

— Oh, você é um menino tão bom — minha mãe fala, abraçando-o perto de seu peito enquanto ela se arrasta para fora da sala de estar. — Ah, e você dá os melhores abraços.

O telefone do meu pai começa a tocar então.

— Dois minutos, rapazes — ele diz, levantando-se de onde está sentado entre Ollie e Tadhg, arbitrando a batalha do controle remoto. — Eu vou precisar só atender isso.

Quando ele passa por mim, ele inclina a cabeça para que eu o siga.

— Vou demorar dois minutos — eu sussurro, beijando a testa de Shannon. — Ok?

Tremendo, ela passa os braços ao redor de si mesma e assente.

— O-ok.

Caminho até a porta apenas para hesitar e voltar.

— Shan?

Ela olha para mim com uma expressão perdida.

— Sim, Johnny?

— Eu te amo.

Alívio brilha em seus grandes olhos azuis e ela sorri de volta para mim.

— *Eu te amo* — Tadhg imita do sofá. Sem tirar os olhos da televisão, ele faz barulhos altos de beijos antes de bufar alto. — Rapaz, você é tão pau mandado.

— Ugh — Ollie ri. — Aposto que ele a beija com a língua também.

— Essa é a nossa irmã, seu idiota — Tadhg resmunga. — Eu não quero ficar pensando na língua de Shannon na boca de Johnny.

— É assim que funciona? — Ollie pergunta, parecendo chocado. — Eles colocam a *língua* na *boca* um do outro?

— *Sim.*

Ollie franze a testa.

— Por *quê*?

— Eles provavelmente fazem muito pior do que isso, Ol — Tadhg murmura. — É nojento, mas tanto faz.

— Eles fazem? — Os olhos de Ollie se arregalam. — Tipo o quê?

— Uh, você provavelmente deveria parar de fazer perguntas agora — Tadhg murmura, cutucando Ollie nas costelas.

— Sim, você definitivamente deveria parar de fazer perguntas, Ollie — Shannon solta, com o rosto vermelho, enquanto corre para seus irmãos e afunda no sofá entre eles. — Tadhg, não diga mais nada a ele.

— Eu não posso acreditar que você deixa ele enfiar a língua na sua boca — Ollie acusa, boquiaberto para sua irmã. — O que há de errado com você?

— Eu não faço isso — Shannon retruca, nervosa. — Ele está brincando, certo, Tadhg?

— Ela deixa — Tadhg responde. — Eu os vi se pegando do lado de fora da casa.

— Tadhg!

— Eles estavam embaçando as janelas do carro dele — Tadhg ri. — Ah... *e* ela o levou para o quarto dela no sábado à noite também. Ele ficou lá a noite toda.

— O quê? Eu não sabia que eles tiveram uma festa do pijama — Ollie responde, parecendo confuso. — Você nunca contou.

— Isso é porque ela estava muito ocupada — Tadhg ri. — Ela estava toda *"oh, Johnny, sim! Por favor!"*

— Eu não fiz isso — Shannon balbucia. — Seu pequeno mentiroso.

— *Me beije, me toque, me abrace, me ame* — Tadhg zomba com uma voz de menina. — *Mwah, mwah, mwah. Sim, eu amo suas bolas do rúgbi...*

— Tadhg!

— Eca — Ollie geme. — Isso é nojento.

— Shannon faz isso com o Johnny, Joey faz isso com a Aoife, Darren faz isso com o Alex — continua Tadhg, sem perder o ritmo. — E você vai fazer isso quando você for mais velho com alguém que você gosta, Ol.

— Eu *não vou* — Ollie balbucia, parecendo horrorizado. — Eu nem gosto da minha própria língua na minha boca.

— Sim. — Tadhg bufa. — Claro.

— Você faz isto? — Ollie pergunta.

— Vou começar na escola secundária em setembro — Tadhg responde com indiferença. — O que você acha?

— E? — Shannon responde, olhando seu irmão com desconfiança. — O que começar a escola secundária tem a ver com beijos?

— Só que eu sei do que estou falando — Tadhg diz a ela. — E isso é tudo que estou dizendo sobre o assunto.

— Johnny... — a voz do meu pai chega aos meus ouvidos e eu tiro meu olhar de Shannon e seus irmãos antes de correr para o corredor atrás dele.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto, observando-o cautelosamente enquanto ele assente e responde a quem estava no telefone com suas respostas monossilábicas. — Pai?

— Venha cá — ele murmura, gesticulando para que eu o siga.

Um tremor nervoso percorre minha espinha enquanto eu sigo atrás dele, não parando até que estamos na cozinha com a porta fechada atrás de nós.

— Muito obrigado por me ligar, Billy — meu pai diz ao telefone. — Eu vou... sim... sim, eu sei, cara. Eu entendo. Obrigado. Sim, vejo você lá.

Desligando, ele olhou para mim e suspirou pesadamente.

— Johnny... — sua voz falha. Balançando a cabeça, ele coloca o telefone no balcão da cozinha e exala uma respiração dolorosa antes de dizer: — Sente-se, filho.

E eu *sei*.

Eu sei naquele exato momento que algo terrível vai sair de sua boca.

— Pai — eu falo, tremendo que nem vara verde. — O que está acontecendo?

— Johnny... — Soltando outro suspiro de dor, meu pai se aproxima e me guia para um banquinho. — Eu preciso que você se sente, filho.

Porra.

Me sentindo fraco, afundo em um banquinho na ilha da cozinha e deixo cair minha cabeça em minhas mãos.

— Apenas me diga — eu solto, apertando meus olhos fechados. — Apenas diga. Por favor.

— Era Billy Collins no telefone — meu pai explica, sentando no banco em frente ao meu. — Você se lembra de Billy? Que eu fui para a escola com ele? Nós éramos grandes amigos. Ele esteve aqui algumas vezes com sua esposa para jantares...

— Eu sei que ele é o superintendente da delegacia, pai — eu solto, sabendo exatamente de quem meu pai está falando. Seu amigo policial. — O que ele disse?

Meu pai assente rigidamente.

— Ele está enviando um carro para cá. Eles estarão conosco em breve. — Papai olha para o telefone que está ligando novamente. — Eu também liguei para Darren. Ele está a caminho.

— Eles estão os levando de volta? — Eu rosno, virando meu olhar para encontrar o dele. — Você vai seriamente deixá-los levar essas crianças de volta para a porra daquela casa?

— Não, Johnny — meu pai responde calmamente. — Não é isso que...

— Ela não vai a lugar nenhum — eu sibilo, me sentindo ansioso e descontroladamente protetor. — Eu não dou a mínima para o que você, Darren, ou qualquer maldito policial diga. Você não vai levar Shannon de volta para lá. Eu vou mantê-la aqui comigo!

— Ninguém vai levar ninguém para lá — meu pai fala. — Eu prometo, filho, então apenas se acalme.

— Então por que a polícia está vindo para cá? — eu exijo.

— Eles precisam pegar seus depoimentos — meu pai responde suavemente.

— Depoimentos para *o quê*? — Eu olho boquiaberto para ele. — Eu estou metido em problemas por levá-los? Porque a mãe deles me disse para...

Minhas palavras são interrompidas e eu puxo várias respirações profundas antes de continuar.

— Ela me disse para ir, pai — eu sibilo, estremecendo com a memória dos olhos assombrados da Sra. Lynch me olhando. — Ela disse *para levá-los*!

Lágrimas enchem os olhos do meu pai e eu empalideço.

— Oh, porra, é ruim, não é? — Eu solto, me levantando do banco. — O que está acontecendo aqui?

Tremendo, eu me afasto da ilha, sabendo em meu coração que algo ruim aconteceu.

— Ele a machucou? — A dor me atravessa com o pensamento. — É isso? Ela está no hospital?

— Johnny, apenas respire...

— Eu não entendo o que está acontecendo aqui! — Eu rujo, sentindo meu coração bater violentamente contra minha caixa torácica. — Apenas me diga o que está acontecendo, pai!

— Houve um incêndio na casa dos Lynch.

— *O quê*? — Meu coração para morto no meu peito. — Não, não, não.

Eu balanço minha cabeça, rejeitando as palavras que saem de sua boca.

— Eu estava lá há menos de duas horas, pai. Não havia fogo!

— *Houve* um incêndio, Johnny — meu pai me diz. — Quando você apareceu aqui com as crianças e eu liguei para Billy, ele já estava no local de um incêndio em Elk Terrace. Quando o corpo de bombeiros chegou, a casa estava em chamas.

— *O quê*? — minha voz se eleva com meu pânico. — Eu não... como... o quê?

— Johnny, querido, você precisa se sentar.

— É meia hora da casa deles até a nossa — eu falo. — Como uma casa pega fogo em meia hora, pai?

— Uma casa pega fogo tão rápido se for incendiada intencionalmente — papai responde bruscamente. — A casa estava encharcada de inflamáveis, Johnny, e todas as janelas e portas estavam trancadas. Eles não tinham chance de sair.

Tremendo, ele acrescenta:

— Billy me ligou de volta para me informar que dois corpos foram retirados — Suspirando pesadamente, ele acrescenta: — Dadas todas as informações que você me disse e que eu transmiti a ele, ele está confiante que o fogo foi ateado poucos minutos depois que você levou as crianças, e os corpos estão...

— Não diga isso... — Segurando minha cabeça em minhas mãos, eu cambaleio para trás, batendo contra a pia. — Não, pai. Jesus Cristo, não me diga *isso...*

— Johnny, shh... está tudo bem, filho. — Empurrando o banco para trás, meu pai caminha em minha direção. — Venha aqui...

— Ela está morta? — Eu sussurro, sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto. — Mas eu disse a ela que voltaria por ela — eu engasgo, balançando minha cabeça. — Jesus Cristo, eu deveria tê-la feito vir comigo!

Os braços do meu pai me envolvem.

— Shh — ele sussurra, me segurando quando meu corpo está fraco até os ossos. — Está tudo bem. Eu te segurei.

— Eu a deixei lá, pai — eu solto, agarrando meu pai. — Eu a deixei naquela casa!

— Você sabe o que você fez esta noite? — ele pergunta, apertando seu aperto em mim. — Você salvou quatro crianças.

— Não. — Fecho os olhos com força e enterro meu rosto em seu pescoço. — Não diga isso assim...

— Eles teriam queimado até a morte dentro daquela casa se você não fosse o homem louco, imprudente e brilhante que você é — continua ele. — Eles não tinham a menor chance de sair de lá, filho. Sean estava encharcado de álcool. Você salvou todos eles, Johnny. Eles estavam em suas camas, filho. Eles estavam com medo dele. Não havia como essas crianças teriam saído de seus quartos se você não tivesse ido lá para buscá-los.

Meu pai estremece antes de acrescentar:

— E o que você contou sobre estar escorregadio na escada e na entrada e no corredor quando estava dentro de casa? Isso era álcool e gasolina, Johnny. Uma faísca de chama e estaria tudo acabado para aquelas crianças, todo o lugar teria inflamado com todos vocês lá...mas *você* manteve a cabeça e *você* os tirou de lá.

— Não, não, não — eu solto, aterrorizado. — Eu não sabia o que estava fazendo.

— Você confiou em seus instintos — ele corrige. — Você pode não ter entendido o que estava acontecendo, filho, mas você *sabia* que eles precisavam sair. Por sua causa, há quatro crianças vivas e respirando nesta casa esta noite.

— Eles já sabem? — Eu sussurro, fechando meus olhos com força.

— Não — meu pai responde.

— Porra — eu murmuro. — Como vou contar a Shannon?

— Me contar o quê? — A voz de Shannon chega aos meus ouvidos e eu vacilo.

— Shan — eu falo com a voz falha, me afastando do meu pai e encontrando-a pairando na porta da cozinha, parecendo pequena e aterrorizada. — Você está bem?

— O que há de errado? — ela murmura, os olhos arregalados e cheios de medo. — Porque você está chorando?

— Eu não estou chorando, baby.

Fungando, eu enxugo meus olhos e me movo para ir até ela, precisando segurá-la em meus braços e parar o mundo por um minuto. Minha cabeça está girando, meu coração está cambaleando, e eu não consigo absorver tudo. Fechando o espaço entre nós, eu a puxo em meus braços e aperto seu corpo mais apertado do que eu sei que deveria.

— Eu te amo — eu sussurro, segurando-a perto. — Jesus Cristo, Shan, eu sinto muito.

— Por que você está pedindo desculpas? — ela fala, agarrando-se à minha cintura. — O que está acontecendo?

— Eu tentei, Shan — eu solto, apertando meu abraço sobre ela. — Eu realmente tentei.

— Johnny, o que está acontecendo? — ela pergunta com a voz embargada.

— Shannon! — A voz de Darren chega a meus ouvidos e eu me viro assim que ele irrompe pela porta da despensa, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Você está bem?

Seus olhos injetados de sangue estão selvagens e em pânico quando ele cambaleia para a cozinha.

— Onde estão os garotos?

— Darren? — Shannon grita, saindo do meu aperto. — O que está acontecendo aqui?

— Shan... — Um soluço angustiante rasga de sua garganta. — Não posso...

— Os meninos estão todos aqui e estão todos seguros — meu pai responde, movendo-se para segurar Darren assim que suas pernas cedem. — Isso, você está bem. — Abaixando os dois no chão, meu pai o puxa em seus braços. — Eu peguei você.

— Mãe — ele grita, enterrando o rosto no pescoço do meu pai. — Minha mãe!

— Eu sei — meu pai sussurra, segurando sua nuca. — Shh, eu sei, cara. Eu sei.

— O que há de errado com a nossa mãe? — Shannon engasga, tremendo violentamente. — O-o que ele fez?

— Ela está morta! — Darren chora. — Ele a matou, porra!

— Não! — Balançando a cabeça, Shannon recua como se as palavras de seu irmão tivessem a queimado. — Não, não, não, você está mentindo.

— Ele *matou* minha mãe — Darren engasga, agarrando meu pai. — Maldito bastardo...

— Pare de dizer isso! — Shannon grita, puxando seu cabelo. — Ela não está morta, Darren. Ela está em casa... eu a *vi*!

Agarrando a cabeça nas mãos, ela olha para o irmão e sussurra:

— Ela está bem. — Lágrimas escorrem por suas bochechas quando ela olha para mim. — Diga a ele, Johnny! — ela implora, pulando em minha direção. — Diga a ele que ele está errado!

Agarrando minha mão, ela puxa sem rumo.

— S-só d-diga a-a e-ele...

— Houve um incêndio em sua casa, Shan — eu solto, sentindo meu corpo tremer com o esforço que estou fazendo para não perder a cabeça.

— Um incêndio? — Seus olhos ficam arregalados e cheios de lágrimas. — Não, Johnny, não!

— *Houve* um incêndio, baby — eu murmuro, com o coração acelerado. — E sua mãe... ela, ah...

Minhas palavras são interrompidas e eu limpo minha garganta antes de forçar as palavras da minha boca:

— Ela e seu pai não sobreviveram.

— Não. — Foi uma palavra, mas eu sei que esse som irá me assombrar até o dia da minha morte enquanto ela olha para mim, aqueles grandes olhos azuis me implorando para dizer algo diferente. Eu queria – mais do que tudo – mas não há como escapar disso. Seus pais estão mortos.

— Eu sinto muito — eu sussurro, movendo-me para ela. — Shan, eu sinto...

— Não! — ela repete, recuando até que suas costas batem na parede atrás dela. — Não! — Cobrindo o rosto com as mãos, ela desliza pela parede. — Minha mãe, não, não, não! Não minha mãe... não minha mãe.

Uma lágrima desliza pelo meu rosto enquanto eu a observo, sentindo-me mais impotente do que nunca na minha vida. Agachando-me ao lado dela, coloco a mão em seu joelho.

— Shan...

— Não — ela solta, sacudindo minha mão. — Não, não, não.

Exalando entrecortadamente, tento novamente.

— Shan...

— Eu disse não! — ela soluça, envolvendo os braços em volta das pernas. — Não...

Enterrando o rosto nos joelhos, ela balança para frente e para trás.

— Oh Deus, ambos se foram.

— Eu sei. — Me sentindo completamente perdido, me aproximo e acaricio seu ombro com a minha bochecha, desesperado para lhe dar algum conforto. — Eu sinto muito.

— Joey — Shannon soluça. — Joey... Oh, Deus, onde está Joey?

— Está tudo bem, Shannon — meu pai responde, com um tom de persuasão. — Nós vamos encontrá-lo, querida.

— Ele não sabe — ela lamenta. — Ele se foi! — Ela puxa o cabelo com força. — Ele simplesmente se foi...

— Não — eu engasgo, pegando suas mãos nas minhas. — Não faça isso com você mesma, baby. — Eu não aguentaria mais um segundo assistindo ela assim. — Por favor.

— Não me toque! — Tremendo, Shannon puxa suas mãos para longe das minhas, o peito arfando. — N-não faça isso, ok?

— Ok. — Segurando minhas mãos para cima, eu a observo me olhar, sentindo meu coração se abrir no meu peito. — Eu não vou fazer nada que você não queira.

Eu permaneço exatamente onde estou, mantendo minhas mãos para mim, enquanto esperava que ela pegue o que ela precisa de mim.

Eventualmente, ela pega.

Com um grande soluço, Shannon sobe no meu colo e joga os braços em volta do meu pescoço, se agarrando a mim de uma forma que eu sei que nunca merecerei totalmente.

— Não me deixe... — Apertando os braços em volta do meu pescoço, ela enterra o rosto no meu peito e sussurra: — Por favor, não vá...

Exalando um suspiro quebrado, eu a envolvo em meus braços e a seguro apertado.

— Eu não vou. — Apertando meu aperto em seu corpo frágil, eu a balanço suavemente. — Eu estou bem aqui. — Exalando uma respiração irregular, abaixo meu rosto e dou um beijo em seu cabelo. — Eu prometo.

Eu quero ficar na frente dessa garota e protegê-la de todo o horror a que ela foi exposta. Não está certo, caramba, e eu sinto como se estivesse me afogando na injustiça de sua vida. Se eu pudesse colocar seus cortes e hematomas em minha pele, eu colocaria.

Uma batida forte vem da porta dos fundos, seguida por uma voz masculina.

— John, tudo bem se entrarmos?

— Estamos aqui, Billy — meu pai grita, ainda segurando Darren. — Entre.

Dois policiais uniformizados entram em nossa cozinha, seguidos pelo amigo de meu pai, o superintendente Billy Collins.

— Sinto muito pela perda de vocês — No momento em que eles tiram os chapéus e dizem isso, o pior e mais doloroso soluço rasga da garganta de Darren e Shannon cede fracamente contra mim.

Segurando-a com força, eu lentamente a embalo em meus braços, sussurrando tudo e qualquer coisa que eu possa pensar em seu ouvido para que ela não tivesse que ouvir o que os policiais estão dizendo para meu pai e Darren. Ela está histérica, ofegante, e chorando mais forte do que eu já a ouvi chorar antes. Meu coração está quebrando em um milhão de pedaços, minha mente cambaleando, mas eu fico ali com ela, incapaz de separar minhas emoções das dela.

Quando meu pai, Darren e os policiais vão para a sala de estar onde minha mãe está com os meninos mais novos para dar a notícia, e a gritaria começa, eu a seguro ainda mais forte. Bem ali no chão da minha cozinha, eu a embalo em meus braços, sentindo cada um de seus soluços e choros na parte mais profunda da minha alma.

— Shh, little darling...

— Você está cantando. — Fungando, ela se agarra ao meu peito. — *Here Comes the Sun*.

Eu *estou* cantando.

Eu estou fazendo o que posso para tornar isso melhor para ela.

— Essa é a c-canção do m-meu avô Murphy — ela soluça. — Você se lembra de mim t-te dizendo i-isso?

— Sim. — Me lembro dela me contando sobre seu avô cantando essa música para ela quando estava com medo e era tudo que eu posso fazer neste momento. — Devo parar?

— N-não. — Shannon balança a cabeça. — N-não pare.

Tremendo, continuo a embalá-la em meus braços e murmurar baixinho as palavras da música em seu ouvido, enquanto espero pelo médico que eu sei que tinha sido chamado.

67
Here comes the sun
Shannon

No começo, eu estava entorpecida, completamente entorpecida enquanto minha mente tentava digerir as palavras, as imagens, o desconhecido. Então, uma sensação de formigamento percorreu meu corpo, atacando cada terminação nervosa dentro de mim, fazendo cada membro tremer violentamente. Mas era a dor que foi a mais insuportável. Ela veio por último e me afogou em um tormento irregular, esmagador e que alterou minha vida. Meu coração não aguentava a pressão e eu tinha certeza de que pararia de bater. Não parou e isso me surpreendeu. Fiquei surpresa por ainda estar viva tendo meu peito aberto. Não fui esfaqueada pelas costas. Fui esfaqueada na frente, no peito, bem no meio. E ao contrário de uma lâmina, o dano parecia de um tiro de chumbo, me espalhando e me dividindo em inúmeras áreas e de tantas maneiras irreparáveis. Como ainda está batendo está realmente além de minha compreensão.

Eu não consigo pensar nele sem que um ataque crescente de dor e de raiva tome conta de mim, me afogando em minha amargura.

Eu não tenho certeza se ainda estou gritando porque não consigo mais ouvir minha própria voz. Alguém entrou na casa e me machucou. Me perfurou com algo afiado. Pelo menos, foi o que senti. A pessoa que me perfurou me disse que está tudo bem, que eu sou uma garota corajosa, e que isso me faria sentir melhor. Eu não escutei aquela voz. Em vez disso, me concentrei no timbre profundo da voz *dele* enquanto ele cantava as palavras de *Here Comes The Sun* dos Beatles no meu ouvido repetidamente. Afundando contra Johnny, fecho os olhos, me sentindo tonta, e tento respirar através dele, enquanto tento encontrar uma maneira de sobreviver à terrível hemorragia do meu coração e à aniquilação que sofreu nas mãos de meu pai. Minha sanidade havia certamente ido embora. Delirante e aflita, minha mente continua girando e me assombrando com a verdade.

Eles estão mortos.

Ambos estão mortos.

— Mamãe — eu murmuro com a voz falha, nem mesmo reconhecendo minha própria voz agora. — Minha mãe...

— Você é minha queridinha — Johnny sussurra. Sua grande mão segura a parte de trás da minha cabeça enquanto ele me segura em seu peito, balançando lentamente nossos corpos. — Minha queridinha está segura comigo.[12]

O cheiro familiar de seu quarto está ao meu redor, mas isso não faz sentido. Como estamos no quarto dele? Eu estou apenas no *meu* quarto? Tudo está escuro e eu não consigo entender nada disso.

— Shh — Johnny sussurra, me deitando em algo macio e quente. — Eu estou bem aqui.

Tremendo, me agarro ao seu corpo, sentindo o chão afundar debaixo de mim. Ou talvez fosse um colchão. Eu não consigo ter mais certeza de nada. Tremendo em seus braços, fecho meus olhos e o inalo.

— Mamãe.

— Shh — ele sussurra várias vezes, me segurando tão perto de seu peito que eu posso sentir seu coração batendo contra minha bochecha. — Apenas feche seus olhos.

Sinto seus lábios contra meu cabelo.

— Estarei aqui cuidando de você.

— Você está sempre fazendo isso — eu digo, me sentindo sonolenta e entorpecida. Tudo está escapando de mim. Eu não consigo segurar meus pensamentos. Sinto como se estivesse caindo. Como se uma escuridão quente e sedutora estivesse tentando me puxar. — Minha mente está escapando de mim.

— Deixe ir — ele sussurra. — Você não precisa disso esta noite.

Aninhada mais perto, eu o seguro, me sentindo entorpecida e cansada.

— Eu acho que estou morrendo.

— Você não está morrendo. — Seus braços se apertam ao meu redor. — Você só está com sono.

— Joey... — Eu tento piscar, mas meus olhos não abrem novamente. — Joey... tudo se foi...

— Eu vou encontrá-lo — Johnny sussurra. — Eu vou trazê-lo de volta para você.

— Você... promete? — Eu murmuro, sentindo uma onda grossa de exaustão me varrer.

— Eu prometo — são as últimas palavras que ouço Johnny dizer antes de eu parar de me segurar e deixar a escuridão me levar.

68
Eu vejo fogo
Johnny

— Você não precisa vir comigo, filho — meu pai diz pela décima vez enquanto dirigíamos pela cidade de Ballylaggin. — Eu posso dar meia volta e te levar para casa.

— Eu estou indo. — Eu não posso ficar em casa. Eu preciso sair daquela casa e me afastar dos gritos. O médico chegou há pouco tempo e deu a Shannon algum tipo de injeção para sedá-la. Ela está dormindo agora, enrolada em uma pequena bola e desmaiada na minha cama. Eu a segurei enquanto o médico cuidava dela, incapaz de soltá-la, até que ela finalmente cedeu e deixou o sono levá-la. Minha mãe ainda está na sala de estar com Darren e os meninos mais novos. Eles ainda estão chorando e soluçando. É demais para aguentar e eu sinto como se estivesse sufocando em suas dores. — Eu preciso não estar lá agora — eu admito com os joelhos batendo inquietos. Eu não posso fazer merda nenhuma naquela casa, mas posso ajudar meu pai a buscar Joey. Billy ligou para avisar o pai que Joey apareceu na casa e estava compreensivelmente histérico. Ele conseguiu passar pelas autoridades e fugir para a casa antes que os bombeiros o arrastassem de volta para fora. Os policiais não podiam ajudá-lo e não queriam prendê-lo ou contê-lo. Eles estavam procurando por um parente mais próximo, alguém para ajudá-lo e levá-lo para longe da área, mas tudo o que os Lynchs tem é uma bisavó de oitenta e poucos anos... e nós.

— Vai ser assustador — meu pai diz enquanto sobe a familiar colina para a casa de Shannon. — O fogo ainda não foi apagado, e eles podem não ter movido os corpos. Você tem certeza que pode lidar com isso?

— Eu vou ficar bem.

Ele olha de lado para mim.

— Johnny, você tem certeza?

Eu balanço a cabeça rigidamente.

— Eu preciso fazer isso, pai.

Chamas, fumaça e fogo são tudo que eu consigo ver, tudo que eu posso sentir quando meu pai para na rua. A realidade desaba sobre mim quando eu vejo a

casa de Shannon em chamas. Jesus Cristo, eu estive naquela casa apenas algumas horas atrás.

As crianças...

Shannon....

Um arrepio me atravessa.

Todos eles poderiam ter sido queimados até a morte.

— Pai — eu solto, os olhos fixos na ambulância e nos carros de bombeiros. — Eu tive a chance de salvá-la e não...

— Não — meu pai responde, me cortando enquanto estaciona o carro e se vira para mim. — Você salvou os filhos dela.

— Mas ela estava *bem* ali — eu falo me tremendo. — Bem na minha frente.

Eu deixo minha cabeça cair em minhas mãos.

— E agora eles não têm ninguém.

— Eles ainda nos tem — meu pai corrige, soltando o cinto de segurança. — E eu ainda tenho você.

Estendendo a mão, ele agarra meu pescoço e me força a olhar para ele.

— Você poderia ter morrido naquela casa esta noite — ele sussurra. — Eu poderia ter perdido meu menino...

Ele pressiona sua testa na minha e exala uma respiração irregular.

— Eu jogaria o tudo que eu tenho fora para manter com você comigo – eles inclusos – e não sinto muito por isso.

— Eu estou bem, pai — eu falo. — Estou bem...

— Então não faça isso consigo mesmo — ele ordena, alisando meu cabelo para trás. — Você fez tudo *certo*. Você é um *bom* homem. Você salvou os *filhos* dela.

— Eu me sinto responsável — confesso.

— *Não* sinta — ele responde com os olhos azuis de aço fixos nos meus. — Isso *não é* sua culpa. Isso é obra de um homem louco.

— Como ele pôde fazer isso? — Eu murmuro. — Não entendo...

— Nem eu, filho — meu pai responde. — E eu não quero.

Pressionando um beijo na minha testa, ele se inclina para trás e me olha diretamente nos olhos.

— Eu preciso ir buscar Joey agora — ele diz calmamente. — Você pode ficar no carro, Johnny. Você não precisa vir comigo...

A comoção em torno de um grupo de policiais chama minha atenção, e nós dois nos viramos para ver Joey se debatendo insanamente, jogando fora um

cobertor que eles estão tentando colocar sobre seus ombros. Ele está frenético e gritando enquanto tenta empurrar e invadir a casa. Ele está sozinho. O último Lynch, sozinho.

— Meus irmãos e minha irmã! — ele está gritando, enquanto empurra os policiais que o seguram. — Me deixem entrar!

— Não há mais ninguém dentro.

— Você está errado! — ele ruge. — Meus irmãos e minha irmã estão lá em cima! Eles estão dentro daquela casa. Você tem que me deixar pegá-los. Eu os deixei! Eu os deixei lá com ela!

— Ah merda — meu pai murmura, enquanto desce de sua Mercedes e corre em direção à casa. — Joey? Está tudo bem, rapaz.

— Eu os deixei lá! — ele continua a gritar. — Tire suas mãos de mim, seu porco imundo...

— Ah, merda. — Desafivelando meu cinto de segurança, abro a porta do carro e corro para a casa. Abaixando-me sob a fita, vou direto para o irmão da minha namorada, passando pelas autoridades que tentam me impedir. — Joe, está tudo bem...

— Kav — ele fala ao me notar. — Porra, eu os deixei lá.

Lágrimas escorrem por suas bochechas manchadas de fuligem quando ele se liberta do aperto de um dos policiais e corre direto para mim.

— Você tem que me ajudar a tirá-los — ele ofega, os olhos ardentes e as roupas cobertas de fuligem e manchas de fumaça. — Eu fui embora, fiquei chateado e fui embora, mas não consegui. Não podia deixá-los, então voltei, mas a casa estava... e minha mãe... porra, Shannon... Tadhg! Ninguém está me ouvindo...

— Eu peguei eles, Joey — eu respondo a ele, desesperado para fazê-lo me *ouvir*. — Eu os tirei daí.

— Você os *pegou*... — Sua voz falha. — Você os *tirou*?

Eu balanço a cabeça, tremendo.

— Ollie, Tadhg, Sean e Shannon.

— Merda... Darren. — O pânico enche seus olhos e ele dispara em direção à casa mais uma vez. — Meu irmão ainda está lá...

— Não, ele está na minha casa também. — Eu solto, arrastando-o de volta para mim. — Eles estão todos lá. Eu juro por Deus, cara, todos os seus irmãos e Shannon estão na minha casa agora.

Envolvendo meus braços ao redor dele, eu o seguro enquanto sussurro:

— Eles estão seguros.

Uma respiração irregular rasga sua garganta e ele cede contra mim.

— Vocês dois precisam sair daqui — um bombeiro ladra. — Não é seguro.

— Nós estamos indo — eu falo, recuando com Joey em meus braços. — Vamos, cara...

Minha respiração fica presa na garganta quando meu olhar pousa nos sacos de corpos sendo levados para a traseira de uma ambulância. Eu viro nós dois, tentando desesperadamente bloquear a imagem da minha cabeça e da dele.

— Você não precisa assistir isso.

— Isso é minha culpa — ele sussurra.

— Não. — Balançando a cabeça, eu o puxo de volta para baixo da fita e vou direto para o carro do meu pai. — Não é.

Levantando meu olhar para encontrar o de meu pai, faço um gesto para ele entrar.

— Isso é culpa dele, Joey. Não sua.

— Eu estava chapado — ele fala. — Perdi a cabeça e os deixei.

— E se você ficasse, você teria desmaiado em sua cama — eu ladro. — Darren não estaria tentando te encontrar, Shannon não estaria acordada para me ligar, e todos vocês teriam morrido queimados enquanto dormiam!

— Jesus Cristo — ele sussurra, endurecendo em meus braços. — Minha mãe...

— Isso *não é* sua culpa — Eu praticamente rosno em seu ouvido enquanto levo-o para o banco de trás do carro do meu pai e subo ao lado dele. — Então não se atreva a deixar esse bastardo entrar na sua cabeça!

Afundando no banco, Joey inclina a cabeça para trás e fecha os olhos, imóvel como uma estátua e silencioso como um fantasma.

— Você não causou isso — eu repito, me inclinando para apertar o cinto de segurança. — Ele causou isso.

— Joey — meu pai diz do banco do motorista enquanto liga o motor e se afasta da casa. — Você vai voltar para casa conosco agora, ok?

Ele começa a tremer violentamente, mas não responde. Mantendo os olhos bem fechados, Joey coloca as mãos nos joelhos para se firmar.

— Nós vamos cuidar de você — meu pai continua, mantendo sua voz calma e firme. — E isso não sou eu perguntando a você, filho, isso sou eu te dizendo.

— Eu deveria estar aqui — ele sussurra, tremendo. — É meu trabalho mantê-los seguros.

— Eles *estão* seguros. — Estendendo a mão, coloco um braço em volta de seus ombros. — E você também.

— Não. — Ele balança a cabeça e eu vejo uma lágrima escorrer pelo seu rosto. — Era meu trabalho manter *ela* segura.

— Eles vão me odiar — Joey sibila, se afastando da porta da sala de estar quando finalmente conseguimos convencê-lo a sair do carro para entrar em casa. — Eu não posso fazer isso. Eles vão me culpar...

Ele se vira para sair, mas meu pai aperta as mãos em seus ombros, forçando-o a manter contato visual com ele.

— Ninguém poderia te odiar — meu pai fala, segurando Joey com medo de que ele fuja. Era uma possibilidade muito grande com esse cara. Ele era um possível fugitivo. — E ninguém está culpando você por nada.

— Me solta — Libertando-se do aperto de meu pai, ele se afasta violentamente. — Eu não quero que você me toque.

— Está tudo bem — meu pai responde calmamente. — Você está seguro.

— Eu fodi com tudo — ele solta, segurando seu cabelo com as mãos. — Eu fodi com tudo.

— Então vamos consertar isso — meu pai fala. — Eu posso te ajudar, Joey, mas você precisa me deixar.

— Eu não preciso de sua ajuda — ele solta. — Eu só preciso...

Ele olha ao redor descontroladamente, parecendo encurralado e assustado. Dando alguns passos para trás, ele passa a mão pelo cabelo sujo de fuligem e pergunta:

— Onde está Shan? — Tremendo, ele olha ao redor mais uma vez, claramente agitado e assustado. — Onde está minha irmã?

— Ela está lá em cima dormindo — eu digo a ele, tentando manter minha voz firme. — No meu quarto. Você pode ir até ela se quiser, cara.

Eu falo, me aproximando dele com as mãos para cima.

— O que você quiser fazer...

— Não me toque — ele cospe, batendo na mão do meu pai quando ele estende a mão para ele. Parecendo assustado, ele balança a cabeça e sussurra: — Apenas... fique para trás.

— Joey, está tudo bem — eu falo, fechando o espaço entre nós. — Você está bem...

— Não me toque, porra! — ele sibila novamente, empurrando meu peito. — Eu não quero...

A porta da sala se abre antes que ele tenha a chance de terminar sua frase e minha mãe aparece na porta.

— Ah, Joey, amor — minha mãe soluça, indo direto para Joey. Não parando até que suas mãos estão segurando seu rosto, minha mãe olha para ele. — Oh, meu pobre bebê — ela o acalma, puxando a cabeça dele para descansar em seu ombro. — Venha cá.

Segurando minha respiração, eu o observo com cautela, rezando para que ele não faça nada neste momento para me fazer ter que machucá-lo. Se ele atacar minha mãe, aflito ou não, eu perderei a cabeça.

Exalando uma respiração irregular, ele cai contra ela, os braços disparando para agarrá-la com força.

— O que eu vou fazer?

— Estou aqui — minha mãe sussurra em seu ouvido enquanto acaricia seu cabelo e acaricia suas costas. — Shh, estou aqui para você, Joey, amor.

— Você voltou — Ollie soluça enquanto saí correndo da sala de estar. — Tadhg! Joey está aqui.

A minha mãe dá um passo para o lado no momento em que Ollie se joga no irmão.

— Eu sabia que você voltaria — ele chora. — Eu disse a todos eles.

— O-ee — Sean chora, cambaleando para o corredor com as mãos estendidas. — O-ee!

Afundando de joelhos nos ladrilhos do corredor, Joey pega seu irmãozinho em seus braços.

— Sinto muito, Seany-boo. — Fungando, ele engancha um braço em torno de Ollie e segura os dois meninos em seu peito. — Eu sinto muito, Ol.

— A mamãe está no céu — Ollie chora. — Os polícias disseram que papai a levou embora.

Fungando, Joey assente e os puxa para mais perto.

— Está bem.

Minha mãe enterra o rosto no peito do meu pai, soluçando baixinho.

— Shh — meu pai sussurra, envolvendo um braço ao redor dela. — Está tudo bem, querida.

— Mas ela se foi — Ollie chora. — Foi para o céu sem nós.

— Mamãe — Sean chora. — Mamãe se foi.

— Ela não se foi, pessoal — Joey sussurra, fungando. — Ela é apenas um anjo agora.

— Um anjo? — Ollie funga, olhando para Joey. — Com asas?

— Sim. Asas grandes e bonitas — ele solta, enxugando a bochecha contra o ombro. — Um anjo especial só para vocês.

— E papai? — Sean pergunta, parecendo cauteloso. — Ai, ai.

— Papai se foi — Joey promete. — Não tem mais ai, ai, Sean.

— A mamãe é um anjo? — Ollie sussurra, soando quase reverente. — Uau.

— Sim, e ela está olhando você agora lá de cima — Joey continua a falar em voz baixa e abafada para seus irmãos. — Ela não quer ver você chorando. Isso a deixaria triste. Você precisa ser f-feliz... — sua voz falha e ele puxa várias respirações afiadas antes de continuar — Tenha pensamentos felizes, ok?

— Você foi embora. — A voz aguda de Tadhg vem da porta da sala de estar. Lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto ele olha para Joey, a mandíbula dura. — Você nos *deixou*, porra!

— Deixe-o em paz — Ollie defende, fungando. — Ele está de volta agora.

— O-ee, não vai — Sean murmura. — O-ee fica com Sean.

— Eu sei — Joey engasga, a voz trêmula, enquanto olha para seu irmão. — Eu sinto muito.

— Te odeio! — Um pequeno soluço de dor rasga da garganta de Tadhg, e então ele está correndo, correndo contra Joey, dobrando-se nos braços de seu irmão mais velho. — Eu te odeio pra caralho

Tadhg soluçou enquanto se agarrava a Joey.

— Eu te odeio tanto.

— Eu sei. — Apertando os olhos fechados, Joey segura os três meninos contra ele. — Eu também.

— Vocês o encontraram — disse Darren, a voz cheia de emoção e alívio, enquanto ele está na porta onde Tadhg acabou de vir, os olhos fixos em meu pai. — Obrigado.

Cambaleando para frente, ele hesita por um breve momento antes de se deitar ao lado de seus irmãos.

— Oi, Joe.

— Oi, Dar — Joey sussurra, olhos verdes colados em seu irmão.

— Você está bem?

Joey balança a cabeça e seu rosto se contorce de dor.

— Olhe para mim... — Segurando o rosto em suas mãos, Darren pressiona sua testa na de Joey e exala uma respiração irregular. — Você fez mais por ela do que qualquer outra pessoa.

Joey cerra os olhos.

— Eu não fiz o suficiente...

— Você fez — corrige Darren, a voz rouca e rouca. — Você é a razão pela qual eles sobreviveram tanto quanto conseguiram. Não eu ou qualquer outra pessoa. Só você.

Lágrimas escorrem por suas bochechas.

— Não, eu deveria estar lá...

— *Você* — ele repete. — Você não poderia ter feito mais nada.

Silenciosamente, meus pais conduzem Tadhg, Ollie e Sean de volta à sala de estar, dando a Darren e Joey um pouco de privacidade.

— Eu os deixei — Joey solta, deixando cair a cabeça no ombro de Darren. — Eu fiz isso com eles. Eu. Eu fui *embora.*

— Você não deixou ninguém — sussurra Darren, passando a mão sobre a cabeça de seu irmão. — Você apenas deu um tempo.

— Estou com problemas, Darren — ele diz entre soluços. — Eu tenho um problema e não posso parar.

— Eu sei — Darren o acalma, segurando-o. — Nós vamos conseguir alguma ajuda para você, Joe. Eu prometo.

— Ele conseguiu — Joey engasga, chorando muito agora. — Ele finalmente acabou com ela...

Sua voz falhou e ele soltou um grande soluço.

— Jesus Cristo, ele a queimou viva...

O som de um motor de carro vem de fora e eu me viro e me movo trêmulo para a porta. Eu não posso ficar aqui. Eu não posso ouvir a dor deles nem mais um segundo. Abrindo a porta da frente, praticamente corro para a escuridão da noite, cambaleando para longe da casa na minha tentativa de obter alguma clareza.

Quando meus olhos pousam no Ford Focus prateado estacionado do lado de fora, e na familiar cabeça loira saindo, sinto meu corpo ceder debaixo de mim.

— Te peguei, Johnny — Gibsie diz, envolvendo seus braços em volta de mim pouco antes de eu desmoronar em uma pilha. — Estou bem aqui, cara — ele sussurra, descendo nós dois para o cascalho no chão. — Deixe sair.

Então eu deixo.

— Você salvou a vida deles, Johnny — Gibsie declara quando eu consigo me recompor o suficiente para contar a ele o que aconteceu. Estamos sentados, lado a lado, em nossa velha e desgastada casa na árvore, nos fundos da minha casa, olhando o sol nascer sobre as montanhas. — Todos eles.

— Você deveria ter visto o bebê, cara. Ele estava encharcado de uísque. — Tremendo, eu engancho meus braços em volta dos meus joelhos e engulo um grito. — No momento, eu nem pensei nisso... eu só pensei que aquele bastardo bêbado derramou sua bebida nele ou algo assim.

Eu balanço minha cabeça, me sentindo perdido e confuso.

— Eu não entendi, Gibs.

— Por que entenderia? — ele responde, espelhando minhas ações. — Quem faz algo assim?

— Ele — eu murmuro, ainda cambaleando.

Gibsie suspira pesadamente.

— Eles estão todos em sua casa agora?

— Sim, eles estão lá dentro com meus pais. Eu só... eu tive que sair e respirar um pouco. — Eu dou de ombros impotente. — É muito perturbador.

— Você fez bem, Johnny — ele responde calmamente.

— Ela estava *bem* lá — eu solto com os olhos se enchendo de lágrimas. — Olhando bem nos meus olhos. Eu disse a ela que voltaria para buscá-la.

Fecho os olhos com força e estremeço com a memória.

— Ela parecia resignada, Gibs. Como se ela *soubesse.*

— Ela provavelmente sabia, cara — ele me diz. — E seriamente você deve ter dado a ela uma paz. Ver os filhos dela saindo? Sabendo que eles estarão seguros? Você deu isso a ela, cara. Ela não podia ir a lugar nenhum. Ela sabia disso. Se ela tivesse tentado ir embora com você e ele acendesse aquele fósforo, todos vocês teriam morrido queimados antes de ter a chance de piscar duas vezes... você e Sean incluídos.

— Por que ele faria isso? — Eu sussurro, tremendo ao perceber o quão perto da morte eu cheguei. — Por que alguém faria *isso,* Gibs?

— Eu não sei, Johnny — ele responde.

— Não faz nenhum sentido — eu solto.

— Não — ele concorda com um suspiro pesado. — Não mesmo.

— Estou tão assustado — confesso, mordendo meu lábio. — Eu continuo pensando, e se ele se virasse quando estávamos no corredor?

Eu estremeço novamente.

— O que diabos teria acontecido com aquelas crianças...

— Mas isso não aconteceu porque você os tirou — Gibsie me lembra. — Você está seguro, cara.

— Ela os tirou, também. — Eu me viro para encará-lo. — Ela me ajudou, cara, e eu sei que isso parece fodido, mas ela ajudou. Era como se ela estivesse... *querendo* que eu os tirasse de casa.

Eu estremeço.

— E uma vez que eu fiz? Ela apenas se virou e voltou para ele. Ela... se *sacrificou* por aquelas crianças. Por mim...

— Merda — ele sussurra.

— Sim. — Eu balanço a cabeça. — Merda.

Ficamos em silêncio por vários minutos antes de Gibsie finalmente se levantar e se mover para a escada.

— É melhor eu ir indo — ele diz — Minha mãe está à beira de um colapso.

— Gibs?

— Sim, cara?

— Não vá para casa ainda, ok?

Ele para na escada, as mãos segurando a moldura de madeira, e eu observo uma infinidade de emoções brilharem em suas feições. Finalmente, ele sobe de volta e recupera o espaço ao meu lado.

— Sabe, se você queria ver o sol nascer comigo, você só tinha que dizer, cara — ele sugere, cutucando meu ombro com o dele.

— Sim — eu sufoco uma risada oca. — É isso mesmo.

69
Reconstruindo
Johnny

— O que você está fazendo aí em cima, cara? — Gibsie pergunta na tarde de sexta-feira quando me encontra no campo nos fundos da casa. Faz quatro dias desde o incêndio, desde que o mundo de Shannon e de seus irmãos desmoronou e eu nunca me senti mais impotente em minha vida. O sol está contornando as pedras e eu estou aqui desde que amanheceu e o choro recomeçou. Cansado dos assistentes sociais e da polícia, sem mencionar os amigos e parentes da família, mantive distância de casa. Nada do que eu digo ou faço parece estar ajudando, então decidi me afastar da situação. Não o suficiente a ponto que eu não possa voltar se ela precisar de mim, mas o suficiente para dar a ela algum espaço com sua família.

Além disso, as pessoas estão ligando para a cá o dia todo, todos os dias desde que aconteceu, e se eu tivesse que ouvir o discurso *"você é um herói, jovem"* mais uma vez, eu vou perder a cabeça. Eu não sou nenhum herói; eu amo minha namorada e fiz o que qualquer outro cara na minha posição teria feito.

— Você tem medo de altura, Johnny — Gibsie me lembra, como se fosse algo que eu possa esquecer facilmente. — E você está bem alto aí, amigo.

— Estou reformando nossa velha casa na árvore — respondo enquanto balanço de um galho do velho carvalho, com um martelo e pregos na mão. — E eu não tenho medo de altura — eu disse. — Sou bem cauteloso com qualquer coisa que represente a ameaça de eu cair até a morte.

— Faz sentido. — Com as mãos nos quadris, Gibsie olha para mim, expressão pensativa. — Então, por que estamos reformando o forte?

— Porque eu preciso fazer alguma coisa — explico. — E eu não posso fazer nada em casa.

— Você foi treinar hoje?

— Não.

— Para academia?

— Não.

Ele suspira pesadamente.

— Johnny...

— Eu preciso fazer isso, Gibs — eu solto com a voz cheia de emoção. Eu me sinto inútil e isso não é um bom presságio para mim. Eu não posso consertar isso para ela e não posso mudar o que aconteceu. — Eu preciso consertar *algo.*

— Então vamos consertar isso — Gibsie responde simplesmente. — Vou chamar os rapazes.

Dentro de uma hora, Hughie e Feely chegam em um dos tratores e reboques do pai de Feely, trazendo placas velhas e tábuas de madeira.

— Espero que você não se importe, Capi, mas minha mãe veio junto com Claire e Lizzie — Hughie bufa enquanto puxa um pneu de trator da traseira do trailer e o rola até o tronco da árvore. — Elas entraram.

— Que pena sobre Lizzie, a víbora — Gibsie murmura, jogando algumas tábuas velhas para o lado. — Espero que ela esteja de bom humor.

Dou de ombros, sem diminuir o passo, enquanto arranco o piso da velha casa da árvore e jogo as tábuas para Gibsie.

— Não pode machucar.

Depois disso, todos nós trabalhamos em silêncio. Eu não acho que nenhum de nós quer estar lá dentro agora. Eu não posso deixá-la, mas eu não posso consertar isso, e a culpa que eu estou sentindo está me afogando. É insuportável e eu estou perto do meu ponto de ruptura. Ao longo da tarde e da noite, minha mãe entra e sai com bandejas de sanduíches e frascos de chá, mas nenhum de nós para por tempo suficiente para conversar.

— Quando é o funeral? — Feely pergunta depois de algumas horas trabalhando juntos em um silêncio sociável.

— Depois da missa do meio-dia na segunda-feira — respondo, sentindo meu peito apertar com o pensamento. — Eles só pegaram os corpos de volta esta manhã... com as autópsias que eles tiveram que realizar e toda essa merda.

— Então, o rosário é amanhã à noite, e a remoção é no domingo?

Eu balanço a cabeça rigidamente.

— É um funeral fechado, obviamente, também serão caixões fechados.

Feely suspira pesadamente.

— Merda, cara.

— Sim. — Limpando minha testa com meu antebraço, exalo um suspiro pesado. — Me joga uma garrafa de água, por favor?

Trancando minhas pernas ao redor da peça em que eu estou me equilibrando, tiro minha camiseta e a jogo longe.

— Estou malditamente derretendo aqui.

— Você não é o único suando — Feely resmunga, jogando uma garrafa para mim. — Estou vermelho como uma lagosta.

Olho para seus ombros nus e estremeço.

— Ah, cara. Você devia colocar um pouco de protetor em seus ombros.

— Eu coloquei — ele rosna. — Nem todos nós nos bronzeamos como você, Capi.

Olho para mim mesmo e dou de ombros.

— Eu não estou tão bronzeado.

— *Ainda* — responde Feely. — Tenha uma semana neste clima e você vai parecer que passou a porra do verão em Oz.

— Ah agora, não fique com inveja, amigão. Você tem o bronzeado de um grande fazendeiro — Gibsie oferece. — Seus braços são adoráveis.

— Eu *sou* um fazendeiro — Feely rosna. — Mas obrigado, Gibs. Eu aprecio o sentimento. Seus braços são adoráveis também.

— Eu sou adorável por inteiro — Gibsie corrige, gesticulando para seu peito bronzeado. — Tenho uma pele pálida — acrescenta ele com uma piscadela. — O sol me ama.

— Bom para você — Feely retruca com raiva.

— Alguém precisa falar à sua mãe para guardar a estátua do Menino Jesus de Praga de volta para dentro, cara — Hughie bufa. — Está quente o suficiente e você não terá feno até junho.

— Ela é supersticiosa — Feely diz com um encolher de ombros evasivo. — E eles estão na silagem esta semana, então ela não vai tirá-lo do campo por um tempo.

— Ótimo — Hughie geme. — Nós vamos sufocar então.

— Vocês são tão estranhos — eu rio. — Você acredita seriamente que colocar uma pequena estátua sagrada em um campo traz o bom tempo?

— Pode ter certeza que sim, garoto da cidade — Gibsie retruca. — É cem por cento eficaz. O mesmo que quando minha avó acende uma vela para mim antes das provas. É garantido.

Reviro os olhos.

— Culchies.

— Ei... e quanto a Joey? — Hughie pergunta então. Cobrindo os olhos do sol, ele olha para mim e pergunta: — O que está acontecendo nessa parte?

Me inclino e pego outra tábua de Gibsie antes de arrastá-la e colocá-la nas vigas da casa da árvore.

— A reabilitação irá enviar alguns caras para levá-lo após o culto na segunda-feira.

— Jesus — Hughie murmura, esfregando a mandíbula. — O que diabos ele pensou ao se misturar com as drogas?

— Ele provavelmente pensou que seu pai era um idiota psicótico que passou o maior de sua vida batendo nele e que queria uma fuga — Gibsie retruca, puxando sua camiseta do bolso de trás do seu jeans e utilizando para enxugar a testa. — Nenhum de nós sabe o que ele passou, Hugh, não estivemos no lugar dele, então não o julgue.

— Eu não estou julgando ele — Hughie responde, levantando as mãos. — Só sinto muito por ele, por todos eles. Eu me lembro quando Shannon começou a andar com Claire. Ele era tão irritante e protetor com ela. Eu nunca consegui entender. Nós não fomos para a mesma escola primária ou qualquer outra coisa, mas nós tínhamos a mesma idade e eu não conseguia entender por que ele se importava tanto com sua irmãzinha. Eu não suportava Claire quando éramos pequenos, mas Joey? Ele era grudado com Shannon para onde quer que fosse. Agora eu sei por quê.

— Quanto tempo ele vai ficar fora? — Feely pergunta.

— Durante o verão — eu respondo, me sentindo entorpecido até os ossos enquanto bato na tábua. — É um programa de noventa dias, mas depende de como ele lida. Pode demorar mais. Pode demorar menos.

Dando de ombros, acrescento:

— Ele quer fazer isso.

— Isso é bom — Gibsie concorda, tom firme, enquanto me passa outra tábua para martelar. — Ele tem apenas dezoito anos. Ele tem uma chance tão boa quanto qualquer um de vencer isso.

— E o resto deles? — Feely pergunta. — O que acontece com Shannon e os mais jovens?

— Eles vão ficar aqui — eu digo. — Meu pai pressionou para ter uma audiência de emergência. Ele e minha mãe foram aprovados para uma tutela temporária.

— E Darren está bem com isso? — Gibsie pergunta, parecendo confuso.

— Aparentemente, ele apoiou — eu digo cansado. — Ele ainda está hospedado aqui.

— Mas ele não vai ficar para sempre, certo? — pergunta Gibis. — Ele vai voltar para Belfast eventualmente?

— Quem sabe, cara. — Dou de ombros, me sentindo estúpido por não ter as respostas. — Meus pais disseram que ele pode ficar o tempo que quiser.

— E Shannon? — Feely pergunta. — Como ela está?

Meus ombros caem em derrota.

— Ela está uma bagunça.

— Onde ela está agora?

— A última vez que a vi, ela estava com Joey — murmuro. — Eles estão escondidos em um dos quartos de hóspedes juntos. Eles não saem um do lado do outro.

Eu balanço minha cabeça.

— Eles são como ímãs.

— E quanto aos outros?

— Eu não sei se Sean entende o que está acontecendo, mas Ollie e Tadhg são tão bons quanto você pode esperar, dado o fato de que seu pai acabou de queimar a si mesmo e a mãe deles vivos — eu falo a eles.

Feely se encolhe.

— Jesus.

— Eu nem sei o que dizer, cara — Hughie solta. — Eu sinto muito.

— É? Bem, eu também. — Voltando minha atenção para a casa da árvore, coloco a última tábua do piso no lugar. — Eu deveria tê-la arrastado para fora daquela casa comigo quando tive a chance.

Furioso comigo mesmo e com todo o maldito mundo, jogo o último prego no chão, e então jogo meu martelo para garantir.

— O sangue dela está em minhas mãos. Essas crianças não têm mãe porque eu a deixei naquela casa. Com *ele*. Eu a olhei nos olhos e fui embora. Eu a deixei para queimar. É *minha culpa*.

— Não, porra, não é! — Gibsie retruca, subindo a velha escada frágil para se juntar a mim na casa da árvore com piso novo. — Nós já passamos por isso... aquele cara era uma explosão ambulante, Johnny! A casa inteira estava preparada para pegar fogo no minuto em que aquele psicopata acendesse aquele fósforo — ele continua a reclamar. — Você salvou quatro vidas, cara. Quatro vidas

inocentes... cinco, incluindo você mesmo. Não se puna, porque *você* fez mais por essa família do que qualquer outra pessoa.

— Eu apenas me sinto responsável — eu engasgo.

— Oh, você será responsável — Gibsie retruca, os olhos estreitados. — Por eu te jogar da porra dessa árvore se eu ouvir essa merda sair da sua boca novamente.

— Eu apenas...

— Você *não é* responsável!

— Mas eu...

— Hughie, me traz o martelo — Gibsie ordena. — Eu vou colocar algum senso em seu grande e estúpido cérebro!

— É como eu me sinto, cara — eu rebato.

— Então seus sentimentos estão todos fodidos! — Gibsie contra-ataca. — Então, pare com isso!

— Pare com isso?

— Sim. Pare com isso — Gibsie rosna. — Pare de se sentir assim. É estúpido. É inútil. Você está se tornando miserável. Você é um maldito herói e se você não se comportar e se controlar, você será um herói morto porque eu vou te matar, Johnny. Você sabe que eu vou fazer isso!

— Uh, essa provavelmente não é a melhor ameaça dadas as circunstâncias, Gibs — Hughie interrompe.

— Eu sei como é, Johnny — Gibsie ladra. — Eu estive aí, então posso dizer para você parar. Eu tenho o direito e a experiência de dizer para você se controlar. Você fez o que podia e fez um trabalho muito bom. Agora *chega*. Pare de se torturar. Remoer isso não vai mudar o que aconteceu com ela. Tudo o que vai mudar é o que acontece com *você,* no presente e no futuro.

Eu olho através da casa da árvore para ele por um longo momento antes de um sorriso relutante puxar meus lábios.

— Você seria um conselheiro terrível, porra, Gibs.

— Você está sorrindo, não está? — ele retruca, me dando um sorriso torto.

— Muito verdadeiro — Feely medita do chão, martelo na mão. — Você precisa disso?

— Isso depende — Gibsie responde, mantendo os olhos fixos nos meus. — Eu vou ter que martelar algum juízo em você, Johnny?

Eu balanço minha cabeça em derrota.

— Não, você já fez isso, cara.

— Bom. — Gibsie assente em aprovação. — E aqui está outra coisa que vai acontecer...

Balançando para baixo de um galho, ele cai de pé e se espreguiça antes de se virar para olhar para mim.

— Nós vamos terminar esta casa na árvore. Vamos torná-la a melhor reforma imaginável e colocar um sorriso de volta nos rostos daqueles meninos. E então vamos treinar, porque *você* estará pronto para aqueles treinadores irlandeses amanhã de manhã.

— Gibs. — Eu balanço minha cabeça. — Eu não posso ir agora...

— Você está indo, Johnny Kavanagh — ele diz, me cortando — mesmo se eu tiver que amarrá-lo nas minhas costas e levá-lo lá por conta própria! Este é o seu futuro, e você não o está jogando fora. Nem no inferno eu estou deixando isso acontecer.

— Jesus — eu murmuro, esfregando minha mandíbula. — Quando você ficou tão mandão?

Gibsie dá de ombros.

— Às vezes, o Robin tem que assumir a liderança.

— Robin? — Hughie ri. — Você realmente se referiu a si mesmo como Robin?

— Então, o Capitão é o Batman e você é o Robin? — Feely medita. — Hmm. Faz sentido.

— Você está tão fodido na cabeça — Hughie ri.

— Poderia ser pior — Gibsie retruca com um sorriso. — Nós poderíamos ser como vocês dois.

— Oh, é?— Hughie provoca. — E o que seria?

— Sim — Gibsie concorda, sorrindo. — Bebop e Rocksteady[13].

— Eu não sou Bebop *ou* o Rocksteady! — Hughie bufa, parecendo ofendido. — Se eu sou alguma coisa, eu sou Robin!

— Uh-hum. — Gibsie riu. — E você diz que eu estou fodido da cabeça? Sim, *tudo bem*, Bebop.

— Isso não faz sentido — argumenta Hughie. — Eles são de dois desenhos completamente diferentes.

— Exatamente — Gibsie fala lentamente. — Assim como estamos em dois níveis completamente diferentes.

Sorrindo, ele coloca a mão sobre a cabeça e diz:

— Estou aqui com sua irmã, e você está... — ele coloca a mão na cintura. — bem aqui embaixo.

— Feely, me dê o martelo — Hughie rosna enquanto se aproxima de Gibsie. — Eu vou enterrar esse filho da puta, de uma vez por todas.

70
Eu te vejo
Shannon

— A vovó está lá embaixo com Darren — eu sussurro, sentando na beirada de sua cama, acariciando sua testa úmida. — Você quer descer e vê-la?

Ele não responde. Em vez disso, ele apenas continua a tremer e agarra o travesseiro que pressiona contra o estômago. Pelo menos ele não está mais vomitando. Para ser honesta, eu não acho que há algo dentro dele para vomitar. Seus olhos estão vazios, assombrados, como orbes verdes em sua cabeça. Nada parecia estar acontecendo.

— Joe?

Silêncio.

— Por favor, fale comigo — eu imploro, tirando seu cabelo loiro de seus olhos.

Nada.

Uma lágrima escorre pelo seu rosto e eu estendo a mão para limpá-la.

— Eu te amo. — Me inclinando, pressiono minha bochecha na dele. — Tanto.

Sem responder, ele continua deitado de lado, de frente para a janela e olhando para nada em particular. Os médicos vieram e foram várias vezes nos últimos dias desde o incêndio. Segundo eles, meu irmão está sofrendo de abstinência. Ele admitiu para a Sra. Kavanagh e Darren que ele está usando drogas pesadas há meses e meses antes de eu acabar no hospital. Eu não sabia. Eu não percebi os sinais. Ele também está em choque, e eu estou com medo de sair do seu lado caso ele fuja novamente. Olhando para ele agora, eu não tenho certeza se ele tem energia para se levantar da cama, mas eu nunca posso ter certeza com Joey. Ele é tão imprevisível quanto um verão irlandês.

Eles o levarão embora em breve. Assim que o funeral terminar, ele irá para um centro de reabilitação para melhorar. Em um lugar que eles possam tratar seus vícios e sua saúde mental. Eu não entendo por que ele tem que ir embora, e eu não quero que ele vá, mas ele mesmo assinou a papelada antes de parar de

falar. Ele *quer* ir embora, e eu estou apavorada com a chegada da segunda-feira, porque honestamente não sei como sobreviverei a tudo isso sem ele.

Uma batida suave vem do outro lado do quarto em que Joey está e a cabeça da Sra. Kavanagh aparece pela fresta da porta.

— Olá, Shannon, amor — ela diz, sorrindo calorosamente para mim. — Você tem duas visitas aqui para vê-la.

Minha respiração engata na minha garganta e eu endureço. Eu não aguento mais assistentes sociais ou policiais Eu estou muito cansada.

— Eu não...

— Claire e Lizzie — Sra. Kavanagh se apressa a explicar. — Elas estão lá embaixo na sala de estar, querida.

— Eu, uh... — Eu hesitei, não querendo deixar meu irmão. — Talvez... eu não devesse deixá-lo...

— E eu tenho uma visita para você também, Joey — Sra. Kavanagh anuncia em um tom gentil. Ela empurra a porta totalmente aberta para revelar Aoife ao lado dela. — Entre, amor.

Eu entro em pânico ao ver sua namorada, sabendo que a última vez que Joey falou, ele nos avisou para *não* deixá-la entrar. Ele fez Darren prometer mantê-la longe. Ele não a queria aqui. Ele não queria que ela o *visse*.

Joey permanece completamente imóvel, ainda segurando o travesseiro, ainda olhando pela janela, enquanto Aoife entra no quarto.

— Você não pode se esconder de mim — ela diz a ele enquanto se move direto para ele. — E você também não pode desistir.

Eu o observo cuidadosamente, rezando por algum tipo de reação e, em seguida, sentindo uma pontada de alívio disparar por mim quando ele estremece ao som de sua voz.

Me levantando, fico perto da cama, sem vontade de deixá-lo, os olhos grudados em Aoife enquanto ela se senta ao lado da cama que ele está deitado.

— Meu Joey — ela sussurra, segurando seu rosto em sua mão. — Meu baby.

Um estremecimento o percorre e ele aperta o travesseiro, os pés se contraindo esporadicamente.

Inclinando o rosto perto dele, ela gentilmente o acaricia com o nariz.

— Volte para mim — ela fala suave, sussurrando em seu ouvido enquanto ela passa a mão sobre seu cabelo e então em sua bochecha e mandíbula. — Porque eu não vou desistir de você.

Ele treme mais forte, membros dando espasmos, enquanto um gemido de dor rasga de sua garganta.

Meus olhos se arregalam em choque. É o primeiro barulho que ele faz em dias.

— Eu sei — Aoife continua a sussurrar enquanto o toca e o acaricia como se ele fosse uma criança pequena. — Você está aí, não está? Hmm?

Ela dá um beijo no canto de sua boca.

— Eu vejo você, Joey Lynch. — Ela acaricia seu nariz contra o dele e sussurra: — Você não pode se esconder de mim.

A mão dele dispara então, se movendo direto para o estômago dela.

— Isso — ela encoraja, puxando a cabeça dele em seu colo e embalando-o lá. — Volte para mim, baby.

Outro ruído doloroso rasga de sua garganta e ele enterra o rosto em seu estômago, tremendo violentamente.

— Está tudo bem — ela sussurra, se inclinando sobre seus ombros largos para abraçá-lo. — Você não pode me assustar.

Seus cabelos loiros caem ao redor deles enquanto ela sussurra:

— Você é meu, lembra?

— Vamos, Shannon, querida — Sra. Kavanagh limpa a garganta e diz e eu tiro meus olhos do meu irmão para olhar para ela. Ela sorri tristemente. — Vamos dar a Joey e Aoife algum tempo sozinhos.

Relutantemente, concordo e sigo a Sra. Kavanagh para fora do quarto, observando enquanto ela fecha a porta do quarto atrás de nós. Nervosa e insegura, eu a sigo, os pés vacilando quando chegamos ao topo da escada e ouço todas as vozes diferentes vindo do andar de baixo.

— Eu não sei — eu solto, protelando.

— Hum? — A Sra. Kavanagh volta a olhar para mim. — O que você disse, querida?

— Eu não tenho certeza — eu solto, agarrando o corrimão. Inclino minha cabeça para as escadas e me mexo desconfortavelmente. — Tem muita gente lá embaixo.

Os olhos da Sra. Kavanagh se enchem de simpatia.

— Oh, minha pequenina. — Ela fecha o espaço entre nós e me puxa em seus braços. — Você está segura conosco.

— Eu tenho que ir lá embaixo? — Eu sussurro, tremendo. — Eu estou com medo.

— Do que você tem medo, Shannon? — ela pergunta. — Hmm? Nada vai te machucar de novo, querida.

— Realidade — eu admito. — Encarar todos.

— A realidade pode ser assustadora — ela concorda, pegando minha mão na dela. — E enfrentar isso pode ser pior ainda, mas você é uma garota forte.

Sorrindo para mim, ela acrescenta:

— E você pode fazer isso, Shannon Lynch. Eu sei que você pode.

Solto um suspiro trêmulo.

— Mesmo?

Sorrindo, ela assente.

— Mesmo.

Exalando uma respiração irregular, eu solto meu aperto no corrimão e desço as escadas, agarrando sua mão por tudo que é mais sagrado, sabendo que essa mulher deve ter caído do céu porque ela quer nos ajudar. Quer nos *manter*. *Todos nós.* Eu não a entendia, provavelmente nunca entenderia, mas sei que nunca queria sair desta casa. Ela é boa e gentil, e me faz sentir *segura*.

— Johnny está por perto? — Eu pergunto quando chego ao último degrau, me forçando a fazer a pergunta e sentindo meu coração bater rapidamente com a pressão que estou sofrendo.

— Ele está por perto, amor — a Sra. Kavanagh responde. — Ele está no campo lá atrás com os meninos.

Eu não tinha visto muito Johnny desde aquela noite. Tudo está acontecendo tão rápido e eu tive tanto medo de deixar Joey sozinho que não passei nenhum tempo com ele. Eu estou sentindo sua ausência no mais profundo de mim, o que é ridículo, considerando que eu estou hospedada em sua casa.

— Devo chamar ele? — Sra. Kavanagh pergunta, arrastando meus pensamentos de volta ao presente. — Ele vem direto para casa, Shannon. Eu sei que ele adoraria passar algum tempo com você...

— Oh, não, não — eu me apresso a dizer, soltando minha mão em sua mão. — Está tudo bem, por favor, não o incomode.

Engolindo profundamente, forço um sorriso.

— Ele está com seus amigos.

— Tem certeza? — ela pergunta, olhando-me com preocupação. — Eu sei que você não o incomodará nem um pouco.

Não.

— Tenho certeza — eu murmuro, juntando minhas mãos. — Eu vou, uh, eu vou dizer oi para as meninas agora, se estiver tudo bem?

— É claro. — Dando um passo para trás, ela acena para mim em direção à sala de estar. — Você não precisa pedir permissão a ninguém.

— Obrigada — eu digo a ela em uma voz cheia de emoção. Girando antes que eu perca o controle, eu me forço a respirar lentamente enquanto faço meu caminho pelo corredor chique e deslizo para dentro da sala de estar.

Minha bravura, determinação e controle sobre minhas emoções flutuam para longe do meu alcance no momento em que coloco os olhos em minhas duas melhores amigas.

— Shan — Claire choraminga se levantando do sofá.

— Oh, Shan — Lizzie engasga, se juntando a ela.

— Eu sinto muito pelos seus pais — Claire sussurra.

— Eu também — Lizzie sussurra. — Você está bem?

Meu rosto se contorce de dor e eu balanço minha cabeça antes de correr em direção a elas.

— Estamos aqui — ambas sussurram, jogando os braços em volta de mim. — Nós não vamos te deixar.

As comportas dentro do meu coração se abrem e eu deixo tudo sair, derramando cada gota de dor e mágoa do meu sistema antes que me paralise a ponto de não ter volta.

71
Martelos e ela
Johnny

Estamos dando os retoques finais na casa da árvore quando a voz de Ollie ecoa lá debaixo.

— Uau — ele solta, olhando para nós quatro com um olhar de admiração em seu rosto. — Essa é a maior casa na árvore que eu já vi!

Ele balança sua cabeça.

— Em toda a minha vida inteira.

— Você gostou? — Chamo de volta para ele, me inclinando sobre a grade que adicionamos à borda. — Muito bom, né?

— Qual deles é ele? — Feely sussurra.

— Ollie — eu respondo baixinho.

— Ele é o meu favorito — anuncia Gibsie.

— Oi, Ollie — Feely diz, acenando para ele.

— Sim, oi, cara — acrescenta Hughie, aparecendo.

— Oi. — Ele acena para os rapazes enquanto seu olhar percorre a casa da árvore. — É tão maneiro, Johnny!

Um sorriso enorme se espalha pelo seu rosto.

— O que vocês estão fazendo aí em cima?

— Nós estamos tendo uma reunião secreta — Gibsie fala — Somente maiores de dezessete, garoto.

O rosto de Ollie cai e eu balanço minha cabeça antes de me virar para olhar para Gibsie que está fumando de costas na casa da árvore, chapando seu cérebro.

— Seu maldito idiota. — Me virando para Ollie, sorrio para ele e digo: — Não ligue para ele, Ollie. Fizemos isso para você e seus irmãos.

— Vocês fizeram? — Seus olhos se arregalam. — Sério?

Eu balanço a cabeça.

— Sim, então vá e chame Tadhg.

— Uau! — Girando nos calcanhares, Ollie dispara de volta pelo campo em direção à casa, gritando a plenos pulmões: — Tadhg! Você tem que vir ver isso!

— Eu não quero abrir mão — Gibsie geme, exalando uma nuvem de fumaça. — Eu amo esta casa na árvore.

— Você é a maior criança que eu já conheci que nunca cresceu — Feely murmura.

— Mas é tão boa — Gibsie bufa. — E agora temos que entregá-la.

— Tenho certeza que eles vão deixar você visitar. — Eu retruco, revirando os olhos. — Agora apague esse cigarro antes que eles voltem.

Menos de três minutos depois, Tadhg e Ollie vem correndo pelo campo de volta até nós.

— Puta merda! — Tadhg solta quando alcança a árvore. Seus olhos inchados estão arregalados de espanto. — Vocês realmente construíram isso?

— Eu te disse — Ollie diz com orgulho. — Eles fizeram isso para nós.

— Vocês fizeram? — Tadhg franze a testa. — Por que?

— Porque estávamos nos sentindo generosos — Gibsie fala lentamente, descendo a escada. — E espero acesso livre sempre que quiser.

— Deve ser resistente — Tadhg sugere, lançando um olhar de soslaio para Gibsie. — Para segurar seu peso.

— Eu não sou gordo! — Gibsie bufou. — Eu sou um flanker! Eu devo ser forte. Eu sou todo musculoso. Eu vou te mostrar...

— Jesus — eu murmuro, descendo atrás dele. — Mantenha suas roupas, Gibsie.

— Flanker — Tadhg dá uma risadinha, subindo a escada assim que Feely e Hughie descem. — Mais como um idiota.

— Ah, agora, ele é o *meu* favorito — Hughie ri.

— Vou enlouquecer com esse garoto — Gibsie resmunga enquanto segue Tadhg de volta escada acima. — Você tem doze anos — ele ofega, subindo na casa da árvore. — Você deveria ser uma criança doce, não um monstrinho.

— Se eu fosse doce, você poderia tentar me comer — Tadhg retruca. — E você claramente comeu o suficiente.

— Pela última vez, eu não estou gordo — Gibsie rosna. — Tenho ossos grandes, há uma enorme diferença.

— Enorme — Tadhg ri, claramente gostando da brincadeira. — Você é isso também.

— Eu não posso lidar com esse garoto — Gibsie rosna.

— Está tudo bem, Gibsie — Ollie diz, juntando-se a eles na casa da árvore. — Eu não acho que você é gordo.

— Obrigado, Ollie — Gibsie funga. — É bom saber que há um garoto legal por aí.

— Isso é porque eu sou um doce — Ollie responde inocentemente. — Dellie diz isso.

— Vocês ficarão bem aqui sozinhos se entrarmos um pouco? — Eu grito para eles.

— Oh, eu nunca vou descer — Ollie grita de volta. — Então eu estou super bem.

— Ei, Johnny? — Tadhg grita, enfiando a cabeça por cima do parapeito.

— Sim?

— Ah, obrigado. — Suas bochechas ficam vermelhas. — Por isso.

— De nada.

— E, uh, pela a outra parte também — ele resmunga, olhos castanhos fixos nos meus. — Por ter ido nos buscar.

— Sim. — Engoli profundamente e assinto. — Sem problemas.

— Tadhg, olhe — Ollie grita e Tadhg desaparece de vista. — É um tevê escopo.

— Um o quê?

— Um tevê escopo.

— Telescópio — ouço Tadhg suspirar. — Gibsie, dá uma chance a ele, ok? Ele só tem nove anos.

— Vamos, Gibs — eu rio, coçando a parte de trás da minha cabeça. — Eu vou fazer um sanduíche para você.

— Tudo bem, mas eu quero torrado *e* um pacote de batatas fritas — Gibsie murmura. — Oh, espere... nós esquecemos nossas ferramentas.

— Eu juro que ele está preso em sua mente de sete anos de idade — reflete Hughie.

— Você provavelmente está certo — Feely concorda. — Ele não mudou muito desde que fizemos nossa comunhão.

— Madeira.

Bang.

— Ah, Jesus Cristo! — Eu rujo, agarrando a parte de trás da minha cabeça enquanto a dor reverbera no meu couro cabeludo. Olhando ao meu redor, vejo o martelo na grama e empalideço. — Que porra é essa, Gibs?

Eu rosno, olhando para o grande bastardo que está espiando por cima do parapeito.

— *Madeira*? O que isso quer dizer?

— É um código — Gibsie responde timidamente.

— Um código? — eu exijo. — Código para quê? Tentar abrir minha cabeça?

— Madeira é uma palavra de advertência válida para sair do caminho, Johnny — ele rebate. — Você é o estudioso. Você deveria saber disso.

— Então é adiante — eu cuspo. — Adiante é um código.

Gibsie dá de ombros.

— Adiante é uma referência de golfe.

— Eu sou mais um jogador de golfe do que um fodido lenhador — eu sibilo, ainda segurando minha cabeça. — Jesus!

— Eu estava jogando um martelo, não um taco de golfe — defende, descendo a escada para se juntar a nós. — Ah, merda, cara — ele murmura, indo direto para mim. — Sua cabeça está toda pegajosa e sangrando.

— Não me diga, Sherlock — eu rebato. — Porque você jogou um maldito *martelo* em mim.

— Tecnicamente, eu joguei um martelo *para* você, não em você... e eu falei madeira — ele me lembra enquanto cutuca meu couro cabeludo. — Não é minha culpa que você não consiga ler os sinais, acho que você pode precisar de um ponto ou sete.

— Apenas me dê sua camiseta — eu rosno. — E você está banido da casa da árvore e proibido de manusear ferramentas. Está me ouvindo? Não mais.

— Você está bem, Johnny? — Ollie grita, parecendo preocupado.

Ah merda.

Eu não posso nem matá-lo em paz.

— Eu estou ótimo, rapazes. — Arrancando a camiseta de Gibsie de suas mãos, eu a pressiono na minha cabeça e forço um sorriso quando tudo que eu quero fazer é estrangular meu melhor amigo. — Se certifiquem de que vocês dois voltem para a casa antes que fique muito escuro — acrescento, antes de virar as costas para a casa da árvore e murmurar para Gibsie que já indo em direção a casa: — *É melhor você correr, vadia.*

— Não o machuque muito, Capi — Feely grita enquanto eu corro atrás de Gibsie.

— Não dê ouvidos a ele, Capi — Hughie ri. — Torture ele.

— Olha... é como um hipopótamo tentando correr de uma chita — ouço Tadhg e Ollie rirem, e mesmo que eu esteja louco como o inferno e tenha sangue escorrendo na minha nuca, eu tenho que admitir que é um som adorável.

— Gerard, você não joga martelos no Johnny — minha mãe repete pela décima vez quando voltamos para a cozinha, tendo acabado de voltar do médico de plantão para uma rápida costura de ponto.

— Tudo bem — Gibsie bufa, cruzando os braços sobre o peito. — Mas você o lembra de volta do que ele não deveria fazer comigo.

— Oh, senhor, salve-me da estupidez dos adolescentes. — Colocando sua bolsa na ilha, minha mãe nos conduz até os bancos e suspira pesadamente. — Johnny, você não sufoca Gerard com sua camiseta ensanguentada e faz ele tropeçar – você sabe que ele fica enjoado com fluidos corporais.

— *Minha* camiseta ensanguentada — Gibsie corrige, estreitando os olhos para mim. — Era minha camiseta ensanguentada para combinar com *meu* queixo quebrado.

— Você não quebrou o queixo — eu zombei. — Você só ralou.

Sua boca se abre.

— Eu tenho um buraco no meu *rosto*!

— Sim. — Eu olho de volta para ele. — Para combinar com o buraco na minha *cabeça*!

— Eu tenho *quatro* pontos — ele rosna, apontando para o queixo enfaixado.

Aponto para minha cabeça enfaixada.

— Eu tenho *seis*!

— A questão é que vocês não deveriam dar pontos um no outro — minha mãe retruca. — Vocês dois estão com dezoito anos de idade. Vocês estão ficando um pouco velhos para continuar com isso.

— Oh, Jesus — meu pai diz quando entra na cozinha com Sean em seu quadril. — O que vocês dois fizeram agora?

— Tivemos uma pequena falha de comunicação — Gibsie responde, me dando uma cotovelada nas costelas. — Um pequeno cruzamento de fios.

— Sim — eu concordo, dando-lhe uma cotovelada de volta. — Mas está equilibrado agora.

Meu olhar pousa em Sean em seu novíssimo conjunto de pijama do Bob, o Construtor, e eu pisco para ele.

— Como está meu grande homem?

Ele sorri de volta para mim.

— Onny. — Saindo dos braços do meu pai, ele corre pela cozinha, indo direto para mim com as mãozinhas para cima. — Ai, ai Onny.

— Sim. — Eu balanço a cabeça e me abaixo para pegá-lo. — Isso mesmo, mas eu estou bem.

Colocando-o no balcão na minha frente, eu cutuco sua barriga e rio quando ele uiva de rir.

— Você tem uma barriga grande. — Eu rio, cutucando-o novamente e sorrindo como um drogado quando ele grita de prazer. — Isso é a barriga do Papai Noel? Hmm? Me dê essa barriga...

— Você realmente gosta deste, não é? — Gibsie medita, observando enquanto eu abaixo a cabeça para Sean investigar meu curativo. — Você está ficando mole, Kav.

— Olhe para ele — eu defendo, apontando para o irmãozinho da minha namorada. Eu passo muito tempo com esse garoto desde que todos se mudaram. Sean sempre parece o mais feliz em me ver, e é de partir o coração o ignorar. Eu sei que não é certo favoritar crianças, e eu nunca admitirei isso em voz alta, mas se eu pudesse escolher, será este sempre. E talvez Ollie. Foda-se, eu gosto de todos eles, mas este? Ele é especial. — Olhe para esses olhos grandes — eu ordeno, apontando para os grandes olhos de chocolate de Sean. — Ele é como um cachorrinho. Como você pode não amar esse rosto?

— Ele é uma pessoa, não um cachorrinho — Gibsie ri.

— Ele é meu cachorrinho, não é, amigo?

Sean assente alegremente.

— Onny. — Ele esmaga minhas bochechas em suas mãos. — Meu Onny.

— Seu Onny? — Gibsie provoca. — Não, não, eu acho que não.

Passando um braço sobre meus ombros, ele diz:

— Este é o meu Onny.

O rosto de Sean fica vermelho.

— Meu Onny. — Segurando meu rosto em suas pequenas mãos, ele me puxa para mais perto. — Meu Onny.

— Cristo, cara, você é como o encantador de bebês — Gibsie ri, parecendo impressionado. — Ele mal estava se comunicando da última vez que o vi, e agora ele está em cima de você.

Franzindo o cenho, ele pergunta:

— São apenas com J que ele tem problemas? É um problema de fala ou algo assim?

— Ele não tem nenhum problema — eu respondo com uma voz de bebê, fazendo uma careta para Sean. — Você está apenas tomando seu tempo, não é, amigo?

Sean assente alegremente e eu sei que ele não tinha noção do que eu estou falando, mas ele é tão fofo para caralho que me faz rir de qualquer maneira.

— Vê aquele garoto ousado, Sean? — Eu provoco, apontando para Gibsie. — Nós vamos pegá-lo, não vamos? O que dizemos quando vamos pegar alguém?

— Oof. — Estreitando os olhos para Gibsie, ele pula para frente e late — Oof.

— Oh meu Deus! — Agarrando o estômago, Gibsie cai do banco de tanto rir. — Você não ensinou o bebê a latir!

— Onny oof — Sean lati. — Onny méerda oof.

— Johnny! — Minha mãe engasga. — Você não ensinou o bebê a xingar.

— Ah, méerda — eu gemo.

— Ah, méerda, Onny — Sean imita, esfregando minha cabeça. — Ah, merda.

— E isso é tempo suficiente de brincadeira com Johnny — meu pai ri, pegando Sean em seus braços mais uma vez. — Vamos, homenzinho.

Agarrando um copo de leite da bancada, meu pai caminha de volta pelo corredor.

— Vamos ler uma história antes de dormir.

— Não leia aquele livro para ele — eu falo para ele.

— Ah, não se preocupe, amor — minha mãe fala. — Eu queimei aquele livro anos atrás para você.

— Você ainda não está assustado com aquele livro, está? — Gibsie ri. — Faz *anos.*

— Eu estou bem — eu rosno. — Mas ele é apenas pequeno.

— Johnny, cara, ninguém mais pensa como você — ele ri. — Nós não super analisamos tudo como você faz. É um livro de histórias sobre uma galinha.

— Foi legitimamente aterrorizante — defendo. — Eu não consegui dormir por semanas.

— Você não conseguiu dormir porque não conseguia desligar esse seu cérebro — ele retruca. — Você ainda é exatamente o mesmo agora.

— Ele está certo — minha mãe entra na conversa. — Você está um pouco preocupado demais, amor.

— Sim — eu murmuro, decidindo não me incomodar em discutir quando eles estão certos. — Justo.

— Bem, eu estou pensando que eu deveria pegar a estrada e deixar você dormir um pouco antes do grande dia — Gibsie diz, me dando um olhar significativo. — Eu preciso vir buscá-lo de manhã e arrastar sua bunda até lá, ou você vai ser um garotão e dirigir sozinho?

— Eu vou dirigir — eu digo a ele. — Obrigado de qualquer maneira, cara.

— Oh, doce Jesus, as provas — minha mãe ofega, tapando a boca com a mão. — Eu esqueci completamente.

— Está tudo bem, mamãe K — diz Gibsie. — Eu trago o seu menino de volta.

Ele me dá um olhar mordaz.

— Esteja acordado ou eu vou atrás de você.

— Eu estarei lá — eu respondo com a voz grossa e áspera. — Eu vou cuidar disso.

— Com certeza você vai — Gibsie responde, assentindo. — Me ligue assim que terminar.

Virando-se para minha mãe, ele dá um beijo em sua bochecha antes de pegar um sanduíche da bandeja que ela está segurando e sair pela porta dos fundos.

— Lanchinho.

— Johnny — minha mãe sussurra quando a porta dos fundos se fecha atrás dele. — Eu sinto muito, amor. — Se apressando em minha direção, ela puxa o banquinho que Gibsie desocupou e se senta ao meu lado. — Não sei como me esqueci dos treinadores que vem amanhã.

— Mãe, está tudo bem — eu murmuro. — Não é grande coisa.

— É grande coisa — ela corrige, colocando a mão no meu braço. — Você trabalhou tão duro para voltar depois de uma lesão. Toda a sua vida... oh, Johnny, baby, eu sinto muito.

— Você teve muito em sua mente — eu a asseguro. — E um monte de crianças para cuidar. É apenas mais um teste. Nem se preocupe com isso.

— Mas você é meu filho — ela engasga. — Eu deveria estar apoiando você e ajudando você a se preparar para isso.

— Mãe, temos seis pessoas hospedadas nesta casa que acabaram de perder a casa e os pais — eu digo a ela. — Eu não vou ficar com ciúmes ao emprestar os meus.

— Ah, querido. — Minha mãe sorri tristemente. — Eu só quero que você saiba que você ainda é meu número um.

— Eu sei. — Eu sorrio. — E você deve saber que eu não preciso desse tipo de garantia.

Eu dou um tapinha na mão dela.

— Sei quem sou e sei a quem pertenço. — Dou de ombros. — Eu não estou preocupado, mãe, então não se preocupe comigo.

— Você quer que eu vá com você pela manhã? — ela oferece, apertando minha mão. — Eu posso esperar no carro, ou sentar na arquibancada –

— Aparecer para um teste com minha mãe? — Eu balanço minha cabeça e rio. — Vamos, mãe, o que você está tentando fazer comigo? Os treinadores nunca me deixariam viver assim.

— E o seu pai então? — ela sugere com um tom esperançoso.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Sem meu pai. Sem você, e sem Gibsie. Eu vou sozinho.

— Oh, Johnny, você tem certeza?

— Cem por cento.

— É justo — ela suspira. — Mas eu estarei pensando em você o tempo todo... e eu vou acender uma vela para você, querido.

— Tente não se preocupar com isso — eu respondo. — É apenas mais um dia.

— Que tal eu me preocupar por nós dois? — ela oferece, sorrindo. — Você apenas se concentra em arrasar.

— Sim. — Eu empurro meus nervos e forço um sorriso. — Eu vou.

— Ah, você vai — ela responde. — Você sempre arrasa, amor.

— Como está Shannon? — Eu pergunto então, forçando a pergunta para fora da minha boca, aquela que eu estou desesperado para perguntar e apavorado para saber a resposta. — Ela saiu do quarto dela hoje?

— Ela desceu por um tempo para a visita da Claire e Lizzie. — Minha mãe suspira pesadamente. — Mas ela voltou para Joey logo depois. Aoife ainda está lá em cima também. Eu disse a ela que ela pode ficar o tempo que ela quiser. Ela parece estar fazendo mais progresso com ele do que qualquer outra pessoa.

Eu balanço a cabeça, lentamente digerindo tudo.

— E Darren?

— Ele está deixando a avó deles em casa — minha mãe explica. — Ela é uma senhora tão adorável, Johnny. Meu coração está com saudade da pobre velhinha. Marie era sua neta, sabe. Ela a criou desde criança.

— Ela já está comendo? — Eu pergunto, incapaz de me concentrar em nada além da minha namorada. — Ela comeu alguma coisa hoje?

— Sim, ela tomou uma sopa com as meninas — minha mãe responde.

— Graças a Deus — eu solto com os ombros caídos de alívio. — Ela está perdendo muito peso, mãe.

— Ela vai ficar bem, Johnny, amor — minha mãe fala. — Ela só precisa de algum tempo para levar tudo em consideração. É muito para processar.

Eu sei disso, mas não é fácil observá-la à distância.

Mamãe morde o lábio antes de dizer:

— Acho que ela está mais com medo de perder Joey de vista por medo de que ele fuja do que qualquer outra coisa.

— Está tudo bem, mãe — eu murmuro.

— Eu não quero que você sinta que está sendo deixado de fora — minha mãe corre para me consolar. — Ela não está brava com você, querido. Ela está apenas de luto.

— Eu sei.

— Você tem *certeza* que sabe?

Não.

— Sim. — Empurrando meu banco para trás, me levanto e estico os braços sobre a cabeça. — Eu vou cair na cama. Tentar desligar meu cérebro por uma hora.

Eu dou um beijo em sua cabeça antes de ir para o corredor

— Boa noite, mãe.

— Boa noite, Johnny, amor — ela me fala.

Fechando a porta da cozinha atrás de mim, percorro o corredor e subo as escadas de três em três degraus, ouvindo o som de vozes vindas de todas as direções. Tadhg e Ollie estão de volta da casa da árvore e eu posso ouvi-los andando em um dos quartos de hóspedes. É tão incomum ouvir qualquer coisa além de meus próprios pensamentos neste lugar que eu levo um momento para apenas ficar no corredor e ouvir os irmãos discutindo sobre doces antes de ir para o meu quarto, forçando minhas pernas a passar pelo quarto em que eu sei que *ela* está.

Deslizando para dentro do meu quarto, fecho a porta e pressiono minha testa contra o batente. Deixando a luz apagada, eu me forço a respirar fundo e devagar. Minha mente está cambaleando, meus pensamentos são uma bagunça confusa, enquanto eu tento me concentrar no que está por vir pela manhã... o

que eu sei que tenho que mostrar tanto física quanto mentalmente. O problema é que minha mente está presa na garota no quarto ao fundo do corredor. O que eu não consigo consertar. Aquilo que me possui. O que eu estou pensando ao ir amanhã? Não é como se eu pudesse ir embora agora. Como eu posso deixá-la? Jesus Cristo, eu sinto que vou explodir...

— Oi, Johnny.

Assustado com o som da voz de Shannon, eu me viro para encontrá-la sentada na beirada da minha cama na escuridão. O luar que entra pela janela do meu quarto ilumina seu rosto pálido enquanto ela olha para mim com a expressão mais solitária que eu já tinha visto.

— Oi, Shannon — eu respondo, rapidamente limpando minha garganta quando as palavras saem grossas e ásperas. Cauteloso, permaneço exatamente onde estou, sem saber o que ela quer que eu faça. — Como você está se sentindo?

Seu cabelo comprido está solto e descansando sobre um ombro, e ela está vestida com um conjunto de pijama de uma das inúmeras sacolas de roupas novas que estão enchendo o quarto de hóspedes. As mães dos rapazes estão deixando as coisas em casa há dias, e eu sei com um olhar para o top rosa, brilhante e short combinando que ela está vestindo, que isso tem um dedinho da Claire.

— Eu, uh...

Ela olha para suas mãos entrelaçadas e solta um suspiro trêmulo antes de virar seu olhar para meu rosto.

— Oh Deus, Johnny, sua cabeça — ela fala. Sua voz está em pânico, seus olhos arregalados. — O que aconteceu?

— Bem, tudo começou na primavera de 1988, quando Gerard Gibson veio ao mundo. Dez anos depois, ele foi jogado na minha vida e tudo virou uma merda a partir daí. — Eu rio e então chuto minha bunda mentalmente por piadas horríveis. — Desculpe.

— Está tudo bem — ela sussurra, segurando a bainha de sua blusa nervosamente. — Eu senti sua falta.

Meu coração racha no meu peito e minhas pernas estão se movendo antes que meu cérebro tenha a chance de alcançá-lo.

— Estou bem aqui, Shan. — Me sentando ao lado dela, resisto à vontade de puxá-la para o meu colo, decidindo colocar a mão em seu joelho nu. — Eu nunca fui embora, baby. Eu só estava tentando te dar algum espaço.

— Eu não quero mais espaço — ela sussurra, se aproximando. — Eu só quero você.

— Você me tem — eu murmuro, sentindo meu coração bater rapidamente. — Sempre.

— Você salvou minha vida, Johnny. — Tremendo, ela encosta o rosto no meu braço e exala uma respiração irregular. — Você salvou a vida dos meus irmãos.

— Sim, bem, você salvou a minha há muito tempo — eu respondo rápido. — Eu estava apenas retribuindo o favor.

Ela balança a cabeça com o corpo rígido.

— Não, eu não...

— Sim, você salvou — Envolvendo meu braço em torno de seus ombros finos, coloquei seu corpo frágil debaixo do meu braço. — Você me acordou, Shan. Me fez ver as coisas de forma diferente. Me deu uma vida fora do rúgbi. Algo pelo que esperar.

Dando de ombros, eu me inclino e beijo seu cabelo.

— Você já fez muito por mim, então não pense o contrário.

— Seus pais querem nos adotar — ela confessa, olhando para mim com os olhos arregalados e cheios de culpa. — Eu e meus irmãos.

— Eu sei, Shan — eu respondo suavemente.

— Sua mãe nos disse que ela quer ficar conosco, *todos* nós — ela fala — Até Joey.

— É? — Meu coração acelera no meu peito enquanto eu tento mensurar. — E como você se sente sobre isso?

— Eu quero ficar — ela admite calmamente. — Com sua família.

Eu mentalmente dou um suspiro de alívio.

— Isso é uma coisa boa, então, certo? — eu falo. — Você querer isso?

— Eu me sinto tão mal sobre isso — ela fala. — Tudo isso...

Seus ombros caem e ela abaixa a cabeça.

— Estamos todos aqui em seu espaço, e nada disso é justo com você...

— Eu quero vocês aqui — eu a interrompo dizendo. — Eu quero você no meu espaço, Shannon. — Virando de lado, inclino o seu queixo para cima, forçando-a a encontrar meu olhar. — Não há nenhum outro lugar que eu quero que você esteja do que aqui comigo e minha família, ok?

— Mas não é justo com você — ela sussurra, os olhos cheios de lágrimas não derramadas. — Todos os meus irmãos e meus problemas.

Tremendo, ela apoia o rosto na minha mão e suspira.

— Eu não quero que você acabe me odiando.

— Odiando você? — Eu balanço minha cabeça. — Shannon, eu te *amo*. Estou fodidamente desesperado para mantê-la aqui.

— Mas meus irmãos...

— Eu quero que eles fiquem também — eu me apresso para dizer a ela. — Eu amo o pequeno Sean... e Ollie? Cristo, eu até gosto de Tadhg. Ele é um filho da puta desbocado, mas eu o entendo. E Joe? Ele só precisa de ajuda. Merda, até Darren está ganhando espaço no meu coração.

Enxugando uma lágrima de sua bochecha com meu polegar, eu me inclino para mais perto.

— Quero que todos vocês fiquem com a minha família.

— Mas nós somos um monte de problemas — ela sussurra, fungando.

— Eu gosto do seu problema — eu digo a ela. — Eu quero o seu problema, e suas complicações, e tudo mais que vem com você.

Me inclinando mais perto, eu acaricio meu nariz contra o dela.

— Eu quero você.

— E se você mudar de ideia? — ela pergunta, pressionando sua testa na minha. — E então?

— Eu não vou mudar de ideia.

— Mas e se...

— Eu já te disse que não sou um cara de passagem — eu digo bruscamente. — Eu não sou essa pessoa, Shannon. Eu não vou mudar de ideia sobre você.

Sorrindo, dou um beijo em seus lábios e me inclino para trás para olhá-la nos olhos.

— Estou aqui para sempre.

— Sério?

Eu balanço a cabeça lentamente.

— Cem por cento.

— Eu só... — Engolindo profundamente, ela solta um suspiro rasgado. — Eu só não sei o que vou fazer agora.

Lágrimas caem por suas bochechas.

— Eu nunca vou vê-la novamente — ela funga. — Eu nunca consegui dizer adeus a ela, ou pedi desculpas por todas as coisas ruins que eu disse a ela...

— Você não tem nada para se desculpar — eu digo a ela, forçando-me a manter minhas emoções sob controle. — Você não sabia e ainda não precisa. Ela

cometeu muitos erros com vocês, Shannon. Ela sabia disso, baby. Ela não precisa ouvir você pedir desculpas.

— Ainda estou brava com ela — Shannon confessa. — Eu a amo e a odeio e quero gritar com a injustiça de tudo isso.

Um pequeno soluço a atravessa e não posso resistir a puxá-la para o meu colo por mais um segundo.

— Eu só... — Fungando, ela enterra o rosto no meu pescoço e segura meus ombros. — Eu quero voltar para quando éramos pequenos e *implorar* para ela se amar mais do que ela o temia. Para apenas *nos* amar mais do que ela amou ele...

— Ela amou vocês — eu digo, tremendo agora. — Ela amou, Shannon.

— Não sei...

— Bem, eu sei — eu digo a ela, apertando meu o abraço sobre ela. — Você acha que eu tirei essas crianças de casa como? Bem, eu não poderia ter feito isso sem sua mãe. Ela me *ajudou*, Shannon.

— O que você quer dizer?

— Quando eu estava tentando abrir a porta — eu expliquei com a voz rouca, meu corpo atormentado com tristeza e culpa. — Minha mão tremia tanto, e as crianças estavam chorando. Eu tinha certeza que seu pai iria se virar e me ver lá. Mas então sua mãe começou a tossir, fazendo barulho suficiente para abafar os soluços deles, o distraindo o suficiente para que eu abrisse aquela porta e os tirasse de lá.

— O-o quê?

— Sim. — Eu me forço a continuar. — Sua mãe fez um monte de merda, baby, e eu não estou desculpando nada disso, mas naquela noite, quando chegou ao limite, ela me olhou nos olhos e me disse para *salvar seus filhos*. Essa foi a única coisa em sua mente no final. Se certificar de que *você* e seus irmãos estavam fora daquela casa.

A respiração de Shannon fica presa em sua garganta.

— Você f-falou com e-ela?

Cheio de culpa, olho minha namorada nos olhos e assinto.

— Ele estava sentado de costas para a porta da cozinha, e havia garrafas vazias espalhadas por toda a mesa. Eu só não sabia o que era na hora... ou então, eu bloqueei. — Sacudindo a imagem horrível da minha cabeça, concentro-me no rosto de Shannon enquanto falo. — Mas sua mãe me viu, e ela acenou com a cabeça. Eu não sabia o que fazer... eu tinha certeza que ela ia gritar comigo, mas

ela não gritou. Ela olhou para mim e assentiu. Ela estava dizendo para ir. E então ela caminhou até a porta, e eu...

Eu me interrompo, lutando para verbalizar a noite que está me assombrando.

— Continue — Shannon implora, chorando silenciosamente. — *Por favor*?

— Nós não podíamos falar — eu solto — então estávamos gesticulando palavras um para o outro, e ela disse "*vai, vai agora*"... — Tremendo, eu limpo minha bochecha contra meu ombro e me forço a continuar. — "*Tire-os daqui*", ela não parava de me dizer. "*Leve-os daqui*".

— Oh Deus... — As mãos de Shannon apertam meus ombros. — N-não pare.

— Eu disse a ela que voltaria por ela — admito entrecortadamente. — Eu disse "e*u prometo*" e ela disse "*não volte*"...

Minha voz falha e eu tenho que inalar uma respiração trêmula antes que eu possa terminar.

— Eu não consegui entender. Eu não sabia por que ela não veio comigo. Eu implorei para ela apenas *vir* comigo. Eu a teria protegido. Eu juro, eu teria. Eu pensei que ela estava com medo de ele bater nela. Eu não sabia que ele ia fazer *isso*, mas ela deveria saber porque ela me disse para salvar seus filhos. Essas foram suas palavras exatas... *salve meus filhos* — Fungando, eu murmuro — E ela me disse para d-d-dizer a todos vocês que e-ela s-sentia m-muito.

Um soluço rasga por mim e eu tento desesperadamente controlar minhas emoções.

— E então ela apenas... ela f-fechou a porta da cozinha e eu fui *embora*... — Eu aperto meus olhos fechados, tentando parar minhas próprias lágrimas. — Eu a deixei lá, naquela casa com ele, e eu sinto muito, Shannon!

— Johnny...

— Sinto muito...

Balançando minha cabeça, eu enterro meu rosto em seu pescoço e sussurro as palavras:

— Eu sinto muito — repetidamente até que eu sinto que não consigo respirar.

Ela está chorando junto comigo e eu sei que nunca irei superar totalmente a decisão que tomei naquela noite.

— Se eu pudesse voltar atrás, eu voltaria — juro a ela. — Eu mudaria tudo...

— Olhe para mim — Shannon soluça e eu balanço minha cabeça. Eu estou muito envergonhado. — Johnny Kavanagh, olhe para o meu rosto.

Quando eu não obedeço, ela segura meu rosto em suas pequenas mãos e me força a olhar para ela.

— Sinto muito — eu sussurro, sentindo as lágrimas escorrerem pelas duas bochechas. — Sinto muito...

Minhas palavras são interrompidas quando seus lábios batem com força contra os meus. Estremecendo em seu toque, eu beijo-a de volta, sentindo a umidade de suas lágrimas se misturando com as minhas.

— Você não deve desculpas — Shannon murmura, arrastando seus lábios para longe dos meus. — Você não deve desculpas a ninguém porque você *não* fez isso. Você é *bom*. Você me *salvou*. Tantas vezes. Então, você não se *culpe*. Nunca.

Fungando, ela enxuga minhas bochechas com os polegares e solta um suspiro trêmulo.

— Estamos entendidos?

— Sim. — Eu balanço a cabeça, me afogando em suas palavras. Ela não me *culpa*. Ela não está brava comigo. Ela não me *odeia*. — Estamos entendidos.

— Eu te amo — Shannon sussurra, ainda segurando meu rosto em suas mãos. — Para sempre.

Exalando uma respiração irregular, eu beijo seus lábios inchados.

— Do tamanho do mundo.

— Posso ficar aqui com você esta noite? — ela pergunta então. — Eu só... eu quero estar perto de você.

— Sim. — Minha voz é grossa e rouca. Meu coração está martelando na velocidade da luz. — Você pode ficar comigo.

Espero que ela sair do meu colo e deslizar para debaixo das cobertas antes de tirar minhas roupas e subir ao lado dela.

— Sua pele é sempre tão quente — ela sussurra quando eu coloco um braço em volta dela e a puxo para meu peito. — É legal. — Se movendo para que meu outro braço esteja sob sua cabeça, ela aninha sua bochecha contra meu braço e respira fundo. — Você cheira a lar.

Tremendo, eu enrolo meu corpo ao redor do dela e dou um beijo na curva de sua mandíbula.

— Você *é* o lar.

Quando saí de casa esta manhã, deixei Shannon dormindo na minha cama. Horas depois, eu ainda posso sentir *ela* na minha pele. Eu tinha me lavado, vestido roupas limpas e estou longe da garota, e ainda posso sentir *ela* em mim.

— *Você consegue, Johnny* — sua voz enche minha mente. — *Você vai brilhar.*

Me sentindo mal do estômago, me sento no banco do vestiário do campo de treino da Academia, tendo passado em todos os exames médicos que haviam sido colocados em meu caminho nesta manhã, e me concentro em manter meu batimento cardíaco uniforme. A ansiedade está roendo minhas entranhas, a adrenalina bombeando em minhas veias em um ritmo furioso, fazendo meus joelhos sacudirem inquietos.

Sacudindo minhas mãos, eu inalo uma respiração firme e amarro novamente os cadarços das minhas chuteiras antes de mover minha atenção para as fitas da minha coxa. Bloqueando tudo ao meu redor, esvazio minha mente e amarro meu corpo até ficar satisfeito com o nível de suporte. Me levantando, testo meus membros, girando de um lado para o outro, me certificando de que estou pronto para ir.

Eles estão esperando por mim.

Lá fora.

É isso.

Você pode fazer isso, eu mentalmente canto para mim mesmo. *Você nasceu para fazer isso.*

Uma batida forte soa do outro lado da porta do vestiário, seguida pela voz do meu treinador:

— Vamos, Kavanagh.

— A caminho — eu grito de volta, incapaz de suprimir o tremor que atravessa meu corpo enquanto meus nervos se emaranham com a minha empolgação.

Fechando meus olhos, eu me benzo e faço uma oração silenciosa para o homem no andar de cima.

Por favor, Deus, não me deixe foder com isso...

Meu telefone toca então, me alertando para uma mensagem de texto. Procurando meu telefone, rapidamente desbloqueio a tela e clico na mensagem.

S: Você consegue, Johnny Kavanagh. Vá mostrar a eles do que você é feito e brilhe. Estou orgulhosa de você. Eu te amo. (Tipo uma quantidade louca.) beijinhos.

Porra.

72
Lightning Crashes
Shannon

Sentada no banco da primeira fila da Igreja de São Patrício em um lindo dia de verão em maio, com meus irmãos de cada lado, sinto uma máscara deslizar no meu rosto quando inúmeros rostos entram na minha frente, apertando minha mão, me dizendo como eles estavam tristes por nossa perda. Eu não tinha certeza de qual perda eles se referiam: nossa mãe, que havia sido assassinada, ou nosso pai, que havia assassinado-a.

Todos os meus cinco irmãos parecem elegantes em ternos pretos idênticos, camisas brancas e gravatas pretas que a Sra. Kavanagh deixou na casa antes do rosário no sábado. Ela me comprou um vestido preto na altura do joelho e um cardigã para usar, com pequenos saltos pretos. No meio da minha desordem e do meu mundo desmoronando ao meu redor, tudo o que continua surgindo na minha cabeça era que meu vestido *servia*. Era o detalhe mais estranho e inconsequente, mas ficava girando e girando em minha mente.

Meus olhos estão grudados nos caixões dos meus pais deitados lado a lado na frente do altar.

O caixão dele está à direita.

Nossa mãe está à esquerda, mais próxima de nós.

Como degraus de uma escada, meus irmãos e eu estávamos alinhados de acordo com nossa idade, com Darren sentado na beirada do banco, Joey à sua esquerda, seguido por mim, e depois Tadhg, Ollie e, finalmente, Sean.

Darren está agradecendo a todos que simpatizavam conosco, como o chefe da família faz durante esses momentos, enquanto Joey está sentado rígido, os olhos colados no caixão de nossa mãe em estado de transe, ignorando todos que apertam sua mão mole. Ollie chora baixinho em seu lenço de papel, enquanto Tadhg faz uma careta para qualquer um que tenta acariciar sua cabeça. Sean está olhando em volta para as Vias-Sacras penduradas nas paredes e para os lindos vitrais ao nosso redor.

Sean parece não entender o que está acontecendo e sua falta de consciência me dá um imenso conforto. Ele tem uma chance de lutar para sobreviver a isso.

O casal sentado atrás de meus irmãos me dá esperança para todos os seus futuros. O Sr. John estava com a cabeça inclinada entre Ollie e Tadhg, sussurrando algo em seus ouvidos, o que era divertido o suficiente para arrancar um sorriso de Tadhg e um joinha de Ollie, enquanto Edel se posiciona no banquinho de ajoelhar atrás de Sean, entretendo-o silenciosamente e explicando todas as diferentes imagens e estátuas.

Ao lado do Sr. e da Sra. Kavanagh está a irmã de minha mãe, Alice, seu marido, Michael, e minha bisavó materna de 81 anos, Nanny Murphy.

Era isso.

Essa era toda a família que minha mãe tinha para mostrar por seus trinta e oito anos nesta terra.

Eu sei que os nossos amigos e suas famílias, tanto os meus quanto dos meus irmãos, estão enchendo os bancos atrás de nós. Eu vi todos eles mais cedo, quando eles vieram se solidarizar, e isso me deu forças para não olhar para o outro lado da igreja, para onde a família *dele* está sentada, chorando e lamentando alto. Nenhum de nós conhece o lado paterno da família, e eu não tenho planos de começar agora.

Toda vez que um de seus familiares soluça muito alto, eu sinto Joey endurecer ao meu lado. Darren percebe também porque se abaixa e coloca a mão no joelho de Joey para impedi-lo de tremer. Enganchando meu braço no de Joey, eu o seguro com tudo que tenho, com medo do que ele pode fazer se eles não *parassem*. O lado Lynch havia causado problemas terríveis com os arranjos do funeral, dando grande importância à trama da família e exigindo que ambos fossem enterrados juntos. Darren bateu o pé, insistindo em cremar nossa mãe antes de permitir que ela fosse colocada ao dele, antes que o Sr. Kavanagh entrar com seu bolso e organizar para que minha mãe fosse enterrada em seu próprio terreno fresco. Meus pais compartilhariam um serviço funerário e um cemitério, mas pelo menos ela poderia finalmente descansar em paz.

— Estamos quase lá — sussurro no ouvido de Joey quando uma das irmãs de nosso pai lamenta particularmente alto quando o padre borrifou água benta nos caixões de nossos pais. — Mais um pouco e terminamos.

Joey assente rigidamente, sem tirar os olhos da fotografia da mamãe em cima de seu caixão.

Tremendo, eu me inclino para trás em meu assento, buscando o conforto da mão enganchada sob a parte de trás do meu assento e acariciando minha lateral. Eu sabia em meu coração que a única razão pela qual eu estou conseguindo me

segurar é o menino sentado no banco logo atrás do meu. Cada instinto dentro de mim está exigindo que eu pule o banco e busque conforto nos braços do meu namorado, mas eu me mantenho firme, permanecendo forte pelos meus irmãos.

Quando a missa termina e a família de meu pai se levanta para levar seu caixão da igreja com o segundo padre no altar, me abaixo e seguro a mão de Johnny com força, precisando da conexão para criar coragem suficiente para me manter firme. Todos nós seis permanecemos sentados e viramos a cabeça, recusando-nos a ver o assassino de nossa mãe ser levado por seus amigos e parentes.

As emoções que eu estou desesperadamente tentando controlar tomam conta de mim e um soluço de dor rasga da minha garganta, mas então eu sinto *ele* bem atrás de mim. Eu ouço as palavras no meu ouvido enquanto seus lábios roçavam o lóbulo da minha orelha:

— Você consegue — Acariciando minha bochecha com o nariz, ele sussurra: — Eu garanto.

Estremecendo, eu balanço a cabeça e pressiono sua mão no meu peito, apertando-a com tanta força que deve ser desconfortável para ele – ele claramente tem que se ajoelhar atrás de mim para me dar tanto de seu braço – mas eu não posso fisicamente deixar ele ir. Não quando eu já tinha perdido tanto hoje.

Finalmente, quando *ele* se foi, e era a vez de nossa mãe ser levada para fora da igreja, observo Darren e Joey se levantarem. Todo mundo está chorando atrás de nós, soluçando alto enquanto os dois filhos mais velhos de minha mãe retiram cuidadosamente a foto de seu caixão e a entregam ao padre McCarthy, antes de dobrar o pano e devolver para ele também. Mas então Darren e Joey ficam ali, olhando para o caixão de nossa mãe, parecendo completamente perdidos, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Exalando uma respiração trêmula, solto a mão de Johnny e me levanto. Mantendo minhas costas retas, caminho até meus irmãos e sussurro:

— O que há de errado?

— Precisamos de seis pessoas para carregá-la — Darren sussurra de volta. — Eu não pensei... — Ele balança a cabeça e funga — Eu não sei o que fazer...

Todos na igreja lotada estão olhando para nós. Alguns confusos. A maioria com pena.

— Johnny? — Darren grita com uma voz rouca, voltando sua atenção para meu namorado, que está sentado ao lado de Aoife na segunda fila, e fazendo caretas para Sean.

Voltando sua atenção para nós, Johnny se endireita, parecendo ter sido pego em flagrante fazendo algo que não devia.

— Oi?

— Você vai carregar nossa mãe conosco?

Claramente surpreso, Johnny afunda em seu assento.

— Tem certeza? — Seus olhos azuis incertos passam de mim para Joey antes de se fixem em Darren. — Você quer a *minha* ajuda?

— Haveria quatro caixões brancos aqui se você não tivesse feito o que fez — responde Darren, gesticulando para nossos irmãos e para mim. — Nós queremos você aqui, e ela iria querer também.

As emoções inundam os olhos de Johnny e ele rapidamente se levanta. Ele não está de paletó, apenas camisa branca e gravata, quando ele sai do banco e caminha para ficar ao meu lado ao lado do caixão da minha mãe.

O marido de nossa tia se aproxima de nós então, apertando a mão de Darren pouco antes de Alex, que veio de Belfast no sábado, se juntar a nós na frente do altar.

— Eu vou ficar com você, baby — ele sussurra no ouvido de Darren. Ignorando o padre que está dando a eles um olhar peculiar, o lindo namorado do meu irmão se inclina e beija Darren bem nos lábios. — Sempre.

Darren funga e agarra a mão de Alex.

— Só precisamos de mais um.

— Gussie — Joey diz trêmulo, apontando para Gibsie, que está sentado na terceira fila com nossos amigos. — Eu preciso de um favor, cara.

— Não diga mais nada, amigo. — Gibsie se levanta de seu banco e caminha direto para Joey. — Gussie está aqui — ele diz, lhe dando um tapinha no ombro.

Tremendo, volto para Tadhg e Ollie, apertando suas mãos firmemente nas minhas enquanto os agentes funerários levantam cuidadosamente o caixão dela em seus ombros e então rapidamente reorganizam os meninos por altura antes de lhes dar o sinal verde.

Padre McCarthy caminha pelo corredor e todos se levantam. Com os braços em volta um do outro, Darren e Joey empurram o caixão de nossa mãe pela frente, com Alex e Michael no meio, e Johnny e Gibsie na parte de trás.

Soluçando baixinho, eu lentamente sigo o caixão enquanto eles caminham lentamente com minha mãe para fora da igreja e para o glorioso sol no cemitério adjacente.

— Sean — murmuro para Tadhg quando saímos. — Oh, Deus, nós esquecemos Sean.

Olhando ao meu redor, olho através da multidão, procurando freneticamente meu irmãozinho, apenas para encontrá-lo alguns metros atrás de mim balançando alegremente entre os pais de Johnny, alegremente inconsciente do fato de que estamos prestes a colocar sua mãe para descansar. Meus olhos pousam em Aoife então e em seu cabelo dourado que sopra ao redor de seu rosto na leve brisa de verão. Ela não está olhando para mim. Todo o seu foco está em meu irmão enquanto ela o observa como se ele fosse uma joia preciosa que pode desaparecer a qualquer momento.

— Mamãe — Ollie soluça, enterrando o rosto no meu lado.

— Shh. Está tudo bem. — Desvio meu olhar de Aoife e passo meu braço ao redor de seus ombros pequenos, segurando-o ao meu lado, mantendo a mão de Tadhg firmemente na minha outra mão. Continuo a nos levar até o caixão, mantendo meus olhos fixos na camisa branca de Johnny – a única camisa branca em um mar de jaquetas escuras.

Quando chegamos à cova recém-cavada no canto mais distante do cemitério, observo entorpecida enquanto eles colocam minha mãe nas tábuas ao lado do terreno. Sem dizer nada, Joey e Darren voltam para ficar ao nosso lado enquanto o padre McCarthy continua a orar sobre o túmulo de minha mãe.

Johnny está tão perto de mim que eu posso sentir o cheiro de sua loção pós-barba e sentir o leve movimento de sua camisa nas minhas costas enquanto ele inspira e expira.

Lento e constante.

Dentro e fora.

Tum, tum, tum.

Eu me permito me inclinar contra ele, tomando todo o conforto que ele está me oferecendo, permitindo que ele seja minha força neste momento.

Quando o padre McCarthy termina a parte final do culto, vejo Patrick Feely se aproximar do microfone que o padre está usando e dedilhar suavemente o violão amarrado ao peito. O padre McCarthy perguntou se havia uma música que gostaríamos que tocasse durante o culto, e Johnny mencionou a Darren que seu amigo tocava violão e ficaria honrado em tocar para nós. Com a ajuda de Feely, Darren escolheu algumas canções adoráveis para a cerimônia, mas foi Joey quem escolheu a música a ser tocada quando nossa mãe está sendo abaixada no túmulo. Ele está convencido de que tem que ser aquela música específica.

Quando Feely começa a cantar as palavras de *Lightning Crashes* do Live, sua voz é bonita e assombrosa, as letras tão cortantes e profundas, perco a batalha com minhas emoções. Saber que Joey escolheu essa música para nossa mãe torna quase insuportável ouvi-la. A dor no meu coração é demais para aguentar.

— Eu não posso... — Chorando muito e feio, eu me viro e enterro meu rosto no peito de Johnny, incapaz de assistir Joey e Darren lentamente abaixando-a no chão. — Eu não posso fazer isso!

— Eu te seguro, baby — Johnny sussurra, envolvendo-me em seus braços. — Eu estou bem aqui.

— Não! Os vermes... está muito escuro! Pare! Mamãe... Mamãe, não!— Ollie começa a gritar tão alto que eu me afasto de Johnny com a intenção de abraçá-lo, mas ele abre caminho pela multidão e corre direto para o Sr. Kavanagh. Agachando-se, o pai de Johnny pega Ollie nos braços e rapidamente o leva para longe do túmulo e de volta para os portões onde a Sra. Kavanagh está com Sean.

Meus irmãos cuidadosamente a abaixam no chão e então abençoam.

Soluçando muito, Darren caminha direto para Alex.

Como quando ela estava viva, Joey permanece ao lado de nossa mãe, olhando para o buraco no chão que seria seu lugar de descanso final. Uma gota de lágrima solitária cai de sua bochecha e eu a observo enquanto o caixão desaparece no túmulo com ela.

Patrick termina sua música, e a multidão de enlutados lentamente se espalha até que restem apenas alguns de nossos amigos íntimos.

Fungando, Tadhg vai até onde Joey está e coloca a mão na dele. Sem tirar os olhos do túmulo, Joey passa um braço em volta do nosso irmão e o puxa para o peito.

— Você tem que ir, Joe — Tadhg diz a ele. — Aqueles caras estão esperando nos portões com John e Edel para levá-lo à clínica.

— Eu, uh... — Limpando a garganta, Joey dá um tapinha na cabeça de Tadhg. — Vá em frente com Darren. Eu só preciso de algum tempo.

— Mas você tem que ir agora...

— Vamos, Tadhg — Darren o corta gentilmente enquanto o leva para longe de Joey. — Dê a ele um minuto.

Apertando o ombro de Joey, ele sussurra:

— Vou ir te ver assim que você puder receber visitas.

— Volte, ok? — Fungando, Tadhg passa os braços ao redor da cintura de Joey. — Melhore e volte para nós, seu filho da puta.

— Sim. — Joey assente fracamente. — Esse é o plano, garoto.

— Ele vai melhorar — diz Darren. — Você vai. Você pode fazer isso, Joey Lynch. Você é a pessoa mais forte e de cabeça dura que eu já conheci na minha vida.

— Basta levá-lo, Darren... — Exalando uma respiração irregular, Joey abaixa a cabeça. — Eu não posso fazer isso com eles aqui.

Sem outra palavra, Darren leva um Tadhg chorando para longe do túmulo.

— Joe — eu murmuro com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, enquanto eu me agarro ao meu namorado. — Eu não quero que você...

— Não diga isso, Shan — ele implora, tirando o olhar do túmulo para olhar para mim. — Se você disser essas palavras, eu não serei capaz. E eu *realmente* preciso fazer isso...

Sua voz falha e ele respira fundo antes de voltar seus olhos vermelhos para Johnny.

— Kavanagh, você pode me fazer um favor e cuidar...

— Considere feito, cara — Johnny responde rispidamente, apertando seu aperto em mim. — Sem problemas.

Aoife, que está de pé ao lado, observando tudo silenciosamente, dá um passo à frente. Sem uma palavra, ela caminha até o túmulo da minha mãe, deixa cair uma única rosa-vermelha dentro e se vira para encarar meu irmão.

— Eu disse para você não vir — ele diz a ela, tremendo.

— E eu disse para você economizar suas palavras — ela responde, levantando o queixo para encará-lo.

— Você não deveria estar aqui — ele solto, balançando a cabeça. — Você sabe que não é bom...

— Eu não me importo — ela o interrompe dizendo. — Agora coloque seus braços ao meu redor e me abrace como se você não fosse me ver por mais três meses.

— Jesus... — Estremecendo, Joey a puxa para perto e descansa sua testa contra a dela. — Não me espere, está me ouvindo?

Fungando, ele segura suas bochechas em suas mãos trêmulas e olha em seus olhos.

— Vai viver sua vida, ok?

— Você cale a sua boca, Joey Lynch — ela soluça, agarrando seus lados. — Eu te amo.

— Cale a boca você, Aoife Molloy — ele retruca bruscamente e dá um beijo na testa dela. — Eu também te amo.

— Estarei aqui quando você sair — ela diz a ele.

— *Não* fique aqui — ele solta. — Vá para um lugar melhor.

— Eu não recebo ordens de você — ela fala. — Você já deveria saber disso.

— Porque você é loucamente estúpida — ele sussurra. — Você está desperdiçando sua vida comigo. Você sabe disso. Todo mundo continua dizendo a você, mas você não escuta...

— Porque é a minha vida para desperdiçar — ela retruca desafiadoramente. — Agora, você melhore sua bunda sexy e volte para casa para mim.

Alcançando uma mão atrás dele, ela belisca sua bunda para dar ênfase.

— Porque eu vou precisar de você saudável, ok?

— Aoife, eu sou algo ruim de se apostar.

— *Okay?*

Ele dá um suspiro pesado e assente.

— Sim, okay.

— Agora, me dê um beijo e me diga que você me ama — ela instrui, os lábios trêmulos. — E faça isso direito.

— Vamos, Shan — Johnny diz, me distraindo de Joey e Aoife enquanto ele passa o braço em volta do meu ombro. — Vamos deixá-los em paz.

— Sim, ok. — Tremendo, eu me inclino para o lado dele enquanto nos afastamos do túmulo. — Obrigada por hoje — eu digo a ele, deslizando uma mão em volta de sua cintura. — Por tudo.

— Shan, você foi tão incrível nos últimos dias — Johnny responde bruscamente. — Eu não sei de onde vem essa força, mas é tão humilde.

Ele balança a cabeça e solta um suspiro.

— Eu nem tenho palavras para dizer o quão incrível você é, Shannon Lynch.

— Eu não sou nada incrível, Johnny — eu murmuro. — Estou apenas tentando manter minha cabeça acima da água e não me afogar.

— Você não vai se afogar, você é uma sobrevivente — ele me diz.

— Eu não sou uma boa nadadora — eu admito.

— Então eu vou te jogar um colete salva-vidas e nadar para te pegar — ele retruca, me aconchegando ao seu lado. — Porque eu sou um excelente nadador.

— Você está falando sobre seus peixinhos em um dia como hoje? — Gibsie brinca quando nos juntamos a ele e ao resto de nossa família e amigos nos

portões do cemitério. — Cristo, Johnny, você com certeza escolhe seus melhores momentos, cara.

— Oh, cale a boca, seu grande idiota — Lizzie resmunga, batendo na parte de trás de sua cabeça. — Você precisa escolher *seus* melhores momentos.

— Isso se chama olhar pelo lado bom — Gibsie retruca, olhando para ela. — E isso se chama agressão.

Lizzie revira os olhos.

— Tanto faz. Não fale comigo.

— Tudo bem — Gibsie rebate. — Não me toque.

— Sem problemas — Lizzie murmura. — Eu preciso de desinfetante para as mãos de qualquer maneira.

— Sim — Gibsie murmura. — Para sua língua.

— Vocês dois podem parar por um maldito dia? — Johnny sibila, eriçado. — Cristo, olhe para onde estão.

Ele inclina a cabeça para onde meus irmãos mais novos estão com seus pais, observando a interação com olhos curiosos.

— Basta pedir uma trégua por uma hora — acrescenta, alisando a mão para cima e para baixo no meu braço. — Não precisamos de mais brigas.

— Sim — diz Lizzie com as bochechas corando. — É claro.

— Ignore eles, garota — Claire diz, dando um passo à frente para envolver seus braços em volta de mim. — Você fez um trabalho tão bom hoje. Estou tão orgulhosa de você.

— Obrigada, Claire. — Tremendo, eu a abraço de volta com força antes de dar um passo para trás e sorrir fracamente. — Obrigada a todos por virem.

Olho para Feely que está entre Hughie e Gibsie e digo:

— Muito obrigada por fazer isso pela minha família. — Juntando minhas mãos, aceno para o estojo da guitarra a seus pés e sorri. — Você tem uma voz muito bonita.

Suas bochechas ficam rosadas.

— Fiquei honrado em ser convidado.

— Ele é a nossa caixinha de surpresas, esse cara — Gibsie intervém bem-humorado, batendo a mão no ombro de Feely. — Patrick é cheio de surpresas.

— John, você tinha que dar a ele chocolate? — A Sra. Kavanagh geme alto e isso chama minha atenção. — Está 24 graus lá fora e ele está vestindo um Ralph Lauren personalizado.

Ajoelhando-se na frente de Sean, ela puxa um lenço de papel de sua bolsa de grife e enxuga o rosto e os dedos de meu irmãozinho cobertos de chocolate.

— O que ele te deu, Seany, hmm?

— Ele queria um lanche. — Sr. Kavanagh ri, não parecendo nem um pouco arrependido. — E você fez pior por colocar um terno de seiscentos euros em uma criança, querida.

Deslizando a mão no bolso da calça de alfaiataria, ele tira um punhado de saquinhos de chocolate e os passa para Tadhg e Ollie, que estão sorrindo de prazer.

— Não fique com ciúmes — Johnny avisa Gibsie que está olhando carrancudo para meus irmãos. — Você está de dieta, *e* você é um homem crescido.

— Não se preocupe, meu neném — disse o Sr. Kavanagh antes de jogar um pacote para Gibsie. — Eu tenho alguns para você também.

— Ponto — Gibsie ri enquanto abre o pacote e os enfia goela abaixo.

— Eu não entendo você, Gibs — Feely diz com um suspiro de dor. — Eu realmente não entendo.

— Leve os meninos de volta para o carro, ok, amor? Eu preciso dar uma palavrinha com Joey antes de irmos — diz a Sra. Kavanagh enquanto se endireita e alisa o vestido. — Vocês são mais que bem-vindos de volta à casa para almoçar.

— Obrigado.

— Sim, um milhão de obrigada, Sra. Kavanagh.

— Soa como o paraíso, mamãe K — Gibsie entra na conversa. — Eu estarei lá de bom grado.

— E não se atreva a dar a esses meninos mais guloseimas antes do almoço, John. — Sorrindo para o marido, a Sra. Kavanagh se inclina na ponta dos pés e dá um beijo em seu rosto barbeado antes de dizer: — Ou você não vai receber *a sua* guloseima.

— Jesus Cristo — Johnny fala, esfregando a mão pelo rosto. — Vamos, Shan...

Engasgando, ele agarra minha mão e se move para o portão.

— Vamos sair daqui antes que nós dois começemos a vomitar de ansiedade.

73
Piqueniques e piercings
Johnny

É um dia de verão escaldante e, sob quaisquer outras circunstâncias, eu estaria despido algum lugar perto de uma praia ou de um rio, mas minha namorada acabou de enterrar os pais dela, então aguento e me contento com remover minha gravata e desabotoar os três primeiros botões da minha camisa.

Oito de nós estão esparramados no campo dos fundos da minha casa, ainda vestidos com nossas roupas de funeral, observando Tadhg, Ollie e Sean brincarem na casa da árvore. Todos os adultos estão de volta em casa, servindo comida e conversando sobre coisas gerais. Era demais para Shannon – eu soube disso no momento em que entramos pela porta e ela foi confrontada com uma nova horda de simpatizantes – então escapamos para fora com nossos amigos e uma montanha de comida debaixo dos braços.

Estendidos de costas na grama, eu enrolo uma mecha de seu cabelo em volta do meu dedo e inalo profundamente, respirando seu perfume em meu peito e então suspirando de contentamento.

— Eu poderia ficar aqui para sempre — ela sussurra, expressando meus pensamentos em voz alta, de onde ela está aninhada na dobra do meu braço, assando no sol do verão. Enrolando seus dedos com os meus, ela acaricia seu rosto contra o meu peito. — Apenas aqui neste momento.

— Hum. — Assentindo com a cabeça, eu dou um aperto tranquilizador em seus dedos. — Eu também.

— Bem, eu não aguento mais — Gibsie anuncia com um bufo. — Sinto muito, pequena Shannon — acrescenta enquanto se senta e começa a abrir os botões de sua camisa. — Eu sei que devo ser respeitoso e atencioso com seus sentimentos e tal – e eu realmente estou tentando ser bom aqui – mas se eu não tirar essas roupas logo, todos vocês vão enterrar a *mim*!

Arrancando sua camisa, ele a joga em cima de Claire, que está esparramada ao lado dele, antes de se mover para a fivela de seu cinto.

— Minhas bolas estão suando tanto, que vou irritar meu períneo!

Abro minha boca para dar-lhe um sermão sobre falar merda em torno da minha namorada, mas o som de sua risada me faz segurar minha língua.

— O que é um períneo?

— Oh meu Deus, você não perguntou isso a ele, Shan — Lizzie murmura de onde ela está fazendo um colar de margaridas.

— Ugh — Katie geme, juntando seu colar de margaridas ao de Lizzie. — Eu odeio essa palavra.

— Eu também — Lizzie concorda. — É além de perturbador.

— O quê? — Shannon dá de ombros. — Eu não sei o que é isso.

— Eu também — Claire oferece, levantando a mão.

— Bem, então — Gibsie ri, levantando-se. — Está na hora de eu dar a vocês meninas uma educação da forma masculina, não está?

— Se você tirar suas calças na frente da minha irmã e da minha namorada, você não vai ter um períneo sobrando — Hughie rosna, olhando para Gibsie que está somente em suas calças e seus sapatos foram chutados enquanto está alcançando o cós de sua cueca boxer branca.

— Ou um batimento cardíaco — eu aviso, me levantando nos cotovelos para encará-lo. — Nem pense nisso, filho da puta.

— Coloque suas calças de volta — diz Feely calmamente. — Há crianças naquela árvore.

— Eu não vou colocar minhas calças de volta — Gibsie retruca, parecendo indignado. — Para o benefício de olhos inocentes, eu vou concordar em ficar de cueca, mas essa é a minha melhor oferta. Está muito quente.

— Olhe para os peitinhos dele — Ollie ri da casa da árvore. Apontando um dedo para Gibsie, ele diz: — Ele tem brincos neles.

— Pare de olhar, Ollie — Shannon grita de volta.

— E olhe! Ele tem uma tatuagem em seu...

— Ollie — Shannon retruca. — Vá brincar.

— Tudo bem — Ollie bufa antes de desaparecer de volta na casa da árvore.

— Peitinhos — Hughie ri. — Eu amo aquele garoto.

— Ei, Katie — Gibsie ronrona em retaliação, balançando as sobrancelhas para a namorada de Hughie. Flexionando seus peitorais, ele pergunta: — O que *você* acha dos meus peitinhos?

— Eu prefiro os peitos de Hughie — Katie retruca com um sorriso. — Eles são muito mais bonitos.

— Boa tentativa, filho da puta — Hughie ri, se levantando de sua posição deitada para dar um beijo na bochecha de sua namorada.

Suspirando, Gibsie se vira para Claire e sorri diabolicamente.

— O períneo é a área da pele entre as bolas de um homem e seu...

— Cala a boca, cara — eu assobio, jogando uma garrafa de água para ele.

— Seu cu — Gibsie termina, completamente não afetado pela garrafa que acabara de bater na lateral de sua cabeça. — Ou ânus, se você quiser ser técnica.

— Não acredito! — Claire engasga, se endireitando. Seus olhos estão arregalados de admiração e colados na frente da cueca de Gibsie. — E você nunca me disse isso antes?

— Eu posso te mostrar — ele sugere em um tom de paquera. — Venha para trás daquela árvore comigo e eu lhe darei uma lição completa sobre a anatomia masculina...

— Espere um maldito minuto! — Hughie rosna, a atenção voltada para o mesmo lugar que sua irmã está olhando. Se levantando, ele aponta para a cueca de Gibsie e sibila: — Quando você colocou *isso*?

— Eu não tenho ideia do que você está falando — Gibsie sibila, fingindo inocência.

Parecendo levemente horrorizado, Hughie inclina a cabeça para um lado, claramente inspecionando seu pau.

— Nos mostre.

— Você disse que eu não posso tirar minha cueca — Gibsie funga, cruzando os braços sobre o peito. — Você ameaçou meu períneo.

— Puta merda — Feely sufoca uma risada. — Você não fez isso!

— Ele fez, porra — Hughie murmura, empalidecendo um pouco.

— Ah, cara — Feely geme, rolando para o lado. — Você está com problemas.

— Você não parece surpreso, Capi — observa Hughie, me olhando com desconfiança. — Por que você não está surpreso?

— O que ele fez? — Shannon me pergunta.

— Uh... — Me levantando, resisto à vontade de enfiar seu rosto no meu peito e cobrir suas orelhas. — Você não quer saber.

— O gênio colocou piercing no seu pênis — Lizzie brinca. — Olhe para ele... eu posso ver o piercing saindo através de sua cueca. Está praticamente dando oi.

— Não olhe para isso — eu ladro. — Nenhum de vocês olhem para isso.

Virando-me para Gibsie, eu sibilo: — Você guarde isso.

— Eu não posso acreditar que você tem um piercing Prince Albert — diz Lizzie, revirando os olhos. — Isso é tão cafona.

— Ele não tem — Claire é rápida em defender. — Ele tem um Jacob's Ladder, e não é brega. É muito bom.

— E como diabos você sabe? — Hughie exige, olhando para sua irmã. — O que você tem feito? Hmm?

Ele estreita os olhos.

— Você está olhando para o pau dele? — As bochechas de Claire ficam vermelhas e Hughie vira seu olhar para Gibsie. — Você corrompeu minha irmã?

— Não... — Claire responde, as bochechas queimando vermelhas agora. — Eu... uh, apenas vi.

— *Apenas viu* — Hughie repete, tom misturado com descrença. — E onde você viu o *pênis com piercing* dele, Claire?

— Johnny foi convocado! — Gibsie deixa escapar, me jogando para debaixo do ônibus. — Johnny foi convocado. Johnny foi convocado. Concentrem-se nisso!

— O quê? — Os olhos de Hughie se arregalam e sua cabeça vira para mim. — Você foi convocado?

— Você foi? — Feely demanda, olhos arregalados de espanto. — *Quando*?

Shannon endurece ao meu lado e eu me imagino mentalmente me levantando e dando uma surra no meu melhor amigo.

— Obrigado, *amigo* — eu digo, olhando furiosamente para Gibsie.

— Isso! — Claire grita, assentindo ansiosamente. — Por favor, Deus, concentre-se *nisso.*

— E não o que eu fiz com sua irmã — Gibsie concorda.

— Que porra você fez com minha irmã? — Hughie exigi. — Se você colocar esse metal perto dela, eu vou cortar...

— Johnny também foi convocado para o time principal — Gibsie solta, passando por cima de mim com seu ônibus de dois andares e dando ré em sua patética tentativa de cobrir seus rastros. — O sub-20 *e* o time.

Continue me matando, por que você não...

— Ele conseguiu as duas convocações!

— Santo Jesus, você conseguiu, Capi! — Tropeçando em seus pés, Hughie agarra seu peito e fica boquiaberto de admiração. — Você realmente *conseguiu*!

— O time? Oh Cristo, eu vou vomitar — Feely anuncia, respirando com dificuldade pelo nariz. — Estou tão orgulhoso e com tanto medo por você agora

que não consigo sentir meus pés.

— Sou apenas um reserva para a equipe principal — eu digo, me sentindo incrivelmente desconfortável.

— E *começando* fora do centro para os sub-20 — Gibsie me lembra. — Eu acho que o número 13 não dá azar para você, não é, Capi?

— Não é grande coisa — eu digo, olhando minha namorada com cautela. Sim, eu estou prestes a ser recompensado por tudo pelo que trabalhei. Passei os últimos doze anos no modo fera, trabalhando para alcançar a carreira indescritível que agora está batendo à minha porta. Todos os sacrifícios que fiz em minha vida, deixando de ir em festas, controlando minha ingestão de alimentos como um robô e treinando até meu corpo atingir seu ponto de ruptura. Ser um bastardo chato, malhando na academia nas noites de sábado e nas manhãs de domingo em vez de sair com meus amigos? Foi tudo para este exato momento. Para chegar a este ponto. Ser reconhecido por quem eu sou e pelo que eu sou capaz de alcançar. Ser chamado ao escritório do treinador no sábado passado e ser informado de que eu *sou* bom o suficiente. Que eu *consegui*. E em vez de me sentir realizado, me senti *vazio*. Porque em algum lugar ao longo do caminho, sem a permissão do meu cérebro ou do meu coração, meus sonhos e objetivos para o meu futuro mudaram. Eu nem percebi a mudança acontecendo. Eu não senti toda a força da minha apreensão até este exato momento, pois fui atingido pela súbita percepção de que não queria nada disso sem *ela*. O contrato que paira sobre minha cabeça, aquele que eu garanti com minha província natal em Dublin se eu atuasse durante os jogos de verão, não significa absolutamente nada se *me* afastar *dela*. Porque ela estará aqui, e eu irei embora. E como diabos eu posso deixá-la depois de tudo?

Entrar na seleção sub-20 era meu plano há muito tempo e eu estou faminto pela minha chance. Eu merecia. Eu *quero*. Jesus, é claro que eu quero. Mais do que quase tudo no mundo. Só *não* mais do que ela.

Eu estou me sentindo completamente em conflito, e com a perspectiva de viajar com a equipe sênior para a campanha de verão, combinado com a morte dos pais de Shannon e a reviravolta em sua vida, eu estou completamente dilacerado.

Eu sei o que preciso fazer isso por *mim*, mas não é o mesmo que preciso fazer por *nós*. Se eu for, significará me afastar dela durante um momento em que ela mais precisa de mim. Ela tem suas provas da certificação júnior chegando, e seu irmão está na reabilitação. A porra do mundo dela caiu ao seu redor e eu estou

pensando em ir atrás de uma bola de rúgbi em um campo a meio mundo de distância.

Por dias, eu lutei para contar a Shannon sobre a convocação, lutando para formar as palavras para explicá-la, antes de decidir colocar toda a conversa sobre rúgbi em banho-maria até depois do funeral. Agora a merda veio a tona, por cortesia do meu melhor amigo idiota, Shannon está apenas *olhando* para mim com uma expressão que eu não consigo entender.

Silenciosamente furioso com Gibsie por abrir a boca, logo hoje de todos os malditos dias, eu rapidamente me apresso.

— Eu nem tenho certeza se vou ainda, e ainda faltam algumas semanas, então podemos não falar sobre isso? Pelo menos até terminarmos a escola? Ainda temos esta semana e a próxima semana para ir. E exames finais...

— *Não* — tanto Hughie quanto Feely respondem indignados.

— Todos os sonhos e planejamento, levantar cedo todas as manhãs e o trabalho duro? — Hughie balança a cabeça e olha para mim como se não reconhecesse mais meu rosto. — Você finalmente vai mostrar ao mundo do que você é feito, Capi.

— Este é um grande negócio, Johnny — acrescenta Feely. — Como colossalmente enorme.

— Realmente não é — eu murmuro, minimizando, enquanto passo a mão pelo meu cabelo em pura exasperação. — Então, podemos todos nos acalmar?

— Na verdade, é provavelmente o maior negócio da sua vida até hoje — Lizzie decide se juntar ao grupo ao dizer. — Apenas dizendo.

— Você poderia simplesmente *não dizer* — eu rebato, afobada. — Jesus, hoje não é o dia para falar sobre isso.

— Parabéns — Shannon solta, lágrimas escorrendo por suas bochechas. — Você conseguiu.

Ela está feliz? Ela está triste? Eu não sei. Eu não tenho a porra de ideia nenhuma. Tudo o que eu consigo pensar era em seu rosto de partir o coração enquanto ela observava sua mãe ser abaixada no túmulo apenas algumas horas atrás. Eu queria dizer a ela que eu não irei... que eu ficarei aqui com ela. E eu realmente farei se ela quiser também... mas uma parte de mim está *desesperada* por esta oportunidade. Eu estou enojado comigo mesmo por me sentir assim, mas não posso mudar isso.

— Shan, não chore, baby. Ainda não é definitivo. Eu não tomei nenhuma dec...

— Você *conseguiu*! — ela chora e então jogou seus braços em volta de mim. — Você conseguiu, Johnny!

Subindo no meu colo, ela envolve seus braços e pernas em volta de mim e grita.

— Oh meu Deus, estou tão orgulhosa de você.

Minhas sobrancelhas se erguem em surpresa.

— Você está?

— Claro — ela funga, se afastando para sorrir para mim. — Você trabalhou por isso, Johnny.

Acariciando minhas bochechas, ela se inclina e dá um beijo em meus lábios.

— Você mereceu isso.

— Mas você está chorando — eu solto, a voz cheia de emoção.

— Porque estou tão feliz por você — ela meio soluça/meio ri. — Você está sendo recompensado por todo o seu trabalho duro.

Fungando, ela segura meu rosto em suas pequenas mãos e pressiona a sua testa na minha.

— Esta é a sua hora. — Com seus grandes olhos azuis fixos nos meus, ela pede: — Aceite isso. É seu — e antes de pressionar um beijo forte em meus lábios. — Agarre essa oportunidade e *brilhe*.

— Estou com medo — eu sussurro em seu ouvido, não dando a mínima para que nossos amigos estejam à espreita, escutando. Eu preciso tirar isso do meu peito antes de explodir. — Estou com medo de aceitar isso e perder *você*.

— Eu sou sua também — ela promete. — Você pode ter ambos.

— Eu tenho lutado por isso toda a minha vida, Shannon — eu solto, sentindo meu peito apertar tanto que eu luto para respirar. — Isso não é uma besteira para mim.

Ela assente.

— Eu sei.

— Eu *tenho* que fazer isso — confesso, implorando a ela com os olhos para me perdoar. — Eu tenho que *viver* isso.

Ela sorri.

— Eu *sei*.

— Então por que parece tudo *errado*? — Eu solto.

— Não está errado, Johnny — ela sussurra. — Está *certo* e é isso que é assustador.

— Eu não vou fazer isso — eu deixo escapar, entrando em pânico e recuando. — Se você tiver dúvidas, me diga agora, e eu ficarei. Se você não quer que eu vá, então eu não vou. Apenas me diga o que fazer e eu vou...

— Eu *quero* isso para você — Shannon me corta dizendo. — Eu quero que você persiga seus sonhos e mostre ao mundo o quão *incrível* você é.

— Mas eu vou ficar fora por um mês — eu murmuro, o coração martelando violentamente no meu peito. — Talvez até um mês e meio. Pode ser mais. Isso é muito tempo, Shan.

— E eu estarei *aqui* quando você voltar para casa. Se for em um mês, ou um mês e meio, ou dois meses, ou quatro... — fungando, ela me dá um sorriso brilhante — eu estarei aqui esperando para você

— Vocês estão machucando meu pau — diz Gibsie em um tom de voz triste.

— O quê? — Shannon e eu perguntamos em uníssono quando nos viramos para olhar para ele.

— Meu pau — Gibsie explica com um suspiro solitário. — Vocês fizeram ele encolher com toda essa conversa de Johnny indo embora. — Afundando na grama ao lado de Claire, ele bufa. — Agora, estou fodidamente deprimido.

— Oh, vamos lá. Ele vai voltar para você também. — Enganchando o braço no dele, Claire encosta o rosto no ombro de Gibsie. — E você não pode ficar muito triste, Gerard... nós vamos ter bebês juntos neste verão, lembra?

— Sim, eu sei — ele suspira pesadamente enquanto descansa o queixo na cabeça dela. — Mas eu ainda não tenho certeza se estamos prontos para esse tipo de responsabilidade, querida. Quero dizer, eu tenho apenas dezessete anos.

— Bem, prontos ou não, os bebês estão vindo, — Claire responde, dando um tapinha no joelho dele. — E é culpa sua por deixá-lo entrar.

— Que porra é essa? — Lizzie e Hughie exigem ao mesmo tempo.

— Brian — Gibsie explica em um tom sombrio. — Acontece que ele tinha um testículo que não descia e não estava andando por aí castrado como pensávamos.

— E isso explica como que vocês vão ter bebês neste verão, exatamente? — Katie solta, com os olhos arregalados.

— Ele fez sexo com a Querubim — Gibsie lamenta. — Nós os pegamos no quarto de Claire durante as férias de Páscoa. E agora ela está *grávida.*

— Nossa gata *Querubim*? — Hughie exige. — Brian a engravidou?

— Tínhamos nossas suspeitas por um tempo, mas o veterinário confirmou na quarta-feira passada — Gibsie geme. — Nós os vimos e tudo mais, não vimos,

querida?

— Uh-huh, em um monitor de ultra-som — Claire concorda. — Ela está tendo *seis* gatinhos.

— Você sabia que a gravidez de uma gata pode durar de 56 a 67 dias? — pergunta Gibs.

— Não — o resto de nós responde.

— Bem, ela pode dar à luz a qualquer momento a partir do meio do próximo mês — Claire nos diz. — Isso não é empolgante?

— Vai me custar uma pequena fortuna — Gibsie suspira. — E minha mãe diz que eles são *minha* responsabilidade porque eu o levei para o quarto dela, e eu deveria saber melhor, mas eu não sabia, porra, porque eu estava sob a suposição de que ele estava andando por aí com uma camisinha permanente. Mas não, ele mentiu para mim – mentiu para os veterinários também. Ele tinha uma bola cheia de esperma o tempo todo!

— E ela também não é a única gata na rua que ele engravidou — acrescenta Claire. — Aparentemente, a gato malhada cinza da Sra. Lovell teve uma ninhada de gatinhos brancos como a neve na terça-feira passada. Eles tinham pêlos compridos e *tudo mais.*

— O que posso dizer além de que ele é um vagabundo? — Gibsie confirma com um aceno sombrio. — Ele é um bastardo abusivo e um tolo em uma missão para engravidar cada boceta em que ele coloca suas garras... mas eu só estou cuidando de Querubim — acrescenta com um bufar. — É isso. Eu vou ser pai deles. Eu vou estar durante as mamadas noturnas com você, Claire. Eu estarei lá no parto. Mas é isso. Os seus são os únicos bebês dele que eu estou reivindicando. Eu não sei *nada* sobre a gata malhada da Sra. Lovell ou a boceta grávida de qualquer outra mulher. Essa é a minha história e eu vou me ater a ela.

— Vocês dois são feitos um para o outro — Katie ri. — É tão adorável.

— Não diga isso a eles, amor — Hughie rosna. — Você vai dar a eles ideias ruins.

— Mas eles vão ter *bebês* juntos — Katie aponta. — Eles já estão comprometidos.

— Ok, mude de assunto antes que eu vomite meu almoço — Lizzie interrompe, fingindo vomitar. — O que vamos fazer sobre o ano de transição?

— O que você quer dizer? — Shannon pergunta, enxugando as bochechas com as costas da mão.

— Eles falaram sobre isso na escola na semana passada — explica Lizzie. — Eles estão introduzindo a opção de pular um ano.

— Você está falando sério? — Eu pergunto, sentindo uma súbita pontada de indignação. — Eu *implorei* a eles que me deixassem pular o quarto ano, mas Twomey estava convencido de que eles não iriam oferecer o programa de ano sabático em Tommen.

— Bem, ele claramente mudou de ideia porque está sendo oferecido a nós — Lizzie me diz. — Temos a opção de pular o quarto ano e passar direto para o quinto ano após o verão. — Ela olha para Shannon e Claire. — E eu estou fazendo isso, pessoal.

Claire franze a testa.

— Você vai?

— E aguentar um ano a menos de besteira? *Claro* que vou aceitar — Lizzie retruca. — Eu terminaria agora se eu pudesse fazer do meu jeito.

— Boa escolha — Feely intervém baixinho, dando-lhe um pequeno aceno de cabeça.

Lizzie cora.

— Eu sei.

— Bem, eu ainda não sei o que estou fazendo — Claire anuncia. — Eu nem pensei sobre isso.

— Você deveria pular — Gibsie encoraja, balançando as sobrancelhas para ela. — Então você estará um ano mais perto de mim.

— E que bem isso me faria? — Claire brinca.

— Vai nos colocar à frente do cronograma — responde ele, sem perder o ritmo. — É um bom presságio. Eu posso sentir isso nas minhas bolas.

Claire revira os olhos.

— Você e sua estranheza.

— E o períneo dele — Katie oferece com uma risadinha.

— Sempre o períneo — Gibsie concorda com uma risada.

— Jesus — Hughie geme. — Chega de períneo...

— Nós deveríamos mesmo estar falando assim? — Feely pergunta então, lançando um olhar culpado na direção de Shannon. — Você sabe, dadas as circunstâncias...

— Por favor, não parem — Shannon apressa-se a dizer. — Apenas continuem sendo normais comigo.

Dando de ombros timidamente, ela se acomoda em uma posição sentada entre minhas pernas, de frente para os outros, e sussurra:

— Isso ajuda.

— Você quer algo normal? — Gibsie pergunta, dando-lhe um sorriso de lobo. — Eu posso fazer isso.

— Ele não pode — Lizzie interrompe. — É fisiologicamente impossível para ele agir como um humano normal.

— Ah, e lá está ela: a víbora — Gibsie responde em um sotaque sarcástico. — Vou ser justo, garota. Você manteve essa sua língua venenosa sob controle por mais de uma hora.

— Vai comer merda — Lizzie rosna.

— Eu comeria merda antes de comer você — ele atira de volta.

— Estou *devastada* — Lizzie finge ofegar. — Me veja enxugando minhas lágrimas — acrescenta ela, usando o dedo médio para enxugar a bochecha.

— Vocês dois podem se dar bem? — Claire geme. — Mesmo por um dia?

— Não — ambos respondem ao mesmo tempo antes de olharem carrancudos um para o outro.

Shannon se inclina contra meu peito e suspira suavemente.

— Lágrimas, rúgbi e aqueles dois brigando? Esse é o nosso normal.

— Sim. — Envolvendo meus braços ao redor dela, eu beijo seu ombro. — Eu acho que é.

74
Recuperação
Shannon

— Como foi, Shannon, amor? — A Sra. Kavanagh pergunta quando entro na cozinha duas semanas depois do funeral e coloco minha mochila no balcão ao lado dela.

É o cheiro que sempre me atinge primeiro quando entro nesta casa. É difícil descrever, mas era como se eu pudesse sentir o cheiro do *conforto*, o que era ridículo porque você não podia sentir o cheiro da bondade de alguém. Mas dessa mulher? Ela irradia bondade. E a comida... Deus, eu não consigo acompanhar a enorme quantidade de deliciosas refeições e lanches caseiros durante todo o dia.

— Bem, eu terminei o terceiro ano — eu digo a ela, arrastando meus pensamentos de volta ao presente. — Eu consegui.

Ela sorri para mim.

— Sim, você conseguiu.

— Mas eu vou ser reprovada nos exames — eu murmuro, olhando para Sean, que está sentado em sua mesinha perto da janela, concentrando-se na última obra-prima que ele está pintando, para se juntar à dúzia de outras penduradas na geladeira e paredes. Sookie está roncando aos seus pés com uma mancha de tinta verde na cabeça. — Meu certificado júnior? Eu não vou passar.

Engulo profundamente e me viro para a mãe de Johnny.

— Eu só... eu não quero que você tenha esperanças em mim. — Dou de ombros, me sentindo impotente. — Eu não sou inteligente como você está acostumada...

— O que eu te disse sobre esses exames? — ela responde, colocando um vaporizador cheio de batatas na pia e andando direto para mim. — Não importa as notas que você recebe.

Segurando meu rosto em suas mãos, ela sorri para mim.

— Nós nem vamos ter que abrir os resultados quando eles vierem porque eles não importam, querida. Uma nota em um pedaço de papel não me diz nada, mas *você* se levantando e voltando para a escola para terminar o ano e sentar naquela sala de aula conta *tudo* sobre a garota maravilhosa e forte que você é. E você me

deixa mais orgulhosa do que qualquer resultado de exame poderia deixar. — Ela me dá um aperto rápido antes de dizer: — Agora, sente-se e me deixa alimentá-la. Vamos colocar alguma carne nesses ossos ainda.

Sufocando uma risada, concordo e me sento na ilha, olhos arregalados quando ela coloca o maior prato de bacon e repolho que eu já tinha visto na minha frente.

— Uh, obrigada — eu solto, me perguntando como em nome de Deus eu irei comer um décimo do que está no meu prato. Ela não está brincando sobre o comentário de colocar alguma carne nos meus ossos também. Eu ganhei seis quilos no mês passado apenas comendo as comidas da Sra. Kavanagh.

— Imagina, querida — ela responde, colocando um prato de batatas no balcão. — Agora, onde está aquele meu filho?

— Na Academia. — Pegando minha faca e garfo, começo a cortar o bacon em pedacinhos. — Ele me deixou em casa primeiro, mas os treinadores estão pressionando muito para prepará-lo antes de sair para a campanha. Ele diz que chegaria em casa antes das nove, mas você sabe como é com esses treinadores.

— Oh Jesus — Sra. Kavanagh murmura. — Eu odeio esse maldito jogo.

— Sim. — Eu sei como é isso. Me recusando a insistir no fato muito real de que meu namorado partirá em sete dias, enfio uma garfada de carne e vegetais na boca, mastigando e engolindo antes de perguntar: — Onde estão os meninos?

— Fazendo o dever de casa na casa da árvore — responde a Sra. Kavanagh com um suspiro fingido. — Eu juro, eles morariam naquela coisa se pudessem.

— É a primeira vez que eles têm um espaço que é inteiramente deles — explico com um pequeno sorriso. — É uma grande novidade para eles ter um lugar para ir onde nenhum adulto pode caber. Isso faz com que eles se sintam seguros.

— Você *se* sente segura? — A Sra. Kavanagh pergunta, sentando-se na ilha. — Você está feliz aqui, Shannon, amor?

Assentindo ansiosamente, engulo um bocado de comida antes de responder.

— Ah, sim, e eu sou muito grata a você, Sra. Kavanagh – você *e* ao Sr. Kavanagh por nos acolher

— É John e Edel — ela corrige com um sorriso. — Chega dessa conversa de Sr. e Sra. Kavanagh, você está me ouvindo?

— Sim, Sra. Kavanagh... quero dizer, Edel — eu emendo, corando. — Obrigada.

— Fui ver Joey esta manhã — ela me diz então. — Ele está parece bem, amor.

Meus olhos se arregalam.

— Ele disse alguma coisa sobre eu ir visitar?

— Ele precisa de mais tempo, Shannon, querida. — Ela sorri tristemente. — Ele vai voltar.

— Sim. — Meu coração afunda. Joey não me recebia. Ele não quer ver nenhum de nós – incluindo Aoife – desde que se internou naquele centro de tratamento. Eu sei que ele precisa estar lá por razões muito mais profundas do que seus vícios, mas não é fácil não falar com ele todos os dias. — Ok.

— Mas ele vai ficar bem — ela me assegura. — E você também.

— Darren ligou de novo hoje — eu digo então, encolhendo-me com a memória das frenéticas sessões de telefonema do meu irmão mais velho. — Quatro vezes hoje.

A Sra. Kavanagh sorri.

— Ele ligou para cá, também.

— É? — Eu arqueio uma sobrancelha. — Quantas vezes?

— Cinco — Sra. Kavanagh ri.

— Ele precisa relaxar — eu suspiro. — Um milhão de telefonemas todos os dias não é bom para ninguém.

— Ele está apenas se adaptando à mudança — diz ela, ainda sorrindo. — É difícil para ele estar em Belfast e não ver vocês todos os dias. Ele vai se acalmar eventualmente. Ele está preocupado com vocês porque ele ama vocês. Ele se importa.

— Eu sei — eu murmuro, e sei. Eu tenho alguma clareza agora, algo que não tinha no passado. Eu posso ver meu irmão sob uma luz diferente. Eu sei que Darren nos ama, e ele nos mostrou o quanto está fazendo a coisa certa e nos deixando ficar com os Kavanaghs. Ele e Alex não conseguiriam criar os meninos sozinhos; ambos tinham carreiras e eram jovens demais para assumir esse tipo de compromisso, e ele admitiu isso.

— E sua tia Alice ligou — acrescenta a Sra. Kavanagh. — Sua avó está se instalando em Beara. Ela queria que soubéssemos que a avó está bem, e você e Joey não devem se preocupar com ela.

— Ela está realmente bem? — Eu murmuro, pensando em como minha bisavó parecia frágil no último dia em que a vi, um dia depois do funeral de meus pais, quando ela entrou em um carro cheio de todos os seus pertences e partiu para sua nova casa em Beara com sua neta. — Tem certeza?

— Ela está velha, está cansada e está de luto, Shannon — a Sra. Kavanagh responde gentilmente. — É hora de ela relaxar agora. Ter um pouco de paz e sossego em sua vida. Sua tia está cuidando bem dela.

— Meu Onny — Sean anuncia então, segurando um desenho de dois círculos verdes em suas mãos. — Sean e meu Onny.

— Uau! — A Sra. Kavanagh se emociona ao se levantar para inspecionar o desenho de Sean. — Este é o melhor que você já fez.

Sean sorri para ela.

— Meu Onny.

— Sim, amor — Sra. Kavanagh ri, pegando o desenho dos dedos pegajosos de Sean e pendurando na geladeira. — Ele é seu Johnny.

Eufemismo do século. Sean é obcecado por Johnny. Sério, ele o segue por toda parte, observando cada movimento seu. No começo, eu estava preocupada porque não queria que Johnny se sentisse desconfortável. Eu me sentia mal o suficiente por estarmos em seu espaço pessoal sem meu irmãozinho agarrado a ele como um macaco, mas Johnny não parece se importar nem um pouco. Na verdade, ele sempre arranja tempo para Sean. Todas as noites, quando ele chega em casa da academia ou do treino, ele se senta no sofá com Sean e ouve pacientemente enquanto ele tagarela sobre seu dia. A maior parte do que Sean dizia não fazia sentido, mas Johnny sempre o ouvia de qualquer maneira, respondendo com palavras entusiasmadas de encorajamento e sorrisos. Sim, é seguro dizer que meu irmão caçula tinha se apegado ao meu namorado, e eu estou apavorada de como ele reagiria quando Johnny fosse para a França na próxima semana.

— Sean, amor, vai até o escritório e chama John? — A Sra. Kavanagh diz então. — E diga a ele que o jantar está pronto?

Assentindo ansiosamente, Sean salta para fora da cozinha com Sookie em seus calcanhares.

— Bom menino — Sra. Kavanagh fala para ele antes de virar seu rosto sorridente de volta para mim. — Agora que temos um minuto a sós, eu queria falar com você sobre uma coisa.

Instantaneamente, eu começo a entrar em pânico.

— Ah, tudo bem? — Colocando meu garfo e faca para baixo, coloco meu cabelo atrás das orelhas e tento não me mexer. — O-o quê?

Não nos mande embora. Por favor, Deus, não nos mande embora...

— Relaxe, querida, não há nada de errado — a Sra. Kavanagh fala, sentando-se no banco oposto ao meu. Solto um suspiro irregular e sinto meus ombros caírem de alívio. — Eu só queria ter uma conversa de meninas.

— Ok. — Dou-lhe toda a minha atenção, sentindo mais gratidão por esta mulher do que eu sei sentir. — É claro.

— Então, a viagem de acampamento para o aniversário de Johnny é na próxima quarta-feira — ela diz, olhos castanhos calorosos e focados nos meus.

— Hum, sim — eu respondo, balançando a cabeça.

— E todos vocês vão dividir as barracas — ela continuou. — Meninos e meninas... Você e Johnny.

Coro quando a consciência me atinge. De repente, eu sei *exatamente* aonde ela estava indo com isso.

— Vou dormir na barraca de Claire — eu minto, sentindo o calor subir pelo meu pescoço. — Não será um problema.

— Eu amo você por tentar me deixar à vontade — Sra. Kavanagh responde, sorrindo. — Mas eu seria uma mulher tola se acreditasse em você.

Eu fico vermelha.

— Eu não estou brava com você, Shannon, amor — ela se apressa para acalmar. — Eu realmente estive em uma situação muito parecida com a sua.

Sorrindo, ela estendeu a mão e pegou minha mão.

— Eu vivi com a família de John por anos antes de nos casarmos.

Minha boca se abre.

— Você viveu?

— Eu vivi — ela confirma. — Eu fugi de casa quando eu era um pouco mais jovem do que você é agora. A mãe de John me acolheu. Ela colocou um teto sobre minha cabeça, me alimentou e me vestiu, e ela me deu acesso a uma educação que desencadeou uma carreira de sucesso na moda.

Ela dá um aperto suave em meus dedos antes de dizer:

— Ela me deu a segunda chance que eu precisava desesperadamente. Ela viu algo em mim, algo que eu nem mesmo via em mim na época, e ela alimentou isso. Ela era uma mulher maravilhosa, e quando ela estava morrendo, eu nunca hesitei em voltar para Cork para cuidar dela — continua a Sra. Kavanagh. — Johnny estava *furioso* por deixar Dublin e a vida da cidade para trás, mas eu sei que tinha que voltar para cá. Eu queria que meu filho crescesse no mesmo lugar que seu pai. Estar perto do tipo de bondade que naturalmente parecia escorrer de sua avó. Eu queria nutrir essas raízes.

Sorrindo, ela acrescenta:

— É por isso que ficamos em Cork, e porque meu filho se tornou o homem que é hoje, sei que tomei a decisão certa.

— Uau — eu suspiro, sentindo uma onda de emoções surgirem no meu peito. — Ela soa como uma pessoa incrível.

Assim como você.

— Ela era — Sra. Kavanagh concorda, sorrindo com carinho. — Mas o que eu mais amei foi o dia em que ela me sentou em sua cozinha e me deu a conversa mais *desconfortável* que eu já tive na minha vida. — A Sra. Kavanagh sorri. — Como a conversa que estou prestes a ter com você agora.

Oh Deus.

— Eu sei que você ama meu filho — ela continua. — E eu sei que ele te ama muito profundamente em troca. Portanto, eu seria uma mulher tola por colocar minha cabeça na areia e fingir que vocês não tem desejos.

— Desejos? — Eu murmuro, mortificada. *Oh meu Deus!*

— Desejos — confirma a Sra. Kavanagh. — Como o tipo de desejo que encontrei vocês dois cedendo no mês passado?

Oh não.

Por favor, Deus, não...

— Johnny é um bom menino, Shannon — ela continua. — Ele realmente é, mas ele perde a cabeça perto de você.

Envergonhada, junto minhas mãos e engulo um gemido.

— Eu sinto muito? — Eu finalmente ofereço, sem saber mais o que dizer. — Por fazer ele perder a cabeça?

— Quero que você saiba que John e eu achamos que você é uma influência maravilhosa para nosso filho — acrescenta ela, sorrindo. — Eu vi Johnny sair de si mesmo mais e mais desde que você entrou na vida dele. Ele é brincalhão novamente. Comporta-se como um adolescente de verdade. Eu estava preocupada de que isso estivesse desaparecido dele, mas você traz o menino dele à tona... mas você também traz o imprudente dele.

Suspirando, ela acrescenta:

— Eu não sou uma mulher boba, Shannon, amor. Eu entendo o que está acontecendo aqui, e vivendo em quartos próximos assim... bem, eu preciso ter certeza de que vocês estão se protegendo.

— Oh meu Deus — eu engasgo, quase chorando de vergonha.

— Eu tive essa mesma conversa com Jonathon uma dúzia de vezes, mas eu sei que ele está mentindo para mim sobre seu relacionamento físico.

Pisco rapidamente.

— Uh...

— E eu sei que se eu fizer as mesmas perguntas, você também mentirá — acrescenta. — Eu amo meu filho, Shannon, mais do que palavras podem expressar, mas se ele colocar você em apuros, eu vou matá-lo. Você está sob meus cuidados, amor. Eu sou responsável por você, e eu te amo, e enquanto posso supervisionar seu relacionamento enquanto você está em casa, preciso estar preparada para o que acontece quando não estou *por perto*. Como este acampamento, por exemplo.

— Uh... — Eu realmente não sei o que dizer além de: — Uh...

Com outro sorriso caloroso, ela pergunta:

— Sua mãe já falou com você sobre anticoncepcional?

— Hum, não. — Corando, recoloco meu cabelo atrás da orelha e suspiro. — Ela não era uma mulher de fazer muito uso disso.

Foi uma piada terrível, e abaixo a cabeça de vergonha.

— Não, ela não falou — eu sussurro. — Nós não tínhamos esse tipo de relacionamento.

— Então, você não toma nada?

Eu balanço minha cabeça, não encontrando seu olhar.

— Como você se sentiria sobre nós marcarmos uma consulta com um ginecologista?

Eu olho para ela.

— O que você acha?

— Acho que estou condenada se o fizer e estou condenada se não o fizer — diz ela com um sorriso irônico. — Se eu aceitar isso, é quase como se eu estivesse aprovando, o que eu certamente *não estou* – pelo menos não até você ter vinte e cinco anos, no mínimo – e se eu não aprovar e algo acontecer, eu terei falhado com você. Então, estou pensando que vou com a primeira opção e para o inferno o que quem quer que pense sobre isso.

— Você está com raiva de mim?

Ela ri baixinho.

— Não, Shannon.

Solto um suspiro trêmulo.

— Você não vai me expulsar?

— *Nunca* — ela jura, apertando minha mão. — Este é o seu lar para sempre – seu *e* de seus irmãos – e você não vai a lugar nenhum, ok? Estou apenas impedindo que algo aconteça... como a morte do meu filho se ele pensar em colocar suas partes íntimas perto das suas e fazer me tornar avó antes de completar cinquenta anos.

Eu não tenho certeza se quero chorar, correr ou jogar meus braços em volta dessa mulher.

— Ok. — Engolindo profundamente, eu assinto. — Eu gostaria disso... a, uh, consulta — eu rapidamente emendo. — Com o médico de parto. — Eu balancei minha cabeça, nervosa. — Quero dizer o ginecologista.

A Sra. Kavanagh sorri.

— Boa menina.

Eu sorrio fracamente.

— Obrigada.

— Mas este não é um passe livre — acrescenta ela, com um tom mais severo agora. — As regras da minha casa ainda estão de pé. Nada de compartilhar quartos. Nada de portas fechadas quando vocês estão juntos, *nada* de Jonathan entrando no seu quarto à noite, e absolutamente nada de partes íntimas se tocando...

— Bacon com repolho? Obrigado, Jesus! — A voz de Johnny ressoa na cozinha e eu me viro para vê-lo jogar uma bolsa de equipamentos no chão e entrar no cômodo, parecendo ter acabado de tomar banho e está devastadoramente lindo. É realmente doloroso olhar para ele no verão naquelas malditas regatas folgadas que ele usa, aquelas que mostravam cada músculo saliente em seu peito e braços esculpidos. Eu posso ver seu mamilo marrom quando ele se vira de lado e discretamente aperto minhas coxas juntas.

— Estou morrendo de fome, mãe. — Sorrindo, ele caminha direto para nós, passando a mão pelas minhas costas antes de pegar meu prato. — Você terminou de comer, Shan?

Abri a boca para dizer que sim, mas ele já estava inalando o que resta no meu prato.

— Delicioso para caralho — ele murmura entre mordidas, dando uma piscadela para sua mãe. — Meu estômago te ama.

— Olha a língua, Jonathon — sua mãe repreende, embora ela tenha um fantasma de um sorriso em seus lábios. — Quantas vezes eu tenho que te dizer?

— Continue me alimentando assim, e eu farei o que você quiser — é sua resposta murmurada. Caminhando até o fogão com meu prato agora vazio, ele começa a empilhar outra pilha de bacon e repolho para si mesmo. — Alguma batatinha aí, mãe?

— No balcão — Sra. Kavanagh medita, revirando os olhos para ele.

Assentindo em aprovação, Johnny volta para a ilha e afunda no banco ao lado do meu.

— Onde está meu homenzinho? — ele pergunta, fazendo uma pausa para dar um beijo na minha bochecha antes de chegar por cima do balcão e colocar cinco batatas em seu prato. — O quê? Eu preciso de carboidratos — ele diz com uma piscadela quando eu arqueio minha sobrancelha para ele.

— Sean está no escritório com seu pai — explica a Sra. Kavanagh, observando seu filho cuidadosamente enquanto ele enfia comida na boca com gosto. — Shannon e eu estávamos conversando sobre sexo, não estávamos, amor?

Johnny tosse tão alto que tenho certeza de que ele engoliu a comida pelo buraco errado.

— Sexo — ele finalmente responde, limpando a garganta várias vezes.

— Sim, e a viagem de acampamento — sua mãe responde. — E métodos anticonceptivos.

— Sexo e a viagem de acampamento — eu solto ansiosamente, as palavras saindo da minha boca como vômito. — E sem netos!

Ele tosse mais alto desta vez, seu rosto ficando levemente roxo.

— Cristo — ele finalmente engasga, os olhos treinados em seu prato. — Isso é um monte de informações para obter em uma noite de sexta-feira.

— E nós revisamos as regras da casa novamente — acrescenta a Sra. Kavanagh, mantendo um olhar atento no rosto do filho. — Você se lembra disso, não é, amor?

— Me lembro de meu pai me chamando — anuncia Johnny, empurrando o banco para trás. Agarrando seu prato, ele corre para a porta da cozinha, gritando antes de sair da cozinha: — O que é isso, pai? Sim, eu estou indo.

— Ela está fazendo você tomar anticoncepcional? — são as primeiras palavras que saem da boca de Johnny quando ele entra no meu quarto mais tarde naquela noite.

— Shh — eu sussurro, correndo para fechar a porta do meu quarto atrás dele. — Ollie está do outro lado do corredor e ele ainda está em patrulha de vigilância... e eu não tenho uma fechadura na minha porta.

— Aquele vira-casaca — Johnny murmura, esfregando o queixo. Ele está vestindo um par de shorts vermelhos e seu cabelo está espetado como sempre. — Eu ofereci a ele uma nota de dez para fechar os olhos.

— E sua mãe ofereceu uma de vinte a ele toda vez que ele denunciar você perto da porta do meu quarto — eu o lembro. — Ele está quase chegando no preço daquele novo conjunto de Lego que ele quer, então ele está atrás do seu sangue.

— Isso é lindo demais, não é? — Johnny murmura, indo até a minha cama. — Primeiro, Tadhg leva meu cachorro como seu companheiro de cama, e agora Ollie tira meu reserva.

— Ah, então eu sou sua reserva agora? — Cruzo os braços sobre o peito, observando enquanto ele mergulha na minha cama e descansa as mãos na barriga. — Uau, Sookie deve ser ótima.

— Você é minha rainha — ele ronrona, batendo em suas coxas. — Então, venha aqui e deixe-me te adorar.

Rindo, apago a luz e corro para minha cama. Subindo em seu colo, sufoco um grito quando ele desliza as mãos sob a bainha da minha camisola.

— Você está tão engraçado — eu rio, me inclinando para roçar meus lábios contra os dele.

— Então, o que é tudo isso sobre anticoncepcional? — ele pergunta contra meus lábios.

— Sua mãe me perguntou se eu queria fazer alguma coisa — eu disse a ele, me afastando para avaliar sua reação. — Ela se ofereceu para me marcar uma consulta com o ginecologista.

— Oh. — Suas mãos se movem sob minha camisola para agarrar minha cintura. — E o que você disse?

Eu arrasto meus dedos pelo seu abdômen e sorrio.

— Eu disse sim.

Seus olhos ardem com calor.

— É?

— Mas você ainda não tem permissão para entrar aqui — eu sussurro, mordendo meu lábio para me impedir de gemer quando Johnny empurra seus quadris para cima e eu senti tudo *dele* crescendo contra mim.

— Não? — Sua voz é rouca, seu tom de flerte. — Você vai me dedurar, Shan?

Ele me puxa para baixo com força contra sua cintura enquanto empurra para cima.

— Hum? — Ele engancha os dedos no cós da minha calcinha e puxa. — Você vai me dedurar por estar na sua cama?

Soltando o elástico para que ele se encaixe contra a minha carne, ele espalmou minha bunda.

— Você vai me fazer esse mal, baby?

Sem fôlego, eu balanço minha cabeça.

— Nunca.

Ele sorri.

— Cristo, você é tão sexy pra caralho.

Oh Deus.

— Johnny...

— E sua pele é tão suave... — Alcançando a bainha da minha camisola, ele senta e lentamente a puxa sobre a minha cabeça. — Diga-me se você não quer isso — ele sussurra, seu peito nu roçando no meu. — E vamos parar.

— V-você se lembra daquela noite no seu quarto? — Eu pergunto com o coração batendo violentamente no meu peito. — Antes de sua mãe chegar?

Johnny assente lentamente.

— Isso é o que eu quero — eu sussurro quando as palavras me encontram novamente. — Isso é o que eu preciso de você.

— Tem certeza? — ele pergunta em um tom de voz rouco.

Eu balanço a cabeça.

— Cem por cento. — Nós não dormimos juntos desde aquela primeira vez, e saber que ele está partindo logo faz a pressão no meu peito demais para aguentar. — Eu quero estar com você antes de você ir embora — eu digo a ele, me surpreendendo com minha bravura. Afastando-me, olhei-o nos olhos e digo: — Quero que fiquemos *juntos* antes de você ir embora. De todas as maneiras possíveis.

— Shannon, estou voltando para você — Johnny responde, os olhos queimando com calor. — Não precisa ter pressa.

— Eu sei — respondo.

— E eu não quero pressioná-la — acrescenta. — Não depois de tudo que você passou...

— Eu *preciso* dessa conexão com você, Johnny — eu digo a ele. — Eu preciso. Eu preciso disso.

— Sim. — Ele solta um suspiro trêmulo. — Eu preciso disso com você também, Shan.

Meu coração acelera.

— Sério?

— Sempre, porra. — Ele me rola de costas e provoca minha boca com a dele. — Você vai me arruinar, Shannon *como o rio*?

Ele dá um beijo quente em meus lábios.

— Hum? — Seus lábios percorrem meu pescoço e depois meu seio nu. Passando a língua sobre meu mamilo, ele pergunta. — Você vai me quebrar?

— Não. — Minha coluna salta do colchão quando ele espalha beijos no interior das minhas coxas. Seus lábios são macios, sua mandíbula arranha e faz cócegas no ápice das minhas coxas, fazendo com que cada músculo abaixo do meu umbigo se contraia. Exalando uma respiração irregular, enterro meus dedos em seu cabelo e gemo. — Eu nunca irei quebrar você.

— Então é melhor você planejar me manter — ele avisa, se acomodando entre minhas pernas. — Porque eu sou todo seu, porra.

Enganchando os dedos no cós da minha calcinha, ele os desliza antes de colocar minhas pernas em seus ombros.

— Mantenha seus olhos naquela porta — ele ordena antes de mergulhar a cabeça entre as minhas pernas.

— Oh meu Deus. — Fechando meus olhos, eu tremo em seu toque, os dedos atando em seu cabelo. — Johnny...

— Shh — ele fala, me provocando com seus dedos e língua. — Mantenha seus olhos naquela porta e não faça barulho.

— Oh, Jesus — eu choramingo, o coração batendo descontroladamente no meu peito. — Ok, ok...

Gemendo em minha mão, puxo seu cabelo, os quadris balançando freneticamente contra seu rosto.

— Ah... eu... Johnny, eu...

— Você não está tomando cuidado — ele rosna, levantando-se nos cotovelos e quebrando o contato. — Você precisa manter seus olhos naquela maldita porta, Shan. Ela é como uma porra de um cão farejador e aquele seu irmão é pior! Continue gemendo meu nome e eu sou um homem morto.

— Eu não me importo — eu praticamente sussurro, caindo de volta no travesseiro. — Isso nem importa. Apenas continue... por favor!

— Acredite em mim, isso importa. — Pressionando um beijo na curva da minha coxa, ele murmura: — E você vai se importar se ela me matar.

— Tudo bem — Assentindo freneticamente, eu me forcei a estrangular as palavras, — Olhos... porta... entendi.

— Obrigado — Johnny responde antes de voltar aos trabalhos.

— Johnny! — Eu choramingo com os olhos revirando na minha cabeça. — O que você é... oh meu Deus, *sim...*

— Porra, você vai me matar — ele geme. Com um rosnado impaciente, ele remove minhas pernas de seus ombros e estende a mão para me prender sob meus braços. — Se eu vou morrer hoje à noite... — ele faz uma pausa para me levantar e me jogar mais para cima da cama — Então eu morrer depois de estar dentro de você.

Abaixando-se de volta em cima de mim, ele beija meus lábios, sufocando meus gemidos com movimentos hábeis de sua língua.

Abaixando a mão, empurro o cós de sua boxer, desesperada para sentir pele com pele.

— Tire — eu imploro contra seus lábios. — Por favor.

— Eu vou — ele fala. — Apenas *relaxe.*

Eu *não consigo*. Eu estou desesperada para tê-lo. Apenas *estar* com ele novamente. Tudo parecia tão frenético. *Eu* estou frenética.

— Por favor?

— Porra, por favor, não diga isso assim. — Ele solta enquanto desce de mim. Ele arrasta uma embalagem de papel alumínio do bolso de sua calça e a joga na cama antes de se despir. — Continue me implorando, e você vai me fazer gozar antes mesmo de te tocar.

— Desculpe. — Tremendo, corro para debaixo das cobertas e observo fascinada enquanto ele rasga a embalagem da camisinha e a enrola rapidamente. — Eu só... sim.

Assentindo, caio de costas e sussurro:

— Sim.

— Sim? — Puxando as cobertas, Johnny sobe ao meu lado. — Tem certeza?

Incapaz de suportar outro momento sem tocá-lo, eu seguro o pescoço de Johnny em minha mão e puxo seu rosto para o meu, lábios selando em um beijo que eu quero que nunca termine. Ele se move em cima de mim, e depois em

mim, lentamente empurrando minhas coxas com as dele. Eu deixo minhas pernas abertas, dedos cavando em seus lados enquanto eu o sinto se acomodar contra mim. Ele está respirando com dificuldade, seu peito subindo e descendo em rápida sucessão enquanto ele se empurra para dentro do meu corpo com uma dolorida gentileza.

Sua testa toca contra a minha em um movimento tão reconfortante e terno que eu sinto um pouco de lágrimas pinicar meus olhos enquanto minhas emoções ameaçavam rasgar através de mim.

— Merda — ele geme em um tom estranhamente impotente, parecendo dolorido, enquanto se mantêm acima de mim, apoiando seu peso em um cotovelo, enquanto usava a mão livre para segurar e acariciar minha bochecha. — Você está dolorida?

Acalmando-se dentro de mim, ele sussurra:

— Estou machucando você?

Eu estou sobrecarregada, me afogando em sensações que me queimam e me incendeiam, mas ele não está me machucando do jeito que ele pensa que está. Mordendo meu lábio, eu balanço minha cabeça e puxo seu rosto para o meu.

— Não — eu suspirei contra seus lábios enquanto envolvo meus braços ao redor de seu pescoço. — Você é perfeito.

Seus olhos procuram os meus, incerteza piscando em suas feições, enquanto ele pressiona mais fundo dentro de mim, queimando um rastro escaldante de destruição deliciosa com cada impulso de seus quadris.

— Tem certeza?

Minhas mãos estão tão apertadas em volta de seu pescoço que eu tenho certeza de que está cortando a circulação em algum lugar, mas não posso soltá-lo. Eu fisicamente *não posso* deixá-lo ir. Eu estou com medo do desconhecido, insegura quanto ao futuro e desesperadamente apaixonada por ele. A única coisa verdadeira que eu sei neste momento era que eu *confio* nesse garoto. Eu confio nele com cada centímetro do meu corpo, e com meus olhos, eu quero que ele nunca parta meu coração.

— Tenho certeza de você — eu sussurro. — Se mova em mim.

Um estremecimento percorre seu corpo e então ele está se movendo para dentro e para fora, profundo e lento, os quadris balançando em um ritmo viciante enquanto seus lábios nunca deixam os meus. Agarrando-o como uma tábua de salvação, eu tranco minhas pernas em volta de sua cintura e confio nos

instintos do meu corpo, movendo meus quadris para cima com cada impulso para baixo dele.

— Me fala de novo — eu imploro, arqueando minhas costas para cima, as unhas cavando na pele bronzeada de sol de suas costas nuas. — Por favor...

Mordendo meu lábio para me impedir de gritar, eu absorvo a sensação dele, de seu peso pressionando meu corpo mais fundo no colchão, das sensações inexplicáveis que ele deu vida dentro de mim, enquanto ele empurra dentro de mim mais e mais.

— Johnny... me diga de novo.

— Eu te amo, Shannon *como o rio* — ele sussurra, e o calor de sua respiração na minha carne causa um arrepio de prazer em mim. — E eu estou voltando para casa para você. — Ele está respirando com dificuldade, seu coração batendo quase violentamente em seu peito enquanto ele respira fundo. — Eu prometo.

Um flash momentâneo de alívio me percorre, mas foi rapidamente superado pelo prazer que pulsa em minhas veias enquanto meu corpo se afoga em amor.

75
Aniversariante
Johnny

Alguém cantando *parabéns pra você, parabéns pra você, feliz aniversário, bolas velhas e roxas, parabéns para você,* interrompe o melhor sonho que eu estava tendo que envolvia uma Shannon nua, com a boca em volta do meu pau. O som de uma porta batendo ruidosamente rasga meus pensamentos felizes, e então eu estou enterrado sob um peso insuportável, enquanto seu lindo rosto desaparece da minha mente.

Acordando com um sobressalto, eu me mexo para empurrar as cobertas que eu estou sufocando para longe do meu rosto.

— Meu melhor amigo cresceu! — a voz continua a dizer. — O grande um-oito! Agora você pode comprar legalmente bebida e cigarro para mim quando eu quiser. É como se fosse seu aniversário, mas sou eu quem está colhendo os benefícios.

— Saia de cima de mim, seu grande bastardo! — Eu rosno quando finalmente consigo me libertar dos lençóis em que estou enrolado. Me levantando na minha cama, eu estendo um braço e empurro Gibsie para fora da cama antes de jogar as cobertas, em pânico com o pensamento de ele pode esmagar minha namorada se ele conseguir pular nela, mas ela não está lá.

Confuso, procurei no meu colchão, mas não há uma Shannon nua.

— Essa é uma maneira adorável de me tratar — Gibsie bufa de onde eu o derrubei no chão. — Encantador.

— Que horas são?

— Você acabou de me jogar da sua cama quando eu vim até aqui para lhe desejar um feliz aniversário — ele murmura, ficando de pé. — Você deveria se desculpar por me maltratar, Johnny, não me perguntar as horas.

— Que horas são, Gibs? — Eu bato, rolando para fora da cama para procurar embaixo da cama.

— São apenas seis e meia — ele bufa. — Jesus, você deveria ser animado em seu aniversário... oh, pelo amor de Deus! Coloca essa *be*sta gigantesca para dentro!

— Se você não quer ver meu pau, *bata* antes de entrar no meu quarto. — Eu rebato enquanto ando, bolas a vista, para o meu banheiro e bato a porta atrás de mim.

Em voz baixa, eu digo:

— Shan, você está aqui?

— Aqui — ela sussurra de volta.

Sorrindo, eu puxo a cortina do chuveiro e arqueio uma sobrancelha.

— Eu *sabia* que não sonhei com você.

— Uh, não, não foi um sonho. — Corando, ela arrasta a cortina do chuveiro de volta ao redor de seu corpo e se contorce. — Feliz aniversário de dezoito anos.

— O melhor aniversário — eu ronronei, empurro a cortina mais uma vez para entrar na banheira. — Você na minha cama...

Fazendo uma pausa, eu agarro suas coxas e a levanto em meus braços. Pressionando-a contra a parede do meu chuveiro, eu sorrio.

— Com sua boca em volta do meu...

— Você está falando sozinho de novo? — Gibsie grita do outro lado da porta. — Devo me preocupar? Você está tendo outro ataque de pânico? É por causa da campanha ou do seu aniversário? Porque você está fazendo apenas dezoito anos, cara, não oitenta, e a campanha será ótima. Apenas respire. Devagar e com calma. Vou chamar sua mãe...

— Não! Jesus Cristo, não chame minha mãe. — Eu solto, enterrando meu rosto em seu pescoço. — Eu não estou tendo um ataque de pânico, cara.

— Não?

Eu bato minha cabeça de volta.

— Não!

— Então o que você está fazendo?

— Eu estou cagando — eu retruco, fazendo Shannon rir. — Shh — eu murmuro, me esfregando contra ela. — Desça e espere por mim, Gibs — eu falo. — Vou demorar uns quinze minutos...

Meus olhos percorrem seu corpo nu e meu pau estica. *Porra.*

— Talvez vinte.

— Sim, eu vejo calcinhas cor de rosa no seu chão, então eu sei exatamente que tipo de merda você está fazendo, seu sortudo — ele fala de volta. — Oi, pequena Shannon.

Os olhos de Shannon se arregalam.

— Uh, ei, Gibsie.

— Belo sutiã de flores, Shan — acrescenta. — Eu amo as cores... espere um segundo! Você está usando um *tamanho 32* agora?

— Saia daqui — eu rosno. — E não toque no sutiã dela!

— Só estou falando que esse aumento é um grande salto em um mês — respondeu Gibsie. — Justo, garota. Você está florescendo...

— Eu vou arrancar seu períneo e te dar para comer, seu maldito pervertido. — Eu rosno, colocando Shannon no chão para que eu possa sair da banheira. Abrindo a porta do banheiro, caminho em direção a ele. — E como diabos você sabe que tamanho de sutiã *minha* namorada usa?

— Porque eu tenho olhos — ele ri e então joga o sutiã de Shannon em mim antes de mergulhar na cama para fugir. — Sabe quando as pessoas dizem que são um grande juiz de caráter? Bem, eu sou um grande juiz de tamanho de peitos...

— Espero que você tenha gostado da sua última refeição, Gerard — eu rosno, pulando na minha cama, completamente nu. — Porque você vai morrer hoje.

— Você mantém essa *besta* longe de mim! — ele solta, fazendo o sinal da cruz com os dedos indicadores. — Que o poder de Cristo recaia sobre você!

— O que você está fazendo? — A voz de Ollie enche meus ouvidos e eu caio no colchão mais rápido que um gato.

— Tudo bem, cara? — Eu me solto, me cobrindo com meus cobertores.

— Por que você está nu, Johnny? — ele pergunta, parado na minha porta em seu pijama do Homem-Aranha. — Onde estão seus pijamas?

— Eu estava tomando banho — eu minto por entre os dentes e falo a ele, lutando para me cobrir. — Gibsie invadiu e roubou minha toalha, então estou batendo nele.

— Sim. — Rindo nervosamente, Gibsie dá de ombros. — Estamos sempre brincando um com o outro.

— Isso não é engraçado — diz Ollie com uma carranca. — Ele pode pegar panomonia dupla se não secar o cabelo.

— Panomonia dupla?— Gibsie riu.

— Panomonia dupla — Ollie repete. — Mamãe nos disse que quase pegou de jeito nossa vovó uma vez.

Suas sobrancelhas franzem.

— Eu não tenho certeza do que isso significa, mas ela entende porque ela não estava secando o cabelo, e deveria ser *super* ruim. Eles colocam você em um hospital e tudo mais!

— Ele quer dizer pneumonia dupla — corrijo, abafando um gemido. — Estou bem, Ol. Não se preocupe. É verão. Não vou ficar doente.

— Sim, bem, ainda não é engraçado — ele bufa. Virando-se para Gibsie, ele acrescenta: — Como você se sentiria se alguém pegasse sua toalha?

— Justo, garoto — Gibsie responde, sufocando uma risada. — Eu prometo que não vou pegar a toalha de Johnny novamente.

— Bem, devolva para ele agora — Ollie insisti, sem se mexer da porta. — Vamos — ele insisti. — Faça a coisa certa e peça desculpas.

— Eu sinto muito, Johnny — Gibsie solta, segurando uma mão na frente de sua boca. — E eu adoraria devolver sua toalha, mas parece que a perdi.

— Não se preocupe, Johnny — Ollie diz com um bufar. — Eu vou te dar uma nova.

Ele se move para o meu banheiro mais rápido do que eu tenha a chance de registrar o que está acontecendo.

— Não, não, não... — eu grito, mas é tarde demais. Ele abriu a porta, revelando Shannon ali, felizmente enrolada em uma toalha de banho.

— Ollie, saia — Shannon sussurra, fechando a porta mais uma vez. — Oh meu Deus!

— Dellie! — Ollie grita a plenos pulmões. — Eu os peguei de novo!

— Por favor, por favor, pare de gritar — eu imploro. — Não diga a ela...

— Eu quero meu dinheiro — Ollie retruca. — E você conhece as regras, senhor quebrador de regras.

Estreitando os olhos para mim, ele diz:

— Você não tem permissão para brincar com a minha irmã sozinha. — Ele cruza os braços sobre o peito. — E você está sem roupa. Dellie diz que isso é um grande erro.

— Mas é meu aniversário — eu solto, não contra a chantagem emocional, dadas as circunstâncias atuais e as possíveis consequências. — E eu te dou cinquenta libras se você não contar a Dellie.

Ele inclina a cabeça para um lado, me estudando cuidadosamente.

— Cem.

— O quê? — Eu olho boquiaberto para ele. — Mas é meu aniversário!

— É por isso que são cem — responde Ollie. — Caso contrário, eu precisaria de um trilhão.

Eu estreito meus olhos de volta para ele.

— Para o que você precisa de cem libras?

— Para meus Legos — ele responde. — E o meu negócio.

— Oh sim? — Eu arqueio uma sobrancelha. — E que negócio é esse?

— Meu negócio de espionagem — ele me diz. — E você é meu alvo número um.

Ele aperta os olhos para mim.

— Estou de olho em você o tempo todo.

Jesus Cristo... Balançando a cabeça, aponto para meu jeans.

— Pegue minha carteira.

— Woo-hoo! — Sorrindo de orelha a orelha, Ollie tira minha carteira do meu jeans descartado e me entrega. — Essa é uma boa escolha, Johnny.

— É melhor você ficar quieto sobre isso. — Eu o aviso enquanto entrego duas notas de cinquenta. — Ou então vou declarar guerra à sua casa na árvore.

— Você não ousaria — ele solta.

— Oh, eu ousaria — eu rebato com um aceno de cabeça. — Gibs e eu vamos fazer uma casa na árvore ainda maior, e então vamos bombardear a sua com balões de água até você se render, e então vamos saquear como piratas.

— Oh, eu estou pronto pra caralho para isso — Gibsie declara em um tom animado. — Eu tenho uma excelente pontaria.

— Tudo bem, eu não vou denunciar você — Ollie bufa, pegando o dinheiro da minha mão e, em seguida, segurando-o contra a luz para verificar sua autenticidade. — Mas este é um acordo único. Se eu te pegar perto da minha irmã novamente, vou falar, Johnny Kavanagh.

— De acordo — eu concordo. — Agora, vá.

Com um aceno rígido, Ollie sai do meu quarto apenas para parar na porta e correr de volta para a minha cama.

— Ah, e feliz aniversário — ele diz, dando-me um abraço rápido. — Eu te amo.

Com isso, ele sai correndo do meu quarto com meu dinheiro nas mãos.

— Aquele garoto é esperto — Gibsie diz em um tom misturado com admiração pelo jovem trapaceiro. — O pequeno Lynch tem mais de Joey, *o arremessador* nele do que eu pensava.

— Sim? Bem, o pequeno Lynch acabou de sair daqui com o nosso estoque de cerveja para o acampamento de hoje. — Eu murmuro enquanto pego minha cueca descartada e a visto.

— Aquela *merdinha* — Gibsie rosna, não parecendo tão admirado agora. — Para isso, *vou* fazer um balão d'água e saquear sua casa na árvore.

— Não, você não vai — eu digo cansado. — Você vai descer e esperar por mim na cozinha.

— Tudo bem — Gibsie bufa, indo para a minha porta. — Mas um dia desses, nós vamos pegar o forte de volta. Nós vamos pegar *tudo* de volta — ele acrescenta antes de fechar a porta do meu quarto atrás dele.

— A área está limpa, Shan — eu grito. — Estamos fora de perigo.

— Oh meu Deus! — Shannon sai do meu banheiro, com o rosto vermelho e se debatendo. — Estou tão *envergonhada*.

— Está tudo bem — eu falo, batendo no colchão ao meu lado. — Venha cá...

— De jeito nenhum! — Shannon solta, pegando suas roupas do chão do meu quarto. — Ele vai voltar. Esse suborno só vale pelo o tempo que ele levar para colocar o dinheiro em seu cofrinho. Ele é implacável, Johnny. Dou-lhe cinco minutos, no máximo.

— Você vai me dar um beijo, pelo menos — eu resmungo quando ela corre para a minha porta.

— Eu vou te beijar mais tarde em nossa barraca. — Ela grita, soprando um beijo para mim antes de sair pelo corredor. — Te amo!

— Sim — eu murmuro, caindo de volta no meu colchão. — Te amo também.

76
Acampamento e Carnificina
Shannon

— Cork, Claire? — Hughie zoa, encostado na lateral do carro. — De todos os lugares no país onde poderíamos ter ido acampar, você escolheu *Cork*?

Piscando, Johnny me dá um sorriso malicioso e continua a tirar as malas do porta-malas de seu Audi A4 novinho em folha, cortesia de seus pais, e passá-las para Feely. Hughie veio reclamando do nosso destino de acampamento desde que saímos da casa dos Kavanagh, três horas atrás, e eu estou grata por vir de carona no carro de Johnny com ele e Feely, e não com os outros. Katie está de mau-humor, Gibsie parece rebelde, e Lizzie está com sua fúria de sempre. Hughie e Claire estão brigando desde que saíram pela porta esta manhã. A única pessoa que parece ser ele mesmo agora é Feely, e eu nunca consigo entendê-lo porque ele está sempre tão quieto. Algo está acontecendo, algo que não tinha nada a ver com onde estávamos esta noite, e era deprimente, porque hoje é o aniversário de Johnny. Ele está indo embora na sexta-feira. Nós tínhamos dois dias juntos e nossos amigos estão brigando.

— É um lugar adorável — Claire diz com um suspiro pesado. — Tem um rio e é cercado por uma floresta.

Agarrando uma seleção de balões em forma de bola de rúgbi verde, branco e dourado na parte de trás do carro de Johnny, ela dá de ombros.

— É absolutamente lindo aqui, e prometo que vamos nos divertir. — Alcançando o banco de trás, ela puxa dois enormes balões de cor vermelha, em forma de números *um* e *oito*. — Apenas tente ser positivo.

— Bem, eu achei ótimo, Claire — Johnny intervém em um tom calmo. — Eu realmente aprecio todo o esforço que você fez, então um milhão de obrigados.

— De nada, Johnny — Claire responde, parecendo aliviada.

— Eu concordo — eu ofereço — Este é o lugar mais bonito que eu já estive na minha vida.

— Você só saiu de Cork uma vez — diz Lizzie. — Para o jogo de Dublin.

— Duas vezes — eu murmuro, com o rosto vermelho. — Eu fui para Kerry uma vez quando eu era pequena.

— Mas você ainda só esteve em três lugares, Shan...

— Por enquanto — Johnny retruca, dando a Lizzie um olhar de advertência.

— Mas isso ainda é *Cork*, Capi — Hughie resmunga.

— O *leste* de Cork — Gibsie corrige, e havia uma pitada de advertência em sua voz quando ele assume uma postura defensiva na frente de Claire. — E vai se foder logo com sua atitude pessimista — acrescenta, enfiando um fardo de Heineken debaixo do braço. — Pelo menos sua irmã teve a imaginação para pensar em toda essa viagem. Estaríamos sentados em Biddies, bebendo cervejas e afastando os puxa-sacos se não fosse por ela.

Virando-se para Claire, ele diz:

— Não se importe com ele, bebê. Você fez um ótimo trabalho. — Com a mão livre, ele puxa seu rabo de cavalo, forçando-a a olhar para ele. — Você mantenha essa cabeça erguida — ele ordena, inclinando o queixo dela com o polegar. — Não se atreva a esconder esse rosto de anjo do mundo.

As bochechas já rosadas de Claire ficam tão vermelhas quanto os balões que ela está segurando em suas mãos.

— Obrigada, Gerard.

— Mas poderíamos ter ido a *qualquer lugar* — reclama Hughie. — E ainda estamos em Cork.

— Diga mais uma vez e eu vou queimar sua barraca com você nela — Gibsie rosna, olhando para Hughie. — Você acha que eu estou brincando? Continue perturbando ela e veja o que acontece...

— Ei, ei, ei — Feely interrompe, colocando-se entre os meninos. — Nada dessa merda no aniversário do Cap.

Virando-se para Gibsie, ele acrescenta:

— Diminua a masculinidade. Você está no auge com as ameaças de morte, Gibs.

— Hughie está certo — Lizzie decide jogar sua opinião na mistura. — Isso é um desastre.

Os olhos de Claire se enchem de lágrimas e ela corre pela floresta em direção ao acampamento, murmurando algo sobre uma mosca estar em seu olho.

— Oh meu Deus, caralho! — Gibsie ruge, claramente lívido. — Se algum de vocês tiver algum problema em estar aqui, voltem para seus carros e *vão embora*!

Gesticulando atrás dele para onde Claire havia se apressado, ele acrescenta:

— Pensem com muito cuidado sobre o seu próximo passo, porque se vocês ficarem, então vocês ficarão felizes. Vocês vão *sorrir* e vão comer o bolo, vão

cantar todos os parabéns do caralho, e vão *agradecer* aquela garota por ter passado o último maldito mês organizando essa viagem para suas bundas *indignas*! — Exalando pesadamente, ele olha para nós. — Nós deixamos nossa gata grávida em casa para isso, e Claire está ansiosa o suficiente sobre a Querubim sem todos vocês respirando no pescoço dela, então se vocês a chatearem novamente, eu vou perder a cabeça.

Olhos arregalados, ele acrescenta:

— Não me pressionem, porque eu já estou no meio do caminho!

— Tudo bem, cara — Hughie fala, levantando as mãos, olhando Gibsie com cautela. — Você não vai ouvir mais reclamações de mim.

Gibsie assente rigidamente antes de virar seu olhar para Lizzie.

— E *você*?

— Pelo bem de Claire, eu vou engolir isso — Lizzie fala.

— Bom. — Reajustando o fardo de cerveja em suas mãos, Gibsie diz: — Agora, se vocês todos me derem licença, eu preciso ir e encontrar um lugar para cagar porque eu estou me segurando desde que saímos de Ballylaggin... e eu comi um curry ontem à noite, então podem imaginar a pressão que estou sofrendo agora.

— Faça isso, cara — Feely medita, jogando um rolo de papel higiênico em cima do fardo de cerveja nos braços de Gibsie antes de sair correndo para os arbustos. — Somos todos brilhantes e felizes aqui.

— Agora ouçam — diz Johnny, chamando a atenção de todos para ele. — Eu pessoalmente não dou a mínima se vocês estão felizes por estarem aqui ou não. Eu não me importo se estão sendo um bando de pirralhos mimados porque ainda estamos em Cork. Não me importo se vocês não gostam particularmente uns dos outros. Eu não me importo se vocês estão brigando um com o outro. Eu nem me importo que seja meu décimo oitavo aniversário. Eu. Não. Me. Importo. Com nenhum de vocês idiotas — ele rosna, olhando para Katie, Hughie e Lizzie. — Eu me *importo* que eu tenho dois dias restantes com minha namorada – *dois dias* – e então eu vou passar o verão fora. Tivemos um ano difícil. Tivemos cirurgias e funerais, incêndios e perdas. Nós vimos mais hospitais e choramos mais lágrimas do que vocês podem compreender em seus miolos de ervilha, e sofremos uma maldita reviravolta. Esta é a nossa pausa, nosso pequeno tempo fora de toda a merda de casa, então vocês não vão estragar isso para mim, e vocês definitivamente não vão estragar isso para *ela*. Estamos claros?

— Como o dia — responde Feely.

— Não *você* — Johnny retruca. — *Eles.*

— Jesus, você está certo — Hughie diz, parecendo envergonhado. — Sinto muito, pessoal.

— Sim — Katie concorda, com o rosto vermelho. — Nós estávamos sendo egoístas.

— Eu também — Lizzie suspira. — Desculpe, Shan, eu nem pensei no que essa viagem significa para você e Johnny.

— *Muito* — Johnny retruca. — Significa muito para nós.

Todos concordam com a cabeça.

— Então vamos colocar esse show na estrada — declara Feely, pegando uma braçada de sacolas. — Avante e para cima.

Ignorando o clima ao meu redor, concentro minha atenção em cobiçar meu namorado, apreciando a forma como o calção de banho azul que ele está vestindo pende baixo em seus quadris definidos. Há um V profundo entre os ossos do quadril, um sinal claro de que ele cuida muito bem de seu corpo, e uma trilha de cabelo escuro do umbigo que desaparece sob o cós do short. Suas coxas são tão grossas com os músculos – suas panturrilhas também. Tudo sobre Johnny é tão forte, tonificado e *enorme*.

— Gosta do que está vendo? — ele pergunta, me pegando olhando.

Eu coro num vermelho beterraba.

— Ah, desculpe?

Rindo baixinho para si mesmo, Johnny fecha o porta-malas de seu carro e pega nossas malas do chão.

— Vamos lá, minha pequena curiosa — ele brinca, jogando um braço sobre meu ombro. — Mas não se sinta mal por olhar.

Ele se inclina para perto do meu ouvido antes de sussurrar:

— Eu tenho espiado também.

— Sim. — Reviro os olhos. — Claro que sim.

— Você está brincando comigo? Você está vestindo uma regata branco e sem sutiã. Você tem sorte que eu não bati o maldito carro no caminho até aqui, eu estava olhando para você tão duro — ele retruca com um sorriso de lobo. — Eu estava descendo a janela do carro e *desejando* que a brisa pegasse você.

— Oh meu Deus — eu rio, envolvendo um braço em volta dele. — Você é tão estranho.

— Sim, isso provavelmente é verdade — ele concorda com uma risada. — Esta vai ser uma boa viagem, Shan.

— Sim. — Suspirei contente. — Eu acho que você está certo.

— Você está fazendo errado de novo! — Lizzie sibila, empurrando o peito de Gibsie quando ele tenta ajudar ela e Claire a erguer sua barraca. — Você é tão sem noção.

— Você vê a barraca minha e de Feely armada ali? — Gibsie retruca com força, enfiando a vara no tecido. — Parece muito melhor que a sua, não? Porque eu *sei* o que estou fazendo, então saia da minha frente!

— Mas as instruções dizem que você deve fazer assim — Lizzie continua a argumentar, acenando com uma folha de papel na cara dele. — Você poderia simplesmente largar essa maldita vara e olhar para isso! Vamos lá, não seja rude e apenas olhe as instruções!

— Ah, sim, claro. Sem problemas... — Agarrando as instruções de suas mãos, Gibsie enrola o papel e o joga no rio. — Isso é o que eu acho de suas instruções.

— Porque você fez isso? — Lizzie exige, batendo em seu peito novamente. — Eu estava tentando te mostrar...

— Porque eu não posso *ler* — ele ruge em seu rosto. — E eu não preciso que você me mostre nada.

— Pessoal, parem — Claire adverte, interpondo-se entre eles. — Liz, não o empurre.

— Era uma foto — Lizzie grita de volta para ele, dando um passo ao redor de Claire para se levantar na cara de Gibsie novamente. — Eu não estava zombando de suas dificuldades de aprendizado.

— Não, claro que você não estava — ele retruca com um sorriso de escárnio. — Você estava apenas me chamando de rude e sem noção por diversão.

Eriçado, ele balança a cabeça e continua passando a vara pelos aros do tecido da barraca.

— É tudo apenas essa merda e risos para você, não é, Liz? Você pode dizer o que diabos você quiser para qualquer um e todos nós devemos apenas *aceitar* porque você tem *problemas.*

— Não se atreva, Gibs — Lizzie sibila, os olhos estreitados, enquanto ela continua a empurrar Gibsie, o levando para trás. — Não se *atreva,* porra, a trazer isso à tona!

— Pessoal, saiam dessa beira — Claire ordena em um tom preocupado. — Vocês vão cair no rio.

— Por que não? — Gibsie exige, afastando-se de Lizzie, e movendo-se precariamente perto da borda da beira do rio. — Você claramente tem uma grande irritação comigo, então por que você não tira isso do seu peito? — ele provoca. — De uma vez por todas.

Em pânico, procuro Johnny, mas ele voltou ao estacionamento para pegar nossas últimas coisas com Hughie.

— Apenas fique para trás — Katie sussurra no meu ouvido, colocando a mão no meu ombro. — Aqueles dois são como um vulcão a espera para entrar em erupção há anos.

Suspirando, ela acrescenta:

— E você não precisa estar perto disso quando isso acontecer, Shan.

— Opa — Feely grita, correndo para fora da barraca dele e de Gibsie e se movendo em direção a eles. — Vamos recuar um pouco, todo mundo...

— Você sabe o que ele fez com *ela* — Lizzie rosna. — Você sabe o que ele me custou!

— Eu não sou *ele*! — Gibsie rugi a plenos pulmões, jogando as mãos no ar. — Eu não tive nada a ver com isso!

— O que diabos está acontecendo? — Johnny e Hughie exigem em uníssono enquanto correm pela linha de árvores em direção ao acampamento. — Ei... pare com isso, vocês dois!

— Gibs, saia de próximo da água... — Hughie começa a gritar, mas sua voz é abafada pelo grito agudo de Lizzie.

— Ele é sua família! — Lizzie grita e então empurra o peito de Gibsie. — E você é como ele!

Como uma cena de um filme de terror, eu assisto quando Lizzie empurra Gibsie novamente, fazendo-o cair da beira do banco.

No momento em que Gibsie cai na água, o inferno começou.

— Oh meu Deus, ele está se afogando!

— Tire ele dali!

— Gibs, espere, cara!

Em pânico, me movo para pular atrás dele, mas não posso porque não sei *nadar*. Com o meu coração na boca, vejo quando ele congela completamente na água, os olhos arregalados e cheios de terror, antes de começar a afundar como uma pedra. Ele nem sequer se debate ao redor. Ele simplesmente *congela*.

Johnny, Hughie e Feely passam correndo por mim, pulando no rio atrás dele.

— Gerard! — Claire grita, correndo em direção ao banco. — Gerard!

— Sinto muito — Lizzie engasga, parecendo estar em choque. — Eu não queria fazer...

— Por que você fez isso com ele, Lizzie? — Claire começa a gritar. E então ela faz algo que eu nunca esperei que ela fizesse. Ela dá um *tapa* no rosto de Lizzie. — Ele tem medo de água, sua vadia sem coração — Claire continua a gritar. — E você sabe que ele tem.

Lizzie balança a cabeça, parecendo estar no primeiro estágio de choque.

— Eu não quis, eu não, eu juro...

— Você está bem, amigo — Hughie fala, segurando o rosto pálido de Gibsie entre as mãos e fora da água, enquanto Johnny nada de volta para a margem com seu corpo trêmulo pendurado no ombro. — Nós pegamos você.

Hughie continua a dizer em um tom reconfortante, pisando na água, enquanto Feely se arrasta de volta para a margem do rio.

— Estamos bem aqui. Você está conosco, ok? Você não está lá dentro. É isso, bom trabalho, cara. Apenas mantenha a calma e respire...

— Você o pegou? — Johnny pergunta, respirando com dificuldade, enquanto empurra o corpo flácido de Gibsie para Feely que está deitado de bruços, inclinado sobre a beira da margem, com os braços estendidos para pegar seu amigo. — Não o deixe cair, Patrick...

— Eu peguei ele, Capi — Feely responde, agarrando Gibsie pelos braços. — Eu não vou deixar você ir, amigo.

Gibsie parece um garotinho assustado, congelado em choque, enquanto Feely o puxa para fora da água e para a margem lamacenta.

Ele cai sobre as mãos e joelhos na beirada, e os sons que vem de sua garganta são angustiantes. É quase como o lamento de um animal ferido.

— Bom, cara — Feely ofega, caindo ao lado de Gibsie e colocando uma mão em suas costas. — Shh, você está seguro.

Johnny saiu da água em seguida, seguido rapidamente por Hugh, e então os três garotos estavam ajoelhados ao lado de Gibsie, sussurrando palavras que eu não consegui entender em seu ouvido.

Congelado no lugar, eu assisto como Gibsie se afastar da margem do rio em suas mãos e joelhos, não parando até que suas costas estejam pressionadas contra o tronco de uma árvore próxima. Ele está tremendo violentamente, com a cabeça

baixa e as mãos entrelaçadas frouxamente ao redor dos joelhos, claramente lutando para controlar a respiração.

— Está tudo bem, Gerard — Claire acalma enquanto se ajoelha na frente dele com uma toalha na mão. — Shh...

Com uma dolorida ternura, ela gentilmente acaricia seu rosto e cabelo.

— Estou bem aqui com você. — Movendo-se sobre seus ombros, ela gentilmente seca-o com a toalha antes de envolvê-la em seus ombros e segurar seu rosto pálido em suas mãos. — Respirações profundas.

Pressionando sua testa contra a dele, ela acaricia suas bochechas e sussurra:

— Eu vou mantê-lo seguro.

— Ele está bem? — Katie pergunta, parecendo preocupada. — Gibs?

— Ele ficaria muito melhor se todos vocês *parassem* de olhar para ele — Claire sibila, movendo seu corpo para que o rosto de Gibsie fique escondido da vista do resto de nós. — Ele não é um maldito show de circo!

Uau...

— Gibsie, me desculpe — Lizzie deixa escapar, lágrimas escorrendo pelo seu rosto, enquanto ela corre em direção a ele. — Eu juro, eu não queria...

— Fique longe dele! — Claire rosna, tomando uma postura defensiva na frente de um garoto que é mais que o dobro do tamanho dela. — Para. Trás. Todos!

— Eu não quis dizer isso — Lizzie solta. — Juro...

— Apenas dê uma maldita pausa — Johnny rosna, ficando de pé. — Você poderia tê-lo *matado.*

— Eu sei, e eu sinto muito! — Lizzie soluça, balançando a cabeça. — Eu não quis dizer isso...

— Você nunca quer dizer as coisas — Hughie murmura, indo até Katie, que está segurando uma toalha para ele. — Mas estamos todos muito cansados de ouvir essa desculpa, Liz.

— Eu disse que sinto muito...

— Bem, desculpe, não é suficiente desta vez, porra.

— Você pode anotar isso, Capi.

— Você podia tê-lo matado! Que parte disso você não entendeu?

— Gente, parem — eu solto, sentindo uma enorme onda de simpatia por Lizzie, que parecia genuinamente arrependida, e à beira de um colapso nervoso. — Ela não quis dizer isso.

— Ela quis dizer isso, Shannon! — Hughie retruca.

— Ei... não brigue com ela — Johnny avisa, vindo para ficar na minha frente.

— Eu não estava brigando.

— Você estava, porra!

— Tudo bem, rapazes, apenas se acalmem — Feely intervém. — Lizzie sabe que ela errou, ela está claramente arrependida, então não há necessidade de começar a jogar merda nela, ou uns aos outros.

— Mas ela... — Hughie começa a objetar, mas Feely o interrompe.

— Você é perfeito agora, Hugh? — ele pergunta, arqueando uma sobrancelha. — E você, Kav? — Ele se vira para Johnny. — Você nunca perdeu a cabeça em uma briga?

— Nós nunca tentamos afogar ninguém — Hughie retruca, olhando carrancudo para Lizzie.

— Ela não tentou afogá-lo — Feely afirma calmamente. — Não seja tão dramático, porra. Ela perdeu a paciência e o empurrou. Ele caiu e entrou em pânico. Nós sabemos o porquê. É uma merda, é uma merda, aconteceu, agora vamos seguir em *frente.*

— E eu sinto muito — Lizzie soluça.

— Eles sabem — responde Feely. Virando-se para Lizzie, ele curva um dedo e disse: — Venha cá.

— O-o quê?

— Eu disse venha cá — ele repete em um tom de voz sem sentido. — Agora.

Atordoada, observo enquanto Lizzie obedece sem dizer uma palavra e caminha até ele.

— Agora, você e eu vamos dar um passeio e deixar todos esfriarem a cabeça — Feely diz, segurando a mão dela. — E nós vamos voltar quando todos aqui lembrarem que eles não são anjos perfeitos.

— O-ok. — Fungando, Lizzie assente e deixa Feely levá-la para longe do acampamento.

— Você está bem? — Eu pergunto, seguindo Johnny enquanto ele caminha até nossa barraca e rasteja para dentro. — Johnny?

— Estou ótimo, Shan — ele responde, tirando uma toalha de sua bolsa. — Só estou um pouco abalado. — Afundando de joelhos, ele enxuga o peito e as costas antes de suspirar pesadamente. — Este dia é um maldito desastre.

— Não necessariamente — eu ofereço, me ajoelhando para ajudá-lo a se secar.

— Eles estão todos brigando — ele resmunga, arrastando a toalha pelo cabelo.

— Nós não estamos — eu sussurro.

Ele faz uma pausa e abaixa a toalha.

— Verdade.

— E estamos juntos — eu acrescento, sorrindo.

Ele sorri de volta para mim.

— Outra verdade.

— O que aconteceu lá atrás, Johnny? — Eu pergunto então, tentando desesperadamente manter meus olhos longe de sua metade inferior quando ele tira seu calção de banho molhado e o joga na abertura da nossa barraca. — Gibsie não pode nadar?

— Ele *sabe* nadar — Johnny corrige, procurando uma cueca boxer limpa. — Ele simplesmente entra em pânico.

— Por que?

— Seu pai e irmã se afogaram quando ele era pequeno — Johnny murmura, sobrancelhas franzidas, enquanto ele se concentra em colocar a cueca. — Eles tiveram problemas no mar ou algo assim.

Dando de ombros, ele acrescenta:

— Ele tem problema com água desde então.

— Oh meu Deus — eu solto, o coração rachando no meu peito. — Quando isto aconteceu?

— Seu dia da Eucaristia, eu acho? Então isso faria ele ter sete anos? — Johnny responde, em tom rouco. Desistindo de puxar sua cueca para cima de suas pernas molhadas, ele a chuta de volta e se cobre com uma toalha. — Foi muito tempo antes de me mudar para Cork. Ele só falou sobre isso uma vez, e isso foi quando eu tinha onze anos, então é tudo um pouco nebuloso, mas eu me lembro dele me dizendo que seus pais estavam passando por uma merda de separação na época. Não tenho certeza dos detalhes disso, mas foi realmente uma bagunça, baby – traições em abundância. De qualquer forma, todos se reuniram para o dia e tiveram uma festa conjunta gigante para Gibs e Hughie.

— Hughie?

— Bem, sim, foi a comunhão dele também, Shan — explica Johnny. — E as duas famílias sempre foram próximas. Eles foram praticamente criados juntos.

— Oh. — Eu balanço a cabeça. — Ok.

— De qualquer forma, seu padrasto Keith gastou uma fortuna para fazer a festa neste hotel chamativo na costa para Gibs — continua Johnny — e seu pai queria superá-lo, então ele alugou um barco e levou um monte deles para a água.

— Ah, não — eu murmuro, cobrindo a boca com as mãos, sem saber se quero ouvir o resto da história.

— Eles tiveram algum tipo de problema — Johnny diz. — Eu não sei todos os detalhes, mas Gibsie e sua irmã Bethany foram derrubados ao mar

Um soluço me atravessa.

— Não.

Johnny suspira tristemente.

— O pai deles entrou por eles, mas ele não voltou. — Soltando um suspiro pesado, ele acrescentou: — Sua irmã também não.

Oh meu Deus.

— E quanto a Gibsie? — Eu solto, enxugando as lágrimas que escorriam pelo meu rosto. — Como ele saiu?

— Essa é a parte que ele não me conta — Johnny murmura. — Eu sei que tem algo a ver com a família Biggs, e talvez até Claire? Mas eu presumo que um deles nadou e o salvou.

Ele dá de ombros novamente, parecendo um pouco indefeso.

— Ele não fala sobre isso, e eu não pressiono.

— Quantos anos ela tinha?

Johnny para e pensa por um momento antes de responder.

— Gibs tinha sete anos, então ela tinha dois ou três?

Meu coração se parte.

— Ela era apenas um bebê?

— Sim. — Johnny exala um suspiro pesado. — Ela tinha mais ou menos a idade de Sean.

— Oh meu Deus. — Eu balanço minha cabeça, lutando para compreender o que eu acabei de ouvir. — Eu não posso acreditar nisso.

— Todos nós temos nossos segredos — Johnny responde calmamente. — Estamos todos um pouco fraturados, Shan.

— Gerard e eu podemos pegar seu carro emprestado? — A voz de Claire chega aos meus ouvidos segundos antes de sua cabeça aparecer pela abertura da nossa barraca. Sem dizer uma palavra, Johnny pega as chaves do chão da barraca e as entrega a ela. — Obrigada — ela responde antes de desaparecer mais uma vez.

— Você acha que ele deveria estar dirigindo depois do que aconteceu? — Eu pergunto, preocupada.

Johnny dá de ombros.

— Provavelmente não, mas ele precisa de espaço — ele me diz, sobrancelhas franzidas profundamente enquanto ele se concentra em arrancar fios molhados de grama em sua canela e depois jogá-los fora. — Ele vai dar uma volta com ela, ela vai fazer tudo o que ela faz para trazê-lo de volta do poço, e então ele vai se recuperar novamente.

— A Claire?

— Isso — ele confirma com um aceno de cabeça.

— Eu acho que eles têm segredos — eu admito, me aproximando dele.

— Acho que você está certa — concorda Johnny. — Mas tudo o que ele precisa agora, ele vai conseguir dela.

Balançando a cabeça, ele acrescenta:

— Eu não posso dar a ele.

— E você? — Eu pergunto em um tom gentil. Ele estava tentando fazer uma cara de bravo, mas eu vi a preocupação em seus olhos mais cedo – o puro desamparo. — O que você precisa agora?

Johnny estende a mão e me puxa para seu colo.

— Tenho tudo o que preciso aqui.

— Você acha que eles vão resolver isso? — Eu pergunto então.

— Quem... Claire e Lizzie, ou Gibs e Lizzie?

— Todos eles?

Johnny dá de ombros.

— Sim, eles vão ficar ótimos. Ele vai voltar em uma ou duas horas, cheio de sorrisos e piadas. Ele vai jogar isso para debaixo do tapete, e pronto.

— Você acha?

— Eu o conheço, Shannon — ele responde. — É assim que ele lida. Humor é a coisa dele.

— Eu não quero que todos fiquem bravos com ela — eu sussurro. — Ela está passando por muita coisa.

— Shan...

— Estou falando sério — eu digo a ele, implorando com meus olhos para me ouvir. — Por favor, só não guarde rancor por isso.

— Estou furioso com o que ela fez com ele — ele admite honestamente.

— Eu sei — eu concordo, montando em seus quadris. — Mas quando ela voltar com Feely, você pode fazer um esforço? Por mim?

Ele me encara por um longo momento antes de soltar um suspiro.

— Tudo bem.

— Obrigada. — Eu sorri. — Eu sei que você acha que Lizzie é um difícil – e ela é – mas há muito mais nela do que aparenta.

Pego sua mão e aperto.

— Ela é toda espinhosa, mas há uma boa pessoa por baixo disso. Ela é muito parecida com Joey em alguns aspectos. Ela torna muito difícil para as pessoas amá-la, mas é um mecanismo de defesa. Confie em mim, eu sei.

— Vou acreditar na sua palavra — resmunga Johnny, não parecendo impressionado.

— Então, você vai ser legal com ela?

— Eu vou ser legal — ele confirma severamente. — Por você.

— Eu tenho um presente para você — eu digo então, tentando conduzir a conversa para águas mais suaves. — Não é realmente nada de especial, mas eu posso dar a você agora, se você quiser?

— Você me trouxe um presente? — As sobrancelhas de Johnny se erguem e ele estica o pescoço para trás para olhar para mim. — Shan, você não tinha que fazer isso.

— É seu aniversário de dezoito anos — respondo. — Claro que eu tenho um presente para você.

Saindo de seu colo, eu levanto uma mão.

— Mas aviso prévio, não é nada tão incrível quanto aquele carro chamativo que seus pais compraram para você.

— Ela é bem doce, hein? — ele ri. — Ela ronrona como um sonho.

— Uh-hum. — Totalmente desinteressada em falar de carros com ele, eu enfio a mão na minha bolsa e vasculho até meus dedos encontrem o livro dentro. — Eu mesma fiz isso — eu digo a ele, enquanto pego o álbum de recortes e o coloco em suas mãos. — E se for ruim, ou você não gostar, você pode simplesmente jogar fora, eu juro que não vou me importar.

Juntando minhas mãos no meu colo, dou de ombros, me sentindo nervosa.

— Feliz aniversário, Johnny.

— Você me fez um álbum? — Sua voz era profunda e rouca quando ele abre a capa e olha. — De mim?

— Bem, é mais um álbum de recortes — explico. — Detalhando sua carreira desde das ligas infantis até aqui...

Estendo a mão e eu viro para a última página onde eu fotocopiei sua carta de aceitação da academia irlandesa de rúgbi e colei dentro.

— É como um itinerário de sua vida no rúgbi. — Solto um suspiro trêmulo. — Está tudo bem?

— Shan... — Ele balança a cabeça e folheia página após página de recortes de jornais e fotografias dele dos seis aos dezoito anos. — Onde você encontrou tudo isso?

— Sua mãe me ajudou — eu digo a ele. — Quando eu disse a ela o que eu queria fazer para você, ela me levou até o sótão onde ela tem pelo menos trinta caixas de jornais e troféus e Deus sabe o que mais.

— Ela tem? — ele pergunta, sem tirar os olhos do livro.

— Sim. — Eu balanço a cabeça. — É como um santuário para você naquele sótão. Eu nunca vi tantas recordações pertencentes a uma pessoa na minha vida.

Dando de ombros, acrescento:

— Você é meio famoso, Johnny Kavanagh.

Um pequeno sorriso aparece em seus lábios e ele bate o dedo contra o livro.

— Eu amei isso.

Eu caio de alívio.

— Você amou?

Assentindo, ele fecha o livro e olha para mim.

— E eu te amo.

— Eu também te amo — respondo, sorrindo de volta para ele.

— Eu quero dizer isso, Shan. — Seu tom é sério, seus olhos brilhando com calor. — Eu realmente quero dizer isso.

— Eu acredito em você — eu sussurro, o coração palpitando de excitação.

— Se eu pudesse levar você comigo, eu levaria — ele diz, colocando o livro de volta para baixo e me puxando para seu colo mais uma vez. — Eu não quero te deixar.

Meu coração afunda.

— Você tem que ir, Johnny.

Ele passa os braços em volta de mim e enterra o rosto no meu pescoço.

— Eu estou tão triste.

— Não fique triste — eu imploro. — Seja *feliz*.

— Eu sou — ele resmunga. — Mas eu só... eu não sei o que vou fazer sem você. Eu sinto como se tivesse acabado de ter você, e agora eu tenho que ir...

Suas palavras são interrompidas e ele geme em meu pescoço.

— Eu não estou pronto para desistir de tudo.

— Desistir de quê? — Eu sussurro, arrastando meus dedos por seu cabelo. — Hum?

— Minha juventude — ele admite calmamente.

— Johnny, você ainda é jovem — eu convenço.

— Eu não estou falando sobre a minha idade — ele murmura. — Estou falando de você, e daqueles filhos da puta lá fora — acrescenta, apontando um dedo para a abertura da barraca. — E seus irmãos irritantes.

Ele balança a cabeça e suspira pesadamente.

— Eu não estou pronto para desistir de tudo, Shan.

— Você consegue fazer isso. — Eu forço as palavras para fora da minha boca quando tudo que eu quero fazer é gritar "*não vá*" em vez disso. Mas eu não serei egoísta com ele. Ele precisa fazer isso, e eu preciso apoiá-lo. — E é só para o verão.

Ele endurece por um momento antes de assentir.

— Sim, eu sei.

— Você quer o resto do seu presente? — Eu falo, desesperada para animá-lo antes que nós dois acabássemos miseráveis. — Hum?

— Tem mais?

Sorrindo, eu o empurro de costas e puxo sua toalha.

— Se você quiser mais?

— Oh, porra — ele rosna, balançando a cabeça em apreciação, enquanto suas mãos se movem para meus quadris. — Eu definitivamente quero mais.

Mais tarde naquela noite, todos pareciam ter se acalmado e estavam se divertindo genuinamente. As barracas foram armadas, o bolo foi comido, as discussões foram postas de lado, as desculpas foram aceitas e os rostos carrancudos foram substituídos por sorrisos soltos e bêbados – cortesia da meia dúzia de cervejas e outras bebidas alcoólicas misturadas em oferta.

Sentada ao redor de uma fogueira na beira do rio, com os braços de Johnny ao meu redor, eu ouço atentamente as brincadeiras e piadas que estão indo a noventa por hora. Gibsie e Lizzie formaram uma espécie de trégua silenciosa e estão sentados um de cada lado de Feely, agindo como se nada tivesse acontecido entre eles antes. Eu não tenho certeza do que fazer com isso se eu estou sendo honesta, mas eu tenho que admitir que fingir se dar bem um com o outro é muito melhor do que uma guerra aberta. Claire está sentada do outro lado de

Gibsie, e Hughie e Katie acabaram de voltar de uma *pausa para o banheiro* de vinte minutos atrás de uma árvore próxima, aparecendo corados e desarrumados.

Enquanto olho para as chamas âmbar, sinto uma súbita pontada de culpa por me sentir tão feliz. O rosto de minha mãe surge em minha mente, seguido rapidamente pela imagem dos olhos assombrados de Joey na última vez que o vi. As emoções que passam por mim são tão avassaladoras que me fazem estremecer e deixar cair a garrafa de cerveja que estou bebendo.

— E nós temos uma peso leve — Gibsie aplaude do outro lado do fogo, claramente de volta às suas brincadeiras despreocupadas. — Pequena Shannon — ele murmura, sorrindo. — Derramando sua bebida na quinta garrafa? — Ele balança a cabeça, fingindo decepção. — O que vamos fazer com você, hein?

Recuperando-me antes que minha dor possa tirar o melhor de mim, eu pisco para conter as lágrimas em meus olhos e dou um sorriso brilhante.

— Me dê uma folga — eu brinco, forçando o humor em minha voz, enquanto eu coloco minha garrafa no chão. — É a minha primeira vez bebendo.

Rindo, Gibsie volta sua atenção para Feely, que está tocando sua guitarra e cantando um verso de *The Langer Song* de Tim O'Riordan. Todos os nossos amigos estão cantando junto com ele, rindo muito no processo, mas eu não consigo me concentrar nas letras engraçadas ou no som da bela voz de Feely porque minha mente está presa na minha família.

— O que há de errado? — Johnny sussurra em meu ouvido e o cheiro de álcool em seu hálito me atinge como uma bola de demolição. Ele está bebericando um pouco da lata vazia de Heineken ao lado dele, e mesmo que ele estivesse no seu normal, o rosto do meu pai simplesmente não sai da minha mente.

"O que há de errado com você, garota?"

"Que porra há de errado com você agora?"

"Vá dormir agora, Shannon. Apenas feche os olhos e tudo estará melhor pela manhã..."

— Shan? — Johnny pergunta novamente, me arrastando de volta da beira dos meus pensamentos deprimentes.

— Hum?

— O que há de errado, querida?

— O que você quer dizer?

— Seu corpo ficou todo engraçado — ele murmura, felizmente mantendo sua voz baixa o suficiente para que apenas eu possa ouvi-lo. — Você ficou rígida e

então você ficou toda nervosa, e então você riu, mas não era *sua* risada... era como um "ha-ha-ha, estou rindo, mas não estou realmente rindo".

Uau...

— Você está bem? — ele pressiona, acariciando minha bochecha com o nariz. — Você está cansado? Você quer ir para a cama ou algo assim? Na minha barraca de pau?

— Sua *o quê*?

— Minha barraca armada — ele balbucia.

— Não, não é nada.

— Uh-oh — ele murmura — Isso é uma *palavra* ruim... Estou com problemas?

— Não, é apenas o cheiro de álcool — eu admito, virando meu rosto para que eu possa olhar para ele. Seus olhos estão vidrados e suas bochechas estão coradas. Ele parece *feliz*. Ele parece tudo que meu pai *não foi,* mas aquele cheiro ainda está *lá.* Ainda *nele*. — Está na sua hálito e você apenas...

— Te lembrei dele?

Solto um suspiro trêmulo e assinto com culpa.

— Desculpe.

— Eu não estou bêbado, Shan — Johnny gagueja e então torce o nariz. — Ok, eu posso estar um pouco bêbado — ele emenda, claramente *muito* bêbado. — Mas é só porque é meu aniversário de dezoito.

— Eu sei — eu me apresso para acalmá-lo, sentindo-me terrível. — E eu quero que você se divirta, Johnny...

— Eu sei que estou falando um pouco engraçado, eu posso ouvir minha própria voz e isso nunca é uma coisa boa... espere, o que eu estava dizendo? — Ele balança a cabeça e se concentra no meu rosto mais uma vez. — Ah, sim, isso não vai acontecer conosco.

Ele estende a mão e segura minha bochecha.

— Eu nunca vou te machucar, baby — ele sussurra, roçando seu nariz contra o meu. — Nunca, nunca, nem em um trilhão, zilhão de anos.

— Eu sei — eu suspiro, com o coração acelerado.

— Você é minha queridinha — ele balbuciou. — Todo o meu coração está dentro de você.

Meu coração martela no meu peito.

— Johnny...

— Você nunca será ela — ele continua a divagar. — E eu nunca serei ele.

— Você promete?

Ele assente.

— Eu prometo um milhão, bilhão de promessas.

Tremendo, eu lentamente relaxo contra ele.

— Eu te amo, Johnny Kavanagh.

— E você sabe que eu também te amo, meu pequeno rio azul — ele balbucia. — Agora, eu sei que pareço um bêbado, mas eu poderia estar mil por cento bêbado e você ainda estaria segura comigo.

Sorrindo vagamente, ele acrescenta:

— E você ainda seria a melhor coisa que esses olhos já viram. — Ele aponta para seus próprios globos oculares. — Sim, esses *adoram* olhar para você. Porra, agora estou duro de novo.

— Eu pensei que você disse que estava apenas um pouco bêbado? — Eu questiono, sufocando uma risadinha e oh *sim*, ele está definitivamente duro novamente. Eu posso senti-lo crescendo abaixo de mim.

— Shh. — Ele pressiona o dedo contra meus lábios. — Você está bêbada.

— Não — eu rio, sentindo-me relaxar com sua brincadeira. — *Você está* bêbado.

— Estou com tesão — declara ele rapidamente. — E isso não é sensato.

Ele balança sua cabeça.

— Não, isso não é um bom plano, Shan, porque eu sou um Johnny sem camisinhas.

— Johnny!

— Eu sei que estou duro — ele continua a divagar. — Eu posso sentir meu pau tentando sair do meu short para chegar até você, mas eu não sei exatamente *onde* meu pau *está* agora, sabe?

— Sim, eu posso sentir ele esfregando contra mim. — Eu rio. — Eu prometo, ainda está em suas calças.

— Oh, graças a Deus — ele suspira um grande suspiro de alívio. — Eu continuo pensando que vai acabar.

Contorcendo-se, ele acrescenta:

— Eles colocaram muitas agulhas perto dele, Shan.

— Eu sei, baby — eu o acalmo, tentando não rir dele. — É terrível.

— Foi *fodidamente* terrível — ele me diz, balançando a cabeça ansiosamente. — Todo o sangue, e as bolas azuis, e o...

Ele dá de ombros e olhou para o *meu* colo por vários segundos antes de gemer alto.

— Ah merda, olha, Shan! Definitivamente se foi.

— Ah, Johnny. — Eu balanço minha cabeça e o beijo. — Você é um grande bêbado.

— Hum. — Ele puxa meu lábio inferior em sua boca e chupa. — Desculpe — ele se desculpa, soltando meu lábio com um estalo alto. — Eu só queria um gostinho de você.

Oh Deus...

— Rapazes, rapazes, rapazes, calem a boca, sim? Eu tenho uma música para vocês! — Gibsie anuncia enquanto se levanta, apenas para cair sobre o tronco em que está sentado e de costas em uma pilha. — Feely... me toque um acorde, sim? — ele grita enquanto está deitado de costas com um cigarro balançando entre os lábios. — Bom homem você.

Todos gritam de tanto rir quando Gibsie limpa a garganta e começa a cantar sua própria versão bêbada de *My Girlfriends Pussy Cat* do Richie Kavanagh a plenos pulmões. Sorrindo, ele tranca os olhos em Claire, e eu soube ali mesmo que ele está direcionando cada palavra para ela. Ele está cantando essas palavras para ela e ele quer que ela saiba que ele quer dizer o *oposto* da letra.

— Eu sou um ótimo marinheiro — Johnny declara, me distraindo dos *miados* de Gibsie. — Você sabia disso?

— Não. — Sorrindo, eu me viro totalmente em seus braços agora. — Você gosta de velejar?

— Eu adoraria velejar — ele ronrona, se abaixando para apertar minha bunda. — No seu rio novamente.

— Oh. — A consciência me ocorre e eu coro em um tom vermelho brilhante. — Bem, nesse caso, você é um excelente marinheiro.

— Eu sei, certo? — ele diz com um sorriso orgulhoso. — Anos de prática.

Eu torço meu nariz para cima.

— Ah, sim...

— Opa. — Ele tapa a boca com a mão. — Eu fodi tudo.

— Sim — eu concordo. — Você meio que fodeu.

— Devo tirar meu barco de pau? — ele pergunta com os olhos arregalados.

— Não, Johnny — eu rio, divertida demais para ficar chateada com o excesso dele. — Aqui não.

— Bem, eu só navego um rio agora — ele emenda com uma carranca. — Isso é o seu.

Ele faz uma pausa para apontar para mim.

— No caso de você estar se perguntando.

— Ok — eu rio. — Eu entendi. Obrigada, no entanto.

— Não, obrigado você — ele ronrona antes de soltar um suspiro alto. — Eu preciso mijar.

— Ah, okay?

— Eu não posso — ele responde, parecendo desamparado.

— Por que?

— Porque eu estou *duro.*

— Oh meu Deus... — Rindo, eu passo meus braços em volta do pescoço dele e o abraço. — Você me faz tão feliz.

— Eu vou deixar você orgulhosa quando eu for embora — ele declara, envolvendo seus braços em volta de mim, e derrubando metade de sua garrafa de cerveja no meu moletom no processo. — e manter meu pau dentro da calça.

— Uh, obrigada?

— Claro, claro — ele concorda, ainda enrolando. — Oh merda, querida, eu te molhei?

— Uh, só um pouquinho — eu confirmo, estremecendo quando o líquido escorre pelas minhas costas. Tirando meu moletom, eu o enrolo em uma bola e jogo na direção da nossa barraca. — Isso não foi tão longe quanto eu planejei — eu noto, olhando meu moletom a menos de um metro e meio de onde estamos sentados. — Talvez você deveria ter jogado para mim.

— Não se preocupe com isso — Johnny responde num tom encorajador antes de engolir o resto de sua garrafa e depois olhar para a borda da garrafa, parecendo solitário e fofo quando nada mais sai. — Pareceu a jogada perfeita para mim.

— *Pareceu* assim para *você* — eu rio, apreciando completamente esta versão dele agora.

— Onde eu estava? — Johnny pergunta, parecendo confuso.

— Você estava falando sobre manter seu pau nas calças quando estiver fora com o time.

— Ah, é isso! — Ele pisca e acena com a cabeça em aprovação. — E então eu vou fazer todos os meus grandes planos com você quando eu voltar para casa.

— Ah, você tem grandes planos?

— Grandes, grandes — ele confirma. — Eu gosto de crianças, e você?

— Uh, sim, com certeza. — Eu pisco. — Eu gosto de crianças, Johnny.

— Então nós vamos ter algumas — ele anuncia. — Eu vou fazer a coisa do rúgbi, e você vai fazer a coisa de veterinário, e então vamos nos acomodar e fazer alguns bebês. — Ele sorriu. — Boa conversa.

— Você acha que eu vou ser veterinária? — Eu perguntei, ignorando completamente a conversa maluca de bebês. — Eu? Uma veterinária?

— Claro — ele balbucia. — Você é tão inteligente, baby, com sua ciência e seu jeito com todos os animais. Meu cachorro te ama. Brian te ama. Meu pau te ama. Porra, você será a veterinária mais sexy que eu já vi.

— Mas eu só te disse isso uma vez — eu sussurro, pensando em uma das conversas aleatórias que tivemos à noite quando Johnny entra no meu quarto. — Eu não posso acreditar que você se lembrou disso, e especialmente em seu estado atual.

— Você só tem que me dizer uma coisa, uma vez, e gruda. — Ele bateu em sua têmpora. — Eu guardo todas as suas palavras na hora.

— Você é um crânio — eu provoco. — Você sabe disso?

— Eu sou — ele concorda. — É como *uau* na minha cabeça o tempo todo.

— Isso é porque você é tão inteligente — eu o asseguro. — Você está sempre pensando.

— Hum.

— O que é o hum?

— Eu não sou esperto com você — ele fala arrastado. — Isso vai embora quando estou com você.

— Isso é ruim?

— É tão bom pra caralho — ele geme. — Eu só... porra, eu preciso parar de falar.

— Não, continue falando — eu falo, curiosa. — Me diz o que está acontecendo nessa sua cabeça?

— Na minha cabeça agora?

Eu balanço a cabeça.

— Sim, agora.

— Seus peitos, sua bunda, suas pernas e sua boceta perfeita — ele solta e diz. — Eu só quero foder você, e comer você, e lamber você, e tocar em você, e... Jesus, eu nem sei o que mais há para fazer com você, mas eu sei que quero fazer isso também.

— Johnny — eu suspiro, tremendo.

— Talvez você devesse ficar bêbada — ele sugere então. — Talvez assim eu não tenha muitos problemas?

— Sim. — Tremendo, eu pego minha garrafa. — Talvez eu deva.

A ressaca não descreve a pancada que minha cabeça está tomando quando levanto na manhã seguinte, murchando no chão de nossa barraca. Meu estômago está travando uma guerra civil contra meus reflexos de vomitar e eu não ouso mover um músculo, com medo de quem pode ganhar. Deitada perfeitamente imóvel, abro meus pobres olhos, gemendo quando o sol ataca minha capacidade de enxergar direito.

— Estou morrendo — eu choramingo, rezando por alguma salvação, ou pelo menos uma pequena intervenção divina. — Querido Deus, me salve.

Um gemido de dor vem de algum lugar próximo e, com grande esforço, consigo virar a cabeça para o lado e encontrar Johnny. Ele parece tão mal quanto eu e está se contorcendo no que parece ser uma dor física.

— Faça isso parar — sua voz profunda implora. Virando-se de bruços, ele cai de cara no chão e então geme alto. — Feche as cortinas ou algo assim, Shan, porra, qualquer coisa...

Enterrando o rosto em seu travesseiro, ele implora.

— Apenas faça o sol parar de brilhar.

— Eu não posso — eu lamento, me sentindo terrivelmente triste por mim mesma. — Estou morrendo aqui, Johnny.

Deve ter sido um grande esforço dele, mas sinto um braço pesado cair sobre meu estômago, e então seus dedos estão percorrendo minha carne em pequenos círculos.

— Pelo menos vamos juntos — ele fala, o rosto ainda enterrado em seu travesseiro. — Nós percorremos um bom caminho.

— Mas eu estou nua — eu resmungo. — Eu não quero morrer nua.

— Não importa quando estivermos mortos — declara ele, igualmente nu ao meu lado.

De ressaca como eu estou, não consigo resistir ao desejo de varrer meu olhar sobre sua forma nua, os olhos demorando em sua bunda nua.

— Nós, uh... — Tremendo, eu cruzo meus braços sobre meus seios nus. — Nós fizemos isso ontem à noite?

— Fizemos o quê?

— Fizemos *sexo*?

— Nada de sexo. — Dando um pequeno aperto no meu quadril, ele enterra o rosto de volta em seu travesseiro, e dá uma estrela no chão. — Apenas dormimos.

Não convencida, eu olho ao redor para encontrar uma evidência de uma embalagem de papel alumínio, apenas para entrar em pânico quando não encontro uma.

— Mas nós estamos nus — eu murmuro. Eu movo timidamente meus quadris e sinto aquela dor familiar.

— Eu sei — ele murmura. — Agora durma, Shan. *Por favor*. Eu tenho que nos levar de volta para casa em algumas horas e eu estou tentando suar o uísque para fora de mim, baby.

— Oh, tudo bem. — Me contorcendo com a dor entre minhas pernas, eu espelho suas ações e cuidadosamente rolo de bruços, observando-o dormir.

Meu silêncio dura sete minutos antes de eu chegar e cutucar o bíceps ridiculamente grande flexionado em torno de um travesseiro.

— Ei, você tem certeza que não fizemos sexo?

Gemendo baixinho, Johnny tenta um aceno sonolento.

— Cem por cento.

— Eu sinto como se algo estivesse dentro de mim, Johnny — eu falo, tremendo enquanto meu corpo se afoga na sensação de estar completamente saciado. — Talvez não cheia como numa penetração — eu emendo. Ondas de formigamento de prazer e excitação disparam por mim com o pensamento. — Mas definitivamente havia algo *dentro* de mim.

— Sim — Johnny responde, olhando para mim através de um olho azul semicerrado. Ele ergue a mão e acena com os dedos. — Esses aqui.

— Oh. — Calor sobe pelo meu corpo. — Ok.

— Boa noite, te amo — ele murmura, fechando os olhos mais uma vez.

— Mas é de manhã.

— Shhh... durma.

Me sentindo carente, eu me preparo e me movo lentamente até seu corpo. Ele está queimando, sua pele quente e acolhedora. Me aconchegando ao seu lado, eu acaricio minha bochecha contra seu ombro.

— Estou tentando morrer em paz aqui, Shannon — ele geme. — E você está dando ideia para meu pau.

— Estou com frio. — Tremendo, eu me aproximo de seu grande corpo que parecia uma fornalha 24 horas por dia, 7 dias por semana.

— Está uns trinta graus lá fora — ele nota, levantando-se nos cotovelos para olhar para mim. — Você não pode estar com frio.

— Estou — argumento, tremendo. — Estou morrendo.

Rolando de lado, Johnny dá ao meu corpo uma avaliação lenta da cabeça aos pés.

— Ah, merda — ele resmunga, jogando uma coxa sobre a minha e deixando cair a cabeça no meu peito. — E o meu plano para o dia foi jogado pela janela.

— O quê? — Eu sussurro, acolhendo avidamente seu calor, envolvendo meus braços em volta dele e o segurando perto. — O que há de errado?

Ele aperta a mão no meu quadril e exala um suspiro satisfeito.

— Eu não posso pensar em morrer quando você está assim.

77
Adeus por enquanto
Johnny

— Ligarei para você todos os dias — eu prometo, enquanto estou no meio do aeroporto de Dublin com o número do meu voo sendo chamado pelo interfone.
— E eu vou te enviar um milhão de mensagens.

— Mas não será o mesmo.

— Eu sei, mas vamos fazer dar certo — prometo.

— Como?

— Nós vamos descobrir, ok? Mas eu preciso que você pare de chorar. — Eu imploro. — Por favor.

— Eu não posso evitar. Meu coração está partido aqui.

— Eu estarei em casa em breve — eu falo. — Não será para sempre.

— Não, não! Apenas não. Você não pode me deixar, Johnny!

— Eu tenho que ir — eu gemo. — Vamos lá, não torne isso mais difícil do que tem que ser.

— Você promete que isso não é um adeus para sempre?

— Eu prometo — eu insisto, dando um tapinha nas costas dele. — Agora, vamos, Gibs. Você está cortando o meu suprimento de ar aqui.

— Tudo bem. — Fungando, ele solta o aperto mortal que tem no meu pescoço e dá um passo para trás, lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Eu não posso acreditar que você está realmente chorando. — Eu rio, e então rapidamente acalmo minhas feições quando isso só o faz chorar mais. — São seis semanas, cara.

— Eles vão te roubar — ele funga, enxugando os olhos. — E eu vou perder meu melhor amigo.

— Você não poderia me perder nem se você quisesse, seu grande idiota. — Eu murmuro, puxando-o de volta para um abraço. — Agora, se recomponha — eu ordeno, batendo em suas costas. — Sean está observando você.

— Ah, sim.

Limpando a garganta, ele dá um passo para trás e estufa o peito.

— Está tudo bem — ele engasga, forçando um sorriso que faz parecer que ele está com dor física. — Eu vou ficar bem — acrescenta ele, a voz falhando na última nota. — Ah, foda-se, isso é muito difícil. Estou indo para o carro.

Soluçando, ele me dá um toca-aqui e murmura antes de sair andando pelo aeroporto, gemendo como uma alma penada:

— Boa sorte, amigo.

— Jesus — eu murmuro, esfregando minha mandíbula, olhando para meu melhor amigo. — O resto de vocês é melhor não fazer essa merda.

Me viro para encarar minha família e dou um olhar cauteloso para minha mãe chorosa.

— Estarei de volta antes do final do verão.

— Vou te ver pela televisão — diz Tadhg, me dando um soco. — Eu não gosto de rúgbi, mas acho que já que é você, vou assistir seus jogos.

— Uau. — Eu sorrio. — Que generoso de sua parte.

Ele encolhe os ombros.

— Meh, vamos ver como vai ser. Eu posso desligar se ficar entediado.

— Tchau, Johnny — Ollie diz então, empurrando Tadhg para o lado para abraçar minhas pernas. — Não deixe o avião cair e explodir com você nele, ok?

Jesus Cristo...

— Sim, tudo bem. — Eu dou um tapinha nas costas dele. — Vou dizer ao piloto para não me matar.

— Obrigado — responde Ollie, apaziguado, enquanto se afasta. — Porque eu vou sentir sua falta.

— Eu vou sentir sua falta também, cara.

— Estou orgulhoso de você, filho — meu pai diz quando dá um passo à frente e passa os braços em volta de mim. — Mais do que eu posso dizer.

— Obrigado, pai.

— Eu te amo, Jonathan... — sua voz falha e ele limpa a garganta antes de acrescentar — muito.

— Eu também te amo, pai. — Dando-lhe um tapa nas costas, dou um passo para trás e espero pela minha próxima despedida.

— Meu bebê — minha mãe soluça, jogando os braços em volta de mim. — Meu garotinho.

— Eu tenho 1,90, mãe — eu falo, apertando-a com força. — E dezoito anos. Sou um homem adulto.

— Eu não me importo. Você sempre será meu bebê. — Ela chora, arrastando meu rosto para baixo para dar meia dúzia de beijos de batom vermelho nas minhas bochechas. — Agora, você se cuida, ouviu? Não pegue carona com estranhos. E só beba de garrafas, não de copos, quando estiver fora. E não deixe nenhum dos rapazes mais velhos da equipe te desviar do caminho...

— Está tudo bem, mãe — eu acalmo, resistindo à vontade de revirar os olhos para o céu. — Estarei no acampamento a maior parte do tempo, então você não tem nada com que se preocupar.

— Também não fale com estranhos — acrescenta. — E se eles parecerem desonestos e lhe oferecerem qualquer coisa, então você diz não. Você está me ouvindo, Jonathon?

— Vamos, Edel — meu pai ri, removendo fisicamente os braços da minha mãe do meu pescoço. — Ele vai ficar bem. Você o criou bem.

— Vejo você em breve, ok? — Eu disse, me agachando para falar com Sean, que está puxando a perna do meu moletom. — Eu vou te trazer de volta um grande presente.

— Onny — ele soluça, os lábios trêmulos. — Eu quero Onny.

— Eu voltarei — eu persuado, sentindo meu coração quebrar no meu peito. — Eu prometo.

Inclinando seu queixo para cima, limpo uma lágrima de sua bochecha e sorrio.

— Você vai cuidar da Sookie para mim?

Fungando, ele assente.

— Bom garoto — eu digo a ele, bagunçando seu cabelo. — Agora, chega de chorar porque vou ligar para você, ok? Vou ligar para a casa e dizer "Dellie, meu Seany está aí?"

Ele sorri.

— E eu falo "meu Onny aí?"

— Isso mesmo. — Rindo, dou-lhe um abraço e me levanto enquanto ainda posso e coloco minha bagagem de mão no ombro. — Vejo você muito logo logo.

— Vamos lá rapazes. — Minha mãe funga, pastoreando os Lynchs como se fossem seu próprio rebanho pessoal de cordeirinhos. — John vai nos comprar alguma coisa na loja de brinquedos.

— Boa — Ollie e Tadhg gritam enquanto correm atrás de minha mãe, com Sean e meu pai logo atrás.

— Sim, eu realmente preciso que *você* não faça isso. — Eu solto, sentindo tudo dentro de mim se abrir com a visão de seus olhos azul-escuro se enchendo de lágrimas. — Caso contrário, eu vou sair daqui e voltar para casa com você.

— D-desculpe. — Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Shannon soluça um pequeno soluço e caminha direto para meus braços. — É s-só...

— Eu sei — eu falo, soltando a minha bolsa do meu ombro para envolvê-la em meus braços. Enterrando meu rosto em seu pescoço, eu inalo o cheiro dela, tentando desesperadamente me manter de cabeça erguida. — Eu também.

— Eu te amo — ela sussurra, os dedos cavando em meu pescoço enquanto ela puxava meu rosto para o dela e beijava meus lábios. — Tipo uma quantidade louca do caralho.

— Eu também te amo... — minha voz falha e eu exalo uma respiração estrangulada antes de acrescentar — Do tamanho do mundo.

Segurando seu rosto em minhas mãos, eu apenas a encaro, travando a imagem de seu rosto em minha mente e, em seguida, chegando perto de perdê-la quando penso em quanto tempo levaria até que eu a visse novamente.

— Estou voltando para casa — eu digo a ela. — Independente do que acontecer.

Escovando uma lágrima de seu rosto, eu beijo sua bochecha úmida.

— Estou voltando para você, Shannon *como o rio*. — Soltando outra respiração irregular, eu acaricio seu nariz com o meu. — Eu prometo.

— Você t-tome seu tempo — ela funga. — Você v-vai e brilha, o-ok?

Eu balanço a cabeça tristemente.

— Ok.

— Eu quero que você tenha s-sucesso — ela continua a dizer, me quebrando com suas lágrimas, e me arrumando de volta com suas palavras. — Eu quero que você c-chute algumas bundas, e seja o m-melhor centro que este país já viu... — ela faz uma pausa para me beijar. — Mas não se esqueça que você sempre será o meu camisa 13.

Ela fungou e enxugou minha bochecha com os dedos.

— Meu vínculo com a camisa 13.

Eu sufoco uma risada dolorosa, pensando naquela aposta estúpida.

— Você ouviu sobre isso?

— Sim. — Meio soluçando/meio rindo, Shannon sorri e assente. — Eu venci.

— Sem dúvida. — Eu beijo seus lábios inchados. — Indiscutível.

— Agora, estou mantendo a camisa 13 — ela me diz. — Então venha para casa para mim quando terminar, ok?

— Eu irei.

78
Amor de verão
Shannon

Querida Shannon,

Sou eu – Johnny. Estou escrevendo isso para que eu possa, mais uma vez, surpreendê-la e impressioná-la com minhas habilidades loucas de escrever cartas. Ta-dã? Veja, eu lhe disse para não se preocupar com aquela pancada que levei em campo no fim de semana passado. Parecia pior na televisão do que foi – e ainda me lembro de como escrever, comprar um selo e enviar uma carta, então meu cérebro ainda está funcionando. Espero que esta carta te encontre bem. Estou rezando para que você sinta minha falta tanto quanto eu sinto sua falta. Não seria justo de outra forma.

Estou no campo de treinamento na África do Sul com o time principal. Estou morando com a porra do Mick Flanagan, baby, o nosso CAPITÃO... que me sinto estúpido para caralho escrevendo em uma carta, considerando que falamos sobre isso no telefone uma hora atrás.

Eu sinto sua falta.

Cada pedacinho de mim sente falta de cada pedacinho seu. Eu sinto falta de você. De dormir ao seu lado. De falar com você. De dirigir por Ballylaggin com você no banco do passageiro. Porra, tenho certeza que estou começando a sentir falta dos seus irmãos também. É assim que esse tempo separados está sendo ruim para mim. Não é apenas do sexo que sinto falta, Shan... embora meu pau sinta sua falta com uma ferocidade que beira a dor.

*Você está bem? Você sempre me diz que está bem ao telefone, mas posso ouvir a tristeza em sua voz. Eu não digo isso porque é o mesmo para mim. Estou aprendendo que não lido bem quando você não está por perto, Shan. Eu passo minhas noites stalkeando aquela maldita conta no aplicativo "Bebo" que Claire criou para você, e eu te digo isso sem um único pingo de vergonha. *A propósito, eu fiz minha própria conta, então me aceite como sua outra metade, por favor*... ah, e sinta-se à vontade para me mandar algumas nudes no privado. Eu preciso de material novo. Minha memória nunca parece fazer justiça a você.*

Há uma praia aqui, a cerca de seis quilômetros do hotel da equipe, e toda vez que ando na areia, penso em você. Daquele dia que passamos na praia de volta para casa.

Você está em minha mente o tempo todo, Shannon. No meu coração também. Você fez algo comigo todos esses meses atrás. Eu acho que você me quebrou, porque eu não estive bem desde então. Quando estamos separados assim, me sinto instável, como se estivesse equilibrando um peso em meus ombros e minha recompensa por não deixá-lo cair é ver seu rosto novamente.

Então, sim, aí está...

Vou lhe dizer algo nesta carta, algo que não posso dizer ao telefone ou em uma mensagem porque acho que não consigo lidar com sua resposta imediata...

Estou com medo, Shannon. Me sinto como um peixe fora d'água nesta viagem. Os rapazes da equipe? Eles são todos muito mais velhos do que eu – com anos a mais de experiência. Eles são homens adultos de verdade, baby, e eu me sinto como uma farsa ambulante, um jovem filho da puta correndo com sorte e tempo emprestado.

Eu nunca me senti assim antes. Eu não sei o que diabos estou fazendo, para ser honesto. Na maioria das vezes, estou a dois minutos de jogar a toalha e pegar o próximo voo para você. Eu ainda estou aqui, porém, porque eu fiz uma promessa de que eu iria brilhar... ou reluzir, ou o que diabos você me pediu para fazer. Esse sou começando este sábado assim, em vez de sair do banco, então talvez eu termine o trabalho então.

É intenso aqui, Shannon. É como nada que eu já experimentei antes. A campanha do sub-20 foi um passeio no parque em comparação com o nível sênior. Comecei todos os jogos – sem pressão. Mas isso? Jesus, o meu melhor é apenas mediano nesse nível de qualidade da equipe e isso é o suficiente para me fazer querer desistir. Eu nunca senti vontade de desistir antes, isso nunca passou pela minha cabeça. Estou trabalhando para tentar encontrar meus pés. Lutar por uma camisa que sempre foi minha é inquietante. Saber que há meia dúzia de jogadores de classe mundial prontos para atacar e tirar isso de mim se eu colocar um pé fora do lugar é uma pressão que estou lutando para administrar. Estou no limite o tempo todo, Shannon... Talvez eu esteja apenas com saudades de casa, ou talvez eu esteja pensando demais nas coisas, ou talvez eu tenha deixado minha cabeça em Cork com você?

No lado positivo, ganhei uns 6 quilos de músculo. Eu tenho mais de 1,93 agora, também. Mas chega dessas besteiras; como vai o seu verão? Gibs está bem? Joey já

entrou em contato? Sean está dizendo alguma palavra nova? E o Aoife? Algum sinal dela? Como está a minha Sook? É melhor que esses garotos não estejam desenhando nela. Você ganhou um bronzeado? Você está sorrindo? Cristo, sinto sua falta...

Eu sei que você me diz que está tudo bem quando falamos ao telefone, mas se você é como eu, e acha muito difícil falar ao telefone, então talvez você possa me escrever de volta com outra carta sua?

Você sabe o quê? Eu não acho que meu ensaio de inglês nos exames do certificado junior foi tão longo quanto esta carta. O que isso diz sobre mim? Nota: espero que você não esteja se preocupando com os resultados do certificado júnior. Eu sei que você arrasou. Porra, eu te amo. Já escrevi isso? Foda-se, se eu não escrevi, então aqui está novamente. Eu te amo Shannon Lynch. Você por inteira. Cada parte.

De qualquer forma, estou ficando sem espaço para escrever nos dois lados deste papel, então vou usar como minha deixa para terminar. Ah, e você pode pedir à minha mãe para parar de ligar tanto? Eu sei que ela está sentindo minha falta, mas está ficando fora de controle.

Beijos

Seu para sempre,
Johnny.

(PS: Meu pau ainda está nas minhas calças, e meu amor por você ainda é tipo uma quantidade louca.)

Cuidadosamente dobrando a carta de Johnny de volta em seu envelope, eu a enfio debaixo do meu travesseiro para me juntar aos outros antes de pegar a caixa na minha cama com meu nome nela.

Segurando a caixa em minhas mãos, eu olho para sua letra elegante e suspiro ansiosamente. Nossa comunicação nas últimas seis semanas consiste em um fluxo constante de mensagens de texto e telefonemas tarde da noite, cartas e pacotes, mas não é suficiente. Nem pela metade. Eu posso sentir sua ansiedade pingando da página e isso dói no meu coração. Tudo o que eu quero fazer é embarcar em um avião e *ir* até ele, mas ele estará em casa em breve. Alguns dias depois do previsto originalmente, mas ainda assim, *vir para casa* está à vista.

— O que você ganhou desta vez? — Ollie exige, mergulhando na minha cama e quase me dando um ataque cardíaco no processo. — Ah, cara, ele te manda presentes todos os dias.

— Não todos os dias, Ollie — eu murmuro, corando.

— Você ganha dois pacotes por semana desde que ele foi embora — Ollie geme. — Já se passaram seis semanas. Isso dá *doze* pacotes. Eu ganhei *um*.

— Porque ele é *meu* namorado — eu defendo, embora eu esteja sorrindo de alegria. — Agora saia para que eu possa abri-lo.

— É porque ela deixa ele tocar seus peitos — Tadhg ri da porta, onde Bonnie, Sookie e Cupcake estão todas aninhadas contra suas pernas. — É por isso que ela recebe todos esses presentes, Ol.

— Tadhg! — Eu repreendo. — Não diga isso.

— É verdade — Tadhg ri, coçando a orelha de Cupcake. — Negue isso.

— Primeiro, você deixou ele beijar sua língua, e agora você está mostrando a ele seus peitos? — Ollie geme, apertando o estômago. — Eu me sinto um pouco doente em minhas entranhas.

— Nós não fazemos nada disso — eu minto por entre os dentes. — Nós apenas damos as mãos.

— Uh-huh — Tadhg ri. — Continue dizendo isso a si mesma, Shan.

— É por isso que ele enviou aqueles ingressos para o festival de música que ele vai levar ela quando chegar em casa? — Ollie exige. — Para que ele possa ver os peitos dela?

— Provavelmente — Tadhg ri.

Ignorando meus irmãos, eu abro a caixa e sorrio quando vejo a camisa verde com o número 13 gravado nas costas. Puxando-a para fora, eu o seguro no meu peito, respirando o cheiro *dele*. Tremendo, penso na conversa que tivemos ao telefone na semana passada...

— Não acredito que conseguiu!

— Sim, Shan, eu consegui.

— Mentira sua.

— Às vezes minto, mas nunca para você.

— Impossível. — Eu balanço minha cabeça, não confiando nessa conversa maluca. — Esses ingressos para o show estão esgotados há meses.

— Você subestima meus poderes de persuasão, baby — ele ronrona na linha. — Achei que poderíamos dividir uma barraca novamente.

— Oh meu Deus, você está realmente falando sério, não é? — Meus olhos se arregalam de empolgação. — Eu não posso acreditar nisso.

Eu praticamente grito enquanto faço uma dancinha feliz.

— Você realmente nos deu ingressos para o festival Oxegen!

— Cem por cento, Shan — ele respondeu. — É tudo que eu estou pensando. Sem pais. Sem irmãos irritantes. Sem treino. Sem drama. Só você e eu, uma barraca e uma música decente para um fim de semana inteiro.

— Quem é a atração principal este ano?

— Green Day e Foo Fighters — ele responde.

— Deus!

— Eu sei.

— Mas, Johnny, eu nunca vou entrar. É para maiores de 18 anos.

— Mais uma vez, você parece estar subestimando meus poderes de persuasão — ele ri. — Eu vou te colocar dentro, Shan. Nem mesmo preocupe sua cabecinha bonita com isso.

Reviro os olhos e grito de emoção.

— Nós realmente vamos?

— Sério mesmo.

— Só nós?

— Só nós — ele confirma antes de recuar rapidamente. — Bem, não, não só nós. Gibs está nos acompanhando, e ele provavelmente vai levar Claire.

Eu sorrio.

— Isso é meio que garantido, no entanto.

— Adivinha quem mais estará tocando? — ele diz então.

— Quem?

— Jimmy Eat World.

Minha boca se abre.

— Não. — Minha música. Meu hino de vida. Terei a chance de ouvir ao vivo? — Oh meu Deus...

— Essa camisa vale dinheiro — observa Ollie, me tirando dos meus pensamentos. — Muito.

— Nem pense nisso — eu aviso, correndo para colocá-la sobre a minha cabeça antes que meu irmão ardiloso decida tentar me enganar com a camisa vencedora do meu namorado.

Em uma inspeção mais detalhada da camisa em que eu estou nadando, Ollie fez uma careta.

— Nah, é apenas do sub-20 — ele me diz, parecendo um pouco desapontado. — Pegue a de hoje, Shan. Essa é a camisa do time, essa é a camisa do dinheiro.

— Você é obcecado por dinheiro — eu repreendo. — Está ficando fora de controle.

— Nuh-uh — ele retruca. — John diz que eu sou um tubarão.

— E isso é uma coisa boa como?

— Ele diz que vai ser uma coisa boa quando eu estiver no tribunal. — Radiante, ele acrescenta: — Eu vou ser um barraqueiro como ele.

— Um advogado — Tadhg e eu corrigimos. — Não um barraqueiro.

— Isso é o que eu quis dizer — Ollie bufa. — Eu vou ser um barraqueiro.

— Fico feliz em ver que todas aquelas sessões de fonoaudiologia pelas quais John está pagando estão valendo a pena, Ollie — Tadhg retruca sarcasticamente. — Você e Sean são algo diferente.

— Nós somos — Ollie concorda. — Nós somos os melhores meninos.

— Você é um pé no saco — Tadhg murmura — é isso que você é.

— Você só está com inveja — Ollie bufa. — Porque você não pode ir.

— Ah sim, estou com tanta inveja que sei pronunciar minhas palavras e falar claramente — Tadhg fala lentamente.

— Não se preocupe — Ollie acalmou. — Você ainda vai brincar na terapia com a gente.

— Eu não brinco nessas sessões — resmungou Tadhg. — Eu pinto.

— Você deveria brincar — Ollie rebate. — É muito divertido.

— Vou fazer treze anos — Tadhg bufa. — Eu não brinco mais.

— Isso é uma pena — Ollie diz a ele. — Você não sabe o que está perdendo.

— Ah, cale a boca, seu imbecil — Tadhg resmunga.

— Eles lhe disseram no aconselhamento que você não deveria usar suas palavras de raiva — Ollie o lembra. — Quando você fica irritado, você deve contar até dez e respirar.

Ele se vira para mim e sorri.

— Respirar fundo, não é mesmo, Shan?

— Sim — eu concordo, segurando uma risada com a expressão indignada de Tadhg. — Respira fundo, Tadhg.

— Ah, sai fora e fale sobre seus *sentimentos* com alguém que se importa — ele retruca. — Essa técnica de respiração não funciona quando estou com raiva.

— Está funcionando — eu prometo, dando-lhe um sorriso encorajador. Ele virou do avesso desde que se mudou para cá. — Dê tempo ao tempo.

— A que horas seus amigos vão te buscar para assistir Johnny jogar? — Ollie pergunta então.

Olho para o meu telefone e sorrio.

— Agora.

— *Agora* — Tadhg imita, piscando os olhos. — Deus, você é tão garotinha.

— Eu sei — eu respondo com uma risada. — E *você é* tão pirralho.

Inclinando minha cabeça para um lado, eu sorrio.

— Espero que você trate as garotas do seu ano melhor do que você me trata quando começar na Tommen no próximo mês.

Tadhg bufa.

— Não estou mudando por ninguém, e não estou usando a porra de um blazer.

— Tadhg — eu repreendo. — Não xingue.

— Bem, eu não estou xingando — ele ri. — Eu não me importo o quão bonito Dellie diz que eu pareço estar em um. Eu sou do Terrace, Shan, e eu sou um arremessador, por...

— Não xingue! — Ollie entra na conversa. — É falta de educação.

— Sabe de uma coisa? O blazer vai servir em você quando começar em dois anos, seu babaca — Tadhg zomba. — *É falta de educação*.

Ele revira os olhos.

— Eu não sei onde tiramos você, Oliver Twist[14].

— Tudo bem por mim — Ollie responde, nada afetado. — Vou usar muitos blazers quando for barraqueiro de qualquer maneira.

— *Um advogado.*

— Assim como John — Ollie confirma com orgulho.

— Bem, eu vou ser um mecânico — Tadhg retruca. — Assim como *Joey.*

— Mas Joey não é mecânico — Ollie responde, franzindo a testa. — Joey está doente.

— Sim — Tadhg bufa. — Mas quando ele estiver melhor e voltar para casa, ele será um mecânico novamente.

— Ele está voltando para casa em breve? — Ollie pergunta.

— Não — Tadhg rosna. — Porque ele ainda não está melhor.

— Oh. — As sobrancelhas de Ollie franzem. — O que há de errado com ele de novo?

Meu coração aperta forte no meu peito. Eu não vi ou falei com Joey desde o funeral em maio. Ele está em tratamento há quase dois meses e ainda se recusa a me deixar visitá-lo.

— Ele está apenas descansando — eu me forço a dizer. — Ele está muito cansado.

— Sério? — Ollie torce o nariz. — Eu pensei que era porque ele estava mexendo com hélio.

— *Hélio?*

— Sim. — Ollie assente inocentemente. — Freddie no meu time de futebol disse que sua mãe disse à mãe de Donal que Joey está no hospital porque ele estava brincando com hélio e as agulhas. — Ele torce o nariz. — Por que Joey estava mexendo com agulhas e balões? Eles não estouraram?

Tadhg o encara.

— Não é hélio, seu tolo, é heroin...

— Não, não, *é* hélio — eu rapidamente interrompo, dando a Tadhg um olhar suplicante. — Lembra?

— Ah, sim — Tadhg concorda, se encolhendo. — Isso mesmo.

— E ele está muito cansado — acrescento, cedendo de alívio. — Então, ele está tendo um grande descanso.

— Sim — Tadhg força um sorriso. — De cuidar de nós.

— Sim, mas ele não precisa mais fazer isso — Ollie responde inocentemente. — Dellie faz isso agora. — Ele sorri brilhantemente. — E John.

— Você sabe o que eu sinto falta? — Tadhg diz, felizmente mudando de assunto. — Presentes do trabalho de Aoife.

— Ah, sim — Ollie concorda. — Ela costumava trazer para casa todas as melhores coisas para nós.

Coçando a parte de trás de sua cabeça, ele olha em volta e pergunta:

— Onde *ela* foi?

— Bem, ela está com Joey — Tadhg explica rispidamente. — Então, quando ele não estiver por perto, ela também não estará.

— Ah, tudo bem — responde Ollie, feliz em aceitar essa explicação. — Ele deveria ficar com ela, no entanto. Ela é tão linda.

— Sim. — Tadhg concorda com a cabeça. — Ela é algo diferente.

— Tadhg Lynch — eu provoco. — Você está apaixonado por *Aoife*?

Suas bochechas ficam rosadas.

— Não.

— Aww — eu falo. — Você é tão fofo.

— Oh, cai fora — ele retruca com raiva.

— E você está ainda mais fofo agora que sua voz está falhando. — Eu rio. — Meu pequeno Tadhg está crescendo.

Balançando as sobrancelhas, pergunto:

— Devemos ter *a conversa*?

— Sobre Johnny entrando e saindo de seu quarto todas as noites da semana quando ele estava aqui? *Nu* — ele retruca, sem perder o ritmo. — Essa conversa? Claro. Você quer tê-la aqui, ou na cozinha com a *mãe dele*?

Eu rapidamente fecho minha boca.

— Sim, foi o que eu pensei. — Ele responde a si mesmo, me dando um sorriso malicioso.

— Darren vai passar o fim de semana aqui para ajudar Dellie enquanto John vai para a partida — Ollie diz. — Espero que ele traga o Alex.

— Espero que Alex *não* traga Darren — Tadhg responde com um sorriso diabólico.

— Seja legal — eu rio. — Ele provavelmente vai estar com o carro cheio de presentes para vocês.

— E com razão — Tadhg concorda. — Ele nos deve cinco anos deles.

— Verdade — Ollie concorda solenemente.

— Vocês dois são terríveis — eu rio.

— Você acha que ele está nervoso por hoje? — Tadhg pergunta então. — Johnny?

— Não — Ollie responde por mim. — Ele é Johnny. Ele não tem medo de nada, e ele tem seu pai com ele. — Ele sorri. — John.

— Deus, supere essa fascinação por John, ok? — Tadhg murmura. — Você é como um stalker.

— Como você e Dellie? — Ollie rebate. — Você a *ama.*

— Sim, eu amo — Tadhg retruca, sem piscar. — Muito.

— Sim, eu também — Ollie suspira feliz. — Ela é a melhor.

— E a comida — Tadhg acrescenta melancolicamente. — Tanta comida.

— Shannon está ficando gorda — diz Ollie. — Ela também adora a comida de Dellie.

— Eu uso um tamanho 39, seu falso — eu solto, ofendida. — Peso 47 quilos. Não sou gorda.

— Você não chama as meninas de gordas, Ol — Tadhg geme. — Lembra o que Joey nos disse? Elas são sempre magras, mesmo quando são baleias.

— Ah, sim — Ollie responde timidamente. — Mas ela engordou uns seis quilos, lembra? Dellie chorando porque ela estava tão feliz com isso? Lembra? Os médicos disseram que ela era osso e pele e tinha que ganhar uns quilinhos ou ela ficaria doente.

— Pele e ossos — Tadhg corrigi com um suspiro de dor. — E não se preocupe com isso, Shan. Você ainda é um palito.

— Eu nunca fui um palito — eu bufo, me sentindo constrangida. — Pare de falar sobre isso.

— Estamos todos engordando — Ollie oferece com um sorriso. — Não é só você, Shan.

Ele sorri e dá um tapinha em seu estômago fino que está lentamente enchendo.

— Viu?

— Fale por si mesmo — Tadhg retruca, parecendo um pouco mais atarracado do que seu habitual corpo magro como uma bolacha. — Estou ganhando músculos.

Uma buzina de carro soa três vezes então, sinalizando minha carona para Biddies, e eu pulo da cama.

— Oh, pessoal, me desculpe, mas eu tenho que ir. — Eu digo aos meus irmãos enquanto saio correndo do meu quarto e corro para as escadas, meu sorriso se espalhando a cada passo que eu dou.

— Aproveite, Shannon, amor — Sra. Kavanagh ri quando eu passo voando por sua cozinha como um morcego fora do inferno, evitando por pouco Sean, que está vestido como um chef e brincando com sua cozinha de brinquedo.

— Obrigada, Edel. Tchau, Sean — eu grito de volta antes de correr para fora e abrir a porta traseira do Ford Focus prata de Gibsie.

— Onde está o incêndio? — Gibsie ri e então grunhi alto quando Claire dá um tapa na barriga dele do banco do passageiro.

— Filtro, Gerard — ela sussurra. — Por favor!

— Oh, merda — ele murmura. — Eu nem pensei...

— Está tudo bem, está tudo bem — eu respondo, correndo para fechar a porta e colocar o cinto de segurança. — Podemos ir agora? É sua primeira partida como titular no time principal e não quero perder.

Quando entrei no bar Biddies, eu sou recebida por um mar de rostos familiares e camisetas irlandesas. A enorme tela de televisão montada na parede já estava ligada. Camisas verdes e brancas enchem a tela. É tudo que eu posso ver. *Fiji contra a Irlanda.* Deus, isso é sério. Isso é *grande.* Eu sei que o Sr. Kavanagh está parado no meio da multidão em algum lugar daquele estádio do outro lado do mundo, torcendo por seu filho, esperando para trazê-lo de volta para nós, e o pensamento me faz sorrir.

Enquanto olho para as pessoas na sala, uma extensão da família de Johnny, posso ver o quanto ele é amado. Essas pessoas estão torcendo por ele. Indo atrás de Gibsie e Claire, eu os sigo até a mesa de sempre, onde sou recebida por Feely, Hughie, Katie, Lizzie e o resto de seus companheiros de equipe de Tommen, menos Cormac e Ronan.

A ansiedade está roendo minhas entranhas quando eu aceno um tímido olá para seus amigos e me sento em uma cadeira à mesa, os joelhos balançando inquietos. Enfiando a mão no bolso do meu short jeans, pego a nota de cinquenta euros que a Sra. Kavanagh tinha me dado e faço meu pedido de uma garrafa de coca com Gibsie, que está indo para o bar.

Nadando na camisa suja de Johnny, eu obedientemente ignoro os olhares e sussurros sussurrados dirigidos a mim – em parte porque eu sou "*a filha daquele homem que se matou e matou a esposa*", mas principalmente porque eu sou a "*boneca do jovem Kavanagh*" – e me concentro na tela da televisão.

Quando as duas equipes saem do túnel e entram em campo, a multidão no bar vai a loucura.

É surreal.

Ele está *lá.*

Na tela da televisão.

Número 13.

Meu coração bate tão forte que eu tenho que pressionar minha mão no meu peito para me equilibrar. Claire estende a mão e aperta minha mão em apoio.

— Apenas respire — ela incentiva, sorrindo conscientemente para mim, e eu estou grata pelo contato físico. Eu preciso de algo para segurar nesse momento.

— Vá lá, Capi, sua lenda do caralho! — Gibsie aplaude enquanto coloca três garrafas de coca-cola na mesa para Lizzie, Claire e eu, antes de beber metade de sua cerveja, olhos grudados na televisão. Claramente explodindo de orgulho, ele balança a cabeça, sorrindo para si mesmo.

E então o *Hino Nacional da Irlanda* começa a tocar, saindo do reprodutor de som, e um arrepio percorre minha espinha.

Ai Jesus...

É isso.

É isso!

A câmera dá um zoom nos jogadores, um por um, e quando aterrissa em Johnny, o grande volume de barulho no bar sai da escala Richter. Velhos batem os punhos contra o bar em triunfo, torcendo pelo herói de sua cidade natal. O homem que Johnny chamava de "Paddy" está literalmente dançando em cima de uma mesa com o dono do bar. Feely está segurando a cabeça entre as mãos e olhando para a tela com puro espanto. Hughie está chorando enquanto bate palmas para seu amigo. O resto de seus companheiros de equipe estão enlouquecidos. É uma *loucura...*

— Eu vou estar lá um dia — afirma Johnny, inclinando a cabeça na direção da televisão. — Um dia desses serei eu, Shannon.

— Eu sei — eu respondo, acreditando em cada palavra. Mordendo o lábio, me viro para encará-lo e digo: — Não se esqueça de mim quando você for um jogador de rúgbi rico e famoso.

Balançando a cabeça para limpar minhas memórias, me concentro na partida que se desenrola na tela da televisão, nunca tirando os olhos do camisa 13 na cor verde durante todo o primeiro tempo e no segundo.

Três minutos antes do apito final e a Irlanda perdia por 3 pontos. Na beirada do meu assento, eu mordisco as unhas, estremecendo e tremendo cada vez que um ataque é feito. A Irlanda foi recompensada com uma virada na linha de cinco metros de Fiji, e as multidões nas arquibancadas vão à loucura, cantando o refrão de *The Fields of Athenry*.

Meu coração ganha vida no meu peito, a adrenalina pulsando em minhas veias, quando meu olhar se concentra em Johnny aproximando do scrum.

Realizando uma ruptura através da defesa de Fiji e sua linha de cinco metros, Johnny evita o camisa 8, então avança, encarando o camisa 13 rival apenas um segundo tarde demais. Batendo sobre a linha com o braço totalmente estendido, bola na mão, ele acerta na linha do gol. Era o último jogo da campanha e vencemos. Nós vencemos e ele estava voltando para *casa*....

O bar explode em um estado insano de loucura.

Gibsie se joga sobre a mesa, batendo copos em todos os lugares, para abraçar os rapazes.

Enquanto isso, pulo da cadeira, batendo palmas com tanta força que penso que minhas mãos fossem quebrar. Com os olhos grudados na tela, observo enquanto as câmeras dão zoom no rosto sorridente de Johnny, enquanto os homens que eu sei que ele idolatra o cercam em comemoração.

Uma única lágrima rola pelo meu rosto enquanto eu observo o garoto que salvou minha vida em inúmeras ocasiões finalmente colher as recompensas que ele merece.

Esse garoto foi bem...

— Eu preciso fazer xixi — Claire anuncia, pulando de pé. — Shan, você vem comigo?

Eu realmente não queria fazer xixi, eu queria ficar exatamente onde eu estou, vendo o sorriso maior que a vida de Johnny, mas eu relutantemente obedeço, permitindo que minha melhor amiga me arraste pelo bar até o banheiro feminino.

— Claire, meu braço — eu solto, puxando minha mão livre antes que ela desloque meu braço. — Que pressa é essa?

— Ok, não entre em pânico, mas Bella está no bar — Claire deixa escapar, soando um pouco sem fôlego. Abrindo a porta do banheiro, ela olha para fora e depois fecha novamente antes de se virar para mim. — Eu queria te dizer antes que você a veja e entre em pânico. Ela e Cormac e um grupo de amigos entraram pouco antes de Johnny marcar seu último gol. Eles estão perto do bar.

Soltando um suspiro trêmulo, ela arregaça as mangas de sua camisa irlandesa de manga comprida e estreita os olhos.

— Está tudo bem, porém, porque eu estou totalmente dentro em chutar a bunda dela. Eu fiz o parto com o Gerard neste verão. Nada mais me assusta. — Ela me olha de cima a baixo e sorri. — Você parece tão sexy na camisa dele e esses shorts minúsculos. Vai deixar Bella maluca.

Ela sorri diabolicamente.

— A propósito, você deveria usar essa roupa exatamente quando Johnny voltar da campanha na semana que vem. Ele vai desmaiar quando vir o tamanho dos seus peitos. — Franzindo o cenho, ela acrescenta: — A pílula está fazendo maravilhas para o seu corpo, Shan.

— Oh meu Deus, Claire, pare e se concentre, sim? — Eu solto, colocando meu cabelo atrás das orelhas enquanto tento não entrar em pânico. Eu não vi

Bella em meses – não desde aquele dia na escola. A ansiedade se agita dentro de mim e eu aperto a mão da minha amiga. — O que eu faço sobre Bella?

— Nada. Eu acabei de te dizer que vou chutar a bunda dela — Claire responde simplesmente. — Eu consigo, Shan.

— Eu vou chutar a bunda dela — a voz de Lizzie chega aos meus ouvidos enquanto ela entra no banheiro, parecendo furiosa. — Aquela vadia teve a coragem de aparecer aqui.

— Não chutem a bunda de ninguém — eu digo às minhas duas melhores amigas. — Estou falando sério, pessoal. Eu vou embora.

— Não, você não vai — Claire retruca. — Você pertence aqui. É o seu homem na televisão.

— Sim, mas não adianta discutir com ela — eu respondo. — Eu não quero mais brigas, pessoal. Estou cansada do drama. Eu só quero uma vida tranquila.

— Então você pode querer lembrar Thor disso — afirma Lizzie. — Porque eu acho que ele perdeu o memorando sobre a briga.

— Oh Deus — eu gemo.

— *Meu* Thor? — Claire exige.

— Acho que ele está levando a sério a promessa que fez a Johnny de cuidar de Shan. — Lizzie dá de ombros. — Ele está lá fora provocando os dois.

— Bem, é melhor ela não provocá-lo. — Abrindo a porta do banheiro, Claire volta para o bar assim que Gibsie está se levantando e entrando no espaço pessoal de Cormac. Ele tenho um sorriso de merda no rosto enquanto aponta para a tela da televisão e ri na cara de seu companheiro de equipe, claramente provocando-o com o sucesso de Johnny.

— E é assim que é feito — ouço Gibsie rir. — Vamos, Ryan. Leve na esportiva e bata palmas para o seu capitão.

— Rapazes — Lizzie murmuro enquanto corríamos atrás de Claire. — Tudo é uma competição irritante com eles.

— Sim — eu murmuro, me sentindo ansiosa.

— Saia da minha frente, Gibs — Cormac adverte.

Gibsie sorri como um maníaco.

— Me faça sair.

— Gerard, não comece brigas — Claire diz quando ela chega ao seu lado. — Você está de sobreaviso, lembra?

Agarrando a parte de trás de sua camisa em sua mão, ela o puxa de volta de Cormac.

— Você ouviu o que nossas mães disseram. Se você tiver mais problemas neste verão, não poderá ir ao festival no próximo fim de semana. — Soltando sua camisa, ela coloca as mãos nos quadris e olha para ele. — E você está me levando.

— Claro, eu estou levando você, Claire-ursinha — ele ronrona, dando a ela um sorriso diabólico. — Eu vou te levar agora, se você quiser?

— Estou falando sério, amigo. — Agarrando sua grande mão na dela, Claire gira nos calcanhares e caminha em direção à porta, arrastando Gibsie atrás dela. — Eu não vou ser mãe solteira só porque você não consegue parar de correr atrás de problemas e ir para a cadeia. Temos bebês para criar, Gerard Gibson, e um show para ir, então você vai fazer o que você disse. Agora me siga!

— Oh, porra, eu adoro quando você manda em mim, baby — ele geme, correndo atrás dela como um cachorrinho. — Fale um pouco sujo mais para mim.

— Saia pela porta, Gerard — ela ordena, segurando a porta aberta. — Agora.

— Sim chefe.

— Esses dois têm a amizade mais estranha que eu já testemunhei — Feely, que vem para ficar ao nosso lado, declara quando Claire e Gerard saem do bar. — Como sempre — ele acrescenta com um pequeno aceno de cabeça. — É mais que estranho.

Eu queria responder a ele, mas minha atenção está voltada para a garota olhando para mim. Surpreendentemente, eu me mantenho firme e olhando para Bella Wilkinson com minha cabeça erguida.

— Vamos jogar bilhar no salão — Cormac diz ao menino que está ao lado dele. — Eu terminei com essa merda.

Virando-se para Bella, ele pergunta:

— Você vem?

— Não — ela responde, sem tirar os olhos de mim.

— Bella, apenas deixe isso em paz...

— O que você está olhando, orfãzinha? — ela zomba, olhando para mim.

— É melhor você retirar isso, vadia — Lizzie rosna, se movendo em direção a ela.

— Está tudo bem, Liz. — Segurando uma mão para cima, eu paro minha amiga de atacar, nunca quebrando o contato visual com Bella. — As palavras dela não me machucam.

— Você precisa ficar quieta e deixá-la em paz — adverte Cormac, olhando para sua namorada. — Eu te disse, Bel, eu não vou passar por isso com você

novamente. Se você está comigo, você precisa deixar essa merda com ela e Johnny de canto.

— Aposto que você está feliz consigo mesma — ela sussurra, inclinando o queixo para a tela da televisão, ignorando o namorado.

— Estou feliz por *ele* — eu corrigi, sem recuar.

— Você deve dar um grande boquete para que você e seu bando de irmãos bastardos fiquem na casa Kavanagh — Bella continua. — Você está chupando o papai dele também, orfãzinha?

— Oh meu Deus, você está fodidamente obcecada por ele! — Cormac sibila. Balançando a cabeça, ele pega sua jaqueta do bar e se levanta. — Eu estou bem aqui, e você apenas... você nem me vê! Tudo o que você está pensando é nele. Eu não sei o que mais posso fazer...

— Claro, eu vejo você. — Ela retruca, tirando o olhar de mim para olhar para o namorado. — Eu estou com você, não estou?

— Só porque ele está com *ela* — Cormac dispara de volta, olhos atados com dor. — Eles estavam bem certos sobre você, não estavam? Você não me ama.

— Agora você está apenas sendo um maricas — ela joga de volta. — Vira homem.

— Eu te amo — ele diz a ela, com o rosto vermelho. — Eu honestamente te amo, mas eu não posso continuar fazendo isso.

— Fazendo o quê?

— Sendo a segunda opção — ele rosna. — Eu cansei dessa merda, Bella. Cansei de ser usado. E cansei de *você*!

— Você não cansou de nada — ela retruca rindo. — Você vai voltar rastejando.

— Eu não sou cruel, Bella, e o que você está fazendo com ela é *cruel* — ele diz a ela, tremendo. — O que você está fazendo comigo é pior.

Engolindo em seco, ele acrescenta:

— Eu não vou voltar desta vez... Desta vez, terminamos.

— Então vá — ela o desafia.

— Ah, não se preocupe. — Empurrando Feely, Cormac sai do bar. — Eu já fui.

A falta de sentimento que ela tem por seu namorado é clara, porque quando Cormac sai do bar, Bella nem sequer vacila. Ela apenas continua a vomitar veneno em mim, jogando comentários cruéis e palavras como balas destinadas a me machucar, mas ela não pode mais fazer isso. Porque eu *superei* ela. Eu

sinceramente superei Bella Wilkinson e todas as outras garotas malvadas que tinham me atacado desde os três anos de idade até agora. O que eu suportei no ano passado, enterrar meus pais, perder minha casa, quase perder meu irmão para as drogas, quase perder minha *vida*, isso me mudou. Eu estou diferente agora, mais forte, e ela não pode me machucar porque me recuso a entregar esse tipo de poder a ela ou a qualquer outra pessoa.

Todo o medo? Eu o tirei dos meus ombros como um cobertor, deixando-o cair do meu corpo, enquanto canalizo a força que eu *sei* que está dentro de mim. Sempre haverá outra Bella, mas assim como meu conselheiro me disse, não haverá outra *eu*, e essa era minha força, meu poder especial. Eu nunca seria uma engenheira espacial ou uma jogadora de rúgbi de classe mundial, mas eu *sou* uma sobrevivente, e muito boa. Então, com minha cabeça erguida, eu a olho diretamente nos olhos e lhe dou algo que ela nunca pedirá e provavelmente nunca mereceria.

— Eu te perdoo pelo que você fez comigo naquele dia. — Ela pode manter sua raiva e se apegar ao seu rancor, mas isso não significa que eu tenha que fazer isso. — E eu espero que você encontre um pouco de paz.

Com isso, eu me viro e volto para meus amigos.

— Uau — Lizzie medita, afundando na mesa em frente a minha cadeira. — Eu não sei se você deveria levar um tapa por não dar a essa cadela o que ela merecia, ou ser santificada por tomar o caminho certo.

— Santificada — Feely oferece, deslizando para a cabine ao lado dela. — Definitivamente santificada.

— Gente — eu murmuro, corando. — não é grande coisa.

— Você é a definição de matá-los com bondade e enterrá-los com um sorriso — Feely me diz.

— Dane-se o caminho certo — Lizzie diz. — Eu teria chutado a bunda dela.

— O que você fez, Shan? — Hughie pergunta, afastando seus lábios dos de Katie para olhar para nós. — Você brigou?

— Definitivamente não — eu solto, ainda tremendo. — Eu não sou uma lutadora.

— Ah, acho que sim — responde Feely. — Muhammad Ali bem aqui, pessoal.

— Ela flutua como uma borboleta e pica como uma abelha — Katie ri. — Uma abelha pequenina.

— Ela nocauteou o Kav, não foi? — Hughie ri.

— Oh, ele voltou, olhe! — Eu grito, vendo Johnny encher a tela para receber uma medalha. — Eles estão dando a ele o prêmio de Homem do Jogo.

— Sh, shh!

— Cala a boca, seu bando de putas, ele está falando!

O volume estava no máximo e a multidão no bar fica mortalmente quieta assim que a repórter começa a falar.

— Jonathon, um enorme parabéns para um desempenho fantástico esta noite. Sua primeira partida pela equipe principal e você marcou dois gols, e com apenas dezoito anos. Esta noite deve ser um sonho se tornando realidade para você. Você tem alguma palavra?

— Estou muito honrado por ter a oportunidade de representar meu país — responde Johnny, ainda um pouco sem fôlego. — Estou bem ciente da sorte que tenho por estar nesta posição e por isso gostaria de agradecer aos meus pais pelo empenho e apoio deles. Aos meus preparadores e treinadores da Academia, minha escola por me dar a base até este estágio, e fornecer as concessões que eu precisava de tempos em tempos, e os caras com quem treino todos os dias da semana, especialmente meus três amigos mais próximos e companheiros de equipe de nível de clube; Gibs, Feely, Hughie. Eu não estaria aqui sem o apoio deles, então o jogo desta noite foi para eles.

— Bem, para completar uma maravilhosa vitória na série, você também é o homem do jogo desta noite. — A apresentadora coloca uma medalha no pescoço de Johnny e aperta sua mão. — Parabéns, Jonathon.

— Eu realmente queria mencionar mais uma pessoa, se estiver tudo bem? — ele diz a ela, ainda apertando sua mão.

— É claro.

— Gostaria de agradecer à minha namorada por seu amor e apoio incondicionais. Tem sido uma montanha-russa voltar de uma lesão, e posso dizer honestamente que não estaria aqui hoje sem seu incentivo feroz. — Segurando sua medalha na mão, ele olha para a câmera e dá uma pequena sacudida antes de dizer: — Shannon, eu te amo, e estarei em casa em breve.

— Ah! — Katie grita, pulando para fora de seu assento. — Shan, você é famosa!

— Foda-se, *eu* sou famoso! — Hughie aplaude. — Ele disse meu nome.

Virando-se para Feely, ele sorri.

— A porra do Capi, hein? Que lenda.

— Eu sei — Feely ri. — Gibs vai perder a cabeça quando ele assistir ao voltar.

— Sim, esse garoto é bom — Lizzie suspira a contragosto. — Sou feita de gelo, mas estou derretendo um pouco aqui.

— Sim. — Assentindo rapidamente, eu apenas olho para a tela, sentindo meu coração bater a cem milhas por hora.

Shannon, eu te amo, e estarei em casa em breve...

Shannon, eu te amo...

Eu estarei em casa em breve...

Eu não percebo que estou segurando meu peito até que Lizzie agarra minha mão.

— Respire, Shannon — ela ri. — Ele está voltando para casa.

— Ele está voltando para casa, Liz. — Mordendo meu lábio, eu sorrio para ela. — Ele está realmente voltando para *casa*!

79
Os meninos de verde
Johnny

O rúgbi une nosso país de norte a sul, de leste a oeste. Durante oitenta minutos, não havia fronteiras ou política para se preocupar. Éramos uma nação atrás de vinte e três homens indo para a batalha. Nós éramos *um*, e isso era uma conquista por si só.

O *Hino Nacional da Irlanda* ressoa ao redor do estádio, incendiando uma enxurrada de arrepios na minha pele. Cabeças erguidas, emoções transbordando, nervos à flor da pele, mas unidos ficamos de pé. Homem de Ulster com homem de Connacht, homem de Leinster com homem de Munster[15], pobres e ricos, treinadores e técnicos, o vestiário e nossas famílias, rugidos pelo povo, enquanto deixamos nossa própria pequena marca na história irlandesa, enquanto estamos juntos, pavimentando um caminho e uma oportunidade para um futuro melhor. Respeito no auge de todos os tempos, ficamos juntos, trabalhamos *juntos* um pelo outro e para o orgulho de nosso povo, para *todos* os povos.

Os torcedores irlandeses são os melhores torcedores do mundo. A porra do mundo inteiro reconhece esse feito. Não importa o esporte ou a ocasião. Eles vêm em aviões particulares, independentemente do clima e, independentemente do placar ao final dos oitenta minutos, retornam na semana seguinte. É disso que se trata. Essas pessoas fazem o sentimento de orgulho explodir em meu peito. Jogamos por eles, pelo nosso país, um pelo outro.

Hoje foi o momento de maior orgulho da minha carreira. Vestindo essa linda camisa 13 verde. Dei tudo o que tinha aos meus companheiros, deixo tudo em campo e, ao final dos oitenta minutos do último jogo do circuito, saímos vitoriosos contra Fiji.

Exausto além da compreensão, eu forço meu corpo a obedecer ao meu coração – um coração que exige que eu fique de pé e *não* desmorone no chão – enquanto desço do ônibus e entro no hotel da equipe com minha medalha de Homem do Jogo pendurada no meu pescoço.

Conduzido e flanqueado pelos meus companheiros de equipe, eu deixo o santuário do nosso ônibus e entro no caos absoluto que foi o resultado de uma

noite de jogo internacional. Sendo a pessoa mais jovem e menos experiente da equipe, sigo a liderança de meus companheiros mantendo minha cabeça erguida e olhando para frente, tentando não parecer afetado pela loucura quando, na realidade, eu estou tremendo por dentro.

Bandos de fãs estão gritando na minha cara, puxando e agarrando minhas roupas, me tocando como se meu corpo fosse uma porra de propriedade pública enquanto somos conduzidos pelas portas do hotel e confrontados com ainda mais fãs gritando obstinados no saguão. Telefones e câmeras são enfiados no meu rosto junto com camisetas e pedaços de papel amassados. Repórteres gritam meu nome e depois se distraem com meu capitão quando ele aceita suas perguntas. Ignoro a mídia, voltando minha atenção para os fãs. Sorrindo para as fotos, assino cada camisa, livreto de jogo, pôster e pedaço de papel jogado em mim, me forçando a não fazer caretas quando inúmeros pares de lábios batem contra minhas bochechas.

— Johnny, você foi incrível!
— Estou no quarto 309 esta noite.
— Kavanagh, podemos tirar uma foto?
— Eu estarei no bar mais tarde.
— Parabéns pelo seu primeiro jogo ganho, garoto.
— Deus, ele é tão fodidamente sexy!
— Como é ser comparado ao maior centro da Irlanda?
— Oh meu Deus, ele olhou para mim!
— Como estão as costelas depois daquele tackle tardio?
— Meu filho te ama, você pode tirar uma foto com ele?
— Oitenta minutos completos, dois gols e a medalha de homem do jogo, como você está se sentindo?
— Olha o tamanho dele na vida real!
— Sua mãe deve estar orgulhosa de você, rapaz.
— Esta é a chave do meu quarto, garotão...
— Você está orgulhoso de si mesmo?
— Eu te amo, Johnny Kavanagh!

Me sentindo cercado e fora do meu ambiente, mantenho meus olhos fixos na caneta em minha mão, fazendo o meu melhor para permanecer profissional, enquanto rabisca meu nome em uma bola de rúgbi para um menino.

— Você gostou do jogo? — Eu pergunto a ele, ignorando o grupo de mulheres tentando me puxar. — É?

— Você é meu favorito — ele responde, sorrindo para mim. — Eu quero ser como você quando eu crescer.

Porra.

— Obrigado por ter vindo — eu digo, parando para uma foto rápida com ele e sua mãe antes de fugir, incapaz de manter a farsa por mais um minuto. Estrelas dançam diante dos meus olhos, dificultando enxergar direito, enquanto eu luto contra as hordas para chegar ao meu destino.

Para chegar ao meu *pai.*

Eu posso vê-lo à minha frente, encostado em uma mesa com um jornal na mão, obedientemente ignorando a loucura ao seu redor. Meu coração está trovejando contra minhas costelas; uma mistura de adrenalina, desespero e medo enquanto eu empurro a multidão, ignorando tudo e todos no meu caminho para chegar até ele. Respirando através do pânico, eu fecho o espaço entre nós, deixando minha bolsa cair do meu ombro quando o alcanço.

— Pai — eu solto, tremendo como uma porra de uma criança.

Eu vejo seus ombros enrijecerem ao som da minha voz. Ouço o pequeno suspiro que escapa de sua boca. Se virando lentamente, ele olha para o meu rosto com um olhar de puro orgulho em seu rosto.

— Olá, Jonathon.

— Pai — eu repito, curvando minha cabeça, minha voz virando um gemido de dor.

— Estou aqui, filho.

Três palavras. Três malditas palavras que me deixam de joelhos.

— Estou bem aqui — ele sussurra, envolvendo seus braços em volta de mim.

— Pai — Eu deixo cair minha cabeça em seu ombro, me agarrando a ele como uma criança. — Me tire daqui.

Duas horas depois, estamos sentados no canto de trás de um restaurante meio vazio, e meu batimento cardíaco volta ao seu ritmo normal. Grato por ter meu pai aqui comigo depois de passar tanto tempo longe de todos que eu conhecia, escuto atentamente enquanto ele me dá um resumo de tudo o que aconteceu em casa desde que eu fui embora.

— Sean está realmente dizendo todas essas palavras agora? — Eu pergunto entre garfadas de bife. — Frases completas?

— Na maioria das vezes, ele ainda está tagarelando — meu pai ri. — Mas ele está tentando. Ele está chegando lá aos trancos e barrancos.

— Bem, merda. — Esfaqueando um pedaço de batata, enfio na boca e mastigo pensativo antes de perguntar: — E ela realmente está indo para aquele conselheiro?

— Ela vai mesmo — meu pai confirma. — Está ajudando, Johnny. Ela está se curando.

Sinto meus ombros caírem de alívio. Shannon havia me dito que estava participando de sessões, mas eu não sabia ao certo se ela estava me dizendo a verdade.

— Ela está começando a prosperar, filho. Todos eles estão.

— Eu sinto falta dela. — Olhando para a comida no meu prato, continuo a comer, tentando me distrair da dor terrível no meu peito. — Sinto saudades de *casa*.

— E nós sentimos sua falta — ele responde. — Mas também estamos extremamente orgulhosos de você.

— Ela está saindo? — Eu murmuro, forçando a pergunta para fora da minha boca. — Shannon? Ela não está muito triste?

— Ela está sentindo sua falta — meu pai responde honestamente. — Imagino desesperadamente que sim, mas ela está fazendo cara de valente e indo em frente. Ela passa muito tempo com as amigas. Suponho que ela está começando a ser uma adolescente.

Sorrindo, ele acrescenta:

— E sua mãe tem arrumado ela para um pouco dentro de seu estilo. — Ele ri. — Eu nunca vi tanto rosa e glitter na minha vida, filho. Está em toda parte. Maquiagem. Joias. Presilhas de cabelo. Sapatos. Vestidos. Eu juro, toda vez que entro pela porta da frente, há mais meia dúzia de sacolas de compras entupindo o corredor.

— Oh, Jesus — eu gemo. — Ela está tratando Shannon como uma boneca, não está?

— Essa é uma maneira de dizer — meu pai ri.

Fazendo uma careta, tomo um gole do meu copo de água antes de perguntar:

— E como está a mãe?

— Seu jeito de sempre — meu pai medita, me dando um olhar conhecedor.

— Ela está em seu habitat natural, não está?

— Oh, ela está adorando ter tantos filhos por perto para se preocupar — ele concorda, sorrindo carinhosamente com o pensamento. — Ela sente falta de seu bebê, no entanto. Todas as crianças do mundo não poderiam preencher o buraco que você fez em seu coração. Ou no meu.

— Eu aposto. — Eu rio, embora fosse um som oco. — Eu sinto falta dela também.

— O que há de errado, Johnny? — ele pergunta então, notando meu humor.

— Eles me ofereceram um contrato de dois anos, pai — eu sussurro.

— Na França?

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Em Dublin.

Meu pai solta um suspiro trêmulo e se recosta na cadeira, a comida agora esquecida.

— E o dinheiro?

— Além de nossas expectativas, dada a minha idade e experiência — eu murmuro. — O tipo de dinheiro que eu não esperaria ganhar até meus vinte anos.

Suas sobrancelhas se erguem.

— O plano era jogar por um clube francês por um ano ou dois para ganhar experiência antes de assinar com um time de casa — ele observa. — Eles devem pensar que você está pronto.

— Sim. — Colocando meu garfo e faca para baixo, eu espelho suas ações e me recosto na minha cadeira. — Eles devem.

— Eles querem você.

— Eles querem.

— E você? — Ele inclina a cabeça para um lado, me estudando com olhos inteligentes. — O que *você* quer?

— Se eu assinar, eu teria que voltar para Dublin em setembro e terminar meu certificado de conclusão em Royce — eu digo a ele. — Eles estão dispostos a trabalhar comigo no meu horário de treinamento. Eu seria aluno de Royce no papel, mas acho que seria mais um aluno externo do que qualquer coisa, sabe? Eu faria algumas aulas, acompanharia aulas particulares e faria meus exames lá.

— E o que você acha disso?

— Eu não sei — eu respondo honestamente, ainda me recuperando da rapidez com que tudo está acontecendo. — É muito para absorver, pai.

— E você está hesitante?

Eu balanço a cabeça lentamente.

— Por causa de Shannon.

Sim? Não? Talvez? Eu dou de ombros impotente.

— Entendo — ele responde calmamente.

Eu duvido. Eu não acho que alguém pode entender o que eu passo neste momento.

— Não sei. — Isso é tudo que eu posso dizer, tudo que eu consigo pensar. — Eu realmente não sei, pai.

— Dublin fica a duas horas e meia de carro de Cork — ele oferece. — É fato.

— Não é isso — eu murmuro, abaixando meu olhar para estudar minhas mãos.

— Então o que é, Johnny?

Abro a boca para explicar, mas a fecho novamente. Eu não tenho palavras. Eu não consigo explicar como eu estou me sentindo quando eu mesmo não entendo.

— Estou perdido — eu finalmente digo a ele. — Estou em *conflito.*

— Não é mais isso que você quer? — ele pergunta gentilmente. — Porque está tudo bem, também.

— Eu quero isso — eu solto. — Confie em mim, eu quero isso, pai. Rúgbi é o que eu quero fazer da minha vida. Isso não mudou.

— Mas?

— É só... — Eu solto uma respiração dolorosa. — Eu não sei se eu quero isso *já*.

Eu me forço a olhar para ele, expressão de culpa.

— Eu não sei, pai. Se eu assinar, então é isso. Está feito. Eu tenho que desistir de tudo.

— Desistir de quê?

— Tommen, meus amigos, Shannon, Gibs... — Dou de ombros, me sentindo perdido e impotente. — Eu vou ser um homem.

— Você *é* um homem, Johnny.

— Eu sei, mas eu só... achei que teria mais *tempo.* — Eu balanço minha cabeça. — Eu nem percebi que *queria* mais tempo até que eles me entregassem aquele contrato e eu vi tudo escapando de mim.

— Mais tempo para ser um adolescente?

Eu balanço a cabeça desanimado.

— Quão patético é isso?

— Não é patético — ele corrigi. — É música para meus ouvidos. Isso é tudo que sua mãe e eu sempre quisemos para você, ser apenas *livre*.

— Eu não fiz *coisas* suficientes, pai — eu digo a ele. — Todos os meus amigos estavam vivendo isso, e eu estava sempre tão focado no jogo que não participei.

— E você sentiu o gosto disso este ano — acrescenta ele, com uma expressão pensativa.

— Sim. — Eu balanço a cabeça. — E eu sei que você está pensando que isso é sobre Shannon e que eu não quero assinar porque tenho medo de deixá-la, e até certo ponto, isso é verdade. Eu *não* quero deixá-la, mas é principalmente sobre *mim*. Sobre quem sou e onde me encaixo, e eu preciso de mais tempo para fazer isso. Não prestei atenção suficiente à minha *vida*. Não experimentei nenhuma das coisas que agora percebo que *quero* experimentar. Eu tive uma pequena fatia disso, alguns meses curtos, e agora se foi.

— Não se foi — meu pai responde. — Você não precisa assinar nada, Johnny. Esta é uma decisão adulta, é um compromisso com o seu futuro, e não precisa ser tomada agora. Você pode voltar para casa, filho. Você pode continuar trabalhando com a Academia, treinando com os sub-20, e terminar seus estudos em Tommen. Podemos decidir depois de sua saída no próximo ano sobre a faculdade e onde você quer jogar, se você quiser jogar. Seu futuro é seu, Jonathon. Ele pertence a você, não aos treinadores. Você ainda tem apenas dezoito anos. Você pode ter esse ano extra, filho. Sua mãe e eu vamos apoiá-lo, não importa o que aconteça.

— Mas eu *ainda* quero esse contrato — eu solto, me sentindo em conflito. — Eu quero tanto, pai.

— E você tem medo de recusar agora caso não seja oferecido outro ano que vem?

Suspirando pesadamente, eu balanço a cabeça.

— Exatamente.

— Eu não vejo isso acontecendo, Johnny — meu pai responde. — Você é muito talentoso.

— Pode acontecer — eu o aviso. — Eu posso recusar e me machucar novamente. Pior do que antes. Uma lesão da qual eu não possa me recuperar. Eu posso perder tudo, pai. Não há garantias neste esporte. Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Acho que você precisa tirar um tempo e pensar nisso — meu pai diz. — Quando eles precisam de uma resposta?

— Eu tenho uma semana para decidir — eu digo cansado. — Eles estão sendo incríveis para mim.

— Então você vai levar cada um desses dias para pensar sobre isso — ele me diz. — Nada precisa ser decidido esta noite.

— Sério?

— Sério — ele confirma. — Você está voltando para casa na próxima semana, e então você tem aquele festival de música em Dublin com seus amigos no mesmo fim de semana. Aproveite esse tempo para se divertir, filho. Vá e seja um *adolescente*. Enlouqueça. Divirta-se. Descontraia. Beba... não muito ou sua mãe vai me matar — ele rapidamente emenda com um sorriso. — Mas *aproveite* sua vida. Falaremos sobre o que você quer fazer sobre o contrato quando chegar em casa. Tomaremos uma decisão então.

80
Adivinhe quem voltou
Johnny

— Então, onde ela está? — Eu pergunto, excitação pulsando em minhas veias com a perspectiva de ver minha namorada depois de passar mais de sete semanas separados. — Ela está em casa? Na casa da Claire? Você não disse a ela que iria me buscar mais cedo, não é?

— Me desculpe, mas posso ser sua prioridade por dez minutos — Gibsie exige raivosamente. — Eu não vejo você há quase dois meses, e tudo que você pode pensar é enfiar seu pau, seu bastardo egoísta. Você nem perguntou sobre minha viagem para a Escócia no mês passado.

— Eu também senti sua falta, cara. — Eu rio, encantado por estar de volta em seu Focus, segurando a barra *Puta que Pariu*, e rezando silenciosamente para que ele não nos mate com sua condução perturbada. — E seu Toblerone está na minha mala.

— Toblerones — ele corrige, evitando por pouco uma velha senhora atravessando a estrada. — No *plural.* Nem pense em dar a Hughie e Feely o meu estoque.

Desviando de volta para o seu lado da estrada, Gibsie olha pelo espelho retrovisor e suspira.

— Oh, graças a Deus, ela ainda está de pé. Por um minuto, pensei que a tinha acertado com meu espelho.

— Talvez você devesse parar e me deixar dirigir. — Eu ofereço, tentando manter minha respiração uniforme e não enlouquecer quando ele sobe na calçada fazendo uma curva. — Como diabos você conseguiu sua carteira de motorista?

— Minha língua — ele responde presunçosamente. — É uma arma maravilhosa.

Eu faço uma careta.

— Eu quero saber?

Ele encolhe os ombros.

— Provavelmente não.

Me movendo rapidamente antes que ele me marque para sempre com suas indiscrições, eu pergunto:

— Então, como está sua tia Jacqui e toda a turma na Escócia? — Gibsie tinha família na Escócia. Todo verão, desde que me lembro, ele faz uma viagem de uma semana para visitar a irmãzinha de seu pai em Edimburgo.

— Ela é louca, cara — Gibsie ri. — Juro por Deus, eu não tinha certeza se chegaria em casa inteiro. A mulher pode beber uma cerveja mais rápido do que qualquer homem, e sua amiga Sharon é insana.

Eu não duvido. Eu fiz a viagem com ele no terceiro ano e ele não está exagerando sobre a selvageria de sua tia paterna. Isso claramente é de família.

— Você conhece aquele tatuador insanamente bom? — ele continua feliz. — O cara em Manchester... Dex Michaels? Ele é dono da Heaven and Ink.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— O cara americano de todas as revistas e essa merda? Ele tatua todas as celebridades?

Gibsie assente.

— Esse mesmo.

— Que tem ele?

Um sorriso rasteja em seu rosto quando ele mergulha em sua última história ultrajante, me contando tudo sobre como ele chegou *tão* perto de ter sua panturrilha tatuada pelo tatuador de celebridades de alto perfil até que ele verificou sua identidade e foi pego em flagrante.

— Você é péssimo — eu rio. — Ele nunca ia tatuar você.

— Ele *ia,* porra — Gibsie bufa. — Eu juro que foi minha mochila que me entregou, cara.

— Sua mochila? — Eu pergunto, franzindo a testa até que a consciência me atinge. *Ai Jesus.* — Oh, Gibs, me diga que você *não* levou essa coisa com você.

— Eu *sei* — ele geme. — Foi um erro de principiante.

— Você levou uma mochila do *Quarteto Fantástico* para um estúdio de tatuagem. — Eu balanço minha cabeça e olho boquiaberto para ele. — O que você esperava que ele fizesse, cara?

— Eu esperava que ele me tatuasse — ele retruca defensivamente. — Não é como se fosse minha primeira tatuagem, *e* eu pareço ter dezoito anos.

— Verdade — eu concordo. — Mas você também parece *perturbador* quando anda com essa porra de coisa amarrada às costas.

— É minha *mala de viagem.*

— De quando você tinha *sete anos.*

— Bem, ele quem perde — ele responde, sorrindo para si mesmo. — Fiz minha panturrilha quando cheguei em casa.

— Bom para você. — Eu rio, balançando a cabeça. — Então, você tem acompanhado seu treinamento?

Ele sorri.

— Eu tenho.

— E?

— E eu sou um merda — Gibsie ri.

— Eu sei — eu medito, completamente divertido. — Continue assim e você estará comigo em breve.

— Filho de peixe, peixinho é — ele retruca, sorrindo como um lobo.

— Então, para onde vamos agora?

— A praia — Gibsie explica, virando na estrada costeira. — A maré está alta, o sol saiu, a água está quente, a cerveja está gelada e o melhor amigo está em casa. Hoje é um bom dia.

Ele agarra o volante um pouco mais apertado antes de murmurar

— Só contanto que ninguém tente me afogar novamente.

— Eu preciso ver Shannon — eu digo a ele, fazendo uma careta na última parte. — Eu te amo, cara, estou emocionado por estar de volta com você, mas eu realmente preciso ver minha namorada.

— E você vai — ele ri. — Ela está na praia com todos.

— É? — Um sorriso enorme se espalha pelo meu rosto. — Como ela está? Ela parece feliz? Ela está bem?

— Ela é definitivamente algo — ele responde com um sorriso.

Eu faço uma careta.

— O que isso significa?

— Você vai ver — Gibsie ri.

— Puta merda.

— Eu sei — ele concorda com um aceno de cabeça.

— Que porra é essa?

— Eu *sei* — ele ri.

Balançando minha cabeça, eu a inclino para um lado, observando enquanto Shannon corre pela praia, gritando *misericórdia* para Claire, que a está caçando com um punhado de algas marinhas. Ela está rindo e sorrindo, e toda bronzeada, e com aquele lindo cabelo castanho está solto e soprando na brisa leve. Mas nenhuma dessas coisas foi o que me deixou de boca aberta. Não, foi o pedacinho de biquíni vermelho que ela está usando, preenchido por um corpo que eu não me lembrava dela ter. Eu poderia ter deixado as moscas entrar na minha boca de tão estupefato que fiquei ao vê-la.

Cristo, algo aconteceu com minha namorada no tempo que passamos separados neste verão. Quando saí para o acampamento, deixei Shannon para trás em uma camiseta folgada e shorts ainda mais folgados. Ela tinha uma pele pálida e ossos salientes. De pé aqui agora, eu sinto como se tivesse saído do carro de Gibsie e entrado em um universo alternativo.

Pernas.

Malditas *pernas.*

E peitos.

Cristo, ela tem *peitos.*

E sua bunda.

Ela ainda era pequena, mais magra que as outras garotas, mas puta merda ela estava preenchendo aquele biquíni como um sonho.

— Isso não está certo — eu solto, tirando meu olhar de Shannon para olhar boquiaberto para Gibsie. — Como isso acontece em alguns meses?

— Puberdade? Um surto de crescimento? Vitaminas? Três refeições por dia? — Gibsie oferece com um encolher de ombros. — Ela não estava estressada em casa, ou ansiosa vomitando a cada segundo minuto? Ela está sendo cuidada? Merda, eu não sei, cara. Eu nem me importo. Mas ela é gloriosa de se olhar, então cavalo dado não se olha os dentes, então só aprecie isso.

— Você esteve *olhando* para ela? — Eu exijo, furioso. — Enquanto eu estive fora?

— Ah, apenas uma quantidade normal — ele fala, como se a *quantidade normal* fosse me acalmar. — Olha, olha, elas estão brincando umas com as outras. Ah, cara. A porra de uma vitória.

Oh meu Jesus, eu tenho que reprimir um gemido ao ver Shannon rolando na areia.

— Ela não se parece com a luz do sol? — Gibsie resmunga, batendo no meu peito. — Olhe para aquela porra de garota, cara!

Eu sabia que Gibsie estava falando sobre Claire em seu pequeno biquíni amarelo, mas não tenho olhos para ninguém além de Shannon. Foi um longo verão e eu não tenho ideia de como lidar com todas essas novas e excitantes informações – e visuais – fritando meu cérebro. Eu sempre fui atraído por Shannon. Ela sempre foi linda para mim, e incrivelmente sexy, mas agora? Esses sentimentos se intensificaram a ponto de eu mal conseguir pensar direito. Eu quero cair de joelhos e adorar qualquer versão da puberdade que tenha visitado minha namorada. É como acordar na manhã de Natal e se preparar para encontrar a bicicleta que você pediu ao Papai Noel debaixo da árvore, apenas para rasgar o papel de embrulho e encontrar uma bicicleta top de linha.

A porra de uma vitória...

Um olhar para ela, e eu estou feliz por ter trabalhado meu corpo até o ponto de ruptura neste verão, gastando incontáveis horas treinando todos os dias e voltando para casa uns seis quilos mais pesado em músculos e uns centímetros mais alto em altura.

— Capi! — A voz de Hughie chega aos meus ouvidos e eu me viro para ver ele, Feely, Katie e Lizzie parados ao redor de uma churrasqueira removível mais adiante na praia. — Jesus Cristo, é ele.

— Ele voltou!

— Ei, Johnny!

Eu levanto minha mão e aceno de volta para eles, mas mantenho meus olhos em Shannon que está olhando para nós de seu lugar na areia abaixo de Claire.

— Shannon *como o rio* — eu a chamo, incapaz de parar o sorriso que está se espalhando pelo meu rosto, enquanto eu desço as rochas para chegar até ela. — Você vai vir me abraçar ou o quê?

— Oh meu Deus! — ela literalmente gritou enquanto se desvencilhava de Claire e se levanta em um salto. — Você voltou!

Peitos, isso é tudo que eu consigo ver quando Shannon começa a correr.

— Você está em casa! — ela grita, correndo em minha direção. — Oh meu Deus, Johnny...

Suas palavras são interrompidas quando ela se joga em meus braços, com sua pele lisa e curvas suaves. Pegando-a facilmente, eu a levanto, deleitando-me com a sensação de suas pernas em volta da minha cintura e seus braços em volta do meu pescoço.

— Você está de volta — ela soluça, manchando meu rosto inteiro com brilho labial, enquanto ela me apimenta com beijos de boas-vindas. — Você voltou para

casa para mim.

— Você sabia que eu estava voltando para casa, Shan — eu respondo bruscamente, sentindo como se meu coração estivesse explodindo. A solidão que eu estava lutando para manter sob controle enquanto estava no acampamento me atinge com força total no peito.

— Mas você está adiantado?

— Eu estou atrasado — eu digo a ela, acariciando meu nariz contra o dela. — Eu deveria ter estado aqui durante todo o verão.

Incapaz de me conter, eu me inclino e a beijo, tendo meu primeiro gosto adequado dela no que parece uma eternidade. Ela me beija de volta tão freneticamente. É tudo língua e dentes batendo e eu juro por Deus, eu nunca tive um beijo melhor.

— Jesus, eu senti tanto a sua falta — eu digo a ela, respirando com dificuldade contra seus lábios. — Eu te amo pra caralho.

E eu amo. Eu a amo mais do que é bom para mim. Eu não consigo conter minhas emoções quando se trata dessa garota.

— Eu senti mais sua falta — ela sussurra contra meus lábios. — E eu te amo mais.

Duvidoso.

Duvidoso pra caralho.

— Ok, então eu sei que você provavelmente quer desfazer as malas quando chegar em casa, mas eu quero meus presentes — Gibsie anuncia, passando por mim com minhas malas na mão. — Você pode continuar fodendo a boca da Pequena Shannon — ele acrescenta em um tom alegre, afundando na areia e abrindo minha mala. — Eu não me importo. Mas estou apenas dando a você um aviso de que estou prestes a vasculhar tudo o que você possui.

— Ei, não pegue todos eles — Hughie grita, correndo pela praia em nossa direção. — Esse é o meu Toblerone, sua puta.

— Posse é uma parte da lei — Gibsie ri, correndo com uma braçada de chocolate em seus braços. — Claire, pegue a bolsa e corra, baby. Estou cheio de doces.

— Bem-vindo ao lar, Johnny — Claire grita, correndo atrás de Gibsie com minha bagagem de mão em seus braços. — Obrigada pelos doces.

— Jesus — eu murmuro, relutantemente colocando Shannon de pé. Dando um passo para trás, ela cruza os braços sob o peito e eu reprimo um gemido ao ver seus seios cheios pressionados juntos no pequeno pedaço de biquíni que ela

está usando. Seus mamilos estão enrugados e esticados contra o tecido vermelho frágil, claramente me provocando. *Jesus!* — Traga de volta, seu grande idiota — eu grito para Gibsie, tentando desesperadamente me acalmar e impedir que a semi-ereção em minha cueca fique a todo vapor. — Algumas dessas barras são para as crianças.

— Ele *é* uma criança — Feely ri, fechando o espaço entre nós. — Bem-vindo ao lar, Capitão.

Envolvendo seus braços em volta de mim, ele bate nas minhas costas.

— Você foi incrível lá.

— Sim, Cap, bem-vindo à casa — Hughie grita enquanto se ocupa em cavar minha bagagem. — É ótimo ver você, puta merda, você tem todas as assinaturas deles nisso? — Ele puxa uma camisa da Nova Zelândia e acena com os olhos arregalados. — Posso ficar com essa?

— Sim, eu tenho mais duas para Feely e Gibs — eu digo a ele, fazendo uma careta com a memória de quão folgado eu fui com meus companheiros de equipe para obter essas camisas autografadas de nossos adversários. Eu não dei a mínima, no entanto. Eu ainda estou na escola e jogando com e contra a maioria dos meus heróis de infância. — Há algumas camisas de Fiji, Austrália e África do Sul também.

— Você foi um bom investimento — reflete Hughie, escolhendo. — Eu sabia disso no dia em que você entrou pelas portas da Scoil Eoin com seu sotaque de Dublin e sua atitude de *foda-se tudo.*

Passando um punhado de guloseimas para Katie, que está acenando para mim, Hughie continua a vasculhar minha propriedade pessoal.

— Eu disse isso para Feely e Gibs naquele mesmo dia. Eu disse a eles que esse garoto da cidade é tão intenso, ele vai ir para drogas ou vai se dar bem. — Dando de ombros, ele acrescenta: — Votamos por unanimidade que estávamos de acordo, de qualquer maneira.

— Uau, Hugh — eu brinco. — Obrigado.

— Não se preocupe, cara — ele responde. — Estou mortalmente orgulhoso de você, a propósito.

— Todos nós estamos — Lizzie anuncia, vindo para ficar ao lado de Feely. — Bem-vindo ao lar, Capitão Fantástico.

— Obrigado... eu acho? — Eu respondo, dando-lhe um olhar cauteloso.

— Estou sendo sincera— ela respondeu, sorrindo. — É bom ter você de volta, pelo bem de Shannon. Eu não estou sendo forçada. Eu poderia pegar ou largar

sobre você, se formos honestos.

— *Lá* está ela. — Piscando, acrescento: — E é bom ver você também, Víbora.

— Podemos dar um passeio? — Shannon pergunta então, deslizando sua mão na minha, olhos azuis dançando com entusiasmo. — Só nós?

Foda-se, sim.

— Você não pode levá-lo ainda, Shan — Hughie objeta. — Precisamos falar de rúgbi.

— Ela pode me levar para onde ela quiser — eu retruco, seguindo minha namorada.

— Você é um pau mandado, Capi — ele grita atrás de mim. — Do pior tipo.

Tropeçando cegamente na pequena alcova entre as rochas com os lábios de Shannon nos meus e seus dedos cavando em meus ombros, não tenho tempo para pensar no que estou fazendo ou se é uma boa ideia ou não. Minha cabeça está muito nublada para pensar racionalmente, tudo dentro de mim está completamente envolvido neste momento, no jeito que ela me fez *sentir*. Eu estou todo dolorido, a necessidade de estar dentro dela é insuportável.

— Tem certeza? — Eu solto, respirando com dificuldade contra seus lábios, quando ela alcança entre nós e puxa o cós do meu short. — Shan, eu não tenho nada comigo.

— Está tudo bem — ela suspira, balançando a cabeça freneticamente. — E eu tenho tanta certeza.

— Sério?

— Estou tomando anticoncepcional agora, lembra?

Porra.

Puxando as fitas frágeis em ambos os lados de sua calcinha de biquini, eu gemo em sua boca quando o tecido cai de seu corpo antes de me libertar rapidamente do meu short.

— O que você quer que eu faça? — Eu sussurro, tirando um pouco do sutiã minúsculo, e então estremecendo quando seus seios fartos caem livres. — Cristo, baby, seu corpo está tão diferente.

— Apenas fique comigo — ela implora, enganchando um braço em volta do meu pescoço e levantando-se no meu corpo. — Esteja *em* mim.

Instantaneamente, minhas mãos estão em suas coxas; meu pau *se esforçando* para chegar até ela. Pressionando suas costas contra as rochas, fecho o espaço entre nós, cubro sua boca com a minha e deslizo para casa.

— O que...

— Foi...

— Isso! — nós dois terminamos ao mesmo tempo, com os olhos arregalados e travados um no outro.

— O que acabou de acontecer? — Shannon fala, enquanto coloca a parte de baixo do biquíni e amarra as fitas de volta.

— Eu não sei — eu respondo com um aceno de cabeça, respirando com dificuldade e rápido, enquanto reorganizo meu short. — Mas o que quer que tenha sido... — Inclino minha cabeça para um lado e sorrio para ela. — Devemos fazer isso de novo.

Ela cora um tom de rosa-brilhante e rapidamente amarra seu sutiã.

— Senti a sua falta.

— Eu percebi — eu provoco, me abaixando na areia ao lado dela. Pressionando um beijo em seu ombro, eu acaricio seu pescoço, me afogando no cheiro inebriante dela. — Eu também senti sua falta, Shan.

— Não, quero dizer, eu realmente senti sua falta, Johnny — ela sussurra, subindo no meu colo. — Terrivelmente.

— Eu sei. — Tremendo, eu passo meus braços ao redor dela. — Foi o mesmo para mim.

— Não vá embora por tanto tempo de novo — ela murmura, enterrando o rosto no meu pescoço. — Ou se você fizer isso, me leve com você.

Eu vacilo com suas palavras.

— Eu preciso te contar uma coisa.

Ela endurece em meus braços antes de sussurrar:

— Estou ouvindo.

— Eles me ofereceram um contrato.

Seu corpo se transforma em pedra em meus braços e suas unhas cravam em meus ombros.

— Na França?

— Não. — Eu solto uma respiração irregular. — Em Dublin.

Ela fica quieta por tanto tempo que eu não tenho certeza se ela me ouviu, mas então ela sussurra:

— Você aceitou?

— Ainda não — eu respondo com a voz rouca. — Mas é um contrato de dois anos, com muito dinheiro.

Eu solto outro suspiro de dor antes de acrescentar:

— Eles querem que eu me transfira para Royce e termine meu certificado de conclusão lá. Eu teria que voltar para Dublin em setembro.

— Você vai? — ela pergunta em voz baixa.

— Eu queria falar com você primeiro.

— É o que você quer, certo?

— Eu tenho trabalhado toda a minha vida para isso — admito.

Ela estremece violentamente.

— Então você deve ir.

— Eu devo?

— Você deve.

— Mas eu não quero te deixar — eu confesso com a voz embargada.

— Eu sei — ela responde com a voz tremendo. — Mas está tudo bem que você tenha que fazer isso.

— Shannon... — Eu balanço minha cabeça e enterro meu rosto em seu pescoço.

— Está tudo bem, Johnny — ela funga, acariciando meu cabelo. — Isso é *bom.*

— Minha cabeça sabe disso — eu engasgo. — Mas meu coração está fodidamente devastado.

— Vamos conversar sobre isso — ela diz em uma voz mais firme do que eu sou capaz de encontrar em mim dadas as circunstâncias. Se inclinando para trás, ela segura meu rosto em suas mãos e olha para mim com os olhos cheios de lágrimas. — Estou tão orgulhosa de você — ela me diz, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Você é a melhor pessoa que eu já conheci, e eu quero isso para *você*.

Acariciando o polegar sobre minha bochecha, ela sussurra:

— Você me avisou há muito tempo sobre isso e eu aceitei então. Eu aceito *agora*. Este é o seu futuro, Johnny, e você vai persegui-lo. — Ela me beija forte antes de continuar — E eu vou ficar ao seu lado e apoiá-lo, não importa o que aconteça, enquanto você me quiser.

— Eu *sempre* vou querer você — eu juro. — Sempre, porra. Nem diga isso assim, Shan. *Cristo.*

— O que quero dizer é que, se eu sou a única razão pela qual você tem medo de assinar, então você precisa fazer isso — explicou ela. — Estou falando sério, Johnny. Você não está me perdendo. Você pode ter os dois. Eu prometo.

— Eu só não sei se estou pronto para isso. — Eu murmuro, a voz cheia de emoção. — Achei que tinha mais tempo.

— É porque você é tão incrível, e agora o mundo inteiro sabe o quanto. — Ela me dá um sorriso amarelo. — Todos eles querem você.

— Eu só quero você — eu murmuro, pressionando minha testa na dela.

— Você me tem — ela responde suavemente. — Com contrato ou não. Eu sou inteiramente sua.

81
Festivais e Fangirls
Shannon

Quando acordo na segunda manhã do festival de música em Dublin, estou com o coração pesado e a barriga cheia de pavor. Por muito tempo, eu apenas deito de lado no meu saco de dormir, vendo Johnny dormir ao meu lado. Estudo cada centímetro de seu lindo rosto, observando cada sarda e cicatriz, e a forma como seus cílios grossos e escuros abanam suas maçãs do rosto quando ele dorme.

Memórias de ontem enchem minha mente e eu sorrio para mim mesma, pensando em Johnny e Gibsie enquanto eles pulavam como uma dupla de lunáticos na música The Saw Doctor do *N17*. Com os braços em volta um do outro, eles cantaram as palavras de volta para a banda e pularam como dois idiotas enlouquecidos. Foi *hilário*. Ambos estavam extremamente bêbados e desfrutando da companhia um do outro, sem se importar com a aparência no momento, enquanto se esmurravam e tentavam pular um no outro. O *N17* tocou *Joyce Country Ceili Band* e então *I Useta Love Her* e eles dançaram juntos, cantando as palavras um para o outro como um velho casal.

Mesmo que eu estivesse incrivelmente animada para aproveitar o dia e ver todas as outras bandas e artistas incríveis em oferta, eu não quero deixar a barraca esta manhã. Porque amanhã, teríamos que ir para casa. Porque amanhã, ele teria que dar uma resposta. Eu não sei o que ele irá fazer. Seu pai lhe disse para tirar alguns dias para refletir e decidir quando voltarmos de Dublin, e é exatamente isso que Johnny está fazendo. Nós não falamos sobre isso desde aquele dia na praia, e eu tenho certeza que nenhum de nós quer trazer a tona até que realmente precisarmos. Mas o pensamento dele ir embora permanentemente faz meu coração apertar tão apertado no meu peito que é difícil respirar. Fazendo uma cara corajosa, dancei, cantei e ri durante o dia de ontem, mas agora estou sozinha. Eu estou sentindo falta dele antes mesmo de ele ir embora.

— Você está me encarando — ele sussurra, os olhos ainda fechados.

Eu sorrio.

— Você deveria estar dormindo.

— Não consigo.

— Por que não?

— Porque eu posso sentir seus olhos em mim. — Sorrindo, ele abre uma pálpebra. — Oi, Shannon.

— Oi, Johnny.

Esticando seus longos membros, ele estende a mão e me puxa para seu peito.

— Precisamos de uma barraca para casa.

— Ah, é?

Ele assente e beija meu cabelo.

— Com um cadeado na abertura para manter seus irmãos e minha mãe fora.

Suspirando de contentamento, eu aninho minha bochecha contra seu peito nu.

— Você sempre me aquece.

— Você sempre me deixa duro.

Reviro os olhos e sorrio para mim mesma.

— Choveu a noite toda.

— Você está molhada?

— Pare — eu rio, batendo em seu peito. — Você está sendo terrível.

— Eu só estou brincando — ele ri, pegando minha mão para entrelaçar com a dele. — É apenas um pouco de chuva de verão, Shan. O sol vai sair em breve.

Pressionando um beijo em meus dedos, ele diz:

— Eu amo isso.

— Você ama o quê?

— Você — ele responde. — Isso. — Ele encolhe os ombros. — Estar aqui agora.

Me virando de barriga para baixo, olho para ele.

— Eu também amo isso.

— Você quer ficar aqui para sempre? — ele sugere levemente, mas eu posso ver a dor em seus olhos. — Podemos nos esconder nesta tenda e nunca mais sair?

— Acho que Gibsie teria algo a dizer sobre isso — respondo, lhe dando um sorriso.

— Sim. — Johnny suspira pesadamente. — Deveria ter deixado o filho da puta em casa. Ele estava insano ontem.

— Ele é divertido — eu rio.

— Ele é louco — Johnny corrijo.

— Vamos lá, você sabe que o ama. — Eu provoco.

— Sim — ele resmunga. — Eu gosto do pequeno idiota.

— Johnny?

— Sim, Shan?

— Nós vamos ficar bem, não vamos?

— Sim. — Ele segura minha bochecha em sua mão. — Nós vamos.

— Não importa o quê? — Eu sussurro, me inclinando em seu toque.

— Não importa o que — ele responde de imediato.

O teto da barraca começa a tremer rapidamente e a voz de Gibsie enche meus ouvidos.

— Ei, Cap? Você está afogando o ganso... quero dizer, você está fazendo amor, ou posso entrar?

— Sim, eu estou — Johnny rosna. — Agora cai fora, porra.

O zíper abaixa na entrada da nossa barraca e sua cabeça loira aparece.

— Bom dia, família.

— Eu disse que estava fazendo amor, idiota — Johnny retruca, se sentando ereto.

— Eu sei — Gibsie ri, rastejando para dentro. — Foi assim que eu soube que você não estava.

— Eu poderia estar — argumenta Johnny.

— Não — Gibsie retruca. — A barraca não estava tremendo.

— Bom dia — Claire gorjeia enquanto rasteja atrás dele, com o rosto cheio de maquiagem e suas roupas no ponto. — Como estão meus pombinhos favoritos? Prontos para mais um dia incrível?

— Você tem baterias que eu possa recarregar? — Johnny perguntou a ela. — Seu otimismo é *infinito.*

— Eu sou o tipo de garota alegre — ela diz a ele.

— Estamos com fome — Gibsie admite com um sorriso tímido. — Ficamos sem lanches em nossa barraca.

— Porque você não trouxe nenhum — Johnny resmunga, caindo de volta e me levando com ele. — Como eu lhe disse para fazer.

— Ooh, você tem ursinhos de goma? — Claire pergunta, remexendo em nossas malas. — Uau, eu pensei que você não comia junk food, Johnny.

— Eu não como — Johnny boceja. Rolando de lado, ele coloca um braço em volta de mim. — Eles são para Shan.

— Aww — ela fala. — Você é tão atencioso.

— Você pode pegar, e sair? — Johnny murmura baixinho.

— Não seja mal-humorado — eu repreendo, beliscando seu mamilo.

— Faça isso de novo — ele ronrona. — *Mais baixo.*

Eu coro.

— Johnny...

— Ela pode pegar seu pau mais tarde — anuncia Gibsie. — Neste momento, temos lugares para estar e bêbados a virar.

— *Bêbado a virar*? — Johnny balança a cabeça. — Rapaz, você realmente precisa começar a ouvir na aula.

— Saia do saco de dormir e venha se divertir comigo — ele ordena. — Ou eu vou peidar na sua namorada. E acredite em mim, vai ser um peido fedido. Eu bebi cidra o dia todo ontem.

— Ele está dizendo a verdade — Claire adiciona, engasgando. — Seus peidos são crônicos, pessoal. Achei que ele ia nos explodir ontem à noite.

— Você estava peidando também — ele retruca. — De matar um.

— Eu sei — ela responde, sem perder o ritmo. — Eu tive que tentar abafar o seu, não tive?

— Deus, vocês dois estão fodidos — Johnny ri.

— Levante-se, ou estou soltando a fera — avisa Gibsie. — Faça isso agora ou eu posso tirar um salmão enquanto tento.

— Eca, Gerard — Claire ri. — Isso é tão errado.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Um salmão?

— Ele está falando em cagar — Johnny confirma, saindo do saco de dormir mais rápido que um gato. — Estou indo, então pegue seu salmão e nade rio abaixo em outro lugar.

Gibsie sorri.

— Como o rio da sua nam...

— Diga isso e eu vou te matar.

— Olha, Gibs — Johnny ruge acima do barulho da multidão enquanto o Green Day sobe ao palco e começa a tocar *Basket Case*. — É o seu hino.

Rindo, Gibsie lhe dá o dedo do meio e continua a pular como um boneco de brinquedo doido, de peito nu, com Claire em seus ombros. Ela não parece assustada – muito pelo contrário. Ela tem toda a fé nele não a deixar cair de cabeça nas massas. Acho estranho, considerando que o garoto já perdeu os

sapatos e a camiseta dela no meio da multidão. No entanto, isso não parece incomodar Claire nem um pouco. Ela está com as mãos no ar, rindo e cantando junto com a banda e as sessenta mil pessoas ao nosso redor.

— Vamos, Shannon *como o rio* — disse Johnny, agachando-se na minha frente. — Levante sua bunda aqui.

— O-o quê?

Ele sorri.

— Suba.

— Mas eu...

Ele me puxou em seus ombros enquanto a banda começa a tocar o dolorosamente familiar riff de guitarra. Lutando por atrito, eu cavo meus dedos em seu couro cabeludo enquanto Johnny se levanta, elevando-se sobre as pessoas ao nosso redor, e me dando uma visão perfeita da banda no palco.

— Oh meu Deus! — Eu grito com acessos de riso nervoso quando ele aperta as mãos nas minhas coxas e começou a pular. — Johnny – ah!

Encolhida, eu me inclino para frente, envolvendo meus braços ao redor de seu pescoço, me agarrando a ele.

— Por favor, não me deixe cair.

— Nunca — Johnny grita de volta. Ele está sem camisa, com sua camiseta pendurada na parte de trás de seu short, e tinha um boné de beisebol pendurado para trás, enquanto canta a letra de volta para a banda comigo em seus ombros. Eu sei que ele está recebendo muitos olhares de todos ao nosso redor – especialmente as meninas. *As pessoas o reconhecem,* percebo. É óbvio na maneira como eles tentam sorrateiramente tirar fotos dele às escondidas. Johnny não parece notar, no entanto. Ou isso, ou ele simplesmente não se importa.

Sentindo-me incrivelmente livre, jogo minhas mãos no ar e rio.

— Shannon! — Claire ri/grita meu nome e eu estendo a mão para agarrar a mão dela, rindo enquanto nós quatro gritamos as palavras da música.

Câmeras estão clicando ao nosso redor, mas pela primeira vez eu não me importo.

Éramos jovens, livres e estamos juntos.

O amanhã virá, trazendo consigo todo o terror que vem com um futuro desconhecido, mas por enquanto, eu estou feliz. Eu estou contente. Eu estou no melhor festival de música do mundo com o único garoto a quem eu dei meu coração.

Quando Jimmy Eat World sobe ao palco, quase tenho um ataque de pânico. Eu perdi a cabeça ainda mais quando eles começaram a tocar *The Middle*. Foi nesse exato momento que eu soube que ia ficar bem. Que eu posso fazer isso. Eu posso viver esta vida com ele. Não importa o que ele decida, eu encontrarei uma maneira de lidar com isso, porque sentada nos ombros de Johnny Kavanagh, com o braço dele em volta das minhas pernas e a sua mão na minha coxa, eu sei que não há outro lugar onde eu queira estar. Eu pertenço a esse garoto e ele pertence a mim.

Para a música final de seu setlist, a banda começa a tocar *Hear You Me*. Olho para Gibsie e Claire que estão completamente focados um no outro. Gibsie tem um braço enganchado frouxamente na frente de suas pernas, enquanto ele segura um copo de plástico com o que diabos ele está bebendo na outra mão. Um cigarro pende do canto de sua boca enquanto ele balança lentamente de um lado para o outro entre a multidão.

Eu não perco o jeito que a cada poucos minutos, Gibsie alisa a mão da panturrilha até o tornozelo. Eu também não perdi o jeito que Claire recompensou esse movimento apertando suas coxas em volta do pescoço dele e deixando cair uma mão para acariciar o lado de sua mandíbula.

Eu não acho que nenhum dos dois percebe que eles estão se acariciando abertamente. Eles parecem estar completamente em sincronia um com o outro, tanto no nível físico quanto no emocional.

Voltando minha atenção para a banda, eu escuto a letra, sentindo aquela onda familiar de tristeza crescer dentro de mim ao pensar em minha mãe. Uma lágrima caiu no meu rosto enquanto eu canto baixinho para mim mesma. A sensação da mão de Johnny apertando minha coxa chama minha atenção de volta para ele.

— Eu te amo — ele murmura, esticando o pescoço para olhar para mim.

Fungando, eu murmuro:

— Eu também te amo.

Mantendo os olhos nos meus, ele continua a murmurar as palavras da música, nos balançando suavemente com a melodia.

Acariciando sua bochecha, eu me inclino e pressiono meus lábios nos dele, não era uma tarefa fácil, já que eu estava sentada em seus ombros, mas eu tinha que beijá-lo. Eu só *precisava*. A mão que Johnny tem na minha coxa se move para a parte de trás da minha cabeça enquanto ele me beija de volta, bem ali no meio

de um campo, cercado por sessenta mil pessoas e Jimmy Eat World cantando para nós.

— Você está cansada, Shan? — Johnny pergunta mais tarde naquela noite. Está escuro como breu, e eu estou sentada em uma grade ou outra que encontro para descansar. Johnny está bem atrás de mim, mantendo um braço protetor em volta da minha barriga, enquanto esperávamos por Claire e Gibsie, que estão na fila da barraca de comida.

Johnny ainda está sem camisa, tendo me dado sua camiseta para vestir quando o sol se pôs e o frio começou. Descansando minha cabeça contra seu peito quente, solto um suspiro de contentamento.

— Hum.

— Hum? — Descansando o queixo no meu ombro, ele balança distraidamente com a música ainda tocando ao longe. — O que é hum?

— Estou apenas absorvendo tudo — eu digo a ele.

— Johnny Kavanagh? — alguém grita então, fazendo com que nós dois nos voltássemos na direção de um grupo de garotas muito mais velhas.

— Oh meu Deus, *é* ele — um deles grita. — Eu te disse!

— Ei — Johnny responde, as palavras ligeiramente arrastadas da cerveja que ele e Gibsie beberam o dia todo, mas o tom tão educado e profissional como sempre.

— Oh meu Deus, você foi incrível contra Fiji — outra garota diz a ele, uma com os maiores seios que eu já vi na vida real. — *Tão* incrível.

— Podemos tirar uma foto? — outra pergunta.

Johnny hesita, apertando o braço em volta do meu estômago.

— Está tudo bem — eu digo com um pequeno aceno de cabeça, encorajando-o a tirar a foto para que pudéssemos voltar para *nós*.

Sufocando um suspiro frustrado, ele dá um sorriso profissional e caminha até as meninas.

— Você pode tirar, por favor? — uma delas pergunta, segurando sua câmera digital para que eu pegasse.

Assentindo, desço da grade e pego câmera dela.

— Ok, eu tenho o flash ligado, então deve funcionar. Sorriam.

Johnny parece extremamente desconfortável, mas sorri quando o grupo de seis garotas se enrola em volta dele.

Tiro quatro fotos deles e, em seguida, seguro a câmera para a garota pegar de volta.

— Muito obrigada — ela se emociona, olhando para o meu namorado como se ele segurasse a lua. — Ele é incrível.

— Sim. — Forcei um sorriso. — Ele é.

E ele é meu.

— Sinto muito por isso — Johnny diz, em tom baixo, enquanto acenava para elas e corre de volta para mim. — Isso foi embaraçoso pra caralho.

— Não se desculpe pelas pessoas te amarem — eu digo a ele.

Ele balança a cabeça e me ajuda a voltar para a grade.

— Eles não me amam, Shan.

— Eles adoram você — eu corrijo, puxando-o para mais perto para ficar entre minhas pernas. — E tudo bem.

— Talvez — ele concede, apertando suas mãos em meus quadris. — Mas elas não me amam.

— Oh? — Eu arqueio uma sobrancelha. — Como você tem tanta certeza?

— Porque eu sei como é quando alguém me ama. — Ele inclina meu nariz com o dedo. — E não é isso.

O calor sobe pelo meu pescoço.

— Johnny...

— Eu sei o que vou fazer, Shan — ele sussurra. — Sobre o contrato? Eu tomei uma decisão.

Meu coração bate descontroladamente no meu peito.

— Sério?

Ele assente lentamente.

— Eu tenho que fazer isso por *mim* — ele sussurra. — Eu preciso. É o que é certo para *mim*, sabe?

— Eu entendo — eu suspiro, sentindo o peso do mundo cair sobre meus ombros.

— Você vai me amar, não importa o quê? — Um estremecimento passa por ele e ele cerra os olhos. — Não importa o quão difícil fique?

— Não importa o quê — eu forço as palavras para fora da minha garganta, sabendo que eu estou concordando em quebrar meu próprio coração no processo. — Você vai assinar e você vai brilhar.

— E você vai ficar bem? — Ele pressiona — Não importa o quê?

Forço um sorriso.

— Eu vou ficar bem.

— Eu me casar com você — ele diz então. — Quando formos mais velhos e tudo se acalmar.

Tomando minhas mãos nas dele, ele as coloca em volta do pescoço e se inclina para perto.

— Apenas fique ao meu lado — ele diz em uma voz cheia de emoção. — *Fique* comigo.

Sua mão aperta a minha.

— E eu vou deixar você orgulhosa. Eu vou fazer o certo por você.

Minha respiração sai dolorosamente.

— Johnny...

— Teremos uma família — continua ele. — Uma nossa, e eu ficarei ao seu lado de volta. No que você escolher fazer. Não importa o quê.

— Isso não vai nos quebrar — eu murmuro, tocando minha testa na dele.

— Nada pode nos quebrar — ele sussurra. — Eu prometo.

82
Um novo ano letivo
Shannon

É 1º de setembro de 2005.

Um período novinho em folha, e meu primeiro dia no quinto ano. Decidindo fazer a opção de pular um ano com Lizzie e Claire, eu entro pelas portas de Tommen no penúltimo ano do ensino médio, vestindo um uniforme novinho em folha – perfeitamente passado, cortesia da Sra. Kavanagh – com as minhas melhores amigas ao meu lado.

Tudo está diferente agora. Eu não sou a mesma garota de nove meses atrás. Eu sou uma pessoa completamente diferente, com um novo lar e uma nova família. Tudo porque tomei a decisão imprudente de pegar um atalho em um campo de rúgbi e colidir com o garoto que mudou minha vida. O garoto que *salvou* minha vida.

— Este vai ser o nosso melhor ano até agora, garotas — Claire declara, parecendo do seu jeito perfeito de sempre, com seus quadris balançando e seus cachos loiros balançando enquanto ela anda. — Eu posso sentir isso em meus ossos.

— Não. Apenas... não, Claire — Lizzie murmura, caminhando ao lado dela, parecendo o anjo da fúria. — É muito cedo para o seu otimismo demoníaco.

— Senhoritas — Ronan McGarry ronrona, parando na nossa frente quando chegamos aos nossos armários. — Ouvi dizer que vocês três pularam o ano.

— Espero que *você* não — Lizzie atira de volta, lançando seu olhar carrancudo para ele.

— Eu pulei — Ele sorri. — Você vai ver muito mais de mim.

Voltando sua atenção para mim, ele pisca.

— E aí, Shannon.

— Não. — Meu lábio se curva e eu tenho que reprimir a vontade de vomitar. — Apenas... *não*.

O rosto de Ronan fica vermelho e ele se afasta, claramente furioso.

— Isso foi épico — Claire ri, jogando seu braço sobre meu ombro. — Johnny ficaria orgulhoso.

— Sim — Lizzie concorda, abrindo um sorriso de verdade. — Ele adoraria ter visto você colocar aquele trapo de volta no lugar dele.

— Não — eu gemo, o estômago retorcendo em nós. — Eu não quero conflito este ano. Eu só quero seguir com minha vida.

— Aww — Claire grita então, distraindo nós duas. — Olhe para ele.

Me virando para ver para quem ela está apontando, eu sorrio quando Tadhg se aproxima de nós, carrancudo.

— Ah, esse menino vai partir alguns corações seriamente — acrescenta ela, pressionando a mão no peito. — Eu quero mordê-lo.

— Sim, olhe para aquelas meninas do primeiro ano já olhando para ele — Lizzie ri, apontando para um grupo de meninas olhando abertamente para o meu irmãozinho. — Ele vai ser o cara.

— Não, ele não vai — eu digo, horrorizada. — Ele não tem nem treze anos ainda.

— Olhe para o garoto do primeiro ano fofinho! — Shelly e Helen dizem em uníssono enquanto correm até nós. — Ele é tão fofo.

— Esse é o irmão de Shannon — Claire explica. — E sim, estamos cientes que ele está além de adorável.

— Ei, Tadhg — eu digo, dando-lhe um sorriso brilhante quando ele se aproximou. — O que você está achando de tudo...

— Não fale comigo — ele avisa, me dando um olhar horrorizado. — Jesus Cristo, você é minha *irmã*. Você não me conhece quando estamos aqui.

— Você está na área errada — eu retruco com os olhos estreitados. — A área dos armários do primeiro ano fica no andar de baixo.

— Que seja.

Revirando os olhos, ele coloca a mochila no ombro e se vira, voltando para a área comum do primeiro ano, rosnando um:

— Esta escola é uma merda — antes de rapidamente voltar para nós. — A propósito, *você* pode absolutamente falar comigo — ele diz, piscando para Claire, que está muito acima dele.

— Uh, obrigada? — Claire ri, sorrindo para ele.

— A qualquer hora, loirinha — Tadhg responde antes de sair.

— Ah, sim — Claire ri. — Dê a ele alguns anos e ele *definitivamente* será o homem.

— Quem é o homem? — Gibsie pergunta, aproximando-se de nós com Hughie e Feely a reboque. Ele balança as sobrancelhas para Claire e sorri. —

Você está falando de mim de novo, Claire-ursinha?

— Não — Lizzie responde por ela. — Você tem competição este ano, Thor.

— Oh, por favor. — Gibsie faz um som de puff e acena com a mão na frente de si mesmo. — Eu sou a única competição por aqui.

Parecendo pensativo, ele acrescenta:

— Eu sou basicamente minha própria competição.

— Ei, loirinha? — Tadhg grita do corredor, fazendo com que todos nos virássemos e olhássemos para ele. — Belas pernas.

Virando-se para Gibsie, ele sorri.

— Melhore seu jogo, cara. Porque está *começando.*

— Oh meu Deus — Helen e Shelly riem. — Ele tem coragem.

— Muito — eu murmuro baixinho.

— Aquele merdinha — Gibsie sibila, dando um passo em torno de nós para caçar meu irmãozinho. — É melhor você manter seus olhos de pré-puberdade longe da mãe dos meus filhos, filho da puta. Ou você não terá bolas para serem arrancadas!

— Eu tenho bolas maiores que você, gordo — Tadhg responde, rindo muito. — Basta perguntar a sua mãe.

— Eu não sou *gordo*! — Gibsie rugi. — E você deixa minha mãe fora disso!

— Estou indo atrás de sua garota, Gibs — Tadhg continua a provocar, gostando de deixar Gibsie louco. — Aviso prévio.

— Eu vou chutar você até a escola primária — Gibsie rosna. — *Aviso prévio.*

— Se acalme, Gibs — Feely ri, arrastando-o de volta pela nuca. — Ele está no primeiro ano.

Meu telefone começa a tocar no meu bolso, me distraindo do ultraje cômico de Gibsie, e eu corro para um lado para atender.

— Olá?

— Shannon *como o rio* — a voz familiar de Johnny ronrona na linha, acelerando meu pulso. — Como está minha garota?

Sorrindo, mordo meu lábio e engulo um gemido ao som de sua voz rouca.

— Oi, Johnny.

— Oi, Shannon. — Ele ri baixinho na linha. — Como está indo o seu primeiro dia?

— Bom, como está o seu?

— Produtivo.

Eu sorrio.

— Oh sério?

— Sim — ele responde, e há uma cadência provocante em sua voz. — Veja, eu tive um sonho incrível na noite passada sobre minha namorada sexy.

Encostada no armário, olho ao redor para ter certeza de que meus amigos não estão ouvindo antes de sussurrar:

— Continue falando.

— Ela entrou na ponta dos pés no meu quarto no meio da noite — continua ele. — E então ela entrou debaixo das cobertas... e quando ela tirou a roupa, ela começou a fazer coisas no meu corpo que fizeram aquelas lindas bochechas dela ficarem rosadas.

— Ah, uau. — Me contorcendo, solto um suspiro trêmulo. — Isso soa como um grande sonho.

— Foi o melhor. — Um par de braços vem ao meu redor por trás, me puxando contra um peito de músculos duros. — Mas não foi um sonho, foi?

Sorrindo, eu me viro e olho abertamente para meu namorado em seu uniforme da Tommen, parecendo a melhor coisa que meus olhos já viram.

— Não, não foi.

— Essas visitas tarde da noite estão ficando fora de controle, Shan — Johnny ronrona, abaixando-se para pressionar um beijo quente em meus lábios. — Eu quase não escutei o meu alarme para o treino, e minha mãe estava me observando como um maldito falcão quando desci para o café da manhã.

Sorrindo, ele acrescenta:

— Eu acho que ela pode estar atrás de nós.

— Ah, você acha? — Eu rio.

— Hum. — Assentindo, ele se inclina e me beija novamente. — Vamos ter que ser um pouco mais criativos este ano.

Suspirando de contentamento, envolvo meus braços ao redor de sua cintura e o abraço, agradecendo a Deus por ele ter tomado a decisão de adiar sua assinatura do contrato por mais um ano para que possa terminar seu certificado de conclusão aqui em Tommen. *Comigo.* Isso nos dá mais um ano juntos antes que as grandes decisões tenham que ser tomadas. Isso nos deu espaço para respirar. Isso nos manteve juntos por mais um pouco, e eu estou saboreando cada um daqueles minutos. Me senti culpada por estar tão extasiada por Johnny ter decidido ficar. Também senti uma enorme onda de culpa e responsabilidade por ele ter tomado essa decisão. Eu temia que ele ficasse fora do jogo por mim, ou porque ele está com medo de que eu não aguente. Quando ele explicou que

não estava pronto, que *ainda* não sentia que poderia se afastar de sua vida e que havia pensado nisso com sua habitual precisão e atenção aos detalhes, relaxei. Ele *precisava* deste ano. Mais um tempo para crescer e viver um pouco antes de ir para as ligas profissionais. Ele é talentoso o suficiente para estar na posição de tomar esse tipo de decisão e ainda ter todo o apoio e suporte não apenas de seus treinadores na Academia, mas também dos treinadores irlandeses. Claro, sua mãe está muito feliz por tê-lo em casa por mais um ano letivo, mas eu tenho a sensação de que sua empolgação está desaparecendo rapidamente, considerando que ela aumentou sua patrulha de espionagem em nosso relacionamento, envolvendo Sean na mistura também.

— Para que é isso? — Johnny ri, me tirando dos meus pensamentos.

— Só senti sua falta — sussurro, acariciando meu rosto contra seu peito.

— Você me viu esta manhã, Shan — ele me lembra. — E no jantar de ontem à noite.

Sua voz fica mais rouca quando ele acrescenta:

— E ontem à noite, quando você tinha seus lábios...

— Eu me lembro — eu solto, corando. — Você não precisa me dar uma recapitulação verbal.

— Você precisa controlar esse seu pupilo — Gibsie anuncia, chamando nossa atenção para ele. — Estou falando sério, Johnny — acrescenta, ainda carrancudo. — Ele está acertando meus nervos.

— Ele é uma criança, Gibs — Johnny fala lentamente, arqueando uma sobrancelha. — Você pode lidar com ele.

— Oh, eu *sei* que posso — Gibsie responde, ainda carrancudo. — Mas minha versão de lidar com ele é muito diferente da sua, e provavelmente vai me colocar em uma cela de prisão. Portanto, é uma coisa boa que você decidiu ficar até junho, Capi, porque você vai precisar *me impedir* de dar uma de demolidor esse ano.

— A propósito, Johnny, eu vi sua mãe e seu pai entrarem no escritório mais cedo — Helen diz. Ela cora e pisca os cílios enquanto fala com ele. — Espero que esteja tudo bem.

— Sim — Shelly concorda, juntando-se as piscadinhas. — Espero que não seja nada sério.

— Por que vocês duas ainda estão aqui? — Lizzie pergunta em um tom monótono.

— Liz — Claire ri. — Seja legal.

— Eu estou sendo legal — Lizzie responde. — Eu poderia ter dito *caia fora, porra*.

Ela dá às meninas um olhar aguçado.

— Você deveria comprar uma focinheira para isso, Claire — Shelly bufa, olhando para Lizzie. — Ela tem problemas.

— Grandes — Helen concorda antes que elas se afastem juntas, de braços dados.

— Isso era necessário? — Claire pergunta, ainda rindo. — Elas são inofensivas.

— Elas são *irritantes* — corrige Lizzie. — E megeras, *e* cadelas.

— Elas são — Gibsie concorda. — E só temos espaço para uma cadela megera neste grupo.

— Thor, é melhor você não começar comigo esta manhã — Lizzie avisa. — Estou tentando ser cordial aqui, mas seu rosto está apenas me deixando irritada.

— Oh, Jesus, vamos, Shan — Johnny murmura com um aceno de cabeça. — É muito cedo para a merda deles.

Pegando minha mão, ele me puxa pelo corredor atrás dele.

— O que você acha que seus pais estão fazendo no escritório? — Eu pergunto, correndo ao lado dele.

Johnny dá de ombros.

— Arrumando a matrícula do seu irmão, suponho.

— Sim. — Solto um suspiro trêmulo, me sentindo nervosa e ansiosa por ele. — Você acha que ele vai ficar bem?

Eu pergunto.

— Você acha que ele vai fazer amigos e se estabelecer aqui em Tommen?

— Só há uma maneira de descobrir — Johnny medita, me puxando para uma parada do lado de fora do banheiro feminino. — Aqui vamos nós — acrescenta, em tom leve e cheio de humor, enquanto aponta para a entrada da frente.

Minha respiração fica presa na garganta quando meus olhos pousam no garoto parado na porta, vestido com o uniforme Tommen, parecendo rígido, bonito e um pouco perdido. Uma bolsa de equipamentos está pendurada em um ombro e um hurley está na outra mão. Sua camisa branca está para fora da calça, sua gravata vermelha está solta. Seu cabelo loiro está despenteado, e sua expressão era de *foda-se o mundo e todos nele*. Ele parece mais magro, mais sombrio, mais assombrado, mas seus olhos verdes estão afiados e focados novamente.

— Oh meu Deus — Claire solta, correndo até nós, segurando seu peito. — Aquele é...

— Joey — completo com um pequeno aceno de cabeça. — Sim.

— Quando ele saiu?

— Na semana passada — Johnny diz a ela.

— Mas vocês nunca contaram — ela responde, franzindo a testa.

— Nós não tínhamos certeza do que ele ia fazer — eu explico, segurando a mão de Johnny enquanto olho para o meu irmão. — Se ele aceitaria a oferta dos pais de Johnny.

— Mas ele está aqui!

— Sim — Johnny e eu respondemos. — Ele está aqui.

— Quem é *esse*? — Shelly grita, juntando-se a nós mais uma vez. — Doce menino Jesus, estou apaixonada.

— Ele é o novo aluno do sexto ano — Helen explica com um suspiro sonhador. — O novo garoto de Tommen.

— Bem, merda — Gibsie medita, vindo se juntar a nós. — Este ano vai ser agitado.

— Vai dar tudo certo — responde Johnny.

— Sim — Gibsie ri. — Que a loucura comece.

O fim

Agradecimentos

Quero agradecer a todos que apostaram em Boys of Tommen e se apaixonaram por esses personagens tanto quanto eu. Este foi um processo de escrita difícil e tedioso, mundos além do meu gênero habitual, e estou muito orgulhosa desses personagens.

Eu quero dar um agradecimento especial ao povo gentil do grupo de spoilers Boys of Tommen. O apoio de vocês – e encorajamento – foi crucial durante o processo de escrita, então obrigado.

Como sempre, preciso agradecer aos meus filhos por acender o fogo dentro de mim e me dar coragem e determinação para perseguir meus sonhos. Eu faço isso por vocês. A mamãe ama vocês com todo o seu coração. Para todo o sempre. Amo vocês dois do tamanho céu e voltando.

Julie, obrigado por ser a melhor irmã que uma garota poderia pedir.

Quero agradecer aos meus pais pelo fluxo constante de apoio nos últimos meses. 2018 foi um ano incrivelmente difícil na minha vida pessoal, e sou muito grata pelo apoio da minha família.

Nikki, Brooke, Aleesha: vocês meninas significam muito para mim. Eu não posso dizer o quanto eu valorizo e aprecio suas amizades. Obrigada por sempre estarem lá para mim – a cada passo do caminho. Eu honestamente não poderia fazer isso sem vocês três. Amo vocês para sempre.

Um enorme obrigado, como sempre, às senhoritas do Chloe's Clovers. Eu amo vocês, pessoal. Obrigado por serem as melhores leitoras do mundo.

Danielle e Casey, eu amo muito vocês duas. Obrigado por sempre serem minhas maiores apoiadoras. Eu respeito e admiro muito vocês duas. Muito obrigada pela amizade de vocês. Vocês não tem crédito o suficiente por serem pessoas tão foda.

Alycia, eu te amo muito, garota! Tão feliz que nos reconectamos este ano. Te amo há muito tempo.

Outro muito obrigado a todos que revisaram, promoveram e compartilharam o Binding 13. Muito obrigado a todos.

Quero agradecer imensamente ao Jay Aheer por criar as capas mais lindas para meus bebês. Você é além de talentoso. Muito obrigado.

Nikki e Vic (eu sei que já disse Nikki, mas ela merece um milhão de menções) – meninas, eu realmente amo vocês duas. Nosso pequeno grupo e as brincadeiras são a *vida*. Obrigado por serem honestas, originais e *vocês mesmas*. Vocês são um tipo único. Amo vocês duas.

Sharon e Jacqui do grupo de spoilers de BOT: seus entusiasmos me levantaram quando eu quis jogar a toalha, então não posso agradecer o suficiente a vocês dois.

Muito obrigado a todos que leram e continuam lendo meu trabalho. O apoio de vocês significa o mundo para mim.

Tanya e Jen, obrigada por serem tão bons amigos para mim. Suas mensagens sempre me animam e me fazem me sentir melhor. Eu aprecio vocês duas.

Às minhas amigas mães na escola e na vida, obrigado por estarem lá e oferecerem apoio e uma mão amiga.

Quero agradecer a todos que enviaram mensagens e me procuraram. Sinto muito se ainda não te respondi. 2018 foi um ano de pressão para mim, mas prometo que farei melhor, pessoal. Amo todos vocês. x

Ah, e um enorme agradecimento aos rapazes por vencerem o Grand Slam em março e darem um 2018 incrível!

Cena bônus
Tomando Boas Decisões
Johnny

— Você é o bastardo mais sortudo que eu já conheci — Hughie diz depois da escola na segunda-feira, em um tom de voz que parece muito com admiração. — Honestamente, eu me sinto tão inferior agora.

Ele exala pesadamente.

— Nós temos a mesma idade, Capi, e eu sinto que estou correndo cerca de quinze quilômetros atrás de você.

— Fique feliz por ele — Feely ri. — Ele merece isso.

— *Estou* feliz por ele — insiste Hughie. — Eu também estou um pouco devastado por não ter uma boceta.

Suspirando dramaticamente, ele acrescenta:

— Eu poderia ir com ele para a cerimônia de premiação.

— Sim — Feely ri. — Porque ele ia levar você ao invés de sua namorada de *verdade.*

Sufocando um rosnado, jogo meu equipamento de volta na minha bolsa e me viro para olhar para meus amigos. Tínhamos acabado de terminar o treino escolar e eu realmente não quero falar sobre isso aqui.

— Realmente não é grande coisa, rapazes.

— É grande coisa — corrige Gibsie, saindo do chuveiro com uma toalha enrolada na cintura. — Você foi indicado para o prêmio de Jogador Mais Jovem do Ano, Johnny.

— Exatamente — Feely concorda. — Não fica muito maior do que isso, Capi.

— E você vai ganhar — acrescenta Hughie. — Nosso amigo, Jogador Mais Jovem do Ano. Na porra do *país*. — Ele se recosta no banco e balança a cabeça. — Estamos no mundo invertido, rapazes.

— Fica quieto — eu murmuro, embaraçado. — Ainda não ganhei nada.

— Você não vai dizer isso no sábado à noite — Gibsie ri. — Quando você estiver saindo daquele hotel chique com um troféu novo e brilhante para adicionar à coleção.

— Kavanagh — a voz do treinador Mulcahy interrompe nossa conversa e me viro para encontrá-lo parado na porta, segurando uma prancheta nas mãos. — Boa sorte em Dublin no fim de semana.

— Obrigado, treinador — eu respondo, lhe dando um aceno rígido.

— Traga para casa, filho — acrescenta ele, dando-me o que eu só posso descrever como um sorriso/careta.

— Ele vai — Gibsie responde por mim, batendo no meu ombro.

— E você. — Os olhos do treinador se estreitam em Gibsie. — Você tem provas chegando. Pare com a bebida e o fumo.

Agora era a minha vez de dizer "ele vai", enquanto eu bato no ombro de Gibsie.

— Não é mesmo, Gibs?

— Você está me machucando — Gibsie fala, fazendo uma careta quando eu enfio meus dedos em seu ombro.

— Oh, eu sei — eu medito, apertando mais forte. — E eu vou te machucar muito mais se você não se recompor e parar de desperdiçar meu tempo.

— Anotado — Gibsie geme, se libertando do meu aperto. — Pelo amor de Deus — ele murmura, esfregando o ombro. — Eu vou ter uma contusão com hematomas por sua causa.

— Você é um flanker — Feely ri. — Você deveria ter hematomas.

— Então, a que horas você e sua *namorada* estão indo para Dublin? — Hughie pergunta, claramente ainda irritado que eu estava levando Shannon comigo e *não* ele. — Para conhecer todos que eu idolatrei desde que nasci.

— Nós provavelmente vamos começar no sábado de manhã — eu respondo, obedientemente ignorando a irritação em seu tom. — Para fugir do trânsito da tarde.

— Você tem certeza sobre isso? — Gibsie ri para si mesmo.

— Claro sobre o quê?

— Shannon irá com você.

— *Sim.* — Eu faço uma careta. — Por que?

— Oh, nenhuma razão — ele medita. — É só que Claire mencionou que a Pequena Shannon não sabia se ela iria ou não.

— O que? — Eu olho boquiaberto para ele. — Que porra você está falando? Por *que ela não* saberia?

— Talvez porque você não perguntou a ela — ele sugere sorrindo.

Eu balanço minha cabeça, me sentindo perdido.

— Fala de novo?

— Você não perguntou a ela — ele repete, parecendo completamente divertido agora. — Sua namorada — ele esclarece. — Você nunca pediu a ela para ir com você, Capi.

Pisco, me sentindo confuso.

— Eu *deveria*?

— Sim — os três respondem em uníssono.

— Você tem que perguntar a elas sobre tudo — explica Hughie. — É ridículo pra caralho, eu sei. Mas as garotas são estranhas assim. Elas precisam ser convidadas para ir a lugares e tal. Os convites são obrigatórios. É tudo a política de relacionamento, cara. Confie em mim, é melhor perguntar a elas sobre tudo. Isso é tudo. É o que eu faço com Katie.

Ele faz uma careta antes de murmurar:

— Aprendi da maneira mais difícil.

— Mas ela é minha namorada — argumento, não acreditando nessa merda. — Por que eu pediria a ela para ir comigo? Por que ela já não sabe?

— Porque é uma armadilha — Hughie oferece.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Uma armadilha?

— Não me pergunte — Gibsie ri. — Na maioria das vezes eu não tenho a menor ideia do que está acontecendo ao meu redor.

— Só na maioria das vezes, Gibs? — Feely medita.

— É definitivamente uma armadilha — Hughie diz sombriamente, chamando minha atenção de volta para a conversa mais estranha que tivemos em um tempo. — Você está com problemas, Johnny.

Oh merda.

— Eu estou?

— Absolutamente — ele diz com uma careta. — Que azar, cara.

— Ele está certo — concorda Feely. — Você deveria ter pedido a ela para ir com você, cara, você precisa fazer tudo.

— Caso contrário, será jogado contra você — acrescenta Hughie. — A *qualquer* momento.

Feely assente.

— Dia ou noite.

— Independentemente de quanto tempo passe.

— Não é verdade?

— Você que me diz, cara.

— Isso é ridículo — eu rebato, me sentindo nervoso.

— É assim que eles trabalham, cara — Hughie responde solenemente. — Meninas dão um trabalho difícil.

— O mais difícil — Feely oferece.

— Não a minha — eu defendo.

Hugh sorri.

— Veremos.

— Então, o que eu faço agora? — Eu pergunto, sentindo um pouco de pânico.

— Vá perguntar a ela — os três respondem.

— Agora?

— Agora — eles confirmam.

Ah, merda...

Sem fôlego da minha corrida pela escola, eu descanso um ombro contra o armário ao lado do de Shannon e espero que ela me note, e meu batimento cardíaco se acalme.

Não ajudou.

Não, só pareceu acelerar mais rápido ao vê-la.

Puta.

Que.

Pariu

Shannon fecha a porta de seu armário, então, apenas para pular quando ela me nota ali como uma trepadeira.

— Oh — ela guincha e então rapidamente se move para colocar o cabelo atrás das orelhas. — Oi, Johnny.

— Oi, Shannon — eu me apresso para tirar aquela pequena gentileza dela do caminho antes de ir direto ao assunto. — Eu fodi tudo, querida.

— Você? — Shannon espelha minhas ações e franze a testa para mim. — Como?

Minha mão dispara por vontade própria para suavizar a linha em sua testa, mas eu rapidamente me contenho.

Não toque nela.

Aqui não.

Você está de aviso.

Seu último maldito aviso, idiota.

Basta manter as mãos nos bolsos.

Você não tem bolsos.

Mas ela tem.

Ah, merda...

— Eu não perguntei a você — eu admito com um encolher de ombros, enrolando minhas mãos errantes em punhos ao meu lado. — Eu nem sequer pensei em perguntar a você — acrescento, reprimindo um gemido do quão desesperado eu estou com isso. — Eu apenas presumi que iríamos juntos, sabe?

Agora ela parece realmente intrigada.

Intrigada e *ansiosa*.

Seu sorriso escorrega.

Merda.

— Não há nada de errado — eu rapidamente coloco para fora. — Está tudo bem.

Alívio brilha em suas feições, e aqueles grandes olhos azuis parecem derreter e suavizar.

— Oh, tudo bem. — Recolocando exatamente a mesma mecha de cabelo atrás da orelha, ela encolhe os ombros pequenos e sorri para mim. — Isso é sobre o jantar de premiação neste fim de semana?

Eu balanço a cabeça ansiosamente, agradecido por ela saber do que eu estou falando.

— Gibsie disse que você disse a Claire que eu não convidei você.

— Bem, você, uh, meio que não convidou — responde Shannon com aquela pequena voz dela. — Eu não estou chateada com isso — ela rapidamente acrescenta, olhando para baixo enquanto suas bochechas ficam rosadas. — Eu não... eu não... eu não estou esperando que você me leve ou algo assim...

— Bem, eu estou esperando que você vá comigo — eu digo a ela, interrompendo sua divagação.

Seu rosto dispara para cima.

— Você está?

Jesus Cristo...

— Sim, Shannon — eu respondo, sufocando minha impaciência. — Estamos juntos. Você é minha. Eu sou seu. É um grande negócio para mim. *Você é* um

grande negócio para mim. Eu pensei que irmos juntos era um fato.

Soltando um suspiro, mantenho meus olhos fixos nos dela e resisto à vontade de deixar meu olhar percorrer seu corpo.

— Shan, você é meu time nisso. Eu não quero ir a nenhum evento black-tie sem você.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Não?

— Não. Eu não quero.

— Mas seus pais vão com você — ela diz ofegante. — Darren está vindo para ficar com os meninos no fim de semana.

— Eu sei. — Sorrindo, me aproximo da tentação, respirando o cheiro dela. Jesus, ela é algo diferente. — Mas eu não quero meus pais comigo.

— Não?

Eu balanço minha cabeça.

— Não.

— Então, quem você quer?

— Eu quero *você.*

Ela exala uma respiração trêmula.

— Sério?

Eu balanço a cabeça.

— Cem por cento.

Seu rosto arde em um tom mais profundo de rosa.

— Não fique vermelha — eu gemo, incapaz de me impedir de estender a mão e acariciar sua bochecha. — Isso me faz perder a cabeça.

— Eu comprei um vestido — ela admite, grandes olhos azuis fixos nos meus. — Apenas no caso de você, uh, querer que eu vá.

— Essa foi uma escolha sábia — eu confirmo rapidamente, o coração batendo forte agora. — Que cor você escolheu?

— É vermelho — ela sussurra, sorrindo para mim. — O mesmo que sua gravata.

— Porra — eu murmuro. — Eu amo vermelho, Shan.

— Sim. — Ela morde o lábio. — Eu sei.

— Então, você vai vir comigo? — Eu pergunto, perdendo a vontade de manter minhas mãos para mim enquanto eu a puxo contra mim, as mãos descansando em sua cintura. — Você será meu par, Shannon *como o rio*?

Assentindo, ela coloca os braços em volta do meu pescoço e sorri.

— Eu serei seu par, Johnny.

Abaixando meu rosto para o dela, dou um beijo em seus lábios.

— Obrigado.

Tremendo, ela se inclina na ponta dos pés e acaricia seu nariz contra o meu.

— De nada.

— Você vai bater palmas para mim se eu ganhar? — Eu provoco, me afogando no cheiro dela, na *sensação* dela. — Você tem praticado suas falas de *"oh, Johnny, meu herói"*?

— Você é tão cheio de si mesmo — Shannon ri.

— Eu gostaria que *você* estivesse cheia comigo — eu ronrono. — Agora, por exemplo.

— Pare com isso — ela ri, corando. — E você pode ter certeza de que estarei torcendo por você *quando* você vencer no sábado à noite — acrescenta ela. — Está no papo, senhor rúgbi.

Meu coração dispara.

— Você realmente acha isso, Shan?

Shannon sorri para mim.

— Eu realmente sei disso, Johnny.

Porra...

Eu faço algo incrivelmente imprudente, então, eu inclino seu queixo para cima e a beijo.

Um beijo rápido, asseguro a mim mesmo.

Apenas um beijinho.

Um beijo reconfortante.

Não foi assim que aconteceu, no entanto.

Porque eu não consigo me afastar.

Eu estou completamente fodido quando se trata dessa garota, e nós dois sabemos disso.

— Você quer ir a algum lugar? — Eu pergunto, quebrando o beijo, sabendo que eu estou matando o clima com minha pergunta carregada, mas eu tenho um problema ainda maior em minhas calças que eu sei que *ela* está ciente. — Antes de irmos para casa e sermos separados pela minha mãe?

— Ah, com certeza — Shannon concorda em um tom de voz ofegante.

A porra de uma vitória

— A praia?

— Vamos lá.

Obrigado, Jesus...

Tomei a decisão certa quando escolhi adiar minha assinatura por um ano. Eu sabia disso no dia em que me sentei no escritório do treinador com meu pai ao meu lado e eu sabia disso agora. Sentado aqui, com a mão da minha namorada na minha, e um ano inteiro de possibilidades infinitas pela frente, um profundo sentimento de contentamento se estabelece dentro de mim. Eu amo o jogo e eu amo ela. Eu posso ter os dois, e eu terei. Nos *meus* termos. Quando *eu* estiver pronto.

— Eu te amo — Shannon diz, expressando meus pensamentos em voz alta quando estaciono no que se tornou *nosso lugar* na praia. Não é fácil conseguir um tempo sozinho nos dias de hoje, com minha mãe intrometida e seus irmãos irritantes constantemente me empatando, mas como todos os outros obstáculos jogados em nosso caminho no ano passado, estávamos fazendo isso funcionar.

Desligo o motor, solto o cinto de segurança e me viro para olhar para ela. Quase um ano se passou desde o primeiro dia em que coloquei os olhos nela e a visão dela ainda me dá um soco no estômago. Não vejo isso mudando tão cedo.

— Eu também te amo, Shan. — É a verdade. Eu a amo mais do que eu sei o que fazer com ela. Eu posso ver tudo à minha frente, minha vida, meu futuro, minha carreira e *ela*. A garota que eu sei que desempenhará o papel principal em tudo isso. Eu apostei tudo com ela e não tenho dúvidas. Nem uma única. Ela é meu time agora. A minha melhor amiga. Claro, eu não sonho em dizer isso em voz alta, Gibsie teria um ataque cardíaco se ouvisse tal blasfêmia.

— Então — Shannon medita, soltando o cinto de segurança e se virando em seu assento para me encarar. — Temos cerca de quarenta minutos antes que sua mãe comece a nos ligar. — Ela tem um sorriso diabólico gravado em seu rosto enquanto ela lentamente desembrulha o cachecol do pescoço e o joga no banco de trás para se juntar ao casaco descartado. — O que você quer fazer?

Você, Shannon Lynch.

Sempre você.

— Eu não sei, Shan. — Sorrindo, eu jogo junto. — O que você quer que eu faça?

— Eu quero que você coloque seus lábios em mim — ela fala. — Eu quero que você me ajude a deixar as janelas deste Audi chique bem embaçadas.

— Bem, merda — eu rosno, instantaneamente duro. — Você que manda

Corando, Shannon levanta a saia sobre as coxas e sobe nos assentos, se acomodando no meu colo com um suspiro satisfeito de aprovação.

— Você me perguntou — ela sussurra, atando os dedos na frente do meu suéter da escola. — Eu estou apenas melhor em colocar minhas palavras para fora agora.

— Sim, você está — eu concordo, em tom áspero, enquanto eu agarro seus quadris e a balanço no meu colo, me deleitando com a sensação de seu corpo no meu. — Você está indo bem pra caralho, baby.

E ela está. Na escola. Na vida. Ela está *prosperando*, e eu não poderia estar mais orgulhoso dela.

Tremendo ao meu toque, Shannon arrasta os dedos pelo meu cabelo, me deixando louco com aquele toque de gatinha dela, antes de abaixar o rosto para o meu.

— Johnny?

Meu coração bate violentamente contra minhas costelas enquanto eu a observo me observar com sobrancelhas franzidas

— Sim, Shan?

— Estou mantendo você — ela me diz, e há uma confiança em sua voz que cresce lentamente a cada dia que passa. — Você é meu — ela acrescenta, enquanto um fantasma de um sorriso provoca seus lábios carnudos. — Para sempre.

— Obrigado por isso, porra — é tudo que eu consigo pensar antes de perder a batalha com meu autocontrole e grudar meus lábios nos dela.

Glossário

Certificado de Conclusão: o exame estadual obrigatório que você faz no último ano do ensino médio.

Certificado Junior: o exame estadual obrigatório que você faz no terceiro ano – no meio do ciclo de seis anos do ensino médio.

Culchie: uma pessoa do campo ou de um condado fora de Dublin. Geralmente usado como um insulto amigável.

Jackeen: uma pessoa de Dublin. Um termo às vezes usado por pessoas de outros condados da Irlanda para se referir a uma pessoa de Dublin.

Hurling: um esporte amador irlandês extremamente popular, jogado com hurleys de madeira e sliotars.

Scoil Eoin: o nome da escola primária de Johnny.

O Angelus: Todas as noites às 18h na Irlanda, há um minuto de silêncio para oração na televisão.

Menino Jesus de Praga: uma estátua religiosa que os agricultores colocam em um campo para incentivar o bom tempo. (Uma velha superstição irlandesa)

Rosário, Remoção, Enterro: os três dias de um funeral católico na Irlanda.

Pronúncias

Aoife: E-fa
Tadhg: Tie-g
Sean: Shawn
Saoirse: Seer-sha
Sinead: Shin-aid
Sadhbh: Sigh-v
Seamus: Shay-Mus

Playlist para Shannon

Thompson Square – Are You Gonna Kiss Me Or Not

Katie Thompson – Heaven Is A Place On Earth

Maria McKee – Show Me Heaven

Dynoro & Gigi D'Agostino – In My Mind

Adele – River Lea

Fleetwood Mac – Everywhere

Boy & Bear – Fall at Your Feet

Codi Kaye – You're Not Innocent

Cher – The Shoop Shoop Song

Joshua Radin – Here Comes the Sun

Astroline – Close My Eyes

Adele – One and Only

Sia – Breathe Me

Raign – Knocking On Heaven's Door

Natalie Merchant – My Skin

Carly Rae Jepson – I Really Like You

Nora Jones – Come Away With Me

The Fray – You Found Me

Imelda May – Johnny Got a Boom Boom

Jessica Simpson – With You

Robyn – Dancing On My Own.

Natasha Bedingfield – Wild Horses

Hayley Williams – Airplanes

Paramore – The Only Exception

Lady Gaga – Paparazzi

Pink – Family Portrait

Madonna – Crazy For You

The Corrs – Runaway

Miley Cyrus – Malibu

Hunter Hayes – Invisible

Camilla Cabello – Consequences

Taylor Swift – Love Story

Anne-Marie – 2002

Celine Dion – A New Day Has Come

The Chainsmokers – Don't Let Me Down

Kate Nash – Nicest Thing

Haley Reinhart – Can't Help Falling In Love

Rachel Platten – Stand by You

Anne-Marie – Alarm

Paramore – Still into You

Katrina and the Waves – Walking on Sunshine

Anna Nalick – Breathe (2am)

Playlist para Johnny

Gavin James – Always

Maroon 5 – Lips On You

Charly Luske – Have A Little Faith In Me

The Script – Hall Of Fame

Maroon 5 & Cardi B – Girls Like You

Mick Flannery – Wish You Well

Martin Garrix & Khalid – Ocean

Ed Sheeran – Kiss Me

John Legend – All of Me

Picture This – 95

Lewis Capaldi – Bruises

Kid Rock – First Kiss

Picture This – Jane

Troye Sivan – YOUTH (Acoustic)

John Mayer – Daughters

Eminem – Superman (Remix)

Gym Class Heroes – Cupid's Chokehold

Eagle-Eye Cherry – Save Tonight

Bend Sinister – Shannon

Gym Class Heroes – Stereo Hearts

MAX – I'll Come Back for You

Ed Sheeran – Give me Love

You Me At Six – Take On The World

Chuck Berry – Johnny B. Goode

Richie Valens – We Belong Together

Reckless Kelly – Wicked Twisted Road

Nelly & Tim McGraw – Over and Over Again

Jamie Lawson – Ahead of Myself

Jason Derulo – Trumpets

Jamie Lawson – A Little Mercy

A1 – Same Old Brand New You

Jamie Lawson – Can't See Straight

Making April – Paparazzi

Jamie Lawson – Don't Let me Let you Go

Jamie Lawson – In Our Own Worlds

Jamie Lawson – I'm Gonna Love You

Westlife – Bop Bop Baby

David Gray – This Year's Love

New Hollow – She Ain't You

Nelly Furtado – Try (Douglas George cover)

Imagine Dragons – Thunder

Scouting for Girls – Heartbeat

Picture This – You & I

Scouting for Girls – Marry Me

Placebo – Every You Every Me

Boyzone – Love me for a Reason

The Script – Nothing

Every Avenue – Only Place I Call Home

Justin Timberlake – Mirrors

Blake Shelton – Sangria

New Hollow – She Ain't You

Cenas e momentos das músicas

Música que me dá todos os sentimentos de Gibsie e Claire: *Edward Sharpe & The Magnetic Zeroes – Home*

Música que me dá tudo o que Joey sente: *Ben Howard – Black Flies*

Os sentimentos de Joey por Aoife: *Johnny Cash – Hurt*

Sentimentos de Gibsie*:* *Portugal. The Man – Feel It Still*

Joey voltando para casa: *RHODES – Home*

Sra. Lynch e seus filhos: *Dropkick Murphys – The State of Massachusetts*

Joey: *Ben Howard – Oats In The Water*

Johnny ficando ao lado de Shannon após o incêndio: *McFly – The Heart Never Lies*

O amor de Johnny por Shannon: *Picture This – 95*

Johnny cantando para Shannon: *Imaginary Future – Here Comes the Sun*

Joey Lynch: *Chase & Status, Tom Grennan – All Goes Wrong*

Shannon para Johnny: *Maggie Lindemann – Couple of Kids*

Os pensamentos de Aoife sobre Joey: *Daughter – Medicine*

A conversa silenciosa de Johnny e Sra. Lynch naquela noite: *Zack Hemsey – The Way*

Johnny e Shannon brincando em seu quarto: *One Direction – They Don't Know About Us*

Johnny e Shannon ficando íntimos: *Maroon 5 – Lips On Me*

Sentimentos de Aoife para Joey: *Flo Rida & Sia – Wild Ones*

Os sentimentos de Joey em relação à ida de Darren: *Nickelback – Too Bad*

Joey quando ele está levando Shannon para o hospital: *Snow Patrol – Open Your Eyes*

Shannon quando Johnny vem para libertá–la de casa: *Fleetwood Mac – Everywhere*

Sentimentos de Aoife e Joey: *Rihanna – Desperado*

No carro na praia: *The Dubliners & Jim McCann – Grace*

Aoife no funeral: *Carla Bruni – Stand By Your Man*

Gibsie cantando no acampamento: *Richie Kavanagh – My Girlfriends Pussy Cat*

Feely cantando no acampamento: *Tim O'Riordan & Natural Gas – The Langer Song*

Shannon e Johnny em sua sala de estar: *Thompson Square – Are You Gonna Kiss Me Or Not*

Dando a notícia para Shannon sobre seus pais e a música do funeral: *Steve Acho – Lightening Crashes*

Joey e Darren/ Joey e Tadhg: *Nikola Sarcevic – Lock-Sport-Krock*

Quando Johnny está saindo para a campanha do Sub-20: *MAX – I'll Come Back For You*

Gibsie e Johnny na maioria de suas cenas: *Chester See & Ryan Higa – Bromance*

Johnny para seus pais: *Kodaline – I Wouldn't Be*

O amor de Gibsie por Claire: *Picture This – Jane*

Shannon quando ela acorda no festival de música: *Jasmine Thompson – Like I'm Gonna Lose You*

As crianças Lynch: *The Cranberries – Zombie*

Aoife no final: *Camila Cabello – Consequences*

Johnny lidando com Bella: *Theory of a Deadman – Bitch Came Back*

Sempre que Johnny tem que deixar Shannon por causa do rúgbi: *Ed Sheeran – Photograph*

Johnny saindo para a campanha: *The Lumineers – Nobody Knows*

Johnny saindo para a campanha conversando com Shannon: *Declan O' Rourke – Whatever Else Happens*

Johnny e Gibsie: *Kodaline – Brother*

Lizzie: *Pink – Just Like A Pill*

O relacionamento do Sr. e da Sra. Kavanagh: *Shania Twain – You're Still The One*

Primeira vez de Johnny e Shannon: *Athlete – Wires*

A briga de Johnny com o pai de Shannon: *The Red Jumpsuit Apparatus – Face Down*

Johnny lutando com seus sentimentos por Shannon: *Gym Class Heroes – Cupid's Chokehold*

Joey quando está fora pensando em Aoife: *Chord Overstreet – Screw Paris*

Sentimentos do Gibsie e Claire: *G–Eazy & Halsey – Ele e eu*

Shannon lidando com seu pai: *Katy McAllister – Another Empty Bottle*

Shannon se levantando de novo e de novo: *Demi Lovato – Skyscraper*

Claire para Gibsie: *Natasha Bedingfield – I Wanna Have Your Babies*

Gibsie e Claire: *Kelly Clarkson – My Life Would Suck Without You*

Notas

[←1]

É um personagem de uma rima enigmática infantil clássica. É retratado como um ovo antropomórfico, com rosto, braços e pernas.

[←2]

Mansão mobiliada do século 19 entre montanhas e bosques, com loja, café e fazendas.

[←3]

Estupro estatutário é quando há relações sexuais não forçadas entre um adulto e um indivíduo que legalmente não tem idade.

[←4]

Ex-pugilista norte-americano invicto.

[←5]

Referência ao grupo holandês de Eurodance, que uma das músicas de maiores sucesso se chama “Boom Boom Boom Boom”

[←6]

Na união de rúgbi, um Grand Slam ocorre quando uma equipe no Campeonato das Seis Nações vence todas as outras durante a competição de um ano, o que é considerado um grande marco no esporte.

[←7]

Referência a música *Johnny, be good* do cantor e compositor Chuck Berry.

[←8]

Nessa parte é feito um trocadilho com a frase em inglês. O personagem fala “I’m coming”, no sentido de estar indo (movimento) que tem uma pronúncia parecida com “I’m cumming”, no sentido de estar gozando (sentido sexual). Por isso a mãe do personagem fala “É disso que eu tenho medo”, entendendo o pelo o duplo sentido da frase.

[←9]

É uma referência a um conto folclórico europeu sobre uma galinha que acredita que o mundo está chegando ao fim. Conhecido pela frase "O céu está caindo!"

[←10]

Em tradução livre: “Eu quero lamber a boceta da minha namorada.”

[←11]

Em tradução livre: “Eu quero estar dentro de você.”

[←12]

O apelido que Johnny dá a Shannon nessa cena é referência a música Here Comes The Sun, dos Beatles, no original a música fala sobre “Little darling”, que em tradução é “queridinha”.

[←13]

Personagens de Tartarugas-ninja.

[←14]

Referência a uma das obras literárias de Charles Dickens, Oliver Twist, sobre as aventuras de um rapaz orfão.

[←15]

Ulster, Connacht, Leinster e Munster são províncias da Irlanda.